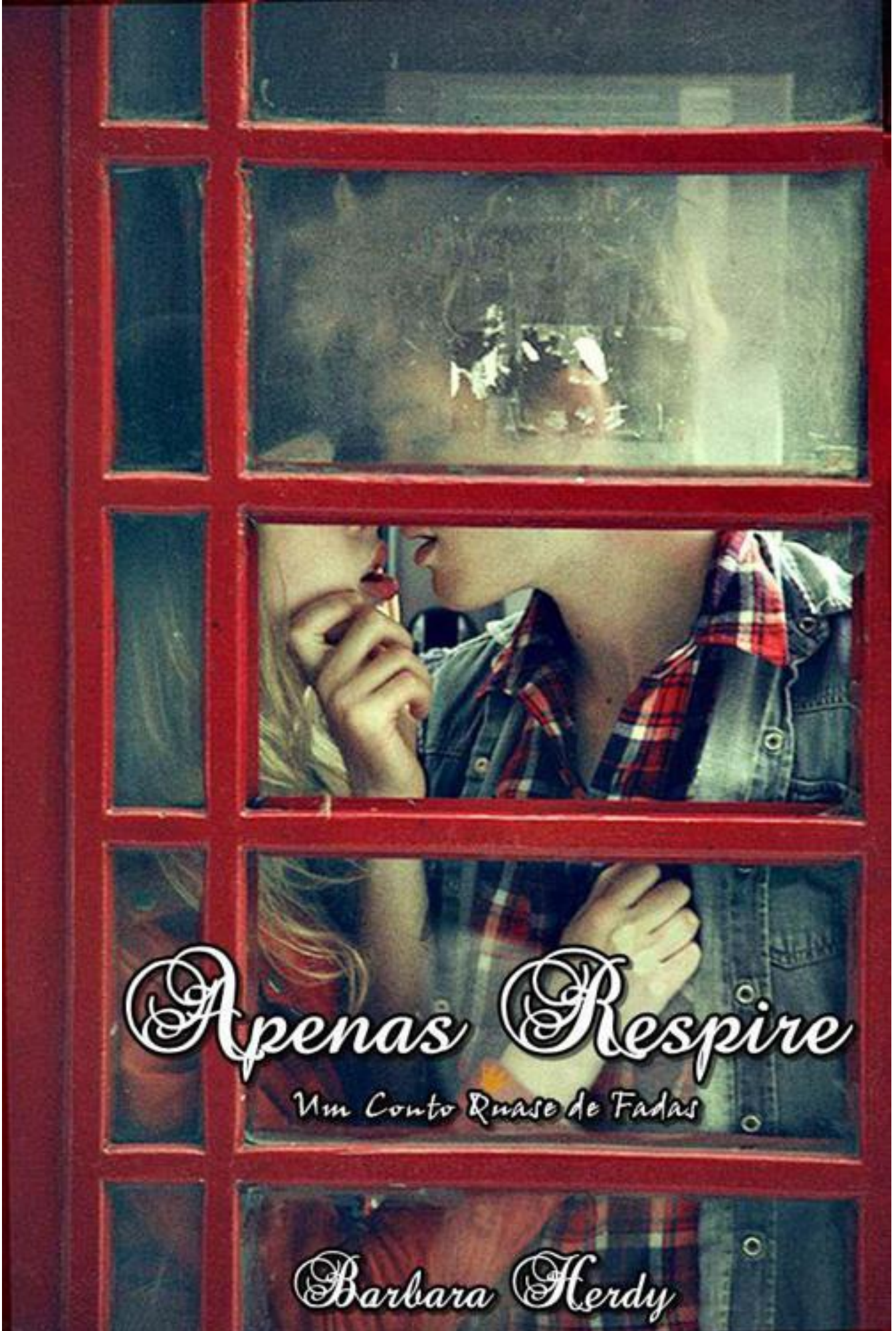
Apenas Respire
Um Conto Quase de Fadas
Barbara Herdy

Bárbara Sobral Herdy

Apenas Respire

Primeiro Volume da Série
Um Conto Quase de Fadas
Edição Digital
Capa, Diagramação e Revisão
Bárbara Herdy
Copyright © 2009 – 2012 Bárbara Herdy

Todos os direitos reservados.
É proibido o armazenamento, distribuição ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, qualquer que seja a forma utilizada – tangível ou intangível -, sem o consentimento da autora.

Publicação Independente

Março 2013 "Dentro da noite que me cobre
Negra como as Profundezas, de um pólo ao outro, Agradeço aos deuses, se é que existem, pela minha alma indômita.
Nas garras ferozes das circunstâncias Não me encolhi, nem fiz alarde do meu pranto. Golpeado pelo acaso, Minha cabeça sangra, mas não se curva. Longe deste lugar de ira e lágrimas Só assoma o horror da sombra, Ainda assim, a ameaça dos anos Me encontra, e me encontrará sempre, destemido. Não importa quão estreita seja a porta, Quão profusa em punições seja a lista, Sou o mestre do meu destino.
Sou o capitão da minha alma."

William Ernest Henley

Agradecimentos

Sei que é clichê, mas em primeiro lugar, quero agradecer a Deus por ter me dado o direito a vida e esse dom, o da escrita e me permitir desenvolver está história tão tocante e envolvente, e me permitir entregá-lo ao mundo para que outras pessoas vivam essa história como eu vivi.

Sem minha mãe e vó com suas forças e perseverança, eu sequer conseguiria desenvolver algo em minha vida. Vocês me deram força, determinação e coragem para ser alguém na minha vida, eu cresci – *e continuo* – e esse livro é de vocês, que me guiaram pelos caminhos certos, e desde o principio, quando eu tinha 10 anos e escrevi a minha primeira história, vocês falaram: vai lá e luta, garota, e eu fui, estou lutando e vencendo, e muito. Obrigada por me alimentarem quando eu estava enfiada no mundo de Kate Farrell, obrigada por deixar eu escrever, mãe, mesmo com o teclado te incomodando, obrigada pela compreensão quando eu surtava do nada ou porque começava a chorar por culpa de alguma cena. Obrigada por existirem, minhas deusas.

Ao meu pai, onde quer que esteja, saiba que eu te amo, você mora e sempre ira morar em meu coração e em

minhas histórias, um pedaçinho de si se encontra nessa, como se encontra em mim.

A concepção desse livro foi desenvolvido quando eu tinha 18 anos – *uma fedelha, sonhadora, contudo coerente* -, e apenas com 20 anos me senti pronta para escrever esse livro, então decidi botar a mão na massa e desenvolver essa história, que um ano depois, se encontra aqui, pronto e com o segundo volume em desenvolvimento, e confesso, que se não fosse pela Karen Tavares – *minha melhor amiga, irmã de alma, minha Rachel Ray* – eu não teria saido do Primeito Capítulo; sua força, crença em minha, idéias, opiniões no meio da madrugada, tapas em minha cara em momentos de surto, ódio e amor aos personagens e principalmente, seu apoio incondicional fizeram com que toda essa trilogia ganhasse forma e vida, e sem ela, ela não existiria e provavelmente, eu também não, seria uma alma perdida sem minha irmã. Obrigada por ser a primeira a acreditar em Peter e Kate.

A Débora Moreira, Isis Accioly e Ana Beatriz Grenho com seus comentários essenciais, palavras de apoio, me acordando de momentos de desespero e pessimismo, amor/ódio pelos personagens +1, idéias e mais idéias, sonhos de um dia ter um filme da Trilogia e o Alex Pettyfer é o protagonista – *porque não?* - nossas mesas redondas regadas de longas discussões nos horários mais improvavéis sobre os enredos e futuro dos personagens, e todo esse carinho e amor com os meus personagens, e principalmente o apoio com o meu sonho. Se eu pudesse, daria um Peter Hartley para cada uma de vocês, só que não ... – *Sim, Isis, você ficaria com outro personagem, mas falo dele nos agradecimentos do Volume II*. Amo vocês, tchuchucas.

Quero agradecer a Jane Austen e J.K Rowling, sei que vocês nunca lerão isso, contudo, um dia minha mãe me ensinou algo incrível, a ler livros, e vocês entraram em minha vida, cada uma em seu respectivo momento,
contudo, juntas, me mostraram que eu podia criar o mundo que desejasse, e me entreguei a essa tarefa mágica e única, agradeço pela magia de vocês, que agora, vivem em mim. Quero agradecer ao The Fray, Taylor Swift e Swichfoot por fazerem músicas especialmente para Um Conto Quase de Fadas, mesmo sem saberem.

E por fim, mas não menos importante, obrigada a você que está lendo esse livro. Seja comprado, adquirido através de um e-mail, por pirataria, sequestrado da casa do melhor amigo ou do meu computador, o que importa, é que você está dando vida a essa história, e ela não me pertence mais, é sua. Então use-a. Esse é um livro para você ler sentado em sua cama, com a brisa de verão batendo em sua face, enquanto você se delicia com esse mundo, real e inigualável, de pessoas como eu e você. Espero que você se apaixone por essa história, como eu me apaixonei, e leve Kate, Peter e seus amigos para o resto de suas vidas como amigos, cheios de lições, brincadeira e amor em seus dias.

Índice

Prólogo
Capítulo 01 - Estes são os Dias de Nossas Vidas Capítulo 02 - Destinados a Viver
Capítulo 03 – A Vida (Depois) da Festa
Capítulo 04 – Eu Escrevo Pecados, Não Tragédias. Capítulo 05 – Antes do Pior
Capítulo 06 – Laços Rompidos
Capítulo 07 – Masquerade

Capítulo 08 – Primeiro Amor
Capítulo 09 – A Grande Fingidora
Capítulo 10 – Cartas na Mesa
Capítulo 11 – Lindo Desastre
Capítulo 12 – Buracos Negros e Revelações Capítulo 13 – Aprendendo a Respirar
Capítulo 14 – Judas
Capítulo 15 – Segredos
Capítulo 16 – Uma Daquelas Garotas
Capítulo 17 – Decifrar
Capítulo 18 – Eu Quero que Você Saiba
Capítulo 19 – Mar Silêncioso
Capítulo 20 – À Beira da Glória
Capítulo 21 – Nua
Capítulo 22 – O Ponto SemRetorno
Capítulo 23 – O Show Deve Continuar
Capítulo 24 – Você Quer a Verdade ou Algo Belo? Capítulo 25 - Despertar
Capítulo 26 – Pequenos Segredos Sujos
Capítulo 27 – Não Tenha Medo, Você já Está Morto.

Prólogo

Eu tinha 18 anos: a idade de ouro para muitos é, para mim, só um número que denomina quantos anos de vida tenho nessa existência.
Se você espera que esta história seja sobre um amor eterno com vampiros românticos ou anjos sedutores, largue - a ao esquecimento agora; apenas humanos existem em meu mundo, como no seu também.
Todas as pessoas nessa histórias são normais, com suas qualidades e defeitos. Vivem vidas cotidianas bem similares a vida de qualquer pessoa nesse mundo que sonha com um futuro grandioso com uma existência perfeita e um amor verdadeiro; elas almejam um futuro arrebatador e único. Alguns prejudicam aqueles que conhecem - ou não - para conseguirem o que almejam, outros só querem viver suas vidas e fazer o que é certo e outros estão perdidos no meio do caminho. E assim vai se seguindo o caminho da vida.
Com começo, meio e fim.
E agora, muitos vivem o meio, mas a minha história é bem diferente.
Irei retratar o começo do meu fim.

Eu?

Sou uma garota normal, como qualquer outra. Tenho meus complexos, manias, orgulhos, paixões, concepções pré-existentes e principalmente, tenho personalidade e vivências únicas. Gostava da maneira como meu futuro se apresentava: tão previsível e seguro, mas tudo mudou quando *ele* entrou em minha vida; ele foi o causador de toda essa metamorfose que vivi, e nossas ações não nos mudaram apenas, como a todos ao nosso arredor.

Com ou *sem* ele, meu futuro iria existir e essa era pior sensação que eu já sentira em meu ser e piorava ao saber que talvez não existisse futuro para ele, *com* ou *sem* mim.

Por mais que pareça, essa não é uma história de amor.
Você vai amá-lo, como eu amei.
Vai detestá-lo, como eu detestei.
Vai brigar, gritar, chorar, xingar, lamentar, como eu fiz, porque essa história é real, humana e verdadeira. Alguém em alguma parte desse mundo pode estar vivendo o mesmo que eu, porém, obviamente em outra narrativa.
Você não vai terminar de ler essa história e sorrir de satisfação. Por mais que queiramos, a vida não é como um conto de fadas, não termina com o *felizes para sempre*.
Garanto que, um dia, você irá perceber que ela, de alguma forma, mudou e afetou a sua vida e eu torço que ela a mude para melhor da mesma forma que eu sei que *ele* mudou a minha essência para muito melhor.
Apenas aconselho que não cometa os meus erros, já que eles são meus, porém há algo que irei pedir que você faça sempre. Seja impulsiva.
Se eu não tivesse sido, talvez eu nunca poderia estar aqui contando a minha história.
Essa história não é sobre um amor, mas sim, sobre viver.

Parte I

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.
Clarice Lispector

Capítulo 01

Estes São Os Dias de Nossas Vidas

Eu sinto como se tivesse atravessando o mundo, como se tivesse atravessando o mundo, você pode ouvir ela é uma linda garota.
Ela é uma linda garota.
Ela preenche cada esquina, como se fosse nascida empreto e branco, faz você ficar atento quando você está tentando lembrar.
O que você ouviu?
Ela gosta de deixar você pensando emuma palavra.

Suddenly I See – KT Tunstall

Estava observando o grande navio atracado no porto. Ele já se encontrava cheio de passageiros e tripulantes, todos contando os minutos para finalmente entrar em percurso, rumo ao seu destino: Europa.
Eu ainda estava do lado de fora, me despedindo de amigos e de meus familiares. Observava brevemente meus colegas que davam adeus para seus parentes, dizendo mensagens de carinho com animação, todos pareciam prontos para o que estava por vir;
Liberdade.
A palavra mais doce e perigosa de nosso vocabulário jovem.

Acabamos de nos formar e a decisão que tomamos foi fazer uma viagem para a Europa. Todos juntos, como sempre fomos.
Eu me lembro, que quando estava assinando as papeladas do passaporte eu senti um frio familiar em minha barriga; nervosismo. Ocasionalmente sentia isso, mas, quando sentia, era porque algo grande iria acontecer.

Eu sempre quis viajar para Londres.
Parar em frente a um píer e observar o rio Tâmisa, perder-me naquelas ruas

apaixonantes e me encontrar em uma livraria de paredes feitas de pedras cinzas com uma lareira crepitante que estaria acesa para aquecer a todos no local, conhecer pessoas e me apaixonar de novo e de novo por essa cidade magnífica, e entre muitas outras coisas que já idealizei e pretendo fazer assim que estiver lá.
Eu sei.
Parece meio estúpido, mas esse sempre foi o único grande sonho que eu tive. Tem gente que quer conhecer um artista famoso e bonitão; outros querem formar uma família; alguns pensam em um grande emprego ou faculdade; mas eu sempre quis, desde pequenininha, conhecer Londres.
Nunca pude realizá-lo até dado momento.
Porque sempre foi algo que esteve longe das minhas possibilidades financeiras. Não nasci em berço de ouro, não sou pobre, mas também não pertenço à classe média. Sempre fui muito estudiosa e de família humilde, tudo que consegui na vida foi por causa das batalhas que a minha mãe – e a sua - tiveram que enfrentar para conseguirem tudo que desejavam de melhor para mim, aprendi com elas que para se ter, precisa lutar, assim para merecer o que se almeja, não importando os caminhos que se deve seguir, desde que não mudemos nossos caminhos por aquilo que parecer mais fácil e comodo, e muito menos, mudar quem somos.

Tudo estava acontecendo tão rápido, ir para Londres e estudar em Columbia, a universidade dos meus sonhos; eu sempre quis estudar lá, mas não estava no mesmo patamar que o meu sonho de conhecer Londres, eu sinto que se entrar para Columbia não acontecesse, eu poderia encontrar um novo fascinio por outra universidade, mas Londres, não podia ser substituído por outra coisa; era único.

Assim que decidimos que viajaríamos em um navio, tínhamos que escolher para quais regiões iríamos.
Entre Europa e Ásia, a maioria escolheu a primeira.
A primeira coisa que programamos depois de tal decisão era qual itinerário faríamos na Europa: pegaríamos no porto de Durham, minha cidade natal; um navio que vai nos levaria durante 02 meses para todos os tipos de lugares na Europa. E depois retornaríamos no mesmo navio para casa. Esse seria o pacote do cruzeiro completo com direito a guia turístico particular para o nosso grupo em cada cidade visitada e um ônibus.

Minha mãe surtou quando viu o preço da passagem e, com muita razão, ela não queria pagar de jeito nenhum. Para ter uma pequena ideia: o preço da passagem eram 08 meses de prestação do novo carro dela - que é um Fiat usado de 2006.
Quando eu já não tinha esperanças de participar do cruzeiro - após chorar por 03 dias seguidos e, de detonar uma torta de chocolate em menos de 01 hora -, Joseph, meu padrasto, ofereceu dividir as prestações da viagem com minha mãe, mas é claro, eu sofri conseqüências. Mesmo com eles dividindo as parcelas, elas continuaram caras, então tomamos uma decisão em família: ou eu viajava de navio até chegar ao porto de Southampton e iria para Londres, permanecendo lá por 02 semanas na casa do meu tio Roux, que mora em Notting Hill com a esposa Morgana, e voltava de avião direto para casa ou eu não viajava e ficava em casa recebendo os cartões postais dos meus amigos que estariam conhecendo Londres e outras capitais da Europa sem mim.

Eu aceitei a proposta na hora sem pestanejar. Enquanto minha mãe fechava o pacote, pude ouvir Rachel, minha melhor amiga desde o dia que aprendi a falar *papa*, pedir para a atendente dela mudar todo o pacote que estava prestes a assinar, deixando bem claro que queria seguir o mesmo pacote que o meu.
Sorri de modo suave, percebendo que uma amiga como ela é raro de se ter, não podíamos ficar separadas por 02 semanas, pois isso seria um crime contra a humanidade e ela sabia, sendo capaz de colocar de lado os prazeres de sua vida para ter uma viagem mais simples ao meu lado.
Eu e Rachel somos amigas desde quando as nossas mães brincavam de bonecas. Isso aí, as nossas mães são amigas desde o jardim de infância, cresceram e foram criadas no mesmo quarteirão, estudaram no ginásio, ensino médio e na universidade juntas; amaram, foram felizes, choraram, surtaram, fracassaram, venceram, e nunca brigaram; conheceram os amores de suas vidas - quase que na mesma época - , ficaram grávidas no mesmo período, se casaram no mesmo dia; ou seja, eram inseparáveis. Vendo fotos delas mais jovens podiamos ver as semelhanças que tinhamos com nossas mães, eram inacreditáveis, pelo menos, as físicas, agora as de caráter ...

Bom, havia uma coisa que tínhamos em comum: Nossas mães haviam sido líderes de torcida, como elas, eu e Rachel havíamos seguido seus passos. Mesmo com a minha

falta de habilidade com dança - ou com qualquer coisa que necessitasse que eu me movesse, como andar, por exemplo -, eu era boa decorando passos, e eu me esforçava, já que ser líder de torcida era ótimo para a minha pontuação nas materias extras curriculares – somandos aos pontos como monitora de Inglês e ser aluna do clube de línguas estrangeiras, o que foram fundamentais a minha entrada na Universidade de Columbia.

Sempre achei a amizade delas muito bonitas, e eu desejo que quando tiver a idade delas eu e Rachel sejamos assim, inseparáveis e uma família, e é claro, enlouquecendo nossos filhos juntas, como nossas mães fazem com tanta perfeição e destreza, e é claro, não esquecendo: com muito amor e afeto, sempre. Talvez seja por isso que minha mãe confia tanto em Rachel, ela vê um pouco de Eleonor nela, sabe que jamais nada aconteceria comigo porquê Rachel me protegeria e defenderia até o último suspiro, como Eleonor faria por ela.

Minha mãe, que havia ouvido a decisão de Rachel, ficou com uma expressão mais branda vendo que eu teria companhia na ida, estadia e volta de Londres, eu tinha certeza que ela não estava apoiando a minha ida para Londres - na realidade, eu tinha certeza que ela estava pensando se havia alguma possibilidade de ela ir escondida em minha bagagem de mão -, mas após ouvir Rachel ela parecia aceitar com outros olhos essa minha viagem. Nunca vi uma mãe confiar na melhor amiga da filha, do que no ser que deu a vida, mas era isso que acontecia aqui; Minha mãe acreditava que sozinha eu era um tipo de caçadora de vampiros, que saía pela noite à procura de perigo e aventura, tinha certeza que ela podia me imaginar com roupas pretas de couro sensuais e uma moto bem veloz, com um moreno lindo a tira colo. Enquanto para Rachel, ela imaginava uma garota de vestido rodado e sorriso angelical, lendo a bíblia, comendo *cookies* e se casando apenas com trinta anos, ainda virgem. Balancei a cabeça negativamente, tentando afastar esses pensamentos. Se ela pensava assim, não sabia como estava invertendo os papeis terrivelmente.

Em poucos minutos, vi minha mãe e a mãe de Rachel, Sra. Eleonor Ray, combinarem as diversas maneiras pelas quais iam nos controlar. Pude ouvir elas mencionarem um *chip* como primeira opção, mas elas não tinham dinheiro para isso - pelo menos minha mãe não tinha -; Comecei a ignorar a conversa, mas logo fui puxada de volta

quando minha mãe disse que falaria com meu tio Roux para confirmar a nossa estadia em sua casa - sim, Rachel iria, além do mais, ela é praticamente da família -. Definitivamente isso iria acontecer; tio Roux me adorava e eu retribuía o sentimento, com certeza ele ficaria tão animado com a minha ida como eu me sentia em relação a minha chegada em Londres.

Finalmente, tudo estava começando a se realizar.

Quando todas as papeladas da viagem estavam certas e só faltava um formulário bobo para responder, comecei a criar uma lista mental das coisas, além das roupas e calçados, que precisava levar para a viagem. Minha mãe, Joseph e Eleonor voltaram para seus respectivos trabalhos; já eu e Rachel fomos para um *cibercafé* lá começamos a responder o formulário do cruzeiro, enquanto tomávamos um chocolate quente delicioso que estava afastando o frio que tomava conta de Durham, junto à chuva, naquela tarde de fim de junho. Conversávamos sobre o quanto essa viagem seria maravilhosa e o que pretendiamos fazer durante o cruzeiro e em Londres e, enquanto isso, comecei a escrever em um guardanapo uma lista de tudo que pretendia levar para a viagem:

Itens para a viagem.

• Buscar o Walkie Talkie no colégio. De acordo com o professor Martin, será a salvação da excursão, pois será utilizado para ninguém se perder dentro do navio;
• Uma câmera digital de 7.0 megapixels para ser a fotografa oficial da viagem;
• Maiôs e biquínis para usar na piscina - Porque eu tenho certeza que fará sol e mesmo que não faça tenho que levar só por garantia;
• Vestidos lindos e sofisticados para usar nas festas que terão no navio - sendo que ninguém precisa saber que eu os comprei em lojas com desconto progressivo -. De acordo com Rachel, navios são chiques e tem festas o tempo inteiro, então preciso estar vestida para arrasar em todas as ocasiões possíveis;

• Mapas, guias turísticos e todo tipo de material sobre Londres que eu tenha ou não Porque eu preciso estar preparada para qualquer situação -;
• Meu celular recarregado a cada cinco horas antes e durante a viagem - Chuck ama

me encher de mensagens e mamãe vai querer me ligar a cada cinco minutos, então preciso estar conectada ao mundo ou ela pensará que fui seqüestrada por um serial killer.;
• Meu Mp4 recarregado a cada quatro horas - Sem comentários, música é parte do meu ser, vale o mesmo para o meu netbook;
• Não esquecer: protetor solar, repelente, remédio para dor de cabeça e cólica, *modess*, *shampoo* e condicionador, chapéu, óculos escuros e o que mais minha mãe falar que é essencial levar;
• É o principal: algo que me lembre de minhas origens.

No dia seguinte, fui ao shopping com Rachel e minha mãe: comprei três biquínis, um maiô, cinco vestidos de boneca - como Rachel analisou-, três shorts de jeans, um casaco de moletom azul escuro, uma touca de lã em modelo de boina e 02 sapatos - uma sandália preta simples e uma sandália vermelha fechada, depois fui à farmácia e comprei todo o estoque médico e de beleza que irei precisar para 01 mês.
Quando cheguei em casa, as pilhas para a câmera já estavam recarregadas, então joguei o carregador, junto ao carregador de celular e do netbook, os diversos livros, cd's, dvd's e guias de Londres que iria levar na sacola.
Tinha uma leve sensação de que estava levando mais lazer do que roupas, mas não entremos nesse detalhe sordido, tudo estava pronto e era isso que importava. Agora era me entregar à contagem de milésimos até o dia da viagem.
Assim que desci para a sala, me deparei com o último item da minha lista: algo que me lembrasse de minhas origens.
Ergui a câmera e bati a foto.
Uma foto espontânea da minha família em um momento descontraído. Minha mãe estava abraçada a Joseph enquanto meu meio irmão de quartoze anos, Chuck, estava implicando com eles e os três riam de uma maneira contente e natural.
Me aproximei dos três, me aninhando entre eles e fazendo parte do assunto.
Observava-os guardando cada detalhe de suas feições, já me preparando para as saudades que sentiria em breve de cada um deles.
Minha mãe, doida, sensível e Mãe, mantinha seus traços jovens juntos a algumas rugas de expressão tão belas quanto seus traços joviais, de altura média e magra de uma maneira que inveja a qualquer mulher. Éramos parecidas em certos detalhes de

caráter e atitude, por exemplo, no olhar e na maneira de rir, mas meus familiares diziam que depois dos meus dezesseis anos comecei a ficar mais parecida com meu pai, - algo que não discordava, mas também não concordava, pois não me lembrava muito dele, já que ele havia morrido há alguns anos e as poucas lembranças que tinha já se dissipavam.
Eu passava muito tempo com dona Violeta ou Vi. Íamos muito ao cinema e à praia; além de sermos mãe e filha, éramos amigas, o que valia muito em nosso relacionamento. Ela me conhecia apenas com um olhar e vive-versa; eu amava essa nossa cumplicidade indescritível.
Meu padrasto, Joseph, era um homem maduro de cabelos negros espessos e grossos com leves traços de fios brancos, alto e forte, sempre esboçando um largo sorriso e com o seu mustache negro caracteristico; era um homem inteligente, simpático, sempre brincalhão, que havia me conquistado quando notei o quanto ele fazia minha mãe feliz e a amava. Chuck era o típico pré-adolescente americano: alto, desengonçado, magrelo e branquelo, seus olhos eram castanhos claro profundos, seu sorriso era largo como o do pai, entretanto muitas pessoas diziam que seu olhar era parecido com o meu, mesmo não tendo nenhum parentesco. Éramos muito unidos: tínhamos estilos musicais parecidos, gostávamos de jogar videogame e quando ele precisava de um ombro amigo, eu sempre estava lá e eu sabia que ele sempre estaria lá por mim a qualquer momento.

Sentir saudades seria um sentimento muito pequeno perto da emoção que eu teria. Assim que possível, imprimi a foto e a coloquei em minha agenda, podendo recorrer a ela a qualquer momento enquanto estivesse viajando; uma forma de acalentar esse sentimento desconhecido.

A minha vida nunca teve nada de muito impressionante, mas mesmo assim eu não me considero uma garota comum. Sou Katerin Farrell, com uma personalidade única e vivências apenas minhas, como poderia ser comum tendo fatos tão concretos como esses?

Não sou uma bruxa, nem vejo espíritos, não tenho poderes mágicos, sou completamente fora do mundo sobrenatural, só sou uma garota normal que acorda todos os dias de manhã, vejo a tragédia que meu cabelo fica depois de uma noite de

sono, tento esconder minhas olheiras com base, estudo, e no final do dia, eu só quero estar com a minha família, e quando for domir, poder colocar a minha cabeça na almofada e pensar tranquilamente que estou sendo eu mesma, lutando por tudo que almejo sem arrependimentos ou medos.

Sempre morei em Durham – Local de meu nascimento - com minha mãe e meus avos por parte materna, ambos brasileiros, porém há um ano nosso dia-a-dia sofreu um impacto e nossa casa se tornou silenciosa e solitária; Meus avos decidiram viajar pelo mundo, começando pela América desde então recebemos em torno de 05 cartões postais a cada 07 dias, no momento eles estão conhecendo Cuba. No período que eles decidiram viajar, mamãe comunicou a toda família que achava que era o momento do namorado dela – de 06 anos e alguns meses de relacionamento - vir morar conosco, trazendo com si seu filho adolescente, Chuck.
Apenas 03 meses se passaram e eles decidiram tornar a união oficial, fizeram uma pequena cerimônia na igreja do nosso bairro, tivemos uma festa organizada pela adorável e humilde família de Joseph, e por fim, eles viajaram para o Texas em lua de mel.
Obviamente que eu fiquei cuidado de Chuck nesse período, o que não foi nenhum sacrifício; éramos oficialmente uma família.
Não éramos como os suricatos mostrados no *National Geographic,* mas éramos uma família unida, compreensiva, fraterna, fiel e feliz.

Joseph é um ótimo cara.
Trabalhador, tem quase a mesma idade que minha mãe e conseguiu a guarda do filho de seu primeiro casamento depois de muita luta.
No inicio, era meio estranho ter 02 homens dentro de casa; a gente não podia ir mais ao banheiro com a porta aberta ou ficar no quarto só de calcinha, algo que eu fazia muito, nem podia falar sobre coisas de mulher e tinha que evitar ter ataques de TPM por que os homens não entendiam isso – e mesmo depois de meses convivendo juntos, ainda não entendem -, mas no inicio, a situação mais estranha que eu me encontrei era tentar me aproximar de Chuck.
Eu sempre gostei de crianças, então achava que seria fácil lidar com o Chuck, mas ele não era nenhuma criança; ele era muito maduro para sua idade, tinha 14 anos, mas aparentava a minha idade, 18, parecia que ele tinha pulado uma época de sua vida e

se tornado adulto mais rápido que qualquer outro jovem, talvez isso tenha acontecido por causa da separação dos seus pais e de toda disputa envolvendo sua custódia, do mesmo modo que meu amadurecimento veio com o falecimento do meu pai, na idade dele.
Queria que nossa aproximação fosse natural e não forçada por que seriamos *"meio irmãos"* perante a lei, então simplesmente deixei que acontecesse e quando percebi, éramos tão amigos quanto eu poderia desejar – e ele também.

Chuck é viciado em basquete e *playstation,* e eu sou uma garota que evita esportes por que sou a pessoa mais desengonçada que conheço, eu tropeço nos meus próprios pés e sou capaz de me afogar dentro de uma banheira, porém sempre gostei de um bom jogo no *Playstation*, e foi dessa maneira que a gente se aproximou, jogando bastante *Mario bros, God of War* e *Halo*; ele também adora desenhos, animes e mangás, então sempre assistíamos aos nossos animes favoritos junto e íamos a livraria para comprar os novos lançamentos de mangás, intercalando constantemente nossas leituras, dono de uma coleção incrível de mangás que eu nutria e ajudava a ficar cada vez maior; era uma forma de dar algo que ele gostava e ver aquele sorriso jovial em seus lábios toda vez que uma edição desejada era dada a ele, isso me fazia muito feliz. Eu o levava ao colégio, aos treinos de basquete, ao shopping para se encontrar com os amigos ou a casa de algum deles e assim, aos poucos, fomos ficando cada vez mais próximos.
Depois de quase um ano deles vivendo conosco sinto como se sempre essa família tivesse existido. O curioso é ver a reação dos nossos amigos de família que sempre dizem algo como: "*Chuck e Kate parecem ser irmãos*" ou " *Veja como eles tem a mesma bochecha, o mesmo olhar doce,...",* ai explicamos que nossos genes não são iguais, mas que nos consideramos irmãos, sempre que falamos isso vejo os olhos de Joseph brilhar. Acredito que ele tinha o mesmo receio que eu, e hoje, tenho certeza que ele me considera uma filha, mesmo sabendo que não quero ser chamada assim por outro homem que não seja o meu verdadeiro pai. Como eu disse, Joseph é um ótimo cara, mas é estranho pensar em chamá-lo de pai ou de ouvir ele me chamar de filha, não parece certo, por mais que tudo esteja em seus devidos lugares.

A minha vida sempre foi assim: Casa, família, estudos, amigos.
Só.

Nada demais.
Nunca fui uma grande atleta, uma brilhante estudante em matemática, uma fantástica cantora; eu mal sabia dançar, era horrível cantando, minhas notas em matemática eram as piores e eu tinha pavor de esportes, entretanto adorava ler, não podia viver sem música, tenho um diário no qual relato tudo que acho de relevante em minha vida e não vivo sem quem amo. Viu? Sou normal, mas nada comum.

Assim que entrei no navio, aquele nervosismo tão estranho que se tornara familiar voltou a me apavorar, esse nervosismo tinha nome:
Medo de deixar o meu seguro ninho; minha família calorosa, amada e única. Eu via todos aqueles rostos contentes e cheios de expectativas se despedindo de seus familiares e amigos nas bordas do navio, enquanto a minha expressão era de pavor e receio. Minhas mãos suavam, meu estômago estava afundando; o navio balançava de maneira perigosa para mim e ele ainda nem havia saído do porto, e pelo que notei dava para ver que todos estavam se sentindo livres e com confiança.

Menos eu.

Na minha carteira tinha dinheiro que havia ganho durante os últimos 08 meses, já sabia sobre a viagem com a turma, então decidi salvar um pouco de grana para os meus gastos pessoais, logo aceitei todos os trabalhos como babá de crianças e de cachorros - nesse último caso confesso que não foi uma boa ideia, já que sou atrapalhada e todos os cachorros que tomei conta eram quase da minha altura quando estão de pé e conseguiam correr mais rápido que o *ligeirinho*, logo eu era carregada por esses dóceis caninos para todas as partes da cidade -, não vou dizer que ganhei horrores, mas de acordo com os meus cálculos era o bastante para as minhas despejas alimentícias e extravagâncias, como *souvenir's*, livros e cd's, pelo menos. Minha mãe, preocupada com emergências, me deu mais um pouco de dinheiro, mas apenas para isso, e também tinha ativado o meu cartão de credito para usar em Londres, também para urgências, é claro. Sem dizer que ela falou que queria que eu a avisasse sempre de minhas despejas – oriundas do dinheiro soado pelo me trabalho esforçado - , e se fosse necessário, ela daria um jeito para me mandar mais dinheiro, nem que ela tivesse que ficar no vermelho pelo resto do ano.
Eu ficaria durante 01 semana dentro daquele navio, sozinha, quero dizer, sem minha

mãe me vigiando com seus olhos de águia. Ficar só é o máximo de livre que posso sentir, como eu poderia me considerar mais livre do que isso, se a maior parte do dinheiro que estava na minha carteira vem da conta de minha mãe? Eu estava livre em um sentido, mas presa em outro, que me mantinha fixa na minha realidade: ainda sou dependente financeiramente de minha família.

Era idiota esse sentimento de liberdade, além do mais, é apenas uma viagem não é como se eu tivesse acabado de ser solta de uma prisão de segurança máxima.
Tudo bem, minha mãe pode ser um pouco super protetora, podendo ser comparada àqueles seguranças das celebridades que as protegem até de brisa, mas não vou ser deslumbrada me sentindo livre para cometer burradas só porque estou em uma viagem dentro de um cruzeiro indo para a cidade de meus sonhos, sem a supervisão de minha mãe e padrasto, seria irresponsável da minha parte e isso não combinava com a minha personalidade.

Essa viagem era a maior prova de que eu estava me tornando uma adulta e também de que minha mãe confiava em mim totalmente, por isso não podia vacilar por nada nesse mundo, eu deveria mostrar a ela que não havia com o que se preocupar, eu sou uma jovem de personalidade forte e responsável, algo raro hoje em dia para alguém de minha idade, e eu prometi a mim mesma que eu não a decepcionaria, e que, com toda certeza, não o faria, além do mais, as próximas semanas seriam as mais intensas e importantes de toda minha vida e eu concentraria todas as minhas emoções nisso.

Larguei a minha bagagem em um canto vazio, respirei profundamente e deixei que um belo sorriso caísse em meus lábios, observando o convés abarrotado de tripulantes ajudando os recém chegados passageiros, enquanto outros apenas admiravam a vista, se despediam de seus parentes ou, como eu, observavam a tudo encantados.
Me virei, debruçando na borda à procura de minha família no amontoado de pessoas que estavam ali no porto naquela manhã quente, logo os achei ao lado da família de Rachel, juntos davam *tchau* para todos nós, emocionados e ao mesmo tempo, animados. Chuck gritou com uma voz firme e típica de pré-adolescente:

- Boa viagem e traga alguns dvd's de ação para mim. Se lembrar, compre algo de

diferente, algo que só os britânicos tenham.

Anotei mentalmente seu pedido, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas ao ver como minha mãe estava emocionada, - o nariz sardento de manchinhas produzidas pelo sol estava ficando vermelho. Eu não agüentava vê-la daquele modo: ela estava feliz, mas chorava pela minha ida, já que sabia que essa separação deixaria uma enorme saudade sem substituição, como eu queria simplesmente abraçá-la, entretanto, como se tivesse lido minha mente, Joseph fez por mim, sorrindo de um modo paterno em minha direção.
Sorri para eles, escondendo o nervosismo e temor que abrigava em meu coração, e nada disse, porque sabia que, se abrisse a minha boca acabaria caindo em lágrimas como minha mãe, não seria uma cena bonita. Eu queria que eles tivessem essa imagem minha: feliz e completamente ansiosa com o caminho que meu futuro mostrava se aproximar, cheio de oportunidades, realizações e expectativas.

Ao meu lado Joana tentava conter as lágrimas, sorrindo de forma doce e observando seus pais, de aparências finas e recatadas que estavam parados em uma determinada área afastada de minha família e a de Rachel; ela se despedia dos seus pais e não parecia sentir nenhum nervosismo em estar partindo, acenava e gritava frases demonstrando seu amor pela senhora e senhor Teague que estavam abraçados; a pele de Joana estava sendo iluminada pelo sol e dava para notar o brilho emocionado em seu olhar, seu rosto era delicado como a sua alma, seus olhos eram grandes e redondos brilhavam em um tom chocolate, seus cabelos eram loiro clarissimo, longos que enrolavam nas pontas. Era mais baixa que eu uns 15 centímetros, mais doce e delicada do que eu e Rachel juntas, contudo tínhamos nossa porção de coisas em comum, por exemplo: adorávamos ler romances de banca, comer ketchup com tudo - incluindo feijão enlatado -, vivíamos usando *all star* e amávamos longas conversas de madrugada, principalmente nas noites que fazíamos festa do pijama.

Mesmo estando emocionada, dava para ver que Joana estava muito animada e tranqüila. Joana sempre foi a mais doce e sensível do nosso trio e me surpreendia vê-la assim, apenas comovida com a despedida e tão equilibrada, eu esperava mais emoção, algo mais novelesco, algo bem Joana.

Não me surpreendi ao olhar para o meu outro lado e vislumbrar Rachel que parecia a mais calma de todos os nossos colegas de turma. Ela sorria de uma maneira encantadora sem nenhuma lágrima em formação em seus olhos castanhos escuros, era uma de suas regras: *nunca chores na frente de estranhos e/ou conhecidos*. O vento batia em sua face, de tom morena clara o que a tornava uma raridade perto de mim e Joana - 02 branquelas comparadas aos Cullen -, fazia seus cabelos balançarem suavemente, aquele ruivo vivo que parecia ter sido fabricado no salão de beleza, mas não, ele era natural -, que estavam brilhando intensamente graças ao sol que nos agraciava naquele dia, eles que eram curtos e batiam na altura dos ombros igual ao corte que Cleópatra usava, como eu, era adepta a uma franja com repicados; o sorriso dela era brilhante e invejável e todo seu rosto se iluminava quando o fazia.

Fui despertada de meus pensamentos.
Minha mãe gritou por Rachel mandando ela se cuidar, enquanto a mãe de Rachel gritava por mim, mandando eu ficar de olho em sua filha, o que fez Rachel ficar emburrada, o que eu podia fazer, a mãe dela a conhecia muito bem.

Adoro ser babá da Rachel, pensei, olhei para ela que junto a mim começou a rir de uma maneira contagiante.

O navio começou a deslizar naquelas águas profundas e turbulentas.
O frio na barriga me atingira de supetão, continuei me segurando na borda, enquanto o navio balançava de modo instável e desconhecido para mim, enquanto eu evitava ao máximo olhar para baixo, mas era impossível; o nervosismo me deixara e agora o enjôo me dominava.

Eu realmente não vou me acostumar com esse balanço, pensei desanimada.

Aos poucos, as pessoas iam se movimentando dentro do transporte, começando a pegar suas malas e seguirem para suas cabines, outros tiravam fotos da vista e de seus conhecidos ali, enquanto alguns ficavam a observar o ambiente que nos cercava; eu me mantinha observando o navio se afastar do porto com a pura e imbatível melancolia. Cada vez se afastando mais, até em determinado momento que notei apenas borrões que antes eram minha mãe, padrasto e meio irmão.

O nosso professor de Inglês, Martin Scott, chamou todos os alunos para irem para o outro lado do navio, uma área central que daria para o restaurante e o salão de festas, já que aparentemente aquele convés no qual estávamos havia sido reservado por um grupo para um café da manhã com a vista gloriosa de todo o oceano e o calor delicioso do sol.

Rachel me puxou de leve, me despertando dos meus pensamentos, mas eu balancei a cabeça negativamente.
Eu estava nostálgica e queria me manter ali com aquele sentimento, o esvair de mim de uma vez só e para isso teria que senti-lo ao máximo, sem interrupção e desistências da minha parte.
Na realidade, queria ficar ali sozinha por um tempo, pensando em meu futuro, em Londres, que estaria sozinha em Londres por duas longas semanas... sem mãe me supervisionando, apenas os meus amados tios liberais e a minha consciência e futuro em minhas mãos.

Agora eu não estava nervosa com o fato de ir para Londres, mas estava nervosa por ficar sozinha em um hotel onde a comida é cara, os quartos são limpos todos os dias por uma empregada gentil paga pelo hotel e eu seria tipo aquelas meninas populares de *Séries Teens* que ouvem Fergie enquanto comem caviar e não se preocupam com o aquecimento global. Eu também teria que converter o meu dinheiro e teria que tentar não me perder pelas ruas fascinantes de Londres, por mais que eu quisesse o oposto. Sem dizer que teria que evitar os bares por causa de Rachel, ela com certeza arrumaria um namorado relâmpago para nós duas e acabaríamos bêbadas e casadas...

Meu Deus, eu estou hiper ventilando!
Que é o mesmo que surtar ou/e ter um ataque de paranóia/loucura.
E quando eu fico assim eu fico tonta, pálida, sem ar e a ponto de desmaiar, sintomas básicos da minha ansiedade crônica, mas isso é assunto para outro momento, agora é hora de me acalmar.

Isso não vai acontecer Katerina Farrell, por que você e Rachel vão ficar na casa do seu tio Roux, no sul de Londres; uma casa familiar do século XVIII, pacifico, familiar e completamente normal, uma voz impaciente disse em minha cabeça e ela

era muito familiar a minha, de repente concluiu furiosa*: Pare de hiper ventilar! Você tem 18 anos, se formou no ensino médio com notas fantásticas e foi aceita em diversas universidades de grande prestigio por todo o país, incluindo a que você sempre sonhou em entrar, e agora, você vai realizar um de seus maiores sonhos, ir para Londres, então pare de agir feito louca! Aja de acordo com sua idade, Por Deus!*
Respire e siga em frente ...

Eu andei até a outra ponta do convés onde eu podia ver o mar de uma posição mais privilegiada, eu comecei a observar o oceano com mais coragem e pisei na borda do convés, fiquei por um fração de segundos assim, procurando um foco naquela imensidão.

Eu quero me sentir livre, como todos aparentam , pensei.
Mas naquele momento eu me sentia a Rose de *Titanic,* mas sem o Jack.
Fiquei nostálgica novamente.
Eu me segurei na borda e fechei meus olhos sentindo o vento da liberdade. Essa era uma das sensações que mais amava sentir, a brisa batendo levemente em meu rosto, tomando conta de cada pedaçinho de minha pele, me relaxando, deixando leve, livre ... Isso era liberdade.
Respirei bem fundo e abri os meus olhos, comecei a observar o navio cortando a água numa velocidade não muito rápida, até agradável. Retiro o que disse ...
Para que fui olhar?, pensei rabugenta, sentindo um embrulho em meu estômago.
Entortei meus lábios, cansada com minha nostalgia que não caia bem em mim: *Sabe de uma coisa*, pensei, *Chega de pensar no que vai acontecer, Katerina Farrell, eu devo deixar acontecer e eu sei fazer isso muito bem.*

- Você está parecendo a velhinha do *Titanic*. – Pude ouvir Rachel murmurar para mim a certa distância, me fazendo lembrar de nossa série de terror favorita *Supernatural*, na qual um dos personagens havia dito algo semelhante ao que ela havia falado e tinha certeza que ela tinha conhecimento disso.

Me virei sorrindo levemente e ela estava parada com uma mão na cintura, parecendo uma *top model*, segurando em um dos braços uma bolsa *Prada* que sua tia lhe deu de

aniversário de 16 anos. Ela sorriu de uma maneira delicada parecendo estar em um comercial do perfume da *Chanel*, exatamente como a Keira Knightley faria.
Comecei a me arrastar em sua direção.

Não deve ser muito difícil viajar sozinha pela 1º vez, começar uma nova fase em minha vida, eu sou forte e estou com os meus melhores amigos, garanto que tudo vai ser da forma que deve ser, que eu quero que seja.
Coloquei meus óculos de sol *wayfarer* preto e mexi em meus cabelos, deixando-os despojados. Rachel agarrou o meu braço e começou a desfilar, - já que ela não caminhava, e sim, desfilava, ela era modelo da cabeça até o dedinho mindinho; enquanto eu, bem, era desengonçada, atrapalhada e desastrada, então certamente andava de uma maneira despojada e comum, nada sensual como Rachel.
Começamos a ir à direção da entrada principal do navio, onde todos os nossos colegas e professores estavam, enquanto isso Rachel falava a respeito da falta de homens bonitos no navio e, obviamente, eu ria com seus comentários.

- Até os marinheiros são feios. Isso é um desastre! – ela falou incrédula, descendo os óculos aviador até a ponta do nariz, observando um marinheiro de aparência charmosa passar por nós, erguendo, em seguida os óculos para seu devido lugar. – Estou vendo que ficarei por 01 semana na seca, isso é completamente inaceitável!

Paramos ao lado de Joana e Steve, casal sensação da nossa turma e nossos amigos de longa data.
Os dois conversavam entre si em um clima de entrosação única.
Joana era muito fofa, como uma boneca de porcelana, já Steve era a personificação de um Deus: alto, deveria ter quase 2 metros de altura, de corpo forte e malhado, fez parte do time de futebol americano do colégio por 03 anos seguidos, era um dos primeiros alunos em nossa classe e nem preciso dizer que era o garoto mais desejado de toda Durhaim. Lindo, simpático e inteligente, todas as garotas babavam por ele, porém ele só tinha olhos e coração para Joana, os dois já namoravam há 3 anos certinhos. Ele a conheceu graças ao meu intermédio, éramos parceiros na turma de biologia e acabamos ficando muito amigos. Um belo dia almoçamos juntos, e ele conheceu Joana, depois daquele dia nunca mais os vi separados.

- Eu não acredito! – Joana disse, agarrada na cintura de Steve que sorria. - Mal saímos de terras americanas e você já está querendo paquerar, Rach? – A voz suave de Joana chegava a parecer uma musica de anjos de tão doce que soava.

- E daí, Jo? Você tem namorado, eu e Kate não temos, então precisamos desencalhar aqui, oras.- Rachel falou isso com tanta segurança que me senti realmente a fim de desencalhar. – Precisamos aproveitar que estamos livres, sem supervisão de pais e em um navio incrível, cheio de estrangeiros: britânicos, italianos, alémães, coreanos, ... Ai meu coração! – Rachel repousou uma mão no coração, nos fazendo rir com sua expressão brincalhona. Caso não tenha notado ela tinha uma queda enorme por coreanos.

- Ela tem razão, amor, elas precisam desencalhar, ainda mais a Kate que está há anos sozinha. - Murmurou Steve olhando para mim com um sorriso brincalhão, o fuzilei de imediato. – Vai fazer aniversário de solteirice quando, monstrinho?

- Intimidade realmente é uma furada, sabia ? – Eu disse com certo sarcasmo, olhei para eles com uma expressão soberana.- Mas vocês três podem ficar tranqüilos, eu não estou preocupada em *desencalhar*, vocês sabem o que eu quero ? – Observava - os, sorrindo levemente, vendo que eles estavam curiosos com o que eu iria dizer. – Eu quero ser livre nessa viagem, quero viver como nunca vivi antes e fazer memórias únicas.

- Ô, passarinho, cuidado para não voar muito alto. – brincou Rachel arrancando risadas de todos nós. Dei um leve tapa em seu braço e a mesma me abraçou, dando um beijo estalado em minha bochecha, carinhosa de um modo que só ela conseguia ser.

- Garotos – disse o professor Martin apontando para o nosso grupo que no momento era o que falava mais alto na entrada principal. Nossa professora de educação física, Sharon Clark, estava ao lado dele, com um grande sorriso nos lábios, seus cabelos loiros quase brancos se mexiam levemente com a brisa enquanto ela ficava parada ali com seu corpo de *Barbie* e rosto perfeito. - Prestem atenção aqui, tenho alguns avisos a dar. – Ele pausou por alguns segundos, esperando todos se

calarem, logo continuando. – Primeiramente, fico feliz que essa excursão pôde se tornar real e espero que todos vocês se divirtam muito. Acredito que, como eu, todos vocês estão ansiosos para as cartas de admissões nas universidades, por isso, acredito que essa viagem vai aliviar os ânimos para aqueles que ainda não sabem em que faculdade vão estudar. – Senti meu estômago afundar nesse momento. Eu já sabia, Columbia. - Bom, vamos aos avisos: A administração do navio aconselhou que os professores responsáveis introduzissem regras durante a permanência de vocês aqui ... Alguns colegas começaram a reclamar, Amanda Balcon era a líder da demanda, é claro, 3 vezes representante de classe, não perde o costume de liderar. Martin fez um sinal de silêncio, e rapidamente o grupo revolucionário parou de falar; todos nós respeitávamos muito Martin, ele não era apenas um professor de inglês, ele era um amigo para cada um de nós. – Eu entendo que todos vocês pagaram as passagens, Amanda, porém a partir do momento que vocês estão aqui como um grupo em excursão, a administração vê isso como um código para confusão, já que todos são adolescentes, enfim ... Amanhã provavelmente terá em cada quadro de avisos desse navio um papel com as regras criadas. Aconselho que todos vocês andem com os mapas que recebemos na entrada e que carreguem os *Walkie Talkies* distribuídos no nosso colégio, qualquer um de vocês pode vir a se perder e qualquer um de vocês pode ajudar o *ser* perdido. Nós não somos o único grupo de excursão, então não se sintam ofendidos ou injustiçados pelas regras, todos os grupos de excursões também receberam essas instruções. – Martin pausou por alguns segundos, pensativo - Eu também fui avisado que o navio está com passageiros importantes, ou seja, evitem de transitar pela área das suítes de forma espalhafatosa e bagunceira, e sim, eu sei que a maioria de vocês tem esse costume. Esses passageiros têm grande influência na Inglaterra e é de suma importância que ninguém atrapalhe a viagem deles; foram às instruções dadas pela assessoria desses passageiros diretamente a administração. Alguma pergunta ?

Rachel ergueu o braço com entusiasmo, o professor Martin a olhou com a habitual expressão animada, como se já imaginasse o que ela iria questionar, ela deu seu melhor sorriso, imaginei logo que boa coisa não sairia daqueles lábios:

- Os passageiros importantes tocam em alguma banda de rock? – Rachel murmurou com uma voz sensual.

Todos caíram em uma gargalhada, incluindo os nossos professores, mas ela se manteve séria com um olhar malicioso.
- Não, Senhorita Ray. – Martin ergueu ambas as sobrancelhas e sorriu – Desculpe desapontá-la.

- Saco de navio! – Rachel resmungou de maneira irritada num tom de voz que só eu pude ouvir; tive que abafar a minha risada, podia jurar que ela havia revirado os olhos ao falar isso o que tornava tudo mais engraçado.

- Eu concordo com o que Amanda disse antes, nós pagamos as passagens, Martin. Pelo que eu saiba, nós não somos mais alunos da Durham Cathedral High School, nossos arquivos são deletados do sistema na noite da formatura, estamos nesse navio como um grupo de adolescentes em uma excursão, não como alunos. – exclamou Joana confiante recebendo o apoio de alguns alunos. – Por que ter que seguir essas regras?

- Eu entendo, Senhorita Teague, porém foi como eu já disse: vocês estão aqui como um grupo de excursão e de certa maneira estão representando o Durham Cathedral High School; Eu entendo que seja chato ter que cumprir certas regras, porém todos vocês serão tratados divinamente; não esqueçam disso. Estamos em um navio de primeira classe, vocês só terão que seguir algumas regras de boa convivência.

Ninguém parecia estar satisfeito com o ocorrido.
Essa situação é injusta, mas não podemos confrontar a administração, isso são regras que são implantadas antes do cruzeiro ocorrer e não podemos mudar isso só porque desejamos. Para ser sincera, eu acho que não sou capaz de achar a sala de administração para tal confronto também.
O professor Martin continuou falando sobre como organizaríamos os nossos eventos nessa 01 semana no navio, em seguida ele se retirou dizendo que iria buscar as chaves das nossas cabines, demorando alguns minutos. Quando voltou estava com uma pequena caixa em mãos lotada de cartões, pelo visto as chaves eram em forma de cartões magnéticos: coisa fina. Todos ficaram extremamente animados para finalmente ver os quartos que iriam ficar. Martin e Sharon começaram a chamar um por um de nós, entregando o cartão ao respectivo dono. Joana foi a primeira de

nosso grupo a ser chamada, ela foi animada pegando o cartão e mostrando a nós o mesmo de tom rosa, Steve foi chamado logo em seguida, recebendo um cartão de tom marrom. Eles não iriam dividir a mesma cabine, pois preferiram ficar separados por questões físicas e atrativas, como Joana dizia.
Aham, sei.
Joana iria ficar no mesmo quarto que eu e Rachel, só faltavamos nós duas recebermos os cartões.
Demorou um pouco, mas logo fomos chamadas: nossos cartões eram *pink* e fizemos um *tin tin* com eles, com expressões deslumbradas, junto a Joana. Professor Martin sorriu e mandou que nos divertíssemos.

Eu e Rachel fomos pegar nossas malas que haviam sido colocadas num canto pelos carregadores, alguns colegas nossos estavam ali, catando as malas deles também, e logo achei a minha mala jumbo vermelha e minha bolsa gigante preta. Assim que nós voltamos para nos reunirmos com Joana e Steve, vimos que eles estavam em um momento romântico: ele estava entregando as malas dela e logo, em seguida, se beijaram de maneira suave e apaixonada. Sorri levemente vendo o quanto eles eram lindos juntos. Rachel logo se aproximou deles, cortando o momento com um pouco de sarcasmo, achei meio grosseiro da parte dela, mas nada disse, as malas estavam muito pesadas e eu queria muito ir logo para o nosso quarto. Entramos no elevador, de vidros transparentes podendo assim ver tudo ao nosso arredor, e invés de subir, ele desceu. Parou no primeiro andar, no qual Steve ficou, dando um breve "até logo" para nós; o elevador desceu apenas mais um andar e ficamos no que seria o 2º, saindo quase uma em cima da outra de tão ansiosas que estávamos para ver a nossa cabine.

Eu, Joana e Rachel havíamos fechado um pacote com uma cabine (pré) suíte . O nome do pacote era bem criativo, eu sei.
Como eu nunca estive numa suíte, eu creio que uma (pré) suíte deve ser algo muito bom, já que suíte é algo ótimo.

O elevador se fechou e nos sobressaltamos com o som que ele fez, mas rimos em seguida por sermos tão bobas ao ponto de nos assustarmos com o som de um simples elevador. Joana viu o número do quarto no cartão dela, em seguida olhou

para os dois lados do corredor, apontando para o esquerdo. Assim que ela parou em frente a uma porta, paramos atrás dela de supetão.
Um número 11 em dourado brilhava na porta de mogno claro; eram duas grandes portas lembrando o melhor estilo dos navios antigos; dava para sentir o cheiro de madeira e era delicioso.
A cor era clara e combinava com o tom da parede do corredor que era charmoso e intenso num verde contemporâneo.
Joana passou o cartão em um tipo de máquina e a porta fez um clique com um simples gesto, ela abriu uma porta e eu abri a segunda.

Mas aquilo não era um quarto, pensei quase que tendo um AVC, *aquele lugar era o paraíso em alguns metros quadrados bem grandes!*

Joana parecia concordar com meu pensamento já que ela disse um sonoro "Uau" enquanto entrávamos no ambiente, uma ao lado da outra, não deixando nenhum detalhe escapar de nossos olhos curiosos.
Eu podia estar exagerando, mas aquela cabine era incrível, ia além de tudo que eu já havia idealizado para aquele ambiente, só não era mais incrível que o quarto de Rachel, que fora moldado para uma princesa, literalmente. O quarto dela era uma casa dentro da própria casa, só para ter uma ideia.

Assim que nós entramos me virei e tranquei a porta, voltando a me aproximar delas que estavam boquiabertas observando aquele éden.
Logo na entrada, tinha uma sala com 02 sofás de cor branca e uma mesa de centro de madeira escura. A televisão era de plasma, um rádio com caixas de *double stereo* estava ao lado de uma estante também de madeira. As paredes tinham um tom verde escuro muito delicado e alguns quadros estavam pendurados; a sala estava muito bem iluminada e tinha jarros de uma determinada flor, tulipa se não me enganava, espalhados por todo o ambiente de forma estratégica e sem exageros.

Na cabine haviam três portas.

Joana abriu a primeira e era um quarto com uma cama de casal coberto por um edredom azul escuro e havia várias almofadas cobrindo o topo da cama, dentro do

ambiente tinha um armário, um frigobar, uma estante com espaço para livros e cd's e uma (outra) televisão de plasma dentro de um espaço próprio para o aparelho, num canto escondido dava para ver um banheiro que era quase do tamanho do quarto; Joana sorriu deslumbrada com o ambiente.

Em seguida, abri a segunda porta e era um outro quarto com uma cama de solteiro, um quadro bem em cima de uma penteadeira e uma escrivaninha, tinha uma outra porta que estava aberta e dava para ver que era um banheiro. A única diferença desse quarto era que as paredes eram vermelho e sem frigobar, mas mesmo assim pude sentir o ar me faltar, vermelho era minha cor favorita, o quarto em minha casa era todo vermelho, e minha mãe, enlouquecia por causa disso, dizia que eu era elétrica por culpa do tom do meu quarto, coisas de mãe; era o destino trabalhando ao meu favor naquele momento, eu me sentiria em casa estando naquele quarto.
Rachel não hesitou e abriu a última porta que faltava com uma grande animação: era mais um quarto com uma cama de casal, armário, banheiro e todas as regalias que qualquer princesa iria querer e ter; as paredes eram em um azul bem claro, do tom que ela amava. Joana abriu um sorriso de orelha a orelha e puxou as malas para o quarto que ela havia aberto primeiro, como uma criança em véspera de Natal adentrou o ambiente se sentindo afortunada.

Eu fiz o mesmo, levantando minhas malas e indo para o meu quarto. Percebi que ele era o menor dos três e nem me preocupei, não era espaçosa mesmo.
Empurrei minhas malas para um canto e nem pensei em abri–las, tirei minha mochila das costas, colocando a sobre a escrivaninha, olhei para a cama me sentindo na obrigação de realizar um sonho, daquelas cenas de filmes que sempre vemos as atrizes se jogando naquelas camas enormes e macias. Eu precisava fazer isso. Dei três pulinhos e instantaneamente me joguei na cama, sentindo meu corpo afundar na mesma, e fiquei olhando para o teto por alguns segundos, sentido com o passar do tempo o balançar da água batendo na embarcação.
Até que era relaxante, pensei com um grande sorriso em meus lábios.

Eu podia ouvir Rachel dizer em admiração "Uau" a cada dez segundos em seu quarto e eu achava isso muito divertido; do outro quarto, eu escutava Joana pulando na cama rindo feito uma criança que ganhou todos os presentes que pedira ao Papai

Noel. E eu estava deitada com um sorriso nos meus lábios, encantada e admirada, aprendendo a lidar com os sentimentos de uma adolescente volúvel e nervosa para viver aventuras e novas emoções com o futuro que me aguarda.
Entretanto isso não era nada perto de tudo que eu sentia naquele momento; Eu estava feliz, plenamente feliz.

Capítulo 02

Destinados a Viver

Eu te vi ali, não sei de onde você vem
Inconsciente de que alguém te observa
Não parece se importar que eu te vi, e que eu te quero.

Qual é o seu nome? Por que eu preciso saber
Você me deixou entrar e começa a mostrar
Estamos aterrorizados porque estamos indo direto ao ponto, podemos conseguir.

Você foi a música tocando ao fundo
O tempo todo, mas você está aparecendo agora E todos estão ansiosos para conhecê-la, cumprimentá-la.

Você se vira e está andando até mim
Eu estou desmoronando e você respirando lentamente Diga a palavra e eu serei seu homem, seu homem.

Say When – The Fray

Assim que decidimos parar de nos divertir com os atributos de nossos quartos, Rachel, Joana e eu decidimos sair para uma excursão pelo navio.
Mandei uma mensagem a Chuck contando como meu quarto era incrível, junto com a mensagem mandei uma foto do ambiente, tinha certeza que ele iria adorar, conclui a mensagem mandando lembranças a todos.
Coloquei o celular no bolso, tirei a minha jaqueta de couro preta e a larguei na cama ficando apenas com a minha blusa regata vermelha e meu short desfiado. Fucei em minha mochila até encontrar a maquina fotográfica e assim que a encontrei, sai em disparada para sala do quarto, encontrando com Joana e Rachel que como eu estavam prontas para a nossa excursão e animadas.
Joana levava com si um mapa do navio e o walkie talkie do colégio enquanto Rachel só carregava o celular, a carteira, um gloss roxo sabor framboesa e um pequeno espelho para se olhar a cada cinco minutos, ambos dentro de sua bolsinha de ombro da Chanel.

Começamos a andar por todo o ambiente, começando pelo andar principal, onde passamos por diversas lojas de roupas, de sapatos, salões de cabeleireiro, lojas de brinquedos, capela, loja de cd's, livrarias, havia de tudo ali. Entramos em uma área que me recordou uma praça alimentação de shopping, porém ela era o triplo do tamanho normal, onde havia diversas lanchonetes e restaurantes dispostas em um grande circulo com diversas mesas retangulares ao centro.
Encontramos restaurantes de todos os tipos e para qualquer tipo de bolso fora dessa

praça de alimentação. Havia três salas de cinema com mais de quinhentos lugares e um teatro para mil pessoas, ambos os lugares estavam com anúncios de exibições e apresentações para os próximos sete dias. Entramos em uma região onde só havia boates, lemos no mapa que o navio tinha vinte e cinco boates diferentes onde todo o tipo de musica circulava, naquela mesma região também existia três pubs no melhor estilo britânico e irlandês. Tinha também um acqua SPA, aulas de yoga e pilares toda manhã, um solário e cassino para adultos, uma área recreativa para crianças de três a sete anos, tudo distribuídos em todos os convés do navio.
Subimos ficando um andar acima, encontramos nessa região lanchonetes de suco, cafeterias e uma sorveteria bem charmosa, andando mais um pouco vimos uma academia, Rachel imediatamente nos levou lá para dentro, vendo os freqüentadores que já estavam lá, adorando a visão que teve , ela se cadastrou tendo que pagar por dia trinta e cinco dólares apenas para a aula de aeróbica. Revirei meus olhos dando graças a Deus por detestar academia; Ela parecia ser do tamanho da praça de alimentação e logo ao lado tinha uma academia de dança onde todos os tipos de ritmos eram ensinados. Assistimos brevemente a uma aula de tango, mas foi do samba que gostamos mais de assistir e imitar. Continuamos a andar, completamente despreocupadas e curiosas.
Enquanto as duas conversavam sobre as roupas de um grupo de garotas do Arizona que haviam acabado de passar por nós, eu estava distraída tirando fotos de qualquer coisa que parecesse memorável, qualquer coisa que atraísse a minha atenção e eu iria adorar recordar em um futuro quando quisesse relembrar dos meus momentos nessa viagem para Londres. Me concentrei num casal que estava tomando um sorvete não muito longe de mim, a forma que os dois estavam um perto do outro lembravam exatamente um coração, eu não resisti e tirei uma foto dos dois,me distânciando deles com um sorriso satisfeito; olhei pro mar e tirei uma foto do mesmo, a imensidão que ele tinha chegava a me deixar arrepiada. Apertei o zoom para conseguir o infinito do infinito e consegui enxergar num local bem distante outro navio, parecia um daqueles navios de carga e estava realmente bem longe do nosso navio, o que o zoom não fazia, olhando pelos meus olhos humanos não dá nem para imaginar o que há.
Podia ouvir a risada de Joana e Rachel, não muito longe de mim, que estavam se divertindo com as estátuas de leões que tinham perto da entrada de um dos vinte

restaurantes do navio. Senti um sorriso cair no canto dos meus lábios e tirei uma foto sem elas perceberem. A imagem ficou estática e pude ver tanto Rachel como Joana rindo de maneira animada, despojadas e felizes de uma verdadeira, raramente vista. Essa vai para o mural das fotos mais bonitas que eu já tirei, pensei.

- Kate, que tal você tirar uma foto nossa aqui ? – Joana gritou apontando para uma grande estátua de um marinheiro, nem desconfiando da foto que eu já havia tirado.

Joana foi à direção da estátua, Rachel já estava ao lado da mesma e fazia poses sensuais como se fosse uma modelo em um editorial enquanto Joana fazia cara de santa, observando o monumento.
Comecei a rir com a cena e apertei o zoom novamente, tirando umas três fotos delas seguidas com diferentes expressões e poses.
Joana e Rachel continuaram rindo das estátuas e de suas palhaçadas, sempre pedindo novas fotos quando sentiam que queriam guardar aquele momento e eu as tirava sem reclama e quando dava as deixava presas em seus interesses, enquanto eu observava as pessoas que estavam ao nosso arredor.
Tão diferentes, mas ao mesmo tempo, tão iguais.
Havia um casal de idosos que conversavam baixinho enquanto observavam o oceano. A senhora estava com um leque e se abanava suavemente, mesmo com o dia não estando tão quente ela estava com roupas de tecido leve e um chapéu protegendo a pele sensível e enrugada. O senhor que estava ao lado dela estava com roupas de tecido mais pesado e segurava um guarda – sol sobre a cabeça dos dois. Era compreensível ,ambos eram idosos e o sol atingem eles de maneira bem mais intensa do que na pele de um jovem adulto; eles pareciam tão conectados um ao outro, era romântico a forma que ele tocava o rosto dela e a maneira envergonhada que ela sorria.
Mudei meu foco,comecei a observar um grupo de crianças que estavam com roupas de banho, ao lado delas tinha uma garota que deveria ter a minha idade e estava com uma aparência de acabada, como se tivesse sido atropelada por um touro, mas eram as crianças que haviam a deixado assim, a mesma estava com roupas de funcionaria do navio, ela com certeza era a monitora das crianças e o trabalho de um monitor envolvia ficar de olho em todas as crianças da embarcação, que eram separadas em grupos, leva- lás para brincar , para almoçar, lanchar e deixa –las depois em seus

quartos com seus respectivos responsáveis.

Guardei minha câmera num dos meus bolsos, percebi que Rachel e Joana não estavam mais no meu campo de visão, andei um pouco, passando no meio de duas crianças que estavam brincando de pega, logo cheguei em um pequeno corredor que descobri que dava para a sala da administração, nele tinha um grande mural com centenas de folhas presas, Joana e Rachel estavam ali lendo uma em particular. Me aproximei delas, parando ao lado de Rachel que estava tão boquiaberta que até havia tirado os óculos escuros, Joana havia feito o mesmo, prendendo os óculos no topo da cabeça.

Me lembrei que o professor Martin ia colocar as regras nos quadros de avisos ,mas ele havia dito que colocaria no dia seguinte. O papel estava direcionado aos exs-estudantes da Instituição "Durham Cathedral High School" que estavam naquela embarcação. Rachel e Joana olharam para mim e ambas estava com uma expressão nada contente,só lendo para eu poder entender:

Estudantes do "Durham Cathedral High School''.

Eu ,professor Martin Alburqueque,venho nessa atender ao pedido que os administradores da empresa de embarcações pediu para eu, como responsável principal da excursão, auxiliar no desenvolvimento de regras para vocês obedecerem.

|Regras|
• Está proibido a transição dos alunos com roupas de banho pelos domínios do navio. Roupões também estão proibidos.

• Está proibido o uso de aparelhos sonoros (como televisão,rádio, celulares com viva voz,etc.)em outros cômodos,além do próprio quarto. O uso desses aparelhos nos quartos também será proibido antes de onze da manha e depois das seis da tarde. (Apenas para rádio, a televisão pode ser usado a qualquer momento desde que aja controle com o volume.)

• Está proibido a transição de qualquer aluno(a) após dez da noite com idade menor de dezoito anos. Se o aluno for pego após esse horário ele será levado à

administração e seu responsável (Professor Martin Alburqueque e Professora Sharon Clark) será chamado para as conseqüências que o aluno (a) receberá.

• Alunos (as) com mais de dezoito anos tem permissão de participar das festas, boates, pub's ,jogos e coquetéis do navio. Os(as) alunos (as) que tiverem menos que dezoito anos terão que pedir permissão para participar para seu responsável, mediante formulário na empresa de embarcação, terá que ser feito antes da viagem.

• Em todos os restaurantes o funcionamento é da seguinte forma:

Café da manhâ: 07:30 até 10:00 **Almoço**: 11:00 até 14:00
Jantar: 17:00 até 22:00

Todos os restaurantes trabalham com reservas, podendo ser feito na entrada do restaurante de sua preferência.
As lanchonetes, casas de suco, coffe shops e sorveterias tem horários próprios.

• Os seguintes estabelecimentos: Pub's e Boates, só funcionam após as 19:00 da noite com horários próprios de fechamento.

• Todos os eventos que ocorrem no navio como festas, coquetéis, jogos, organizações em boates, venda de bebidas e cigarros, só serão liberadas ou/e feitas com a apresentação da carteira de identidade.

• Serviços de quarto são feitos a qualquer momento de dia, basta tirar o telefone central – o que se encontra na sala- que logo um dos recepcionistas irão atender. Serviços relacionados com alimentação e limpeza têm horário de funcionamento das 09:00 AM até as 22:00 da noite, contudo, o serviço de lavanderia começa a ser feito a partir das 08:00 AM, o passageiro que tiver interesse deve colocar suas roupas a serem lavadas no cesto que encontra em seu quarto e a limpeza de seu quarto ocorre todos os dias a partir das 11:00 AM.

Até o momento essas são as regras criadas. Ela terão que ser seguidas e caso aja quebra da mesma, a punição será escolhida pela administração do navio, podendo ser uma multa.

Mais informações com os professores Martin e Sharon . Atenciosamente.

- Não! – Rachel disse de maneira irritada – Proíbo isso, proíbo aquilo. O que eu vou fazer no meu quarto depois das dez da noite, se eu tivesse dezessete anos? – Rachel murmurou nos olhando e revirando nossos olhos. – Nada. Porque está no quarto depois das dez é coisa de velho.

Eu nem me importei muito com essas regras,eu sabia que a minha viagem ia ser super tranqüila.
Eu não pretendia ir nas boates, talvez só dar uma passada nas festas organizadas pelo cruzeiro , quem sabe visitar um dos pub's, mas nada que fosse me manter ocupada até as dez da noite. Eu também não escutaria aparelhos sonoros por que eu tenho o meu mp4 vermelho que é super turbinado com as minhas bandas favoritas. Eu tenho dezoito anos, então também estava liberada para freqüentar todos os lugares que seriam proibidos para os menores e poderia andar pelos corredores tranquilamente, Rachel, Joana e Steve também ,então sem problemas aparentes, por que eu ficaria estressada com essas regras? Mas aparentemente o resto dos nossos colegas não pensaram dessa maneira.

Fomos chamadas para uma reunião urgente em frente da piscina principal, ainda não tinha conhecido essa área e senti meus olhos saltarem ao ver aquele ambiente, a borda era toda feita de madeira e segura por um mármore escuro,que ficava em torno da piscina fazendo um pequeno caminho onde havia pessoas sentadas se bronzeando,não pude deixar de perceber que a piscina era gigante com a água em um tom azul claro, havia nos dois lados do ambiente dezenas de cadeiras de plásticos com um acolchoado de tom azul claro igual a água da piscina, Steve pulou um degrau e segurou meus ombros me guiado até aonde estava o nosso grupo, logo identifiquei professor Martin que subiu na borda da piscina calçando sandálias havaianas (eu logo imaginei ele caindo da borda, batendo a bunda no mármore e em seguida dando uma cambalhota de costas para dentro da piscina, não seria uma visão nada legal) ele começou a fazer um discurso com os olhos atentos em todos nós, pude reparar que havia vários passageiros sentados nas cadeiras dispostas ali, já aproveitando o sol daquela manhã, alguns até observavam a nossa reunião com curiosidade.

- Prestem atenção ,vocês são dezesseis adolescentes dentro de um navio de perdições, o que vocês esperam que os donos dessa companhia vão querer?Que vocês destruam o navio ? Atrapalhe os eventos com bebedeiras, brigas infantis, entre outros? Olha, eu sei que vocês são ótimos adolescentes, mas os administradores não sabem, para eles vocês são adolescentes. Que aprontam, mentem e querem seguir as próprias regras, eu sei que vocês pagaram as suas passagens, contudo sabíamos que haveriam regras.

De repente várias vozes começaram a gritar,uma misturada com a outra e tudo aquilo começou a se tornar uma baderna,nem os professores estavam conseguindo controlar os alunos enfurecidos. Agora os administradores tinham mais motivos para criarem mais regras. Olhei ao meu arredor procurando Steve e não o achei mais, como ele era gigante, logo o achei falando com dois colegas nossos, procurei por Joana e Rachel e não as achei, então decidi sair do meio daquilo tudo. Assim que consegui, vi quatro mãos balançando em minha direção de forma animada, eram Joana e Rachel que haviam passado pelas cadeiras, ficando encostadas na borda do navio olhando o oceano abaixo de nós com suas expressões animadas,demorei um pouco para conseguir passar por todas aquelas cadeiras sem cair ou tropeçar em meus pés, assim que cheguei ao encontro das duas, logo me segurei na borda, olhando de uma maneira inesperada o oceano, me virei de costas ficando encostada a borda como elas, fingindo que o oceano não me metia medo/enjôo/pavor de morrer e nem me fazia sentir como a Rose em *Titanic*, volto a sublinhar, sem o Jack.

- Sabia que você não ia agüentar um minuto no meio daquela gente. – disse Rachel passando uma das mãos nos cabelos sedosos dela, observando o grupo com desdém.

-Eu não entendo como eles podem ser tão infantis. – eu respondi evitando olhar para o mar, eu ainda estava ficando nostálgica toda vez que olhava para ele. – São só regras, só aceitem elas, não é difícil.

- Na realidade, eu apoio a razão deles estarem revoltados,essas regras são ridículas,a gente pagou as nossas passagens para a primeira classe e somos sujeitos a seguir ordens de uns administradores bobos que pensam que somos crianças? – Joana me respondeu com um tom rude. – Motim! – ela berrou, olhando para os nossos

colegas, erguendo um braço no ar.

Eu segurei o braço que Joana fez favor de levantar se achando a líder de alguma greve.
- Para sua louca, não esta vendo que a gente já está sendo mal recebidos sem fazer nada? – disse Rachel trincando os dentes.- Está querendo ser deportada para o mar é?

Joana se calou, cruzando os braços de uma forma irritada, Rachel continuou a olhar para os nossos colegas que continuavam a discutir, continuei encostada na borda, meus olhos caíram na piscina nascendo uma grande vontade de nadar. Eu adorava água, ela me dava forças e sempre me relaxava por completo, eu sempre me sentia bem dentro d'água, como uma criança que se diverte mergulhando e tentando boiar, eu me sentia uma criança, livre e feliz, dentro daquela imensidão azul.

Uma suave brisa bateu em meu rosto e eu fechei meus olhos, sentindo que não estava mais ali. Ela tomou conta de cada centímetro de minha pele, eu não senti frio nem calor, simplesmente era uma sensação incrível.
Era a liberdade.
Era a contestação de minha existência.
Meu coração deu uma batida mais forte em meu peito e abri meus olhos de supetão sentindo a brisa refrescante continuar a bater em minha face.
Mas havia algo de diferente agora.
Eu me sentia completamente fora de sintonia de tudo que acontecia ao meu arredor.
Não ouvia a conversa que acontecia entre Joana e Rachel ou a discussão que ainda acontecia entre meu professor e colegas ou até mesmo no som das pessoas que estavam na piscina.
A respiração não acontecia, o ar não entrava e nem saia, e eu não me importava.
Tudo culpa de uma pessoa.
Uma pessoa que eu nunca vi em minha vida.
Seus olhos tão penetrados aos meus que eu não ousava desprendê-los, tinha medo de tal coisa.
Dei um longo suspiro, ainda o observando, sentindo o ar entrar pesadamente em meus pulmões.

Ele não estava sozinho.
Tinha mais duas pessoas com ele.
Estavam encostados na borda do outro lado do navio. O vento batia graciosamente nos cabelos deles e eles continuavam belos e superiores, diferente da minha pessoa que estava tendo uma guerra com os meus cabelos esvoaçantes. Eu não conseguia ver os rostos deles muito bem, a distância atrapalhava muito, mas podia ver que eles tinham uma elegância única.

Eram três jovens.
Um deles passava sempre uma das mãos nos cabelos pretos que batia na altura dos ombros, ele lembrava muito aqueles guerreiros medievais charmosos que todas as meninas ficam babando nos cinemas. A pele dele era morena e tinha um olhar forte ,mas ao mesmo tempo ele parecia ser o mais dócil dos três, ele sorria de uma maneira encantadora conversando com seus amigos; aqueles olhos negros podiam ser enxergados de qualquer ambiente, eram opacos e fundos, ele parecia ser o único que transbordava simpatia do trio.

A única garota do trio era belíssima.
O sol estava batendo exatamente em sua direção e ele estava ajudando a sobressair bem o tom de pele dela que era um branco quase leitoso, ela estava usando um chapéu de pano charmoso, provavelmente para evitar os raios fortes do sol, ela tinha um rosto aparentemente fino e os olhos dela eram intensamente azuis que pareciam ser cegantes, não importava para qual direção ela olhava, seus olhos sempre estavam em destaques; os cabelos dela eram castanhos e tem um corte simples que batia um pouco abaixo dos ombros dela, uma franja reta batia acima dos olhos a dando um ar mais jovial. Diferente do moreno,ela parecia ser centrada e aparentemente ela estava bem descontente com algo. A cada comentário do garoto moreno ela respondia com um olhar furioso.

Ao lado dela estava ele, aquele que arrancou o ar de meus pulmões impiedosamente ,um garoto aparentemente alto ,o único de cabelos loiros e curtos , mas nem tão curtos assim ,dava para ver que ele tinha uma franja delicada jogada para o lado esquerdo de forma desalinhada.
Ele tinha um tom de pele clara, quase pálido.

Era o mais sério do grupo ,estava de braços cruzados e parecia estar pensando em algo, sua expressão era cansada, mesmo que tentasse não demonstrar isso.
Eu simplesmente não conseguia parar de olhá-lo, seus olhos eram azuis profundos e brilhavam levemente, seus lábios eram avermelhados de uma forma suave, incomum em garotoes.
Ele era tudo que sempre idealizei e por alguma razão além disso eu queria-o, como eu o queria!
Era como se ele tivesse um imã e estivesse me atraindo ferozmente.
Ele parecia tão concentrado em seus pensamentos que eu tive vontade de entrar na mente dele e vê o que fazia ele pensar tanto.
Havia sido a nossa troca de olhar?
Algum problema em sua vida?
Queria saber tudo!
Eu estava fascinada por ele, e ao mesmo tempo, em choque: eu nunca havia ficado assim por algum garoto antes.

De repente, ele moveu o rosto e eu pude ver o olhar intenso dele que estava vindo diretamente na minha direção (denovo) ,eu sentia que aquele olhar era para mim, eu sentia o meu corpo todo esquentar assim que ele continuou a me observar.
Instantaneamente um frio desceu por toda a minha espinha e meu estômago revirou de maneira nervosa. Ele me olhava de maneira indecifrável e tinha algo naquele olhar que me deixava atordoada. Ele não parecia interessado em parar de me olhar dá mesma forma que eu não queria parar de olhá-lo.
Me virei de costas com um simples girar dos calcanhares, eu não entendia por que havia feito aquilo, mas agora eu olhava o oceano, enrugando o cenho enquanto sentia minhas bochechas arderem e a confusão tomar a minha mente.

Fechei meus olhos voltando a sentir a brisa bater em meu rosto, eu queria virar e ver aqueles olhos azuis novamente, mas estava com receio de não se correspondida ,eu nunca agi dessa forma, eu sempre fui tão direta, se a pessoa não retribuísse, tudo bem, eu seria feliz com outro alguém um dia, quem perdia era ele, não eu; mas se aquele garoto não me retribuísse meu olhar, seria como se todo o meu mundo desabasse ... Por que? Eu havia o visto por cinco segundos, como ele tinha esse domínio sobre mim?

- O que houve? – Joana me olhou curiosa ,percebendo que eu estava de olhos fechados. – Está tudo bem Kate?

- N - nada demais. – Receando, pensando em uma boa resposta, mas só consegui falar o que a minha curiosidade queria. - Só me responde uma coisa: Olha para o outro lado do navio de maneira discreta e vê se um garoto loiro está olhando para cá.

Nesse momento, Rachel e Joana se viraram descaradamente para o outro lado, afundei meu rosto em minhas mãos, pedindo para que Zeus, se existisse, tacasse um raio sobre mim e me desintegrasse em pó apenas em segundos.

- Vocês não sabem a definição da palavra *discreta* ? – Olhei para elas, sentindo a quentura em minhas bochechas aumentarem.

- Ih tarde demais ,ele já viu a gente e está cochichando algo com a amiga dele. – disse Rachel repousando as mãos dentro do bolso da calça skinny preta, de uma maneira despojada, ela abriu um grande sorriso flertador e olhou para nós animada. – Meninas, que moreno é aquele? Não preciso mais viver,Deus pode me levar por que já vi a maior beleza do mundo. – Ela concluiu passando uma das mãos em seus cabelos, sem parar de olhar para o trio que pelo visto ainda estava do outro lado.

- Nossa, tem como esse loiro ser menos... – Joanna que olhava o loiro murmurou, buscando a palavra.
- Perfeito? – perguntou Rachel, sorrindo de uma maneira que lembrava uma criança.

- Não ,eu ia dizer: Tem como ele ser menos *príncipe* ? – Joana olhou para Rachel que sorriu de lado e senti as duas me olharem pelo canto dos olhos. – Ele *é* a cara da Kate ,Deus desenhou para você, vai tomar posse!

- E ele se virou de costas. – falou Rachel desanimada, como se fosse o fim da história, logo mudando de lado e ficando do meu, falando em um tom de voz malicioso. – Ele estava paquerando você?

- Ele me olhou e do nada ficou me encarando, você sabe que sou péssima com regras de paqueras, então eu só fiquei olhando para ele, sentindo minhas bochechas

entrando em combustão. – sentindo meu rosto corando novamente, fiz uma expressão desapontada, murmurei em um muxoxo. – Eu sou um desastre.

- É claro que você sabe paquerar. Você que é muito pratica e vive se escondendo dentro do seu casco ,Tartaruga. – Rachel respondeu ,com um sorriso nos lábios. – Você só precisa se soltar mais, deixar o coração se divertir em vez de ficar esperando o cara certo, para de ser tão Jane Austen! – Ela disse por fim, revirando os olhos.

- Rachel, ele só olhou para mim,ele não me pediu em namoro ou coisa do tipo. Não vamos criar um drama mexicano em cima disso. Eu só fiquei curiosa, agora esqueçam isso. – disse ,ligeiramente constrangida, impressionada pelo fato dela saber quem era Jane Austen.

- Olha se você tem medo que ele seja um serial killer pode ficar tranqüila, ele não tem porte para isso,eu já li muitas coisas sobre estupradores,serial killers e afins ,eles nunca são carrancudos ou sérios como ele, sempre tentam ser perfeitos e nunca andam em grupo. – Joana disse de uma maneira que me lembrou uma terapeuta - Não vejo mal nenhum em você investir, então pare de ser tímida e mande uns olhares bem Rachel Ray e garanto que irá fazer efeito. – Joana murmurou pensativa, e podia jurar que ela o olhava - Ele realmente parece ser um príncipe, um príncipe carrancudo, mas um belo príncipe.

- Quem parece ser um *belo* príncipe? – Perguntou Steve, com um tom de voz enciumado e ao mesmo tempo curioso.
- Garanto que não é você. – Murmurei, sem ânimo e com certo mau humor o que fez Steve fazer uma careta para mim e eu a retribuir.

- Ai amor, que susto! – Joana disse, rindo de maneira nervosa e em seguida se aproximou dele, o abraçando na cintura. - Respondendo a sua pergunta ,o *belo príncipe* é apenas um garoto que a Kate estava paquerando.

- Eu não estava paquerando ninguém. – falei com uma voz fina ,estava começando a ficar envergonhada novamente e não entendia porque isso estava acontecendo, pude sentir meus dentes trincarem . – Ele é que estava me olhando, e-eu só olhei de volta.

- Quem é? – Steve murmurou, olhando pros lados, procurando a vitima. - Mostra-me.

- Nem ousem mostrar. – apontei para Joana e Rachel, não queria que aquilo continuasse, odiava ser incentivada a fazer algo, ter esperanças e acabar decepcionada. E era isso que sempre acontecia, pelo menos, foi o que ocorreu no meu primeiro e último namoro. E além do mais, eu iria ignorar tudo aquilo que senti pelo garoto loiro, por que eu não estou interessada em flertação, paqueras, etc.

Se meu nariz começar a crescer vou saber que sofro da síndrome de Pinóquio. Argh! Era mentira.
Eu queria flertar com aquele garoto e eu nem o conhecia, nunca o virá em minha vida toda, mas queria flertar com ele, queria fazer tudo que nunca fiz por um garoto antes, eu enfrentaria a minha timidez se fosse necessário ... E ao mesmo tempo, eu ficava completamente atônita com os meus pensamentos.
O que estava acontecendo comigo?
O que aquele garoto havia feito comigo?

- Não está mais aqui quem falou.- Joana murmurou na defensiva.
- É bom mesmo - disse Steve, olhando para a Joana que sorriu timidamente, ganhando um beijo no topo da cabeça.

- Ai que lindo! Você está com ciúmes. - falou Joana com animação, em seguida ela pulou encima de Steve dando um abraço na mesmo, ela ficou com os pés no ar por alguns segundos enquanto eles dividiram um apaixonado beijo. – Amor fique sabendo que você é o príncipe mais belo e perfeito para mim.

Preciso concordar com Joana, Steve era um príncipe.
Ele tem um rosto dos Deuses.
O sorriso dele arrepia qualquer um.
Seus dentes são brancos e perfeitos, seu sorriso é grande e sincero o tempo inteiro, ele atraia as pessoas para perto de si com sua simpatia e carinho.
Os olhos dele são de um castanho claro único e os cabelos dele são curtos e arrepiados de uma forma despojada, de um tom castanho que contrastava com sua

pele amarronzada. O físico dele sempre foi um grande atrativo dos olhos femininos,nem muito forte nem muito magro,no ponto certo. Preciso confessar, Steve é o tipo de garoto que faz qualquer garota parar para suspirar.
Bom, ele não causava esse efeito em mim, éramos amigos a três anos e eu nunca tive o menor pensamento pervertido com ele, eu o via como um irmão e sabia que era recíproco, mas não negaria sua beleza.

- Eu não estou me sentindo muito bem. Esse mar está me deixando meio enjoada. – Rachel disse com um tom de voz soberano, mas pude ver o olhar meio estranho que ela mandou para Steve e em seguida,começou a se afastar da gente.

Eu nem tinha reparado a maneira que ela estava observando o abraço de Joana com Steve. Foi nesse instante que reparei como ela estava se comportando estranho nos últimos tempos quando saiamos e/ou ficávamos com eles. Ela sempre ficava distante e os observando de uma maneira estranha, de uma maneira que nunca vi Rachel olhar para alguém e principalmente, para eles.
Até parecia que ela estava com... Ciúmes ou algo do tipo.
Curioso... Rachel nunca foi do tipo de sentir ciúmes dos amigos.
Ergui ambas as sobrancelhas, voltando a minha atenção para o casal que continuava juntinhos ali.

Eu observei Joana sorrir para Steve e o beijar suavemente, pude perceber que Steve não estava muito contente, ele estava olhando Rachel se afastar e ao mesmo tempo envolvido no beijo com Joana, aquela situação estava muito estranha e não me surpreendi quando Steve se afastou do abraço de Joana a puxando delicadamente pela mão, ficando próxima a mim. Ele reparou que eu o olhava seria e tive a sensação que ele respirou de maneira profunda, logo enrugou o cenho, enquanto Joana estava serena, completamente ingênua do que eu desconfiava.

- Kate ,eu depois queria conversar com você sobre um *assunto*. – disse Steve, sério e com um tom de voz misterioso.
- Sobre? – perguntei cruzando meus braços e erguendo uma sobrancelha de imediato.
- Ah... er ... – meio em dúvida, trocando um olhar rápido com Joana que sorriu, curiosa, ele voltou a enrugar o cenho e me olhou. – Sobre Londres.

- Amor ,você não comprou aquele livro gigante sobre Londres ,precisa saber de mais coisas? – perguntou Joana ,com um olhar desconfiado. – Vamos passear por lá e não fazer um PhD cultural como a Kate.

- Claro que preciso, - falando com um tom falso que eu já conheço há anos, fazendo minha expressão se fechar mais ainda, mas ele tentava parecer sincero o que era pior. - Eu não quero me perder e nem fazer você se perder por culpa minha, meu amor. – Ele sorriu e me olhou dando uma piscadela para mim .- Então, a gente pode conversar na festa de boas vindas sobre Londres? – ele abraçou Joana que retribuiu o mesmo carinhosamente e eu afirmei com a cabeça observando a cena, mordendo a minha língua para não confrontá-lo agora com palavrões e alguns tapas, querendo saber de imediato o que ele estava a me esconder. – Que tal se a gente fosse agora para a sala de jogos?- perguntou ele ,com uma animação espontânea.

- Eu passo. – completamente desanimada, depois de toda aquela cena, eu queria vomitar. Problemas a vista, Kate, era o que minha mente dizia. – Eu não me importo de ser vela para vocês, mas não estou no clima hoje.

- Boba. – Joana sorri e deu língua para mim como se fosse uma criança e em seguida puxou uma das mãos de Steve e os dois passaram pelo pequeno grupo de alunos que restou da nossa turma e logo sumiram.

A veia da testa do professor Martin tinha parado de se dilatar e aparentemente agora os alunos só queriam tirar dúvidas com o professor sobre as regras. Isso é bom já que agora eles não estão desesperados para mudar as regras que foram imitidas e sim aceitando tudo.

Professor Martin me olhou e fez uma careta mostrando tédio e eu ergui ambas as sobrancelhas, fazendo uma expressão de quem não podia fazer muito. Esse era o nosso jogo de professor e aluna,ele fazia careta ,implicava com o meu time de futebol favorito e era um ótimo conselheiro, eu retribuía as caretas, tirava boas notas na matéria dele e tentava seguir seus conselhos.

Fechei os meus olhos e abaixei levemente minha cabeça ,sentindo uma brisa leve correr pelo ar. Ergui minha cabeça olhando para o outro lado do navio.

Esquecendo-me completamente...Daqueles *olhos azuis*...Do garoto loiro.
Ele estava olhando para mim,mas dessa vez o olhar foi mais agradável, leve ,charmoso e até diria curioso e ele não afastou o olhar quando me viu o observando.
Talvez ele tenha visto algo em mim que tenha chamado a sua atenção.
Só sei que retribui o seu olhar, sentindo minhas bochechas queimarem, mas minha curiosidade só aumentar, notei que ele me observou e abaixou o rosto, mas rapidamente me olhou novamente.
Como se tudo aquilo já tivesse sido ensaiado por nós.
Se bem que eu acho que ele nem precisava ensaiar muito para parecer charmoso e sexy.

- Tinha como ele ser menos ...meu?, pensei sem modesta alguma levando um dedo aos meus lados e sorrindo levemente para ele.

Nesse momento pude perceber que o garoto de cabelos negros tinha percebido que o amigo estava me encarando e me olhou também.
Ele abriu um grande sorriso olhando não só para mim,mais para o amigo também.
Ok, já chega.
Eu não iria mais ficar ali, tímida e escondida em meu casco, eu ia agir.
Isso, chegaria até ele e diria: "Olá, eu sou Kate Farrell e você é quem?"
Parecia idiota, mas eu agiria e faria com que aquele momento perdurasse não apenas em olhares e flertação.

O garoto loiro olhou para o amigo e foi nesse momento que eu decidi sair da vista deles, passei pelas cadeiras sem encostar em nenhuma delas, com um sorriso confiante em meus lábios, subi os degraus pronta para ir na direção dele, de um modo sensual ensinado por Rachel nunca antes colocado em pratica por mim; ele que me olhava atento agora, com ambas as sobrancelhas erguidas como se estivesse surpreso com o meu ato, aquilo daria certo, pensei com certeza, eu daria o primeiro passo pela primeira vez em minha vida em um relacionamento amoroso, estou tão orgulhosa de mim ...

Sabe aquela frase: Não cante vitória antes do tempo? Então, preciso me lembrar dela mais vezes.

Eu me esqueci que sou uma atrapalhada nata e incurável, assim que dei uns seis passos em direção a ele (faltando uns cinco para parar a sua frente) sorridente e sexy e o mesmo ainda me olhando surpreso e seu amigo com um grande sorriso, escorreguei com tudo no piso de madeira molhado, dei um grito e o resto, foi estrondo e risadas gerais. Senti minha bunda latejar e a minha face deve ter ficado de um vermelho tomate, enquanto sentia meu short ficar todo encharcado em segundos. Um buraco negro seria algo bem bacana agora, eu me jogaria lá dentro e morreria de vergonha em paz.
Era inútil lutar contra a gravidade, Kate Farrell. Lide com isso, disse uma voz rude em minha mente. Ok, irei tentar.

O professor Martin se aproximou de mim evidentemente segurando o riso, enquanto fazia uma expressão de preocupação que não combina com ele, me ajudando a levantar junto com Tom,o meu colega de turma surfista, seus cabelos de tamanho médio e loiros eram grande motivos de inveja branca da minha parte. Como ele conseguia manter os cabelos dele tão brilhantes e sedosos e os meus (que passavam por diversos tratamentos hidrantes semanais) sempre tinham um milhão de nós espalhados por toda a extensão da minha cabeça? Argh!

- Você esta bem ? – perguntou Martin, ainda segurando o riso, me observando ficar de pé.

- Eu estou ótima, cair é algo natural para mim, Martin. Só fiquei com a minha calça encharcada, o único dano visível. – Murmurei, evitando olhar ao arredor, mexendo em meus cabelos de maneira despojada, além do mais, cair era algo costumeiro para mim, não para os outros, reles mortais.

- Isso não é problema gata ,é só deixar na lavanderia que eles lavam e ainda secam, tudo de graça. Serviço exclusivo do cruzeiro – disse Tom com um sorriso branco e tom de voz calmo, Martin e eu o olhamos sérios. – Eu li no panfleto.

Martin olhou para Tom e ergueu ambas as sobrancelhas, ficando pensativo. Talvez fosse uma informação que ele não soubesse, como eu não sabia ou talvez estava descrente que Tom (o mister amo praia, mulheres e bebidas) soubesse disso. Assim

que me senti recomposta fiz uma careta para os dois, sorrindo levemente.

- Podem rir agora garotoes, eu estou bem. –Martin e Tom riram levemente acompanhando a minha risada, eu estava acostumada com minhas idiotices e ri era o mínimo que podia fazer nesse momento, era natural para mim cair. - Se existem mutantes, eu devo ser um deles, eu tenho a incrível habilidade de cair, se encontrarem o professor Xavier mandem ele me ligar. Agora se vocês não se importam, eu vou trocar de short. – Murmurei, fazendo uma careta. – Antes que eu comece a mofar.

Eu definitivamente não olhei para onde o garoto loiro estava, eu estou acostumada a cair e não sinto a menina vergonha por isso, mas ... Não era o momento para me aproximar dele, de shorts molhados como se ele fosse o último Doritos do planeta. Não, eu podia esperar pelo momento certo.
Era evidente que não era agora, então ...

Comecei a sair do ambiente, sem olhar para trás, apenas dando um breve aceno para Martin e Tom. Fui em direção do saguão principal, com o propósito de ir para meu quarto trocar de shorts.

Minha mente começou a ficar tomada pelos últimos momentos ao lado de meus amigos. Rachel estava incomodada com alguma coisa já fazia um bom tempo, ela só não tinha deixado tão óbvio como hoje, pelo visto Steve também estava incomodado com algo por que ele queria conversar comigo e isso não era bom; todas as vezes que ele conversava comigo mentindo para Joana sobre o assunto era por que o que ele ia falar seria muito sério, a última vez que conversamos assim foi quando os pais dele se separaram e Steve passou uma barra para lidar com essa situação. Não estava gostando nada daquilo, mas talvez fosse coisa da minha mente, mas sentia que não era algo nada bom para muitos. Eu não poderia falar sobre esse assunto com Joana, mas poderia perguntar a ela se perceberá que Rachel está estranha, talvez ela tenha percebido o mesmo que eu ou não; dependendo da resposta, questionar a Rachel seria a melhor opção, estava realmente preocupada com a minha amiga, é difícil vê-la assim.

Passei o cartão na maquina e de imediato ouvi um clique na porta, a abri e fechei logo em seguida, nenhuma movimentação foi feita, todos os quartos estavam abertos e eu era a única ali, fui até o meu quarto e peguei minha mala, colocando-a em cima da cama, a abri observando como tudo estava arrumado. Todas as minhas roupas estavam separadas em tipos e guardadas dentro de uma bolsa plástica de zíper, tirei a de calça jeans, de vestidos e de blusas achando a bolsa com os shorts, peguei um branco e logo vesti os mesmos. Não fiz questão de fechar a mala, pensei em tirar o all star e colocar uma rasteira, mas não fiquei inclinada a tanto. Indo para a sala, reparei em um cesto grande e de rodinhas que estava no canto da porta, havia um papel plastificado ali escrito "Lavanderia" atrás vinha explicando tudo que deveria ser colocado ali, todos os tipos de roupas, menos as roupas íntimas. Todos os dias, as 08:00 da manhã a camareira iria nos quarto trocar os lençóis e colchas, pegar as toalhas e roupas colocadas naquele cesto e tudo seria devolvido até as 20:00 da noite. Ergui ambas as sobrancelhas, impressionada com a eficiência, voltei no meu quarto pegando o short molhado e joguei no cesto.

Passei o cartão na maquina e sai do quarto ouvindo um clique.
Três crianças passaram correndo pelo corredor enquanto uma jovem gritava para eles se comportarem. Ergui minhas sobrancelhas com uma expressão irônica pensando firmemente: Eles estavam se comportando ... Como crianças, oras. O que ela esperava? Não peguei o elevador, fui direto pelas escadas que eram envoltas com uma parede delicadamente emoldurada por diversas pinturas seculares, os degraus eram revestidas com um tapete liso de tom escuro,os subi indo em direção ao saguão.
Assim que cheguei nele pude ver como encontraria todos os tipos de pessoas ali. Haviam franceses observando uma estátua, eles falavam como a estátua era perfeita, na língua deles. Um grupo de japoneses tiravam fotos em frente da vista direta ao mar, havia um grupo de brasileiros sendo guiados por um monitora americana de cabelos loiros platinados. Dava graças a Deus por não ter nenhuma monitora me seguindo naquele momento, odiava esse tipo de excursão e sabia que não ia demorar muito para Martin nos avisar sobre algum trajeto guiado dentro do navio com algum monitor sabichão e de voz chata nos levando para lá e para cá.
Sai andando de maneira tranqüila pelo corredor, poderia dar uma passada na sala de

jogos que ouvi dizer que tinha mais de três mil jogos diferentes, talvez Steve e Joana estivessem lá.
Rachel não estava no quarto, então ela deveria estar passeando pelo navio. Peguei meu celular e mandei uma mensagem para ela querendo saber aonde ela estava.
Aproveitei e vi a mensagem de Chuck dizendo que mamãe e o pai dele tinha deixado ele ir para a colônia de férias do colégio junto com Jamie, amigo dele e que ele iria nesse fim de semana só voltando em um mês. Respondi que isso era legal e que queria muitas fotos deles lá. Falei que ia tomar um suco e aproveitei para perguntar se ele havia percebido se a Rachel estava estranha nesses últimos dias?
Chuck era tão observador quanto eu e ainda nutria uma paixão pela minha melhor amiga, talvez se eu tivesse sorte, ele teria notado algo.

Voltei a guardar o celular no bolso e continuei a andar, pararia na primeira casa de sucos que aparecesse no meu caminho. Fiquei curiosa com um casal americano que passou por mim parando para observá-los de forma discreta, os dois eram super tatuados e cheios de piercing, seus cabelos loiros batiam na cintura e eles eram altos e atléticos, a mulher segurava uma menina de cabelos loiros vivos no colo, os olhos azuis dela brilhavam e deveria ter em torno de 3, 4 anos. Sorri levemente vendo que família bonita eles formavam, de repente meu sorriso se desmanchou e pude sentir que as minhas bochechas estavam queimando e não era por causa do sol, eu teria me virado de imediato para a frente, mas não consegui.
Estava petrificada novamente.
Obviamente, que era culpa daqueles olhos azuis profundos que estavam me olhando atentamente.
Os dois garotos estavam a alguns passos de distância de mim, o garoto moreno tagarelava alegremente alguma coisa com o garoto loiro que nada falava, ele me olhava atentamente, de repente pude ver no canto dos seus lábios surgir algo que lembrava um sorriso. O garoto moreno percebeu e olhou para frente, nossos olhos se encontraram por alguns breves segundos e eu me virei para a frente, voltando a caminhar, o único problema foi que comecei a caminhar no carpete e eu não lembrava que ele fosse tão liso. Só sei que em questão de milésimos a única coisa que pôde ser ouvida foi o som agudo do meu grito e em seguida o estampido do meu corpo na madeira.

Por sorte não bati a cabeça no chão, por que no jeito que sou azarada, eu teria ficado com uma amnésia.
Pude ouvir uma gargalhada alta logo atrás de mim, a pessoa que ria estava se divertindo as minhas custas pelo visto, não poderia culpá-la, realmente era engraçado. Como uma pessoa consegue cair tanto assim?
Me sentei de imediato, enquanto algumas pessoas me observavam com expressões curiosas, comecei a rir de mim mesma, um japonês se aproximou e me perguntou num inglês bem estranho se tudo estava bem, respondi em japonês que sim, estava ótima e que não precisavam se preocupar. O japonês se impressionou provavelmente por eu falar a língua dele e em seguida sorriu fazendo uma reverencia com a cabeça e se aproximando do grupo dele, balancei a cabeça negativamente, algumas pessoas passavam olhando para mim no chão, provavelmente pensando por que aquela louca estava ali, sentada no meio do corredor, rindo.
Senti uma mão segurar o meu ombro e a base das minhas costas me ajudando a ficar em pé,assim que o fiz me virei para agradecer a pessoa que me ajudará, mas travei ao ver que o meu ajudante era o amigo moreno do garoto loiro.
De perto, pude ter a confirmação de como o garoto moreno era bonito. Sua pele era de um moreno invejável, seus olhos realmente eram opacos e profundos, num negro que eu nunca virá, seu nariz era delicado, os seus cabelos eram castanhos escuros e batiam em seus ombros de maneira pesada e graciosa, ele era magro e alto, talvez fosse uns dez centímetros maior que eu. Ele abriu um grande sorriso de dentes brancos perfeitos.
- Por favor, não caia novamente. Temo pelos danos que você pode causar a você mesma. – Ele murmurou animado com um tom de voz forte e com um sotaque britânico invejável. – Você está bem? Porque eu ouvi você responder aquele homem naquela língua estranha e pensei por alguns instantes que você talvez fosse uma alienígena ou algo assim.

Comecei a rir com a sua brincadeira e o mesmo me acompanhou com uma gargalhada confiante e animada logo reconhecia aquele riso ,havia sido ele que rirá quando eu cairá.
- É japonês e sim, eu estou bem. – Respondi suavemente, balançando a cabeça positivamente.

- Que bom. Bem que desconfiei que era japonês, deve ser uma língua bem difícil de aprender não estou certo? – Ele questionou, ainda com um grande sorriso nos lábios.
- Até que não, mas eu não conto por que tenho certa facilidade para idiomas. – falei pensativa.

- Que tal você falar mais sobre essa facilidade e dessa sua habilidade de cair no chão, enquanto tomamos um café? Eu e meu amigo estávamos indo fazer isso agora, quando você caiu no meio do caminho, interditando a via. – Ele perguntou, dando ênfase a palavra **amigo** e em seguida dando uma olhada para o lado com um certo sorriso maroto nos lábios.

Senti toda a minha espinha gelar quando vi que o garoto loiro estava a menos de cinco passos de distância de mim, mas não era isso que causou o frio em meu ser, era seu olhar que não desgrudava de meu rosto, ele desviava por breves momentos, mas sempre voltava a me olhar sem esboçar nenhum sorriso, careta, ou alguma coisa relevante, apenas me olhava. Ele era indescritível.
Eu podia pensar em como descrevê-lo, mas minhas palavras não pareciam ser o bastante. Seus cabelos eram loiros com mescla de tons de loiro escuro. Suas sobrancelhas eram espessas e escuras, seu olhar era forte e o brilho dos seus olhos azuis profundos me prendiam ali por muito tempo, seu nariz não era delicado como o de seu amigo, mas combinava com todo o seu rosto, seus lábios eram grossos, mas de uma forma suave e eu vi como eles eram naturalmente avermelhados combinando com o tom creme de sua pele. Ele tinha um rosto mais jovial do que seu amigo, que tinha feições maduras.

- N-não. – Gaguejei, sentindo um turbilhão de sentimentos entrando em confronto comigo e o nervosismo me vencendo.

O garoto loiro prendeu seus olhos em minha direção de uma maneira espantada, pude ver que toda sua expressão se enrijeceu e vi que uma de suas sobrancelhas se ergueu levemente, sem conseguir parar de me olhar por nenhum milésimo e por incrível que parecesse, eu já não me sentia sem graça ou corada, eu gostava de ser olhada por ele e gostava de olhá-lo, sem pudor algum.

- Ok. – O garoto moreno disse, erguendo ambas as sobrancelhas, ele olhou para o garoto loiro que o observou atento – Convença – a , você é muito melhor em persuasão do que eu.
- Não. – Disse de supetão, repousando minhas duas mãos em meus bolsos – Quer dizer, ssim. – Em seguida falei pausadamente, olhando para o garoto loiro que me observava confuso - Eu quero tomar um café com vocês.

O garoto moreno sorriu vitorioso olhando para o amigo que olhava para nós sem nenhuma expressão,começamos a caminhar, eu ia ao lado do garoto moreno enquanto o garoto loiro andava atrás de nós, sem nada a dizer, o amigo dele não parava de tagarelar, falava sobre Londres, sobre café, sobre filmes, sobre o meu japonês, e ele falava rapidamente e sempre animado, era impossível falar com ele sem rir, enquanto o garoto moreno era extremamente simpático e vivo, o garoto loiro era calado e calculista.
O garoto moreno me contava sobre suas férias em Los Angeles no último ano, mas um som de celular começou a tocar o fazendo parar de falar e andar, eu imitei o movimento dele e vi que o garoto loiro também havia parado. O som não vinha de mim, nem do garoto moreno. O garoto loiro colocou a mão no bolso e tirou um Iphone, ele ergueu ambas as sobrancelhas fazendo a primeira expressão em minutos.

- Licença. – Ele disse com um tom de voz firme e grosso, com um sotaque britânico perfeito, ele olhou para o garoto moreno com uma expressão seria, se afastando de nós.
O garoto moreno ergueu ambas as sobrancelhas sem grande afetação e ficou a me observar, com uma expressão curiosa.

- Isso acima da sua boca ... é um adesivo ou é uma pinta mesmo? – O garoto moreno perguntou, apontando na direção da pinta preta que eu tenho acima da minha boca. Ele era muito engraçado, seu jeito de falar animado com expressões e caretas engraçadas, esse garoto era impagável.

- Não, é uma pinta mesmo. – Eu disse, sorrindo levemente. Essa era uma pergunta comum que me faziam, sobre a minha pinta e minhas olheiras – Minha mãe costuma me chamar de Marilyn Monroe por causa dessa pinta.

- Ela é extremamente charmosa. Deve causar inveja a muitas garotas. – O garoto moreno disse, sorrindo levemente.

Continuei a sorrir e pude ver quando o garoto loiro desligou a ligação ficando com uma expressão de raiva, parecia que uma nuvem negra havia parado em seu rosto, não havia mais nada de doce e gentil naquela expressão, ele estava com uma expressão furiosa. O garoto moreno percebeu a aproximação do amigo e o olhou, preocupado.

- Algum problema? – Ele murmurou, com certa preocupação.

- Amelia me ligou avisando que nossa tia quer conversar conosco urgentemente e agora. – O garoto loiro disse entre os dentes, segurando firmemente o Iphone, olhando para o amigo moreno - Temo que seja algo sério. – Foi nesse momento que ele me olhou e pude ver toda aquela expressão de raiva se dissolver em uma expressão de embaraço e pesar – Creio que o café terá que ficar para outro momento.
- Ah, tudo bem. – Murmurei, tentando parecer tranqüila sobre isso, mas no fundo senti meu coração afundar em meu peito.

- É uma pena. Então, nós vemos por ai ... Qual é o seu nome mesmo? – O garoto moreno questionou, enrugando o cenho com um sorriso maroto nos lábios.
Balancei a cabeça positivamente e ergui ambas as sobrancelhas com um sorriso malicioso nos meus lábios.
- Não vai saber meu nome tão fácil assim. – O olhei, mas aquela resposta era para o garoto loiro que me observou com uma expressão curiosa agora. – Tchau, garotoes britânicos.

Murmurei com um tom de voz animado, girei meus calcanhares e comecei a caminhar tranquilamente em frente, eu não ousava olhar para atrás, mas uma emoção maior tomou conta de mim e eu olhei encontrando aqueles olhos azuis profundos me olhando com intensa curiosidade. Sorri de lado e não esperei nenhuma reação dele voltei-me para a frente; após entrar em três corredores, encontrei uma casa de sucos, entrei la e comprei um suco de morango com menta. Fiquei sentada em um banco de madeira, com as pernas dobradas feito Buda e fuxicando as mensagens que tinha

recebido.
Chuck perguntou se ele deveria convidar Claire, a paquera dele no colégio para ir para a colônia de férias com ele, respondi que sim, que ele deveria agir se sentisse que era isso que o coração dele queria.
Abri a mensagem que Rachel me mandou:

Rachel.
Estou conversando com um grupo de alémães na piscina com tobogã, fica no lado leste do navio, por que você não vem para cá, garanto que traduzo tudo que eles me disserem sobre você (=

Kate.
Não, muito obrigado. Estou tomando um suco de morango com menta. Hmmmm... Clareia a minha mente com uma coisa: Para que um cara convida uma garota para tomar um café?

Entrei no meu twitter e resolvi escrever que estava me delíciando tomando um suco de morango com menta vendo aquela vista incrível do oceano.
Coloquei meu celular para vibrar, assim seria mais fácil saber quando me ligavam ou mandavam mensagem. Não demorou muito para o celular vibrar, era Rachel me chamando para uma conversa pelo programa de mensagem automática.

Rachel.
Ele convida uma garota para tomar café para conhecê-la melhor. Por quê? Quem te convidou para tomar um café?

Kate.
O amigo moreno do garoto loiro.
Rachel:
O QUE? Mas, ele parecia estar namorando com aquela garota branquela lá ...
Kate.
Eu não percebi isso, mas o garoto loiro estava conosco.

Rachel.
AH MEU DEUS!!!

Ele estava brincando de cupido, é claro.
O amigo dele deve ser tímido por isso que ele quis ajudar. Me conte, o que você disse? Você aceitou,é claro.

Kate.
Primeiro eu disse não, eu fiquei muito nervosa, mas ai eu concordei.

Rachel.
E como foi? Me conta tudo. O que eles falaram? Como ele é? Fofo? Tímido?Chato? Metido?Sexy?Quais são os nomes deles?

Kate.
Calma!
Não aconteceu nada.
Eu conversei muito com o amigo dele, o amigo dele é um fofo, engraçado, fala a beça, parece muito com você. Agora o garoto loiro ficou quieto o tempo todo, só me olhando.

Rachel.
Será que eles são vampiros?
Kate.
Cala a boca, pimentinha.

Rachel.
Nunca me calarei.
Me fala, o que eles pediram para beber? O que mais houve?

Kate.
Sangue. Não surte,estou brincando.
Nada por que nem chegamos a tomar café juntos, uma tal de Amelia ligou pro loiro falando que a tia deles queria conversar urgentemente com eles, ai ele me olhou e disse com aquele sotaque britânico lindo: Creio que o café terá que ficar para outro momento.

Rachel.

OMG! OMG! OMG!
Outro momento , definitivamente isso é um convite.
Britânicos? MEU DEUS, meu ponto fraco de número 02. E os nomes, Cat, vamos lá, não me enrola.

Kate.
Eu não sei. Quer dizer, não teve momento para questionar nomes.
O moreno perguntou meu nome todo curioso e eu disse: Não vai saber meu nome tão fácil assim.

Rachel.
Uau, deu a Rachel total em você. Então, você não sabe os nomes deles?

Kate. Nop.
Rachel.
E nem eles sabem o seu?
Kate. Nop.
Rachel.
Me diz onde você está que eu vou ai te matar nesse instante com o meu Jimmy Choo.
Kate se encontra offline.

Voltei a guardar o meu celular no bolso.
Tomei o último gole do suco, fazendo aquele barulho irritante sugando o nada dentro do copo (eu adorava fazer aquele barulho) me levantei e joguei o copo no lixo, satisfeita.

Entrei por um corredor, passando por um grupo de americanos que estavam sendo guiados por um monitor, comecei a caminhar pelo corredor, observando curiosa alguns vestidos em uma loja de marca muito conhecida. Parei em frente de uma livraria e entortei os lábios, pensando "porque não?".
Exatamente, eu estava a menos de três horas ali dentro e já havia descoberto que algo estava acontecendo com os meus melhores amigos Steve e Rachel, eu estava flertando com um garoto britânico e nesse instante já estava recorrendo a uma

livraria como forma de diversão.

Eu sou completamente viciada em romances, os meus favoritos são os de Jane Austen. Tem uma pureza ,uma mágica nas palavras que ela escreveu que me transporta para aquelas épocas que ela transcrevia, Orgulho & Preconceito é o livro mais perfeito que já existiu, eu sou tão viciada nele que tenho diversas cópias, em línguas diferentes. Eu também tenho uma fixação por "As Crônicas de Nárnia",e esse foi o primeiro livro que bati os olhos quando entrei em uma das estantes principais. Eu estava em dúvida entre "O leão,a feiticeira e o guarda roupa" e "A Última Batalha." mesmo já tendo lido os dois para mim era difícil escolher qual dos dois eu ia reler naquele momento. Me afastei das estantes com os dois livros em mãos,me sentei próxima a lareira que estava apagada e observei a livraria. A porta estava fechada ao lado dela tinha um vaso que parecia ser de porcelana. Um pouco mais a frente tinha três mesas retangulares distribuídas ao lado esquerdo e direito próximas a entrada,cada mesa tinha um bloco de folhas ,canetas dentro de um copo feito de madeira e um abajur . Havia um casal em uma das mesas,o garoto estava atento no que a garota estava escrevendo e de vez enquanto ele sorria parecendo estar sem graça com algo que ela dizia. Algumas estátuas de porte caro estavam perto da lareira onde eu estava próxima, como também tinha uma salinha que levava para as estantes de livros, onde tinha seis estantes enormes com a madeira do móvel de cor escura e aparência antiga. O cheiro daquela sala era característico de lugares com coisas velhas e mesmo sendo alérgica, eu adorava aquele cheiro.
Era um cheiro que atacava a minha rinite ,mais era um dos cheiros que eu mais amava sentir. Aquele cheiro despertava as lembranças de minha infância e me levava para o primeiro livro que eu havia lido em minha vida: Branca de Neve. Pode não ser a minha história favorita ,mas foi o primeiro livro que li e depois daquele dia eu não parei mais, descobrindo também a minha paixão pela escrita.

Decidi ler *O Leão, a feiticeira e o guarda roupa* adorava ler o pessimismo de Edmundo ,a inocência de Lucia me confortava ,o ar jovial de Susan colidia com isso e eu sonhava com um irmão igual a Pedro. As palavras de C.S Lewis estavam sendo devoradas por mim e nem parecia que eu já havia lido aquele livro,de repente dei um longo bocejo e percebi que a sala estava um pouco escura. Fiquei de pé apoiando um joelho na poltrona onde eu estava enroscada e observei a paisagem do anoitecer cair

por entre o infinito do oceano. Meus olhos lacrimejaram com aquele bocejo e decidi abandonar a minha leitura. Devolvi o livro a sua respectiva estante e fui embora da livraria, caminhando pelo corredor em direção a entrada principal, com a ideia de ir para meu quarto. Reparei que o ambiente estava muito mais movimentado do que mais cedo, todos os tipos de pessoas se encontravam ali, cada vez que me aproximava mais da entrada principal reparei que havia varias pessoas com roupas de estilo fino. Mulheres com vestidos longos e homens com smokings que faziam eles lembrarem cruelmente pingüins. Me lembrei que haveria a primeira festa de boas vindas da organização do cruzeiro e com certeza que tinha que ir, mesmo estando com um pouco de sono e cheirando a naftalina graças aos livros velhos, eu precisava comparecer a minha primeira festa em um navio.

Entrando no quarto percebi que Joana e Rachel estavam em colapso por causa da festa, as duas ficavam correndo dentro do local indo de um quarto a outro, buscando por sapatos e maquiagens emprestada.

- Kate, você trouxe aquelas argolas de prata enormes? – Rachel gritou do quarto dela para mim.
- Sim, vou pegar para você. – Murmurei, me arrastando para meu quarto, diferente delas, não estava tão animada para a festa, mas estava contente por vê-las felizes.

O que me resta fazer agora?
Escolher o vestido para a festa de abertura é uma boa opção.
Eu não sou uma garota festeira, na realidade, eu sou bem caseira, mas não recuso uma festa, adoro dançar mesmo não tendo muita coordenação motora, gosto de boa música, gosto de me divertir com meus amigos e tinha certeza que aquela festa de boas vindas seria ótima.

Enquanto tomava banho comecei a pensar em como a vida muda em um piscar de olhos, eu sempre havia percebido isso, mas não é algo que você pensa muito, apenas quando você vê que sua vida está mudando.
Não havia nem 24 horas que eu estava naquele navio e varias coisas interessantes e de tirar o fôlego já tinham acontecido.
Steve queria ajuda em um assunto que estava escondendo de sua namorada, Joana,

minha amiga, querendo ou não, terei que ajudar Steve com o que ele for me contar, ele é meu melhor amigo, como um irmão, contudo infelizmente sinto que coisas boas não vão vir desse assunto; Rachel que esta agindo de forma estranha quando fica perto de Steve e Joana, eu sei que deveria ter reparado isso antes, mas não ficou tão óbvio como hoje, ela saindo do ambiente por que estava enjoada do balançar do navio e ainda mandou aquele olhar estranho para Steve, não dava para acreditar nisso;

E no meio disso tudo, tinha essa sensação estranha que brotava em mim,eu não consigo parar de pensar nele. Nunca me senti assim antes por causa de um garoto, eu apenas havia trocado alguns olhares com eles e pouquíssimas palavras e já me sentia parte da vida dele a anos, enquanto passeava com ele e seu amigo, eu sentia que aquilo não era estranho ou desconfortável e sim que era algo natural, como se fosse algo cotidiano.
E nem seu nome eu sabia.

Como eu podia ficar assim por causa de um cara? Eu sei que sou romântica e sonhadora, mas nenhum cara mexeu comigo como esse garoto britânico conseguiu.
Será que eu estava imaginando coisas?
Será que estava tão carente que achava que aquele desejo por ele era algo mais,algo diferente?
Ninguém nunca me olhou daquela forma antes.
E só de pensar que o amigo moreno dele estava tentando ser cupido de nós dois arrancava de mim um grande sorriso, nenhum garoto lutou por mim antes, sempre foi o contrário, talvez por isso que sempre eu me dava mal no final, por que eu estava indo contra a correnteza.

Ao sair do banho, me olhei no espelho, observando aquela expressão esperançosa brotar em meu rosto, meus olhos castanhos brilhavam de entusiasmo e um leve sorriso caia perfeitamente em meus lábios.
Eu devo me entregar às chances e oportunidades de uma viagem inesquecível, tornar cada momento dentro desse navio único e memorável por que eu quero e vou me lembrar dessa viagem para o resto de minha vida.

Capítulo 03

A Vida (Depois) Da Festa

Todas as vidas sempre seduzidas ao comércio Será que vão me odiar por todas as escolhas que eu fiz? Será que vão parar quando me veremde novo? Eu não posso parar, agora eu sei quemeu sou

Agora eu sou todo seu, eu não tenho medo E você é todo meu, digamo que puderemE todo o seu amor eu vou levar para uma sepultura E toda a minha vida começa agora

Eclipse (All Yours) - Metric

Eu estava pronta em menos de dez minutos.
Meu vestido era simples,mas perfeito para a ocasião que não pedia um vestido muito chique e sim algo simples e confortável, era um vestido branco que batia acima dos meus joelhos e era tomara que caia, tinha dois grandes bolsos nas laterais onde já coloquei meu gloss de tom vermelho clarinho e meu celular (antes, mandei uma mensagem de boa noite para Chuck). Nos meus pés nada de salto alto,apenas o meu velho All Star vermelho. Coloquei uma faixa em meus cabelos ,era fina de tom preto, nada espalhafatosa, que dividia meus cabelos de maneira graciosa, joguei a minha franja para o lado e fiquei me observando.

Eu tinha um rosto comum, minha pele era branca em contraste com os meus cabelos negros e a minha sobrancelha negra e grossa, como a de Elizabeth Taylor, eu era naturalmente pálida, normalmente tinha olheiras profundas, mas nada que uma base não resolva. As maças de meu rosto eram salientes quando sorria com poucas sardinhas que surgiram graças ao Sol que costumo pegar nas férias de verão. Os meus lábios são delicados, a parte inferior é um pouco maior que a superior e eram naturalmente avermelhados; um pouco acima dos meus lábios tinha uma pequena e charmosa pintinha de tom marrom. Meus cabelos têm sempre um dia daqueles como qualquer garota normal, mas nada como um bom pente para deixá-los brilhosos e arrumados, eles batiam em minha cintura e vivem ondulados naturalmente apenas nas pontas, eles que são tomados por um tom preto tão intenso como carvão;
A cada quinze dias eu aparava a franja reta que mantinha, a mais ou menos, 02 anos, como corte obrigatório, acima de meus olhos, adorava como ficava fofa com esse tipo de corte e eu nunca a colocava de lado, sempre reta e lisinha sobre a minha testa.

O que mais gostava em mim eram os meus olhos.
Eu não sabia por que, mas gostava deles.
Havia algo de especial em meus olhos castanhos claros; uma esperança, um ar de sonhadora, não era qualquer pessoa que tinha esse olhar.
Ele era apenas meu.
Passei uma maquiagem leve em meu rosto: base, blush rosa claro, gloss vermelho claro, rímel preto e delineador preto; um pouco de perfume amadeirado e voilá.
Estava pronta.
Observei o meu corpo por breves segundos.
Era normal, não era gorda nem magra, apenas normal com gorduras em lugares estratégicos como qualquer garota normal.
Meus bustos eram de um tamanho proporcional ao meu corpo, contudo eu tinha um bumbum saliente, da mesma forma que tinha coxas grossas, que surgiram graças à ginástica olímpica e a natação. Portadora de pernas longas e um pé sinistramente grande Eu era assim.
Normal fisicamente falando.
Com sinais espalhados por todo o corpo, algumas cicatrizes pequenas graças a quedas minhas quando criança/adolescente, nenhuma mancha de sol, algumas estrias, uma tatuagem de uma estrela media em meu pulso esquerdo feita em Nova York.
Normal.
Nesse quesito, eu gostava dessa definição.

Tinha que esperar por Joana e Rachel que provavelmente iam sair dos seus devidos quartos parecendo princesas.
Alguns minutos se passaram enquanto eu estava desfolhando uma *Vogue* do mês passado que estava jogada ali no sofá, deveria ser de Rachel obviamente, larguei a revista no exato momento que a porta de um dos quartos foi aberta.

A primeira que ficou pronta foi Rachel que estava com os cabelos soltos e tinha feito baby liss apenas nas pontas dando um charme a mais; seu vestido era roxo claro e ia até os joelhos, era simples feito o meu ,só com uma diferença: ele tinha um decote nas costas quase que chegando até a cintura, obviamente era um vestido a la Rachel: Sexy e provocante; ela estava com uma sandália branca que tinha um salto enorme e eu podia jurar que a ajudei a escolher aquele modelo há alguns meses atrás,

era um Jimmy Choo, seu favorito em marca e estilo; sua maquiagem era básica, só havia passado sombra preta ficando com um look um pouco mais dark e em seus lábios gloss transparente. Ela ficou a desfilar para mim, querendo saber se a roupa estava ideal, se ela poderia melhorar, se a maquiagem havia caído bem em sua pele e eu apenas concordava, havia nada a discordar ali.

Assim que Joana saiu do quarto vislumbramos uma princesa entre nós.
Ela estava com um vestido branco que ia até os joelhos, o que mais deixava o vestido bonito era o formato dele que era todo rodado; ela não arriscou usar salto alto e colocou um sapato boneca listrado de preto e branco; os cabelos dela estavam presos num coque bagunçado, ela estava de franja o que deixava seu rosto mais pequenininho feito o de um anjo. Se eu estava com a maquiagem básica, Joana nem havia se dado muito trabalho, apenas passou um blush, delineador e gloss rosa.
Tiramos diversas fotos com a minha câmera e a de Rachel, fazendo caras e bocas, sorrisos e poses de modelo. O celular de Joana começou a tocar uma música romântica da Laura Pausini, troquei um breve olhar com Rachel, sabíamos que era Steve ligando, diferente de mim que fiz uma expressão contida de riso, Rachel apenas ergueu ambas as sobrancelhas forçando um sorriso.
Momento estranho detectado.
Joana atendeu e logo desligou, dizendo que Steve nos esperava na escada para o saguão principal, sem demorar nos retiramos do ambiente.

Assim que chegamos ao saguão principal do salão de festa paramos em uma fila com diversas pessoas: jovens, adultos e idosos vestidos de maneira fina e muito sofisticados, esperando suas vezes para entrar no local da grande festa de abertura, enquanto isso ficamos a conversar sobre o que nos aguardavam atrás daquelas portas grandes e pesadas de carvalho de forma animada, como de habitual.

- Meninas,prestem atenção. – disse Rachel, quando estávamos há alguns passos da porta, usando um tom de voz confiante. – Essa festa vai ter completamente o navio todo então quando acharem um gatinho, por favor, me gritem que eu passo gloss, abro o meu melhor sorriso e ataco, com uma bocada só. – Ela fez com uma das mãos uma garra de tigre e em seguida murmurou – Rawr.

Eu ri com o comentário enquanto Joana sorriu do seu modo contido e doce, balançando a cabeça negativamente, Steve não esboçou sorriso algum, apenas ergueu ambas as sobrancelhas observando Rachel descrente.

- Você realmente só pensa nisso, não é? – falou Joana com certo humor,que estava de braços dados com um Steve disperso a ela, ele estava mais concentrado na minha conversa com Rachel do que ao carinho de Joana.

-Claro ,eu não gosto de festas sem gatinhos para olhar ou conversar. – Rachel murmurou animada - Você não concorda Kate ?

Eu pude ouvir o que ela disse , contudo como Steve eu fiquei bem dispersa com a pergunta, mas por razões opostas, acredito.O rosto do loiro britânico tomou conta de meus pensamentos e senti um sorriso bobo cair em meus lábios.

- Ih ,essa daí deve estar pensando no *príncipe* britânico carrancudo dela. – Joana sussurrou ,infelizmente eu não estava mais tão dispersa e pude ouvir ela dizer isso. – Rachel me contou tudo enquanto estávamos nos arrumando, espero que ele te chame para tomar logo um café ou Rachel terá que se disfarçar de cúpida para unir vocês dois por que pelo visto, ele é mais lento que você Kate.

- De quem você está falando ? – Perguntei, tentando soar desinteressada no assunto, não deu certo.
- Bateu a cabeça antes de vir para cá, foi? Estamos falando daquele garoto que você estava paquerando hoje de manhã. – Joana murmurou, sorrindo.
- Eu *não* estava paquerando ele. - Murmurei, trincando os dentes. – Ele ...

- Ele é que estava paquerando você.- Rachel me interrompeu,rindo.
- Não gostei desse riso Rachel. – Steve disse de maneira seria, o olhei estranhando sua reação. - Parece que você está julgando a Kate. – Steve disse, encarando seriamente Rachel.

- Eu não estou julgando nada, Steve. Eu só acho que a nossa Kate deveria confessar que estava olhando para o *príncipe* carrancudo da mesma maneira que ele estava olhando para ela. A propósito, ao meu ver, Kate precisa aproveitar essa viagem para

se divertir, ela passou muito tempo da vida dela concentrada em bocós estúpidos e a livros escolares e eu acho na minha humilde opinião, que ela deveria viver e curtir, especialmente com garotos.
– Rachel murmurou com confiança, olhando desafiadora para Steve que se afastou do abraço de Joana que observava a cena com uma expressão tão confusa quanto a minha.

- Será que por acaso não passou pela sua mente que a vida é da Kate e você não tem nada a ver com isso? – Steve disse, se aproximando um passo de Rachel, olhando bem em seus olhos. Aquele tipo de olhar que os dois trocaram me fez ficar sem palavras, será que era possível? Eu estava exatamente no meio, observando toda a intensidade que os dois se olhavam e podia sentir, podia sentir algo entre eles. Mas ...

- Eu sou a melhor amiga dela, Steve. Kate gosta que eu a ajude nessas coisas e é você que não tem nada a ver com isso. Então em vez de você se intrometer que tal você jogar essa sua raivinha em cima da sua namorada? – Rachel disse dando ênfase a palavra namorada, o que fez meus lábios contorcerem em um bico de surpresa – Talvez ela venha a gostar de um pouco de agressividade da sua parte.

- O que você ... ? – Joana começou a falar, mas foi calada por Steve que a interrompeu com um aceno com a mão, ela o olhou e assentiu, mas seu cenho se enrugou com raiva.

- Você não vê que para Kate é mais difícil agir com as coisas do coração, por isso você acha que ela gosta das suas ajudas nas paqueras e nos romances, mas no fundo ela só está sendo boa para não magoá-la. Kate sabe muito bem que pode se virar nesse setor sem a sua ajuda. – Rachel revirou os olhos, enquanto Steve se manteve a olhando atento - Nem todo mundo é fácil como você, Rachel.

De repente caiu um silêncio.
Os dois continuavam a se olhar intensamente, nenhum deles diziam nada e nem eu ou Joana nos atrevíamos a quebrar esse clima.
Joana se afastou de Steve ficando próxima de mim, repousando seu braço em volta

do meu, como se estivesse pedindo proteção, como uma criança com medo.
Nos duas já sabíamos que Rachel ia estourar a qualquer momento, ela tem um pavio curtíssimo, em questão de segundos ela estaria esmurrando Steve em toda a parte do corpo dele que ela conseguisse alcançar, mas foi ai que o estranho ocorreu: Rachel simplesmente virou o rosto e ignorou Steve.
Ela ignorou Steve...
Ela nunca ignora ninguém.
Rachel se aproximou de mim, mas evitava me olhar nos olhos.
Joana fez uma careta percebendo que havia ficado um clima ruim, mas nada disse, enquanto Steve que estava com uma expressão seria e um pouco afastado de nós.
Nunca vi Steve falar daquela maneira com uma garota antes, por isso Joana estava tão encolhida perto de meus braços, por que até nos momentos de maior crise, Steve era calmo e coerente e assim, do nada, ele perde toda a sua calma com um assunto tão bobo como esse? E aquele olhar entre ele e Rachel? Será que estava acontecendo algo entre eles ou eram coisas da minha imaginação fértil? Não podia ser ...

Não estávamos muito longe da entrada, porém agora a fila parecia maior e mais lenta já que o silêncio havia caído entre nós. A porta do saguão de entrada estava fechado, logo não dava para ver o que estava acontecendo na festa ,mas podia se ouvir uma musica melódica tocando.

Droga. Música Clássica, pensei, entortando os lábios.

Eu mal sei dançar as músicas que tocam na radio (pop, dance, techno, salsa, o que fosse) imagina dançar musica clássica? Eu provavelmente arrancaria o pé do meu parceiro com os meus pés aka pés de pato tamanho 40.
Ah!
Eu não tenho parceiro.

Havia dois homens de smoking parados ao lado das duas grandes portas de carvalho, um pedia as carteiras de identidade e assim que ele liberasse, o outro abria a porta desejando uma boa festa com um sorriso amistoso.
Joana e Steve foram os primeiros a irem; eles mostraram as identidades ao homem que abriu um sorriso e desejou uma ótima festa, o outro homem sorriu e desejou uma

boa festa. Em seguida, Rachel entregou a identidade e abriu um sorriso simpático para o homem ,ele retribuiu o sorriso de maneira ponderada e o outro homem abriu a porta, Rachel entrou erguendo levemente a cabeça e em seguida o homem pegou a minha identidade com educação e terminou aquele ritual que ele estava repetindo a cada 15 segundos, permitindo a minha entrada.

O saguão parecia uma utopia.
Eu parei a alguns centímetros de distância da porta, observando como todo o ambiente estava lotado, eu estava extasiada com a beleza e a grandeza de todo aquele lugar. Era perfeito demais!
Todo o ambiente parecia ter sido retirado de um conto de fadas direto para minha realidade. As paredes pareciam ser feitas de camurça em um tom creme, observei que todo o salão estava com diversas mesas espalhadas, cada uma delas com quatro cadeiras acolchoadas, um pano de tom creme e branco por cima, no centro de todas as mesas tinha um vidro redondo com uma vela acesa dentro. Andei alguns passos e pude ver a pista de dança que não era nem metade do ambiente, porém era grande o bastante e ficava de frente a um palco onde uma orquestra estava posicionada, eles estavam tocando uma musica melódica enquanto diversos casais dançavam na pista; casais jovens, adultos e vários idosos que dançavam lentamente ao ritmo da dança, olhando do ponto que estava eu tinha a nítida impressão que eles dançavam sincronizados. Era mágico, inacreditável e indescritível estar num lugar como aquele. Comecei a andar, me afastando da pista, passando por entre as mesas e vendo como as pessoas se portavam de maneira sofisticada, um grupo em particular estava sendo apresentado a um homem muito alinhado, eles se cumprimentavam todos de maneira educada e simpática. Continuei a andar, vendo alguns garçons espalhados pelo ambiente, oferecendo coquetéis as pessoas que estavam à mesa.

Cheguei a determinado ponto e encontrei todos os meus colegas de colégio sentados em mesas uma próxima da outra, pude ver que todos eles estavam tão alinhados quanto eu e tão impressionados com o ambiente como eu e faziam comentários com expressões estupefatas de tudo aquilo que os cercava. Joana estava sentada em uma mesa, ao lado de Steve que se mantinha sério, Rachel estava com uma das mãos apoiadas embaixo do queixo ,completamente entediada. Joana, que já havia me visto, virou um pequeno papel que estava apoiado à mesa e nele estava escrito as nossas

iniciais e sobrenomes completos em letras medias, Joana ergueu ambas as sobrancelhas, parecendo bem chateada com o clima tenso entre o namorado e Rachel.

- Olha ai a nossa Kate. – disse Tom Connor. Ele é surfista com longos cabelos loiros e sempre foi um dos garotos mais despojados que conheci em toda minha vida, mas naquela noite ele estava com um smoking fino e com os cabelos presos em um rabo de cavalo baixo e charmoso, tive até dificuldade para reconhecê-lo tendo que olhá-lo com mais atenção, acenei para o mesmo contida, cumprimentando os nossos outros colegas acompanhados a ele, seguindo meu caminho me aproximando da mesa onde deveria me sentar, coloquei a minha bolsa de mão na mesma e me sentei de forma comportada, mas vi que não ficaria ali por muito tempo, o clima tenso deixou isso bem claro.

- Aleluia que você apareceu. – Rachel disse com um tom de voz animado, como se a minha presença tivesse salvado a noite, ela ficou de pé, largando a mini bolsa dela na mesa como a minha e segurou meu braço me erguendo de forma nada delicada, me guiado para a varanda que ficava a alguns metros de distância de nossa mesa.

- Eu apareci? Você literalmente desapareceu quando eu entrei aqui. – respondi,incrédula, enquanto ela continuava a segurar o meu braço, mas continuei a falar com certa empolgação. – Mas isso é culpa minha também, estou abobada com todo esse luxo, é incrível, não é?

A varanda era do cumprimento de boa parte do salão com diversas portas para os convidados poderem transitar entre os ambientes como os garçons; ela era um lugar arejado e despojado para quem quisesse sair do ambiente sofisticado e estivesse afim de ter uma conversa mais confortável e privada com alguém. Pude ver que para uma varanda, ela era bem grande e agradável com diversas poltronas espalhadas pelo ambiente que era todo iluminado por velas que estavam dentro de vidros redondos similares aos do salão; o local não estava tão cheio como salão, logo parecia mais agradável do que lá, onde cada gesto seu estava sendo observado por olhos minuciosos, pelo menos, essa era a impressão que dava para mim. Um garçom nos ofereceu um coquetel de maracujá feito de vodcka, eu recusei, mas Rachel não, ela pegou imediatamente com um sorriso nos lábios, logo levando o canudinho a boca e

bebendo com uma expressão de relaxamento. Eu percebi que era a primeira vez que estávamos sozinhas desde nossa chegada ao cruzeiro e esse seria um bom momento para questionar o que estava acontecendo.
- Rachel, o que está havendo entre você e Steve? – Perguntei diretamente, a olhando bem nos olhos, sabia que assim a intimidaria a dizer a verdade.

Rachel afastou o canudinho dos lábios, um pouco surpresa já que como de costume franziu seu cenho me observando com certa curiosidade.
Ela deveria estar se questionando porque estava a perguntando sobre isso, como sempre, eu estava dois passos a frente dela desde quando éramos crianças.

- Eu preciso conversar com você sobre isso. – Ela disse com uma expressão seria, sabendo que não adiantava omitir, eu acabaria por descobrir o que fosse que estivesse acontecendo entre eles.

- Eu não sei o que está acontecendo entre vocês dois, mas eu devo me preocupar? Quer dizer, devo me preocupar por ... J- Joana? - Murmurei, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, a olhando atenta.

- Joana não sabe de nada, então sim, você deve se preocupar com a reação dela, mas ... Eu preciso conversar com você, mas não agora por que aqui não é lugar para falarmos sobre isso e se sairmos nesse momento às pessoas vão desconfiar, principalmente Joana que não está nada feliz com a discussão que tive ali fora com o Steve – Rachel revirou os olhos contraindo os lábios, em seguida olhou pelo canto dos olhos e em seguida para mim. - e ela está com olhos de águia em nossa direção.– Rachel falava rapidamente no método que utilizava quando ficava nervosa, usei minha visão periférica podendo notar Joana nos observando atentamente, Rachel me olhou com uma certa aflição brotando em seu olhar, logo segurando as minhas mãos – Mas eu não posso esconder isso de você por mais nenhum dia, é uma traição e me sinto suja por está omitindo isso de seu conhecimento, por isso precisamos conversar, mas longe de todos os nossos conhecidos.

- Oh Meu Deus! Quem você e Steve mataram? – Fez uma expressão de grande surpresa e comoção. - Não me diga que foi o Justin Bieber? Bem que estava achando

que ele estava sumido da mídia. – Murmurei com certo sarcasmo, esperando que ela desse algum sorriso ou até risada, mas a mesma se manteve aflita, foi nesse instante que notei que a situação era mais séria do que eu podia esperar, segurei suas mãos com mais carinho, a olhando preocupada. – Rachel, o que está acontecendo? Agora eu realmente estou preocupada você não riu de um dos meus sarcasmos idiotas, isso é quase que um sinal do apocalipse. Por favor, fala agora sobre isso, eu não vou conseguir passar o resto da noite com isso em meus pensamentos sem saber o que é. Aproveita que estamos sozinhas e me conta o que está acontecendo. – Murmurei, já sentindo que minha curiosidade estava tomando conta do momento e a minha preocupação sufocando meu coração.

- Agora não dá. – Rachel disse com um olhar aflito, olhando de mim e para algo atrás de mim, fiz uma expressão incrédula pronta para reivindicar, mas Rachel continuou em um sussurro e falou rapidamente - Joana está vindo para cá. Disfarça. – Rachel abriu um leve sorriso para mim, como se estivéssemos falando sobre algo feliz, o que não era verdade, fingi um sorriso contido confiando nela totalmente.

Alguns milésimos se passaram e Joana se uniu a nós, encostando-se à borda da varada com seus olhos em direção ao mar; naquele momento o cheiro de maresia era intenso e eu me delíciava com ele, um de meus cheiros favoritos, me lembravam férias na praia, algo costumeiro na família Farrell.

- Nossa, que vista linda! Se eu soubesse disso antes, teria viajado mais vezes de navio. – disse Joana de uma maneira despojada e doce. – Mesmo com meu pai tendo um estômago fraco e minha mãe tendo horror de icebergs desde *Titanic*, mas eu faria de tudo para que todas as nossas viagens fossem transferidas para esse tipo de embarcação só por essa paisagem.

- Concordo. – Rachel disse de modo seco, voltando a beber seu coquetel, nos entreolhamos discretamente e eu tentava controlar as emoções que agora transbordavam em meu ser.

Eu mal conseguia responder, um nó seco se formou em minha garganta, estava começando a me sentir mal por Joana, tendo agora minha confirmação que realmente

alguma coisa estava acontecendo entre Rachel e Steve, e Joana estava ali sorridente e encantada com a vista do mar, sem desconfiar da tormenta que se aproximava lentamente em direção a sua vida.
Eu não podia me meter naquela situação só por ter suposições, ela não estava nas minhas mãos, o único problema é que tudo que afeta meus amigos, logo também me afeta. Rachel e Steve são meus amigos mais próximos, mas Joana também é. Pode não ser minha amiga há anos como Rachel (por quem eu morreria), mas era a minha amiga,doce, gentil, carinhosa e compreensiva que sempre esteve ao meu lado nos piores e melhores momentos. Eu era péssima mentindo para qualquer um (principalmente para meus amigos) e odiava qualquer tipo de mentira, destaco a omissão o qual mais odeio e o que eu estava a fazer naquele instante.

- Realmente, eu acho que esse é um dos êxtase de viajar de navio. – respondeu Rachel, tentando soar simpática, mexendo o canudinho no fundo de seu copo de coquetel vazio. – O oceano, o open bar e os gatinhos de smoking.

Um silêncio caiu entre nós, Joana riu com o comentário de Rachel que apenas sorriu, olhando ao arredor provavelmente a procura de um garçom enquanto eu me mantinha contida.

- Falando em gatinho ...- disse Joana, alguns segundos depois, fazendo nos duas a olhar curiosas, ela estava com um sorriso animado e discretamente apontou com a cabeça na direção oposta onde estávamos. – Olha só quem está ali!

Senti meu coração martelar em meu peito e um frio de nervosismo desceu pela minha espinha de imediato. Segui o caminho que Joana indicou com meu olhar e senti que minha respiração havia cessado.

Era ele.
O garoto dos olhos azuis.
Que estava de smoking branco deslumbrante que entrava em contraste com os seus cabelos, pele, sorriso e os olhos magníficos dele.

- Olha é o carrancudo.- falou Rachel num tom debochado, sem dar a mínima atenção a ele, mexendo o mini guarda sol de seu coquetel de maneira despojada entre os

dedos.
- *Príncipe* carrancudo .- Corrigiu Joana, sorrindo. – No melhor estilo Jane Austen, devo confessar.

- Eu cansei de chamar ele de *príncipe*; príncipes fazem tudo por suas princesas: eles lutam, roubam até procuram por um vilarejo inteiro com um sapato de cristal em mãos só para encontrar a amada. Ele não merece esse titulo, é só um garoto carrancudo, taciturno e sem graça, olhem só! Ele é muito sério, frio, parece que não sente nada, nem ao menos sorri parece que ele é capaz ... – Bom, eu havia visto um pequeno sorriso em seus lábios mais cedo, mas guardei tal fato para mim. - E esta conversando com um velho para piorar a situação. Com tantas meninas bonitas, ele tinha que ficar falando logo com um ... Steve! – berrou Rachel saindo correndo atrás do garoto que havia acabado de cruzar o salão, próximo a entrada da varanda, provavelmente indo em direção ao bar ou talvez, querendo ver o que estávamos conversando tanto ali, bem típico dele.

Segui Rachel com os meus olhos de decepção, ela precisava fazer isso na frente de Joana? Levantando mais suspeitas duvidosas para a própria amiga? Observei Rachel se aproximar de Steve, que a olhou surpreso e despojado como de costume, ambos começaram a cochichar um com o outro e a andarem juntos, saindo de nossos campos de visão em segundos. Não havia nada mais a dizer sobre isso; ela estava brincando com fogo e ele estava gostando.
Joana olhou para a cena, desfazendo a expressão animada lentamente e ficando com uma expressão desconfiada que eu já esperava, em seguida seus olhos caíram sobre mim e senti todo o meu corpo gelar e meus lábios contraírem como se Samara Morgan estivesse a minha frente, pronta para sugar minha vida.
Ela abriu um sorriso leve que parecia dizer que ela sabia o que eu estava pensando, mas nada disse, apenas voltou a olhar o oceano, agora com olhos tristes.
Ela já ... desconfiava o mesmo que eu.
Não a conhecia tão bem como Rachel, que sabia seus melhores e piores defeitos e qualidades, mas aquele olhar havia sido profundo demais, só tendo a sensibilidade de uma pedra para não notar como Joana já sentia o fim se aproximando, eu que havia sido cega esse tempo todo, só notando os sinais nas últimas semanas e apenas percebendo nesse instante que Joana não estava tão as cegas como eu imaginava.

- Jo,eu posso perguntar uma coisa? – Perguntei, quebrando o silêncio de alguns minutos que havia caído entre nós.
- Claro, Kate . – Joana murmurou de modo doce, voltando a olhar para o oceano.
- Como é namorar alguém por tantos anos? – Murmurei, pensativa querendo entender o que se passava em sua mente e coração em relação a tudo isso.

- Diferente. É como uma amizade, sabe? Você entende que aquela pessoa vai estar ali por você todos os dias e a qualquer momento, sendo que existe uma cumplicidade maior, uma sensação de segurança, de comprometimento, mas também é difícil, porque cada vez que mais juntos ficamos e que mais comprometimento criamos, mais é difícil esquecer essa pessoa se um dia tudo acabar. – Joana pausou e sorriu levemente entretida em observar o oceano. - Tem dias que eu passo o dia inteiro só pensando nele, que nem uma boba apaixonada, mas tem dias que eu fico pensando "E se tudo acabar...?", como eu vou ficar sem o Steve? vou conseguir ser eu mesma novamente algum dia? vou conseguir ser forte e seguir em frente para um novo relacionamento? Ainda mais porque Steve é meu primeiro namorado, então as perguntas sempre são temerosas e difíceis de serem pensadas e respondidas. Com o primeiro namorado sempre achamos que ele será o nosso príncipe encantado e que vamos viver o "felizes para sempre" com ele, mas na maioria das vezes não é assim, então porque sonhar? Sempre gostei de viver os dois lados da moeda: o sonho e a realidade. Tem certas coisas que só saberei se um dia isso acontecer conosco, se nós terminarmos ou se nós vivermos felizes para sempre, entende? – Balancei a minha cabeça em sinal de afirmação, a observando sem palavras.

- Porque você pensa nisso? – Questionei, balançando a cabeça um pouco incrédula. - Vocês são perfeitos juntos.

- Não é porque sejamos perfeito que significa que é o ideal. O perfeito cansa Kate, e às vezes, eu acho que o Steve se cansou do nosso relacionamento. – Joana respirou profundamente, me olhando em seguida com uma sinceridade transbordando em seus olhos
– Eu não falei isso com você porque eu não gosto de pensar nisso, mas desde os últimos meses no colégio, o Steve anda meio estranho.

- Estranho como? – Questionei.

- Distante, às vezes meio frio não se importando muito com as coisas que gosto de fazer, nunca fomos de brigas, mas de um tempo para cá estamos brigando por coisas estúpidas e até o sexo não tem sido o mesmo, quando eu quero, ele não quer e quando ele quer, não é da forma que eu desejo ... – Ela pausou suspirando de uma forma leve. - Eu fico pensando, tentando entender por que ele está assim, se é medo por que vou para Princeton e ele vai para Duke, se ele está cansado mesmo do nosso relacionamento ou se ... – Ela pausou, mordendo os lábios e em seguida continuou, com um tom decidido de voz. - Se ele encontrou outro alguém e tem medo de me ferir.

- Eu não sou a melhor pessoa para conversar com você sobre isso. – Murmurei, me sentindo incapacitada de ser um ombro amigo naquele momento. – Eu sou literalmente um desastre em relacionamentos amorosos, só queria entender como é para você, estar com Steve esse tempo todo, mas queria poder te ajudar nisso.

- Eu não quero falar sobre isso, eu não quero estragar a minha viagem pensando nesse tipo de coisa, como estraguei o final do meu ensino médio e formatura, Kate, mas ... – Joana me olhou com os olhos lacrimejando, o que fez o nó em minha garganta aumentar. – Eu nunca pensei nisso, mas e se ele estiver me traindo, o que eu vou fazer?

Fiquei sem palavras. Um flash passou pela minha cabeça e me lembrei daquele dia, há um ano, quando eu fui animada até a casa do meu ex namorado, William, ele era o tipo de cara que qualquer garota morreria só para ganhar apenas um olhar; ele era alto, forte de uma maneira saudável, moreno, seus cabelos eram pretos e arrepiados, tinha olhos castanhos escuros e um sorriso encantador, sendo um ano mais velho que eu passava toda aquela maturidade,seus olhares sempre me deixava nas nuvens, ao lado dele eu me sentia segura e feliz, me sentia apaixonada, contudo descobri que paixão não era o que eu sentia por ele, era só desejo por ele ser bonito e charmoso, pena que tive que passar por tudo aquilo para perceber como realmente me sentia.

Era quinta feira, tinha acabado de sair de um treino de líder de torcida, peguei minha

lambreta de tons vermelho com creme e fui até a casa de Will para podermos assistir alguns filmes e quem sabe namorar um pouco, os pais dele não estavam haviam viajado então teríamos a casa só para nós e há semanas não tínhamos essa oportunidade. Eu toquei a campainha umas cinco vezes e quando ia ligar para seu celular, para saber onde ele estava, o mesmo atendeu a porta, segurando uma toalha na cintura e sem camisa, estava todo molhado como se tivesse acabado de tomar banho, mas na realidade, pude ver pelas poças de seus pés no chão que ele estava na piscina. Questionei por que demorou tanto e ele meio que gaguejando surpreso com a minha presença respondeu que não ouviu a campainha, não dei bola e disse de modo sensual que iria dar um mergulho e se ele queria ir comigo. Ele recusou e foi nesse momento que meu mundo desabou.
Que garoto recusaria um banho de piscina com sua namorada líder de torcida que estaria apenas de sutiã e calcinha?
Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, como uma leoa, fui em direção do quintal e ao chegar lá encontrei, Amber Fletcher (que era exatamente aquele tipo de garota que nós, garotas normais, amamos odiar: Loira, magra, pernas longas e perfeitas, corpo escultural e olhos azuis; Por favor, se existe um Deus ela deveria se exilada do planeta Terra imediatamente) deitada na borda da piscina completamente nua.
Eu não sabia se gritava, chorava, saia daquele lugar fingindo que estava em um pesadelo ou se simplesmente perguntasse “porque?”.
Optei por outra opção.
A minha primeira reação foi dar um empurrão com tudo em Amber que caiu na piscina gritando de maneira assustada logo me xingando de todos os nomes possíveis, em seguida chutei bem no meio das pernas de Will (que estava nu, só para constar, só coberto pela toalha na cintura ou seja deve ter doido muito) e em seguida, eu peguei minha lambreta e me afundei em uma amarga fossa de 02 longos meses comendo muito chocolate e assistindo muitos filmes de terror com excesso de sangue e assassinos em série, para mim nada mais fazia sentido; amor, paixão, carinho, as memórias que tinha ao lado de Will, tudo pareciam uma tortura que jamais sairia de minha mente, o pior era que eu via Amber e Will juntos no colégio e minha vontade era de confrontá-los, perguntar por que estavam fazendo aquilo comigo e questionar ao Will quando ele perceberia que eu era a garota dele e não aquela loira magrela;

estava magoada e frágil, com um coração em pedaços achando que a vida nunca mais seria a mesma até que em um belo dia eu estava com as garotas em mais um treino da torcida percebi que eles estavam no campo de futebol, ela correu até ele lhe dando um forte abraço que foi retribuído com o mesmo carinho e eu vi a maneira apaixonada que eles se olhavam e percebi naquele instante que nunca olhei para Will daquela forma, então, eu nunca me apaixonei por ele verdadeiramente e foi nesse momento que meu coração voltou a bater e se curou instantaneamente.
A magoa havia passado por que não foi amor.
Agora eu tinha lembranças, experiência e esperanças de um futuro com outro alguém que talvez fosse o cara ideal.

Não namorei ninguém desde então, pode parecer amargura ou frieza, mas estou esperando o cara certo; pode me chamar de romântica, mas eu quero o cara que vai fazer meu coração bater acelerado de um modo nunca antes sentido, que vai fazer minhas mãos soarem de nervoso a cada novo encontro e meu estômago vai se encher de borboletas só com um simples pensamento de sua pessoa, ele vai ser a parte que me faltava, mas não como uma alma gêmea, mas sim o encaixe perfeito e seu sorriso vai ser a minha maior felicidade , seu olhar vai me dizer coisas que nenhum outro já me disse.
Eu vou amá-lo e ele vai me amar, e isso, será nossa base para toda nossa existência.

Por isso vivenciar essa situação envolvendo Joana, Rachel e Steve,para mim, era algo injusto, despertava em mim sentimentos conflitosos.
Porque eu, no lugar de Joana, iria querer que alguém tivesse me dado algum sinal do que estava acontecendo, assim eu teria me preparado emocionalmente e com certeza não teria sofrido da forma que sofri por aqueles 02 meses, mas por outro lado foi bom passar por aquilo tudo (tirando a parte de ver Amber Fletcher nua, ainda tenho ânsia de vomito só de pensar) porque aquela experiência me fez ver o amor pelo verdadeiro ponto de vista que ele é: algo puro e único e não uma simples fonte superficial de desejo e paixão. Contudo, toda a minha situação não servia de exemplo para o que Joana iria viver; seria diferente com ela, ela ama Steve, verdadeiramente, dá para ver o amor fluir entre eles, e mesmo que não pareça,Steve a amava, ele só deveria estar confuso, agora porque ele estava confuso entre ela e Rachel, eu não tinha ideia.

O que havia perdido nessas últimas semanas? Eu sei que estava concentrada nas provas finais, mas não ao ponto de não notar algo desse tipo acontecendo com os meus amigos. O que eu poderia fazer em relação a isso tudo?Como eu salvaria Joana, ilesa e sem traumas, de um drama como esse? Mesmo existindo uma remota chance de não ser isso, como eu diria que Steve estava a traindo com Rachel, a amiga dela? Não tinha como eu ajudá-la, não agora, eu só atrapalharia toda a situação até podendo causar uma catástrofe, o melhor a fazer era continuar do modo que estava: fazendo nada apenas no aguardo dos próximos eventos.

- Eu sei que você não gosta de falar sobre isso, mas ... – Joana perguntou de modo tímido. – Como você conseguiu superar a traição do William com a Amber?

- Eu não sei ao certo, mas um dia eu os vi juntos e percebi como eles se davam bem, estavam conectados e apaixonados e reparei que nunca havia estado assim com ele, que eu não o conhecia e nem ao menos sentia a mínima inclinação de amor por ele. Então, eu fiquei bem. – Olhei para Joana, pensativa. – Não é difícil Jo, mas também não é fácil, você teve muitos momentos ao lado daquela pessoa, e de repente, ela joga tudo fora te traindo com outro alguém. Você se sente mal, usada ... Mas no momento que você perceber que aquela pessoa não era a pessoa certa para a sua vida, para o seu coração, tudo vai ficar bem denovo. Eu sou prova viva disso.
- Você percebeu? – Joana me questionou, sorrindo levemente.

- Percebi, demorou um pouquinho, mas eu percebi. E sei que um dia eu vou ser feliz com alguém e eu o farei muito feliz, e está ai, um bom motivo para esperar por aquela pessoa ideal. – Joana suspirou, pensativa. Repousei um braço na base das suas costas, acarinhando gentilmente – Mas você não precisa se preocupar com isso, Jo. Steve é o seu cara. Ele pode estar passando por um momento de autoconhecimento, talvez esteja confuso com o futuro dele, mas nada terminal, nada que vá acabar com a história de amor que vocês têm. Acredite em mim.

- Obrigada Kate. – Joana murmurou, em seguida ela me deu um abraço gentil e carinhoso, me olhou por alguns segundos, sorrindo. – Que tal irmos lá para dentro, pedirmos alguns aperitivos? Estou com um pouco de fome.

- Peça que eu já estou indo. Aproveita e pede aqueles tubinhos coloridos, acho que são coquetéis de fruta, sem álcool é claro, por favor. – Murmurei, sorrindo levemente.

Joana se afastou, sorri levemente a observando caminhar de modo tranqüilo de volta ao salão. Talvez por ora ela ficasse tranqüila em relação a Steve, quem sabe, eu conseguiria descobrir o que estava acontecendo entre Steve e Rachel a tempo de impedir uma loucura; a tempo de ferir corações, essa era a minha única preocupação, eu não queria que nenhum deles acabasse machucados.
Olhei em direção do mar, pensativa.
Mordi meus lábios e olhei para o lado, me esquecendo completamente que o garoto loiro estava naquela direção há alguns minutos atrás.

Para minha surpresa (e deslumbre), ele continuava ali.
Ele não estava conversando mais com o idoso do outro momento, ele estava acompanhado dos dois amigos que ele estava mais cedo na piscina central.
A garota estava belíssima com um vestido leve de tom rosa bebê que ia até os seus pés, parecia ser de seda puro, os cabelos estavam soltos e com as pontas levemente enroladas e em seu rosto podia notar que usava pouquíssima maquiagem; já o amigo dele estava de smoking preto com os cabelos escuros de tamanho mediano caindo levemente no rosto, ele estava sorridente como de costume, com uma das mãos na cintura da garota, como Rachel desconfiará, eles deveriam ser namorados mesmo.
Os três combinavam muito bem com o clima que o salão inspirava; eles tinham classe, postura e sofisticação e qualquer um que se aproximavam da varanda olhavam diretamente para eles, as feições dessas pessoas sempre ficavam em uma mescla de surpresa e curiosidade, cochichavam alguma coisa e logo paravam de observar eles com certo receio de serem flagrados, pelo menos era o que parecia.
Eu era uma exceção nesse quesito, simplesmente não conseguia deixar de olhar para ele, disfarçadamente é claro, mas eu olhava.
Após alguns segundos observando o arredor e o oceano voltei a observar o garoto loiro, meus olhos estavam curiosos eles queriam descobrir o por que daquele rosto ser tão sério e ao mesmo tempo tão atraente para mim; ele estava posicionado de uma maneira que ficava de frente para mim, podia notar que conversava com seus amigos de forma animada, gesticulando e com poucas expressões faciais, foi quando

seus olhos se voltaram para mim e senti meu estômago afundar, eu parei de olhá-lo de imediato, sentindo minhas bochechas queimarem e as mãos escorregarem da borda do navio já que começaram a suar do nada, mas já era tarde demais ele havia me visto o observando e agora minha curiosidade queria saber como ele havia reagido a isso. Não queria parecer desesperada, ele havia dito que o café ficaria para depois e eu não queria que ele pensasse que estivesse ali o encarando esperando por um convite imediato, não ficaria chateada se isso ocorresse, mas não era essa a minha intenção.

Meus olhos voltaram a cair sobre o oceano, eu não podia enxergar o horizonte mesmo com toda a claridade que o navio fornecia, olhar para o mar era uma desculpa, eu estava resistindo, queria saber se ele estava me olhando ainda, eu podia jurar que sentia seus olhos por sobre mim, apenas esse pensamento fazia um leve sorriso brotar em meus lábios. Olhei para o local onde ele e os amigos, ele continuava com aquela expressão seria familiar, gesticulando e conversando com eles, aquele sorriso se manteve em meus lábios, meus olhos pareciam estar se acostumando com tanta beleza. O grupo dele agora tinha ganhado a presença de uma mulher que deveria ter em torno dos cinqüenta anos, como eles, ela era sofisticada e estava vestida com um longo vestido azul claro que como o vestido da garota parecia ser feito de seda, seus cabelos eram curtos, batiam até a altura do queixo e eram num tom cinza claro, ela estava conversando com bastante intimidade com a garota, o garoto moreno estava participando da conversa com um sorriso branco caindo em seus lábios sem tirar as mãos da cintura da jovem, porem o garoto loiro agora estava próximo a borda, afastado da conversa, ele observava atento o horizonte; os seus olhos se afastaram do que observava e se voltará a observar o oceano, tão negro como a noite que caia sobre nós naquele instante.
Eu olhei curiosa tentando descobrir o que aqueles olhos tanto procuravam fascinados; sorri percebendo que talvez o que o fascinava era o fato de não poder ver o que estava ao seu alcance, pelo o menos era o que estava me fascinando.
Olhei para ele com aquele sorriso caindo nos meus lábios e encontrei os seus olhos,que perseguição ele estava começando a fazer !
Mas os meus lábios continuaram com aquele sorriso bobo e os seus olhos se afastaram dos meus em questão de segundos, como se fosse um desinteresse súbito, mas foi por alguns segundos, quando ele ergueu uma das sobrancelhas e me olhou

mais uma vez, sendo que dessa vez parecia que algo estava caindo no canto dos lábios dele, era a segunda vez que ele fazia aquilo ... Parecia um sorriso em crescimento, um sorriso muito bonito e tímido. Aquele sorriso lembrou um dos primeiros sorrisos de Chuck para mim.
Parecia que tudo estava em câmera lenta, o vento parecia uma brisa fria e leve que cortava pelo meu rosto e balançavam gentilmente os meus cabelos; as pessoas que transitavam na nossa frente nem percebiam a intensidade do nosso olhar, por que aquele olhar só nós podíamos sentir.
Era um momento único que ninguém podia quebrar.
Era nosso.
Nada podia estragar aquele momento maravilho ... Só eu mesma.
Estava cansada desse joguinho de flertação, se ele quisesse mais, teria que ir a luta também, logo sorri levemente para ele quebrando o nosso olhar, me afastei da borda, indo para dentro do salão com passos calmos, em questão de segundos estava sentada na mesa bem de frente para a varanda (não era intencional era o único lugar vago na minha mesa), Steve atacava os aperitivos que Joana havia pedido, enquanto ela analisava os mesmos como se estivesse tentando adivinhar seus sabores, já Rachel continuava entediada, estava bebendo outro coquetel, sendo que esse era de cor verde, de abacate talvez. Peguei um canapé qualquer e quando estava pegando o quinto, fiquei tão entediada quanto Rachel. Pelo visto, éramos as únicas entediadas já que todos os nossos colegas estavam se divertindo, dançando ao som das musicas clássicas ou comendo aperitivos e bebendo bebidas chiques enquanto falavam sobre suas vidas agitadas da alta sociedade.
A musica que estava tocando finalizou e mais uma vez uma salva de palmas aconteceu, todos os casais que estavam dançando na pista aplaudiram a orquestra que agradecia com reverencias, do meu lado Rachel aplaudia fazendo um bico de tédio, Joana deu um cutucão no braço dela, a fazendo parar, ri levemente com a careta de Rachel.
Senti um frio na minha barriga e olhei para determinado ponto, e adivinhe? Lá estava ele com seu smoking branco e sua postura perfeita, o garoto loiro me olhou atentamente e em seguida, sem esboçar nenhuma expressão seguiu um caminho, sem olhar para atrás. Ergui ambas as sobrancelhas, jogando um canapé dentro de minha boca e de repente desejando tacar uma daquelas torradinhas na cabeça loira britânica

dele.

- Atenção. Atenção. – Ouvi uma voz um pouco irritante dizer isso em uma altura sonora monstruosa, todos olharam em direção ao palco e vislumbrei um homem baixinho, calvo e usando um smoking preto que quase o deixava parecido com o personagem P*ingüim*, do *Batman;* ele tinha uma postura formal e um ar soberano, logo voltou a falar no microfone que estava a sua frente. – Boa noite, passageiros do Cruzeiro AcquaLife. – Uma salva de palmas aconteceu, Rachel ignorou e bebeu um gole do uísque que agora desfrutava, bati palmas sem entusiasmo, pensando na quantidade de analgésico ela estaria tomando no dia seguinte. – Espero que os senhores e senhoras estejam tendo uma noite maravilhosa, me chamo Arthur Balcon, sou supervisor chefe desse incrível transatlântico e garanto a vocês que os próximos sete dias serão incríveis e memoráveis irão ocorrer, obviamente, tudo isso será possível, graças ao nosso Comandante, Leonard Brown. – Arthur começou a aplaudir e novamente todos aplaudiram enquanto um homem de cabelos pretos espessos e olhos azuis vivos subiu ao palco cumprimentando Arthur, que deu lugar a ele no microfone para falar.

- Boa noite, senhoras e senhoras, sou comandante dessa viagem e tenho orgulho em dizer que ela será administrada por um dos melhores supervisores que esse navio já viu. – Leonard disse, com sua voz amplificada graças ao microfone, sua voz forte e de sotaque americano familiar.

Nesse momento pude ver um garçom ri de forma debochada, definitivamente, ele tinha uma opinião diferente sobre o supervisor.

- Em todas as viagens que faço digo a mesma coisa, por que no fundo é o profundo desejo que tenho para cada um de vocês, então lá vai: eu prometo que essa viagem será surpreendente e inesquecível e ela mudará a vida de cada um de vocês sem nem ao menos notarem. Tenham uma boa noite e uma incrível viagem.

Leonard se afastou do microfone, sorrindo timidamente para os aplausos que recebia, Arthur voltou ao microfone, falando com certa pompa.

- E nessa noite como nas próximas seis, teremos uma convidada especial. Sem mais

delongas, senhoras e senhores dêem uma salva de aplausos a Duquesa Miranda Evans, Duquesa de Brighton. – Arthur se afastou do microfone e novamente varias palmas se irromperam no ambiente, sendo que mais altas do que das últimas vezes.

Olhei estupefata não acreditando no que meus olhos viam.
Duquesa Miranda Evans era a mulher que há alguns minutos atrás estivera na varanda conversando com o garoto loiro e seus amigos. Fiquei de pé, observando mais atenta surpresa com tal descoberta; Miranda andava pelo palco com graciosidade, seu longo vestido azul claro sendo segurado lateralmente por uma de suas mãos, uma mulher de porte fino e beleza clássica, notei que seus cabelos eram de um loiro cinza quase embranquecido, o que me chamou muito atenção já que ela não aparentava passar dos cinqüenta anos. A duquesa parou próxima ao microfone, com um sorriso leve nos lábios, podia jurar que era forçado.

- Boa noite, cavalheiros e damas. Espero que tenham uma noite formidável. – Miranda disse, com um sorriso gentil e um forte sotaque britânico.

Todos a aplaudiram e Arthur fez um sinal para a orquestra que começou a tocar uma musica um pouco mais animada do que as últimas, voltei a me sentar, um garçom ofereceu um coquetel de morango e eu aceitei sem nem ao menos pestanejar.
Um coquetel não me faria mal.
Bebi alguns goles sem tirar o canudinho da minha boca, pausei e fiquei observando atenta o mini guarda sol que havia vindo no copo como enfeite, o rodando gentilmente. Se a garota e o amigo do loiro conhecem essa Duquesa de Brighton, eles devem ser bem ricos e ter conhecimentos na sociedade, não é qualquer um que conhece uma Duquesa e se eles a conhecem, o loiro também.
Isso não me importava de fato, mas era algo sobre ele que eu acabará de descobrir, logo se tornando interessante.

Cai ao tédio novamente, Rachel estava resmungando que a festa estava um saco e que iria embora, mas nunca ia, foi quando a vi paquerando um garoto moreno que não estava sentado tão longe dali, ele estava retribuindo a paquera e não demorou muito para ele vir até a mesa, a chamando para dançar. Ela aceitou de maneira pomposa e pude ver Steve observar a cena com desagrado, ele me olhou e eu o

fuzilei, indiquei discretamente com a cabeça para ele chamar Joana para dançar e ele me obedeceu sem reclamações ou questionamentos, Joana abriu um grande sorriso, indo junto a Steve para a pista de dança. Pobre Joana!
Nem ao menos perceberá o que aconteceu diante de seus olhos.

Me afundei mais na cadeira, querendo ter alguém para conversar naquele momento, estava começando a me sentir extremamente sozinha em um lugar tão cheio e essa sensação era péssima. Tomei mais um gole do coquetel e olhei ao arredor, de repente meus olhos pararam perto ao bar, eu conhecia aquele corpo muito bem, aquele smoking branco caia perfeitamente em seu corpo magro e esguio; o garoto loiro conversava animado com um grupo de senhores, novamente estava parado de um modo estratégico em minha direção, gesticulando e muito participativo na conversa, de repente seus olhos cruzaram com os meus e ele voltou a me olhar, surpreso e atento, logo voltou a conversar com os homens com um sorriso no canto dos lábios. Larguei o coquetel que tinha mais vodcka do que morango e peguei a minha bolsa, iria ao banheiro retocar minha maquiagem e arrumar os meus cabelos, ficaria mais um pouco na festa e depois me despediria de todos e iria para o meu quarto, acabar logo de uma vez por todas com aquela noite de flertação inútil, revelações trágicas de meus amigos e mais uma noite sem grandes acontecimentos em minha vida.

Me levantei, indo em direção do banheiro.
Cruzei toda a pista de dança, chegando do outro lado e encontrando um grande corredor com duas portas, um era o banheiro masculino e o outro feminino, entrei logo e não me demorei, voltando em menos de três minutos para a festa; Nada havia acontecido de novo, não queria voltar para a minha mesa, então decidi ficar naquele lado do salão, logo localizei uma mesa vazia sem o papel com o nome dos donos, então sem me importar, me sentei na cadeira, cruzando as minhas pernas, enquanto observava os casais que dançavam graciosamente na minha frente e cruzavam toda a pista de dança.

Não demorou muito e identifiquei Rachel dançando com o garoto moreno que a havia convidado, ele parecia radiante enquanto Rachel não demonstrava grande ânimo, toda hora fazia cara feia para ele que pisava em seu pé a cada novo rodopio, e a mesma tinha seus olhos fixados em determinado ponto, os segui e achei Steve e

Joana que dançavam mais devagar que a maioria na pista, os dois estavam abraçados, Steve com a cabeça no topo da cabeça de Joana que estava com os olhos fechados e um sorriso encantado nos lábios. Um casal em especial chamou a minha atenção, o garoto moreno britânico dançando com a garota, eles dançavam graciosamente como se tivessem nascido para aquilo, ela dava vários sorrisos tímidos enquanto ele dava vários beijos em seu rosto de modo doce, por fim deu um beijo nos lábios dela que retribuiu com a mesma paixão enquanto continuavam a dançar.

- Você está se divertindo? – Senti um arrepio tomar conta de todo o meu corpo, aquela voz grossa e firme ao meu lado era muito reconhecida aos meus ouvidos, mas foi o seu sotaque britânico que o entregou de vez. Ele falava num tom baixo de voz, de uma maneira tão suave e reconfortante que era impossível não me sentir seduzida a ele.

Olhei para o lado e lá estava o garoto loiro parado em frente a minha mesa, ele me olhava intensamente com um sorriso de lado em seus lábios que lhe caia muito bem, aquele olhar me fazia corar era impressionante como o tom de seus olhos eram tão irreais, um azul vivo e profundo que parecia brilhar, mas mesmo assim continuei a olhá-lo, encantada com toda sua beleza e charme.

- Hmm, não muito. – disse de forma sincera. – E você?

- Eu garanto que esse era o último tipo de lugar que eu gostaria de estar, mas pelo visto, somos surpreendidos com mudança de desejos. – Ele murmurou suavemente, me olhando de uma maneira encantada, ele ergueu ambas as sobrancelhas e indicou com a mão na direção da cadeira – Posso me sentar?
- Claro. Essa mesa não é minha, então estamos quebrando provavelmente uma regra juntos.
– Murmurei, sorrindo de leve.

- Desafiante. Gosto disso. – Ele disse sorrindo de lado, em seguida ele olhou para a pista de dança por alguns segundos e enfim, olhou para mim com seus olhos azuis brilhantes. – Porque você não está dançando? Garanto que convites não faltaram.

- Eu não danço nada bem. – disse, o olhando e omitindo a parte dos convites já que

eu não recebi nenhum. – Na realidade, eu sou uma tragédia na pista de dança, eu arrancaria os pés de meu parceiro em segundos.

Ele riu levemente, sorrindo de uma maneira encantadora, será que ele sabia que aquele sorriso lhe caia muito bem?

- Desculpe o meu comentário, mas eu não duvido muito sobre isso. Em menos de vinte e quatro horas eu já vi você caindo duas vezes, imagine o que você faria em uma pista de dança? – Ele murmurou com certo sarcasmo. – Um massacre indescritível!

- Eu poderia me sair bem... Se eu tivesse um bom parceiro, tudo depende de quem fosse me guiar. – Murmurei, o olhando bem em seus olhos com um tom de voz doce.
- Então nenhum dos caras que lhe convidou para dançar pareciam bons o bastante para lhe guiar? – Ele murmurou, com uma expressão seria e pensativo.

- Até que tinha, um deles parecia até um dançarino profissional de salsa. – Eu disse com uma expressão confiante, ele ergueu ambas as sobrancelhas, acreditando em mim. – Mas, é o seguinte, vou lhe contar um segredo, o garoto que eu queria que me convidasse não convidou ... Ele meio que não queria estar nesse tipo de festa, sabe? – Murmurei de uma maneira descontraída, dando uma indireta bem direta que ele entendeu direitinho deixando um sorriso cair em seus lábios. – Então acredito que por isso ele não me convidou para dançar ...

- Que garoto idiota! – Ele disse, com um tom de voz sarcástico.

- Pois é, que bom que você reconhece isso. – Eu disse, erguendo uma sobrancelha. – Então, por que você não está dançando? Nenhuma das garotas parecem ser boas o bastante para você?

- Não, não são. – Ele disse com confiança sem parar de me olhar.
- Nossa, você deve ser meticuloso em suas escolhas. – Murmurei, sorrindo levemente, sentindo uma pontada em meu coração por ele ter sido tão firme em dizer *não*.
- Nenhuma das garotas parecem ser boas o bastante por que eu já encontrei a garota

ideal. – Ele disse, deixando um sorriso cair em seus lábios.

Senti que meu coração parou de palpitar naquele momento. Porque aquele garoto fazia isso comigo?
Porque ele me deixava tão atordoada, tão nervosa, tão completamente encantada com ele? O que ele tinha de tão especial? Eu nem ao menos o conhecia.
A orquestra parou de tocar com uma nota perfeita vinda do violoncelo.
Todos os casais na pista começaram a aplaudir em uma salva de palmas estridente.

- Você gostaria de dançar? – Ele questionou seriamente.
- Sim. – Disse, sem nem pestanejar.

Ele ficou de pé, estendendo logo em seguida uma de suas mãos para mim, me coloquei de pé e receosa, segurei na mão dele, sentindo uma corrente elétrica passar por todo o meu corpo; o olhei, sentindo um sorriso leve cair em meus lábios, ele nada fez, apenas me guiou em direção da pista de dança. Por alguns segundos, me lembrei que não tinha ideia do que iríamos fazer, de como me movimentar no ritmo daquela musica. Nossas mãos unidas me deixavam desconcertada por completo, em alguns momentos me lembrava de respirar, isso quando lembrava, em nenhum instante desgrudávamos nosso olhar, era como se um imã ligassem eles numa atração única e intensa. As primeiras notas começaram a ser tocadas, era uma música apaixonada, com muito som de violinos e violoncelo ao fundo.

Ele começou a me guiar lentamente pela pista, não nos movíamos muito, ficamos apenas no mesmo lugar o tempo inteiro nos movimentando em círculos; nossas mãos unidas sem a mínima pretensão de serem soltas, sua outra mão segura em minha cintura e a minha bem no meio da base de suas costas, nossos corpos estavam a centímetros de distância e nossos rostos tinham apenas uma distância pequena o suficiente para o ar passar entre nós, o máximo que pudesse nos separar para nos olharmos, nossos olhares entravam em combate entre si, os olhos brilhantes azuis deles contra os meus olhos castanhos claros, ambos tentando entender o que o outro tinha de tão especial, o que o outro tinha de tão mágico para todo aquele encanto existir.

O toque de nossas mãos, nosso olhar, os mínimos gestos, pareciam perfeitamente ensaiados entre nós, estávamos tão conectados que acreditava que ele não fosse real, que minha mente o havia criado em algum sonho, mas não, ele era real.
Eu podia sentir sua mão na minha, sentir sua pulsação vibrar em minha mão, sentir sua respiração perto de meu rosto.
Ele segurou firmemente meu pulso e deu um giro com o meu corpo, logo me trazendo de volta para perto de si, fiz uma expressão de surpresa e ele me olhou curioso, em seguida começamos a rir juntos, como se ele tivesse entendido o que se passava em minha mente. Ele agora segurou as minhas duas mãos e com um giro só me rodou, me trazendo de novo para perto de si, ainda esboçando aquele grande sorriso, voltando a repousar uma mão em minha cintura e mantendo sua mão firme na minha.
Continuamos a dançar, agora cruzando a pista de dança de maneira graciosa e de forma tranqüila, eu não sabia quanto tempo havia passado, mas a música cessou. Enquanto todos os casais aplaudiam a orquestra, nos mantemos parados naquele ponto da pista de dança, sem dar um passo para longe um do outro, nossos olhos conectados e atentos para cada movimento um do outro a espera daquele que quebraria o silêncio.
- Você gostaria de beber alguma coisa? – Ele perguntou, sem tirar seus olhos azuis de mim.

- Claro. – eu disse, sentindo minha voz sair um pouco rouca de meus lábios.

Ele me guiou para longe da pista de dança, passamos pelas mesas e logo chegamos ao bar que tinha ao fundo do salão. Ele olhou ao arredor e pude ver que todo o bar estava lotado, porém ele encontrou dois banquinhos e fomos até eles, nos sentamos e não demorou muito para um barman vir até nós questionando os nossos pedidos.

- Um Black velvet para mim. – Ele disse, olhando para mim em seguida. – E para a senhorita ...

- Um coquetel de morango com só uma dose de vodka, por favor. Ah, e tem como colocar aqueles mini guardas chuvas? Adorei eles! – Eu disse, sorrindo levemente. O barman sorriu e foi fazer os nossos pedidos, quando olhei para o loiro britânico ele

me observava atento, sua expressão seria ali em sua face.

- Eu pensei que você fosse pedir uma cerveja, os americanos parecem que precisam de uma tanto quanto precisam de oxigênio. – Ele disse em tom sarcástico.

- Cervejas são para momentos de descontração, estamos em uma festa chique então devemos beber coisas... Chiques. – Murmurei, deixando um riso sair dos meus lábios ao perceber que um coquetel tem nada de chique. – Ok, eu tenho uma queda por vodcka, por isso estou bebendo coquetéis à noite inteira.

O barman voltou entregando os nossos pedidos respectivamente, agradecemos e o loiro britânico me olhou.

- Então, você é do tipo de garota americana que bebe descontroladamente e não se lembra de nada pela manhã? – Ele questionou com uma pontada de seriedade em sua voz. – Não que isso seja um problema ... para mim, mas para você ...

- Não. – eu disse escondendo um sorriso em meus lábios, pensando seriamente em minhas palavras. – Para você ter ideia, eu nunca fiquei bêbada em toda minha vida e já experimentei todos os tipos de bebidas, porém eu tenho controle. Sei sempre qual é o meu limite. – Eu disse, mexendo no canudo que estava boiando na bebida. – Além do mais, eu nunca gostei de bebidas alcoólicas.

- Por quê? – Ele perguntou, pude sentir no tom de sua voz certa preocupação mesclada com curiosidade.

- As bebidas alteram as pessoas, fazem elas serem o que não são e dependendo do caso, pode até acabar com a existência dessa pessoa aqui entre nós. – Murmurei. Meus pensamentos foram tomados pela prematura morte de meu pai, mas eu não queria pensar sobre aquilo naquele momento. – É uma longa história, você só deve no momento saber que eu não sou alcoólatra.
- Nem eu. – Ele disse, sorrindo de lado. – O meu único vicio é isso aqui. – Ele tirou do bolso uma carteira preta de couro e abriu o velcro da parte de cima da mesma, mostrando um pacote preto de cigarros caros, pude ver que eram de sabor de menta, mordi meus lábios resistindo ao cheiro que exalava deles. – Meus pais são fumantes

compulsivos e vamos dizer que 90 % da população na Inglaterra vivem de cigarro, então é meio impossível a pessoa nunca fumar. Eu só evito fumar em público, por que é desagradável você tornar as pessoas que não fumam fumantes passivas, mas as vezes o vicio fala mais alto do que a vontade.

- Então temos algo em comum. – Sorri levemente. – Eu também fumo, mas só quando tenho vontade. Minha mãe sempre teve um papo bem aberto lá em casa e ela sempre me dizia que se eu quisesse beber e fumar que deveria fazer isso em casa e não na rua, nas mãos dos outros. Então um dia eu disse que queria fumar e ela me comprou uma cartela de cigarros e eu fumei, não achei nada demais, mas gostei. Tinhas dias que eu fumava, outros que não, já passei sete meses sem nem encostar em um cigarro, atualmente estou assim. – disse por fim, ele me olhando atento. – Eu sigo essa sua mesma filosofia, evito fumar em público, fumar para mim é como um ritual particular.

- Ritual particular. – Ele murmurou, com um sorriso no canto dos lábios – Gostei. Então a senhorita não tem vícios?

- Não. Nada me vicia. Já basta a minha existência, eu posso ser um tipo de droga para algumas pessoas. – Murmurei, sorrindo de maneira marota. – Eu sou o meu próprio vicio e posso me tornar o vicio de outros. – disse,passando uma das mãos em meus cabelos, ele observou atentamente o meu gesto, deixando um sorriso cair em seus lábios.

- Então vamos fazer um brinde. – Ele ergueu o copo com Black Velvet ao ar e eu ergui o meu coquetel,sorrindo. – Aos vícios e não vícios.
- Tchin tchin a isso. – Eu disse batendo o meu copo gentilmente no dele fazendo aquele som tilintar do copo, bebemos um gole de nossas bebidas e ele me olhou animado.
- Agora diga você, ao que devemos brindar? – Ele questionou, voltando a erguer o copo ao ar.
- L'amore. – Eu disse, sem ao menos perceber aquelas palavras saírem pela minha boca.
- Ao amor? É valido , mas por que em italiano? – Ele disse, sorrindo levemente.

- Porque foi à primeira coisa que veio em minha mente. – disse, rindo. – E porque é um assunto muito em debate nesse atual momento de minha vida, mas se você não gostar da palavra em italiano, podemos representar o amor em japonês que seria, *Ai*, ou em Francês que é similar ao italiano sendo que tem um sotaque diferente, *L'amour* ou do latim, que é *amor*. Ou o nosso normal e inglesado *amor*. Todos significam a mesma coisa, o puro e único amor, mas qual seria a sua palavra linguisticamente falando, favorita?

– *Amor*. – Ele disse imitando o meu sotaque em Latim com uma expressão pensativa.
- Então *amor* será. – Murmurei, erguendo meu copo ao ar. – Um brinde ao *amor*.

Nossos copos se encontraram novamente fazendo aquele som familiar dos copos se tocando, sorrimos e bebemos nossas bebidas olhando um para o outro, ele repousou o copo com uma expressão pensativa, me observando de maneira suave.

- Então, você está viajando com sua família e seus amigos ou está sozinha? – Ele questionou.

- Estou viajando com meu grupo de amigos do colégio, nos formamos nesse ano e decidimos que iríamos viajar pela Europa juntos sendo acompanhados pelos nossos dois professores favoritos. A ideia inicial era irmos de avião, mas a maioria achou que uma viagem de navio seria mais memorável e interessante, só esqueceram-se de informar que o custo seria muito caro.

- É, as passagens de navio costumam ser muito mais caras que as da primeira classe de um avião. – ele disse, me olhando atento.

- Pois é, e eu não sou de berço de ouro, se é que você me entende. Estudei durante quatro anos no melhor colégio pago de Durham como bolsista, sempre tive uma vida de dificuldades financeiras e só em estar aqui ... Eu não consigo acreditar é muito luxo e sofisticação para uma pessoa que como eu sempre teve o básico e sempre gostou de que fosse assim. – Ri de maneira nervosa. - Eu quase não pude vir porque minha mãe e meu padrasto acharam que seria uma despesa muito grande, contudo entramos em um acordo que acabou sendo bem melhor do que eu poderia imaginar.

- Posso saber que tipo de acordo foi esse? – ele murmurou, tomando um gole do Black Velvet.

- A ideia da nossa viagem é viajar por uma semana até Southamptom e de lá todos vão para Londres e irão ficar por uma semana lá e depois voltarão ao navio, continuar o cruzeiro pela Europa, pelo visto é isso que todos que estão participando do cruzeiro farão. O problema financeiro é exatamente relacionado com o preço do cruzeiro, era muito alto. Então entramos em acordo, eu vou ficar apenas durante uma semana no cruzeiro e quando chegarmos em Southamptom ficarei por duas semanas em Londres, ou seja, eles vão e eu fico. O custo será bem menor do que seria e eu voltarei para a Carolina do Norte de avião. – Me lembrei de Rachel e murmurei animada. – Ah, e minha melhor amiga também vai fazer o mesmo que eu por que não podemos ficar longe uma da outra, então ...

- Realmente foi um acordo muito justo. Vocês pretendem ficar em qual hotel?

- Não vamos nos hospedar em hotel nenhum, eu tenho um tio que mora em Notting Hill, num bairro pequeno chamado Little Haven, ele tem a matriz da livraria dele que tem diversas filiais por todo o Reino Unido, você já deve ter ouvido falar dela, se chama *Maverick* - Ele balançou a cabeça positivamente - e vamos ficar com esse meu tio durante as duas semanas.
- Olha só! Já tem até guia turístico e livraria para comprar diversos livros de lembrança, isso é demais! – Ele disse com animação. – E você está ansiosa para conhecer Londres?

- Ansiosa não seria a palavra que eu usaria. Conhecer Londres para mim sempre foi uma utopia e agora que eu estou tão perto de realizar esse sonho, eu não consigo definir todos os sentimentos que me preenchem nesse momento. Eu simplesmente estou em êxtase. – Eu disse, sentindo meus lábios sorrindo de maneira sincera e afetuosa.

- Agora eu compreendi por que o acordo acabou sendo algo bom. Eu garanto que você vai amar Londres, é uma cidade incrível, eu vejo Londres como um organismo vivo, está sempre em atividade e o ar cultural e histórico dela me inebria... Para mim,

Londres sempre foi e será uma utopia. – ele murmurou, dando um último gole do Black Velvet e indicando para o barman colocar mais um pouco, bebi alguns goles do coquetel o observando de maneira discreta.

- E você? Está aqui com seus amigos, família? – Questionei de moda despojada, mexendo o canudo gentilmente no copo e tomando outro gole, enquanto o olhava de forma interessada.

- Em parte. Eu estou viajando com a minha tia e irmã mais nova, Amelia. Aquele garoto moreno insuportável e tagarela que você conheceu mais cedo é o Dorian, namorado de minha irmã há mais de seis anos e ele é o meu melhor amigo desde minha infância, vamos dizer assim.

- Eu não achei o Dorian insuportável, eu o adorei. – Disse sinceramente, arrancando um leve sorriso dos lábios dele - Eu sei que a viagem mal iniciou, mas está gostando? – Repousei o coquetel no balcão, o olhando suavemente.

- Mais do que poderia imaginar. – Ele disse com intensidade em sua voz e em seu olhar. – Era para já estarmos em Londres, mas minha tia quis que viajássemos nesse cruzeiro, já que faz meses que não nos vemos e ela achou que seria o momento ideal para ficarmos juntos.

- Você estava visitando a Carolina do Norte? – Perguntei surpresa, tentando descobrir o que ele havia feito nos Estados Unidos nesses últimos dias, tentando saber mais dele.

- Não, eu viajei a negócios para Nova York, tinha alguns problemas familiares para resolver com minha tia e Amelia com Dorian decidiram vir juntos para curtirem um momento a sós antes do noivado deles. – Ele disse naturalmente, como se nos conhecêssemos a anos.

- Eles estão noivos? – Eu questionei soando espantada, tentei me corrigir. – E que eles parecem ser tão novos!

- Dorian tem vinte e quatro anos, só é quatro anos mais velho do que eu e Amelia

tem dezenove. O noivado ainda não foi anunciado para a família, por isso eles querem ter um tempo só deles, por que sabem que quando o noivado for anunciado, todos vão ficar em cima deles, o tempo inteiro e eles não terão um tempo para ficarem a sós e decidirem o que querem para o casamento deles. – Ele murmurou, entortando os lábios ele não parecia muito a favor do casamento, em seguida tomou um gole do uísque, mudando de assunto. Mas me diga, você nasceu na Carolina do Norte mesmo?

- Sim, Durham. Nascida e criada. É uma cidade muito gostosa de viver, tranqüila e bem familiar.
- E sua família? Tem irmãos? – Ele questionou, curioso.

- Ah, não. Eu tenho um meio irmão ele tem quatorze anos, ele é cinco anos mais novo do que eu , mas nem parece já que ele é gigante e tem um rosto e comportamento bem maduro para sua idade, somos muito parecidos fisicamente e em comportamento, mas não somos irmãos de sangue, mas nos consideramos assim.

- Às vezes considerar é melhor do que ser. O amor pode ser mais sincero dependendo do caso, não que seja o meu, eu amo a minha irmã mais do que poderia imaginar, ela faz parte da minha vida desde o primeiro momento que abriu aqueles olhos azuis, desde então eu sou o irmão mais sortudo que deve existir nesse mundo... Não consigo imaginar minha vida sem ela.

- E, eu entendo isso. Eu não consigo me imaginar sem o Chuck.
- Você mencionou que tem um padrasto... mas não disse nada sobre seu pai. – Ele murmurou soando como se fosse uma pergunta.
- Hmm, ele faleceu quando eu tinha quatorze anos. – Murmurei, sentindo meu coração se afundar no meu peito.
- Sinto muito, eu fui além do que devia. Me perdoe. – Ele disse, me olhando de forma pesarosa.

- Tudo bem, você não poderia imaginar. – Eu disse, balançando minha cabeça de maneira leve, tentando soar tranqüila. Percebi que ele ainda me olhava com pesar então logo tratei de mudar de assunto. – Me conte, você faz universidade?

- Sim, sim. 2º ano de Direito em Cambridge. – Ele pausou por alguns segundos, me observando atento - Meu sonho era cursar direito em Harvard, mas não pude. – Ele disse de uma maneira cabisbaixa.

- Por quê? – Questionei, sentindo que estava ultrapassando uma barreira que separava o que era pessoal e o que era muito pessoal.
- Por causa do *negocio* da família. – Ele murmurou, soando misterioso. – Eu preciso me manter na Inglaterra, não posso ficar mais que um mês fora da cidade.

- Entendi. – Murmurei, mesmo não tendo entendido a verdadeira razão. – Mas você gosta de Cambridge?
- Bom, não era o meu sonho, mas está me surpreendendo. – ele disse, de forma desanimada.
– E você? Você mencionou que se formou recentemente, então ... Já escolheu a Universidade a qual vai entrar? Devo chutar que vai estudar em Duke, já que fica em sua cidade natal.

- Eu fui aceita em Duke, mas vou para a Universidade de Columbia que fica em Nova York. – Sorri levemente.- Sempre foi um sonho estudar lá, mas sempre mantive em mente que se não conseguisse, tudo bem, talvez eu acabasse me dando bem melhor em outro lugar ... Mas eu consegui entrar para lá então eu vou aceitar a oportunidade ... – disse, sentindo certo ânimo me tomar.

- Fico feliz por você, pequena mulher. – Ele disse se aproximando levemente de mim pude sentir que cada pedaço de minha pele havia se enrijecido, a maneira que sua voz soou ao me chamar por aquele apelido de maneira doce, voltando a me olhar com intensidade. – Se for grosseiro da minha parte desde já peço perdão, mas não consigo me conter, preciso lhe questionar isso.

- O que? – questionei, sentindo que o ar não estava entrando em meus pulmões como devia. Nossos olhos conectados atentamente enquanto eu podia ouvir meu coração acelerar em meu peito.

- Licença. – Ouvi aquela voz familiar, ele olhou para o nosso meio e segui seu olhar vendo Rachel parada bem entre nós com um sorriso malicioso que sempre lhe caia

bem, mas seus olhos estavam caídos, entristecidos por algo. – Eu não queria atrapalhar, se não fosse urgente eu não estaria aqui, mas preciso conversar com você, Kate.

- Ahh ... – Foi o máximo que disse. Ela tinha que me chamar justamente agora? Quando ele ia me perguntar algo? Com certo desânimo, olhando em direção a ele que não parecia tão desanimado, havia um leve sorriso em seus lábios enquanto observava Rachel, ele parecia contente com a intromissão já que aquele sorriso se mantinha em seus lábios.

- Sem problemas, eu já estava de saída. – disse ele suavemente.

- Eu acho que não fomos apresentados, sou Rachel Ray. – Ela estendeu a mão para ele, sorrindo de maneira charmosa, ele sorriu, apertou a mão de Rachel e em seguida me olhou atento, deixando um sorriso malicioso cair em seus lábios.

- Não vai saber meu nome tão fácil assim. – Ele murmurou em um tom baixo de voz, soando sensual com aquele sotaque britânico.
Um sorriso escorregou em meus lábios e ergui ambas as sobrancelhas, ele se levantou ficando a minha frente.
- Obrigada pela noite maravilhosa.

- Espero que sua repulsa por festas como essas tenha sido superado. – Murmurei, ficando de pé também, a apenas um passo de distância dele. Podia sentir que minhas pernas tremiam levemente e não era porque estava sentada na mesma posição há muito tempo.

- Se você estiver em todas elas, a repulsa nunca mais irá existir. – Ele voltou a murmurar em um tom suave de voz, olhou para Rachel e sorriu gentil. – Foi um prazer conhecê-la, Rachel. Boa noite. – Ele disse por fim, deixando cair um olhar profundo em minha direção e se afastando de nós.

- Meu Deus! – Rachel disse, se virando e olhando ele se afastar com uma das mãos no coração, foi nesse momento que vi que Amelia e Dorian estavam sentados em uma mesa a alguns metros dali, ambos conversando de uma maneira entrosada, ele se

juntou ao grupo falando algo com a irmã que sorriu gentil.

- Eu sei. – Disse, deixando um grande sorriso cair em meus lábios, desviando meu olhar do grupo e olhando Rachel. Foi quando percebi que havia algo errado com ela,meu sorriso se desfez de imediato, ela estava com olheiras, sua maquiagem parecia um pouco borrada e seus olhos pareciam vermelhos. Ela havia chorado. – Rach, o que houve? Porque você ...?

- Com licença. – Uma voz masculina disse, conhecia aquela voz. Ao me virar dei de cara com o supervisor do navio e anfitrião da festa, Arthur Balcon. Rachel o observava curiosa e eu também, percebi o quanto ele era baixinho de perto, tudo bem que eu era alta, deveria ter 1.73 de altura e minhas pernas eram bem longas, mas ele era bem baixinho. Rachel deveria estar achando isso engraçado ou talvez fosse à gravata borboleta que ele usava, porque a mesma tentava conter um sorriso. Arthur ,sem delongas ergueu uma das mãos, mostrando uma linda rosa vermelha com um pequeno laço de fita vermelha com um bilhete preso, ele estendeu para mim e eu fiquei completamente desorientada. – Isso é para a senhorita.

- O-o que? – Gaguejei, não sabendo ao certo o que estava acontecendo.
- O cavalheiro que acabou de sair daqui mandou que isso fosse entregue a senhorita. – Arthur estendeu à rosa e eu a peguei, ainda atônita. – Tenham uma boa noite, senhoritas.
- Obrigada. – Eu e Rachel murmuramos, pasmadas.

Rachel me olhou ainda com uma expressão pasma, troquei um breve olhar com ela e observei à rosa.
Semi aberta, com as pétalas se desabrochando de forma delicadas, a rosa era de um tom vermelho vivo e até parecia ser aveludada, desci minha mão pela haste e encostei meu dedo no laço de cor vermelha como a rosa, vi o pequeno bilhete preso ali, em papel cartão bege, abri e em uma letra desenhada e leve, estava escrito :

Para aquela que consegue envergonhar até as rosas com sua estonteante beleza.
- Peter.

Rachel estava debruçada em mim, lendo o bilhete com um sorriso nos lábios.

- Ele não fez isso! – Ela disse incrédula, com a boca aberta em choque. – Esse garoto trabalha de maneira misteriosa, tiro meu chapéu para ele.

- Ele fez isso e acho que ele é capaz de fazer muito, muito mais. – respondi, olhando o bilhete incrédula.

Olhei para a direção da mesa onde ele estava a pouco, mas não estava mais, nem Dorian ou Amelia. Dei uma breve olhada ao arredor e os meus olhos pararam em frente da porta da entrada do salão, meu coração martelando em meu peito de repente, ele estava indo embora, se despedia de um casal simpático e gracioso, assim que eles se afastaram cumprimentando Amelia e Dorian, pude ver que de repente seus olhos caíram por sobre mim, ele me olhou com certo encanto e em seguida, um grande sorriso caiu em seus lábios. Senti que meus lábios também se abriram em um grande sorriso, dei uma leve cheirada na rosa, observando ele por fim indo embora do local.
Peter.
Senti meus lábios sussurrarem.
Peter. Peter. Peter.
Esse era o nome dele.
Entre três mil passageiros foram os olhos dele que chamaram a minha atenção, agora a pergunta que paira em minha consciência, será que vou vê lo novamente ?

- Kate! – Alguém me chamou, mas estava imersa demais em meus pensamentos para despertar.

-Kate. – A voz estava perto de mim, me virei para o lado me despertando do transe que havia entrado. Era Rachel que me chamava, agora com uma expressão pesarosa. – Eu sei que a sua noite foi incrível e eu não queria estragar ela com os meus problemas, mas nós podemos conversar? Fora daqui de preferência?

Balancei minha cabeça positivamente e saímos do salão em passos largos tentando não ser vistas por nenhum de nossos conhecidos para não levantarem questionamentos ou nos atrapalharem.
Rachel precisava conversar comigo e ninguém iria impedir isso.

Segurei o seu braço e começamos a andar, acabei reconhecendo o caminho percebendo que estávamos indo em direção a piscina principal.
Contudo precisava confessar que meu coração continuava acelerado só em pensar nos últimos minutos ao lado de Peter; minha mente continuava imersa em diversos pensamentos do mesmo modo que me sentia nas nuvens com a sensação de que Peter estava tão interessado em mim quanto eu nele.
Meus dedos seguravam a rosa que ele havia me dado com carinho, como uma boba, cheirava a flor a cada novo minuto sentindo seu doce aroma e novos pensamentos em relação a Peter surgiam em minha mente.
Peter.
Será que eu o veria novamente?
Era a única questão em minha mente naquele momento e eu estava enlouquecida por uma resposta positiva.

Capítulo 04

Eu Escrevo Pecados, Não Tragédias

Você é meu mensageiro,
que veio do céu
Não importa o quão triste esteja
Você sempre tem uma maneira
de me fazer sorrir
E eu te admiro,
pelo seu puro coração
Você sempre dá tudo de si,
por todos a sua volta
e eu rezo para que nós nunca nos separemos.

Angel - Beyoncé Feat Kelly Rowland

Nossos sapatos faziam um barulho suave no taco abaixo de nossos pés, não andávamos com pressa, mas também não estávamos desfilando pelo ambiente, tínhamos um propósito em especial: achar um lugar tranqüilo e reservado para podermos conversar. Não conversávamos, a tensão era grande em Rachel e a preocupação tomava conta de cada pedaço de minha mente; Peter não era mais o meu foco, apenas Rachel.
Em nossos caminhos víamos diversos jovens e adultos que conversavam animados

enquanto cruzavam o ambiente, alguns deles se mantinham na borda observando o negro oceano a nossa frente fascinados com tal beleza.

Eu e Rachel continuávamos a andar sem dar bola a quem estivesse em nossos caminhos, ela segurava meu braço com leveza e eu podia sentir o quanto ela estava chateada, algo havia acontecido a ela e eu sentia que ela estava com o coração partido.
Rachel e eu tínhamos essa estranha ligação era como se um fio transparente e enorme nos ligasse, sabíamos ao certo o que cada uma sentia a qualquer momento, apenas com um olhar ou um simples pensamento; eu gostava de acreditar que esse tipo de ligação existia antes mesmo de nossos nascimentos, como se soubéssemos que em outras vidas já estivemos juntas, como irmãs ou amigas, e que essa ligação era a certeza que teríamos uma a outra sempre; éramos tão ligadas e unidas que Rachel afirmava que morreríamos no mesmo dia e por mais mórbido que pareça, eu não dúvidava disso.
Podíamos sentir claramente quando a outra estava bem, mal, triste, feliz, confusa, desanimada ou no caso desse momento, decepcionada.
Tínhamos uma ligação típica de irmãs gêmeas, mas não éramos irmãs; somos amigas de infância, irmãs de alma, havíamos escolhido uma a outra para dividirmos as nossas vidas, tornando essa ligação mais especial e pura.

Entramos na área da piscina principal, em vez de irmos em direção as cadeiras, Rachel soltou meu braço, subiu a escada de três degraus que havia a nossa frente e começou a andar no mármore que ficava a frente da piscina, ela tirou os *Jimmy Choo* dos pés e os largou de lado junto com sua pequena bolsa presta de pedras furta cor e se sentou no mármore, colocando os pés dentro d'água. Imitei seus gestos, tirei os meus sapatos e me sentei sentindo o mármore gelado tocar o tecido fino de meu vestido e logo minha pele, coloquei os pés dentro d'água e ela estava quente de um modo agradável e isso foi bem agradável, coloquei minha pequena bolsa ao lado de meus sapatos, mas mantive a rosa em mãos, eu simplesmente era incapaz de soltá-la.

Eu me concentrei totalmente em Rachel, esperando alguma palavra ou reação dela, mas nada, ela ficou a balançar os pés dentro d'água enquanto aquele som da mesma

se movimentando tomava conta do ambiente, ela ficava a olhar o horizonte e eu apenas a observava.
Senti um grande calafrio me atingir, daquele tipo que você sente quando assiste a um filme sangrento de terror, olhei ao arredor, mas não havia ninguém ali. Era apenas a brisa fria da noite que estava fazendo 15º graus, de acordo com a meteorologia; o céu estava azul escuro com algumas estrelas brilhando timidamente, a lua por sua vez se encontrava bem espalhafatosa no céu: grande, semi redonda e brilhante. Sempre tive uma fascinação por ela, talvez seja pelo motivo de meu signo ser regido pela Lua (já que sou canceriana) agora se ou não por causa disso, só sei, que sempre amei admirar a Lua não importando em que fase estivesse, ela sempre estará bela e brilhante no infinito do céu; sua luz nos banhando naquela noite e dá mesma forma que o Sol podia me dar energia e forças, eu sentia que a Lua também tinha esse poder sobre mim, mas de uma forma mais sentimental e profunda. Ouvi um choramingo e olhei para o lado, vendo Rachel com os olhos cheios de lágrimas, em questão de segundos as lágrimas começaram a cair por seu rosto moreno e de imediato, me aproximei para abraçá-la, mas ela se encolheu, rejeitando meu ato como de costume, limpando rapidamente as lágrimas que continuavam a rolar.

- Não, por favor. – ela disse com um tom de voz receoso. – Eu não mereço nenhum consolo, gesto de carinho ... Eu sou uma pessoa horrível.
Rachel abaixou o rosto, deixando as lágrimas escorrerem silênciosamente agora, olhei para seu rosto e sorri levemente, tentando lhe passar conforto.

- Ei, olha para mim. – murmurei, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas, sem saber a verdadeira razão para isso, só sabia que eu não podia ver Rachel chorando que isso me quebrava em questão de segundos em lágrimas tortuosas. – Rachel, o que está acontecendo?

- Kate, eu sou muito idiota... – Rachel disse por fim, com a voz um pouco fanhosa. – Lembra que eu sempre lhe disse que amor verdadeiro não existia? Que quanto mais à gente acreditasse nisso, mas seriamos usadas e maltratadas pelos garotos? – Balancei minha cabeça de maneira fraca, ela limpou as lágrimas e continuou. – Eu sempre disse isso, mas nunca acreditei de fato nessas palavras, por que eu tinha medo dos sentimentos que existiam em meu coração. Do amor que eu sentia por ele,

mas reprimia por que não queria ver ninguém sofrendo por minha culpa, e o principal, eu não queria sofrer. – Agora as lágrimas dela desciam com mais velocidade e sua voz se tornará fanhosa, mas mesmo assim ela continuou a falar. - Ele sempre esteve aqui do meu lado, e esse amor só crescia, só aumentava e eu tentava destruí-lo de todas as formas possíveis; me jogava em festas, ficava com todos os garotos que me desejassem torcendo para que no fim das festas que ia, eu acabasse me apaixonando por um deles, mas não, eu sempre voltava mais e mais apaixonada por ele. E agora, tudo está perdido ... – Rachel caiu de vez em um choro baixo e pesaroso, enquanto eu acariciava as suas costas, tentando compreender suas palavras e confortá-la.

- Eu estou confusa, Rachel, seja mais clara. – Murmurei de maneira suave, seus olhos se encontraram com os meus, temerosos e tristes, duas grandes bolas negras lotadas de lágrimas, algo raro nos olhos de Rachel.. – Por favor, me conta o que está havendo.

- Eu vou te contar tudo, mas você precisa me prometer que não vai contar nada do que eu disser para o Steve ou para a Joana. Promete?- Rachel disse, engolindo em seco.

Fiquei em silêncio por alguns segundos.
Era uma promessa muito séria.
Por mais que Rachel fosse a minha melhor amiga (irmã de alma, como eu dizia) há muito mais tempo que Joana e Steve, eles também eram os meus amigos e eu deveria pensar com cautela em minha resposta; era uma promessa com muitas conseqüências tanto para mim quanto para eles, estaria pronta para tal coisa?
Não queria que ninguém saísse ferido daquela situação toda, que desconhecia, mas foi ai que percebi: Rachel já estava sofrendo.
Sozinha com sua dor, temores e sentimentos.
Não importava o que estivesse acontecendo, a minha amiga estava sofrendo e eu deveria ajudá-la, ser o ombro amigo dela nesse momento complicado, independente do que essa decisão fosse me causar no futuro, a minha única meta era ajudar Rachel agora e era isso que eu iria fazer sem hesitações.
Ela precisava de mim, isso só bastava.

Respirei profundamente e balancei minha cabeça de maneira positiva, sentindo um grande peso cair em minhas costas de imediato, era a responsabilidade por tal aceitação, mas eu não a temi, abracei tal desafio com coragem.
Era uma responsabilidade a qual não estava pronta, mas teria que lidar com isso, por *ela*.

- Prometo. – Murmurei com firmeza.

- Eu estou apaixonada pelo Steve. Pronto, falei. – Rachel murmurou alguns segundos depois, limpando os olhos com cuidado para evitar borrar a maquiagem o que era provável, assim que terminou me olhou pensativa. – Desde o primeiro dia que o vi, todo o meu mundo parou. Desde então é só ficarmos perto um do outro que meu coração acelera, minhas mãos gelam, meu estômago revira, eu fico completamente sem ação estando com ele. É tão idiota que eu chego a ficar com ódio de mim mesma. Eu não fico assim com os outros garotos, porque eu tinha que ficar assim justamente com ele? O garoto que é o namorado de uma de minhas melhores amigas. – Ela pausou e me olhou por alguns segundos, pensando nas próximas palavras que iria me dizer. - Assim que ele começou a namorar a Joana, eu comecei a sentir uma sensação estranha, ficava me imaginando no lugar dela, imaginando o tão sortuda que ela era, eu via eles se beijando bem na minha frente e eu tentava ser forte e conseguia, mas tudo mudou nos últimos meses, quando eu descobri o que Steve sente por mim.

“Eu não sei se você se lembra, mas tivemos que ser dupla nas aulas de química nesse ano, o último trabalho do semestre foi esse grande projeto que teríamos que fazer juntos, passamos vários dias sozinhos em minha casa e na casa dele, as vezes Joana aparecia por lá ou até mesmo você, mas a maioria das vezes ficávamos sozinhos e você não sabe como eu amava e odiava isso ao mesmo tempo.
Eu amava por que tinha momentos a sós com ele e odiava exatamente pela mesma razão. Alguns dias se passaram e coisas começaram a acontecer.
Eu comecei a achar que estava imaginando coisas, mas eu podia sentir que havia algo acontecendo entre nós e uma coisa que eu não sou é louca. Não podíamos ficar perto um do outro que sempre rolava um clima, a maneira que ele me olhava era diferente, era uma olhar de desejo e eu ficava enlouquecida para beijá-lo, mas me controlava ao máximo tentando me lembrar de Joana e em como isso a afetaria e eu podia ver em

seu olhar que ele também fazia o mesmo, que ele estava tentando resistir as tentações. Mas uma hora ... Ele não agüentou mais, era tentação demais, então ele recorreu ao professor, pediu que ele trocássemos de dupla porque não estávamos conseguindo nos entender, o professor disse que era tarde para uma mudança já que faltavam apenas duas semanas para a entrega do trabalho, então tivemos que continuar juntos. No inicio tentamos terminar os trabalhos sozinhos, cada um fazendo a sua parte, mas Steve quase colocou fogo na casa dele e você ..."

- Eu te liguei. – Murmurei, me lembrando daquela situação. – Te liguei por que só você saberia como ajudá-lo com aquelas formulas e como vocês estavam trabalhando em dupla aconselhei que fizessem juntos por segurança. Eu jamais desconfiei que fosse proposital a separação, se não eu teria ficado na minha e tentaria ajudá-lo de algum modo. – Murmurei, sentindo meus lábios um pouco entreabertos com o choque.

- Então, voltamos a fazer o trabalho juntos. E um dia aconteceu ... – Rachel disse, deixando um sorriso cair nos lábios. – Nós beijamos de uma forma que eu nunca fui beijada antes. Pude sentir cada pedaçinho do meu corpo gritar pelo toque dele, meus lábios vacilavam pedindo mais e mais e teria sido mágico o momento, se Joana não tivesse aparecido alguns segundos depois que nos afastamos, quando a campainha tocou, eu fiquei gelada de pavor e podia ver que Steve estava apavorado. Sabíamos que era ela e eu fiquei em pedaços quando vi Joana entrando pela cozinha, toda sorridente, sem desconfiar o que eu havia acabado de acontecer. Eu me senti horrível ...

- Mas Steve beijou você também. Ele tem tanta culpa quanto você. – Eu disse a olhando.

- Bom, ai é que está o problema. Conversamos alguns dias depois do beijo e ele me revelou que sempre teve uma paixão por mim, mas que Joana era quem ele amava e que depois que ele me beijou ele disse que não saberia se conseguiria ficar longe de mim, mas que ele também não queria terminar o namoro com Joana por que ele a amava de verdade. Ele disse com todas as palavras, Kate, que ele gosta de mim, mas que ele ama Joana e que não pode terminar com ela para ficarmos juntos por que

seria loucura, seria errado tanto com o que ele sente quanto por Joana. Então, decidimos que iríamos evitar passar tempo juntos, pelo bem do relacionamento dele com Joana, então combinamos que nessa viagem ficaríamos afastados e evitaríamos ao máximo ficar sozinhos.
- Compreendo.

- Não, você não compreende, Kate. Nosso plano deu completamente errado, pensávamos que a viagem fosse ser de avião, então seria bem fácil não ficarmos sozinhos ou passarmos muito tempo juntos, mas não, estamos viajando na droga de um navio. Estamos fadados a ficar o tempo inteiro juntos em eventos, se esbarrar sem querer pelos convés ... Estamos presos aqui dentro por sete longos dias, escondendo um segredo desses de Joana e eu posso jurar que ela está ficando desconfiada e o pior de tudo é que... Eu não posso ficar perto deles, eu os vejo se beijando e eu sinto um nó enorme se formar em minha garganta, então eu tento me afastar, tento me esconder disso tudo, dessa dor, dessa paixão ... – Rachel balançou a cabeça negativamente, enrugando o cenho falando em tom de voz muxoxo. Você tinha que ver o idiota que ele foi na festa. Eu estava entediada e cansada de ficar ali com eles sentados na minha frente tão apaixonados e unidos, principalmente o que mais me incomodava era o Steve me olhando o tempo inteiro, então fui convidada por aquele espanhol fofo para dançar e eu adorei, por que assim ficaria longe deles e me divertiria, mas não, o Steve tinha que arruinar tudo. Foi dançar com Joana e ficou o tempo inteiro grudados em nós até uma hora que o meu parceiro percebeu e quis tirar satisfações com ele, Steve não gostou e puxou o cara para conversar na varanda como se tivesse razão para tal coisa acabou que Joana se irritou com a atitude dele e foi embora da festa, o meu parceiro sumiu de vista e só ficou Steve na varanda, furioso. Fui lá e discutimos. Jogamos muita coisa na cara um do outro e ele confessou que estava morrendo de ciúmes da forma que eu estava sendo paquerada pelos caras na festa, pelo modo que estava vestida e que aquilo tudo estava o enlouquecendo, que ele queria estar comigo e não com Joana...

“A gente quase se beijou, Kate. Então, ele disse que precisava de um tempo sozinho, eu falei que ele tinha todo o tempo do mundo, então ele me disse que não era disso que ele estava falando, que ele ia pedir um tempo para Joana para eu e ele ficarmos juntos assim para descobrirmos se o que sentimos um pelo outro vai além

de uma paixão. Eu o ignorei, não acredito nessas promessas de cara comprometido, sai de lá e o deixei sozinho na varanda, foi quando te encontrei no bar com o Peter. Eu precisava muito te contar sobre isso, eu não agüentava mais guardar esse segredo, morena. Eu não sei o que fazer, o que pensar, o que *sentir* ... O que você acha disso tudo? Me dê a sua opinião e seja muito, muito honesta." – Rachel concluiu, me olhando com seus olhos castanhos brilhantes das novas lágrimas que se formavam, toda sua dor expressada em sua face.

- Ele vai dar um tempo a Joana para poder ficar com você? – Eu murmurei incrédula. Isso parecia tão irreal que as palavras saíram de forma estranha dos meus lábios, saíram pesadas e descrentes.

- Foi o que ele disse. – Ela disse com uma pontada de esperança, mas dando de ombros, como se não se importasse, mas sabia que não era bem assim. – Eu não acredito nisso, mas ...

- Não, se o Steve disse isso e porque ele vai fazer. – Eu disse de maneira firme, o conhecia bem o bastante para saber que não era do tipo de descumprir uma promessa - Steve não diz nada sem pensar antes nas conseqüências e se ele disse isso para você é porque ele realmente quer ficar com você, quer entender o que está acontecendo entre vocês dois, mesmo que ele tenha que se separar de Joana ...

Steve não é o tipo de cara que usa as garotas para conseguir amassos e sexo, ele jamais faria isso, ainda mais sabendo que isso magoaria Joana e Rachel. Ele tem muito carinho por ambas e se ele pretendia pedir um tempo a Joana, a garota por quem ele é apaixonado há três anos é porque ele realmente tem sentimentos por Rachel e não consegue mais lutar contra eles e não quer magoar Joana com um sentimento mal resolvido e nem ficar "usando" Rachel enquanto ainda está namorando Joana.

- O que eu faço, Kate? O que você faria no meu lugar? – Rachel questionou, me olhando cabisbaixa.
- Me mataria. – disse sinceramente, erguendo ambas as sobrancelhas.
- Kate! – Rachel disse chocada, empurrando levemente meu ombro.

- É sério. Eu não conseguiria, por mais que conhecesse e gostasse do cara, eu não poderia trair a minha amiga assim, Rach. Eu não julgo os seus sentimentos, mas sinceramente, como você vai conseguir dormir a noite sabendo que Joana vai estar chorando e arrasada no quarto ao lado, por de certa forma sendo culpa sua? – Eu disse com firmeza, sentindo cada palavra afetar ela, mas era a verdade que ela queria ouvir, então teria que agüentar. – Eu já passei por isso, Rachel. Eu já estive na posição que Joana vai estar, eu sei que o que eu senti, com certeza não vai ser o mesmo que a Joana vai sentir, mas eu tenho uma ligeira impressão dos sentimentos que vão preencher ela e tenho que lhe dizer, são sentimentos horríveis, pelo menos para mim foi muito doloroso. Então, por mais que eu queira me sentir feliz por você está tendo essa chance de desfrutar desse amor, eu não consigo ficar plenamente feliz porque eu sei que a Joana vai sofrer e eu não acho isso justo.

- E você quer que eu faça o que? Vamos dizer de maneira hipotética que o Steve peça um tempo a Joana, para poder ficar comigo, o que você acha que eu devo fazer? Ignorar o ato dele e perder a chance de realizar o meu desejo? – Rachel questionou de uma maneira inconformada, mas de forma seria.

- Você pediu a minha opinião e ela é essa. Sim, você deve ignorar o ato dele, pelo bem maior. Seria egoísta demais da sua parte aceitar essa decisão dele enquanto a sua amiga vai estar sofrendo por causa disso. Mesmo que vocês fiquem escondidos, não vai adiantar, segredos sempre vem a tona.

- Você está vendo tudo isso de um ponto de vista torto, Katerina. – Rachel murmurou, dando ênfase ao meu nome de forma irritada, senti uma leve raiva por ela ter mencionado ele; apenas ela e minha mãe me chamavam pelo meu nome e sempre era quando estavam irritadas comigo, logo peguei aversão pelo meu nome.

- Não, não estou. Você que está querendo que isso aconteça, está se preocupando com os seus sentimentos e se esquecendo dos outros ... – Murmurei, mas fui interrompida.

- Você não entende sobre nada disso, porque você nunca amou ninguém, Katerina. – Rachel disse friamente, erguendo ambas as sobrancelhas de uma forma infantil, como

se a sua afirmação fosse argumento.

- Você faria isso comigo? – Murmurei de maneira pesarosa alguns segundos depois, sem sentir as palavras saírem por meus lábios, contudo um peso grande tomou conta de meu coração, temendo sua resposta.

- O que? – Ela me questionou,me olhando com uma expressão de choque.

- Se o meu namorado pedisse um tempo para mim para poder ficar com você, você ficaria com ele? – Questionei, sentindo cada palavra ferir Rachel que voltou a ficar com os olhos cheios de lágrimas.

- É completamente diferente. – Rachel disse, deixando um sorriso nervoso sair por seus lábios bem delineados com seu gloss de framboesa favorito, enquanto tentava esconder as lágrimas que voltaram a descer por seu rosto.

- Não, não é. – eu disse sem esboçar nenhuma expressão.

Rachel demorou a responder, ela ficou a me observar com as lágrimas descendo por seus olhos castanhos que agora pareciam ser tão escuros como aquela noite e quando menos esperava sua expressão se suavizou.

- Não, claro que não. – Rachel respondeu em um suspiro.

- Então, como você pode fazer isso com a Joana? E não me diga que a nossa amizade é diferente, por que esse tipo de situação não deve ser medida por anos e tipos de amizades. – eu disse, me sentindo confiante em meu testemunho.

- Eu não sei, eu só sei que eu quero ficar com ele. – Rachel me olhou, deixando uma lagrima descer pelo seu rosto.

Eu observava a Rachel naquele momento e não acreditava no que via.
Aquela garota que era ferozmente independente, estava ali, aos prantos por causa de um amor que estava escondendo há exatos três anos.
Como ela havia conseguido esconder esse sentimento há tanto tempo?
E Steve? Como ele havia conseguido amar Joana, sabendo que existiam sentimentos

por uma das melhores amigas dela? Sentimentos incontroláveis e apaixonados?

Steve sempre gostou de segurança, sempre gostou de saber que a namorada estaria ali por ele a qualquer momento e o principal, um dos motivos para ele amar Joana é por sua doçura, leveza e carinho; Rachel era firme, decidida e orgulhosa, ela sempre foi cuidadosa com seus sentimentos como uma leoa é cuidadosa com seus filhotes, ela é amorosa, mas do jeito reservado dela, não espalha *eu te amo* para todos os lados, mas sim, diz *eu te amo* apenas para aqueles que ela se sente segura e realmente ama.
Eu, como melhor amiga dela, sabia que ela nunca havia dito *eu te amo* para um garoto antes, dúvidava que ela sentisse amor profundo e puro por Steve, mas olhando Rachel nesse momento eu pude perceber que há algo de diferente em seu olhar; é como se aquele brilho que faltava tivesse nascido, como se ela tivesse finalmente achado o amor; o amor que eu nunca tinha achado como a mesma afirmou.
Esperança, fé, felicidade, afeição e amor.
Estavam tudo ali naquele único olhar.
Foi quando, de repente, dentro de mim, todas aquelas emoções se misturaram novamente, junto com as perguntas de dúvidas e temores do futuro que se aproximava.

Eu deveria me envolver nisso?
Eu deveria falar com Joana ou/e Steve sobre isso?
E se Rachel realmente gosta dele ?
E se esse for o primeiro amor dela ?
É se ela estiver enganada ?
E Joana ? Como ela ficará nessa situação toda?
E eu? A amiga que sabia de tudo e escondeu isso como segredo de estado? Quem eu deveria apoiar? Rachel, Joana ou eu mesma?

Fechei os meus olhos tentando concentrar todas aquelas perguntas em algum pensamento coerente; senti a haste da rosa em minhas mãos firmemente e meu cérebro foi tomado por outros tipos de pensamentos.
Me lembrei de Peter e de tudo que havia acontecido conosco naquele dia. Em menos de vinte e quatro horas tantas coisas haviam acontecido, tantos sentimentos,

mistérios, curiosidades, era inexplicável a forma que eu me sentia em relação a ele; Eu não o conhecia, mas não o queria longe, pelo contrário, estava enlouquecida para conhecê-lo, saber quem ele era, tê-lo perto de mim por mais tempo, era como se ... Não, não era possível ser isso.
A maneira mágica que nos conhecemos, o nosso primeiro contato, a primeira conversa, dança, o conhecimento um do outro... Aquilo tudo parecia mais um conto de fadas entre uma princesa sofrida e um príncipe encantado perfeito do que uma história real entre uma garota de Durham e um garoto britânico; mas era real, eu podia sentir em meu coração, as batidas se acelerarem só em pensar nele, de súbito um sorriso brotar em meus lábios de forma inesperada e até meu estômago se revirar de nervosismo apenas com o pensamento de seu nome, que era o nome de tantos outros, contudo ao pronunciá-lo apenas pensava nele.
Peter.

Se aquilo tudo que ocorria comigo era real, se eu e ele realmente tínhamos aquela ligação que eu podia sentir ser inacreditável, então porque não poderia existir o mesmo entre Steve e Rachel?
Às vezes, por obra do destino, eles andaram por caminhos opostos esse tempo todo porque precisavam evoluir como pessoas separadas, terem suas próprias experiências um sem o outro, para um dia poderem ficar juntos e agora que chegou o momento certo, onde eles realmente sentem toda a paixão e amor que existe entre eles, o destino está dando uma mãozinha para que eles fiquem finalmente juntos.
Então pensei em Joana.
Joana não podia ser só uma peça nesse jogo do destino, ela também evoluiria como pessoa, mas não conseguia parar de pensar em como isso a afetaria. Eu sei que ela é forte, mas não tem a mesma fibra que eu e Rachel temos, já passamos por muitas coisas na vida que nos tornaram frias e orgulhosas em certos aspectos, Joana era doce e inocente, nunca havia passado por grandes crises em sua existência, então, eu tinha receio exatamente por causa disso.
Como ela reagiria a perda de Steve?
Como ela se sentiria, agiria em ver ele com sua melhor amiga?
Eu não tinha poder sobre isso, uma hora ou outra, ela descobriria e eu não poderia evitar seu sofrimento, porque ela tem que passar por isso, eu querendo ou não; essa

era a única certeza que tinha em relação a isso tudo.
Eu posso ter tomado a decisão errada em aceitar saber de toda aquela situação, mas agora era tarde demais para qualquer arrependimento, tinha que encarar as conseqüências com a cabeça erguida e sem temores, e tentar, ajudar meus amigos da maneira mais coerente e correta possivel.

- Rachel ,você tem três opções. – Murmurei de uma vez só, vendo Rachel me olhar com ambas as sobrancelhas erguidas. Pausei, refletindo o que eu ia dizer. Precisava pensar nas palavras certas, não queria ter que repetir aquilo novamente e desejava que aquele assunto se encerrasse naquela noite - ,a primeira opção é desistir de um sentimento que você não sabe se vai ter futuro,você talvez vá sofrer com essa decisão, porém você estaria se preservando e preservando uma amizade importante.

A segunda opção é ser sincera com Joana, contar a ela tudo que você está sentindo pelo Steve, omitir o que você sabe sobre os sentimentos dele por você, assim você dá a chance para ele ser sincero também. Após isso, você poderá ver a partir da reação de Joana se vai valer a pena viver esse amor. – Encarei Rachel por alguns segundos com um sorriso de lado, enquanto ela me observava atenta.

- É a terceira opção? – Rachel perguntou receosa com os lábios tremendo levemente.

- Lutar por ele . – Um verbo, uma preposição e um pronome. Três simples palavras e eu acabei de trair a Joana e dei esperanças a Rachel. – Olha ,eu quero deixar bem claro que estou apoiando qualquer escolha que você faça, mas saiba que se você escolher a opção de lutar por ele vai haver muitas conseqüências. Joana pode vir a reagir de maneira cruel e orgulhosa e ela terá razão. Steve poderá ser seu, mas você poderá perder uma grande amiga.

Rachel concordava com a cabeça o tempo todo.
Parecia que o coração dela havia ganhado um turbilhão de esperança, porém sua expressão estava triste, porque ela sabia que eu tinha razão, de repente ela abriu um leve sorriso.

- Eu entendo que para você isso tudo é difícil, mas Kate eu nunca senti isso antes, é como se meu mundo parasse quando ele surgisse, o sorriso dele me arrepia e o olhar

dele é tão intenso que faz meu estômago desmaiar, eu fico sem reação quando ele está por perto. Eu entendo agora o que é estar apaixonada. – ela sorriu e riu com um ar inocente, de quem realmente está amando. - Ele me deixa sem graça. Me deixa pasmada, consegue me fazer rir quando quero chorar, ele é tão brilhante e carinhoso que as vezes acho que ele não é real. Eu sei que sofrerei conseqüências por causa desse sentimento, contudo eu estou disposta a encarar qualquer coisa *por ele*.

Uau.
Rachel sem graça? Rachel apaixonada? Rachel toda ... fofinha? Nunca vi.

- E sabe aquela cicatriz no braço direito dele? Que ele ganhou quando era criança ao cair da bicicleta e bater o braço em uma pedra? Nossa, eu adoro a forma que ela fica no seu corpo, dá um ar de *bad boy* nele, mas ao mesmo tempo, um ar de frágil ... Até a cicatriz se encaixa perfeitamente nele.

- Rachel, Steve tem olhos de anjos, lábios maravilhosos e um corpo de Deus grego e você me fala da cicatriz dele ? – eu disse, tentando segurar um riso, a observando sem palavras.
- Vem cá, você está apaixonada por ele também? – perguntou Rachel incrédula, enquanto abafava uma risada.
- Nah,eu já vi ele nu e não me impressionei. – Comecei a rir logo depois que vi a cara de choque de Rachel.

Passamos algum tempo ali, apenas observando o horizonte e sentindo a lua nos banhar naquela intensa noite em nossas vidas, o que mais essa viagem iriam nos agraciar? Voltei a olhar Rachel e ela estava pensativa como eu e pude admirá-la por alguns instantes; o que mais me admira em Rachel é essa força que ela tem para tudo que a afeta, ela cai, grita de dor e se machuca de forma irreversível, mas se levanta, pegando toda aquela experiência e usando para a deixar mais forte; mesmo tendo três opções, onde nas três, ela pode vir a sofrer, ela continua a se levantar com um sorriso nos lábios e com um brilho que só ela tem.
Esperançosa, sem temer nada e preparada para o pior.
Ela não disse para mim qual opção iria escolher e isso me incomodou um pouco, mas mesmo assim eu sabia que ela ia escolher o melhor para ela e garanto que o melhor

para ela seria o melhor para mim e de algum modo, sinistro e perturbador, seria o melhor para Joana também.

Assim que entramos na suíte pude perceber que a porta do quarto de Joana estava fechado, ela provavelmente estava dormindo há muito tempo. Rachel sorriu para mim e se arrastou até o próprio quarto, fechando a porta logo atrás de si com gentileza. Eu fiquei imóvel por alguns segundos, na escuridão da sala, sem saber porque havia me deixando emergir naquela penumbra.
Fui em direção de meu quarto, fechando a porta atrás de mim, sentindo um cansaço e tristeza me dominarem.
Com um pesado suspiro percebi que para o primeiro dia de viagem parecia que toda a minha vida havia mudado, da água para o vinho.
Tomei um demorado banho, colocando as roupas que havia usado em cima da penteadeira, dobradas e arrumadas, logo pela manha as colocaria no carrinho da lavanderia. Penteei meus cabelos, pensando em tudo que havia conversado com Rachel, pensando em minha decisão e pensando por fim em Peter, voltando a cair um sorriso em meus lábios. Argh!
Eu odiava sentir essa sensação esperançosa em meu peito, porque ela sempre acabava esmagada pela vida.
Um sonho destruído pela vida, era assim que eu via, mas por incrível que parecia, eu tinha a nítida impressão que aquilo não aconteceria naquele caso, ele não estragaria as minhas esperanças porque ele as retribuía.
Como eu poderia ter tanta certeza disso?
Não o conheço nem por um dia, como poderia deduzir tal coisa?
Estava iludida com praticamente apenas demonstrações de interesse e carinho? Por favor, Katerina. Você é melhor do que isso, não seja uma deslumbrada romântica, isso não combina com você, pensei para mim mesma.
Me joguei na cama, agarrando meu pelúcia de macaquinho, logo colocando a minha máscara de dormir igual a usada por Audrey Hepburn em *Bonequinha de Luxo,* veio em uma cesta cheia de produtos de beleza famosos e muito caros ,óbvio que foi um presente de Rachel, quando completei doze anos. Senti toda aquela escuridão tomar conta de minha mente e em segundos adormeci e por mais piega e clichê que fosse, depois de toda aquela revelação vinda de Rachel, a única coisa que desejei era ter

uma boa noite de sonhos e se *Eros* permitisse, ter mais um dia ao lado de Peter cairia muito bem em minha vida.

Capítulo 05 Antes do Pior

Antes do pior, antes de nos emendarmos Antes que nossos corações decidam Que é hora de amar de novo
Antes que seja muito tarde
Vamos tentar voltar no tempo
Antes de tudo ter dado errado.

Before The Worst – The Script

Não demorei muito em meu sono e logo despertei, sentindo uma vontade de voltar a dormir irresistível, fechei meus olhos me obrigando a pelo menos cochilar, mas não conseguia. Me sentei de uma vez só, sentindo todo o meu corpo pesado e dolorido, como se um trem tivesse passado por cima de mim várias vezes enquanto estava a dormir. Tirei a máscara de dormir e arranquei os lençóis de meu corpo, indo em direção do banheiro me arrastando feito uma zumbi; tomei um breve banho sentindo minha cabeça latejar apenas com os toques de meus dedos em meu couro cabeludo, seria isso uma ressaca da festa de ontem? Mas eu havia tomado apenas dois coquetéis de vodcka, como isso era possível? Me questionei inconformada.
Talvez fosse uma ressaca emocional, muitas coisas aconteceram em tão pouco tempo, não seria surpresa nenhuma se eu começasse a surtar de um dia para o outro. Contudo, anotei mentalmente que antes de qualquer festa e depois da mesma, eu deveria tomar aquele remédio para ressaca que minha mãe comprou aos montes e colocou dentro de minha nécessaire, como se eu fosse uma alcoólatra veterana. Talvez ela tenha suspeitado que eu me tornasse uma após essa viagem.

Assim que sai do banho coloquei as minhas lentes de contato (porque quando você é míope você só tem três opções em vida:cirurgia, lentes de contato ou óculos. Eu fico com as lentes), vi em um relógio na escrivaninha que já passava das oito da manhã e eu não sentia a mínima inclinação para tomar café da manha.
Após pentear os meus cabelos, tirei o meu netbook vermelho de dentro de minha mochila e o liguei, repousando –o na escrivaninha de mogno escuro, que estava à frente da cama, me sentei na cadeira de madeira com as pernas cruzadas no estilo Buda, procurando conforto e liguei a internet portátil que minha mãe alugou

especialmente para essa minha viagem(é, ela pensou em tudo). Nunca vi uma Internet ir mais rápido em minha vida, eu mal encaixei o conector no aparelho e já estava liberada para abrir qualquer site; entrei em meu e-mail e abri alguns sites de notícias do país e fofocas de celebridades, voltei a página de meu e-mail pronta para responder um turbilhão deles, todos pertencentes, provavelmente, a minha mãe, mas fui surpreendida com apenas um e-mail dela. Li o mesmo dando um grande bocejo sentindo o sono tentar me conquistar novamente:

Oi Querida.

Como tudo está por ai?
Aqui em casa está tudo tranqüilo,um pouco silêncioso desde que você se foi, mas estamos nos acostumando aos poucos, só Chuck que ainda está um pouco sensível a sua viagem, ele fica pegando o celular a cada cinco minutos com uma expressão taciturna dizendo que você não vai mais voltar, que Londres é o seu lugar e você verá isso, enfim ele só se acalmou um pouco depois que o liberamos a ir àquela colônia de férias do colégio. Você acha que foi uma boa ideia?
Estou um pouco preocupada, com medo que ele acabe pegando uma daquelas doenças que se proliferam na terra mal cuidada, sabe de quais estou mencionando? Talvez uma picada de inseto , você sabe como ele é alérgico. Fico preocupada de forma exagerada, eu sei, mas o que posso fazer? Sou mãe, me preocupo, Katerina.

E você?
Me conte tudo!
Já está enjoando? Náuseas? Dores? Caso você sinta alguma dessas coisas tome aquele remédio que coloquei na sua nécessaire. Na realidade, é melhor você pedir ajuda ao professor Martin vai que você toma uma quantidade maior e tenha uma overdose. Exagerada, você deve ter dito. É, eu te conheço.
Tomou o remédio para ressaca? Espero que sim, eu sei como suas enxaquecas costumam ser bem doloridas pela manhã. Ah, é não se esqueça do seu remédio para ansiedade, assim que você começar a ficar ansiosa e nervosa com a chegada a Londres tome 02 comprimidos por dia, e não se esqueça que depois que você inicia a cartela você tem que ir até o fim.

Enfim,eu estava vendo o jornal na tevê hoje e parece que está muito quente em Londres,quente no sentido europeu de dizer, ou seja, um calor suportável. Espero que você tenha levado roupas suficientes na mala, qualquer coisa pegue algo emprestado com Rachel, Beth me contou que ela levou mais de cinco malas. Eu a chamei de louca, como sempre. Falandonela...
Como a mesma está?
Mande um abraço para ela e um beijão.
E mande também para Steve e Joana, e qualquer coisa mande-os usarem camisinha, eu acho que coloquei algumas em sua nécessaire

Tenho notícias sobre seu Tio Roux.
Ele confirmou o dia da chegada do navio e pediu para que você ligasse para ele assim que ficar faltando apenas uma hora para chegar ao porto, ele quer chegar na hora certa, mas você o conhece, então não se surpreenda se ele se atrasar por pelo menos duas horas. Ele também disse estar morrendo de saudades de você, ele falou que já está preparando a casa para a chegada de vocês duas e que sua tia Morgana está animada em vê-la. Obviamente que eu já passei para ele algumas regras e ele disse que vai passá-las a vocês assim que chegarem.
Ele está bem animado, garanto que será inesquecível essa viagem.
Ah, Roux disse para te preparar porque ele tem algumas surpresas para você e eu sei de todas, morra de curiosidade!

Bom, é só isso.
Chuck acabou de chegar da natação e agora tenho que fazer o jantar. Mentira, Joseph foi comprar carneiro e eu só vou esquentar o molho enlatado.
Saudades demais de você minha filha.
Não desgrude de sua turma.
Nem de Rachel.
Qualquer coisa ... grite. Sempre funciona.
Eu acho ... Vale tentar.

Aproveite a viagem.
Joseph está mandando lembranças. Chuck também.
Mamãe te ama.

Beijos .

Argh!
Só minha mãe conseguia ser louca, hipocondríaca e amorosa ao mesmo tempo. Eu achava engraçado que até hoje ela chamava a minha tia Morgan (apelido que a mesma gosta de ser chamada) de Morgana, porque ela sabia que a mesma detestava ser chamada assim, mamãe nunca aprovou esse casamento: "Uma compositora que fica o dia inteiro compondo musicas para ninguém não será uma boa esposa para você, irmão." Ela sempre argumentava isso com Tio Roux, eu sabia que minha mãe era preocupada com tudo (quando digo tudo é TUDO mesmo, desde seus problemas sentimentais até o apocalipse) a nível nuclear, mas ela estava errada em relação a Morgan.
Tia Morgan era incrível, sincera, amorosa, gentil, doce, forte e incrivelmente inteligente, eu achava que era por isso que mamãe tinha raiva dela porque sabia que Morgan era a mulher certa para seu irmão.

Li a mensagem novamente fazendo careta em determinadas partes onde ela mencionava o meu remédio para ansiedade e camisinhas em minha nécessaire.
Como eu não havia visto isso?
Deveria averiguar para saber até que ponto ela falava a verdade?
Temi tal coisa.
Preparei meus dedos iniciando uma digitação incessante:

Oi, mamãe.
A viagem está tranqüila até o momento.
Quer dizer, o lugar é incrível tem tudo que você pode imaginar, o quarto parece feito para realezas e tudo parece ser tão irreal que às vezes acho que estou tendo alguma espécie de sonho tendo que me beliscar para ter certeza se é real, contudo algumas coisas aconteceram;
Rachel me revelou ontem que é apaixonada por Steve desde o dia que eles se conheceram e ela me confidenciou que Steve também tem sentimentos por ela. Eu sei que parece loucura, mas é uma longa, longa história. Você só precisa saber que Steve pretende pedir um tempo a Joana para poder ficar com Rachel e eu estou ficando completamente pirada com isso. Estou preocupada com a reação de Joana

em relação a isso tudo, não que ela vá se jogar em direção a mar aberto, mas ... Eu já estive no lugar dela e tenho medo com isso tudo. Outra coisa também aconteceu, mas isso eu te falo depois, quer dizer, não é nada demais, é só uma pessoa que eu conheci.
Eu juro que não é um serial killer, é só ... ah, esquece.
Não quero falar sobre ele pelo e-mail.

Eu não vou tomar o remédio para ansiedade, se é isso que você já está tentando me induzir, eu detesto ficar me sentindo toda relaxada quando deveria estar surtando, aquele remédio é uma droga.
Eu preciso me sentir humana, mamãe.
Argh!

AH! Como você ousa colocar camisinhas na minha nécessaire, mãe?
Eu sei que isso é uma forma de proteger a sua filha, mas é completamente desnecessário e você sabe disso e eu não vou dar camisinha nenhuma ao Steve ou/e Joana, está totalmente fora de questão, isso passa do limite da amizade e já entra no campo de vulgaridade. Argh! Argh!

Pode ficar tranqüila sobre as roupas de verão, acho que tenho roupas até para doar, mas não ficarei nada triste em pegar algumas emprestadas com Rach. Sabe como é? Uma garota de Chanel é "a" garota.

Saudades do tio Roux ,ele vivia me mandando livros ,mas hoje em dia ele só manda as criticas por que ele diz que as minhas mãos devem escolher os livros que irão fazer minha vida uma aventura.
Sempre filosófico aquele cabeludo louco.
Enfim ,eu vou falar com a Rachel sobre.
Aproveita e de o meu número do celular para Roux, assim ele me liga a qualquer momento.
E por favor, não nutra a minha curiosidade ...
Agora vou me remoer para saber quais são as surpresas.
Alguma dica?

Fique tranquila em relação a colonia de férias, Chuck sabe se cuidar.
Só se lembre de colocar na mochila dele: repelente, protetor solar, paracetamol, curativos, gases, alcool gel e o remedio de asma dele.
AH! E se você quiser envergonha-lo coloque um pacote de camisinhas de frutas diversas, garanto que ele vai amar.
Rá.
Aproveita que vamos ficar fora de casa e tire umas "férias" com Joseph. Já aviso que não estou interessada no que vocês vão fazer, mas estou apenas sugerindo que vocês curtam esse momento a sós ...
Argh! Já falei demais.

Mande um beijo para todos ai em casa, diga que eu os amo muito, muito.
Te amo mãe.
Kate .
PS: Não se esqueça de comprar um novo óculos de natação para o Chuck, eu esqueci de dizer que ele sem querer sentou neles na penúltima aula de natação.
PS ² : Compre da cor verde por que ele gosta muito dessa cor, mesmo que não confesse.
PS ³ : Eu não tomei o remédio para ressaca.

Eu literalmente perdi a vontade de continuar on-line.
As notícias eram as mesmas: Morte, inflação, mais morte, guerra, fofocas de astros do cinema e da música que se vendem por dinheiro e sucesso, mas talento mesmo pouquíssimos ali tinham.
Entediada logo me encontrei.
Fechei o netbook e decidi me vestir, tinha um enorme navio para explorar e iria começar a fazer isso agora ; me levantei ,abrindo a minha mala, pegando uma blusa regata vermelha junto com um short de jeans desfiado. Como no dia anterior havia feito um sol lindo decidi arriscar em pegar o meu maio vermelho claro, que minha mãe havia comprado para a viagem, por mais que achasse aquele maio lindo, eu não sabia se ele cairia bem em meu corpo.
O vesti e fiquei a me observar no espelho do armário por alguns minutos. Era um maio de feitio comum, a única diferença é as laterais que não existiam deixando parte da minha barriga exposta; era um maio muito bonito e até diria sexy, é ... até que

havia ficado legal em meu corpo.
Passei filtro solar por todo o meu corpo, vesti as outras peças de roupa, calcei um chinelo, dei uma última olhada no espelho jogando meus cabelos para atrás, peguei o gloss rosinha claro que estava na nécessaire de maquiagem em cima da penteadeira e passei um pouco nos lábios de forma suave, apenas para dar uma cor.
Estava com um visual saudável.
Guardei o gloss no bolso junto com o celular.
Olhei para a rosa, que eu havia colocado na penteadeira, ela estava em um copo provisório com um pouco de água, sorri levemente observando como ela estava desabrochando e ficando mais bela; o bilhete estava guardado em minha agenda que estava bem guardada, em uma daquelas malas já bagunçadas e espalhadas pelo quarto.

Em seguida, arranquei todas as roupas de cama, peguei a roupa do dia anterior e sai do quarto. Vendo que as portas dos quartos de Rachel e Joana estavam trancados nem ousei em bater, elas deveriam estar dormindo ou já foram tomar café.
Por fim, joguei as roupas de cama e a minha própria na cesta e abri a porta do quarto com meu cartão, ao chegar ao corredor vi no final dele duas camareiras com carrinhos enormes, ensacando com embalagens de tons brancos e etiquetando com os números dos respectivos quartos as roupas que estavam nos carrinhos, notei que alguns deles já haviam sido colocados do lado de fora para facilitar o trabalho delas, girei meus calcanhares, e fiz o mesmo, colocando o carrinho do lado de fora com um rápido gesto e fechando a porta atrás de mim; Ao notarem meu gesto e presença no ambiente as camareiras sorriram em agradecimento e acenei de forma simpatica, me afastando do ambiente.

Rapidamente subi aquelas escadas percebendo o silêncio que caia em cada corredor que eu cruzava. Pouquíssimas pessoas transitavam pelos corredores e a maioria dessas pessoas eram empregados do navio, percebi a presença do supervisor, Arthur Balcon falando de maneira ríspida com um camareiro, o garoto o observava cabisbaixo enquanto Arthur mandava ele levar o café da manhã a suíte principal, de forma rabugenta e estressada; ergui ambas as sobrancelhas entendendo agora o motivo para o garçom na noite anterior ter rido de maneira debochada ao elogio a seu chefe, olhando de longe, Arthur parecia um gentil senhor, mas vendo a maneira

ríspida que ele tratava seus subordinados deletei logo essa gentil imagem de minha mente.

Virei em determinado corredor e vi que ali a movimentação era bem maior. Passageiros, que como eu, haviam despertado mais cedo para tomar café, irem a piscina ou a academia, cruzavam aquele ambiente acompanhados ou sozinhos, pude até ver um casal fazendo jogging por ali mesmo com disposição e animação, enquanto eu ficava a andar, sem rumo, observando a tudo com curiosidade.
Havia tantas coisas que eu poderia fazer e eu não sabia por onde começar.

Parei em frente de um restaurante e percebi que estava aberto e servindo café da manhã. Fiquei tentada a entrar, observando um garçom levando um carrinho farto de pães de todos os tipos a uma determinada mesa; o restaurante era maravilhoso, as janelas eram enormes e todas elas estavam abertas deixando os primeiros raios solares entrarem. Havia dezenas de mesas redondas com mais de dez cadeiras cada uma, todas as mesas estavam forradas com um tipo de toalha de renda branca e no meio de cada mesa tinha um vaso pequeno de rosas amarela, havia pratos e xícaras em frente de cada cadeira e no meio do teto do salão tinha um enorme candelabro que parecia ser feito de cristal, ele estava desligado por isso não dava para ver a verdadeira beleza dele, mas mesmo apagado ele parecia ser impressionante; a maioria das pessoas que estavam no salão estavam acompanhada. Algumas delas se encontravam quietas e davam o típico ar de sonolência; outras pareciam estar animadas até demais.
Um grupo de colegas meus estavam num canto mais reservado do salão, ao perceberem minha presença ao lado de forma, observando o ambiente, eles acenaram para mim me chamando para se juntar a eles, mas achei melhor não.
Se eu comesse sem a Rachel, ela faria eu me arrepender amargamente; por mais que eu estivesse com um pouco de fome, eu poderia agüentar por mais algum tempo até esperar um sinal de vida dela; neguei o convite deles com um balançar negativo de uma das minhas mãos, sai do local, voltando a caminhar pelo convés.

O sol surgia aos poucos e parecia não ter nenhuma timidez com a presença de algumas nuvens obscuras intimidadoras; peguei meu celular, mandando uma mensagem para Rachel, pedindo para ela entrar em contato comigo assim que fosse

tomar café porque estava faminta como uma Leoa.

Continuei a andar e assim que entrei na área da piscina resolvi dar um mergulho. Comecei a andar procurando uma área onde eu ficasse completamente sozinha, pelo visto, a maioria dos passageiros gostavam de acordar cedo, a área da piscina principal estava bem movimentada para a hora, havia alguns grupos de amigos espalhados em todo o ambiente, contudo, encontrei uma área onde poderia ficar. Tirei as minhas peças de roupas e sapatos, fui em direção da piscina e coloquei só a ponta do meu pé na água sentindo, que como na noite anterior, ela estava morna, dei um mergulho sem hesitar, sentindo por alguns segundos um pouco de frio, mas logo em seguida, o morno da água me tomou me relaxando totalmente.
Nadei um pouco, sentindo a deliciosa sensação de ter o contato da água em minha pele e por fim, me afundei na mesma e fiquei submersa pelo tempo que agüentava sem respirar, gostava de ficar assim, era relaxante, por fim, subi e fiquei a boiar por alguns minutos, como eu adorava ficar na água!
Observando o céu azul claro profundo suas nuvens flutuando por sobre todos nós enquanto aquele intenso Sol nos aquecia; não ouvia nada, apenas o som d'água se movimentando lentamente e os meus constantes pensamentos em relação a Peter e o triângulo amoroso de Rachel, Steve e Joana.
Comecei a sentir o sol ficar mais forte, então sai da piscina, voltando à cadeira onde eu havia colocado as minhas roupas, as coloquei na cadeira ao lado que estava vazia e me deitei, fechando os meus olhos voltando a me relaxar.
Ouvi o som de algo vibrando e fui direto até o bolso de meu short, pegando meu celular e constatando que havia recebido uma mensagem.
Por alguns segundos pensei que era Rachel, mas era Chuck me desejando um bom dia. Vi que ele estava online no programa de mensagens instantâneas, o abri e digitei:

Kate
Bom dia, monstro, dormiu bem?

Alguns segundos se passaram e eu sentia que o sol estava começando a me queimar com mais vigor, não me incomodei nem um pouco, eu estava precisando ficar com um tom de pele que não lembrasse uma vampira e sim uma humana saudável.

Chuck
Sim, monstrinho. E você?

Kate
Eu poderia ter dormido melhor se tivesse me lembrado de tomar o remédio para ressaca. Me prometa que você vai sempre tomar essas porcarias de cor amarelada, ok?

Chuck
Ok, eu prometo.
Mamãe leu seu e-mail, está enlouquecida por que você não tomou o remédio e disse que você vai voltar de Londres com um piercing no umbigo e viciada em cerveja quente. Que nem quando você voltou de Nova York com a tatuagem no pulso.

Kate
É uma tatuagem de uma estrela minúscula, deve ter 5 cm e nem doeu, não sei por que ela faz tanta tempestade com algo tão pequeno. Pode tranqüilizá-la, não vou fazer um piercing no umbigo porque me lembro da Rachel gritando quando fez o dela. Mamãe sempre precisa ser assim, tão dramática?

Chuck
Porque você não quer tomar o remédio para ansiedade? Não tente mudar de assunto.

Kate
E a mamãe que está mandando você perguntar isso?
Chuck Não.
Kate
Chuck!

Chuck
Ok, ok. Ela me mandou perguntar e só vai devolver o meu graphic novel do *300* quando você responder, então por favor, responda, preciso do meu graphic novel inteiro, você sabe que ele vai se tornar uma raridade um dia e a ela está o segurando perto do vaso sanitário. Estou preocupado!

Kate
Eu não quero falar sobre isso.
Chuck
Por favor.

Kate
Eu só não gosto de ter que ficar submetida a tomar esse remédio até a cartela terminar; eu não estou ansiosa e não estou surtando, não vou desmaiar no meio do convés e nem ter uma crise alérgica, eu prometo.

Chuck
Ela está preocupada por causa dessa história toda entre o Steve – Joana – Rachel, ela está com medo que isso faça com que você fique ansiosa e nervosa, você sabe que a última vez que você ficou ansiosa com algo acabou desmaiando por falta de ar no meio do colégio ficando internada por três dias, quase que perdendo as provas finais.

Kate
OK, já entendi o complô. Eu tomo as drogas das pílulas.

Chuck.
Ela quer que você tome as pílulas durante toda a viagem até que você retorne.
Kate
Ok, eu tomo.

Chuck
Pronto, ela devolveu o graphic novel.
Você não vai tomar os remédios, não estou certo?

Kate
Certíssimo.

Chuck
Ela me disse uma coisa sobre você ter conhecido um garoto, me conte tudo ou eu terei que chamar a SWAT para me levar até ai?

Kate
Não é nada.
Chuck Kate!
Kate
Para, não quero falar disso ...
Chuck
Katerina!

Kate
Ok, ok.
Eu conheci um garoto, mas não é nada demais.

Chuck
Hmmm.
Depois a gente se fala melhor, mamãe está chamando para tomar café e hoje vamos me inscrever na colônia de férias. Aproveite o dia, mana.

Kate
Você também. Fiquei offline logo em seguida, guardando o celular no bolso do short. Me estiquei na cadeira ficando completamente deitada, sentindo alguns ossos estalarem. Mamãe poderia ter razão em querer que eu tomasse o remédio para ansiedade. A ansiedade não era uma doença, mas minha mãe a via assim porque ela foi diagnosticada após ações que cometi que poderiam ter dado um fim em minha vida.
Tudo isso começou logo após a morte do meu pai, eu sempre fui uma garota animada, divertida e falante, mas depois de seu falecimento me tornei quieta e isolada. Minha mãe e diversos conhecidos perceberam a minha mudança de comportamento, eu passava a maior parte do tempo estudando e trancada em meu quarto, sozinha, evitava meus amigos da época e Rachel, até que um dia ... bom, eu cometi o maior erro de minha existência e ao mesmo tempo o melhor. Não gosto de pensar nisso, a cicatriz ainda é visível em meu ser.

Após tal evento cometido por mim, minha mãe , preocupada, decidiu me levar em um medico que acreditou que eu estava sofrendo de estresse pós traumático, mas

após algumas sessões de terapia ele me diagnosticou com nada mais nada menos que depressão, contudo achou melhor que eu continuasse a visitar a terapia, para pode extravasar os sentimentos que eu estava guardando com tanto afinco em meu ser.

Bom, desde nova já tinha temperamento difícil e freqüentei mais de 02 meses de sessões sem abrir a boca e eu continuaria assim, se os primeiros sintomas de ansiedade não começassem a surgir eu teria passado mais tempo muda com o terapeuta. Eu não gosto de recordar essa época, mas me lembro que foi um período difícil, eu estava sendo muito pressionada tanto no colégio quanto em casa, era meu último ano no ensino fundamental, minha família me pressionava a estudar para conseguir entrar na melhor instituição de ensino médio de Durham, o que eventualmente consegui e ainda havia o fato que eu não conseguia falar sobre a morte do meu pai, com ninguém, muito menos do que fiz comigo mesmo, porque eu só queria falar sobre isso com a minha mãe e até hoje, é algo que não consegui realizar. Para ela é difícil, mas para mim ... Não existem palavras que descrevam isso.

Os sintomas começaram a surgir de maneira leve, primeiro era o nervosismo, impaciência, alergias incontroláveis em meus braços e pescoço, sentia dores terríveis nas costas, um cansaço inexplicável e em alguns dias parecia que eu tinha energia por demais, mais tudo começou a se agravar quando comecei a ter tonturas terríveis, náuseas, dificuldade emocional e o sintoma principal que me afetava desde o dia que foi anunciado o falecimento do meu pai: Um vazio emocional.

O médico me diagnosticou com sintomas de um ataque de ansiedade e me prescreveu um remédio que devo tomar sempre que os primeiros sintomas começarem a surgir ou quando eu estiver próxima a realizar importantes tarefas em minha vida. Era um problema que estaria para sempre em mim, mas eu precisava aprender a lidar com ela, algo que eu não sentia conseguir fazer graças ao medicamento.
Com o passar do tempo comecei a criar um dialogo com meu terapeuta, eu tomava o remédio no período exato, mas com o passar do tempo, minha mãe deu a liberdade de eu decidir quando deveria tomá-los, o que nem sempre foi uma ideia sensata. Eu não gosto de tomar esse medicamento, porque fico obrigada a tomar a cartela inteira, 02 comprimidos por dia e eles me deixavam muito calma, relaxada, de uma maneira que eu não acho natural, que eu não acho ... *eu*.

Entortei os meus lábios, me sentindo mal por ter mentido para mamãe, balancei minha cabeça tentando afastar tais pensamentos, mas a culpa ainda se isolou em mim. Fechei os meus olhos, deixando o meu corpo relaxar, os raios solares pareciam ficar mais intensos a cada minuto que se passava e as ondas que batiam no navio eram leves que nem afetavam na movimentação da embarcação. De repente, comecei a me sentir flutuar, estava me sentindo leve e relaxada e quando notei, já não estava mais ali.

Abri os meus olhos e estava em outro lugar, enruguei meu cenho, estranhando o ambiente. Eu podia ouvir o som do mar batendo intensamente numa pedra onde eu estava parada, observava o oceano que estava calmo, porém no local onde eu estava às ondas batiam cada vez mais intensas, aquilo não me assustava; eu olhava para as ondas e nem me importava com elas.
Eu estava vestindo um vestido, que ia até os meus joelhos, rodado de tom branco, meus cabelos estavam soltos formando uma longa cascata negra em minhas costas e voavam com a brisa que soprava em minha direção.
Eu voltei a observar o oceano, o vento batia na minha face de forma graciosa e eu continuava deslumbrada com aquele oceano.
Tão profundo, infinito, obscuro, complexo.
Enruguei meu cenho, sentindo algo de diferente. Já não estava tão tranqüila e sem temores como antes; senti uma dor em meu peito, como uma pontada feita por uma longa agulha, eram as minhas emoções se misturando.
Eu podia ver tudo como *flashes* de memórias já existentes e pensava em tudo com dor e tristeza; Rachel falando sobre seu amor por Steve; Joana chorando desesperada por que Steve pediu um tempo a ela enquanto se desabafava comigo; Peter sorrindo para mim de um modo encantado; os lábios finos de uma mulher sorrindo de maneira falsa para mim enquanto ela murmurava de uma maneira ríspida e fria:

“Sem classe, sem beleza, você não é o bastante para ele e nem nunca será.”

Comecei a respirar com dificuldade, levei a minha mão ao coração dei um passo para trás de imediato, um passo que fora em falso, senti meu corpo se desequilibrar da pedra, por alguns segundos pensei que fosse cair, mas de repente senti duas mãos segurando a minha cintura com força, as mãos me ajudaram a ficar de pé e me virei

rapidamente querendo ver quem havia me salvado, meu olhar se transferindo para o dono daquelas mãos, aqueles olhos azuis tão intensos que me fizeram corar de súbito.
Era ele.
Era Peter.
Ele estava usando uma blusa branca que tinha alguns botões abertos estrategicamente em seu peito e uma calça jeans simples, seus cabelos balançavam com o vento e ele me olhava de uma maneira intensa e preocupada.

- Não se preocupe com tudo isso, meu amor. Eu estou aqui, eu vou fazer que tudo fique bem. – Ele murmurou e eu poderia jurar que era o seu tom de voz, o seu toque intenso e confortável. Era tão real que poderia jurar que estava a acontecer de verdade, dei um longo suspiro pronta para respondê-lo, mas ...

Tudo ficou escuro.
Abri os meus olhos e percebi que estava em total escuridão. Isso não era bom.
Existiam duas opções:
Ou o sol se apagou eternamente ou eu tinha ficado cega.

Passei uma das minhas mãos em meu rosto e percebi que por alguma razão tinha uma toalha cobrindo-a.
Retirei rapidamente me sentando na cadeira, um pouco assustada não sabendo o que estava a acontecer, foi quando olhei para o lado e me deparei com Steve que estava sentado ao meu lado, tomando um suco de cor vermelha que suspeitei ser morango. Ele estava de óculos escuros e subitamente percebi que a piscina tinha ficado lotada por diversas pessoas desde crianças a idosos. Reparei que Steve estava sem blusa e um cheiro de filtro solar tomava conta de todo o meu olfato, logo entendi que Steve estava se cozinhando ao meu lado.
Abri a boca para falar, mas hesitei ao sentir uma pequena ardência em meu rosto e com um pouco de dificuldade, já que eu estava sem os óculos escuros, coloquei uma mão por sobre os olhos para impedir os raios solares de ofuscarem minha visão e me virei na direção de Steve que percebeu que eu havia acordado.

- Foi você que me mumificou? – Questionei com um tom cômico o olhando de lado.

- Sim ,o sol está realmente intenso não quero que você tenha uma insolação na viagem de seus sonhos. – ele olhou para mim com o seu típico sorriso caindo nos lábios. – Que bom que você não estava de óculos escuros, se não agora você estaria com uma bela marca de branco em seus olhos. Nada atraente, te garanto isso!

- Eu me queimei tanto assim? – Perguntei, um pouco incrédula, olhando meus braços e cintura, mas não tendo nenhuma visão preocupante.
- Sim, está bem vermelhinha.

- Obrigada então, pela mumificação. – cruzei minhas pernas, ficando sentada de modo confortável, senti meus cabelos molhados baterem em minhas costas e causar um arrepio leve que me fez tremer, sem hesitar comecei a secar com a toalha felpuda branca que pertencia ao navio.– Então,como é que foi a festa ontem ?

- Teve um inicio, meio e fim, chegando a incrível conclusão de que foi uma droga. Se eu tivesse ficado em meu quarto, vendo algum jogo de futebol teria sido uma noite mais proveitosa. – Steve respondeu sem ânimo. - Joana está chateada comigo, eu briguei com a Rachel e acabou que nem falei com você sobre o *assunto*.

- Me desculpa por a gente não ter se falado, eu deveria ter ido atrás de você durante a festa.
– Eu era uma ótima atriz, confesso. Fingi ressentimento por que no fundo eu estava muito feliz em não trair a Joana duas vezes numa mesma noite - Eu realmente tive algumas atribulações ... – tentando omitir a minha conversa com Peter e com Rachel; não queria que ele ficasse com ciúmes de *irmão mais velho* (o que ele tinha muito) e nem queria que ele se sentisse pressionado a me contar sobre ele e Rachel.

- Nem se preocupe depois que a gente foi dançar nem te vi mais,quer dizer, eu vi você dançando com aquele garoto loiro arrumadinho. – Steve falou com certo tom de deboche e eu senti todo o meu corpo gelar só em pensar em Peter. Steve me olhou desmanchando a expressão de zoação ao perceber meu olhar perdido e ficou com um olhar sério – Só tome cuidado para não se machucar, ok? Você não sabe quem ele é e os garotos podem ser bem idiotas quando querem. – Ele pausou pensando em suas palavras, logo ficando com uma expressão triste - Se bem que eu acho que ele

realmente se encantou por ti; nunca vi um cara tão conectado a uma garota como ele estava em você. Eu fiquei olhando vocês e era tão curioso: vocês não conseguiam ficar longe um do outro... – Ele voltou a pausar e de modo tímido concluiu. - Nunca te vi assim com alguém antes, posso estar me precipitando, mas preciso reconhecer quando a minha irmãzinha de alma pode estar se apaixonando por alguém, por isso, antes que você reclame, e por isso que estou sendo super protetor.

Senti meus olhos brilhando de lágrimas, eu queria contra argumentar dizer que era exagero da parte de Steve (mesmo sabendo que isso não é de seu feitio), mas eu não conseguia, por que ele tinha razão em tudo que disse; eu me sentia tão conectada a Peter que não conseguia parar de pensar nele por nenhum momento, tudo me fazia lembrar da noite passada. Parece tolice, mas é como se eu tivesse a certeza que eu fosse reencontrá-lo a qualquer momento podendo assim seguir com o desejo de conhecê-lo cada vez mais; o sonho que tenho desde sempre, encontrar o garoto que me faria sentir desse modo havia se realizado e eu não deixaria que isso ficasse no meu passado, tinha que ter um futuro. Mordi meus lábios, tentando afastar esse pensamento que tornava Peter único para mim. Não queria isso.
Ele era um garoto como qualquer outro; essa história de príncipe encantado e único são coisas de menininhas sem expectativas no amor que estão a espera da perfeição e nunca as terão.
Eu quero o Peter, com qualidade e defeitos, humano e real e não uma idealização.
Esperanças costumavam destruir o meu coração em pedaços; eu iria ter esperanças em rever Peter, mas com os meus pés no chão.
Sonhar, mas sempre ter a cabeça e coração na realidade, esse era um dos meus lemas.
Olhei para Steve que me observa atento.

- Você acha ? – tentei parecer nada interessada, mas só o fato de eu ter perguntado mostra o meu interesse. – Quer dizer, você não diria isso à toa ...
- Ele não parou de olhar para você. Preciso dizer mais? – Ele sorriu de uma forma doce. – Então, vocês conversaram?

Comecei a contar a ele desde o principio: a primeira conversa, o convite para dançar e a conversa que tivemos no bar; falei da rosa que Peter mandou que fosse entregue a mim pelo supervisor, um gesto romântico e único, questionei a Steve o que ele

achava sobre isso tudo e ele respondeu:

- Como eu disse, ele realmente está interessado em você. Contou coisas sobre a vida dele que eu não diria a qualquer garota, a não ser se eu realmente estivesse interessado por ela, sabe, no sentido de querer um futuro. Garotos só fazem isso quando querem passar segurança e mostrar quem realmente são. Se ele quisesse apenas se divertir com você, ele teria apenas dito algumas cantadas, mas pelo visto, ele gostou realmente de você.

- O que eu devo fazer? – Questionei, mordendo levemente os meus lábios, pensativa.

- Bom, só faz vinte e quatro horas que vocês se conheceram, porque você não deixa entregue ao destino? Esse navio é enorme, eu sei, mas se vocês tiverem que se encontrar, vão se encontrar. Dá mesma forma que se encontraram aqui, na piscina principal e na festa de boas vindas. Eu sei que você detesta a ideia de destino, mas você não pode negar que o destino parece estar envolvido em vocês.

- Eu não sei. Nem meu nome ele sabe. Eu não disse ...

- Ótimo. Assim ele fica mais curioso e se ele estiver realmente interessado vai tentar descobrir quem você é a qualquer custo, começando pelo seu nome. – Entortei meus lábios descrente e ele me olhou com uma expressão mais confiante. – Kate, garotos amam um mistério, amam saber que a garota está ali para ele conquistar e não o oposto, é claro que em alguns momentos uma aproximação da parte feminina é bem vinda, mas no momento crucial, ele que gosta de ser o primeiro a conquistar. Manter certos detalhes em mistério ajuda nessa conquista e eu tenho certeza que nesse momento ele deve estar pensando em alguma forma de te reencontrar. Eu estaria se estivesse em seu lugar.

- Tomara que você tenha razão. – Murmurei, de maneira baixa.

- Talvez vocês se encontrem no baile de máscaras. Vai ser hoje a noite e todo mundo deve estar lá; eu ouvi dizer que o baile de máscaras e a festa latina são uma das mais aguardadas e um dos melhores eventos que esse cruzeiro tem, então definitivamente

ele vai estar lá, provavelmente te procurando.

- Sim, é verdade. – eu disse com mais firmeza. – Eu preciso comprar uma máscara, você já tem a sua?

Ouvi o som de algo vibrando e olhei para o meu lado vazio, vendo as minhas roupas ali tirei o celular do bolso só por curiosidade e vi que já passava das dez horas e que tinha recebido uma mensagem, abri a mesma e era de Rachel.

Rachel
Estou no Cucina di L'amore, com a Joana, tenho algumas novidades sobre o Peter. Venha logo que estou faminta também.

- Chuck? – Steve questionou, curioso com a minha expressão.

- Ah não. É Rachel. Ela acordou e me avisou que está no Cucina di L'amore, para tomarmos café da manha. Joana está com ela também. – falei, tentando transparecer normalidade naquela sentença. Steve se calou, ele pegou a blusa e a vestiu, era azul marinho e destacava bem os músculos de seu braço e o tom da sua pele. Imitei seu gesto e vesti minha blusa e short, sentindo uma ardência assim que o tecido da roupa entrou em contato com minha pele, calcei o chinelo e fiquei de pé, sendo acompanhada por um silêncioso Steve. Enquanto caminhávamos em direção do restaurante, Steve tirou os óculos escuros com um olhar pensativo em minha direção.

- Lembra daquela conversa que eu queria ter com você, Cat? – Steve questionou.
- Sim, claro. – Senti meu estômago revirar em nervosismo.

- Então, eu não quero envolver você nisso, por isso não vou falar com você sobre esse assunto. – Steve concluir, fazendo com que meu estômago revirasse com mais violência e que uma expressão surpresa surgisse involuntária em minha face.

- Ah ... – Esse som saiu pelos meus lábios.
- Só posso te pedir um favor? – Steve questionou, parando alguns metros antes de chegarmos ao restaurante.

- Claro, qualquer coisa. – Falei, repousando minhas mãos em meus bolsos, tentando parecer o mais despojada possível.

- Joana vai precisar muito de uma amiga e eu quero que ela recorra a você, por isso, se mantenha ao lado dela, ok? Não vou entrar em detalhes, mas só faça isso, esteja lá quando ela precisar. – Steve me olhou de uma maneira profunda e ele segurou gentilmente a minha mão – Você pode fazer isso por mim?

- C-claro. – falei, deixando a palavra gaguejar em meus lábios. Segurei firme a mão dele e em seguida, joguei o braço em volta de sua cintura, encostando minha cabeça em seu ombro em conforto, ele me abraçou da mesma forma e continuamos a andar em direção do restaurante.

Ele ainda não tinha falado sobre e nem pretendia falar, de certa maneira queria que ele não falasse, mas me doía pensar em meu amigo sofrendo por um amor confuso e mal resolvido, mas depois de conversar com Rachel percebi que talvez eu não queira me intrometer nesse assunto, mais do que já estava.
Eu quero muito poder ajudar Rachel, mas eu também quero ajudar Joana e Steve, na mesma proporção; os três são meus amigos e se isso tudo acabar desencadeando em um termino em nossa amizade de longos anos?
Olhei para Steve que ainda estava concentrado em seus pensamentos, tinha medo de interferi -lo, na realidade eu tinha muitos medos.

De repente, ele olhou para determinado ponto, deu um beijo na minha testa e se afastou de mim enquanto me mantive presa em meus pensamentos percebendo um tempo depois que ele ia em direção de Joana que estava tirando fotos com alguns colegas de nossa turma, assim que ele se aproximou, ficando mais próximo do campo de visão dela, pude ver um sorriso crescer nos lábios de Joana, encantado e de pura felicidade, e aquilo fez com que eu ficasse completamente sem palavras.

Como ele podia ter dúvidas de quem ele realmente ama?
Não é que Rachel não mereça o amor de alguém como Steve, contudo Steve tinha uma ligação muito forte com Joana, um tipo de ligação que eu não via entre ele e Rachel precisava confessar isso; Joana era completamente apaixonada por ele,

mesmo depois dos dois terem se desentendido na noite anterior, ela conseguia olhar para ele com amor, sem nenhum resquício de raiva, seu sorriso tão sincero e puro. Eles se beijaram, mas pude ver que Steve não a beijou com a mesma sinceridade e atenção, o elo já havia sido quebrado e agora, eu podia ver com clareza, que já era tarde demais para ser feito qualquer coisa tanto para ajudá-los como para me ajudar. Eu estava no meio daquela situação e era um caminho sem volta.
Eu estava acorrentada ao desconhecido.

Capítulo 06
Laços Rompidos

Alguém encontra salvação em todo mundo Outros, apenas sofrimento Alguém tenta esconder a si mesmo Triste, dentro dele mesmo, faz uma prece. Alguém jura amar de verdade Até o fim dos tempos
Outros, fogem
Separados ou unidos
São ou insanos.
E ser você é tudo que você pode fazer.

Be Yourself – Chris Cornell

Me aproximei do local onde o grupo dos nossos colegas se encontravam, ficando próxima de Steve e Joana a espera de Rachel que ainda não estava ali; tiramos algumas fotos aproveitando que estávamos ali, aproveitei para conversar um pouco com Alex e Amanda tendo como assunto principal a festa da noite passada, enquanto isso Tom tirava fotos de todos nós, principalmente de Steve e Joana que faziam típicas poses de casais apaixonados. De repente, pude ouvir Rachel me chamar, virei meu rosto seguindo a direção que a voz vinha e encontrei Rachel, que estava vestida com roupas de ginástica, parada em frente do restaurante com os braços cruzados e uma expressão impaciente, me despedi de todos e me aproximei de Rachel dando um abraço apertado na mesma que estava soada e grudenta, mas que retribuiu o gesto com carinho, em seguida segurei o seu braço e entramos no restaurante, como duas adolescentes, ela que me guiou até uma mesa no fundo do restaurante em um lugar reservado e calmo.

- O que você bebeu? Está tão feliz, distribuindo abraços gratuitos em sua melhor amiga suada e fedorenta, esse não é o seu normal. – Rachel disse com certo deboche, se sentando em uma cadeira em minha frente, tirando o celular do bolso e o colocando na mesa com um olhar curioso para a tela. - Guardou um pouco para mim? Estou precisando ficar “espontaneamente” feliz.

- Eu ainda estou com um pouco do álcool da noite passada em meu sistema. – Murmurei, colocando o meu celular na mesa também. Um garçom se aproximou entregando dois cardápios e questionando se queríamos uma cesta de pães para degustar, por mais que eu quisesse, Rachel foi mais rápida e negou; nada de carboidratos antes das seis da tarde, era uma de suas regras, logo sendo minha também já que ela era capaz de criar a terceira guerra mundial caso me visse eu comendo algo que passasse de quinhentas calorias nessa hora da manhã.

- Então, o que você já fez nessa bela manhã? – Rachel questionou abrindo o cardápio e observando com atenção, como se estivesse prestes a escolher algo que afetaria a existência de todos no planeta.

- Nada demais, só mergulhei e tomei um pouco de sol. – Abri o meu cardápio, tentando encontrar a sessão de bebidas. Eu precisava de um bom copo de café amargo. – E você?

- Eu fui na minha primeira aula na academia e você não sabe quem eu encontrei lá. – Rachel disse com certa animação, fechando o cardápio e chamando o garçom com um simples estalar dos dedos, não de um modo grosseiro, mas delicado e sofisticado, enquanto seus olhos se mantinham presos aos meus com aquele sorriso de quem aprontou nos lábios.
– O Peter e o Dorian.

- O que eles estavam fazendo lá? – Perguntei, fechando o cardápio de imediato, sentindo meus olhos saltarem de meu rosto com tal fato.

- Confeccionando roupas, Kate. Era isso que eles estavam fazendo em uma academia. – Rachel respondeu com deboche e uma sobrancelha erguida. – Ginástica, é claro. – O garçom se aproximou pedindo licença, questionando se queríamos algo, já que Rachel o chamará, ela afirmou singelamente com a cabeça e ele pegou os cardápios de nossas mãos e em seguida questionou o que gostaríamos de pedir; Rachel foi a primeira a falar. – Uma xícara de café com leite e adoçante e um pão caseiro com mortadela de frango, por favor?

- E a senhorita? – Ele questionou, se virando em minha direção.

- Uma xícara de café com adoçante e um café para viagem. – Respondi suavemente. O garçom se afastou e eu voltei a olhar para Rachel que estava se olhando em um pequeno espelho com um sorriso em seus lábios. – Então, você disse que tinha novidades sobre o Peter, que novidades são essas e como você as conseguiu? Por favor, não me diga que as conseguiu depois de fazer alguma acordo com alguma Yakuza, demônio ou qualquer coisa desse nível.

- Existe alguma coisa que Rachel Ray não consegue? – Ela questionou com sarcasmo, fechando o espelhinho e o colocando na mesa ao lado do blackberry roxo que lhe pertencia, dando uma singela checada no mesmo. – Então, eu estava saindo da minha aula de aeróbica quando encontrei Peter e Dorian fazendo alguns levantamentos de peso, eu estava conversando com umas garotas que conheci na aula, mas na hora que eu os vi, tive que puxar assunto, foi incontrolável.

- Ai. – meus lábios deixaram escapar e os mordi repreendendo um palavrão, como ato involuntário minhas mãos se agarraram na mesa, se tinha algo que realmente me apavorava era Rachel sendo cúpida, ela não era discreta e sim arrebatadora e direta, o que podia me causar sérios problemas, na realidade só para deixar gravado para posterioridade, já me causará muitos problemas.

O garçom voltou com uma bandeja de prata em mãos, ele colocou os nossos pedidos respectivos e disse que ao irmos embora ele traria o meu café para viagem, sorri agradecida e ele logo se afastou.
Rachel tomou um grande gole do café com leite, observando o sanduiche a sua frente com uma expressão pensativa, fiz um barulho com a garganta e ela se lembrou de continuar o que falava.

- Continuando, fui puxar assunto com eles. E nossa, fiquei deslumbrada com a tamanhã educação que ambos tem e como foram doces e encantadores comigo, principalmente Peter que parecia estar tentando me agradar de todas as formas. Então, conversamos por algum tempo, descobri que eles pretendem malhar todos os dias no horário da manhã; Peter gosta de manter a forma física e Dorian gosta de se manter saudável. Conversamos sobre a noite passada e Dorian disse que adorou cada minuto e deu a entender que Peter também gostou muito.

- Deu a entender em que sentido? – Questionei, quase derrubando a colherzinha do café no chão com tal informação.

- Ele mandou uma indireta a Peter, dizendo que ele não conseguia parar de falar da musa dele com quem ele passou a noite dançando e conversando. Peter ficou extremamente envergonhado, mas ele logo disfarçou e mostrou que realmente está

interessado em você. – Rachel tomou um gole do café com leite com tranqüilidade.

- Mostrou como? – Perguntei curiosa.

- Ele me questionou se você iria ao baile de máscaras e eu falei que com certeza você estará lá e ele pareceu bem contente com isso. Conversamos mais um pouco sobre a festa de ontem e depois eu disse que ia me encontrar com você para tomarmos café até os convidei, mas eles disseram que já tinham reservas em outro restaurante e já estavam atrasados e foi só isso. – Rachel sorriu levemente e deu uma boa mordida no sanduiche de mortadela com uma cara de fome.

Me afundei na cadeira, sentindo uma curiosidade para saber em qual restaurante ele estava naquele momento, olhei ao arredor na esperança do destino estar me pregando uma peça, mas ele não se encontrava ali, muito menos seu amigo e irmã.
Tomei todo o meu café sem falar mais nada com Rachel, que se encontrava bem aprofundada em dar suas vinte e quatro mastigadas em seus pedaços de sanduiche milimetricamente pensados.
Assim que ela terminou, chamamos o garçom e pedimos a conta, cada uma pagou a sua parte, eu peguei meu café para viagem e saímos do restaurante.
Assim que chegamos ao lado de fora, nossos colegas não estavam mais ali como de esperado, contudo Steve e Joana estavam em um determinado ponto, afastados do restaurante, entretidos em uma conversa e parecia que não queriam ser interrompidos. Eu queria sair dali de imediato, mas Rachel parou a alguns metros de distância deles, os observando de forma discreta, mas profunda.

- Ele conversou com você sobre *nós* ? – Já existe um *nós*? Pensei enquanto ela me olhava atentamente, acho que essa era uma maneira dela evitar de olhar para eles então me mantive em seu campo de visão. – Ele me disse que queria lhe contar, que queria sua opinião, mas que estava sem coragem de tal coisa; ele teme sua reação. – Rachel deu um sorriso de lado
– Ele sabe o tão geniosa que você é!

- Não, ele disse que me quer fora desse assunto. – Não consegui esconder a satisfação no tom de minha voz, só percebendo isso depois de falar, beberiquei o

meu café tentando disfarçar tal ocorrido torcendo que ela não tenha notado.

- E você parece estar satisfeita com isso. – disse, com um tom de voz levemente irritado.

- Eu estou satisfeita com a decisão dele, eu realmente não quero me envolver mais do que já estou envolvida nesse assunto.– Revelei de uma maneira firme. – Eu estou feliz que você tenha compartilhado seus sentimentos comigo, mas eu temo por Joana, não quero trair ela e nem trair você ou Steve. Então, eu prefiro ficar fora disso o máximo possível.

Rachel semicerrou os seus olhos para mim e em seguida, eles caíram em determinado ponto e do nada percebi que ela havia enrijecido, como se tivesse se transformado em uma estátua de gelo.
Segui seu olhar, tendo que me virar para atrás, me surpreendendo ao ver que Joana cruzava pelo corredor a minha frente, decidida e chorando de uma maneira pesarosa, olhei na direção de Steve que observava Joana com uma expressão pesarosa, poderia jurar que ele estava até chorando e eu só havia visto ele desse modo uma vez, quando seus pais se separaram. Quando retornei meus olhos para a direção de Rachel, ela já não estava mais ao meu lado, assustada olhei ao arredor e vi que ela se direcionava de uma maneira cuidadosa para perto de Steve, que a olhou feroz, mas ao notar quem era sua expressão suavizou logo aceitando a sua aproximação; Rachel parou em sua frente e em seguida, o abraçou de maneira gentil e ele retribuiu o gesto.
Eu observava aquela cena incrédula;
Como eles podiam agir como se tudo aquilo fosse certo, se era óbvio que não era?
Ou era apenas eu que enxergava essa hipocrisia toda e achava errado?

Os olhos de Steve caíram por sobre mim e pude ver que ele entendia o que estava passando em minha mente, sua expressão foi do conforto a preocupação, se afastando de Rachel de imediato, a mesma que não entendeu o motivo de tal ato, mas deve ter compreendido após o que se sucedeu.

- Kate, eu posso explicar. – Steve murmurou com desespero em seu tom de voz, ele deu um passo em minha direção, mas levantei minha mão de maneira fraca indicando

para ele não se mover, enquanto senti um novo nó se formar em minha garganta.

- Me faça um favor. – Murmurei de uma maneira fria.- Poupe suas palavras.

Me virei e sai correndo na direção que Joana havia seguido, eu ainda podia vê-la, bem ao longe, ela agora não corria, mas andava apressadamente pelo corredor, quase virando na entrada principal onde levaria aos quartos, joguei o meu café no lixo mais próximo para não correr o risco de derramá-lo em mim ou em alguém, causando mais um dos meus típicos acidentes.

Eu podia sentir uma grande raiva crescer em mim. Tudo bem, Rachel e Steve podiam estar se gostando de uma maneira apaixonada e arrebatadora, mas eles tinham que ser tão descarados e insensíveis com Joana? Apesar de tudo, ela era amiga deles, merecia o respeito dos mesmos, independente da situação, mas principalmente nessa; mas pelo visto, eles não tinham o mesmo tipo de pensamento que eu.
Vi que o elevador estava no terceiro andar, então tive a noção que Joana havia descido pelas escadas; pulei de três em três degraus, quase caindo de cara no carpete assim que cheguei ao segundo andar, corri e tirei o cartão do meu bolso em movimentos rápidos (estilo ninja, eu digo sem me gabar), entrei no quarto, fechando a porta atrás de mim e logo pude ouvir Joana chorar de maneira amarga, trancada em seu quarto.
Não hesitei e fui em direção de sua porta, dando algumas batidas com certa força e nervosismo.

- Joana, por favor, abra. – Falei sentindo o nó em minha garganta se apertar.
- V-vai embora. – Ela gritou de maneira violenta, senti algo bater na porta como se ela tivesse tacado algo ali, como uma almofada talvez. – Me d-deixa em paz.
- Não, nunca. Abra essa porta ou eu a arrombo. – Falei agora com mais firmeza, mordendo meus lábios em seguida, pensando em como arrombaria aquela porta.
- S-se você é minha amiga de verdade, v-você vai me deixar s-só. Por favor. – Ouvi Joana voltar a se afundar em lágrimas após dizer isso com dificuldade.
- Jo, deixa eu fazer alguma coisa por você. – Me encostei na porta, sentindo meu coração afundar em meu peito, me sentindo uma inútil.
O choro se acalmou levemente e em seguida a voz de Joana tomou conta do

ambiente.

- V-você poderia comprar uma máscara para mim. Na Superflirt, uma loja de f-fantasias. – Ela disse, de maneira fraca. Era bem estilo Joana, tentar mostrar interesse em outra coisa que não fosse os próprios sentimentos, mesmo que essa outra coisa fosse uma festa, evento ao qual ela nunca foi muito fã; Ela era extremamente sensível, mas não gostava de expor as suas emoções tão facilmente, mesmo para mim que a conhecia há anos.

- Ok, eu posso fazer isso. – Mesmo não sendo exatamente o que eu queria fazer, mas me sentindo útil.

Fui até o meu quarto, vendo que as camas foram forradas com novos lençois e uma colcha rosa bebê, provavelmente foram às camareiras de mais cedo, peguei minha carteira e a coloquei no bolso, logo saindo do local; voltei a porta do quarto de Joana e bati levemente, ainda podendo ouvi-la chorar, sendo que agora mais calma do que antes.

- Eu vou comprar a sua máscara, mas me prometa que qualquer coisa você me liga ou manda mensagem. – Murmurei, ainda preocupada. – Ok?

- T-tudo bem. Sorri de maneira fraca e sai do quarto, sem nada mais a dizer.
O elevador estava ali no andar, então corri e entrei no mesmo, chegando logo a entrada principal, em vez de pegar o caminho que eu havia feito antes de seguir Joana, eu fui pelo caminho oposto para não ter chances de me encontrar com Steve e Rachel.

A realidade era que eu precisava me controlar, antes que eu explodisse tudo o que eu realmente pensava sobre isso.
Rachel estava errada, Steve estava errado e Joana era a vitima.
E eu?
Eu era apenas uma intrusa, que também estava agindo errado.
A vida é cheia de escolhas, nós não somos forçados a nada, contudo eu me sentia forçada a me manter calada em relação a tudo que sabia, para proteger Joana e me manter afastada de Rachel e Steve para não me envolver mais, e o que mais me doía

era saber que uma simples conversa entre os três poderia resolver tudo isso, para melhor ou pior.

Precisava desabafar essa situação com alguém (que não fosse da minha turma de amigos e não estivesse naquele navio), não estava agüentando ter isso guardado em meu peito, era um assunto delicado demais e eu precisava da opinião de outra pessoa, alguém inteligente que pudesse me aconselhar; eu precisava saber se estava indo pelo raciocínio correto ou se estava sendo egoísta e hipócrita.
A verdade era que uma terrível insegurança me banhava.
Eu me sentia presa numa armadilha, sem saída e com uma grande esfinge na metade do caminho, tendo tudo isso sido construído pelos meus amigos para descobrir se eu realmente era leal a cada um deles.

Peguei o celular em meu bolso com um movimento só enquanto ia na direção do mapa principal do navio para saber ao certo onde ficava a tal loja Superflirt que Joana havia me indicado; olhei para a tela do aparelho telefônico e digitei pela tecla de atalho até os números dos contatos, vi vários nomes conhecidos, achando logo no inicio o número que desejava, com um simples toque, liguei para o celular de Chuck.

- Alô. – A voz grossa de adolescente em crescimento atendeu a chamada de um modo animado. – Como está monstro?

- Oi maninho, tudo indo por aqui e por ai? – Questionei, abrindo um grande sorriso e me encostando na borda do convés tendo a vista do oceano a minha frente, sentindo um conforto ao falar com meu irmãozinho.

- Sim, mamãe está dirigindo, estamos indo almoçar no Joe's. Adivinha só? Já estou inscrito na colônia de férias e a Mandy também está, ou seja, é agora ou nunca maninha; ou eu a conquisto de vez ou ... Eu a conquisto de vez.

- Que bom, eu quero fotos, muitas fotos e de o seu máximo para conquistá-la, sei que vai valer a pena. – Falei de maneira animada, pensando na felicidade dele.

- Vou pensar no seu caso sobre as fotos, se você for uma boa irmã, quem sabe eu as envie, quem sabe! – Ele disse com certo deboche. – Mas me conte, o que aconteceu?

Você não está me ligando apenas para ouvir a minha linda voz, isso eu tenho certeza.

- É, você está certo. – respondi, fazendo uma careta, me lembrando como ele era perspicaz comigo, me conhecia bem demais. – Eu preciso conversar com você sobre uma coisa que apenas você pode me ajudar.

- Manda. – Chuck murmurou. – Estou pronto para qualquer coisa!

Comecei a contar a ele toda a história envolvendo Joana, Steve e Rachel, dando ênfase as minhas desconfianças e principalmente, da minha opinião sobre isso. Assim que terminei de contar, Chuck deu sua opinião de uma maneira sincera.

- É, eu estava pronto para qualquer coisa, menos isso. Cara! Isso é tão ferrado! Você precisa ficar fora disso, Kate. Os três são seus amigos, você não pode escolher nenhum deles para apoiar, apenas escolha o seu lado, da auto preservação. – Ele pausou e continuou com um tom de voz mais calmo, mas ainda firme em suas palavras - Definitivamente alguém vai acabar saindo ferido disso tudo e esse alguém vai ser a Joana, que não tem ideia do que está havendo, e você sabe, e como sabe, a dor de ser traída. E saiba que essa traição não é apenas amorosa, mas é entre amigos; é duplamente pior, Joana não vai ficar como você ficou, e sim, ficará pior, garanto. E o pior de tudo é que esse segredo está te corroendo, te fazendo mal e você não tem ninguém para te apoiar nisso, ajudar nessa situação ... Como eu queria estar ai para te ajudar!

- O que eu devo fazer? – Questionei em um muxoxo triste, tendo a certeza que a sua visão sobre a situação era a mais sincera e verdadeira; ele tinha toda razão, mesmo que eu odiasse confessar isso.

- Fique fora disso, quando lhe pedirem, dê o mínimo de opinião possível e o principal, deixe bem claro que você não apóia isso, por mais que Rachel esteja feliz, essa situação não é um grande evento para comemorações; Fique ao lado de Joana nesse momento difícil, ajude-a e console-a, mas repito: não dê a sua opinião sobre nada, principalmente sobre o porquê de Steve ter pedido um tempo, você precisa agir como se não soubesse de absolutamente nada, para o seu próprio bem e o dela; deixe que ela descubra tudo sozinha.

- Mas ... E se quando ela descobrir sobre a traição ficar sabendo que eu já sabia de tudo? Esse tipo de segredo sempre acaba vindo à tona (na realidade, não existe segredo, é apenas um mito para as pessoas se sentirem seguras com seus erros, cedo ou tarde, todos os segredos acabam, de algum modo, vindo à tona na vida de qualquer pessoa). Por isso que eu estou em dúvida em relação a tudo isso, ela é minha amiga e eu sei que merece saber a verdade, mas eu sei também que ela precisa descobrir sozinha, já que para mim foi bom descobrir sobre a traição do William sozinha, me tornou uma pessoa mais forte e realista, mas isso não quer dizer que será bom para a Jo, mas e se for ? - Murmurei, confusa com os meus pensamentos enquanto os dizia sem freio algum, mas sabendo que Chuck compreendia cada palavra minha. - Eu quero protegê-la mais que tudo e principalmente, eu quero contar o que eu sei para ela entender ...
- Ela não vai entender, Kate. – Chuck disse antes que eu concluísse o meu pensamento. O modo frio que ele disse fez meu coração parar. De súbito, o sonho que havia tido naquela noite passou em *flashes* em meus pensamentos, o que fez meu coração alavancar de temor,pelo visto, o sonho agora estava mais para uma premonição tenebrosa - Ela vai se revoltar, vai odiar Rachel e Steve com toda a sua alma, e vai odiar você por ter lhe contado isso. – Me silenciei por completo, pensando em suas palavras. Faziam tão sentido que eu desejava que não fizesse. – Saiba de uma coisa, Kate: Você é tão vitima quanto Joana, Rachel te colocou nessa história sem você ter nada a ver com isso, ela apenas queria ser sincera com você e ter um ombro amigo disponível, mas acabou lhe colocando em uma situação complexa que você não deveria ser exposta e não se esqueça: você prometeu não contar nada do que ela disse a Joana e Steve. Então, por mais que você queira contar tudo a Joana, ao fazer isso, você estaria traindo Rachel e essa é uma dor que tenho certeza que você não pode suportar.

Fechei os meus olhos em compreensão.
Agora tudo fazia sentido.
Eu tinha certeza que no instante que visse Joana contaria tudo a ela, sem pestanejar e pensar, mas nas últimas vezes que a encontrei parecia que um filtro tomara conta de meus lábios, impedindo que qualquer revelação fosse dita, o que me surpreendia e muito; Kate Farrell, a garota que odiava injustiças praticando uma.

Contudo, agora entendia esse meu ato inconsciente.
Era exatamente a promessa feita a Rachel, de não contar nada a Joana e Steve que havia sido dito naquela noite e eu apenas não havia notado isso, mas Chuck fora mais esperto; eu era tão fiel a minha melhor amiga que sem nem notar estava obedecendo seu desejo de guardar esse segredo ruim em meu ser.

- Chuck, você tem toda a razão. – Enruguei o cenho, sem nenhum argumento, vendo que não tinha encontrado solução para isso, mas que tinha descoberto várias respostas. – Eu vou dar um jeito nisso tudo, para melhor ou pior. É melhor eu desligar antes que mamãe me mate pelo preço que essa ligação vai ficar, além do mais, tenho que comprar uma máscara para um baile que vai ter hoje a noite... – Sem nem ter percebido, pensei em Peter, me questionando se ele realmente estaria nessa festa e qual máscara ele usaria? Senti um arrepio de curiosidade e excitação; buscar por ele essa noite seria sexy e arrebatador, não via a hora dessa festa começar.

- Hmmm, porque isso cheira a garoto, huh? – Ele murmurou com certa malícia.

- Não tem nada a ver. – Falei com uma falsa firmeza, sabendo que não o convenceria. – Você e Rachel sempre pensam que tudo tem a ver com homens, mas não tem, suas mentes poluídas!

- Eu quero detalhes, maninha. Quem ele é, nome , sobrenome, nacionalidade, sua vida, *hobby's*, etc. – Chuck pausou e tomou um tom de voz firme e sério, quase jornalístico. - É uma pergunta de conscientização: Você está carregando camisinha na carteira?

- Ah, eca! – Por Deus! Até Chuck estava preocupado com camisinhas em minha vida amorosa? Podia ter dormido sem essa, com toda certeza. Entortando os lábios em uma careta, continuei a falar de forma breve e nojenta. - Tenho que ir, Chuck. – Desliguei apressada a ligação sem nem ao menos ouvir o que ele falou em seguida, provavelmente mais uma nojeira que me causaria náuseas. Fiz uma careta relembrando meu irmão caçula falando sobre camisinha comigo, uma jovem adulta.

Argh! Argh! Argh!

Entortei os lábios, agora me focando em meu problema, vendo que não havia encontrado uma solução coerente para a situação; apenas o que já imaginava, fora reforçado. Eu estava fadada a enganar Joana por tempo indeterminado e assistir de camarote a minha melhor amiga ficando com Steve, já que isso era o certo para mim, ficar fora dessa situação por mais doloroso que fosse ser para mim ou para eles.
Passei uma das minhas mãos em meus cabelos, odiava ficar presa em uma situação sem respostas, perdida e confusa, como eu poderia resolver aquilo de uma forma coerente para ambos os lados?
Resolvi parar de pensar sobre o assunto por ora, aquilo estava me deixando irritada comigo mesma, frustrada, chateada e insegura. Eu nunca ficava sem respostas, para nada em minha vida, porque eu tinha que ficar sem respostas justo nesta situação?

Passei em frente do salão principal que estava com as suas enormes portas fechadas era bem provável que o ambiente estava sendo arrumado para o baile de máscaras, um pouco mais a frente achei um *stand* com alguns panfletos de lojas de vestidos, ternos, máscaras, etc. talvez tenha sido colocado ali para auxiliar quem fosse participar da festa.

Segui os comandos que um dos folhetos dava para direcionar qualquer pessoa até a loja de fantasias *Superflirt*, que Joana havia me indicado, uma boa caminhada mais tarde e acabei entrando dentro de um centro comercial.

O saguão do local era o maior lugar que eu já havia estado dentro daquele navio, após o salão principal de festas, já que nada superava aquele lugar, em determinado ponto havia dezenas de mesas com cadeiras de plástico decoradas que pertenciam a uma sorveteria, os diversos restaurantes e lanchonetes que haviam no lugar seguiam o mesmo modelo, sendo que com outras disposições e decorações; no meio do ambiente tinha um chafariz onde algumas pessoas jogavam moedinhas dentro, se divertindo com a ideia de que aquilo atrairia sorte em suas vidas; talvez eu devesse jogar uma nota de cem dólares ali, só por garantia do meu futuro.
Comecei a observar as lojas que tinha ao meu arredor e cada uma parecia mais chique e cara que a outra, todas de grandes marcas, não havia uma loja dedicada ao público classe media pobre-que-depende-dos-pais, observei uma das vitrines atraída por uma belo vestido vermelho, mas logo me afastei ao ver o preço do mesmo, como o

diabo se afastaria da cruz. Com aquele dinheiro eu poderia constituir família na Suíça.

Achei uma loja de cd's e uma livraria, as únicas lojas daquele local onde teriam limites ilimitados no meu cartão; Meus olhos brilharam quando vi *Orgulho & Preconceito* na vitrine da livraria, meu livro favorito desde os doze anos, se não me engano; Eu tinha várias cópias em diversas línguas e edições, no caso, aquela na vitrine eu já tinha. Só de vê-lo pensei em reler, tinha trazido para a viagem a minha edição favorita que sempre carregava comigo, ela que já era toda puída, marcada, escrita, rasgada e amassada, mas que eu amava como se fosse novinha em folha; voltar a história de amor e vida de Elizabeth e Darcy faria bem para minha alma, até me questiono, o que Elizabeth Bennett faria em meu lugar nesse momento. Quem sabe encontro essa resposta no livro; talvez devesse comprar alguns Doritos e refrigerante de laranja, só para não perder o ritual, me aconchegar em um lugar fresquinho e aproveitar o tempo livre fazendo duas coisas que amo: comer e ler. Anotei essa ideia mentalmente.
Continuei o meu caminho e num canto mais escondido, achei a tal loja de fantasias que estava lotada e garanto que isso não me ânimou nem um pouco.

Assim que entrei no local me surpreendi com seu tamanho e sua variedade de fantasias e máscaras, ali era um mundo para oficinas de teatro e bailes a fantasia; todos os tipos de roupas podiam se encontrados ali, até mesmo uma replica idêntica da roupa usada por Michael Gambon em *Harry Potte*r, onde ele interpretou o Professor Dumbledore; em todo o ambiente havia vários funcionários ajudando os diversos clientes, a sua maioria pedindo ajuda nas escolhas de máscaras, passei entre dois estandes de roupas, me espremendo entre um casal de adultos, que não se afastaram com o meu "Com licença"; e o pior é ter a consciência que sua falta de educação é gerada graças à grande decisão que o casal precisava fazer: ela queria que eles se vestissem como *Tico* e *Teco* e ele queria ir de *Han Solo,*ela discutia dizendo os prós e contras de ir de *Lea,* uma decisão que pode mudar a rotação da terra se escolhida de modo errôneo.
Falta de educação deveria ser doença, do mesmo modo, que prioridade deveria ser uma matéria curricular, assim as pessoas saberiam o que é importante na vida e o que não é, posso dizer com certeza que a fantasia que você usará em uma festa é

totalmente irrelevante na sua existência; deveria dizer isso a eles ou ignorar suas existências?
Estou sem paciência com humanos com cérebros que se desenvolveram apenas 3%, fico com a segunda opção.

Parei em frente de uma grande prateleira observando as dezenas de máscaras arrumadas ali enquanto era espremida por uma senhora e um jovem ruivo sardento. Eles sabiam exatamente o que queriam: a senhora uma máscara que lembrasse um felino e o jovem queria algo no tom preto, enquanto eu realmente não sabia o que estava procurando.

Tinha que ser uma máscara que se chocasse com os meus cabelos negros e que dessem valor aos meus olhos.
Difícil.
Difícil escolha.
Eu andava lentamente, passando por entre as pessoas e observando as máscaras atenta, a procura da máscara certa.

Meus dedos só tocavam às máscaras de cores vermelhas ou de cores pretas com glitter, eles ficavam brincando de seguir o caminho que a purpurina fazia nas máscaras e quando afastava a mão eu me divertia com o brilho que se mantinha em meus dedos. Me encantei por uma máscara de cor prata toda desenhada por arame e com um longo cabo para ser segurado como apoio, a coloquei em meu rosto e me olhei no pequeno espelho redondo a minha frente, porém ela não ficou tão charmosa em mim como esperava, tenho certeza que em Joana ficará maravilhoso, mas não na cor prata, na cor dourada certamente. Peguei a máscara dourada que estava ao lado, quando olhei de relance e vislumbrei a máscara perfeita para mim.
Era transparente e feita de silicone, cobria a parte dos olhos, que eram abertos em fendas felinas, a região do centro era pintada com tinta prata e a máscara tinha vários desenhos em relevo e olhando de longe, se tinha a impressão que parecia ser uma bela borboleta com desenhos prateados.
Havia me decidido, eu queria aquela máscara;
No momento que encostei meus dedos na mesma, uma outra mão havia tocado - a também. Olhei para o dono daquela mão, trincando os dentes, pronta para batalhar

por aquela máscara até meu último suspiro, foi quando notei que era uma garota de figura familiar. E pior, não era uma garota qualquer, era Amelia, irmã de Peter.
Ela afastou a mão rapidamente, de forma tímida e olhou para mim.
Seus olhos estavam cheios de dúvidas e os meus estavam cheios de supresa. Será que Peter estava ali?, me questionei olhando ao arredor disfarçadamente.

Voltei a olhar Amelia com mais atenção; seus olhos eram azuis claros vivos e brilhantes, como os olhos de uma criança encantada com um belo brinquedo novo, suas bochechas eram repletas de sardas e havia algumas espalhadas na ponta do nariz e podia vê-las em uma distância de cinco metros já que sua pele era muito branca, quase que translucida, superando a minha palidez vampiresca.
Curiosamente, achei uma semelhança nela com Peter, o seu nariz lembrava muito o dele e a maneira de arquear as sobrancelhas, era idêntica; era inquestionável o quanto ela parecia com uma boneca de porcelana: seus cabelos lisos que caiam graciosamente em seus ombros e suas bochechas naturalmente coradas com aquelas sardinhas, sempre com um sincero e suave sorriso nos lábios e suas roupas que caiam com perfeição em seu corpo de porte normal e sua altura mediana. Ela deveria ser exilada do planeta por causa de tanta beleza, pensei com inveja branca.

Ela segurou a minha máscara, observando-a mais de perto, a analisando detalhadamente; eu havia desistido de tê-la, era indiscutível que ela ia ficar muito melhor em Amelia. Na realidade, ela podia colocar um pedaço de papel higiênico no rosto com buracos feitos a estilete em forma de olhos e ela continuaria linda.
A família Hartley tinha ótimos genes, isso era inegável.
Quando Deus desenhou eles foi com afinco, em compensação comigo, foi um rascunho muito do mal feito, em comparação a Amelia. Minha auto estima era ótima, eu me considerava uma jovem bonita, mas perto dela eu me sentia a coisa mais feia daquele cruzeiro e a tendência era piorar, logo me sentiria a coisa mais feia do oceano atlântico inteiro.

Sem máscara e sem auto estima, sorri levemente,começando a me afastar do local, indo a procura por outra máscara, na outra ponta das prateleiras, mas não demorou muitos segundos para Amelia se reaproximar de mim,o que me surpreendeu, ela pediu licença e estendeu com uma das mãos a máscara dos meus sonhos com um

sorriso educado e jovial, peguei a máscara sem entender nada.
- Ela vai ficar bem melhor em você. – disse Amelia com um tom de voz suave se misturando a seu evidente sotaque britânico. - Eu já sou muito branca e tenho certeza que a beleza da máscara não seria valorizada em meu tom de pele. Agora em você, ela vai ficar ideal.

Segurei a máscara a olhando de maneira encantada.
Amelia tinha razão, aquela máscara ia ficar perfeita em mim.
Opa! Olha a minha auto estima subindo denovo.
Sorri em agradecimento e observei Amelia se afastar com passos contidos e leves, quase caminhando como uma gueixa, vi que ia em direção de Dorian que observava umas máscaras que lembravam a usada pelo *Fantasma da Ópera*.
Meu estômago afundou quando pensei na possibilidade de Peter estar ali em algum lugar, atrás de algum estande ou de costas em frente de alguma prateleira em busca de uma máscara, olhei ao arredor procurando por sua presença, porém não o vi, mesmo tendo muitas pessoas no local, eu acharia Peter logo, sua beleza era inegável e a maneira que ele fazia meu coração bater era única; seria como um alarme "Peter", ele surgiria em minha frente e meu coração começaria a bater como uma frenética bateria de *heavy metal*.

Suspirei desapontada.
Olhei para a minha máscara e a que havia escolhido para Joana.
Uma ideia surgiu em minha mente, voltei a olhar na direção onde Amelia e Dorian estavam confirmando a sua localização, sem hesitar fui em direção da prateleira onde havia achado a máscara de Joana e peguei uma igual, sendo que era retorcido com arames dourados e prateados.
Andei lentamente até onde Amelia e Dorian se encontravam, faltando uns cinco passos para estar perto o suficiente para falar, Dorian apontou em minha direção com um sorriso simpático e sorri de volta.

- Com licença. – Murmurei, chamando a atenção de Amelia em minha direção, Dorian mantinha o sorriso em seus lábios usando uma máscara branca cortada ao meio, ele realmente estava empenhado na ideia de ser o *Fantasma da Ópera* enquanto Amelia sorriu de maneira graciosa.

- Olha só, se não é a garota misteriosa. – Dorian murmurou com certa animação. – Animada para o baile?

- Um pouco. – Menti, sentindo meu estômago afundar. Na realidade, estava muito animada, queria encontrar Peter novamente,ainda mais depois de saber que ele estaria lá, então tentava acalmar meus hormônios; era tolice ficar tão eufórica por alguém que mal conhecia, mas sabia que era essa atração pelo novo que estava me deixando assim, cada vez mais ansiosa e excitada - Desculpa atrapalhar vocês, mas eu acho que tenho a máscara perfeita para você. – Sorri, entregando a Amelia a máscara de arames dourados e prateados.

Os olhos de Amelia se incendiaram de encanto quase como o brilho dourado que a máscara emanava; ela colocou a máscara, segurando graciosamente no cabo de apoio e se olhando no espelho com uma expressão de encanto, um sorriso leve em seus lábios, Dorian a observava com uma expressão apaixonada.
- Você está divina. – Ele disse em um sussurro musical, repousando suas mãos na cintura da namorada, ela se virou, sorrindo para ele com paixão, e ele a beijou gentilmente, os dois em uma sintonia encantadora, era impossível não sorrir com aquela cena.

- Ela é perfeita, irá combinar com o meu vestido... Muito obrigada. – Ela disse de uma maneira gentil.

- De nada. Obrigada você por me ceder essa máscara. – Mostrei a máscara de silicone com um sorriso tímido, me virando para me afastar do ambiente, mas antes percebi que Amelia trocou um breve olhar com Dorian que sorriu de forma maliciosa, enruguei o cenho curiosa, mas segui meu propósito.

- Ei, espere. – Amelia disse, notei o tão musical sua voz era, doce e tranquila. – Preciso te questionar algo.
- Claro. O que? – Voltei e fiquei parada a sua frente, os observando curiosa.
- Qual é o seu nome? – Dorian trocou um breve olhar com Amelia ao questionar isso com aquele sorriso nos lábios.
Deixei um leve riso sair dos meus lábios, eu estava esperando qualquer tipo de

pergunta, menos essa. Isso só provava uma coisa: Steve tinha razão.
- Eu vou dizer isso primeiro a Peter. – Murmurei de uma maneira calma, como se aquilo não tivesse me afetado em nada.
- Misteriosa. – Dorian murmurou quase que cantarolando, deixando um sorriso cair nos cantos dos lábios.

- Ele vai adorar isso. – Amelia falou me observando com certa animação, deixando um sorriso cair em seus lábios. – A propósito, não fomos apresentadas propriamente falando, eu sou Amelia, irmã de Peter e esse é o meu namorado, Dorian. – Ela disse de uma maneira encantadora, a sua calma me deixava completamente extasiada, como alguém conseguia ser tão delicada em seus gestos e modo de falar? Enquanto eu era tão bruta, expansiva e desastrada. As vezes acho que Deus não separa as qualidades e defeitos de maneira equilibrada para todos no mundo, só dizendo ...

- Prazer em conhecê-los. – Soei muito formal, o que fez meus lábios se entortarem com a estranheza.

– Eu prometo que não direi seu nome ao meu irmão, mas eu estou tão curiosa em te conhecer como ele; Eu sei o tão estranho essa aproximação deve ser para você, mas nunca vi Peter tão fascinado por alguém como estou presenciando no momento, então por favor, qual é o seu nome? Apenas mate essa nossa curiosidade. – Amelia disse, com uma sinceridade sagaz, trocando apenas um olhar com Dorian e se aproximando de mim em um passo, com aqueles olhinhos brilhantes, as pupilas dilatadas como se fosse um filhotinho pidão. Por dentro bufei de raiva, por fora sorri tímida; era impossível dizer não a uma pessoa tão doce e gentil como ela.

- Kate ... Kate Farrell. – Meus lábios pronunciaram meu nome sem ao menos me consultarem antes; sorri ao ver a expressão vitoriosa no rosto de Amelia ao olhar Dorian.

- Muito prazer, Kate. Você gostaria de almoçar comigo nessa tarde? Meu irmão e Dorian tem uma conferencia de negócios e não poderão participar, mas garanto que posso ser uma ótima companhia. Não posso, amor? – Ela questionou para Dorian

que ficou com uma expressão pensativa enquanto ela piscava seus longos cílios perfeitamente delineados.

- Sim, pode. Ela só fica meio rabugenta quando começam a falar mal das séries de tevê favoritas dela e do Manchester United. Isso, é claro, quando ela não está na TPM que é quando ela fica rabugenta o tempo inteiro. E quando digo o tempo inteiro, é vinte e cinco horas por dia, porque ela ainda faz hora extra para te atormentar. – Dorian pausou, sorrindo feito uma criança travessa. – Mas tirando isso, ela é um amor.

- Dorian. – Ela disse de uma maneira ofendida, fazendo um pequeno beiçinho nos lábios. – Não precisa ser tão cruel.

- Só estou sendo sincero com a nossa Kate. Ela precisa se acostumar com o temperamento difícil dos Hartley. – Dorian sorriu levemente, tentando me passar segurança, mas não conseguiu. Temperamento difícil? Que legal, porque eu também sou muito difícil. Pergunte para minha mãe. – Então, vai fazer companhia a minha princesa, garanto que não vai se arrepender.

- Claro, claro que sim. Eu só preciso pagar essas máscaras e resolver um problema, ai estarei liberada para fazer companhia a você. – Respondi com sinceridade, pensando em assim que sair daquela loja ir direto para o quarto, e se Joana estiver disposta, proporia uma conversa.

- Ótimo. – Ela respondeu animada, batendo delicadamente suas mãos em palmas sem som.
– Eu tenho reservas para uma hora, no *Romanini*, por isso perguntei seu nome, assim poderei colocá-la na lista. – Ela disse dando uma piscadela com os olhos. – Então, ao chegar a recepção diga que a reserva esta no nome de Amelia Hartley e Kate Farrell.

- Ok. – Falei pausadamente, ainda absorvendo o fato que iria almoçar com a irmã do garoto que estava interessada e que apenas havíamos conversado por poucos minutos. É, isso é nada incomum, acontece o tempo inteiro na vida de qualquer adolescente. Sim, estou sendo sarcástica. - Eu posso ir vestida de maneira casual ou

... – Murmurei, sentindo certo embaraço em não saber como me vestir. Tanto ela como Dorian estavam com roupas finas e (evidentemente) de marca, mostrando terem um nível social bem mais elevado que o meu, não queria fazer Amelia, que estava sendo tão gentil comigo, pagar mico com a minha pessoa vestida de short desfiado e regata em um restaurante chique.

- Eu vou vestida assim mesmo. – Olhei para a roupa de Amelia e ela estava com um simples vestido de tom rosado com pequenos bolsos na parte da saia rodada. É, eu podia lidar com isso.

- Ok, então. Eu vejo você daqui a pouco no *Romanini*. – Sorri levemente, olhei para Dorian.
– E você seja bonzinho com ela, falar da TPM feminina é algo muito cruel. Você, que é homem e não tem útero, não entende nada sobre isso, então *shiu*!

- Talvez eu seja cruel. – Dorian respondeu, tentando soar maldoso, o olhei desafiadora, a espera de alguma maldade, mas ele não fez nada então ergui minhas sobrancelhas.

- Não é não. Ele tem pena de matar baratas, vê se pode? – Amelia respondeu, rindo levemente da expressão do namorado. – Eu fico gritando até ficar rouca para ele matar aquele inseto nojento e ele fica com peninha ... "Oh amor! São seres vivos como a gente!" Corta essa!

- Não me entrega assim, mulher. – Dorian murmurou sério, mas com uma expressão engraçada.

Ri com o pensamento de Dorian choramingando por pena de matar uma barata;sorri e me despedi deles, assim que me virei senti uma intensa vontade de me beliscar para ver se eu não estava sonhando; Amelia me convidou para almoçar? Era isso mesmo? Mas como e por quê? E o mais importante: suas palavras ao dizerem que nunca viu o irmão tão fascinado por alguém como ele estava fascinado por mim ... Era irreal! Só podia ser.
Mas a cada novo beliscão que eu dava em minha pele, era uma nova dor que sentia, o que deixava bem claro que aquilo tudo era mais que real e estava de fato

acontecendo.

Eu não conseguia desmanchar aquele sorriso de meus lábios, para algumas pessoas aquilo poderia soar de maneira apavorante e perigosa, mas eu não tinha medo de nenhum deles, pelo contrário, eu sentia que eles eram ótimas pessoas; vamos dizer que é mais uma de minhas habilidades, eu era boa com energias, se uma pessoa era boa eu sentia isso de imediato, só com um olhar, mas se ela tinha algo de estranho e/ou errado era como se todos os meus alarmes mentais se ativassem e um grande incomodo tomasse conta de mim, como se me avisasse que podia estar em perigo.

Eu estava completamente incrédula com toda aquela situação e ao mesmo tempo, ansiosa por demais.

Assim que chegou minha vez no caixa, a atendente questionou se eu pagaria com dinheiro, cartão ou colocaria no cartão do cruzeiro, criando uma conta a parte para no fim da viagem ser paga, eu disse que seria no meu cartão de credito e logo paguei minha despesa, saindo da loja e indo rapidamente para o meu quarto.

Entrei no quarto e meu sorriso desmanchou de imediato; uma grande tristeza tomou conta de mim e me lembrei de súbito de tudo que havia acontecido naquela manhã. Olhei atentamente para a sala a minha frente e estava sem palavras, levei uma mão aos lábios em choque, parecia que um furacão havia passado ali dentro;
Um F5 de níveis catastróficos e incomparáveis.
Eu nunca vi tantas almofadas jogadas no chão como haviam ali naquele ambiente, pelo menos não haviam rasgados as mesmas, apenas se encontravam estiradas por todo o ambiente, como se tivessem sido utilizadas como armas em uma luta, constatei um vaso quebrado e uma revista amassada caída em um canto não muito longe de mim, suspeitei que fosse a *Vogue* que li no dia anterior, em outro ponto havia dois copos espatifados no chão e uma latinha de *Red Bull* caída próximo, seu liquido vazando em uma pequena poça no tapete que fez me lembrar, morbidamente, de um cadáver recém morto, com seu sangue fresco ainda a sair. É, eu precisava parar de ver filmes de terror.
De sobressalto, corri na direção do meu quarto e ele se encontrava intacto, um suspiro de alivio escapou pelos meus lábios, então pelo visto a guerra ocorreu na

sala e eu não fui convidada.

Voltei a sala, parando em determinado ponto, a procura de novas evidências do tal combate enigmático e em poucos segundos pude ouvir alguém chorando, os soluções eram ininterruptos, mas pareciam abafados. Andei lentamente na direção do quarto de Rachel, a porta estava entreaberta, abri com calma, pronta para ser xingada eternamente por entrar sem bater, mas estava vazio; ela não estava ali, contudo sua cama estava completamente bagunçada.
Então, como eu suspeitava, o choro vinha do quarto de Joana.

Fui até meu quarto, guardei a minha máscara em uma das minhas malas e deixei a de Joana dentro da sacola da loja.
Decidi tomar um breve banho; peguei um vestido de tom rosa claro e o vesti logo após passar um gel pós banho de sol por todo meu corpo, eu estava bem vermelhinha e ardendo muito e nem havia notado, mas não tinha culpa, não havia parado desde meu encontro com Steve até o exato momento, assim que terminei de me vesti, fiquei a observar se o vestido estava bom o bastante para o meu almoço chique, achando que sim, me fitei no espelho e vi que estava vermelhinha nas bochechas e principalmente, no nariz, não era nenhum caso de exagero solar ou insolação, o que me tranqüilizou, estava com um visual saudável; não achei necessidade de passar nenhuma base para esconder minhas olheiras, por sorte elas não estavam em grande evidencias.

Peguei minha carteira e celular, colocando em uma pequena bolsa preta, gostava muito dela porque tinha uma franjinha típica de caubói, o que dava um visual *hippie* e qualquer *look*, por fim peguei a sacola com a máscara de Joana e fui em direção de seu quarto. Parei atrás da porta, pensando se batia, para ter a certeza que ela queria minha presença, ou se já entrava com total liberdade. De repente ouvi um fungar e tive a nítida impressão que ela estava tentando parar de chorar, mas sempre voltava a cair em mais lágrimas; me atrevi a entrar no local e me deparei com Joana deitada de bruços na cama , soluçando de maneira desesperada com uma das mãos apertando com força um travesseiro, eu dei uma leve batida na porta para que ela notasse minha presença e ela gritou entre os soluços:

- Sai daqui.

Mas eu não sai, não daquela vez.
Entrei no quarto, que parecia um caos de tão desarrumado; almofadas caídas no chão, roupas jogadas em diversas partes, enquanto a colcha estava jogada em cima do corpo de Joana, mas não parecia que ela sentia frio, parecia mais que ela queria se esconder. Me aproximei da cama, Joana se manteve imóvel tentando segurar o choro, ergui a colcha e me deitei ao seu lado me certificando que dessa maneira seria a melhor forma de conseguir um contato visual com Jo, podendo ter uma sincera conversa com a mesma; ela evidentemente precisava se desabafar com alguém, por isso eu estava ali; seria sua força nesse momento. Comecei a mexer em seus longos cabelos loiros de uma maneira carinhosa e calma, ela estava muito nervosa podia ver que seus lábios tremiam, os olhos dela estavam fechados com força como se ela não quisesse ver algo, mas as lágrimas não paravam de cair, seus braços estavam em volta de um travesseiro, o apertando com força, como se fosse uma espécie de urso de pelucia.
Dava para sentir como o ambiente estava tenso.
Eu apostaria todos os meus dólares que ela havia brigado com Steve naquele quarto e apostaria todos os meus livros que Rachel também se meterá no assunto, defendendo a honra do seu amado, pensei com amargura.

- Eu não quero saber o que aconteceu, eu só quero que você se acalme e tente esquecer tudo isso por um momento, ok? – sussurrei querendo tranqüiliza - lá. – Eu preciso que você seja forte.

Joana abriu os olhos, me fitando por alguns segundos com uma expressão devastada, o delineador e rímel todo borrado em seu rosto, deixando marcas negras em suas bochechas e em seus olhos, que voltaram a se encher de lágrimas.

- Não tem como esquecer... Eu estou sentindo uma dor enorme aqui. – murmurou ela batendo levemente uma das mãos no coração e mesmo não compreendendo a dor que sentia eu podia imaginar que era algo que eu talvez nunca iria querer sentir. – É sufocante, parece que está tomando todo o meu ar, meu ser ... parece que está me corroendo a cada minuto que passa, eu não tenho forças para isso. Ele pediu um

tempo Kate, o que um *tempo* significa para você? E-e uma maneira educada de dizer que não está dando certo, assim a gente se afasta aos poucos e o sofrimento não vai ser tão grande. É óbvio que ele pensa isso, mas não é assim. – Novas lágrimas desceram por seu rosto delicado. - Para completar eu descubro que a R- Rachel...

- Ei, eu não imagino como essa dor deve ser. – A interrompi antes que ela entrasse em detalhes, engoli em seco tentando buscar as palavras certas, palavras que não a magoassem e que a fizessem seguir em frente. – Mas isso não importa nesse momento, a dor não importa por que você precisa se tranqüilizar. Quebrar o quarto todo só vai deixar você mais pobre, você sabe disso. Eu sei que é doloroso, eu entendo que você está confusa, com raiva e sentindo que o seu mundo está desabando, mas eu não posso fazer nada para melhorar essa dor, é algo que só você pode curar e não é algo que se cura do dia para a noite. Então, chora Jo, isso vai fazer você se sentir melhor por um tempo, mas você precisa ser forte, erguer a cabeça e encarar o caminho que se aproxima. Ele quer um tempo? Ótimo. Quem está perdendo é ele, não você.

- Esse é o problema. Eu não quero encarar esse caminho sem ele. – Joana disse com uma voz fraca. Ela se encolheu na cama, como uma criança abandonada, abraçando com mais força o travesseiro. – Me deixa sozinha, por favor?

- Claro. – falei, deixando um leve sorriso cair nos lábios. Me levantei da cama e vi a sacola com a máscara que eu havia colocado na cômoda, tirei o objeto de dentro da mesma e Joana me olhou, sem nenhuma expressão. – Eu comprei a sua máscara e eu acho que você deve ir ao baile. Eu sei que vai ser difícil, mas essa é uma viagem que nós estamos vivendo e que não vai se repetir e ... e você merece se divertir e viver isso. Eu não sei porque Steve pediu um tempo, mas ele deve ter suas razões da mesma forma que você tem que ter as suas para continuar seu dia-a-dia ... ir nessa festa, se divertir com seus amigos e não pensar nas mágoas, é um direito seu. Então, deixa acontecer.

Entreguei a máscara nas mãos de Joana que ficou a observar a mesma, com uma profunda tristeza, me virei e sai de seu quarto como ela havia pedido.
Sem delongas sai do ambiente, indo em direção do mapa do navio que ficava na

entrada principal. Assim que cheguei lá tive a ideia de fotografá-lo o mapa, assim todas as vezes que precisasse me localizar era só pegar o meu celular, em vez de andar todo aquele caminho em busca do lugar desejado.
É, eu sou um gênio.

Não demorei muito para chegar ao restaurante *Romanini*, assim que entrei ao ambiente fiquei surpresa ao vislumbrar que o lugar estava completamente lotado. Fui em direção ao balcão onde estava uma recepcionista de longos cabelos cacheados e sorriso simpático, pude ouvir um casal desejando uma mesa, mas a recepcionista disse que não tinha mais mesas vagas, pelo próximos 02 dias. Assim que chegou a minha vez, informei o nome de Amelia e o meu, imediatamente a recepcionista ficou com uma expressão seria começou a usar uma voz extremamente formal, logo me direcionou pelo restaurante; pude observar diversas pessoas almoçando, outras pareciam ansiosas esperando por alguém ou por seu pedido, e havia outras que simplesmente estavam ali sozinhas, aproveitando o momento.

Chegamos em frente de uma grande porta de vidro, que a recepcionista abriu dando todo o caminho para que eu pudesse passar, reparei que era a área de fumantes, que não estava tão lotada como o outro ambiente, logo encontrei Amelia que estava sentada em uma mesa ao lado da varanda que estava com as portas abertas para que entrasse toda a claridade do dia e sua agradável brisa, ela fumava graciosamente um cigarro e lia uma revista com certa atenção, a sua frente havia uma taça de suco que acreditei ser de laranja pela cor, ao chegar na mesa fiquei um pouco desconcertada, sem saber ao certo o que dizer, então falei o óbvio:

- Olá.

- Você veio! – Ela disse animada, assim que ergueu a sua cabeça em minha direção. – Por favor, se sente. – Ela indicou a cadeira de madeira clara e acolchoada a minha frente, ela repousou o cigarro em um cinzeiro e sorriu, me olhando. – Eu pensei que você fosse acabar não vindo. Só depois que você foi embora percebi como meu convite pode ter soado inesperado e inapropriado, mas não queria assustá-la, juro. Só queria conhecê-la melhor, a "musa" de Peter! – Ela disse no seu tom musical de voz e sorriu tímida. – Desculpa, é o seu apelido entre nós.

- Não, não me assustou, mas confesso que me surpreendeu sim. – Senti o meu celular vibrar, mas ignorei. Fiquei por algum tempo olhando ao arredor, depois a fitei. Estava me sentindo incomodada, porque nunca havíamos falado antes, seria bem mais fácil almoçar com Dorian presente, por exemplo, conversamos pouco no dia anterior, mas já havíamos encontrado algumas coisas em comum e teríamos definitivamente papo. Agora com Amelia, era uma pessoa que eu apenas havia trocado algumas simples palavras, aquele almoço era desconfortável, ela não me conhecia e eu não a conhecia, mas era assim que as amizades começam, então vamos lá.

- Surpreender não é algo ruim. – Ela murmurou, voltando a pegar o cigarro, ela percebeu que eu observava o mesmo e ela balançou a cabeça negativamente. – Me perdoe, mas o cheiro te incomoda? Eu deveria ter lhe avisado que sou uma fumante compulsiva ... – Ela destruiu o cigarro no cinzeiro com um sorriso bobo nos lábios, antes que eu falasse qualquer coisa. – Não me culpe, culpe meu pai que vive fumando cigarros feito uma chaminé ambulante desde 1964, entre ser fumante passiva ou ativa, preferi a segunda opção, pelo menos eu quero fumar e não estou sendo obrigada a conviver com a nicotina.

- Não, não. Pode fumar. Peter ... – Arrepiei em mencionar o seu nome e sorri levemente, tentando acalmar meus hormônios. – Peter disse que ele é fumante quase que pelo mesmo motivo que você e não me incomodo nem um pouco, eu também fumo quando preciso.

- É um hábito de família. O chá da tarde também é, mas a gente o evita, se torna um tédio com o tempo. – Ela murmurou em tom de brincadeira. Nesse momento um garçom se aproximou entregando dois cardápios para cada uma de nós, um era o cardápio de bebidas e o outro era apenas de comidas; abri o de comida primeiramente, imitando o gesto de Amelia que ficou observando o cardápio, pensativa – O que você acha de *Bruschetta* ? Você já comeu esse tipo de prato italiano ? Eu não me lembro de já ter experimentado.

- Se eu não me engano é um antepasto e é feito à base de pão e dependendo do restaurante costuma ser grelhado com azeite e esfregado em alho. Têm diversos

tipos, eu acho o de tomate com manjericão uma delícia. – Murmurei, lendo a lista de comidas e ignorando os preços para não ter um enfarto na frente de Amelia. Ela me olhou com as sobrancelhas arqueadas e uma curiosidade em seus olhos. – Eu gosto de cozinhar e a cozinha italiana é uma das minhas favoritas junto com a japonesa e francesa, que são inigualáveis.

- Vou confiar em você. – Ela disse, sorrindo e pegando o cardápio de bebidas. – Você me acompanha em um vinho de Portugal ou devemos beber algo mais leve? Comida italiana sempre me pesa no final do dia, vou acabar ficando sonolenta no baile de máscaras.

- Vinho branco suave é a melhor pedida. Ele é leve e não vai pesar tanto com a comida. – Murmurei, enquanto decidia entre o *Carpaccio* e uma boa macarronada a la Itália. – E te acompanho, sem problemas.

- Você faz gastronomia ou você vem de uma família de cozinheiros? – Ela questionou, curiosa, fechando o cardápio. – Se você continuar falando de comida assim seu novo apelido será *Ratatouille*.

- Não, eu só gosto de cozinhar e leio muitos livros de culinária, então são duas coisas que dão certo nesse tipo de hobby. – Respondi, fechando o meu cardápio. – Ler e praticar.

- Isso é de suma importância, preciso que alguém me ensine a cozinhar, tenho que ser uma boa esposa para meu futuro marido. – Ela murmurou de maneira sonhadora e me olhou com seus olhos azuis brilhantes, ela balançou breve a cabeça e questionou - Já escolheu? – Balancei a cabeça positivamente e ela chamou o garçom. – Eu quero uma porção de *Bruschetta* de tomate com manjericão e uma porção de macarronada com molho a quatro queijos, para beber o seu melhor vinho branco suave e ela vai querer ... – Ela pausou, me olhando curiosa, o garçom fez o mesmo.

- Um *carpaccio*, por favor.
O garçom anotou tudo e se retirou do ambiente, levando os cardápios. Amelia me olhou sorrindo com uma expressão pensativa.

- Então, meu irmão me contou algumas coisas sobre você. – Ela sorriu fechando a revista que estava a sua frente, pude ver que era uma revista de noivas. – Não fique intimidada, somos muito unidos, temos uma irmandade que poucos costumam ver hoje em dia, vivemos grudados, estudamos no mesmo colégio, fizemos os mesmos cursos, só estamos estudando em Universidades diferentes porque eu optei assim, mas temos uma amizade solida e muito bonita, por isso que eu aproveitei a oportunidade para lhe convidar para almoçar. Conhecer você para mim é uma grande honra. Como eu disse, nunca vi o meu irmão tão fascinado por alguém assim antes.

O garçom voltou com uma garrafa de vinho e colocou a bebida nas duas taças a nossa frente, voltei a ficar gelada com o pensamento de Peter fascinado por mim, eu não o conhecia o bastante, porém aquilo me deixava completamente encantada, assim que o garçom saiu, voltei ao assunto com Amelia.

- Eu fico lisonjeada com tal interesse, mas não entendo por que Peter está tão fascinado comigo. – Voltei a repetir seu nome e senti todo meu corpo gelar. Eu também estava fascinada por ele, era óbvio, mas saber que era recíproco era tão emocionante quanto o sentimento em si.

- Bom, meu irmão é do tipo de cara que não se apaixona com muita facilidade, ele só teve uma namorada a vida inteira e vamos dizer que o relacionamento deles não foi tão convencional. Ao ver a maneira que ele te olhou ontem, eu ... Eu juro que nunca o vi olhar daquela forma para uma garota antes e depois eu o ouvi comentando com Dorian sobre você e percebi que algo havia se despertado nele. Como irmã, fui cautelosa, mas o incentivei a se aproximar, ver quem você era, desfrutar desse curioso fascínio. – Ela murmurou me observando. – Contudo, eu sou garota também e sei como deve ser estranho estar dentro de um navio com toda essa sofisticação e de repente surge um cara que começa a conversar com você e ai vem a sua irmã maluca a convidando para almoçar ... – Ela balançou a cabeça negativamente, rindo - O que eu quero dizer é que não somos malucos, somos uma família bem normal, só somos cautelosos, principalmente o Peter.

- Uau, eu não sei o que dizer. – Fiquei completamente sem palavras.
- Eu te assustei não foi? – Ela enrugou o cenho com uma expressão pensativa,

falando um pouco nervosa. – Bem que o Dorian falou para eu ficar na minha porquê você acabaria ficando assustada com tal aproximação, mas eu não tenho culpa se só queria ser sua amiga, eu não sou muito boa fazendo amizades, mas ... Sinto muito se lhe assustei.

- Não, não é isso. É que, tudo que você disse sobre o seu irmão é muito parecido com a minha história. Eu também tive um único relacionamento e sinceramente, não foi um conto de fadas. – Sorri de maneira nervosa, a olhei de maneira pensativa e não sabia porque, mas sentia uma grande segurança em dizer isso a ela. – Quando eu o vi ontem, eu não sabia o que dizer. Eu fiquei completamente sem palavras, sem reação porquê ... Havia algo que me atraia a ele de uma forma irreal, eu simplesmente não conseguia parar de olhá-lo. Parece tolice, mas ... Eu também estou fascinada pelo seu irmão e depois que eu o conheci, quero ficar mais perto dele, pelo menos, ate que os nossos caminhos se separem no fim dessa viagem. – Murmurei isso, sentindo certo pesar em minha voz.

- Você não sabe como estou feliz em ouvir isso. – Ela disse com ânimo, colocando a revista no banco ao lado e se debruçando um pouco na mesa. – Sobre isso, essa é a minha razão para querer me aproximar de você. Eu sei que é precipitado, mas sou impulsiva e eu quero que sejamos amigas, assim vai ser muito mais fácil conseguirmos nos manter em contato. Então me conte, o que você pretende fazer em Londres? Que lugares você planeja ir?

- Em todos que eu conseguir. Quero começar indo para *Westminster,* pelo que li é um bom lugar para tirar fotos do *Big Ben* e depois pretendo visitar o *Westminster Abbey.* Quero ir no

Buckigham Palace eu quero visitar lá dentro e quero ver o render da guarda, então terei que me informar do dia exato já que terei que ir de carro. Eu definitivamente tenho que ir ao *Hyde Park*. Quero ir ao *St Paul's Cathedral* e também pretendo ir ao *observatório de Greenwich.* Tem vários lugares que quero ir, mas eu pretendo ir nesses lugares, em especial, dependendo do dia, do tempo, da boa vontade de Rachel, minha melhor amiga que vai ficar comigo em Londres.

- Você pretende ficar em Londres por quanto tempo? – Ela questionou tomando um gole de vinho.
- 02 semanas exatas. Aí voltarei para a Durham e passarei o resto das minhas férias me preparando para o meu primeiro ano na Universidade de Columbia.

- Eu tenho uma amiga que estuda lá e faz parte de uma fraternidade, não me lembro o nome agora, enfim ela é completamente apaixonada por Columbia, diz que é um lugar lindo e é incrível estudar lá. Que todos os professores são ótimos e que toda a elite de Nova York está lá. Você vai cursar que carreira?

- Jornalismo. Praticamente o sonho da minha vida.
- Meu Deus, eu estou no segundo ano de Jornalismo, em Oxford. – Ela disse animada.

- Porque você não fez Cambridge como seu irmão? – Questionei curiosa.
- Exatamente por isso, eu quis me afastar dessa conotação. Passamos a vida inteira fazendo tudo juntos, então decide que faria uma universidade que não fosse à mesma que a dele. Eu ia estudar em Columbia, mas não quis ficar longe de casa, na realidade, não posso por causa dos negócios da família. – Ela murmurou, tomando outro gole do vinho. – Você se inscreveu para alguma faculdade da Inglaterra?

- Sim, só por experiência me inscrevi em Cambridge, mas não recebi nada até o momento, então acredito que não consegui passar.

- Não se sinta mal por isso, são muitos concorrentes para poucas vagas, você teria que se preocupar se passasse, Cambridge é a melhor universidade da Inglaterra, ou seja, só os melhores alunos estão lá, os melhores e mais competitivos estudantes do mundo. A competição é grande para ser os melhores da turma, para conseguir os melhores estágios, empregos,... Pergunte a Peter, ele fica incomunicável e estressadíssimo quando começa o período letivo. Garanto que Columbia não vai enlouquecer você ...

- Droga! Eu gosto de me sentir desafiada, Cambridge cairia como uma luva para mim. – Murmurei me sentindo injustiçada, se eu soubesse disso antes, teria me dedicado mais para Cambridge, só com essa pequena descrição senti que era o lugar para mim,

mas ... tomei o vinho branco que era realmente bem suave para acalmar minha estranha decepção.

- Não pense que Columbia não vai ser desafiadora, como eu disse, a maior parte da elite de Nova York estuda lá, então também existem seus desafios. Alunos que pagam para conseguir boas notas para conseguir aquele estágio ou entrar em determinada turma são coisas bem comuns por lá, de acordo com essa minha amiga; a justiça existe lá dentro para as pessoas corretas, mas dá para ver as injustiças com mais frequência.

- Eu já estava esperando por isso, mas nem estou preocupada, eu vou fazer a minha parte e espero que ninguém se coloque no meu caminho, porque eu não aceito injustiça e uma coisa que te garanto se fizerem algo comigo, Nova York inteira vai conhecer o meu nome.
– Falei de uma maneira firme, mas acabei fazendo com que Amelia começasse a rir, acabei a acompanhando na risada.

- Adorei. Mas mate a minha curiosidade, porque você quer fazer Jornalismo? Como eu, você tem um sonho de escrever sobre política no jornal *The Guardian* ou algo parecido?

- Mais ou menos. Eu quero ser escritora. Queria trabalhar em alguma revista de moda, tipo *Vogue*, mas isso seria um realização para estágio, porque eu realmente quero me concentrar em minha carreira de escritora, pelos próximos dez anos, pelo menos.

- Já têm alguns livros escritos? – Ela questionou curiosa.
- Só um romance, mas tenho ideia para várias outros, só preciso de tempo e inspiração.

- E qual é a história desse romance? É algo arrebatador como *Romeu & Julieta* ou é algo sobrenatural e romântico como *Sussurro* da Becca Fitzgerald?
- Não, na realidade, atualmente não tem nenhuma história como a minha no mundo

literário. – Sorri levemente, me sentindo embaraçada com a atenção. – Eu sempre

fico sem graça falando sobre o meu livro, me sinto uma tola porque na maioria das vezes as pessoas não entendem esse meu sonho...

- Eu te entendo. Desde os meus dezesseis anos eu escrevo notícias para o *The Guardian* e guardo em uma pasta algumas notícias que eu retextualizo e assino com meu nome como se fosse uma famosa jornalista, meu pai fala que é tolice querer ser jornalista, que eu deveria ser advogada como meu irmão, mas ... É o meu sonho, então eu te entendo, Kate. – Ela tomou outro gole do vinho e abriu um sorriso, animada - Me fale do seu livro.

- Conta a história de uma jovem orfã, Megan Scott que vive em uma cidade pequena em uma região feudal do Japão, ela foi criada por um amigo de família, Michael Lee e nesse lugar ela passou sua infância e adolescência aprendendo a lutar todos os tipos de lutas marciais, a utilizar armas de todos os estilos, a falar diversos idiomas, entre outras coisas, a sua missão era ser a melhor guerreira com sua pouca idade; ela sempre acreditou que seus pais haviam morrido em um acidente de carro, mas quando ela completa dezenove anos, sem querer, ela descobre que seus pais foram assassinados pelo governo do seu país, os Estados Unidos, eles eram funcionários da Casa Branca e aconteceu uma determinada situação que colocou em risco a posição da nação; eles sabiam segredos políticos demais então tinham que ser eliminados.

"Michael, a quem ela chama de pai, conta que ela está viva porque seus pais a salvaram a tempo, a levando até ele e pedindo que cuidasse dela como uma filha, então ele a adotou e partiu para o Japão, como militar ele sabia muito bem o que fazer: a missão de vida deles se transformou em se vingar de cada um das dez pessoas que assinaram o documento para que os país da jovem (e de mais três famílias) fossem mortos; Ai, há uma passagem de tempo e com vinte e cinco anos, Megan volta para a sua cidade natal, um pequeno condado em Washington, e junto a Michael eles iniciam uma nova vida, cada um vivendo em uma parte da cidade, como desconhecidos, mas unidos em sua vingança. Eles mudam de nomes, graças a genialidade de Michael como corretor na bolsas de valores, eles tornam milionários e ela, que teve documentos forjados dizendo que estudou nos melhores colégio (e sua inteligência não mostrava o contrário) começa a trabalhar dentro da Casa Branca,

assim ficando próxima de cada uma das dez pessoas que ainda trabalham lá dentro, assim podendo iniciar o plano, contudo os seus ideais entram em conflito com as de seu pai: ele quer matar os dez assassinos, enquanto Megan quer expô-los a sociedade, mostrando quem realmente são, corruptos e sujos, eles acabam se separando, Michael agora se tornando seu inimigo número um, tentando ao máximo destruir seus planos, a si mesma e a todos ao seu redor, o maior erro de Megan que acaba fazendo amigos e se apaixona por Ryan, filho do presidente, o seu melhor e pior erro, já que uma pessoa como ela, uma guerreira, não deve nunca se apaixonar. Há muitas reviravoltas na história, muitos dramas, comédia e romance; ela descobre mentiras, intrigas, o que é amar e se importar com alguém, enfim ... -– Conclui, sentindo minhas bochechas corarem com a expressão encantada de Amelia com o meu relato sobre o livro. – O livro se chama "Razões para Viver".

- Nossa, nunca li nada nesse estilo, parece ser muito interessante. Você tem uma agente literária? – Amelia me questionou, curiosa. – Você precisa de uma, essa história tem que ser lançada!

- Não. Eu não tenho dinheiro para algo assim, então eu fiz algumas cópias do livro, encadernei e sai enviando para diversas editoras, mas até hoje nenhuma respondeu positivamente. Já deve ter uns sete meses que fiz tal coisa, mas ... Ainda tenho esperança que alguém, em algum lugar, vai ler o meu livro e falar: Era isso que estava faltando na literatura mundial.

- Como eles negam uma história dessa? - Amelia questionou em choque, revirando os olhos. – Essa gente incompetente! Seu livro parece ser incrível. Você tem como me dar uma cópia, nem que seja por e-mail? – Ela me questionou curiosa. – Eu quero muito lê-lo.

- Ah, não aqui, mas no meu laptop deve ter uma cópia, se você quiser ... – Murmurei, lembrando que não havia trago meu pen drive, já que há nele tudo que escrevo.

- É claro que quero. – Ela abriu a bolsa pegando um bloco pequeno com capa cheia de bichinhos, ela pegou uma caneta de cor prata e começou a escrever algo. Nesse

momento o garçom se aproximou da mesa, colocando os nossos pedidos respectivos, ele encheu nossos copos com mais vinhos e pedi uma soda, agradecidas ele se retirou. Amelia arrancou a folhinha com um só movimento e me entregou – Aí está o meu e-mail e meu telefone celular.

- Obrigada, eu ia pedir, mas você foi mais rápida. Me empresta sua caneta? – Ela me entregou a caneta, arranquei um pequeno pedaço do papel e anotei meu telefone e o meu email entregando aquele pequeno pedaço de papel junto com a caneta. – Assim que voltar, eu mando o livro para você. Seja bem sincera, você pode xingar, dar ideias, brigar comigo sobre algum desenlace, se sinta livre.

- Pode deixar, Katie. Fique tranqüila. – Ela olhou para a comida com uma expressão de desejo. – Hmmm, vamos devorar?
- Vamos. – Eu conclui faminta.

Continuamos a conversar sobre os nossos sonhos, ela me dizia como gostava de escrever sobre política, enquanto eu revelava como adorava escrever histórias de todos os tipos, desde romances épicos até sobrenaturais. Começamos a falar sobre series e filmes, descobrimos diversos títulos que tínhamos apreciação em comum, atores que achávamos bonitos e os que não entendíamos porquê faziam sucesso; falamos sobre música e descobrimos várias bandas em comum, entre elas: The Fray, Beatles e The Script. Era fácil falar com Amelia. Ela parecia ser uma pessoa fechada e introspectiva, mas não era assim: ela era adorável, engraçada e muito inteligente. Me sentia tão bem conversando com ela que nem notei que estava discutindo com ela sobre Joana, Steve e Rachel e sobre a minha dúvida em relação a eles. Ela compreendeu a situação e disse que eu não estava errada em estar em dúvida, ela no meu lugar estaria perdida e completamente sem soluções como eu; ela me aconselhou a ficar na minha, sem dar dicas a Joana, tentando acalmá-la e continuar a indicar para que ela siga em frente; ela falou que seria uma boa ideia eu dar uma dura em Steve, porque ele era o único que saberia me dizer o verdadeiro caminho que aquilo tudo seguiria.

- Ele é o centro de toda a situação, KatieCat. – Ela criou esse apelido e o adorou, disse que era propriedade dela e eu permiti. - Você pode questionar a Joana e a

Rachel, mas Steve é quem terá a resposta final. Eu sei que não os conheço, não sei como são as personalidades deles, mas como você descreveu, já dá para eu ter uma ideia. Steve é quem tem a resposta para toda essa situação. Rachel e Joana gostam dele e ele precisa escolher com quem ficará. Então, se você quer saber o futuro dessa situação, fale com ele.

Achei uma ideia justa.
Só precisaria encontrar o momento ideal que eu saberia quando chegasse.
Assim que terminamos os nossos almoços pedimos sobremesas, ela um pedaço de torta e eu uma taça de sorvete de chocolate com menta, um dos meus favoritos.
Amelia falou que mandaria uma mensagem para Dorian, estava com saudades de seu cabeludo, como ela mesma disse, arrancando risos meus.
Continuamos a conversar, dividindo experiências sobre o ensino médio e discutindo sobre a importância de certos traumas provenientes daquela época no futuro de nossas vidas. Amelia pediu licença para ir ao banheiro e nesse momento senti o meu celular vibrar novamente, o tirei do bolso vendo que havia recebido duas mensagens, uma de Rachel outra de Steve.

Rachel.
Eu preciso muito conversar com você, onde você está?
Steve
Eu posso explicar tudo que está acontecendo, vamos conversar, por favor?

Ignorei as duas mensagens, voltando a guardar o celular em meu bolso.
Amelia não se demorou e assim que ela se sentou a mesa, o garçom veio até nós, trazendo a conta. Senti um pequeno arrependimento por ter tomado aquela taça de sorvete, ela ia pesar bastante em meu cartão de credito; o dinheiro do estágio na editora ,que fiz no último ano, com certeza não seria o bastante para os meus gastos nessa viagem. Amelia insistiu em pagar a minha conta já que ela havia me convidado, mas neguei e paguei minha parte e metade do valor do vinho branco, o que deixou Amelia com uma expressão de frustração, estávamos saindo do restaurante e nos despedimos, com um abraço e beijos no rosto quem passasse por ali pensaria que somos amigas a anos, só pela intimidade.

- Eu tive uma ideia. – Ela murmurou, antes de nos afastarmos de vez, cada uma indo para um lado. – O que você acha de irmos ao cinema amanhã? Eu, você, Dorian e Peter? – Essa última frase soou cheia de segundas intenções.

- Acho uma ótima ideia. – Murmurei, sentindo uma inquietação no estômago. Peter. Peter. Peter, meu coração murmurou nervoso. – Está marcado.
- Ótimo. – Ela murmurou, batendo levemente as mãos em sinal de alegria. – Eu te mando uma mensagem com o horário, ai a gente se encontra lá. Te vejo no baile.

Seguimos nossos caminhos.
Ela iria ao cabeleireiro para começar a se arrumar para o baile e eu não tinha nada para fazer. Então resolvi passear pelo navio, dar uma olhada nas vitrines de roupas e sapatos, entrar na livraria, na loja de cd e tentar me distrair, sendo que esse passeio acabou me saindo um pouco caro, como de costume, tudo que envolvia livraria e loja de cd's sempre acabava muito, muito caro.
Quando percebi já passava das cinco horas e eu havia comprado uma blusa com rendas nas mangas, três livros e cinco cd's.
É, minha mãe ia me mandar para a próxima vida, que fica no céu.
Agora eu descia as escadas indo para o meu quarto apressadamente, precisava tomar um bom banho, no mínimo uma hora fazendo escova e chapinha, talvez baby liss nas pontas, fazer a maquiagem e ficar perfeita para essa noite.
E não pensar em Peter.
Isso. Respire. Profundamente. E. Não. Pense. Em. Peter.
Difícil, muito difícil.

Entrei no meu quarto, fechando a porta logo atrás de mim.
Já sabendo qual vestido usaria, peguei a minha mala em busca do escolhido, assim que o encontrei fiquei completamente deslumbrada.

Era um vestido longo tomara que caia com uma saia rodada de tule ao seu arredor, o seu top era feito de desenhos com glitter prateado, o tecido era todo em branco e parecia um perfeito vestido de princesa. Obviamente que eu jamais teria dinheiro para um vestido desse porte e marca, Rachel o havia me dado de presente, como usou apenas uma vez em uma festa de debutante, e é claro que ela não havia

escolhido aquele modelo, já que ela jamais escolheria um vestido a *la* princesa para usar em uma festa, e isso era algo que sua mãe era perspicaz em fazer, logo assim que ela voltou da festa, Rach embrulhou o vestido na caixa da famosa marca e deu para mim dizendo que aquele vestido *fedia* a mim e ela tinha toda razão; fucei a minha mala a procura do sapato que tinha em mente, o peguei vendo que ficaria perfeito com o *look*; a roupa estava pronta.

Logo após um banho relaxante e rápido, comecei a me vestir, ao terminar me observei no espelho; eu parecia uma plebéia em um vestido que não me pertencia, mas estava bonita, isso era inegável.
Arrumei os meus cabelos com tudo que tinha direito: escova, chapinha e por fim, babyliss, enrolando apenas as pontas de meus cabelos, o que caiu muito bem em meu *look*. Hora da maquiagem, decidi por nada muito carregado, apenas um pouco de tudo e mantendo um ar romântico, por fim, um pouco de perfume em pontos estratégicos de meu corpo, jogando um pouco no ar e dando um giro em direção as gotículas dele que caiam como chuva em minha direção e pronto.
Estava pronta.
Peguei a máscara e a observei por alguns segundos, sem colocar em meu rosto; me fitei no grande espelho do armário com olhos admirados e surpresos.
Eu estava muito bonita, precisava reconhecer, e só em pensar em Peter na festa, com um terno ou talvez um *smoking*, aquele olhar brilhante cheio de segredos e paixão em minha direção me causava um nervosismo inevitável com um sorriso grande e bobo nos meus lábios.
Peter. Peter. Peter.
Meu coração voltou a dizer, ansioso e agitado em suas batidas.

Mas, de repente, tudo se desfez quando Rachel entrou no meu quarto, trazendo ao meu coração uma batida forte e pesarosa que doeu a minha caixa torácica tão sensível. Ela fechou a porta atrás de si e se virou em minha direção, séria.
Se eu estava muito bonita, Rachel estava fabulosa.
Seus cabelos ruivos estavam soltos e batiam graciosamente acima de seus ombros com a sua franja jogada de lado de modo despojado, ela estava com uma maquiagem básica e em seus lábios um batom claro sobressaia; o que falar do vestido? Era belíssimo. Um tomara que caia feito de paetês em tom prateado, curto e batendo

bem acima de seus joelhos, o grande diferencial dele era uma longa cauda que estava preso em sua cintura, para finalizar, ela usava uma sapato de salto alto de tom prata claro, e em suas mãos estava uma pequena bolsa de mesmo tom, já que não podia viver sem seu celular e cartões a vista. Se eu era uma plebéia em uma roupa de princesa, Rachel era a nova diva do pop americano que tomaria o reinado de Madonna com um piscar dos olhos.

Ela se aproximou de minha penteadeira, sem me olhar ou me direcionar alguma palavra, pegou o meu delineador preto ficando em frente ao espelho, passando o calmamente em seus olhos, como se tivesse fazendo uma cirurgia em um coração. Ela se aproximou de mim pegando o rímel e ficando ao meu lado enquanto passava calmamente ele nos cílios.
Eu não estava afim de conversar com ela, estava me sentindo uma intrusa e muito mal por estar traindo Joana e graças a Rachel, eu estava me sentindo assim. Eu só desejava profundamente que ela jamais tivesse me mandando guardar tão intenso segredo, mas esse desejo não seria realizado; eu faria tudo por ela, mas isso que ela pedia, era demais. Me aproximei de minha mala, pegando a bolsa que havia usado na noite anterior, olhei para Rachel e me surpreendi dando de frente com ela, que não estava mais passando o rímel, e sim, estava parada atrás de mim, me observando atenta, com uma nuvem negra tomando a sua face.

- Porque você não retornou a minha mensagem? – Ela questionou de maneira rude, repousando a mão na cintura, fazendo uma pose no melhor estilo modelo internacional que eu jamais conseguiria parecer e/ou imitar.

- Eu não tinha nada para falar. – Murmurei de maneira seca.

- Então é isso ? Você vai ignorar o fato que eu preciso de você nesse momento? – Ela murmurou, sem alterar seu tom de voz e sua pose, ao mesmo tempo que mostrava que precisava de mim, tentava demonstrar o oposto.

- Você não precisa de mim. Você precisa desabafar com alguém sobre essa situação. O único problema Rachel é que você desabafou com a pessoa errada. Eu não deveria estar envolvida nessa situação. – Murmurei, sentindo que estava desabafando sobre

o assunto no momento errado já que Joana estava há alguns metros de distância dali.
– Ela já sabe que vocês dois estão querendo ficar juntos?

- Não acredito que você está dizendo isso. Vai me dizer agora que a Joana é a sua melhor amiga? – Repousando o rímel na mesa e se virando para me olhar. – E não, ela nem sonha que eu e Steve queremos ficar juntos. Ela só está chateada comigo por que eu disse que ele tinha razão em querer um tempo.

- Eu não acredito que estamos discutindo isso. Eu não classifico os meus amigos Rachel, você sabe muito bem disso. – Pausei, tentando raciocinar sem parecer uma estúpida com as palavras. - Você não é apenas minha amiga, você é como uma irmã para mim, mas eu não posso ficar nessa situação. Enganando Joana e não aceitando bem você e Steve nessa decisão. Não é justo com ela, Rachel. E você não está sendo justa comigo em me colocar nessa situação. – Respondi, cruzando meus braços.

- Eu pensei que você fosse me apoiar. Então, é isso mesmo? Você não está nem um pouco feliz com a descoberta desse meu sentimento e por eu estar sendo correspondida? – Ela questionou, agora deixando seu cenho enrugado.

- Eu não tenho tempo para isso agora, tenho que me encontrar com a Joana, vamos ao baile juntas. – Murmurei, erguendo a cabeça levemente. - Então, com licença, espero que você tenha um bom baile, ao lado do Steve, suponho.

Ergui levemente a minha sobrancelha e sai do quarto, sem nada a mais dizer a Rachel. Aquilo me deixou extremamente magoada, nunca havíamos discutido antes e agora eu me sentia uma tola, mas eu estava correta diante das circunstâncias, contudo eu me sentia extremamente confusa e errada.

Entrei no quarto de Joana após eu dar duas batidas na porta.
Ela estava terminando de se arrumar, vestia um roupão enquanto decidia qual vestido usar; ela estava com uma expressão triste e sua maquiagem tentava lhe dar uma aparência saudável e bonita, mas eu podia ver como ela estava magoada. Assim que entrei ao quarto, ela sorriu e me elogiou, dizendo que estava bela, eu agradeci e ela logo se aproximou de mim, me dando um forte abraço e dizendo as seguintes palavras que me fizeram sentir a pior pessoa do mundo:

- Eu não sei o que seria de mim sem você. – Ela deu um beijo em meu rosto, me abraçando com força. – Você é a melhor amiga do mundo.

Capítulo 07 Masquerade

Eu vou te amar mais do que ninguém
Eu vou te abraçar mais forte do que antes E quando beijar sua alma, seu corpo se libertará Estarei disponível pra você a qualquer momento Eu vou te amar mais do que ninguém

More Than Anyone – Gavin DeGraw

Andávamos pelo corredor em direção ao salão principal.
Eu levantava a barra do meu vestido já que ele não parava de ficar roçando no chão, estava ficando preocupada em acabar sujando-o ou pior rasgando aquele tecido tão delicado; era a primeira vez que o usava e não queria que fosse a última.

Havia uma pequena fila na porta de entrada, Joana e eu entramos na mesma enquanto conversávamos sobre o meu almoço com Amelia.
Ela estava bem animada com o almoço, dizia que se Amelia havia se aproximado de mim era porque o irmão dela estava interessado em me conhecer. Eu disse, de maneira franca, que mesmo que nada ocorra entre mim e Peter, ser amiga de Amelia seria algo muito legal, já que ela é gentil e adorável.
Obviamente que Joana sentiu a minha fraqueza em relação a Peter, contudo ela concordou, a vislumbrei por alguns instantes, ela segurava graciosamente a máscara pela haste com seus cabelos loiros presos em um charmoso coque desfiado, seu vestido a fazia parecer uma *Barbie* perfeita.

Assim que passamos pelos seguranças e entramos na festa me senti mergulhada mais uma vez em uma utopia;
Estava impressionada com a perfeição de todo o ambiente.
Havia algumas coisas que se mantinham iguais com a noite passada, como a orquestra e as mesas, contudo havia muitos novos elementos.
O salão estava com predominação das cores prata e dourado, todas as mesas tinham panos desses tons sobrepostos e haviam aquários com pequenas velas boiando com suas chamas acesas, a música que tocava naquele momento era um pouco mais animada do que as músicas que haviam tocado na noite anterior e haviam dezenas de

casais dançando na pista, a sua maioria jovens.
Todos estavam mascarados, emergidos naquele clima sensual e misterioso, portando roupas de galas belíssimas, parecia uma cena retirada de um romance épico.
Joana se agarrou ao meu braço, tão encantada quanto eu com todo aquele ambiente, enquanto andávamos à procura de nossos amigos.
Olhei para o teto, no centro da pista, vendo pela primeira vez um belo candelabro de cristal, iluminando todo aquele ambiente belissimamente.
Passamos por algumas mesas e pude ver diversas pessoas conversando animadamente enquanto bebiam seus drinks, todos com aquela calma e sofisticação, era deslumbrante. Passamos ao lado da mesa onde estava Lady Miranda, a Lady de Brighton, ela estava sentada de maneira elegante e tomava um drink com um sorriso contido enquanto conversava com um cavalheiro e uma dama de sofisticação modesta, o que me surpreendeu foi notar que Lady de Brighton me olhou por de trás de sua máscara charmosa em formato de gato e toda dourada que ela segurava por uma haste, mas não foi apenas um simples olhar, ela me olhou da cabeça aos pés e comprimiu um sorriso no canto dos lábios com um olhar incrédulo.
Fiquei confusa, me sentindo violada por algum motivo.

Parei de observá-la e decidi me concentrar em encontrar rostos familiares. Passei por vários garçons que estavam vestidos com smokings charmosos de tom preto e usando máscaras repartidas ao meio de tons branco e preto.
Olhei em direção da entrada da varanda, mas não pude ver nenhum rosto familiar; o nervosismo me tomava, tentava me acalmar com a ideia de me encontrar com Peter a qualquer instante.
Senti a mão de Joana segurar meu braço com força e parei bruscamente, a olhei buscando entender porque paramos, vi que sua expressão estava vazia e seus olhos cheios de lágrimas, segui seu olhar preocupada e estávamos há alguns metros da mesa onde estavam Rachel e Steve, sentados um ao lado do outro, ambos conversando de uma maneira íntima. Rachel usava uma máscara que era toda revestida de lantejoulas prateadas, presa por um silicone atrás de sua cabeça da mesma maneira que a minha estava, enquanto Steve usava uma máscara branca em contraposto com seu smoking preto. Segurei firme o braço de Joana e ela se conteve de confrontá-los, foi nesse momento que Rachel olhou para nós, como a atração de

um imã, ficando com uma expressão tensa, Steve seguiu seu olhar ficando com uma expressão de pesar ao ver Joana os observar. Pude ver de relance que a placa que estava na mesa tinha o meu nome e o de Joana, como os nomes deles, Joana havia percebido o mesmo, mas como eu, ela não queria ficar ali nem por mais nenhum segundo.
Ela ergueu gentilmente o vestido e com a mão livre me guiou em direção da varanda, onde vislumbrei alguns amigos, eles estavam sentados em poltronas que se encontravam postas ao canto do ambiente, que como o salão, estava todo decorado com velas. Aquele lugar parecia o *point* dos jovens, já que sua maioria se encontrava ali, com coquetéis em mãos e seus vestidos de galas de marcas famosas, com seus rostos escondidos atrás de máscaras charmosas.
Assim que nos juntamos a eles, não foi difícil para mim identificar cada um deles, mesmo cobertos por suas máscaras.
Eram Tom e Lucas que estavam em pé enquanto Chris e Alex dividiam uma poltrona, os três garotos vestidos de smokings quase que idênticos e Alex vestindo um belo vestido verde claro que contrastava com seus olhos de mesmo tom já Britanny estava sentada de maneira charmosa em uma poltrona, seu vestido era até a altura de seus joelhos e em um tom vinho intenso. De maneira simpáticas os mesmos nos deram as boas vindas, os garotos nos elogiavam pela nossa beleza e charme, já Alex não conseguia parar de falar em como meu vestido era bonito e que ela queria um igual, querendo saber onde comprei e quanto foi, como de habitual, Britanny se conteve apenas com um: "*Vocês estão fofas, queridas*", esse era um dos motivos para eu evitar convívio com Britanny, seu excesso de veneno a fazia soar falsa e cínica o tempo inteiro.

Não demorou muito para começarmos um assunto animado e ficamos entretidas nele. Joana não parecia tão focada como eu desejava, mas estava a se distrair e era isso que eu queria, por oras, que ela se esquecesse um pouco de tudo que estava a magoando naquele momento, pelo menos naquela noite, mas tinha a ligeira impressão que não seria algo fácil graças ao olhar de Steve que não desgrudava sua atenção de lince de cada movimento nosso.
Um garçom não se demorou a se aproximar de nós oferecendo coquetéis de diversos sabores, obviamente aceitamos, eu pegando um de maracujá, enquanto

continuávamos as nossas conversas sobre fatos de nossos último ano no colégio e de nossos futuros nas universidades que havíamos escolhidos.

- Daisy queria ir para Harvard, mas não conseguiu vaga através da prova e está tentando de tudo para conseguir entrar; ela não veio viajar conosco por causa disso, ela está tentando com os "conhecidos" que a família dela tem lá dentro de *Harvard* para conseguir a ela uma vaga.– Disse Britanny de uma maneira maliciosa falando da própria amiga, se é que se pode chamar assim depois dos absurdos que já ouvi a mesma falando de Daisy, ela bebeu um gole do coquetel com uma expressão entediada. - É incrível como essa garota não aceita perder nunca.

- Ela é sua amiga, Britanny. – Joana disse incrédula, trocando um olhar comigo, balancei singelamente a cabeça em negação, mas ela continuou. – Como você pode falar isso dela?

- Não éramos tão amigas assim. – Britanny disse friamente. Joana voltou a trocar um olhar comigo, eu ergui minhas sobrancelhas. Britanny e Daisy eram inseparáveis desde o primeiro dia de aula do primeiro ano, se para ela não existia amizade nisso, eu não saberia o que era então, fechei os olhos em negação, tentando ignorar a falsidade de Britanny, eu consegui fazer isso por três anos, posso conseguir por mais duas semanas.

- E você Kate? – Alex questionou com a sua voz doce, mexendo delicadamente nas pontas de seus longos cabelos castanhos escuros encaracolados, sua pele branca estava corada naturalmente enquanto seus belos olhos verdes claros, fortes e destemidos, nos observavam naquele momento com gentileza. – Vai mesmo para Columbia?

- Até o momento, é esse o plano. – Murmurei, sentindo meu coração afundar em meu peito de animação, podia jurar que meus olhos brilharam apenas com a menção do meu sonho conquistado. – E você vai? Me lembro que você estava em dúvida entre Columbia e Duke.

- Eu vou ficar em Duke para ficar perto do Chris. – Ela murmurou, olhando para o namorado que segurava delicadamente sua mão, com um sorriso bobo nos lábios.

Olhei para Joana ao meu lado, ela olhava para o chão, com certeza se lembrando de Steve e seus futuros que ambos haviam traçados juntos, e agora destruidos. – E é claro, eu não quero ir embora da minha cidade natal, amo demais Durham ...

- Ah, que bom! – Murmurei, tentando encerrar logo o assunto, mas já era tarde demais, Britanny observava de modo malicioso Joana, enquanto segurava o coquetel com uma expressão pensativa.

- E você, Jo? Vai estudar em Duke para ficar perto de Steve ou vai seguir seu próprio caminho? Na minha humilde opinião, eu acho idiotice estudar na mesma universidade que o namorado, todo esse amor é só uma conformidade e medo de ficar só, assim não dando chance do outro acabar vendo que o mundo é cheio de possibilidades e de novas pessoas. – Ela murmurou, dando uma leve alfinetada em Alex e Chris que nem se afetaram, os dois se entreolharam e a ignoraram, enquanto Britanny olhava para cada um de nós, com aquele sorriso malicioso, à espera de uma reação. – Um pouco de distância não faz mal a nenhum relacionamento, eu garanto.

Britanny era uma garota muito bonita, cabelos longos e castanhos escuros e longos, sua pele era clara, mas não era pálida como a minha, o seu grande diferencial eram seus olhos azuis claros que brilhavam de malícia, infelizmente, beleza não era tudo e o temperamento dela arruinava qualquer beleza que poderia ter, tanto interna quanto externa; Britanny era arrogante, egocêntrica e nojenta, sabia fazer as pessoas se sentirem mal com apenas poucas palavras, e ela fazia isso apenas para se sentir bem. Ela era uma verdadeira vadia.

- Vou para *Princeton*. – Ela disse de maneira firme. – Mas a minha decisão não tem nada a ver com o meu namoro com Steve, eu sempre quis ir para lá e ele respeitou a minha decisão. Nosso namoro não vai sofrer por causa disso, pelo contrário, vai ser até saudável para nós.

- Hmmm. – Foi o máximo que ela murmurou e eu sabia que ela já estava preparando novos argumentos venenosos para dizer a Joana, tinha que impedir isso.

Olhei para Alex erguendo ambas as sobrancelhas e de relance olhei para Joana que estava agarrada ao meu braço, encolhida e contendo ao máximo o choro, Alex,

mesmo sem saber o que estava acontecendo, entendeu o que eu quis dizer com aquele olhar, tínhamos que distrair a atenção de Britanny para qualquer um, menos Joana.

- E você Lucas, vai fazer o que dá vida? – Alex questionou de forma animada, tentando mudar o foco do assunto e eu fiquei muito agradecida.

- Vou para Califórnia estudar em *UCLA* com o Tom, decidimos dividir um apartamento, assim não vamos precisar se preocupar em ter que viver em repúblicas ou sozinhos. Vamos ficar juntos como sempre foi e sempre deverá ser. – Lucas murmurou em sua habitual maneira tímida. Ele e Tom eram gêmeos fraternos e não se pareciam em nada em suas personalidades.

Tom tinha esse jeito despojado de se vestir e de ser, era falante e espontâneo, seus cabelos eram loiros vivos e de tamanho médios, batiam na altura de seus ombros, eram retos e pesados, ele tinha um bronzeado natural e seus olhos eram avelãs; enquanto Lucas era todo seu oposto, quieto, falava num tom baixo de voz, quase que num inaudível sussurro, e é tímido, só em pronunciar seu nome ele ficava com as bochechas coradas; seus cabelos eram naturalmente arrepiados e de tom bronze, bem diferente do tom loiro vivo de seu irmão gêmeo, seus olhos avelãs eram inquietos e lembravam muito o olhar de uma criança; diferente do irmão que era forte, ele era magro e esguio. Lucas era um garoto adorável, calmo e único, sempre gostei de conversar com ele e sempre desconfiei que ele tinha uma queda enorme pela Joana, mas ele era tímido demais para confessar até mesmo para mim, quem ele considerava uma amiga próxima.
Tom tinha quatro tatuagens: no braço direito um coração escrito dentro “Mãe”, no braço esquerdo um pergaminho escrito “Pai” e por fim, uma pena, que foi feita em cada braço na parte de trás, essas últimas foram feitas por Lucas também; eles decidiram fazer essa tatuagem representando a irmandade dos dois, que para eles era algo espiritual e que ninguém, além dos dois, poderiam compreender o tanto que ambos se amam, respeitam e se entendem, a tatuagem era uma homenagem ao amor que eles tinham um pelo outro.

- Assim que voltarmos do cruzeiro vamos direto para Los Angeles, procurar um

bom apartamento e começar a preparar nossas mudanças. – Tom disse com um sorriso leve nos lábios, enquanto Lucas concordava com tudo, afundando as mãos nos bolsos da calça preta que usava, trocando um tímido olhar comigo, observando rapidamente Joana e voltando seu olhar para o irmão, assentindo. Eles se davam muito bem e era adorável ver como ali, naquela irmandade havia também, uma profunda amizade.

- É isso que eu não gosto nessa história toda de irmos para Universidade, cada um está indo para um lugar diferente. – Chris murmurou com sua voz grave e firme. Como Steve, Chris era alto, com a pele morena e de músculos bem definidos, tinha um belo rosto, contudo tinha feições brutas e um olhar negro impenetrável, mas havia algo que transformava toda aquela feição: era o seu grande sorriso que sempre iluminava todo o seu rosto de uma maneira encantadora e viva. – Estou vendo que vamos acabar perdendo o contato; cada um num canto, cada um com suas vidas ...

- Pelo menos sempre teremos Durham. – Murmurei de maneira calma, observando a todos, menos a inóspita Britanny. – Se tivermos que nos encontrar novamente, Durham vai nos ajudar nisso ou a vida mesmo. Como dizem, não sabemos o que o futuro nos reserva, mas uma coisa eu sei, o amanhã é tão incerto como o agora, podemos pensar que vamos acabar nos separando e nunca mais nos encontrando, e no fundo será o oposto, tudo depende do caminho que cada um seguir e o destino que nos espera. – Murmurei, sentindo as palavras saírem de meus lábios de maneira decidida.

- Como sempre, filosofando ... – Britanny de uma maneira seca, voltando a beber o coquetel com aquele olhar frio em minha direção.
- Mas ela tem razão. – Joana disse firme, me olhando de forma suave. – Acredito em tudo que você disse, Kate.

Sorri em agradecimento; Joana era uma incógnita, uma jovem doce e delicada, mas tão feroz como uma leoa quando mexiam com um de seus filhotes.
Me aproximei da borda da varanda, observando aquela imensidão chamada oceano. Joana começou a conversar com Tom sobre a vida na Califórnia, ela tinha uma irmã que vivia lá então sabia sobre o assunto em detalhes e estava aconselhando Tom e

Lucas na vida que deveriam seguir na cidade dos anjos. Ela estava bem, pensei suspirando em alivio.

Fiquei a observar o oceano, tendo uma lembrança, que na noite anterior, quando eu me encontrava ali, Peter estava do outro lado, me observando com encanto. Olhei para o outro lado, na esperança que ele estivesse ali, mas não.
O destino não era tão óbvio assim.

No lugar onde ele estivera, agora tinha um casal apaixonado que conversava de maneira íntima, entre sorrisos e beijos, entortei meus lábios sentindo meu estômago afundar e ele teria se afundado em um buraco negro, se não fosse por Britanny que se aproximou de mim com um sorriso cínico nos lábios o que me causou náuseas, não sabia se era o seu perfume doce e enjoativo que causará isso ou só sua presença.

- Eu não pude deixar de notar que Steve não está aqui ao lado da nossa Joana, como o príncipe protetor que ele costuma ser, e sim, que ele está lá dentro grudado em Rachel. – Ela abriu um sorriso maior, piscando seus cílios falsos perfeitamente delineados com rímel azul. - Eu perdi alguma coisa? – Ela me questionou, me olhando atentamente em busca de uma resposta em minha expressão.

- Não, nada. – Murmurei, de maneira firme.

- Estranho, antes de vocês duas chegarem estávamos até comentando sobre isso, a maneira que Steve e Rachel estavam, bem pertinho um do outro, como se estivessem contando um segredo bem secreto. – Britanny balançou os cabelos com uma expressão quase inocente. Juro que só o vi assim tão perto de alguém quando ele está com Joana e vê-lo com Rachel dessa maneira ... Hmmm, me fez pensar coisas. – Britanny murmurou com excesso de malícia e veneno que me deixaram mais enjoada.

- Britanny, qualquer coisa faz você pensar *coisas*, na realidade, eu acho que você pensa demais e deveria guardar para si mesma certas *coisas*, como essa sua opinião mesquinha que está crescendo em sua mente pequena sobre Joana, Rachel e Steve. Eles estão bem, nada está acontecendo e se estivesse, não é e nem nunca será da sua conta. Então, que tal você pegar o seu veneno e tentar expelir em outro lugar que não seja aqui? – Murmurei, com um tom de voz alto o bastante para chamar atenção de

todos os nossos amigos, que pararam de conversar, ao perceberem o que estava acontecendo. Britanny me fuzilou, olhando ao arredor ao perceber os olhares julgadores para si, ela voltou a me fitar e podia jurar que seus olhos se incendiavam de ódio, ela ergueu levemente a saia de seu vestido turquesa e se retirou do ambiente sem dizer absolutamente nada.

Olhei para Joana, que enrugou o cenho com uma expressão de pesar, ela odiava brigas, principalmente quando ela sabia que era fruto da discussão; pude ver que ela não era a única que me olhava assim, então me voltei em direção do oceano, ignorando todos aqueles olhares de pena para mim, voltando a observar o negro e infinito oceano que estava se tornando a minha atividade melancólica noturna favorita.
Eles voltaram a conversar de forma animada, falavam sobre o que fariam no dia seguinte: Yoga, hidromassagem, pegar sol no solário, uma matinê e a noite iriam a festa latina, que seria aqui no salão principal.

Como eles podiam pensar no dia seguinte, enquanto eu nem conseguia imaginar a existência de tal dia estava presa àquele presente atormentador, temendo cada segundo por Joana, atenta ao que pudesse estar a acontecer entre Rachel e Steve, e nervosa e ansiosa em rever Peter, isso tudo ao mesmo tempo transbordava em minha mente, uma pessoa normal não pode agüentar tantos sentimentos assim, ela explodiria.
E era assim mesmo que eu me sentia, prestes a explodir como uma bomba atômica. Senti que alguém encostou-se à borda ao meu lado, me virei, vendo que era Lucas que estava a observar o oceano, como eu, com uma expressão pensativa, enquanto me olhava discretamente.

- Ei, está me olhando assim porquê? – Questionei em um sussurro com tom de dúvida.

- Você deveria estar dançando, e não aqui sozinha e pensativa. – Ele pausou, me olhando com uma sinceridade em seu olhar e aquele sorriso doce em seus lábios. - Você está muito bonita para ficar escondida aqui, entre nós, reles mortais, Ó Afrodite!. – Ele murmurou de maneira suave e teatral, arrancando uma suave risada

de meus lábios – Aonde é que está aquele garoto da noite passada? Britanny não conseguia parar de falar em como era possível ela estar sem par e você está com aquele garoto ..." *perfeito, lindo e único, como ela conseguiu isso? É feitiçaria, só pode ser!*" – Ele concluiu, fazendo uma imitação idêntica da voz fina e irritante de Britanny, o que arrancou mais risadas minhas, sendo que mais altas, até tapei meus lábios, tentando controlar o som. Aos poucos paramos de rir e a memória de minha última conversa com ela tomou conta de minha mente.

- Ela é uma vadia. – Murmurei, de maneira amargurada. – Dói dizer isso, mas infelizmente, acredito que ela nunca vai deixar de ser assim: arrogante, vazia, hipócrita e uma vadia odiosa. – Lucas ergueu ambas as sobrancelhas, concordando.

- É, tem certas pessoas que não mudam, não importando o que aconteça na vida delas, elas insistem em errar incessantemente.

- Isso não é errar, é gostar de ser cruel e infeliz e ser assim é completamente diferente de ser errônea. – Murmurei, pensativa. Passei uma das mãos no rosto, vendo como aquela garota me tirava do sério em tão pouco tempo.

- Não ligue para ela. – Lucas disse com um tom de preocupação, ao ver meu sorriso leve em sua direção ele tomou uma expressão pensativa - Britanny sempre teve tudo na vida, mas esqueceu de ter as principais coisas que se vale a pena lutar e viver: Amor, amizade, caráter, personalidade, estilo de se vestir ... – Ele riu levemente e eu acompanhei a sua risada, Lucas e seu humor único. – Eu tento pensar assim todas as vezes que fico com raiva dela, tente também, Kate. Nós temos sorte, porque temos tudo isso e muito mais; mas ela não, o caminho que ela escolheu é sem retorno, e quando ela perceber isso, espero sinceramente que ela tenha alguém para ajuda - lá a se tornar uma pessoa boa. – Lucas desfez a expressão pensativa e abriu um sorriso brincalhão. - Alguém como a gente, sabe?

- Sei. Uma pessoa com muita modéstia pelo visto.
- É claro. – Ele disse ainda com um tom brincalhão, rindo com sua brincadeira.

- Vou sentir sua falta. Como vou sobreviver em Nova York sem nossas conversas e devaneios? A internet ajuda muito hoje em dia, mas mesmo assim não é a mesma

coisa. – Voltei a olhar o oceano, dando um suspiro. - Você em Los Angeles e eu do outro lado do país. – Murmurei, sentindo meu coração novamente vacilar, mas agora em um aperto.

- Você não parece tão certa dessa decisão, toda vez que você fala em ir para Columbia, você fica tão pensativa. Você realmente quer ir para lá? – Ele questionou cuidadoso.

- Sim, quer dizer, eu sempre quis estudar lá, mas agora que preciso me inscrever como estudante dessa instituição, não sendo um sonho e sim uma realidade, torna isso oficial, sabe? Parece que tudo está terminando e de uma forma estranha, tudo vai começar novamente sendo que de uma outra maneira, em outro lugar e da forma que sempre idealizei, como se o destino estivesse me favorecendo. Não sei se estou pronta para isso. – Murmurei sincera.

- Estamos todos prontos para um novo inicio, apenas não sabemos disso. – Lucas murmurou, olhando para o oceano. – Ainda. Mas garanto que quando você perceber que está pronta, tudo vai ser certo e você estará pronta para qualquer coisa. Espere e veja.

- Obrigada Lucas. – Murmurei, com um sorriso leve nos lábios. Ele tinha razão, mas mesmo assim, suas palavras não afastaram minha insegurança – Eu posso te pedir um favor? – Questionei de forma discreta, Lucas se aproximou de mim, balançando a cabeça positivamente – Você pode ficar de olho na Joana? Não a deixe ficar próxima da Rachel ou do Steve sozinha, por isso tem como você tentar ficar por perto? Só um pouquinho?

- Claro.– Ele murmurou, seus olhos brilhando de ânimo, mas sua expressão curiosa, contudo não fez questionamentos. - Sem problemas.
- Eu já volto. – Murmurei, me afastando dali.

Me aproximei de Joana falando que iria ao banheiro e que já voltaria, assim que me afastei pude ver Lucas se aproximar dela, puxando algum assunto.
Passei por algumas mesas, olhando de relance a procura de Peter, Amelia, Steve ou Rachel. Obviamente eu tentaria ficar longe dos dois últimos, por isso precisava saber

aonde eles se encontravam para me precaver, enquanto aos dois primeiros, eu queria muito achar Peter e definitivamente, falar com Amelia seria legal, mas nada.
Nenhum rosto familiar.
Passei pela lateral da pista de dança, vendo dezenas de casais dançando ao ritmo de uma música romântica, decidi fazer uma última busca, dei alguns passos lentos olhando em direção daqueles casais a procura de um rosto conhecido, mas continuei na mesma, então segui meu caminho, indo enfim ao banheiro.
Havia me esquecido de tomar o remédio para evitar ressaca, mesmo tendo tomado apenas um coquetel, me lembrei das duas taças de vinho branco que havia tomado no almoço, aquela bebida estava no meu sistema ainda e podia fazer um estrago se quisesse, tomei o remédio, amargo e pesado, encontrei uma bala de morango no fundo da minha bolsa e vi que estava em um estado comível, me aproveite dela para deixar meu hálito agradável, vai que eu encontro com o P ... Ok, chega de sonhar.

Sai do banheiro, sem conseguir controlar meus desejos, voltei a observar à pista de dança a procura de alguém familiar, mas nada.
Ou eu não estava conseguindo reconhecer ninguém com as máscaras que usavam, o que era bem provável ou realmente todo mundo que eu queria achar havia se dispersado pelo ambiente ou não havia comparecido a festa.

Fiz o caminho oposto, indo pelo canto que se seguia para ir a varada, as vezes eu estava procurando pelo caminho errado, pensei, faltava poucos passos para voltar a varanda, e nada, nenhum sinal de ninguém familiar, a única coisa de diferente que encontrei no ambiente foi uma rosa vermelha muito familiar, como a que Peter pediu para ser entregue na noite anterior a mim, ela estava caída ao chão, mas poderia jurar que ela fora colocada daquela forma ali, ela estava bem no canto em um ponto bem estratégico, querendo ser encontrada e ao mesmo tempo, não.
Entortei meus lábios, antes que minha imaginação começasse a criar o irreal.

Voltei à varanda, encontrando os meus amigos, que continuavam no mesmo lugar de antes, todos eles bebendo novos coquetéis e comendo petiscos, que provavelmente pediram depois que sai; Joana parecia bem mais leve do que antes, já que ela estava rindo com Lucas de um modo sincero e tranqüilo, era bem provável que ele estivesse tentando de tudo para animá-la e ele deveria ficar feliz, estava conseguindo.

- Que carinha é essa, Kate? – Joana questionou muxoxa, com seus olhinhos brilhantes a me observar.
- Nada, eu estou bem. – Tentei disfarçar sorrindo levemente.
- Porque você ...- Ela murmurou, se afastando levemente do grupo e sorrindo de modo sapeca para mim. – Por que você não vai "*circular"* um pouco?

- Eu acabei de fazer isso. – Murmurei, enrugando o cenho um pouco arrependida de ter dito aquilo, meio que caiu em minha consciência que Peter não havia ido à festa. Será que alguma coisa havia acontecido? Talvez algum evento melhor apareceu para ele ir; mas porque falar a Rachel que iria e acabar não indo? Mas ele pode ter ido e não me visto já que fiquei o tempo todo na varanda. Droga! Porque me saboto? – Eu fui ao banheiro e voltei dando uma olhada ao arredor ... Procurando por algum rosto conhecido ... mas nada. – Essas duas últimas palavras saíram fracas e tristes.

- Não fique escondida aqui também. Às vezes ele está procurando por você, mas não te achou porque está escondida aqui conosco. – Joana murmurou, como se tivesse lido minha mente, me fitando atenta. – Você está muito bonita para ficar escondida aqui, então vai, vai circular um pouco, se divertir e só volte aqui acompanhada de Peter ou de outro rapaz tão charmoso e gato quanto ele.
- Mas ... – Falei, olhando ao arredor e deixando meus olhos caírem na direção de nossos amigos, por fim, meus olhos aflitos voltaram a fitá-la. – Você vai ficar bem sem mim?

- Claro que sim. Você já fez muito por mim hoje, preciso retribuir o gesto, então, vai. Vai. – Ela murmurou incisiva, mas sorrindo de modo doce. Sorri grata e dei um forte abraço em Joana que retribuiu o gesto de seu modo delicado.

Decidi passear por todo o ambiente, aproveitando para olhar mais minuciosamente a procura de Peter, Amelia e Dorian; os dois últimos poderiam me dizer onde Peter estava, obviamente que eu questionaria de uma maneira disfarçada, mas eu ficaria sabendo se ele está ou não na festa e acabaria logo com essa ansiedade e nervosismo. Passei pelo bar, mas nenhum rosto familiar.
Pelo canto do salão, conseguindo uma visão de todas as mesas que estavam dispostas no ambiente, pude ver as pessoas que estavam sentadas ali, mas nenhuma

era quem eu procurava. Parei em determinado ponto e o primeiro garçom que passou eu o parei, pegando uma taça da bebida que ele carregava, supondo ser champagne e o meu erro foi não questionar a ele se era isso mesmo, no primeiro gole percebi que era vinho branco seco, senti o mesmo descer pela minha garganta queimando e rasgando tudo que tinha pelo caminho, como um purgante, quase cuspi o mesmo no melhor estilo *Looney Tuney*. Disfarçadamente (ou não), o repousei em uma mesinha próxima.

Foi quando eu os vi.
Dorian e Amelia estavam indo em direção a pista de dança com expressões felizes e de mãos dadas, eu os vi, mas eles não. Entortei meus lábios, não iria atrapalhar o momento deles, por mais que eu estivesse tentada. Talvez eu devesse me sentar em uma mesa, ficar sentada e esperar o tempo passar, não adiantava em nada ficar rodando em círculos, aquele lugar era enorme! Eu teria sorte se encontrasse Peter e pelo visto, a sorte não estava do meu lado naquele momento, então era melhor eu sossegar em um lugar, se continuasse nessa incessante caçada iria acabar ficando perdida naquele salão até o dia seguinte. Me virei, a procura de alguma mesa vazia e sem placa de preferência, não podia sentar na mesa que me pertencia, seria burrice já que Rachel e/ou Steve podiam aparecer a qualquer momento, só foi pensar neles que os vi, eles estavam em um determinado canto do ambiente, conversando de uma maneira tranqüila, um de frente ao outro, qualquer um falaria que eles eram namorados, estavam tão próximos, tão conectados na maneira de se olharem e de se tocarem.
Será que só eu pensava nos sentimentos de Joana?
Balancei minha cabeça negativamente, me afastando o máximo possível daquele lugar antes de ser descoberta, eu ainda teria que me acostumar com aquela situação, ia demorar, mas um dia conseguiria tal coisa.
Alguns poucos segundos se passaram e senti alguém tocar suavemente o meu ombro, me virei de supetão, temendo ser Steve ou Rachel, mas não, era um garçom que me olhava com uma expressão tranqüila

- Boa noite senhorita. – Ele murmurou, sorri por educação, mas curiosa com tal aproximação, fitei a bandeja que havia na mão dele com uma rosa vermelha e um bilhete em sua haste repousado bem ali. Meu coração só não parou porque o lembrei

que precisava dele para me manter viva e saber o que aconteceria em seguida. – Entrega à senhorita. Ele estendeu a bandeja e eu peguei de maneira delicada a flor, o agradeci e o mesmo se retirou do ambiente, sem hesitar, dei uma leve cheirada na rosa vermelha que como a outra era extremamente bela. Desci meus dedos pela haste e abri o bilhete, vendo aquela caligrafia pertencente a Peter, e ali estava escrito:

Siga as rosas vermelhas espalhadas pelo salão, Elas são suas e estão a indicar um determinado lugar, Se você as seguir, lá estarei por esperar você.
Peter.

Tive que me encostar à parede para poder me lembrar como se respirava e dar apoio as minhas tremulas pernas, após alguns segundos, inspirando e expirando, e passando a mensagem insistente ao meu cérebro que eu precisava respirar, que sem oxigênio, eu morreria em segundos, talvez se eu tivesse muito azar em milésimos.
Voltei a ler o bilhete, lendo cada palavra que Peter escreveu no mesmo.
Seguir as rosas espalhadas pelo salão ...
Como um clique meu cérebro reagiu a essa frase, me mostrando uma imagem recente similar com o que fora escrito por ele.
Olhei ao arredor, com um nervosismo único, sentindo meu coração batendo forte em meu peito; meus olhos observavam minuciosamente o chão ao meu arredor, não encontrando nada ali, olhei nas mesas e cadeiras mais próximas, mas nada.
Bufei irritada, é, hoje não é meu dia de princesa de contos de fadas, só porque eu estava começando a gostar de viver nesse romance no melhor estilo fantasia.

Eu já havia visto uma rosa, só precisava relembrar o lugar exato em que ela havia sido colocada, pedi a meu anjo da guarda que me ajudasse a reencontrar aquela rosa que havia visto mais cedo e eu a encontrei poucos segundos mais tarde, ela estava no mesmo canto, a peguei, segurando firme em minhas mãos, vermelha e aveludada, olhei ao arredor e um pouco mais a frente estava mais outra rosa, e outra há alguns metros depois, e como a primeira, estava em lugares de fácil visualização, mas escondidas, ambas pareciam estar indicando um caminho.
Eram de Peter.

Quando percebi, já estava segurando dez rosas em mãos, parada em frente a uma

escada de tamanho médio, observei bem onde ela daria, era no palco, seguindo reto iria para a coxia, e indo para o lado esquerdo entraria no palco central. Voltei a observar cada espaço ali na minha frente à procura de outra rosa, mas não vi nada; será que alguém chutou, pegou ou eu perdi alguma rosa pelo caminho?
Pensei em voltar o caminho, mas algo chamou a atenção dos meus olhos, vi um ponto vermelho escuro em um ponto estratégico, pensava que estava imaginando coisas, mas não, era uma rosa vermelha atrás da cortina, apontando na direção dos bastidores. Olhei para trás vendo se alguém perceberia a minha pessoa subindo no palco, a maioria estava concentrada em suas conversas, dançando e alguns observavam a orquestra. Eu só teria que subir rapidamente as escadas e ir direto a coxia, não seria difícil. Não mesmo.
Sem hesitar subi rapidamente a escada de seis degraus, fui em direção a coxia, agora ouvindo o som da orquestra bem mais alto do que os outros no salão, recolhi a rosa com um movimento só e olhei para atrás, tendo conhecimento que ninguém notará minha presença ali.
O lugar era bem escuro, contudo havia uma baixa claridade vinda dos bastidores que me ajudava a conseguir andar naquele ambiente; olhei para o chão e um pouco mais a frente encontrei outra rosa, fui até ela e encontrei mais uma que estava apontando na direção de uma pequena escada, a peguei também e parei em frente da escada, não vendo nada de extraordinário a minha frente, a escuridão agora se tornará menor graças aos pequenos feixes de luz.

Ao descer as escadas, observei o ambiente, não acreditando no que meus olhos viam, minha expressão se transformou em uma mistura de choque e surpresa, já o meu coração? Não batia mais de tanta emoção.

Eu estava ambientada com bastidores de teatro, já havia apresentado quatro peças de teatro em meus anos de estudante no ensino médio, então eu sabia como esses lugares costumam ser: lotados de roupas velhas, espelhos enormes e penteadeiras, objetos que são usados em cena feitos a madeira ou de plástico, sofás velhos, aquele cheiro de ácaro inconfundível,entre outros. Mas aquele bastidor não parecia em nada com os que estava acostumada.

Eu descia a escada sem acreditar que de fato aquilo estava acontecendo comigo. Uma

brisa gelada batia em mim, não sabia se era o nervosismo ou se era o sistema de ar condicionado que estava ligado ali;
Não havia nenhuma penteadeira, armário com roupas velhas, objetos de cenários empoeirados naquele ambiente, muito menos sofás velhos fedendo a acaro com almofadas puídas em cima, em vez disso, havia dezenas de pequenas velas brancas acesas ao chão, trilhando um caminho circular em volta de uma mesa redonda de tamanho médio que estava coberta por uma toalha dourada muito bonita, ela estava toda arrumada com pratos finos, talheres, copos para bebidas e um castiçal com duas velas douradas acesas, iluminando melhor o ambiente.
Algo me chamou atenção e me aproximei da mesa, com muito cuidado para não incendiar meu vestido, sentindo meu coração martelar em meu peito e as mãos soarem geladas, ao chegar a ela pude ver que ao lado de um dos pratos havia uma rosa vermelha, igual a todas as outras, demarcando o meu lugar, a segurei observando com atenção seus detalhes, completamente sem palavras com tudo aquilo, por fim juntei a com as outras rosas que estavam seguras em minha outra mão em um grande ramalhete.
Era inacreditável.
Eu não sabia como agir, se deveria correr apavorada, gritando a todos que temos um serial killer a bordo e que ele tentou me atrair para eu ser sua primeira vitima ali ou simplesmente deveria aceitar que aquilo tudo foi feito especialmente para mim, por alguém, que realmente está interessado ... em mim.

Foi nesse momento que ouvi o som de uma porta sendo aberta, abafei um grito na garganta pronta para qualquer coisa, menos correr porque aqueles saltos não permitiriam tal coisa, com atenção vi do outro lado do ambiente um garçom, usando uma máscara preta que cobria apenas os seus olhos, não conseguia definir seu rosto, contudo continuei a olhá-lo já que o mesmo não me notará, ele havia entrado por uma passagem alternativa, ao fundo do bastidor, segurando em mãos uma travessa de metal que parecia pesada e a repousando sem delongas em uma bancada (que só agora eu havia notado a presença) com várias outras travessas de mesmo porte, se destacava ali um balde contendo duas garrafas de bebidas que identifiquei como vinho e champagne. Ele se virou, não me dando tempo de fazer nada, nem com uma pose confiante eu estava já que estava parada ali. Ele me olhou sem esboçar

nenhuma expressão aparente de imediato se aproximou de mim em passos calmos e contido, fazendo uma singela reverencia a certa distância de mim.

- Poderia recolher as suas rosas e as colocar em um vaso, senhorita? – Ele questionou de uma maneira suave, seu sotaque britânico evidente o que me deu um pouco mais de segurança naquela situação, eu realmente estava assustada, nunca havia passado por nada igualado a isso antes, mas ainda mantinha a coragem no topo de minhas qualidades e estava preparada para tudo, para meu bem ou mal, contando mais para o meu bem, é claro.

- C-claro. – Murmurei, o observando desconfiada. Ele ficou a esperar que eu estendesse minha mão com as rosas, mas eu continuava imóvel, observando o ambiente sem reação, a espera de qualquer movimento suspeito ou de algo mais encantador e surpreendente surgisse das penumbras. O garçom, de aparência madura e expressão seria, continuava parado a minha frente com sua perfeita postura e com uma expressão contida de superioridade, tentando mostrar confiança, eu estendi as rosas em sua direção e ele as pegou em um movimento só, fazendo uma singela reverência com a cabeça.

- Poderia servir a senhorita uma taça de champagne? – Ele questionou, então percebi que seu sotaque britânico, na realidade, era escocês, forte e grave, como de habitual naquela região.

- Ah ... – Foi o som que saiu de meus lábios, ainda atônita, gelada e desconfiada ao extremo. – O –o que está havendo aqui? Eu quero deixar bem claro que sou faixa preta em caratê posso fazer um e-estrago em qualquer um que ousar tocar em um f-fio se quer de meus cabelos ... é. – Não, eu não eu era faixa preta em absolutamente nada, quer dizer, apenas em mentira, mas na hora do desespero, sou capaz de virar a filha do *Darth Vader* se necessário.

- Se eu responder isso a senhorita,vou perder o meu emprego e eu não estou muito interessado nisso. – Ele respondeu de uma maneira seria, seu tom de voz firme. Ele olhou para determinado ponto e ergueu ambas as sobrancelhas e como se eu estivesse em um filme de suspense, me virei de supetão, me deparando com ele.

Peter.
Ele estava vestido com um belo terno de sobretudo preto, a mesma cor de sua máscara que cobria apenas seus olhos, ele me olhou com intensidade e pude vislumbrar seus intensos olhos azuis brilharem.
Eles eram únicos e o mais inacreditável era como eles me atraiam sem o mínimo de esforços da parte de Peter, era só ele olhar para mim que eu ficava sem palavras, ele sorriu, mostrando como ficava belo sorrindo, toda sua alegria e beleza em apenas um gesto enquanto eu o observava, pensando bem nas minhas próximas palavras, se é que eu conseguiria dizer alguma, qualquer pessoa normal já teria saído correndo daquele lugar temendo um psicopata, contudo eu me mantinha parada ali, feito uma estátua, apenas o observando, tão envolvida em sua aura e mistério que poderia jurar que respirar era um ato muito complicado naquele momento, na realidade, respirar se tornou um desafio depois que conheci Peter Hartley.
Um pensamento apavorante tomou minha mente, se minha mãe visse essa cena, ela provavelmente me trancaria no porão, em cárcere privado pelo resto de minha vida.
Anotação mental: Jamais contar nada sobre esse momento com Peter. Ponto.
Respirei fundo, determinada a ter respostas.

- Você que fez tudo isso? – Questionei, tentando manter a minha voz forte, afastando todo e qualquer nervosismo.

- Não gostou? – Ele questionou em tom de dúvida, enquanto saia de outro ambiente similar ao que o garçom saiu, a porta se fechando atrás de si em um som ruidoso. Ele dava passos calmos em minha direção e com uma postura confiante, mas ainda assim mantinha certa distância, como se não quisesse invadir minha privacidade; seu tom de voz era firme e forte, ele não tinha embaraço algum ao falar comigo, fazia isso com tal tranqüilidade que deixava claro para mim que ele não estava nem um pouco nervoso com a minha presença, diferente da minha pessoa com ele, se eu não desmaiei até agora é porque sou muito durona, se não fosse isso, já estava no chão há muito tempo.

- Está incrível. – Respondi em um sussurro, sentindo minhas mãos escorregarem do vestido, por fim deixando que a saia batesse ao chão, era inútil tentar controlar meu nervosismo como também tentar entender porque ficava tão nervosa perto dele. Eu

gostava dele. Simples e Prático, disse a voz de Rachel em minha mente e ela ainda complementou, por isso você fica nervosa perto dele, duh! – Mas você não me respondeu, foi você quem fez tudo isso?

- Sim. – Ele respondeu sem pestanejar, me observando, logo em seguida pude ouvir o garçom pigarrear, ele estava colocando as rosas em um vaso, que estava na mesa das travessas. Peter olhou para ele e abaixou levemente a cabeça com um sorriso adorável. – Em parte, Phil me ajudou na execução, contudo a ideia foi minha.

Olhei na direção de Phil que nos observava atentamente, mas de forma discreta. Voltei me na direção de Peter e senti meu coração parar por alguns segundos, ele havia diminuído a nossa distância e agora estava a menos de um metro de mim.

- Ele é meu mordomo. – Peter murmurou olhando do garçom para mim e mantendo seus olhos fixos nos meus.

- Senhor Peter. – Pude ouvir a voz grave de Phil, Peter não parecia muito feliz com a interrupção, olhou para ele de um modo sério e eu fiz o mesmo. Notei que Phil não estava contente com algo. – Posso, por gentileza retirar essa máscara? Ela é desagradável e pinica.
– Phil murmurou de uma maneira sofisticada, mas seu tom de voz soou engraçado pela primeira vez, mas contive um riso.

- Isso depende da nossa convidada de honra. – Peter respondeu, olhei para ele de imediato, surpresa com tal menção, ele que me observava atentamente com uma expressão serena. – Então, ficarás ofendida se Phil tirar a máscara ou devo mantê-lo sofrendo com a pinicação e o desagrado ?

- Hmmm, na minha humilde opinião, acredito que não há nada de desagradável em sua máscara, Phil, você fica muito bem com ela. – Murmurei, olhando para o mordomo, que se manteve no lugar onde estava com uma pose solene.Podia sentir o olhar de Peter em minha direção e tentei não me afetar com isso. – Mas como sei que Peter não é cruel, ele não vai permitir que você sofra com a pinicação. Então sim, não há problema nenhum em você retirar sua máscara.

Phil olhou em direção de Peter que fez um singelo movimento com a cabeça, logo em seguida, o mordomo tirou a máscara o colocando dentro do bolso, ele passou um lenço na área onde antes estava a máscara e tenho que dizer, ele parecia muito aliviado.

- Então você fez o Phil de cobaia para arrumar isso tudo para mim? – Questionei, agora observando Peter atentamente que voltou a me olhar com um leve sorriso nos lábios, ele ia responder algo, mas nos sobressaltamos com a aproximação de Phil que parou próximo a nós segurando uma bandeja com duas taças de champagne.

- Por favor, me chame de Philipe. – Ele murmurou, com a cabeça levemente erguida. Sem a máscara podia ver claramente o seu rosto; ele era maduro, já havia notado que era careca, apenas tendo um pouco de cabelos na lateral de sua cabeça, seus olhos eram profundamente verdes e tinha uma expressão seria que me fazia questionar se em algum momento de sua vida ele já havia sorrido.

- Mas Phil é bem mais ... – Murmurei com um sorriso de lado, mas Phil me interrompeu.
- Philipe. – Ele disse decidido, ainda mantendo a cabeça erguida. Peter deixou escapar um leve riso dos lábios e olhou de mim a Phil.
- Pegue leve com a dama, ela não conhece o seu temperamento difícil, Phil.
- Os senhores gostariam de champagne? – Ele questionou sem permanecer no assunto. Deixei um leve sorriso cair em meus lábios.

- Eu aceito, Phil. – Sorri pegando uma taça, o chamando propositalmente da maneira que ele não queria, pude ver que ele se enrijecerá no lugar onde estava, ele olhou para Peter que nada disse, apenas pegou a taça com um sorriso e assim, Phil se afastou, passando com cuidado pelas velas ao chão.

Me voltei a Peter sorrindo, ele agora me observava com certo fascínio nos olhos.

- Você é corajosa. Philipe só me permitiu chamá-lo de Phil depois que completei dezoito anos e olha que ele já trabalha em minha família desde que eu estava na barriga da minha mãe. Me lembro, como se fosse ontem, quando ele disse que eu poderia arcar com minhas ações depois dos meus dezoito anos e chamá-lo por um

apelido é uma ação muito grave. – Ele murmurou, sorrindo levemente. – Phil é um homem muito sério, apelidos não são para ele.

- Sempre me considerei uma rebelde sem causa mesmo, Phil terá que se acostumar com a minha pessoa chamando o de Phil. – Murmurei, com certa animação na voz. Olhei para a taça de champagne em sua mão e em seguida na direção de seus olhos. – Iremos brindar a alguma coisa especial ou devemos apenas beber?

- Você é a convidada de honra da noite, o brinde já é todo seu, mas se deseja brindar a alguém em especial, se sinta a vontade. – Ele respondeu, com certo charme no tom de sua voz.

O olhei atentamente, desafiando seus olhos a me observar por longos segundos. Por fim, deixei um sorriso malicioso cair em meus lábios e murmurei sem hesitar:

-Vamos brindar a Phil, sem ele você não conseguiria desenvolver esse ambiente incrível. – Ergui a taça ao ar e Peter imitou meu gesto com um sorriso leve nos lábios, erguendo as sobrancelhas em surpresa. – A Phil.

- A Phil. – Peter disse, batendo sua taça na minha,olhamos na direção de Phil que nos observava atento, ele ergueu singelamente ambas as sobrancelhas e podia jurar que ele balançava a cabeça negativamente. Peter ria de modo contido e eu acompanhei a sua risada. Assim que ele tomou um gole da bebida, ele se direcionou até a cadeira onde na frente antes havia a rosa, ele afastou a mesma e indicou para que eu sentasse, sem delongas me sentei e ele a empurrou alguns centímetros, não se demorando e se sentando na cadeira a minha frente, quase que colocando a taça de champagne a mesa no mesmo instante que eu. Trocamos alguns olhares, tímidos, entre sorrisos leves em nossos lábios.

Não agüentava aquele silêncio, queria perguntar tantas coisas, mas não sabia por onde começar.
- Por que você fez isso tudo para mim? – Questionei, olhando para ele com uma expressão serena, sentindo minhas bochechas queimarem de timidez.

- Porque sim. – Ele murmurou com uma expressão pensativa, em seguida enrugou o

cenho com um sorriso leve nos lábios. – Olha, eu quero fazer com que os próximos dias que temos juntos nesse cruzeiro sejam memoráveis, porque no momento que saímos daqui seguiremos as nossas vidas e esses dias aqui serão muito importantes para o futuro que nos aguarda lá fora. Eu quero fazer memórias que valham a pena ser recordadas.

- Eu ... Muito obrigada. – Respondi, deixando um sorriso sincero cair em meus lábios, sentindo ser valorizada de um modo que talvez nunca mais seria.

- Pelo que? – Peter questionou, tomando um gole do champagne sem desgrudar seus olhos dos meus.
- Por fazer isso. Ninguém nunca fez algo tão romântico e lindo assim para mim. – Falei com extrema sinceridade. – Você pode se sentir satisfeito por que isso que você fez, já é memorável para mim, eu nunca vou me esquecer, pode ter certeza.

- E eu só estou começando. – Peter murmurou com um tom de voz malicioso. - Então, me conte, quero saber tudo sobre o seu dia.

Fiz uma pequena lista mental de coisas interessantes que havia acontecido, tentando omitir tudo de entediante, irrelevante e de excesso emocional.
Acabando sobrando apenas um evento, o que fez eu perceber como minha vida é lenta e tediosa.

- Eu almocei com Amelia hoje. – falei, sem pestanejar. – Foi muito legal. Sua irmã é muito divertida e gentil, adorei a oportunidade de passarmos um tempo juntas.

- Ela me disse que havia convidado você para almoçar, ela me pediu perdão um milhão de vezes, disse que foi precipitada em não me contar, mas que ela apenas abraçou a oportunidade. Espero que ela não a tenha a assustado nem nada desse estilo. Imagino como deve ter sido estranho uma pessoa desconhecida ter lhe convidado assim do nada para um almoço. – Peter disse suavemente, me olhando atentamente. – Contudo não posso dizer nada, eu fiz muito pior do que ela; eu nem ao menos lhe convidei, apenas a atrai até aqui no melhor estilo *Dexter*, sinto muito. Espero não tê-la assustada.

- Não, pelo contrário, eu estava te procurando. – As palavras saíram naturais pelos meus lábios, mordi os mesmo em forma de repreensão. Ele sorriu levemente, satisfeito com a descoberta, tentei me concertar e não parecer uma perseguidora desesperada. – Quer dizer, eu não o vi a noite inteira e Rachel me disse que vocês conversaram hoje de manhã e ela me contou que você havia dito que viria ao baile.

- Ah sim, Rachel ... Ela pareceu bem decepcionada ao descobrir que Dorian é noivo. – Ele murmurou rindo levemente, talvez se lembrando da cara de decepção que minha amiga deve ter feito. – Na realidade todas as garotas ficam, Dorian parece que tem um imã que atrai qualquer tipo de garota, por todos os lados. Por incrível que pareça, Amelia não tem o mínimo ciúme delas, que sempre tentam algo com ele, mas o mesmo não dá bola, logo ela confia muito em Dorian.

- Você fala como se não fosse um imã igual a Dorian. Garanto que qualquer garota lá fora iria desejar estar aqui em meu lugar. – Pausei, vendo Peter me observar com um certo brilho no olhar, tentei soar engraçada, assim não o deixando totalmente convencido. Mesmo que a maioria dos filmes de suspense comecem com uma garota sendo atraída para um lugar suspeito como esse, mas mesmo assim, tenho certeza que elas iriam fazer de tudo para terem esse meu momento.

- Eu garanto isso também, contudo eu não iria querer nenhuma daquelas garotas no seu lugar por que nenhuma delas de fato seriam você. – Ele disse de uma maneira suave, quase que com um tom musical em sua voz.

Fiquei sem palavras.
E isso não era algo normal, eu sempre tinha algo a dizer, algo a argumentar, não importasse o assunto, eu sempre tinha uma resposta para tudo ou como Rachel gostava de me chamar só para me irritar e que resumia muito o meu comportamento:

“ *Oh senhora, eu tenho opinião para tudo*”, mas agora estava com minha cabeça ligeiramente abaixada tentando esconder o grande sorriso que surgia em meu rosto, não podia negar que ouvir aquilo de Peter não tenha deixado meu coração agitado em felicidade.

- Está com fome? – Peter questionou. – Tomei a liberdade de pedir que preparassem

um jantar especial para nós, tudo que comeremos essa noite foi preparado no restaurante *Chateau*, um dos melhores restaurantes franceses que já estive, já comeu lá?

- Não, não. Não tive a oportunidade, mas pelo visto, terei hoje à noite.– Questionei, extremamente curiosa. - O que teremos para comer?

- *Cassoulet* que é um ensopado de feijão branco, salsichas e pedaços de ganso confitado; *Quiche Lorraine* que é uma torta de massa fina que tem um creme e toucinho frito; *Tartiflette* que é gratinado de *Savoyard* de batatas e carne de porco; e o meu favorito, B*oeuf Bourguignon* que é ...

- ... Carne de vaca cozida com vinho de Borgonha por muitas, muitas horas. – O interrompi, falando de maneira extasiada. – E um dos meus favoritos também.
- Então, acertei em cheio, é uma apreciadora da cozinha francesa também.

- Em parte. Eu gosto muito de cozinhar, é um dos meus hobbies e tento sempre aprender receitas de países e culturas diferentes, e eu fiz *Boeuf Bourgignon* na minha noite de formatura. Minha mãe ficou extasiada, disse que nunca comeu algo tão delicioso em toda sua vida. – Sorri levemente, me lembrando daquele dia como se tivesse sido ontem. – Elogio de mãe não dá para acreditar, elas sempre exageram um pouco.

- Não, duvido que ela tenha exagerado. Garanto que ela tinha completa razão. – Ele murmurou com suavidade, em seguida completou com um sorriso de lado. – Espero que um dia você prepare para mim *Boeuf Bourguignon*, terei o prazer de dizer a senhorita o tão boa cozinheira és.

- Como pode ter tanta certeza que sou uma boa cozinheira? – Questionei.

- Porque se você não fosse uma boa cozinheira, sua mãe não permitiria que a noite de sua formatura fosse arruinada com a comida ruim que você fosse preparar, ela simplesmente levaria você e seus familiares a um restaurante, seria mais seguro e saudável.

- Uau, adorei o seu julgamento. Muito esperto. – Respondi, dando uma boa gargalhada junto a ele.
- Então, iremos comer o *Boeuf Bourgignon*? – Balancei minha cabeça positivamente. – Prefere vinho ou champagne? Quem sabe outro tipo de bebida?

- Não, o champagne está ótimo. Leve e docinho, era disso que eu precisava.

- Ótimo, não se mexa. – Ele disse animado e se levantou da mesa, indo na direção do local onde Phil estava parado, sem mexer nenhum músculo, quase como um segurança. Peter parou ao seu lado e disse algo que não pude ouvir, Phil se negou prontamente e Peter foi mais incisivo, o mordomo ergueu a sobrancelha e se afastou do garoto, ao passar perto de mim parou a minha frente, fazendo uma reverência gentil com a cabeça.

- Tenha uma boa noite, senhorita. – Ele disse solenemente. Era óbvio que Peter o havia dispensado, não o deixaria ali plantado feito vela a noite inteira; seria injusto com Phil e injusto com a nossa privacidade.

Coração, fica tranqüilo, por favor!
- Você também, Phil.

Ele entortou os lábios e se retirou do ambiente, pelo lugar que eu havia entrado. Ao me virar vi que Peter estava trazendo a travessa com o nosso prato da noite, ele o colocou na mesa sem grandes esforços, me ergui na pretensão de ajudá-lo, mas ele me olhou feio e com um dedo indicou para voltar a me sentar, sério e mandão, simplesmente obedeci, fazendo beicinho.

Peguei o meu celular dentro de minha bolsa, mandando uma mensagem a Joana, avisando que estava com Peter , assim para ela não ficar preocupada com meu sumiço. Ao meu lado, Peter estava colocando champagne em minha taça, assim que ele encheu, eu agradeci e ele encheu o próprio copo. Não satisfeito, ele colocou a comida em meu prato de maneira farta sem se preocupar com o meu pedido de colocar menos, mas fez o oposto ao se servir, colocando bem menos comida, até diria que ele não estava com fome alguma.

- Se você não agüentar comer tudo, não há problema nenhum. Coma o que agüentar. – Ele disse calmamente, logo se servindo um pouco.

Começamos a comer e não consegui resistir e deixei escapar um som de satisfação dos meus lábios. A comida estava maravilhosa, aquele *Boeuf Bourgignon* humilhava o meu, fiquei até com vergonha depois de experimentar aquela delícia dos Deuses, um dia faria um igual, prometi para mim mesma; Peter comia, mas não parecia tão afim de fazer a tal refeição, já que desfrutava de poucas colheradas com uma expressão pensativa.

- Está muito bom, não é? – Ele questionou, repousando o garfo no prato.
- Eu acho que nunca comi algo tão delicioso em toda a minha vida. Parece exagero, mas ... Não, não é exagero, isso é incrível. – Dei outra garfada com um sorriso nos lábios.

- Isso porque você ainda não experimentou a sobremesa. – Ele disse, escondendo um sorriso no canto dos lábios enquanto dava mais uma garfada e mastigava calmamente.
- Por favor, me diga que não é *Crème brûlée*, porque se for eu vou à lua e nunca mais retornarei. Eu sou completamente aficionada por *Créme Brûlée*, nunca consegui fazer um que me satisfizesse por completo. – Falei, tomando um gole do champagne por fim. – É o meu maior vicio na culinária francesa.

- Então é melhor pegarmos nossas roupas de astronautas por que uma das sobremesas da noite é *creme brûlée.*
- Uma das ...? Você esta tentando me conquistar pelo estômago? – Questionei, erguendo uma das sobrancelhas de uma maneira que diria ser sensual.
- Está dando certo? – Ele respondeu com certa malícia em seu olhar.

- Você nunca saberá. – Eu disse cada palavra dando ênfase com todo o prazer, ele riu com vontade. Comemos por algum tempo em silêncio e ele novamente o quebrou com uma serenidade e educação única.

- Você disse que um dos seus hobbies é cozinhar, o que mais você gosta de fazer? – Ele questionou curioso.

- Eu gosto de fazer muitas coisas, mas o que mais gosto é de ler qualquer tipo de livro desde que me interesse profundamente, gosto de ouvir música sem preconceito com estilos ou época, gosto muito de escrever, aprender idiomas, sair, pegar sol, eu gosto de fazer muitas coisas, mas essas são as que eu mais faço e você?

- Eu também gosto de ler, de ouvir músicas, eu gosto de aprender idiomas, mas não tenho facilidade, eu ando muito a cavalo, onde eu moro tem um grande campo então desde pequeno fui acostumado a equitação; eu também gosto de futebol e rúgbi. – Ele pausou por alguns segundos, pensativo, de repente um sorriso caiu em seus lábios. – E eu também gosto de desenhar, Amelia diz que eu tenho talento, mas eu não tenho vontade de trabalhar com isso, os desenhos que faço são muito pessoais, são como diários da minha vida, eu vejo algo e preciso desenhar, memorizar aquele momento, você me entende?

- Claro, eu tenho um diário, sendo que é o do tipo comum. Capa de couro, folhas e uma caneta, quando vejo escrevi mais que o *Yoda*. – Respondi, rindo levemente. – Você está desenhando algo em particular nesse momento?

- Eu sempre estou desenhando muitas coisas, eu tenho tantos blocos de desenhos que chego a me perder neles, mas no momento só estou preso em um desenho em particular. – Ele respondeu com um tom de voz misterioso.

- Você não vai dar um de Jack Dawson para cima de mim e vai pedir para me desenhar nua? Já aviso que sou muito boa com chutes e socos, já fui líder de torcida, por isso, me tema. – Murmurei de maneira ameaçadora, mas em vez de assustá-lo ele começou a rir de uma maneira encantadora, sua risada era alta, animada e contagiante, não esperava que fosse tão gostosa de ouvir.
- Eu jamais faria uma proposta dessas. – Ele disse de maneira ofendida, mas em seguida ele deixou um sorriso malicioso cair em seus lábios. – Mas já que você me deu a ideia ...

Olhei para ele com uma expressão de choque e em questão de segundos ele caiu em outra contagiante gargalhada que foi seguida por mim.
- Você gostava de ser líder de torcida? Você não tem o porte americanizado de uma,

sabe? Fútil e metida. – Ele murmurou, com um sorriso de lado.

- Esse é o estereótipo que os filmes mostram, mas na realidade a maioria das lideres de torcida se inscrevem para conseguir créditos extras, ou seja, querem um futuro melhor, uma bolsa em uma boa universidade, um intercâmbio, ... e recorrem ao projeto de lideres de torcida porque é um dos que mais lucram durante o ano em qualquer colégio americano. – Respondi tomando mais um gole do champagne.

- Concordo, mas você não respondeu a minha pergunta: você gostava? – Ele voltou a questionar, erguendo ambas as sobrancelhas.

- Não. Não tinha nada a ver comigo. Foram três anos bem difíceis para ser honesta. Era legal por que eu estava sempre perto da Rachel, mas não era bem a minha área, nunca fui boa dançando ou tentando ser sensual. – Senti meu rosto queimar em questão de milésimos, sorri de lado para disfarçar. – Na realidade, eu nunca gostei de ter toda a atenção em cima de mim, sabe? E depois que eu virei líder de torcida eu me tornei uma das garotas mais conhecidas do colégio, então qualquer coisa que eu fazia se tornava notícia publica em segundos ... Vamos dizer que existe certos aspectos do ensino médio que eu não vou sentir a mínima falta, ser líder de torcida é uma deles.

- Entendo. Eu também não vou sentir falta de muitas coisas do meu ensino médio. – Ele murmurou, pensativo, colocando champagne na taça dele e em seguida colocando também em minha taça.

- Como é que o seu ensino médio foi? – Perguntei, percebendo que havia esvaziado o meu prato, mas queria mais. Deveria ter uma comunidade alienígena em meu estômago, já que ainda me sentia faminta.

- Normal. Tive muitas aulas, alguns amigos, poucos que vou levar para o resto da minha vida, uma primeira e ex namorada, fui capitão do time de futebol e só. Vamos dizer que como você, a minha vida era e continua sendo bem pública e eu não gosto nada disso. Sabe, eu sou um cara bem calmo, não gosto de estar sempre em evidência, gosto de sair com meus amigos e de ter a minha vida da maneira que quero, mas pelo visto, tem pessoas que não entendem isso. – Ele falava de alguma coisa que de fato eu desconhecia, ao perceber isso, ele balançou a cabeça

negativamente, deixando um leve sorriso cair nos lábios. – Mas não vamos falar disso, não é o tipo de assunto para o momento. Vejo que você já terminou de comer, você quer mais?

- Não, eu estou satisfeita. – Menti, não queria que ele pensasse que sou uma comilona logo em nosso primeiro encontro, além do mais, tinha a sobremesa, precisava de espaço assim os meus alienígenas fariam a festa. - Estava tudo tão delicioso, fico até com pena de ter um apetite tão pequeno.

- Não tem nem um espaçinho para um mousse de chocolate amargo? – Ele murmurou com aquele sorriso sapeca no canto dos lábios.

- Nunca pergunte a uma mulher se há espaço para chocolate na barriga dela, porque a resposta, é obvia: Sim. – Eu disse animada. – Em qual das travessas naquela mesa eu devo atacar?

- Vem comigo. – Ele ficou de pé e imitei seu gesto, de repente senti uma corrente elétrica passar em minha mão, quando olhei para ela vi a mão de Peter por sobre a minha, de modo contido e cuidadoso, meu rosto queimou e podia jurar que estava vermelha feita um pimentão, mas não hesitei em olhá-lo e o mesmo me observava atento como se quisesse gravar os detalhes de meu rosto, sem soltar a minha mão ele me guiou em direção à mesa, ele apenas parou para apagar algumas velas que estavam a nossa frente. – Eu já vi como você tem tendências a causar acidentes com si mesma, é bom mantermos cuidado só por precaução. – Ele ficou de pé na minha frente, ergui uma sobrancelha com uma expressão falsa de raiva. – Não faça essa carinha para mim. Agora venha, o seu chocolate te espera. – Ele voltou a segurar a minha mão e me guiou em direção a mesa.

Ele abriu uma das bandejas, que era retangular, nela tinha dois tipos de comida, ele balançou a cabeça negativamente e a fechou, abafei um riso com a expressão engraçada que ele fizera, ele sorriu abrindo a outra bandeja, onde tinha o mousse de chocolate e o meu *creme brûlée*.
Ele pegou uma colher e deu a mesma a mim, pegou o potinho com o mousse e ergueu ambas as sobrancelhas surpreso, ao me ver sentar em cima da mesa com um

movimento só, ele deixou um sorriso cair no canto dos lábios e entregou o mousse, por fim comecei a comê-lo com a maior satisfação aquele manjar dos Deuses, enquanto ele ficou a me observar com uma expressão pensativa.

- Agora é a sua vez. – Questionou, soando tímido.
- A minha vez de que? – Engoli um pedaço do mousse antes de questionar, ele voltou a deixar aquele sorriso malicioso cair no canto dos lábios e eu percebi o que viria a seguir.

- Você não me disse nada sobre os garotos que já roubaram o seu coração. – Ele ergueu uma das sobrancelhas, abaixando singelamente a cabeça e me olhando dessa maneira. Deve ter existido vários e posso apostar que ainda deve ter alguns que nutrem paixões por você.

Ri levemente de uma maneira tímida, o olhei vendo aquele sorriso fofo em seus lábios e aquele olhar gentil em minha direção, tive uma súbita vontade de pular em cima dele, lhe dando o mais suave e apaixonado beijo que poderia dar a alguém naquele momento, mas me contive, abaixando minha cabeça de uma forma que não o olhasse tão diretamente, podendo controlar meus desejos de jovem.
Ficar ali, sozinha com ele, por mais assustador que pudesse parecer, já que ele era até então um estranho em minha vida, - que havia preparado todo aquele jantar e clima romântico especialmente para mim, - era confortável e eu estava tendo o meu desejo relacionado de poder conhecê-lo melhor, o que era uma grande satisfação para mim.
Estava adorando cada segundo ao lado dele.
Peter era tranqüilo, gentil, romântico, doce e muito misterioso; o seu jeito de me tratar me fazia sentir segura e protegida e até mesmo única já que nunca ninguém fez tanto por mim em tão pouco tempo e de uma forma tão única.
Estar com ele naquele momento me fazia sentir a garota mais sortuda e feliz do mundo, mas eu temia que o conto de fadas acabasse em breve, mesmo não querendo pensar nisso, mesmo não querendo pensar que toda fantasia tinha seu final, eu sabia que tudo que é muito bom e grandioso dura pouco, mas o suficiente para se tornar eterno.

- Não há muito a ser dito. Eu só tive um namorado, mas não foi um relacionamento muito saudável, vamos dizer assim. – Pude me lembrar claramente de toda aquela situação envolvendo Will e Amber, mas não senti nenhuma dor ou tristeza, eu não sentia absolutamente nada em relação àquilo.

- Ele foi um idiota com você? – Ele questionou, me observando comer mais uma colherada do mousse com uma expressão serena em sua face.

- De fato, ele foi. Mas foi uma experiência importante na minha vida, eu descobri certas coisas que foram importantes para a pessoa que me tornei. – Murmurei, percebendo que havia terminado de comer o mousse e repousei a vasilha na mesa, percebendo que Peter seguia com seus olhos cada movimento meu.

- Você sempre tenta levar para o positivo tudo que acontece de ruim em sua vida ou foi só nessa situação? – Peter questionou com um tom firme de voz e uma curiosidade transbordando em suas palavras

O olhei com uma expressão de dúvida por alguns segundos, ele me observou com a mesma intensidade, aguardando a minha resposta, parecia que ele necessitava daquela resposta, não para me conhecer melhor, e sim, para si mesmo.

- Porque você está perguntando isso? – Questionei, erguendo uma de minhas sobrancelhas.

- Eu ... Eu só quero te conhecer. – Ele disse de maneira suave, dando um passo em direção a mesa, assim quebrando a pouca distância que existia entre nós. Pude sentir o seu perfume amadeirado tomar conta do meu ar em questão de segundos e deixei um leve sorriso cair em meus lábios. Ele não saberia tudo sobre mim em uma noite apenas.

- Você terá que me conhecer para deduzir por conta própria essa questão. – Respondi, o olhando atenta a seus gestos. Ele deixou um sorriso cair no canto dos seus lábios, quase imperceptível, ele olhou em direção da travessa com as sobremesas e pegou um pote, ele abriu a tampa e pude ver que era um impecável *creme brûlée*, mordi meus lábios de súbito.

- Que bom que temos muitos, muitos anos para nos conhecer por completo. – Ele disse, sorrindo levemente.

- Está disposto a gastar anos da sua vida para me conhecer por completo? – Murmurei, um pouco descrente da sua afirmação, observando ele pegar uma colher e logo em seguida, com um movimento rápido se sentar ao meu lado na mesa.

- Sim, estou. Eu suponho que tenha o que, dezoito anos de sua vida para me capitular e ainda os anos que se aproximam, sendo que esses eu pretendo acompanhar bem de perto, então não perderei nenhum detalhe. – Ele murmurou, observando a sobremesa que estava em suas mãos, ele me olhou de uma maneira seria, contudo com encanto em seus olhos. – Mas eu só poderei fazer isso se você permitir.

Nada disse.
Não conseguia formar uma sentença completa que fosse coerente para a língua inglesa ou tão intensa como a frase que ele havia dito.
Ele não tinha ideia de como aquilo havia me afetado.
Fiquei apenas olhando aqueles olhos azuis que me fitavam com uma intensidade que nunca ninguém antes me olhou, era como se ele me conhecesse, de corpo e alma. Eu estava completamente sem palavras, o observava em busca de algum detalhe que poderia comprovar aquela minha antiga ideia de que ele não existe, que ele não era real e que era uma ilusão da minha imaginação fértil.
Mas ele era real, tão real quanto eu.
Eu podia sentir o seu cheiro amadeirado intenso, o tecido do seu sobretudo estava roçando suavemente em meu braço, quando ele virava seu rosto em minha direção eu podia vislumbrar seus olhos belíssimos, seus lábios vermelhos em um tom claro e a sua respiração que entrava em contato com a minha pele.
Sim, ele era real, sem dúvidas.
Senti que minhas bochechas coraram com os meus pensamentos e mordi os meus lábios, ele de alguma forma ficou desconcertado e olhou na direção da sobremesa que estava em mãos, ele estendeu em minha direção em um movimento só, erguendo as sobrancelhas.

- Gostaria de fazer as honras?

- Claro. – Respondi, estendendo minha colher e quebrando a casquinha suave do doce. Não resisti e quebrei mais três pedaços rapidamente, antes que ele pedisse para parar, contudo ele apenas riu.

- Ei, o que você está fazendo? – Ele questionou, rindo. – Deixe um pouco da casca para eu quebrar também.

- Você gosta de quebrar a casquinha do *creme brûlée* ? – Questionei incrédula, ele sorriu tímido, concordando e quebrando um pedaço da casca com uma expressão satisfeita. – Eu pensava que era a única doida que gostava de fazer esse tipo de coisa. Bom, eu e a *Amelie Poulain*.

- Existem muitas coisas sobre mim que você precisa saber. – Ele disse com um tom de voz misterioso, ficando com uma expressão seria, eu não consegui controlar uma risada.
- E essa é uma delas. – Murmurei, pegando uma colherada do doce e provando aquela delícia dos Deuses que eles criaram para mim.

- Exatamente. Sou viciado em quebrar casca de *creme brûlée*, me condene por isso ou se junte ao clube. – Ele disse, pegando uma colherada do doce e comendo o mesmo com um sorriso travesso em seus lábios.

- E em que mais você é viciado? – Questionei pegando mais uma colherada.

- Eu gosto muito de música e tenho facilidade com certos instrumentos musicais, eu também gosto muito de ajudar as pessoas e faço parte de um projeto em Londres, em uma instituição ...

- Que tipo de projeto? – Ergui uma sobrancelha curiosa, pegando outra colherada da sobremesa.

- Vamos dizer que eu trabalho com as mãos. – Ele respondeu misterioso, ergui ambas as sobrancelhas em choque e ele começou a rir de maneira animada. – Não é

nada disso que você está pensando.

- Como você sabe no que estou pensando? – Questionei semicerrando meus olhos enquanto o mesmo ria de minha expressão - Você lê mentes ?

- Eu só sei e pode ter certeza que eu não sou um mutante, bem que eu queria ser. – Ele respondeu, dando de ombros. - Ah, e eu tenho uma estranha habilidade malabarística, sou bom com maças, bolinhas de tennis, ...

- Você faz parte do circo londrino, loiro? – Questionei com sarcasmo, erguendo uma sobrancelha. – Olha, espero que não tenha animais nesse seu circo, sou contra o abuso a animais selvagens e o PETA também, você pode entrar em uma enrascada.

- Pode ficar tranqüila, eu não faço parte de nenhum circo, mas garanto que eles iriam me recrutar se descobrissem os meus talentos.

- Não duvido nada. – Respondi, rindo levemente, pegando o último pedaço da sobremesa que Peter iria pegar, mas ele afastou a colher dando total caminho para mim, eu cortei, deixando a outra metade para ele que pegou com um sorriso leve.

- E você, quais são seus vícios? Além de chocolate, quebrar casca de *creme brulée*, morder os lábios sempre que algo a surpreende e você fica sem palavras, e levantar excessivamente as sobrancelhas. – Ele murmurou, olhando para um ponto do ambiente e por fim, olhando para mim com um sorriso convencido.

Fiquei em silêncio novamente, o observando com a boca levemente entreaberta; como ele conseguia me deixar sem palavras dessa maneira?
Como eu permitia que isso acontecesse?
Como ele havia percebido as minhas manias em tão pouco tempo?
Só minha mãe e Rachel vinham claramente esses meus trejeitos.
Mordi meus lábios para impedir que continuasse com os meus lábios abertos feito uma boba, ele riu e eu percebi que havia me traído.

- Ok, eu tenho mania de passar as mãos nos meus cabelos e nos cabelos das outras pessoas, obviamente se eu tiver intimidade com elas, eu sei que é nojento, mas eu

vivo mordendo tampa de caneta, principalmente quando preciso responder questões complicadas e capciosas. Mais o que? – Questionei a mim mesma, pensando. – Ah, toda vez que entro no supermercado eu preciso comprar um pacote de *Doritos*, é uma necessidade de existência e o mesmo acontece com os livros, sempre que entro numa livraria, eu acabo saído com um exemplar embaixo do braço...

- Eu acho que você acabou de se trair, você disse que nada a viciava que você é o seu próprio vicio, nessa listinha você não se mencionou, pelo menos você não disse nada ainda.
– Ele ergueu ambas as sobrancelhas, me olhando.

- Você me interrompeu, Peter. Não me deu oportunidade de dizer que sou o meu maior vicio. Pronto, falei. Satisfeito? – Questionei de uma maneira divertida.
- Muito, muito satisfeito. – Ele respondeu, rindo acompanhado a mim. Aos poucos o sorriso se desfez de seu rosto e vi que ele enrugou o cenho, enfim olhando para mim.
- Qual é o seu nome?
- Como é que é? – Questionei surpresa, ele me olhou com ambas as sobrancelhas erguidas, em choque. – Amelia não lhe contou?

- Não. Eu supôs que ela soubesse o seu nome, mas eu queria ouvir dos seus lábios e não dos dela. – Ele pausou por alguns segundos, sem mudar sua expressão seria. - E mesmo que ela tivesse a intenção de me contar, não nos encontramos desde a hora do café da manhã e a única notícia que tive dela depois desse horário foram duas mensagens, a primeira foi sobre o cinema que ela marcou para com você amanhã a tarde e a outra mensagem que ela me enviou, dizia que você havia confessado sua paixão por chocolate e culinária francesa e japonesa, então eu corri atrás dos mousses no restaurante e escolhi a culinária francesa como nosso jantar, e mesmo tendo a chance, ela não me revelou seu nome. Ela me conhece muito bem, creio eu, que ela já imaginava que ficaria mais feliz tendo essa descoberta sozinho.

- Ela disse que estava mandando uma mensagem para Dorian. – Me recordei do momento que ela havia pego o celular com um sorriso leve nos lábios e disse que enviaria uma mensagem a seu namorado, dizendo o quanto sentia saudades dele,

enquanto isso eu me lambuza com a minha taça de sorvete de chocomenta, nem se quisesse muito eu teria notado que havia segundas intenções naquela sua atitude. – Ela me enganou direitinho.

- Vamos dizer que Amelia trabalha de maneiras misteriosas. – Ele deixou um leve sorriso escapar de seus lábios. Ele voltou a me olhar, de uma maneira charmosa com uma expressão ansiosa crescendo em seu rosto. – Então, como você se chama?

- Katerina Farrell, mas eu gosto que me chamem de Kate ou de qualquer outro apelido, desde que eu o aprove e ache que faz jus a mim. – Respondi sem pestanejar. – E você? Eu sei que seu nome é Peter, mas desconheço seu sobrenome. – O que era uma mentira, porque eu sabia que seu sobrenome era Hartley, já que Amelia havia dito, mas como ele, eu queria ouvi dos seus lábios seu nome completo.

- Peter Hartley, mas me chame de Peter, eu não gosto de apelidos como Pete, P, Pet, ou comparações com o *Peter Pan,* por exemplo, tenho trauma de infância com isso. – Ele falou de maneira tranqüila, enrugando o cenho. – Se eu te chamar de Katerina, você vai ficar com raiva de mim?

- Não, mas vou me arrepiar até o fundo da minha alma.
- Por que? – Ele questionou abafando um riso.

- Porque existem três opções que são utilizadas para quando alguém me chama de Katerina: Primeira, eu aprontei alguma coisa; Segunda, estão com raiva de mim; terceira e última: estou muito, muito encrencada. – Respondi de uma maneira seria, mas tentando abafar um riso.

Alguns segundos se passaram e ele se manteve calado.
Eu o imitei, repensando no que havia dito, se havia sido estúpida, exagerada, tediosa, mas não, eu havia utilizado do meu tom natural de voz, ele estava apenas preso em seus pensamentos.
Senti um formigamento tomar conta de minha mão e pensei que era porque eu estava com ela apoiada a muito tempo, mas não era isso. Eu olhei na direção dela e vislumbrei Peter segurar ela delicadamente, seus olhos encaravam nossas mãos unidas e lentamente se transferiu para a direção de meus olhos.

Novamente fui tomada por aquela vontade de beijá-lo e podia jurar que ele também estava desejando isso. Seu leve movimento em minha direção com seus lábios entreabertos o entregaram, mas ele parou, sem soltar minha mão, mordi meus lábios, apertando levemente meus dedos entre os deles, tentando controlar a minha vontade de beijá-lo ali e agora. Senti que ele se aproximará um pouco mais de mim, a distância que havia entre nós era apenas um breve espaço entre nossos rostos onde o ar era o único a atrever-se cruzar.

- Sinto lhe informar, mas você está muito, muito encrencada, Katerina. – Ele sussurrou próximo aos meus lábios. Sua voz grossa e seu sotaque britânico foram fator principal para eu sentir todo o meu corpo gelar de nervosismo, tinha medo de olhar para ele e não conseguir controlar a minha impulsividade de beijá-lo, mas eu iria descobrir se era forte o bastante para isso e olhei, desafiando aqueles olhos azuis tão intensos a penetrarem meu olhar.

- Qual foi à encrenca que causei? – Questionei, sentindo a minha voz ficar em um tom mais baixo que o normal enquanto as palavras saíram lentamente de meus lábios.
- Você roubou o meu coração. – Ele disse sem pestanejar, olhando intensamente em meus olhos. – E agora, eu vou ser obrigado a jogar fora, anos de bondade e terei que me transformar em um garoto bem ruim, porque eu vou roubar o seu coração para mim.

- Você não precisa roubá-lo. – Respondi, sem desgrudar meus olhos dos seus, podendo sentir a sua respiração entrar em contato com a minha, o que fez com que eu mordesse meus lábios. – Ele é todo seu. – Sem tirar meus olhos dos seus. – Eu não sei que espécie de magia você tem sobre mim, só sei que quero apenas desfrutá-la ... Cada vez mais.

Peter me passava uma sensação de confiança, segurança e proteção que eu nunca havia sentido antes. Eu ficava extremamente nervosa com ele, meu coração simplesmente não parava de pular em meu peito com o mínimo de aproximação que tínhamos, o meu estômago estava sofrendo uma revolução de borboletas de tão agitada que estava. Peter me fazia sentir diferente, de uma maneira que nenhum

outro garoto me fez sentir. A curiosidade do conhecimento de um do outro era fascinante e extasiante, ele não parecia estar decepcionado com nada que eu disse e eu também não estava decepcionada com a pessoa que ele me apresentava ser, contudo ele era muito misterioso em determinados momentos e isso não me assustava, pelo contrário eu quero e desejo saber mais sobre ele cada vez mais e algo incontrolável que cresce e me consume aos poucos, sem nem ao menos pedir a minha permissão.

Eu posso estar me apressando com os meus sentimentos, achando que sinto algo e no fundo não ser exatamente isso, mas uma parte de mim gritava e pedia para que me entregasse a Peter; viver essa fantasia era o meu único desejo no momento.
Dar a ele uma chance e desse a mim mesma uma chance de ser feliz porque eu poderia viver algo especial com ele, algo que eu jamais me esqueceria ou que talvez, eu aprendesse algo com aquela experiência, mas de uma coisa eu tinha certeza, havia apenas horas que eu o conhecia, mas eu sentia como se ele sempre estivesse em minha vida, como se ele fosse uma parte de mim adormecida que despertou depois de anos. Ele estava ali, ele era real e eu o queria, de uma maneira única e eu jamais deixaria que esse sentimento acabasse por medo de me envolver, o meu maior medo.
Eu iria deixar tudo acontecer.
Da forma que devia ser.

Meus pensamentos pararam de fluir no momento que senti o intenso olhar de Peter desviar de meus olhos em direção dos meus lábios, ele não se demorou muito e voltou a me olhar, entre a dúvida e o desejo. Ele me queria da mesma forma que eu o queria, nossos movimentos foram leves em direção ao outro, contido e tímidos, nos aproximávamos com cuidado e curiosidade.

- Kate? Você está aqui? – Ouvi a voz de Joana, abafada com o som da orquestra que estava tocando uma música romântica, mas havia completamente esquecido da existência de uma orquestra e de uma festa no salão, apenas me recordando agora com a presença de Joana no ambiente.

Peter e eu não nos afastamos, pelo contrário, continuamos imóveis, com um mínima distância de um centímetro, eu agora podia sentir o seu hálito quente batendo contra

os meus lábios, contudo ele acabou por se afastar, assim que o som de alguém descendo cuidadosamente as escadas nos chamou a atenção; era Joana.

- Desculpa. Eu não queria atrapalhar. – Joana disse timidamente, parada na metade da escada. Senti minhas bochechas corarem, enquanto Peter se colocou de pé com uma expressão seria em sua face. – Kate, posso falar com você, eu juro que é rápido.

Eu confesso que demorei alguns segundos para me lembrar como se andava, desci da mesa e andei em direção de Joana, a observando um pouco incrédula, não pelo fato dela estar ali, mas porquê há alguns segundos atrás eu e Peter quase dividimos o nosso primeiro beijo.

- Me perdoe, eu juro que não queria atrapalhar vocês. – Ela sussurrou, assim que parei na sua frente, ela segurou as minhas mãos e fez uma expressão surpresa. - Você está congelando, Kate.

- Isso se chama nervosismo Joana. Por isso estou congelando. – Falei no mesmo tom de sussurro. – Alguma coisa aconteceu?
- Não, eu só queria te avisar que eu já vou dormir, já passa da meia noite e amanhã vai ser um dia bem cheio.

- Por que você não me mandou uma mensagem? – Questionei, sentindo uma pontada de incredulidade em minhas palavras. Querendo ou não dá a entender isso, ela havia nos atrapalhado ali, isso é a quebra de uma das regras de melhores amigas: Nunca atrapalhar o primeiro beijo de sua melhor amiga com o cara de seu interesse, ou algo nesse tipo, Rachel deve saber como é, foi ela que criou essas regras, é claro.

- Porque meu celular descarregou e eu não queria incomodar ninguém pedindo um emprestado. – Ela deixou seu olhar cair em direção de Peter e em seguida me olhou, com o cenho enrugado. – É melhor eu ir embora, ele não parece muito feliz com a minha presença.

- Posso lhe garantir que eu sinto o mesmo sentimento que ele. – Respondi, erguendo ambas as sobrancelhas com os dentes trincados, Joana fez um bico chateado.
- Desculpa, desculpa. Boa noite, a gente se vê mais tarde, eu acho. – Joana olhou

para Peter. – Boa noite, desculpa.

Em seguida, ela se virou e subiu rapidamente as escadas, nos deixando a sós novamente. Mordi meus lábios, me lembrando de respirar eventualmente, porque era necessário. Ao me virar encontrei Peter parado no mesmo lugar de antes, ambas as mãos apoiadas na mesa e ele me observava com uma expressão seria. De repente, ele deixou um sorriso cair no canto dos lábios o que tranqüilizou meu coração.

- Você quer dançar? – Ele questionou de uma maneira suave. – Eu acho que está na hora de eu permitir que os outros desfrutem da sua beleza da mesma forma que eu já desfrutei. Pensando bem, não, eu sou egoísta, o que você acha de dançarmos aqui?
- Peter ... – Murmurei, rindo levemente.

- Kate. – Ele disse de maneira firme, ele deu alguns passos calmamente, parando em minha frente. – Eu sei que não lhe disse isso, mas, você está belíssima, chega a ser crueldade da minha parte mantê-la nesse bastidor, eu deveria estar expondo você para os outros. Eles ficariam com muita inveja de mim.

- Não, não ficariam. – Murmurei levemente, sentindo Peter colocar seus braços em volta de minha cintura, me aproximando levemente de seu corpo, sorri com seu gesto.
- Eles ficariam sim, sabe por que? Porque estou com a garota mais bonita que esse cruzeiro inteiro já conheceu. Pode parecer clichê, mas é a pura verdade.
- Peter. – Murmurei, deixando um sorriso de lado cair em meus lábios.
- Sim, Kate. – Ele disse, deixando um sorriso maior cair em seus lábios.
- Pare de encher o meu ego e vamos dançar.
Peter sorriu levemente e enrugou o cenho, olhando ao arredor.

- Eu acho que é melhor apagarmos essas velas, não queremos um incêndio no navio. – Peter murmurou, se afastando de mim, indo em direção das velas, andei para acompanhálo, mas parei bruscamente quando ele murmurou. – Nem ouse se mexer, eu faço isso rapidamente.

Fiquei o observando, tentando controlar o sorriso bobo em meus lábios, o ambiente começou a ficar escuro com mais rapidez, agora a única iluminação que tínhamos

vinha do palco, onde a orquestra continuava a tocar uma apaixonada canção.
Olhei ao arredor vendo a mesa que havíamos jantado sendo tomada pela penumbra como todo o ambiente, sorri, nunca me esqueceria daquele momento, pensei.
Assim que ele terminou a tal tarefa, ele se aproximou de mim, eu estava parada na ponta da escada, assim que ele parou na minha frente, pude vislumbrar mesmo com a pouca iluminação Peter abrir um grande sorriso, ele estendeu sua mão em minha direção de modo formal e eu a segurei sem receios, mas o frio na barriga se mantinha ali, não queria que essa sensação nunca mais fosse embora.
Ele começou a subir as escadas e eu o segui. Reparei que o salão estava mais vazio, mas que o clima sofisticado e misterioso continuava no ar. Sem demoras, Peter me guiou na direção da pista de dança, com um singelo toque de suas mãos ele me puxou para perto de si, me guiado no ritmo da música com leveza e refinamento.

Era apenas um violino que tocava uma melodia triste, contudo belíssima, eram notas suaves e precisas que envolviam a todos que dançavam naquele ambiente, contudo eu não reparava em seus rostos mascarados, meus olhos estavam vidrados nos intensos olhos azuis de Peter que estavam em grande evidência, graças à máscara que ele usava. Aqueles olhos me diziam tanto ...
Mal nos conhecíamos e eu me sentia tão acorrentada a ele, tão fixada a si como se já nos conhecêssemos há séculos e que agora estávamos apenas nos reencontrando para viver mais uma vez um grande amor.
Agora era tarde demais, eu estava presa a uma fantasia.
Presa em meu primeiro amor a primeira vista.

Tudo que ele dizia para mim me fascinava e tinha uma leve impressão que ele sentia o mesmo por mim, dançávamos de uma forma que eu diria ser hipnotizante, estávamos completamente tomados pelo ritmo da música que nos levava em uma dança misteriosa e romântica. Nossas mãos unidas como se fossem uma só, nossos olhares conectados, o violino era acompanhado por vários outros que tocavam alto e mais precisos a sua história, triste e romântica, apaixonada e sofredora, e eu temendo que isso tudo fosse um grande sonho, queria para sempre acreditar estar vivendo esse sonho, era indescritível essa sensação de paixão única.
Peter fez com que eu girasse, o que eu diria ter sido um movimento perfeito de suas mãos já que não me desequilibrei ou/e pisei em seus pés, assim que eu voltei fiquei

completamente sem reação, estávamos muito perto um do outro novamente. A separação que existia entre nós era provavelmente de alguns centímetros e nossos olhos continuaram a se observar daquela forma enigmática, respirei e senti logo em seguida que ele havia feito o mesmo, já que o seu ar bateu de encontro aos meus lábios. Peter abaixou levemente a cabeça e com essa posição me olhou sorrindo levemente, ele levou sua mão até a base do meu queixo e acariciou aquela região com delicadeza.

A última nota foi tocada e uma salva de palmas ocorreu, mas eu e Peter não nos afastamos, ele me olhava com um grande fascínio ainda acariciando o meu rosto, de repente ele se afastou brevemente de mim e se virou na direção do palco, aplaudindo a orquestra. Suspirei, voltando a entender o que era respirar, mesmo desconfiando que eu preferia muito mais a sensação de falta de ar que Peter me causava.
Deus! Como eu sentia falta de estar assim, encantada por alguém.
Bati palmas, agraciando a orquestra, observando Peter.

Peter sorriu para mim e indicou com a cabeça na direção da saída do salão, em seguida, estendeu sua mão em minha direção e sem hesitar a segurei, sentindo a delicadeza de seu toque, pressionando gentilmente seus dedos na palma de minha mão, como se quisesse conhecer cada pedaçinho ali exposto. Seus olhos subiram lentamente até que se fixaram nos meus, ele sorriu e eu retribui o gesto sem preocupação, Peter começou a me guiar perto de si na direção da saída.
Assim que saímos, começamos a caminhar na direção oposta que mais cedo eu havia vindo, Peter agora não segurava mais a minha mão, ele delicadamente deixou que a mesma caísse em minha cintura, assim me puxando para perto de si. Caminhávamos sem pretensão de parar, passávamos por todos os tipos de casais que estavam no ambiente, alguns se mantinham perto da borda observando o incrível oceano que estava em nosso horizonte como também haviam casais que como eu e Peter estavam apenas passeando pelo ambiente, conversando e namorando de maneira discreta. Grupos de amigos eram poucos, mas haviam alguns. As boates e pubs ficavam do outro lado do navio, mas dava para ver pessoas que não estavam arrumadas a rigor do baile de máscara, ou seja, eram pertencentes a outras festas espalhadas pelo navio.

Peter e eu, ainda estávamos próximo um ao outro, sua mão em minha cintura me mantinha presa perto de seu corpo de forma suave, diferente dos outros casais, estávamos em silêncio, apenas trocávamos breves olhares misturados com sorrisos tímidos que logo tratávamos de dar assim que afastávamos nossos olhares. Em determinado ponto pude ver professor Martin, que estava junto a uma mulher de cabelos negros e de porte muito fino, os dois conversavam na borda do navio, poderia jurar que meu professor a estava cantando e isso era apavorante, mas bonitinho.
Por sorte, passamos direto por ele sem ele nem ao menos notar nossas presenças. Esse negocio de usar máscaras até que estava caindo muito bem, pensei.
Me lembrei subitamente que já passava da meia noite e que eu deveria estar em minha cabine e não passeando pelo convés o que estava fora de minhas regras como passageira do navio. Olhei para Peter que me observou em seguida, sorrindo de uma forma que diria que envergonharia até mesmo os anjos.

- Eu não deveria estar andando pelo convés nesse horário. – Fiz uma careta com os lábios, mordendo os mesmos em seguida. – Está tarde e vou acabar acordando um caco amanhã e queria tanto aproveitar o meu dia de forma proveitosa.

- Hmmm. – A voz grave de Peter ressoou, voltando seu olhar para o horizonte, agora notava que havia menos pessoas ao nosso arredor, senti os olhos de Peter caírem por sobre mim e eu voltei a olhá-lo, presa em seus mistérios. - Viva perigosamente, Kate. – Peter sussurrou com sua voz forte, pressionando brevemente seu corpo ao meu.

– Eu vivo perigosamente. – Falei em um muxoxo, sorrindo levemente com o nosso contato maior. – Eu tenho uma lambreta, sou muito perigosa.

- O que? – ele disse, abafando um riso. – Nossa, me perdoe motoqueira selvagem, jamais irei dúvidar da sua selvageria e perigo. Mas deixe-me questionar: Você usa aquelas jaquetas de couro sexy com botas de salto alto? – Ele me olhou sorrindo de lado, eu ergui uma sobrancelha olhando seria para ele. – Eu só quero ter essa sua imagem na minha cabeça por um breve tempo.

- Tarado. – Murmurei, fazendo uma careta para ele dando um leve tapa em seu braço.
- Desculpe, não resisti. – Ele murmurou educadamente, ainda abafando uma risada. Ele ficou sério por breves segundos, me observando curioso. – Mas por que uma lambreta?
- Por que não? – Questionei, sorrindo maliciosa.

- Boa resposta. – Ele respondeu, agora rindo definitivamente, o acompanhei na risada, mas não conseguia esconder meu encanto por ele, o olhava sem pudor, vendo como ficava belo sorrindo.

- É uma lambreta de 1957 se não me engano, e preciso confessar que fiz um belo negócio ao comprá-la, ela foi mais barata, é econômica e é bem pratica. – Sorri levemente, percebendo que Peter me olhava com atenção. – Sem dizer que fico uma graça de capacete.

- Tenho certeza disso. – Ele murmurou, voltando a repousar sua mão em minha cintura, me deixando perto de si.
- E você? Qual é o seu meio de transporte?

- Atualmente eu não tenho me deslocado tanto de carro sozinho porque meus pais têm motoristas a meu dispor 24 horas então eu ando no carro da família, mas eu tenho uma *Harley Davidson* preta, que pertenceu ao meu pai quando ele era jovem, ou seja, têm muitos, muitos anos de existência, ela é mais uma relíquia do que um meio de transporte, só sai com ela algumas vezes apenas para ter a sensação de estar em uma *Harley*, contudo eu tenho um *Mustang 66* vermelho, uma relíquia também que comprei assim que completei dezoito anos, não deixo ninguém dirigir ele ... Sou um pouco possessivo com aquilo que gosto.

- Bom saber. – Murmurei, sorrindo de lado. – Eu sempre quis ter um *mustang*, é um dos carros mais bonitos que já vi. Meu pai tinha um ... Era preto e ele como você, tinha uma certa possessividade com o veiculo.

- Me perdoe se estou indo além do que devia, mas seu pai falecera do que? – Peter questionou com certo receio.

- Eu não sei ... – Murmurei de maneira fraca, buscando em minha mente as poucas conversas que tive com minha mãe sobre a morte de meu pai e em nenhuma delas ela havia me dito qual havia sido a causa de seu falecimento. – Quer dizer, eu ouvi conversas entre minha mãe e meu padrasto sobre o assunto e eu sei que meu pai teve falência múltipla dos órgãos, mas ela nunca entrou em detalhes. Ele bebia muito e fumava desde os treze anos ... Então, dá para deduzir o que foi.

- Eu sinto muito por você ter passado por tudo isso. – Peter murmurou de uma maneira pesarosa, seu olhar perdido no horizonte.

- Eu só tinha catorze anos, a minha família por parte de mãe e pai não permitiram que eu ficasse no hospital ao lado dele, eles não queriam que eu visse seu sofrimento. – Me lembrei claramente que a última coisa que meu pai falara comigo fora um "Eu te amo" a qual eu não correspondi e depois daquele dia nunca mais ouvi a sua voz, tentar lembrar de nossa última lembrança juntos era mais difícil ainda, mas não falei isso a Peter. Não queria dividir essa mágoa ainda. – Nem no enterro me deixaram ir ... Até hoje me arrependo de não ter sido mais incisiva com os meus desejos de estar lá.

- Não se culpe, Kate. Você só tinha catorze anos, só era uma garotinha, eles queriam que você ficasse com as lembranças boas de seu pai em sua memória e não as lembranças dele sofrendo em uma cama de hospital. – Peter murmurou pensativo. – Eu não anulo a escolha deles, foi uma opção complicada, contudo eles pensaram em você.

- É, mas eu queria ter estado lá. A opção foi deles como você disse e não minha, por isso esse é um dos meus poucos arrependimentos em vida ... Não ter estado com meu pai naquele momento.

- Kate. – Peter parou em determinado ponto, me olhando atento, ainda com sua mão repousada em minha cintura, seu olhar doce transparecendo pela máscara preta com grande atenção e seriedade. - Eu acredito que aonde quer que ele esteja, seu pai sabe o quanto você o ama e o quanto gostaria de estar com ele naquele momento e também acredito que não é que a pessoa morre em seu estado físico que ela deixa de

existir, pelo contrário, eu acredito que seu pai esteja o tempo todo com você. Você só precisa olhar para o seu coração e garanto que você o verá.

- Você tem razão, mas ainda é difícil aceitar a perda e é difícil ver ele no meu coração quando eu sinto ... Sabe, deixa para lá, eu não quero ficar te melanc

olizando com isso. – Murmurei, tentando sorri levemente, mesmo sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. Balancei a cabeça negativamente afastando tais pensamentos e o olhei. – Você é espírita? Porque tudo o que você disse soou muito com a doutrina de Kardec.

- Não, eu conheço e aprecio o espiritismo, mas não tenho uma religião. Na realidade, eu não acredito em religiões, acredito em Deus. Creio que no fundo é isso que Ele deseja de nós. Apenas fé Nele. – Peter murmurou, se aproximando da borda do navio e se encostando à mesma, me observando; me aproximei de si, parando a apenas dois passos de distância de seu corpo, ainda próximo a si. – E você? Segue alguma religião?

- Toda a minha família é católica e somos bem devotos a religião, mas eu gosto de conhecer as outras religiões, mesmo já tendo a minha. Tenho um fascínio pelo espiritismo e o budismo em especial, mas gostei da sua afirmação, acreditar em Deus é à base de tudo, então porque se espelhar em uma religião apenas? Ainda mais porque as pessoas estão se esquecendo que por trás das religião existe Deus e quando se lembram disso ... – Enruguei o cenho, voltando meu olhar para Peter que agora tirava a sua máscara preta, a guardando dentro do bolso de seu sobretudo, observei atento seus olhos azuis profundos, mas havia algo que chamava mais a minha atenção nesse momento. Graças à luz da lua pude reparar como Peter estava pálido, Amelia era branca de uma forma que não estava nem perto da coloração que Peter tinha que não chegava perto do meu pálido, pude notar também que abaixo de seus olhos profundas olheiras habitavam. – Você ... Está gripado ? – Questionei desconfiando que a resposta seria negativa, ele me olhou confuso. – Você está com olheiras e muito pálido ... Por isso a minha pergunta, não tinha reparado antes.

-Ah ... – Ele respondeu completamente desconcertado. Seu cenho se enrugou e seus

olhos se fixaram no chão, me olhando em seguida com certa intensidade. – Deve ser isso mesmo. O vento frio deve estar me deixando propenso a uma gripe e ... também não tenho dormido muito bem, não consigo dormir fora de casa, eu sei que é idiota, mas a minha cama é o único lugar onde consigo dormir perfeitamente.

- Isso acontece comigo também. – Comecei a rir com a coincidência. - Eu sempre achei que era a única que sofria com isso, eu simplesmente não consigo dormir na casa dos outros, posso levar meu ursinho de pelúcia, meu travesseiro, meu cobertor... não adianta, eu simplesmente não consigo dormir. Até estou surpresa que consegui dormir nessa última noite, acordei algumas vezes, mas ... – O observei atentamente, percebendo como ele me olhava de uma forma encantada como se não estivesse entendendo nada que eu dissesse, mas que mesmo assim estivesse impressionado com o que eu falava. - E eu estou te entediando ... Vou calar minha boca. – Murmurei rindo nervosamente, notando que estávamos sozinhos naquela área do convés e eu gostava que fosse assim.

- Não, não está. Pelo contrário, tudo que sai de seus lábios me fascina ...- Ele murmurou me olhando com um charme inexplicável. – Mesmo que seja sobre a sua falta de habilidade de dormir em camas alheias. – Peter começou a rir animado e eu acompanhei a sua risada. Um pouco receoso, ele estendeu sua mão em direção do meu rosto, parando com ela próximo a minha máscara. – Posso?

Balancei minha cabeça positivamente e em questão de segundos e com um movimento suave Peter tirou a máscara que cobria os meus olhos, deixando a cair em suas mãos, em seguida ele me olhou e sorriu levemente.

- Agora sim. – Ele murmurou e ficou a me observar atentamente deixando seus dedos escorregaram delicadamente em meu rosto, em um carinho cuidadoso, enquanto ficava a me observar com extrema atenção o que estava me deixando bastante frustrada e nervosa, podendo sentir minhas bochechas corarem com o seu toque singelo em meu rosto.

- Er ... Que foi? Tem algo ... sujo? – Questionei, sentindo a minha voz sair falhada.
- Não. – Ele respondeu, abrindo um grande sorriso. – Você está perfeita.

- Ah ... – agora foi a minha vez de ficar desconcertada, sentindo até mesmo o meu coração alavancar em meu peito com força como se estivesse prestes a parar.
- Isso se chama carinho, Kate. – Ele murmurou, se aproximando um pouco mais de mim, agora com a sua mão toda segura em meu rosto de forma suave.
- Eu não estou acostumada a isso. – Murmurei, ainda desconcertada em minhas palavras, sentindo seus dedos tocarem meu rosto com leveza.

- Então, se acostume, pretendo te mimar muito nos próximos dias. – Peter sussurrou, agora podendo notar o quanto ele estava próximo a mim, podia sentir seu hálito quente tocar a minha pele em questão de segundos e isso fez com que cada pedaçinho do meu corpo gelasse de nervosismo.

- Por que eu? – Murmurei de uma forma descrente. – Quer dizer, com tantas garotas aqui dentro, mais bonitas do que eu, até mesmo mais interessantes do que eu ... Por que eu?

- Por favor, Kate. Não faça o papel da garota com baixa auto estima porquê ele não cai bem em você. – Ele murmurou de uma forma familiar, como se soubesse que eu tinha o costume de me auto depreciar.
- É só que ... Esquece. – Murmurei, enrugando o cenho. Me afastei levemente de si, assim sua mão se afastou de meu rosto rapidamente. Me encostei na borda do navio, observando o sereno, profundo e negro oceano a minha frente. Como sempre escondendo seus desejos e segredos. Eu sabia que Peter me observava, mas eu tentava ignorar isso ao máximo. Eu não havia me questionado disso ainda, por isso havia sido estranho perguntar a ele porque eu. Eu sei que nos conhecíamos há apenas um dia, mas porque eu? Porque fazer um jantar incrível como aquele para mim uma garota que ele mal conhece? Definitivamente existiam garotas muito mais bonitas do que eu no navio, mais inteligentes e interessantes, então por que eu?

Que pergunta chata, mas que faz tanto sentido.

- Um cigarro pelo seu pensamento. – Peter sussurrou próximo a mim, me mostrando sua carteira com cigarros, me olhando com intensa curiosidade. Peguei o cigarro o colocando em meus lábios, Peter o acendeu, olhando mais para minha boca do que

para o cigarro em si. Dei uma boa tragada sentindo o tabaco entrar em meu corpo em um profundo relaxamento, em seguida joguei a fumaça na direção do oceano e olhei Peter, o mesmo que já tinha um cigarro na boca.

- Você não é real.

- Você não está pensando nisso. – Ele murmurou incrédulo, fumando brevemente o cigarro e deixando a fumaça escapar em seguida. – Sério, pode me falar o que tiver pensando. Não vou te julgar se você estiver pensando em coisas pervertidas ou até mesmo mal de mim, sabe, estou acostumado com a negação.

- E nisso que estou pensando. Eu juro. – Murmurei, olhando com um sorriso bobo nos lábios. – Você não é real.
- Como você pode pensar que não sou real? – Ele questionou me olhando de uma maneira incrédula, diria.

- Porque ninguém nunca se interessou por mim dessa forma, é por isso que estou tão impressionada, ninguém nunca fez as coisas que você está fazendo por mim e ... Quer dizer, os garotos fazem esse tipo de coisa por mim quando querem sexo, mas alguma coisa me diz que você não é um desses garotos. – Sorri levemente, observando o cigarro queimar levemente enquanto dei uma tragada, ao afastar o cigarro dos meus lábios eu o olhei reparando seus olhar pensativo em minha direção. – E, eu acho que minha imaginação fértil seria capaz de criar um garoto como você, então por isso desconfio que não és real.

Peter apagou o cigarro na lixeira que tinha ao nosso lado, largando o cotoco junto com os vários outros que estavam ali, ele se aproximou de mim e eu o olhei surpresa com a sua aproximação. Sem tirar seus olhos de mim, ele desceu sua mão pelo meu braço livre, calmamente como se intencionalmente quisesse me fazer arrepiar, ele segurou a minha mão, entrelaçando nossos dedos gentilmente, em seguida guiou sua mão na direção de seu peito, a repousando bem ali, me olhando com atenção, seus olhos apenas mostrando profundidade e seriedade.
Em questão de milésimos senti seu coração batendo com força contra a minha mão. Eu o observava incrédula, já ele sorria em paz.

- Está sentindo isso? É o meu coração e ele está batendo por você. – Peter continuou a sorrir, murmurando em um tom baixo, mas firme de voz. – Eu sou real, Kate. Não duvide disso.

Eu continuava o olhando sem palavras, joguei o cigarro que fumava na direção do mar e ele observou meu ato com uma expressão curiosa, mas ele não se movimentou ou afastou minha mão de seu peito, mas foi quando me aproximei de si que vi como ele ficou nervoso. Seu olhar se arregalou em minha direção e senti que sua mão ficou escorregadia de imediato. Novamente estávamos a centímetros afastados, apenas separados por uma parede de ar. Nossos olhos como sempre interligados de uma maneira sobre humana. Passei a minha mão livre na mecha de seus cabelos que caia por sobre a sua testa a jogando para o lado, uma mecha desfiada e lisa que passou em meus dedos de uma maneira suave. Sorri e desci nossas mãos de seu peito, encostando no lugar a minha cabeça, mas exatamente o meu ouvido. Eu nem precisei me curvar, batia exatamente na altura de seu peito, mesmo eu já sendo gigante - 1.70 não é um tamanho normal para uma jovem - ele conseguia ser maior do que eu, um dos atributos dele que eu adorava.

Podia ouvir seu coração batendo de uma maneira mais forte que antes, sem um ritmo exato, suspirei ouvindo como essa batida era tão boa de ser escutada. Senti Peter amarrar seus braços em volta do meu corpo, dando alguns passos para o lado, ele se encostou na borda do navio e ficamos abraçados daquela forma por longos minutos. Encostada no peito de Peter eu me sentia segura e confortável e o som do seu coração era tão bom de ser ouvido que poderia passar noites daquela forma, apenas sincronizada nas batidas dele. Alguns segundos depois e de maneira tímida, Peter passou suas mãos em meus cabelos, os acariciando, sorri para o seu ato, ainda presa ao som que seu coração exercia em mim.

- Porque você é diferente. – Peter sussurrou, abri meus olhos e me movimentei brevemente, o olhando com incompreensão. – Você me questionou o porquê de ser você e eu estou respondendo. – Ao analisar minha expressão, Peter desceu suas mãos até a minha cintura, me mantendo virada a sua frente. – Não foi apenas a sua beleza que me atraiu, mas muito mais coisas que vão além do meu entendimento. A maneira que você sorri é tão natural e especial, eu fico fascinado com a maneira que

você consegue expor toda a sua felicidade apenas dando um sorriso. A maneira que você anda, calmamente e tranqüila, sem pressa de nada, apenas entregue ao caminho a sua frente e mesmo assim, consegue ser tão sexy ... – Sua mão tocou meu rosto com carinho. – Mas o que mais me atraiu até você é o seu olhar. Eu não entendo o que você esconde nele, só sei que poderia passar o resto da minha vida apenas olhando seus olhos, olhando você.

- Peter ... – Murmurei, passando levemente a mão em meus cabelos, tentando buscar as palavras que melhor pudessem descrever o que sentia, mas nada conseguia fazer jus aquilo tudo que ele dissera. Nossos olhos se conectaram novamente, mordi levemente os meus lábios sentindo que o ar me faltava, vi que seus olhos trançaram um caminho em direção aos meus lábios e minhas bochechas coraram violentamente, ele por sua vez sorriu de uma maneira doce,encostou sua testa na minha, sem tirar seus olhos dos meus por nenhum segundo.

- Eu me pergunto qual é o seu feitiço? – Peter sussurrou. – Em menos de quarenta e oito horas me sinto preso e conectado a você de uma maneira que nunca me senti antes por nenhuma outra garota. Enquanto você se pergunta porquê você, eu me perguntou aonde você estava esse tempo todo.

- Em Durham, Carolina do Norte. – Murmurei, me sentindo idiota por ter dito isso, mas logo me tranqüilizei ao ver Peter sorrir.

- Eu sabia desde daquele momento que você caiu nos meus braços que aquele acontecimento não seria a toa. – Ele murmurou com certeza, eu o observei completamente confusa com o que ele disse, não me recordando de nenhum momento especifico ter caído em seus braços.

- Espere ... Do que você está falando? – Repousando minhas mãos em seus braços.

- Você não se lembra? – Ele questionou incrédulo, em seguida abriu um gentil sorriso. – Eu não sei ao certo o dia, mas sei que foi em junho, era um dia muito chuvoso naquela manhã e eu estava indo com Philipe para a agência de turismo em Durham, quando do nada uma garota escorregou bem na entrada da agência e na tentativa de impedir que essa garota caísse ao chão, eu a segurei em meus braços.

Você não deve se lembrar de mim porque eu estava de óculos escuros, mas eu me lembro perfeitamente de você. Estava toda encharcada, com os cabelos molhados, vestia uma jaqueta de couro preta e estava com uma mochila marrom, se não me engano, e parecia afobada com alguma coisa.

Como um *flash* aquela lembrança passou pela minha cabeça.
A chuva havia cessado, logo após eu ter chegado em frente da agência de viagem, é claro; É a lei de Murphy trabalhando contra mim.
Eu havia corrido três quarteirões para evitar ao máximo a chuva intensa que estava indo e vindo naquela manhã de julho. Era verão e deveria estar fazendo um calor torrencial em Durham, Carolina do Norte, mas pelo visto, os senhores do tempo me enganaram novamente. As nuvens intensas que estavam no céu deixavam bem claro que o sol não seria visto por muitos, muitos dias, então teria que me acostumar com a chuva, para o bem ou para mal, mesmo sabendo que sem o sol, me sinto completamente desnuda. Parei em frente da porta de vidro da agência *Traveler* e observei o meu estado deplorável. Estava vestida com o meu casaco de couro preto que estava encharcada com a água da chuva, os meus coturnos pretos estavam cheias de lama enquanto os meus cabelos pareciam ter colado em minha pele que estava gelada e pálida, mais do que o normal, uma brisa gelada estava me envolvendo e percebi que minhas olheiras haviam surgido com mais rapidez do que o normal.
Não tinha como melhorar aquele meu estado, então eu só podia aceitá-lo e fingir que estava satisfeita com ele. Entrei na agência e a porta se fechou sozinha graças ao vento, de imediato comecei a procurar à senhora Addams (se ela lembrar a Morticia Addams de duas ou uma: Ou peço um autografo ou saio correndo; tenho medo da maneira que aquela mulher anda, sério mesmo, Samara Morgan aprendeu com ela os principais movimentos de como ser assustadora) para quem eu tinha que entregar o formulário obrigatório para confirmar a minha viagem.
Depois que esse formulário fosse entregue, eu receberia a minha passagem de embarque para a viagem dos meus sonhos. Na realidade, eu ficaria satisfeita se os meus amigos tivessem escolhido avião como meio de transporte, eu chegaria ao meu sonho de maneira bem mais rápida e confortável, porém a votação foi contra aquelas pessoas que preferem a rapidez e praticidade.
Isso mesmo, eu ia participar de um cruzeiro.

Não demorei muito a encontrar a Senhora Addams - Não, ela não se parece com a Morticia. Amém!- entreguei o formulário a Senhora Addams que sem cerimônias entregou as minhas passagens que tinham o meu nome digitado na capa, observei abestada o meu nome naquele retângulo branco e senti meu coração saltar em meu peito enquanto a senhora ficava dando instruções sobre a viagem que eu fiz o favor de ignorar já que estava completamente abobada com a passagem em mãos.
Girei a mesma e vi na contra capa que havia uma grande bandeira da Inglaterra perto de outras bandeiras pequenas de países da Europa.
França, Itália, Alémanha, Suíça, Dinamarca, Portugal, Espanha, Grécia, mas nenhuma delas me chamava mais atenção como a da Inglaterra, bem no centro e destacada aos meus olhos, para mim, a bandeira da Inglaterra era a mais linda do mundo, junto com a bandeira do Brasil e a Americana. Eu era americana com descendência direta brasileira e amava as minhas nações, mas sempre tive uma intensa paixão pelos britânicos e sua cultura.

Eu estava liberada para arrumar as minhas malas por que eu estava oficialmente dentro daquele navio para a viagem da minha vida.
Sim! Sim! Sim!
Minha mente gritava e um grande sorriso caia em meus lábios.
Como eu estava feliz, eu queria pular e gargalhar, mas estava tentando me comportar como uma dama, algo que era óbvio que eu não era, apenas olhem para os meus pés enlameados e todo o papel de dama iria por água abaixo, literalmente.
A minha animação era tanta que tinha a vontade de dançar feito aqueles dançarinos da Broadway, sapateando e sacudindo um chapéu de coco alegremente, mas me contive novamente, ao lembrar que não sei dançar como eles, que não tinha um chapéu coco e que mesmo se tentasse dançar acabaria causando um acidente com o tão estabanada que sou, e eu não tenho dinheiro para pagar uma internação para terceiros, nem para mim o plano de saúde suporta esse tipo de acidente.
Me contive a pagar apenas um momento de mico em público - algo que era inútil já que eu era um imã de encrencas - e me direcionei para a saída da agência com o meu bilhete dourado guardado dentro de minha agenda.
Me sentia Charlie prestes a ir para a Fábrica de Chocolate.
Olhei para a chuva que caia torrencialmente e nem me importei, agora podia me

molhar a vontade por que tudo estava perfeito, o meu maior sonho estava prestes a se realizar e nada poderia destruir toda essa magnífica sensação que sentia, tudo estava da maneira que sempre sonhei. Eu, formada, e com uma vaga na Universidade de Columbia, em Nova York para cursar Jornalismo e agora indo em direção do meu sonho: Conhecer e desfrutar Londres com os olhos de uma apaixonada turista em busca de novas aventuras, sensações, descobertas, amizades, paqueras e tudo mais que Londres poderá me oferecer. Mas foi ai, nesse exato momento que fui puxada de volta a realidade, quando uma tragédia aconteceu.

Ok, eu estou exagerando, eu faço muito isso.

Não foi bem uma tragédia, eu simplesmente cai - algo natural para mim, é a minha habilidade de mutante como gosto de pensar - e isso tudo ocorreu em público, algo que não me impressionou, o que de fato me chocou foi que eu teria caído de bunda no chão se não fosse por um rapaz que me segurou pela cintura a tempo.

Eu teria me soltado dele as pressas, graças a minha timidez e pânico dele ser um tarado ou/e serial killer, se não tivesse ficado presa a ele de tal forma e eu não digo presa no sentindo total da palavra, mas no sentindo que havia algo ... diferente entre nós. Sabe, aquelas cenas de filmes quando o moçinho e a moçinha se encontram pela primeira vez e não conseguem se afastar? O coração acelera, a mão começa a suar gelado, o estômago desaba na barriga, toda essa babaquice emocional, que nós, garotas, sonhamos que aconteça conosco mesmo sabendo que isso é coisa de comédiaa romântica escrita por roteiristas frustrados no amor? Então, isso tudo aconteceu comigo e eu nunca havia sentido isso antes por alguém, o que é mais clichê ainda.

O que me deixou mais frustrada e impressionada, mais o primeiro caso do que o segundo: Eu estava morrendo de vergonha, podia sentir o meu rosto queimando e tinha certeza que as minhas bochechas deveriam estar com uma tonalidade perto do tom de um tomate. Olhava para o rosto do meu salvador e podia ver suas feições finas e delicadas, sua pele era clara, até diria pálida, seus cabelos eram loiros e caiam de forma desalinhada e estavam molhados com gotas pesadas caindo em sua pele e ele não parecia se importar com isso, suas sobrancelhas eram grossas e de tom castanho, ele era alto e magro, mas eu pude ver que aqueles braços eram fortes ou eu já teria caído ao chão há muito tempo, mas isso não acontecia, ele me segurava com vigor. O que me incomodava era a ausência de seus olhos já que ele estava com

óculos escuros rayban preto, mas eu podia sentir que ele me olhava atentamente da mesma forma que eu o olhava ou eu estava enlouquecendo com esse pensamento, o que era plausível.
Seu maxilar era arredondado e rígido e foi quando meus olhos encontraram seus lábios que estavam entreabertos, pareciam ao mesmo tempo em que buscavam por ar, procuravam por palavras para dizer para mim, pelo menos, era o que parecia.

Me afastei dele, num movimento rápido e estabanado quase que escorregando novamente, agradeci o gesto dele de forma inaudível, não era a minha intenção, mas ocorreu e sai andando rapidamente dali, o deixando parado no mesmo lugar com uma expressão que eu diria ser de choque, surpresa, curiosidade.
Olhei para atrás e vi um senhor, careca e sério com aparência de segurança, vestido com um belo terno e óculos escuros, parado ao lado de uma limusine preta, ele segurava um guarda chuva e olhava atento ao arredor, mas sempre voltava seu olhar ao rapaz. Será que aquele rapaz era alguma celebridade e eu não reconheci?
Será que ele é algum tipo de anjo da guarda que salva garotas atrapalhadas? Talvez ele se tele transporte?
Ou talvez ele seja apenas um cara normal que estava dentro de uma limusine por que é rico, diferente de mim, e esteja sofrendo de conjuntivite, por isso estava usando óculos escuros e por um acaso do momento ele me segurou impedindo que eu caísse do chão porque ele é um cara bom e gentil que gosta de ajudar as pessoas.
Uma pena porque eu adorei a opção dele ser um anjo da guarda.
Me senti uma idiota por não ter reparado nesse detalhe antes, podia notar isso agora: seus lábios entreabertos, sua sobrancelha grossa de tom castanho, maxilar arredondado e rígido, e sua pele pálida, era ele. Esse acontecimento era um fato perdoável, já que fiquei tão assustada e tímida com o ocorrido que de certa forma anulei aquela memória de minha cabeça, não dei muita importância ao momento e agora que me recordava dele estava impressionada com a coincidência que nos cerca.

- Meu Deus! Era você! – murmurei extremamente chocada.

- Eu me encantei por você bem antes de nos conhecermos aqui dentro desse navio. – Ele falou com certo charme. – Foram seus olhos Kate, eles me hipnotizaram e creio que ainda estou sob o efeito de tal coisa até dado momento.

Fiquei a observá-lo sem saber ao certo o que podia dizer, porque de fato, havia muito a ser dito.
Poderia dizer que tudo que ele sente, era recíproco ou até mesmo por um belo impulso, algo que seria bem meu estilo, poderia apenas beijá-lo. Mas nada fiz apenas fiquei a observá-lo, em questão de segundos, ele abriu um grande sorriso e voltei a ficar imersa a tanta sinceridade esboçada em seus lábios, era inevitável não sorrir de volta.

- Venha, está na hora de você dormir. – Ele murmurou no seu tom habitual baixo, em seguida ergueu uma sobrancelha malicioso – Não quero que você se meta em encrenca por causa de mim, além do mais, amanhã teremos o dia inteiro juntos e eu quero que você esteja pronta para aproveitá-lo comigo.

Sorri sentindo uma imensa timidez tomar conta de mim, mesmo que a estivesse superando de forma gradativa. Peter começara a andar lentamente, me olhando, logo o segui, o mesmo colocou o braço a minha disposição assim segurei ele, andávamos um ao lado do outro. Aproveitamos para continuar a conversar, agora falávamos sobre cinema e teatro, ele me contava como adorava filmes de suspense e terror enquanto eu dizia o quanto tinha pavor dos mesmos, encontramos algo em comum em relação a filmes, detestamos musicais, amamos James Dean e Marlon Brando e somos aficionados por *Star Trek* tendo como personagens preferidos Spock e Bones.

Caminhávamos sem a mínima pressa, conversando de uma maneira que eu diria ser íntima e qualquer um que nos visse pensaria que nos conhecemos há muito tempo, mas assim que chegamos no corredor do saguão principal, que leva para as cabines, o assunto simplesmente chegou ao fim.

Paramos em frente ao elevador, Peter acionou o botão do mesmo, ficamos por breves segundos esperando pelo mesmo enquanto trocamos breves olhares, assim que o elevador se abriu a nossa frente, Peter deu um passo para trás para eu entrar a sua frente, assim feito, ele entrou parando ao meu lado.
Eu sabia que era apenas um andar para descermos, contudo parecia que o tempo havia parado ou o elevador havia perdido a engrenagem de aceleração, porque estava

demorando a chegar ao meu andar. A tensão entre mim e Peter era evidente e eu podia ver pela maneira que Peter sorria, que ele estava adorando me deixar nervosa. Assim que a porta se abriu, ele fez um sinal para que eu saísse, o fiz novamente, comecei a andar, a alguns passos a frente, assim que parei em frente a porta de número onze, me virei, vendo Peter a alguns centímetros de distância do meu corpo. Tentei formular algo sensato a ser dito, mas nada saia. Podia agradecer pela noite incrível ou simplesmente dar um rápido beijo nele e esperar a sua devida reação, contudo, ele fora mais breve. Peter sem tirar seus olhos dos meus, ainda esboçando aquele sorriso leve em seus lábios que para mim era uma forma de dizer que ele sabia o que eu estava pensando, sem nem ao menos esperar ele desceu com sua mão pelo meu braço, causando os mesmos arrepios de antes, ele segurou a minha mão, a ergueu delicadamente no ar e a beijou, sem afastar seus olhos dos meus.

- Boa noite, Katerina. – Ele sussurrou com a sua voz forte, fechei brevemente meus olhos, mordendo meus lábios, ele sabia que eu ficava nervosa quando me chamavam pelo meu nome completo, mas com ele era diferente, ele me chamava pelo meu nome todo e eu ficava excitada, animada ... Por que tudo que saia pelos seus lábios se encaixavam tão bem para mim.

Peter se afastou brevemente, me dando uma última olhada. Fiquei a observá-lo a andar,colocando as mãos nos bolsos do seu sobretudo e andando de maneira serena, sem a menor pressa enquanto eu observava cada movimento que aquele garoto produzia. Ele não esperou pelo elevador, ele foi direto em direção a escada, sumindo da minha vista por fim.

Posso garantir que fiquei por longos segundos parada ainda observando o corredor vazio em minha frente. Com um movimento que não foi programado por mim, abri a bolsa pegando o cartão, passei o mesmo na fechadura magnética e abri a porta, me deparando com a penumbra que toda a cabine tinha.
Assim que fechei a porta atrás de mim, uma luz fraca vinda de um abajur foi acesa, dei um grito apavorada, me encostando na porta;
Pronto, era agora que o serial killer iria me matar, mas não foi dessa vez, me deparei com Joana e Rachel, a primeira sentada no sofá, vestindo um pijama rosa de florzinhas enquanto Rachel se mantinha vestida com as roupas da festa, com as

pernas cruzadas em uma pose que eu diria ser sensual e que eu sabia que ela passava horas ensaiando, sua expressão apenas me dizia uma coisa: Corra, que a coisa está feia para você!

- Como eu fui privada de espionar você e Peter, graças ao fator de que eu não recebi uma mensagem avisando onde a minha melhor amiga estava ... – Rachel murmurou, ficando de pé no momento que olhou Joana com ciúme, enquanto a mesma esboçou um sorriso animado. – Estou aqui em rendição, às duas horas da manhã querendo apenas fazer um pequeno pedido a você, Katerina. – Rachel murmurou de uma forma que não lembrava em nada Peter.

- O que você quer, Rachel? – Questionei olhando de Rachel a Joana.

- Conte me tudo, não me esconda nada. NA-DA! – Rachel murmurou se aproximando de mim apressada, repousando sua mão em minha cintura, dando leves pulinhos animados enquanto sorria sem pudor de animação. – Quero os mais sórdidos detalhes.
- E, caso você pense em recusar. – Joana murmurou, se levantando e mostrando um balde com uma garrafa de champagne dentro e uma sacola cheia de Doritos. – Temos formas de te subornar.

- Por favor! Por favor! – Rachel murmurou fazendo beicinho vendo que eu estava me fazendo de difícil.

Balancei minha cabeça positivamente vendo Rachel começar a rir animada, dando alguns pulinhos, comecei a rir vendo a animação da mesma enquanto Joana abria uma garrafa de champagne, que logo estoura assustando a todas nós que ao ver o que era começamos a rir. Joana e Rachel estavam bem harmoniosas entre si, o que estranhei, mas preferi não me concentrar nisso, talvez estivessem assim por causa de mim, ambas queriam saber como havia sido a noite com Peter então se uniram por essa causa.
É, era um bom pensamento.
Elas queriam saber sobre Peter e a minha noite com ele e no fundo, de uma forma bem egoísta, eu queria apenas falar dele e pensar em como aquela noite havia sido

incrivelmente perfeita.
Eu era a garota mais sortuda do mundo ...
E queria aproveitar muito essa sensação.

Capítulo 08 Primeiro Amor

Esse amor evaporou
E ficou pra trás
E se eu ficar
Ficarei viva
E depois sufocada empalavras Que sempre vou esconder Comlicença, primeiro amor Mas estamos terminados Preciso testar o beijo
De alguémnovo

First Love - Adele

Eu não sabia que horas eram.
E nem me importava com isso.
Me estiquei na cama, sentindo alguns ossos estalarem de maneira agradável, me sentindo descansada e relaxada, mesmo ainda querendo voltar a dormir, mas sabia que seria inútil tentar tal coisa.
Eu me sentia eufórica e animada, os acontecimentos da noite passada eram os grandes culpados por isso. Tirei a minha máscara de dormir e me sentei na cama com um movimento só.

Como no dia anterior, primeiramente, arrumei todo o meu quarto, recolhendo as roupas de dormir junto as minhas roupas usadas, deixando elas por sobre a cama assim que saísse do quarto as colocaria na cesta da lavanderia. Com tudo arrumado, fui em direção a uma de minhas malas em busca de um biquíni, short e uma blusa regata, pensava em mergulhar e talvez, se tivesse sol me bronzearia um pouco.
Nada como o sol para me dar energias.
O curioso é que eu estava bem humorada, algo que deixaria Rachel assustada, já que ela conhecia muito bem o meu mau humor matinal, não era a toa que eu era chamada de “monstro”, eram sete e meia da manhã e eu estava animada e agitada, eu que dormi as três e meia da madrugada e que tomei duas taças de champagne.
Ai, o champagne ...

Agora senti o champagne no meu sistema e uma leve pressão na cabeça deu “olá” para mim, será que eu nunca aprenderei a tomar o remédio contra a ressaca da maneira correta? Será que eu sou anormal ou coisa do tipo?
Acho melhor parar de pensar nisso, vou acabar tendo a resposta que não quero.

As lembranças da noite passada estavam cada vez mais avivadas em minha mente, podia me lembrar claramente de todos os momentos ao lado de Peter e isso me fazia cantarolar sem nem ao menos notar tal ato meu. Parecia infantil ou até mesmo idiota, mas eu estava muito abobada com toda aquela situação, fazia muito tempo que eu não me sentia assim ... Tão viva.
Me lembrava dos comentários de Rachel e Joana em relação a Peter e começava a rir sozinha, me lembrando em como as minhas duas melhores amigas conseguiam me surpreender com os seus pensamentos; eu acreditava que elas fossem ser completamente contra, principalmente Rachel que acreditava fielmente que eu devesse me divertir mais enquanto Joana sempre incentivou que eu investisse em Lucas, já que ele é bem parecido comigo, sempre achei estranho essa ideia dela, mas ...
Foi por isso que fiquei tão impressionada com a reação delas que estavam tão encantadas com Peter quanto eu.
Tudo bem, isso era uma mentira das grandes já que eu só pensava em Peter desde que o virá no convés, estava tão envolvida em seu misterioso romance, que esquecia como aquilo era doido e completamente perigoso.
Fantasioso e sonhador.
Eu não era o tipo de garota que ficava sonhando acordada, fora da realidade; eu sempre mantinha meus pés no chão, mas agora, sentia eles voando junto com minha mente e coração.
Ele era um estranho, que mesmo estando no navio com a família dele - o que passava certa segurança - , podia ter um tipo de vida na Inglaterra que ele pudesse estar escondendo de mim, apenas para conseguir seja lá o que queira de mim.
Talvez ele tenha uma namorada ou até mesmo duas ...
Uma esposa, um filho, talvez um namorado ...
Vai saber!
Às vezes, no fundo, ele só deseja sexo de mim, por isso está sendo tão sedutor e

misterioso, não seria a primeira vez que aconteceria isso comigo.
Talvez eu só esteja surtando como Rachel mesma disse.
Contudo havia algo mais que ela falou que me chamava muita atenção, algo que realmente mexeu comigo, porque era o que eu sentia quando o assunto era relacionamentos:

- Se entregue, Kate. – Rachel disse e eu sentia um nó se formar em minha garganta. Curta, aproveite o momento, o que tiver que acontecer, vai acontecer naturalmente, agora não pense, porque se você fizer isso, você vai parar de viver e essa é a grande sacada da vida, viver e fazer a diferença sem pensar, o resto fica na história.

Eu sempre mantinha um pé atrás em relacionamentos, um dos meus maiores medos era ter o coração partido, mesmo que eu dissesse o oposto estar vivendo esse romance podia me deixar ao mesmo tempo radiante como preocupada, eu sei que é necessário ter o coração partido, senão não aprendemos com os nossos erros e os dos outros, contudo eu não queria ter o meu partido, mais uma vez.
Não sabia se iria suportar mais uma decepção amorosa, por isso mantinha um pé no futuro e outro em segurança no presente, mas Rachel tinha razão, eu tinha que caminhar com os dois pés em direção ao futuro junto a Peter, sem medos de partir meu coração, porque se eu temer, não estarei vivendo.
Eu posso tentar fazer isso, vai ser difícil de inicio, mas é o certo.
Mesmo depois de duas taças de champagne e um pacote calórico de Doritos - o que deixava Rachel com os nervos a flor da pele, graças as calórias e conteúdo transgênico -, ela conseguia filosofar e ter total razão.

Tomei um delicioso banho, cantando *Walking on Sunshine* da *Katrina and The Waves* fazendo um *mashup* com *Highway To Hell* do *AC/DC*, eu deixava que a água morna me banhasse enquanto eu lavava os meus cabelos, fazendo passinhos de danças e topetes com o shampoo, me sentindo uma estrela do rock dos anos 80.
Tendo uma nítida noção que havia acordado todo o andar com a minha cantoria, decidi para o meu bem sair do chuveiro antes que invadissem o meu banheiro armados para me trucidar. Vesti o meu biquíni de tom branco, coloquei um short bem velhinho, todo rasgado e desfiado, e por fim vesti uma camisa regata de mesmo tom do biquíni, sendo que com a seguinte frase escrita *I see dead people* em

vermelho e com letras garrafais, bem a minha cara, já que adorava blusas com frases curiosas e famosas. Com os cabelos penteados e o meu rayban de tom branco preso no cós do meu short, colocando no mesmo o meu celular, alguns dólares e o cartão chave da cabine, sai da minha cabine e olhei na direção do sofá e lá estava Joana com uma expressão sonolenta mexendo em seu laptop rosa com desinteresse e seus óculos para leitura na ponta do seu nariz arrebitado.

- Bom dia. – Murmurei sorridente.

- É, boa noite. – Ela respondeu sem tirar os olhos da tela do laptop, evidentemente desanimada. Reparei que na mesa de centro ainda estava o balde de gelo com a garrafa de champagne vazia, algumas revistas de moda em cima de dois controles remotos que eram da televisão e do rádio, havia ali um isopor de tom escuro contendo dois cafés, um que estava já aberto e o outro lacrado. – Café? – ela questionou, ainda sem me olhar, balancei a cabeça negativamente, voltando meu olhar a mesa, já que algo em especial chamou a minha atenção. Um grande ramalhete de rosas vermelhas muito familiares estava ali em cima, contendo um bilhete preso em seu entorno. – Ah, são suas as rosas! – Ela murmurou como se estivesse lendo minha mente.

Sem nada a dizer, me aproximei da mesinha pegando o ramalhete, sentindo o cheiro forte que as rosas exalavam, meus dedos caíram por sobre o bilhete e ansiosa o abri me deparando com a caligrafia cursiva de Rachel o que me brochou ligeiramente:

Bom dia, estrelinha!
Estava prestes a sair para dar um mergulho quando fui interceptada por Phillipe, mordomo de Peter, que pediu para entregar essas rosas a você.

xx, Rach. PS: Você bem que pensou que era bilhete do Peter não é? Te peguei, bobona apaixonada
.

Voltei a mexer nas rosas, a procura de algum bilhete que pertencesse a Peter, às vezes Rachel só estava querendo mexer comigo para de repente me surpreender com um bilhete de Peter, mas nada. Mesmo eu já tendo essa certeza, eu rodava o ramalhete em minhas mãos, à procura novamente, na esperança de minha miopia - mesmo usando lentes de contato naquele momento - estar me enganando, quem sabe o bilhete está muito bem escondido, para ficar longe de olhares curiosos? Sempre é bom conferir.

- Eu acho que ele não veio ai dentro. – Joana murmurou, me olhando por trás de seus óculos de leitura.

- Vale a pena só dar uma conferida. – Murmurei em um tom sarcástico, em seguida me sentei na mesinha de frente a Joana a olhando pensativa, segurando o ramalhete em meu colo. – Como você está?

- Bem, eu acho. – Joana respondeu, dando de ombros, e me olhou pensativa. – Quer dizer, ontem foi muito estranho estar na festa sabendo que Steve estava lá também, sendo que não estávamos juntos. Por sorte, Lucas foi um amor, ficou a noite toda comigo, conversando, tentando me animar até dançamos, mas a verdade é... Eu não consegui parar de pensar em Steve, a gente nem se falou, foi tão estranho estar tão perto mais tão longe. - Ela pausou com uma expressão pensativa. - Teve uma hora, você já estava com o Peter, e eu fui pegar um coquetel no bar para me refrescar depois de tanto dançar e sem querer vi Steve não muito longe dali; ele estava tão bonito com aquele smoking, estava sentado na mesa conversando com Rachel. Eu fiquei o olhando de longe, ai do nada, ele me olhou também, de um jeito que parecia arrependido, por alguns segundos pensei que ele fosse falar comigo, mas ele afastou seu olhar do meu e eu voltei a ficar perto do Lucas, prometendo a mim mesma que ficaria o mais longe o possível de Steve. Eu não quero ter esperanças, não aceito sofrer por isso ... – Joana repousou o laptop no sofá, debruçando os braços em cima

das pernas que estavam dobradas em um estilo igual ao Buda. – Eu só queria entender, Kate. Porque agora? Tanto tempo juntos, passamos por fases tenebrosas e ele simplesmente pede um tempo agora? Quando tudo está bem. Por quê? O que aconteceu de diferente? Será que fui eu que mudei e não notei? Será que ele conheceu outra pessoa?

- Jo, você não tem culpa de nada disso. Não que Steve seja o culpado, mas precisamos enxergar os fatos: Steve é um bom garoto e se ele está pedindo um tempo é porque ele realmente precisa de um tempo para ele. – Murmurei, me sentindo idiota por estar dizendo o óbvio. - Não tente buscar motivos mirabolantes para o que está ocorrendo, apenas dê o tempo que ele pediu e continue a sua vida ... Sem ficar em função dele.

- Quanto tempo eu vou ficar nessa, Kate? – Joana questionou, enrugando o cenho. – Olha, eu sei que você é forte e agüenta todos os tipos de situações sem nem ao menos se abalar porque isso é da sua natureza, mas eu não sou como você, eu não tenho essa sua força, essa capacidade sobre humana de conseguir sobreviver a tudo. Eu amo o Steve e provavelmente ele vai ser o meu único e verdadeiro amor. Não posso seguir a minha vida sabendo que ele me pediu um tempo sem me dar explicações. Eu só quero saber o porquê, é pedir demais? Tantos anos juntos, uma amizade e amor tão puro e bonito, e nem ao menos um porquê ganho. Não quero ficar com essa pergunta em minha mente, Kate. Não quero acordar daqui há dez anos ainda me perguntando porque ele pediu um tempo e eu sei que eu vou me perguntar sobre isso caso continuemos nessa incógnita.

- Você pode ter razão. – Murmurei, mexendo nos meus cabelos.

- Sabe que a Britanny disse algo que está fazendo sentido, é só pesar os fatos e até você vai concordar que o que ela me falou pode ser verdade. – Joana murmurou, mais para si mesma do que para mim, revirei meus olhos apenas com a menção do nome da cobra.
- O que a Britanny disse, Jo? – Murmurei, a olhando atenta, mas sem deixar o meu sarcasmo de lado. – Lembre-se: ela fede a enxofre, não se pode confiar em alguém que usa o mesmo perfume do tio Lulu.

- Perfume do tio Lulu? – Joana questionou em dúvida, enrugando o cenho.

- *Made in Hell,* um perfume da linha Tártaro produzida pelo próprio senhor do mal – Abri um sorriso típico de comercial de perfume dando uma piscadela sexy no final.
- Edição limitada. – Joana abafou uma risada, mas logo voltou a sua expressão pensativa.

- Ela disse que Steve deve estar com outra pessoa, por isso ele pediu um tempo porquê ele quer ficar com a outra, sem se sentir culpado que está comigo, aí depois de usar bastante a outra, ele vai vir atrás de mim dizendo que sou a única dele e blá. – Joana concluiu, me olhando por fim. – Bem típico dos homens, disse Britanny.

- E você acredita no que a Britanny fala? – Falei, sentindo aquela mentira penetrar em minha pele enquanto eu tentava contornar a fofoca de *Britadia,* que por mais doloroso que fosse para mim pensar isso, ela tinha razão. – Joana, você sabe muito bem o tipo de pessoa que a Britanny é, me lembro muito bem da senhorita falando que jamais acreditaria em Britanny desde o dia que ela contou que Johnny Deep iria se casar com a Keira Knightley.
– Joana me olhou com seus olhos cheios de lágrimas, daquela forma que filhotes fazem quando querem algo. Respirei profundamente, buscando em mim uma grande força para não revelar toda a verdade a Joana, precisava me manter fora daquela situação e equilibrada, me lembrei. – Jo, não faz isso! Não me olha dessa forma e não se deprima dessa maneira. Lembre-se do nosso código de garotas: Nunca se rebaixar diante a um garoto, nunca chorar por eles, muito menos se deprimir por causa da existência deles mesmo que esse garoto seja Steve, complemento agora. – Repousei minha mão em seu rosto, acarinhando gentilmente com um sorriso sereno. - Eu sei que é uma situação difícil e entendo que você quer compreender isso tudo, mas eu não posso te dar essas respostas, Jo. Nem a Rachel muito menos a Britanny que mal sabe quem ela mesma é. Agora eu sei, que há uma pessoa que pode responder isso tudo que a está incomodando. Você mesma.

- Eu mesma? – Joana questionou incrédula. – Mas foi Steve que pediu um tempo ... Ele é quem tem as respostas!

- Não, Jo. É você quem têm, pense um pouco, sem se culpar ou martirizar. Se ele pediu um tempo é porque ele já está há algum tempo agindo de maneira diferente, ele não decidiu isso do nada, ele já estava a certo período de tempo pensando nessa situação, você só precisa pensar nos fatos e não se entregar a tristeza, principalmente, não dar atenção a fofocas criadas por Britanny Smith. E o mais importante de tudo: se lembrar que estamos falando de Steve. Ele é um bom garoto Joana e você sabe muito bem disso, melhor do que qualquer um, você o conhece bem e sabe o que ele faria e o que não faria. Então, não se entregue. Saia, passeie um pouco pelo navio com o pessoal, se divirta e quando sentir que é o momento pense sobre Steve, mas não se afunde aqui dentro do quarto e acabe perdendo toda a viagem que estamos vivendo lá fora.

- Mas e a Rachel? – Joana murmuro alguns segundos depois, pensativa. Me lembrei da noite anterior que ela havia comentado sobre a Rachel, mas que eu a interrompi para não entrar nos detalhes mais sórdidos da briga entre ela e Steve. – O que eu faço em relação a ela?

- Eu ... Eu não sei o que aconteceu entre a Rachel e você. – Murmurei de uma maneira cínica, o que começou a pesar em minha consciência.

- Eu não te contei? – Ela questionou, enrugando o cenho. – Eu jurava que tinha te falado, mas quando Steve me puxou para conversar a sós e pediu o maldito tempo, Rachel se meteu entre nós, dizendo que não era lugar para conversarmos sobre isso, ai perguntei se ela ao menos sabia do que estávamos falando e pela troca de olhares deles eu entendi que sim; ela sabe de algo Kate, por isso estou tão furiosa com ela. Discutimos ontem, logo depois que você saiu, ela chegou no quarto e acabamos discutindo, as coisas só se acalmaram depois que contei que você estava com Peter, ai ela fez questão de ficar esperando você, e eu também fiquei, no fundo queria concertar as coisas que foram ditas de maneira raivosa, odeio ficar brigada com a minha melhor amiga, puxamos um pouco de assunto, mas nada demais, ainda está um clima pesado entre a gente.

- Jo, eu não me sinto bem falando sobre isso ... – Murmurei, nervosa, sentindo as palavras prestes a se enrolarem em minha boca. – Quer dizer, eu quero te ajudar,

mas se eu te ajudo, eu acabo *traindo* o Steve e se eu ajudar ele, vou acabar *traindo* você, por isso eu quero ficar fora desse assunto. – Joana me olhou com estranheza e tentei soar mais suave, notando que havia falado o que não devia. – Eu não quero ficar na mesma situação que a Rachel,entende? É evidente que ela sabe de algo e que ela escolheu ficar ao lado dele ... – Merda! Merda! Merda! Porque você está fazendo isso com si mesma, Kate? Cala a boca! Olha, você pode se abrir comigo a qualquer momento, eu só peço que você não me coloque em posição de escolha, tudo bem?

- Como assim? – Joana questionou, pensativa.

- Eu não quero ter que escolher entre você e Steve. – Ou Rachel, pensei amargurada. – Eu posso te ouvir, te consolar, mas não quero opinar a seu favor, se for para eu opinar que seja dessa forma, de uma maneira que não esteja apoiando nenhum dos lados, ainda mais porquê eu não sei o que está havendo com o Steve ...

- Mas sabe o que está havendo comigo ... – Joana repousou as mãos no rosto, pensativa, em seguida balançou a cabeça negativamente. – Eu estou enlouquecendo por causa disso, desculpa por qualquer coisa, mas você tem toda razão, eu não quero fazer você se sentir pressionada, eu vou evitar falar sobre o assunto.

- Não quero que você evite, só não quero sentir que preciso escolher um lado. – Murmurei, concluindo, sorrindo levemente de lado. – Mudando completamente de assunto, eu estou indo dar um mergulho, está a fim?

- Não. – Ela respondeu fazendo um biquinho. – Quero aproveitar o silêncio da cabine e mandar uns e-mails para a minha família, mas assim que acabar aqui eu te ligo, ai a gente pode se encontrar no solário, talvez?
- Ótima ideia. – respondi, dando um beijo no rosto dela, ficando de pé. – Vai tudo ficar bem, Jo.

- É, eu estou contando com isso.

Assim que sai da cabine, comecei a caminhar pelo corredor que estava movimentado apenas por camareiras e poucos passageiros sonolentos que acompanhados de seus familiares iam começar suas atividades do dia, supôs.

Assim que comecei a descer as escadas em direção ao saguão principal, senti o meu celular vibrar, uma música animada e dos anos 60 começou a tocar e eu já sabia que era Steve. Ah não!
Isso já está se transformando em tortura medieval da pesada.
Mais um querendo os conselhos divinos da terapeuta de corações, Katerina Farrell.

- Meu Deus, o que uma pessoa precisa para conseguir um pouco de paz? Levar um tiro? – Murmurei, para mim mesma irritada, um casal de jovens loiros e de expressões superiores me olharam em choque, revirei meus olhos impacientes para eles, observando o celular que continuava a tocar, agora que eu cruzava o saguão principal. – Alô. – Atendi me sentindo subitamente mal humorada.

- Bom dia para você também, monstro. – Steve murmurou do outro lado da linha.

- Não me chame de monstro. – Respondi entre os dentes, andando pelo corredor sem uma direção fixa, percebendo que o sol estava raiando com intensidade e que o convés já estava bem movimentado de adultos, jovens e principalmente de crianças agitadas e barulhentas. – O que você quer, Steve?

- Ok, eu mereço esse tipo de tratamento. – Ele respondeu, um pouco sentido.

- Na realidade, você merece muitas coisas bem piores que posso descrever detalhadamente a você, são chamadas de torturas por certas pessoas, sabe? – Murmurei, observando o sol bater no oceano fazendo um tipo de reflexo dourado admirável.

- Dependendo do que você está pensando pode ser chamado de sado masoquismo também.
– Ele respondeu com certa malícia. – Alguns acham prazeroso.

- Eu vou desligar, Steve. – Revirei os olhos impaciente, sentindo um súbito enjôo com um pensamento aleatório de Steve em roupas sado masoquista, não era uma imagem muito bonita.

- Não, por favor. Vamos conversar. – Ele suplicou, com certo nervosismo.

- Eu não tenho nada a falar com você. – Respondi, parando em determinado ponto do convés, me encostando na borda do navio reparando um trio de garotos, dois morenos e um ruivo, o último me olhando com malícia descarada, passarem próximo a mim. Óbvio, que revirei meus olhos irritada com tal atitude. – Você sabe como foi deplorável ver você e Rachel, conversando animados como se nada estivesse acontecendo, enquanto Joana estava na sacada, triste e confusa? E o pior de tudo, eu ter que passar por isso sem poder dizer a verdade a ela, tendo que encobertar vocês! Eu não sou um monstro, vocês sim! Seu ... monstro!

- Você não precisa fazer isso. – Steve murmurou em um sussurro.
- Do que você está falando? – Questionei, erguendo uma sobrancelha.

- Por favor, venha tomar café da manhã comigo, eu quero que você escute a minha versão.
– Ele respondeu e eu revirei os olhos, estava me afundando cada vez mais nisso. – Eu acho que mereço isso, pelos nossos anos de amizade, Kate.

- Tudo bem, mas você paga. – Respondi trincando os dentes novamente, já estava virando um habito. – Onde te encontro?

- No restaurante "New York, New York", fica próximo ao mini shopping, mas caso você siga do convés principal, é um andar acima do salão de dança e da academia, se você pegar as escadas, é claro, você olha para a esquerda e você verá que está ao lado do local. – Steve respondeu.

- Ok, te encontro em cinco minutos. – Desliguei a ligação e guardei o celular no bolso, olhei ao arredor mordendo os lábios levemente.

Não gostava nada disso.
Estava cada vez mais me afundando nessa areia movediça sem fim, e pelo jeito, não teria volta. Primeiro Joana, que estava cada vez mais frustrada e confusa e agora Steve, querendo contar a própria versão, a próxima que iria querer conversar comigo seria Rachel que vai querer novelizar toda a situação.
Aonde foi que eu me meti?
Eu simplesmente não podia ter amigos normais, tediosos e *nerds* de videogames,

filmes e livros que nem pensam em relacionamento amorosos, na realidade, que achem eles repugnantes e sem sentido no melhor estilo Sheldon Cooper ?
É, acho que já sei a resposta para isso.

Meus olhos pararam em frente a uma lanchonete movimentada, mas não foi os lanches e sucos que chamaram a minha atenção, mas sim os cigarros sendo vendidos, estancados em uma parede com diversos tipos enfileirados, sem hesitar fui ao estabelecimento e comprei um maço de sabor menta junto a um isqueiro preto de metal com uma caveira desenhada, aproveitei e comprei um tablete de bala de hortelã, para disfarçar o cheiro do cigarro que definitivamente ficaria, mesmo sendo feito de menta.

Assim que me retirei do ambiente, já acendi um, tragando o mesmo com bastante vontade, tanta que quando cheguei ao salão de dança eu já estava fumando o terceiro seguido, subi as escadas rapidamente, chegando ao andar indicado por Steve, percebi que estava no corredor ao lado do restaurante como ele havia dito e olhando disfarçadamente, pude ver Steve parado na entrada do estabelecimento olhando para o outro lado a minha espera. Conclui de fumar o cigarro e joguei o mesmo na lixeira próxima a mim, guardei o maço no bolso pegando logo um drops, chupando ele um pouco para o cheiro pegar, sabia o quanto Steve detestava cigarros, tanto o cheiro tanto o objeto em si e ele detestava mais ainda quando me via fumando.
Assim que me aproximei dele, o mesmo me olhou sorrindo levemente, mas só foi ficar vinte centímetros próxima a ele que o mesmo desfez o sorriso e ergueu ambas as sobrancelhas.

- Eu não acredito que você está fumando novamente. – Ele murmurou irritado. – Eu pensei que você tinha parado.

- Não, eu não parei, eu só fumo quando me dá vontade e cala a boca que a coisa não está boa para o seu lado. – Murmurei com ambas as mãos enfiadas nos bolsos da frente do meu short, entortando os lábios. – Vamos entrar logo, antes que me arrepende de estar confraternizando com você.

Steve entortou os lábios, mas nada disse contra, entrei na frente dele no local,

empurrando a porta de vidro, soltando a mesma a tempo de Steve segurar, assim que dei alguns passos no local, a procura de um lugar para sentar uma garçonete se aproximou, entregando a mim e a Steve um cardápio e dizendo com uma voz ensaiada que o restaurante *"New York, New York"* é todo inspirado no clima nova-iorquino e que todas as suas comidas são especialmente preparadas das formas famosas e reconhecidas do estado americano, agradeci a pequena introdução e logo encontrei uma mesa ideal, no canto, bem afastado de todas as conversas dos outros clientes do local e podendo ter privacidade. Assim que me sentei, observando pelo vidro fume o lado de fora do restaurante, dava para ver as pessoas passeando pelo convés, com roupas de sol animadas para curtir a piscina, outras puxando os filhos pequenos para irem comer e até mesmo idosos que contemplavam a bela vista que o navio nos oferecia, toda aquela visão matinal que já estava me acostumando e continuava a me fascinar, olhei para frente, vendo Steve se sentar na cadeira a minha frente, ergui uma sobrancelha, mordendo os lábios para não começar a xingá-lo desde já, enquanto ele abrirá o cardápio pacientemente, me olhando discretamente por cima do mesmo, enquanto eu continuava seria, o observando ou diria melhor, o fuzilando atenta, enquanto colocava na mesa meu celular e o maço de cigarro com o isqueiro.

- Você, pelo menos, podia fingir que está feliz em estar passando um tempo comigo. – Steve murmurou, por detrás do cardápio. – Você costumava gostar de estar comigo.

- Desculpa, fingir não é uma das minhas especialidades, mas creio que você saiba fazer isso muito bem. Finja por mim, então. – Falei sarcástica, abrindo o cardápio em seguida, vendo que tinha uma infinita opção de pães recheados de diversos tipos de coisas que eu jamais misturaria pelo bem do meu fígado; doces de todas as formas e tamanhos, sorvetes de todos os formatos e sabores, pizzas, cafés , sucos e até mesmo *milk shakes*. – Eu vou querer um *Milk Shake* de chocolate com banana e menta e para acompanhar um *croassaint* recheado de chocolate amargo. – Fechei o cardápio o repousando na mesa, com um sorriso cínico, Steve me olhou, enrugando o cenho. – Se estou aqui, é por que você concordou em pagar a minha refeição , então ...

Steve balançou a cabeça negativamente e olhou para atrás, a procura de algum

garçom desocupado, ele fez sinal para uma jovem de cabelos castanhos e sorriso espontâneo e ela logo se aproximou de nossa mesa, tive a ligeira impressão que a tal rapidez apenas acontecerá por causa da beleza e o sorriso caloroso de Steve, eu sei que ele é bonito, mas o que não me conformo, era como todas as garotas do universo tem essa necessidade de paquerar ele quando o mesmo está acompanhado da minha pessoa. Era como se eu não estivesse ali, mesmo não sendo namorada dele, as garotas podiam respeitar que ele está na companhia de uma garota que poderia ser namorada dele. Respeito é tudo e pelo visto, só eu e algumas pessoas no mundo ainda tem.

- Posso ajudá-los? – Ela questionou mais para Steve do que para mim, simpática.

- Eu vou querer um café americano e um *croassaint* de requeijão com catupiry, a garota emburrada ali vai querer um *milk shake* de chocolate com banana e menta e um *croassaint* de chocolate amargo para acompanhar. – Ele respondeu, fechando o cardápio e sendo naturalmente simpático, algo que sempre lhe caiu muito bem.

- Só isso? – Ela questionou esperançosa de puxar mais assunto com Steve, ergui ambas as sobrancelhas deixando bem claro que era só aquilo, Steve balançou a cabeça positivamente sorrindo levemente e ela, com tudo anotado em um bloquinho azul e branco, se afastou do ambiente, e não estava sorrindo tão gentil como antes, agora voltando a me deixar a sós com Steve.

Olhei ao arredor, dando atenção ao ambiente pela primeira vez, reparei que todas as mesas eram quadradas e tinham quatro cadeiras cada, todas acolchoadas com um desenho da bandeira dos Estados Unidos em suas almofadas, as mesas eram cobertas por um pano branco e exposto na mesma estava um saleiro, saquinhos com açúcar comum, mascavo e adoçante e uma mini estátua da liberdade que Steve mexia no momento, no centro do ambiente havia uma representação da estátua da liberdade, que na realidade, era um garoto, pintado e vestido como a estátua, ele fazia a famosa pose e quando alguém parava próximo a ele o observando o mesmo brincava com a pessoa; o ambiente era todo feito de madeira incluindo o assoalho e do rádio tocava música pop o que estava me deixando bem animada. Os clientes que estavam naquele ambiente no momento eram jovens como eu e Steve, todos conversavam e

tomavam café da manhã de forma animada, o restaurante era bem jovem e no melhor estilo nova iorquino, o curioso é que eu não tinha ouvido falar nele até então.

O silêncio que cairá entre mim e Steve perdurou por longos minutos, o único momento que ele voltará a falar foi quando a garçonete voltou com os nossos pedidos em uma bandeja, assim que elas nos serviu e Steve agradeceu, assim ela se retirando do ambiente, começamos a nos delíciar com nossas refeições, mas podia sentir que Steve me olhava o tempo todo, eu não sabia se ele estava se preparando para falar sobre o assunto ou se ele esperava que eu puxasse o tema, mas podia garantir que iria me manter calada até que ele se pronunciasse, estava seguindo o conselho de Chuck, ficar fora disso, o máximo possível, mesmo que o oposto estivesse sendo mostrado a mim já que parecia que tudo estava me puxando para dentro dessa situação.
Eu me saboto, só pode ser.
- Eu não sei como começar. – Steve murmurou, depois de limpar a boca com o guardanapo assim que comeu todo seu *croassaint* em menos de duas mordidas e meia praticamente, enquanto eu terminei segundos após. – Quer dizer, eu sei o que quero te falar, mas não sei como explicar.

- Tome o tempo que precisar. – Murmurei, tomando alguns goles do meu *milk shake* com o canudinho listrado, assim que o terminei, afastei o copo da minha frente, observando Steve que estava tão concentrado em seus pensamentos que por alguns instantes acreditei que ele havia até se esquecido que eu estava ali com ele.

- Kate, o que você sabe sobre mim e Rachel? – Ele questionou por fim, me olhando com atenção.

- Eu sei a versão da Rachel. – Respondi, dando de ombros. – Então, tudo que eu sei de fato perde o valor que tinha já que eu preciso ouvir a sua versão nesse momento e não me valer pela dela. – Pausei por alguns segundos, o observando. - Steve, me conta tudo, não é por isso que estou aqui? Então, não se prenda por medo de minha reação, apenas fale tudo que sentir vontade de contar.

- Eu não queria envolver você nisso. – Ele falou com um tom pesaroso, me

observando daquela maneira que irmãos mais velhos olham quando sentem que momentos difíceis virão para os seus irmãos mais novos. – Mas eu só confio em você e preciso ouvir a sua opinião sobre toda essa situação e não contar a você sobre isso é como mentir para você e eu me sinto muito mal com essa sensação. Eu não sei o que a Rachel lhe contou, mas vou contar a você a minha versão como você disse, você não pode se valer pelos fatos da Rachel para sempre. Enfim, ... – Ele pausou, me observando pensativo, buscando em sua mente como começar aquele assunto.

- Que tal você me contar como tudo começou? – Instiguei a mente dele a ter uma facilidade, eu sabia como era difícil organizar os pensamentos quando estava sob pressão, mas sabia também que quando uma questão era feita, mas fácil ficava a separação das ideias e pensamentos.Voltei a questionar, me sentindo uma repórter. – Como você descobriu que estava apaixonado por Rachel?

- Rachel é a garota mais linda que eu já vi em toda a minha vida. Esse foi o primeiro pensamento que tive quando a vi pela primeira vez. – Ele sorriu levemente, como se o momento tivesse surgido em seus pensamentos novamente. - Me lembro perfeitamente que ela estava vestida com o uniforme do colégio com os cabelos ruivos longos balançando de uma maneira leve e um sorriso perfeito caindo sempre em seus lábios. Ela parecia um anjo, sendo que sexy e irreal. Todos os garotos ficaram enlouquecidos com ela e eu prometi para mim mesmo que eu a conquistaria e ela seria minha namorada. Eu lembro que era o segundo dia de aula e eu fui na direção de vocês no pátio, ela não se importava com nada nem ninguém, estava ali apenas para nos agraciar com a sua beleza, tão presa na conversa que tinha com você que até temi me aproximar e ser rejeitado, mas me arrependeria se não o tivesse feito, porque naquele dia eu ganhei a melhor amiga que qualquer pessoa iria querer ter. – Ele me olhou, sorrindo levemente e em seguida desfez o sorriso, entristecido. – E ao mesmo tempo, descobri como o amor pode ser cruel e fatal. Os dias passaram e eu contestei que eu estava apaixonado por Rachel; ela me fazia rir de uma maneira que nenhuma outra garota já havia conseguido fazer e ao mesmo tempo, eu estava encantado com a sua beleza, charme e sensualidade. Ela era inteligente e extrovertida, mas tinha um lado sensível que evitava transparecer e isso me deixava encantado por ela, eu a queria demais, mas em menos de uma semana tudo mudou.

“Foi quando conhecemos Joana na aula de história, ela havia acabado de entrar no colégio, aluna nova e sem amigos, era sua parceira na aula não sei se você se lembra e quando vimos já estava andando conosco por todos os lados como se fosse nossa amiga há anos, mas também não posso culpá-la, Joana tem essa facilidade de conseguir fazer amizade apenas com poucas palavras, parece que ela sabe exatamente o que falar. Joana não era nem metade do que a Rachel, mas era por isso que ela me chamava atenção, ela tinha algo que eu não conseguia descrever, ela era bonita sim, inteligente, sensível, carinhosa, mas ela tinha algo mais indescritível. Eu a adorava, mas não era da forma que eu adorava você, eu tinha essa distinção das nossas amizades porque eu realmente a via apenas com uma amiga, mas Joana, era diferente. Me deixava nervoso, gago, suando frio e até mesmo meio pateta e sabe que eu não ligava? Eu reparei que com Rachel eu era muito controlado porque tentava ser o “cara perfeito” para ela no meio de tantos, enquanto com Joana eu podia ser eu mesmo porque eu sabia que ela me via e me aceitava da maneira que eu era apresentado a si, diferente da Rachel, que parecia estar cega no meio de tantos outros caras e na maioria das vezes parecia não me distinguir deles. Naturalmente, eu e Joana nos aproximamos cada vez mais e a minha amizade com Rachel ficou mais forte ao meu ver, eu não a queria mais porque eu havia encontrado alguém que realmente me merecia. Eu e Joana começamos a namorar e aos poucos eu vi que não estava apenas apaixonado por ela, mas estava a amando. “

Ele pausou por alguns segundos, observando o lado de fora da lanchonete preso em seus pensamentos, eu conhecia muito bem aquela história porque eu vivenciei cada momento ao lado deles, sabia que suas palavras eram verdadeiras, mas saber que ele gostava de Rachel era novo para mim, mesmo que não me surpreende-se já que todos os garotos do colégio, diria até mesmo do bairro, eram apaixonados por ela. Rachel sempre fora viva, atraente e sexy desde os primórdios a única coisa ruim nisso tudo é que ela sabia disso e usava a seu favor. Agora, o que me deixava surpresa era saber que Rachel havia gostado de Steve também à primeira vista, o único problema é que ela realmente ficará cega no meio dos outros garotos, acabando por não ver Steve completamente apaixonado por ela.

Steve voltou a me olhar, suspirando pesadamente, se debruçando na mesa para a conversa ficar mais íntima.

- Rachel e eu éramos parceiros de química nesse último ano do ensino médio, e tivemos que passar muito tempo juntos para planejar e construir esse projeto que valia a maior parte da nota na matéria. Passávamos muito tempo juntos, ou na casa dela ou na minha, tudo bem, isso nunca foi um problema para nós, sabe, ficarmos sozinhos, mas algo havia mudado, eu não sei explicar direito, mas ficou óbvio com o passar do tempo o que estava ocorrendo. Foi inevitável, Kate. Eu juro que tentava me controlar, mas parecia que tudo estava me atraindo a ela. Eu sei que Rachel tem essa capacidade de ser sensual sem muitos esforços, mas ela fazia coisas para me atiçar e eu gostava. Sempre rolava um clima entre nós, por mais afastados que ficássemos sempre alguma coisa acontecia e rolava aquele momento de nervosismo, aquele clima de tensão,... Eu ficava tentado a beijá-la, mas me lembrava de Joana e do que sentia por ela e acabava confuso. Porque eu já não sabia o que estava sentindo por Joana e Rachel, porque sentimentos que estavam adormecidos haviam despertados e acabei ... tão confuso que não sabia ao certo mais o que fazer. Só sabia de duas coisas: Eu não queria trair a garota que amava e queria beijar a *outra* garota que amava.

"Eu não estava mais agüentando aquela situação e para evitar perder a minha amizade com Rachel, decidi ir até o professor, pedindo uma mudança de parceiros, inventei uma desculpa qualquer dizendo que Rachel estava sempre muito ocupada para o trabalho e que isso ocasionava desentendimentos entre nós, mas o professor negou meu pedido afirmando que faltavam apenas duas semanas para a entrega do projeto, então tivemos que continuar naquela situação . Então, falei que deveríamos fazer cada um a sua parte, nos nosso lares e sem a companhia um do outro, mas não deu certo porque eu quase coloquei fogo na minha cozinha, lembra? – Balancei positivamente a cabeça, me lembrava bem de ter tentado ajudá-lo com o projeto sem nem ao menos desconfiar que ele estava querendo ficar longe de Rachel com medo de algo ocorrer entre eles. – Não tivemos escolha, então voltamos a fazer o trabalho juntos e quando menos eu esperei, aconteceu. Nos beijamos e teríamos até feito mais coisas se Joana não tivesse aparecido, se ela tivesse a chave da minha casa ela teria visto toda a situação e talvez nesse momento a história seria bem diferente. Joana nem imaginava o que havia acontecido enquanto eu e Rachel estávamos despedaçados com a nossa traição, mas mesmo assim, eu ainda queria beijá-la mais.

Deixamos o clima abaixar entre nós e resolvemos que iríamos evitar ficarmos juntos, pelo nosso bem e o de Joana, que aquilo havia sido só um momento de desejo, nada mais. Tudo estava indo bem como planejamos, mas a viagem destruiu toda essa separação que havíamos criado, mesmo estando dentro de um navio, por mais que pareça impossível, nos encontramos muito e a Rachel está deixando muito claro que alguma coisa está acontecendo entre nós porquê ela não consegue ficar perto de mim e Joana sem começar uma discussão ou até mesmo porquê ela fica nos observando com certa estranheza até o Lucas já percebeu isso, na realidade, ele sabe de toda a situação; eu pedi alguns conselhos a ele.“

Steve voltou a pausar, unindo as próprias mãos por sobre a mesa, seu cenho enrugado como se ele agora estivesse em busca de algo mais relevante a dizer, ele voltou a me olhar, pesaroso, ele sabia que o que ele diria me machucaria porquê machucava a ele. Podíamos não ter a ligação que eu tinha com Rachel, mas eu e Steve criamos um laço de amizade muito forte, estávamos um ao lado do outro sempre e ele me conhecia tão bem que eu ficava às vezes impressionada por ele conseguir me decifrar de tal forma que eu mesma desconhecia. Presa em meus pensamentos percebi como Lucas e eu tínhamos algo em comum no momento, conversávamos no colégio, mas nunca fomos do tipo unidos, Lucas sempre andou com Chris e Steve; ele era quieto e estudioso enquanto eu era a líder de torcida renelde, mas nos dávamos bem porque tínhamos coisas em comuns e naquele momento tínhamos algo em comum de forma gritante: estávamos presos em um labirinto sem saída.
Eu no meio do triângulo amoroso dos meus amigos e ele preso no triângulo amoroso do melhor amigo e da garota que ele, de fato, gosta, mas não tinha coragem de confessar tal paixão por causa de seu amigo.
Agora entendia porquê ele havia sido tão compreensível na noite anterior, porquê ele me entendia.

- Por isso pedi um tempo a Joana. – Steve continuou, enrugando levemente o cenho, como se o que ele falasse fosse mais uma afirmação para si do que para mim. - Eu preciso equilibrar o que estou sentindo. Preciso saber se, de fato, o que sinto por Joana estagnou e se o que sinto por Rachel vai além de uma paixão e desejo. Eu pensei muito sobre isso, antes mesmo de começarmos essa viagem porque eu já tenho notado, antes mesmo desse clima entre Rachel e eu começar, que a minha

relação com a Joana esfriou, entramos numa fase muito chata onde tudo que fazemos é rotineiro e cotidiano, eu a amo e muito, mas falta algo entre nós, algo que começo a acreditar que Rachel tenha e ela sempre teve, o problema é que tínhamos que passar por tudo isso para chegarmos no atual momento. Me questiono se todo esse caminho foi uma grande experiência para nós ou se simplesmente erramos e agora não tem mais volta. Temo por Joana, temo por Rachel porque sei que ela está tão confusa quanto eu, mas ... Temo por mim, porque de fato, eu não sei o que estou sentindo.

- Vocês estão ... saindo? – Questionei, tentando não soar preconceituosa com a situação. – Quer dizer, agora que você pediu um tempo a Joana o caminho está livre de certa maneira, então você e Rachel já estão saindo?

- Não. – Ele respondeu de imediato um pouco pensativo, como se já tivesse sido questionado sobre. – Eu não poderia começar a sair com a Rachel sem antes falar com você sobre o assunto, estou aproveitando para pensar sobre a situação, o que estou sentindo e o que eu devo fazer com o meu futuro em relação a isso tudo. Eu temo mais pela reação de Joana do que por qualquer outra coisa, eu quero sair com Rachel e desfrutar desse sentimento para saber o que de fato estou sentindo e vivendo, mas e Joana? Como ela fica nessa situação? Como eu fico? Por isso preciso da sua opinião.

- Steve, vamos colocar as cartas sobre a mesa, então. O que você e a Rachel pretendem fazer? Viver um romance às escondidas até determinado momento que você ou ela acreditarem que Joana não vai mais sofrer? - murmurei, pesando conscientemente e de forma cuidadosa as minhas palavras pude notar pela expressão de Steve que ele estava levando em consideração o meu levantamento de raciocínio. – Vocês estão mentindo e traindo, Joana. Eu estou fazendo o mesmo por ser amiga dos três e mesmo com você me dizendo que tenho total direito de contar a Joana sobre vocês dois, eu não tenho, por que isso é assunto de vocês. Se eu contasse, estaria traindo a confiança de Rachel e eu nunca vou fazer isso com ela da mesma maneira que eu não quero trair você da forma que estou traindo Joana. Você está vendo como isso tudo está tão errado? Eu estou tendo que mentir para a minha amiga e ao mesmo tempo tenho que me vigiar e controlar cada coisa que digo para

não trair vocês dois e acabar por destruir o coração dela.

- Mas você está envolvida. Infelizmente, você acabou sendo puxada para dentro desse tornado ... – Steve murmurou, mas eu o interrompi, complementando-o.

- ... E agora eu não tenho como sair. Por mais que eu queira ficar fora desse assunto agora é tarde demais para isso. O máximo que posso fazer, é não opinar à favor de ninguém e é nessa posição que me mantenho. – Conclui, cruzando os meus braços por fim. Steve ficou a me observar e logo balançou negativamente a cabeça. – Quero me manter neutra.

- Você não está se mantendo neutra, Kate. Você quer acreditar que está se mantendo neutra, mas não está.
- O que você quer dizer com isso? – Já questionei com um tom ignorante de voz, o olhando incrédula.

- É óbvio que você está ao lado da Joana, tudo o que você fala é na defesa dela, em nenhum momento você pensa no que eu estou sentindo ou no que Rachel está sentindo, isso porque vocês se conhecem praticamente desde o maternal. Mas a Rachel me disse coisas que aconteceram ontem por exemplo, fatos que provam que você está ao lado de Joana, e agora tenho certeza.

- Eu não escolhi lado nenhum. – murmurei de maneira fraca, piscando absurdas vezes como se fosse uma forma mental de saber se aquilo era verdade.

- Tem certeza, Kate? Você têm se ouvido nos últimos segundos? Eu falei sobre tudo que eu tenho sentindo e a primeira coisa que você fala é na reação de Joana e de como você se sente mal em trair ela. – Ele murmurou de maneira pesarosa – Pense um pouco. Desde que começamos a falar no assunto você só está mencionando em como Joana vai reagir, que estamos errando com ela, ...

- Porque vocês estão errando. Nós estamos. Eu já estive nessa situação, não foi da maneira complicada que Joana está, mas eu a entendo. Eu sei como é ser traída pelo namorado, Steve. Na realidade, eu vi e pode ter certeza não é uma imagem que você esquece com facilidade. – Steve ergueu ambas as sobrancelhas como se tivesse

lembrado da exata cena que eu vislumbrei entre meu ex namorado, Will e sua amante na época, Amber. Filme pornô não é nada perto daquela cena. – Olha, você pode ter razão em um ponto eu falo apenas em Joana porque eu sei que ela é a maior prejudicada, mas compreendo o seu lado e o lado da Rachel, eu só não o destaco porque não diminui o fato que Joana irá sofrer mais ...

- Como você pôde ter tanta certeza que Joana vai sofrer mais? – Steve questionou entre os dentes, como se eu o tivesse ofendido. – Como você pode medir nossos sofrimentos assim?

- Steve, ela não está sendo traída apenas pelo namorado ao qual ama cegamente, mas está sendo traída pelas duas amigas. Toda vez que eu digo a ela que tudo vai ficar bem, eu a traio, porque eu sei que nada vai ficar bem. – Respondi sentindo o remorso pesar em mim. Entortei os lábios, notando a que ponto havíamos chegado naquele momento.

- O que você quer que eu faça, Kate? - Steve me questionou, passando brevemente a mão pelos lábios, ele de fato estava questionando de maneira sarcástica, enraivecido pela minha resposta, mas mesmo assim, respondi a sua pergunta.
- Termine com ela. – Murmurei, erguendo uma sobrancelha com um tom de persuasão. – Seja sincero primeiramente porque a Joana merece a verdade vinda de seus lábios, mas aconselho que você termine com ela.

- Nunca! Eu pedi um tempo porque preciso pensar nos meus sentimentos, mas eu a amo, Kate! Você sabe o que é isso? – Ele me questionou enrugando o cenho irritado. – Amor? Você sabe o que é amar alguém de verdade sem ser pela base da merda do amor descrito nos seus livros do século XVIII?

- Sei muito bem o que é amor, Steve. Tanto que sei que por essa razão estou dizendo que você deve terminar com ela. – Respondi friamente, falando em um tom baixo de voz que nem parecia ser meu.

- Você está fora de si, Kate. – Ele murmurou com um sorriso debochado.

- Preste atenção na minha resolução de um triângulo amoroso: Você namora e ama

determinada pessoa, mas de repente, você se apaixona por outra. Então, você fica nesse embate, quem você ama mais, com quem você deve ficar. Certo e errado. Em determinado momento de epifânia você chega à seguinte conclusão, a correta para todos os lados: Você deve terminar com a sua namorada porque se você começou a amar uma segunda pessoa, significa que você não ama a primeira da maneira que acreditava e que ela merece. – Falei calmamente, sem tirar a atenção das orbitas castanhas escuras de Steve que de incrédulo passou a compreensão.

- Mas eu amo as duas. – Ele murmurou em um tom sincero e baixo de voz, me observando sem esperanças.

- Não, Steve, você quer amar as duas igualmente, mas você não pode amá-las da mesma forma, uma delas é a garota que você quer. – Pausei repousando minha mão embaixo do queixo dele, erguendo gentilmente para seus olhos me observarem. – Você não pode ter as duas, eu sei que você não quer fazê-las sofrer, mas isso é algo natural ao ser humano, precisamos sofrer para aprender, não podemos fugir disso, temos que encarar o sofrimento, se não, porque estaríamos aqui então?

- O que eu faço, Kate? – Ele murmurou, pesaroso, agora seu tom de voz estava baixo.

- Sinceramente, no seu lugar, eu não saberia o que fazer, por isso não tenho ideia, mas sei de duas coisas com total certeza como Kate Farrell: Eu te amo e vou continuar te amando independente da sua escolha e só você pode decidir essa situação. Rachel e Joana dependem dessa decisão, mas você não pode se esquecer, que você é o centro de tudo, a sua decisão vai não só decidir o futuro delas, como o seu.

- Foi o que imaginei. – Steve murmurou, em seguida acarinhou o meu rosto, sorrindo. – Obrigado por me ouvir. Você é uma amiga que eu não merecia ter, sabia? Na realidade, você é a melhor amiga que qualquer um iria desejar ter.

- Eu não me sinto assim nesse exato momento ... – Respondi, me encolhendo levemente enquanto entortei meus lábios. – De fato, essa experiência fez eu compreender algo.

- O que? – Steve questionou, curioso.

- O amor faz o cérebro parar de funcionar. – Murmurei, pensativa. – O amor arranca os nossos pés do racional e nos joga no emocional sem piedade, sem esperar para saber se estamos prontos para voar por esses céus ou se estamos prontos apenas para cair na perdição dele, a gente é apenas atirados ao emocional e o resto, é o futuro inesperado.

- Queria saber se tem volta.

- Sempre têm, só precisamos ter paciência e certeza do que queremos que logo encontramos o caminho para o racional, mas eu acho que o grande negocio do amor é esse, se perder sem ter volta. É por isso que eu tenho medo de amar, porque o amor não te dá segurança nem controle de nada, você voa sem rumo apenas em função daquele que ama.Tenho medo de me perder, essa é a minha realidade.

Steve me observava como se o que eu dizia servisse para ele também, o mesmo abaixou a cabeça assim que terminei de falar, podia sentir como ele estava entristecido com toda aquela situação, suspirei profundamente, aceitando pela primeira vez, que estava num caminho sem volta e que os meus melhores amigos precisavam de mim, e o que o futuro reservava não me importava, mas o presente sim era importante.
Me levantei do meu banco e me sentei ao lado de Steve, o abraçando carinhosamente, ele encostou a lateral do rosto de forma carinhosa no topo da minha cabeça enquanto afundei meu rosto em seu peito, fechando meus olhos, as batidas de seu coração tranqüilas, mas podia sentir falhas feitas por elas, como se algo estivesse faltando ali, uma certeza talvez.

O assunto havia cessado, Steve estava submersos em seus pensamentos enquanto eu queria apenas que toda aquela situação jamais tivesse acontecido.
Mas era tarde demais.
Querer agora era algo muito distante do poder.
Rachel e Steve gostavam um do outro desde o primeiro instante que se viram, essa situação não acabaria de uma hora para a outra, na realidade estava impressionada

que isso não tivesse explodido antes, demorou muito para os dois reviverem esse sentimento. Eu confiava em Steve e sabia que ele tomaria a decisão certa antes que situações tempestuosas ocorressem, mas não podia controlar o meu temer por meus amigos. Esse temor era o *meu* temor.

Capítulo 09

A Grande Fingidora

O amor pode ser algo esplêndido
Não se pode negar as alegrias que trás Uma dúzia de rosas, anéis de diamantes Sonhos a venda e contos de fadas
Faz você ouvir uma sinfonia
E você simplesmente quer que o mundo veja Mas como uma droga que te deixa cego Vai te enganar o tempo todo

O problema do amor é
Pode te destruir por dentro
Fazer seu coração acreditar em uma mentira É mais forte que o seu orgulho
O problema do amor é
Não importa quão rápido você caia
E você não pode negar sua chamada Veja, você não tem o que dizer

The Trouble With Love Is – Kelly Clarkson

Não demoramos muito mais na lanchonete.
Steve pagou a conta e me disse que iria para a academia, ele estava fazendo musculação com seus amigos, ele questionou se eu queria ir para assistir, mas disse que não e respondi com certa malícia que seria prazeroso assistir vários homens sarados malhando, mas que no momento preferia nadar e pegar um pouco de sol; nos despedimos um do outro com beijos no rosto e um apertado abraço, que só Steve sabia dar - aquele tipo de abraço que você não quer se afastar de jeito nenhum porque ele é tão confortável e te passa uma energia tão boa que você se sente segura em volta daqueles braços e essa era uma das razões para eu amar ficar ao lado de Steve, eu me sentia segura ao seu lado não importando a circunstância, como se nada pudesse me ferir ou me destruir, curioso que atualmente é eu quem o protegia.
Ele sussurrou em meu ouvido que faria o possível para tudo ficar bem denovo e resolvi acreditar nele porque eu sabia que ele estava sofrendo, eu só não conseguia dizer que o seu sofrimento era maior que o de Joana, mesmo que eu não quisesse confessar, eu estava ao lado dela já que sabia exatamente o que ela sentia, essa era a realidade.
Eu era cúmplice de seu sofrimento.
Solidão. Abandono. Traição. Idiota. Tola. Bobona. Frustrada.
Eram apenas os sentimentos iniciais que iriam piorar com o tempo.

Eu sabia que Steve deveria estar se sentindo uma péssima pessoa, dividido entre duas garotas incríveis e confuso por não saber que caminho seguir, enquanto Rachel

está com medo de amar Steve, ela simplesmente tem medo de entregar o coração dela a alguém, e não ter amor em retribuição, e ao mesmo tempo teme por sua amizade com Joana, que está fada ao fim; eu conhecia Rachel muito bem então tinha certeza que era isso que ela sentia. Mesmo deduzindo isso, não conseguia sentir que eles estavam a sofrer mais que Joana que está vivendo um pesadelo sem saber se algum dia terá fim.
O garoto que ama pede um tempo sem explicações, uma de suas melhores amigas apóia a decisão dele sem dar explicações também, então ela se conforta com a única amiga que lhe resta, que a aconselha a tentar não se concentrar nessa situação caótica e dar um tempo a tudo isso para seu próprio bem.
Imagine quando ela descobrir que essa mesma amiga que, a consola e cuida dela, está traindo-a ?
Eu não quero mais pensar nisso.

Surgiu em minha mente uma hipótese nova que eu não havia pensado ainda: E se tudo terminasse sem Joana descobrir nada sobre Rachel e Steve?
Vamos imaginar, hipoteticamente, que os dois decidem não se envolver, Steve descobre que realmente ama Joana, e Rachel deve aceitar isso, assim, cada um deve seguir seu rumo apenas como bons amigos; Joana não saberia de nada e seria apenas o nosso pequeno segredo, eterno.
Seria justo? Seria uma maneira mais fácil para todos; Ele apagar essa situação como se fosse um fato que nunca ocorreu?

Talvez sim seja a resposta, Joana continuaria a vida dela, pensando que Steve apenas sofreu uma crise no relacionamento – temporário - e que voltou atrás ao perceber que realmente amava Joana, e Rachel, obviamente, se afundaria em relacionamentos "*de uma noite*", como sempre fez, mas no meu caso, continuaria sendo tão difícil como a situação atual, já que saberia de toda a verdade escondida embaixo do tapete, enquanto Joana não.

Não conseguiria viver com tal segredo.
Balancei minha cabeça negativamente afastando esses pensamentos, no exato momento que senti o meu celular vibrar, o peguei no meu bolso com destreza, e vi no visor que havia perdido 03 chamadas de Joana e uma mensagem havia sido

recebida. Abri a mesma e era de Joana dizendo que estava com o pessoal no solário e que era para eu ir para lá assim que pudesse.
Sem nem ao menos pensar duas vezes, girei meus calcanhares, e se eu não estivesse errada, e não estava, o caminho para o solário era para o lado oposto que eu estava indo, e eu estava certa, como imaginei.

Ao chegar ao solário me deparei com um lugar que parecia ter sido montado pelos Deuses do Olimpio; um espaço amplo com o chão todo revestido com tacos longos de madeira de tom escuro, em pontos estratégicos haviam canteiros com diversos tipos de flores e plantas que estavam florescidos e expostos de maneira charmosa, haviam diversas cadeiras para descanso de tom escuro igual ao do taco, acolchoadas e longas, boas para deitar após um mergulho e se banhar com o sol, ao lado de cada cadeira havia uma pequena mesa circular, própria para colocar as bebidas e petiscos que os garçons traziam quando fossem pedidos pelos passageiros; notei que o ambiente não era claro, o local não tinha iluminação externa como poderia ser esperado já que é todo fechado pelo teto solar, próprio do ambiente, observei o teto onde as placas do solário foram instaladas, eram grandes e de aparência pesada, elas inibem todos os raios UV's nocivos a nossas peles apenas permitindo certos porcentos atingirem.
Diferente da piscina principal externa, a piscina do solário é toda desenhada em formatos de curvas e toma conta de praticamente todo o ambiente, a sua água é azul límpida como nas outras piscinas e estava repleta de pessoas naquela manhã, jovens e adultos que se delíciavam e se divertiam, havia também muitas pessoas espalhadas pelas cadeiras, juntos a seus grupos de amigos, por isso demorei a encontrar os meus, iria demorar mais se não fosse pela voz alta e firme de Tom, que chamou a minha atenção para a ponta oposta do lugar que estava, foi assim que os avistei.

Tom, que estava sentado em uma cadeira de maneira despojada, Lucas e Joana, dividiam uma cadeira, ambos parecendo um pouco tímidos perto um do outro, mas confortáveis em estarem juntos, por fim, Alex e Chris, ambos deitados e abraçados de uma forma carinhosa, todos eles estavam com seus trajes de banho, conversando de forma animada e bebendo sucos em copos gigantes.

- Finalmente! A nossa morena encontrou o caminho certo. – Tom murmurou, com

os braços repousados por trás de sua cabeça, ele me observava por detrás de seus óculos aviador preto com um sorriso brincalhão, típico dele. – Estava perdida pelos corredores do navio, huh?

- Não, Kate jamais se perderia, Tommy. – Alex, com seus volumosos e belos cabelos cacheados e olhos verdes brilhantes murmurou com sua voz delicada, me olhando em seguida com um sorriso de quem ia aprontar. – Só se ela *se perdesse* de propósito com alguém, sabe?

- O que você quer dizer com isso? – Questionei com um sorriso encolhido nos lábios, parada em frente a eles, vendo que todos estavam sorrindo e me observando como se eu fosse parte de algum tipo de plano secreto que eu mesma não sabia qual era.

- Oras, ficamos sabendo de ontem à noite, seu jantar romântico com o príncipe encantado britânico. – Chris murmurou com a sua voz firme, seu tom de voz mesclou para um debochado enquanto ele batia levemente uma das mãos em sua barriga definida graças às aulas excessivas de musculação que freqüenta, o olhei erguendo uma sobrancelha e o mesmo balançou a cabeça negativamente. – Não me olhe assim, foi ela quem deu esse apelido para ele. – Ele concluiu apontando o dedo indicador para Joana que repousou ambas as mãos no rosto, em choque.

- Eu não ... Quer dizer, eu dei esse apelido para ele. – Ela respondeu, rindo acompanhada dos outros.

- Mas em forma de defesa a Joana, o apelido realmente cai bem ao garoto, só um príncipe faria o que ele fez por você , Kate. Eu te aconselho a agarrá-lo agora e questionar depois. – Alex murmurou com uma expressão pensativa.

- Amor! Assim você me diminui em público. – Chris murmurou, a olhando com certo choque. – Caras como esses que fazem jantares românticos para garotas que mal conhecem só estão em busca de uma coisa. – Chris me olhou com uma expressão que parecia muito velha para ele. – Sexo.

- Gente ... – Falei, fazendo uma careta, sentindo meu estômago afundar.

- Chris tem toda razão. – Tom disse, se sentando na cadeira, completamente entretido na conversa enquanto Lucas e Joana apenas nos observavam rindo. – A única vez que fiz algo romântico para uma garota que eu mal conhecia foi pagar o ingresso do cinema e obviamente eu estava pensando em sexo, e em ver o Liam Neeson metendo a porrada em um monte de bandidos.

- E você conseguiu o sexo? – Chris questionou erguendo ambas as sobrancelhas.

- Claro que sim. A garota estava doidinha por um pedaço do Tom aqui. – Ele gargalhou junto a Chris enquanto Lucas balançava a cabeça negativamente, esboçando um leve sorriso.

- Tom, a sua concepção de romantismo só mostra como você tem a sensibilidade de uma pedra. – Olhei para todos eles com uma expressão serena enquanto os outros riram com meu sarcasmo já Tom fazia uma careta para mim. – E podem ficar tranqüilos garotos, eu não vou me deixar ser usada por um estranho. Eu e Peter estamos apenas nos conhecendo, nada mais do que isso. Assim que essa viagem acabar, toda essa aventura também irá se concluir ... Não há futuro para mim e ele, isso é um fato. – Murmurei, sentindo meu coração afundar em meu peito novamente, para me distrair de tal desconforto, comecei a tirar as minhas peças de roupa, Tom aproveitou o momento e ficou fazendo caras e bocas como se eu estivesse fazendo uma espécie de strip-tease, eu joguei a blusa bem no meio do rosto dele e o mesmo começou a rir jogando por fim a blusa a cadeira ao lado, logo me afundei na ponta de sua cadeira.

- Eu não pensaria dessa forma, Kate. O amor acontece quando menos esperamos. Eu acho amor a primeira vista algo irreal porque nunca aconteceu comigo, mas acontece com os outros, conheço pessoas que viveram isso. Eu acho sim que você deve tomar cuidado e se preservar, mas ao mesmo tempo, não deve se fechar a ponto de acreditar que quando essa viagem acabar tudo o que vocês viveram irá acabar também. Talvez esse Peter realmente esteja querendo te conhecer porque se apaixonou por você ou talvez ele seja como os outros caras e só queira sexo com uma estranha, mas de uma coisa eu sei, você precisa se permitir viver as situações que se aproximam para saber o que de fato o futuro reserva para você. – Lucas falou

pela primeira vez desde que chegará me olhando com sua expressão doce e pensativa.

- Falou o poeta. – Tom murmurou, fazendo uma careta.
- Ele tem razão. – Joana defendeu, sorrindo levemente. – Kate sabe disso.

- Chega a ser chato, mas preciso confessar, Lucas sempre tem razão. – Chris murmurou, se afastando de Alex e se espreguiçando levemente. – Alguém está a fim de dar um mergulho ?
- Eu vou. – Alex disse animadamente enquanto todos nos negamos o convite.

- Você nem precisava se propor,amor.Você já iria sem nem ao menos se candidatar. – Chris disse ao ficar de pé com um sorriso brincalhão, Alex ficou de pé próximo a ele sorrindo de maneira doce, os dois dividiram um breve beijo e ao se afastarem Chris a pegou pelos braços, a prendendo bem em seu tórax, a mesma ria e gritava fino, ele correu e em questão de milésimos adentrou a piscina junto a namorada, espirrando água para todos os lados.

- Esses dois! – Tom murmurou impaciente, repousando o copo de suco na mesinha ao lado de sua cadeira, gritando em seguida. – Arrumem um quarto! Jesus! Quando esses dois vão se casar, hein?

- Para mim, eles sempre foram casados. – Murmurei, sorrindo de lado, os observando com certa admiração. Alex e Chris já estavam juntos há muito tempo, mas se olhavam de uma forma que pareciam que tinham acabado de se conhecer. Uma paixão, mistério e encanto indescritível que chegava a ser invejável.

- Um caso de amor a primeira vista. – Lucas falou, trocando um breve olhar com todos nós.
– Lembram? A primeira aula de educação física, Chris estava jogando futebol e Alex estava se aquecendo para correr com o grupo de meninas quando de repente ...

- BAM! A bola acertou em cheio na cabeça dela. – Tom disse animado como se tivesse acabado de acontecer à situação. Em seguida, imitou um grito fino que seria feminino. – O grito da Alex tomou conta de todo o ambiente ...

- Doeu até em mim. – Falei, rindo levemente. – Foi bem assustador para ser sincera, nem sei por que estou rindo! Na hora todo mundo se afastou, assustado com o barulho da bola na cabeça da Alex, ela caiu no chão parecendo uma boneca de pano, todo mundo pensava que ela tava desmaiada ou até mesmo morta, quando de repente o Chris se aproximou dela, a segurando todo preocupado em seus braços de uma maneira shakespeariana ...

- Naquele momento, só os românticos obviamente, puderam notar o clima que rolou entre eles. – Lucas murmurou com certo tom de deboche, olhando para Tom que fez uma careta para o irmão gêmeo. – Eu me lembro até hoje, Chris todo preocupado perguntando se ela estava bem e Alex rindo, como se nada tivesse acontecido, desde aquele dia eu nunca mais os vi separados.

- Nem eu. – Tom e eu falamos juntos.
- Eu queria ter visto esse momento, essa é a parte ruim de ter sido transferida uma semana depois do inicio das aulas. – Joana murmurou, entortando os lábios.

- Ah, mas você não pode reclamar disso Jo, mal entrou no colégio e fez amizade com os três alunos mais populares do Durham High. – Tom murmurou se espreguiçando de maneira preguiçosa, olhando para Joana que se encolheu um pouco na cadeira. – Logo estava andando com as M.M, mulheres maravilhas do Durham e ainda conseguiu agarrar o Steve e olha que eu o conheço há anos e fiquei muito impressionado em vê-lo tão caidinho por alguém em um espaço de tempo tão curto.

- Quando as coisas têm que acontecer, simplesmente acontecem. – Lucas murmurou, trocando um breve olhar comigo. Ele como eu sabia que estávamos entrando em campo sensível, ele logo repousou discretamente sua mão na de Joana, mas eu notei.

- Eu sempre achei que Steve queria sair com Rachel. – Tom murmurou, pensativo. Suas palavras me atingiram de uma maneira profunda e assustadora, senti todo o meu corpo gelar em questão de milésimos. - Eu sei que posso falar sobre isso porque tipo é uma situação nada a ver os dois são grandes amigos, mas no inicio, antes de você entrar, ele vivia na cola dela feito um pateta, doidinho para ter uma chance com a ruivinha, mesmo que ele não confessasse.

- Como você disse, você acha que ele queria. Achismos não são provas concretas. – Lucas murmurou, enquanto acariciava a mão de Joana que não parecia se incomodar com o gesto, mas dava para notar que seu olhar estava baixo e que o assunto a estava entristecendo.

- Tudo bem. – Tom murmurou, estranhando a resposta de Lucas, ele me olhou em busca de algum tipo de resposta para aquele momento, mas apenas ergui minhas sobrancelhas tentando mostrar indiferença ao assunto, o quanto antes ele fosse encerrado, melhor. – Jo, eu sei que é um assunto delicado, mas já que estamos entre amigos ... – Tom adotará um tom mais suave em sua voz, olhando para cada um de nós como em forma de permissão, eu mesmo não discordando, sabia que o que ele ia falar não seria bom. – É verdade o que a Britanny está dizendo?

- O que a Britanny anda dizendo? – Joana questionou de uma maneira ressaltada, mais assustada do que na defensiva.
- Ah, você não sabe. – Tom murmurou, encolhendo os ombros de maneira pesarosa.

- Sempre dando uma fora, Tom. – Lucas murmurou trincando os dentes, seu olhar de fúria na direção do irmão deixou bem claro que ele não estava brincando com o seu tom de voz frio.

- Do que você está falando? – Joana murmurou se virando na direção de Tom que de certa forma agora estava encurralado pelo olhar de raiva de seu irmão gêmeo e o olhar de curiosidade de Joana. Seus olhos caíram por sobre Lucas que após alguns segundos, pensativo, ergueu ambas as sobrancelhas entortando os lábios descontente.

- Fale logo, Tom. – Lucas murmurou vencido.

- Ela tem destilado o veneno dela para quem quiser ouvir, dizendo com todas as palavras que Steve tem outra nos pensamentos dele e que se você não tomar cuidado, vai acabar sozinha. – Tom murmurou de uma vez só, alguns segundos se passaram enquanto nos mantivemos em silêncio esperando a reação de Joana que estava com uma expressão de choque se mesclando com uma expressão de raiva.
- Eu não acredito que você não me contou nada sobre isso, Lucas. – Joana murmurou

em tom de magoa, em seguida, trincou os dentes, olhando para um ponto fixo afastado de nós. Eu vou arrancar a língua daquela garota. Como ... Que tipo de pessoa baixa precisa inventar esse tipo de história? Para que? A vida dela é tão insignificante que ela precisa fazer os outros se sentirem tão infelizes para ela se sentir feliz? – Joana murmurou com um tom de voz irritada, ela passou uma das mãos nos cabelos tentando controlar as lágrimas, notei que Tom se sentia embaraçado pela cena enquanto Lucas não tirava seus olhos de Joana que me olhou pensativa. – Será que Steve já ouviu esse boato? Porque ele não vai ficar nada feliz com isso.

- Ele não me disse nada sobre isso no café da manhã. – Murmurei, pensativa. Repassando tudo que conversamos no dia de hoje. De repente notei pelo olhar de incredulidade de Joana que eu havia dito algo que ela não esperava, repassei mentalmente o que disse e notei meu erro.

- Você não me contou que tomou café da manhã com o Steve. – Ela murmurou, erguendo uma sobrancelha, agora me observando com certa desconfiança e podia jurar que estava trincando os dentes.

- É que foi algo de última hora. – Falei a pura verdade, mas senti como se tivesse contando uma mentira, encolhi levemente meus ombros, sentindo algo de estranho no olhar de Joana. – Nem me lembrei de te contar, foi apenas um breve café da manhã, nada demais. – Conclui, dando de ombros como se fosse nada demais.

- Humm. – Joana deixou esse som escapar por seus lábios, ainda me olhando com estranheza. Notei que Lucas também me observava sendo que com certa preocupação.

Os minutos se arrastaram enquanto um terrível silêncio caiu entre nós.
Joana agora não me observava mais, isso me preocupava, seu olhar estava distante, a mesma encolhida na cadeira que estava, presa em seus pensamentos. Lucas se sentou na cadeira ao lado a de Joana, diferente da mesma, ele observava o ambiente atento a tudo e com uma expressão serena.
Tom voltou a se deitar na cadeira que estava, apenas deixando um espaço para eu me

manter sentada.
Não agüentando o clima, me levantei com um movimento apenas, a distância para a piscina era de centímetros, assim que pisei na borda, mergulhei sem grandes esforços na direção d'água da piscina, assim que ela entrou em contato com minha pele senti como estava gélida, mas não senti o mínimo arrependimento de minha impulsividade. Continuei a nadar, havia notado que a piscina era mais funda do que eu imaginava, mas não parei por nenhum momento, cruzava a piscina como se tivesse em uma competição que valesse a medalha de ouro, mas no fundo estava em uma competição mental, tentando medir em minha consciência o certo e o errado, ver quem venceria no final, mesmo tendo uma ligeira impressão de que o vencedor já estava garantido e eu não poderia reverter essa situação.

Parei de nadar.
Encostada em um canto da piscina, observando a água em minha frente fluir serenamente e ao mesmo tempo com precisão. Eu estava segurando a minha respiração por um tempo considerado, então voltei à borda, buscando o ar com certo sacrifício. Tirei a água de meu rosto e reparei uma sombra se formar na exata direção que eu estava, me virei e notei que era Lucas que estava agachado na borda, observando o arredor atentamente.

- Steve me contou que você sabe de *tudo*. – Lucas sussurrou, me olhando com certo pesar, se sentando na borda da piscina colocando seus pés dentro d'água.

- É, eu sei. – Murmurei, passando as mãos em meus cabelos, colocando em seguida meus braços na borda, como forma de apoio, assim ficando a boiar dentro da piscina e não instável como eu estava antes.

- Eu notei pelo seu desconforto que você não está satisfeita com essa situação.

- Nem um pouco. – Murmurei, observando disfarçadamente que Joana estava deitada na cadeira, tomando sol, já Tom havia saído do local, provavelmente em busca de algum coquetel ou de garotas. – E como você está agindo com isso tudo?

- Ah ... Bom, Steve é meu amigo há muito tempo. Eu sei que tudo que ele está sentindo no momento é verdadeiro, confio nele cegamente, a minha única

preocupação é com ... – Lucas se silênciou, olhando de relance na direção de Joana com um olhar de puro carinho e encanto.

- Joana. – Murmurei, em seguida me debrucei na borda, me sentando ao seu lado com destreza, em seguida notei como as bochechas de Lucas coraram com rapidez, ele sorriu levemente e não me contive em controlar minha curiosidade. – Você gosta dela, não é?

- De quem? – Lucas perguntou em um sobressaltou, ergui ambas as sobrancelhas indicando Joana e Lucas abafou uma risada, tentando deixar bem claro que era idiotice minha. – Não, não. Quer dizer, gosto dela como amigo, mas não da forma que você está insinuando. Ela é minha amiga, a grande paixão do meu melhor amigo ...

- Isso já não pode ser tão destacado atualmente. – Murmurei, entortando os lábios em uma careta. – Por isso que estou lhe questionando isso, esse é o momento da verdade ser dita. – Empurrei-o com meu ombro levemente, sorrindo de maneira gentil. – Vamos Luke, você sabe que não contarei a ninguém.

- Mas ... É errado. – Lucas respondeu alguns segundos depois.
- Errado é esconder o amor que você sente por alguém por medo de não ser correspondido.

- Falo a poeta! – Lucas murmurou, tentando mudar o foco da conversa, mas mesmo dividindo uma risada, mantivemos o foco no assunto, os olhos avelãs de Lucas me observaram atentos, como se temessem o que fosse ser dito . - Mas a Joana ama o Steve, sempre vai amá-lo! – Ele murmurou com um tom firme de voz, como se sempre tivesse dito isso a si mesmo já que tinha tanta certeza em suas palavras.
- Não discordo, mas também não quer dizer que ela nunca mais vá amar outra pessoa.

- Você quer dizer que existe tipos de amor? – Lucas questionou pensativo.

- Claro que sim. Nós não amamos alguém para mais ou para menos, apenas amamos de formas diferentes. Mas não vou negar, acredito que exista uma pessoa ideal para

cada um de nós, alguém que entenda, ame e respeite você pela pessoa que você é e que te complete de uma forma indescritível, mas estamos submetidos à nunca encontrarmos essa pessoa, vivemos em um planeta onde tem mais de 06 bilhões de pessoas, e tudo que fazemos é ficar nessa constante procura por uma determinada pessoa, com características que nós desejamos, mas também sou adepta do fato que não devemos esperar por essa pessoa como se fossemos prometidos a alguém que nem conhecemos, temos que viver, errar, acertar, errar denovo, nos apaixonar e um dia, descobrir que achamos a nossa outra metade, sem esforços e procuras incessantes. Por que o amor não é planejado, ele simplesmente acontece. – Respondi, balançando meus pés dentro d'água me sentindo extremamente confortável ao lado de Lucas, logo envolvi meu braço em volta da cintura dele e o mesmo repetiu o gesto de maneira carinhosa. - Faça a sua parte, Luke. Você não vai trair Steve, contudo você vai trair a si mesmo se não tentar fazer algo por esse amor que você sente.

- O que você quer dizer? – Lucas questionou, enrugando o cenho.

- Joana precisa de um amigo no momento. Seja esse amigo para ela, Luke. Eu sei que você quer ser algo mais para ela, mesmo que você não confesse isso em voz alta, mas apenas seja alguém para ela nesse momento, mesmo que não seja aquilo que você idealiza, o que importa é que você faça isso por você e principalmente, por ela. – Murmurei, sorrindo levemente observando Lucas pensativo, observando um ponto fixo na água. – Ela precisa de você.

- Você tem razão. – Lucas respondeu em um sussurro, em seguida sorriu levemente me observando. – Você sabe que pode contar comigo, não é? Eu sei que nunca fomos proximos, mas eu sempre gostei de você, sempre a considerei uma garota diferente, uma boa amiga para todos até para quem não merecia.

- Diferente. – Repeti a palavra com um tom de voz incomodado. – Isso é bom?
- Para mim, isso é ótimo. – Lucas respondeu, sorrindo.

Assenti, antes de me levantar, depositei um suave beijo na bochecha de Lucas que sorriu timidamente com meu gesto. Me aproximei sem hesitar da cadeira onde

minhas roupas estavam, vi na beirada uma toalha branca, de textura macia e agradável, me sequei sem presa, me sentando na cadeira, logo me deitando na mesma. Ao fazer isso Tom apareceu no meu campo de visão, ele estava do outro lado do solário, conversando com um grupo de garotas que nunca havia visto antes, obviamente, que ele estava se divertindo, revirei meus olhos e percebi que Lucas observava o mesmo.
Era curioso como os dois eram diferentes, mesmo sendo tão iguais.
Lucas era um garoto incrível, a sua preocupação comigo era algo adorável, mas não podia aceitar sua proposta, por mais tentadora que fosse.
Não queria enlouquecê-lo com as minhas frustrações e medos.

Fechei meus olhos me entregando a um banho de sol, mas logo voltei a abrir os mesmos, notando que o som da movimentação na piscina e dos outros passageiros conversando estavam incomodando a minha concentração. Peguei o meu celular, no bolso do meu short que estava ali próximo, junto aos fones de ouvidos e logo liguei em minha playlist de músicas. De Debussy a The Fray.

Já havia perdido a quantidade de músicas que havia ouvido e a quantidade de vezes que já havia virado de frente e de bruços na cadeira, quando o aparelho começou a vibrar com movimentos lentos e estabanados levei o telefone a frente do meu rosto, vendo quem era que me ligava.
Notei que era a minha mãe e foi incontrolável não sorrir.
Tirei os fones de meus ouvidos, eu não levantei, saltei com precisão da cadeira atendendo a ligação.

- Oi mamãe! – Falei com animação dando alguns passos para longe do grupo de meus amigos.

- Oi meu amor! Que saudades de você, meu bebê! – a voz dela ressonou do outro lado da linha, mesmo ela tendo me chamado de “meu bebê” apelido ao qual detesto, não me importei ao ouvir isso, pelo contrário, senti meu coração se afundar em meu peito de tantas saudades. – Me conte tudo que estou curiosa em relação ao que você tem feito.

- Eu não tenho muitas coisas a contar, só o básico, tenho ido às festas oficiais do navio e aproveitado muito o sol que parece estar ao meu favor. – Murmurei, analisando tudo que eu já havia feito até então.

- Só isso? – Minha mãe questionou, desapontada. – Como você ousa ter apenas isso para me contar? Eu paguei uma fortuna para você está fazendo apenas isso?!
- Pagou, vírgula. Ainda está pagando porque você dividiu a viagem em parcelas de cinco vezes que eu vi. – Murmurei em choque, tentando esconder a vontade de rir.

- Meu deus, criatura versus criador. – Ela disse em total choque – Que visão de águia você tem! Isso porque você é míope ou será que você mentiu para mim sobre isso, Katerina Isabella?

- É mamãe, é tudo uma cruel mentira da minha parte por que no fundo eu quero o seu dinheiro. – Falei com deboche, erguendo uma sobrancelha sem hesitar. – E, por favorzinho, nada de nome composto a essa hora da manhã, ok?

- Ok. – Ela respondeu em um sussurro que poderia jurar que escondia uma risada, melhor, uma gargalhada. Minha mãe era do tipo que gargalhava demonstrando toda a sua alegria, era um dos meus sons favoritos. – Então, eu fiquei sabendo. – Ela disse por fim com um tom malicioso.
- Sobre? – Questionei, em dúvida.

- O garoto, oras, Chuck deixou "escapar" durante o jantar que talvez você tenha conhecido alguém. – Ela murmurou despreocupada, como esse assunto não fosse de seu sumo interesse naquele momento. Tentei controlar o sorriso bobo que brotou em meus lábios ao pensar em Peter, mas foi completamente inútil.

- O Chuck é um linguarudo e você não deve acreditar em nada que ele diz! – Mentira! Eu sabia que Chuck não era um linguarudo, mas sim que mamãe era ótima com persuasão. – E você também é uma curiosa inveterada, então ...

- Meu Deus, é a segunda do dia. Eu só queria saber quem é o garoto que chamou a atenção do meu bebê.

Mordi meus lábios.
Primeiro para não gritar com minha mãe mandando ela parar de me chamar de bebê e segundo porque estava na dúvida de contar ou não sobre Peter. Nada contra falar sobre isso com minha mãe, mas eu não gostava de falar sobre minhas diversões amorosas para não criar nem para mim e nem para ela expectativas de um relacionamento estável, ainda mais porque eu e Peter só estávamos nos conhecendo o que tínhamos no momento era um amor de cruzeiro, assim que saíssemos daquele navio cada um seguiria seu caminho, pelo menos era o que eu gostava de pensar para o meu bem. Esse pensamento fez de maneira estranha o meu coração afundar em meu peito então sem hesitar contei tudo a minha mãe, óbvio que escondendo certos detalhes como os nossos quase beijos e nosso momento a sós no convés no dia anterior, enquanto estava sentada na borda da piscina com os pés balançando suavemente na água. Assim que conclui esperei por alguns segundos a resposta de mamãe, mas ela estava muda. Olhei o visor do celular vendo se a ligação havia desligado, mas não, ela continuava na linha o que me fez gelar dos pés a cabeça como se uma brisa da madrugada tivesse me atingido, mas nem ventando estava e a água da piscina estava fresca.

- Mãe? – Questionei com receio.

- Eu. Estou. Sem palavras. – Minha mãe falou segundos depois, seu tom de voz baixo e abobado. – Quer dizer, é claro que você deve tomar cuidado, você o está conhecendo, mas não significa que já o conhece de todo! Lembre-se, você pode passar a vida toda ao lado de John e de repente descobrir que não conhece John.

- Pois é, eu não conheço John. – Falei brincando, mas com um tom de voz sério.

- É sério, Kate. Cuidado! Não o idealize demais, curta o momento, mas tente sempre manter o equilíbrio. Um pé no emocional e outro no racional. Eu não quero que você acabe decepcionada no final de tudo, mesmo você dizendo, que é apenas passageiro, eu te conheço, sei como você se envolve rápido com as pessoas. É do seu estilo. Amar sem nem ao menos perceber.

- É, você tem razão. – Respondi, enquanto compreendia as suas palavras de forma

pensativa.
- É, eu sei que tenho. – Ela disse cheia de si. – Mas agora vamos aos comentários imprescindíveis, além do habitual "tome cuidado". Eu estou completamente abismada com esse garoto. Quer dizer, um jantar criadoespecialmente para você? Eu te amo minha filha e eu sei o tão especial que é, mas garotos não fazem isso. Eles são práticos e vão direto ao assunto, se é que me entende.

Argh!
Eu entendo completamente, mas ouvir isso da sua mãe ... Argh!

- Esse garoto é ... Irreal! – Ela disse por fim.

- Eu sei. – Respondi, sorrindo levemente, sentindo um conforto brotar em meu coração. – Eu já pensei nessa hipótese, mas acredite em mim, mãe. Ele é muito real! – Essa última frase saiu praticamente sem ar pelos meus lábios.

- E você está adorando ele, não está? – Ela questionou musicalmente. – Nem adianta tentar disfarçar Kate pelo que você me disse ele é tudo o que você aprecia. Inteligente,único, sarcástico, misterioso, tenho certeza que você tenta o decifrá-lo como um enigma.

- Ele é a minha esfinge, na melhor homenagem a Édipo Rei: Decifra-me ou devoro-te. – Sorri levemente com tal pensamento, em seguida balancei minha cabeça como se quisesse fugir com os pensamentos que brotavam e voltei a falar ao celular. – Mas, mudando de assunto, como estão todos?

- Bom, Chuck já arrumou todas as malas e só sabe falar na bendita colônia de férias até o despachei nessa manhã para a casa do Ben, assim ele fica perturbando o melhor amigo e não eu; Joseph está aprendendo marcenaria porque ele quer construir uma estante na garagem para as ferramenta dele até o fim das férias, mas suspeito que vamos apenas parar no hospital já que ele martelou a mão umas três vezes e na última vez ele chorou feito um bebê. Ah, mamãe vai passar duas semanas aqui em casa, ela só está decidindo quando vai ser pior para nós, agora no fim de julho ou se no final de agosto.

- Final de agosto seria ótimo para nós. Porque ai já voltei de Londres e posso ajudá-la a recepcioná-la.
- Sim, eu pensei nisso. Só não falei porque você sabe como sua avó é do contra. Se eu falar que o céu é azul, ela vai dizer que é verde e aí de mim se não concordar.

- Vovó sempre foi assim mãe, não reclame porque um dia você pode acabar ficando como ela. – Pensei alto demais, ao perceber o que falei, fiz uma careta com os lábios com medo de mamãe surgir do tártaro ao meu lado para dar um cascudo em minha orelha.

- Oh Praga! É a terceira do dia.
- Desculpe, só é a verdade. – Falei, erguendo levemente os ombros com um sorriso de quem aprontou.
- Pelo menos tenho como consolo o fato que eu irei atormentar você como ela me atormenta. – Ela respondeu com um tom de voz satisfeito.
- Oh Praga! Mas não se preocupe sempre existirão os asilos, mamãezinha querida! – Falei de maneira angelical mas com certo deboche já que sabia que isso estressava minha mãe.

- Ah, me lembrei! Você recebeu uma carta de Cambridge! – Ela murmurou, como se aquilo fosse algo simplesmente normal. Como se eu recebesse cartas de Cambridge todos os dias. Espere um minuto. Cambridge?

- O que? Como? O que está escrito nela? – Questionei tudo de uma vez só, quase escorregando pela borda na direção da piscina, mas me segurei a tempo, sentindo o coração bater feito uma britadeira em meu peito, lembrando que eu estava viva e que poderia enfartar.

- Uma carta. Pelo correio. Palavras em inglês, sua língua materna. – Ela respondeu pausadamente, revirei os olhos querendo arrancá-los.
- Mãe! – Quase gritei, mas consegui controlar meu tom de choque.

- Só estou respondendo as suas perguntas. – Ela respondeu, agora usando seu tom de deboche. – Eu não a abri, assim que a recebi a enviei logo para a casa de Roux, antes que Joseph e Chuck vissem a mesma e a abrissem com as curiosidades de

homens da caverna que eles têm, enfim assim que chegar em *Notting Hill* terás a resposta que espera.

- Uma negação, é claro. – Respondi, me lembrando que estávamos falando de Cambridge, muitas vagas, muita procura, pouquíssimas chances, então porque estava nervosa se definitivamente não havia conseguido?

- Bom, para mim, sua humilde mãe, parecia uma carta um tanto gorda para ser apenas uma negação. – Ela disse com um tom típico que ela fazia quanto falava das fofocas das estrelas de Hollywood.

- E você não abriu? – Agora gritei, mentalmente gritando palavrões bem feios. – Mãe!
- É contra a lei, Katerina! – Ela murmurou como essa fosse uma ótima desculpa.
- Mãe! Mãe! Você me surta, sabia? – Murmurei, trincando os dentes.
- E, você me surta também. – Ela falou de maneira amorosa enquanto eu ainda trincava os dentes. – Falando sobre surtar, você está tomando os remédios para ansiedade?

- Er ... – Não conseguia mentir para minha mãe, mesmo sabendo que estávamos em uma distância considerada, eu sabia que ela ficaria extremamente preocupada e furiosa por saber que eu estava quebrando uma promessa. – Que bom que você comentou sobre isso, mamãe. Eu me esqueci do comprimido de hoje.

- Quando é que você vai perceber Katerina que eu sei quando você está mentindo? – Minha mãe murmurou do outro lado da linha com um tom de voz firme, fechei meus olhos pensando em uma desculpa breve e que soasse verdadeira.

- Está tudo bem, mãe. Eu sei me controlar, se eu perceber que estou prestes a perder o controle eu tomarei os comprimidos e tudo ficará bem. Prometo. – Murmurei, mordendo levemente meus lábios.

- Olha, eu sei que eu sou repetitiva às vezes Kate. – *Às vezes?!,* pensei, erguendo uma sobrancelha. - Mas eu fico preocupada com você. Estamos muito distante uma da outra então me preocupo em dobro com seu estado emocional, você sabe que não

pode ficar sobre estresse e acredito que ficar na posição que você está em relação a Rachel, Joana e Steve está sendo uma experiência muito incómoda e ao mesmo tempo estar indo para Londres, seu sonho, isso aumenta sua ansiedade e nervosismo, e ainda tem esse garoto na sua vida ...

Por isso eu pedi para você tomar o medicamento diariamente, para você não ter um ataque de nervosismo.
- Eu sei, mamãe. – Respondi com poucas palavras, mesmo querendo ter dito mais.
- Eu sei que você é uma garota responsável, mas essa sua rebeldia e teimosia me deixam de cabelos brancos, Katerina.
- Não, mamãe. O que te deixa de cabelos brancos é a idade. – Murmurei, sorrindo de lado, sabendo que isso a acalmaria por ora.

- Você sabe o que eu tenho sentido desde o dia que te deixei no porto? – Ela murmurou alguns segundos depois, como se estivesse lutando com si mesma contra aquelas palavras que acabaram por sair.

- Não. O que? – Questionei, curiosa com o rumo da conversa.

- Que você não vai voltar mais para casa. – Minha mãe murmurou de uma vez só tais palavras que me fizeram gelar por completo. – Quer dizer, não que eu esteja dizendo que você vai sofrer um acidente no estilo *Titanic,* mas que eu acredito que você vai encontrar o seu caminho em Londres. Um caminho que você jamais encontraria aqui em Durham ou em qualquer outro lugar.

- Eu nunca pensei nisso. – Murmurei, sem palavras.

- Eu sei que parece tolice, mas foi algo que senti nesses últimos dias. – Ela pausou por alguns segundos, pude ouvi-la suspirar e por fim ela completou. - Agora vou desligar tenho que fazer o almoço porque já já meus garotos chegam famintos feito leões e eu também não quero te prender, vá se divertir meu amor. Saudades de ter você aqui, meu anjo. Se cuida, mande beijos a todos e juízo.
- Sim, mamãe. Pode deixar. Te amo. – Respondi com os olhos marejados..

- Te amo. – Ela disse por fim e em seguida ouvi o som da ligação sendo desligada.

Estava extremamente pensativa com as palavras de minha mãe.
Principalmente o que ela confessou sobre eu achar que não voltarei mais para casa, que o meu caminho está em Londres. Eu não havia pensado nessa situação e a ideia não me parecia tão desagradável assim, por isso eu estava tão assustada comigo mesma. Como eu poderia pensar na possibilidade de viver em Londres? Era loucura. Financeira e emocionalmente. Mesmo me questionando dessa situação o pavor de viver sozinha em um país desconhecido não me afetou, pelo contrário, as palavras de minha mãe faziam um grande sentido para mim, como se o que ela tivesse dito, já estivesse subentendido.

Teria continuado absorta em meus pensamentos se não tivesse notado a presença de Britanny e Rachel no ambiente, ambas estavam vestidas com seus biquínis, a primeira com um biquíni azul e a segunda um biquíni roxo, e na parte debaixo utilizavam uma canga como saia, elas desfilavam no ambiente como se estivessem no palco do *Victoria Secret's* e chamavam a atenção de todos os garotos com a mesma velocidade que as *Angels*, contudo eu via a aproximação de Britanny, mais ou menos como aquela caminhada em câmera lenta típica de filmes antigos de faroeste: o bandido com uma expressão de mal, enquanto o bonzinho (Clint Eastwood, é claro) vinha sensualizando com sua mão no cabo da arma. É claro que eu era o Clint Eastwood dessa situação.

Larguei o meu celular na cadeira em um rápido movimento que foi o exato espaço de tempo de Joana ficar de pé da cadeira que estava, ela que antes parecia adormecida agora estava extremamente acordada podia ver pela brutalidade que largou seu Ipod no assento que ela estava prestes a fazer algo pelo qual se arrependeria: explodiria com Britanny na frente de todos. Lucas, que estava sentado próximo a ela, se levantou seguindo a de perto com uma preocupação evidente, não demorou muito para Alex e Chris se aproximarem do ambiente, podia jurar que havia visto de relance Tom do outro lado do solário também já se aproximando do ambiente já eu, fazia o mesmo, apenas alguns passos atrás de Joana e ao lado de Lucas.
Sim, a gangue estava se reunindo para impedir uma briga de garotas.

Em questão de segundos, Britanny e Rachel pararam uma ao lado da outra, a primeira nos olhando com certo deboche e a segunda nos observando com a cabeça

levemente erguida, mas podia ver em seu olhar dúvida enquanto na minha mente flutuava a seguinte pergunta em negrito: O que diabos Rachel está fazendo com a *Britadia*?

- O que é isso? Uma intervenção? – Britanny questionou com um tom de voz debochado.

- É isso mesmo, uma intervenção a vadia. – Joana murmurou e logo acertou um tapa no rosto de Britanny que gritou de espanto enquanto nós prendemos o ar apenas deixando escapar um "Oh!" dos lábios com o espanto do momento, pude notar que a maioria das pessoas notaram o que estava acontecendo e observavam a cena com atenção e curiosidade.
– Isso é pela fofoca que você está espalhando. – Britanny a olhou em choque, se recompondo e não demorou muito para Joana acertar outro tapa no rosto da garota que chegou a cambalear com a intensidade da ação de Joana e nós novamente deixamos escapar um "Oh!" dos lábios, agora surpresos enquanto Alex colocou as mãos nos lábios fazendo uma expressão de choque. – E isso é por você ser uma vadia arrogante que sempre tentou roubar o Steve de mim e agora tenta se sentir melhor inventando mentiras só para me ver humilhada, mas para mim já chega, Britanny. Eu estou farta de você, sua mentirosa hipócrita. – Joana murmurou trincando os dentes, apenas alguns passos de distância de Britanny, notei que Tom realmente se aproximara do local e estava atrás de Britanny, pronto para segurar a garota enquanto Lucas já segurava Joana pela cintura para evitar qualquer confronto corpo a corpo.

- Você vai engolir essas palavras, Joana. – Britanny murmurou, sem se afetar, mexendo nos cabelos que estavam intactos a violência que seu rosto havia sofrido, já que o mesmo se encontrava vermelho em ambos os lados. – Eu não estou mentindo. Por incrível que pareça, eu estou falando a mais pura verdade. – Ela disse com certo deboche, fazendo uma careta com os lábios. – Eu vi o seu precioso Steve com uma garota na noite passada, em um clima de romance que eu diria ser bem quente para quem acabou de pedir um tempo, eu só não tenho provas porque não estava portando minha câmera no momento, mas não se incomode, eu as terei em breve. E você terá que pedir perdão a mim quando descobrir que eu estou falando a verdade e

que você foi completamente injusta comigo. – Britanny murmurou, olhando atentamente Joana que a observava com raiva enquanto Lucas ainda a segurava. Notei que Alex estava ao meu lado enquanto Chris se mantinha na minha outra ponta, próximo a Lucas. – E não se preocupe, eu terei essas provas em breve, além do mais, quem trai uma vez, trai duas, três, quatro ...

Joana tentou se desvencilhar de Lucas para com certeza acertar outro tapa em Britanny, mas o mesmo a puxou para perto de si, sussurrando para ela que não valia a pena, Joana aos poucos aceitou as palavras de Lucas e permitiu que o mesmo a afastasse do ambiente enquanto Britanny ria de uma maneira debochada, Chris balançou a cabeça negativamente a observando com uma expressão de nojo, ela parou de rir o olhando com desdém.

- O que foi Chris? Perdeu algo aqui?

- Não. Não há como perder algo no nada. – Chris respondeu com um tom de voz firme, ele olhou para Alex que olhava furiosa para Britanny, sendo a mais sensível do grupo, ela se sentia mal em ver os amigos em uma situação de briga. Alex logo se aproximou de Chris, segurando a cintura do namorado e o guiou na direção onde Joana e Lucas estavam sentados. Olhei para Tom que agora parou ao lado de Rachel, observando a cena atento.

- Se eu fosse você, Alex. Eu ficava de olho no seu namoradinho, vai que ele se infecta com a doença do Steve e decida "pedir um tempo" a você também? – Britanny murmurou em um tom alto o bastante para todos naquela área ouvirem, abafando uma risada debochada, em seguida murmurou, observando Joana com atenção. – Pobre Joana, vai ter que catar os cacos do coração dela que estarão no chão em breve.

- Já chega! – Rachel murmurou com raiva, observando Britanny com uma expressão irritada, mas podia notar certo nervosismo em seu falar. – Você já foi longe demais, Britanny.

- Eu pensava que você estivesse gostando. – Britanny questionou erguendo uma sobrancelha. – Não é você a defensora número 01 do Steve? Passou a noite inteira ao

lado dele, conversando, dividindo segredos, poderia até desconfiar que você sabe quem é a tal garota com quem ele está traindo a Joana. – Rachel se encolheu um pouco, ficando um pouco mais perto de Tom que a observou com uma expressão pensativa como se aquilo fizesse sentido naquele momento, enquanto Britanny sorriu como se tivesse acabado de ganhar uma fortuna. – Não, melhor ainda, talvez você seja a garota que eu vi com ele ontem. Faria muito sentido, sabia?

- Britanny, que tal você, sei lá,ir tomar conta da sua vida? Ela é tão sem sentido assim por isso que você precisa tentar destruir a vida dos outros? – Murmurei, erguendo uma sobrancelha.

- Olha só, é a Kate. Você é tão insignificante que eu nem notei que você estava ai. – Britanny disse com malícia. – Como vai o garoto britânico? Ele já conseguiu te levar para a cama ou você está se fazendo de difícil?

Eu podia ter feito tantas coisas naquele momento.
Podia ter dado um soco na cara de Britanny, como podia ter defendido a minha honra e a de Peter, podia ter ignorado Britanny e ido me juntar a Joana e os outros, mas o que eu fiz foi bem mais superior do que tudo isso junto.
Eu olhei Britanny dos pés a cabeça com o meu olhar mais frio, notei em seus olhos toda a malícia que ela tinha, eles eram como a fonte de toda a sua ruindade, respirei profundamente e a respondi:

- Eu poderia arrancar os seus olhos, mas um dia você vai acordar e vai lembrar-se de tudo de ruim que você já fez e vai se olhar no espelho e sendo cega, como você verá a pessoa infeliz que é ? – Em seguida, com passos firmes , fui até a minha cadeira, peguei minhas roupas e celular, me despedi de todos, notei que Joana estava abraçada a Lucas e ela parecia bem já que Lucas fez um sinal com a cabeça que cuidaria dela, assim me retirei do ambiente, tendo que passar ao lado de Britanny vendo que ela continuava parada no mesmo local, com uma expressão e nada contente, pude ouvir Rachel me chamar, mas não parei até sair do solário.

Em determinado canto, entre a entrada do solário e um grande coqueiro, eu parei, colocando as minhas roupas em um banco próximo, sendo observada por vários

passageiros que passavam pelo ambiente e viam aquela cena com curiosidade, uma garota de biquíni e expressão seria, se vestindo no convés.
Enquanto vestia meu short, notei que Rachel vinha correndo, parando na entrada a minha procura, assim que ela me avistou ela se aproximou de mim, me olhando entristecida. Vesti a minha camisa, sem nada dizer, puxando meus cabelos para cima dos meus ombros em um movimento só tão irritada com aquela situação que a minha verdadeira vontade era de gritar para extravasar toda a minha raiva e angustia.
Olhei para Rachel, pensando no que poderia dizer a ela, mas nada saiu, apenas passei uma de minhas mãos em meus cabelos, olhando ao arredor, presa em meus pensamentos sufocantes, peguei o maço de cigarro com um movimento só, o ofereci a Rachel que aceitou, peguei o meu isqueiro e o acendi, assim ela se aproximou, acedendo o cigarro e logo o tragando, fiz o mesmo que ela e começamos a caminhar.

Poderíamos passar o resto do dia fazendo isso.
Estávamos ficando boas em caminhadas e em fumar cigarros durante a trajetória. Desde o solário não havíamos falado absolutamente nada, os únicos momentos de contato que tínhamos era quando Rachel ia em busca do maço de cigarro em meus shorts. Já deveria ter passado um bom tempo, já que os restaurantes pelos quais passávamos estavam ficando cada vez mais lotados e com filas de espera do lado de fora. Senti meu estômago roncar no exato momento que terminei de fumar o meu quarto cigarro, olhei para Rachel que observava o oceano pensativa com seu rayban preto cobrindo a possibilidade de ver seu olhar.

- Que tal irmos comer alguma coisa? – Murmurei, olhando para Rachel que me observou erguendo ambas as sobrancelhas, surpresa talvez por eu ter proposto tal coisa. – Tipo, algo bem gorduroso, que enquanto a gente coma tenhamos a certeza que será aquilo o causador da nossa morte.

- Não seria certo. Essa viagem já está mexendo com todo o meu metabolismo e eu já estou ficando gorda feito uma orca. Além do mais, eu quebraria a minha dieta e teria sido inútil passar duas horas na academia hoje para devorar algo assim. – Rachel entortou os lábios notando em minha expressão que eu iria começar a xingá-la em questão de segundos, mas ela se manteve firme na decisão.

- Sinceramente, Rachel? Não estou com paciência para esses seus ataques de "gorda" hoje, então é bom você guardar esse seu discurso problemático para outro momento quando eu tiver paciência para esse assunto. Você é magra, linda, gostosa e extremamente desejada por todos os homens que passam ao seu lado ou que estão em um raio de vinte quilômetros, só você que não vê isso, então ou você come a porcaria do lanche gordurento ou você vai me assistir a comer ele. Escolhe logo porque quem tem fome, tem pressa. – Conclui , sorrindo de uma maneira sem vontade.

Rachel nada disse, apenas suspirou de maneira pesada então aceitei isso como uma afirmação e voltei a andar, descemos dois lances de escadas, indo ao terceiro convés onde ficava uma praça de alimentação que eu havia visto no mapa principal e nesse ambiente tinha um fast food muito conhecido, que era um dos meus favoritos, não apenas por terem os sanduiches mais gostosos, como também, ótimos alimentos gordurosos para servirem de *rehab* emocional.

Ficamos a discutir na bancada da lanchonete o que deveria ser menos calórico para ela um sanduiche de frango grelhado ou de peixe, acabou que ela escolheu o de frango já que ela adora qualquer coisa feita disso, um suco de laranja, batatas fritas que ela passou rapidamente para minha bandeja e pronto, esse era o almoço de Rachel, bem diferente do meu, já que pedi um sanduiche que vinha recheado com dois hambúrgueres gigantes, batatas fritas em grandes porções e um copo grande de fanta laranja.
Nos sentamos num local mais vazio da praça de alimentação, assim tendo um pouco de privacidade.
Enquanto comiamos conversávamos sobre assuntos comuns que não tinham nada a ver com os últimos acontecimentos. Bem típico de Rachel que gostava de fugir daquilo que a magoava, ainda mais que era óbvio que a situação que Britanny criou a deixou emotiva e diria até, preocupada.
Assim que terminei de devorar o meu sanduiche como uma loba faminta, me concentrei nas batatas fritas, as joguei dentro da bandeja, fazendo num canto da mesma um círculo de catchup com os saches que a lanchonete havia nos dado e sem a menor pressa comecei a comer as batatas enquanto Rachel bebia seu suco, aproveitei a oportunidade para matar a minha curiosidade que já estava sendo retida

por muito tempo.

- Porquê você estava com a Britanny? – Questionei, depois de já ter devorado umas cinco batatas. – Você a detesta.

- Eu a detesto, mas mesmo assim não sou antipática com a monstra. Ela me encontrou no corredor do saguão principal, ela estava indo para a piscina e me viu vestida assim achou que eu ia também, mas quando eu disse que ia para o solário ela subitamente disse que iria também porque se lembrará que Tom havia dito que eles passariam a manhã lá, mas logo percebi que o que ela queria era saber sobre Steve e Joana, principalmente, sobre a festa de ontem já que eu passei a noite com o ... Steve. – Rachel murmurou dizendo as últimas palavras de maneira duvidosa, temendo minha reação.

- Eu nunca vi Joana daquela forma antes. – Murmurei, passando uma batata lentamente no círculo repleto de catchup.
- Eu pensei que ela fosse trucidar a Britanny ali mesmo. – Rachel murmurou, erguendo ambas as sobrancelhas. – Até fiquei impressionada que a monstra não revidou.

- Ela não revidou por que tem uma carta na manga. – Comecei a falar num tom baixo de voz, temendo que Britanny surgisse do tártaro ao nosso lado, coisa que não seria impossível. - Ela viu você e Steve em algum momento íntimo durante a festa, ela só não deve ter tido a oportunidade de desmascarar vocês, mas que ela já desconfia de você, ela desconfia.

- Verdade. – Rachel murmurou com um tom de voz pensativo. - Eu notei pelo jeito que ela falou. Eu preciso tomar cuidado, eu não quero que Joana descubra nada sobre isso dessa forma, pelas mãos da monstra.

- Na realidade, vocês não querem que Joana descubra. – Murmurei com um tom de voz rude que Rachel notou, ela logo ergueu uma sobrancelha, descontente com a minha atitude. Enruguei meu cenho largando a batata na bandeja. – Desculpa. Eu não queria falar assim. Rachel, você é muito mais que uma melhor amiga, você é uma irmã para mim. Essa situação toda está estressante e sufocante para mim, eu sei que

é difícil para vocês, na realidade, eu não sei por que sinceramente eu não entendo porque as pessoas traem, mas posso dizer com plena certeza que isso não vai terminar bem e não é porque eu não quero, simplesmente porquê esse tipo de coisa nunca termina da maneira que idealizamos.
- É, eu sei. – Rachel respondeu pensativa, ela me olhou com uma expressão serena mordendo levemente os lábios como se o que ela fosse dizer a incomodasse de alguma forma. – O problema é que eu realmente gosto dele. Steve não é um garoto qualquer Kate, ele me entende, me preenche e me completa de uma forma irreal. Estou cada vez mais acorrentada a ele, e sinto que agora não tem mais volta. Eu amo a Joana e não quero vê-la sofrer, mas eu me amo também e eu quero ser feliz ao lado do cara que eu gosto.

- E o que você pretende fazer? Quer dizer, *vocês* pretendem fazer? Vamos dizer hipoteticamente que Steve termine com Joana, sua melhor amiga tem um namoro de mais de 02 anos terminado sem explicações e precisa muito de você, contudo ela não sabe que você foi o maior pivô da separação, então de duas ou uma: Ou você e Steve se tornam publicamente namorados ou vão ficar escondendo esse relacionamento para o bem de Joana até que um dia vai perder a graça e os dois vão acabar por se separar e não só perdendo um relacionamento amoroso como uma amizade. Eu sei que não é isso que você quer, mas um desses dois é o que vai acontecer e nos dois vocês saem perdendo.

- E se contarmos a Joana? – Rachel questionou segundos depois. Ergui ambas as sobrancelhas, comendo duas batatas fritas nanicas encharcadas de ketchup. – Eu comecei a pensar nisso ontem, não falei com Steve sobre, mas ... É uma terceira possibilidade, certo?

- O que você pretende? Chegar à Joana e dizer: “Ei, eu estou apaixonada pelo seu namorado e ele também me quer por isso ele pediu um tempo a você para podermos ver aonde esse nosso pseudo - relacionamento vai chegar. Eu sei que você está sofrendo, contudo quero que você saiba que te considero muito e quero manter essa nossa amizade a todo custo.” Você não deve fazer isso.

- Eu não ia falar nada disso, eu teria uma conversa sincera com ela, da mesma forma

que tive com você. Eu sei que não é um grande plano, mas é uma opção, Kate. – Rachel murmurou, fazendo bico.

- Uma opção idiota e desastrosa. Imagine como Joana vai ficar ao ouvir dos seus lábios toda essa situação. Se há alguém que deve contar toda a verdade a ela é Steve.

- Eu sei. – Ela murmurou, pegando uma das minhas batatas. – Mas o Steve está muito confuso, ele me disse que depois de conversar com você, ele saberia exatamente o que fazer.

- Ah, a gente conversou hoje. Tomamos café da manhã juntos. - Falei, pegando uma outra batata.
- Pelo seu desânimo, a conversa não foi muito animadora. – Rachel murmurou, entortando os lábios.
- Essa situação é desanimadora. Eu simplesmente queria estar fora disso, mas é como uma areia movediça, cada vez que tento sair, mas me afundo.

- Confesso que eu sinto que isso não vai durar muito, sabe? Eu e Steve como pseudo casal. – Rachel murmurou, escondendo um breve sorriso de vencida enquanto eu a observei com pesar. – Ah, você me conhece, Kate. Eu sou prática e gosto de atitude vinda do sexo oposto, no momento, a única atitude que Steve teve foi de tirar uma mecha de cabelo do meu rosto e dizer como eu estava bonita. – Rachel em seguida, deixou seu lado sensível à mostra, algo que ela fazia raramente. - Eu não sinto que ele esteja apaixonado por mim da maneira que eu estou apaixonada por ele, entende?

- Porque você acha isso? – Questionei cuidadosa temendo que ela notasse o meu pesar no tom de voz, então disfarcei, fingindo estar transtornada com o fim das batatas fritas.

- Ele não me olha com paixão. Ele me olha com desejo. Ele quer o meu corpo, não o meu coração e para mim, não é o bastante. Eu não quero desejo dele, eu quero amor, mas como fazer uma pessoa amar você quando se sabe que no coração dela há outra?

- Eu não sei. – Não consegui esconder minha tristeza por Rachel, a mesma abaixou o rosto enrugando o cenho como se quisesse segurar as lágrimas. Me levantei da

cadeira, me sentando ao seu lado, segurei a sua mão e a mesma me olhou com uma expressão triste. – Lembra quando você tinha quatro anos e caiu do balanço no parquinho?

- E eu cortei a minha mão. – Ela deixou um leve riso sair de seus lábios. – Claro que lembro. Foi à primeira vez que fizemos o nosso pacto.

- Você lembra o que eu disse para você naquele momento? – Murmurei, segurando exatamente a mão que ela havia machucado quando tinha quatro anos sabendo que ali tinha uma pequena cicatriz, a mesma que tinha na palma da minha mão. Rachel enrugou o cenho, pensativa.

- Desculpa, a minha memória não é tão boa como a sua.

- Tudo bem. Eu me lembro. – Respondi, franzindo levemente o nariz. – Você caiu e começou a chorar porque fez um pequeno machucado na palma de sua mão, lembro-me que era até em formato de meia lua, foi um caco de vidro que te feriu e como eu era uma criança irresponsável e descuidada, eu peguei o caco e fiz o mesmo corte na minha mão e disse: - Rachel me olhava com os olhos cheios de lágrimas, ela se lembrava agora daquele momento como eu me lembrava. – "O seu dodói é o meu dodói" – Ri levemente acompanhada de Rachel. – Eu era muito criativa naquela época, mas lembro que não foi o nosso único pacto, fizemos muitos outros, mas nenhum tão poderoso quanto aquele. Então, Rachel eu não sei como fazer um cara se apaixonar por você, como resolver esse triângulo amoroso de uma maneira positiva, mas eu sei de uma coisa que eu tenho certeza: O seu dodói é o meu dodói. Se você está sofrendo, eu vou sofrer junto e acabou, se vamos enfrentar isso, será juntas, o resto à gente escreve do presente pro nosso futuro.

- Eu não te mereço, sabia? – Rachel murmurou, deixando algumas lágrimas caírem de seu rosto enquanto ela me observava atenta. – Eu estou sendo uma péssima amiga, fui tão estúpida com você ontem e cá estamos, com você me reerguendo mais uma vez. O que seria de mim sem você, Kate?
- Você é uma fênix, Rachel. – Murmurei, limpando as suas lágrimas, sorrindo. – Eles podem até te destruir, mas você sempre ressurge mais poderosa e linda do que

nunca. Por isso, pare de chorar e de dizer bobagens, apenas siga o seu coração. Eu não estou em posição de julgamento, então o que você fizer, eu vou te apoiar.

- Por favor, vamos parar de falar de mim. Eu adoro atenção, mas em excesso parece desespero. – Rachel murmurou por fim abafando uma risada, limpando as lágrimas que insistiam em brotar em seus olhos. Ela abriu um sorriso que eu conhecia muito bem, era o sorriso que ela dava quando queria fingir que tudo estava bem, então ela questionou: - E você e Peter? Já se falaram hoje? – Ela me observou com certa malícia brilhando em seus olhos castanhos profundos. – Eu o vi na academia hoje, com o Dorian aquela personificação de um Deus grego em pessoa, mas foi Peter que me chamou atenção. Ele não estava com uma boa aparência, parecia cansado, sabe? O que você deixou de contar para mim e Jo, huh? O que você fez com o garoto? – Rachel murmurou, erguendo uma sobrancelha, tomando o último gole de seu suco.

- Nada. – Respondi confusa. – Eu não escondi nenhum detalhe sórdido de vocês ... – Ok, talvez eu tenha escondido uma ou cinco coisas que tenha passado em minha mente, pensei.
– Mas, não, a gente não se falou hoje. Ainda ... A irmã dele, Amelia, marcou um cinema hoje à tarde, eu, Peter, ela e Dorian, mas até agora ... Nenhum telefonema ou mensagem. – Enruguei meu cenho, ainda pensativa em relação ao que ela havia me dito. – Eu já havia notado isso sabia? Que ele aparenta cansaço, será que está ficando gripado ou algo assim?

- Se está ou não, nem tenho ideia, contudo não seria uma ideia ruim ele ficar doente. Você poderia cuidar dele, se é que me entende. – Rachel sorriu maliciosa e eu gargalhei. – É sério! Enfermeira é uma das fantasias sexuais que os homens mais desfrutam, garanto que ele ia adorar ter você por perto, cuidado dele.

- Ok. Vamos parar de falar de mim agora. Eu adoro atenção, mas em excesso parece desespero. – Murmurei com certa pompa, ainda rindo, sentindo as minhas bochechas corarem brevemente enquanto Rachel me olhava com uma expressão falsa de choque.

Não falamos mais sobre Peter ou Steve, nos mantivemos conversando sobre

assuntos variados, com uma animação e espontaneidade costumeira nossa, como se nada estivesse acontecendo em nossos mundos de diferente, como se fossemos as mesmas Kate e Rachel de alguns dias atrás antes de embarcamos nesse cruzeiro, mas não éramos. Mesmo não parecendo, estávamos diferentes do que realmente éramos. Rachel não estava viva e feliz como sempre transparecia, sua sensualidade e charme inebriava a todos que se sentiam atraídos por uma bela jovem como ela, mas parecia que a mesma havia perdido o tato para algo que sempre foi tão habilidosa, ela passava despercebida por todos e até os seus olhares, que sempre foram maliciosos e atentos, estavam baixos e tristonhos. Tudo que ela fazia parecia falsamente ensaiado para parecer que tudo estava bem, por mais que ela tentasse negar, era óbvio que sua relação com Steve e Joana a estava afetando demais mesmo que ela tentasse dizer o contrário. Em compensação, eu estava sorridente, alegre e me sentindo *estranhamente* feliz, meu coração acelerava só em pensar em Peter, meu estômago afundava de nervosismo quando meu celular vibrava, mas se acalmava em decepção ao ver que eram mensagens de outras pessoas,Joana, Lucas e Chuck para ser mais exata, mas nada de Peter. Minhas mãos suavam de nervosismo com a ideia de me encontrar casualmente com ele, em alguma parte daquele convés e minhas bochechas coravam ao pensar na noite anterior, como tudo havia sido maravilhoso e misterioso.
Como eu o queria.
Era inevitável essa sensação.
Por mais que eu devesse me precaver como mamãe havia aconselhado, já era tarde demais, eu já estava tomada por Peter em cada pedaçinho de meu ser. Meu coração, minha pele, meus lábios ... Só gritavam por ele.

Aproveitamos que o sol quis manter sua presença fixa, fomos para a piscina principal, que estava bem mais lotada do que eu já havia notado, talvez fosse pelo horário, eram crianças, jovens, adultos e idosos que curtiam o sol agradável e a brisa que percorria pelo ambiente, enquanto aproveitavam um adorável banho de sol ou um bom mergulho na piscina, escolhemos essa última opção.
Ficamos por um bom tempo, conversando enquanto bebíamos sucos que eram trazidos por garçons educados e charmosos, aproveitamos e curtíamos a piscina como duas crianças que nunca entraram em uma antes, ficávamos entre mergulhos

desajeitados e a boiar em uma das cadeiras de plástico que havíamos capturado para o nosso uso, uma vermelha e outra roxa, bem aos nossos gostos.
Passamos um bom tempo, nos divertindo com o simples e com nossas doideiras e conversas diversas que nem notamos o tempo passar, apenas me retirei da piscina quando comecei a notar que o sol estava se afastando da região que estávamos o que devia significar que já havia passado algumas horas.
Rachel disse que se manteria na piscina, ela havia gostado do relaxamento que a mesma proporcionou a ela, sem questionar mais nada, me sequei com uma toalha branca do navio, posta na cadeira onde minhas roupas estavam, vesti as mesmas e fui em direção ao meu quarto, ficando decepcionada que a tarde já havia chegado e só havia recebido mensagens de Lucas e Joana, as quais respondi, mas que me mantinha decepcionada por uma falta de sinal de existência de Peter, eu me sentia.

Voltei ao meu quarto, encontrando o mesmo silêncioso, meus olhos foram em direção do ramalhete de flores que Peter havia mandado Phil entregar nesta manhã, sem hesitar me aproximei do mesmo que estava em um belo jarro simples de vidro, carregando o mesmo junto a mim, me direcionei ao meu dormitório encontrando o mesmo com as roupas de cama trocadas e arrumadas, toalhas limpas e cheirosas foram colocadas na beira da cama, junto com um pacote de sabonete lacrado e uma pasta de dente também no mesmo estado, meus olhos percorreram o quarto todo em busca de um lugar para colocar o jarro com as rosas, decidi repousá-la na penteadeira, pegando a solitária rosa, a primeira que Peter havia me dado há colocando junto as outras. Fiquei por algum tempo observando as mesmas, não sabia ao certo porque as rosas me fascinavam tanto, não sabia se era o seu cheiro, o seu formato delicado e belo ou talvez o tom avermelhado, mas que eu era uma amante de rosas, eu era.

A lembrança da noite anterior tomou conta de minha mente em questão de segundos, mordi meus lábios tomada por aquele misto de emoções difíceis de descrever, mas intensos e enlouquecedoramente irresistíveis de sentir.
Flutuando com os meus pensamentos, escolhi um conjunto de roupas para vestir, mesmo não rolando o sonhado cinema com Peter, eu iria aproveitar o meu dia ao máximo, nem que fosse para eu ficar enfurnada na livraria, algo que não seria nenhuma sacrifício para mim, escolhi uma roupa básica: uma blusa vermelha justa

com um short jeans claro, peguei do fundo da minha mala meu par de botas bege camurça de franjinhas e pronto, meu visual da tarde estava pronto.
Tomei um banho bem demorado, a refrescância da água sobre a minha pele recém bronzeada era deliciosa e estava bem difícil lutar contra a vontade de ficar embaixo do chuveiro por tempo indeterminado.

Assim que consegui vencer a minha intensa luta contra a vontade de ficar eternamente embaixo da água, finalizei meu banho e me vesti com as ditas roupas escolhida, me direcionei ao espelho, penteando meus cabelos de maneira simples, passando um pouco de secador, apenas para deixá-los suavemente secos, me maquiei com algo básico para finalizar a produção um pouco de perfume amadeirado.
Peguei a minha carteira, colocando no bolso traseiro da minha calça. Olhei tentada para os cigarros, mas deixei os mesmos na penteadeira.

Foi quando o celular vibrou.
O encontro do aparelho com a madeira da penteadeira me espantou, fazendo com que eu me sobressalta-se, em seguida um nervosismo voltou a me atacar, mas de forma corajosa e até descrente agarrei o aparelho, vendo que ele continuava a vibrar constei que era uma ligação, meus olhos foram em direção do visor e vi que era um número desconhecido, atendi completamente desanimada, me sentando de maneira entediada na ponta da minha cama, tendo a certeza que era engano.

- Alô!

- Me responda uma coisa, Katerina, qual é a dificuldade de atender o seu celular? Te liguei umas cinco vezes e nada de você atender. – Aquela voz fez todo o meu corpo se arrepiar de imediato. Meu estômago afundou, minhas mãos começaram a suar e pude jurar que o ar havia cessado, não era uma sensação nova, mas me afetava como se fosse. - Pode contar para mim que não irei envergonhá-la na frente dos outros, mas quando o seu celular toca você se anima com o toque musical e começa a dançar no ritmo dele, não é? - Aquele sotaque britânico sarcástico, forte e misterioso, soou do outro lado do celular. Peter. Nada disse. Eu estava completamente sem reação. Abri meus lábios, pronta para responder, mas sem nem conseguir me segurar a

tempo, escorreguei da ponta da cama, caindo de bunda na direção do chão de madeira, dando um leve grito de dor, óbvio que fazendo uma careta e sobressaltando Peter do outro lado da linha. – Kate? Está tudo bem?

-T- Tudo ótimo, eu só cai da cama. – Respondi, ficando de pé com certa dificuldade, constatando que já não tinha mais idade para cair de bunda ao chão. – E para a sua informação

eu demorei a atender porque estava no banho.

- Eu não posso ficar algumas horas longe e você já se envolve em acidentes e em demorados banhos. – Peter murmurou de maneira maliciosa, podia jurar que ele estava sorrindo daquela forma charmosa que me fazia corar. – Será que isso é um sinal para que eu fique ao seu lado 24 horas por dia?

- Eu acho que 25 horas é mais seguro. – Murmurei, me olhando no espelho, vendo o sorriso bobo que estava em meus lábios. – Oi.

- Oi. – Ele disse do outro lado da linha, em seguida deu uma leve gargalhada. – Eu estava tão frustrado porque você não me atendia que esqueci que tenho educação. Me perdoe. Vamos começar essa ligação novamente. Finja que você acabou de me atender, ok? – Concordei, rindo sem me conter. – Boa tarde, senhorita Farrell. Como está hoje?

- Muito bem, senhor Hartley e o senhor, o que me contas de bom?

- Nada demais. Até o momento tive um dia bem entediante e lento, a maior diversão que tive até o momento foi em decidir que tipo de rosas eu deveria comprar: vermelhas ou brancas. Já respondendo a sua futura pergunta, elas são para uma garota que eu estou conhecendo e para mim, ela é como uma rosa. – Por fim ele murmurou suavemente. Delicada, misteriosa e apaixonante.

- Garota sortuda! – Respondi, sentindo que o ar não queria fazer presença, mordi meus lábios.

- É, eu concordo. – Ele respondeu , tomando um tom de voz sério. – Mas já percebi que dá próxima vez irei comprar um gel para hematomas, essa garota é extremamente desastrada e atrapalhada, temo pela segurança da mesma e até acredito que ela pode causar a própria morte se não for mais cuidadosa.

- Nossa, você a conhece muito bem! – Respondi, sentindo minhas bochechas corarem com violência.
- Eu a conheço melhor do que ela mesma pensa se conhecer. – Peter respondeu tomando aquele tom de voz misterioso.

- Suponho que Amelia lhe deu meu número de celular. – Murmurei de maneira direta, me encostando na escrivaninha de maneira despojada, mas no fundo tava tentando controlar o nervosismo de minhas pernas.

- Se essa resposta valesse um milhão de dólares, você ganharia. – Ele murmurou de maneira despojada. De repente um silêncio caiu entre nós, fiquei tentada a questionar sobre o cinema, mas mordi meus lábios, não queria parecer desesperada, mais também não queria ficar nesse silêncio eterno, eu ficava mais nervosa estando nessa posição, ele calado e eu calada, era como se não houvesse assunto entre nós e eu me negava a ficar nessa situação. Eu estava pronta para questionar sobre o cinema, quando a campainha tocou. Argh! – Não vai atender?

- Que ouvido potente você tem! – Murmurei, me retirando da minha cabine, pegando o cartão chave na mesa de centro da sala e com apenas dois passos me aproximei da porta, passando o cartão em sua barra de leitura e ouvindo o clique da porta. – Só espere um minuto, deve ser a Rachel que esqueceu o cartão de...

Eu não esperava por aquilo de forma nenhuma.
O meu coração batia tão acelerado em meu peito que eu temia que *ele* pudesse ouvi-lo. Ele sorria de maneira maliciosa, apertou um botão em seu celular e a partir do meu ouvi que a ligação havia sido desligada. A mão com o celular no pé do meu ouvido estava prestes a deixar o aparelho cair, mas *ele* foi hábil a tempo, segurando o aparelho antes que eu destruísse o mesmo, ele desligou a ligação, supôs e o devolveu para mim, segurei o aparelho sem nem notar; o sorriso que ele deixou cair em seus

lábios foi de matar qualquer cidadã sã, tive que me apoiar no portal com força, para não cair em direção ao chão com tudo.
Respirei profundamente e olhei disfarçadamente para os lados, tentando fugir de seus olhos azuis profundos por milésimos e ver se aquilo não era um sonho ou ilusão quem sabe maluquice minha.
Mas não era.

Peter estava parado na frente da minha porta, vestido com uma calça jeans clara, uma blusa vermelha de decote V, uma blusa de xadrez completava as suas vestimentas, como se fosse um casaco simples, por seus cabelos e beleza da maneira perfeita de sempre estavam intacta, mas pude notar em seus olhos certo cansaço trazido por pesadas olheiras, mas não comentei sobre.
Ele continuou olhando para mim, impressionado talvez pela minha expressão de espanto, o curioso era que ele sorria de uma maneira charmosa, como se tivesse gostado da sensação de me surpreender.
Tentei buscar por ar, criando uma expressão de encanto, mesmo sabendo que eu ainda continuava demonstrando surpresa.

- Gostaria de entrar? – Questionei com a voz mais firme que consegui, erguendo uma sobrancelha.

- Pensei que nunca fosse convidar. – Ele disse por fim, entrando no ambiente, pelo pequeno espaço entre mim e o portal, já que não abri a porta por completo. Peter aproveitou a oportunidade e passou bem próximo a mim, me olhando de uma distância de dez centímetros, distância o bastante para eu morder meus lábios e controlar o meu instinto de beijá-lo que ressurgiu em mim em questão de segundos.

Assim que ele entrou por completo, fechei a porta atrás de nós, assim que me virei o mesmo olhava ao arredor com interesse, mais sempre voltava seu olhar para mim, sorrindo.
- Eu não esperava por isso. – Murmurei, passando uma das minhas mãos em meus cabelos, sentindo o nervosismo me tomando.

- Essa é a intenção de surpreender. – Peter murmurou, em seguida ele se aproximou

dois passos de mim e eu dei um passo para atrás acabando por me encostar na porta de entrada com certa força. Peter me olhou com uma expressão surpresa, enrugando o cenho, quase que parando de maneira abrupta. – V-você está com medo de mim? Se eu a assustei, prometo que não faço mais isso.

- Não! Não é nada disso. É que minhas pernas estão com vida própria, entende? Então estou tentando me manter fixa em algum objeto estável para evitar acidentes. – Falei sem entender o que dizia e podia jurar que Peter também não me compreendia, mas ele não tirava aquele sorriso simpático de seus lábios. – Eu gosto de surpresa, mesmo que elas me deixem nervosas e atônitas, mas surpresas são atos impulsivos, então me encantam de uma maneira inegável.

Com um movimento só ele tirou um belo ramalhete de flores de trás de suas costas e fiquei abismada por não ter reparado o mesmo quando ele entrou no quarto. O ramalhete era belíssimo, continha quatro tipos de rosas diferentes: amarelas, rosas claras, vermelhas e brancas. Era difícil saber quais eram as mais belas, mas por preferência ficava com as vermelhas. Peter entregou o ramalhete em minhas mãos com gentileza e as segurei em meus braços, cheirando as mesmas demoradamente.

- São lindas! Obrigada. – Murmurei, o observando com encanto, sendo surpreendida denovo com um grande sorriso nos lábios.

- Como eu disse, foi uma decisão complicada entre as rosas vermelhas e brancas, foi quando eu vi as amarelas que também estavam belíssimas e para não deixar as rosas abandonadas decidi trazer seis de cada para a dama mais bela que já vi. – Peter murmurou, acariciando gentilmente meu rosto com uma de suas mãos, seus olhos me observando com extremo encanto.

- Por favor Peter, sem galanteios. – Murmurei, entortando levemente meus lábios, incomodada com tal elogio.
- Não é a primeira vez que transparece não gostar de meu elogio. – Ele questionou afastando sua mão de meu rosto e me observando com atenção.

- Eu não gosto de ser chamada de bonita. – Murmurei de uma vez só, sem temer parecer tola ou infantil. – Estou acostumada a ser só um objeto para os garotos e

quero ser mais do que isso, então quando alguém me chama de bonita, eu não me sinto tão especial como gostaria. É, eu sei que é idiota, mas ... é o que sinto.

- Teremos que mudar isso. – Peter sussurrou com um sorriso levemente malicioso ao meu ver. – Então, pronta para o cinema?

Mordi levemente os meus lábios.
Controlando o impulso de dizer o que pensava naquele exato momento, o que realmente sentia em meu coração, mesmo que pudesse sentir que o mesmo havia desfalecido sem breve retorno.
Então, pronta para o cinema?
Aquela simples frase ressonou em minha cabeça como uma bela canção dos anos 80.
Ó Peter! Eu estou *pronta* para qualquer coisa com você, sem dúvida.

Capítulo 10 Cartas na Mesa

Por favor nao seja tão inocente, não espere até seu coração sangrar O amor nao foi construído para ser rápido, ouça-me garota Ele continua confundindo sua cabeça, tentando te levar para a cama E de manhã você só vai se odiar
São as mesmas malditas coisas que você acredita tão rápido Você faz de novo e de novo
E são os mesmos erros que eu estou vendo você cometer Você faz de novo e de novo
Então antes que eles te decepcionem.

Você tem que se firmar em alguma coisa ou vai cair por qualquer coisa.

Fall For Anything – The Script

Não nos demoramos dentro do quarto, tentei achar um recipiente honesto para colocar o meu novo ramalhete de flores, mas Peter me impediu nessa procura, apenas pegando o seu celular, digitando brevemente alguns números e falando com uma determinada pessoa, logo descobri que era Phil, pedindo ao mesmo que providenciasse um jarro para ser trago para mim por uma das copeiras antes do fim da tarde para serem colocadas as minhas novas rosas, com tudo decidido, ele desligou a ligação e sorriu timido como se aquela atitude dele fosse algo muito normal. Continuei o observando com estranheza, me questionando se deveria perguntar novamente se ele era real ou fruto de minha imaginação, mas resolvi não abusar da sorte. Vai que ele se irrita com essa minha dúvida neurótica e obsessiva.

Voltei ao meu quarto pegando mais alguns dólares de minha carteira, observei discretamente pela porta que Peter se mantinha encostado na parede próximo a porta de saída, de maneira despojada ele observava o ambiente com atenção, podia notar que seus olhos estavam na direção da pilha de revistas na mesa de centro provavelmente se questionava o quanto líamos sobre moda já que tínhamos muitas revistas sobre o assunto ali, notei que de repente seu olhar voltou-se na direção do meu quarto e eu me joguei para de trás da porta, evitando que ele me visse e que eu me acidentasse com tal ato, me voltei rapidamente na direção do espelho, me admirei por breves segundos vendo que estava bem, arrumada e fofa, nada podia estar melhorado.
Assim que sai do meu dormitório, ele sorriu de maneira doce como se fizesse dias que não me visse e eu, novamente, tentei me lembrar que precisava respirar e assim saímos logo da cabine, antes que eu fizesse uma loucura inconseqüente que repercutiria pelo resto da viagem, provavelmente.

Caminhávamos tranquilamente pelo convés, como se não tivéssemos pressa para chegarmos a uma sessão marcada, na realidade, nem comentamos sobre que filme veríamos, estávamos passeando entretidos em nossa conversa. Já havíamos conversado sobre as nossas manhãs, como sou educada e curiosa ao extremo pedi que ele falasse primeiro, sem desobedecer o mesmo disse serenamente que ele havia ido à academia, confessou que não se exercitou como queria porque estava se sentindo indisposto, mesmo que tenha dito isso meio que não querendo dizer, talvez para não me preocupar ou porque o assunto o incomodava, ninguém gosta de estar doente, continuou contando, dizendo que tomou café da manhã com Dorian, se encontrou com sua irmã em uma livraria, voltou para sua suíte e conversou com a mãe por *web cam* e assim que concluiu a conversa de quase uma hora, acabou cochilando em uma poltrona, por fim, dizendo que se sentia mais disposto depois de tal cochilo e de um bom almoço com a irmã e o melhor amigo. Quando eu contei sobre o meu dia, omiti todo o drama Joana – Steve – Rachel, eu simplesmente não queria que Peter pensasse nos meus problemas, da mesma forma que eu não queria pensar nos meus problemas estando com ele, então apenas contei os fatos mais interessantes, que tomei café com o meu melhor amigo Steve - deixei bem claro que ele era como um irmão para mim, mesmo não entendendo porquê frisei tal coisa -,

que fiquei no solário com os meus amigos, conversei com minha mãe pelo celular e que almocei com Rachel, passando certo tempo com ela na piscina, aproveitando o bom tempo que nos brindava naquele dia.

Íamos para o cinema, um ao lado do outro, confesso que mesmo estando rodeada de diversas pessoas, ele era o único que mantinha a minha atenção; a forma como falava, a sua maneira de me tratar, educado e cavalheiro, seu modo de me olhar era especialmente único e mesmo estando um ao lado do outro, eu notava pela rigidez de seu corpo que o mesmo lutava para não invadir o meu espaço privado, como tocar em meu braço de uma maneira que poderia ser rude, por exemplo. Ele era extremamente cuidadoso com suas palavras e gestos, algo que me surpreendia já que eu era uma diarréia verbal.
Ele falava calmo, em um tom baixo de voz e sempre contido em seus gestos, contudo suas expressões eram infalíveis, sempre demonstrando pelo seu olhar a expressividade óbvia do que sentia e nunca deixando aquele sorriso leve e doce escapar de seus lábios. No quesito da fala, éramos completamente diferentes, já que eu sofria de diarréia verbal e falava sem nem ao menos prestar atenção ao que saia pelos meus lábios, impulsiva e destemida, tínhamos em comum a expressividade, mas eu ainda conseguia me destacar com os meus gestos, já que mexia com as mãos de forma exagerada; uma hora elas iam aos cabelos, outra hora para os bolsos das calças e as vezes mexiam no ar como se quisessem fazer objetos invisíveis, isso tudo mesclado com as minha expressões; um observador distante pensaria que sou uma atriz prestes a participar de alguma peça expressionista da Broadway ou que estou tendo uma convulsão.

Assim que chegamos ao cinema, encontramos alguns colegas meus nas filas de ingressos, também reparei que várias pessoas se dirigiam as suas salas respectivas dos filmes que iam assistir, entretidos em suas conversas, alguns com pressa, outros nem tanto. Mesmo sendo um navio era 3x maior do que um normal. Peter olhava ao arredor, procurando por Amelia e Dorian, mas na minha rápida busca notei exatamente o mesmo que ele, o casal não estava lá.
Logo Peter pegou o celular, digitando alguns números, não demorou muito para Amelia o atender, e ser questionada sobre onde ela estava com Dorian e pela resposta notei que o casal deveria ter se atrasado, assim que Peter desligou a ligação

ele confirmou a minha teoria e logo puxou assunto sobre os filmes em cartazes, se eu sabia quais eram os assuntos deles, como uma cinéfila fidedigna, eu sabia todas as sinopses, diretores e atores que participavam de cada filme em cartaz nas 07 salas, o que deixou Peter bem impressionado, voltamos a conversar, agora sobre um assunto que eu me desenvolvia muito bem, cinema. Peter logo descreveu os seus gostos, mas não demoramos muito no assunto, nossa conversa fluía muito bem, como se nós dois conhecêssemos os gostos um do outro com precisão e soubéssemos exatamente sobre o que falar para prender a atenção do outro.

- Parece que a gente se conhece há muito tempo. – Falei, cessando uma breve risada, após um comentário cômico de Peter. O comentário não foi recebido com a mesma serenidade que foi dito por mim, Peter desfez levemente o sorriso que tinha, me olhando com uma expressão que eu diria ser de espanto, ele abaixou o rosto, enrugando o cenho, me senti envergonhada pelo ocorrido. Minha diarréia verbal novamente fez a sua presença. Para tentar cortar o clima, tentei mudar de assunto para a primeira coisa que me veio em mente.
– Será que Dorian e Amelia vão demorar muito?

- Acho que não. – Peter respondeu de imediato, me olhando atento. Sem sorri ou dar grandes expressões, apenas me olhando com certa atenção. Ele se aproximou de mim um passo, ficando a poucos centímetros do meu corpo, enquanto eu me mantive firme em meus pés com minhas mãos repousadas nos bolsos do meu short, como se estivesse tranqüila com tal aproximação. O olhei surpresa, as sobrancelhas arqueadas e a respiração cessada, mordi meus lábios, contendo a vontade que cada vez crescia mais em mim. – Eles já devem estar chegando e sinto-me na obrigação de te preparar para algo.

- O que? – Questionei, sorrindo levemente, o olhando de tal maneira que sabia que minhas bochechas coravam.

- Dorian pode ser bem malicioso quando deseja e ele tem esse dom de enxergar coisas pervertidas e inapropriadas que não existe e em momento que não deve. Então, se ele te incomodar me avise que sei exatamente como fazê-lo parar. – Peter murmurou, misterioso repousando uma de suas mãos na base de minha cintura sem

tirar seus olhos do meu. – E não se engane pelo olhar e semblante de anjo que Amelia tem, ela fala como anjo e parece um anjo, mas pode ter certeza que é um disfarce para o que ela verdadeiramente é. – Ele concluiu sorrindo daquele modo característico.

- É dom de família? – Questionei, erguendo uma sobrancelha, sentindo a malícia sair pelos meus lábios.
- Tem certas coisas que eu gosto de deixar em oculto. – Peter murmurou, abaixando seu olhar para longe do meu, enquanto sorria levemente por de trás da malícia dita por mim.
- E essa é uma delas. – Respondi retoricamente, sorrindo satisfeita, sentindo a sua mão acariciar levemente a base de minha cintura, me mantendo próximo a si.

- Temo que você terá que descobrir por si só. – Ele murmurou, agora deixando a mostra seu sorriso malicioso. Pensei em responder a altura a sua malícia, mas não consegui pensar em nada mais. Nossos olhares conectados um no outro, nossos lábios entreabertos como se estivessem em busca da mesma coisa, mas antes que pudéssemos concluir nossos pensamentos, uma voz chamou a nossa atenção.
- Ai estão vocês! – A voz de Amelia nos despertou de súbito, Peter não se afastou mantendo sua mão em minha cintura, agora a segurando com mais firmeza que antes, enquanto eu ainda o olhava com os lábios entreabertos e descrente do ocorrido. – O cinema está lotado, eu não esperava por isso! Será que essa gente não lê um livro, não se bronzeia ou sei lá, assisti a uma peça de teatro?

- E eles também não esperavam por nós. – Dorian murmurou com certa malícia com um grande sorriso, mostrando seus dentes perfeitamente brancos. Seu braço estava em volta da cintura de Amelia que estava próxima ao noivo com uma expressão serena, o vestido xadrez de tom azul e amarelado que usava lhe dava uma aparência jovial que era mais transparecido com seus olhos azuis brilhantes. – Atrapalhamos algo?

- Nada que não possa ser repetido em outro momento. – Peter respondeu de forma educada, sorrindo levemente. – Obviamente que com privacidade e fora dos olhares do casal vinte a minha frente.

- Vejo que está mal humorado, querido irmão. Amor, você tem toda razão atrapalhamos algo. – Amelia murmurou, sorrindo maliciosa, poderia dizer que seu sorriso era semelhante ao do noivo que nos observava atento. – Mas vamos mudar de assunto, antes que Peter amaldiçoe toda a nossa dinastia. Vocês, por acaso, tiveram oportunidade para escolherem um filme? – Ela questionou olhando do irmão a mim e logo dirigiu seu olhar para os nomes dos filmes nos letreiros na placa exposta ao alto da entrada do cinema.

- Eu duvido muito! – Dorian sussurrou, ainda esboçando um sorriso enquanto Peter o olhava desafiante, mas ainda sorrindo gentilmente.

- Na realidade, comentamos sobre os filmes em cartaz, mas decidimos esperar vocês, para ser uma escolha justa. – Murmurei, levando a minha mão até a cintura de Peter, a repousei de maneira gentil ali, pensando se ele se incomodaria com o gesto e pelo visto não.

- Então, estamos esperando o que para escolher? – Dorian murmurou, olhando para a placa com os nomes dos filmes expostos. – Uh, aquele filme de luta está em cartaz Peter. Lembra que eu te contei que esse filme tem umas cenas muito bem feitas de luta e combate. Eu voto nesse.

- " *Luta mortal*". Dá para ver pelo nome que é um filme de muita sensibilidade e história distinta. – Amelia disse, entortando os lábios e em seguida trocando um olhar comigo. – Tenho certeza que Kate vai apoiar a minha escolha. "*Amor de Toscana*" está sendo considerado um dos romances mais bonitos da última década.

- Não! – Falei em sobressalto, fazendo com que os três me olhassem surpresos. O filme, de fato, era muito bom, o elenco só tinha jovens atores conhecidos, mas eu não me sentia disposta a ver um romance entre três amigos do ensino médio, duas garotas e um garoto, na sinopse dizia que eles são amigos há muito tempo, mas após um determinado acontecimento, que a sinopse não detalha, o garoto se descobre apaixonado por uma delas, lutando pelo seu amor e conseguindo fisgar a amiga em um intenso e apaixonado namoro, sendo que a outra, se descobre apaixonada por ele e o tal romance se transforma num triângulo amoroso arrebatador. Amizades são

perdidas e o amor é posto em prova. O filme era baseado em um famoso livro de uma escritora italiana que estava chamando atenção do mundo literário, mas a história no momento, me soava muito baseado em fatos reais. – Quer dizer, a história parece ótima, eu até gosto do ator principal, mas não acho que seja um filme para ver no cinema.

- Poxa, Kate! Estava contando com você. – Amelia fez um biquinho, como se tentasse mudar minha decisão.

- Poxa, Kate! Ela estava contando com você. – Peter disse em um sussurro para mim, me mantendo próximo ao seu corpo, olhando de mim para os letreiros do cinema, escondendo um sorriso em seus lábios. Amelia, que ouviu o que ele disse, deu um leve tapa em seu braço.

- Tudo bem amor, eu topo assistir esse filme mulherzinha. – Dorian murmurou fazendo uma careta. Amelia olhou para ele, descrente de sua decisão, mas o mesmo abriu um sorriso mostrando que estava a falar sério. – Faço tudo para ver a minha Amelia feliz.

Amelia abriu um sorriso encantado, estendendo seus braços envolta do pescoço de Dorian que se aproximou da noiva dando um gentil beijo em seus lábios. Olhei disfarçadamente para Peter reparando que aquela cena não o afetava, pelo contrário, ele continuava a sorrir, pelo visto, não o incomodava ver o melhor amigo beijando a irmã mais nova, ele apoiava 100% essa união.
Seus olhos caíram por sobre mim e eu tentei disfarçar, voltando a observar o letreiro com extremo interesse.

- Que filme você quer ver, Kate? – Peter questionou, ainda mantendo seu tom de voz em um sussurro.

- " *Os famintos*" – Murmurei, observando o cartaz do determinado filme a alguns metros de distância de nós, que mostrava um grupo de humanos fugindo de centenas de zumbis em decomposição e sujos de sangue dos pés a cabeça, eu tentava ignorar a parte que dizia que o filme era em 3D, o que significava que seria nojento em dobro. Eu tinha certeza que não agüentaria dez minutos desse filme, e não era por que era

um filme de terror pesado, mas porque eu achava zumbis tão sem propósito, ficam andando e se arrastando de um lado a outro e o povo ainda consegue morrer nas mãos disso? Eles me entediavam, mas estava valendo tudo naquele momento. Era óbvio que eu não queria ver isso, a minha expressão deveria estar dizendo isso por que Peter me olhava descrente. – Parece ser muito bom. Qual você quer ver? – questionei suavemente, o observando atenta, torcendo mentalmente para que ele quisesse ver "Os *Famintos*".

- Eu acho que um romance cairia bem para a ocasião. – Peter murmurou, fazendo uma careta leve com os lábios. Em seguida me olhou percebendo pela minha expressão que detestei a escolha. – Mas pelo visto, você não gostou da ideia.

- Não, tudo bem. O filme parece ser muito bom, eu só não gostei muito da história, vamos dizer que o tema, triângulo amoroso entre amigos não me atrai muito no momento. – Murmurei, tentando ignorar as semelhanças com os fatos reais.

- Porque? Você já viveu um triângulo amoroso? – Peter questionou, balancei minha cabeça negativamente e ele me olhou com mais atenção, diria até que com certa preocupação. – Você *vive* um triângulo amoroso?

- Não, por Deus! Eu sou muito certa do que quero para acabar metida em um triângulo amoroso. Eu nunca viveria um triângulo amoroso por saber exatamente o que eu quero sempre. – O olhei erguendo levemente uma sobrancelha, mas me senti na obrigação de me explicar. – Vamos dizer que atualmente eu estou bem no meio de um triângulo amoroso, sendo que eu não faço parte dele em termos, eu sou a intermediaria. A ponte entre os ... Três lados.

- A amiga dos três. – Peter disse de uma vez só, mostrando ter entendido minha situação, me olhando atento. – Compreendo.
- Que bom. Porque eu, não. – Murmurei de uma vez só, sorrindo levemente. – Mas eu não quero falar sobre isso.

Peter me olhou com atenção como se quisesse dizer alguma coisa sobre o assunto, mas se conteve, ele olhou para trás e vimos Amelia e Dorian ainda abraçados, conversando entre si por entre sorrisos e trocas gentis de beijos. Peter sorriu os

observando e voltou a me olhar, percebendo que eu havia seguido os seus olhos. Ele sorriu levemente, me olhando sereno.

- Eu vou comprar os ingressos com o Dorian. Fique bem aqui. – Ele sussurrou.

- Eu não vou a lugar nenhum. – Respondi, sorrindo. Peter então se aproximou de mim e prendi a minha respiração por puro hábito, mas o que eu queria de fato Peter não fez; ele beijou o topo da minha cabeça e se afastou de mim, se aproximando de Dorian que logo se juntou ao amigo, indo para a fila da compra de ingressos, a mesma que estava bem comprida como Amelia havia dito, ela, que logo se aproximou de mim, sorrindo encantada.

Paramos em determinado canto, entre um cartaz de um filme de vampiros e um de anjos caídos, para desobstruir o caminho, enquanto sabíamos que os garotos estavam em uma fila que provavelmente demoraria em torno de dez minutos para eles conseguirem os ingressos, constatamos que por sorte o filme só iria começar em quarenta e cinco minutos. Ficamos a conversar sobre o filme que iríamos assistir, Amelia dizia como era apaixonada pelo ator principal, que tinha todos os filmes dele e até fazia uma pequena coleção de revistas que falavam sobre ele, mencionei que também gostava do ator, só não havia gostado do tema, já que ele tinha muito a ver com os fatos atuais da vida de meus amigos, Amelia notou a semelhança com os fatos reais e até pediu perdão questionando se eu queria ver outro filme, que ela convenceria Dorian em questão de segundos para mudar de opção e ela garantiu que eu poderia fazer o mesmo com Peter, mesmo destacando que ele não caia facilmente em persuasão, mas eu disse que tudo bem, quem sabe o filme me daria respostas. Na realidade, parte de mim estava torcendo para que isso ocorresse.
Continuamos a conversar, apenas interrompemos nosso assunto quando Peter e Dorian retornaram segurando os ingressos em mãos. Dorian, com a sua animação espontânea, disse que o filme era na sala 05 e sugeriu para irmos para lá, Peter nos indicou e sorriu levemente, andando ao meu lado, enquanto Amelia e Dorian iam à frente. Dorian implicava sobre o ator principal, dizendo que o mesmo não tinha a habilidade de ser expressivo enquanto Amelia tentava mudar a opinião do noivo, Peter e eu apenas riamos e tentávamos não ser colocados no meio da discussão.
Assim que entramos na sala do respectivo filme, disse a Peter que tinha que pagar o

ingresso, mas o mesmo me ignorou entortando os lábios, dizendo que o convite foi feito por ele, então tudo deveria ser pago pelo mesmo, eu era apenas a convidada que aceitava a tudo calada e satisfeita, tentei responde-lo, mas o mesmo não permitiu, fazendo um sinal de silêncio com um dos dedos em meus lábios e indicando com um sorriso leve para frente, mostrando para eu continuar a andar e seguir Amelia e Dorian, que haviam encontrado uma fileira ideal para nós, reparei que a sala estava parcialmente cheia, muitos casais, famílias e grupos de amigas, que provavelmente estavam ali pelo ator principal, preenchiam o ambiente. Por sorte, nos direcionamos a uma fileira que tinha apenas um casal na ponta direita.
Antes de nos sentarmos Dorian sugeriu que Peter e ele fossem comprar pipoca, refrigerante e algumas guloseimas, Amelia adorou a ideia e disse para o mesmo trazer para ela jujubas e uma barra de chocolate branco, ela se sentou confortavelmente em uma das poltronas satisfeita com o lugar escolhido e eu fiz o mesmo me sentando ao seu lado direito, Peter, que estava ao meu lado, me olhou, erguendo ambas as sobrancelhas e questionando se eu queria algo de especial, eu disse que não queria nada, minha intenção não era incomodar, mesmo sabendo que um pacote de mashmallow cairiam bem na ocasião. Dorian se despediu brevemente de Amelia com um suave beijo em seus lábios, olhou para Peter sorrindo de forma maliciosa, entendi tal gesto como se esperasse que o amigo fosse fazer o mesmo comigo, Peter nada fez, começou a andar se direcionando para fora da fileira acompanhado de Dorian logo atrás de si, que gargalhava de forma animada, eu os observava, sem tirar meus olhos de Peter que começou a conversar em um tom baixo de voz com Dorian que ainda esboçava um sorriso satisfeito nos lábios.

Mesmo não tendo intimidade, Amelia se comunicava muito bem comigo, muito cuidadosa e educada, ela me questionava sobre a minha vida de maneira que não parecesse invasiva ou indelicada, era bem humorada e amiga, um doce de garota. Conversar com ela era fácil, quem nos observasse de fora pensaria que éramos amigas há anos por parecermos ter tanta intimidade uma com a outra e confesso que depois dos últimos eventos em minha vida eu estava precisando de uma nova amizade, de uma pessoa com novas experiências e fatos para dividir comigo, eu precisava de uma nova amizade para me fortalecer. Eu me sentia fraca e inútil perto de Steve, Joana e Rachel, eu não era uma amiga sincera, verdadeira e muito menos

leal e de certa maneira, não podia me culpar por isso, mesmo que tentasse, Steve e Rachel me fizeram ficar desse modo, com as mentiras e traições de ambos, de fato, a culpa era deles. Eu estava tão presa no furacão de sentimentos e dúvidas, que eu mal conseguia conversar com Joana e Rachel sobre os meus sentimentos em relação a Peter. Na realidade, eu mal conseguia pensar no que de fato estava sentindo por Peter. Se era paixão, curiosidade, atração ou haveria algo mais?
Só sabia que queria conhecê-lo melhor e principalmente, tê-lo comigo.
Parecia ser hipocrisia da minha parte, já que elas questionavam sobre ele a espera de meus sinceros sentimentos revelados, mas no fundo, eu não queria falar sobre isso, eu não me sentia a vontade falando com elas sobre Peter porque falar sobre ele seria como ter esperanças que nós dois teríamos um futuro fora desse cruzeiro e eu sei muito bem que para termos um futuro juntos teríamos que está em uma espécie de conto de fadas; eu precisava ser honesta comigo mesma, para não ter meus sentimentos destruídos de surpresa, por isso que agia com esse pensamento de pessimismo.
Era uma prevenção.
Mas não deixava de ser um fato.
Que garoto iria querer nutrir um relacionamento que ocorreu dentro de um cruzeiro para a sua vida cotidiana?
Estávamos em um romance de verão.
Uma espécie de amor contado em livros ou em diários para na posterioridade ler e se recordar daquele momento vivido com um sorriso nos lábios.
Um romance assim não teria continuidade, então porque ter esperanças?
Eu conhecia muito bem Joana e Rachel e sabia como as duas estavam encantadas e animadas com esse meu pseudo relacionamento, primeiro porque elas sabiam que eu estava solteira há muito tempo e já era hora de alguém chamar a minha atenção, segundo por que Peter era impressionantemente irreal, romântico, lindo e charmoso, qualquer amiga iria desejar um cara desse como namorado da melhor amiga ou até mesmo como próprio namorado e por fim, terceiro, elas podiam ver em meu semblante que eu estava feliz e que ele estava me fazendo bem.
Se eu via isso, eu sei que elas também podiam ver.
Elas me encorajavam e falavam sobre o futuro com crença e eu desconversava.
Desencorajava bravamente.

Eu não quero ter esperanças.
Não quero sofrer por um pseudo relacionamento, por um amor de verão.
Quero me entregar ao momento, me fascinar por Peter e descobrir formas de amar diferentes e porque não me aventurar ao lado dele?
Mas pensar sobre o futuro, estava fora de questão.
Como falar sobre o assunto estava fora de questão, mas não posso negar que cada momento que fico ao lado de Peter um pouco de esperança cresce em mim, mas isso eu escondia a sete chaves até de mim mesma.

Ficar ao lado de Amelia, ao contrário de Joana e Rachel, me fortalecia porque não falávamos de Peter nem do triângulo amoroso e muito menos do meu futuro como universitária na Universidade de Columbia, assuntos que atualmente me causavam nervosismo suicida.
Tudo bem, falávamos de Peter, mais não eram discussões em relação ao nosso futuro e relacionamento, eram fatos de sua vida ao lado da irmã, coisas que me encantavam mais do que deixava nervosa, falamos sobre o triângulo amoroso em determinado momento, mas Amelia logo mudou de assunto ao ver que eu não estava muito disposta ao assunto e a Universidade era um assunto exclusivo de minha mãe, já que a mesma sempre fazia questão de mencionar algo em relação ao meu futuro profissional.

Conversávamos com tanta empolgação que apenas notamos quando Dorian e Peter retornaram quando os dois já estavam a nossa frente na fileira. Dorian carregava um tipo de bandeja de isopor com quatro copos grandes de refrigerantes e com a outra mão ele segurava uma saco de pipoca de proporção métricas gigante, pude notar que o bolso de trás de sua calça continha um saco de jujuba e uma barra media de chocolate, Amelia o ajudou segurando o isopor de refrigerante, ele por sua vez tirou os doces do bolso e se sentou ao lado da noiva com uma expressão atrapalhada não sabendo como entregar os doces já que ela estava segurando o isopor com as duas mãos, a mesma que olhou para o meu lado sorrindo de maneira jovial, segui seu olhar notando Peter de pé, próximo a mim, ele segurava um saco de pipoca igual ao de Dorian, ele observava o casal com uma expressão indecifrável.

- Peter, se sente ao lado de Kate. – Amelia murmurou com um tom angelical em sua

voz, sorrindo levemente. – Por favor.

- Não precisa nem pedir, Millie. – Peter respondeu por fim com um tom charmoso de voz, deixando seu olhar profundo cair em minha direção, me afundei na poltrona sentindo as bochechas corarem de súbito, repousando minhas mãos por sobre o meu colo como se isso fosse distrair seus olhos de meu rosto, observei disfarçadamente Peter se sentar ao meu lado e nesse exato momento a luz do cinema se apagou e a projeção se iniciou. Ouvi Peter sussurrar para mim. – Isso que é sorte! Detesto perder os trailers.

- Eu também! – Murmurei com certa animação, olhando para Peter não tendo total certeza se ele me via, mas mesmo com apenas a iluminação da tela eu podia ver os olhos azuis profundos dele me olhando com atenção enquanto um leve sorriso cresceu em seus lábios. Senti uma delicada mão tocar em mim e me virei para o lado de Amelia vendo que ela era me entregando um dos refrigerantes, peguei o mesmo e entreguei para Peter que aceitou sem nada a dizer, novamente Amelia me cutucou e a olhei, ela entregou agora outro refrigerante que era meu, o repousei no descanso próprio que a poltrona oferecia.

- Eu não sabia que refrigerante você preferia, então escolhi a preferência internacional. – Peter sussurrou próximo a mim, enquanto uma propaganda de shampoo passava na grande tela. Sem hesitar, voltei a pegar o copo de refrigerante, tomando um gole pelo canudo sentindo o gosto do refrigerante descer suavemente pela minha garganta, gelada e bem gaseificada, do jeito que gosto. – Espero que você goste.

- Eu ainda prefiro refrigerante de laranja, mas nada como uma *Coca cola* em nossa vida. – respondi no mesmo sussurro enquanto repousava o refrigerante em seu descanso. Peter me olhou ainda com aquele leve sorriso em seus lábios, mas logo voltou a sua atenção a tela do cinema e eu achei que deveria fazer o mesmo.

Os trailers começaram a ser exibidos, o primeiro era um filme de ação voltado exclusivamente ao público masculino, um cara fortão que usa armas para salvar a moçinha indefesa e gostosa, como de costume, o segundo era uma comédiaa para

toda a família, cheia de confusão e com uma mensagem positiva ao final e o terceiro e último trailer era um filme de terror que estava tendo a sua trigésima continuação.
Pude notar, que ao meu lado Amelia e Dorian estavam próximos um ao outro, aconchegados e num clima romântico, conversavam entre si enquanto comiam pipoca, dividiam risos e olhares como se fossem uma pessoa só. Era óbvio que os dois tinham uma entrosação única que poderia ser invejado por qualquer um, eu invejaria para ser honesta.
Dorian olhava para Amelia como se não houvesse mais nenhuma garota no mundo, toda sua atenção e palavras eram direcionadas a ela com suavidade e carinho até os seus mais singelos toques pareciam ser contidos e moldados perfeitamente para Amelia que reagia a tudo graciosamente e apaixonada.

Olhei para Peter que se mantinha olhando para a tela do cinema com atenção, sem tocar na pipoca ou no refrigerante. Respirei profundamente afundando a minha cabeça preguiçosamente na poltrona, observando o inicio do filme e me recordando porque odiava encontros dentro do cinema.
O nervosismo que me tomava, frio na barriga incessante, não conseguir me concentrar no filme porque só tenho olhos para a pessoa ao meu lado, aquele pelo qual timidamente desenvolvo sentimentos mais fortes do que eu mesma podia acreditar e ao mesmo tempo querer ver o filme porque sou uma cinéfila inveterada.
Por isso, eu odiava encontros, mas adorava paquera.
A sensação do novo, daquilo que é desconhecido, de todo o mistério envolvendo a pessoa, era fascinante e enlouquecedor, mas quando o assunto era encontros eu ficava nessa espiral de tédio e dúvida. Querendo um pouco de ação ao em vez do nervosismo incessante.

O filme estava em seus quinze minutos de intenso drama e romance nada comédiado, eu assistia as cenas tentando não me derreter pelas frases românticas do protagonista, mas ele era irresistível, quase impossível de resistir, mas quando me lembrava que tudo que ele dizia Steve poderia estar dizendo a Rachel, um embrulho tomou conta do meu estômago e tentei não me fixar nela.

Peter esticou o pacote de pipoca na minha direção, indicando para que eu pegasse o mesmo, o olhei e encontrei seus olhos me observando sem grandes emoções, era

óbvio que o filme estava entediante para ele, mas o mesmo atuava muito bem fingindo que estava confortável ao filme, peguei a pipoca com vontade enchendo a mão com o suficiente para me entupir e voltei a *fingir* me concentrar no filme, escondendo um sorriso em meus lábios. A pipoca era o nosso intermediário naquele momento.
Eu pegava um pouco e notava que ele pegava também alguns segundos depois, ficávamos a assistir o filme degustando a guloseima em nossas mãos, assim que elas cessavam, ele então pegava mais pipoca e eu fazia o mesmo, obviamente que isso não acontecia exatamente nessa ordem, mas acontecia com essa freqüência.

O filme se desenlaçava da maneira que eu esperava: os amigos eram um trio unido e feliz até que um deles tem a infeliz ideia de acabar se apaixonando, já estávamos na parte dos desenlace das amizades e o embrulho que se deu em meu estômago estava bem pior do que antes, era como se o estômago fosse ganhar vida própria e sair de meu ser em busca de satisfação própria. Os diálogos estavam mexendo comigo de uma maneira impressionante, eles eram extremamente reais para mim, eu podia ver Steve falando exatamente tudo que o protagonista dizia a Joana e a Rachel.
Deveria ser alguma espécie de castigo, eu ali, assistindo a um filme que me remete claramente a um fato de minha vida, no momento atual, e ao meu lado Peter não dá o extremo sinal de interesse em levar os nossos conhecimentos a outros níveis, se é que você me entende; diferente de Amelia e Dorian que estavam mais concentrados em namorar do que no filme em si. Peguei um pequeno abuso por ela naquele momento, se fosse ficar se agarrando com o noivo durante o filme que tanto queria ver porque não optou por outro filme, "*Os famintos*", por exemplo, para pelo menos eu ter algo com o que prestar atenção sem sofrer.
Argh!

Tentava me desligar do filme, fingia prestar atenção nas cenas, nos diálogos e nas atuações dos jovens atores, mas isso era tortuoso demais, então decidi e jogar toda a minha atenção em Peter, notando cada gesto que o mesmo fazia, prestava atenção em seu olhar fixo a tela, ele nem ao menos se interessava em olhar para mim, tentava mostrar minha insatisfação cruzando e descruzando as pernas, mas no mínimo ele deveria estar achando que eu queria ir ao banheiro ou estava com algum inseto brincando de pique – pega com minha pele, então desisti desse plano. Reparei em

sua postura, ereta como se estivesse atento a qualquer tipo de movimentação inesperada, respirava tranquilamente, sem grandes alterações. Seus lábios tão próximos de mim naquele momento que de fato eu poderia ...

Por Deus, eu já estava ficando louca.
Ficando? Eu de fato, sou louca.
Deveria ter ouvido mais a minha mãe, principalmente quando ela me educava para ser normal.
Desisti de Peter também.
Preferi apenas me concentrar em comer a pipoca e ficar pensando em absolutamente nada, como se isso fosse possível.

Em determinado momento, logo após olhá-lo discretamente pela trigésima quarta vez apenas para me garantir que o mesmo estava atento ao filme e não a mim, pude notar que ele fizera o mesmo comigo, me observado brevemente.
Pensei que fosse coisa da minha mente e voltei a olhá-lo, mas um pouco mais descarada, me voltei ao filme e em questão de três segundos exatos ele me olhou, me observando. Mordi meus lábios, segurando o sorriso brotar em meus lábios, mas era inútil tentar esconder a felicidade por isso, o sorriso simplesmente caiu sozinho em meus lábios. Fui em busca de mais pipoca e me surpreendi com Peter fazendo o mesmo. Sua mão tocou a minha de surpresa e com certa força, já que ele não esperava o contato, poucos segundos se passaram, mas em vez dele pegar pipoca, Peter simplesmente começou a passar levemente e sem pressa as pontas de seus dedos na palma de minha mão, como se estivesse traçando um caminho, ele olhava para as nossas mãos e em seguida seus olhos caíram timidamente por sobre mim, o observei sentindo minhas bochechas corarem e ele, que deve ter notado o ocorrido, simplesmente abriu um leve sorriso que lhe caia muito bem. Afastei a minha mão de imediato da dele, como se um choque tivesse cruzado das pontas de seus dedos a minha mão, voltei a me concentrar no filme, mas podia notar Peter me observando, mas não demorou muito para ele imitar meu gesto.

Voltei a me acomodar na poltrona, me preparando para entrar no clima melodramático do filme que agora estava mais explorando o relacionamento entre o protagonista e a jovem amiga que também está apaixonada por ele, que no caso, seria

a nossa Rachel na vida real. Após algum tempo de tortura emocional meus olhos caíram na direção de Amelia e Dorian que agora estavam abraçados, ambos segurando a mão um do outro que estava repousada no braço das poltronas, algo bem típico de namorados ou de futuros.
Um estalo ocorreu em minha mente, me recordei de um respectivo momento quando Rachel me contou que encontros em cinemas eram ótimos por diversos motivos: o escuro trazia o pior das pessoas, nos melhores sentidos; era um ótimo lugar para demonstrar suas intenções com a garota/garoto e principalmente era um lugar completamente sem pudor, beijos e amassos ocorriam sem controle de olhares de reprovação sem dizer que outras coisas costumavam a acontecer também, não que eu reprovasse, mas não fazia meu estilo. Rachel sempre disse que se um cara quer apenas pegar a garota, ele vai direto ao assunto, não espera nem os trailers passarem e já se funde a jovem em busca do que quer, mas se ele tem mais interesses além de uma excessiva troca de salivas, ele iria com calma, como por exemplo, repousaria o braço no encosto da poltrona, na espera da mão da jovem segurar a dele.

E era exatamente o que Peter fazia.
Sua mão estava repousada por sobre o encosto da poltrona, seus dedos entreabertos como se estivessem na espera de algo para ser encaixado como se fossem um quebra cabeça esperando pela sua peça que o completaria com perfeição.
Eu olhava atentamente para a sua mão, me questionando sobre o que deveria fazer a seguir, sentindo uma quentura tomar conta de minha face e um frio descer por minha espinha. O que eu podia fazer?
Fingir que não reparei na sua mão espalmada no encosto da poltrona ou simplesmente segurar a sua mão, sem medo, vergonha e dúvidas que ele a repousou ali apenas por repousar.
Sem nem pensar, nos prós e nos contras direito, algo que eu fazia muito graças a minha impulsividade, levei a minha mão na direção da sua, passando suavemente os meus dedos na palma de sua mão, escorregando com certa delicadeza, por fim, nossos dedos se encontraram e sem hesitar ele entrelaçou os aos meus, por fim.

O filme continuava em sua mesmice e sofridão agora que estava focando na personagem feminina que fora traída pelo amigo e pela melhor amiga, era incrível como a atriz era péssima, suas expressões eram tão vazias que me faziam ser perto

dela uma atriz de *Oscar*, mas agora o filme já não era tão tortuoso, Amelia tinha razão eu estava a tirar lições a partir dele.

Continuamos de mãos dadas até o final do filme, agora com as luzes já acesas pude notar que várias pessoas estavam emocionadas com o final do mesmo, incluindo Amelia que chorava disfarçadamente enquanto Dorian fazia uma careta para ela dizendo como o filme era patético, assim recolhendo o lixo que havia produzido durante a sessão. Olhei na direção de Peter, ainda sentindo sua mão segurando na minha, sem nenhum nervosismo aparente, era como se tivesse que ser assim, e me surpreendi por ele estar olhando o mesmo que eu, nossos olhares se encontraram e ele deixou um sorriso cair em seus lábios, imitei o seu gesto voltando a olhá-lo em questão de segundos, encontrando seus olhos azuis fixos em mim.

Nada falamos, apenas ficamos de pé, um de frente ao outro. Era como se tivéssemos tendo uma conversa com os nossos olhares e sorrisos, algo apenas nosso e notei como aquilo era único e uma parte de mim desejou que aquele momento pudesse perdurar para sempre, mas não teria graça viver assim, tendo tudo que se quer.

- É Peter, as luzes já se acenderam, mas não quer dizer que não dá tempo de alguns beijinhos e amassos; sempre dá tempo de correr atrás do prejuízo. – Dorian murmurou em um suspiro, já de pé, Amelia ficando ao seu lado e o olhando com uma expressão surpresa.

- Dorian! – Murmurou Amelia com um tom de voz de alerta, em seguida segurou o braço do noivo, o olhando seria, em tom de reprovação. – Isso não tem nada a ver com você, não se meta aonde você não foi chamado.

- Cale-se mulher. – Dorian disse com um tom humorado em sua voz. – Você não entende meu senso de humor, mas ele entende.

- Posso não entender do seu humor, Dorian, mas entendo de sentimentos e isso que você falou vai além do seu interesse, por isso, pare de perturbar o seu melhor amigo e a Kate. Agora foi à vez de Amelia nos olhar com uma expressão embaraçada, olhando de mim a Peter, em seguida seus olhos caíram na direção das nossas mãos unidas e senti meu rosto corar brevemente enquanto um sorriso leve caiu em meus

lábios, Peter por sua vez afastou as nossas mãos em um movimento só, o que causou um frio perturbador em meu coração.

- Amelia tem razão, Dorian. – Peter disse friamente, sem o observar podia sentir o tom firme da sua voz. Ele não havia gostado da brincadeira. - Você foi longe demais e eu te pedi para maneirar nas brincadeiras sem graças e infantis. Pensei que você tivesse me compreendido. – Peter concluiu.

- Me perdoem. Eu simplesmente não resisti. – Dorian murmurou ficando com uma expressão sincera.
- Tudo bem Dorian, eu não me senti ofendida nem nada. – Respondi, dando conclusão a situação, mas Peter parecia que não estava satisfeito com isso.

- Que tal sairmos logo daqui? – Amelia propôs após trocar um breve olhar com o irmão que se mantinha ao meu lado. – Daqui a pouco vai começar a outra sessão e estamos atrapalhando os faxineiros.

- Acho uma ótima ideia. – Peter murmurou friamente entre os dentes, o olhei e notei que sua expressão estava seria, no instante que nossos olhos se encontraram ele me observou, enrugou o cenho e em seguida e sem nada a dizer, ele se retirou do local, em passos firmes e rápidos na direção da saída.

- Eu não ... esperava por isso. – Dorian murmurou, logo atrás de mim, enquanto eu seguia atenta Peter apenas olhando para Amelia e Dorian quando ele sumiu pela porta de saída. – É melhor eu ir falar com ele, eu realmente fui desrespeitoso e havia prometido que não faria essas brincadeiras estúpidas ... Eu sei que ele não gosta delas, mas eu sou assim, gosto de irritar, eu só não esperava que ele fosse reagir assim. Sou um idiota mesmo, conheço Peter há tantos anos e me esqueço de seu pavio curto. – Dorian se movimentou para seguir o mesmo caminho que Peter, eu o segui de perto, sentindo que Amelia fazia o mesmo.

- Dorian, não se auto deprecie, não foi nada. Só foi um comentário típico de garotos, eu entendo e não ligo, por isso não se perturbe com isso. Peter só está chateado por que você falou isso na minha presença. – Murmurei, pensativa.

- Ela tem toda a razão. – Amelia murmurou, agora andando ao meu lado.

- Conhece Peter há alguns dias e tem uma propriedade de conhecimento de seu caráter que garanto que desconhece. – Dorian respondeu, me olhando de relance no exato momento que saímos da sala de cinema. Isso era bom, não é?

Nos deparamos com o saguão do cinema lotado por diversos jovens e adultos que estavam nas filas para comprar pipocas e doces para a próxima sessão, pude reparar nas filas que já se formavam nas salas para o inicio das novas sessões, era até difícil andar pelo ambiente, logo Dorian puxou Amelia para perto de si, segurando a sua mão para não perdê-la de vista, enquanto eu ia logo atrás à procura de Peter.
Olhei para atrás, pensando ter visto um garoto loiro, mas não era ele, na realidade, não tinha nada a ver com ele. Ao voltar meu olhar para frente reparei que havia perdido Dorian e Amelia de vista, detestava ficar perdida, tentei analisar para que lado o casal deveria ter ido, suspeitei ter visto um casal parecido com Dorian e Amelia indo pelo lado direito, então segui naquela direção entrando em uma área rodeada de grandes pilastras com cartazes de filmes em cartaz e que um dia estiveram. Filmes antigos de grandes sucessos, filmes atuais também, todos expostos ali para observação do público, pude notar algumas pessoas no ambiente, mas nenhuma delas era Amelia ou Dorian, mesmo estando perdida, não resisti e fui admirar um cartaz do filme "*Casablanca*." um dos meus filmes favoritos.

Distraída observando os detalhes do cartaz senti uma mão tomar o meu braço com força me puxando, eu teria gritado, mas a minha boca foi tapada com a mesma eficiência e rapidez que fui encostada em uma das pilastras do ambiente, poderia jurar que era um lugar remoto já que a iluminação era precária ali naquela região, assustada, temia o que estava acontecendo, quando ergui meus olhos, me surpreendi ao ver quem era.
Olhei surpresa para Peter que continuava a me segurar, ele apenas retirou a mão de minha boca ao notar que eu havia percebido que era ele e não gritaria.

- Você não devia ter saído de lá assim. – Falei de uma vez só, em apenas uma lufada de ar, tentando não me concentrar no fato que seu corpo estava à apenas alguns centímetros do meu e seus lábios, grossos e avermelhados, tão próximos que chegava

a ser desconcertante pensar. – Dorian quer se desculpar, ele pensa que te magoou.

- Ele não me magoou, Dorian passa tempo demais com minha irmã, por isso está ficando sensível dessa forma. – Ele murmurou, em seu habitual tom baixo de voz. - Eu não gosto desse tipo de brincadeira, por isso me irritei. – Peter disse, ainda se mantendo perto de mim.

- Deu para notar! –Respondi, repousando as minhas mãos em seus braços fortes e duros, de forma confortável e com naturalidade como se eu sempre fizesse isso, olhar para ele já não estava sendo tão difícil, seu corpo e sua beleza estonteante ainda me deixavam a beira de um ataque de hormônios sanguinolentos por desejo, mas tinha a certeza de uma coisa: que nunca iria me acostumar com seu olhar tão intenso, em um azul inigualável e em plena dominação perante a mim.

-Foi bem desconfortante. Eu havia pedido em particular para Dorian evitar esses tipos de comentários, eu sei como eles podem ser desagradáveis e eu não queria deixar você incomodada. Me perdoe por tudo isso. – Ele murmurou em um tom baixo de voz, enrugando o cenho.

- Eu não me importo. – Respondi, o olhando atenta.

- Nem com o fato de que não nos beijamos ? – Peter questionou de uma vez só, com certa malícia em seus olhos. Mordi meus lábios e Peter abriu um sorriso de imediato. – A verdade, Kate.

- Quem disse que eu ia mentir? – Respondi incrédula por ele ter adivinhado que eu iria tentar contornar a situação. – Certo, *british boy*, eu confesso que fiquei insatisfeita com os acontecimentos das últimas horas, mas tudo bem, já superei.

- Tem certeza? – Ele questionou, passando seus dedos em uma mecha de cabelos que estava caído próximo ao meu rosto, ele se aproximou alguns centímetros mais, acabando quase que em zero a distância entre nós. Seus lábios estavam tão próximos dos meus que por impulso queria beijá-lo, mas estava fixada em seus olhos como de costume. Ele se aproximou um pouco e eu pude sentir seus lábios próximo ao meu ouvido, sua respiração quente e forte batendo de encontro com a minha pele

causando arrepios imediatos. – Porque eu posso mudar esses acontecimentos para um nível muito melhor.

- Hummm ... – Deixei escapar de meus lábios soava mais como um gemido, mas não me envergonhei, voltando a morder os meus lábios. Olhei ao arredor percebendo que algumas pessoas passavam pelo ambiente, algumas notavam Peter e eu, enquanto outros apenas passavam como se ninguém estivesse ali naquele canto mais escuro do local, atracados de forma sensual e misteriosa. – Porque você vai me beijar só agora? Tivemos tantos outros momentos, mas porque agora?

- Quem disse que vou te beijar? – Peter sussurrou ainda próximo a meu ouvido, entortei meus lábios em pura frustração com o momento, enrugando o meu cenho me sentindo completamente traída pela minha impulsividade. Peter voltou a me olhar, ainda se mantendo próximo a mim, sua mão escorregou pelo meu rosto trilhando um caminho em *zigue zague*, o observei ainda frustrada e juro que não era um sentimento que gosto de ter em mim.

- Ah, certo. – Falei, cortando o silêncio, me mexendo o suficiente para ele perceber que queria ficar afastada dele; a decepção era óbvia, mesmo que eu não quisesse confessar. Bem típico meu, mostrar a minha frustração tentando não demonstrar a decepção do ocorrido. Peter notou, e não fez o que qualquer outro garoto faria que seria se afastar, pelo contrário, ele continuou próximo a mim, repousando agora suas mãos em minha cintura.
- O que foi? – Ele questionou, provavelmente notando em meu olhar a decepção, era bem comum eu demonstrar tudo que sentia pelo meu olhar, isso era bem irritante a meu ver.

- Nada. – Respondi, rindo de maneira nervosa, mas estava no fundo tentando controlar a frustração de ter sido rejeitada que crescia em mim. – Quer dizer, você está desde o inicio todo charmoso e galanteador para cima de mim e na hora H, você simplesmente diz que não vai me beijar ... ? É algum problema comigo ou é você? Ou é algum tipo de joguinho para me deixar em suas mãos? – Falei de uma vez só, sentindo a aspereza dominar meus lábios enquanto Peter me observava sem esboçar uma expressão. Oh, a minha impulsividade em diarréia verbal não era algo bonito de

ser ouvido.

- Talvez eu tenha falado de modo errôneo. – *Talvez?,* Pensei irritada o olhando hóstil. - Eu só acho que não é o momento para isso. – Ele disse, segurando a minha cintura com mais força. – Não vai ser algo apenas entre *eu e você,* vai ser algo entre *eu e você, e todo resto* e eu não gosto disso. Eu acredito que um beijo, por mais simples que pareça, é algo pessoal e íntimo, é um momento onde várias coisas são ditas, coisas que só nós devemos dividir e nos recordar. Eu quero que seja um momento nosso. – Ele respondeu com sinceridade, sem temer em sua resposta, ele me observava com um olhar suave, de preocupação como se temesse algo ou minha reação.

-Tanto faz. É a sua opinião. – Respondi, tentando o afastar de mim, empurrando seus braços para longe, mas ele nem ao menos se mexeu, não porque era mais forte do que eu, mas porque sempre voltava a me segurar, não querendo me perder de seus braços por nada.
– Não toque em mim.

- O que? Vai ficar irritada comigo só porque acho correto ser cuidadoso e romântico? – Peter questionou, soando frustrado agora. - Você iria preferir que eu fosse como a maioria dos garotos, que vão direto ao *assunto?* – Peter questionou, dando muito significado a palavra *assunto*, o que fez que eu o observasse em choque.- Que levam a garota para a cama, sem nem ao menos saber quem ela é? – Peter questionou, sem se afastar de mim nenhum centímetro, evidentemente frustrado agora, sorri de lado por isso, agora ele se sentia como eu. – E no dia seguinte somem e ignoram completamente a garota como se ela fosse um pedaço de lixo? É isso que você quer de mim?

- Então é isso que você está fazendo? Para se sentir melhor consigo mesmo, você está me conhecendo, sendo um galanteador todo romântico e adorável, para depois me levar para a cama? É isso, Peter? – Questionei ainda hóstil, mas com uma firmeza que não me pertencia, vendo um intenso brilho surgir nos olhos de Peter, mas havia algo em sua expressão que me fez ficar sem palavras, ele não transparecia surpresa pela minha afirmação, a surpresa iria desmascará-lo para a verdade dita por mim,

mas não, ele transparecia choque, como se estivesse ofendido.

- Você acha que é isso que quero de você? Sexo? – Peter questionou, erguendo ambas as sobrancelhas, mantendo seu tom de voz firme, mas seu olhar demonstrava desapontamento e isso afundou o meu coração, mas minha expressão seria não se afetou. – Eu pensei que eu tinha deixado bem claro que eu não sou esse tipo de garoto, Kate. Eu busco muito mais do que apenas uma noite de sexo. Eu sou diferente, Kate.

- Então prove. – Murmurei de uma vez só, trincando os dentes, em seguida balancei a cabeça negativamente, vendo que ele não diria nada mais que pudesse mudar o sentimento de frustração que eu ainda sentia por não ter sido beijada, aquele beijo que tanto aguardava. Eu sentia como se ele tivesse brincando com os meus sentimentos, e isso doía. - Eu quero ir embora. – Enruguei meu cenho, agora que a frustração de ser rejeitada havia me tomado, eu me sentia mal por ter discutido com ele com o calor do momento e ainda me sentia errada pelo meu comentário errôneo a Peter, sabia que minhas palavras haviam magoado, mas meu orgulho, tomado pelo rejeitamento, não aceitava que eu pedisse perdão. Então, ele disse e fez algo que eu não esperava.

- Vá. – Ele respondeu se afastando bruscamente de mim, essa separação não me fez bem, tanto que de imediato agarrei meus braços livres, como se quisesse me abraçar, seu tom de voz firme agora quebrando o meu coração em pedaços que não podiam ser calculados, eu o olhei surpresa, o mesmo que continuava a me olhar com desapontamento. Aquele olhar me fragilizava de uma maneira desconhecida, ficamos a nos encarar por longos segundos e me questionava como havíamos começado aquela situação. O rejeitamento tomou conta de mim novamente, enfurecida com ele e comigo mesma, me afastei do ambiente, sem querer ouvir e nem olhá-lo mais.

Com passos firmes e breves achei a saída daquele ambiente e, sai do cinema, sem olhar ao arredor à procura de Amelia e Dorian, eu simplesmente queria sair dali, o mais rápido possível, e para que manter a pose de uma pessoa que estava equilibrada emocionalmente se no fundo eu estava despedaçada por dentro, como se tivesse acabado de terminar um namoro de anos.

Sem controlar o domínio de minhas pernas, comecei a correr pelo convés, me afastando com velocidade daquele lugar. Desci escadas, virei corredores, vi rostos me observarem curiosos, crianças que corriam como eu, sendo que brincando, mas nada me fazia parar enquanto eu lutava contra a vontade de cair em lágrimas na frente de todos, minha garganta inundada com um nó grosso e ardente e na minha mente apenas o rosto de Peter, as minhas palavras rudes para ele e toda aquela discussão sem propósito, tudo porque ele quer me beijar no momento certo.

Desci as escadas do saguão principal aos tropeços, tendo que me agarrar ao corrimão em determinado momento que quase tropecei e iria cair ao chão com tudo. Vislumbrando o corredor a minha cabine, andei por ele rapidamente, pegando o cartão do meu bolso e abrindo a porta.

Ao entrar na cabine, fechei a porta e junto, meus olhos.
Me virei, me encostando na porta e de imediato cai no choro, escorregando pela porta indo em direção ao chão, enquanto eu cai em um choro amargo e pesado.
Abri meus olhos, vendo tudo embaçado graças à enorme quantidade de lágrimas, arrancava dos meus pés as botas, as tacando para longe, enquanto eu continuava a chorar, sem saber ao certo se chorava por Peter ou pelo meu orgulho ferido.
Meu celular começou a vibrar, sem vontade peguei o mesmo vendo na tela que era um número desconhecido, engoli o choro brevemente, enrugando o cenho por saber como controlar as minhas emoções era difícil, atendi a ligação com um tom fraco de voz.

- Aonde você está? Já te procurei por todo o navio! – A voz ofegante e urgente de Peter irrompeu pelo telefone, eu podia ouvir movimentação ao fundo, era óbvio que ele estava em algum lugar movimentado.

- Isso seria impossível. O navio é grande demais e você não tem a habilidade da super agilidade para vasculhar todo o navio a minha procura em menos de dez minutos. – Respondi com um tom firme em minha voz que me impressionou já que eu não esperava conseguir falar assim.

- Você dúvida da minha capacidade? – Peter questionou, ainda ofegante.

- Eu não duvido de nada. – Respondi de maneira sincera. – Não é do meu caráter dúvidar, eu só gosto de sinceridade, nada mais é tão importante quanto isso.
- Aonde você está, Katerina? – Ele questionou e o meu nome saiu pelos seus lábios com um tom levemente irritado.
- Já pensou na minha cabine? – Questionei sínica, erguendo uma sobrancelha.
- Não pensei no óbvio. – Ele disse com surpresa no tom de sua voz.

- Que bom que não pensou. Continue assim e não venha. – Falei com firmeza, mostrando certeza no que dizia, percebendo que em poucos minutos ele estaria em minha porta; como sou idiota, sempre me sabotando sem notar. – Eu não vou abrir a porta. – Essa frase já não saiu com a mesma firmeza.

Fiquei a esperar a sua resposta, mas a ligação foi desligada.
Olhei a tela do celular não acreditando no que Peter havia feito, fiquei por breves segundos acreditando que a ligação havia caído, mas ele não retornou e nem eu fiz o mesmo. Como que isso tudo havia acontecido tão rápido?
Como eu deixei que tudo chegasse a esse ponto?
Eu estava chorando por um garoto que mal conhecia e que tinha uma grande influencia sobre mim, algo que ninguém além de minha mãe, Chuck e Rachel conseguiam ter. Porque Peter tinha essa influência sobre mim?
Quem ele pensava que era para agir daquela forma rude e grosseira, me mandando ir embora daquela maneira fria?
É, eu queria ir embora, mas a forma que ele me afastou e disse *vá*, partiu meu coração. Tudo bem, ele tinha razão em estar magoado, eu havia sido estúpida e orgulhosa, mas ele me rejeitou, como ele esperava que eu fosse reagir?
Eu tenho personalidade e atitude, não iria ficar babando por ele enquanto o mesmo brinca com os meus sentimentos nas mãos, ser rejeitada doeu, mas ter o magoado doeu mais ainda. Essa discussão me fez perceber algo que me surpreendeu muito: Ele não me queria para apenas uma noite de sexo, como Chris e Tom suspeitavam, ele *realmente* gostava de mim e por alguma razão, isso me *assombrava* de medo. Peter era diferente de todos os outros caras, ele me queria por quem sou e não pelo que aparento e eu havia sido uma idiota durante aquela discussão.
Maldita impulsividade!
Maldita diarréia verbal!

Malditos amigos que fizeram que minha consciência gravasse suas palavras tenebrosas sobre Peter talvez querer apenas sexo comigo!
Argh!

Me sobressaltei com o barulho da porta do quarto de Joana sendo aberto, limpei meus olhos de imediato e vi o exato momento que Lucas saiu do quarto, que estava pouco iluminado, de maneira cuidadosa, evitando fazer barulho ele fechou a porta e me olhou de maneira tristonha, sem hesitar, ele se sentou ao meu lado, me observando com atenção. Não demorou muito para ele segurar delicadamente a minha mão, encostando a cabeça na porta, enquanto eu estava encolhida, tentando segurar as lágrimas.

- Está difícil, não é? – Ele questionou em um sussurro, olhando para frente preso em seus pensamentos.

Eu queria responder positivamente, mas a minha voz embargou e eu voltei a chorar Lucas repousou suas mãos em volta do meu corpo, me abraçando para próximo de si, encostei minha cabeça em seu ombro, tentando abafar as minhas lágrimas que insistiam em cair de forma amarga. Eu detestava chorar perto de qualquer pessoa, seja amiga ou desconhecida, me sentia fraca quando isso ocorria, não gostava que as pessoas vissem que eu tinha pontos fracos, mas esquecia que eram esses pontos fracos que me faziam humana.

- O que aconteceu, Bella Swan? O Peter não foi o seu Edward Cullen? – Ele murmurou com um tom suave de voz, querendo me fazer rir com o apelido do momento, mas o máximo que conseguiu foi um leve sorriso em meus lábios.

- Não. – Respondi, embargando a voz novamente, entortei os lábios em um biquinho. – E eu não sou a Bella Swan.

- Eu sei, só queria te irritar um pouquinho. – Ele respondeu, empurrando levemente meu ombro, em seguida começou acariciar meus cabelos. – Só me diga, devo ir atrás desse Peter e matá-lo por fazer você chorar ou devo escutar o ocorrido?

- Guarde suas armas, Luke. Eu tive muita culpa no assunto. – Murmurei, me

afastando do seu ombro e limpando as lágrimas. – Você se importaria ... Se eu te contasse tudo que aconteceu?

- Claro que não, Bella. Pode me contar tudinho, desde que você me prometa parar de chorar e volte a sorrir, se não nada feito, continuarei aqui tentando fazer você sorrir a todo custo. – Lucas concluiu e eu sorri levemente, fazendo o mesmo sorrir. Contei tudo a Lucas, dando vigor de detalhes, explicando a ele que eu havia sido orgulhosa e que mereci o que ocorreu, mas que eu sabia que Peter havia exagerado um pouco na sua reação que havia, de fato, me magoado mais.

- Você gosta dele. – Lucas disse com certeza.
- Não. – Falei, entortando meus lábios, sabendo que estava a mentir. – Quer dizer, é inegável que temos uma atração intensa, mas eu não gosto dele, Luke, não dessa forma. – Pausei notando a mentira que falava. - Não posso gostar.

- Porque não pode gostar, Kate? Existe alguma lei divina que proibi que o ser humano se apaixone por alguém em poucos dias? – Ele falou com seriedade, me observando.

- Porque ... Amores assim não dão certo, Luke e quem vai terminar com o coração partido vai ser eu porquê sempre é assim. Eu me apaixono, me iludo e quem termina sozinha e com o coração partido sou eu tendo que catar os pedaços do meu coração. E eu não quero isso ... Eu quero me divertir, só isso. – Murmurei, pensativa, tentando fazer com que essas palavras se tornassem verdade em mim e estava bem difícil de ser. – Por Deus, Luke. Ele é só um garoto que conheci num cruzeiro, isso não tem futuro.

- Então, porque está tão frustrada e triste? – Lucas perguntou com um sorriso leve nos lábios, ele sabia que havia tocado em um ponto sensível em mim. – Kate, não há problema nenhum em se apaixonar por alguém em um cruzeiro e acreditar que possa existir um futuro entre vocês, pelo contrário, está mais do que certo porque amor é para ser vivido, não reprimido.

- Diga isso para as minhas experiências passadas. – Murmurei, entre os dentes.

- Eu conheço todas as suas experiências passadas, Kate. Olha eu acredito que todo momento é momento para se apaixonar por alguém, então aqui vai o meu conselho, Kate: Não tema. Se jogue a essa emoção que está vivendo, não pense no futuro, não pense nas experiências passadas, apenas viva o agora com o Peter.

- Ele desligou na minha cara, Luke. – Murmurei, encostando a minha cabeça na porta. – Eu garanto que alguém que desliga na sua cara não está muito propenso a querer falar com você ou estar perto de você.

- Se coloque no lugar de Peter. Ele está frustrado tanto quanto você. O melhor amigo dele age feito um garoto adolescente idiota o envergonha na frente da garota que gosta, ele tenta concertar as coisas com você, acaba te rejeitando por acidente e vocês acabam se entregando ao clima de tensão... Da maneira errada. Ele está frustrado, magoado, com o orgulho ferido e principalmente tentando concertar os erros, se não ele não teria te ligado. – Lucas sorriu para mim, notando a minha expressão pensativa. – Dê uma chance ao amor, Kate. Por você.

- Ah! – Gritei em um tom baixo. – Detesto quando você tem razão. Você disse exatamente tudo o que sentia, só não tinha coragem de confessar. – Abracei Lucas de uma vez só, dando um beijo estalado na sua bochecha, ao nos afastar sorri leve. – Obrigada por tudo.

- Não agradeça, amigos servem para isso. – Ele sorriu timidamente. Então me lembrei ...
- Como ela está? – Questionei, olhando na direção do quarto de Joana, Lucas compreendeu e enrugou o cenho pensativo.

- Profundamente magoada. Ela não consegue esquecer da discussão com Britanny, Jo teme que ela descubra algo antes dela, mas no fundo eu sei que ela tem medo dela descobrir *algo* de fato. Por isso estou aqui, tentando distraí-la, aluguei alguns filmes besteiróis, compramos algumas besteiras para comer, ela riu um pouco e acabou dormindo. Só sai do quarto porque ouvi você chorando ...

- Então é melhor você voltar para lá. – Murmurei pensativa. – Posso te pedir um favor?

- Claro.
- Isso tudo que aconteceu pode ficar entre nós? – Questionei, enrugando o cenho.
- Tudo bem, Bella. Só entre nós. Promessa de bruxo. – Ele prometeu fazendo a promessa famosa que Samantha fazia na série *"A Feiticeira",* era o nosso código secreto.
- Promessa de bruxa. - Imitei seu gesto, rindo em seguida.
- Agora, vai lavar o rosto, descansar um pouco, porque hoje vai rolar a festa latina e garanto que ela vai ser inesquecível.

- Certo! Qualquer coisa me chama! – Dei mais um beijo em sua bochecha e me levantei do local, indo em direção ao meu quarto, fechando a porta logo atrás de mim. Me encostei a porta, pensando em tudo que havia conversado com Lucas, ele tinha toda razão eu que estava cega demais para ver isso. Meus olhos caíram na direção da penteadeira na qual um grande jarro de cristal estava repousado com diversas rosas arrumadas dentro, as antigas e as que havia ganhado no dia atual. Sorri levemente as observando e pensando em como iria arrumar aquela situação com Peter.

Jeito havia, agora como eu não sabia.

Fui em direção ao banheiro, me observei no espelho notando os meus olhos inchados e vermelhos, passei as mãos em meus cabelos ainda me olhando, detestava me ver nesse estado deplorável, abri a torneira no máximo e com a palma da minha mão enchi de água, jogando em meu rosto, deixando que todo aquele liquido entrasse em minha pele, refrescando, aliviando e me purificando de tudo que havia ocorrido. Sequei meu rosto com uma toalha próxima e voltei a me olhar no espelho, vendo que estava com uma expressão bem melhor.
Sorri, ganhando esperanças de salvar aquele dia da desgraça.

Me retirei do ambiente, voltando ao quarto, ouvi uma batida na porta e enruguei o cenho, estranhando, me questionando porque Lucas faria isso, me aproximei da porta, pronta para abrir a mesma, contudo ela se abriu antes que eu conseguisse impedir tal coisa e bateu com tudo em mim.
Posso garantir que não foi uma cena bonita de se ver ou de se ouvir, mas disparado,

garanto que a dor vence em todos os quesitos.
O meu grito foi alto o bastante para deixar isso claro.
A porta bateu com tudo em meu braço esquerdo, me empurrando com força suficiente para cair ao chão, por sorte, consegui controlar a força da minha cabeça ao bater no mesmo, mas a dor que eu sentia no meu braço, era tortuosa demais que nem sentia os outros hematomas que se formariam, eu havia sentido algo estalando com força e tinha certeza que era algo que não devia estalar.
Mesmo sentido tal dor, eu me questionava quem havia sido o ser abominável que havia entrado em meu quarto com tal atitude, eu queria ter o prazer de matar essa pessoa com o meu braço bom.

Senti duas mãos me segurarem pela cintura com força, me levando na direção da beira da cama com delicadeza temendo talvez que eu me machucasse mais, os toques daquelas mãos não eram de Lucas, suas mãos eram mais firmes e delicadas, aquelas mãos eram grandes e grossas e eu as conhecia muito bem, seu toque era inegável.
De imediato, eu senti um arrepio tomar meu corpo e eu suspeitava que sabia porque.
Ergui minha cabeça, jurando estar tendo uma alucinação, mas o seu toque era real demais para ser a minha imaginação.
Eu sofria naquele momento uma enxurrada de emoções ao vê-lo.
Surpresa, nervosismo, felicidade, orgulho e por fim, tudo isso, junto, em uma mescla de sentimentos.
Nada de bom poderia sair disso.

- O que você está fazendo aqui? – Questionei soando surpresa, mesmo que parte de mim quisesse soar indiferente, sentindo meu braço latejar, tentei controlar uma careta de dor, mas não consegui.

Peter nada disse, apenas se concentrou em meu ombro, observando sem tocar, se o mesmo estava ferido ou inchado, eu já havia notado que o mesmo estava *normal*, apenas vermelho e dolorido, isso comparado aos desastres que eu conseguia fazer comigo mesma, era nada, mas Peter não estava preso a essa simples análise.
Gentilmente, ele tocou em meu braço e gemi de dor me surpreendendo com seu gesto, trinquei os dentes e sem nada a fazer ou dizer, ele se retirou do quarto, adentrando a sala. Fiquei imóvel por breves segundos, ouvindo alguns sons sendo

produzidos na sala, eu pensava em como devia agir naquela situação. Eu deveria começar dizendo que sentia muito por toda aquela situação, por ter sido estúpida e orgulhosa? Deveria me calar e esperar que ele dissesse algo, agradando o meu orgulho? Ou talvez, devesse ignorar, éramos apenas duas pessoas que estavam apenas se conhecendo ... Mas o que esse conhecendo significava?
O que diabos ele estava fazendo na minha sala?

Eu não gostava de ser atormentada por essas questões, era apavorante demais como Peter me fazia sentir. Só nos conhecemos há 02 dias, quase três, e parecia que já nos conhecíamos há anos ... Algo que nunca senti com outra pessoa antes.

Tentei afastar esses pensamentos, segui para ir a sala, mas antes que conseguisse sair do quarto, Peter retornou e me impediu de tal ato, me segurando pelo outro braço com tal força que desconhecia de si e ao mesmo tempo, com certa delicadeza única. Me questionava como ele conseguia fazer tal coisa sem me machucar.
- Ei, me solte, seu invasor de quarto! Me responda: O que você está fazendo aqui? – Questionei novamente, sentindo minhas pernas encostarem na borda da cama, Peter notará o ocorrido e me empurrou delicadamente para se sentar na mesma e em seguida, se ajoelhou na minha frente, mexendo suas mãos em uma toalha de cozinha que parecia conter pedras de gelo, ainda mudo, tendo como única expressão seu cenho enrugado. – O que foi? Eu que levo uma portada e é você quem perde a língua?

Ele continuou mudo, repousando no meu ombro a toalha com as pedras de gelo, o contato do gelado em minha pele causou um arrepio e gemi novamente, trincando os dentes, sentindo que o dolorido ia se tornar em um grande roxo em breve, mas voltei a me concentrar em Peter, que não me olhava, pelo contrário, olhava para tudo menos para mim. Sua expressão estava tensa e agora eu me questionava com certa malícia se o fato de estar em meu quarto o deixava nervoso, mas meu orgulho fez questão de lembrar-me que ele havia me rejeitado algum tempo atrás.
Me rejeitou de forma cavalheira, mas me rejeitou.
Droga!

- Sai do meu quarto! – Meu orgulho ordenou com um tom ameaçador de voz. Peter

me olhou, erguendo uma sobrancelha. – Sai do meu quarto agora ou eu grito. – Falei amolecida, não confiando em meu julgamento.

- Estamos sozinhos, Katerina. Seus amigos saíram no momento que eu cheguei, a garota loira até nos convidou para ir com eles tomar um sorvete, mas o garoto disse que eu e você precisávamos ficar sozinhos para conversar. Suspeito que ele sabe do que aconteceu hoje ou ele é adivinho? E devo dizer que você cumpriu com a sua palavra, realmente você não abriu a porta, o seu amigo fez isso por você. – Ele concluiu abrindo um sorriso debochado.

- Ah, cala a boca, *seu ... seu ...* – Murmurei, tentando buscar um xingamento bom o bastante para ofendê-lo.

- Pode ficar no *seu ... seu* o tempo que desejar, temos a tarde inteira e se você quiser, podemos ter a noite inteira também. – Ele murmurou, enquanto se formava um sorriso leve e malicioso em seus lábios. – Só tente ficar imóvel para o gelo se equilibrar em seu ombro, estou tentando evitar a sua eminente dor.

- Você está desenvolvendo minha eminente fúria. – Respondi entre os dentes, sem me mexer, sentindo o gelo anestesiar a dor. Até as palavras que ele dizia em linguagem mais formal do que qualquer outro jovem da nossa idade estava me irritando naquele momento. Sabe do que mais? – Empurrei o braço dele para longe, o mesmo se desequilibrou poucos centímetros, aproveitei a chance e fiquei de pé, segurando com a mão boa o gelo em meu ombro. – Eu não preciso de você, Peter Hartley. Saia já do meu quarto ou eu o coloco para fora a força.

- Isso eu pagaria para ver. – Peter já estava de pé e se aproximou de mim em alguns passos, escondendo aquele sorriso malicioso em seus lábios, antes que eu pudesse notar o meu orgulho tomou posse de mim novamente e comecei a empurrá-lo para fora do meu quarto, enquanto o mesmo tentava impedir de levar os meus tapas.- Para com isso, Katerina! Para!
– Ele murmurou, irritado.

- Não paro! E você, pare de me chamar de Katerina! – Falei trincando os dentes, de repente senti uma dor forte no meu ombro machucado, parecia como se um músculo

tivesse esquentado e rapidamente esfriado e agora estava latejando sem pretensão de parar, choraminguei um pouquinho, me afastando alguns passos de Peter. Ele sem hesitar se aproximou de mim, voltando a me sentar na borda da cama.

- Fica quieta! - Ele disse irritado como se estivesse falando com uma criança. Emburrei feito uma enquanto observava ele entrar no banheiro, abrindo o armário do espelho a procura de alguma coisa em particular que eu não podia adivinhar o que era.

- O que você quer ai? – Não me contive em ficar calada.

- Algum tipo de gel a base de menta, para fazer uma massagem nessa região, pelo menos, para aliviar o inchaço. Você deveria ter algo assim já que cai mais do que faz qualquer outra coisa. – Ele respondeu com um tom mais suave em sua voz.

- Olha só, garoto ... – Antes que eu terminasse, ele me interrompeu, fechando o armário e voltando a se aproximar de mim, segurando um tubo de pomada que era o meu salvador contra hematomas e machucados.

- Eu mandei você ficar quieta, Katerina. – Ele murmurou, se agachando a minha frente novamente, ele abriu a pomada colocando um pouco no dedo, com a outra mão tirou o gelo do meu ombro, aproximou a mão para passar o medicamento, mas eu afastei o mesmo, com mais raiva do que medo da dor. – Eu sei que vai doer, mas é só temporário. Deixa eu passar, por favor.

- Não. – Falei, enrugando o cenho.
- E lá vamos nós denovo. – Ele disse impaciente.

- Quem você pensa que é para falar comigo dessa forma, Peter? Nem se você fosse o rei da Inglaterra você não tem o direito de falar nesse tom comigo. – Murmurei, sentindo a minha voz embargar enquanto Peter ergueu ambas as sobrancelhas com meu comentário, mas me olhou pesaroso ao ouvir a minha voz embargada. – Eu estou magoada, tudo bem. – Disse sinceramente. - Com o meu orgulho besta ferido, me sentindo frustrada por me sentir rejeitada e você ainda se acha no direito de vir aqui e agir assim comigo. Como se nada tivesse acontecido?

Peter nada disse, se manteve pensativo por breves segundos, enquanto eu analisava as palavras que havia dito.
Elas foram corretas para a ocasião ou eu parecia uma obsessiva descontrolada?
Durante esse pensamento, Peter voltou a me observar, enrugando o cenho como ele fosse dizer algo complicado.

- Eu só sou um garoto tentando concertar dos meus erros e ao mesmo tempo, lutar pela garota que eu gosto. – Ele disse de uma vez só, a última frase soando de maneira cuidadosa em seus lábios enquanto ele me olhava com atenção. Seus olhos ainda brilhavam daquela maneira desconhecida de mais cedo, mas havia algo de diferente em sua expressão, eu diria ser preocupação e isso me deixou mais a vontade com ele.

-Você pode falar quantas frases bonitas quiser Peter, não vai funcionar. – Voltei ao ponto de orgulhosa, mas no fundo queria mostrar a ele que eu não era qualquer garota.
- Porque você está sendo tão infantil em relação a isso? – Ele disse trincando os dentes, de imediato ergui minha cabeça, me sentindo frustrada novamente.

- Infantil, ele diz. – Falei, deixando o deboche tomar conta dos meus lábios. - Foi você que saiu do cinema todo estressadinho por causa de um comentário bobo que Dorian fez e agora eu sou a infantil?! Ah, valeu, Peter! Agora tudo faz sentido para mim. – Respondi com sarcasmo, sentindo o ombro latejar cada vez mais que eu falava com rispidez, talvez isso fosse um sinal. – Eu sou a errada, bem que desconfiei.

- Já passou pela sua cabeça que eu talvez tenha saído do cinema daquela forma porque outros eventos tenham me acontecido para me deixar naquele nível de estresse? – Ele murmurou contido, como se não quisesse falar sobre, por fim me olhou erguendo ambas as sobrancelhas. – Olha, tem certas coisas da minha família que eu não posso falar, mas posso garantir a você que sou muito cobrado por eles pela posição social que temos e isso requer em mim uma grande pressão e hoje eu tive uma discussão com minha tia em relação a um desses assuntos. Para ser sincero, não estou tendo um dos meus melhores dias. Esperava que estar com você fosse melhorar tudo isso, mas pelo visto, consegui arruinar a única coisa boa que tinha em

minha vida nesse momento. – Peter disse com pesar, soando bem frustrado e irritado, evitando olhar para mim. – Então, pare de ser estúpida comigo. Eu gosto de você e estou tentando ficar com você. O que eu preciso fazer para provar para você que eu sou diferente dos outros garotos e que eu mereço você?

Peter me observou atento por breves segundos, em seguida se afastou de mim, pegando em um movimento só o seu celular, ele discou alguns números e em seguida começou a falar com uma pessoa a qual ele não conhecia já que ele usava termos mais formais que o normal. Pelo que entendi, ele falava com algum funcionário de uma farmácia, ele pedia um creme em gel de *menthol* e um emplasto com a mesma composição e requisitava para ser entregue no meu quarto.
Assim que Peter desligou a ligação, ele pegou a pomada e voltou ao banheiro, guardando-a no armário e lavando a mão em seguida. Concluindo seus atos, ele voltou ao quarto, se ajoelhando a minha frente novamente, olhando meu ombro contundido com atenção, mas parecia mesmo em busca do que dizer, o poupei disso.

- Você ... quer me merecer? – Questionei pausadamente, erguendo uma sobrancelha, Peter olhando atentamente na direção de meus olhos, balançou a cabeça positivamente.

- Eu nunca quis alguém com tanta ferocidade antes. – Ele respondeu com um tom charmoso em sua voz e uma sinceridade inegável.
- Então, vamos colocar as cartas na mesa, Peter. – Eu falei em um suspiro, o observando com atenção.

- Ok. – Ele concordou entrando na questão.

- O que *nós* estamos fazendo? – Questionei, o olhando em sua expressão as respostas que sairiam de seus lábios. – Olha, eu sei que estamos em um cruzeiro maravilhoso e qualquer jovem em nossa posição vai querer aproveitar cada momento em festas e curtição ao lado de quem ele ou ela é atraído, mas eu não sou assim. Eu não me envolvo apenas para me divertir.

- Nem eu. – Peter disse – Não serei hipócrita, confesso que já tive algumas *aventuras*.

- Eu não sou uma *aventura*, Peter. – Falei com nojo da metáfora com a palavra.

- Eu não quis dizer isso, eu quis dizer que já tive relacionamentos breves que foram apenas por pura atração e curtição. Não tenho orgulho disso, mas tanto eu quanto as garotas em questão estavam satisfeitas com a situação. – Ele pausou, me observando. - Eu sei que você é bem mais que uma aventura. – Peter disse com a mesma sinceridade repousando gentilmente suas mãos por sobre a minha, observei por breves segundos seu gesto, tentando entender o que estava a acontecer.

- Eu sei, eu entendi o que você quis dizer. Eu só quero esclarecer para você que tipo de garota que eu sou. Olha, eu já passei por muitas coisas quando o assunto é amor, eu sei o que é saudável e o que não é, contudo ... Eu não sou uma garota de *aventuras*, eu não sou uma garota que você conhece em uma noite, faz sexo e no dia seguinte descarta, finge que nunca viu antes. Eu já fiz isso uma vez e não gostei da garota que eu vi no espelho depois de *uma noite apenas*. Eu sou muito mais do que isso como você mesmo disse e eu sei que a gente se conhece a apenas 02 dias, mas ... Eu não sirvo para isso. – Murmurei, sentindo um certo nervosismo tomar conta de mim ao sentir os dedos de Peter entrelaçar em minhas mãos.

- Agora eu me perdi no assunto. – Peter murmurou me olhando curioso.

- Eu não sirvo para o que estamos fazendo, o que diabos seja o que estejamos fazendo. Eu não posso viver nessa inconstante dúvida do que eu e você estamos fazendo: “ Ele quer me conquistar para ter sexo?”, “Ele realmente é assim?” ou “Ele é um personagem da minha imaginação fértil?” Eu sou uma garota que é romântica, que gosta de romances, mistérios, conquistas, surpresas e carinhos. Eu não sou uma paixão de verão, alguém que você vai se lembrar um dia que conheceu em um cruzeiro. E teve uma semana incrível regada de romance e sexo ... e só isso. Só uma boa memória de um momento. Eu sou bem mais. Então, eu percebi que depois do que aconteceu hoje no cinema, a gente precisa ser sinceros, pelo menos, eu preciso. Se você acha essa minha atual atitude estúpida e precipitada, eu falo com toda a minha seriedade para você sair pela mesma porta que entrou nesse instante porque de fato, você não me merece como muitos por ai. – Pausei, esperando que Peter fizesse algo e de fato ele fez, ficou de pé, meu coração acelerou bruscamente e o ar

me faltou, mas Peter se sentou ao meu lado e aos poucos a respiração voltou ao meu ser. – Mas se você ficar, eu exijo que você me responda com toda a sinceridade possível. O que *nós* estamos fazendo, Peter? Sério, isso é só temporário? Só sexo? Porque se for isso, você não vai ter. Eu não vou transar com você só por causa de algumas palavras bonitas, sotaque britânico e jantar romântico, garanto que é tentador, mas não é tudo para mim. Vamos lá, pense, o que está havendo entre nós? Uma diversão entre duas pessoas livres ou estamos construindo algo maduro a partir de um presente para um futuro?

- Nós estamos nos *conhecendo* . – Peter disse alguns segundos depois, pensativo, sem tirar seus olhos de mim como de costume, ao mesmo tempo que isso me deixava nervosa, me dava um confiança sem igual.

- Defina *conhecendo*. – Peter abafou uma risada e eu o observei sem esboçar nenhum sentimento parecido, ao notar que estava sendo seria em minha questão ele voltou a ficar pensativo.

- Gramaticamente falando?
- Sim, gramaticamente falando.

- Bom, *conhecendo* é do verbo *conhecer*, pode significar diversas coisas, mas o que é mais apropriado a situação é que significa manter relacionamento com alguém, a partir de desenvolvimentos pessoais de assuntos para aprofundamento na relação com a pessoa.

- Certo, dicionário ambulante. – Peter entortou os lábios em um sorriso com o meu sarcasmo. - Agora defina o nosso relacionamento, a partir do verbo *conhecer*. Em que sentido você o está utilizando, Peter?

- No sentido próprio da palavra, Kate. Estamos nos conhecendo. Criando laços de conhecimento sólidos que poderão ser essenciais para o nosso futuro. – Peter concluiu.
- Futuro? – Questionei, Peter me observou e abriu os lábios para dizer algo, mas se calou ao ver que sorri.
- O que foi? – Ele questionou, sorrindo de lado.

- Eu não gosto de pensar no futuro. Gosto de fazer o meu presente, por que a partir dele, garanto o meu futuro. – Falei uma das minhas frases que costumava repetir em grande excesso quando me perguntavam sobre o que quero fazer da minha vida em alguns anos, até mesmo semanas.

- Você acabou de definir o nosso relacionamento, ao meu ponto de vista. – Peter murmurou suavemente, me observando com um belo sorriso em seus lábios. – Não estamos nos concentrando no futuro, porque estamos vivendo o presente, juntos e intensamente, a partir dessa nossa vivência o futuro é garantido ... Juntos. – Ele concluiu, erguendo uma sobrancelha com um charme inegável. – E, ao meu ver, só isso basta.

- Peter ... – Em um suspiro murmurei, abaixando levemente o meu rosto.
- Katerina. – Peter segurou com dois dedos o meu queixo, erguendo o meu rosto na altura do seu. – Eu disse para você o tão encrencada que estava. Eu não brinco com os sentimentos das pessoas, independente da minha relação com elas, eu entendo e sei que você não é uma garota de uma noite apenas, você é muito mais do que somente isso. – Peter sorriu levemente. - No momento que eu a vi pela primeira vez, a maneira que o sol batia em seu olhar e você parecia ser uma criatura divina, única e moldada para mim, eu sabia que você tinha que *ser* minha porque é inegável que existe uma forte ligação entre nós. Nossas vidas, sonhos, vontades, sentimentos, ... Somos compatíveis de diversas formas e maneiras.
– Ele passou a ponta de seus dedos em meu rosto com leveza causando arrepios súbitos em mim, sorri sentindo minhas bochechas queimarem de imediato. – Uma química única e irresistível, eu não posso ficar perto de você que a minha única vontade é de beijá – la, mas não o faço, porque como eu disse, é algo nosso, pessoal ... Até os beijos tem os seus momentos ideais, mas acima de tudo, nós vivemos algo que ninguém jamais vai vivenciar igual.

- Então, isso não é uma *aventura*? – Questionei, com as sobrancelhas erguidas e um sorriso leve em meus lábios. - Eu e você ... Temos um futuro além desse cruzeiro?

- Não, se depender de mim, vou apresentar cada pedaçinho de Londres a você, vou te levar em Paris e Dubai porque algo dentro de mim diz que preciso te levar até lá e

farei de tudo para que você nunca mais vá embora da minha vida. – Peter disse em um sussurro. – Eu não quero te perder de vista jamais, sabia?

- Então, estamos nos *conhecendo*? – Questionei, ainda com aquela mesma expressão enquanto ele riu de modo suave para mim.
- Isso mesmo. Nós estamos nos conhecendo. – Peter segurou com sua mão meu rosto e ergueu ambas as sobrancelhas. – Agora, posso lhe falar uma coisa?
- Claro.

- Eu sei que você não é uma garota para uma *aventura* de uma noite apenas, Kate. Eu jamais brincaria com os seus sentimentos porque de uma forma inexplicável eu entendo o que você quer dizer. Nos conhecemos apenas a 02 dias e como você, eu sinto que a conheço há muito mais tempo ... Eu me questiono onde você esteve esse tempo todo porque você é exatamente tudo que eu sempre desejei e agora que você está aqui ... – Peter pausou, sorrindo de uma maneira nova, esperançosa e em paz. – Eu descobri um motivo pelo qual viver.

- Você está falando sério. – Murmurei, me surpreendendo com as suas palavras.
- Claro que estou. Nunca falei tão sério em minha vida.

Mordi meus lábios completamente sem palavras, enruguei meu cenho, tentando buscar algo a dizer, mas nada me vinha em mente.
Peter tinha essa habilidade de me deixar sem palavras.
Minha mãe se surpreenderia com isso.

- Me perdoe pelo meu ataque de orgulho e frustração hoje mais cedo. – Falei, passando minhas mãos em meus cabelos. – E me desculpa por ter te jogado assim na parede, mas ... Eu só não quero sofrer, Peter.

- Kate. Nós somos humanos, precisamos sofrer para aprender a concertar nossos erros, e para evoluirmos, para as vezes outras pessoas notarem seus erros, para amar ... Sofrer é uma parte essencial do humano, você não deve temer isso. – Peter voltou a acariciar meu rosto com gentileza.

- Mas eu já sofri demais. Eu acho que chega um determinado momento que a gente

sente que *chega*, sabe? E eu cheguei nesse momento. Por isso eu te coloquei nessa posição agora. Uma posição de risco, contudo ... É uma questão de me preservar. Eu não quero ter esperanças e ver meu coração partido ... novamente. – *Eu não quero me apaixonar por você e depois perdê-lo do mesmo modo que perdemos a areia quando abrimos as mãos,* pensei.

- Eu não posso te privar de sofrer, se pudesse eu privaria, mas posso te prometer que eu jamais vou partir o seu coração, porque se eu fizer isso, eu estaria partindo o meu também. Eu não conseguiria viver sabendo que te decepcionei ... – Peter começou a rir e eu sorri o observando. – 02 dias que nos conhecemos e eu me questiono como é que seremos daqui há, sei lá, 02 meses?

- Insuportáveis? – Murmurei, entortando os meus lábios em uma careta.

- Depende do ponto de vista. – Peter murmurou com tom de seriedade, em seguida voltando a rir junto a mim, mantendo um sorriso nos lábios, ele segurou a minha mão daquele modo gentil. – Eu aceito as suas desculpas e peço que aceite as minhas, fui estúpido com Dorian e acabei por me estressar com você por culpa de assuntos completamente opostos a nós.

- Eu aceito suas desculpas, mas elas não são necessárias. – Murmurei, enrugando o meu cenho. - Desculpe a intromissão, mas o que a sua tia fez que o deixou tão estressado? Eu entendo que esses assuntos familiares são pessoais, mas ... saiba que você pode conversar comigo sobre. Eu costumo ser boa ouvinte e conselheira. – Falei com uma expressão convencida, enquanto Peter riu, ele me olhou atento como se analisasse a possibilidade de me contar a situação.

- Como eu disse, são assuntos que envolvem outras pessoas. Eu até gostaria de falar sobre isso com você, mas não é um assunto apenas de meu juízo, e sinceramente, eu não quero te trazer para dentro dessa história. São problemas graves que mexem com o meu emocional e físico, não quero vê-la preocupada comigo. – Peter disse com propriedade e cuidado com suas palavras.

- Entendo, mas essa situação ainda está te incomodando? – Questionei, cruzando as minhas pernas como as boas leis femininas ditavam, o olhando com mais atenção.

- Sempre. É um assunto que está eternamente me confrontando e corroendo, mas tentarei ignorar isso pelo nosso bem, pelo menos por hoje. Não sou a melhor companhia para o dia, mas estou na torcida que você possa fazer com que esse dia valha à pena. – Peter disse por fim, entrelaçando nossos dedos, me olhando com a sua cabeça levemente abaixada, já que ele observava nossas mãos unidas.

- Aí, me desculpe pela maneira que eu te tratei. – Voltei a repetir, sentindo um peso na consciência me tomar, Peter me olhou rindo. – Eu sei, estou sendo repetitiva, mas eu deveria ter sido coerente e estável com as minhas emoções, prometi a mim mesma que deixaria de ser impulsiva, mas você parece que me atiça a fazer o contrário.

- Kate, eu errei também. Fui grosso e orgulhoso, deveria ter separado as situações e não o fiz, mereci a sua atitude, só espero que isso não ocorra mais entre nós. – Ele disse, me olhando com certo encanto. – Eu não sei o que sou capaz de fazer se tivermos outra discussão tipo aquela, eu não gostei de mim mesmo. Assim que a vi indo embora ... sem mim e enfurecida daquele modo; eu pensei que tinha te perdido.

- É, eu também. – Respondi, observando aquelas órbitas azuladas. Nós olhamos sem a intenção de um afastamento, sem perceber, nos aproximamos urgentemente, suas mãos tomaram meu rosto e as minhas seu pescoço, afundei meus dedos em sua pele, podendo sentir a sua temperatura quente causar uma corrente de eletricidade em meus dedos indo para minhas mãos e depois por todo meu corpo.

Era esse o momento.
Nossos lábios estavam a centímetros de distância, podia sentir sua respiração tocar a minha, seu hálito quente próximo aos meus lábios o que me deixou inebriada, o que aconteceria a seguir seria tudo que eu desejava desde o primeiro momento que o virá.
Foi quando ouvimos uma batida urgente na porta principal.

- Deixa bater. – Sussurrei em êxtase, me erguendo alguns centímetros da cama, envolvendo minhas pernas em volta da sua cintura, desse modo sabia que seria difícil para ele se levantar porque teria que me tirar seu colo e tinha certeza que ele não queria isso. Os prováveis hematomas e machucado em meu ombro já não me incomodavam mais, por ora, eu sabia que Peter era o meu analgésico.

Ele, por sua vez, sorriu levemente e afastou um pouco seu rosto do meu como se quisesse controlar seus impulsos, descendo suas mãos na direção da minha cintura.

- Ele não ganha para esperar, Kate. Fique bem aí, já volto. – Peter sussurrou e com um movimento breve me desencaixou de seu corpo, me sentei na cama cruzando as minhas pernas no estilo Buda, observando Peter se retirar do meu quarto, emburrada.

- Essa é a segunda do dia, Peter Hartley. – Murmurei em tom vingativo. – Isso terá volta.
- Dúvido muito sobre isso. – Ele respondeu sem olhar para trás e com um convencimento que lhe cai bem, infelizmente.

Capítulo 11 Lindo Desastre

Apenas um beijo em seus lábios ao luar
Apenas um toque do fogo tão ardente
Eu não quero confundir essas coisas
Eu não quero levar isso tão longe
Apenas um tiro no escuro que você só pode Ser o único que eu estive esperando minha vida toda Então, baby, eu estou bem
Com apenas um beijo de boa noite.

Just A Kiss – Lady Antebellum

Peter não se demorou trazendo consigo uma pequena sacola em mãos, ele se sentou ao meu lado tirando da sacola um emplasto de *menthol* e uma pomada, ele me olhou e eu dei total espaço para que ele fizesse seus serviços médicos em meu ombro, já que era de seu desejo. Primeiramente, ele passou a pomada colocando por fim o emplasto em meu ombro, ele indicou que eu apenas o tirasse pela manhã para o produto fazer efeito, como na embalagem indicava. Antes mesmo que eu pudesse agradecer pelo seu gesto, ele teve que atender uma ligação, anunciando ser sua tia em um sussurro, ele se distanciou para a sala e eu fui tomar um comprimido de *tylenol* para aliviar o eminente desconforto muscular. Rachel iria ficar muito decepcionada ao saber que ele fora o meu enfermeiro e não o oposto; não há nada de sexy em um homem cuidado de uma mulher, é só romântico. *Bleh*!, Rachel diria, ri com esse pensamento.

Ao retornar, Peter questionou se teria algum problema se ele fosse embora naquele momento, sua tia precisava de sua presença urgente na suíte dela, respondi que não tinha problema nenhum, mesmo querendo estender um pouco mais aquele momento a sós já que sabia que não teríamos a sorte de ter outro nas próximas horas.

- Então, estamos bem? – Questionei, segurando a porta e o observando parado a minha frente no corredor do meu andar, aquele olhar firme em minha direção de curiosidade e carinho me observando com um sorriso singelo caindo em seus lábios.

- Defina *bem*. – Peter murmurou com um tom de voz divertido, abri um sorriso observando como o clima entre nós havia retornado a sua serenidade, logo, Peter abriu um sorriso contido, que era uma de suas marcas registradas. – Estamos ótimos ao meu ver, Kate. Nos vemos na festa latina? – Ele questionou com um sorriso malicioso caindo em seus lábios.

- É, talvez. – Respondi, sorrindo satisfeita por ver que Peter não esperava essa resposta. – Agora, se você não se incomodar, eu vou descansar um pouco ... Tive um dia um pouco longo.

- Tudo bem então. – Ele murmurou, ficou por breves segundos a me observar como se estivesse em busca de algo a dizer, mas no fundo não sabia como começar, eu o observei com uma expressão curiosa que logo se desmanchou em um sorriso quando o vi fazer o mesmo. – A gente se vê depois.

- Certo. – Respondi, em seguida, Peter se afastou do ambiente, se retirando de vez do lugar, sem cerimônias fechei a porta. Por alguns segundos repassei mentalmente tudo que havia acontecido naqueles breves minutos, abri um grande sorriso por me sentir satisfeita por ter conseguido fazer algo certo em minha vida nas últimas horas.

Voltei para o meu quarto, me arrastei para debaixo do edredom, me acomodando gostosamente, e sem pensar em mais nada fechei meus olhos, pensando em cochilar um pouco.
Estava de férias e merecia um pouco de descanso, pensei.
Não demorou muito para eu cair no sono.

Eu ouvia diversas vozes próximas a mim, cada uma delas falava comigo e aos poucos conseguia distinguir o que de fato estava acontecendo. Eu estava em um lugar movimentado, claro e espaçoso, diversas pessoas passavam animadas, conversando e gargalhando sobre seus assuntos em particular, mas eu me sentia acuada, nervosa. Ao olhar para frente, notei que estava cercada por Joana, Steve, Lucas, Rachel e Britanny, todos eles me olhavam enfurecidos e hóstis.

- Você sabia disso o tempo todo! – Joana gritou, chorosa.
- E agora está tentando escapar das acusações, dizendo que queria apenas se manter afastada disso. – Rachel disse, erguendo uma sobrancelha. – Hipócrita!
- Ela é mais que uma hipócrita, Rach. – Steve disse com um tom de voz firme, seu olhar era pura decepção.

- E ainda tenta me culpar dizendo que eu sabia também. – Lucas tomou a vez na roda, me olhando descrente. – Mas pelo menos eu tive a coragem de escolher um lado, diferente de você que quis fazer o estilo da boa samaritana.

- Eu bem que disse que alguém teria o coração despedaçado. – Britanny disse com seu tom malicioso de voz, dando uma gargalhada maldosa.
- Por favor, parem! – Eu disse chorosa. – Eu... Eu apenas tentei fazer o que achava que era o melhor para todos.
- Não, Kate! – Joana disse, enfurecida. – Você apenas fez o que achava que era o melhor para você.
- Como sempre faz! – Rachel disse com convicção.
- Sempre! – Steve concordou.
- Egoísta! – Lucas diss.
- Falsa! – Britanny murmurou arrogante.
- Hipócrita! – Joana gritou.
- Mentirosa! – Rachel disse e em seguida as vozes de Lucas, Joana, Steve e Britanny se misturaram todas repetindo em uníssono. – Mentirosa!

Me encolhi naquele círculo, acuada e temerosa, de repente não muito longe do meu olhar pude notar Peter cruzar a pista de dança, andando tranquilamente sem a menor pressa, o chamei, mas o mesmo não me viu, tentei passar por entre Rachel e Lucas,

mas os mesmos me impediram com mais esforço consegui e sai de imediato correndo na direção que vi Peter seguir. Sai do ambiente que me encontrava, entrando em um longo corredor vendo não muito longe Peter, chamei por ele novamente e o mesmo se virou, me observando por breves segundos, não demorou muito para o mesmo abrir um grande sorriso e sem demoras, seguiu seu caminho, entrando em um corredor; voltei a correr, seguindo seus passos, mas pisei em falso caindo lentamente em um espaço negro e vazio, como um longo vácuo.

Acordei assustada, me sentindo abafada, culpa do edredom que estava em meu rosto. Foi apenas um cochilo mal dormido, detestava ter esses sonhos em que caia em buracos sem fim, me sentia uma *Alice* às avessas. Ouvi o som do meu celular vibrando e tirei o edredom do meu rosto, sem abrir meus olhos por completo, tateando pelo aparelho na mesa de cabeceira, ao encontrar o mesmo o ergui na direção do meu rosto, vendo que havia recebido uma mensagem, supôs ser de Chuck ou Joana e abri a mesma, me deparando com o seguinte texto:

Britanny
Como prometido.
Pobre Joana, a verdade pode estar bem ao seu lado. Amigos também mentem, xx

Talvez fosse porque havia acabado de acordar de um breve cochilo, mas não compreendi a mensagem de Britanny, tentei crer que o anexo mandado por ela fosse ajudar no meu entendimento e como ajudou. O anexo era uma foto de um determinado ponto de um salão onde podia se ver claramente Steve, em um foco evidente de luz, vestindo roupas sociais confortáveis, tendo um momento intimo com uma jovem encoberta por uma sombra. Me sentei abruptamente na cama, relendo a mensagem e observando a foto com a boca. Britanny cumpriu a promessa, havia conseguido uma foto óbvia de Steve junto a outro alguém em um momento intimo. Parte de mim estava tranqüilizada por Rachel não aparecer em foco na foto, mas outra parte de mim não gostava nada disso. Fechei a mensagem e observei surpresa duas coisas, a primeira era que eu tinha recebido diversas ligações de Steve, Rachel, Joana e Lucas e até mesmo algumas mensagens dos dois últimos e a segunda coisa que me deixou em choque foi ver as horas.
Passavam das nove da noite e eu ainda estava em meu quarto.

Obviamente que muitas pessoas gostavam de chegar tarde à festas, podia garantir que eu não me importava de chegar algum tempo depois do inicio, contudo estava vivendo um momento de crise. Não sabia em que nível estava à situação entre Joana, Steve e Rachel, mas podia jurar que em meu coração sentia uma familiar apreensão, como se algo de ruim estivesse para acontecer e eu não tinha como controlar isso.

Sem pensar duas vezes pulei da cama xingando *merda* até perder o significado da palavra, me joguei embaixo do chuveiro em um breve banho e assim que sai, enrolada na toalha de forma desengonçada, abri a minha mala tirando diversos vestidos de dentro dele, por sorte, me lembrei que o tema da festa era latino, então podia usar um vestido mais solto e confortável, o único problema era achar um vestido que cobrisse o emplasto em meu ombro. Depois de uma procura de no mínimo dez minutos, encontrei o vestido, vermelho e que batia acima dos meus joelhos, com mangas que cobriam perfeitamente o emplasto e solto o bastante para ser confortável, e logo achei os sapatos ideais, *rasteirinhas para que te quero*, pensei com animação.
Parei em frente à penteadeira, penteei meus cabelos rapidamente, vendo que eles estavam com o caimento perfeito, lisos no topo e em cachos nas pontas, fiz uma maquiagem bem natural, um pouco de perfume e *voilá*, estava pronta e sem pensar duas vezes, sai em disparada ao salão de festas.

Eu andava pelos corredores, tentando não esbarrar nos passageiros e funcionários, enquanto ligava para todos que haviam me telefonado, principalmente Lucas e a cada ligação que caia na caixa postal, eu me sentia mais agoniada e frustrada por não ter respostas.

Ao entrar no salão, eu teria nem o notado já que estava tão concentrada em conseguir falar com alguém, mas era impossível conseguir tal ato, já que todo o ambiente estava envolto em um clima sensual e romântico inegável.
A minha atração ao ambiente foi de imediato.
Quente, exótico e sexy, tudo que eu apreciava.

Todo o salão estava revestido de um tom vermelho intenso. Logo na entrada do salão haviam duas grandes tochas expostas de madeira, com fogo incrustados nas

pontas, ficar perto dali já dava calor o suficiente para entrar no clima sedutor do ambiente, talvez fosse essa a intenção.
Os garçons, todos morenos como pude notar, vestiam blusas vermelhas entreabertas no peito como se fossem dançarinos espanhóis, a banda que estava ao palco, estava vestido a caráter e tocava no momento uma balada em espanhol muito animada tendo o violão como instrumento principal.
A pista de dança estava repleta de casais que dançavam animados ao ritmo quente da música. Agora que passava por entre as mesas reparava que elas estavam cobertas com panos de tecidos finos de tom vermelho e no meio de cada mesa, arranjos bonitos de rosas vermelhas, grandes e abertas, que mais pareciam ser de verdade, mas no fundo eram de plástico, por ter tantas rosas ao meu domínio no atual momento eu tinha a certeza que eram falsas, não exalavam cheiro algum e rosas tem um cheiro doce dominador.

O ambiente estava incrível, mas não podia ficar seduzida por isso, muito menos seduzida ao fato de que em algum lugar ali dentro Peter poderia estar me esperando. Argh!
Não podia ser egoísta a esse ponto e pensar apenas em mim e em meus desejos. Precisava me concentrar em meus amigos.
Fui até a varanda, onde meu grupo costumava ficar, mas não os encontrei lá, apenas casais e grupos de adultos com comportamento animado.
Nada como uma noite latina para mostrar o verdadeiro lado das pessoas, pensei.

Antes de me retirar do ambiente meu celular começou a vibrar, alguém estava a retornar minha ligação e era Alex; atendi a mesma em desespero, tentando ouvir a sua voz fina enquanto tentava abafar o som da música ao fundo tapando um dos meus ouvidos. Alex me disse que estava do outro lado do bar, onde havia um *lounge* mais tranqüilo e que era para eu ir para lá imediatamente, sem hesitar, sai em busca de tal lugar, rodeando o bar, passando por diversas pessoas que bebiam e conversavam animadas e logo me deparando com um espaço repleto de *pufs* e sofás estilizados, sem sair da decoração latina, a luz do ambiente era mais baixa, dando um clima mais intimista, romântico e confortável ao ambiente. Não demorei muito a encontrar Alex, que estava sozinha sentada em um *puf*, usava um vestido preto solto e seus cabelos estavam presos em um coque despojado, enquanto tomava um

coquetel que suspeitava que era sem álcool, era bem típico dela, já que a mesma detestava o gosto de bebida alcoólica, assim que notou minha presença, nos cumprimentamos, perguntei por Chris, ela disse que o mesmo estava com um grupo de amigos dele em algum lugar da festa, sentei ao seu lado, constatando como era macio aquele *puf*, aproveitando que estávamos a sós, comecei a questioná-la como uma detetive padrão sobre os últimos acontecimentos.

- O que aconteceu, Alex?

- Kate, eu estou aqui bem antes dessa mensagem ser mandada e juro que até agora estou me questionando do ocorrido, mas posso te dizer que foi mais ou menos assim: Eu estava conversando com o Chris, Luke e Joana e do nada nossos celulares tocaram quase que juntos e foi assim que recebemos a notícia. Joana ficou sem reação, pensei que ela fosse cair no choro, mas do nada ela fechou a cara e disse em um tom sério: Eu tenho que achar o Steve. – Alex imitou a voz de Joana com uma expressão carrancuda e depois continuou a falar, agitada. - Então, Lucas saiu atrás dela e o Chris está com o Tom e os outros, tentando não atrair atenção para isso tudo, e eu aqui tentando me manter longe disso, já que eu acho que isso é o certo.

- Eu preciso achar a Joana. – Foi a única coisa que consegui falar, ignorando o fato que eu também queria me manter longe disso tudo como Alex, mas era tarde demais para mim, não para ela.

- Eu não tenho ideia onde ela e Lucas devem estar. Já tentou ligar para eles? – Alex questionou tomando um gole de sua bebida com calma.

- Já. – Tomando consciência do celular e voltando a olhá-lo. – Vou continuar a procurá-los; tente ficar junto do Chris porque acredito que essa situação ainda não acabou, ficar sozinha não é uma boa ideia num momento desses.

- Você acha que a Britanny ainda vai aprontar mais? – Alex questionou em dúvida.

- Eu não sei se ela vai aprontar, mas sei que essa bomba vai explodir ainda hoje. – Sai do ambiente, clicando no botão do *ligar*, iniciando uma chamada para Lucas, que foi para a caixa postal de imediato. Xinguei mentalmente voltando para o lado mais

movimentado na festa, não sabendo mais para quem ligava, mas tentava assim mesmo, apertando o botão de *ligar* na esperança que alguém me atendesse, sem nem ao menos olhar a tela, mas de repente parei tal ato, ao ver em uma mesa afastada Britanny conversando de maneira charmosa com um grupo de jovens garotos, fechei a minha mão em volta do celular com uma raiva crescendo em mim, se eu fosse trinta quilos mais forte teria partido o aparelho em vários pedaços.

Sem nem ao menos pensar na situação, me direcionei até onde Britanny estava, a mesma ao notar minha presença ficou a me observar curiosa como se eu fosse uma espécie rara de humana, com orelhas gigantes e corpo desigual; seus lábios se abriram como se estivesse tentada a questionar o que eu estava fazendo ali, mas eu e minha raiva fomos mais rápidas.

- Porque você fez isso, garota? – Questionei irritada, sentindo meu sangue esquentar em questão de segundos. O meu sangue já era latino, mas tinha certeza que aquele clima ajudava um pouco mais nisso.

- Seja mais específica, Kate querida. – Britanny disse com charme, tentando manter a sua pose de jovem charmosa para os garotos que aparentavam ser estrangeiros; ela se levantou parando a minha frente com as mãos repousadas em sua cintura, como se quisesse mostrar que ela é quem mandava na situação. – Eu faço muitas coisas durante o meu dia. – Ela concluiu com um tom suave de voz. - Detalhes são fundamentais em minha vida.

- Não, você sabe muito bem do que estou falando. Eu tenho a nítida certeza que essa foi a pior coisa que você fez em sua vida. – Continuei a falar com meu tom de voz desafiador. – Não tem como se esquecer de algo desse porte com facilidade.

- Não, não. Aquela noite em *Tijuana* foi um desastre ... Fiz coisas imperdoáveis naquela cidadezinha. – Britanny disse com arrogância, sacudindo seus cabelos de modo charmoso, sorrindo para mim com satisfação. Ela sabia como me irritar e infelizmente para ela, eu não sabia como me controlar.

- A sua vida é tão infeliz assim? Você precisa prejudicar a vida dos outros para poder se sentir bem? – Questionei, a observando descrente. - O que a Joana fez

contra você?

- Nasceu.- Ela disse a palavra de modo lento, com total certeza de seu significado. – Precisa de explicações mais detalhadas? Acredito que não. Agora, eu me questiono, porque você está tão na defensiva dela? Será que isso é arrependimento de algo?

- Você pode tentar conseguir algo contra mim, Britanny, mas você não vai conseguir. – Respondi, erguendo uma sobrancelha.

- Então, há algo a ser descoberto? – Britanny disse dando uma gentil gargalhada enquanto os garotos nos observava sem entender o que ocorria entre nós, desconfiava que eles fossem franceses já que havia ouvido um deles falar na língua, questionando o que estava acontecendo. – Kate, eu não sou idiota. Eu sei exatamente o que você e o patético do Lucas estão escondendo esse tempo todo. Rachel e Steve não é segredo para ninguém, Lucas não conta nada porque não quer ferir o coração da pobre Joana, Tom quer mais que o circo pegue fogo, como eu, e Alex e Chris só não comentam sobre por serem duas moscas mortas e o resto do pessoal não quer corromper a imagem do mister popular e da virginal Joana. O que eu tenho curiosidade é entender o que se passa na sua cabeça, Kate? Por quê até então você não disse nada a Joana? Essa atitude não é sua, algo aconteceu de diferente para você se comportar assim.

- Você é patética, Britanny. – Falei enojada, sentindo as palavras saírem pelos meus lábios de forma pesada. Como ela conseguia ser tão cruel assim, sem ter motivo algum para tal coisa? A olhava completamente descrente da existência de pessoa tão nojenta e imunda como ela.

- Jura? – Britanny gargalhou repousando uma mão na área onde ela deveria ter um coração, mas não tinha. – Então, você é uma vadia. Porque pelo que eu saiba, amigos não escondem segredos como esses.

- Pelo que eu saiba, você não pode entender nada sobre amizades. Você não tem sentimentos, sua família não se importa com você e você não tem amigos, e não é de se admirar já que tudo que você toca se transforma em merda. – Respondi, sentindo o tom de minha voz se manter no mesmo, mas as palavras saiam mais pesadas e

agressivas, Britanny estava adorando, meu subconsciente não.

- Uh, afiada, mas para machucar alguém você deve querer isso e você é boa demais para quebrar o coração de alguém, mas também é vaidosa demais, por isso você não contou nada a Joana. Você está gostando de estar no meio desse triângulo: da atenção e importância. E o grande motivo: Ter alguém traída como você, para entrar para seu clube das trocadas. Por isso você não contou sobre, por ser egoísta e pedante. Por querer atenção e alguém sofrendo como você ao seu lado. – Britanny concluiu sorrindo, eu a observei incrédula, sem saber ao certo como respondê-la. Podia dizer que era tudo mentira, mas o assunto não teria fim, eu só daria motivo para continuar a discussão ou poderia ficar no estado apático que estava, como se o que ela tivesse dito, fosse verdade, talvez assim ela nos deixaria em paz acreditando ter desvendado um grande mistério. – Agora, se você me dá licença, esses adoráveis garotos querem me levar para um prazeroso passeio pelo navio e você ... – Britanny fez um bico entristecido. – Não está convidada.

- Como se eu quisesse ir. – Murmurei, cruzando os braços e a olhando com raiva.

- Allez, les gars! Que cette fille mal habillée et me prendre ici pour le plaisir. – Britanny murmurou em um pessimo francês e eu traduzi mentalmente o que ela disse, enquanto olhava para os garotos que imediatamente sorriram maliciosos e se levantaram ficando em volta da jovem que indicou para se afastarem dali, ela ainda fez questão de me empurrar com um dos ombros como se eu não estivesse ali.

Eles não tinham ideia da quantidade de doenças mentais e venereas que essa garota tinha e um lado cruel meu torcia para que ela se sentisse bem usada com eles, de formas que talvez a despertasse para a vida, mas o que temia, era que com Britanny, tudo que podia ser para seu bem, a tornava uma pessoa pior.
Enruguei meu cenho, me sentindo péssima com esse pensamento, isso me tornava pior do que ela; me sentia horrivel por ter, na impulsividade, ido até ela em busca de respostas e acabado por criar uma situação embaraçosa, no fundo, eu me sentia mal.

Eu não sabia o que me deixava mais furiosa:
Ela ter saido invicta da situação com aquele sorriso malicioso nos lábios;

ela ter dito que eu estava mal vestida para os garotos que mal me conheciam e eu saber que isso não era verdade já que eu estava um arraso e/ou
o sentimento que me tomava, que ela tinha razão, que eu era egoísta e por isso não havia contado a Joana a verdade, porque queria que meus amigos me procurassem para contar suas lamúrias, queria me sentir necessária a eles, porque isso, de fato, me envaidecia. Eu acreditei por segundos, que de fato, a última opção era uma verdade; que eu estava agindo daquele modo por puro prazer de me envaidecer:
Que Kate cruel seria essa? Um monstro com os próprios amigos; um mini projeto de Britanny Smith, pensei com frieza.
Não, eu não era assim; eu sabia muito bem os meus motivos e sentimentos em relação a isso tudo e eu não estava agindo por vaidade, mas por amor, preocupação e proteção, mas Britanny era cruel, ela sabia como mexer com as pessoas com poucas palavras, ela conhecia os pontos fracos de todos e ver as pessoas sofrendo era o que ela mais gostava, já que fazia as próprias dores parecerem pequenas, pelo menos, era o que eu achava dela, fiquei a observá-la se afastar do ambiente em passos dignos de modelo e podia ouvir sua risada alta e falsa até sumir no meio de um grupo de pessoas.
Eu não gostava desse sentimento, mas tinha pena dela.

Enfurecida, fechei meus olhos, tentando encontrar alguma solução.
Já que nem Lucas e Joana atendiam, talvez eu devesse ligar para Steve e Rachel, mas eles deveriam estar juntos, e agir com eles separados era uma coisa, juntos eu iria sentir repulsa, não pelo casal em si, mas por Joana ainda não saber de toda a verdade, que tem que ser ditas por eles e não pela *Britadia*, que mesmo sem minha confirmação, ela já sabia de toda a verdade, era apenas uma questão de tempo, contudo se eles tivessem visto a mensagem de Britanny, eles não iriam ficar juntos para não chamar atenção de ninguém, mas eram hipóteses, apenas suposições de minha mente, enquanto eu tentava conter uma guerra. Deixar uma mensagem talvez surtisse algum efeito em um deles e logo em seguida poderia procurá-los em lugares próximos ao salão principal, era a única solução no momento. Abri meus olhos, decidida com meu plano que não era o melhor, mas estava bom para o momento, me virei, prestes a seguir a direção para sair do salão, mas ao fazer essa ação me deparei com ele.

Peter estava parado a minha frente, mais belo do que nunca.
Os anjos poderiam invejar a sua beleza ou até mesmo se questionarem se ele fazia parte do grupo de anjos caídos sobre a terra.
Olhei para ele surpresa com sua presença, como de costume, sem ar fiquei o observando atônita, não sabendo ao certo o que dizer. Vestindo sapatos finos, calça preta de tecido fino e uma blusa branca, que estava propositalmente aberta em alguns botões na direção de seu peito, óbvio que isso era para me deixar sem fôlego. É, ele conseguiu; por estar perto podia ver o tom da sua pele sobressair algumas poucas pintas de tom marrom escuro, separadas e em lugares estratégicos, até elas sabiam onde deveriam ficar para dar mais charme a seu dono.
Seus cabelos jogados de forma despojada caiam levemente na lateral de sua testa, ele ainda continuava com pesadas olheiras e aparência pálida, mas seus olhos azuis se mantinham mais vivos do que nunca e me olhavam preocupados, como se ele soubesse que algo havia ocorrido comigo.

- Meu deus, você saiu da onde? Do tártaro? – Questionei em choque, surpresa com sua aparição ao meu lado, o mesmo continuou a me olhar preocupado e seu cenho se enrugou com as minhas palavras.

- Está tudo bem, Kate? – Ignorando por completo o meu sarcasmo. Mordi meus lábios . Pensei em duas hipóteses: a primeira hipótese seria dizer que estava tudo bem, sorrir e convidá-lo para dançar e tentar esquecer toda essa situação mesmo sabendo que estaria mentindo para Peter e para mim mesma; a segunda hipótese, a que de fato me venceu, dizia que eu tinha que dizer a verdade porque eu não conseguiria mentir para ele e muito menos para mim mesma.

- Não, não está nada bem no momento. – Falei arriando meus ombros em derrota. Passei uma das mãos em meu rosto, deixando que a mão caísse em meus lábios como se eu estivesse tentando esconder meu choque.

- O que aconteceu? - Ele voltou a questionar com um tom mais grave de preocupação repousando suas mãos em meus braços, esse seu ato causou em mim breves arrepios sem hesitar me aproximei mais de si, ficar perto dele me fazia sentir segura, por incrível que parecia, nunca precisei a segurança de ninguém antes, mas

Peter até nisso me surpreendia.

- Eu não quero te envolver nessa história. – Murmurei mais para mim do que para ele, voltei a olhá-lo percebendo que o mesmo não ficou feliz com a minha resposta. – Eu não quero estragar a sua noite com isso.

- Se a sua noite está ruim, não há razões no mundo que irão fazer com que a minha noite seja boa. – Peter disse com um tom de voz baixo, agora acariciando o meu rosto levemente, seus profundos olhos me observando com extremo carinho. – Agora me conte o que está acontecendo.

- Depois, eu prometo. – Respondi, enrugando o cenho surpresa com tanto carinho e extasiada com sua beleza; Ele era lindo, inteligente, charmoso, educado e me queria. Tentei manter meu foco, mas sentia grata por ter encontrado-o em meu caminho, não sabia o que seria de mim sem Peter naquele momento. Sorri de modo gentil para ele e o mesmo ainda me observava com preocupação - Primeiro preciso encontrar Joana, aquela garota loira que estava no quarto quando você foi lá, lembra?

- Lembro sim, mas antes, tenho algo a te propor. – Peter murmurou, sorrindo levemente. – Como vejo que a situação é complicada e talvez seja melhor nos concentrarmos apenas em seu problema, proponho que dancemos uma música, apenas uma. Para não perdemos o costume. – Ele completou, sorrindo com certo humor.– Por fim, vamos à procura de sua amiga e você me conta tudo. O que você acha?
- Proposta tentadora. – Murmurei, pensativa, sentindo suas mãos descerem por meus braços lentamente até chegarem às minhas mãos. Mesmo estando preocupada com Joana e companhia, me lembrei que precisava fazer a minha felicidade também; por mais que a proposta fosse fora de momento - ele não tinha culpa; ele não tinha ideia do que estava acontecendo -, mas vamos ser sinceros: negar uma dança com Peter seria uma heresia das grandes. – Tudo bem, uma dança, mas só para não perdemos o costume. – Conclui, fazendo uma careta com os lábios. Peter sorriu levemente, como se fosse engraçado o que eu disse, retribui o sorriso sentindo aquele famoso nervosismo me tomar.

Seus olhos penetravam os meus sem nenhum pudor, ele me guiou na direção da pista de dança assim que chegamos em determinado ponto ele me puxou para perto de si com certo charme e sensualidade inegável, nossos lábios separados em uma questão de milímetros, seus olhos pela primeira vez traçou um caminho em direção aos meus lábios, senti minhas bochechas queimarem com tal olhar, mas sorri me sentindo sexy aos seus olhos e era uma sensação muito boa, deixei que então essa sensação se aflorasse dentro de mim. Finquei meus dedos em suas costas, deixando uma de minhas mãos escorregar até a sua cintura, por sua vez, Peter segurava a minha cintura para perto de si, era um segurar forte com desejo como ele costumava fazer. Notei que a música mudou de ritmo no exato momento que Peter e eu voltamos a nos olhar, com desejos fumegando em nossas órbitas como fogo ferozmente queimando palha. A música que agora tocava era um ritmo mais sensual e dançante; o cantor de sotaque latino cantava com grande animação, notei que os casais continuavam a dançar ao nosso arredor tão animados e alegres como nunca imaginará, olhei para Peter que abriu um sorriso malicioso e logo me guiou a dançar de um modo que nunca pensei em fazer antes, em algum outro momento eu teria surtado por não saber a técnica de tal ritmo, mas eu não me importava com isso naquele momento; Peter dançava muito bem e eu sempre soube me entregar ao ritmo de qualquer música, para mim dançar era isso, se entregar ao momento e precisava confessar: o ritmo latino sabia como despertar em mim intensos desejos, então não era difícil de forma alguma me entregar.

Peter me girava e sempre me trazia de volta para perto de si, suas mãos desciam pelo meu corpo enquanto as minhas subiam pelo seu lentamente, era uma busca incessante de partes de nossas peles antes desconhecidas. Repousei minhas mãos em seus cabelos, afundando meus dedos, sentindo seus cabelos lisos e grossos passarem por entre eles, senti seus lábios tocarem a ponta de minha orelha dando uma mordida ali apenas para me excitar, ele voltou a me afastar, de súbito, em outro giro, sorriamos um para o outro, felizes em desfrutar aquele momento, ao voltar a me puxar para perto de si, ele me encaixou de costas ao seu corpo, descendo sua mão pela minha barriga indo em direção a minha coxa, minha mão ia segura na sua como se estivesse seguindo os rastros de seus toques em meu corpo, fechei meus olhos me entregando ao prazer do momento, senti seus lábios tocarem meu pescoço, criando um caminho de beijos arrepiantes e que eu profundamente desejava que

subissem e encontrassem os meus lábios o quanto antes.

Tenho certeza que Antonio Banderas nos aplaudiria de pé assistindo essa dança.

Abri meus olhos, sem me mover sentindo minhas mãos segurarem com firmeza os seus antebraços, me virei, o surpreendendo, suas mãos repousaram em minha cintura, me mantendo próxima de si, seus olhos me observavam com atenção, inebriados de desejo, mordia meus lábios, mas agora não era com dúvida, e sim com malícia, estávamos presos ao nervosismo e ao desejo, queríamos demais um ao outro, não havia mais nada nos impedindo, apenas nós mesmos. Não podia suportar mais, eu precisava realizar tal desejo, não conseguiria agüentar por mais um dia tal curiosidade de conhecer seus lábios tocando os meus. Minhas mãos voltaram a afundar em seus cabelos, descendo até o seu pescoço, sentindo sua pele suada e quente se arrepiar com o meu toque, gostei de saber que o deixava tão nervoso quanto eu ficava perto dele, sem hesitar, o trouxe para mais perto de mim e o mesmo se aproximou, repousando suas mãos em minha cintura e rosto com paixão.
Ele entendeu o que eu queria já que era o seu desejo também, contudo ...
Infelizmente, ainda não se realizaria.

Meus olhos mudaram de foco por breves segundos e eu não conseguia definir o misto de sentimentos que me envolviam naqueles poucos instantes.
Meus olhos petrificaram naquela imagem a poucos metros de mim, meus lábios secaram, um nó fechou a minha garganta e eu podia ter certeza que estava tomada por um frio irreal para o clima do ambiente; um frio apavorante que nunca senti antes.
Peter notou que havia acontecido algo, provavelmente tenha sido minha expressão que o alertara de algo diferente; ele seguiu meu olhar e se virou, contudo ele não entendia a cena que eu observava com tanto temor.

Joana estava parada há alguns metros de distância de nós, com um belo vestido bege rodado, seus cabelos soltos escondiam o seu rosto no direção a qual eu observava, mas podia ter certeza que seu olhar era de devastação como o meu, a sua frente estava Steve, vestindo uma roupa social adequada ao clima e Rachel, com um vestido curto de tom vinho com um generoso decote nas costas, confesso que era um belo

vestido, mas isso não era importante agora, na realidade, nada mais era importante. A bomba havia explodido e nada mais podia ser feito, nem por eles ou por Joana. Tudo estava perdido.
Steve e Rachel estavam se beijando de forma apaixonada bem ali, na frente de todos e de Joana que nada fazia, apenas observava a cena petrificada há alguns metros de distância deles.
Olhei para Peter, o mesmo observava, talvez com um milhão de questões passando por sua cabeça naquele momento, queria tirar todas as suas dúvidas, mas no momento, só conseguia pensar em uma coisa: tentar conter a destruição catastrófica dessa bomba.

Puxei Peter com uma das mãos na direção onde o trio se encontrava, logo vi Alex e Chris se aproximando dali de outro ponto afastado do salão, ambos com expressões atônitas, pareciam tão chocados quanto eu. Parei poucos passos atrás de Joana que já havia diminuído sua distância de Rachel e Steve que continuavam a se beijar, nem notavam o que havia ocorrido, reparei que Lucas estava afastado de Joana a alguns passos, como eu, olhando para a mesma com uma expressão pesarosa para ele doía ver Joana desse modo, a garota que ele amava devastada e traída pelo seu melhor amigo, mas iria doer mais quando ela descobrisse o que eu e ele sabíamos e escondíamos dela esse tempo todo.

Rachel e Steve se afastaram do beijo como todo casal faz, calmos e com olhares apaixonados, contudo eles logo perceberam nossas presenças, olharam para a nossa direção notando que o segredo deles havia sido descoberto, a expressão de choque deles mostrou que eles não fizeram por mal, pelo contrário, apenas se entregaram ao momento, no momento *errado*, no lugar *errado* e com as pessoas *erradas*.
Rachel abaixou os olhos, sem coragem de encarar nenhum de nós, mas no fundo eu sabia que ela não queria era me encarar; ela me conhecia bem demais e tinha certeza do tamanho da decepção que eu sentia nesse momento, diferente de Steve que olhou para Joana apenas uma vez e manteve seus olhos grudados na jovem, de imediato lágrimas começaram a surgir em seu olhar e pela primeira vez o rosto de Joana se revelou pela sombra de seus luminosos cabelos para mim.
Ela olhava para Rachel e Steve sem nenhum esboço de expressão.
Isso me assustava muito.

Não era típico de Joana ser inexpressiva, ela era uma jovem delicada, romântica e muito sensível sempre imaginei essa cena com Joana se debulhando em lágrimas e vê-la ali, parada, os observando friamente me fazia temer pelo que sairia de seus lábios. Eterno ódio ou total desprezo.
Se fosse a primeira opção, ainda haveria uma chance de perdão.
Mas se fosse a segunda ...

Mesmo com a música tocando alto e animada, o silêncio que caia entre nós era perturbador, temia o que me aguardava nos próximos minutos, fechei meus olhos enrugando meu cenho, tentando crer que aquilo era um dos meus temíveis pesadelos que estava tendo nos últimos dias, ao abrir os olhos, vi que tudo se mantinha da mesma forma, me encolhi, desapontada com o futuro que se aproximava.
Senti uma mão quente tomar contorno em minha mão gelada e suada, aqueles dedos traçaram um caminho confortável em volta da minha mão a segurando e confortando, olhei para o lado, vendo Peter me observando com preocupação, ele sorriu levemente como se quisesse me passar segurança, em seus olhos a falta de entendimento com a situação, mas a sua preocupação era o principal sentimento em sua feição, mas mesmo assim ele me via com uma confiança que transbordava naquele olhar.

- É ela ? – Joana questionou em um tom de voz firme, eu podia notar toda a tristeza escondida por trás daquela frieza, era devastadora a sua força, mas a sua dor era maior. Podia senti-la. Steve nada fez ou falou, enquanto Rachel o olhou, curiosa com a sua reação.
– É ela, Steve? – Joana questionou em um tom mais alto de voz, que o assustou, ele encolheu os ombros, temeroso com aquela Joana desconhecida . – Seja homem e confesse que ela é a garota com quem você está me traindo. Fale, seu covarde!

- Jo, eu acho melhor a gente ir para a varanda, conversar em um luga ... – Rachel começou a falar, tentando passar confiança com suas palavras a Joana, ela repousou singelamente sua mão no peito de Steve e pude ver o olhar de Joana se estreitar em sua direção e o tom de sua voz em seguida foi bem mais alto e hóstil.

- Você não diz nada aqui, sua vadia. – Joana falou. Rachel nada disse, apenas ergueu

ambas as sobrancelhas e eu sabia que ela não se incomodava com o xingamento já havia sido chamada assim por pessoas que amava e odiava, para ela, isso era apelido. Não via Rachel com maus olhos nunca, ela não se ofendia e nem se magoava com grande facilidade e às vezes eu queria saber como ela conseguia ser assim tão forte e fria com a opinião dos outros, era uma confiança inigualável, pelo menos, no setor emocional. Joana voltou a olhar friamente para Steve, erguendo uma sobrancelha. – Era *ela* o tempo inteiro. Minha melhor amiga, Steve. Vocês ... ficavam juntos debaixo do meu nariz esse tempo todo! – Joana os olhava com total desprezo enquanto Rachel se mantinha próxima a Steve que olhava para Joana sem palavras. – Achando o que? Que eu nunca iria descobrir sobre vocês dois?

- Não é exatamente da forma que você está pensando. – Steve falou pela primeira vez, com as palavras saindo de maneira fraca, sua postura lhe dava um ar de criança ferida e que precisava de proteção. – A gente precisa conversar.

- Agora? Você quer conversar sobre isso agora? Já é tarde, Steve, eu já sei de tudo. – Joana disse, erguendo uma sobrancelha satisfeita, senti um arrepio descer por minhas costas e me aproximei de Peter, sentindo seu braço tomar minha cintura em proteção. Ela já sabia de tudo, agora queria saber em que *tudo* ela se referia. – Lucas me contou assim que Britanny enviou aquela mensagem com a foto para todos. Eu sei quando, como e porque vocês estão juntos, não adianta mentir ou tentar se valer em desculpas, eu sei de tudo. – Ela disse essa última frase com raiva, fechei meus olhos tensa com a situação. Ela sabia de *tudo*.

Todos nós olhamos para Lucas, cada um esboçando uma expressão diferente entre a surpresa e o desapontamento, esse último sendo dado por Steve que mantinha essa expressão na direção do amigo que observava sem nenhum arrependimento Steve e Rachel juntos pela sua expressão, Lucas tinha certeza que havia feito o certo, não tirava sua razão. Lucas gostava de Joana, eu não sabia até que ponto ele iria por ela, mas já podia ver que ele não se incomodava em perder um amigo pelo bem da jovem a qual estava apaixonado. Eu o invejava.
Lucas fora muito mais corajoso do que eu, se eu tivesse tido metade de sua coragem para fazer o certo, talvez agora estivéssemos vivendo uma realidade diferente.

- Foto? Que foto? – A voz de Rachel sobressaiu no ambiente, ela se afastou de Steve, pegando em um bolso o seu aparelho de celular enquanto Steve estava atônito e confuso. Rachel mesclava entre expressões de raiva e surpresa observando a mensagem em seu celular – Mas que ...! Como ela ...? Eu vou acabar com a raça dessa garota!

- Não antes que eu acabe com a sua. – Joana murmurou trincando os dentes, em questão de segundos ela que estava inexpressiva se tornou uma leoa em busca de sua presa, se aproximando com violência de Rachel, antes que Joana conseguisse encostar um dedo nela, Lucas conseguiu a segurar pela cintura a mantendo afastada de Rachel que se escondeu atrás de Steve temerosa; Peter por sua vez me puxou dois passos para atrás como se estivesse a me proteger. – Me solta, Lucas. Me solta! Eu preciso extravasar isso.

- Eu acho que já é o bastante por uma noite. – Lucas murmurou olhando para todos nós seriamente, mais calma, ele a soltou que se recompunha mexendo nos cabelos, olhando ao arredor mostrando sua primeira emoção de arrependimento podia ver seus olhos lacrimejaram em questão de segundos, Rachel se mantinha escondida atrás de Steve que a protegia de qualquer outro ataque, a primeira sem esboçar nenhum tipo de arrependimento enquanto Steve estava a ponto de chorar a qualquer momento. – Eu creio que seja melhor cada um seguir com a sua noite e amanhã vocês conversam, a sós, sobre isso. Esse assunto já se tornou público demais. Jo, você precisa se acalmar e pensar antes que faça uma besteira.

- Nunca vai ser o bastante. – Joana murmurou, abafando uma risada debochada, ignorando tudo que Lucas disse, o mesmo balançou a cabeça negativamente, em seguida ela se aproximou alguns passos de Rachel e Steve os olhando de perto, enquanto Lucas se mantinha próximo. - E agora não importa mais ... Porque não a nada mais a ser falado. Você quer ficar com ela, então fique, a escolha e decisão é sua, mas vai ficar na sua consciência que você não foi sincero comigo e que eu nunca vou te perdoar por isso. Entendeu, Steve? Eu posso te amar e confirmar que amor não acaba de uma hora para outra, mas isso que você fez, essa traição ... é inesquecível.

Steve se manteve calado apenas observando Joana que o olhava com fúria, em seguida seu olhar caiu na direção de Rachel que a observou com a cabeça levemente erguida. Se eu conhecia bem Rachel, ela estava achando tudo aquilo muito familiar, não era a primeira vez que ela era amante de alguém, sendo que dessa vez era diferente, ela era amante do namorado da amiga. Muitos sentimentos estavam envolvidos, não só os dela. Podia jurar que ela estava tão temerosa quanto eu, apenas só sabia atuar melhor que estava calma e tranqüila.

- Enquanto a você, pedaço de nada, se eu fosse você, algo que tenho orgulho de não ser, eu não pensaria nem em pedir perdão, porque eu juro por tudo que é mais sagrado que eu não vou responder com a minha total sanidade. Sua fura olho hipócrita. Eu podia bater em você até eu sentir toda essa dor e raiva se dissiparem e te dizer muitas coisas que fariam qualquer um se envergonhar só por ouvir, mas não ... É demais para você. Você não merece nem o meu desprezo. Você merece *nada*.

- Joana ... – Rachel murmurou, olhando Joana com um olhar descrente, mas eu podia ver suas mãos inquietas na lateral de seu corpo. – Eu acho que temos que conversar, como Lucas disse e aqui não é lugar.

- Eu não converso com vadias falsas. Prefiro morrer sozinha a ter uma pessoa como você ao meu lado, sendo minha amiga. Sabe, eu nem te odeio, seria demais para o tipinho de pessoa que você é, Rachel. – As palavras de Joana me cortavam como navalhas, eu sabia que ela falava com Rachel, mas aquelas palavras estavam me machucando muito mais que nela, eu tinha certeza disso. Se Joana dizia aquelas coisas a Rachel, eu imaginava o que ela diria a mim. Um nó preencheu a minha garganta, queimando e retalhando a minha respiração, senti meus dedos segurarem a mão de Peter com mais força, tinha certeza que deixaria marcas de unhas ali. Precisava me manter firme, mas não sabia o que estava guardado para mim. – Você não é minha amiga, você é uma cobra. Amigas não fazem o que você fez, Rachel. Nenhuma amiga trairia a outra por um garoto, não importando o que sentisse por ele, a amizade sempre vem em primeiro lugar. Você me conhece há anos, você viu e assistiu todo o meu relacionamento com o Steve. Você nos uniu sua vaca! Como ... como você faz isso comigo? – Joana tentou se recompor, agora demonstrando um pouco de sensibilidade através de sua raiva. Ela respirou profundamente, olhando ao

seu arredor, por fim para Rachel que a observava de cenho enrugado. - Amigas antes de garotos, huh? Para onde foi esse seu lema agora?

- Joana, é diferente. Eu jamais trairia a sua confiança se não fosse por algo realmente verdadeiro. Por isso precisamos conversar. Eu quero ... quero contar tudo a você. – Rachel disse, se aproximando alguns passos de Joana, eu sentia as minhas lágrimas descendo pelo rosto de forma inesperada, ver aquela situação era algo que eu não queria, mas estava vivenciando. E agora, só me restava pensar no que fazer em relação a minha traição.

- Verdadeiro? Há quem estamos enganando, Rachel? Seu maior namoro durou duas semanas e você terminou com o cara porque tinha nojo de uma verruga que ele tinha na barriga. Você não sabe o que é se apaixonar de verdade por alguém porque você nunca sentiu isso. Você não sabe o que é amor. Você é vazia e fútil, de alguma maneira, enfeitiçou Steve com o seu corpo e sensualidade, a única coisa que você tem e presta, já que personalidade e cérebro não é o seu forte. – Joana falou com um tom de voz venenoso.

- Joana, por favor, vamos parar com isso. – Lucas sussurrou, repousando uma das mãos na cintura da jovem que balançou a cabeça negativamente ainda demonstrando revolta enquanto Lucas tentava interceder por ela como um anjo da guarda protetor.

- Não se preocupa, Lucas. Esse assunto não vai ser discutido novamente, eu não quero falar com nenhum de vocês dois dentro desse navio, estou sendo bem clara? Vocês arruinaram duas noites da minha viagem que devia ser um dos melhores acontecimentos de minha vida e eu exijo que vocês não interfiram em minha vida mais dessa forma. Vocês não valém a minha infelicidade. – Joana voltou a se recompor e sorriu levemente com um tom de voz firme. - Vivam o que vocês querem tanto viver. Fiquem juntos, desfrutem desse sentimento com total liberdade, mas quando essa aventura acabar Rachel, eu não vou ser sua amiga novamente e você, Steve, quando perder o interesse por ela, o que vai acontecer logo e voltar correndo para mim, eu não vou estar lá. – Joana se silênciou enquanto Steve e Rachel a olhavam com expressões pensativas, em seguida, Joana se virou de supetão, me olhando. Meu coração parou de súbito. – Kate, vamos, eu acho que ficou bem claro

que você não deve confiar em certas pessoas. Precisamos ... – Joana parou de falar bruscamente. Eu não sabia o que havia feito ela pausar, se fora a minha expressão chorosa de decepção ou se fora os óbvios olhares em minha direção, acusadores. Joana ergueu uma sobrancelha me observando em choque, seus olhos de súbito se enchendo de lágrimas. – Não temos o que conversar, não é?

Eu balancei a cabeça negativamente, não tendo coragem de dizer aquelas temidas palavras. Pela primeira vez naquele momento vi Joana derramar algumas lágrimas que desceram apressadamente pelo seu rosto, agora o silêncio da verdade era muito mais tortuoso. Ela entenderá a minha reação, entendera o ocorrido.
Eu sabia de *tudo* o tempo todo.
Pelas costas dela, guardei o segredo dos dois, como Lucas, mas diferente dele, eu não consegui contar a verdade. Fui falsa e traira, como um Judas, que agora esperava sua sentença.

Sem pestanejar, Joana acertou um tapa duro e cruel em minha face, o que sobressaltou várias pessoas, além do nosso grupo. Abafei um grito, me afastando de Peter de imediato e sentindo uma mão violenta segurar o meu braço, me puxando para o centro daquele pequeno circulo e em seguida o meu queixo foi segurado, encarei os olhos chocolate escuros de Joana, aquelas mãos eram dela, um gesto cruel que nunca imaginei que ela fosse capaz de fazer; ela me encarava enfurecida enquanto mais lágrimas desciam pelo meu rosto, agora que ardia pelo tapa dado por Joana.

- E agora, Kate? Vai tudo ficar bem, huh? – Ela esbravejou e em seguida me empurrou alguns passos para trás, consegui não tropeçar, mas estava sem reação, a olhava sem conseguir dizer absolutamente nada. – Espero que você apodreça em arrependimento junto com eles. – Ela apontou na direção de Steve e Rachel, com um olhar de decepção e rancor de partir o coração de qualquer um.

A olhei esperando que ela fosse dizer algo mais ou até mesmo voltar a me bater.
Mas nada.
Ela apenas me olhou com desprezo e se afastou do ambiente, Lucas olhou para ela e em seguida me observou pesaroso, apenas mexeu com seus lábios um inaudível

desculpa, ele ficou a esperar a minha reação, mas nada fiz, apenas o olhei atônita com o ocorrido, sem mais nada a dizer, Lucas, entristecido, seguiu o mesmo caminho que Joana. Meus olhos percorreram envergonhados pelo ambiente, podia ver vários estranhos a me observar com seus olhares acusadores, meus olhos caíram por sobre Alex e Chris, ambos abraçados enquanto o último dizia palavras de conforto para a namorada que chorava baixo, ela estava inconsolável com o ocorrido, ela não tinha ideia do que estava a acontecer, o que pesou mais na minha consciência; seu sofrimento era sincero, o meu era de culpa e arrependimento. Meu olhar seguiu, parando em Steve e Rachel, ela o olhando com uma expressão de pesar e ao mesmo tempo incredulidade, ele por sua vez, observava o caminho seguido por Joana, o clima entre eles era pesado, mesmo não tendo prestado atenção, era óbvio que os dois estavam a discutir.

- Era isso que queríamos! Que ela soubesse. – Rachel murmurou, o que deveria ser parte da discussão deles. Rachel falava de maneira nervosa, observando Steve que mal a olhava. – Então, agora ela sabe. Não da maneira que queríamos, mas ela sabe e é isso que importa. Podemos ficar juntos sem culpa, meu amor. – Ela completou por fim, acariciando o rosto de Steve que por fim a olhou, incrédulo.

- Eu não queria que fosse dessa forma. Você sabe muito bem disso, Rachel. – Steve murmurou de maneira firme. – Eu ... não posso pensar em *nós* dois, sabendo que Joana está daquela forma, arrasada por causa de *nós* dois, juntos. – Steve deu um passo para se afastar, mas Rachel o impediu segurando o seu braço, o mesmo afastou o braço com violência das mãos dela e ela o olhou em choque. – Com licença.

Steve se afastou do ambiente, seguindo o mesmo caminho que Lucas e Joana. Rachel deu alguns passos para trás, o olhando ainda em choque, seus olhos perdidos, seguindo o caminho de Steve. Pelo meu conhecimento, um garoto nunca havia negado nada a ela, não era a toa que ela estava incrédula e sem palavras com aquela situação.

- Vá! E não volte mais, seu imprestável. Quando você me quiser, sou eu que não estarei aqui. – Rachel gritou chamando atenção em sua direção, em seguida sua voz tomou um tom mais baixo com a cabeça ainda erguida, soberana. – É, eu que não

estarei mais aqui.

Rachel olhou para mim, mantendo a cabeça erguida, olhou ao nosso arredor e sem nada mais a dizer, se retirou do local, seguindo um caminho oposto ao do trio.

Enruguei meu cenho, sentindo meu coração afundar em meu peito.
Uma repentina falta de ar me ocorreu e dei um passo em falso para trás acabando por ficar encostada em um pilar que nem sabia que estava próximo a mim, repousei minhas mãos em sua superfície, respirando profundamente enquanto as lágrimas continuavam a cair. Eu estava sozinha.
Sem minhas melhores amigas.
Uma traira.
Era isso que eu *era*.
Cobra dissimulada e falsa.
Uma Judas.
Sozinha.

Eu sabia que merecia isso, mas ao mesmo tempo, eu sabia que tinha o direito a explicar como acabei nessa história e porque não fui sincera com Joana.
Eu era tão vitima quanto ela.
Ela tinha que me ouvir.
Pela nossa amizade.
Se é que ela valia de alguma coisa nesse momento.
Ela me odiava, mas podia sentir que no fundo, era desprezo que ela sentia. Eu não a culpava.
Eu me desprezava também.

De repente, me lembrei que Peter estava junto a mim, mas depois do tapa que levei, eu acabei por afastá-lo, não queria que ele assistisse aquilo, mas já era tarde demais, ele havia visto tudo e provavelmente não compreendia o que havia ocorrido.
Olhei ao arredor e o vi alguns passos afastado de mim, acompanhado de Amelia e Dorian, a primeira que conversava seriamente com o irmão e o segundo afastava a atenção dos curiosos do ambiente dizendo que não havia nada a ser visto ali e que era hora de todos voltarem as suas atividades, bem longe dali; eles não tinham ideia

do que estava acontecendo, mas mesmo assim tentava controlar a situação, por *mim*.
Eu não merecia isso, não agora.
Meus olhos foram à procura dos olhos de Peter que me observavam, mesmo falando com sua irmã, seus olhos não tinham o mínimo interesse de se afastarem de seu foco.
Eu.
Eu não podia suportar aquilo.
Busquei pelo ar em um breve suspiro, meus olhos se preencheram de novas lágrimas, como flashes aqueles últimos acontecimentos passaram em minha mente; notei naquele momento que não queria viver e muito menos presenciar aquela situação, mas ver que Peter havia vivido aqueles minutos ao meu lado, sem ter ideia do que acontecia, me protegendo, confiando e me dando segurança com tanto carinho, fez tudo ficar pior.

- Kate! – Dorian murmurou, me olhando com uma expressão pesarosa como se tivesse entendido o meu pensamento. O seu chamado foi um despertar para mim, como se eu tivesse notado que de fato eu era foco de todos que estavam ali, já que na minha consciência os minutos pareciam horas, mas de volta a realidade, sem hesitar, sai rapidamente do local, passando por entre as pessoas em passos rápidos, tentando não esbarrar nelas, em uma busca desesperada pela saída, enquanto podia ouvir a voz de Dorian e Peter, longe, me chamar.

Assim que sai pela porta do salão principal parei de supetão alguns passos depois, pensando o que deveria fazer, o que de fato era o meu desejo naquele momento.
Ir para o quarto era a última coisa que eu queria.
Se tivesse que dormir em algum banco de madeira do convés, dormiria.
Não me faria bem, não me traria segurança estar lá naquela noite.
Era disso que eu precisava.
Segurança.
Equilíbrio.
Esperança.
Olhei para o lado que levava em direção da piscina principal e como um estalo me lembrei da segurança que sempre senti ao estar na água, de sua força e equilíbrio que de alguma forma mística, a água conseguia me dar.
Sem mais nada a pensar me detive apenas a correr, o mais rápido que conseguisse,

sem me preocupar com as lágrimas que caiam pelo meu rosto, pela vergonha e pelo o orgulho despedaçado.
Eu só precisava me reencontrar.

Quando menos esperamos tudo muda.
O mundo vira de cabeça para baixo numa espiral irracional, derrubando e destruindo tudo que foi moldado em mim com tanto cuidado.
O que eu mais temia ocorreu.
Eu deveria estar me sentindo mais leve, mas só me sentia pior, pesada, como se algo estivesse em minhas costas, e eu só deveria carregar o peso de meus ossos, mas sentia uma mochila de ferro contendo todos os sentimentos de traição, mentiras e falsidades dos últimos dias. Eu corria pelo convés de maneira pesada, segurando o máximo que eu conseguisse as lágrimas que queriam cair de qualquer forma, mesmo que elas continuassem a cair sem a minha permissão.
O nó em minha garganta ardia e aquela sensação precisava ser libertada ou iria me consumir. Parei de supetão bem na ponta da borda da piscina.
Prendi a minha respiração assustada, por pouco cairia com tudo na água.
A brisa fria cobria aquela noite junto à grande lua no céu que iluminava toda a região da piscina principal, sua luz dourada e intensa era deslumbrante, mas não conseguia me sentir encantada com seu brilho como sentiria em qualquer outra noite por mais que quisesse, a tristeza ainda me consumia.
A dor em meu peito parecia me engolir, o nó em minha garganta queimava, como se fosse sede, parecia que eu necessitava beber água para matar aquela sensação e a minha mente estava transbordada de pensamentos em relação aos últimos acontecimentos. Eu ia enlouquecer assim.
O lugar onde a mão de Joana atingirá meu rosto ainda ardia, mas essa era a menor de minhas dores.
A dor em meu coração era excruciante.
Eu fui tudo aquilo que abominava.
Uma mentirosa hipócrita traira.
Como poderia suportar ser eu mesma com tais acusações?
Fiquei a observar a piscina a minha frente, sua água azul clara iluminada pela lua e pelas luzes incandescente que existiam dentro da piscina e com os postes em volta

do ambiente também ajudando com a minha visão. A água se mexia calmamente, em pequenas ondas que eram produzidas pelo balançar natural do navio.

Fechei meus olhos tentando concentrar meus pensamentos.
Uma ideia me veio.
Tirei os meus sapatos e logo em seguida com um movimento rápido tirei o meu vestido, ficando apenas vestida com as minhas roupas íntimas de renda, na cor preta, sem hesitar, mergulhei para dentro da piscina, afundando com precisão e começando a nadar tranquilamente, sentindo as lágrimas se libertarem e se misturarem com a água da piscina como se fossem uma só.

A água.
A água da paciência.
Ela tinha um tipo de magia em mim, ela sempre era a minha solução nas minhas piores situações. Um bom banho ou um bom mergulho sempre abria a minha mente para tomar difíceis decisões ou até mesmo para me equilibrar emocionalmente.
Eu não sabia quantas voltas já havia dado, mas eu não pretendia parar, mesmo já sentindo as minhas coxas latejarem de cansaço, eu estava fora de forma, mas isso não significava que eu iria desistir.

Aos poucos pude ver em minha mente aquelas imagens se dissiparem;
Rachel e Steve se beijando de forma apaixonada no meio da pista de dança; Joana assistindo a tudo inexpressiva;
o seu choro, raiva e desapontamento ao descobrir que eu sabia de tudo;
eu sem palavras a sua atitude;
o tapa que Joana deu em meu rosto;
ela indo embora;
Steve indo atrás dela e Rachel ficando só.
Tudo estava indo embora de minha mente como se um feitiço tivesse sido jogado em mim para tais lembranças se esvaírem, mas eu ainda não me sentia bem.
Isso me frustrava.
Um vazio tomava conta de mim junto a um devastador frio.
Será que eu conseguiria me sentir bem denovo? Será que conseguiria sobreviver comigo mesma sabendo que eu poderia ter resolvido isso tudo de uma maneira

menos dolorosa e honesta? Será? Será? Eu não sou garota de *serás* ... Nunca fui e não seria agora. Eu queria gritar, mas o nó na minha garganta me sufocava.
Eu queria ir atrás de Joana e tentar me explicar, mesmo que ela me batesse milhares de vezes, eu precisava fazer algo em minha defesa e para a sobrevivência de nossa amizade; ela não podia terminar assim.
Fugir nunca fora uma opção para mim, eu sempre encarava tudo de frente. Mas como eu encararia isso?
Essa situação que nunca teve a ver comigo e no fundo, eu estava tão metida no meio disso tudo que parecia que eu tinha tudo aquilo toda aquela situação, sendo um grande alicerce para a construção do inicio, meio e fim dessa dramática história.
É, eu sentia isso agora.
Culpa.

De repente, senti que a água se movimentou de uma maneira irregular, como se alguém tivesse entrado na piscina. Parei de imediato de nadar, tirando a água de meus olhos e jogando meus cabelos para trás, me virei para descobrir quem havia adentrado e fiquei completamente sem palavras ao ver quem era o intruso, nesse mergulho proibido. Eu ainda não estava acostumada com isso, contudo tinha a nítida certeza que ele sempre teria esse poder sobre mim, causando esse nervosismo agitado em meu estômago, esse frio que crescia em minha espinha como se eu fosse fazer algo proibido e principalmente, o modo que meus lábios sorriam ao vê-lo; um sorriso único apenas dele.
Eu gostava disso.
Era uma das poucas coisas que eu gostava atualmente.
Mesmo tudo estando péssimo, meu mundo completamente destruído e em uma penumbra plena, ele fazia tudo se iluminar com apenas sua presença, era como se me fizesse crer que tudo ficaria bem já que ele estava ali, por mim.
Ele junto a mim, parecia tão certo e destinado a ser assim, e parte do meu ser, naquele momento, desejava que ele conseguisse me fazer sentir bem novamente, segura e confortável em seus braços, como eu já havia me sentido antes; mas era algo que eu dúvidava muito.

Ele cessou de nadar, parando a certa distância de mim, me olhando atentamente enquanto passava uma das mãos nos cabelos afastando a água que cairia em breve

em seu rosto, seu olhar oceânico me perfurou com surpresa e desejo, seus lábios se entreabriram como se fosse dizer algo, mas ele nada disse, apenas continuou a me observar. Surpreso, admirado, curioso, com fogo em seus olhos que queimavam me observando, eram todas as emoções que Peter transmitia para mim naquele pequeno instante.

E eu ...
Eu me sentia bem.
Eu o observava completamente sem palavras.
Pega no flagra em um impulso insano de libertação emocional.
E eu estava ali, muda, sem ação, sem palavras ... Essa não era eu.
Todos os meus pensamentos se esvaíram e eu só conseguia ver *ele*.
Era como se tudo fizesse sentido novamente.
Ele conseguia me fazer sentir correta, de volta aos trilhos como eu deveria estar desde que sai do salão principal e não perdida em meus pensamentos de culpa e temor. A verdade era clara e ele me fez ver isso, a minha única culpa era querer ver os meus amigos felizes; minha culpa no cartório era amá-los demais, demorou muito para meu orgulho permitir que eu visse isso, mas agora que via, tudo fazia sentido.

- Caiu do céu? – Questionei, erguendo uma sobrancelha com um tom de voz firme.

- Pode se dizer que sim. Não teria a mínima graça ser imortal sabendo que você vive aqui. – Ele respondeu me olhando com um ar enigmático em seus olhos. – E é como dizem, não se pode ter tudo que se quer, mas eu sempre tento ir contra a correnteza.

- Então vá contra a correnteza desde que ela te leve até mim. – Respondi, sentindo o tom da minha voz sair rouco, quase em um sussurro. Peter continuou a me observar e sem hesitar mergulhou na piscina, seguindo seus movimentos fiz o mesmo.

Estava próxima ao raso da piscina, as minhas pernas imitavam as minhas braçadas, que eram calmas e sem pressa, enxergava com dificuldade, nunca foi meu forte ver embaixo d'água, mas era impossível não identificar ele vindo em minha direção, notei que Peter estava a poucos metros de mim, nadando em braçadas lentas, mas firmes e precisas, tanto que em questão de segundos estávamos frente a frente, sem temer o

que fosse acontecer, fui em direção a superfície no mesmo momento que Peter.
Ao chegarmos ao topo, busquei pelo ar no mesmo instante que notei Peter a minha frente, seus olhos se conectaram aos meus e nada ...
Pela primeira vez nessas últimas horas percebi com precisão que não havia mais nada a ser dito.

Chegamos naquele momento no qual tudo tem conexão; a pessoa que você quer está a sua frente, a centímetros de distância, você sente o hálito quente dela tocar os seus lábios e os olhos dela te observam com tanta compreensão e paixão que você sente que nada fez sentido antes daquele momento.
O ar, como de costume, não iria fazer presença, o máximo a ser ouvido seria o seu coração martelando com precisão em seu peito como uma bateria em um show de *heavy metal* ou uma bomba prestes a explodir, apenas com a ideia do que iria acontecer a seguir. Aquele familiar frio desceria por sua espinha causando um arrepio nunca conhecido antes e seu cérebro só lhe mandaria uma mensagem: Se entrega!
Eu sentia tudo isso e mais um pouco que não conseguia descrever.

Peter se aproximou de mim no mesmo instante que me aproximei dele.
Seus lábios tomaram os meus com uma urgência e paixão nunca provada por mim antes. Desejo era transferido de um lábio ao outro em uma coreografia nunca ensaiada por nós, mas que era tão precisa e perfeita que poderia ser considerada a mais bela obra de arte. Nossos lábios se tocavam com uma necessidade inebriante, suas mãos afundaram a base de minhas costas e o meu rosto, como se temesse que eu não fosse real ou que eu fosse escapar dali como fumaça escapa dos dedos.
Eu não conseguia tirar minhas mãos de sua nuca e por impulso da própria água e de meu desejo, prendi as minhas pernas nas suas, ficando entrelaçada a si, suas mãos segurando a base de minhas costas com força para que eu não caísse.
Nosso beijo sendo eternizado naquele momento.
Um perfeito encaixe, digno de um quebra cabeça ou de uma nota faltante em uma bela letra de música.
Peter era o *meu* encaixe perfeito.
Nossos lábios temiam se separar, mas nesse instante lembrei da necessidade do ar.
Quando ele deveria se manter inexistente, o mesmo dá o ar da graça.

Nossos lábios se afastaram no mesmo instante, mas nos mantivemos da mesma forma; imóveis, observando um ao outro com uma curiosidade animal.
O desejo continuava ali, a paixão só crescia e a curiosidade de desfrutar mais me corroia agora.
Notei que Peter buscava o ar como eu, mas ele parecia ser mais resistente a falta do mesmo, já que ele estava pronto para mais uma incessante jornada de beijos .
E se ele estava pronto, eu estava pronta.
Para qualquer coisa que ele me levasse por essa desconhecida e desafiante correnteza. Ambos contra a correnteza.
Juntos.
Essa foi outra certeza que tive como descoberta nessa noite.

Parte II

Existem dois tipos básicos de forças motivadoras: o medo e o amor. Quando estamos com medo, nós puxamos a vida pra trás. Quando estamos apaixonados, nos abrimos para tudo o que a vida tem pra oferecer, com emoção, paixão, e aceitação. Precisamos aprender a nos amar primeiro, em toda nossa glória e nossas imperfeições. Se não podemos amar a nós mesmos, não podemos abrir completamente a nossa capacidade de amar os outros ou o nosso potencial para criar. A evolução e todas as esperanças para um mundo melhor

descansam no destemor e na visão sincera de pessoas que abraçam a vida.
John Lennon
Capítulo 12
Buracos Negros e Revelações

Não se preocupe comnada, Porque cada pequena coisa Vai ficar bem.

Three Little Birds – Bob Marley
- O que você pretende fazer? – Peter questionou, sentado ao meu lado na borda da piscina.

Eu balançava meus pés dentro da piscina, imersa em meus pensamentos ficando calada por longos segundos pensando em como responder aquela pergunta.
Já estávamos vestidos com nossas roupas sociais, agora encharcadas e grudadas em nossos corpos graças ao banho de piscina que tomamos. A brisa cortava nossas peles gelidamente, eu que adorava a sensação do vento em meu rosto, naquele momento não me sentia tão à vontade, aquele frio era desnecessário, mas mesmo assim, eu não tinha a mínima pretensão de voltar ao quarto e Peter não forçava a barra em relação a isso.

Após o nosso primeiro beijo na piscina, perdi a conta de quantos mais demos, mas voltei a realidade assim que voltei a colocar meus pés na borda da piscina. Peter insistiu em saber o que estava a acontecer comigo e meus amigos, ele revelou que Amelia havia lhe contado em parte o motivo da briga, mas que ela não pôde

completar o raciocínio já que ela contava tudo no exato momento que a briga estava a acontecer e eu saí correndo de repente, assim ele largou a irmã falando sozinha na festa para vir atrás de mim.

- Eu fiquei preocupado. – Ele revelou, observando a água com atenção; seus olhos azuis petróleo em contraste com o azul límpido da piscina brilhavam em contato com a iluminação nos dada pela Lua, era uma bela imagem a se observar. – Eu não sabia o que estava acontecendo, mas eu sentia que precisava te proteger de alguma forma ... mas nada fiz. – Ele completou com um tom desapontado. – Apenas fiquei observando e ouvindo a tudo ... Sinto muito por não ter a ajudado.

O que poderia dizer a ele?
Que eu queria protegê-lo disso tudo também?
Era mentira.
Depois de tudo acontecer daquela forma inesperada e trágica, notei a verdade a minha frente. Antes eu não queria contar a Peter antes o que estava a acontecer em relação aos meus amigos porque eu não queria que ele conhecesse a confusa e complexa Kate, eu queria que ele tivesse em sua mente apenas a despojada, sexy e misteriosa jovem americana em busca de seus sonhos, mas algo havia mudado todo esse meu pensamento.

Foi a nossa discussão naquela tarde que havia me mostrando quem Peter realmente era. Ele era alguém em quem eu podia confiar, ele gostava de mim pelo que eu era e não pelo meu corpo vulgo beleza, não vou negar que boa parte de si pode estar atraído a esses elementos, mas a sua sinceridade transbordaram em suas palavras em nossa conversa há algumas horas atrás.
Ele queria *me* conhecer.
Não era apenas sedução e sexo, havia algo a mais entre nós, algo que queríamos desfrutar juntos. Ele me via por quem realmente era e não apenas um pedaço de carne ambulante que é bonita e sexy.
Ele me queria sendo a Katerina Farrell: confusa, complicada, despojada, sexy e extremamente complexa.

Depois de anos de amizade, até o momento atual, Rachel comenta comigo como sou

desconfiada e discreta com as minhas emoções, segundo ela tudo que eu sinto fica óbvio em minhas expressões e olhares, mas se as pessoas tiverem que esperar que eu revele o que sinto através de minhas palavras, irão esperar por muito, muito tempo.
Eu não discordava dessa sua descrição.
Eu era assim mesmo.
Romântica, mas sem traços de ser carinhosa.
Justa, mas desconfiada.
Viva, contudo fria em relação a amar e abrir as camadas em volta de mim e de meu coração.
Eu era como uma grande cebola ambulante, cheia de camadas, iria demorar muito para que um dia alguém conseguisse chegar ao núcleo de mim mesma, e eu sempre temia essa hipótese, mas observando Peter ao meu lado, um estranho britânico que entrou em minha vida de um dia para o outro, tão carinhoso, encantador e apaixonado, senti uma enorme coragem de me aventurar naquilo que desconhecia, naquilo que tanto temia por meses e anos de minha vida.
O amor.
Dar uma chance ao amor, como havia dito Lucas.
Dar uma chance a mim mesma.

Contei tudo a ele sobre o triângulo amoroso envolvendo os meus melhores amigos, expliquei como havia sido surpreendida com tal notícia e quais eram os meus sentimentos em relação a tudo, era difícil para mim contar aqueles detalhes, mas mesmo assim eu me esforçava em contar para ele todos os detalhes, enquanto de forma cavalheiresca Peter me ouvia, prestando atenção em tudo que eu dizia, sem questionar ou me interromper, sem demonstrar tédio ou arrependimento de ter me questionado sobre, pelo contrário, seu olhar preocupado continuava atento em minha direção.

Assim que conclui, ficamos em silêncio por breves segundos, ele então decidiu revelar o que sentia em relação a tudo isso, que ele entendia o meu ponto de vista, mas que via tudo por outros ângulos também, sem questionar ou discordar, apenas o ouvi evitando olhá-lo, me concentrando no movimento que a água fazia graças ao mexer dos meus pés naquele liquido.
Assim que a sua pergunta soou em meus ouvidos, atrevi a pensar no que realmente

estava a sentir em relação aquela questão, mas nada me veio na cabeça, então dei de ombros, sem uma resposta fidedigna a dar para Peter.
- Bom, eu sei o que eu não quero fazer. – Falei, o olhando de lado enquanto o mesmo me observava. – Voltar para o meu quarto.

- Você vai ter que encontrar Joana em algum momento, Kate. – Peter disse, mexendo os pés calmamente dentro da piscina, eu observava os seus movimentos já que havia me entediado com os meus. – Vocês dividem o mesmo quarto, freqüentam as mesmas festas, dividem os mesmos amigos. Até que cheguemos em Southamptom você terá que se acostumar com a ideia de encontrar com ela ... É inevitável. Se esconder não é uma solução sábia e você pode fazer melhor do que isso.

- Eu sei. – Respondi de maneira fraca, odiando saber que ele tinha razão. – Eu não quero me "esconder" ou evitar os lugares que ela freqüenta, eu só ... não quero me sentir assim. – murmurei de uma vez só, sentindo um novo nó em minha garganta se formar, o olhei sentindo novas lágrimas surgirem em meus olhos, Peter me observou com uma expressão entristecida.

- Assim como? – Ele questionou, enrugando o cenho.

- Ruim. – Respondi em um embargo de minha voz, enrugando o meu cenho no momento que senti uma lágrima fugir de meus olhos. – Uma péssima amiga; não, não ... Isso é pouco para o que eu sou. Eu sou uma pessoa muito, muito ruim. Só uma pessoa assim poderia assistir uma amiga sofrendo isso tudo e não fazer nada. Eu merecia cada palavra que Joana me disse e aquele tapa ... deveria ter sido um soco para ser mais permanente, se bem, que eu tenho certeza que as palavras vão ficar em minha mente por muito tempo. – Conclui, limpando de maneira tímida as lágrimas que insistiam em cair, balancei minha cabeça negativamente tentando segurar o choro, mas essa não era uma das minhas habilidades.

- Kate ... – Peter sussurrou como um anjo próximo a meu ouvido, senti sua mão morna tocar o meu rosto em um gentil carinho, não me senti merecedora dele naquele momento. Fechei meus olhos sentindo sua tentativa de me acalentar, de me tranqüilizar, mas era em vão, eu me sentia mortificada por dentro.

- Eu só quero que essa dor vá embora daqui. – Falei, bati uma das minhas mãos levemente em meu coração, olhei para Peter, ainda sentindo seus dedos percorrerem caminhos em meu rosto, desenhando linhas suaves de carinho. Meus olhos caírem por sobre Peter e entortei meus lábios voltando a segurar o meu choro, sabia que soaria como uma criança de sete anos após perder algo que desejava muito, mas não conseguia não ser sincera com ele.
– Faz parar de doer, Peter, faz.

- Desculpa, Kate. Eu não posso tirar essa sua dor. – Peter murmurou, afastando sua mão de meu rosto, deixando que ela caísse em minha mão, sem tirar seus olhos dos meus, Peter continuou. – Mas posso te ajudar a superá-la. Você não pode arrancar essa dor como se fosse uma criatura, Kate, pegando os fórceps e tirando. Ninguém consegue tirar alguém da cabeça na hora que quer e é por isso que você precisa pensar nisso cada vez mais. A única solução dessa situação é você inverter o jogo a seu favor. Esgote essa dor, permita-se recordar, chore e muito, arrependa-se, isso não é sinal de fraqueza, mas sim de humildade, um dia, por fim, a ferida se cicatriza e você vai estar curada.
- Eu sei que você tem razão, mas eu não consigo sentir isso agora. – Respondi o olhando pensativa.

- Você vai sentir. Só não apresse as coisas, Kate. Tudo tem sua hora e momento certo para acontecer.
- Mas tinha que ser assim? – Questionei, passando minhas mãos em meus cabelos, nervosa com os meus pensamentos tão confusos entre o certo e o errado.
- Kate, você não tem culpa. – Peter murmurou, passando a sua mão em uma mecha de meus cabelos e o colocando atrás de minha orelha, olhando meu rosto com atenção.
- Mas eu podia ter evitado isso, Peter. Por isso eu estou me sentindo mal. Eu podia ter evitado essa situação. – Respondi, pensativa.

- Faria isso como? Traindo Rachel que é como uma irmã para você? – Peter questionou me observando, enruguei meu cenho surpresa com a sua analise, Peter continuou a falar. – Eu noto pela maneira que você fala dela. Rachel não é apenas a sua melhor amiga, ela é uma irmã para você; se você tivesse contado a verdade a

Joana, nesse momento, você e Rachel não seriam as mesmas e eu temo em pensar como você estaria, porque eu sei, que seria muito pior do que a maneira que está agora. Olha, eu me coloco na sua posição pensando da seguinte visão: meu melhor amigo, Dorian trai uma amiga minha, com a minha irmã, assim como ocorreu com você. Dorian é Steve, Amelia é Rachel e Joana é essa amiga em comum. Eu não conseguiria revelar a verdade a essa amiga, porque estaria traindo Amelia e a felicidade dela. Eu ficaria na mesma posição que você, entre o certo e o errado e acabaria por fazer nada pelo bem de todos ... mas não pelo meu bem. - Peter afagou sua mão em meu rosto, nesse momento mordi meus lábios, o observando com atenção. - Não se arrependa. Você fez o que achava que era certo.

- E foi certo essa minha escolha? – Questionei, olhando em seus olhos em busca da verdade que logo saiu pelos seus lábios.
- Pergunte isso a você mesma. – Ele respondeu, pensativo. – A meu ver, foi à melhor escolha para você, mas não adianta nada eu achar isso e você não sentir.

Me silenciei, voltando a observar meus pés se movimentando dentro da água, pelo reflexo da mesma eu podia ver a grande lua com um circulo luminoso ao seu arredor, branca como a neve, grande em uma dimensão inegável e brilhante como um diamante, que se mantinha no céu escuro e vazio de estrelas. A lua tinha essa habilidade de me fazer sentir especial, eu não sabia explicar porque, mas a lua me influenciava muito, como a água, ela, por sua vez, me influenciava em seu tamanho mexendo com minhas emoções; Quando minguante, fico calma, tímida e introspectiva; quando está nova sempre surjo renovada e poderosa, crescente me deixa admirável, forte e dominadora, em todas as situações e já havia notado que ficava muito impulsiva nesses períodos e por fim, a lua cheia, que me deixava tão intensa e plena que me fazia sentir ... completa.
Mas naquela noite em especial, eu me sentia tudo, menos completa.
Na realidade, eu me sentia muito inferior e vazia, um ser insignificante até ...
Afundada em uma melancolia sem fim.

Despertei de meus pensamentos ao sentir a mão de Peter escorregar até a minha cintura, me pressionando gentilmente, olhei para a sua direção sorrindo leve, tentando mostrar para ele que estava bem, não queria preocupá-lo, mas desconfiava

que já fosse tarde demais para isso.

- Posso fazer alguma coisa por você? – Peter questionou sem tirar seus olhos dos meus.
- Tipo o que? – Questionei, abafando uma risada.

- Ah, não sei. – Peter sorriu, pensativo. – Qualquer coisa que fosse fazer você se sentir bem, que conseguisse arrancar pelo menos um sorriso verdadeiro dos seus lábios. – Peter murmurou, deixando bem claro que já conhecia os meus sorrisos, o que fez o meu coração afundar em meu peito e um arrepio tomar conta de mim. Como isso podia ser real? Alguém que me decifrasse tão bem em tão pouco tempo de uma forma como ninguém antes havia conseguido. – O que você acha de palhaços? Posso me fantasiar de um se isso lhe agradar.

- Porque ... palhaços? – Falei quase que aterrorizada, Peter me olhou com uma expressão surpresa.
- Ér, porque ... palhaços são engraçados? – Peter respondeu com uma expressão de dúvida.

- Não! Eles são aterrorizantes. Ninguém, ninguém esconde a cara com maquiagem em excesso e um nariz vermelho redondo sem uma boa razão. – Respondi, enrugando o cenho tentando disfarçar o meu pavor por palhaços enquanto Peter ria, tentando fazer uma expressão seria. – É sério, Peter. Palhaços são como o Jason para mim.

- Entendi. Você é traumatizada com palhaços. Esse trauma começou quando ...?

- Eu não me lembro ao certo. – Respondi, pensativa. – Só sei que sempre os detestei e sempre fechava bem os olhos quando algum surgia numa daquelas peças infantis, sabe? Era uma droga, cara, eu sempre começava a chorar, encolhida chamando minha mãe; era o motivo de piada da turma. Eu tenho medo deles até hoje, sendo que eu disfarço muito bem.
– Conclui fazendo uma expressão de superioridade.

- Aham, notei isso. – Dei um leve tapa em seu braço que resmungou e em seguida começou a rir não agüentando mais segurar a vontade. - Tudo bem, vamos fingir que

eu nunca falei sobre isso, ok? – Peter murmurou sério, mas um sorriso se repuxava no canto dos seus lábios. – Então, me fale o que posso fazer por você ou te perturbarei com a questão *palhaços* pelo resto da noite.

- Peter! – Olhei para ele, fuzilando-o enquanto escondia um sorriso leve nos lábios. – Eu *detesto* palhaços! – Enfatizei o detesto com uma expressão tensa.

- Eu posso ser bem cruel quando eu quero. Eu sei que tem uma locadora aqui nesse navio em algum lugar, eu posso arrumar algumas cópias de *Cirque de Soleil* para a gente ver a madrugada in-te-i-ra. – Dei outros dois tapas em seu braço, ele que se apoiou para não cair, rindo as custas de meu medo enquanto eu o observava incrédula – Ok, nada de palhaços.

Nos silenciamos novamente.
Agora observava o céu negro a minha frente.
Imersa em meus pensamentos, minha mente tão negra e profunda como aquele céu.
Ao longe, bem distante, enxerguei um brilho familiar, uma pequena estrela que tentava brilhar no meio de toda aquela escuridão. Respirei profundamente, entendendo o árduo trabalho daquela estrela.
Eu me sentia como ela.
Sem hesitar, encostei a minha cabeça no ombro de Peter, ele se sobressaltou com meu ato, mas logo afundou sua mão em minha cintura, me mantendo mais próxima de si. Longos minutos se passaram, mas podiam ser horas que eu não me importava. Podia fácil ficar assim a noite inteira com Peter.
Senti os seus lábios encostar no topo de minha cabeça, em um beijo carinhoso, demonstrando respeito e cuidado era no momento, o ato mais precioso que tinha; segundos se passaram e sorri levemente, notando como era sortuda em ter encontrado ele no meio de tantos outros; sendo que ele era o cara *certo*, no lugar *certo,* destinado a dedo, para *mim*.

- Você quer fazer algo por mim? – Questionei e Peter respondeu de maneira positiva com um simples *hum hum* – Me arruma uma maquina do tempo.

- Kate. – Peter se afastou de mim, ergui a cabeça de seu ombro te olhando, o mesmo

me observava com a sobrancelha erguida. – Eu estou estudando para ser advogado, não cientista.

- Droga! – Fiz uma careta, mexendo com um braço em forma de decepção. – Resolvi gostar do cara errado.

- Que pena! Porque agora você vai ter que aturar ele, sendo cientista ou não! – Peter concluiu se aproximando de mim sem pressa nenhuma e nenhuma hesitação depositou um beijo suave em meus lábios, deixando um rastro quente de seus lábios esquentando os meus. – Agora vem, vou te deixar no seu quarto.

- Nós realmente temos que fazer isso? – Questionei fazendo um beicinho irresistível, Peter sorriu, mostrando seus belos dentes brancos em um sorriso charmoso, que invejaram os meus que não viam um dentista há uns seis meses.

- Podemos fazer outras coisas Kate ... – Peter murmurou, voltando a se aproximar de mim de uma maneira charmosa, seus lábios a centímetros dos meus. – Mas acho que os seguranças ...- Peter apontou para alguns seguranças que transitavam pelo convés, com seus trajes formais, fingindo não nos ver ali na piscina, enquanto faziam seus trabalhos. - ... Iam acabar gostando por demais do que tenho em mente, e isso é algo que não quero dividir com ninguém.

- Ok. Você venceu. – Respondi em uma lufada de ar. – Vamos para o meu quarto. – Conclui, roubando um beijo de seus lábios, Peter sorriu acariciando brevemente o meu rosto.

- É assim que eu gosto de ver, minha garota. – Peter murmurou em um sussurro, dando mais um beijo em meus lábios, sendo que dessa vez resolvemos nos manter concentrado nele por mais tempo; seus lábios tocavam os meus com calma e paixão, sem pressa de tal ato e ao mesmo tempo curioso e avassalador a cada nova descoberta do que nossos lábios juntos podiam fazer.

Assim que chegamos na porta do meu quarto, após longos minutos de beijos sem pressa e apaixonados, voltei a sentir aquela sensação.
O medo de encarar a realidade

Olhei para Peter, obviamente mostrando em minha expressão o desespero da situação, ele apontou com a cabeça na direção da porta e eu entortei os lábios, frustrada por ele ser um garoto bom. Nessas horas, um garoto errado sempre cai bem em uma situação como essas, não era a toa que as garotas têm uma preferência por *Bad Boys*.
Um *Bad Boy* não hesitaria em me levar para qualquer lugar, menos o meu quarto.
Um garoto bom vulgo Peter acreditava na minha força interior e que eu conseguiria enfrentar isso e muito mais porque eu era forte emocionalmente.
Ah, tá.
Argh!
Eu sempre tive dedo podre para garotos, sempre gostei dos *bad boys* como a maioria das garotas de minha idade, porque tinha que ter acertado justamente agora? Pensei de forma sarcástica e uma voz em minha mente, muito similar a minha sendo que doce e gentil respondeu: *Por que era o momento*.
Argh! Estou começando a ficar romântica, isso não é bom.
Voltei a olhar para Peter, tentando reverter à situação a favor dos meus nervos.

- Eu ouvi dizer que tem uma boate muito maneira no lado leste do convés principal. O que você acha de darmos uma passadinha por lá? – Questionei olhando para ele com certo charme, tentando seduzi-lo ao meu convite.

- Podemos fazer isso. – Peter correspondeu a minha investida, repousando suas mãos em minha cintura e me trazendo para perto de si. – Amanhã. – Desmanchei todo o meu charme em uma expressão seria de desagrado. – Porque hoje você vai entrar nesse quarto, tomar um bom banho quente para prevenir uma gripe e vai dormir.

- Certo, mamãe. – Sorri maliciosa, olhando ao arredor, mexendo em meus cabelos de maneira sensual. – Mas deixo avisado, qualquer outro garoto em seu lugar aceitaria esse meu convite e ainda iria me propor tomar um, dois drinks no bar, quem sabe até outras coisas ...

- Por sorte, eu não sou qualquer garoto. – Peter respondeu, acariciando levemente a minha cintura com as suas mãos. – Agora entre em seu quarto. Seja forte e antes que

você se questione ou discorde dessa afirmação já aviso que posso ver em seu olhar o tão forte que você é. – Peter se aproximou de mim, ficando curvado em minha direção, encostando gentilmente a sua testa na minha. – Vá e assim que a tormenta passar me ligue, quero saber como tudo se desenrolou.

Respirei profundamente, tomando coragem de fazer o que ele propunha, eu sabia que Peter tinha razão, mas o que eu fazia com o meu medo?
Não tinha como guardá-lo no bolso.
O enfrentava, a voz de Peter disse em minha cabeça.
Entortei meus lábios em um sorriso e o observei com certo encanto, Peter tinha razão, eu podia fazer isso. Já havia passado por tormentas piores e eu estava ali, viva e inteira, eu podia entrar naquele quarto e sobreviver ao que estivesse me esperando, seja lá o que fosse.

Me aproximei de Peter dando um suave beijo em seus lábios que foi propriamente correspondido, suas mãos se afastaram da minha cintura e me adiantei até a porta do quarto, tirando o cartão do bolso o levando até a sua base magnética, ouvi o clique da porta e empurrei a mesma com a mão, vendo a escuridão que a sala estava tomada, olhei de lado para Peter que me observava com uma expressão pensativa, ele de repente abriu um leve sorriso o que iluminou toda a sua expressão, essa visão me deu coragem, prendi a minha respiração e entrei de uma vez só no quarto.

A porta se fechou atrás de mim fazendo um novo clique.
Olhei ao arredor, esperando nervosa e temerosa que a luz se acendesse de repente, revelando Joana com a sua expressão fria e raivosa em minha direção, pronta para tirar as devidas satisfações, mas nada aconteceu.
Sem hesitar tateei pela parede o interruptor e acendi a luz central do ambiente.
Ninguém na sala.
Dei alguns passos vendo as três portas dos quartos entreabertas, seus ambientes em plena escuridão, ninguém dentro de nenhum dele. É, pelo que parecia havia ninguém na cabine.

Deixei que o ar escapasse pelos meus lábios, sem temer me aproximei do quarto de Rachel, abri a porta e tive a certeza que ninguém estava ali, a cama estava lotada de

peças de roupas, espalhadas e bagunçadas, maquiagens na penteadeira e sapatos por todos os lados, mas nada de Rachel. Fechei a porta, tomei coragem e me aproximei do quarto de Joana, abri a porta decidida e encontrei o mesmo completamente arrumado, até demais, dei alguns passos dentro do ambiente estranhando tanta organização, estava sentindo falta de certos objetos pessoais dela, fui em direção do armário, abrindo o mesmo e encontrando apenas algumas roupas ali dentro e vários cabides jogados dentro do móvel, formulei logo uma hipótese em mente, me agachei no chão vislumbrando embaixo da cama o nada. Ao me erguer, fui até o banheiro, acendi a luz do mesmo e abri o armário e nada encontrei dentro.
Joana havia ido embora.
Suponha que estava hospedada em outro quarto.
O de Lucas, obviamente.
Sai do quarto, sem deixar indícios de minha presença, fechando a porta num baque.
Apaguei a luz central da sala e acendi apenas os abajures de pé, eles eram suficiente.
Olhei ao arredor, enrugando o cenho, sentindo aquele vazio me tomar.
Detestava dormir sozinha em um lugar desconhecido, como no caso.

Me direcionei para o meu quarto, tirando o celular do meu bolso no exato momento que vislumbrei algo de tom vermelho e azul, em formato de pulseira, na ponta de minha cama, algo que se destacava naquele edredom de tom rosa claro e que não fazia parte dele. Eu queria não acreditar que aquilo estava em minha cama, mas ao deixar aquela pulseira de pano cair no centro de minha mão, senti meus olhos se encherem de lágrimas pesadas e dolorosas, era a pulseira da amizade que Joana e eu havíamos confeccionado no nosso primeiro ano de amizade. Ela sempre adorou esse tipo de coisas, achava fofo e carinhoso, enquanto Rachel achava infantil e sem graça, mesmo não confessando ter um cordão com um pingente de borboleta que dividia comigo, mas só tínhamos o direito de usar quando uma das duas fosse para algum lugar distante, sem a outra, o que nunca aconteceu até hoje, era uma maneira de nos sentirmos próximas.

Observei a pulseira de tecido repousada na palma de minha mão, o nome de Joana escrito em linha azul e nas pontas as correntinhas, uma era o gancho para prender a pulseira e do outro lado um coração onde seria preso. Era apenas uma pulseira, mas representava tanto na nossa amizade, apenas usávamos quando precisávamos uma

da outra e estávamos afastadas de algum modo, como no caso do cordão com Rachel. Sendo que no nosso caso essa distancia acontecia com muito mais frequencia, já que Joana viajava para a casa de seus parentes no Mississipi em todos os feriados e aniversários importantes.
Ver aquela pulseira ali significava apenas uma coisa: Joana não queria mais saber de mim. Ela jamais me devolveria, só faria isso se de fato, nossa amizade estivesse terminada, algo que jamais pensei acontecer.
De repente, toda aquela coragem que havia me absorvido, esvaia em decepção e tristeza. Guardei a pulseira na minha caixa de bijuteria, me afastei da penteadeira, olhando ao arredor, sem reação, me sentei no encosto da cama com os joelhos dobrados e abraçada neles desabei em um amargo choro com as minhas mãos agora repousadas em minha cabeça, frustrada e destruída.
Eu havia perdido tudo em muito pouco tempo.
Como eu havia permitido isso?
Sem Joana.
Sem Rachel, que no momento deveria estar lutando contra os próprios demônios, como eu. E sem Steve, que deveria estar revendo toda a vida dele.
Só me restava eu e os meus próprios demônios.
Ou não.

Um buraco negro me tomou por dentro como um amante toma sua amada, de forma avassaladora e com extremo domínio.
Todas as minhas lembranças ao lado de Joana começaram a esvair de mim em direção desse lugar tomado pela escuridão, eles migravam lá para dentro deixando em mim apenas dor e desolação.
Eu estava presa àquela agonizante dor, como um assassino preso aos seus delitos.
Enquanto tentava controlar as minhas lágrimas, levava em conta as certezas que havia tido naquele dia; Steve tinha dúvidas em relação aos seus sentimentos; Rachel estaria em algum lugar desse navio lutando contra à vontade de desabafar comigo e a de fingir ser forte, provavelmente jogando em alguma balada regada de *garotos brinquedos* e bebidas alcoólicas, por fim, Joana estava a sofrer, e além disso tudo, havia Peter, alguém que entrará em minha vida, que de alguma forma, fazia mais parte de mim do que eu poderia imaginar.

Me lembrei que ele havia me pedido para ligar assim que a tormenta passasse, mas ela nem havia começado, pensei olhando ao arredor temerosa com os meus pensamentos. Respirei profundamente, ignorando o nó na garganta e fingindo que as lágrimas, salgadas e ágeis não desciam mais pelo meu rosto, peguei meu celular, ligando para o número que Peter me ligará da última vez não demorou mais que dois toques e ele me atendeu com seu tom de voz calmo e firme.

- Oi. – Ele questionou, já reconhecendo meu número. – Está tudo bem?
- Sim. – Falei de maneira fraca, não entendendo porque estava a mentir, senti o nó em minha garganta arder com tal ato, acabei por não resisti – Não, está tudo péssimo.
- O que aconteceu? – Ele questionou com o tom preocupado transbordando em seu sotaque britânico.
Comecei a contar tudo para Peter, apenas pausando para soluçar por culpa do choro que agora mantinha presença.
- Eu sinto muito, Kate. – Peter murmurou suavemente do outro lado da linha.

- Peter, lembra que você queria fazer algo para me animar? – Peter afirmou que se lembrava então continuei, sem vergonha e temores. – Então, tem algo que você pode fazer por mim, se você quiser.

- Qualquer coisa, é só dizer.
- Seria pedir demais que você dormisse aqui hoje? - Murmurei muxoxa num tom infantil conhecido por muitas mães de todo o mundo. – Eu não quero ficar sozinha .... aqui.
Breves segundos se passaram, acreditei que havia ido longe demais quando a voz de Peter soou em meu ouvido, me causando um arrepio reconhecível em todo meu corpo.
- Abra a porta!

Como se tivesse levado um choque, levantei da cama, desligando a ligação e largando o aparelho na escrivaninha, sai do meu quarto em movimentos precisos, peguei o cartão na mesa de centro e em questão de segundos abri a porta me deparando com Peter, ele que estava com uma das mãos repousada no portal, levemente debruçado

na minha direção, ele abriu um sorriso consolador que se costuma dar quando você quer mostrar compaixão.

- Você chegou rápido. – Murmurei surpresa, mexendo nos meus cabelos, tentando como de sempre disfarçar as lágrimas que continuavam a brotar em meus olhos.

- Eu nem sai do lugar. – Ele disse calmo, como se fosse algo super normal, ele se aproximou de mim, repousando sua mão em meu rosto com o habitual carinho que estava a me acostumar. – Eu não poderia deixar você sem saber que estava tudo bem.
- Fico feliz que não tenha ido. – Falei em um suspiro, o olhando com certa admiração.

- É, eu também. – Ele me olhava com a mesma profundidade, sem esconder aquele sorriso único em seus lábios, tão maroto e galanteador, podia jurar que era esse sorriso uma especialidade sua.

Dei espaço para que o mesmo entrasse no ambiente, fechando logo a porta atrás de si, ao me virar deparei com Peter parado a alguns centímetros de distância de mim, observandome com aquele olhar indecifrável, em determinados momentos parecia malícia, em outros preocupação, ao certo, nunca saberia de fato o que se passava na sua mente, mordi meus lábios por culpa desse pensamento e ele abriu um sorriso no canto dos seus lábios, me puxando para um abraço. Afundei meu rosto em seu ombro, entrelaçando meus braços em suas costas, ele por sua vez desceu suas mãos até a minha cintura nos mantivemos abraçados sem pretensão de nos separarmos. Seu abraço era confortável e quente, me sentia protegida em seus braços como se estivesse sob as asas de meu anjo da guarda.

De repente, ouvi a voz de Peter soar próximo ao meu ouvido, mas ele não falava, pelo contrário, ele cantarolava uma famosa canção do Bob Marley, *Three Little Birds*, eu a conhecia bem porque era mais que uma famosa canção era um ponto de referencia em relação ao cantor jamaicano possuidor do bom e velho *reggae*. Sorri ouvindo Peter cantar a música, que tinha uma vibração tão positiva; ele cantarolava como se estivesse a cantar para uma criança ninar, podia não ser um ótimo cantor, mas tentava e a sua tentativa era muito bela, já que nunca nenhum garoto havia feito

algo parecido para mim, havia momentos que ele trocava algumas palavras da canção e começava a rir com o seu erro, isso arrancava sorriso dos meus lábios, em determinada parte da música ele se esqueceu da seqüência, xingando baixinho por ter esquecido, ri com a situação e comecei a cantarolar a parte esquecida e logo ele se juntou a mim e ficamos nesse *duo* até em um determinado momento que nos afastamos do abraço, nossos olhos voltaram a se encarar, notei naqueles olhos no perigo que havia me metido, por sorte, sempre gostei de um perigo. Ele se aproximou de mim sem hesitar, me tomou em seus braços me dando um apaixonado beijo que foi devidamente retribuído, assim que nos afastamos ele acariciou brevemente o meu rosto, sorrindo daquela forma que me fazia corar, como se ele estivesse vendo algo inexplicado e ao mesmo tempo, incrível em mim.

- Eu acho melhor você tomar aquele banho, antes que acabe se resfriando. – Peter murmurou, ainda acariciando meu rosto.

Por mais que estivesse gostando daquele momento, concordei em ir tomar banho, ele tinha toda razão, eu podia sentir o frio me tomando e as roupas que continuavam coladas em meu corpo não traziam uma sensação boa de conforto; eu ia acabar ficando doente.

- Certo. Eh ... Tem algumas revistas aqui na sala, mas acho que você não vai se interessar por elas, são sobre moda e todas pesam mais de dois quilos em média, não me responsabilizo pelos danos que elas podem cometer, são todas da Rachel. – falei indicando a mesa de centro. – Se não me engano tem algumas bebidas no frigobar, energéticos, refrigerantes, essas coisas ... Mas creio que a diversão está no meu quarto.
- Foi o que imaginei. – Peter murmurou, sorrindo de lado daquela forma maliciosa.

- Foco, Peter, foco. – Murmurei, repousando minhas mãos em seu antebraço, tentando manter o assunto. – No meu quarto tem alguns livros, dvd's, cd's, meu mp4 e netbook, então tem mais coisas interessantes para você se distrair, enfim ... se sinta a vontade, vou tomar o banho ... – Ele continuou a me observar e timidamente conclui. – Já volto.

Me afastei de Peter, adentrando em meu quarto, observei discretamente e pude ver que ele se manteve na sala, indo em direção do frigobar, sem perder tempo, recolhi as roupas necessárias para ir dormir, catei no fundo da minha mala um pijama mais "recatado" e tive que me contentar com um de manga comprida e short, peguei minhas roupas íntimas e entrei no banheiro, trancando a porta logo atrás de mim. Não me demorei como o de costume, mas não deixei de fazer nada;
Lavei meus cabelos apenas com um pouco mais de atenção do que o de costume, queria que o cheiro ficasse mais exposto do que o normal para que Peter pudesse sentir meu aroma favorito.
Assim que desliguei o chuveiro pude ouvir uma música tocando em um ambiente próximo, suspeitei ser do meu netbook, logo que sai do banheiro, me deparei com a mala que continha os cd's e livros em cima da cama, Peter estava de pé, próximo a mesma, mexendo no conteúdo ali dentro com uma expressão serena, nem surpreso nem enojado, apenas tranqüilo, como se já fosse esperado. Meu netbook estava entreaberto na escrivaninha, como ele era sem senha, um pedido de Rachel para facilitar seu acesso, já que a mesma era péssima decorando qualquer coisa, tocando uma música da cantora Sia, prestei atenção na letra por alguns segundos, percebendo como ela me caia bem naquele momento, o piano suave e a voz melódica da cantora sabiam exatamente como mexer comigo, deixei meus olhos caírem na direção de Peter que continuava a observar os itens em minha mala, mas já mostrando ter notado minha presença ali, segurando em mãos três dvd's em particular com um sorriso maroto nos lábios.

- *E o vento levou ...*, *Orgulho e Preconceito* e *A Princesa e o Plebeu.* – Peter murmurou, indicando os dvd's em mãos. – Pode me contar, eu não vou fugir desesperado com tal revelação, mas você é uma vampira ou alguma Deusa grega que caiu na terra e se encontra escondida no corpo de uma humana?

- Vampira, cuidado. Tenho uma preferência por sangue britânico, curioso não acha? – Murmurei, fazendo uma careta com os lábios. Peter riu e eu o acompanhei em tal ato, continuando o assunto. - Porquê? – Questionei, me aproximando da cama parando em frente a ele. – Esses filmes são obras de artes e meus favoritos, então muito cuidado com as suas próximas palavras, senhor Hartley porque elas podem ser suas últimas.

- Eu não discordo, são obras de artes, mas só alguém com mais de noventa anos seria fã desses filmes, e eu esperava que você gostasse de algo do tipo: filmes românticos melosos daqueles que todo cara só assisti quando quer impressionar a garota com quem quer ficar, comédiaas com finais óbvios, coisas assim. – Peter falou erguendo uma sobrancelha. – E não filmes cabeças e de histórias épicas.
- Você me subestimou, Peter. – Murmurei, o observando com certa malícia no olhar. – Estou muito, muito decepcionada.

- Me perdoe. Acho que tenho muitas coisas para aprender sobre você. – Peter murmurou me observando com uma expressão de extremo encanto, como se tivesse acabado de encontrar uma jóia rara ou uma pintura de Van Gogh perdida, corei com essa sensação.

- Então, hoje mais cedo, no cinema, você estava tentando me impressionar? - Questionei, me sentando na ponta da cama, dobrando as minhas pernas no melhor estilo Buda, Peter se sentou na outra ponta, apenas com a mala entre nós.

- Não. Eu realmente queria ver aquele filme. – Peter respondeu com certo humor, agora mexendo em alguns livros, dando mais atenção a eles do que a mim. – Eu gosto muito da atriz principal.

- Ah, sim. Claro. – Murmurei sem controlar as palavras em meus lábios. A atriz principal era uma daquelas atrizes hollywoodianas que não tem conteúdo, talento, apenas pernas torneadas e seios grandes, então era natural da minha parte do meu jeito de ser odiar esse tipo de imagem.

- O que você quis dizer com esse "ah, sim. claro"? – Ele questionou, segurando o volume de "*Muito barulho por nada*" que estava tão amarelado e destruído que dava a impressão que ele era provavelmente a primeira edição do livro.

- Que é óbvio o motivo de você gostar dela, pela mesma razão que todos os garotos do planeta gostam. – Peter continuou a me olhar com uma expressão de dúvida. – Porque ela é gostosa.

- E é crime?

- Para mim é. – Respondi. – Da mesma forma que você me subestimou, eu também te subestimei.
- Em que? – Peter questionou, erguendo uma sobrancelha, agora me olhando com total atenção.

- Eu pensava que você fosse uma espécie de garoto irreal, um cavalheiro perdido nos tempos, mas com o passar das horas estou a ver que és tão comum como qualquer outro garoto. Tem seus próprios problemas, atração por mulheres explicitas, temperamento alterado pela testosterona, entre outros.

- E ai que você se engana, eu sou tão diferente quanto qualquer outro garoto, mas deixarei que com o tempo você veja isso por si só. – Ele respondeu com mistério em seu tom de voz. – Mas, ser comum é bom ou ruim?

- Depende do ponto de vista que você utilizar. No meu caso, eu acho que pode existir um meio termo, é bom ser comum, mas ao mesmo tempo, precisa ter um pouco de incomum para se sobressair entre os outros.

- É incrível como você tem resposta para tudo. – Ele disse com um tom de surpresa e incredulidade, abafei uma risada, abaixando meu rosto com certa vergonha, ao voltar meus olhos em sua direção um clima caiu por sobre nós quase que de imediato, ele por sua vez, enrugou o cenho, voltei a abaixar meu rosto, sentindo a timidez me tomar mais uma vez, de relance, notei ele retirando a mala da minha cama, voltando a colocá-la ao chão no lugar onde estava, pensei que ele fosse voltar a se sentar, mas se manteve de pé. Me senti incomodada por tal coisa e fiquei de pé logo em seguida, o observando parado ali, como se não soubesse ao certo o que fazer, entre a dúvida do fazer e do não fazer. Olhei para si, tentando procurar algo para quebrar aquele silêncio sufocante, notei suas roupas ainda molhadas em seu corpo, seus cabelos úmidos caindo levemente em seu rosto, era óbvio que se ele fosse passar a noite ali, ele precisava se secar ou ele acabaria ficando doente.

- Eu acho prudente você tomar um banho ou se não você vai ficar resfriado. – Murmurei, repousando minhas mãos em minha própria cintura.

- Pegar uma gripe seria o menor dos meus problemas, Katerina. – Peter murmurou,

se aproximando dois passos de mim, quebrando a nossa distância, sorri levemente, adorava quando ele tomava essa atitude. Me fazia sentir desejada por ele. – E além do mais, eu não tenho roupas aqui, você acha que ficarei como? Nu?

- Não seria uma má ideia. – Murmurei, mordendo os lábios com uma expressão pensativa, em seguida fiz uma careta falando com um tom de voz cômico. – Se ao menos eu estivesse apta ao sexo hoje.

Peter fez uma careta, passando uma das mãos em seus cabelos, obviamente envergonhado com o comentário, mas podia vê-lo esconder um sorriso malicioso em seus lábios. Observei o seu corpo com certa atenção, em altura, ele era uns vinte e cinco centímetros mais alto do que eu, nem muito forte nem muito magro, com os músculos dos braços definidos e podia jurar que não seria diferente em seu abdômen, por um estalo tive uma súbita ideia de como conseguir roupas limpas para ele e ao mesmo tempo eu conseguiria algo que queria saber muito e minha curiosidade não me deixaria em paz por causa disso.
Voltei a observar – lo, mordi levemente meus lábios com tal imagem e pude notar seu olhar em minha direção com atenção, percebendo meus pensamentos sórdidos ao observá-lo.

- Kate ...?
- Lucas. – murmurei de supetão como uma grande descoberta.
- Lucas? – Peter murmurou em tom de dúvida. – É aquele garoto que estava aqui mais cedo?

- Ele mesmo. Preciso falar com ele. – Murmurei, indo em direção a escrivaninha, pegando o meu celular que estava ao lado do netbook que continuava a tocar músicas, agora tocando uma das minhas favoritas da banda *The Fray*.
- Devo questionar por quê?

- Você precisa tomar um banho, mas não tem roupas secas consigo e nem eu tenho nada que possa te servir, só se você estiver a fim de dormir com uma blusa do *Led Zeppelin* e um short rosa de um pijama largo e velho que acho que caberia em você, mas o Lucas, que eu creio que possa ter quase as suas mesmas medidas, pode ser

útil nesse momento.

- De duas formas, ao meu ver. – Peter murmurou, me observando enquanto eu já levava o telefone a meu ouvido, com o som da chamada sendo feito. – Para conseguir roupas para mim e para saber se Joana está com ele e bem.

- Hmmm, você pensa como eu, acho que gosto de você. – Murmurei, sorrindo ao ver que ele consegue me entender com poucas palavras, o mesmo sorriu satisfeito com a minha declaração. Do outro lado da linha o som da chamada sendo feita tomava conta, alguns poucos segundos depois a voz de Lucas soou. – Lucas! Sou eu, mas se Joana estiver ai não fale o meu nome, não quero causar problemas para você.

- Ah, oi Alex! Em que posso ser útil? – Lucas questionou, deixando claro que Joana estava com ele, mordi meus lábios observando Peter a minha frente, com ambas as sobrancelhas erguidas, provavelmente curioso com a situação, me virei afastando meus olhos dos seus, assim conseguiria pensar melhor.

- Me diz primeiro uma coisa antes de eu ir direto ao ponto: como a Joana está? – Questionei, cruzando o meu braço livre na direção da minha barriga, tentando controlar um nervosismo que brotará em mim.

- Ah, você sabe como, tenho certeza que você tenha a resposta para essa pergunta na sua mente. – Lucas voltou a responder de forma sigilosa. – Aquilo que você mais temia ocorreu.

- Ela me odeia muito, não é?
- Eu não diria muito, mas o suficiente aturado por um ser humano normal.
- Certo. A gente fala melhor sobre isso daqui a pouco. Eu preciso de sua ajuda em algo. Teria como você emprestar ao Peter uma camisa e uma calça, talvez ?
- Porque? – Ele questionou com curiosidade ainda em tom sigiloso. –Alex, o que vocês aprontaram?

- Nada. – Respondi em choque e ouvi Peter abafar uma risada não muito longe de mim, já que agora ele mexia no meu netbook, mais especificamente na minha pasta de músicas, mas era evidente que prestava atenção em minha conversa. – Aconteceu

uma situação na piscina mais cedo e ele está todo molhado ... Então, você pode me ajudar?

- Vou ver o que posso fazer.
- Valeu, Luke.
- De nada, Alex. A gente se vê em dez minutos. – Ele disse do outro lado da linha, desligando logo em seguida.
Repousei o aparelho na escrivaninha com um sorriso satisfeito nos lábios.
- Eu sou um gênio. – Murmurei, observando Peter que estava sentado na cadeira em frente à escrivaninha.

- Posso ver, infelizmente não és valorizada da maneira que merece. – Peter respondeu, me olhando, agora deixando tocar uma música do cantor Howie Day, sorri olhando na direção do netbook rosa, era uma das minhas músicas favoritas dele. – Gosta dessa música?

- Amo. É uma das minhas favoritas desse cd. – Respondi, me aproximando de si, encostando meu corpo na escrivaninha, ficamos a nos observar enquanto a música continuava a tocar, eu não sabia ao certo o que passava em sua mente, eu o observava, mas prestava bastante atenção na letra da canção, notando sua semelhança com o atual momento. – A voz dele é tão precisa, forte e ao mesmo tempo, tão doce.

- Ele tem uma bela voz. – Peter respondeu, pausando a sua fala e voltando a prestar atenção na música que continuava a tocar, ele voltou a falar sem me observar. – Eu não conhecia esse cantor muito menos essa música, muito bonita.

- *Howie Day* foi um dos meus achados no último ano. Ele é incrível, me deixa colocar uma outra música dele que eu amo ... Foi a primeira que eu ouvi dele. – Me debrucei na direção do netbook, com o mouse procurei a música e logo a selecionei, o som do violão começou a tomar conta do ambiente logo em seguida o som claro de violinos e não demorou para a voz profunda do cantor surgir, sorri levemente com a sua letra tão linda e apaixonante. Olhei na direção de Peter e ele estava a me observar, prestando atenção na música sem tirar seus olhos de mim. – Provavelmente uma das

músicas mais bonitas que já ouvi.

- Por quê? – Ele questionou, ainda me observando, em seguida esticou sua mão na direção da minha entrelaçando os nossos dedos, me puxou suavemente em sua direção, apoiando sua outra mão livre na base de minhas costas, me fazendo sentar de lado em seu colo, pude sentir no tecido fino de meu pijama o molhado da calça de Peter, o mesmo continuava encharcado, mas não me importava nem um pouco.

- Precisa existir um por que? – Questionei, ainda segurando a sua mão, observando as suas orbitas azuis de uma forma que eu nunca encararei outros olhos.
- Claro que sim. – Peter contestou. – Para tudo na vida existe um por que.

- Claro que não. – Respondi, com um sorriso nervoso nos lábios em choque com a sua constatação. – Não precisa existir um porque para gostar de alguma coisa, para amar alguém, simplesmente acontece, sem porquês, por isso que é tão especial ser humano, para poder sentir algo a qualquer momento, sem ter razões e motivos, apenas por sentir.

- Você pode ter razão. – Peter respondeu me observando com atenção, ele soltou as nossas mãos e com a mesma acariciou o meu rosto com um sorriso leve em seus lábios. – Eu adoro as coisas que você diz, tão sábias e sinceras ... Queria ter um pouco de você em mim.

- Eu já disse para você parar de me elogiar assim. – Murmurei, sorrindo levemente.

- Se eu perguntar por quê você não gosta de elogios, você vai me responder ou vai me enrolar dizendo que não precisa de um motivo especifico para gostar ou não de algo? – Ele questionou com um sorriso de lado.

- Eu não reajo bem com elogios, eu já te disse isso. É fácil falar que alguém é lindo, sábio, sincero, sexy, entre outros.O difícil é ser verdadeiro, por isso não gosto de ser elogiada, eu prefiro ações que provem que a pessoa reconhece as minhas qualidades e não simples palavras. – Respondi, passando a minha mão livre em seus cabelos, os jogando para trás em um gesto carinhoso,, eu sorria notando que ele não se importava com o meu carinho, pelo contrário, gostava. – É fácil falar, mas é difícil

fazer, entende?

- Você é tão complexa. – Peter murmurou olhando bem em meus olhos, sua mão firme em minha cintura, podia sentir alguns de seus dedos encostando em minha pele já que a blusa estava levemente erguida, o observava dividida entre o desejo e a dúvida com sua afirmação.

- Porque você acha isso?

- Não precisa existir um motivo, precisa? – Peter respondeu, erguendo levemente uma sobrancelha deixando um sorriso maroto cair em seus lábios. Olhei para ele com os meus olhos semicerrados, Peter deu uma risada se divertindo com a minha expressão e sem hesitar se aproximou de mim, dando um beijo rápido em meus lábios, estalado e apaixonado, e em seguida segurou meu rosto com as suas duas mãos. – Você é uma caixinha de surpresa. Inesperada, impulsiva, com ideias e uma sinceridade inacreditável, você é uma cópia rara. E eu te achei. Sou tão sortudo.

- Tem certeza? Porque eu tenho a nítida impressão que eu encontrei você primeiro. - falei, puxando uma mecha de seu cabelo com leveza, fazendo ele continuar a sorrir.

- Não, não. Eu te achei. Eu te vi naquele dia na agência de viagem e você não me reconheceu, eu precisei te contar sobre o fato para você se tocar do ocorrido. Então, eu te achei.

- Droga! – Disse com um falso desapontamento, arrancando uma risada de seus lábios. Você tem razão.

- Me pergunto o que teria acontecido ... – Ele pausou, pensando com atenção em suas palavras, seus lábios entreabertos enquanto seus olhos me admiravam. - Se eu tivesse saído do convés alguns segundos antes de você olhar em minha direção, será que teríamos nos encontrado na festa ou em algum outro lugar? ou se eu não tivesse chegado no mesmo instante em que você estava saindo da agência, provavelmente, não teríamos nos esbarrado, eu não teria a segurado e você poderia ter quebrado uma perna ao cair e agora não estaria aqui e sim, em sua casa, logo não nos conheceríamos, do mesmo modo que se eu tivesse voltado de avião para casa, como

eu planejava, em vez de vir neste cruzeiro como minha tia desejou. Você me entende? Provavelmente nunca teríamos nos conhecido ... Por questões de minutos, segundos e até mesmo de pequenas ações nossas. – Ele murmurou, pensativo, observando meu rosto com atenção, surpreso com seu pensamento. – São tantas possibilidades que poderiam ter nos separado que fico impressionado por termos nos encontrado.

- Era para acontecer. Simples assim. Era para ser do modo que foi, esse tipo de pensamento só mostra que o que estamos fazendo é o que o nosso *destino,* se é que isso existe, reservou para nós nessa vida. – respondi em um sussurro, próximo aos seus lábios. Peter ainda sorrindo se aproximou de mim, dando um selinho em meus lábios, nos mantivemos perto um do outro por breves segundos e voltamos a nos beijar, mas dessa vez foi um beijo diferente, mais envolvente e apaixonado que os outros, demoramos a nos afastar e quando fizemos isso o ar nos faltava por demais, afastados por breves centímetros pude ouvir Peter xingar baixinho. – O que foi?

- Eu me ... esqueci que estou encharcado por causa da piscina. Te molhei toda denovo. – Peter respondeu abafando uma risada. Eu não estava encharcada como ele, mas podia sentir partes do tecido do pijama grudando em minha pele em determinados pontos onde as mãos de Peter traçaram e tinha certeza que o traseiro de minha calça estava todo molhado, culpa das pernas de Peter.

- Não tem problema. – Respondi, afundando meus dedos em seus cabelos. Mordi meus lábios sentindo certa malícia me tomar. – Eu tomo outro banho. Se você jogar as cartas certas, pode ser um banho duplo.

- Nah, não vai rolar. – Peter murmurou, fazendo uma careta com seus lábios. – Não estou apto ao sexo hoje.

- Dorme com essa, Kate. – Murmurei para mim mesma, Peter riu e eu acompanhei a sua risada, mas não com a mesma animação. Peter indicou para que eu ficasse de pé, tudo ideia dele para tentar me proteger de uma eminente gripe, o obedeci revirando meus olhos, peguei meu celular e logo me arrastei em direção a cama, me sentando na mesma enquanto Peter voltou a mexer na minha lista de músicas.

Ficamos a conversar sobre nossos gostos musicais, o que tínhamos - ou não - em comum, o que eu deveria ouvir e o que ele deveria ouvir, enquanto isso respondia algumas mensagens de Chuck e minha mãe, tentando soar normal, sem transparecer os últimos eventos, mas não podia negar que estava louca para falar com minha mãe em busca de conselhos, mas não iria pensar nisso agora, pensaria nisso amanhã.
Tive que implicar com Peter quando ele deu algumas tossidas, me aproximei de si, repousando minha mão em sua pele encenando preocupação sabendo que de fato ele não estaria quente, provavelmente um pouco mais gelado que o normal, mas não com um estado febril, mas me enganei; Peter ardia em uma quentura extrema, no momento que toquei sua testa, ele se afastou de imediato, ficando de pé e em alguns passos afastados, olhando ao arredor com o cenho enrugado, uma reação um pouco exagerada confesso.

- Peter, você está fervendo em febre! Porque você não disse nada? – Questionei em preocupação, me aproximando de si, mas o mesmo se afastou alguns passos, podia ver seus olhos azuis brilhar em dúvida.

- Eu só preciso me aquecer. Não é nada sério. – Peter murmurou, sem olhar em meus olhos, mas tentando passar uma confiança falsa que nem ele mesmo acreditava. – Minha imunidade deve estar baixa por que não estou acostumado com a maresia, por isso, queria que você tomasse logo banho, para não ficar ... assim como eu. – Ele se aproximou alguns passos, mas não o bastante para ficarmos próximos. – Não se preocupe, é só uma baixa de imunidade, só devo estar em estado febril, não se preocupe. Eu estou bem.

Eu estou bem , ele disse.
Uma sensação estranha preencheu o meu estômago, puxei o ar com força como se tivesse alguma dificuldade de respirar; um frio que eu já não sentia há muito tempo, para ser mais especifica, desde aquele dia em que meu pai dissera ao telefone que estava *bem* e que em breve me veria, sendo que uma semana mais tarde, as coisas não foram como ele planejava.

Não entendi o porque dessa sensação agora e não gostei nada dela.
Eu a via como um presságio negro não tinha uma boa memória dessa sensação e tê-la

novamente me deixou em alerta e temerosa.
Por alguma razão, aquele *eu estou bem* de Peter soou muito familiar com as palavras e sentimentos que tive ao ouvir meu pai dizer o mesmo, de uma cama de hospital, entubado e desiludido de sobrevivência, e do mesmo modo que naquela vez, eu não conseguia acreditar em Peter, mesmo querendo crer em seu significado e não naquela sensação ruim. Respirei profundamente negando tais pensamentos.

Abri meus lábios para responder a sua afirmação, mas ouvi uma batida na porta principal, me virei olhando na direção da sala, me lembrando que deveria ser Lucas, quando voltei a olhar para Peter, que continuava a me observar com aquela confiança falsa que me desagradava, ele indicou com a cabeça na direção da entrada com um sorriso leve. Concordei com a situação indo em direção da entrada.
Ele tinha razão em relação à maresia e ele havia ficado tempo demais molhado, nem ao menos uma toalha ou um cobertor dei a ele para pelo menos se aquecer, eu sou péssima em quesitos de sobrevivência percebi isso agora, mas não podia negar que aquela sensação me incomodará e eu não esqueceria dela fácil.

- Uma camisa e uma calça de moletom que eu acredito que venham a ser úteis. – Lucas murmurou, assim que entrou no quarto me entregando uma sacola plástica contendo as roupas mencionadas, logo seus olhos foram em direção da porta de meu quarto e suspeitei que Peter houvesse adentrado o ambiente. Lucas ergueu ambas as sobrancelhas com uma expressão gentil – Ah, olá. Você deve ser o Peter.

- Sim, Peter Hartley, prazer. – Peter respondeu, parando ao meu lado com um sorriso educado em seus lábios, apertando a mão de Lucas. - Nós nos vimos hoje mais cedo ... Lucas, certo?

- Sim, Lucas Connor. Um detalhe, eu tenho um irmão gêmeo, Thomas, então não pense mal de mim e nem se assuste se você ver um cara igual a mim, sendo que cabeludo, com roupas de surfista e dando em cima de todas as garotas em um raio de vinte metros. E quando eu digo todas, são todas mesmo.

- Tudo bem, tentarei me lembrar disso. – Peter respondeu olhando de mim a Lucas com estranheza.

- Aqui estão as roupas que o Lucas trouxe para você. – Entreguei a ele a sacola, o mesmo sem olhar o conteúdo sorriu agradecido para Lucas que o observava.

- Muito obrigado por essa gentileza. Garanto que amanhã mesmo elas retornarão para você, lavadas e intactas da maneira que você me emprestou. – Peter respondeu grato e em seguida me olhou voltando a sua expressão de confiança falsa. – Teria algum problema se eu deixasse vocês a sós?

- Não, tudo bem. Pode ir. – Respondi, sorrindo de lado. Peter me observou e em seguida fez um gesto formal com a cabeça na direção de Lucas e por fim, se retirou do ambiente, indo à direção de meu quarto e fechando a porta do mesmo, voltei a olhar para Lucas e o mesmo me observava com um sorriso bobo nos lábios. – O que foi?

- O que aconteceu na piscina, Kate? – Lucas questionou mantendo aquele sorriso. – Me omita os detalhes sórdidos, contudo mate a minha curiosidade.

- Nada que seja da sua conta. – Murmurei com medo de Peter nos escutar. Me direcionei até o sofá, me sentando no mesmo em cima de minhas pernas cruzadas, ao meu lado Lucas se sentou ainda me observando com curiosidade, sabia que ele voltaria àquela questão em outro momento, então ... – Tudo bem, a gente teve uma "situação" na piscina ... Nada de sórdido, apenas uma "situação".

- Por "situação" devo entender como "amassos e seus derivados". Às vezes me esqueço que você é melhor amiga de Rachel Ray e que por de trás de toda essa inocência angelical existe uma diabinha dentro de você, muito bem escondida, mas que ela está ai, está. – Lucas respondeu com uma expressão de deboche, dei um leve tapa em seu braço e o mesmo riu, sem vontade, o que me fez lembrar os últimos acontecimentos que não envolviam Peter, e sim Joana, meu sorriso se desmanchou rapidamente, tomando no lugar uma expressão de arrependimento.

- Eu não queria que isso acontecesse dessa forma. – Murmurei, enrugando o cenho.
- Nós ainda estamos falando de Peter ou ...? – Lucas questionou com uma expressão confusa.

- Jo, Lucas. – Pausei buscando mentalmente uma forma de questionar as minhas dúvidas. Como ela está? – Questionei, passando uma das mãos em meus cabelos, o observando.
- Devastada. É a melhor palavra que descreve Joana nesse momento. – Lucas respondeu com uma expressão pensativa. – Ela pouco está falando, mas quando resolve falar ... Vamos dizer que eu nunca ouvi Joana ou qualquer outra pessoa do meu círculo pessoal dizendo tantos palavrões e insultos em questão de minutos com tanto fervor, como presenciei hoje.

- Ela tem todo o direito de me odiar.

- Não, não tem. – Lucas murmurou, me observando com compaixão o que me surpreendeu.
– Eu falei isso para ela. Que ela tinha todo o direito de ter raiva de sua atitude, mas que ela devia ouvi-lá, pelo menos para ter em mente a sua versão da situação e não o que ela supõe.

- E o que ela disse? – Questionei de imediato, esperançosa por uma luz ao fim do túnel.

- Um palavrão que você costuma falar muito, principalmente quando tropeça em objetos sólidos. – Lucas murmurou e de imediato me veio o palavrão de letra "F" em mente. – Olha, momentos difíceis virão, mas eu sei que ela vai repensar e se arrepender das coisas que disse no momento da raiva, ela vai te ouvir, Kate.

Tentei não me concentrar nas palavras de Lucas.
Eram doces e sinceras, por isso doeriam muito em mim se tudo que ele disse não acontecesse e eu temia que essa fosse a grande realidade do futuro existente da minha amizade com Joana.

- Porque você contou para ela? – Direcionei a conversa para outro caminho que também me angustiava muito.
- Eu sabia que você ia questionar isso. – Lucas respondeu, escondendo um sorriso triste.
- Na realidade, a pergunta certa é: Como você conseguiu contar isso a ela?

- Amor, Kate.

- Eu a amo também e não tive essa coragem. – Olhei para Lucas atenta a cada emoção que transbordava em sua face, um sorriso cresceu no canto de seus lábios e podia jurar que um brilho surgiu em seus olhos.

- O seu amor por ela é completamente diferente do meu amor, Kate. Você a ama como uma amiga, alguém por quem você faria tudo e mais o impossível para vê-la e fazê-la feliz, contudo do outro lado da situação estava Rachel e ela não é sua amiga, Kate. Ela é como a irmã que você nunca teve; eu diria assim: você a escolheu para ser sua irmã. Você pode amar Joana, mas você ama Rachel muito mais, mesmo que não note ou meça, é um amor incontestável para você mesma. Você jamais conseguiria e conseguirá trair Rachel, mesmo que seja por outro alguém com importância igual a ela ou maior até, Rachel sempre vai vir à frente, mesmo sem você notar e foi o que aconteceu nessa situação. – Lucas respondeu, suas palavras quase tão iguais as de Peter, sendo que a sua experiência e conhecimento perante a mim, Joana e Rachel mostrava uma confiança e sinceridade muito mais palpável.
– Steve nessa situação ficou completamente só, tanto por mim quanto por você, os garotos o apóiam, mas ninguém se arriscaria por ele nessa situação como me arrisquei por Joana.

“Ainda mais porque, no fundo, todos os amigos dele querem que Rachel fique sozinha, assim eles podem tentar consolá-la e terem a chance de serem o garoto para ela, pelo menos, por uma noite. Inconscientemente, Kate, escolhemos os nossos lados. Você escolheu a sua melhor amiga e eu escolhi o meu grande amor. Foi por isso que eu consegui contar a ela toda a verdade. Por mais que Steve seja um dos meus melhores amigos, eu não apoio a atitude dele em relação a Rachel e Joana, e por mais que eu estivesse me forçando a guardar esse segredo e não me meter nessa situação, foi demais para mim. Foi como uma bomba, sem detonação planejada e o devastamento que Joana ficou ao ver a foto de Steve e Rachel se beijando foi a ativação dessa bomba e o pior, era que ela não tinha nem ideia que era a amiga que estava beijando o namorado. – Ele pausou com uma expressão pensativa, como se tivesse recordando o momento em que vivera o fato que ia descrever. - Você sabe qual foi a primeira coisa que ela disse ao ver a foto? – Balancei a cabeça

negativamente, atenta a cada palavra sincera dita por Lucas. - “Eu preciso falar com as garotas, me ajude a encontrar Kate e Rachel”. Depois disso, não tinha como esconder absolutamente mais nada. Eu a amo demais para vê-la sofrer e agora eu vou fazer de tudo para vê-la feliz novamente.“

Nos calamos, me virei para frente, com as pernas dobradas de uma forma que eu pudesse abraçá-las, fiquei a observar com atenção o móvel de mogno que estava a minha frente, ele que suportava um *micro system*, uma televisão de tela plana e um aparelho de dvd e ainda espalhados por suas prateleiras havia alguns objetos de decoração, meus olhos caíram na direção de um quadro exposto em um determinado ponto não muito estratégico ao meu olhar estético, era a primeira vez que prestava atenção a ele; era uma pintura de uma rosa depositada em um espaço vazio com fundo negro, se despedaçando lentamente.

Na minha visão, aquela rosa era um coração, que pertencia a Joana e naquele exato momento despedaçava daquela forma, de uma maneira lenta e dolorosa e ninguém poderia medir ou sentir o mesmo que ela.
Era único e cruel.
Uma decepção amorosa ...
Talvez a sua primeira ou não, mas definitivamente, inesquecível.

Não sabia quanto tempo havia passado, mas senti os lábios de Lucas encostarem em minha bochecha em um breve beijo de despedida, sorri levemente e retribui o carinho com um fraco *boa noite*.
Olhei em direção do meu quarto, mas me lembrei que Peter estava tomando banho, então achei melhor me manter na sala e dar a ele privacidade. Me afundei mais no sofá, com os meus braços em volta de minhas pernas enquanto evitava ficar imersa em meus pensamentos, tentava pensar em qualquer coisa, menos no drama Joana, Rachel e Steve. Tem momentos que acredito que sofro mais nas crises dos outros do que nas minhas próprias, quando vivo problemas emocionais sou tão estável e madura que é incrível como nada me afeta ou me faz surtar, mas quando algo atinge meus amigos e família, eu perco meu chão, fico tão fraca e vulnerável, mesmo que não tente demonstrar isso, mas é como se os problemas deles fossem meus.

A porta do meu quarto foi aberta o que despertou a minha atenção de imediato, Peter adentrou o ambiente, já vestido com as roupas de Lucas, que eram simples e bem diferentes do estilo que Peter mostrava ter, o mesmo parecia ter acabado de vestir a blusa, já que abaixava a mesma na direção da cintura, segurando em mãos uma toalha branca que suponha que ele deve ter pego dentro do armário de meu quarto, novamente havia sido relapsa com ele em relação aos meus modo de hospitaleira, entortei meus lábios por meu descuido, ele por sua vez largou a toalha em uma cadeira de madeira que estava ali próxima, sem cerimônias, se aproximou de mim, se sentando no lugar que antes fora ocupado por Lucas.
Respirei profundamente, sentindo a mão de Peter afagar a lateral da minha cintura, me puxando para perto de si, sem hesitar me aproximei, encostando minha cabeça em seu ombro, sentindo o delicioso cheiro do sabonete penetrado em sua pele, fechei meus olhos, enroscando as minhas pernas lateralmente de uma maneira típica de criança, era algo que eu costumava fazer quando queria me sentir protegida.

- Como você está? Foi bom conversar com o Lucas? – Peter quebrou o silêncio falando em seu tom habitual de voz, calmo, forte e tranqüilo.

- Eu não quero falar sobre isso. – Respondi, me aconchegando mais em seu ombro, sentindo seu braço me envolver mais. – Nem quero pensar sobre. É egoísta da minha parte pensar assim?

- Não, não é. Você é quem sabe, mas quando estiver pronta para falar sobre, é só me procurar, tudo bem? Estarei aqui. – Ele respondeu de forma carinhosa, de maneira cansada e sonolenta concordei, fechando os meus olhos, sentindo um sono que não sabia que estava presente em mim e não querendo sentir isso, mas de certa maneira já imersa ao cansaço. – Vem, vou te colocar na cama.

- Não, não ... Aqui está tão bom. – Murmurei, ainda mantendo meus olhos fechados, sentindo meus lábios fazerem um biquinho enquanto meus braços afundavam mais no corpo de Peter.

-Se aqui está bom, a sua cama estará melhor ainda. Garanto! Então, topa ir? – Olhei para Peter fazendo uma expressão bem feia, mas vencida pelo seu desejo, deitar na

cama seria algo bem atraente para o momento.

- Ok. – Respondi, vencida por ele e pelo meu cansaço.

Me mexi para levantar, mas Peter fora mais rápido entrelaçando seus braços em volta de meu corpo e me carregando em seu colo com grande facilidade, como se fossemos recém casados, não me incomodei nem um pouco por isso, pelo contrário, achei divertido, sempre quis ser carregada assim; me sentindo segura repousei minha cabeça em seu peito, podia sentir que a sua temperatura estava normalizada agora, mas não comentei nada sobre, ele tinha razão, só fora uma queda breve de imunidade, fiquei a observá-lo impressionada pela sua forma carinhosa de me tratar.
- Você sabe que posso ir andando até a minha cama, não é? – Questionei, sentindo ele se locomover na direção do meu quarto. – Eu sou um pouco estabanada, mas ...

- Um *pouco* estabanada? É apelido, certo? – Ele murmurou, abafando uma risada enquanto eu o olhava fazendo uma expressão seria. - Sim, eu sei que você pode andar sozinha até sua cama, mas é muito mais divertido assim, você não acha? – Ele murmurou, sorrindo de forma maliciosa.

- Definitivamente, desde que você não bata a minha cabeça na porta ou algo desse tipo, eu fico grata. – Respondi sorrindo levemente, Peter deu uma gargalhada sonora se divertindo com o meu comentário, cuidadosamente ele passou pela entrada do quarto mostrando atenção ao meu comentário, mas sem deixar de esboçar aquele divertido sorriso em seus lábios enquanto o nervosismo tomava conta de mim, nunca estive em uma situação como aquela por isso não conseguia parar de falar. – Ah, e seria uma boa ideia se você não me soltasse quando chegasse à cama, estou bem cômoda aqui entre seus braços e seu peitoral, poderia dizer definido, mas não quero soar tarada... É melhor eu me calar!

Ele me colocou sentada em cima da cama, ainda sorrindo e se afastou alguns passos de mim como se quisesse me dar uma espécie de privacidade, enquanto eu me preparava para dormir, como afastando o edredom e entrando embaixo do mesmo, afofando meu travesseiro nesse meio tempo, Peter se aproximou da cabeceira de minha cama, pegando a cópia do livro que eu lia naqueles últimos dias *Antonio e*

Cleópatra de William Shakespeare, ele observou a cópia, puída pelo tempo e amarelada pelo mesmo e em seguida me olhou, já me encontrando deitada embaixo do edredom e aconchegada o bastante para dormir por longas horas, pelo menos, essa era a minha pretensão.

- Boa opção de leitura. Vai querer ler agora? – Ele indicou o livro em minha direção.
- Não. Estou com preguiça. – Só em mencionar a última palavra bocejei repousando uma de minhas mãos nos lábios, sorrindo levemente por ter dado provas de minha sonolência a ele.

- Posso ver. Então ... – Peter murmurou, após repousar o livro no lugar onde estava, ele voltou a me olhar com aquela sua expressão pensativa que me causava certo nervosismo porque eu nunca sabia ao certo o que ele estava a pensar, será que era sobre mim? Será que era algo que ele queria me dizer? O que se passava por sua mente? Uma incógnita na minha. Seus olhos presos nos meus no mínimo eram perigosos, diversas coisas passavam em minha mente, mas nenhuma de fato foi o que ele fez. – Boa noite. – Ele disse por fim, se afastando do ambiente, indo em direção da sala o que me deixou completamente sem reação.

- A-aonde você está indo? – Questionei, tentando esconder o tom de surpresa em minha voz.

- Para a sala. Ou você espera que eu durma em pé ou que fique a observando dormir num jeito psicótico e perturbador? – Ele respondeu com sarcasmo erguendo uma sobrancelha. – Eu não vou fazer isso.
- Argh! Você não precisa ser estupidamente britânico. – Murmurei, me aconchegando na cama me sentindo um pouco ofendida com o seu comentário.

- Me perdoe por isso então. – Ele voltou a responder escondendo aquele sorriso em seus lábios, o que dizia ”vou te beijar, mas antes vou provocá-la ao extremo.”

- Tanto faz. – Dei de ombro, o observando com superioridade. - Na realidade, você pode dormir onde quiser isso não me importa de fato até mesmo pode ir embora se preferir. Não me incomodo.

- Eu não conhecia esse seu lado defensivo, Kate. Interessante. – Tudo que saia por seus lábios, realmente soavam com interesse e por mais que eu estivesse completamente abismada com o seu dom de me envolver eu estava gostando de agir na defensiva com ele, ele reagia bem a esse meu lado. – Mas fique avisada, que esse ar de garota mimada contrariada não combina com você de jeito algum e mesmo você agindo como se estivesse irritada comigo, não vou a lugar nenhum. – Ele disse, por fim em um sussurro - Nunca mais.

- Você pensa que me conhece, mas não tem nem um porcento de ideia da encrenca em que está se metendo.
- Na realidade, é você quem está se metendo em uma encrenca, Katerina e das grandes. – Peter murmurou de forma misteriosa.

- Não se preocupe comigo, eu tenho a tendência a me sabotar e a causar danos a mim mesma como certo britânico pomposo e cheio de cavalheirismo disse, sabe? – Murmurei com sarcasmo, o olhando de modo desafiante.

- Quem disse que estou preocupado com você? Estou preocupado com os danos que você pode causar a mim.
- Garanto que serão irreparáveis. – Falei com um sorriso malicioso.
- Espero que sim, assim serão memoráveis. – Peter respondeu com um olhar indescritível.
- Você é louco. – Murmurei, o observando de maneira descrente.

- Não, eu sou apaixonado. É crime? – Peter questionou com um ar satisfeito em seu porte. Ele havia me desconcertado com a palavra *apaixonado* descobrindo assim um dos meus pontos fracos e ele parecia muito satisfeito por isso.

O que ele quis dizer com isso?
Ele estava *apaixonado* por mim?

- Boa noite, Peter. – Murmurei por fim, me deitando por completo na cama, me virei para o canto oposto da porta e me cobri, fechando os olhos. Fiquei a esperar o som da porta sendo fechada, mas nada aconteceu. De fato comecei a ficar um pouco cismada com a demora de Peter para se retirar do ambiente, até considerei

perturbador a ideia de ele ficar a me observar, mas logo senti seus lábios tocarem a minha testa em um suave beijo, o que me surpreendeu.

- Boa noite, Katerina.
- Para de me chamar de Katerina! – Respondi em um muxoxo.
- Eu gosto. – Ouvi a voz de Peter responder a certa distância.
- Mas eu não ...

- Pois é, não se pôde ter tudo o que se quer. – Em seguida, o som da porta se fechando tomou conta do ambiente. Abri meus olhos e me virei na direção da mesma vendo que estava sozinha no quarto, a porta do ambiente fechado tendo apenas como iluminação a luz do abajur em minha cabeceira, mordi meus lábios tentando ouvir qualquer som que poderia indicar o que Peter estava a fazer no outro ambiente ou se até mesmo ele tivesse me obedecido e decidido ir embora. Meus pensamentos não pararam ai, me recordei que no quarto não havia mais lençois e edredons, apenas nos quartos de Joana e Rachel e eu não peguei nenhum deles para Peter poder se aquecer a noite, muito menos travesseiros e por mais macio que o sofá fosse, não era uma cama, fiquei a observar a minha vendo que havia espaço suficiente para três pessoas dormirem, por mais insano que a ideia podia parecer, ao mesmo tempo, soava como a melhor alternativa naquela situação.

Minutos talvez tivessem passado, mas não podia controlar os meus pensamentos de péssima hospitaleira, me sentei na cama deixando o edredom cair em meu colo, pensei em chamá-lo, mas não achei prudente para a situação, então me levantei e com passos leves cheguei até a porta, encostei o meu ouvido na mesma, mas nada ouvi. Amaldiçoei por aquela porta ser tão boa a ponto de neutralizar por completo qualquer som emitido do outro lado, abri a porta de uma vez só e deparei com Peter, digitando algo em seu celular de maneira concentrada, deitado no sofá de uma forma que eu não diria ser confortável, já que seus pés estavam atravessados para o outro lado em um dos braços do móvel mostrando que conseguia ser maior que ele, seus braços mal podiam se mover no pouco espaço que tinha e sua cabeça estava tendo como conforto o outro braço e podia ter certeza que aquilo era duro e nada confortável, assim que adentrei a sala, ele me observou curioso e logo se pôs de pé.

- Algum problema, Kate? – Ele questionou me observando com o cenho levemente enrugado.
- Não ... – Murmurei, entortando os lábios em seguida. – Talvez. Quer dizer, ...
- Decida-se.

- E que, eu te convidei para ficar aqui e estou sendo completamente relapsa a sua presença. Não te ofereci toalhas, cobertores ou travesseiros, eu devo ser a pior hospitaleira do século. E ... Sinceramente, não acho justo você dormir no sofá. Por isso eu me levantei para chamar você para dormir lá no quarto ... comigo. – Concluí, tentando não acreditar que aquilo soava tão estranho já que na minha mente não soava.

- Eu não acho certo dormir lá. – Peter murmurou tranquilamente como se já tivesse pensado na possibilidade de eu falar aquilo. - Por isso prefiro ficar na sala, acho mais adequado a ocasião.

- Você não quer dormir comigo? – Questionei tentando não pensar com malícia aquela frase, repousando as minhas duas mãos na cintura tentando impedir aquela frustração de retornar, mas transparecendo certa ferocidade graças a minha pose. Qualquer garoto toparia antes que eu terminasse a pergunta, mas Peter era diferente, é claro.

- Porque você sempre leva tudo para o lado pessoal? – Ele questionou, escondendo um sorriso no canto dos lábios, ele sabia como me irritar.

- Oras, porque eu durmo naquele quarto sozinha, por isso na minha mente a única razão para você não querer dormir lá é por causa de mim. Existe outra razão que você queira dividir comigo? – Questionei impaciente com a total segurança que Peter transparecia.

- Defina dormir. – Peter questionou com certa malícia e entendi aonde ele queria chegar.
- Tanto faz a definição de dormir, você iria acabar dormindo na mesma cama que eu. – Murmurei, cruzando os braços com uma sobrancelha levemente erguida.

- Mas a sua pergunta é direcionado ao fato de eu dormir ou de algo mais? – Peter questionou, se aproximando de mim em alguns passos, relaxado e tranqüilo enquanto eu transparecia nervosismo, me afastando levemente com a sua aproximação, sem mover os pés – Dependendo de qual opção for, isso pode mudar a minha resposta.

- Positivamente? – Questionei, passando uma das minhas mãos em meus cabelos.
- Depende. – Peter murmurou me observando atentamente.

- Ok, você quer dormir comigo, no sentido de encostar a cabeça no travesseiro e realmente dormir? – Questionei irritada, mas pelo visto Peter estava se divertindo com isso, ele deixava um sorriso à mostra no canto dos seus lábios.

- Continuo achando inadequado esse seu pedido.
- Tudo bem, Peter. - Questionei erguendo uma sobrancelha. - Você quer fazer sexo comigo?

- Não ... Agora.Você quebrou todo o clima para tal coisa. – Peter murmurou com um tom sério de voz, escondendo o deboche, ele sorriu com todos os dentes ao notar a minha expressão de choque.

- Ah ... tudo bem. É o bastante para mim. Eu estou cansada, com sono e queria apenas ser uma pessoa boa, talvez reservar um lugar no céu por essa ação, mas já notei que gentileza gera violência e nesse momento estou com uma súbita vontade de esganar você ... – Murmurei, omitindo o fato da minha vontade de querer beijá-lo também, me virei logo em seguida indo em direção ao meu quarto e murmurei sem olhá-lo. - Boa noite Peter, espero que você tenha ótimos sonhos naquele sofá duro e desconfortável e não se esqueça, o convite ainda está de pé.

- Mesmo querendo me esganar? – Peter questionou.
- Acontece nas melhores famílias. – O olhei, notando a malícia brotar em seus lábios. – Boa noite.
- Obrigado pelo convite. Espero que você tenha ótimos sonhos, Kate. – Ele falou com total sinceridade.

Adentrei meu quarto e fechei a porta.

Me sentindo um pouco idiota pela situação ocorrida, arrastei me na direção da cama me enfiando embaixo do edredom, estiquei meu braço na direção do abajur apagando o mesmo,o quarto foi tomado por aquela escuridão súbita, não podia distinguir nada a minha frente e o cansaço voltou a tomar conta de mim, fechei meus olhos tentando me concentrar em nada mais, muito menos em meus pensamentos que eram tão enlouquecedores quanto o barulho do *tic* e *tac* do relógio que estava dependurado na sala.

Eu estava na frente de Rachel e Joana, as duas discutiam e brigavam uma com a outra de forma violenta, haviam diversas pessoas espalhadas pelo convés, mas nenhuma delas pareciam se importar com o que estava ocorrendo ali, pelo contrário, elas riam e conversavam sem nem ao menos olhar em nossa direção.
Meus olhos voltaram na direção de Joana e Rachel que continuavam a brigar, tentei separar, mas foi em vão, na realidade, pior, elas se viraram contra mim, me insultando, humilhando, meus olhos se encherem de lágrimas de imediato, eu tentava me afastar delas dando alguns passos para atrás, de repente senti minhas costas encostarem na borda de algo, parei de supetão, voltando a olhá-las, ambas que continuavam a me xingar e discutir, agora jogando todas as suas palavras e agressividades em minha direção, enquanto de maneira desesperada eu pedia que elas parassem e que me ouvissem, que eu precisava delas, mas elas não se importavam.
Me odiavam.
De repente senti as mãos delas me empurrarem com toda força possível, meus pés tropeçaram na borda e foi quando notei que estava encostada na borda do navio, meu grito tomou conta de todo o ambiente enquanto o meu corpo despencava do vácuo indo em direção do mar que me esperava ansioso.

Abri meus olhos assustada, notando que minhas pernas estavam encolhidas na cama, meus olhos estavam lacrimejantes, e o meu coração tão acelerado que chegava a doer, eu não costumava ter sonhos tão reais como esse havia sido. Me sentei na cama, olhando ao arredor sentindo toda aquela escuridão me tomar como se fosse uma amiga, mas no fundo, era uma das minhas piores inimigas. Sem hesitar me pus de pé, sem ao menos procurar saber que horas eram, fui em direção da sala, eu sabia que só ali me sentiria bem estando ao lado dele.
Ela que estava imersa na mesma penumbra que o meu quarto, com uma pequena

diferença, já que um abajur próximo ao sofá estava ligado, iluminando de maneira fraca o ambiente, olhei o relógio na parede, o seu *tic* e *tac* infernal continuava a tocar mostrando em seus ponteiros que já eram altas horas da madrugada, com movimentos lentos peguei o relógio da parede tirando suas pilhas e as largando dentro de um cesto de madeira que estava ali na estante, voltei a colocar o relógio em seu lugar, ele apenas ficaria mostrando a mesma hora até o fim da viagem e isso não era um problema para mim. Me virei na direção do sofá, vendo o exato momento que Peter se moveu mais para o canto, incomodado talvez com a movimentação repentina na sala.
Sem fazer grandes movimentos me deitei ao seu lado, repousando meus braços em volta de seu corpo e ficando próxima a si, Peter se moveu surpreso com o que estava a acontecer, mas não mostrei nem um pouco de propensidade de me retirar dali, afundando mais minhas mãos em suas costas e repousando meu rosto em seu peito.

- O- o que aconteceu? – Peter questionou sonolento, senti seus dedos afundarem em meus cabelos, logo fazendo um carinho suave em minha cabeça. – Está tudo bem?

- Eu tive um pesadelo ... Eu sei que parece idiota, mas ... Eu não quero me sentir sozinha. – Falei em um muxoxo, enrugando o cenho me sentindo incomodada com os meus pensamentos.

- Mas você não está, Kate. Eu estou aqui. – Peter sussurrou.
- Eu sei. Mas ... você não entende.
- Me faça entender. – Peter murmurou continuando a me acarinhar.

- Eu sempre acabo sozinha, Peter. Essa é uma terrível realidade da minha existência. Quando eu erro ou acerto, acabo por perder tudo pelo que lutei ou como conseqüência, não importando a situação. Ou porque mereço isso ou porque as pessoas acham que devem me proteger. Acham que não sou forte o bastante ... Acham que sozinha fico melhor, mas não é verdade. – Pausei, me aconchegando melhor em Peter, o mesmo que estava com uma expressão pensativa, mas não demorou muito para o mesmo me envolver melhor em seus braços, sorri me sentindo realizada. - No fundo, eu queria dormir envolta em seus braços e não acordar sozinha, porque eu não quero sentir essa solidão porque eu sei que existe você. Não

agora, não estou pronta para ela e de algum modo, você me faz sentir tão segura, tão protegida, às vezes eu gosto de fingir que você é irreal, porque se não, eu vou me gabar muito por ter encontrado alguém como você. Eu queria fazer pelo menos metade do que você tem feito por mim. Eu que deveria fazer algo para merecê-lo e não o oposto. – Respondi em um muxoxo, sentindo meus olhos se enchendo de lágrimas. – Será que consigo?

- Já conseguiu, Kate. – Peter respondeu, repousando sua mão embaixo de meu queixo, em seguida ele ergueu meu rosto me fazendo olhar para seus olhos sua expressão pensativa me deixou surpresa, não sabia que as minhas palavras haviam chamado a sua atenção tanto assim, parecia até que seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas não ... Porque estariam?
– Você não tem ideia das dádivas que já fez por mim.

Seus olhos me observavam com intensa atenção e logo, seus lábios tocaram nos meus em um suave beijo, por fim, ao nos afastarmos, voltei a me aconchegar em seu peito sentindo seus braços em volta de mim, acarinhando-me gentilmente, enquanto serenamente me entregava ao sono nos braços de Peter.

Capítulo 13
Aprendendo a Respirar

Eu fico olhando para meu reflexo no espelho
Por que estou fazendo isso comigo mesma?
Perdendo minha cabeça em um pequeno erro
Eu estava perto de deixar meu verdadeiro eu na prateleira.

Não perca quem você é no borrão do início Ver é enganar, sonhar é acreditar
Tudo bem não estar bem
Às vezes é difícil
De seguir seu coração
Lágrimas não significam que você está perdendo Todo mundo se machuca
Basta ser verdadeiro com quem você é

Who You Are – Jessie J

Fazia muito tempo que não me sentia tão confortável como estava me sentindo naquele momento.
Dormi nunca foi meu esporte favorito, eu tinha a nítida impressão que perdia muito tempo de minha vida dormindo, mas também sabia que se não dormisse em questão de semanas viraria uma zumbi. Sempre desenvolvi uma incapacidade de dormir bem fora do conforto e segurança do meu lar, mas por incrível que parecia eu estava conseguindo ter algumas horas de sono naquele navio, mesmo que o número de pesadelos tenha aumentado em grande proporção, talvez fossem um sinal de saudades de casa.

As mãos de Peter em volta de meu corpo me tateavam suavemente deixando um rastro quente e agradável em minha pele, podia sentir o leve arrepio que começava a surgir nos pêlos de meus braços como se eu fosse uma espécie de gata com extrema atenção de qualquer movimento daquele que estava ao meu lado. Sorri levemente sentindo o carinho que o mesmo fazia em minha barriga não cessar, senti seu corpo se afastar um pouco do meu, mas o carinho continuava de maneira suave e carinhosa, me mexi no sofá sentindo que o mesmo estava espaçoso e macio demais, mesmo eu estando encolhida próxima a Peter eu sabia que dimencionalmente o sofá não cabia nós dois.
Abri os meus olhos, averiguando não estar mais na sala, e sim em meu quarto, deitada em minha cama, coberta com o edredom e dividindo o mesmo travesseiro que Peter, suspeitei. Me virei lentamente, evitando gestos pesados e precipitados, não queria despertá-lo, não tinha ideia de que horas eram e nem de há quanto tempo

estávamos ali, mas todo cuidado era necessário porque por experiência própria eu sabia que ser acordado de supetão era algo muito desagradável. Meus olhos foram em direção ao rosto de Peter de imediato, o mesmo estava imergido em um pesado sono, nem deveria suspeitar que eu havia despertado. Suas mãos se afrouxaram de minha cintura logo após o meu singelo movimento em sua direção, a serenidade em sua expressão lhe dava um ar angelical inegável, embalado por sonhos pacíficos, eu esperava.
Era impossível não sorrir ao observar daquela forma tão tranqüila que invejaria qualquer um, sua serenidade transparecia algo inexplicável que ao meu ver era muito visto quando crianças dormiam, mas algo distraiu a minha atenção.
Era um cheiro de cigarro intenso, olhei na direção do banheiro, o mesmo estava coberto em penumbra e com a porta encostada; o cheiro não era daquele ambiente, vinha da sala com toda certeza. Preocupada com um eminente incêndio, mesmo sabendo que eu não havia acendido um cigarro, mas que talvez Peter tivesse feito isso e se esquecido de apagar o mesmo de forma correta, me movimentei da cama para me levantar, mas algo me impediu, duas mãos que voltaram a envolver a minha cintura com precisão me puxando de volta para cama, abafei uma risada sentindo o nariz de Peter cheirar o topo da minha cabeça, logo em seguida senti seus lábios tocarem o mesmo lugar em um beijo carinhoso.

- Aonde você pensa que vai? – Ele questionou em um sussurro, sua voz em um tom mais baixo que o normal mostrando seu cansaço.
- Só vou à sala e já volto. – Respondi no mesmo tom. – Desculpe ter te acordado.

- Tudo bem, só volte logo. Você precisa descansar. – Ele murmurou, temia olhar para seu rosto e não conseguir sair daquela cama, já conhecia os efeitos que Peter tinha sobre mim, ele me dominava sem precisar de muito, mesmo assim, lutei contra esse domínio, o olhei e depositei um beijo em seus lábios constatando seu olhar sonolento em minha direção, logo sai da cama, vendo ele se virar para o lado oposto que estava antes, como se quisesse voltar a dormir.

Enquanto andava na direção da porta bati com força meu pé no banco da escrivaninha e xinguei baixinho sentindo que aquilo não aliviaria a dor, Peter logo resmungou de forma sonolenta:

- Você é um perigo para você mesma, Katerina.

- Valeu por me lembrar. – Respondi, ainda gemendo de dor, passando de forma estabanada a mão no local que provavelmente ficaria roxo pela manhã, bem em minha panturrilha direita.

Levei a minha mão a maçaneta e abri a mesma como um ato normal, mas deveria começar a me acostumar com o anormal acontecendo com freqüência. Em questão de segundos um grito assustado tomou conta do ambiente e logo em seguida algo caiu aos meus pés fazendo um estrondo assustador, abafei um grito com a mão dando alguns passos para trás, logo a luz da cabeceira da cama foi acesa e me virei vendo Peter se sentando na cama, assustado.

- O que você matou, Kate? – Ele questionou, me observando e em seguida olhando na direção onde o estrondo ocorrera, segui seu olhar e ergui ambas as sobrancelhas, sem me surpreender com quem estava ali. Era Rachel vestindo uma camisola roxa que ia até altura dos seus joelhos encoberta por um roupão branco, sua pele brilhava por causa de um creme de pepino que ela usava todas as noites, em seus cabelos uma touca de metal deixando bem claro para mim que ela estava sob tratamento capilar e em seu nariz uma tira branca famoso por todas as adolescentes sebentas como removedor de cravo, naquele instante, ela dava uma boa tragada em seu cigarro e logo jogou a fumaça no ar, me observando sem se importar com a situação.

- Olá. – Ela disse tranquilamente parecendo não se importar com o ocorrido.
- É a ... ? – Peter questionou com o cenho enrugado e zonzo de sono.

- É, é a Rachel e pode ficar tranqüilo, para o bem ou para o mal, ela está respirando. – Olhei na direção de Rachel e a mesma se mantinha deitada, me observando inexpressiva com o cigarro a maior parte do tempo em seus lábios. – Levante-se, temos que conversar.

- Não. – Ela disse suavemente e com certa pompa, um sorriso leve caindo em seus lábios. – Estou bem aqui no chão, podemos conversar daqui mesmo, eu prefiro assim.

- É impressão minha ou ela está mofando? Porque esse cheiro não está muito bom e eu tenho a certeza que vem da direção dela. Devemos chamar a defesa sanitária? – Peter questionou com um tom sarcástico em seu sotaque britânico. Rachel revirou os olhos, ignorando o comentário de Peter.

- Não, ela não está mofando, só está sendo uma diva dramática. – Com um rápido movimento puxei o removedor de cravos de seu nariz, de uma vez só, saindo nele um pouco do creme de pepino que ela estava usando, o tacando na lixeira próxima a escrivaninha, enquanto Rachel resmungava de dor. – Levanta logo daí, Peter quer dormir e eu quero conversar com você.

- Tudo bem. Jesus! – Rachel murmurou, ficando de pé sem vontade. – As pessoas não podem ter privacidade hoje em dia.
- Eu que o diga. – Respondi empurrando levemente Rachel para fora do quarto, olhei na direção de Peter sorrindo levemente. – Volte a dormir.

- Boa sorte, enfrentando seus demônios e os dela. – Ele murmurou com um sorriso surgindo no canto dos seus lábios, ergui brevemente as sobrancelhas com a sua afirmação o observando sem dizer nada mais, logo o clima foi interrompido por Rachel, o que não me surpreendia.

- Boa noite, Peter querido. Não se preocupe, cuidarei muito bem da princesa Katerina de Durham e logo ela estará de volta aos seus braços. – Rachel murmurou com um sotaque britâncio forçado um sorriso malicioso em seus lábios.

- Tem certeza que é uma boa ideia conversar com ela ... nesse estado? – Peter questionou um pouco sem graça, abri meus lábios para responder, mas Rachel fora mais rápida.

- Em que estado, Peter? Estamos em um pais livre, pelo que eu saiba não há leis que impeça de uma jovem hidratar a pele e os cabelos de madrugada e fumar um bom cigarro para aliviar o estresse. O que você tem de bonito tem de intrometido, garoto, sabia?

- Na realidade, eu estou falando do fato que você está bêbada e só para destacar, eu

acho que no momento não estamos em nenhum pais, já que estamos no meio do oceano. – Rachel o olhou sem resposta, fazendo uma careta com os lábios, Peter sorrio de forma charmosa. - É só um acréscimo ao assunto. – Rachel abriu os lábios para respondê-lo, mas agora eu fui mais rápida.

- Vai por mim, Peter, ela não está bêbada. O normal de Rachel Ray é assim e acredite, você não vai querer presenciar quando ela estiver realmente bêbada. – Rachel abriu um grande sorriso olhando na direção de Peter que a observava sem palavras, dei por encerrado o assunto, fechando a porta logo atrás de mim.

Rachel se arrastou na direção do sofá que fica ao fundo da sala, apenas um abajur estava aceso iluminando o ambiente, o que me deu uma visão do estado que a sala se encontrava. Obviamente eu não havia deixado aquele lugar daquele jeito;
A mesa de centro que antes estava repleta de revistas e controles remotos, agora estava lotada de Doritos, uma caixa de sorvete de napolitano, caixas de bombons, garrafas de 2 litros de refrigerante sabor laranja e uma solitária garrafa de champagne francês. O frigobar estava revirado e aberto, as almofadas do sofá se encontravam no chão e havia uma, em particular, que estava por sobre a televisão e eu fiquei curiosa em saber como ela parou ali. Aquele lugar era a cena de um crime para o CSI.

- Uau, que glamoroso! – Olhei na direção de Rachel que estava aninhada ao sofá, pegando na mesa sua carteira de cigarro e acendendo um novo em questão de milésimos. – Morta pelo frigobar. O CSI vai vibrar com esse caso.

Rachel me olhou seriamente, mostrando falta de interesse em meu sarcasmo, ergui as minhas sobrancelhas seguindo os passos dela até o sofá, a mesma me ofereceu o maço de cigarro e eu o neguei, não me sentia disposta a um cigarro naquela madrugada, logo, me aninhei na outra ponta do sofá dobrando minhas pernas a frente do meu corpo e abraçando meus joelhos como forma de tentar me manter aquecida. Rachel se manteve da forma que tava, sentada de maneira confortável, recostada ao sofá e fumando o cigarro como se ele fosse uma espécie de oxigênio em tubinho.

Um silêncio perturbador caiu entre nós.
O máximo que eu fazia era permitir a entrada do ar pelas minhas narinas e assim

respirar como necessidade humana e logo observava sem pudor Rachel que tragava o cigarro faminta por tabaco em seus pulmões, em menos de cinco minutos, ela fumou três e comecei a me preocupar com o estado que seus pulmões se encontrariam quando ela completasse vinte e cinco anos, mas se eu comentasse isso com ela naquele momento a mesma me xingaria, era o que ela fazia quando estava com a cabeça cheia e o coração despedaçado. Ela se calava, se concentrava em outras coisas, como por exemplo, na sua beleza. Podia ver que as unhas de suas mãos e pés estavam feitas, pintadas em um tom acobreado belíssimo, seu rosto tinha uma camada fina de creme de pepino, o nariz estava avermelhado por culpa da maneira que tirei o removedor, mas estava livre de cravos e seus cabelos sendo hidratados por algum creme de morango, já que o cheiro estava se misturando ao cheiro de cigarro que dominava a sala. Isso tudo ela fez em apenas meia hora, garanto.

Rachel era assim, trocava os sentimentos por qualquer outra coisa que não a fizesse pensar e sentir, mas por sorte, só havia uma pessoa nesse mundo inteiro que a desestabilizava a ponto de fazê-la sentir o que temia, de confrontar seus medos e demônios, como Peter dizia, e colocar isso em palavras, e essa pessoa era eu. Por isso que quando Rachel vivia momentos de crises, ela fugia de mim e até mesmo me afastava, brigando e tentando me magoar, porque essa era a única forma dela não encarar a verdade que a corroia por dentro, me evitando ela conseguia fingir que tudo estava bem, erguia a cabeça e interpretava o seu papel preferido em sua vida, ser uma garota bela e misteriosa, inatingível, inteligente e charmosa, ter sentimentos não combinava com Rachel Ray, mas eu fazia ela ter esse tipo de coisas e ela culpava os anos de amizades que tínhamos, eu era a sentimental, aquela que via o que os outros não conseguia enxergar e eu via o tão sentimental Rachel era e como ela evitava isso com um muro de gelo para o seu próprio bem.
Nos conhecíamos bem demais, essa era a realidade, uma linha invisível nos ligava de tal forma que não importasse onde estivéssemos podíamos sentir quando uma precisava da outra e naquela noite eu sentia que Rachel precisava muito de mim, de uma forma que ela talvez nunca precisara antes.

- Aonde foi que eu errei, Kate? – Rachel questionou, olhando para um ponto distante, presa em seus pensamentos. – Será que foi no momento que eu decidi que queria ser livre e curtir a vida da maneira que uma jovem deve curtir ou foi quando eu

me apaixonei por Steve? Porque eu sinto que tudo começou a desandar ai, nesse momento, onde eu o vi pela primeira vez ... Tudo que eu idealizava perdeu o sentido para mim depois que ele entrou na minha vida. *Amor é para crianças,* eu dizia. Dá uma boa olhada em mim e veja bem o que o amor me fez. – Rachel murmurou, apagando o cigarro em um cinzeiro com uma expressão seria em sua face enquanto eu a observava atentamente. - E agora, depois de tudo isso que eu e ele vivemos ... Olha onde estamos. Joana nos odeia, Steve me decepcionou seriamente e eu me sinto horrível.

- Eu também me sinto horrível. – Falei sinceramente.

- Mas a culpa não é sua, Kate. Se você está metida nessa situação é por eu ter contado a você sobre isso tudo, porque nem o Steve queria te contar, ele queria te manter fora dessa situação e ele tinha razão. Se eu tivesse guardado isso para mim nesse momento você estaria sabendo sobre isso da mesma forma que Joana e Alex ficaram a saber, por causa de uma foto enviada por aquela vadia da Britanny. – Rachel respirou profundamente com uma expressão frustrada. – Joana é perfeita, Kate. Incrível e irritantemente perfeita. Não só como pessoa, mas fisicamente falando, a garota é linda, inteligente, vulnerável, engraçada, uma amiga excepcional e agora onde eu deveria estar me condenando pelos meus atos, eu estou condenando ela por ser incrível. Eu a odeio por isso! – Foi nesse instante que as primeiras lágrimas surgiram em seus olhos, de imediato me aproximei dela, repousando meu braço em volta de seu corpo em uma forma carinhosa de lidar com aquela situação. Porque eu me meti nisso, Kate? Joana é minha melhor amiga e ... quer dizer, *era* minha melhor amiga, agora a última coisa que ela quer é me ver. Eu sei que é deplorável confessar isso, mas eu desejava que ela descobrisse tudo, porque uma parte ingênua de mim, que eu desconhecia a sua existência, acreditava que seria mais fácil assim. O caminho que me levaria direto até Steve sem precisarmos nos esconder e temer que alguém descobrisse antes, mas depois de hoje, da forma que isso tudo aconteceu ... Não só estou arrependidíssima de ter um dia desejado isso, como estou chegando a conclusão que eu fiz isso tudo para ficar com um garoto. Fui contra tudo que é visto como certo por mim. Trai uma das minhas melhores amigas, me trai para poder ficar com ele e sabe o que Steve fez por mim, Kate? Nada.

“Absolutamente nada. Só foi ele vê-la chorando que o idiota saiu correndo atrás dela, me deixou sozinha no meio do salão, com todo mundo me julgando e pela primeira vez em toda a minha vida, eu me importei com aqueles olhares acusadores, com os sussurros fofoqueiros e viborosos e com a solidão que nunca me consumira com tanta agilidade antes. Eu fiz tudo que não devia para ele ficar comigo e eu faria tudo denovo, e muito mais só para que ele gostasse de mim, só de mim, mas como Jagger diz “*Você não pode ter tudo que quer*”, não é? “

Rachel se afundou mais no sofá, dobrando as pernas acima do móvel, limpando com uma das mãos as lágrimas que desciam por seus profundos olhos escurecidos pela tristeza e solidão. Acariciei o seu rosto com uma expressão serena, não havia nada que eu pudesse falar que a faria sentir bem consigo mesma ou com aquela situação naquele momento, contudo eu podia abrir os olhos dela para uma verdade encoberta por desejos maiores que estavam apoderados em seu ser e no momento que Rachel descobrisse a verdade que já habita em si, ela saberia o caminho que tem que seguir em direção a seu futuro.

- Rachel, você realmente o ama ou só é questão de vencer? – Questionei a olhando atentamente, na mesma não me olhou, ficou a pensar, a pergunta estava fazendo sentido a sua mente naquele momento. Eu a conhecia bem demais para saber que por trás de toda a maquiagem e personalidade forte existia uma jovem sentimental e romântica, contudo existia também uma jovem competitiva que não aceitava perder o que desejava. Rachel sempre foi acostumada a ter tudo que queria, desde bonecas até os garotos mais cobiçados do bairro e colégio; era a primeira vez que ela perdia algo que queria.

Deveria ser algo bem frustrante.

- No inicio, era uma questão de ganhá-lo. Ele sempre foi meu, desde o inicio ele me desejava da mesma forma que eu, era o caminho certo ficarmos juntos, mas então surgiu Joana e os caminhos mudaram, mas agora não é mais questão de vencer porque eu o quero, e sim por que eu o amo e eu descobri isso tarde demais, Kate. – Rachel respondeu entortando os lábios, enrugando o cenho para não chorar. – É horrível amar assim, Kate. Ele não é meu e nem nunca vai ser.

- Ele sabe que você o ama? – Questionei, repousando minha mão por sobre a sua, acariciando a mesma com leveza.

- Não, claro que não. – Ela respondeu com uma risada debochada, ela me olhou de imediato entendendo aonde eu queria chegar. – Nem morta que eu vou fazer isso. Ele não merece tais palavras saídas dos meus lábios.

- Então, você não o ama.

- É claro que eu o amo. – Ela respondeu me olhando em choque. – É só uma questão de orgulho. Como vou dizer a ele que o amo depois de tudo que ocorreu hoje? Da maneira rude que ele me largou para ir atrás dela, como se eu fosse a Medusa da situação, como se eu tivesse seduzido o nessa teia de traição e amor? Ele jamais ouvirá dos meus lábios tais palavras.

- O que eu estou tentando dizer é que quando você ama, independente do orgulho ou da situação que o casal esteja envolvido, dizer isso não é difícil, só é difícil declarar o amor por alguém quando há dúvida, incertezas, problemas com si mesma, depende muito ... Mas se você o ama realmente, independente do ocorrido hoje, vá lutar por ele. Você não tem mais nada a perder. Se você não fizer isso, você vai se arrepender um dia, por isso não pense no seu orgulho, mas pense no seu coração, no que você realmente sente por Steve e lute por ele. Só assim, se declarando e recebendo uma resposta honesta, você vai poder seguir em frente.

Me calei, me encostando no sofá, sentindo o cansaço de uma noite mal dormida tomar conta de meus músculos e articulações, continuava acarinhar a mão de Rachel enquanto a mesma se mantinha ao meu lado, alguns momentos com a cabeça em meu ombro e em outros momentos recostava a cabeça no sofá, presa em seus pensamentos. Havia se passado vários minutos quando Rachel decidirá ir dormir, de maneira sarcástica disse que precisava tirar o creme do rosto e dos cabelos ou acabaria mofando como Peter havia dito, nada disse, apenas sorri e depositei um beijo em sua bochecha, ficando com um gosto engraçado de pepino nos lábios enquanto observava ela entrar em seu quarto, logo fechando a porta atrás de si.
Em questões de segundos me surpreendi com a porta do meu quarto sendo aberta e

um Peter sonolento sair do ambiente, vindo em minha direção lentamente e com um sorriso sereno em seus lábios. Abri um sorriso leve o observando enquanto o mesmo se sentou de maneira confortável ao meu lado, repousando sua mão em volta de minha cintura e logo me trazendo para perto de seu corpo, acabei por depositar minha cabeça em seu peito e o mesmo repousou sua mão em minha cabeça, acarinhando gentilmente.

- Você ouviu a conversa? – Murmurei em um sussurro que podia garantir que só ele poderia ouvir.

- Sim, me perdoe, não consegui voltar a dormir porque fiquei preocupado que as coisas acabassem desandando entre vocês duas, mas me arrependi cruelmente do meu ato quando vi que vocês se entendem de uma forma quase que cósmica. Me sinto um garoto muito, muito intrometido, como Rachel descreverá. – Peter respondeu no mesmo tom que eu, abafei uma risada, me aninhando mais em seu corpo, o mesmo fungou o nariz e entortei os meus lábios com seu ato, ele estava ficando gripado e de certa forma, era minha culpa.

- Meu garoto intrometido, se permitir. – Murmurei em um sussurro repousando minha mão em seu braço e passando as pontas de meus dedos em sua pele de uma maneira suave e delicada.

- Permissão concedida. – Peter respondeu com um tom de voz satisfeito. – Vai tudo ficar bem, Kate. Eu prometo.

- Não prometa aquilo que você não pode cumprir. – Murmurei, olhando na direção de seus olhos, podia jurar que seus olhos tão vivos e penetrantes podiam compreender que eu já havia estado numa situação semelhante em relação a promessas e que eu havia saído perdendo. Cruelmente, como sempre.

- É claro que eu posso cumprir. Posso não conseguir fazer com que as coisas sejam como antes, mas posso fazer com que elas sejam melhores. – Peter murmurou, descendo sua mão por meu rosto, deixando um traço quente e carinhoso em minha pele enquanto nossos olhos estavam conectados como um só. – Parece que a sua viagem utópica está destruída, Kate, mas eu vou fazer que você tenha os melhores

dias da sua vida, a partir de agora, vou fazer que tudo isso valha a pena. Então, eu prometo sim, sem temor algum de decepcionar você, porque eu sei que jamais farei isso.

- Promessa concedida. – Respondi a única coisa que consegui murmurar sem fraquejar. Logo senti seus lábios tomarem os meus com urgência, um beijo quente e apaixonado que faria qualquer jovem ruborizar, no meu caso, eu estava ruborizada, mas sem pretensão de parar aquele ato, nem mesmo pelo oxigênio, estávamos aprendendo a respirar do nosso jeito. O oxigênio era uma necessidade sim, mas os nossos beijos eram uma necessidade muito maior. Naquele momento, com Peter, estava a testemunhar o tão bem que ele estava a me fazer.

Como o sol matinal que renovava as minhas energias, Peter estava me ensinando a levantar das minhas quedas, interiores e exteriores, eu estava a descobrir que ele era o único naquele momento que podia acabar com a minha queda como pessoa. Com ele estava sentindo bem novamente, não dá forma plena e completa que poderia me sentir, mas me sentia esperançosa, feliz e viva. E, era essa a sensação que me faltava há muito tempo, essa sensação de estar viva, não pelo simples ato do coração bater, do ar entrar em meus pulmões ou das pessoas tomarem conhecimento de minha existência, mas o fato que eu mesma precisava reconhecer que estava viva. Sentindo algo real por alguém que retribuía os meus sentimentos, sentindo algo que não sabia ao certo o que era, mas que eu nunca mais queria parar de sentir. Peter estava em minha vida há três dias ... Como eu poderia me prender tanto assim a uma pessoa que eu mal conhecia? Passamos anos de nossas vidas ao lado de pessoas que consideramos amigas e de repente, descobrimos traições e mentiras, mas Peter me passava uma confiança indescritível, como se eu já o conhecesse a tempo suficiente para considerá-lo como uma parte perdida de mim, não como uma alma gêmea, éramos diferentes em diversos aspectos de nossos caráter, mas eu não conseguia parar de sentir isso, que ele era algo meu e que agora que o encontrei tudo fazia sentido, de uma forma única. Eu nunca precisei de alguém – eu existo sem ele, e sempre existirem – mas com ele, me sinto completa.

Tivemos que buscar o conhecido oxigênio que tanto ignorávamos, podia sentir seu hálito anormalmente quente bater em meus lábios, eles que roçavam os meus de

maneira selvagem, logo senti suas mãos afundarem em minhas costas me puxando para mais perto de si, olhei na direção de seus olhos buscando a sua atenção o mesmo me olhou com uma intensidade ruborizante, acarinhei seu rosto com um leve sorriso em meus lábios, o mesmo deixou que um sorriso caísse nos seus, contido, mas sincero.

- Você é diferente, Kate. – Peter sussurrou, encostando levemente seus lábios nos meus enquanto pronunciava tais palavras o observei com dúvida de sua afirmação.
- Porque você acha isso? – Questionei, descendo minhas mãos até a sua nuca, ali deixandoas repousadas, mordendo levemente meus lábios com a dúvida que Peter criará em mim.

- Porque eu não acharia? Você fez o meu frio coração voltar a bater. Você me enfeitiçou de corpo e alma e eu não quero que esse encanto nunca acabe. – Peter beijou brevemente meus lábios, sorrindo assim que se afastou enquanto eu o observava com a mesma surpresa de antes, suas palavras pareciam ter conseguido me deixar sem palavras, mais uma vez. Ele acariciou gentilmente o meu rosto, me observando daquela forma que me deixava repleta de questões, queria saber o que se passava em sua mente quando me olhava daquela forma indescritível. – Me promete que não importa o que aconteça nós vamos tentar sobreviver a tudo que possa estar no nosso caminho desde confusões, intrigas, medos, tudo e qualquer coisa que tente nos separar. – Deixei um sorriso escorregar no canto dos meus lábios, Peter abafou uma risada. – Eu sei que você não gosta de pensar no futuro, mas eu só consigo pensar nele ... com você e queria ouvir dos seus lábios que isso não é um desejo só meu.

- Não é. – Respondi em um sussurro, tomando uma expressão seria como suas palavras haviam sido, sentindo uma sinceridade incomum em mim, quase que automático meus lábios murmuram tais palavras, senti minhas bochechas voltarem a queimar, ruborizadas com tal ato meu, não era comum eu ficar envergonhada, já fazia muito tempo que alguém não me ruborizava dessa forma o que tornava Peter, um em um milhão e esse sentimento que antes me deixava curiosa, agora estava me deixando assustada. – Confesso que o único futuro que me faz feliz no momento é o que envolve *eu* e *você*. Parece idiotice eu sei, mas parece que todo meu mundo está

desabando e que você é o meu alicerce, a única pessoa em quem posso me apoiar, confessar meus piores segredos e temores, o único que de fato está aqui comigo para os momentos bons e ruins ... Tem certeza que nos conhecemos apenas há três dias? – Questionei, passando as mãos em meus cabelos, rindo levemente. – Tenho a sinistra sensação que nós conhecemos a muito, muito mais tempo.

- Bom, sempre irá existir a possibilidade de vidas passadas, eu não sei você, mas eu já tive a oportunidade de ler interessantes livros sobre o assunto ... Eu não acho impossível termos nos encontrado em algum lugar na Inglaterra ou França há uns duzentos anos atrás... O que você acha da ideia de um regresso juntos, assim descobriremos a verdade sobre isso? – Ele disse jocoso mesmo soando sério.

- Não, o que é do passado é melhor se manter lá, nunca dá certo trazer esse tipo de assunto para o presente e eu gosto da minha vida atual, aqui com você, acho que o mistério de entender porque nos encontramos e nos conectamos tão bem vai nos assombrar a vida inteira.

- Eu gosto disso. – Peter deixou um sorriso malicioso cair no canto de seus lábios. – "*Nos assombrar a vida inteira*."
- Gosta da ideia de ser assombrado por mim, Peter?

- Não, gosto da ideia de ter uma vida inteira com você, Kate. – Peter sussurrou deixando seus lábios irresistivelmente entre abertos de uma forma que desejei que ele simplesmente tomasse os meus como fazia tão bem. – Seria muita sorte se eu tivesse tanto tempo assim ao seu lado.

- E porque não teria? – Questionei, enrugando levemente o cenho, ainda tomada pelo desejo intenso de beijá-lo.

- Tem certas coisas sobre mim que eu gostaria de contar a você, Kate, mas não é o momento, nem para você tomar conhecimento sobre e nem para eu tomar conhecimento de tais verdades que me assombram porque certas coisas é bom ignorarmos e só quando estivermos fortes o bastante, devemos encará-las. – O observei sem compreender ao certo o que ele queria dizer com tais palavras, mas seu olhar perdido me fez ver que o que ele escondia era algo muito sério, seus olhos

estavam impenetráveis, perdidos no espaço de sua mente assombrada, ergui seu rosto na direção do meu, fazendo seus olhos me encararem, sorri levemente lhe passando segurança. – Eu não estou pronto para falar sobre isso.

- Quando estiver, estarei aqui para ouvi-lo, ok? – Murmurei e ele balançou a cabeça positivamente, mas notei que seus olhos, que desde o primeiro momento que o conhecerá irradiavam um brilho único, agora estavam opacos e distantes, longes de mim e de nós, seus lábios tatearam a pele do meu rosto e Peter me afagou na direção de seu corpo, voltei a encostar minha cabeça em seu peito, ali relaxando, mas minha mente estava presa em suas últimas palavras, ele acariciava minha cabeça como se estivesse a ninar um bebê, mas meus olhos estavam tão abertos de temor e curiosidade com o que Peter estava a guardar para si. Parte de mim queria descobrir, para ajudá-lo com o que estivesse o perturbando, mas uma parte de mim, curiosamente medrosa, algo que me surpreendia, temia o que estivesse o amedrontando, como se eu visse Peter como um guerreiro indestrutível e que nada pudesse atingi-lo, mas que ter a revelação que há algo que o assombra, me deixava amedrontada com a seriedade sobre o que ele escondia.

Fechei meus olhos, tentando desligar os meus pensamentos conflitantes e por fim, dormi, porque era a única coisa que eu queria. Dormir e encerrar de vez aquele dia. Por um lado ele tinha sido incrível, estar com Peter aquele tempo inteiro só havia me deixado mais encantada e deslumbrada com si, mas por outro lado, todos os acontecimentos haviam me deixado extremamente estressada, deteriorada e entristecida, o dia havia sido longo demais para mim.
Dormir era a única coisa que eu queria naquele momento, além de mais alguns beijos apaixonados de Peter, mas eu sabia que pela manhã ele estaria comigo e eu poderia desfrutar desse desejo intenso que estava a me corroer.
Abracei ternamente Peter, afundando meu rosto em seu peito, tranqüila em seus braços eu sabia que tudo ficaria bem, por ora, isso já me bastava.

Senti que todo o meu corpo estava dolorido, como se tivesse sido atropelada por uma bicicleta em alta velocidade, mas essa era a sensação costumeira que tinha quando dormia demais. Estava deitada de bruços e coberta pelo edredom apenas até a metade do meu corpo, abri os olhos com certa dificuldade, notei que estava mais

uma vez deitada em minha cama, confortável e quente, senti uma enorme preguiça me preencher não querendo sair dali de forma alguma. Me virei de lado com cuidado, evitando movimento bruscos para não despertar Peter que deveria estar ao meu lado na cama, logo me deparando com o lado a minha frente vazio, fiquei a observar aquele espaço, desocupado e frio, dando uma sensação incomoda em mim. Gostava mais daquela cama quando Peter estava ali ... Peter.
Deixei um sorriso bobo cair em meus lábios, me virando de barriga para cima, me encolhendo embaixo do edredom como uma adolescente apaixonada faz ao pensar em seu amor, olhei ao arredor sem tirar aquele sorriso dos meus lábios me lembrando de cada momento que passei ao lado dele e como havia sido mágico cada beijo, toque, suspiro ... Peter era inimaginável.
Conflitante, misterioso e único, ele me inebriava e me enlouquecia, uma combinação que é muito perigosa para qualquer um e principalmente, para mim.

Como uma ótima sabotadora que sou, me lembrei de todos os outros eventos, aqueles que haviam me deprimido e toda aquela felicidade se transformou em uma tristeza inconfortável, eu teria que lidar com ela, mas não agora. Não estava pronta para me afundar em uma momentânea depressão quando se existe Peter Hartley. Hartley ... Esse sobrenome me soou muito familiar naquele momento, mas deveria ser loucura de minha cabeça matinalmente lerda.

Senti um cheiro de café adentrar e preencher todo o ambiente, subitamente aquele sorriso voltou a surgir em meus lábios, Peter não estava no quarto e nem no banheiro, isso só podia dizer que ele estava na sala, provavelmente portando o café maravilhoso que estava a perfumar o ambiente. Me levantei da cama da forma animada e curiosa que as crianças costumam fazer em uma manhã de natal, sem pensar em mais nada, apenas me direcionei até a sala esperando encontrar Peter e um bom café preto do jeitinho que eu gosto, mas não o encontrei, o que foi uma decepção em parte, mas o sorriso se manteve em meu rosto, sendo que em outro tipo de aspecto, o de surpresa.

A sala estava toda arrumada da forma que eu só havia visto no primeiro dia que chegamos ao navio: almofadas por sobre os sofás arrumados de maneira simétrica e organizada, os controle remotos se encontravam no móvel onde os aparelhos se

encontravam, o radio estava ligado em uma estação de música antiga em um volume baixo, no momento tocava um clássico do Frank Sinatra, o relógio de som perturbador já estava funcionando novamente marcando em seus ponteiros onze horas e trinta e dois minutos, constatando assim que realmente havia dormido demais, meus olhos se fixaram na mesa de centro que era toda a razão de meu deslumbramento.
Ela estava forrada por um pano branco de renda, com diversos tipos de alimentos e bebidas matinais, tudo organizado naquele espaço. Em um canto havia alguns pratos e talheres, duas xícaras e copos estavam próximos a um suporte de guardanapos de pano; Uma jarra de suco que suspeitava ser de morango, ao lado um bule de um material muito parecido com cristal continha café que estava a continuar exalando um cheiro fantástico, uma cesta contendo diversos tipos de pães identificando logo o francês, suíço, italiano, que me deram água na boca, um vasilhame contendo manteiga, outro tendo diversos tipos de frios como queijo, presunto, separados em fileiras e para serem pegos por um tipo de utensílio próprio, por fim notei na presença de alguns *croassaint* um deles que parecia estar recheado de algo que eu chamo de *manjar* dos Deuses, mas que para nós mortais, era conhecido como chocolate.
Meus olhos foram em direção a Rachel que estava sentada de forma confortável no sofá a frente da mesa, ela estava vestida com roupas básicas e seus cabelos presos em um rabo de cavalo despojado, deixando a sua franja jogada lateralmente, desconfiei que ela havia desfiado a mesma de maneira precisa e bem feita, mas não comentei nada, seus olhos estavam atentos na direção de uma revista que ela estava a ler, a *Vogue* desse mês eu constatei. Passei as mãos em meus cabelos tentando entender como aquele esplêndido café da manhã havia chegado ali, outro ponto em destaque era entender aonde Peter estava porque na sala também não se encontrava, abri sutilmente meus lábios sem imitir som algum, mas Rachel foi mais rápida.

- Peter Hartley. – Rachel falou, virando uma folha da revista com uma expressão interessada. – Foi ele quem fez isso tudo.
- Por quê? – Questionei, ainda parada no mesmo ponto que estava.

- Porque eu e ele tivemos uma noite incrível juntos. Conversamos, namoramos, trocamos sentimentos profundos e provavelmente, preciso confessar, possamos

estar começando a nos apaixonar um pelo outro, por isso ele fez isso tudo. – Rachel me olhou com uma expressão sínica. - Para mim. – Ela concluiu a sentença deixando um sorriso malicioso cair em seus lábios enquanto eu apenas a observava com uma mescla de raiva com seu sarcasmo e embaraço por todos aqueles detalhes serem verdade.

- Senhoras e senhores, pelo visto Rachel Ray está de volta,. – Murmurei com certo sarcasmo, me sentando ao seu lado no sofá. – A quem devo agradecer esse fato memorável?

- Ela nunca foi embora, baby. – Rachel respondeu, abrindo um grande sorriso que sempre combinara com as suas feições radiantes. – E, você deve agradecer a minha melhor amiga, Kate, não sei se você a conhece, mas ela é incrível com as palavras, ela consegue dizer exatamente aquilo que você precisa ouvir e ela abriu os meus olhos para algumas coisas que eu não estava conseguindo ver.

- Que bom. Essa Kate deve ser uma pessoa incrível, uma santa, deveria até mesmo ser endeusada, essa é a minha humilde opinião, é claro. – Respondi, escondendo um sorriso em meus lábios, observando Rachel rindo com as minhas palavras. – Então, é por isso que esse café da manhã esplendido está a nos observar? É uma forma de agradecimento, devo ousar dizer. – Murmurei, pegando um pequeno pão suíço e logo o mordiscando sentindo a fome que estava a esconder de mim mesma.

- Você bateu a cabeça quando levantou ou algo assim? Estou preocupado, acho melhor pedir a assistência médica porque algumas concussões podem deixar danos permanentes, foi o que eu ouvi falar sabe... – Rachel murmurou roubando o pedaço de pão de minha mão e o mordendo em seguida enquanto eu a observava com uma expressão incrédula. – Eu jamais nessa encarnação de diva ruiva, conseguiria arrumar uma mesa dessas com tanta perfeição e além do mais, se eu quero te agradar eu te compro algo mais simples e individual como um pacote de *Doritos* ou um livro qualquer de três séculos atrás para você ficar eternamente feliz. *Doritos* sempre ajuda, por isso eu compro ele mais vezes. – Ela concluiu por fim, largando comigo a revista *Vogue* no espaço vazio ao meu lado e logo se debruçando na mesa e pegando um pedaço de queijo e o colocando no meio do pão.

- Então se não foi você quem fez isso, foi ... – Antes que eu pudesse terminar a sentença, os meus lábios se abriram em um grande sorriso incontrolável.

- Foi. – Rachel murmurou revirando os olhos enquanto eu dei um gritinho animado, batendo as minhas mãos uma nas outras. – Eu o ajudei dando alguns detalhes de coisas que você gosta de comer, óbvio que pedi algumas coisas para mim também, como esse queijo francês maravilhoso que agora você terá que fingir para ele que ama comer isso no seu café da manhã, mas a ideia da arrumação e todo o resto, foi dele.

- Eu não acredito. – Murmurei, deixando a minha mão repousar em meus lábios enquanto eu estava surpresa com tudo aquilo.

- É, eu também não acreditei, só quando eu vi tudo pronto que testemunhei a realidade dos fatos. – Rachel se virou mais em minha direção, podia ver pela sua expressão que ela estava louca para desfrutar comigo alguma coisa. - Ele acordou cedo e eu já estava aqui na sala, lendo algumas revistas, pensando na vida e ele começou a puxar assunto comigo, querendo saber como eu estava e se ele podia ser útil em alguma coisa, todo daquela forma cavalheira e misteriosa dele, sabe? Foi super gentil, me ouviu, opinou, defendeu o seu ponto de vista com unhas e dentes e depois ... Começamos a falar sobre você.

- O que ele disse sobre mim? – Questionei ansiosa, mas logo um temor tomou conta de minha consciência ao me lembrar que Rachel fazia parte da conversa e ela sabia segredos e fatos demais da minha vida, eu sabia o tão maliciosa que ela era, mas lealdade era seu lema, contudo ficar preocupada era incontrolável. – O que você disse?

- Ah, você sabe. O de sempre. – Rachel murmurou, se levantando do sofá, dando a volta na mesinha, pegando um copo e o preenchendo de suco de morango enquanto eu podia ver pela sua expressão que a diversão iria começar, pelo menos, para ela.

- O de sempre seria? – Fiquei de pé, tentando manter um tom de voz desinteressado, pegando um pedaço de pão italiano, dando leves e despercebidos passos em direção de Rachel, a mesma não pareceu se preocupar com isso, mas voltou a se sentar no sofá, pegando a revista e a abrindo novamente em uma página qualquer. – Seria

interessante se você dividisse essa sua sabedoria comigo, Ó Yoda.

- Nossa, essa coleção de outono/inverno está *uô*! – Rachel murmurou tomando um longo e tranqüilo gole de seu suco.

- Rachel, pelo amor de Deus, não faz isso comigo. Não agora, não hoje, não nessa existência. – Murmurei, me ajoelhando no sofá ao seu lado com uma expressão que poderia beirar ao desespero. – Para de me fazer sofrer de curiosidade e me diz logo o que ele disse antes que eu surte ou ele apareça de onde quer que ele esteja ... Falando sobre isso, onde ele está?

- Na suíte dele. – Rachel murmurou tranquilamente, virando as páginas da revista com aquela expressão serena. – O coitadinho está com uma gripe devastadora, se esforçou ao máximo arrumando o café da manhã para você entre espirros e tosses pavorosas, escreveu um bilhete e foi embora. Fim do capítulo. – Rachel concluiu me olhando com um sorriso leve nos lábios, enquanto me sentei por fim no sofá.

- E cadê esse bilhete?
- Muito bem guardado no bolso do meu short.

- Ah, por Deus! – Repousei as minhas mãos em meu rosto sentindo a curiosidade gelar o meu estômago de nervosismo. – É oficial eu não vou saber o que ele disse sobre mim para você e nem saberei o que ele escreveu. Você venceu Rachel, estou afundada em um poço de curiosidade.

- Eu venci. –Rachel murmurou, sorrindo levemente. – Adoro essa sensação.

- Infelizmente, não aceito essa condição de não saber o que desejo, por isso serei obrigada a tomar uma atitude cruel, assim, começarei contando a todos que você chora ao assistir o seu filme favorito, *O casamento do meu melhor amigo*. – Murmurei, com um tom de voz decidido. – Eu sei como você se sente em relação a isso, as pessoas saberem que de fato você sente e principalmente, chora. Não tenho escolhas, Rachel. Eu só queria saber de algumas informações, mas como você não quer me dá-las, agora estou irritada e vingativa ... Vou começar contando a Britanny, ela vai espalhar a notícia com mais rapidez, eu creio. – Conclui por fim, com uma

expressão convincente que faria isso, entre um olhar pesaroso e chateado Rachel notou que eu não iria desistir tão facilmente. – Fala logo, Rachel!

- Tudo bem. Eu falo. Eu não quero que o mundo saiba do meus segredos, não pelas bocas e mãos sujas de Britanny Smith. – Rachel mexeu gentilmente na franja por sobre sua testa e repousou a revista ao seu lado, me observando com um sorriso leve nos lábios. – Ele disse sobre como você é complexa e que isso o fascina, ele te acha inteligente, esperta, charmosa de um jeito único e que ele nunca encontrou alguém como você antes. Ele ainda disse que te entende de uma forma que ele mesmo não consegue compreender. Esse garoto está seriamente apaixonado por você, Kate. – Deixei uma risada descrente sair dos meus lábios, mas Rachel se manteve seria, passei as mãos em meus cabelos confusa com seu ato. – Eu vi pelos olhos dele o quanto ele gosta de você, toda vez que se falava em seu nome havia um brilho a mais que surgia naqueles olhos, o sorriso contido que crescia no canto dos lábios dele ... Ele está insanamente doido por você. E é isso que me assusta um pouco. Porque se ele está apaixonado assim por você, quem dirá você por ele. – Ela concluiu seus temores, me observando com um olhar pesaroso, quase beirando a preocupação.

- Eu gosto dele, mas não chega a estar apaixonada ... – Murmurei de uma forma pensativa.
– Ele é incrível, inexplicavelmente misterioso e envolvente, mas isso não quer dizer que eu já esteja apaixonada por ele ... Só encantada, deslumbrada pela atenção do sexo oposto. – Aquela voz angelical, que lembrava a minha disse: *Tola. É isso que você quer acreditar, mas não é o que sente*. Ignorei essa voz mental. - Não se preocupe, a gente só está se divertindo. – *Mentira*, a voz disse em minha cabeça, me lembrando de tudo que eu e Peter conversamos na madrugada anterior, sobre o nosso futuro ... *juntos*. Parte de mim adorava a ideia de me imaginar junto a ele, em um futuro não tão distante, mas outra parte temia o fim dessa viagem e o possível fim do que quer que fosse que estivéssemos vivendo. Tentei afastar tais pensamentos, quanto menos pensasse sobre isso, menos me afetaria, mas também não quer dizer que o problema iria embora.

- Só toma cuidado, ok? – Rachel murmurou, nada fiz, nem concordei e muito menos discordei de seu conselho. Ela me conhecia muito bem, sabia como agia quando

estava apaixonada e sabia muito bem que eu sou o tipo de garota que me envolvo e me entrego 100% para a pessoa, sem temer nada que possa estar em nossos caminhos, futuro, passado, nada disso vinha em minha mente quando pensava em viver ao lado da pessoa que gosto. Impulsiva sempre, por isso, que eu era quem acabava sofrendo. Quando tudo chegava a um fim a minha queda era a mais demorada e dolorosa. Era isso que Rachel temia, eu tinha certeza disso. Ela tinha medo que Peter quebrasse o meu coração como tantos outros já o fizeram, e que eu caísse, sem nenhum tipo de reconstituição possível. Contudo, eu não temia isso, o que era de fato assustador.

- E o bilhete? – Questionei, mudando de assunto de maneira tranqüila. Rachel tirou do bolso do short vermelho que vestia um pequeno pedaço de papel muito bem dobrado, ela o entregou para mim, sabia que ela estava morrendo de curiosidade, mas outra qualidade de Rachel é que ela não era do tipo de pessoa de rondar para saber o que está a acontecer; ela sempre deu espaço para a minha privacidade, ela sabia que eu guardava emoções e pensamentos só mim e ela não se ofendia com isso, pelo contrário, ela sabia que era do meu caráter. Eu era calada, retia as minhas emoções e pensamentos mais profundos, não era carinhosa, era impulsiva, e sou do tipo de me proteger atrás de um muro. Por isso ela estava preocupada comigo, porque ela sabia que se eu sofresse ninguém iria conseguir me tirar de tal depressão, apenas eu e ela temia que eu não tivesse mais forças para agüentar tantas quedas, não a culpava, eu mesma desconfiava de minha força.

Rachel voltou a se concentrar no café da manhã a nossa frente. Segurei o pedaço de papel com certo temor do que poderia estar escrito ali, me aconcheguei no sofá em busca daquela impulsividade que sempre tomava conta de mim em momentos importantes e de extrema necessidade, abri o papel comprovando que não era um bilhete, mas quase uma carta, respirei profundamente começando a digerir cada palavra exposta ali.

Kate,
eu não sou bom com as palavras da maneira que eu gostaria de ser e da forma que você é, mas vou tentar abusar da sinceridade e dizer tudo que está em minha mente no momento;

Eu não queria sair da cama hoje.
Não pense isso de uma maneira maliciosa, mas a forma que você estava a dormir, tão tranqüila e presa em seus sonhos, me deixou completamente sem coragens de te deixar, queria ficar ali ao seu lado, a acarinhando e tentando descobrir o que se passava em sua cabeça, mas não o fiz e provavelmente nesse momento devo estar muito arrependido por não ter te dado um último abraço, último beijo em você ...
Espero que você tenha apreciado a noite da mesma forma que eu apreciei.
Espero logo revê-la.

Peter. PS: Aproveite o café da manhã com Rachel, acho que ela precisa e vai gostar muito de ter esse momento a sós com você. PS²: A gripe me pegou de jeito, torço para que você esteja salva disso.

Reli a carta pelo menos umas cinco vezes, tentando decifrar cada palavra que o mesmo havia escrito ali, logo percebendo que não havia nenhum tipo de charada ou anagrama, o que foi bem decepcionante, entreguei o mesmo para Rachel que estava sentada no sofá tomando seu café da manha montado a dedo: xícara de café com adoçante e pão de forma com queijo e manteiga, assim indo eu em busca do meu café da manhã, enquanto a mesma começou a se deleitar lendo a carta de Peter.

- "Não pense isso de uma maneira maliciosa ..." Uh, tarde demais loirinho, já pensei. "E provavelmente nesse momento devo estar arrependido por não ter te dado um último abraço, último beijo ..." Meu deus! – Rachel continuou a ler a carta e assim que me sentei ao seu lado, segurando uma xícara de café e um *croassaint* em um prato, ela deu uma animada gargalhada repousando a carta na mesa de centro, enquanto me observava maliciosa. – Que absurdo! Isso não chega aos pés de uma carta descente pós – sexo. – Quase me engasguei com o café, tendo que repousá-lo às pressas na mesa de centro, agora sendo observada com incredulidade por Rachel. – Não, não. Você não plantou esse desgosto em mim, Katerina Farrell. Você não transou com ele! Meu Deus, por quê? Um homem desses no seu quarto e você simplesmente dorme? – Rachel repousou as mãos no rosto de forma dramática. - Eu vou morrer de desgosto.

- Para de ser dramática. – Respondi, fazendo uma careta para ela em seguida comecei

a comer o meu *croassaint*, pensando no assunto. – Simplesmente não teve clima para isso; nós temos uma química intensa, mas ontem não teve clima para isso, depois de tudo que aconteceu você realmente acha que ia existir algum clima para sexo?

- Claro que sim. Sempre há clima para sexo, é inevitável. Sexo é a única coisa que não precisa ter clima para se fazer, pode ser em qualquer hora, lugar ou momento. – Rachel completou, bebericando o café com uma expressão superior. – Mas é compreensível no caso de vocês, ele é todo misterioso, romântico e cavalheiro enquanto você é fechada e cuidadosa, vai demorar um pouco para um pouco de *ação* acontecer com vocês.

Rachel tinha razão, eu sou cuidadosa em relação a isso.
Nada respondi, por mais que Peter me deixasse excitada e prestes a cometer uma insanidade (como rasgar as minhas roupas ou as dele de uma vez só, o tacando direto em minha cama/chão/mesa como uma gata no cio),que eu não seria capaz de cometer com um pouco de coerência eu ainda não pensava no assunto sexo com ele.
Eu gosto muito de Peter, mas não a ponto de transar com ele *ainda*, apenas o conheço há três dias, é muito pouco tempo para me *entregar* a ele desse modo, pelo menos é o que eu acho.

Rachel, diferente de mim, não vê o sexo com tanta seriedade; ela gosta de aproveitar cada momento da vida dela com cada garoto pelo qual ela se apaixona, então se rolar um clima e ela estiver com vontade - o que ela sempre está - ela vai transar com o garoto, sem peso nenhum na consciência, além do mais, ela transa por que quer e pelo prazer, não há nenhum outro sentimento nisso, mesmo parecendo um ato irresponsável, ela sempre manda o garoto usar camisinha e ela toma anticoncepcional, só por precaução.
Para ela fazer sexo é para extravasar emoções, liberar o lado selvagem que existe dentro dela e ir a loucura com o garoto pelo qual ela está apaixonada; para mim, sexo era algo muito superior a isso.
Sexo é questão de respeito, de se amar e amar o outro e principalmente, de se entregar. No momento que você aceita transar com o garoto pelo qual está apaixonada você está dizendo a ele: *eu confio em você, te respeito e te amo.*

Por isso, eu nunca transaria com Peter em tão pouco tempo; Sexo não era qualquer coisa para mim; era o meu corpo, minha intimidade e meu respeito, para me entregar a tal ato eu tinha que ter certeza absoluta de que Peter iria *confiar em mim, me respeitar e me amar* e não ter uma visão torta desse tipo de ato como Rachel têm; Não importa como aconteça: sendo planejado, de modo romântico ou por pura impulsividade do momento, o que importava para mim é que ele entendesse a minha visão e me respeitasse como eu respeitaria.
Eu não estava pronta para seguir esse caminho com Peter *ainda* e eu acreditava que ele nutria da minha mesma opinião.

Um silêncio caiu entre nós, enquanto Rachel voltou a se concentrar em seu café da manha e em sua revista e eu no meu café da manhã, enquanto estava a pensar sobre a carta de Peter, me recordei de certas coisas que Rachel havia me dito, contudo não nos aprofundamos no assunto e eu achava que o momento era propício para conversarmos.

- Você disse que eu abri os seus olhos para algumas coisas que você não estava conseguindo enxergar. Do que ao certo você estava falando? – Questionei, após repousar o prato vazio na mesa de centro, apenas aconchegada no sofá com a xícara em mãos.

- Você tem razão. Eu amo Steve e devo lutar por ele porque é o certo a se fazer. Joana já sabe de toda a verdade, não há mais nada me prendendo, as chances de Joana me perdoar são nulas, então não adianta eu lutar por uma amizade que provavelmente ela não vai querer e mesmo que ela queira, eu não posso ser amiga dela e lutar pelo amor do cara que ela ama, é hipocrisia e falso, e eu não sou nenhuma dessas coisas. Eu quero lutar por ele e pelo nosso amor. Eu quero ser só dele, mas falta saber se ele quer o mesmo que eu. – Rachel murmurou, pensativa, em seguida ergueu levemente a cabeça, me observando com atenção. – Eu não sei como vou fazer isso, mas eu liguei para ele, que não me atendeu, mas deixei uma mensagem na caixa de voz, pedindo para ele se encontrar na piscina central porque precisamos conversar. Você está a fim de ir comigo? Seria bom ter você por perto, ia me dar mais coragem de fazer isso.

- A coragem já está toda em você, Rachel.

- *Que a força esteja com você*. Ok, mestre Yoda. – Rachel murmurou com certo sarcasmo, mas continuei.
- Além do mais, eu preciso ficar um pouco sozinha. Eu não consegui pensar ainda sobre os últimos eventos e ... Sinceramente? Eu não estou pronta para sair e correr o risco de dar de cara com Joana e Steve. Eu sei que é idiotice, mas ... Eu não estou pronta para tudo isso. Por isso quero me esconder um pouco aqui, pensar em tudo isso, criar uma opinião e só então, sair da toca e encarar tudo e todos.

- Se é o que você quer fazer. Quem sou eu para mudar a sua decisão. – Rachel concluiu, dando um último gole em seu café, ela se levantou de um pulo do sofá adentrando em sua cabine.

Mantive meu olhar perdido pelo ambiente, presa em meus pensamentos conflitantes e barulhentos, assim que Rachel saiu de sua cabine, ela se despediu de mim, dando um beijo em minha cabeça e dizendo que ela me manteria informada por mensagens, isso era um aviso para eu não desgrudar do meu celular, que eu não tinha ideia da onde estava.

Um silêncio caiu no ambiente que agora estava sendo tomado por uma música triste do The Beatles e como uma criança que acaba de descobrir que perdeu seu brinquedo favorito, abracei meus joelhos, caindo em um choro amargo, silêncioso e descontrolado. Me sentia sozinha e deslocada de tudo não sabia ao certo o que fazer, o que pensar, o que sentir ou simplesmente como agir.
Eu odiava isso, essa insegurança que tomava conta de mim.
Isso não me pertencia.

Chorar não era a solução, eu sabia disso, mas as lágrimas caiam insistentes e solitárias pelo meu rosto e eu não conseguia controlá-las, como as lágrimas do dia anterior, sendo que essas eram diferentes: pesadas e dolorosas, toda a mágoa que eu controlei no dia anterior estava se esvaindo hoje.
Respirei profundamente controlando toda aquela agonia que estava se instalando em mim, limpei as lágrimas com as duas mãos deixando meu rosto livre de evidencias,

provavelmente, só o meu nariz que deveria estar vermelho, mas logo sumiria. Me levantei de um pulo do sofá e me aproximei do aparelho de som, desligando o mesmo com um movimento só; Desculpe Beatles, mas nada de música triste hoje. Chega de lamúrias, regra número 1 do dia.
Não queria mais chorar, nem muito menos nutrir aquele sentimento de solidão e tristeza. Toda aquela situação era temporária, eu sabia disso.

Joana eventualmente me ouviria, me perdoaria e reconstruiríamos a nossa amizade; Steve, por outro lado, não haveria motivos de perdão de nenhum dos lados, mas ao certo, não sabia o que se passava em sua cabeça naquele momento, contudo ficaríamos bem; E Peter ... Infelizmente, a única resposta mental que eu tinha era que o futuro diria o que nos reservava; detestei esse pensamento, então logo resolvi me focar em outra coisa.

Qualquer coisa que tomasse meu tempo.
Olhei ao arredor, notando que aquele café da manhã deveria se retirado dali, me recordei que já passava das onze da manhã e que as minhas roupas de cama não haviam sido trocadas e que provavelmente o quarto não havia sido limpo ainda, fui até o telefone central que havia na sala e o tirei do gancho, não demorou muito para uma recepcionista de voz fina e simpática me atender, pedi serviço de quarto para me auxiliar, a recepcionista disse que mandaria uma camareira para o serviço e que em 10 minutos ela estaria em meu quarto, agradeci gentilmente e logo desliguei a ligação.
Novamente ficando desocupada.

Argh!
Passei brevemente as mãos em meu rosto e me vislumbrei por alguns segundos, eu tinha que trocar de roupa e um bom banho não seria uma má ideia.
Adentrei meu quarto, procurando algumas peças de roupas ideais para o dia e assim fui tomar um banho, assim que conclui, me vesti com roupas básicas: uma blusa de mangas compridas vermelha, um short de jeans claro e o meu *allstar* vermelho.
Deixei meus cabelos soltos, estavam lisos e pesados, arrumei minha franja a deixado reta, coloquei uma touca de lã no tom creme no topo de minha cabeça e pronto, nada mais a se preocupar aqui passei uma maquiagem básica apenas para parecer

naturalmente saudável, o que seria difícil depois daquela choradeira de minutos atrás. Pronto, desocupada denovo.

Dei uma observada em meu quarto, arrumando a bagunça de roupas que tinha no ambiente, roupas limpas entregues pela lavanderia e roupas sujas que eu deveria colocar no cesto, tentei organizar tudo nas suas devidas malas, colocando as mesmas em um canto que não ficaria no meio do caminho achei o meu celular na escrivaninha e o coloquei para carregar, fiz o mesmo com o meu netbook me recordando que deveria entrar em meu e-mail, talvez mamãe tivesse me escrito algo e antes que pudesse me concentrar em outra coisa a campainha tocou, me direcionei até a mesma permitindo a entrada da camareira. Achei injusto deixá-la recolher todo o café da manhã sozinha, ela disse que não havia necessidade de ajudá-la, mas era tarde demais, já a estava ajudando-a, ficamos a conversar de forma animada sobre como era o dia-a-dia em um cruzeiro, enquanto ela me contava que trabalhava há alguns anos ali e dividia comigo experiências que havia vivido nesse emprego, continuamos a conversar enquanto ela arrumava às roupas de cama e de banho ela fez tudo sozinha, de forma rápida e perfeita que me deixou boquiaberta, um dia aprenderia a arrumar a cama assim, eu disse a ela que riu, concordando.
Assim que a camareira acabou seu serviço de limpeza, ela se foi me deixando sozinha novamente, em meu tormento.
Me sentei na cama, pensativa, havia diversas coisas que eu gostaria de fazer naquele momento, mas não sabia ao certo no que devia me concentrar.
Tirei o carregador do meu celular e o observei, pensativa com os meus futuros atos. Queria ligar para Peter para saber como ele estava e agradecer pelo café da manhã incrível, tirei o bilhete de meu bolso, voltando a lê-lo com atenção. Ele dizia que queria me ver novamente, mas não disse se me ligaria ou se haveria problema se eu ligasse. Argh!
Esse era o problema de garotos misteriosos, nunca sabemos ao certo o que eles querem. Contive a minha ansiedade escrevendo apenas uma mensagem e enviando a mesma para o número de celular que ele costumava me ligar, que deveria ser o seu número:

Kate

Obrigada pelo café da manhã, estava delicioso e você tinha razão, Rachel e eu precisávamos desse momento a sós (; Vai fazer alguma coisa interessante essa tarde? Estava pensando em ir na livraria, me afundar em alguns livros, se quiser ir, me liga. xx

Mandei a mensagem e mordi meus lábios tentando não ficar nervosa a espera de sua resposta, por breves segundos fiquei olhando o visor do celular como se ele fosse responder de imediato, obviamente que nada disso aconteceu.

Havia uma coisa em especial que eu queria fazer, já que eu sabia que só uma pessoa nesse mundo inteiro saberia como me tranqüilizar e aconselhar da maneira que eu precisava e fazer valer a pena esse tempo sozinha que estava tirando, tomei coragem para fazer tal coisa, sabendo que teria que pensar sobre tudo aquilo que estava a me consumir e com um sorriso nos lábios, digitei aqueles números de celular familiar, me deitando em seguida na cama com o aparelho em meu ouvido esperando ansiosa para ouvir a firme e conhecida voz que renovaria as minhas esperanças.

- Oi mãe. – Falei em um sussurro ao ouvir a linha ser atendida.
- Oi, bebê. Como você está? – Ela questionou animada. – Me conte tudo!
- Estou bem ... bem ...- Senti meus olhos se encherem de lágrimas novamente, mas dessa vez não as detive e sem o controle das minhas palavras completei. – Bem mal.

Me senti de volta ao meu ninho, a voz de minha mãe do outro lado da linha havia me confortado da maneira que eu precisava, me aconseguei na cama como se estivesse encolhida em seu colo enquanto as lágrimas desciam pelo meu rosto rapidamente, preocupada, ela pensava que eu estava entristecida por culpa de Peter, ela dizia coisas como castrá-lo e chamar o FBI para acabar com a vida dele, mas logo a tranqüilizei explicando que ele era bom, gentil e carinhoso comigo, que ele não me faria mal nenhum a mim, pelo contrário, ele era a melhor coisa que tinha acontecido nesses últimos dias; o que realmente me fazia mal naquele momento eram os meus amigos.
Contei tudo a ela, com rigor de detalhes, sentindo que não só aquilo estava me tranqüilizando, como também estavam me abrindo soluções para toda essa situação. Minha mãe nunca foi muito carinhosa e boa com as palavras, mas ela conseguiu me

acalmar por ora, dizendo que tudo se acertaria com o tempo e que eu não poderia fazer nada, não estava em minhas mãos pelo menos por ora, que eu desse tempo a Joana e quando sentisse que era o momento, e eu sentiria quando seria, fosse falar com ela e minha mãe me garantiu que tinha certeza que anos de amizade não acabaria assim; isso eu já não sabia.

Não sabendo mais como me aconselhar ela passou a ligação para meu irmão que estava tão animado com a colônia de férias que irá participar que ele mal conseguia pensar em outra coisa, só falava sobre o assunto de forma animada e agitada enquanto eu apenas o ouvia e controlava o meu choro, o encorajava não em seus desejos de se declarar a jovem que está apaixonado, Amanda, e mostrando ânimo para não desestimulá-lo nas atividades em campo que ele pode fazer, quando ele questionou como eu estava, apenas disse que tudo ficaria bem, não querendo preocupá-lo com meus problemas e voltando logo ao seu assunto. Eu me sentia melhor.
Minha mãe havia conseguido me tranqüilizar de uma forma inacreditável, eu me sentia apta a encarar Joana agora; se encontrasse com ela no corredor, talvez ficasse sem reação de inicio, contudo seguiria meu caminho sem dizer nada sabia que o certo era dar tempo a ela, como minha mãe havia dito, de alguma forma, ela me deu um tipo de esperança de que tudo realmente fosse ficar bem, como se suas palavras tivesse clareado a minha mente para a verdade que o tempo iria desenhar os nossos futuros, as palavras de minha mãe me deram a certeza que eu precisava: palavras de mãe, eram como mágica, faziam o entendimento escondido pelo temor surgir.
Outra coisa que me fez sentir muito mais feliz foi ouvir a animação de meu irmão com a sua primeira viagem sozinho com seus amigos e com, talvez, o desenvolvimento de seu primeiro amor, era fantástico e apaixonante ver sua animação e deslumbramento com coisas tão pequenas; como sinto falta dessa época onde tudo era tão fácil. Sentia uma tristeza por não poder estar com ele nesse momento e até uma inveja dos seus amigos que iriam estar ao seu lado desfrutando desse momento, mas talvez isso seria para o melhor, Chuck passar por tudo isso sem mim por perto tendo que lidar com seus sentimentos e desejos sozinho, o faria um grande homem.

Voltei a colocar o celular para carregar e agora me concentrei em meu netbook,

sentada em frente da escrivaninha e logo abrindo uma página da internet para visitar o meu e-mail que deveria estar lotado de mensagens, que na sua maioria seriam *Spams* ou propagandas de algum site de compras online.
Trágico, mas verdade.

Enquanto a página carregava, me peguei pensando em minha vida profissional como escritora. Notei que estava há um bom período sem escrever nenhuma história em particular
- apenas contos, pequenos diálogos e às vezes, péssimos poemas - desde que concluira o meu primeiro livro, nenhuma história interessante surgira em minha mente, nenhuma grande história, única, apaixonante e que fosse bem o meu estilo - chocante, dramática e com uma dose certa de romance/ação/comédia - que me fizesse ficar enlouquecida para desenvolvê-la em forma de livro, olha que eu sempre era cheia de história e reparar agora que estava há um bom tempo sem escrever nada era desconfortante, parecia como se eu tivesse perdido o jeito.

Eu gostava por demais de escrever, na realidade, era a única coisa que eu tinha certeza que era boa fazendo, além de cozinhar, falar línguas estrangeiras e ser detetive:eu nasci para isso, escrever.
Mas como detestava ter os meus famosos bloqueios mentais; eles me estressavam ao máximo, me faziam sentir inútil, como se tivesse perdido meu talento enquanto tomava banho.
Eu precisava urgentemente pensar no meu próximo livro, não iria de forma alguma me entregar nesse perturbador e maléfico bloqueio mental.

Abrindo meu e-mail, comecei deletando os e-mails inúteis de propaganda e *spams* e tenho que dizer, eram muitos. Logo me concentrei nos e-mails interessantes; alguns do meu padrasto e de meu irmão, na sua maioria *power points* engraçados, alguns com joguinhos e matérias do tipo "Você sabia ...?", 03 e-mails sobre os meus cantores favoritos, 01 de minha mãe contando coisas que ela já havia me dito pelo telefone, mas foi de todos esses emails o de Tio Roux que me deixou animada, afinal de tudo:

Pequena Katerina,

não sabe como me alegro em saber que esta vindo para Londres, não só por ser seu sonho como também porque passarás as melhores férias da sua vida ao lado do seu tio – único favorito e de sua tia babona, hipocondríaca e mandona Morgana.
Como eu te conheço bem já quero que fique tranqüila que não estará incomodando ninguém por ficar aqui em casa, pelo contrário, vai ser um prazer ter as ilustres presenças de minha sobrinha e de sua melhor amiga.
Saiba que sua tia já está fazendo um mutirão de limpeza; fez uma lista de compras enormes porque ela sabe o quanto você gosta de cozinhar, algo ao qual vocês duas irão desfrutar do tempo juntos, já que sou um homem prático e não me incomodo de pedir meu almoço/janta todos os dias, e já estamos juntando todos os livros/cd's/dvd's que vamos dar para você, coisas que não queremos mais e sabemos que você vai ficar enlouquecida de ter.
Pergunta de puro interesse: Rachel ainda continua viciada em Backstreet Boys?
Morgana tem uma coleção inteira, pela qual é completamente viciada, e eu sou doido para dar fim com a mesma de algum modo desde que começamos a namorar, vamos dizer que se sua resposta for positiva, a coleção caia acidentalmente nas malas de Rachel, o mesmo vale para a coleção do ABBA e do Nirvana que ela também tem um grande vício, que irão cair na sua mala, do mesmo modo, acidentalmente.
Ah, não conte isso a ela, é claro.

O quarto onde vocês ficarão já está pronto, apenas aguardando-as.
Já fiz um mapa e um manual de sobrevivência em Londres - imprimido e encadernado para ambas, que tenho certeza que vocês vão amar; não garanto que serei o guia oficial de vocês por que terei vários eventos em minha livraria nesse mês, por causa das férias, contudo Morgana já se propôs a entreter vocês duas por tempo indeterminado. Ah, sua mãe disse que você está trazendo sua lambreta, não se preocupe que já reservei um espaço para ela em minha "garagem" entre a bicicleta ecológica de Morgan e o meu Impala azul 88'.
Sim, eu comprei,e não, você não vai dirigi-lo.

Nossa, estou muito ansioso com a sua vinda.
Muitas coisas para te contar, muitas coisas para te mostrar, por ora, é só. Não quero que você perca seu tempo lendo meus e-mails gigantes e respondendo eles, vá

se divertir no navio que vou perturbar sua mãe pelo telefone para saber o que vocês, garotas, gostam de comer, ler, assistir, enfim ... tudo para que a estadia de vocês seja inesquecível.

Um grande beijo do seu Tio Roux e de sua tia Morgana.
PS: Em anexo está uma foto recente em nossa casa com o nosso filho.

Abri a foto me deparando com tio Roux e tia Morgana no canto direito, a última segurando em seus braços um bulldog de tom branco e com diversas manchas espaçadas em tom marrom, possuidor de um olhar adorável, Jack era seu nome e já estava na família há três anos, ainda era apenas um bebê muito feio, mas havia algo de fofo em seu olhar. Sempre quis ter um beagle, mas a mania de limpeza de minha mãe nunca me permitiu ter um, já que a mesma insiste em dizer que eles tem um tipo de glândula que o fazem ter um odor desagradável poucos dias após um bom banho, então tínhamos um labrador, que ela amava, mas reclamava muito dos seus dejetos pelo jardim, destruição e bagunça por toda a casa. Ter um bulldog era algo bem britânico e muito típico de Roux.
Observei com atenção a foto notando como os traços faciais de meus tios haviam mudado de alguns meses para cá, desde a última foto que eles haviam me enviado. Roux ainda mantinha aquele sorriso leve jovial que lhe dava um ar dócil e amável, sua pele morena tom de café com leite continuava intacta com diversas tatuagens expostas, podia jurar que desconhecia duas, mas poderia estar imaginando coisas já que ele tinha tantas tatuagens, seus cabelos estavam presos em um despojado rabo de cavalo, podia notar o negro de seus cabelos se mantinha vivo da mesma forma que ele os manteve longos, deveria estar batendo na altura de seus ombros provavelmente, seus olhos profundamente castanhos claros eram inconfundíveis e, por fim, o seu habitual bigode que era dividido em duas etapas: o bigode acima da boca e um pequeno pedacinho de pêlos abaixo do seu lábio inferior.
Tio Roux era um homem incrível, bom e gentil.
Me lembro de momentos de minha infância onde Tio Roux foi muito presente; nos meus primeiros natais ele se vestia de Papai Noel ou de Super Homem – ele dizia que os dois eram a mesma pessoa -, e mesmo em dias comuns ele se vestia de duende, entre outros seres místicos, tudo para fazer peças teatrais e me entreter, lia histórias e as interpretava e principalmente, era um tio presente, apaixonado pela

arte de amar e sempre muito carinhoso comigo, me tratando mais como uma filha do que sobrinha.
Sentia muita falta dele, mas do que poderia imaginar.
Tia Morgana não parecia ter mudado muito desde a última vez que a vira, seus cabelos estavam mais curtos e batiam na altura de seus ombros com fios repicados loiros vivos, sua pele branca estava sobressaltada graças ao tom intenso de seus olhos, castanhos claros, pareciam avelãs com a luminosidade do sol do dia que a foto foi tirada, seu rosto delicado e fino a faziam parecer uma boneca de porcelana perfeita, mas seus olhos redondos e arregalados lhe dava um ar exótico a suas feições.

Abri a página para responder o e-mail, contudo parei no exato momento que ouvi o celular vibrando, olhei para o mesmo assustada, sentindo meu coração bater aceleradamente. Fechei o netbook e logo peguei o celular, abrindo a mensagem sem demora, mas logo murchei ao ver que era uma mensagem do professor Martin que foi enviada para todos os alunos, logo vi que não era coisa boa.

Martin Baker.
Todos os alunos devem se encontrar no teatro B, que fica no convés F, ao norte as 14 PM sem atrasos e faltas. Att.

Por mais que seja interessante ir ao teatro, não senti grandes ânimos com a tal notícia, ainda mais por saber que todos os meus colegas estariam lá, já que era o pedido de Martin; um encontro com eles era inevitável, os olhares julgadores, fofocas e até mesmo algum tipo de confronto iria acontecer uma hora ou outra e eu já estava pronta para isso e se não estivesse, teria que ficar.
Era assim que tinha que ser.

Bom, depois de tudo que Peter e minha mãe me disseram, eu estava pronta para esse encontro, mesmo preocupante, era inevitável e eu preferia que ele acontecesse o mais breve possível, como dizem, antes tarde do que nunca.

Ouvi o som da porta da sala sendo fechada com certo cuidado, de imediato me levantei da cadeira, adentrando o ambiente, a espera de encontrar Rachel para

questionar a ela que horas iria para o teatro, e acabei por me deparar com ela, Joana. De todos, a única a qual eu temia me encontrar.
Acabei por encontrá-la quando menos esperava e pela sua expressão, ela também não me esperava, a mesma estava parada me observando inexpressiva, meus lábios se abriram pronta para dizer algo, um simples *olá* talvez, mas nada saiu, enruguei meu cenho pela pura frustração de não conseguir me expressar com sua presença, e algo que me surpreendeu ocorreu, pude ver seus olhos ficarem tomados de lágrimas, foi nesse momento que dei um passo em falso em sua direção, tentada a abraçá-la, mas ela logo fez com que essa emoção se dissipasse, dando um passo para atrás me olhando com frieza, adentrando em seu quarto em passos firmes, o som da sua porta sendo fechada foi violenta, fechei meus olhos com seu ato, vendo que realmente era de tempo que nós precisávamos.
Só não sabia quanto tempo seria, mas não importava quanto fosse, eu esperaria por ela.

Adentrei minha cabine, decidida em dar privacidade a ela, peguei meus itens essenciais, catei meu cartão chave e sai do meu dormitório e por fim, da suite, pronta para tentar me distrair ao máximo possível.
Sozinha, mas isso era irrelevante.
Eu conseguia ser uma boa companhia para mim mesma.
Em bons dias ...

Capítulo 14 Judas

Esteja pronto para me amar
Porque eu estou chegando
Eu simplesmente tenho que marchar Meu coração é um tambor
Não traga uma nuvem
Para chover no meu desfile

Don't Rain In My Parade – Barbra Streisand

Eu só queria me distrair, isso não era crime para ninguém, certo?
Eu não queria ficar me corroendo com a tristeza e a solidão do momento, eu conhecia os meus erros e agora precisava seguir em frente para o meu futuro sem me arrepender de nada, me fortalecer para o que estava a caminho era fundamental.

Perdi uma das minhas melhores amigas, mas tinha a esperança e fé que iria resgatá-la para minha vida...
Algum dia, e esse pensamento me bastava.

Ficar um pouco na minha era o meu atual desejo, fazer coisas que gosto como ir na livraria ou dar uma agradável caminhada no convés eram pedidas ótimas para meu atual momento; eu podia muito bem passar o dia grudada a Rachel na piscina principal, mas ela tinha os próprios problemas para resolver com Steve, não queria ser uma intrusa, e acreditava que ela tinha que lidar com ele sem mim, era o certo.

Ficar longe de todos os meus colegas de turma parecia ser o certo nessa manhã evitar confrontos diretos, opiniões e mágoas desnecessárias, nenhum deles tinha nada haver com o fato ocorrido ontem, mas é da natureza humana ser enxerido e fofoqueiro, então já esperava pelo pior, então estava fazendo meu possível para ser discreta e não atrair a atenção de nenhum dos meus colegas, já teria que me encontrar com eles a tarde, até lá, as emoções já estariam mais controladas, talvez, com uma grande sorte, eles até se esqueceriam do ocorrido; a única que tinha o direito de falar algo comigo sobre o evento de ontem era Joana e já havíamos nos encontrado, e a mesma demonstrou em seu olhar e atitude que me perdoar/falar/bater não seria uma coisa que aconteceria de hoje para amanhã e por mais estranho que seja, eu estava confortável com isso.
Sinistramente confortável.

Talvez me sentisse aceitável com isso tudo porque havia comprado 05 livros interessantes em uma famosa livraria no convés 08 com desconto progressivo ou talvez fosse pelos 10 dólares que achei no convés 10 ou quem sabe seja simplesmente porque havia chegado ao estágio da aceitação, mais rápido do que o esperado havia passado pela negação, pulado a raiva e a barganha com um salto triplo, vivido um momento de depressão durante a noite e agora estava nadando na aceitação graças minha mãe, Peter e minha coerência sempre fui emocionalmente adiantada para minha idade, então não é surpresa alguma estar me sentindo *bem* com isso tudo.

Superar qualquer situação sempre foi uma atitude minha muito comum desde

criança, por mais que eu ficasse deprimida, sempre conseguia me reerguer transbordando minha mente e coração em fé, esperança e conformidade podia estar destruída por dentro, mas ninguém me confrontaria por causa disso, porque eu faria de tudo para mostrar ao mundo que estava bem e eles acreditariam, sendo verdade ou mentira, um dia realmente estaria bem, mas o mundo não precisava saber quando. De alguma forma, eu era boa em esconder o que sentia, eu não havia treinado para ser assim ou desenvolvido tal habilidade para me proteger de ter meu coração ferido, eu simplesmente era boa nisso desde sempre gostava disso, me fazia sentir intocada.

Eu sempre encontrei certo prazer em almoçar sozinha, diferente de meus amigos e familiares, como minha avó e Rachel que simplesmente detestavam comer sozinhas em qualquer refeição, eu sempre achava um lado positivo em ter um momento só meu durante essa refeição: O silêncio, era uma desses fatores, poder comer sozinha, ter a privacidade dos meus pensamentos e até mesmo a busca pela tranqüilidade era bem observado naquele momento.

Eu amava estar rodeada de pessoas, mesmo havendo momentos que me sentisse sozinha estando rodeada de tantos, acho que todo mundo sente isso pelo menos uma vez na vida, mas esse não era o foco no momento havia de fato momentos que eu precisava ficar sozinha para poder me encontrar, esse era um deles.
Na minha frente havia um belo prato de lasanha de frango ao molho branco com legumes e um copo geladinho de *coca cola*, escolhi um lugar estratégico na varanda do restaurante ficando afastada das mesas já ocupadas e do cheiro dos cigarros alheios; o lugar era coberto por um toldo branco que estava impedindo que o pouco sol que estava iluminando aquele dia tocasse os clientes que decidissem ficar ali, enquanto uma brisa gelada tocava a minha pele, sem pudor me dedicava a almoçar tranquilamente, olhando em direção ao oceano que belíssima e inspiradora visão eu tinha.
Eu poderia viver no oceano e por *ele*.
Enquanto almoçava me distraia lendo um dos livros que havia comprado, um romance sobrenatural que estava fazendo muito sucesso atualmente até filme já iria ter com alguns atores adolescentes não muito conhecidos pelo público, mas que logo se tornariam estrelas em ascensão; meu celular começou a vibrar, o que logo chamou minha atenção, o apanhei vendo no visor que havia recebido uma mensagem, senti

meu coração dar uma alavancada conhecida de nervosismo e curiosidade, ficaria muito frustrada se me deparasse com uma mensagem de minha operadora, mas um sorriso surgiu em meus lábios ao me deparar com:

Peter
Juro que dá próxima vez irei ouvi-la. Estou de cama, assistindo programas vespertinos porque estou extremamente gripado, até pegar o controle remoto é uma tarefa difícil. Me entretenha, o que está fazendo de interessante?

Quase me engasguei com o pedaço de lasanha que tinha na boca, engoli o mesmo com dificuldade, logo tomando um longo gole do refrigerante, tentando não morrer engasgada com meu próprio almoço. Fiquei encarando a mensagem por breves segundos, logo em seguida olhei na direção do mar, pensando nas respostas que poderia dar, um questionamento se aprofundou em minha mente.
Responder a sua mensagem ou ligar para ele?
A primeira opção parecia convidativa, a meu ver, já que adorava mandar e trocar mensagens, mas optei pela segunda opção.
Ouvir a voz de Peter seria muito mais prazeroso...
Com apenas um toque de meus dedos liguei para seu número, após quatro toques sonoros uma voz rouca e baixa atendeu murmurando meu nome, enruguei o cenho desconhecendo aquela voz, mas ao longe havia traços familiares naquele tom.
Aquele tom forte e inebriante que havia me conquistado em tão pouco tempo...

- Precisando de uma enfermeira morena e americana para serviços particulares, senhor Hartley? – Questionei com uma voz maliciosa, enquanto escolhia um pedaço da lasanha para comer.

- Acho que alguém anda lendo a minha mente. Definitivamente uma enfermeira cairia muito bem agora, mas ela precisa não só ser morena e americana, como particularmente possuir os olhos mais bonitos que já vi, que parecem conter segredos indecifráveis, um sorriso único que faria até o homem mais sério sorrir, uma pinta charmosa acima da boca que a torna única no meio de tantas e posso sublinhar uma paixão inconfundível e inacreditável por filmes antigos e boa música. Conhece alguém com essas características?

- Olhos bonitos? – Questionei, observando o oceano a minha frente sentindo as bochechas corarem levemente enquanto um sorriso escorregava em meus lábios.
- Sim, olhos unicamente belos. – Ele sussurrou.
- Por quê?
- Seu olhar parece guardar segredos e eu gostaria de desvendá-los, Kate.
- Hmmm, então acho que estou em apuros. – Murmurei, pensativa.

- Depois não me diga que não te alertei desde o inicio. – Peter murmurou, em seguida o ouvi tossir de maneira pesada, o que me preocupou, em seguida, voltou a falar um tom mais baixo. – Como você está?

- Bem, na medida do possível. – Respondi, de maneira pensativa tomando um gole do refrigerante, tirando a secura que a minha garganta havia tomado. – Eu e a Joana nos encontramos hoje. Não foi da maneira que eu esperava, mas foi o suficiente para eu constatar que vai demorar para ela me perdoar e também pude ter a certeza que as coisas nunca mais serão as mesmas, não que eu pensasse que tudo fosse continuar como era, mas ... Sempre há uma pontada de esperança.

- Eu realmente sinto muito por tudo isso, Kate.

- Tudo bem, eu cavei a minha cova de alguma forma, ainda tento entender como tudo aconteceu tão rápido, onde a minha consciência estava durante esse tempo todo, tento achar possibilidades de coisas que eu poderia ter feito para ter impedido isso tudo, mas é em vão ... Já está feito. Agora é seguir em frente. – Respondi em um murmuro em seguida continuei, tomando em minha voz um tom esperançoso. – Mas de alguma forma eu sei que tudo vai ficar bem ... Sempre fica, de um jeito ou de outro.

- Que bom que você está esperançosa em relação a tudo isso. Sua força é invejável. – Peter respondeu do outro lado da linha, de certa forma, ouvir a sua voz era um conforto para mim, mas notei que boa parte do meu ser desejava que ele estivesse ao meu lado como se estranhamente eu já sentisse saudades de sua presença. – Então, o que está fazendo de interessante?

- Almoçando uma deliciosa lasanha em uma confortável varanda bem em frente ao

oceano.
– Murmurei, sorridente.
- Chega a ser inspirador, daria um belo desenho.

- Daria uma boa cena de uma história romântica ... Se ao menos eu tivesse uma em qual me centrar no momento. – Murmurei, entortando meus lábios, sentindo a frustração de ser escritora naquele momento.

- Bloqueio mental? – Confirmei seu questionamento e ele continuou. – Te entendo completamente, costumo sofrer disso com os meus desenhos, mas depois que te conheci isso mudou completamente, sabia? – Ele disse de uma vez só, sorri levemente e do outro lado da linha Peter continuou a falar, de forma animada. - Estou desenhando nesse momento e você não tem ideia de como essa sensação é boa. O que é impressionante e que eu nunca consigo desenhar fora da minha casa, é meio que um ritual, me sinto em segurança então consigo desenhar, mas sempre travo se tento desenhar em outros ambientes fora do meu lar, mas de alguma forma você despertou em mim um desejo incontrolável. Devo agradecê-la por isso.

- Por favor, Jack Dawson, nada de agradecimentos.
- Você tem sérios problemas em relação a *Titanic*, é a segunda vez que faz referências a Jack. Sou tão parecido com ele ou você que gosta muito desse filme?

- Nem um nem outro, simplesmente essa atmosfera me deixa no clima do filme. Só espero não encontrar nenhum iceberg no caminho, contudo não se preocupe, se tivermos que dividir uma porta eu te garanto que dividiremos juntos, não sou cruel como a Rose a ponto de deixar você congelar no oceano.

- Você realmente é uma escritora. – Peter murmurou rindo. – Tem uma imaginação inacreditável. Gosto disso, sabia? Nos torna parecidos de alguma forma. Eu com os meus desenhos e você com as suas histórias. Podíamos até fazer algo junto algum dia.

- Você é tão sincero, direto. – Murmurei, sentindo minhas bochechas queimarem rapidamente com seus comentários. – Queria ser mais como você. Não consigo ser tão livre com as palavras assim só quando as escrevo.

- Mas você é. Você só não nota isso porque é extremamente natural para você ser assim. Impulsiva, eu diria.

- O que você está desenhando no momento? – Questionei, tentando mudar o foco da conversa, ele sabia que eu ficava intimidada quando era elogiada e podia jurar que do outro lado da linha ele escondia um sorriso; ele gostava de me deixar nervosa.

- Um elefante rosa em um tutu. – Ele disse de forma seria, mas podia ouvir seu tom jocoso.
- Bobo. É sério, eu quero saber.

- Não é uma boa ideia. Sempre que digo o que estou desenhando eu acabo bloqueando e não consigo terminá-lo, e esse desenho realmente está muito bom, prometo que quando terminá-lo te mostro, certo?

- Não tenho escolha. – Respondi vencida.
- Eu também exijo ler algo que você tenha escrito, o seu livro, certo? Eu iria adorar ser um dos seus primeiros leitores.
- Ah, que bom que você me lembrou, eu preciso mandar uma cópia para a Amelia e aproveito e mando para você também. Satisfeito?
- Nossa! Sem medo algum de expor seu trabalho.

- Claro que não. Escrever é a minha vida, se eu esconder os trabalhos que desenvolvo seria como esconder uma parte de mim, seria imaturo e até mesmo loucura de minha parte. Por isso eu deixo que as pessoas lêem, opinem, critiquem, e é preciso do público e eles das minhas histórias, uma forma de melhorar como escritora e pessoa.

- Alguma editora já mostrou interesse?

- Não, mas não perdi as esperanças. Eu sei que algum dia um editor brilhante e de grande coração irá ler meu livro e se apaixonar pela história e vai fazer de tudo para que seja publicado. E eu, obviamente, estarei esperando esse dia, até lá me dedico a escrever outras histórias, no momento, só preciso de inspiração.

- Eu espero estar ao seu lado quando isso tudo acontecer.

- Eu também. – Deixei que tais palavras escapassem de meus lábios, repousei minha mão neles surpresa.

Um breve silêncio caiu entre nós, mordi meus lábios me questionando se o assunto havia terminado ou se era apenas timidez nos envolvendo, mas Peter não se encaixava nesse último caso, ele não era esse tipo de cara, não era mesmo.
- Eu sei que é loucura, ainda mais porque estávamos juntos há poucas horas, mas eu estou com saudades de você. Como se já não te visse há semanas. Eu queria estar ai agora, para te abraçar, ver suas bochechas ficarem levemente vermelhas quando elogio você, vê-la mexer em seus cabelos e morder seus lábios quando está em dúvida, e como eu quero beijá-la, definitivamente é o que mais quero, beijá-la como se não houvesse amanhã...

- Eu sei exatamente do que você está falando. – Falei em um sussurro, sentindo um sorriso escorregar em meus lábios. – O que você vai fazer hoje à tarde, lá pelas quatro horas?

- Hmmm, continuar mofando em minha cama, entregue a gripe, sopas e muitos mimos de minha querida e doce irmã que acaba de invadir meu quarto esquecendo de que eu posso estar doente, mas ainda necessito de privacidade. – Peter pausou por alguns segundos e pude ouvir uma voz feminina distante do outro lado da linha. – Amelia está mandando lembranças e beijos.

- Mande beijos a ela também.
- Ok. – Ele disse o que pedi e logo ouvi Amelia dizendo algo a mais a ele. – Ela quer que vocês duas voltem a sair em breve, cinema, teatro o que você quiser.
- Hmmm, teatro seria uma boa pedida, se não me engano tem um musical legal no Teatro A sendo apresentado. Diga a ela que será um prazer.

- Eu virei um pombo telefônico agora? Por favor, liguem uma para a outra e combinem o que quiserem, mas não agora, porque nesse momento você é só minha. – Havia algo no jeito que ele falou *minha* que eu gostei muito, o sorriso que caiu em meus lábios foi quase irreconhecível. – Voltando ao assunto, o que você vai fazer à tarde?

- Bom, daqui há dez minutos tenho que estar no Teatro B, parece que o meu professor marcou um evento para a minha turma ou algo assim, só vou descobrir o que é quando chegar lá, depois disso estarei livre para o que você quiser fazer.

- Me ligue então, se eu estiver melhor podemos sair, se não ... A gente vê na hora, pode ser?
– Ele pausou por alguns momentos murmurando um audível "Amelia, pare!", obviamente abafei uma risada já que a mesma deveria estar implicando com ele.

- Claro que sim. Continue desenhando, enquanto isso, vou tentar me entreter nesse evento no teatro, mas garanto a você que tenho a sensação de que coisas boas não vão sair dai. A turma toda junta, logo depois do que aconteceu ... – Senti o celular vibrar, mas continuei na ligação, crendo que podia ser um sinal de bateria baixa, mas logo lembrei que havia o carregado pela manhã, o que podia então indicar que havia recebido uma mensagem. – É uma pena você estar gripado, seria tão bom se você pudesse ir comigo.

- Eu adoraria ser sua companhia, mas acho que nessa situação é uma boa ideia você enfrentar os leões sozinha. – Peter respondeu por fim.
- É, talvez você tenha razão, mas seria bom enfrentar os leões com um amigo. Ninguém pode vencer uma batalha só, é o que dizem. – Voltei a me calar, notando que havia chegado naquele temível momento de se despedir, voltei a morder meus lábios notando que de fato não queria desligar aquela ligação, mas brevemente me recordei que ele deveria estar se sentindo como eu, ao desligar aquela ligação ficaríamos ansiosos a saber quando nos falaríamos novamente e nada melhor do que a ansiedade para apimentar uma relação. – É melhor eu desligar, tenho que terminar de comer e ainda achar o caminho para o Teatro B, então ...

- Ah, sim, tudo bem. Vou me delíciar com uma sopa duvidosa que Amelia comprou, se eu não sobreviver você já sabe quem me matou e quem você deve matar. Tenha uma boa tarde, Kate.

- Obrigada, você também.

Desliguei a ligação com aquele mesmo sorriso bobo, enquanto eu continuei a comer a

minha lasanha que agora já não estava tão quentinha e gostosa como havia estado alguns minutos atrás, demorei um pouco para afastar meus pensamentos de Peter o que para mim parecia um sacrifício enorme, de ter devaneios e diálogos imaginários, mas o desenho do envelope no visor do meu celular chamou a minha atenção.
Uma nova mensagem, li esse enunciado e não gostei da sensação que tive.
Profundamente desejava que fosse uma mensagem de meu irmão ou de minha mãe ou até mesmo de minha operadora seria bem vinda agora.
Sem hesitar cliquei um botão abrindo a mensagem na tela, como suspeitei era a intrometida da Britanny tentando tornar a vida dos outros tão infeliz quanto a própria.

Britanny
Será que Steve irá acertar outro soco em Lucas ou o nosso loirinho irá revidar mostrando realmente quem ele é além de ser irmão de Tom Connor?

Deletei a mensagem, me sentindo subitamente enjoada ao observar o almoço em minha frente, larguei o celular na mesa com um movimento só, sentindo meu estômago revirar. Me afundei na cadeira, com as costas recostadas na mesma, enquanto a vista para o oceano agora não era tão bonita aos meus olhos como antes.
Era incrível como tudo mudava em questão de segundos.

Steve havia batido em Lucas?
Quando? Onde? Porque a razão para isso eu já sabia, Rachel e Joana respectivamente para cada um.
Eu conhecia muito bem o temperamento de ambos, sabia que Steve era pavio curto, ele batia primeiro e perguntava depois, bem depois. Provavelmente ele viu ou ouviu algo que não gostou e partiu logo para cima de Lucas, que obviamente como seu caráter descrevia, não reagirá a seu ato.
O que me deixava enjoada em relação a tudo isso.
Como uma situação se transformara em algo tão grande, conseguindo destruir amizades? Como?
Lucas e Steve sempre foram amigos da mesma forma que Joana e eu éramos, e agora, olha o ponto que havíamos chegado?
Era triste pensar isso, mas pelo visto, a tendência era de piorar cada vez mais.

Será que eu era a única que via que aquela situação já havia ido longe demais? Que por mais que Rachel estivesse apaixonada por Steve, e seus sentimentos não serem tão claros pela mesma, muitas pessoas estavam saindo machucadas por causa desse amor. Isso não estava sendo saudável para ninguém, principalmente para mim.

É, eu estava sozinha com meus pensamentos e sentimentos, só eu pensava desse modo entre meus amigos naquele momento essa sensação de solidão não estava me fazendo nada bem. Eu não queria me sentir assim, mas também não sabia como queria me sentir ou como devia me sentir; isso me incomodava mais ainda.

Não demorei muito a encontrar o Teatro B.
Ele ficava ao fundo do Convés B, o local era bem movimentado, já que ficava próximo a uma praça de alimentação e de diversas lojas.
Assim que cheguei lá pude reparar que a bilheteria estava sem fila, contendo apenas duas funcionárias, que se mantinham cada uma em seu espaço, conversando entre si, olhei confusa ao arredor tentando encontrar algum conhecido, algum sinal de que estava no lugar certo, talvez algum aviso que o horário havia sido modificado ou o lugar de encontro. Notei a única placa no ambiente, onde estava escrito sobre aulas de teatro que ocorreriam naquele teatro, a peça que seria apresentada teria todos os seus lucros revertidos para ONG's de caridade por todo o mundo achei interessante de fato, mas ainda não entendia o que eu e minha turma podíamos ter haver com isso.
Me direcionei até a bilheteria, querendo tentar solucionar esse quebra cabeça.

- Ah sim, você não está perdida não, querida. A sua turma já está ai dentro, pelo que ouvi dizer, parece que alguns dos seus colegas arrumaram uma confusão ontem num dos convés, foram levados a administração e a punição deles foi ajudar nesse grupo de teatro, sendo que o senhor Arthur, achou justo que toda a turma pagasse pelo erro dos colegas, assim ninguém ousará causar mais problemas no cruzeiro. Isso é o que ele pensa, é claro. – Disse a moça de aparência mais simpática, seus cabelos longos e enrolados de forma graciosa caiam em seus ombros enquanto um sorriso simpático caia em seus lábios, a colega do seu lado, uma morena de cabelos presos em um rabo de cavalo, me olhava com puro desinteresse, enquanto lixava as unhas. – Pode entrar querida, eu sei que é super injusto, mas antes participar da peça do que

pagar uma multa e acredite em mim, são caríssimas as multas desse cruzeiro.

- Coloque caro nisso. – Disse sua colega, fazendo um bico nos lábios.

Agradeci a informação, mas confesso que fiquei mais confusa do que antes. Enruguei meus cenhos, afundando minhas mãos nos bolsos do meu casaco de moletom. Lucas e Steve haviam brigado, de acordo com a Britanny, então provavelmente eles foram os colegas que arrumaram confusão. Agora queria entender o resto, ajudar o grupo de teatro? Como? Atuando? Sério mesmo que era isso que a moça havia dito? Eu não acredito que Steve e Lucas me meteram nessa encrenca.
Voltei a olhar a placa lendo com atenção aquelas palavras ali exposta em letras garrafais e bem desenhadas, pelo visto, era realmente isso; um grupo de teatro que faria breves aulas para apresentar uma peça, no meu último dia dentro desse cruzeiro o que seria daqui a quatro dias, que arrecadaria fundos para ONG'S de caridade por todo o mundo, e a primeira aula desse grupo começaria hoje, às 14 horas, consegui ler essa informação apenas agora já que estavam em uma letra pequenininha e em um lugar escondido do cartaz, abaixo de um grande desenhos de duas máscaras cênicas, com expressões de felicidade e tristeza.

Um trio de amigos, que não pertenciam a minha turma, que conversavam animados passaram por mim entrando no teatro B, obviamente seria uma classe aberta. Dei um passo incerto na direção da porta que foi aberta por um dos jovens, de material pesado e bruto, a porta foi aberta quase por completo e pude notar que o ambiente não estava muito grande, a acústica parecia ser muito boa e podia ouvir e ver que o ambiente já estava repleto de pessoas, rostos conhecidos(e desconhecidos); a porta se fechou abruptamente e meu coração se alavancou de espanto com o som, enquanto eu ainda observava, me distanciei poucos passos, impaciente com os meus pensamentos, em dúvida de entrar ou não.

Dúvida não era a palavra e sim, medo.
Aquele medo de mais cedo que agora resolvera me invadir novamente, sem razão aparente. Eu me sentia *bem,* meus pensamentos e sentimentos continuavam os mesmos, contudo não conseguia evitar minhas mãos soando, meu coração vacilando e o frio em minha espinha com o temor do que iria acontecer a seguir.

Eu podia fingir que não havia recebido a mensagem.
Eu não havia falado com ninguém sobre ter recebido, apenas com Peter, então ninguém da minha turma tinha como provar que eu havia recebido a bendita mensagem. Mais um casal desconhecido adentrou o ambiente, sorridentes e animados, nem tinham ideia que encontrariam uma turma de 15 ex- alunos com fúria e raiva por estarem sendo obrigados a participar de uma peça de teatro.
Tudo bem, eu não tinha certeza disso, mas era uma boa suposição.
Seria um banho de sangue esse evento.
E eu continuava do lado de fora.
Temendo, pensando, deduzindo o que iria acontecer no momento que eu adentrasse naquele ambiente.
Minha mente começou a imaginar bizarramente todas as possibilidades.

Uma chuva de ovos, tomates e farinha em minha direção?
Nah, faria muita bagunça;
Alguém gritaria *bruxa* e o resto do pessoal me agarraria e me levariam até uma lareira gigante improvisada, onde me amarrariam e queimariam viva, no melhor estilo inquisição do século XIV?
Não, Arthur não permitiria uma lareira gigante no meio do convés, atrairia muita gente, logo alguma confusão poderá acontecer no seu precioso cruzeiro.
Acho mais provável que eles me obriguem a usar um T em vermelho, bordado na direção de meu peito em todas as minhas vestimentas, para representar que sou uma traidora a qualquer um que me veja, remodelando a ideia do livro *A Letra Escarlate.*
Não, para isso eles teriam que ter lido o livro, coisa que nem metade da turma fez quando tivemos que fazer um projeto sobre o mesmo para a aula de Literatura, apenas eu, Joana e um menino de cabelos encaracolados vermelhos vivos e que fazia um ruído similar a um porquinho da índia quando era questionado sobre qualquer coisa tiramos 10.0 no trabalho, enquanto todo o resto ficou abaixo da média, logo comprovando minha afirmação.

De repente, uma nova possibilidade surgiu em minha mente;
E se eu fosse completamente ignorada?
Gostei desse último pensamento, mesmo sabendo que não me importaria de usar um T bordado em minhas vestimentas - óbvio se alguém os costurasse para mim, eu não

tinha jeito com agulhas - ser comparada a Hester era uma honra enorme como ser comparada a Elizabeth Bennet, Scarlett O'Hara e Hermione Granger desfilaria pelo convés me sentindo o último *Doritos* do supermercado.
Ok, agora fiquei triste que essa punição não aconteceria.
Rachel tem razão: eu sou doida, mentalmente compulsiva com pensamentos e deduções no melhor estilo Sherlock Holmes e muito muito muito MUITO *Nerd*!

Eu não temia em participar da peça, pelo contrário, eu adorava a ideia;
Sempre gostei de teatro e de atuar, coisa que apenas fiz em nosso colégio; teatro era matéria obrigatória e duas vezes por ano apresentávamos grandes peças para o público de nosso corpo estudantil e do bairro clássicos da literatura, valendo nota, eu já interpretei de Julieta Montecchio a Jane Bennett naqueles palcos do Durham Cathedral, mas nunca pensei em atuar profissionalmente, sempre vi essa arte em minha vida como um gostoso *hobby* que eu gostava muito de praticar, infelizmente, naquele momento essa prática parecia mais uma tortura.
Foi quando notei o quanto estava me torturando com deduções idiotas e muita pouca ação. Eu não era esse *tipo* de garota.
Sem coragem e fraca de mente, presa em deduções em vez de agir.
Deus, o que estava acontecendo comigo, Katerina Farrell?
Eu não era assim.
Respirei profundamente, incrédula comigo mesma.
Eu estava sendo exatamente tudo que odiava que outras pessoas fossem.
Indecisas, temerosas, hipócritas.
Eu estava decidida disso, eu sabia que podia encará-los, então porque eu temia justamente agora tão próxima de realizar tal ato?
Enruguei o cenho balançando a cabeça negativamente.

Abri a porta do ambiente com apenas uma mão e imediatamente a soltei, voltando a aquecê-la no bolso do meu moletom todo o ambiente parecia ter caído em um silêncio súbito e foi quase que imediato a ação de cada presente ali no momento que a porta bateu com violência atrás de mim. Eu tive a sensação de que 40 pessoas me olhavam com extrema atenção, alguns assustados, outros curiosos, mas a maioria dos rostos conhecidos me olhavam com extrema indiferença. Mordi meus lábios, me sentindo incomodada por ter deixado a porta se fechar com tanta violência, e

principalmente, por ser o foco da atenção de todos. A professora Sharon me olhava com uma expressão que dizia claramente: “Não faça isso novamente ou te deporto para o mar, garota!”, ao seu lado estava um homem moreno de feições puramente indianas e charme declarável e ao lado dele estava uma jovem morena de cabelos curtos até o ombro, ela que parecia estar conversando sobre algo animado com o professor Martin, que como alguns, ainda mantinham seu olhar em mim, ele me olhava com mais compaixão do que qualquer um ali e indicou sugestivamente com a cabeça para que adentrasse no ambiente, sorri levemente, era o máximo que conseguia fazer e dei alguns passos.

Como todo teatro, esse não era muito diferente.
Encoberto por uma penumbra natural, o local era iluminado por poucas luzes, todas vindas do teto em abajures de beleza normal que estavam em uma altura considerável, podia notar que havia luzes de emergência em todo o ambiente todas as paredes pareciam ser revestidas de um veludo azul escuro, como o carpete, as poltronas também seguiam esse mesmo tom tive uma súbita vontade de passar minhas mãos nas paredes para sentir a deliciosa sensação de veludo. O palco estava iluminado por completo, olhei para o alto notando o espaço onde a equipe de som e iluminação costuma ficar, o lugar era pequeno e pouco iluminado, parecia que havia um jovem garoto, de longos cabelos castanhos, no ambiente concentrado em seu celular, voltei meu olhar ao palco, vendo que ele era de tamanho médio, as cortinas eram longas, simples e de tom vinho, provavelmente de veludo também. Sharon e Martin estavam abaixo do palco, próximos a uma das escadas laterais, que levava ao palco, acompanhado dos dois desconhecidos adultos que se mantiveram conversando com eles. Parada em determinada parte do corredor principal, fora do caminho de qualquer um que quisesse passar, observava agora o ambiente, notando vários rostos conhecidos misturados aos desconhecidos; meus olhos fitaram por um instante Steve, que estava de braços cruzados e afundado em uma das poltronas com uma expressão de poucos amigos e com o lábio ferido, ele que estava acompanhado de alguns garotos de nossa turma, meus olhos continuaram a percorrer pelo ambiente e pararam no exato momento que encontrei o olhar de Joana, que me observava friamente, mantivemos nosso olhar por breves segundos e de repente ela se voltou para frente impedindo que eu visse sua expressão, pude notar que ao seu lado estava

Lucas que parecia ter um belo olho roxo e uma expressão triste, seu irmão conversava cheio de charme com uma garota negra de longos cabelos rastafáris que eu nunca havia visto antes, mas que parecia estar caindo de amores por Thomas, mas logo minha atenção foi puxada na direção de Alex e Chris, ambos que me olhavam de forma descrente e fria. Pude ouvir o exato momento que Alex sussurrou para o namorado:

- Eu não acredito que ela teve a coragem de aparecer aqui. Que hipócrita!

Chris nada disse, ele apenas se voltou para frente, como se estivesse desinteressado e depois de Alex me fitar de cima abaixo com desdém, ela imitou o gesto do namorado. Voltei a morder os meus lábios, vendo que aquilo era uma perda de tempo, ficar ali entre pessoas que não queriam a minha presença de modo declarado e eu, que também não estava morrendo de amores de participar da peça teatral - o que era uma mentira, já que estava morrendo de curiosidade para saber qual texto iriam trabalhar - sem grandes movimentos, girei meus calcanhares pronta para ir embora dali, mas Martin foi mais rápido.

- Aonde você pensa que vai, senhorita Farrell? – O professor Martin disse naquele seu tom de voz caloroso que fazia soar como se ele fosse um grande amigo e não um professor, sem delongas ele se aproximou de mim com longas passadas, pude notar alguns olhares em minha direção, enquanto a porta se mantinha a cinco passos de distância de mim. Só isso. Choraminguei, sabendo que não conseguiria fugir. Martin parou a minha frente, repousando suas mãos em sua cintura com um olhar pensativo. – Pensando em fugir?

- Não, eu só ... não estou me sentindo ... bem. – Menti, sentindo as palavras saírem de maneira fraca, enquanto me encolhia sentindo que o ar condicionado estava fraco, mas podia fingir que o frio me afetava mais.

Martin me observou atentamente, seus olhos castanhos claros percorreram aquele ambiente rapidamente, vários olhares curiosos nos observavam, principalmente os de Alex que logo se distanciaram temendo ser repreendida; ele me puxou para mais perto da saída e disse em um tom mais baixo de voz:

- Eu sei o que aconteceu e eu tenho certeza que você não é o tipo de garota que se importa com a opinião pública porque então você está tão amedrontada em estar aqui? – O olhei com dúvida em relação a sua afirmação, logo Martin continuou. - Steve e Lucas me contaram depois do incidente que aconteceu ontem, eu sei que você não tem culpa de nada disso, mas a turma está muito instável, Kate. Eu poderia liberá-la, mesmo sabendo que esse seu "se sentir mal" é mentiroso, mas não farei isso porque se eu o fizer aí que estarei em grandes apuros e você também.

- Por quê? – Questionei, intimidada com a sua sinceridade.

- Primeiro lugar: O administrador principal, Arthur alguma - coisa está de olho em nós, ele não quer que nada aconteça de escandaloso porque tem a tal da Lady Brighton no navio e ele quer que o nome da empresa e o dele seja prezado ao extremo, se algo acontecer e essa tal Lady ficar sabendo, pode ter certeza: cabeças irão rolar. Foi o que eu ouvi dizer! Se a turma não participar desse grupo de teatro, ele vai dar uma multa muito alta a nós e eu sei que você não quer isso; segundo lugar: Se você sair por essa porta, o que é bem provável que você faça, eles vão ver que você se sente culpada pelo ocorrido e que de certa forma você quer ser castigada pelos seus atos, eles vão se sentir no direito de deduzirem as próprias opiniões sobre o assunto, ao invés de ouvir a sua opinião e isso só acontecerá se você enfrentar a situação. – Ele pausou e sorriu gentil - Você pode fazer isso, Kate, isso não é nada perto de tantas coisas difíceis que você já passou.

- Eu sei que o senhor tem razão, mas ... É difícil. – Olhei ao arredor com a testa franzida, vendo vários olhares familiares em nossas direções. - Olha o jeito que eles estão me olhando, como se eu fosse a culpada disso tudo, como se tivesse sido eu que trai Joana com Steve. – Murmurei em um tom abafado de voz, mas que mostrava a minha incredulidade. Ergui minhas mãos, balançando a cabeça em negação. - Eu não preciso disso. Não preciso desse julgamento todo ... Eu sei a verdade, Joana também; só isso basta.

- A vida é difícil, Kate; isso é um fato. – Martin se calou com uma expressão ainda pensativa, mas suas palavras saíram com compaixão. – A decisão é sua, se você quer viver do modo difícil ou do fácil. Eu só acho que você é superior a isso tudo.

Ele não se demorou, logo se afastando de mim e voltando ao lugar onde estava antes. Olhei ao arredor, vendo aqueles olhares julgadores em minha direção, vi pela primeira vez Rachel que estava sentada ao lado de Britanny - o que me deu gastura de imediato -, ambas cochichavam uma com a outra enquanto olhavam na direção de Joana e soltavam risadinhas irritantes, nesse momento, de modo inesperado, Rachel me olhou e me chamou com uma das mãos de maneira animada, Britanny me olhou erguendo levemente a cabeça em soberanidade com um sorriso malicioso caindo no canto de seus lábios, como se ela quisesse me dizer algo com aquela postura, talvez, quisesse dizer que estava conseguindo levar Rachel para o lado negro da força, balancei apenas uma vez a cabeça em negação e me afastei de seus olhares, sem olhar para mais ninguém naquele ambiente.

Tentada a ir embora, me aproximei da porta para me retirar de vez dali, mas nesse exato momento, um jovem de rosto familiar, olhos negros e sorriso largo interrompeu todos os meus movimentos ao surgir na minha frente, a porta se fechou suavemente atrás de si e o jovem se aproximou de mim em passos leves, observando o ambiente com suas mãos dentro dos bolsos de seu sobretudo preto de modo relaxado, seus cabelos longos caindo em seus ombros de modo pesado e aquele sorriso amigável e único em seus lábios, me dando pela primeira vez conforto. Dorian parou a minha frente, olhando curiosamente ao arredor, por fim, pregando seus olhos intensamente negros em minha direção.

- É aqui a grande festa? – Ele questionou com o seu sotaque britânico inconfundível.
- Me deixa adivinhar: Peter? – Questionei, erguendo uma sobrancelha.

- Você deveria apostar na loteria nacional, sinto que você é boa em adivinhar. – Dorian respondeu com aquele seu tom de voz brincalhão – Você está certíssima. Peter me convocou para ser seu acompanhante nesta belissima tarde. Ele disse que você, talvez, fosse precisar de um amigo.

- É, um amigo sempre vem a calhar num momento como esses.

- Ótimo, porque eu, modestamente, sou um ótimo amigo. – Dorian estendeu um dos seus braços para eu segurar, tomei ele sorrindo leve enquanto o mesmo sorriu de

forma conquistadora, agora eu sentia vários olhares em nossa direção, alguns questionadores querendo saber quem era Dorian, outros olhares eram de garotas que estavam paquerando descaradamente Dorian que nem se incomodava e importava com elas; sua atenção era totalmente em minha direção – Alguma preferência de lugar? – Balancei a cabeça negativamente. – Que tal a última fileira?

- Ótima ideia, sempre gostei de ser da turma do fundão. Do contra e rebelada.

- Faz o seu estilo. – Dorian murmurou me guiando na direção da última fileira, se sentando bem ao meio de forma confortável, me sentei ao seu lado me encolhendo na poltrona. – Se você se encolher mais, você vai acabar diminuindo de tamanho.

- Nunca gostei de ser alta mesma. – Murmurei muxoxa dando de ombros, entortei os lábios sentindo Dorian me observar. – Mentira, eu gosto de ser alta, só não quero ficar em evidência. Só isso.
- Só isso, disse ela. Então ele acreditou fielmente na jovem de cabelos negros como a penumbra de uma noite sem estrelas e olhar esperançoso, como os de uma doce criança. – Dorian proclamou, sorrindo de lado, logo mudou de tom, voltando ao assunto principal. – Até que não está tão ruim, quer dizer ...

- Estão todos me ignorando e olhando em minha direção como se eu fosse uma intrusa ou um tipo de aberração. É realmente não está tão ruim assim. – Murmurei com sarcasmo, cruzando os meus braços, sentindo que havia me afundado mais na poltrona.

- Não, eles não estão olhando para você e sim para mim, devem estar se questionando: "Quem é o adorável e incrivelmente bonito garoto ao lado de Kate? Mais como ela é sortuda de tê-lo ao seu lado." – Dorian respondeu com seu habitual tom britânico muito bonito de se ouvir. Era uma de suas qualidades a se sobressaltar, ele tinha uma voz muito bonita, firme e graciosa. Olhei ao arredor notando que algumas pessoas nos observavam de esguelha, alguns colegas de classe curiosos, um deles era Lucas que olhava de forma disfarçada, talvez não querendo chamar atenção de Joana ao seu lado. Ri abafado imaginando que talvez esse comentário de Dorian fosse real. – Não dê atenção a eles, Kate. Pense do seguinte forma: Se te criticam é

porque você é uma pessoa importante, e definitivamente se há invejosos é porque você está fazendo algo certo, e é claro, eles também são um bando de desocupados que precisam se concentrar na vida dos outros porque a vida deles é miserável; o que estou tentando dizer é que não importa o que eles dizem, você sabe a sua verdade.

Eu ia responder o que Dorian havia dito, mas fui interrompida pelo homem de feições indianas que começou a falar no centro do palco, ao seu lado estava a jovem de cabelos curtos com um sorriso contido, um silêncio caiu por todo o teatro já que todos prestavam atenção neles.

- Olá, pessoal! Boa tarde e sejam bem vindos ao nosso grupo de teatro. Eu me chamo Raj e sou formado em artes cênicas pela universidade de Los Angeles, mas conhecida como UCLA. – Raj falava de uma forma tranqüila e confortável, esboçando um leve sorriso, seu sotaque indiano se mesclava com o inglês solto dos americanos, não demorou muito para ele continuar a falar de modo animado olhando para todos. – Essa jovem lindíssima ao meu lado se chama Melissa e junto a mim irá direcionar vocês ao caminho do mundo fantástico do teatro.

Raj continuou a falar sobre suas próprias experiências como diretor, ator e produtor de peças teatrais, recém formado da universidade tem dividido seu tempo dando aulas e viajando pelo Estados Unidos com as peças que tem dirigido, no caso, a peça que a nossa turma apresentará ele irá dirigir; Melissa também contou algumas experiências que colecionava, participações em famosas peças e séries de televisão, em nossa pequena produção, ela iria nos guiar na atuação e canto. Eles eram engraçados e simpáticos, tinham a típica energia que os professores de artes cênicas costumam ter e mostravam se conhecer muito bem, podia jurar que eram amigos há anos.

- Bom, eu sei que nem todos vocês estão aqui por livre e espontânea vontade. – Opa! Agora o assunto ficou *realmente* interessante. - Na realidade, agora falarei diretamente com os alunos do Durham Cathedral; creio que alguns nem desconfiam por que o senhor Martin e a senhorita Sharon marcaram esse encontro com vocês aqui, por isso darei a palavra ao professor Martin.

Martin, que já estava no palco, pude notar seu olhar cruzando os dois lados do auditório com atenção, indo em busca dos rostos de seus ex-alunos; ele disse exatamente tudo que havia me dito sobre a briga, sem por ou tirar informações, como é um homem educado, omitiu os nomes de Lucas e Steve, mesmo sabendo que todo mundo da nossa turma já tinha conhecimento do ocorrido; ele complementou dizendo sobre a decisão da administração de dar duas opções aos briguentos em questão: ou participar do grupo de teatro ou pagar a multa, que como a moça da bilheteria havia dito a mim, era muito cara.
Obviamente, como esperado, muitos dos meus colegas não concordaram com a situação implementada por Arthur, alguns deles até sugeriram pagar a multa - que para mim era uma fortuna - com seus fundos de mesada, contudo Martin negou tais sugestões, dizendo que não era justo pagar tal valor do mesmo modo que não era correto apenas um de nós ou um pequeno grupo arrecadar esse dinheiro para pagar, questionaram a Martin e Sharon se todos eram obrigados a participar da peça, se havia um modo de mudar a decisão de Arthur, entre outras perguntas as quais já conhecia as respostas.

De fato, pouco me importava com aquela situação; o pior havia passado, pelo menos para mim, eu estava ali encarando a todos, seus olhares, cochichos e julgamentos, e pouco estava me importando; toda aquela minha concepção de que a única que podia falar alguma coisa sobre o ocorrido era Joana estava funcionando, apenas a sua opinião e atitude me importavam e a mesma se mostrava indiferente a tudo e todos, então porque eu deveria me incomodar com eles?
Eu, Katerina Farrell, que nunca me importei com a opinião de ninguém sobre alguma atitude minha, nem mesmo de meus amigos ou de minha família - mesmo aceitando suas opiniões -, que tenho uma confiança inabalável, iria ficar balançada agora? Nunca! Participar da peça seria uma ótima forma de ocupar meu tempo e poder ajudar instituições carentes seria algo honroso, mesmo sabendo que o clima com a turma seria pesado, o que me desânimou um pouco, no fundo não estava nem me importando, iria participar com um grande sorriso no rosto e ponto final.
Vejo agora como fui idiota por ter passado por um breve momento de temor quando cheguei aqui, mas no fundo agora percebia, eu só precisava de um amigo ao meu lado, alguém para colocar meus pés no chão, não podia me esquecer de dar créditos a

Dorian, se ele não estivesse aqui, mesmo com toda essa minha confiança, eu provavelmente teria ido embora, sem pestanejar.
Ele tentava me distrair o máximo possível de tudo que acontecia ao nosso arredor, fazia piadas e comentários sarcásticos, estava realmente fazendo o papel de um bom amigo fiquei muito grata a Peter por ter pedido que ele viesse ao meu encontro.

Em relação à peça, eu havia decidido fazer algo pequeno, sem muitas falas, cenas e coreografias, de preferência um papel de figurante, ou quem sabe participar dos bastidores, lugar ao qual adorava estar, com a maquiagem, as roupas e cabelos dos atores iria ficar radiante se conseguisse tal posição.

- Bom, Melissa e eu pensamos em diversas peças que poderíamos trabalhar com vocês: comédias, romances, dramas, contudo teve uma peça em particular que chamou a nossa atenção nela vamos poder trabalhar não só com o romance e a comédia como também com o mistério e a sedução, tudo isso sendo movido a partir de muitas músicas, coreografias dançantes e de uma trama fabulosa chamada ... – Raj levou a mão na direção de uma mesa de mogno próxima e tirou uma apostila encardenada de algumas páginas, ele mostrou na direção do público com aquele sorriso vibrante e reconheci a capa de cara, mesmo estando xerocada. Toda aquela minha ideia de trabalhar nos bastidores e/ou ser figurante foi por água abaixo, ao ver aquela capa, um sorriso enorme caiu em meus lábios. Eu simplesmente amava aquele romance, Raj só podia estar de deboche comigo ao escolher aquele texto. – *O Fantasma da Ópera*. Já escolhemos as músicas, a orquestra estará a disposição no dia da apresentação, que será única, temos os figurinos de todos os personagens, alguns terão quer ser ajustados por isso vamos precisar de estilistas em nosso grupo, como também de maquiadores e cabeleireiros, enfim, temos tudo que um grupo teatral necessita para fazer uma ótima peça, em pouco tempo e tenho certeza que será feita com muito carinho e dedicação.

- Queremos fazer algo contemporâneo, por isso essa nossa versão será muito parecida com a do último filme de 2004, onde as músicas tiveram uma pegada mais próxima do rock, um dos focos foi nas coreografias, no modo de cantar algumas canções e principalmente, entre os atores principais, aqui nessa peça, essa química terá que ser evidente. – Melissa completou, nos observando com a sua apostila em

mãos e uma expressão pensativa. - A nossa intenção não é fazer uma obra de arte e sim, fazer algo de coração. Como vocês sabem, a nossa peça será apresentada num show de caridade onde haverá não só peças teatrais, como apresentações musicais e grupos de circo, todos eles, como nós, estão começando a ensaiar apenas agora, ou seja, não queremos profissionais, e sim, pessoas com interesse de fazer algo com desejo, fibra e pelo prazer de tal evento. – Ela disse com seus olhos fitando com mais atenção os alunos do *Durham Cathedral*. É, ela não parecia gostar da ideia de ter a minha turma ali e sua expressão de poucos amigos deixava bem claro que se um de nós fizesse algo que atrapalhasse sua peça, de um modo Shakespeariano, acabaríamos por desaparecer não só do teatro, mais do mundo. É, eu vou me esforçar depois desse olhar hóstil que ela deu em minha direção. Será que ela lê mentes? Medo, muito medo. – A nossa parte do dinheiro arrecadado dos ingressos serão entregues a uma ONG de caridade americana a qual Raj e eu dedicamos muito os nossos trabalhos, principalmente no final do ano quando fazemos peças para celebrar o Natal para bairros carentes. Ou seja, será algo incrível se nos esforçarmos ao máximo e darmos a essa peça todo o nosso coração; eu sei que podemos fazer algo incrível, como também vamos nos divertir muito juntos e o principal, vamos estar ajudando uma obra de caridade. – Pela primeira vez ela deu um sorriso animador, olhou para Raj que balançou a cabeça em afirmação e voltou seu olhar para a platéia. - Então, o que vocês acham de começarmos a colocar as mãos na massa?

- Amanhã será o dia dos testes; a nossa proposta para o dia de hoje é fazermos alguns exercícios iniciais, de conhecimento de nossos corpos e do espaço que estamos trabalhando, uma pratica obrigatória para o inicio de uma produção teatral, ainda hoje, vamos trabalhar com a colocação de nossas vozes no ambiente, não apenas para trabalhar a voz com a interpretação das falas como para poderos cantar, assim que nossa aula terminar, cada um de vocês receberão uma apostila igual a essas em nossas mãos e o dever de casa de cada um de vocês será decorar as falas dos personagens que vocês têm interesse de interpretar. Pode ser qualquer personagem, desde da principal até aquele secundário com uma fala só, contudo quero já deixar avisado que se pedirmos para a pessoa ler um determinado trecho de outro personagem ou até mesmo do personagem que ele escolheu, essa pessoa poderá usar

a apostila como consulta. Amanhã, nesse mesmo horário estaremos aqui, junto com os professores da *Durham Cathedral*, nossos convidados especiais, juntos, vamos escolher a partir dos testes com os atores os que irão interpretar os respectivos personagens da obra. – Raj disse, por fim complementando tudo de importante. – Então, que tal começar a aula de hoje?

A maioria dos participantes, incluindo os meus colegas, ficaram animados com a proposta, o que estranhei já que antes boa parte estava contra e agora, pareciam tão leves e animados como se tivessem optado para estarem ali, culpo Raj, o modo simples, amigo e animado de falar fez com que as pessoas se sentissem a vontade. Muitos se levantaram e seguiram em direção do palco, pude reparar que Rachel, ainda acompanhada de Britanny, me observava com estranheza, não sabia se era a presença de Dorian que a surpreendia ou o fato de eu têla ignorado, mas novamente, rejeitei seu olhar.
Ela queria ficar perto de Britanny? Ótimo, mas eu não iria me meter entre elas. Eu amava Rachel, mas quando ela se sentia ferida e emocionalmente instável, ela praticava erros imensuráveis e eu nunca conseguia impedi-la de tais coisas, ela simplesmente é uma teimosa irreversível e depois se acha no direito de reclamar de minha impulsividade ou dos próprios erros que comete.
Britanny era falsa e mesquinha, ela com certeza estava próxima a Rachel para conseguir informações para humilhar mais Joana e companhia, incluindo ela; mas podia jurar que seu olhar hóstil em minha direção reservava coisas para mim também, ergui levemente a minha cabeça, não mostrando temor a ela, eu não tinha nada a esconder, o que fosse que ela planejasse contra mim, não me afetaria; como se ela tivesse lido a minha mente, ela abriu um sorriso no canto dos lábios, tão malicioso quando seu olhar.
Uma certeza eu tinha: se meter com ela é um dos maiores erros que uma pessoa pode cometer, sei disso desde os meus primeiros dias de aula no ensino médio, onde vi a pessoa que ela era sem grandes esforços, apenas observando seus mais simples atos, com o passar do tempo essa minha teoria se tornou um fato comprovado e garantido.

Meus olhos percorreram as fileiras que iam se esvaziando gradativamente, Steve e seus colegas continuaram sentados onde estavam, mostrando total falta de interesse

na atividade; a minha frente, há alguns metros de distância, pude notar Alex, Chris, Joana e Lucas de pé, seguindo pela fileira, indo em direção ao palco: os dois primeiros riam de algo, ela que o segurava pela cintura e ele que segurava seus braços com carinho; agora Joana e Lucas se mantinham em silêncio: ela com um olhar distante em direção de Steve, podia jurar que seus olhos estavam cheios de lágrimas como mais cedo e que seus lábios tremiam levemente, mas houve algo que em particular chamou minha atenção: a mão de Lucas escorregou na direção da mão dela, gentilmente a acarinhou, ela o olhou com certa surpresa e abaixou o rosto, como se estivesse envergonhada, parados ali, ele logo repousou a sua mão livre no queixo dela disse algo de forma suave, erguendo seu rosto ela logo sorriu de leve enquanto ambos se olharam de forma intensa, sem nada a dizer ou fazer, eles seguiram o mesmo caminho que Chris e Alex, em silêncio.
Me afundei na poltrona, me sentindo uma intrusa por ter notado esse momento particular deles, me senti mal por não poder falar com Joana e dizer como ninguém quer nada que ela e Lucas fazem um casal muito bonito e que ela deve prestar mais atenção no jovem. Eu sabia que Joana não tinha nenhum tipo de malícia por Lucas, ela o via como um bom amigo, como sempre o vira desde o primeiro momento que o conhecera, mas Lucas não a via apenas como uma amiga. Ele gostava dela e ter testemunhado aquele momento me fez notar como aquilo tudo deveria estar sendo difícil para ele, até mais do que estava sendo para mim; Lucas deveria estar feliz por poder estar tão perto de Joana, cuidando dela e sendo o bom amigo que era, mas deveria ser doloroso consolá-la sabendo que ela chora por amar o seu melhor amigo idiota, enquanto ele sabe como eu também, que ele poderia fazêla muito feliz.
Fechei meus olhos com força, enrugando o cenho irritada com toda aquela situação. Fazia poucas horas que a bomba Steve – Rachel explodira, mas para mim, parecia que havia passado meses.

- Amor, amor, amor. – Dorian cantarolou perto de mim, abri apenas um olho o observando despretensiosa, Dorian com seu habitual sorriso sapeca, me olhou. - Somos nada sem esse sentimento peculiar, não é? – Dorian murmurou, notei que ele olhava na mesma direção que eu observava antes, diferente de mim que me sentia um pouco intrometida por ter os observado, ele observava com fascínio como se aquilo fosse encantador a seus olhos. - É engraçado como o amor nos afeta de uma forma

que nem notamos e quando menos esperamos. Tenho certeza que essa sua amiga loirinha nem nota que o loiro ali está doidinho por ela e talvez, quando perceber, essa situação a qual ela está vivendo comece a fazer sentido na vida dela. Clichê puro, mas o amor é assim. Sem clichê não existe finais felizes.

- Seu amor pela Amelia é clichê puro ? – Questionei, afundando minhas mãos nos bolsos de meu casaco, sem a mínima vontade de me juntar aos outros no palco e como eu podia notar, eu não era a única a ainda estar sentada, então porque a pressa?

- Nosso amor é o clichê mais puro visto nos melhores e maiores sucessos dos filmes românticos de Hollywood. – Dorian me olhou com uma expressão encantada, sorrindo levemente. – Amelia ... Amelia é a metade que faltava em minha vida. A famosa metade da laranja, alma gêmea se preferir. Eu sei que é clichê falar isso, mas ... - Dorian pausou por alguns segundos, me observando com atenção em seguida deixou um sorriso suave cair em seus lábios. – Você não me conhece o bastante para saber a pessoa que eu era antes de me descobrir apaixonado pela Amelia; eu sempre fui um garoto deslumbrado, mimado e galanteador. Eu sei que sou bonito e por isso eu era um nojo. – Dorian deu uma leve risada como se tivesse se recordado de algo em particular. – A única coisa boa que existia em minha vida era a minha amizade com Peter, e quando eu descobri a minha paixão por Amelia, eu comecei a me arrepender gradativamente de cada noitada irresponsável, de todo o meu caráter indigno e de cada coração partido que eu havia causado, incluindo o dela... Eu nunca imaginei que ela pudesse sentir o mesmo que eu e se ela não tivesse se declarado naquela festa, eu talvez fosse ser aquela garoto de três anos atrás para sempre. Ela me tornou uma pessoa melhor ... Para ela e todo o resto. Por isso o amor é um clichê puro. Ele afeta a todos da mesma forma, sendo que em momentos e modos diferentes. Eu sou afetado pelo amor de Amelia todos os dias, é aí que percebo que eu sou o cara mais sortudo do mundo por tê-la ao meu lado, pode parecer bobo, mas nascemos um para o outro e ter essa sensação é uma das melhores do mundo, ter o sentimento que ela foi moldada exclusivamente para mim. Amor é isso, Kate. Amar alguém incondicionalmente, suas qualidades e principalmente, seus defeitos e não entender o porquê, apenas saber que você não pode viver sem essa pessoa. Isso é amor, nada mais se iguala ou importa.

- Vocês vão se casar, não é? – Questionei, sorrindo levemente, memorizando as suas doces palavras sobre o amor.

- Sim, com ou sem a permissão da família dela. – Dorian respondeu deixando aquele sorriso sapeca cair novamente em seus lábios, pelo visto, esse era um desafio pelo qual ele parecia ansioso a tentar vencer. – É uma longa história, mas saiba que a família de Peter tem uma tradição antiquada dos filhos se casarem com os primos, tem haver com uma regra criada por um parente deles há quinhentos anos para manter o sangue da família Hartley puro algo meio nazista e louco, até hoje acredito que esse criador era um solteirão que viu que a única forma de desencalhar era com uma prima feia que era tão encalhada quanto ele, aí para dar uma desculpa qualquer para não parecer desesperado, ele inventou essa história. Por sorte, Amelia não vai poder seguir essa regra nesta geração, já que os únicos três primos que ela tem estão fora de questão de se casarem com ela: um é gay, outro é rebelado já tendo sido deserdado da família e o último tem cinco anos de idade mesmo com essa situação, a família dela tem seus prós e contras em relação ao nosso casamento. Na realidade, eles sempre foram contra nosso namoro, eles viam como uma paixão de dois jovens apenas, com o passar do tempo, eles começaram a ver que estávamos seguindo um relacionamento sério e tudo se confirmou quando a pedi em casamento; Peter apóia a nossa união 100%, são os pais e tia de Amelia que não vêem esse casamento com bons olhos, eles não acham que eu seja uma boa influencia a ela; não discordo, meu passado deixa bem claro o tipo de pessoa que fui, contudo tirando isso, eles, principalmente a tia dela, me consideram um bom partido pela minha posição social e situação financeira. – Dorian entortou os lábios, balançando a cabeça negativamente. - É complicado, mas estamos cientes que nada vai nos separar, não importa o que eles digam ou façam, nosso amor é muito forte.

- Nossa ... Que história!

- Se não for intenso, não é amor. – Dorian completou por fim, ele olhou na direção do palco com uma expressão animada aquilo, para ele era um grande parque de diversão, para mim parecia mais um passeio na atração do terror. – Então, pronta para praticar seu lado *atriz*, senhorita Farrell?

- Érr, não muito. Se eu não participar, será que eles vão ficar chateados?
- Bom, eu não sei o que eles vão sentir, mas que eu vou ficar chateado, vou.

- Qual é, Dorian? Esses exercícios sempre precisam de duplas e eu garanto que todos já tem um amigo com quem fazer e eu não estou nada a fim de ficar no vácuo ou de ter que me enturmar com quem não conheço. – Murmurei, sentindo a preguiça me tomar. – Além do mais, a nossa conversa estava muito interessante, não vamos atrapalhar esse momento.
- Podemos conversar a qualquer momento, coisinha. Além do mais, se esqueceu da minha presença? Eu estou aqui como seu acompanhante oficial. Recebi ordens diretas de Peter Hartley para ser o melhor amigo que uma garota iria querer e precisar, então vamos lá, tenho certeza que vai ser divertido. – Dorian se colocou de pé, tirando o sobretudo o jogando na poltrona, deixando a mostra a camisa pólo azul marinho que marcava bem o seu corpo, se as garotas já estavam babando por ele antes, agora então elas iriam desmaiar em efeito domino. Ele estendeu sua mão em minha direção com aquele sorriso conquistador em seus lábios, entendia agora por que Amelia era apaixonada por ele, não eram suas feições que o faziam bonito, e sim, o conjunto completo, seu caráter principalmente. – Prometo que não farei nenhuma graçinha que possa vir a envergonhá-la.

- Você jamais me envergonharia, Dorian. – Respondi, me pondo de pé, segurando com delicadeza a sua mão macia e que estava excessivamente gelada, culpava o ar condicionado por isso.

- Está vendo? É aí que você se engana, minha cara amiga. Você me subestima, desconhece meu passado negro.
-Valeu *Darth Vader,* só não venha com esse papo de que você é meu pai, certo? Isso está muito passado.

Dorian deu uma gargalhada gostosa, me guiando pela fileira de poltronas na direção do palco, questionei em um sussurro a ele o que faria se dissessem que ele não poderia participar, já que não estava inscrito no curso, Dorian gargalhou novamente, esboçando seus dentes brancos perfeitos e declarou que se inscreveria então, simples assim. A solução dele era tão óbvia que me senti muito idiota por ter pensado que isso seria um problema.

Nos posicionamos em um determinado ponto, entre um casal de loiros nórdicos e um trio de amigos desconhecidos, mas não foi uma distância suficiente ao meu ver, notei Britanny e Rachel próximas a nós, o olhar hóstil e frio de Britanny chamou a minha atenção de imediato, ela me observava atenta, seus olhos fazendo uma linha direta em de meu rosto até o de Dorian, que não parecia notar que estava sendo observado, provavelmente ela estava matutando em sua mente quem Dorian era e o que ele estava fazendo comigo, sabendo que eu podia ouvi-lá, mesmo sem olhá-la e com a movimentação e conversa alta dos nossos colegas, Britanny não teve o mínimo pudor de sussurrar - de modo bem audível - para Rachel mais uma de suas maldades.

- Eu não sabia que Kate estava tão saidinha dessa forma. Primeiro, sai à noite com aquele loiro taciturno e misterioso, até dormirem juntos, *dormiram*, já que foi o que você me disse, contudo ela pode ter dito que nada aconteceu entre eles, mas quem garante que ela não mentiu para você, não é? Agora, ela está com o amigo dele?! – Ela murmurou com uma expressão falsa de choque, como se ela já não tivesse feito coisas piores do que as que ela acabara de dizer. - Não é a toa que todo mundo está chamando - a de *vadia*!

Enruguei meu cenho, sentindo uma vontade súbita de acertar um tapa no rosto angular de Britanny, dei um passo em falso em sua direção, mas a mão de Dorian escorregou na direção do meu pulso, me segurando com firmeza me impedindo de fazer qualquer movimento, de algum modo ele leu a minha expressão e compreendeu o que eu iria fazer com a *Britadia*, pelo visto, ele estava atento a tudo que acontecia ao nosso arredor. Seu toque gentil e delicado me sobressaltou, olhei em sua direção e o mesmo não estava a me olhar com preocupação como esperava, seus olhos negros observavam friamente Britanny e Rachel, ao notar me, ele se virou em minha

direção, abriu um grande sorriso e me rodopiou de modo gracioso, e ao parar, me fez ficar – propositalmente - costas para elas, e de modo delicado repousou uma de suas mãos na altura de meu queixo com um sorriso leve nos lábios, como se fosse um irmão mais velho consolando a mais nova.

- Não dê atenção a ela, Kate. – Dorian sussurrou suavemente com um sorriso gentil em seus lábios. – Ela não te conhece, sua opinião estúpida e de baixo calão não é válida a nada, logo não merece sua atenção.

Ele tinha razão, mas quando se tratava de Britanny por mais que eu tentasse ignorar, eu não conseguia, um dos meus maiores desejos naquele momento era de colocar essa garota em seu devido lugar: no chão, mas infelizmente, ela sempre estava a dois passos a frente de mim, mais um dia, espero que não muito distante, eu faria com que ela pagasse por tudo que já dissera sobre mim e meus amigos. Mesmo tendo sido gentil e doce, as palavras de Dorian não me serviram de grande consolo, me mantive de costas a elas, mas meus ouvidos estavam bem atentos na continuação da conversa.

- Quem você pensa que é para falar da Kate assim, sua hipócrita? – A voz de Rachel soava em um tom mais baixo que o normal, mas estava tão firme como em qualquer momento estivera. Sua habilidade de me defender sempre fora afiada, eu sabia que Rachel não me decepcionaria, por mais que estivesse surpresa por vê-la ao lado de Britanny, eu tinha uma leve desconfiança que algo estava acontecendo, e era isso que eu queria descobrir.

- Alguém que sabe um *segredinho* sobre o Peter Hartley e que está muito disposta a revelar isso sem dó nem piedade para a sua melhor amiga. – A voz sínica de Britanny soou em resposta e ela continuou com um tom de voz falso. – Own, já consigo imaginar a carinha de desiludida e sofredora que Katerina vai fazer quando descobrir o que sei. Vai quebrar o coração dela em milhares de pedaços, coitadinha! - Minha expressão de fúria se transformou em uma mescla de surpresa e curiosidade. Meu coração batia em uma sincronia descompensada e pesada em meu peito. *Segredo sobre o Peter?* Mais ... como? Do que ela estava falando? A mão de Dorian se firmou mais em meu pulso e aceitei isso como uma afirmação que Britanny

realmente sabia algo e que ele estava tão atento na conversa delas, quanto eu. Não me mexi nenhum centímetro, temia perder o resto da conversa, mas meus lábios se mexeram involuntariamente, cegos de curiosidade.

- Um segredo? – Sussurrei em um tom que só ele poderia ouvir, as órbitas negras de Dorian me observaram tão surpresas quanto eu poderia esperar, mas por trás delas eu vi uma intensidade que nunca havia observado nelas antes, era temor.

- Eu disse para você ignorá-la. – Dorian sussurrou mantendo o mesmo tom baixo de voz que eu. – Quem é essa garota para saber alguma coisa sobre o Peter? Filha de algum personagem do Steven Seagal ou do Bruce Willis? – Dorian continuou com um tom confiante de voz, abafando uma risada, como se achasse cômico seu comentário, mas eu não ri, mas eu sabia pelo seu olhar que havia algo de verdadeiro no que Britanny havia dito e agora, eu ia descobri a todo custo.

- Ela é Britanny Smith, Dorian. Só é filha de uma das famílias mais do meu bairro, talvez da Carolina do Norte, quiçá dos Estados Unidos, não me pergunte porque, só sei que ela sempre teve uma vida miserável por culpa da falta de carinho da família dela que vive concentrada em ficar milionária cada dia mais, e por isso ela resolveu se tornar a Jigasaw em versão feminina, graças a Deus sem as armas mortais e a concepção sinistra que aquele filme tem. Ela faz a vida dos outros ser um inferno e eu tenho a sensação tenebrosa que isso lhe dá um imenso prazer. Acredite em mim, quando ela quer algo ou saber sobre algo, ela consegue. – Enruguei meu cenho, sentindo um desconforto tomar conta de mim. Não sabia se era a proximidade de Dorian ou se era o fato de ter a noção que Britanny sabia de algo sobre Peter, Dorian também e eu não. Tentei soar o mais firme possível, mostrando minha preocupação. – Ela consegue tudo o que quer para fazer as pessoas tão infelizes quanto ela. Por favor, Dorian, se você sabe algo que Peter esteja guardando como segredo e ela pode querer usar isso contra mim para me ferir, me diga agora, eu juro que não vou falar nada a Peter, só me deixe preparada para o pior, antes que outra bomba de proporções imensuráveis exploda nesse cruzeiro.

Dorian nada disse.
Ele afastou seus olhos dos meus com certa tristeza aprofundada naquelas orbitas,

parecendo firme em sua decisão de proteger o melhor amigo, mesmo sabendo que o que fosse que ele estivesse escondendo pudesse me ferir; achei honrado sua atitude perante a Peter, mas injusto comigo, nem ao menos uma dica ou um simples "Não se preocupe, não há nada com o que você deva se preocupar", ele apenas ficou a olhar o nada com os olhos cheio de tudo.

Meus ouvidos voltaram a se concentrar na conversa de Britanny e Rachel, ela que estava discutindo bravamente com *Britadia*, obviamente que ninguém estava notando o ocorrido ou elas já teriam cessado; o grupo estava tão animados com a peça e os ensaios que nem prestavam atenção na discussão que acontecia bem próximo a eles, mesmo que elas não estivessem gritando, contudo a tensão entre elas era evidente, pelo jeito que as coisas estavam, acredito que um furacão podia devastar metade do navio e nenhum deles perceberia o que ocorrerá.
Era bom assim, porque podia ouvir toda a conversa, quem sabe descobrindo até mais informações sobre o tal segredo de Peter.
Foi quando notei que Raj havia já indicado um exercício corporal, todos que estavam prestando atenção nele já começavam a fazer, era para ser feito com seu parceiro; Dorian que prestava atenção em Melissa e Raj, ergueu ambas as sobrancelhas tentando imitar os movimentos, observando com atenção a garota de cabelos rosa *pink* e de sardinhas salientes no nariz que estava acompanhada dos seus dois outros amigos ao nosso lado, ela parecia saber o exercício de modo correto como Raj havia explicado, mas como estava desatenta perdi sua explicação inicial. Dorian se virou em minha direção para explicar o exercício, fingi prestar atenção no mesmo, mas estava mais o imitando do que outra coisa, continuando a ouvir a conversa entre Rachel e Britanny que parecia ter chegado ao ápice.

- Você é baixa. – Rachel respondeu com frieza, ouvi uma risada sínica vindo de Britanny. – Você é insensível e hipócrita. – Britanny apenas revirou os olhos, mostrando total desinteresse no assunto e no exercício teatral, mantendo seus braços cruzados e expressão vazia. - Como pode me subornar dessa forma? O que você quer mais, Britanny? Já não conseguiu o bastante? Joana está infeliz como você queria, Steve também, mas Kate nunca foi o seu alvo e ela nunca se colocou no seu caminho para nada, por que querer feri-la dessa forma?

- Porque isso afeta você e vamos ser sinceras, Rach: É divertido ter a vida das pessoas em nossas mãos. Então, vamos continuar da forma que estamos. Você vai continuar ao meu lado, fazendo exatamente o que eu digo, quando eu conseguir o que quero, conto a você o segredinho do Peter, aí você conta para a Kate a poupando da desilusão garanto que isso não vai demorar muito, o que eu quero está quase para acontecer. Só tenha paciência. E Você sabe ... Eu sempre consigo o que quero!

- Sua ...!

- Rachel! – Murmurei num tom alto de voz, o suficiente para algumas pessoas olharem em minha direção, Dorian foi uma delas que notou que deveria ter me dado mais atenção, mas já era tarde demais, eu estava a dois passos na frente de uma nervosa Rachel e de uma sínica e sorridente Britanny.

- Kate, querida! Não havia te visto aqui. – Britanny murmurou, deixando suas mãos caírem em sua cintura. – Na realidade, eu nunca te vejo em lugar nenhum, não presto muita atenção em você.

- Rach, eu vi que você está como eu, perdida com o exercício, que tal fazermos juntas? – Questionei de forma natural, como se não houvesse Britanny nenhuma a passos de nós. – Dorian vai adorar o prazer de sua companhia conosco.

- Eu não ... – Rachel murmurou em dúvida, olhando de mim para Britanny.

- Não finja que você não pode me ver, Kate. Isso não vai tornar as coisas mais fáceis. – Britanny murmurou, balançando gentilmente seus cabelos com uma das mãos enquanto me observava com desdém. – E além do mais, Rachel é a minha parceira, não é, Rachel?

Britanny olhou seriamente Rachel que nos observava aflita e com uma expressão pensativa. Britanny se aproximou lentamente dela e sussurrou em seu ouvido de forma sínica: *Não se esqueça do nosso acordo,* Britanny me olhou com aquele sorriso malicioso nos lábios e Rachel me observou com uma expressão de total derrota, balancei em negação minha cabeça, com um olhar que dizia: *Não faça isso, por favor. Não vale a pena.* Foi como se Rachel tivesse levado um choque em todo

seu corpo, ela ergueu a cabeça e abriu um largo e bonito sorriso, se aproximando de mim em passos firmes, enquanto Britanny a observava descrente, ela segurou o meu braço e disse sem pudor algum, olhando friamente *Britadia*:

- Vai se ferrar, monstra!

Em seguida, me guiou para o lugar onde eu estava antes, abafava uma risada para não tornar a situação mais critica do que estava, mas podia ver pela expressão de orgulho de Rachel que ela sentia que havia feito o certo e eu também sentia o mesmo. Ao pararmos vimos Britanny nos observar com uma expressão de fúria, sem delongas, se afastou do nosso campo de visão, provavelmente indo em busca de sua próxima vitima, nem nos importamos.
Meus olhos caíram na direção de Dorian que estava próximo de nós, ele havia entendido o que eu havia feito e parecia satisfeito, era parceiro da jovem de cabelos *pink*, a me olhar,ele sorriu levemente, tendo observado a cena obviamente, em seguida ele deu uma piscadela para mim, voltando a se concentrar no exercício, ouvi atrás de mim um gaguejar estranho, quando olhei para atrás era Rachel que estava completamente inebriada pelo gesto dele. A observei seriamente e ela me olhou desnorteada, no exato momento que Melissa chamou a nossa atenção de forma delicada para o novo exercício que ela estava ensinando, enquanto prestávamos atenção no que ela passava olhei para Rachel, buscando por respostas.

- Q-que? – Rachel murmurou em dúvida, seus olhos fitando Dorian com extrema atenção, ele que agora estava distraído com o exercício proposto, enquanto conversava de forma simpática com sua parceira, era claro que ele estava se divertindo diferente de muita gente ali.

Sobre Rachel, eu a conhecia muito bem e sabia exatamente que Dorian fazia o estilo certo de garoto errado para ela, logo, ela balançou a cabeça negativamente notando que havia ficado bem claro que eu havia notado que ela estava babando por ele, na realidade, qualquer um notaria isso. Nos concentramos em fazer o exercício, de forma desengonçada, mas pelo menos estávamos fazendo e o que eu queria realmente era conversar e faríamos isso.

- Não me olhe assim, Katerina. Sou uma mulher livre, posso olhar para quem eu quiser e dá forma que desejar. Além do mais, olhar não arranca pedaço, bem que eu queria, mas ... – Ela murmurou, erguendo seus olhinhos para o alto de forma maliciosa.

- ... Mas ele não é um homem livre. – Completei erguendo ambas as sobrancelhas.

- E daí? Olhar não arranca pedaço volto a repetir e muito menos faz eu tomar posse dele, mas cá entre nós, ele parece estar se divertindo *muito* com aquela garota de cabelos muito, muito mal pintados. Eu não sabia que rosa ainda estava na moda ... No mundo dos emos, é claro, porque só alguém muito, muito depressivo pintaria os cabelos assim. Ou rebelde, acredito. – Rachel disse com um tom de voz enojado, fazendo uma careta com os lábios.

- Não, não. Eu entendi o que você quer dizer. Dorian não faz esse estilo de cara. Ele ama a noiva, ele até tem o porte de galanteador, mas não. Dorian é carinhoso, simpático, amigo, mas um traidor, não encaixa bem ao porte dele. – Murmurei o observando discretamente.

- Nossa, eu quero que ele seja simpático comigo então. – Rachel murmurou com certa malícia, cerrei meus olhos em sua direção e a mesma riu com a minha expressão, mas logo desfez o sorriso. – Eu tenho certeza que até alguns meses atrás você diria a mesma coisa sobre o Steve.
- O que você quer dizer com isso? – Questionei, pensativa, observando sem grande atenção o novo exercício que Raj estava propondo, envolvia fazer expressões para o seu colega e ele teria que corresponder às expressões com gestos semelhantes, apenas utilizando a face. Parecia divertido.

- Você espera muito das pessoas, Kate. É o seu jeito. No fundo, ninguém é ou vai ser da maneira que a gente espera e quer. – Rachel murmurou, com uma expressão triste, mas eu jurava que isso não fazia parte do exercício. Repousei minhas mãos nas suas a puxando um pouco para perto de mim, nosso tom baixo de voz se manteve em minha garganta tornando aquela conversa mais confidente do que poderia ser.

- Tenho certeza que você não está tocando nesse assunto por causa do Dorian. – Murmurei a observando com atenção, os olhinhos de Rachel se estreitaram na direção do chão e pude notar o seu cenho enrugando, ela estava escondendo as suas emoções. – Você conseguiu conversar com o Steve?

Rachel nada respondeu, ela olhou na direção dos professores e em seguida, seus olhos foram em direção da coxia, ela simplesmente fez um gesto discreto com a cabeça na direção da mesma e se encaminhou até lá, sendo seguida por mim. Como toda coxia, essa não era diferente. Fedia a mofo, era coberta por um tipo de veludo negro, velho e puído, o lugar era escuro e de péssima acústica, perfeita para nós duas que queríamos privacidade.

- Então, conseguiu falar com ele? – Rachel novamente caiu em um tortuoso silêncio. Entendi isso como um *sim* e que as coisas não tinha acontecido como ela esperava. Insisti no assunto apenas porque conhecia Rachel bem o suficiente para saber que ela era o tipo de pessoa de esconder o que sentia. – Você quer conversar sobre? – Questionei de forma delicada.

Rachel demorou a responder, ela se encostou na parede de forma confortável, repousando um dos pés a parede como forma de apoio, seus olhos olhavam atentamente o teto, podia jurar que algumas lágrimas haviam surgido em seus olhos, mas logo elas desapareceram como se houvessem sido imaginação minha. Ela não choraria em público, não era o jeito Rachel de ser. Ela me olhou, abrindo seu melhor sorriso e o mais bonito que conseguia, tentando mostrar para mim que estava tudo bem, porque ela me conhecia e sabia que eu podia sentir que nada estava bem com ela.

- Não. Está tudo bem, não quero falar sobre isso. Não agora, ok?

- Você quem sabe, Rachel. – Respondi, me encostando na parede, ao seu lado. Observei brevemente que a turma estava a fazer os exercícios propostos, entre gargalhadas e comentários animados, todos estavam tão juntos e concentrados no que faziam que podia garantir que ninguém havia notado que Rachel e eu havíamos *fugido* dali. – Eu ouvi o que a Britanny disse sobre o segredo do Peter. – Notei que

Rachel fechou os olhos de uma forma descontente, pelo visto, eu não estava ouvindo coisas que não existiam. - O que ela quis dizer com aquilo?
- Que ele tem um segredo?! – Rachel questionou de forma debochada, ao ver minha expressão seria ela enrugou o cenho e com um gemido de desagrado escorregou pela parede se sentando ao chão, fiz o mesmo que ela, sem delongas ela continuou a falar. – Eu ia te contar assim que tivéssemos privacidade, mas tudo aconteceu muito rápido. Eu estava na piscina, me bronzeando e esperando *aquele-que-não-deve-ser-nomeado*, meu celular começou a tocar e era Britanny que queria se encontrar comigo para falar algo sério, fui grossa com ela como de costume, mas a mesma mostrou hóstilidade e disse que o assunto era você. Fiquei preocupada, pensei em milhões de coisas que podiam ter acontecido, menos no que ela de fato queria comigo.

- E o que ela queria com você? – Questionei, a observando com os meus braços envolta de minhas pernas de forma confortável.

- Adivinha? O que essa monstra sempre quer? Encrenca. – Rachel pausou por breves segundos, observando o teto novamente como se tivesse algo muito atraente ali, mas no fundo era ali que ela estava concentrando todos os seus pensamentos, como uma forma de canalizar o que queria dizer, parecia que estava a funcionar já que ela falava comigo, soando nervosa, mas com um ar de tranqüilidade invejável. – Britanny queria que eu sabotasse Lucas e a Joana. Não me pergunte como, mas ela descobriu, por terceiros, é claro, que ele é apaixonado por Jo e que ela está hospedada no quarto dele, sozinhos. Óbvio que isso despertou a curiosidade daquela monstra. – Rachel me observou, pensativa. – Eu não entendi porque, mas por alguma razão ela quer prejudicar os dois aos olhos do Steve ... – Abri a boca pronta para questionar o *porquê*, mas Rachel foi mais rápida. - É, isso é outra coisa que você não sabe. Steve está correndo atrás de Joana o tempo inteiro, quando Britanny me disse isso eu não acreditei, mas pude ver com os meus próprios olhos. – Rachel pausou, sua voz tomando um tom pesaroso que partia o meu coração, mas continuei a falar, precisava descobrir tudo que estava a acontecer.

- O que ela pediu exatamente para você fazer?

- Ela queria que eu colocasse um gravador no quarto deles para poder ouvir todas as conversas que teriam, por pelo menos um dia inteiro, que é o máximo que um gravador consegue suportar. Claro que ela pegaria essa fita e tentaria conseguir algo de comprometedor. Obviamente que eu disse que não faria, foi ai que ela utilizou o segredo do Peter como forma de suborno, ela disse que iria te contar o segredo, caso eu não fizesse o que ela queria e ela me garantiu que era algo muito forte, que partiria o seu coração quando você descobrisse.

- Porque você aceitou isso?

- Não, eu não aceitei nada. Ela me deu até o final do dia para dar uma resposta, eu estava pensando seriamente em aceitar, tudo por causa do segredo de Peter, foi quando você veio até nós e o resto você já sabe. – Rachel me observou, sorrindo levemente. – Eu sou Rachel Ray, ninguém me domina ou controla, por favor. Eu só aceitaria isso para não ver você sofrer. Às vezes, se tivermos sorte, ela poderia estar mentindo, mas é se não estivesse?
- Eu acho que não. – Respondi, pensativa. – O olhar que o Dorian fez quando eu questionei sobre me respondeu que isso é verdade. Peter está escondendo algo de mim e eu não tenho ideia do que possa ser, mas que é algo sério, isso eu tenho certeza.

- Bom, segredos são segredos. Ninguém esconde algo porque quer, e sim porque é obrigado. Por medo, defesa, falta de coragem, fraqueza, proteção,... Ninguém consegue ser feliz escondendo e omitindo sobre si mesmo e é isso que as pessoas sentem quando escondem algo. É assim que você vai descobrir. Não pergunte ao Dorian sobre, questione ao Peter, você vai ver se isso é verdade através dos olhos deles. – Rachel pausou, franzindo levemente o nariz, talvez fosse por causa da expressão tristonha que se formou em minha face,ela me puxou para perto de seu corpo, onde acabei por repousar minha cabeça em seu ombro. – Exija a verdade dele, Kate. Se Peter tem algum segredo terrível que vá partir o seu coração como a monstra disse, melhor assim. Vai ser mais fácil para você superá-lo. Agora, você só vai descobrir através dele, isso eu garanto e eu apoio totalmente que você o questione sobre. É o melhor para vocês.

Eu sabia que Rachel tinha razão.
Mesmo que eu não quisesse confessar, descobrir agora algum segredo que ele esteja a esconder seria de grande ajuda emocional, como ela dissera, superá-lo seria mais fácil assim; doloroso, mas fácil.
Pelo menos, era isso que eu estava forçando a minha consciência a acreditar. Por mais que achasse que isso tudo havia acontecido muito rápido - como tudo estava a acontecer -, eu não conseguia parar de pensar no fato que Peter tinha um segredo - que eu nem desconfiava o que podia ser, o que me matava - e que Britanny tinha conhecimento do mesmo; era isso que me mantinha temerosa e muito curiosa.
Como ela sabia algo dele se nem ao menos eles se conheciam?
Era o que eu achava, pelo menos.
Como será que ela conseguiu descobrir tal segredo?

O que eu sabia sobre a vida de Peter?
Ele tinha uma família estruturada: pai, mãe, irmã e tia; estuda em uma universidade de nome internacionalmente conhecido; quer seguir uma profissão de peso e grande importância; ele sempre fala sobre o *negócio da família*, como Amelia também, ambos mostram certo desagrado nisso; e já deu a entender que os Hartley têm uma posição social importante em diversos momentos, definitivamente, pelo modo de se vestir, por sua educação, modo formal de falar e sua inteligência admirável, ele deveria ser um garoto de uma família rica e muito influente em Londres, mas ...
Até que ponto os Hartley seriam ricos e influentes?
Será que o bastante para fazerem parte das colunas sociais britânicas?
Jornais, revistas e internet.
Será que foi assim que Britanny descobriu esse segredo de Peter; pela internet, jogando o nome dele no *google*, talvez?
De certa forma, estranha e irreal, fazia sentido.
Mesmo você não sendo famoso, seu nome podia ser encontrado em diversos sites por toda a Web, de forma irreversível de ser apagado, ou seja, para sempre aquelas informações suas estariam ali para qualquer um ler, o máximo que qualquer pessoa no mundo teria que fazer é saber seu nome completo e escrevê-lo no campo de busca.
Não era algo difícil, pelo contrário, eu pensaria em algo assim; simples, prático e

ninguém nunca desconfiaria de minha procurar sobre o assunto, apenas se vissem meu histórico no computador.

Agora minha mente era tomada por uma nova questão: o que poderia ser tão terrível para *ele* estar escondendo de mim?
Não era como se nos conhecêssemos o bastante para ele me contar os seus mais temíveis segredos, mas se era algo que iria despedaçar meu coração, como Britanny disse, eu tinha o direito de saber, ao menos, se ele não quisesse que eu soubesse, é claro.
Minha mente se tornou um grande vazio, eu não conseguia pensar em mais nada; só queria ficar assim, quieta e reclusa.

Não importasse o que fosse, a única coisa que eu desejava profundamente era que esse *segredo* não fosse nada que pudesse me ferir, não estava pronta para ser magoada mais uma vez por causa de mentiras, principalmente, não estava pronta para ser magoada por Peter. É, pelo visto, ele não era *tão* único como meu coração estava tentando convencer minha mente.

A realidade era que eu não estava pronta para ter o meu coração partido, independente de quem fosse.
Novamente.
E talvez, nunca mais estaria.

Capítulo 15 Segredos

Diga-me o que quer ouvir
Algo que agradará os seus ouvidos
Cansado de toda esta insinceridade
Então abrirei mão de todos os meus segredos
Dessa vez
Não preciso de outra mentira perfeita
Não me preocupo se as críticas nunca aparecem de uma só vez Eu estou me desfazendo de todos os meus segredos

Secrets – One Republic

Concluímos nossa conversa sem mais delongas.

Ficamos por breves minutos apenas sentadas no corredor da coxia, presas em nossos próprios problemas. O silêncio que caia entre nós era tortuoso, mas não tinha pretensão de mudar isso; Rachel estava tristonha, mesmo tentando mostrar o oposto como de habitual, enquanto eu ... Bom, não podia negar que estava me corroendo de curiosidade e preocupação sobre o tal *segredo* de Peter.
De certa forma, achava tolice ficar me torturando com isso, tentava explicar ao meu cérebro e meu coração o porquê:
Ele tinha o direito de ter *segredos*.
Nós mal nos conhecíamos e revelar um segredo, por mais leve ou grave que seja, necessita de tempo e confiança; eu gostava de Peter, mas sabia em meu ser que em três dias não dá para criar um forte laço de confiança, tinha certeza disso, por experiência próprias; haviam *segredos* meus que não contaria a ele agora por temer sua reação.
Por mais doloroso que no futuro essa minha decisão podia me causar, eu o perdoava independente do segredo que ele estivesse a me esconder.
É claro, se ele estivesse escondendo uma noiva/esposa, eu meteria a porrada nele e o deportaria para o oceano sem pestanejar, mas se não for nada disso ...

Na realidade, o que me preocupava ao extremo era saber que Britanny tinha o conhecimento desse *segredo*, mesmo ela declarando que era algo que "*partiria o meu coração*", o que deveria me deixar suspeita, eu estava mais preocupada com a privacidade de Peter; ele não merecia ser usado nas artimanhas daquela garota - na realidade, ninguém merecia -, e eu sabia que ela usaria desse segredo para me manipular e causar alguma grande discórdia entre mim e Peter, o que me desestrutaria, o que deixar seu alvo, Rachel, fora da proteção das minhas asas, algo bem típico de Britanny, ainda mais depois de nossas discussões, ela deve estar doida para se vingar.
Eu precisava descobrir esse *segredo*, e tinha que ser através de Peter, antes que Britanny aprontasse alguma coisa contra nós.

Rachel e eu voltamos para o palco no exato momento que Raj e Melissa começaram a distribuir os roteiros, a última segurava uma prancheta em mãos anotando os nomes dos interessados em trabalhar nos bastidores. Rachel mostrou interesse em trabalhar com a parte dos figurinos, foi escolhida como chefe desse departamento o

que fez seus olhos brilharem, e junto com mais 03 garotas foram designadas a uma reunião imediata com Melissa, para falar sobre os ajustes que teriam que fazer nos figurinos já existentes - como costura, moldar a roupa ao ator que iria usá-la, entre outros - até pude ouvir Rachel dizer que poderia fazer peças novas - provavelmente já imaginando as fantasias puídas e velhas que teria que trabalhar -, Melissa pareceu contra a ideia, contudo Rachel deixou bem claro que dinheiro e tempo não eram problema para ela, e não eram mesmo; não se sentindo satisfeita, ainda vai ajudar Tom na propaganda do evento, que a convidou pessoalmente para ajudá-lo, de acordo com Tom, ele é ótimo para chamar a atenção do sexo feminino, tem a famosa lábia e charme que faz qualquer garota se hipnotizar de paixão por ele menos eu - e Rachel é ótima da mesma forma que ele, sendo que com o sexo masculino, além do mais, ela é muito persuasiva, Melissa que o diga, a mesma já estava adorando as milhares de ideias que Rachel estava tendo em relação aos novos figurinos, que ela iria desenhar e costurar, em 02 dias. Eu acho que minha amiga tomou *Red Bull* e está achando que é um robô. Denovo.

Enquanto a maioria dos alunos já se dispersavam para irem embora, notei que Britanny havia sumido do meu campo da visão, do mesmo modo que Steve, Joana, Lucas e o casal Alex e Chris. Me recordei que Dorian estava próximo a saída há alguns segundos atrás, mas quando voltei-me para procurá-lo, o mesmo não estava mais lá, talvez tivesse ido embora e nem pude agradecer por ter estado comigo naquela tarde. Animada, Rachel veio correndo em minha direção - *deslizando, Katerina*, disse ela em minha mente com os dentes trincados, *princesas não correm, elas deslizam* - com um verdadeiro sorriso de felicidade em seus lábios, antes de se dirigir para a reunião com Melissa.

- É exatamente tudo que preciso no momento. Trabalhar com desenhos, roupas e propaganda. Ter contato com pessoas, me movimentar, distrair a minha mente de algo além que Steve Miller. – Rachel concluiu, me observando com carinho, em seguida sorrio de forma encantadora e me abraçou, um gesto que me surpreendeu, o retribui e logo assim que nos afastamos, ela questionou. – Vai fazer o que agora? Se quiser, você pode ser minha assistente particular, prometo que não te sobrecarrego com muitas coisas, de imediato, só vou mandar que você compre alguns tecidos, linhas para costura e talvez, uma resma de papel reciclável.

- Por mais que seja tentador o seu convite, eu acho que já tenho o que fazer pelo resto do dia. – Rachel me olhou curiosa querendo saber, é claro, olhei discretamente ao arredor, em busca de algum fofoqueiro de plantão ou de Britanny escondida atrás de alguma poltrona com sua câmera fotográfica e gravador, vendo que estávamos a salvo, conclui, timidamente. – Eu e Peter vamos nos encontrar, pelo menos é o que eu achava até algumas horas atrás, vou ligar para ele para saber se está melhor da gripe e se continua de pé o nosso plano. – Murmurei, afundando minhas mãos dentro do bolso de meu casaco, me lembrando do tal *segredo*, o que causou uma batida dolorosa em meu coração. Olha a desconfiança morando no lado esquerdo de meu peito.

- Hmm, cheia de planos com o príncipe britânico e não me contou nada, sua safada. – Escondi um sorriso no canto dos lábios e Rachel me olhou descrente, obviamente era uma atuação, no fundo ela estava vibrando por que eu e Peter estávamos dando certo – Eu conheço essa sua carinha de desconfiada, não fique grilada com essa história da Britanny, Katerina. – Eu ia respondê-la, mas como de costume, Rachel me interrompeu com uma expressão madura. - Mas se você achar apropriado, conte a ele o ocorrido hoje e questione se há algo que você deva saber e se ele está omitindo algo pelo seu bem ou pro bem dele. – Rachel respondeu, pensativa. – Enfim, você é ótima com as palavras, vai saber se expressar bem, só não se consuma com isso, ok? Não quero vê-la triste e desconfiada sem ter certeza do que está acontecendo; você não é esse tipo de garota, você age primeiro e pensa depois.

- É, você tem razão. Vou ver o que farei. – Sorri levemente, aceitando o conselho de Rachel como algo valido em minha mente - Qualquer coisa me liga, ok? Se você quiser conversar sobre *aquele-que-não-deve-ser-nomeado*, por exemplo, eu estou a toda disposição.

- Kate, eu nunca vou ligar para você para conversar sobre *aquele-que-não-deve-ser*nomeado sabendo que você está se divertindo com o Peter. Por favor! – Rachel começou a se afastar com um sorriso sapeca nos lábios. – Divirta-se.

Rachel me mandou um beijo no ar e de repente ficou com uma expressão desconcertada observando alguém que estava atrás de mim, de repente ela abriu um

grande sorriso conquistador e piscou de forma sensual, estranhei o seu gesto fazendo uma careta de imediato, girei meus calcanhares quase que como uma ninja pronta para o combate, temendo quem estivesse atrás de mim.
De repente, uma apostila com um titulo em negrito na capa *O Fantasma da Ópera* surgiu a minha frente, olhei para ver quem o entregava a mim e me deparei com Dorian que estava com um sorriso largo, como de costume, ele mexeu em seus cabelos com uma das mãos os jogando para atrás com muita leveza. Peguei a apostila de suas mãos e olhei para atrás, vendo que Rachel já não estava mais em meu campo de visão, abafei uma risada constatando que ela não perdia uma nunca.
Um sorriso bobo caiu em meus lábios, voltei a olhar Dorian que logo esticou seu braço livre em minha direção me convidando a segurá-lo no melhor estilo cavalheiro do século XVIII, sem hesitar o segurei e logo nos retiramos daquele ambiente.

Ao chegarmos do lado de fora me deparei há alguns metros de distância estavam Lucas, Joana, Alex e Chris, os quatro que estavam conversando de forma animada, menos Joana que parecia perdida em seus pensamentos, logo se silenciaram quando me observaram cruzar o corredor conversando com Dorian.
Levemente Dorian se aproximou de meu ouvido e sussurrou para que eu gargalhasse e mostrasse que estava tudo bem, o obedeci sem nem ao menos pensar, dei a minha melhor gargalhada falsa e mantive minha cabeça erguida, ao voltar observá-los, discretamente, notei pelas expressões de Alex e Chris que havia os convencido de minha felicidade instantânea, mas aquele ato não me preencheu felicidade nenhuma quando notei que Joana estava de costas, olhando na direção do mar enquanto Lucas a consolava, ele que me olhou com uma expressão chateada, como se eu tivesse feito algo errado.

Voltei meu olhar para a frente, seguindo em frente, Dorian foi conversando comigo por todo o caminho, ele disse que me deixaria no saguão principal, já que precisava se encontrar com Amelia e sua tia para experimentar um smoking para um evento que ele teria a noite. Durante todo o caminho conversamos sobre a peça e a aula de hoje, a qual ele havia adorado, ele me contava que havia pedido permissão ao professor Raj para trabalhar com os cenários junto com a sua namorada, ele disse que Amelia iria adorar ajudar nas pinturas e construções de cenários, coisa que ela sempre fazia em sua época de colégio, o professor concordou e já colocou mais três

garotos para ajudá-los, sendo que os trabalhos deles só começam no dia seguinte. Dorian questionou se eu estava animada com algum papel em particular e eu neguei sem pestanejar. Por mais que eu gostasse de teatro, da peça em questão e modestamente soubesse atuar e acertar algumas notas musicais, eu não me sentia no clima de me concentrar em algo tão complexo no momento, disse a ele que tentaria o papel que tivesse menos falas, como o da Meg Giry, se tivesse sorte acabaria sendo uma figurante, melhor do que ser maquiadora e ter que maquiar Joana e Alex, por outro lado, teria que maquiar Britanny e seria tão prazeroso fazer um estrago nela do tipo irreversível, afastei tais pensamentos maldosos. Dorian se divertia comigo, com os meus comentários sarcásticos, graças aos últimos eventos eu estava tinindo em sarcasmo e ironia; ele tentava me animar, era natural de seu jeito de ser pelo que notei, mesmo tendo aquele clima de desconhecimento entre nós, ele parecia à vontade ao meu lado e realmente preocupado comigo, como se fossemos amigos a um bom tempo, o observando, pude ver um pouco da essência de Lucas em si; enquanto tentava me animar, Dorian mostrava um pouco de quem era: um garoto carinhoso, bem humorado, sincero e amigo, mesmo nos conhecendo em tão pouco tempo, ele mostrava uma preocupação ilimitada, com uma proteção digna de irmão mais velho, o que deveria ser uma de suas principais qualidades.

Em determinado momento, logo após eu o ter o agradecido por ter passado aquela tarde comigo, Dorian pediu licença para atender uma ligação, ele parecia ansioso com a pessoa que ia falar, fiquei parada em determinado ponto por educação para não parecer uma intrometida, enquanto ele tomou uma distância considerada de mim parando próximo a borda do navio, ele me olhou de modo discreto como se quisesse saber onde eu estava e se concentrou na ligação, isso despertou minha desconfiança; independente do que ele fosse falar, eu não iria compreender qual assunto seria, só se fosse algo óbvio, mas mesmo assim ele não precisava se afastar tanto de mim, considerei isso como um ato um pouco exagerado de sua parte, ao menos, que com quem ele fosse falar, o assunto fosse a minha pessoa. Não poderia agüentar com essa curiosidade e não faria mal a ninguém, se eu desse discretos passos na direção a que ele se encontrava e acabasse por ouvir algo, como ninguém quer nada, talvez até descobrir com quem ele estava falando, o mesmo nem notaria, já que ele está de costas para mim e para a direção que eu iria, achando um plano honesto

discretamente me aproximei dele, fingindo interesse em meu próprio celular, mas estava tão atenta quanto um lince em busca de sua presa favorita.

- ... Eu não sei. Você sabe que Kate é uma garota muito madura para idade que tem, e garanto que se ela soubesse de alguma coisa e tivesse interesse nisso, com malícia, ela já teria comentado com você ou com um de nós sobre. Sim, eu concordo com você, Peter, é um assunto muito complicado, na realidade, são assuntos complicados ... Eu concordo que não seja à hora para falar sobre isso com ela, mas você deve começar a pensar no assunto, ela não é boba e vai começar a desc ... – Dorian se virou de repente, deparando-se comigo a alguns passos de distância de si, meus olhos encararam os dele com pânico, enquanto eu tentava fingir que não ouvi nenhuma palavra que ele disse e sim, que meu foco era o meu celular; Dorian, me olhando com extrema desconfiança, continuou: - Sim, eu entendo completamente a situação, mas acredito que o momento não seja propício para conversarmos sobre isso. É, isso mesmo. Nos falamos mais tarde? Ótimo. – Dorian desligou a ligação, guardando o celular no bolso com um movimento só. – Eu não vi que você estava aqui até me assustei...

- Desculpa. Eu estava no meio do caminho, achei melhor sair ... Era alguma coisa importante? – Questionei, com uma expressão tão inocente quanto a de uma criança, pude sentir que Dorian engoliu em seco, mas ele se escondeu por trás de um grande sorriso.

- Nada que não possa resolver mais tarde. Vamos?

Continuamos a conversar, como se nada tivesse acontecido.
Eu fingindo que não ouvi ele conversar com Peter sobre mim e o segredo, e ele fingindo que não estava desconfiado que eu ouvi boa parte da conversa.
Dorian me deixou no lugar prometido, no saguão principal, que estava bem movimentado para o horário, conversamos mais um pouco e ao se despedir voltou a repetir que tinha um encontro marcado com Amelia e sua tia. Enquanto esperava o elevador chegar não pude evitar de notar que ele olhou para mim como se quisesse averiguar algo, ele seguiu seu caminho e eu notei que o mesmo pegou o celular fazendo uma ligação de imediato. Cruzei meus braços, erguendo uma sobrancelha,

era óbvio que eu não ia deixar essa passar. Podia ser exagero da minha parte, mas eu não era trouxa de ninguém; Peter estava guardando um segredo de mim, algo que ele temia revelar e eu teria que descobrir isso, ou pela boca dele ou por conta própria, além do mais, precisava me defender de Britanny que pelo visto, realmente sabe algo sobre ele e entre ela me revelar isso e me ver despedaçar ou eu estar um passo a frente dela, mesmo despedaçada, eu ficava com a última opção.

Voltei para meu quarto sem pressa, estava muito concentrada em meus pensamentos, buscando uma forma de questionar a Peter sobre o assunto, a sugestão de Rachel veio a calhar. Parada em frente do espelho fiquei a ensaiar as formas que poderia começar o assunto com ele.
Teria que ser direta e certeira, sem temer ou voltar atrás em minha decisão. Se ele dissesse o tal segredo, ótimo. Ele estaria mostrando que realmente pensa em um futuro comigo e o principal e mais importante: que ele confia em mim.
Agora, se ele não dissesse ...
Eu não iria surtar por causa disso, é claro que não.
Como Dorian disse, eu sou uma garota muito madura para minha idade e entenderei se ele não quiser falar comigo sobre tal fático assunto.
Simples e prático.
Não havia o que temer.

Sem delongas, peguei o meu celular e liguei para ele.
Não demorou muito para que ele me atendesse com aquela sua voz firme e de uma forma incompreensível, gentil. Só pelo seu "Alô" tive a nítida sensação que ele havia piorado, o que não era nada bom para os nossos planos do resto dos nossos dias.

- Oi, tudo bem? – Questionei com um tom suave, cruzando as minhas pernas sentada no meio da cama, senti um leve sorriso cair aos meus lábios só de ter a sensação que estava falando com ele, sentia uma eternidade que não nos falávamos. Como isso era piega!
- Não tão bem como imaginava que poderia estar. – Ele respondeu, pude ouvir que o som que havia por trás da sua voz estava sendo diminuído, parecia ser música, mas não consegui identificar o estilo ou interprete. Ouvi Peter tossir de forma alta e logo sua voz voltou a soar no celular. – Acho que vamos ter que desmarcar os nossos

planos. Sinto muito.

- Ah, tudo bem. – Por essa eu esperava, em termos, mas não fiquei nada contente com isso, pelo menos, entendi isso pelo movimento estranho que meu coração fez e o frio que meu estômago foi tomado. – O importante é você ficar melhor. Descanse, se alimente corretamente e garanto que amanhã você estará mais disposto.

- Infelizmente, vou passar o resto do meu dia sozinho. Minha tia, Dorian e Amelia vão em um evento importante, minha irmã queria ficar comigo para me auxiliar, mas minha tia disse que isso está fora de questão, que o evento já estava marcado, enfim ... – Ele pausou por breves segundos, esse tortuoso silêncio só alimentava a minha mente com questões do tipo: Será que ele não quer me ver mais?, Será que ele está me evitando por causa do *segredo*, mas não demorou muito para ele continuar a falar. – O que você acha de passar a noite aqui?

- O-o que? – Questionei num tom de voz alto demais, sentindo que meu coração saltaria de meu peito sem permissão e aviso prévio. Ele perguntou assim, como se fosse algo natural. Ele dormir no meu quarto foi algo que aconteceu naturalmente, mas ser convidada assim, me trazia expectativas, muitas para ser sincera.

- Desculpa, eu não deveria ter questionado isso. Só achei que seria uma forma da gente passar um tempo juntos hoje. Eu me sinto melhor, mas ainda estou febril, se não fosse por isso eu até me encontraria com você em algum lugar, mas entendo se você acha que isso é demais para nós. – Ele complementou com aquele tom de voz sério que me fazia tremer por dentro.

- Não, não é isso. Eu só não estava esperando pelo convite. É claro que eu aceito. – Mordi meus lábios pensando em algo mais para dizer, algo que não soasse tão sexual quanto eu sentia que aquela frase anterior soava, tomei um tom de voz mais casual e continuei: Quer dizer, é uma ótima ideia. Posso cuidar de você no lugar da Amelia, o que você acha? Levo alguns filmes, o meu texto da peça teatral que serei obrigada a fazer, longa história te explico depois ... Hmmm, mais o que? Sopa, posso te levar sopa.

- A última coisa que preciso agora é sopa, Kate. Que tal você vir logo para cá,

resolvemos o que eu irei comer quando você estiver aqui, comigo, no mesmo quarto e cama que eu.
- Isso sim que é um convite impossível de se negar. – Murmurei, sentindo o sorriso em meus lábios se tornar malicioso. – Já estou indo, mas só tenho mais uma pergunta.
- Questione.

- Como eu chego no seu quarto? - Mordi meus lábios com tal pergunta que me fez sentir um pouquinho boba.
Era tolice minha acreditar que Peter com o seu *misterioso* legado estivesse hospedado em uma pré suíte como a minha. Obviamente, ele estava hospedado em uma suíte presidencial, se eu já achava o meu quarto um palácio, quem dirá quando eu visse a suíte presidencial dele? Vou me sentir no paraíso e não vou querer nunca mais retornar ao lugar a que pertenço, ainda mais tendo a presença de Peter que seria uma boa representação de um anjo. Deixando os meus devaneios de lado, anotei a descrição do caminho que Peter me dera em um pedaço de papel que achei, temi que acabasse me perdendo, mesmo que isso não fosse algo comum, então coloquei o papel no bolso do meu short, assim que desliguei a ligação comecei a me arrumar para o meu destino.

Peguei uma mochila e coloquei uma calça de moletom azul, minha nécessaire, carteira, celular, alguns dvd's, incluindo *O Fantasma da Ópera* e a apostila do teatro. Dei uma arrumada na bagunça superficial que se encontrava em meu quarto, tranquei a porta do mesmo e sai do recinto enquanto mandava uma mensagem pelo celular a Rachel avisando aonde estaria, dando até uma descrição pouco precisa da suíte presidencial de Peter; toda precaução era necessária, por mais que eu confiasse nele era bom manter Rachel a par do que eu estava a fazer, para onde iria e que hora pretendia voltar.
Antes de seguir o caminho descrito, passei em uma espécie de mercadinho em um dos centros comerciais que havia dentro do cruzeiro, entrei para comprar algumas guloseimas, traduzindo, besteiras para comer: mashmallow, jujubas, chicletes, pirulitos, Doritos gigante, *donut's*, refrigerante de laranja para mim e *cupcakes* variados.

Segui a descrição dada por Peter e não demorei muito a encontrar a área das suítes presidências, que era mais reservada do que a área onde ficava a região dos meus quartos, igual lá, as suítes ficavam nos andares de baixo, mas como eu podia averiguar as pessoas que se encontravam lá eram de níveis sociais importantes e logo, ricas, notei isso por um grupo que passou por mim, contendo dois seguranças, um assistente pessoal e dois jovens de narizes arrebitados, um deles falando no celular e o outro dando instruções ao assistente, ambos com roupas de marca e expressões refinadas.
O balcão principal se encontrava no centro, amplo e redondo feito de um material semelhante a mogno, três atendentes se encontravam atrás do balcão, que estavam ocupados com ligações e faziam anotações urgentes em diversos papeis de modo agitado e rápido, cada um em suas respectivas mesas, o ambiente era rodeado por quatro seguranças, enormes em sentido de altura e músculos, no topo do teto, bem ao centro do balcão, tinha um grande candelabro de cristal que iluminava todo o ambiente que tinha algumas poltronas e sofás como forma de descanso aos seus visitantes, uma mesa de centro de um material semelhante a cristal com revistas atuais acima e o ambiente todo era decorado com plantas, quadros requintados em suas paredes de tom amarelo – dourado e esculturas admiráveis; Me voltei a descrição do caminho, segui em direção do elevador, mas logo desisti, achando mais seguro descer pelas escadarias até o segundo andar, que se encontrava deserto.
Não havia uma alma se quer no ambiente.
O segundo andar continha quatro suítes, a de Peter era a de número três, segui na direção da mesma constatando pelo tamanho da parede que as suítes eram enormes, só pelo corredor já dava para ter uma noção do nível econômico dos passageiros daquela área, metade daquele luxo não se via no corredor de minha pré suíte por exemplo; Tapetes persas enormes de tom vinho encapavam o chão de taco, mesas de mognos escuros com jarros contendo belíssimas rosas, quadros de famosos pintores presos as paredes que eram todas revestidas de um tipo de veludo de tom marrom escuro e nos dois lados do local tinham candelabros de cristais que iluminavam o ambiente.

Parei em frente da porta do quarto de Peter.
Duas grandes portas de mogno escuro, seladas.

Olhei ao arredor constatando que continuava sozinha no corredor, me aproximei da porta de mogno colocando o ouvido contra o mesmo, curiosa com o que estivesse acontecendo lá dentro, mas nada pude ouvir ou o ambiente estava em total silêncio ou a madeira era muito boa.
Fiquei com a última opção.
Respirei profundamente, ensaiando o meu melhor sorriso e dei três batidas na porta. Alguns segundos se passaram, meu estômago afundou de nervosismo, prestes a bater novamente, ouvi o som do cartão magnético sendo passado em seu dispositivo e dando seu habitual apito, me afastei um passo da porta passando uma mão em meus cabelos, assim que a porta se abriu Phil surgira com a sua expressão seria e olhar firme, pude observar que trajava um uniforme típico utilizado por mordomos, ele fez um gesto singelo com a cabeça e murmurou:

- Senhorita Farrell, Senhor Hartley estava esperando pela senhorita com preocupação. Queira por gentileza entrar. – Phil murmurou de forma educada com seu sotaque pesado, dando espaço para que eu entrasse no quarto.

- Boa tarde, Phil. – Murmurei, adentrando o ambiente enquanto ele fechava a porta do ambiente, podia jurar que ele havia ficado vermelho de raiva por eu o ter chamado de *Phil* porque assim que ele se virou suas bochechas estavam intensamente avermelhadas e uma veia parecia saltar de sua testa. – Onde Peter está? – Questionei suavemente com um sorriso simpático nos lábios.

- Irei chamá-lo, senhorita Farrell. – Phil murmurou, se encaminhando na direção de uma porta dupla de madeira pesada que se encontrava logo na entrada do ambiente.
- Por favor, não me chame de senhorita Farrell, Phil. Me sinto velha assim. – Murmurei, observando o ambiente de forma discreta. – Kate é o suficiente.
- Mas é a forma educada a qual devo chamá-la. – Phil me olhou, pensativo. – És uma senhorita, é assim que deve ser nomeada por estranhos e cavalheiros.

- Sim, se estivéssemos no século XVIII. – Respondi com sarcasmo erguendo ambas as sobrancelhas. Phil se manteve sério como se não aprovasse o que eu havia dito o que foi motivo novamente para eu reerguer minhas sobrancelhas. – Vamos combinar uma coisa então. Você me chama de Kate e eu te chamo de Phil e ficamos ambos

felizes, pode ser?

- Mas eu não quero ser chamado de Phil. – Ele respondeu, enrugando levemente o cenho. – Eu não gosto.
- Então você compreende minha dor. – Murmurei com certa satisfação enquanto ele continuou sério. – Tudo bem, eu sei que você não gosta de ser chamado de Phil, mas eu quero ser chamada de Kate e não de *senhorita Farrell*. – Fiz um biquinho singelo com os lábios, logo após imitar de maneira horrível seu sotaque. – Por favor, eu vou ser muito mais feliz se for chamada de Kate.

- *Senhorita Kate* é o máximo que conseguirei. – Phil murmurou de forma firme, com os olhos semicerrados. - Temos um acordo?
- Sim. – estendi minha mão direita para ele e o mesmo a apertou com firmeza, esboçando dúvida.
- Posso, por gentileza, colocar essas suas sacolas e mochila no sofá? – Phil perguntou com aquela postura educada pouco vista hoje em dia.
- Ah, isso? – Indiquei o que segurava. – Nem se preocupe, eu coloco.
Phil me observou com uma expressão descrente como se não estivesse acostumado a receber negações.

- T-tudo bem. Irei chamar o Senhor Hartley, se sinta a vontade , senhorita Fa... Kate. – Sem mais, ele seguiu em direção das portas duplas, abrindo uma delas e adentrando o quarto, me deixando a sós naquele ambiente.

Olhei o arredor, sorrindo levemente, me deparei com a entrada para um pequeno bar de porte fino, o mesmo contendo diversas bebidas e copos de todos os tipos expostos de modo organizado e quase intocável, andei alguns passos passando por um belo móvel contendo diversos livros e objetos de cerâmicas, no fundo havia um espelho cravado com suas bordas em um material semelhante a ouro, me observei por breves segundos vendo o sorriso bobo em meus lábios, me direcionei até o sofá branco de três lugares, repousei minhas coisas ali, com curiosidade indo agora até a porta que dava para a varanda, passando por uma mesa de centro de cristal tendo apenas alguns cinzeiros de mesmo material em cima, controles remotos e um jornal do dia de hoje, na parede em frente ao sofá uma televisão de plasma que estava

ligada em um canal de notícias, mas estava no mute, passei também por um breve corredor com diversos quadros na parede, um outro pequeno móvel contendo um rádio de aparência vintage e outros objetos que não prestei atenção, um longo tapete vinho estava exposto no chão e quase tropecei no mesmo que fora colocado próximo a uma mesa de jantar de mogno escuro com um vidro colocado ao centro, a mesa estava próxima a entrada da varanda, onde queria ir desde o inicio.
Parei em frente a grande porta feita apenas de vidro, sem maçanetas ou bordas, que servia perfeitamente como janela tanto que uma bela e leve cortina de renda enfeitava aquela região, abri as pesadas portas me dirigindo até o ambiente que dava para uma bela visão do oceano. Na varanda tinha uma rede de renda pesada bege, podia ver na mesma um livro, *O Curioso Caso de Benjamin Button* que estava marcado em determinada parte com uma lapiseira, me sentei na rede, o abrindo, vendo em que página havia sido fechada e me deparei com diversos rabiscos e anotações feitas no mesmo, umas mais interessantes do que a outra; a caligrafia era de Peter pude notar, não me atrevi a continuar lendo, eram pensamentos pessoais sobre o livro e não queria invadir sua privacidade assim, voltei a fechar o livro e o repousei no lugar onde estava. Observei a paisagem a minha frente, era tão bonito e único, peguei o meu celular do bolso do moletom e tirei uma foto daquele visual, enviaria para minha mãe que com certeza ficaria deslumbrada e iria querer colocar como fundo de tela de seu celular.

Ao me virar vi uma movimentação na sala, sai rapidamente da varanda, fechando a porta atrás de mim, ao concluir isso e me virar na direção da sala, me deparei com ele. Estava vestido com uma camisa branca de botões e uma calça jeans de tom escuro, estava calçado apenas de meias e não parecia se incomodar com isso, seus cabelos desalinhados caiam de forma bagunçada, ele estava pálido e com o nariz vermelho, culpa da gripe, mas mesmo assim, seus olhos continuavam com o mesmo brilho encantador que havia visto em nosso primeiro encontro.
Ao me ver a sua frente, Peter abriu um sorriso tímido e esticou seus braços como num convite para um abraço, sem hesitar corri em sua direção, me afundando em seus braços com uma saudade que não cabia em mim.
Ele me ergueu, conseguindo tirar os meus pés do chão, começamos a rir já que o mesmo cambaleou quase que caindo, assim que meus pés voltaram a tocar o chão,

repousei uma de minhas mãos em seu rosto, acarinhando-o, o mesmo se encontrava quente, provavelmente febril. Sorri com a imagem de sua expressão apaixonada para mim e sem hesitar o beijei nos lábios, suavemente e de forma carinhosa, o beijo não foi longo o bastante, para meu desagrado, já que ele logo se afastou, contido.

- Eu não quero que você fique doente como estou. – Peter sussurrou com a sua mão depositada em minha nuca, seus olhos me observando com extrema atenção, como se estivesse procurando por algum detalhe em particular.

- Para isso existem os antigripais, eles ajudam na cura de gripes e coisas semelhantes a essas. Então, não se incomode nem um pouquinho com isso. Se eu ficar doente, melhor para nós dois, teremos horas e mais horas juntos trancados nesse quarto em quarentena. – Voltei a beijá-lo sendo que dessa vez foi um pouco mais apaixonado do que o beijo anterior. Seus lábios tão urgentes nos meus faziam me crer que já não nos víamos há muito, muito tempo e eu sabia que só faziam algumas horas.

- Acho que não seria uma má ideia, sabe? Numa espécie de quarentena, tendo que ficar trancados nesse quarto, só nós dois ... – Peter sussurrou, passando levemente o seu nariz por sobre o meu, assim que se calou de falar depositou um beijo suave em meus lábios, nos aprofundamos mais no beijo, mas logo paramos quando ouvimos o som de alguém tossindo de maneira falsa próximo a nós.

Assim que nos afastamos, Peter deixou um sorriso sapeca cair em seus lábios.

- Phil. – Ele disse, se afastando um pouco de mim, assim dando espaço para eu poder ver Phil que estava parado próximo a entrada do quarto de Peter com sua expressão seria e postura contida, mas podia jurar que havia um leve sorriso no canto de seus lábios, fruto do beijo que viu entre mim e Peter. – Deseja alguma coisa, suponho, por isso atrapalhou tal momento de extrema importância.
- Eu ia questionar isso ao senhor. – Phil disse com confiança em seu tom de voz normal enquanto eu os observava sorridente. - Se deseja alguma coisa a mais. O senhor e a senhorita Kate. – O *senhorita Kate* saia de modo sofrido de seus lábios, mas era muito melhor aos meus ouvidos do que aquele doloroso *senhorita Farrell*.

- *Senhorita Kate*? – Peter questionou de forma chocada, olhando para mim e em

seguida para Phil que continuava com aquela expressão seria. - Eu perdi alguma coisa? Talvez uma invasão alienígena no qual o Phil foi o único a ser abduzido?

- Questione a ela, senhor Hartley. – Phil murmurou olhando para mim com atenção e certa vergonha como se aquela situação fosse embaraçante. - Ela é a única culpada dessa situação constrangedora. Me perdoe.

- Não há o que perdoar, Phil. – Em seguida, Peter me olhou com a sua mão repousada na base de minhas costas, dando uma leve tossida com a mão por sobre a boca. – E não, não há mais nada que você tenha que fazer, está dispensado pelo resto do dia. Qualquer coisa te ligo, contudo garanto que estou em ótima companhia.

- Uma boa noite aos jovens, então. – Phil disse por fim de forma cordial, em seguida se retirou do ambiente, levando consigo um dos cartões magnéticos que abre e fecha a porta.

Um silêncio caiu no ambiente, minhas bochechas coraram violentamente, senti a mão de Peter descer levemente em minhas costas parando em minha cintura, mordi meus lábios olhando na direção dele que me observava com atenção.
Ele sorriu para mim o que me desnorteou um pouco, o suficiente para que ele me pegasse em seus braços e me carregasse no colo na direção do seu quarto, enquanto eu ria, me divertindo com a situação.
Ele me colocou de forma suave em sua cama que estava desarrumada, suspeitava que ele estava ali à maior parte do tempo, o quarto estava escurecido por pesadas cortinas de tom azulado escuro, o ambiente sendo iluminado por abajures e eu podia ouvir uma música sendo tocada no ambiente em um volume baixo. Olhei na direção de Peter e ele estava próximo de um móvel mexendo em uma pilha de cd's, reconheci o cantor que estava tocando naquele momento, era Johnny Cash.

- Eu não sabia que você gostava do Johnny Cash. – Murmurei, cruzando as minhas pernas, me mantendo sentada na cama que era extremamente macia. – Ele não sai do meu MP4. Adoro as músicas dele, a voz e as letras dele são lindas, mas parando para pensar agora, não tenho nenhum cd dele, só músicas avulsas.

- Você não sabe de muitas coisas sobre mim, mas saiba que Johnny Cash é um dos

meus cantores favoritos. Ele é um dos poucos que musicalmente me compreende. – Peter murmurou de forma misteriosa, sem me olhar,eu levei esse comentário para o lado pessoal, senti um arrepio imediato na espinha como se já soubesse de um fato devastador: que ele já sabia que eu tinha conhecimento da existência do *segredo* dele. Peter nada disse, se virou com dois cd's em mãos com uma expressão pensativa. – Bon Jovi ou Augustana?

- Difícil decisão. – Murmurei, pensativa. – Mas fico com Augustana. Peter sorriu e tirou o cd do Johnny Cash colocando o da banda Augustana, o mais recente deles que eu não havia comprado ainda, mais um cd em minha lista mental para comprar. Peter se aproximou da cama, se sentando na mesma de forma confortável me olhando com atenção.

- O dia não foi fácil, não é? – Peter questionou num tom de voz triste.

- Não. – Balancei a cabeça negativamente. – Mas eu não podia esperar que fosse ser. Foi muito gentil da sua parte pedir pro Dorian dar uma força para mim lá no teatro, ele foi um ótimo amigo.

- Já que eu não podia estar lá, mandei um representante à altura. – Ele respondeu com um sorriso escondido no canto dos lábios.

- Obrigada mesmo assim, ninguém no seu lugar faria isso e nem no lugar do Dorian. – Sorri de lado, fazendo uma expressão cômica. – Devo acreditar que você o subornou para passar aquelas horas comigo.

- Não. – Peter deu uma gostosa gargalhada. – Acredite em mim. Dorian Wright jamais é subornado, se ele faz algo é porque realmente quer, além do mais, ele gosta de você.
- Jura? – Questionei, com surpresa.

- Sim, ele te considera uma garota muito madura para idade, inteligente, engraçada, entre outras coisas que não vou dizer para não encher o seu ego. – Ele concluiu coçando levemente a cabeça.

- Bobo! – respondi, batendo em seu braço, Peter riu novamente, me olhando feio em seguida.
- Que coisa feia, Katerina! Abusando de um doente. – Peter murmurou em um tom de deboche.

- Você nem parece tão doente assim. – Respondi em minha defesa. – Só está um pouco pálido, com a voz um pouquinho rouca e desconfio que esteja febril, mas tirando isso garanto que sua saúde está melhor do que a minha.

Peter nada disse, apenas abaixou a cabeça com um sorriso leve nos lábios, mas não era um sorriso feliz, era um sorriso descrente, não gostando da imagem que tive, repousei minha mão em seu rosto o erguendo na altura do meu tentando olhar em seus olhos, me deparei com os olhos de Peter repletos de lágrimas, como se estivesse prestes a chorar, o que me chocou de imediato, mas ele não se demorou muito, ele as retraiu e passou com as costas das mãos nos olhos, secando as poucas lágrimas que se instalaram ali, enquanto eu me afastei, surpresa com o ocorrido.

- D-desculpa, foi alguma coisa que disse?
- Não, imagina. É que você fala de uma forma ... Só me fez recordar algo, nada demais. Não são lágrimas de tristeza, acredite em mim. – Peter repousou suavemente sua mão em meu rosto acariciando com carinho. – São de felicidade de ter você aqui ... comigo.

- Eu não acredito em você.

- Bom, você não tem muita escolha. – Ele disse com um tom firme. - Ou acredita em mim ou não. Queria que confiasse em mim a ponto de ficar com a primeira opção. – Peter concluiu com um olhar tristonho em minha direção, em seguida ele enrugou o cenho, claramente querendo mudar de assunto. – Então, me conte do seu dia. O meu não teve nada de interessante já que estou enfurnado nesse quarto desde a hora que cheguei de seu quarto, então hoje, você é a minha salvação.

- Peter ... – Murmurei, não querendo mudar de assunto assim, sentindo meu coração tão apertado que tinha certeza que nunca o havia sentido assim antes.

- Por favor, Katerina. – Peter desfez a expressão doce que havia criado e me olhou seriamente. – Vamos mudar de assunto, ok? – Receosa e descrente de que aceitaria aquilo balancei a cabeça positivamente e Peter voltou a sorri levemente satisfeito com a minha confiança. – Então, me conte tudo sobre o seu dia e não me esconda absolutamente nada.

- A história é um pouco longa e tediosa, que tal fazermos isso enquanto comemos mashmallow? – Questionei mostrando um ânimo artificial, não queria que Peter ficasse temendo que eu voltasse ao assunto que o havia feito chorar, na realidade, eu não entendia os motivos daquelas lágrimas, mesmo curiosa em saber o por que delas, não iria invadir sua privacidade, já que o mesmo não desejava tal coisa.

- Eu não tenho mashmallow aqui, e para ser sincero, não gosto muito, mas posso pedir para você. – Ele disse gentil. – Qualquer coisa para a minha, Katerina.

- Não precisa. Eu comprei um monte de guloseima no caminho para cá, estão lá na sala, deixa eu pegar. – Me movimentei para sair da cama, mas Peter me impediu de imediato, segurando o meu braço com uma sutileza só dele, enquanto eu o olhei surpresa.

- Deixa que eu pego. – Peter disse com a sua voz num tom aveludada.

- Mas Peter, você é o adoentado aqui, se esqueceu? Eu sou a enfermeira americana que veio aqui tratar você. – Nada mais disse. Ele ergueu a minha mão até a altura de seu rosto e depositou um beijo nas costas dela, ainda próximo a ela e de forma cavalheira me olhou.

- Eu insisto.

Sem mais, Peter se retirou do quarto, deixando que a porta do mesmo se encostasse sozinha.
Fiquei sentada na cama com uma cara de boba, sentindo que ele havia me passado para atrás, mas não me sentia nem um pouco arrependida de seu ato, o beijo que ele havia me dado ainda estava quente em minha mão e inconscientemente eu segurava a mesma como uma garota apaixonada.

Eu estava perdida!

Tentei me focar em outra coisa, então observei com atenção o seu quarto, que era do tamanho de dois meus a qual estava hospedada. A cama em que estava era muito grande, maior que a minha em grandes centímetros, suspeitava que era uma *king size*, seus lençóis, fronhas e edredom eram de tons brancos e aparência sofisticada; o quarto tinha mais moveis e era muito mais organizado que o meu.
Próximo a varanda do quarto estava uma escrivaninha de madeira crua escura com um abajur de tom esverdeado por sobre a mesma, com uma certa distância e em frente de uma grande tapete tinha um sofá de dois lugares de tom branco, acima dele estava um caderno de capa antiga amarrado com um tipo de cordão de couro entre várias almofadas, ao lado do móvel tinha um abajur de pé que ficava próximo a uma poltrona branca de aparência confortável.
Do outro lado do quarto, o armário de roupas era grande e se estendia por quase toda a parede, de uma madeira crua e escura, ficava na parede que dava na direção do banheiro, eu supôs já que o mesmo estava com a porta fechada; havia uma cômoda em frente da cama que era cercada por duas mesas de cabeceira com abajures requintados e uma delas tinha um relógio digital - com alguns objetos pessoais de Peter em cima: como um laptop de cor preta, dois celulares, uma câmera digital, um relógio, carteira, cd's, dvd's e livros, como também havia uma jarra de água, uma garrafa de suco de laranja, uma caixa de lenços aberta, alguns pacotes de biscoitos e balas abertos, ao lado da cômoda estava à estante na qual continha um rádio e alguns objetos de cerâmica, próximo ao radio tinha mais alguns cd's que estava curiosa em saber quais eram, mas não pude nutrir essa curiosidade já que Peter voltou, trazendo consigo minha mochila e as três sacolas de compras, ele as esticou em minha direção e eu tateei as sacolas, encontrando o que desejava na do meio. Peter colocou as minhas coisas na poltrona enquanto eu já abria o saco de mashmallow com os olhos brilhando, Peter olhou em minha direção com ambas as sobrancelhas erguidas e eu sorri de forma animada para ele.

- Você. Eu. Cama. Agora. – Murmurei de forma sedutora, erguendo uma sobrancelha e dando uma mordida em um mashmallow rosa.

- Você tem ideia de como isso não é *nada* sensual? – Peter tentava segurar uma

risada com uma das mãos repousadas nos lábios, olhei seriamente para o mesmo que riu com a minha expressão se sentando ao meu lado na cama. – Então, minha pequena menina mulher, conte me tudo, não me esconda absolutamente nada.

Contei para ele exatamente tudo que havia acontecido no teatro, em relação a peça que iria ter que fazer e do motivo do meu grupo de excursão ter que participar desse evento, omiti sobre Britanny e suas armações queria preparar o campo antes, nada de ser direta nesse quesito, além do mais, senti certa indireta da parte dele sobre o assunto, o que mostrava que minhas suposições estavam certas sobre ele saber do meu conhecimento da existência de um *segredo*.
Continuei a falar sobre a peça, acabei confessando que tenho uma paixão reprimida por atuação e que se estivesse em um momento diferente, no qual a minha presença com os meus amigos fosse desejada e não apenas com parte deles, eu adoraria participar dessa peça, ainda mais porque ela era para um evento beneficente, tornando-a mais prazerosa.

- Eu sei que isso tudo é muito complicado, mas você não acha que está se torturando demais com isso? – Peter questionou, enrugando o cenho. Estávamos deitados lateralmente na cama, apoiados em nossos cotovelos olhando um ao outro sem a menor timidez ou pudor, o clima entre nós por mais que fosse romântico, tinha um ar de amizade gostosa entre nós, falávamos e opinávamos sem ter medo que o outro se sentisse ofendido, como se de fato já conhecêssemos um ao outro tão bem em saber como conversar e ajudar em suas dúvidas e medos. – Não me leve a mal, eu só acho que você está levando isso a um nível desnecessário e que não te cabe.

- Peter, eu não sei como eu devo me sentir em relação a isso. Você tem ideia de como é claustrofóbico estar em minha pele agora? Apenas a Rachel falou comigo e a Britanny, aquela jararaca ... – Mesmo xingando-a Peter me olhava com aquela expressão encantadora, como se tivesse observando uma obra de arte única.
Mencionar Britanny me despertou a vontade de questioná-lo sobre o segredo, mas antes teria que explicar a ele sobre a situação, mordi meus lábios e o observei por breves segundos até que consegui formular as questões em mente. – Eu sei que estou mudando o assunto do nada, mas eu preciso conversar com você sobre uma coisa, mas antes que eu fale sobre isso, eu quero deixar bem claro que eu quero saber a

verdade dos seus lábios, se você disser para mim que é mentira, tudo bem, eu vou acreditar em você, mas se o que eu contar a você for verdade, eu quero que você me conte, antes que outra pessoa o faça, ok? – Conclui a linha de raciocínio me sentando com as pernas cruzadas na cama, Peter imitou meus movimentos com uma das suas pernas dobradas na lateral de meu corpo, assim estando próximo de mim, um de seus braços estava repousado de forma despojada por sobre a perna enquanto o outro, agora, deslizava lentamente em meu braço, causando súbitos arrepios.

- Tudo bem, o que aconteceu? Fale para mim. – Ele murmurou de uma forma gentil, me encorajando a falar com seu olhar doce em minha direção, respirei profundamente e não perdi mais tempo. Comecei a falar desde o inicio, explicando o que havia ouvido dos lábios de Britanny e que suspeitava que Dorian havia ouvido também e que a partir de sua reação levei a crer que era verdade o que ela dizia. Contei quem Britanny era e o que ela fazia com todos que viviam ao seu arredor, Peter prestava atenção a cada palavra que eu dizia sem demonstrar nenhuma expressão diferente da que ele já esboçava: uma expressão seria preso a um olhar perdido. Eu via isso com maus olhos.

Conclui o assunto dizendo o que Britanny havia proposto a Rachel, em troca ela contaria o tal segredo e me pouparia de um sofrimento maior. Pausei por alguns segundos, torturantes para mim, passei as mãos em meus cabelos algumas milhares de vezes, olhava para Peter buscando em seu olhar a verdade que estava toda estampada ali. Tudo que Britanny disse era verdade, Peter tem um segredo que vai me causar sofrimento, agora cabia a ele dizer o que era.

- Bom, seria interessante se você falasse alguma coisa agora. – Falei o observando com uma expressão nervosa, mas tentava passar o máximo de tranqüilidade que meu olhar podia passar, sem ao menos olhar, encaminhei minha mão até a sua que estava próxima e a segurei de forma gentil, agora o encorajando.

- É verdade. O que quer que essa Britanny saiba é verdade. – Peter disse com uma expressão pensativa, ele passou uma das mãos no rosto como se estivesse pensando bem nas próximas palavras ou simplesmente estivesse descrente dessa situação. Eu fiquei com a segunda opção já que ele começou a rir de uma forma tristonha como se

não acreditasse nisso. – Eu ... eu não acredito que estamos falando sobre isso agora, eu não estou pronto para falar sobre isso.

- Tudo bem. Não tem problema. – Mentira, tinha muitos problemas, eu queria saber e ponto, mas mesmo assim continuei a acarinhar sua mão e a falar com um tom de voz suave que não me pertencia. – Leve o seu tempo e quando você estiver pronto, fale sobre isso comigo. Não precisa ser necessariamente agora, mas ... – Essa última palavrinha saiu sozinha dos meus lábios. Meus olhos perambularam pelo ambiente se preenchendo de lágrimas igualmente a minha garganta se enchia de um nó quente e desconfortável. – Mas se é verdade o que a Britanny disse sobre esse segredo me fazer sofrer, eu quero saber o que é, não só porque isso vai me causar sofrimento como sei que de alguma forma eu posso te ajudar, talvez a aliviar a dor que ele te causa ou talvez já me preparar para a dor que vai me causar.

Peter me observou com uma expressão sem palavras.
Suas sobrancelhas estavam erguidas de uma forma que o seu cenho estava enrugado, podia jurar que o brilho que havia em seus olhos eram lágrimas que estavam se formando e eu não queria vê-lo chorar novamente.

- A única coisa que a minha vida não tem são *segredos*. Acredite em mim, por mais que eu tente, as pessoas sempre acabam por descobrir coisas que não deviam, como a Britanny. O que você deve saber, Kate, é que eu tenho alguns segredos que consigo esconder, mas não por muito tempo, eu creio. No momento, eu tenho apenas dois aos quais escondo de você para o seu e o meu bem. – Ele murmurou essa última frase escondendo um sorriso sem emoção no canto dos lábios. – Um não é tão secreto assim, mas quero que ele seja por enquanto porque não sei como você vai reagir a ele e como minha família vai reagir ao saber que eu te contei, seria mais fácil se você o descobrisse sozinha. – Peter pausou erguendo sugestivamente as sobrancelhas, como se ele quisesse que eu seguisse a sua afirmação - Saiba que eu não sou livre, sou vigiado 25 horas por dia por diversas pessoas diferentes, tenho compromissos e deveres irrevogáveis, um legado a zelar e só tenho 20 anos. Obrigações e responsabilidades demais para um jovem, pelo menos às vezes eu sinto isso. Não é um segredo que vai fazer você sofrer, mas é algo muito pessoal, não é um segredo que me pertence apenas, pertence a minha família também, mas eu sei que

você pode o descobrir. Estou surpreso que com todo seu conhecimento sobre Londres você não tenha nem uma pequena pista sobre quem sou ou o que represento para o meu país. – Peter concluiu o que dizia me observando com atenção, minha expressão era um misto de dúvida e descrença enquanto a de Peter era de determinação, abri meus lábios para dizer todas as questões que surgiam na minha mente naquele momento, mas ele foi mais rápido e continuou a falar.

"Há, contudo, um segundo segredo que me pertence e deve me definir pelos próximos anos, mas ... mas eu não estou pronto para falar sobre ele em voz alta. Ainda é muito recente essa minha descoberta que se tornou um segredo apenas meu, portanto eu peço paciência para você. Não posso falar sobre isso com você porque não posso conviver com isso em meu ser. Por isso eu lhe peço que confie em mim que no momento certo eu vou lhe revelar tudo. Quando eu aceitar esse meu *segredo*, eu estarei pronto para contá-lo a você. Você pode ... confiar em mim?"

Peter concluiu o que falava, com a sua voz firme agora embargada e olhar tão intenso agora perdido em minha expressão de uma maneira desesperada e pesarosa. Não havia motivos para eu crer que aquilo era inventado, o seu olhar e expressão dizia toda a verdade e isso dava um peso doloroso e insuportável em meu coração, quase que não cabendo em mim. O meu olhar de dúvida e angústia estava atormentando Peter, podia ver em sua expressão que sua dor e pesar só aumentavam. Eu não sabia o que responder, não conseguia entregar a minha confiança assim a ele. Por mais que tivéssemos uma conexão inacreditável ainda existia um orgulho antigo em mim, algo que sempre caminhou comigo, algo que me tornava fria e cruel;
Um medo de ter o meu coração despedaçado.
Peter notou isso em meu olhar e de imediato vi que seu olhar e postura mudaram. Ele abaixou a cabeça de forma derrotada, com seus ombros um pouco caídos, seus olhos tão opacos que não podia mais ver seus brilhos que tanto me fascinavam, era como se ele se sentisse um perdedor; como se sentisse que tinha fracassado.

- Peter, você precisa entender a posição que está me colocando. – Murmurei, olhando na direção de seus olhos sem afastá-los por nenhum segundo, escorreguei minhas mãos até as dele, segurando-as com carinho. – Não é difícil confiar em você, mas nessa situação em particular, eu não posso simplesmente aceitar *confiar* em

você. É um peso muito grande que você está colocando sobre mim; dois segredos que estão funcionando mais como enigmas da esfinge, de tão temerosos e misteriosos que eles são para você; imagine como devem ser eles para mim.

- Eu não posso te contar. – Peter ergueu as sobrancelhas ficando com uma expressão triste, seu olhar estava tomado em um ar de preocupação e pude sentir pela forma que ele segurou as minhas mãos que ele temia que eu o deixasse. – Sinto muito. Eu queria que isso fosse mais fácil.

- Mas não é. – Falei de forma determinada, sentindo meus dedos afundarem na pele morna de Peter, abaixei meu rosto, enrugando meu cenho, presas em meus pensamentos, mas sabendo que na minha frente Peter estava se definhando em temor. - Eu preciso saber o que você está guardando para si. – Murmurei,o olhando em seguida, decidida. – Eu não vou conseguir ser eu mesma sabendo que você omite coisas de mim. Como vamos ter um futuro se não posso confiar em você em nosso presente?

- Não deixe esses segredos acabarem com o que estamos construindo, Kate. – Peter disse, repousando uma mão em meu rosto e ficando mais próximo de mim, tendo agora uma separação de centímetros um do outro. – Eu, em determinado momento, vou poder revelar isso a você. Preciso falar com minha família primeiro, prepará-la para meu mundo ... – Ele disse mais para si do que para mim essa última sentença. - Só não pode ser agora.

- Isso não é o bastante, Peter. – Murmurei, sentindo a minha voz embargar, eu tentei evitar seu olhar, mas era atraída até ele como um imã. - Sinto muito.

- Se antes de você saber sobre a existência desses segredos, você sabendo que eu não tenho nada a oferecer apenas quem sou, eu chegasse e lhe dissesse para arrumar as malas e vir comigo para qualquer lugar, você iria? – Peter concluiu sua pergunta de forma seria e me olhou lentamente, temendo a minha resposta, mas podia ver em seus olhar algo a mais, algo além daquele opaco triste, uma pequena esperança se formava ali. Sem hesitar me aproximei dele, sentindo sua perna ficando próxima a minha cintura enquanto fiquei bem a frente de si, repousei minhas mãos em seu

rosto e o ergui na direção do meu, sorrindo de uma forma sincera que preencheu o meu coração. Eu sabia que estava me condicionando a algo que poderia me fazer sofrer, mas a vida é assim. Eu preciso viver riscos para poder acertar, errar e viver, senão porque estou aqui, vivendo só para estar viva? Apenas para não arriscar? Temer é um sentimento comum no ser humano, mas não era comum em mim. Eu sou impulsiva e gosto de arriscar e Peter era a minha escolha ideal. Eu arriscaria tudo para poder viver algo maior do que eu mesma; eu arriscaria o meu coração para estar com Peter.

- Sim, sem nem ao menos pestanejar. Se dependesse do momento, nem malas faria, só te seguiria. – Murmurei sentindo meus olhos se enchendo de lágrimas. – Eu posso esperar você se sentir a vontade para me contar sobre os seus segredos. Se for facilitar sua vida com sua família, posso tentar descobrir o – aquele que envolve sua família, além do mais, *google* está ai para isso, para eu me informar. – Peter sorriu levemente, acarinhando meu rosto, em seguida sorri o observando com ternura. - Eu confio em você, Peter, mas te peço que cuide bem dessa minha confiança porque ela é sua agora e se você destrui-la, muita coisa vai ser perdida?

- Você não vai se arrepender disso. Eu prometo.

Nos olhamos por breves segundos e sem hesitar joguei meus braços envolta de seu corpo, lhe abraçando com carinho, afundei meu rosto em seu ombro acariciando gentilmente suas costas enquanto senti timidamente uma de suas mãos acariciar a minha cabeça. Assim que nos afastamos foi a vez de Peter não hesitar, ele afundou sua mão em meu rosto e sem delongas me beijou de forma apaixonada, seus lábios tocando os meus de forma delicada e suave, sem pressa alguma daquele ato, pude sentir os meus lábios formarem um sorriso tímido com o seu gesto, meus braços desceram pelos seus se firmando em suas costas e uma de suas mãos desceu até a minha cintura, me trazendo para mais perto de si, me encaixando nas suas pernas como uma peça faltante de um quebra cabeça. Ninguém dominava o beijo, nenhum dos dois mostrava extrema necessidade de ser o guia ou o mais apressado em agitar as coisas; Estávamos na mesma sintonia o que me deixava em plena felicidade, eu nunca havia vivido algo assim, estar tão conectada a alguém em tão pouco tempo e tinha a certeza que só queria sentir essa emoção com Peter.

Tudo começou a esquentar no exato momento que Peter, segurando a minha cintura, me empurrou na direção da cama, ficando por sobre mim, agora os nossos beijos haviam esquentado, buscar o ar era necessário, mas era muito mais interessante sentir a falta dele, como também era bom sentir as minhas unhas passarem pela pele macia das costas de Peter e senti-lo arrepiar, os seus beijos descerem de meus lábios até a minha orelha, assim indo ao meu pescoço e ombros me dando uma sensação prazerosa, formando um traço arrepiante e delicioso de ser sentido em minha pele.
Por mais que eu soubesse que ele era homem, eu não sentia nenhuma inclinação da parte dele para fazermos sexo. A excitação e desejo era óbvio, mas estávamos apenas nos divertindo, aproveitando o momento a sós para nos conhecermos.
Cada toque era um novo conhecimento que tínhamos um do outro.
Cada beijo era uma nova descoberta.
A música era a nossa trilha sonora que combinava perfeitamente com o nosso momento. Ligados nesse nosso instante eu já conseguia notar o que Peter gostava que eu fizesse, os toques que o fazia sorri, os beijos que o fazia se extasiar de desejo e até mesmo as mais simples palavras que causavam nele um brilho diferente em seu olhar e eu podia jurar que ele podia notar esses mesmos detalhes em mim.

Eu estava completamente entregue ao momento, mas não podia desligar os meus pensamentos em relação aos segredos que Peter estava a omitir de mim. Estava surpresa que ele fora extremamente sincero, não teve temor algum em confirmar a existência de tais segredos, contudo temia pelos mesmos motivos. Se ele temia que eu os descobrisse, era porque os mesmos deveriam ser assuntos seríssimos.
Me questionava se havia tomado a decisão certa, se deveria tão prontamente ter aceitado confiar em suas palavras, além do mais, eu mal o conhecia, mas estava deitada em sua cama em uma longa sessão de amassos.
Não me sentia mal por isso, nem um pouco.
Busquei dentro de mim aquele antigo sentimento que tinha pelo meu ex, William, me questionando se ele tivesse vivido naquela época o mesmo que Peter, se eu aceitaria tão prontamente confiar em si e a resposta foi um imediato *não*.
Eu conhecia sua fama de galinha, mesmo que sonhasse que eu fosse a garota que fosse *consertá-lo* como se fosse um carro quebrado, mas sabia que depositar minha total confiança em William seria um erro gravíssimo, era como confiar que um

cachorro vá alimentar seu irmão de três anos, no berço no meio da madrugada.
Eu fiz isso e o meu coração ficou quase irreparável.

Porque com Peter era diferente?
O que havia de extraordinário nele que me fizesse quebrar tantas regras internas e futuramente, podia crer, externas?
Talvez eu estava vivendo aquilo que apenas os romancistas e alguns sortudos, que descobrem em seus cotidianos, conhecem.
Aquele famoso pensamento de que isso que sentimos não tem que fazer sentido já que o amor não foi feito para ser previsível.
Nos afastamos brevemente um do outro, ainda podia sentir a sua respiração batendo contra a minha, quente de uma forma anormal o que determinava que ele estava febril, mas o mesmo não estava se importando com isso, mas eu estava, só não tinha coragem de me afastar de si, era tão bom estar em seus braços, próxima a seus lábios, sentindo seus toques extasiantes em meu corpo.
Seus braços estavam apoiados na lateral de meu corpo, enquanto suavemente ele passou o seu nariz por sobre o meu de uma forma tão fofa que sorri me sentindo tão sortuda por ter encontrado um garoto como ele em minha vida. Por mais delicioso que estivesse tomei uma atitude, ele precisava se medicar e eu não estava lá apenas para a diversão emocional e física dele, com um pouco de auxilio do mesmo, ele me indicou a cômoda no qual estava o termômetro e uma cartela de analgésicos, peguei ambos e voltei para a cama onde ele se manteve, esparramado com ambas as mãos atrás de sua cabeça dizendo que estava bem e que era exagero de minha parte ficar preocupada com uma possível febre, logo ele se sentou na cama e me puxou rapidamente para me sentar em seu colo voltando a me beijar, por mais tentada que estivesse, o convenci a colocar o termômetro ou dos meus lábios ele não provaria mais até segunda ordem.
Eu deveria beijar bem porque de imediato ele colocou o termômetro, ele tentava me roubar alguns beijos durante a espera do tempo passar, mas eu tentava o manter parado para não atrapalhar na consulta de sua temperatura, o que era inútil algumas vezes. Assim que o tempo exato se passou constatei que ele estava com 39º, o que é um exagero, logo peguei um copo de água e um dos comprimidos dando a ele e marcando o tempo em meu celular para saber exatamente a hora que teria que rever

sua temperatura. O questionei se ele já havia tomado um banho e ele respondeu que sim, mais cedo quando ele teve febre pela manhã, mandei que ele tomasse outro porque isso ajudaria para diminuir sua febre, obediente Peter pegou algumas roupas simples dentro de seu armário e adentrou no banheiro.

Eu não conseguia ficar quieta por nada, então decidi arrumar a cama de Peter, assim que conclui, peguei os dvd's de minha mochila e os levei para a sala constatando que a televisão havia sido desligada, assim que voltei me encontrei desocupada, peguei o meu celular e mandei uma mensagem a minha mãe, dizendo que estava tudo bem e que estava tendo um ótimo dia, já não me sentia uma filha tão relapsa assim.
Meus olhos caíram em direção ao sofá, no qual se encontrava o antigo caderno, olhei na direção do banheiro ouvindo que Peter continuava a tomar banho, mordi meus lábios, tentada pela curiosidade e sem pensar duas vezes, me sentei no sofá com as pernas dobradas no estilo Buda, tomei o caderno em minhas mãos e como Pandora o abri; o caderno era de um material antigo, pesado e de couro, era preta, ele era laçado por um cordão de couro também de aparência antiga, as folhas de seu conteúdo eram grossas e de tamanho maior que uma folha normal, as reconheci como próprias para desenho.

A primeira página era toda negra, foi pintada dessa forma, no canto da página havia o desenho da metade do rosto de um jovem com traços muito familiares aos de Peter, seus olhos olhavam para o alto de forma esperançosa como se estivessem a procura de algo naquela penumbra. Segui as próximas folhas notando como ele era um bom desenhista, seus traços eram firmes e precisos, os seus desenhos podiam ser crus, já que a maioria não era pintada e sim feita a partir de um lápis de tom carvão, mas eram lindos de uma maneira simples, eu podia ficar horas observando eles para tentar descobrir quais histórias aqueles personagens estavam a desenvolver, já que era essa a sensação que eu tinha, que cada desenho ali exposto tinha uma história em particular.

Observava agora desenhos de idosos em parques, casais em *piers* passeando ou observando o Tâmisa em Londres – era o que parecia -, um casal adulto em particular aparecia muito em diversos páginas como também Amelia, sozinha e formando par com Dorian de uma forma tão bela quanto pessoalmente, notei a

presença constante de desenhos de uma jovem de rosto muito parecido com o de Peter e Amelia, mas a desconhecia havia também muitos desenhos nos quais Peter se auto retratava com pensamentos e sentimentos. Sem querer uma lapiseira rolou de determinada página, com pavor peguei a mesma temendo que ele descobrisse que eu mexi ali, já que encontraria a página desmarcada, mas por sorte havia uma fita de tom vinho marcando a página que ele estava a desenhar, a abri com a intenção de colocar a lapiseira ali, mas meus olhos se arregalaram em choque com o belo desenho que estava ali.

Era uma jovem de olhar intenso; ela não estava vestida de nenhuma vestimenta, contudo o fator erótico não era o foco do desenho, podia se notar que era o seu olhar e sua fisionomia o grande foco do desenhista, seus braços estavam cruzados com uma das mãos apoiada em seu ombro, a jovem olhava para a frente com a cabeça levemente abaixada em defesa, eu diria, seu olhar forte parecia brilhar de vivacidade mesmo estando no papel, da forma que fora desenhada a cor de seus olhos pareciam ser de um tom claro, como mel ou talvez avelã, seus longos cabelos negros voavam pela página indo em direção do lado esquerdo da folha enquanto algumas mechas caiam em seu rosto, uma em particular que enegrecia em direção dos seus lábios como também havia uma grande mecha que cruzava a lateral do seu corpo nu.

Os traços de seus rostos eram particularmente familiares para mim; suas sobrancelhas desenhadas e escuras, seu olhar forte, nariz arrebitado, mas não delicado e mesmo não podendo ver seus lábios, suas bochechas salientes, contudo pude ver algo que me deixou completamente sem reação: uma pequena pinta de tom preta exatamente onde a minha ficava.

Observei todo aquele desenho, maravilhada e extasiada.

Era eu.

Peter havia me desenhado.

Pela data, havia sido feito exatamente no dia que trocamos as nossas primeiras palavras. Isso me impressionava ao extremo, mesmo ele sabendo tão pouco de mim ele conseguiu me desenhar de uma maneira inacreditável, conseguindo transmitir até mesmo o meu olhar vivo e expressão forte.

Eu era linda aos seus olhos e isso me emocionou.

Uma singela lágrima desceu de meus olhos e eu a enxuguei deixando um sorriso cair em meus lábios, no exato momento que a água do chuveiro foi desligada, sendo o

meu despertar. Coloquei a lapiseira ali, notando que as páginas seguintes estavam tomadas por outros desenhos que não tive oportunidade de ver, mas veria um dia. Coloquei o caderno no exato lugar onde estava, nem um milímetro a mais ou a menos.

- Kate? – Ouvi a voz de Peter me chamar de dentro do banheiro. – Preciso de um favor.

- É claro. – Respondi, me afastando rapidamente do sofá e me aproximando da porta do banheiro, mas assim que cheguei perto o bastante como se fosse entrar a porta se abriu e me deparei com Peter, com o corpo escondido atrás da parede, me virei de imediato tapando a boca com a mão tentando controlar a timidez e o susto. – Certo, se o seu favor envolve eu entrar ai dentro, eu garanto que isso não vai acontecer.

- Não seria uma má ideia. – Podia jurar que senti seus olhos me observando, olhei em sua direção com os olhos semicerrados, mas corei violentamente ao ver seus olhos me observando com um sorriso sapeca nos lábios, a água do banho escorrendo em seu rosto de um modo tentador, voltei me para a frente, tentando controlar a timidez e a vontade de agarrá-lo ali e agora. – Kate, relaxa. Não é nada disso. – Peter murmurou com um tom de voz jocoso, parecia prestes a cair em uma gargalhada. – Eu queria te pedir a minha toalha, eu esqueci de pegar.

- Onde está? – Questionei.

- No armário, na parte de cima à direita, se não me engano. – Ele disse por fim e ouvi a porta do banheiro sendo fechada novamente, olhei discretamente para atrás e me aproximei do armário, como ele disse a toalha estava onde indicou, peguei a mesma, mas não pude deixar de notar que ali dentro tinha uma capa de tom negro contendo um violão dentro, será que ele sabia tocar? Aí, como eu daria tudo para ouvi-lo tocar qualquer música do The Fray. Fechei o armário e dei uma batida singela na porta do banheiro, estendendo a toalha enquanto me mantive encostada na parede. A porta se abriu e ele pegou a toalha de minhas mãos. – Obrigado. Er ... e desculpe por isso. Eu não sabia que você estava no quarto, por isso abri a porta, pensava que estava na sala.

- Tudo bem, Peter. Nós não estamos no século XVIII. Te garanto que tudo que você tem eu já vi, eu não vou berrar nem te chamar de pervertido por isso, mesmo estando preocupada com os meus hormônios, não sei se vou responder por mim se você continuar por mais alguns segundos com essa porta aberta. – Murmurei com certa malícia, abrindo um sorriso de lado.

- Certo!Não me atiça, Farrell! Acredite em mim, você não vai querer me ver dominado pela testosterona. – Ele respondeu em um sussurro, olhei por cima do meu ombro, vendo o me observar com um sorriso malicioso retribui o sorriso. - Então, última chance para invadir o banheiro.

- Perdi o interesse. Quem sabe quando você estiver dominado pela testosterona. – Respondi, mordendo levemente os lábios e pela expressão que Peter fez pude compreender que havia sido sexy o bastante para o atiçar. Ele balançou a cabeça positivamente fazendo uma careta com os lábios, ergueu ambas as sobrancelhas e fechou a porta logo em seguida.

Rindo, fui em direção da varanda, adentrei na mesma e me debrucei na borda me deparando com um belíssimo por do sol, já não via um há um bom tempo. Costumava ver quando ia a praia com a minha família, sempre ficávamos até o sol se por, já que eu e minha mãe adorávamos tal momento, principalmente juntas.
Minha mãe e eu nos sentávamos próximas as ondas do mar e ficávamos apenas observando aquele grande círculo laranja, intenso e vivo, adentrar as montanhas e sumir bem na frente dos nossos olhos, nos deixando completamente sem ar e sem esperanças de retorno, já que a penumbra da noite nos tomava em segundos, na maioria das vezes, noites tão estreladas nunca vista por nós antes.
Sentia saudades de minha mãe.

Ouvi o som da porta do banheiro sendo aberto e olhei por cima dos meus ombros, afastando as mechas de cabelos que voavam em direção ao meu rosto, uma brisa leve e própria da tarde deliciosa de ser sentida, Peter me olhou com uma expressão serena enquanto secava seus cabelos com a toalha, não demorou muito para ele largar a mesma na cama, no caminho desligou o radio e por fim veio em minha direção.
Voltei meu olhar na direção do sol, vendo como boa parte de si já havia desaparecido

por trás de duas grandes montanhas, respirei profundamente, logo em seguida Peter me abraçou, encostando sua cabeça na lateral do meu rosto, depositando um beijo em minha bochecha que corou rapidamente.

- Lindo, não é? – Questionei, observando o por do sol encantada, com as minhas mãos repousadas em volta dos braços de Peter.
- Sim, excepcionalmente linda. – Ele sussurrou em meu ouvido.
Olhei em sua direção e me deparei com seus olhos me observando atentamente, sorri e voltei meu olhar ao horizonte.
- Eu estou falando do sol, Peter. – Falei, timidamente.
- E eu estou falando de você. – Ele respondeu tranquilamente, beijando o meu pescoço suavemente.
- Você está fazendo aquilo denovo. – Murmurei, mordendo os meus lábios, acariciando levemente seus braços.
- O que? Dizendo a mais pura verdade?
- Não, me deixando extremamente sem graça. – Respondi sentindo minhas bochechas corarem. – Acho que vou ter que me acostumar em ser elogiada.

- Definitivamente. Porque eu não pretendo parar de dizer lhe o quanto és bonita. – Peter me girou gentilmente me fazendo ficar de frente para si, suas mãos em volta de minha cintura me segurando com extrema segurança. - Na realidade, eu pretendo dizer isso a você todos os dias.

- Então se acostume porque eu vou todos os dias ficar tímida com esses elogios.

- E essa é uma das razões para eu gostar tanto de dizer a você como é bonita. A sua modéstia lhe deixa mais bonita do que já és. – Peter repousou sua mão em meu rosto, fechei meus olhos sentindo seu toque e um sorriso leve caiu em meus lábios assim que senti ele ficar mais próximo de mim, sua respiração entrando em contato com a minha, o observei daquele jeito encantado. – Para mim você é linda em todos os sentidos, não apenas no externo, como em quem você é. Amo o jeito que você ri quando te contam algo engraçado ou a forma que você sorri quando te dizem algo que te traz prazer, a forma que você me olha é tão gentil que me questiono se mereço esse olhar, seus olhos ... são meu grande fascínio. Tão fortes, profundos ... No sol

ganham um tom mel que nunca vi antes, que chega quase perto de um dourado, mas é só estarmos em um lugar fora da luminosidade dele e vejo o seu tom castanho verdadeiro, tão poderoso, único. Isso porque eu ainda não falei dos seus lábios ... Macios e se encaixam tão perfeitamente nos meus. Se acostume com isso. Você é feita para mim, Kate.
- Você não deveria falar essas coisas para mim. – Falei o olhando completamente descrente, sentindo ele colocar uma mecha de cabelos meus por trás de minha orelha o que causou novos arrepios em mim.

- Porque não?
- Porque dessa forma eu vou me apaixonar seriamente por você.

- Isso é novidade para mim! – Peter disse com um sorriso encantador em seus lábios, ele abaixou a cabeça e em seguida voltou a me olhar, ainda com aquele sorriso exposto. – É bom saber que você ainda não está apaixonada por mim, isso significa que eu ainda tenho muito o que fazer para ter o seu coração só para mim.

- Que tal uma foto? – Questionei, sorrindo timidamente, enquanto mexia em meu bolso já pegando o meu celular. – Eu quero guardar esse momento.
- Uma foto é uma ótima ideia, mas saiba que tem um lugar onde você pode guardar essa memória de forma bem mais duradoura.
- Onde?
- Em seu coração. – Peter murmurou, com um sorriso de lado, eu ri levemente e ele me olhou de forma encantada. – O que foi? Eu estou falando sério.
- Eu seriamente acredito que você está lendo livros de cantadas românticas demais. – Murmurei com sarcasmo, repousando uma das minhas mãos em meus lábios.

- O que eu posso fazer se sou um dos últimos românticos. – Ele murmurou com uma sinceridade obvia, passando uma de suas mãos em seus cabelos. – Vai dizer que não gosta de um cara romântico? Que fala exatamente aquilo que você quer ouvir.

- Para ser sincera, não sou uma garota romântica. – Murmurei, entortando os meus lábios. – Sou extremamente complexa, Peter. Não sou romântica, mas gosto de romance. Então, não espere que eu fique falando coisas bonitas assim, eu não sou

tão boa com as palavras nesse sentindo, queria ser. Quem sabe, você me ensina.

- Quem sabe, com o tempo você acaba pegando o meu jeito, mas garanto que vai demorar muito. – Peter murmurou com um ar feliz, me observando atento. - Então, de algum modo o que eu falo para você não te afasta e sim atrai. – Peter questionou, pensativo. – Interessante! Somos pólos opostos, mas que sofremos intensa atração, não importa o que aconteça.

- De certo modo, sim. Por sorte, por mais que eu não consiga ser romântica, eu acho atraente um homem que sabe falar coisas bonitas para a mulher de seu interesse. – Conclui piscando um dos meus olhos, Peter sorriu de forma encantadora. – Vem, vamos tirar fotos. Direcionei a câmera do celular no alto, aproveitando a pose que estávamos, Peter com sua mão em minha cintura me mantendo próxima a si e nossos rostos próximos olhando na direção dela, logo ele tomou o celular de minhas mãos dizendo ter dito uma ideia de foto, ele se aproximou de mim e beijou meus lábios e se afastou sorrindo dando a entender a ideia, voltamos a nos beijar de forma apaixonada e ouvi o som da foto sendo sido tirada. Isso não impediu que continuássemos a nos beijar. Era engraçado como nos divertíamos um com o outro de uma forma inocente, trocando beijos e brincadeiras que estavam se tornando algo só nosso.

Acabamos por nos deitar na rede, entre beijos e carinhos, eram novas fotos que surgiam em meu celular. Peter exigia que todas fossem enviadas para ele, no e-mail que o mesmo digitou na parte que pertencia a ele em meus contatos, como também me relembrou de enviar o meu livro, óbvio que sorri encantada com o fato dele ainda se lembrar de tal coisa e de vários outros detalhes meus que acabava por descobrir durante nossas conversas. Ficamos mais um pouco na varanda, namorando na rede, mas assim que comecei a sentir que estava esfriando achei melhor que entrássemos. A noite já havia chegado e não faria nada bem a Peter que ele ficasse pegando aquela brisa fria.

Adentramos na sala e ele logo sugeriu que assistíssemos algum dos filmes que eu havia levado, concordei e falei que ia pegar o edredom para nos aquecer quando retornei ele estava em dúvida entre *Casablanca* e *O Fantasma da Ópera* de 2004

para assistirmos. Ele argumentou que o primeiro era um dos seus filmes favoritos, mas que o segundo me ajudaria na peça teatral, obviamente que descartei a segunda opção tacando o dvd na direção do sofá e empurrando gentilmente Peter na direção do mesmo entregando a ele o edredom e pegando o dvd das suas mãos, mas só foi chegar em frente da televisão que notei que havia um grande problema: eu não sabia ligar. Então Peter fez essa gentileza para mim, entre zombarias da minha falta de tato com aparelhos eletrônicos. Fiz careta para ele e me afundei no sofá coberta pelo edredom com um pacote de Doritos em mão, assim que o filme já estava para iniciar e as luzes do ambiente estavam todas apagadas ele se juntou a mim, se sentando ao meu lado e se cobrindo com o edredom colocando seus braços em volta de minha cintura. Ofereci *Doritos* para ele, mas o mesmo negou dizendo que aquilo fedia a chulé, isso não era uma verdade, contestei deliberadamente.

- Monstro! Não fala assim dos *Doritos* sagrados. – Murmurei de forma magoada enquanto Peter ria da minha expressão muxoxa.

Tentando obrigá-lo a comer, mas o mesmo não aceitou, até tentou escapar de minhas investidas. O filme iniciou e ficamos quietos, prestando atenção ao mesmo. Peter olhava para mim, entortando os lábios toda vez que me via levando um biscoito até a boca, só de zoação eu comia fazendo uma expressão de quem realmente tinha prazer comendo aquilo enquanto ele, entortava os lábios, enojado.
Assim que terminei de comer, me aconcheguei em Peter, ficando confortável o bastante para o abraçá-lo, ele envolveu meu corpo com as suas mãos e ficou a me acarinhar gentilmente.
O filme se desenvolvia e eu o assistia com o mesmo fascínio de sempre, na minha parte favorita, fechei meus olhos, apenas me concentrando nas vozes dos atores enquanto eu mesma repetia as falas ditas por Ingrid Bergman.
- "Toque aquela novamente, Sam. Pelos antigos tempos." – Sam, o personagem que estava em cena com Ilsa respondeu e eu sorri levemente ao ouvir Peter responder nas falas dele.

- "Eu não sei o que quer dizer, Miss Ilsa".
- "Toque, Sam. Toque "As Time Goes By." – Murmurei, no mesmo momento que Ilsa. Abri meus olhos, observando a cena fascinada.

- “Oh eu não consigo me lembrar dela, Miss Ilsa. Eu estou um pouco enferrujado.” – Peter murmurou traçando gentilmente seus dedos na pele de meu braço o que me fez sorri.
- “Eu cantarolo para você. Da-dy-da-dy-da-dum, da-dy-da-dee-da-dum...” - Repeti as frases com um sorriso leve nos lábios.
No filme, Sam começou a tocar a música em seu piano enquanto Ilsa se manteve o observando com atenção.
- “ Cante-a, Sam.” – Falei no exato momento que ela.

- “You must remember this / A kiss is still a kiss / A sigh is just a sigh / The fundamental things apply / As time goes by. / And when two lovers woo, / They still say, "I love you" / On that you can rely / No matter what the future brings-...” – Peter cantou a famosa canção tema de *Casablanca* em um sussurro proximo ao meu ouvido e de uma forma extremamente bonita. Eu o olhei descrente que ele tivesse uma voz tão bonita musicalmente, não que ele fosse ser um grande cantor, mas poderia fazer uma bela serenata um dia, para mim então. – O que foi? – Ele questionou notando meu olhar curioso em sua direção.

- Estou imaginando você cantando embaixo da minha janela. – Respondi, voltando a olhar o filme com um sorriso leve nos lábios. – Que nem naquele filme “De repente é amor”? O garoto tentando conquistar o amor da moçinha com uma bela canção e uma guitarra, mas acho que no seu caso, o violão que está dentro do seu armário cairia melhor.

- Já lhe fizeram uma serenata alguma vez? – Peter questionou curioso, mas respondi o com uma risada debochada levando logo a crer a resposta negativa da questão.

- É claro que não. – Respondi ainda rindo, mas logo tomei uma postura mais controlada, ficando melancólica com aquela questão. - Ninguém faz serenatas hoje em dia, o que é uma pena.

- É uma pena mesmo. – Peter me olhou e em seguida, questionou de uma forma despreocupada. - Você gostaria de ganhar uma serenata?
- O que você está aprontando? – Questionei em alerta, o olhando de imediato.

- Nada. – O observava com os meus olhos semicerrados e de forma nada convincente, até mostrando certo nervosismo, Peter riu levemente. – O que? É sério. Não estou tramando absolutamente nada, foi apenas uma pergunta inocente que não teve resposta.

- Eu estou pensando nela. – Respondi de forma cautelosa, voltando meu olhar na direção do filme pegando um pirulito pronta para devorá-lo.
- Sem problemas. Temos a noite inteira. Não tenha a menor pressa. – Peter murmurou, mas pude observar que em seus lábios se escondia um sorriso.
- Eu nunca pensei nisso. Querer ganhar uma serenata toda garota quer.

- Eu não estou interessado no que toda garota quer, estou interessado no que você quer. – Ele murmurou me observando com as sobrancelhas erguidas de uma forma que deixava seu rosto gentil.

- Bom, eu iria querer uma serenata. – Respondi pensativa tentando me imaginar em tal situação. – É claro que eu ficaria toda bobinha,com aquela cara de garota apaixonada, mas eu acharia lindo e é isso que importa.

- Hmmm. – Peter respondeu comendo alguns confeitos de chocolate com uma expressão satisfeita, voltando a prestar atenção no filme.

Assistimos todo o resto do filme, devorando *cupcakes* e *donut's*, fazendo breves comentários sobre o que assistíamos e sobre outros assuntos, assim que o mesmo concluiu Peter propôs que jantássemos, ele estava com fome e supôs que eu também estivesse, a ideia realmente não veio em hora ruim, eu já sentia meu estômago reclamar de fome. Questionei a ele como estava se sentindo e respondeu dizendo que se sentia indisposto, entupido e com a garganta doendo, mas bem melhor. Eu não conseguiria me sentir "bem melhor" com isso tudo. Suspeitava que no fundo ele estava se sentindo bem mal, mas estava fingindo que tudo estava bem porque eu estava ali com ele.

- Então, comida italiana, francesa ou japonesa? – Peter questionou olhando um livro espiralado que parecia pertencer ao cruzeiro. – Confesso que uma comida italiana cairia muito bem hoje.

- Então não há mais o que pensar. Comida italiana será. – Respondi continuando sentada no sofá. Peter começou a falar e eu simplesmente deixei meu corpo cair no sofá, me deitando nele, fechando os meus olhos de forma preguiçosa. Não demorou muito para eu sentir Peter se sentando do meu lado, questionando se tinha um espaço para ele junto a mim. – Sempre. – Respondi, abrindo meus olhos e observando ele se deitar ao meu lado. Era óbvio que o sofá era pequeno para nós dois, eu sabia que qualquer movimento brusco ele cairia direto ao chão e para evitar que isso acontecesse ele estava muito próximo de mim, próximo o bastante para um intenso clima cair entre nós.

Entre carinhos e caricias distribuídas por ambos, logo começamos a nos beijar. E isso não era sacrifício nenhum para nenhum dos dois.
Apenas paramos quando ouvimos algumas insistentes batidas na porta, Peter não queria atender, mas eu insisti, temi que não fosse o serviço de quarto e sim algum familiar de Peter, mas não, era o serviço de quarto mesmo, um homem vestido com um uniforme branco padrão veio deixar o carrinho contendo tudo que fora pedido por Peter, me ergui de imediato do sofá enrolando os meus cabelos em um alto coque, observando discretamente Peter agradecer ao empregado com educação, fechando a porta por fim.

Decidimos assistir *O Fantasma da Ópera* enquanto jantávamos.
Me entristeceu que Peter de forma alguma aceitou que eu pagasse a minha parte no jantar, nem ao menos permitiu que eu o pagasse no dia seguinte com um almoço. Ele era extremamente cavalheiro, isso seria um insulto para ele.
Nos delíciamos comendo macarrão da melhor qualidade, com aquela massa pura italiana com molhos típicos da cultura, ele tomava uma *coca cola,* o alertei que o gelado pioraria sua gripe e ele disse que seria melhor eu parar de tentar ser medica dele, que eu era escritora e estava me arriscando na carreira errada, então parei, me sentindo chata, mas simplesmente muito paparicada, já que o refrigerante que ele pedirá para mim era de laranja, de fato, o meu favorito.
Como sobremesa teríamos merengue de morango, originário da região de Emilia – Romagna e Lombardia com um pequeno papel indicando a origem e sua criação.
Enquanto víamos o filme, Peter tentava me convencer a tentar o papel de Christine Daae, enquanto eu dava diversos motivos para eu não fazer essa insanidade.

- Primeiro ponto: Eu não sei cantar. Mentira, no colégio tínhamos aulas de teatro e canto, mas isso não quer dizer que vou conseguir ser uma Emmy Rossum ou uma Sarah Brightman. Na realidade, é bem provável que eu desafine e muito. Não tenho essa potencia vocal para tais músicas.

- Você não tem que ser nenhuma das duas, você tem que ser apenas você. Pelo o que você me disse, eles querem apenas fazer uma peça agradável, se quisessem uma peça seria para aclamar grande críticas teriam contratado uma cantora de ópera para o papel e não aberto inscrições para atores amadores. – Peter respondeu roubando uma colherada do meu merengue e logo fiz uma cara feia para ele, afastando o doce de si, logo ele me puxou para perto de seu corpo, me prendendo em seus braços com um tom de voz sedutor. – Além do mais, você vai ficar uma graça usando espartilho.

- Eu não vou usar espartilho. – Meu tom de voz aumentou com o nervosismo. Logo me lembrei que quem irá auxiliar e desenhar algumas roupas será Rachel, então mudei de pensamento. – Na realidade, é bem provável eu acabar usando espartilho. Ah, segundo ponto: eu não consigo me imaginar como Christine. Ela é indecisa, temerosa e frágil. Eu não sou como ela, logo sendo difícil para incorporar sua personagem.

- Pegue a personagem como um desafio profissional. – O olhei seriamente e Peter entortou os lábios. - Eu já entendi, você não quer interpretá-la, mas ainda acho que seria uma boa você tentar. Você tem o porte físico, encanto natural e imagine só, garanto que tendo sua foto nos panfletos a audiência aumentaria pelo menos em setenta e cinco porcento, só por ser linda desse jeito. – Peter murmurou dando um beijo em minha bochecha. – Pense no dinheiro, não virá para o seu bolso, mas vai ajudar alguma ONG necessitada na America ou na África.

- É, você tem razão nesse fato. – Respondi alguns segundos depois, como se um clique tivesse ocorrido em minha mente enquanto observava com atenção uma das cenas finais entre Emmy Rossum e Gerard Butler. – Não na parte que a minha beleza aumentaria a audiência, mas no sentindo do desafio profissional. Eu conheço todas as músicas, provavelmente todos os diálogos estarão entravados em minha pele até amanhã de manhã e além do mais, é por uma boa causa. Mesmo não estando em minha melhor fase não seria uma má ideia arriscar e fazer algo divertido, certo?

- Concordo plenamente. Ainda mais se você realmente usar espartilho ... – Peter concluiu com um tom de voz malicioso, logo dei um tapa leve em seu peito o fazendo rir e depositar um beijo em minha cabeça em seguida.

Assim que o filme terminou e minhas dúvidas sobre a peça haviam sido encerradas já que eu havia decidido tentar o papel de Christine Daae - o que eu definitivamente iria fazer de qualquer forma já que era o meu desejo, eu só não queria ser o centro das atenções continuamos na sala apenas assistindo a TV a cabo que como de costume tinha mais de trezentos canais, mas nenhum passava alguma coisa que prestava, então durante as nossas mudanças excessivas de canais e eu impedir Peter de assistir um jogo de *rugby* três vezes, entediados com a programação tola, largamos a televisão ligada e fomos para a varanda, onde me sentei de forma preguiçosa na rede e Peter se sentou do outro lado ficando de frente para mim enquanto a mesma balançava levemente. Ele havia trago consigo sua carteira de cigarros e logo abriu a mesma pegando um cigarro e colocando nos lábios, ele me ofereceu o mesmo enquanto ficamos a conversar sobre as nossas vidas, famílias e amigos.
Eu agora estava a conhecer mais detalhes de sua vida, o que estava me fazendo sentir mais parte dela; ele me contava que passava muito tempo com seu pai, George, ambos tem gostos parecidos: amam literatura, música dos anos 70, filmes clássicos e atuais, principalmente de aventura e desfrutam uma paixão igual em relação a carros, motos e rugby como futebol, então quando o tempo permitia desfrutavam da companhia um do outro; ele descreveu a mãe, Isobel, como uma mulher peculiar. Vivia para as festas da sociedade em que freqüenta com grande assiduidade, ama a moda, conversas sentimentais, mas detesta qualquer tipo de arte, menos a literatura já que ela vive lendo romances; Amelia era não apenas sua irmã, mas sua melhor amiga, ele confessou que ambos brigavam muito, mas era coisa de irmãos, ainda mais porque ela convivia muito com sua mãe tendo visões de certas coisas que ele desaprovava. Tomei conhecimento da existência de uma segunda irmã, Anna, de apenas dezesseis anos recentemente completos, ele me mostrou uma foto dela completamente bobo, era uma jovem de rosto levemente sardento, cabelos longos e de um tom marrom chocolate belíssimo, seus olhos eram azuis quase como os de Peter, sendo que mais claros e ela tinha um belo sorriso exposto na foto que estava

ao lado de um Peter igualmente sorridente. Ele dizia como um bom irmão babão o quanto Anna era inteligente, espirituosa, engraçada, gentil e ótima esportista, muito melhor que Amelia. Quando chegou a minha vez de falar sobre a minha família, eu comecei a falar de minha mãe, a quem mais sentia falta no momento.

- Se você me acha doida é porque não conhece a minha mãe. – Ri de uma forma silênciosa me recordando de diversas lembranças loucas de minha mãe junto a mim – Ela não é nada como as outras mães e essa é uma das razões para eu amá-la tanto. Somos amigas antes de mãe e filha, sabe? Quando ela tem que brigar e ser incisiva comigo, ela é, mas sempre conversa comigo tentando me mostrar o certo e o errado e me dando sempre o direito de escolha. Ela é essa mulher cheia de vida que não aparenta a idade que tem; seu espírito é jovem o que a torna dessa forma. É engraçada, severa, inteligente, criativa e extremamente amorosa. – Sorri levemente brincando de passar as pontas de meus dedos na palma da mão de Peter, pelo visto, ele não sentia nem um pouco de cosquinha, mas estava gostando do carinho. – Joseph, meu padrasto, é um cara incrível. Inteligente, sério na quantidade certa, precisava de alguém como minha mãe na vida dele para ser feliz plenamente. Ele tem esse lado mandão que é bem típico de pai, eu acho, ele adora construir coisas até que ele é bom com isso, quando ele não está martelando a própria mão ... Ah, e ele é ótimo com o filho, Chuck, ele é um pai exemplar, um marido fiel e amoroso, e um ótimo ... padrasto.

- E como era seu pai? – Peter perguntou cauteloso, agora tomando a minha mão e segurando, fazendo os nossos dedos se entrelaçarem. Encostei minha cabeça na parte macia da rede o observando com atenção buscando de mim tudo que podia dizer sobre o meu pai. Notei que não era muita coisa e logo meus olhos foram tomadas por lágrimas:

- Meu pai ... ele ... ele me amava muito e eu o amava incondicionalmente, mas passamos muito pouco tempo juntos. Ele e minha mãe se separaram quando eu tinha 02, 03 anos ... – Limpei uma das lágrimas que rolou por meu rosto e continuei a falar. – A gente se via esporadicamente, quando ele podia me visitar, ele não tinha dinheiro sempre então arrumava uns empregos para poder se sustentar e me mimar um pouco. Me lembro de diversas vezes que saímos juntos, ele me levava para

lanchar e comprar algum brinquedo que eu queria muito; eu sei que na época não podia saber, mas ele não tinha condição de fazer aquilo tudo por mim e mesmo assim fazia, só para me ver feliz ... e tinha vezes que eu batia o pé feito uma menina mimada querendo algo e ele dizia que não podia, mas sempre acabava amolecendo e comprando o que pedia. Não sou do tipo de garota que me arrependo dos meus atos, mas me arrependo dessa criança enjoada e mimada que às vezes eu era, na realidade, acho que todas as crianças passam por essa fase. – Pausei, enrugando levemente o cenho enquanto retomava o meu raciocínio. - Enfim, eu não tenho muitas lembranças dele. O tempo está me fazendo esquecer, mas às vezes eu me recordo de coisas que nem sabia que existia em minha mente que as guardo com intensidade para não esquecer nunca mais.

- O importante é que você tem em mente que ele te ama e sempre vai te amar.

- Pois é, mas até eu chegar a essa conclusão eu passei por muita coisa, ressaltando que na época eu só tinha 14 anos, deveria estar preocupada com o meu primeiro beijo, primeiro namorado, mas não, eu estava preocupada com meus pesadelos, com o falecimento do meu pai, ... Eu não gosto de falar sobre isso. – Balancei minha cabeça negativamente. – É bom poder contar isso a você, mas não gosto de lembrar ...

- Do que exatamente? – Ele me questionou com seu olhar impenetrável em direção ao meu.

- Da morte. Daquela sensação sufocante que eu nunca mais vou vê-lo, do medo de um dia acabar esquecendo dele de vez, nem através de fotos consegui se lembrar daqueles momentos, não lembrar de seu toque, seu jeito, suas palavras, sua voz ... – Minha voz se silênciou em um embargo, sentindo um nó se formar em minha garganta. - Hoje em dia eu entendo melhor, espiritualmente falando, sei de mais coisas e aceito essa condição humana de nascer e morrer e ter que deixar as pessoas que ama para atrás, para seguir em frente, para o *outro lado,* mas aquela garotinha de quatro anos atrás não aceita isso ainda. Quem sabe um dia ...

- É. Quem sabe um dia. – Peter concordou segurando com mais firmeza a minha

mão, sorri com seu carinho e continuei a falar sobre a minha família, agora ressaltando Chuck, meu meio irmão pré adolescente viciado em videogame, esportes, como basquete e futebol, até jogar pelo time estadual ele jogava, era um dos atacantes revelações do time da cidade; era um garoto normal que estava passando pela fase *aborrecente* de forma tranqüila, modestamente acreditava que eu havia influenciado o em sua personalidade, ele era muito pé no chão e decidido. Engraçado e fofo também eu disse enquanto Peter via uma foto de Chuck em meu celular, como a maioria dizia, ele questionou como é que tínhamos o mesmo olhar e mesmo sorriso sendo meio irmãos, eu dizia que não sabia, que era coisa de Deus.

Por fim, falei de meus avós maternos que decidiram fazer uma viagem pela América; o casal era ativo e ligado em tudo que era moderno e mesmo com a idade que tinham, o casamento deles era bem mais ativo do que de muita gente nova por ai, Peter riu com esse meu comentário nada pervertido, mas puramente factual.
Ficamos por mais algum tempo do modo que estávamos, conversando e trocando fatos de nossas vidas que preenchiam o conhecimento um do outro.
Peter não queria ir dormir, mas ele achava melhor que o fizesse, já era tarde e estava muito frio, ele queria acordar disposto para podermos aproveitar o dia juntos, mas externamente. Ele saiu da rede, dizendo que ia arrumar a cama e que logo faria a segunda chamada da noite para acompanhá-lo para dormir, já que eu não tive a mínima inclinação de ir dormir. A noite estava tão bonita.
O céu negro estava tomado por estrelas brilhantes e espalhadas por toda a sua extensão e a lua estava grande, branca e brilhante, chegava a ser hipnotizante. Ficar ali havia sido tão bom, tendo aquela conversa com Peter, me fazendo sentir mais parte de sua vida e vice versa.
Me fez sentir tão importante.

- Kate. – Peter me chamou, me despertando dos meus pensamentos o olhei, vendo o mesmo na entrada de seu quarto que a varanda dava acesso. - Vem! Por mais que eu esteja sendo egoísta e queira você dormindo ao meu lado essa noite, e em todas as outras possíveis, aconselho que é melhor você vir dormir. Já é tarde e tenho a impressão que amanhã será um dia bem longo.

- Não, eu não estou cansada. Não se preocupe comigo. – Murmurei com um sorriso

singelo nos lábios.
- Katerina. – Peter murmurou com um tom de voz mais alto, de uma forma que minha mãe fazia quando eu estava prestes a estar encrencada.
- Que? Ah, não. Não fala nesse tom comigo, Peter Hartley. – Murmurei, me sentando na rede erguendo minha cabeça soberana. - Além do mais, é manhã em algum lugar do mundo.
- Mas não aqui. – Peter disse com um sorriso nos lábios. – Você se acha a coisinha mais esperta desse mundo, não é?
- Eu não me acho. – Respondi, abrindo um grande sorriso. - Eu sou.

- Pois é, contudo se você é esperta, eu sou teimoso e ... – Peter se aproximou de mim e sem dar tempo de contestar me tomou em seus braços, me prendendo em seu colo, como se fossemos recém casados, comecei a rir com o seu gesto, já que o mesmo quase se desequilibrou a me pegar. - ... Impulsivo. – Em seguida ele aproximou seus lábios dos meus dando diversos beijos nele e em seguida deixando um rastro deles em meu pescoço e ombro
- Tem certeza que você não quer dormir agora?

- Posso ter mudado de ideia. – Respondi de uma forma sapeca, mordendo levemente os meus lábios.

Peter sorriu de uma forma charmosa e sem mais nada dizer me levou junto a si em direção do quarto.
Assim que chegamos na cama, ele me deitou gentilmente ali, logo se aproximando de mim e me enchendo de mais apaixonados beijos.
A intenção era dormir, mas na verdade, ficamos namorando, como dois apaixonados irrevogáveis.
Peter me cobriu com o edredom e eu imitei seu gesto, o cobrindo também, confortáveis e quentinhos, estávamos próximos um ao outro, mas em vez de trocar beijos, trocávamos carinhos gentis enquanto um olhava para o outro.

Pelos meus olhos, eu observava aquele rosto que tanto me encantava e fascinava. Peter era um garoto muito bonito, mas a sua beleza maior estava em quem ele era, o que mais me fascinava: sua personalidade e caráter únicos.

Seu modo doce, sua inteligência e esperteza, seu carinho delicado, mas sem deixar de ser masculino, seu lado romântico insuportável, mas adorável, sua curiosidade e teimosia, o modo bem humorado/sarcástico que ele tem, sua índole boa e principalmente, toda sua paixão por mim.
Observava seu físico com atenção querendo guardar em minha mente cada pedacinho de si; olhava para cada detalhe em seu rosto, no seu nariz gordinho na ponta e fino em seu resto, suas bochechas que se salientavam ao dar seu belo sorriso, largo e encantador, desci minhas mãos, as repousando em seus ombros, notando sua pinta marrom que havia em seu pescoço em um ponto discreto, a toquei dizendo que ela era fofa e Peter riu, sua pele era de uma maciez delicada como a de um bebê, adorava a forma como suas mãos me tocavam com cuidado e carinho, percebi como seus braços eram de músculos magros e bem cuidados, mas nada, em seu físico superava seus indescritíveis olhos.

Ele também me analisava, me observava com seus olhos sorrindo para mim, contudo não sabia o que pensava, queria saber, mas acho que essa era toda a graça da situação; o que mais amava naquele olhar, puro e gentil, era seu modo de me observar sem malícia apenas com extremo encanto, tocando cada detalhe de meu rosto com um carinho único, deslizando seus dedos próximo as minhas bochechas, queixo e lábios, deixando um rastro de envergonhamento em minha pele com seu toque, sem em nenhum momento, desgrudar seus olhos do meu.

Me questionava profundamente como eu podia gostar tanto assim de alguém que acabará de surgir em minha vida, como magia e influência do tal *destino* e eu suspeitava que essa era a mesma questão que passava na mente dele, deixei um sorriso feliz cair em meus lábios com tal pensamento e como se fosse um espelho, Peter imitou meu gesto, com a mesma sinceridade e felicidade minha.
É, ele só podia ser meu *destino*.

Capítulo 16
Uma Daquelas Garotas

Espero que você veja por entre minhas barreiras
Espero que você me segure, pois eu já estou caindo Nunca vou deixar o nosso amor se aproximar tanto
Você coloca seus braços ao meu redor e eu me sinto em casa

O mundo está desmoronando sobre mim e não consigo encontrar motivo para ser amada Eu nunca vou querer te deixar, mas não posso fazer você sangrar se eu estiver sozinha
Arms – Christina Perri

Seria bom demais para ser verdade.
Dormir uma noite inteira sem acordar antes dos primeiros raios do sol.
O relógio digital brilhava intensamente na penumbra do ambiente, gritante de um modo perturbador, ilustrava que passava das três da manhã. Eu mal havia fechado os meus olhos e já havia despertado.
Isso não podia ser coisa de Deus!
Me mexi na cama tentando encontrar uma posição confortável por entre o edredom que eu dividia fielmente com Peter que estava dormindo, com suas costas virada na minha direção. Fiquei a observá-lo com atenção, vendo como a sua respiração era regular e tranqüila, podia jurar que estava a sonhar, com o que, não sei, mas daria tudo para saber; ergui o edredom um pouco, me perdendo em meus pensamentos enquanto o observava.
Eu sabia que o sono não voltaria tão cedo, então resolvi ser útil de alguma forma em minha vida, peguei o roteiro da peça e resolvi começar a lê-lo, já que provavelmente de manhã eu não conseguiria fazer isso. Acendi o abajur que estava na mesa de cabeceira ao meu lado da cama, virei à luz de uma forma que não afetaria a visão de Peter, assim não o despertando, eu sabia como era horrível ser acordada com uma luz em suas pupilas, me sentia filha de Drácula nesses momentos. Cuidadosamente me virei de bruços na cama me apoiando de um modo confortável, olhei por uma última vez a Peter vendo que ele continuava do mesmo modo e me concentrei, por fim, em completo na leitura da peça.
Após ler o mesmo 02 vezes, sem pular nenhuma linha o que era impressionante no horário em que me encontrava, comecei a desfiar o roteiro tentando escolher uma cena em particular que pudesse fazer no teste, queria que fosse algo simples, mas ao mesmo tempo que chamasse atenção dos professores para me escolher para o papel. Estava entre as cenas III, IV e V: o primeiro dialógo com Raoul; O fantasma da ópera aparece pela primeira vez cantando e seduzindo Christine e a música tema que

é feita em dueto com o fantasma da ópera. Era exatamente essa última cena que eu gostaria de fazer, o único problema era que eu precisaria de alguém para cantar a parte do fantasma, da mesma forma que eu precisava na segunda cena e na primeira que eu precisaria de alguém para ser o Raoul; não querendo frustrar meu ego, decidi ensaiar mentalmente as três cenas, sem privilegiar nenhuma delas. Pensei em buscar por um monológo de Christine, que eu sabia que existia brevemente no final da peça, quando ela vai visitar o túmulo do pai, mas não, não era essa cena que eu queria fazer.
Era oficial: teria que na hora do teste convidar alguém a fazer a cena comigo, talvez o professor Raj leria ou cantaria comigo, pelo menos no colégio era assim que os professores de teatro faziam conosco nos dias dos testes.

Sem notar comecei a murmurar as cenas, lia as partes que não me pertenciam e dava emoção às partes que eram de Christine Daae, eram pequenas frases e desconfiava que já havia decorado a primeira cena e quase toda a segunda, parei de murmurar de repente, me sentindo estranhamente observada, quando olhei para a direção de Peter o mesmo se encontrava acordado, me observando com extrema atenção com um sorriso doce caído em seus lábios.

- “A pequena Lotte pensou: eu sou aficcionada por bonecas ou por gnomos, por sapatos ou por enigmas, por vestidos ...? “ – Ele sussurrou se sentando na cama de uma forma confortável sem resquícios de cansação, enquanto eu o observava com um sorriso bobo em meus lábios.

- “Aqueles piqueniques no sótão...” – Respondi, buscando a frase de minha memória, sem conferir no texto, erguendo levemente as minhas sobrancelhas dando certo charme em minha expressão.

- “ ...Ou por chocolates ...” – Peter continuou, pegando o roteiro de minhas mãos e olhando para o mesmo enquanto coçava preguiçosamente um dos olhos.
- “Papai assentando o violino ...” – Logo Peter continuou, me olhando com um sorriso grande em seus lábios.
- “ Enquanto nós líamos , um para o outro, histórias sombrias do Norte...”

- “Não – o que eu mais gosto, Lotte disse, é quando estou adormecida em minha cama, e o Anjo da Música canta canções dentro da minha cabeça!” – Sussurrei em um tom animado de voz, deixando um sorriso em meus lábios então, Peter continuou, cantarolando.

- “ ... o Anjo da Música cantando canções dentro da minha cabeça.” – Ele fez um gesto com a cabeça para que eu cantasse junto a ele e em um tom tímido de voz cantei junto a ele o trecho. Senti minhas bochechas corarem violentamente enquanto Peter me olhava de uma forma que nunca havia antes. Não sabia se estava impressionado, surpreso ou encantado, ou se era uma mistura dos três, só sabia que ele me olhava de forma avassaladora. – Você é uma caixinha de surpresas fascinante, sabia, Katerina?

- Porque você diz isso? – Questionei, me acomodando para mais próximo de si.

- Quem diria que você tem uma voz tão doce de ouvir em uma canção. – Peter murmurou com aquele habitual sorriso gentil em seus lábios. – Isso é um dom, sabia? Poucas pessoas nascem com uma voz como a sua.

- Eu ia dizer a mesma coisa sobre você.
- Eu sou musicalmente ativo, Kate. – Peter murmurou rindo levemente. – O meu colégio obrigava a participação freqüente de todos os alunos no coral principal, então freqüentar as aulas de canto era obrigatório. Eu não nasci com os dons musicais para o canto, mas o mesmo não ocorreu com o violão, já que de inicio comecei como auto didata, só depois de alguns meses comecei a ter aulas.

- E você acha que eu nasci com essa afinação? – Questionei entortando um sorriso. – Eu também era obrigada a freqüentar as aulas de canto, mas para mim não era nenhum sacrifício, eu adorava cantar as canções que o professor indicava, sempre eram musicas contemporâneas que eu adorava; era uma das minhas aulas favoritas.

- Não adianta, Kate. – Ele murmurou sério decidido. - Para mim, você é uma cantora incrível. – Peter se aproximou de mim depositando um suave beijo em meus lábios, pude sentir que a sua temperatura corporal parecia ter voltado ao normal, sorri e ele me olhou curioso. – O que foi?

- Eu acho que alguém está quase curado de uma gripe muito malvada. – Murmurei, passando gentilmente uma das minhas mãos em seu rosto, notando que sua temperatura realmente havia voltado ao normal.

- Aleluia a isso. – Peter disse, me puxando para seu colo, me fazendo deitar em seus braços, logo em seguida beijando meus lábios suavemente. - Você não tem ideia de como odeio ficar enfurnado dentro de um quarto, me sentindo impossibilitado de tudo.

- Não exagere! Para quem está gripado você parece muito saudável. – Respondi, passando discretamente uma de minhas mãos em seus cabelos, enquanto olhava no fundo de seus olhos, poderia ficar conectada naqueles olhos até o dia raiar, mas seria injusto com ele e sua saúde. – Agora chega de papo. Eu acordei você e isso é injusto. Vamos dormir!

Me afastei de seus braços, mas Peter logo me puxou de volta para eles, me beijando com paixão enquanto acarinhava gentilmente a minha cintura, não podia cortar o clima do momento, eu gostava tanto desses momentos. Me derretia por inteiro a cada novo toque de Peter, tudo parecia ter um encaixe perfeito quando nós fazíamos, os nossos beijos, toques, sussurros, eu me sentia uma boba romântica estando com ele, mas o que podia fazer? Peter me fazia sentir assim; o único que conseguirá amolecer meu coração desse modo. Se fosse com qualquer outro garoto com certeza eu só estaria curtindo o momento, vendo isso tudo como um divertimento, achando cafona suas frases românticas e provavelmente não estaria sentindo o que sinto nesse momento; esse nervoso na barriga a cada novo toque, o coração acelerando com cada beijo, a mão suando só em pensar o que virar a seguir, o sorriso que caia em meus lábios ao ver seus olhos vivos conectados aos meus, com Peter tudo era diferente.
Como se com uma flechada do cupido, depois de tantas, ele tivesse finalmente acertado. Será que eu estava me iludindo?
Ultrapassando uma barreira que eu havia me proibido de seguir?
Eu acreditava que estava apenas vivendo um momento, esse era o meu raciocínio, mas não era isso que o meu coração sentia.
Peter não queria me obedecer de forma alguma, toda vez que eu voltava ao assunto

que ele devia dormir para se livrar de vez daquela gripe ele voltava a me seduzir e beijar exatamente daquela forma que me deixava completamente sem ar e palavras, algo que ele tava ficando bom em fazer a cada nova tentativa.

- Você precisa parar de ficar tão perto de mim assim. – Sussurrei sentindo seu nariz roçar no meu enquanto seus lábios tocavam suavemente os meus, suas mãos deslizavam em minhas costas de forma tortuosa. Ele fazia de propósito, sabia que me excitava. – Eu estou tendo problemas para respirar.

Peter apenas sorriu malicioso, me deitando na cama de uma forma rápida e ficando por sobre mim com seus braços me cercando, distribuindo beijos em meu pescoço de uma forma quase que proibida.
Ele era teimoso, mas não podia dizer que não estava gostando de sua teimosia; ela era boa demais.
Meu lado racional me lembrava que o correto seria induzi-lo a descansar, mas podíamos descansar fazendo isso também, não é? Minha resposta foi logo respondida assim que joguei o edredom em cima de nós com um sorriso malicioso.
Durante beijos e carinhos, em determinado momento, nos aquietamos e nos entregamos ao sono. Com a minha cabeça deitada em seu peito, podia sentir seu braço em volta de minha cintura enquanto seu coração batia de um modo tranqüilo e feliz.
A partir de hoje, a minha canção favorita de ninar.

Se dormir na mesma cama que Peter era bom, o que eu poderia dizer sobre acordar? Trazia uma sensação de conforto e prazer inacreditável sentir suas mãos em volta de minha cintura, à batida de seu coração próximo ao meu ouvido, provavelmente nunca dormi tão bem em um *travesseiro* como havia dormido no peito de Peter.
Me sentia protegida, confortável e amada.

Estávamos deitados no mesmo lugar onde havíamos dormido, mesmo estando toda encolhida em seu corpo, eu não sentia o mínimo desconforto de ter dormido daquela forma. Olhei na direção de Peter que se encontrava em um profundo sono, novamente me senti com aquela sensação de temor em não querer despertá-lo, mas não me sentia mais propensa a continuar deitada ali se não iria dormir, ainda mais se

poderia acabar acordando-o com alguma movimento brusco... mas era tão bom estar ali, deitada em seu peito, ouvindo a minha canção de ninar bater em meu ouvido com força e ritmo, observando sua expressão tranqüila.
Alguns breves minutos devem ter passado quando olhei para o relógio digital constatando que já passava das dez da manhã, o que não era muito bom, já que eu tinha o teste de uma peça teatral as duas da tarde. Me movi de forma cuidadosa, mas mesmo tendo usado movimentos levíssimos Peter notou a minha movimentação e se moveu de uma forma pesada, me puxando para mais perto de si. Abafei uma risada tímida, mas consegui de um modo delicado me desvencilhar de seus braços, logo saindo do quarto, sem causar nenhum barulho excessivo que podia acabar por perturbar seu sono.

Me aproximei da cristaleira observando meu reflexo com atenção, eu era a imagem da bagunça e sono, passei minhas mãos em meus cabelos tentando arrumá-los, mas acabei os deixando bagunçados mesmos, apertei minhas bochechas dando uma cor discreta avermelhada, minhas olheiras não iriam sumir sem uma boa base e meu estômago não iria parar de roncar sem um bom e completo café da manhã. Como, por ora, não teria nada disso, me sentei no sofá e resolvi assistir um pouco de televisão, num volume baixo, depois de rodar diversos canais com programas matinais, esportes, séries antigas, desenhos, resolvi parar num canal de notícias mundiais, logo me entediei e peguei meu celular do bolso querendo averiguar se havia recebido alguma ligação ou mensagem, mas o mesmo havia descarregado o que era muito conveniente, para não dizer o contrário. Já podia ver minha mãe enviando a Interpol até o navio para poder descobrir o meu paradeiro e ela seria bem capaz de mandar o Chuck Norris com o Steven Seagal se descobrisse que dormi no quarto de Peter, o que aconteceria a seguir, se tornaria estatística.
Nada como um *cupcake* de chocolate – velho - para me fazer esquecer de tais pensamentos. Devorei os únicos dois que encontrei na mesa de centro enquanto assistia ao jornal, agora notíciando o aumento da gasolina em uma região da America do Sul.

Teria continuado imersa na programação se não tivesse ouvido aquele familiar clique na porta principal. De um pulo, me levantei do sofá, desligando a televisão com o controle remoto e o tacando com um movimento só no sofá, ouvi a porta sendo

aberta por completo enquanto olhava ao arredor vendo se poderia arrumar a tempo a bagunça que havíamos feito na noite passada, mas nada poderia ser feito.
Repousei as mãos nos bolsos de meu short e mordi meus lábios, esperando uma provável bronca de Phil, já que deveria ser ele quem havia adentrado o ambiente, mas estava completamente enganada.

- Quem *é* você? – Uma voz nasalada em tom baixo, feminina com um sotaque forte britânico tomou conta do ambiente, não a reconheci então me virei de imediato tomando conhecimento de quem era e por alguns segundos desejei não ter feito isso.

Era uma jovem, seus cabelos eram loiros dourados e estavam presos em um rabo de cavalo alto, belíssimo, estava vestida com roupas apropriadas para ginástica, muito familiares com o estilo usado por Rachel, poderia jurar que ambas compraram na mesma loja, pude notar pelas suas bochechas avermelhadas que ela deveria ter voltado de algum exercício físico que estava a fazer em uma das dezenas de academia que deveria haver aqui no navio; seus olhos verdes escuros combinavam com o seu tom de pele levemente bronzeado, era magra,uns vinte centímetros mais alta do que eu - sim, ela deve ser parente da Gisele Bundchen -, de porte atlético, de longas pernas tonificadas, exatamente o tipo de mulher que qualquer um teria nojo de saber que existe, imagina tê-la no quarto, sem saber o aparente motivo, onde o seu interesse amoroso "dorme"?
Notei que em suas mãos ela segurava um smoking ensacado em uma capa transparente, mas foi o seu olhar frio e tom de voz rude que me despertou do meu temporário devaneio, com um olhar lento em sua direção e uma expressão dura a observei.

- Desculpe me, você é surda? – Ela questionou novamente, pude notar agora que ela falava como se tivesse um ovo na boca e isso era bem irritante, ou eu simplesmente estava procurando uma imperfeição nela para tentar dizer que ela é uma reles mortal, mas pelo visto ela estava fora dessa lista enquanto minha mente gritava para saber o que ela estava fazendo aqui. Ela me observou de cima a baixo com desdém e continuou. – Definitivamente não. Você não deve falar a minha língua, com essa cara de mexicana, deve ser isso mesmo. *Quem és tu?* – Ela questionou novamente em um espanhol perfeito.

- Eu falo sim a sua língua, ô coisa mal educada! E quem deve perguntar quem é você aqui sou eu. – Murmurei de maneira nervosa, tentando mostrar domínio na situação, mas só estava me constrangendo, mas com a minha cabeça erguida e ego declinando consideravelmente, vendo que minha atitude não afetou a sua postura de superioridade. – Quem *é* você? – Questionei, me sentindo idiota. Ela abriu um sorriso mostrando que até seus dentes eram perfeitos, em tamanho e brilho, ela se aproximou de mim dois passos e senti meus ombros se encolherem derrotados.

- Ah, vejamos o que temos aqui! Eu não preciso que você me diga quem é. Sou esperta o bastante para deduzir. – Ela murmurou me olhando de cima a baixo, seus olhos pareciam me corroer como se tudo que ela visse em mim fosse feio e estragado. – Você é o novo brinquedinho do Peter, não é? Ouvi Amelia falar de você ... Katerina, certo? Aquela que despertou interesse profundo em Peter. Gostaria de saber o que de fato você tem para chamar a atenção dele, porque eu não vejo nada demais. – Ela concluiu com um tom de voz cruel, mantendo aquele sorriso falso em seus lábios. – Só uma garotinha comum e sem vida.

- Quem é você? – Voltei a questionar, a observando de uma forma firme, queria mostrar que nada que ela dissesse iria me afetar, mas havia algo que me incomodava muito nela, não era só a sua beleza, mas a sua total ignorância e má educação, ela se sentia a coisinha mais importante do mundo.

- Futura Senhora Hartley, se me permiti informar. – Ela disse por fim, olhando atentamente o meu rosto, em seguida uma expressão de comoção falsa tomou seu rosto, enrugando seu cenho e ficando com olhares pesarosos ao ver os meus olhos se perderem no nada com sua afirmação. – Own, não me diga que vai chorar?

Meus olhos foram em direção a mão direita da jovem e pude ver um anel com uma robusta pedra brilhante no dedo anelar, de imediato olhei na direção de seu rosto, profundamente atenta em seus olhos, ergui minha cabeça no mesmo instante que uma sobrancelha se ergueu.
Estaria ela dizendo a verdade?
Seus olhos, sorriso e postura confirmavam o que havia dito, ela estava tão segura disso quanto da sua obvia certeza de que era linda, mas se ela era noiva de Peter

porque havia dito que eu era o novo *brinquedinho* do mesmo com tanta tranqüilidade?
Eles teriam que ter um relacionamento muito estranho para aceitar uma condição dessa com satisfação.
Eu não sabia o porque, mas não confiava naquela garota.

- Não! – A jovem murmurou, me observando com uma expressão curiosa. – Você não vai chorar. Você está dúvidando de mim. Que audácia! Você sabe quem sou eu?

- Não, mas vou descobrir isso agora. – Mantendo minha atitude, passei pela garota indo em passos firmes em direção ao quarto de Peter, de alguma forma a porta abriu de forma pesada, não sabia por que, mas uma raiva estava a me dominar naquele instante. Parecia infantil sentir tudo isso, mas podia fazer uma pequena lista dos motivos para tal sentimento me dominar:

a) uma garota lindíssima entra no quarto, com atitude e possuindo o cartão principal, mostrando ter intimidade com Peter e eu não saber da existência dela;
b) uma garota lindíssima, que tem intimidade com Peter, me humilha e me chama de "novo brinquedinho" dele;

c) Peter esconde dois segredos de mim, que no momento não pode me contar, já que o primeiro envolve sua família, contudo posso descobrir sozinha para meu e seu próprio bem; e o segundo ele não tem coragem de dizer, não está pronto;

d) A garota lindíssima diz que é a futura senhora Hartley e tem um lindo anel no dedo anelar.

Vendo por esse lado, eu tenho total razão de estar com raiva, na realidade, eu deveria estar furiosa.
Eu não sabia se a garota havia me seguido e nem me importava com isso, agora a minha meta era tirar satisfações com Peter, ouvir da boca dele quem é a loira de pernas longas e corpo escultural que clama ser a futura senhora Hartley e que tem um anel lindo no dedo anelar.

Ele continuava a dormir, agora de bruços, profundamente adormecido, o olhei

completamente enraivecida. Queria o atingir com alguma coisa que o despertasse, mas que não o matasse, então taquei a primeira almofada que encontrei, Peter se mexeu de uma forma assustada, mas não parecia apto a se levantar e notei que agia de forma desorientada, sem piedade taquei mais duas almofadas em sua direção notando agora que a garota estava parada, em uma pose de modelo, na entrada do quarto nos observando.
Peter começou a resmungar, dizendo alguns palavrões nos meios dessas sentenças, ele se sentou na cama ainda desorientado de sono, mas logo despertou ao me olhar - destaco que a minha expressão não era uma das mais sadias e felizes, eu suspeitava que estava parecida com uma expressão de quem está possuída por algum espírito muito ruim - e olhar para a entrada do quarto notando a presença da garota que abriu um largo sorriso acenando de uma forma charmosa. Peter abaixou a cabeça balançando a mesma negativamente.

- Serena, o que você está fazendo aqui? – Peter questionou de uma maneira nada amigável, nunca havia ouvido falar naquele tom. Voltei a olhar a garota, Serena era seu nome então? Ergui uma sobrancelha cruzando meus braços esperando uma explicação.

- O que você acha que estou fazendo aqui, Peter? – Ela murmurou de forma sedutora enquanto soltava seus cabelos do rabo de cavalo, os deixando cair em seus ombros de uma forma sexy. – Eu estava me questionando a mesma coisa, mas em relação ao seu novo brinquedinho, eu pensei que você já teria se cansado de material tão ... comum!

- Eu vou mostrar para você quem é comum aqui, garota! – Murmurei logo após ter dado uma risada falsa, me aproximando dela de imediato, mas Peter foi mais rápido do que eu podia imaginar, se metendo entre nós duas. Sua mão foi em direção ao meu braço me contendo atrás de si, o que me deixou mais irritada do que estava, detestava que me segurassem da forma que ele fez, o empurrei fazendo-o ficar afastado de mim o bastante para voltar a cruzar os braços.

- Serena ... Vai embora! Não brinca com o pouco de bom humor matinal que tenho. – Peter murmurou de forma irritada, a observando com extrema atenção, mesmo

mantendo uma atitude educada, Peter parecia realmente irritado com a garota. Por sua vez a garota não mexeu um músculo olhando de mim a ele com um sorriso convencido em seus lábios.

- Desculpa a minha falta de conhecimento, mas quem é ela? – Questionei com certo tom de deboche, me sentindo completamente deslocada passando uma das minhas mãos em meus cabelos no exato momento que Peter me olhou.

- Minha prima. – Peter respondeu sem ânimo.

- Prima? – Questionei enrugando meu cenho. Não sabia se me sentia aliviada ou em pânico. Aquele *monstro* era prima dele? – Mas ... vocês são apenas primos ou primos noivos? - Me lembrando da história que Dorian me contou sobre os Hartley terem uma tradição de apenas se casar com seus primos; o que ainda me causava náuseas.

- O-o que ? – Peter questionou de uma forma assustada. – Como é que é?

- Ela que me disse que vai ser a "Futura Senhora Hartley" eu só quero saber se é verdade. – Respondi de forma nervosa olhando Peter que expressava nunca ter ouvido tal loucura antes. Juntos olhamos na direção de Serena que ergueu ambas as sobrancelhas, fazendo uma expressão confusa.

- Eu não tenho ideia do que ela está falando, Pete. – Serena disse de forma sonsa e de imediato a minha boca abriu em choque, enquanto Peter entortou os lábios, talvez frustrado pelo apelido dado a ele ou talvez confuso com tanta informação em tão pouco tempo. – Eu só vim aqui deixar o seu smoking para o jantar da minha mãe para o comandante dessa noite e essa ... peculiar jovem começou a me fazer perguntas completamente inapropriadas. Não sei da onde ela tirou tal loucura!

Peter olhou na minha direção e eu nada fiz, continuei parada ali com a boca um pouco aberta completamente sem reação.
Dá onde que surgiu essa cobra demoníaca loira e de pernas longas?
E aonde eu estava porque não a vi chegando de fininho para dar uma facada nela antes que ela me atacasse?

-O “futura senhora Hartley” deve ter sido um mal entendido por que nós somos apenas primos. Nós não estamos noivos e nem nunca estaremos. – Peter murmurou sem nem ao menos me olhar, pude notar que Serena se enrijeceu por inteira, desfazendo de imediato daquela expressão convencida, seus olhos observaram friamente Peter que se aproximou de mim, repousando suas mãos em minha cintura, me puxando para perto de si. – Além do mais, eu sei muito bem o tipo de pessoa que você costuma ser, Serena. Simpática e muito agregadora de amizades. – Peter concluiu com certo sarcasmo e um sorriso nada amigável.
– Por isso não me surpreendo o esse ocorrido.

- É bom saber que você pensa tão pequeno sobre mim. – Serena respondeu mexendo a cabeça de forma que seus cabelos balançaram. – Vou embora já que não sou bem vinda aqui.

Serena se virou, se retirando do ambiente com passos firmes enquanto nós a observávamos, ela abriu a porta, contudo antes de sair, ela se voltou em nossa direção segurando a porta com uma das mãos e uma expressão convencida e aquele sorriso falso em seus lábios.

- Mamãe vai adorar saber sobre a existência de Katerina, Peter. – Serena murmurou de forma maliciosa, abrindo um sorriso de mesma proporção. – Tenham um bom dia.

E assim Serena se retirou do ambiente.
Deixando essa digníssima frase na mente de Peter e na minha.
Mais um enigma.
Brilhante!
Um silêncio caiu no ambiente o que como de habitual me incomodou.
Eu sabia que como eu, Peter estava digerindo toda aquela situação e a única coisa que eu queria era satisfações. Me afastei de Peter imediatamente, indo em direção da porta principal com a intenção de ir atrás de Serena, mas antes mesmo que eu conseguisse encostar na maçaneta senti as mãos de Peter se voltarem em torno de minha cintura me puxando para atrás tendo até momentos em particulares que senti meus pés fora do chão.

- Me solta, Peter. Agora! – Falei em um tom de voz alto, mas a teimosia imperava em Peter e ele me levou de volta para o quarto enquanto eu tentava me soltar de si com toda minha força. – Eu tenho que ir atrás daquela garota ... Aquela louca! Peter, me solt ...AAA! – Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa Peter me jogou na cama, sem dizer nada ele se aproximou de mim, se debruçando por cima de meu corpo, tentei me afastar de si me erguendo, tentando empurrá-lo, mas era em vão, Peter era mais forte do que eu e voltava a me deitar na cama, por sua vez, ele me observava com atenção, segurando meus braços com força me prendendo perto de si. Pela primeira vez, me sentia encurralada com Peter e não gostei nada dessa situação.
– Peter, é sério! Me solta ou eu vou gritar! – Falei, sentindo meu coração batendo de forma nervosa.

- Grite. – Peter respondeu dando de ombros. – Vai fazer você se sentir melhor com isso tudo?
- Não gosto de estar nessa posição. – Murmurei, intimidada com seu olhar e maneira que segurava meus pulsos.

- Podemos mudá-la, você fica por cima e eu por baixo. – Ele murmurou com um tom de voz malicioso, um leve sorriso caiu em seus lábios e sua mão escorregou na direção de meu rosto acarinhando gentilmente. - Desde que você se acalme. – Ele disse a última palavra de forma lenta, me dando a entender o porquê de estar me segurando daquela forma: ele queria me acalmar, impedir que eu fizesse alguma besteira indo atrás de Serena, mas depois de toda aquela situação vergonhosa eu só queria me esconder dentro de um buraco, fundo e escuro e só sair de lá quando eu me sentisse bem novamente. Mesmo tendo em mente que ele queria me tranqüilizar, eu não gostava da forma que ele me segurava, mesmo eu tendo pedido que ele me soltasse e o mesmo brincou, então tratei de terminar com esse gesto do meu jeito.

De forma sedutora me aproximei dele, pronta para beijá-lo, ou melhor dizendo, fazê-lo acreditar que era isso que eu queria, quando o havia seduzido o bastante bati meu joelho na altura do que seria a sua virilha, de imediato ele grunhiu de dor jogando seu corpo para o lado e saindo de cima de mim, me levantei da cama de um pulo, mas mais uma vez Peter me puxou com ambas as mãos agora me deixando em cima de seu corpo, apenas me segurando pela cintura.

- Você tem um bom joelho direito. – Peter murmurou, entortando os lábios com uma careta de dor.
- Era para a dor ser mais permanente. – Trinquei os dentes, o observando com atenção.

- Eu jogo *rugby*, Kate. Acredite em mim, agüento qualquer tipo de dor. Tortura e sadomasoquismo não me afetam em nada. – Ele agora voltou a sua postura habitual, sorriso misterioso e olhar penetrante em minha direção.

- Eu disse para você me soltar, agora já sabe o que acontece quando sou contrariada. – Ergui uma sobrancelha não olhando em seus olhos, o que era muito difícil, mas queria ao máximo evitar ficar entorpecida por aquele olhar.

- Obrigado pelo aviso, começarei a andar com protetores para o pessoal lá de baixo. Pode ter certeza, se você tivesse ido cinco centímetros para a esquerda, eu estaria chorando e pedindo ajuda médica nesse momento. – Ele murmurou com certo sarcasmo, sorrindo daquela forma que me deixava sem ar, mas mantive minha expressão seria: muita ação, poucas explicações.

- Obrigada pelo aviso, dá próxima vez eu não irei errar. – Semicerrei os olhos, o observando assim parecia não me inebriar tanto como de costume, mas esse era um olhar de raiva e eu não estava com raiva de Peter. Estava com raiva de mim por ter caído na lábia da tal Serena que era uma cobra em corpo de modelo. Revirei meus olhos, logo mordendo meus lábios. Virei meu corpo lateralmente e Peter me soltou deixando que eu deitasse ao seu lado, vencida.

Fiquei a observar o teto com atenção como se tivesse algo fascinante naquele pedaço de madeira pintado de bege. Enruguei meu cenho, sentindo minha mente rodar de tantos pensamentos, ideias e frustrações.

- Uma moeda pelos seus pensamentos. – Peter sussurrou próximo ao meu ouvido, sorri de lado pensando em como dizer a ele tudo que cruzava a minha mente naquele instante sem enlouquecê-lo da forma que eu já me sentia.
- Desculpa. Eu não deveria ter me alterado daquela forma com você, mas sou extremamente pavio curto. Me senti usada assim que ela disse aquelas coisas para

mim e eu não gosto dessa sensação; Se eu ao menos tivesse mantido meus pés no chão e minha mente focada no coerente, nada disso teria acontecido, mesmo tendo sido por breves segundos, eu acreditei nela e agora me sinto mal por isso.

- Não se sinta, Kate. Foi como eu disse, ocorreu um mal entendido. – Sentia seus olhos em minha direção, mas não o olhei logo; *mal entendido*? As palavras ressoaram em meus ouvidos. Não havia sido isso, pelo contrário, ela queria que aquilo acontecesse e o pior de tudo, mesmo na frente de Peter, ela não mostrou nenhum ressentimento com sua atitude falsa e mesquinha, fazendo com que parecesse que eu era a desequilibrada da situação e não ela, pensava com atenção no que iria dizer a seguir, ela era sua prima e eu não podia ofendê-la, mesmo que ela merecesse muitos xingamentos da minha parte, respirei profundamente, então quando o olhei disse de forma séria:

- Eu sei que você não me conhece a tempo suficiente como conhece Serena, mas quero que você entenda uma coisa sobre o meu caráter: Eu não sou o tipo de garota que questiona aos outros sobre algo que me interessa, ainda mais quando é em relação a alguém; se tenho algo a questionar, eu vou direto a pessoa, independente do assunto e sem temer a sua reação. – Pausei, o observando com atenção. Peter me compreendia e não demonstrava surpresa com a minha declaração, seu cenho enrugado mostrava certo receio com aquele momento. – Eu jamais, repito, *jamais* questionaria algo sobre você a outra pessoa que não fosse *você*. Nem a Dorian e Amelia, muito menos a uma estranha que entrou no seu quarto sem a mínima educação e simpatia, já questionando quem eu era e me insultando. – Peter enrugou o cenho, como se aquelas últimas palavras o tivessem desconcertado de tudo que disse, balancei a cabeça e me sentei na cama segurando minhas mãos, pensativa. Ele logo imitou meu gesto, se sentando ao meu lado.

- Com o tempo você vai conhecê-lá e vai ver que ela é assim mesmo. – ele disse receoso, ao ver minha expressão incrédula ele se corrigiu. - Serena tem uma personalidade peculiar, eu diria, certas atitudes que ela tem parecem extremas, mas no fundo ela só tem maneiras estranhas de demonstrar carinho e proteção, por exemplo. Eu garanto a você, ela tem um bom coração. – Peter murmurou duvidoso, podia ver que ele tentava defender a prima, mas se sentia profundamente

envergonhado pelo ocorrido.

- Coração? Ela tem um? – Questionei com deboche erguendo uma sobrancelha, me lembrando da forma que ela me olhou, fria e calculista. Não fora uma atitude de alguém que estivesse tentando demonstrar carinho e proteção, a odiei só com esse comportamento e sabia que havia sido recíproco, mesmo que eu não tenha feito nada demais para ela me odiar, uma coisa eu sabia com certeza: esse sentimento não iria mudar de um dia para o outro. - Porque não pareceu ter quando falou comigo na sala. – Murmurei, contudo pausei ao perceber que estava soando grosseira; Peter me observou descrente, eu notava que ele queria defender a prima e não tirar a minha razão da situação, eu estava o colocando em uma situação difícil, então preferi encerrar o assunto. – Sabe de uma coisa? Vamos esquecer isso!

Fiquei de pé no exato momento que Peter tocou em minha mão, como se um choque tivesse ocorrido em nossos dedos afastei os de seu toque, dando função as minhas mãos, passei as em meus cabelos, olhando um pouco atordoada o ambiente, voltando a evitar os olhos de Peter. Me sentia inconformada, eu estava em uma situação realmente complicada; ela era sua prima e eu era apenas a garota com quem ele estava saindo, as palavras dela valiam mais do que as minhas, isso estava bem claro; o que era uma pena, já que ela era uma mentirosa falsa e eu estava a falar a verdade, odiava me sentir injustiçada desse modo e não ter como me defender.

- Posso usar o banheiro? – Questionei, tentando mudar o foco da situação.
- Claro. Porque não poderia? – Ele questionou me observando com uma expressão séria. No momento que me virei para ir ao banheiro, ele murmurou de forma pesarosa. – Kate ...

- O que, Peter? – Questionei na defensiva, mas logo suavizei minha voz ao ver ele perto de mim, apenas a alguns passos de distância. – É sério, vamos esquecer isso! Não vou te colocar nessa posição.

- Que bom, porque ela é muito complicada. – Peter murmurou com o cenho enrugado - Eu não estava acordado, não ouvi a conversa de vocês, eu não posso escolher um lado de maneira justa, além do mais, como você disse, ela é a minha

prima, somos amigos de infância praticamente, crescemos juntos, Kate. Ficar do seu lado, sem saber o que realmente aconteceu, seria um insulto aos anos de amizade que tenho com minha prima, mesmo que eu conheça o temperamento difícil de Serena e do seu comportamento respeitoso. Eu só quero ser justo. – Peter murmurou com uma expressão pesarosa em seguida abaixou levemente a cabeça, me olhando. – Sinto muito.

- Eu não quero que você fique do meu lado. – Respondi, erguendo uma sobrancelha sentindo uma sinceridade transbordar de mim. – Só quero que seja coerente comigo e com Serena. Você decidiu que foi um mal entendido por que é mais fácil, mas tudo bem, eu não tiro o seu direito de querer ser justo, mesmo que tudo comprove, que eu estou falando a verdade. – Me direcionei até o banheiro, mas não consegui controlar a minha impulsividade e me voltei na direção de Peter. – Só quero deixar uma coisa bem clara: Independente dela ser a sua prima, grande amiga, irmã do papa, o que for; ela *nunca mais* vai falar daquele modo comigo, eu fui *boa* em não ter dito coisas que iriam mudar esse seu pensamento sobre meu comportamento respeitoso, mas se houver uma segunda vez, eu garanto, as coisas serão bem diferentes e nada boas para Serena. Ninguém me trata daquela forma e sai sem história para contar, *ninguém*.

Trocamos um intenso olhar, sabia que acabara de ameaçar Serena, mas não me importava com as conseqüências disso, além do mais, eu estava no meu direito de estar furiosa, ela havia me humilhado sem nem ao menos me conhecer; ele, mesmo confessando conhecer o *temperamento difícil* da prima, ousou dizer que queria ser justo nessa situação, sendo injusto logo de inicio, já que era claro que eu estava a falar a verdade, contudo eu sabia que ele estava em uma posição difícil, ele tinha razão em sua opinião e sentimento de confusão, sabendo que não havia mais nada a dizer entrei no banheiro, fechando e trancando a porta logo atrás de mim.
O banheiro era maior do que o meu, revestido em azulejos de tom branco vivo. Apoiei minhas mãos na pia de mármore branco sentindo seu frio gelar meus dedos, me observava com atenção no grande espelho retangular a minha frente, presa em minha própria cabeça.
Eu não estava chateada com Peter, um pouco frustrada confesso, entendia que ele estava em uma posição complicada, mas mesmo assim achava que ele tinha varias opções de atitudes melhores do que ele tivera.

Confesso que sua atitude injusta havia me magoado um pouco, não esperava isso de sua parte, ele que parecia ser tão correto em seus julgamentos, ainda mais depois de ter dado aquele fora debochado em Serena dizendo conhecer bem o jeito dela tratar as pessoas, eu meio que senti que ele iria ficar ao meu lado, ele havia dito tudo: ele conhecia o jeito difícil da prima, sabia que ela seria capaz de tal atitude, pelo menos foi o que pensei ter entendido de suas palavras, mas não foi isso que acontecera.
Para mim, agora ele só parecia um garoto perdido e irracional tentando defender a adorada prima e a garota com quem ele está saindo.
Seria um defeito seu?
Defender a todos que ama até quando eles estão errados e acabar por ser injusto com quem está falando a verdade?
Isso não parecia em nada com o comportamento de Peter, mas como eu poderia saber, o conheço há apenas três dias, as aparências podem enganar.

Contudo, precisava confessar que mesmo com Peter dizendo que ela era assim, de temperamento difícil e personalidade peculiar, havia ficado muito incomodada com Serena; não senti uma boa vibração de sua pessoa.
Incomodada não era a palavra certa para ser sincera, desconfortável sim.
Perto dela, me senti insegura e principalmente, temerosa; como se sua atitude imprevisível pudesse causar sérios problemas em meu futuro.
E bom, isso não deixava de ser verdade, é só rever os últimos acontecimentos.
Apenas agora havia percebido como aqueles poucos segundos com ela havia me deixado tensa, nervosa e preocupada, seu modo de agir comigo foi humilhante, sem nem ao menos me conhecer suas palavras conseguiram me ferir, ela conseguiu me fazer sentir uma intrusa na vida de Peter e no fundo, ela despertou em mim um mar de paranóia, exatamente agora que eu sabia que ele tinha 02 segredos a guardar e ela me vem com esse papo de "Senhora Hartley", eu só podia surtar achando que ela era um desses segredos.
Agora me sinto uma idiota por ter sido tão volúvel e fraca de mente.

Serena era exatamente o tipo de garota que eu detesto, pensei enquanto enrolava as pontas de meus cabelos, ainda me observando no espelho.
Esperta, maliciosa e encrenqueira, pelo pouco que vi, ela conseguia tudo que queria com aquela voz mansa e risada falsa e a pior parte: ela era bonita demais para viver

entre garotas normais como eu, para viver perto de Peter então nem se fala.
Ela tinha que ser exilada para Plutão, melhor ainda, para outro universo além do nosso.

E o pior de tudo, depois de toda essa situação, não conseguia controlar as imagens que enchiam minha mente, todas elas protagonizadas por Serena e Peter, como um casal, juntos, passeando em parques, shoppings, vendo filmes em salas de cinemas privadas, se abraçado e beijando em público, e todos que assistem aplaudem dizendo que eles são um casal perfeito, feitos um para o outro e aquele anel com uma robusta pedra em cima brilha no dedo anelar de Serena.

Argh! Argh! Argh!
Que garota odiosa!
Um clique surgiu na minha mente quando uma nova possibilidade surgira, além da frustração, humilhação e injustiça de Peter perante a mim, eu também estava com ... ciúme?!
Eu não estava tendo um ataque de ciúme, eu não podia estar ... Isso não era do meu feitio. Estava fora de cogitação. Eu com ciúme? Dei uma gargalhada que soou falsa e irritante. Meu deus, eu estou com ciúme de Serena com Peter em imagens aleatórias que meu cérebro paranóico criou! É oficial: estou enlouquecendo!

Queria afastar aqueles pensamentos, mas não conseguia.
Tudo ia e voltava em minha mente como um *boomerang*, por mais que eu tentasse convencer a mim mesma de que isso iria passar, havia sido apenas um acontecimento, isolado, algo me dizia que não era tão simples assim havia algo de podre em Serena Hartley. Então depois dessa sensação, comecei a tentar me convencer que talvez fosse apenas a frustração da humilhação que sentira por ter sido injustiçada pelo seu ato e por mais que me doesse, tentei acreditar que a maior parte disso era ciúme; Serena era uma garota bonita, qualquer jovem normal acabaria por sentir ciúmes de sua presença desconhecida no quarto do garoto ao qual você gosta, ainda mais depois do que ela disse, de imediato ouvi sua voz ressoar em minha mente:
Futura senhora Hartley.
Mesmo querendo afastar tais desconfianças, minha mente começou a trabalhar com

um novo pensamento, algo mais sombrio e misterioso.
A forma que ela falou isso, não foi um mal entendido ou brincadeira sarcástica para saber minhas intenções com Peter, por exemplo, Amelia havia feito tal coisa me convidando para almoçar, eu tinha conhecimento disso, é claro; ela queria saber se eu era boa o bastante para seu irmão, mas fizera isso de maneira discreta e amistosa, mas Serena não falou comigo de maneira amistosa e com preocupação perante a Peter, suas palavras, principalmente quando ela fala que será a *Senhora Hartley*, foram com grande significado, na realidade, agora tinha uma sinistra sensação que ela falara muito sério,
mesmo com a confirmação de Peter de que eles nunca se casariam, Serena ainda tinha aquele olhar faiscante de desejo, como se ela acreditasse fielmente que ele mudaria de ideia e que ele seria dela.
Senti um arrepio apavorante em minha espinha, tal pensamento havia me deixado temerosa com o que Peter - e eu - provavelmente não sabia de sua prima; pela forma que ele falara dela, ele a via apenas como uma boa amiga e uma amada prima, mas tive uma pavorosa sensação que ela queria *muito* mais dele e toda aquela história da tradição dos Hartley de se casarem com primos, tomava essa temerosa sensação quase como um fato fechei meus olhos, obrigando minha mente a entrar em um estado de *offline*, não quero mais pensar sobre isso. Sem tormentas em meu futuro, meu presente é o que importa, Katerina. *Nosso* presente.

Após utilizar o banheiro para minhas necessidades pessoais e tacar mais ou menos um litro de água em meu rosto para despertar e ficar com uma aparência mais saudável, aproveitei a ocasião para fuxicar o que Peter havia colocado dentro do armário de metal fundido na parede e em cima da pia de mármore, que tinha um bom espaço para objetos pessoais; dentro do armário não havia muita coisa: um saquinho com aparelhos de barbear de uma boa marca, creme de barbear, gel pós barba com um cheiro delicioso, pastilhas estomacais, um remédio para ressaca, outro para o fígado, uma escova de dente, pasta de menta e uma cartela de analgésicos; na pia de mármore tinha três tipos de perfumes de marcas famosas, um mais cheiroso que o outro, não sabia identificar qual era o mais delicioso, mas encontrei aquele que ele usará na primeira noite que nos conhecemos: amadeirado e suave; um turbilhão de imagens tomaram conta de minha mente, todas pertencentes aquela noite tão

especial para mim, um sorriso caiu em meus lábios, enquanto sentia aquele cheiro dominar meus sentidos, foi quando quase derrubei o vidro do perfume - que seria um prejuízo enorme no meu cartão de credito, sem dizer, a vergonha que pagaria na frente de Peter - ao ouvir algumas batidas fortes na porta, repousei o perfume na pia e constatei que tudo estava em seus devidos lugares tanto na pia quanto no armário, dei uma rápida conferida em meu rosto e corpo vendo que estava apresentável, abri levemente a porta do banheiro, com uma expressão despreocupada, observando Peter encostado no portal do mesmo com uma sobrancelha levemente erguida e uma expressão taciturna.

- Oi. – Ele disse em um sussurro seco.
- Oi. – Respondi, o olhando com certa estranheza. – Posso ser útil em algo?

- Que tal se você abaixasse esse muro de gelo que você construiu em volta de si, me afastando de você e me desse uma chance de me desculpar pelas minhas atitudes e as de minha prima, não importando o que ela tenha dito a você ? – Ele questionou de uma vez só, pensativo.

- Eu não construi muro nenhum. – Respondi em um muxoxo.

- Katerina, nesse momento, você é a dama de gelo em pessoa. – Ele disse com a maior seriedade possível, ele estava próximo demais o que já causava aquele nervosismo em meu estomago e os meus pensamentos já ficavam entorpecidos. – Você está dentro desse banheiro há mais de dez minutos. De duas ou uma: Ou você está realmente necessitada de privacidade ou está fugindo de mim. No primeiro caso, eu estaria atrapalhando seriamente suas atividades; no segundo eu estaria lutando pelo seu perdão.

- Peter, eu já pedi para esquecer isso. – Murmurei, segurando –o pela sua camisa, puxando para mais perto de mim, o mesmo não resistiu.- Você tem os seus motivos para defendê-la e são *ótimos* motivos e eu tenho os meus por me sentir frustrada e injustiçada, contudo não podemos voltar ao tempo para tornar de algum modo essa situação mais cômoda para nós. Já aconteceu e pronto; Não farei uma tempestade em uma tampinha de xarope e nem você porque está tudo bem, *nós* estamos bem,

podemos então seguir em frente? Não há nada a ser perdoado.

- Se é o que você diz. – Peter murmurou sorrindo levemente. Peter se aproximou mais de mim, seus lábios a pouca distância dos meus, mais uma vez estava completamente presa em seu domínio exatamente do jeito que ele gostava - e eu também -, mas ele sabia brincar e se afastou de mim brevemente me atiçando para o beijo, sorri com o seu gesto e ele voltou a se aproximar de mim, me beijando de forma apaixonada, suas mãos foram em direção de minha cintura, afundando seus dedos em minha pele enquanto as minhas mãos percorreram seus cabelos acabando por fincar meus dedos em sua nuca. Ele me guiou até a direção da pia, por entre beijos, acabei por agarrá-la atrás de mim assim que dei um encontrão na mesma.

De repente, nos afastamos no mesmo instante, buscando o ar com grande necessidade, foi quando ele me ergueu em seus braços me sentando na pia com um movimento só, agora eu estava um pouco mais alta que ele que me colocou por entre seu corpo, sentada na beira da pia com as pernas balançando sozinhas, ele colocou as mãos na bancada bem do lado de fora dos meus quadris me puxando para perto de si, voltamos a nos beijar de forma avassaladora, minhas pernas agora presas em sua cintura enquanto suas mãos brincavam em minhas costas, já as minhas se delíciavam em dar arranhões nas dele, de um modo leve e atiçador. Brincava com seus lábios dando uma leve mordida neles, o que o atiçou o bastante para mudar o foco de seus beijos para a ponta da minha orelha, ombro e por fim meu pescoço. Pude sentir a sua barba ralinha, que havia crescido daquela noite até de manhã, roçar levemente na pele do meu pescoço causando arrepios em mim. Eu sabia que o dia não estava quente para isso, mas sentia um imenso calor naquele momento, como podia sentir cada pedaço do meu corpo gritando por Peter. Suas mãos desceram até a direção da minha as entrelaçando gentilmente. Sem o mínimo controle dos meus desejos dei um gemido ao sentir seus lábios mordiscarem o meu pescoço. De repente, tudo parou. Na realidade, fui eu que parei.
Eu não queria sexo agora, não mesmo.
Odiava ser uma estragar prazer, literalmente, mas não me sentia pronta para isso, com ele, agora, por mais que sentisse meu corpo dizendo o contrário, mas meu coração não estava pronto.
Repousei ambas as minhas mãos no peito de Peter, o afastando de mim com

delicadeza, ele que me observou surpreso, sem compreender, suas mãos acabaram por cair em minhas coxas e ali ficaram, mordi meus lábios pensando no que elas podiam fazer, mas ainda o mantive distante de mim com os meus braços bem esticados, apenas os desci deixando que minhas mãos segurassem as de Peter, não demorou para entrelaçarmos nossos dedos, ele sorriu para mim voltando a se aproximar de mim, o que achei perigoso para o momento, mas o que ele fez foi o oposto do esperado, ele me segurou pela cintura me tirando de cima da pia, enquanto o olhava surpresa, repousei meus pés no chão e ele logo voltou a se afastar de mim, me observando com uma expressão encantada.

- Eu acho que devemos tomar café da manhã. – Ele murmurou com o cenho enrugado e um sorriso que dizia exatamente o oposto.

- Definitivamente, café da manhã é uma ótima ideia. – Murmurei, completamente sem ar, minhas pernas tremeram brevemente e tive que me segurar na pia. – Que tal café e panquecas?

- Eu estava pensando em algo parecido com isso. – Com um sorriso sapeca, Peter continuou. - Morangos com chocolate passou pela minha cabeça também.

- É, eu não acho morangos com chocolate uma boa opção. – Murmurei fazendo uma breve careta com os lábios, o olhando, ele que mantinha o mesmo sorriso nos lábios. – Não para agora.

- Você quem sabe, Kate.

Peter se retirou do banheiro e eu me dei o direito de respirar profundamente, até repousei minha mão no coração enquanto a outra me abanava.
Não havia notado que não estava respirando direito há muito tempo, meu estômago já estava afundado de tanto se revirar em nervosismo e podia jurar que minhas bochechas haviam tomado uma coloração vermelha intensa que nunca mais iria me deixar. Estava me sentindo abafada, nervosa e agora, minha mente só conseguia pensar nos últimos minutos com Peter ... dentro daquele banheiro.
Não queria ficar naquele banheiro por mais tempo, me retirei do mesmo num péssimo momento, já que dei um belo encontrão em Peter, pisando com tudo em seu

pé o que fez que o mesmo se desequilibrasse, caindo ao chão, e o mesmo só queria vir a meu encontro para falar comigo.

- Me desculpa! – Murmurei, repousando minhas mãos em meus lábios, o ajudando a ficar de pé. – Eu te machuquei? Aí, como sou atrapalhada! Uma idiota. Me desculpa, juro que foi sem intenção.

- Imagina se tivesse sido com intenção! Eu teria perdido o meu pé! – Peter disse com um leve sorriso nos lábios, ele se voltou em minha direção repousando suas mãos em meu rosto o que causou arrepios em todo meu corpo, eu tinha que me acostumar com isso. – Não se preocupe, sua garota boba! Você só pisou no meu pé. Vou sobreviver. – Ele disse essa última frase analisando meu rosto.

- T-tudo BB-em.- Respondi, sentindo minhas bochechas queimarem intensamente. – Eu estou no seu caminho, é melhor eu ... – Peter não deu tempo de concluir a frase, ele se aproximou de mim, me dando um suave e romântico beijo. Seus lábios traçaram os meus suavemente com um carinho único, ao se afastar de mim, ele sorriu com serenidade.

Sem nada dizer ele deu as costas a mim e foi em direção a sala, segui seus passos me encostando na porta do quarto e ficando a observá-lo com atenção enquanto ele segurava o telefone com uma mão e com a outra um livrinho de números com uma expressão pensativa fofa, já sentindo meu coração martelar em meu peito e na minha mente pensava toda derretida que ele havia voltado apenas para me beijar ... Tão romântico!
O observando fiquei a pensar em nosso momento delicioso no banheiro, Peter não era idiota, ele sabia que naquele momento eu estava tão afim quanto ele, contudo ele foi extremamente cavalheiro ao notar que eu não estava pronta para seguirmos naquele caminho, sem insistir por nenhum momento, ele apenas aceitou e compreendeu; ele não sabe como fiquei orgulhosa dele com essa atitude, uma qualidade que poucos garotos adquirem: o de respeitar a garota a qual ele gosta.
Ele notou que eu o observava e o mesmo, com uma expressão envergonhada, fez uma careta cômica querendo entender o porquê de estar o observando, balancei a cabeça negativamente como se dissesse que não era nada de mais e adentrei no

quarto, não muito depois o ouvi falando com o atendente do balcão central, suponho, para quem ele pediria o serviço de quarto para o nosso delicioso café da manhã.
Me aproximei da cômoda no qual tinha vários objetos pessoais de Peter com a pretensão de fuxicar, mas ao ver seus celulares me lembrei que o meu estava descarregado, eu tinha que ligar para Rachel, avisar que tudo estava bem e que se fosse necessário, ela deveria tentar retardar a vinda do John McClane a minha busca, é claro, enviado pela minha mãe que não tem notícias minhas há algumas horas e já deve estar careca por ter arrancado todos os cabelos.
Voltei para a sala no exato momento que Peter desligou a ligação, ele me avisou que o café da manhã seria entregue em torno de meia hora a 45 minutos, aproveitei a situação e perguntei se podia usar seu telefone explicando a ele minha situação e para quem ligaria, sem mudar sua expressão sorridente Peter liberou o uso do telefone e adentrou no quarto, dizendo que tomaria uma vitamina c e arrumaria o ambiente bagunçado.

Peguei o telefone do gancho, puxando o aparelho até o sofá onde me sentei de forma confortável, liguei logo para o celular de Rachel já que sabia que ela o atenderia de prontidão, ela não desgrudava dele nem no banho, o que era algo surpreendentemente estranho já que ela nunca levou choque de nenhum aparelho ou sofreu a explosão de algum outro que já tenha usado. Com apenas três toques Rachel me atendeu dando *olá* para mim com um sotaque francês invejável.

- Il a passé la nuit ainsi, cher ami? – Questionei com um sorriso sapeca nos lábios, conhecia Rachel o suficiente para saber o que ela ia responder.

- Ah, sua estraga prazeres! Não precisa ficar se gabando só porque você sabe falar uma ou seis linguas estrangeiras, enquanto eu só fico no básico. – Ela respondeu de forma irritada, ao fundo pude ouvir uma grande movimentação, como de conversa, suspeitei que ela estava em algum restaurante ou talvez caminhando no convés.

- Eu perguntei se você passou a noite bem. Nada demais e praticamente o básico em qualquer lingua estrangeira. – Murmurei enrolando uma mecha de cabelos em meu dedo, pensativa. – Então, aguardo sua resposta.

- Bom, a minha noite foi ótima, fui em uma boate com o Steve e seus amigos. Sim, a gente está se entendendo. – Em seguida ela continuou a falar com uma contagiante animação Eu estou tão animada, Kate. Você não tem ideia de tão incrivel está sendo essas últimas horas. Queria poder falar mais sobre o assunto, mas nós estamos tomando café da manha juntos e ele já deve estar voltando do banheiro.

- Uau, isso é muito legal, Rach. Me conte tudo mais tarde. Que tal se a gente almoçar juntas? No nosso quarto, por favor, são muitos assuntos privados e acho que é melhor não arriscarmos a falar sobre em público, ainda mais, com a cobra da Britanny solta pelo navio.

- Verdade, mas não vou poder almoçar com você, já marquei com a Melissa. – Mentalmente tentei me lembrar de quem ela estava falando. Ah! – Nossa professora do curso de teatro?! Isso te lembra algo? Enfim, ela quer ver os desenhos que fiz para a peça e o que já reparamos das fantasias já prontas. Falando na peça, já escolheu qual papel vai tentar ?

- Estou pensando seriamente em fazer a cena V que é entre o fantasma da ópera e a Christine Daae.

- Eu sabia que você ia acabar tentando o papel da Christine, não consigo imaginar você interpretando um papel pequeno em uma peça teatral, simplesmente é impossivel para a minha magnifica mente ter a criação dessa imagem. – Ri com o seu comentário e ela continuou. – É sério, Kate. Você sabe que não elogio ninguém a toa e você é muito talentosa, tanto como escritora quanto como atriz ... peças colegiais, sempre disse para você investir nessa carreira, mas ouvir Rachel Ray é algo que você gosta de ignorar.

- Obrigada, eu acho. – Respondi com um sorriso de lado, sentindo uma saudade enorme de passar um tempo com a minha melhor amiga, sem confusões e problemas, apenas nós duas.
- E como foi a sua noite? – Ela questionou cheia de segundas intenções e eu ri novamente, sentindo minhas bochechas corarem.

- Foi ótima e o meu dia está começando também de uma forma maravilhosa. Nós

vamos tomar café da manhã daqui a pouco, o que você acha de nos encontrarmos no quarto daqui a uma hora?

- Uma ótima ideia a qual posso participar. Qualquer coisa te ligo.
- Nem tente, meu celular está completamente descarregado, mas qualquer coisa liga para esse número, é o telefone do quarto do Peter.

- Uh, já está tão íntima assim? Usando o telefone do quarto do Peter, o que mais que você já deve estar usando dele? Alguma camisa social branca que fica perfeitamente grande em seu corpo, mas sexy de um modo que ele gosta? – Ela questionou cheia de malícia.

- Garanto que coisas que jamais permitirei que você veja. Aproveite o seu café da manhã com Steve, manda um beijo para ele.

- Espera, não desliga! – Rachel murmurou e pude ouvir que ela se afastou da linha telefonica ao retornar ela questionou. – Steve quer saber se você pode almoçar com ele, como eu sei que você está desocupada, eu disse que você vai com certeza, ele disse que te busca no quarto uma da tarde. Está bom para você?

- Acho que sim. Então aproveite sua manhã. Beijos.

Rachel se despediu de forma animada e logo a ligação foi desligada por ambas. Larguei o telefone no sofá, quase que o mesmo bateu no smoking ensacado que Serena deixou ali em cima, acabei por me encostar no sofá, um turbilhão de pensamentos em minha mente, com o braço apoiado em meu joelho, um dedo repousado no rosto e outro no queixo, respirei profundamente sentindo um aperto triste em meu coração. Steve estava seguindo em frente.
Será que Joana já sabia disso?
Como será que ela está ?
Sentia tanto sua falta de suas palavras doces, ingenuidade, sua bondade e incapacidade de ver maldade vinda de outras pessoas, tão sincera e meiga, era uma das minhas melhores amigas, uma das minhas pessoas favoritas em todo o mundo e agora nos encontravamos nessa situação com uma amizade destruida e corações entristecidos.

Como queria reverter isso, mas não conseguia pensar em como e acho que nunca teria a resposta sozinha.

Talvez esse almoço com Steve me desse ideias, já que Peter está preso na crença de com o tempo as coisas aconteceriam não queria ficar presa ao tempo nessa situação, precisava agir já.
Só foi pensar em Peter que o mesmo surgiu na sala, me observando curioso, querendo saber se tudo estava bem, se sentou ao meu lado repousando seu braço na lateral de meu corpo me puxando para perto de si. Contei a ele meus pensamentos e o mesmo me comprendeu , conversando comigo sobre o assunto enquanto fazia um delicioso cafuné em minha cabeça. Trocamos breves beijos e depois de um pouco de namoro, o mesmo anunciou que iria tomar um banho, ele se sentia mais disposto, então iria seguir a programação do dia, que começaria com um encontro de conhecidos de seu pai em um amistoso jogo de poquer na sala de jogos, ele questionou se eu ficaria chateada se não almoçassemos juntos já que ele teria que almoçar com sua família logo após tal compromisso e disse a ele que não, que além do mais, já tinha planos para essa hora, ficaria com saudades, mas superaria, conclui com um tom jocoso. Aliviado ficou e logo se direcionou para seu banho, antes disse que o cartão da porta principal estava na comoda, se o serviço de quarto chegasse eu poderia atender tranquilamente e mandou que eu o esperasse para tomar café da manhã ou ele faria que eu me arrependesse, concluindo com um tom malicioso.

Não me detive na sala e logo voltei ao quarto, que estava mais iluminado já que todas as cortinas foram abertas permitindo a entrada dos raios do sol que não estava tão firmes como no dia anterior, notei que Peter arumou a cama, mas ri ao ver que a bagunça na comoda continuou a mesma.

Me voltei para cômoda, me concentrando nos cd's que Peter havia deixado ali em cima de forma desarrumada e sem ordem aparente alguns com capa, outros sem triscados, arranhados, com a capa de plástico manchada pelo tempo e alguns apenas o cd era existente, o que me lembrou muito a forma de organização dos cd's de Chuck, eles eram praticamente identicos nisso fiz uma careta satisfeita ao ver várias bandas que eu conhecia, algumas atuais e outras bem antigas, que por acaso eu gostava muito, de boa parte delas para ser sincera. Peter transitava entre o rock atual

de bandas como *Augustana*, Red *Hot Chili Peppers* e *Kings of Leon* e o *country* marcado de seu cantor favorito, *Johnny Cash.*

Pensei em colocar o cd do *Kings of Leon*, já que aquele era um dos meus favoritos da banda, mas ouvi um barulho familiar vindo da sala que me deixou em alerta; a porta principal havia sido aberta e da última vez que isso aconteceu coisas boas não se sucederam.
Poucos segundos se passaram enquanto tentava imaginar quem poderia ser agora, não sabendo ao certo como agir, uma coisa eu tinha certeza: eu não iria na sala sem Peter, não depois do ocorrido com Serena, me manteria naquele quarto até segunda ordem, não era uma ideia muito inteligente, mas era a mais coerente depois do que passei hoje mais cedo.

- Peter! – Uma voz madura de mulher chamou por ele e ouvi passos firmes de saltos sendo feitos no taco.

Não sabendo ao exato porque fiz aquilo, me joguei ao chão, indo para baixo da cama como uma fugitiva ou uma criança medrosa. Por sorte era uma daquelas camas grandes o bastante para qualquer um se esconder ali embaixo, podendo assim adentrar e ter um bom espaço para me movimentar ficando bem encolhida e escondida, aproveitei as grandes malas de Peter e as coloquei de um modo silêncioso e seguro em volta de mim, de modo que me ajudasse a manter mais escondida. No exato instante que estava completamente escondida a porta do quarto foi completamente aberta, e nem ao menos bater na porta a tal mulher o fez, ela que voltou a chamar por Peter e bateu de forma firme na porta do banheiro, a água foi desligada de imediato.

- Peter, preciso falar com você imediatamente. – Ela disse de forma firme, em seguida, deu alguns passos para atrás ficando a poucos passos da cama, pude notar que o seu sapato de salto fino era um Chanel novíssimo, se não estava enganada, tinha acabado de vê-lo em uma edição recente da Vogue e só certas pessoas renomadas estavam tendo o prazer de desfrutar do calçado através de uma lista de espera.

Eu não sabia quem Peter e sua família eram para a sociedade Britânica, mas que aquela mulher era de classe alta e de legado conhecido, isso ela era - o que levava a crer que Peter e sua família também eram -, dava para se notar isso apenas pelo seu modo de falar contido e formal, seus sapatos da Chanel mostravam que pelo menos oito zeros em sua conta deveriam existir junto com algum número grande na frente, se ao menos visse seu rosto ... Aquela voz me soava tão familiar!

Peter saiu do banheiro, enrolado em uma toalha branca em sua cintura, pude ver pela primeira vez ele sem blusa, podendo averiguar que aquele corpo esguio era bom em esconder segredos - tanto como seu dono e sua mente misteriosa -, já que seu abdômen era muito bem definido. Não que isso me importasse, é claro, mas era uma boa visão, precisava confessar isso.

- Bom dia, tia. – Peter murmurou de forma serena. *Então essa era a tia dele?!*, pensei tentando me mover embaixo da cama de uma forma que eu conseguisse a ver, mas percebi que se me movimentasse mais talvez Peter, da onde estava, iria acabar me vendo ou eu iria acabar vendo *coisas* de Peter por baixo daquela toalha branca. – Alguma coisa aconteceu?

- Eu ia lhe questionar a mesma coisa. – Ela disse com um tom de voz frio e levemente rude.
– Quem é essa garota que Serena contou para mim, de forma preocupada, que ela teve o desprazer de conhecer nessa manhã? – Peter se manteve em silêncio e sua tia continuou. Katerina é o nome dela, não estou certa? Quem é ela, Peter?

- É, Katerina é seu nome. Ela é uma garota que ... – Ele pausou confuso e em seguida continuou de forma animada. – Porque não a chamamos para conversar conosco? Acho melhor assim. Eu quero que a senhora a conheça.

- Não tem ninguém nesse quarto além de nós dois, Peter. – disse a mulher com um tom sério de voz.

- Mas ela estava na sala. – Peter disse em um tom de voz surpreso, em seguida, ele deu alguns passos indo em direção do ambiente, sua tia continuou imóvel no lugar. – Ela estava na sala há poucos minutos atrás. Alguma coisa deve ter acontecido. – Ele

disse confuso.

- Ótimo, porque essa vai ser a última vez que você a verá. – Ela disse de maneira fria e firme, quase bati a minha cabeça no estrado da cama com tal afirmação, mas tentei conter ao máximo meus movimentos, sentindo meus lábios entreabertos de choque.

- O que? – Peter questionou com um tom de voz chocado o mesmo que pensei.

- Eu tenho certeza que você me ouviu perfeitamente. – Observei Peter voltar a adentrar o quarto, ficando de frente para a sua tia. – Essa é a última vez que você a verá. Se ela retornar, a dispense, invente uma boa desculpa que a mantenha afastada e se distancie. Ela não é garota para você, Peter.

- Eu acho que a senhora tem sérios problemas com o seu limite como minha tia. – Peter disse de forma debochada e em seguida disse com um tom de voz firme. – Eu não vou fazer nada disso, Miranda. Por favor, saia do meu quarto. – Um silêncio caiu entre eles e Miranda se aproximou dois passos de Peter e o mesmo se manteve imóvel.

- Você a dispensa ou eu a tiro da sua vida, Peter. – Miranda murmurou com um tom de voz autoritária. – E você sabe que sou boa em conseguir o que quero. A escolha é sua. Seja esperto porque se você optar pela segunda opção garanto que ela vai sofrer e eu sei como você presa pelos sentimentos dos outros, mais do que pelos próprios.

- Vai embora daqui agora. A senhora está desrespeitando uma pessoa pela qual gosto. A senhora não pode falar assim da Kat ...

- Você não a conhece, Peter. Como pode pensar em defendê-la dessa forma? – Miranda disse com um tom de voz preocupado. – Meu Deus! Você está enfeitiçado por essa garota! Minha filha me disse que você a defendeu e ignorou completamente sua afeição como primo para proteger essa jovem que você mal conhece, eu pensava que Serena estava exagerando, mas ela tem toda razão. Você realmente perdeu o juízo, Peter.

- Eu conheço a Kate. – Peter disse de forma irritada.

- Não, não a conhece. – Ela disse de forma firme. - Está encantado e deslumbrado por ela, mas você não sabe quem ela é como pessoa. Pode ser uma aproveitadora que quer se utilizar de seus status, meu filho. Não vê que queremos apenas abrir seus olhos para a realidade? Queremos proteger seu coração de um sofrimento maior.
- Kate não sabe nada sobre quem sou. Ela mal tem ideia da minha realidade, tia. A senhora está fora de si com esses pensamentos. – Peter respondeu de forma suave. – Por favor, vamos falar sobre isso depois, eu quero encontrar a Kate, saber o que aconteceu, mas com a senhora aqui isso não será possível.

- Peter, eu te conheço desde quando você era um bebê. Você não me engana. Essa garota é só uma diversão tola, você está se aproveitando da situação, eu sei. – O choque era grande demais. O que estava acontecendo? Senti meus olhos se encherem de lágrimas e tapei meus lábios de imediato com medo de poderem me ouvir ali. Será que isso era real? Eu estava realmente vivenciando esse tipo de situação? Que mulher cruel era essa? – Deixa eu adivinhar como essa garota é? Misteriosa, atraente, interessante e diferente de qualquer outra garota que você conheceu antes, certo? – Peter se manteve em silêncio, então ela continuou satisfeita. – Você é previsível. Você não está em condições de viver aventuras amorosas pelo bem de sua saúde, Peter e você sabe disso, meu amor. – Miranda pausou e suavemente disse. - Se livre dela ou eu me livro.

Miranda e Peter pareciam se encarar seriamente nenhum dos dois se movimentaram e quando aconteceu foi Miranda que se retirou do ambiente, mas antes de sair de vez do ambiente ouvi pelo barulho de seu salto ela parar de andar.
Tentei controlar ao máximo as minhas lágrimas, mas elas continuavam a rolar, temendo o fim dessa situação horrorosa.

- Antes que eu me esqueça: no jantar do comandante, essa noite, você vai acompanhado de Serena. Espero que a partir de hoje seja algo mais comum ver vocês dois juntos e não vê-lo com menininhas tolas, *aventurinha* de jovem adulto rebelde e que não vão passar disso, de um momento, enquanto sabemos quem é realmente a dona de seu coração. – Ela concluiu e em minha mente o rosto de Serena surgiu, junto com uma súbita vontade de vomitar.

Sem nada mais a dizer ela se retirou do ambiente, fechando a porta principal de forma brusca. Continuei imóvel, com as mãos firmes nos lábios tentando controlar qualquer tipo de som que eu poderia vir a emitir, observando atentamente os pés de Peter que estavam imóveis.
Ele estava chocado com o ocorrido, era óbvio. Mais, por Deus, o que acabou de acontecer? Miranda nem me conhecia e já tinha uma ideia de que tipo de pessoa eu era, o que era muito cruel, mas não me surpreendia, não depois de ter conhecido Serena, pelo visto, a família de Peter era muito muito peculiar.
Peter se moveu e isso fez com que o meu coração batesse de forma lenta e pesada, ele foi em direção do armário, abriu o mesmo de forma brusca, pegou algumas peças de roupas, pude ver ele se agachar, de costas para mim,vestindo uma calça, logo se afastando do local, indo em direção da sala.
Me movimentei devagar embaixo da cama, tentando ver alguma coisa antes de sair, mas não precisei de tanto, ouvi a porta principal sendo aberta e esse era o meu momento. Eu não podia ficar mais ali.
Precisava pensar e não conseguiria fazer isso naquele lugar.
Me arrastando, sai pelo outro lado da cama, mas como sempre não fui tão delicada como deveria e acabei por bater a cabeça na beirada da cama, o que doeu e muito, xinguei sentindo a dor melhorar um pouco, mas piorou quando ouvi Peter me chamar da sala com extrema preocupação.
Corri e fui em direção da varanda que me levaria para a sala, assim que ouvi Peter adentrar o quarto, rapidamente sai da varanda, fechando a entrada para sala; isso retardaria ele. Rapidamente cruzei a sala, notei que a porta estava entreaberta, não tinha pensado na possibilidade dela estar trancada, o que me deixou muito aliviada ao ver o oposto, mas não por muito tempo.
Faltavam apenas três passos para eu sair daquele ambiente quando Peter surgiu a minha frente, fechando a porta com violência, assustada me afastei dele, me encolhendo com os olhos voltando a se encherem de lágrimas, aquele conhecido nó tomando minha garganta.

- Onde você estava?

O olhei, não conseguindo falar com o mesmo, me sentia péssima por ter ouvido aquilo tudo. Me sentia péssima por estar sendo um estorvo em seu relacionamento

com Miranda, mesmo percebendo que ela não merecia essa minha piedade.
Eu não sabia o que ele estava a esconder de mim, mas em menos de meia hora isso já estava me causando muita dor e isso tinha que acabar agora.
Fui humilhada duas vezes em menos de uma hora.
O que aconteceria a seguir?

Olhei para Peter, sentindo as lágrimas descerem pelo meu rosto, ele estava pálido, com uma expressão de choque e preocupação a me observar atentamente.
- Você ... você estava fugindo daqui, não é? – Ele questionou com um olhar firme na direção de meus olhos.

- Me deixa sair. – Foram as únicas palavras que saíram pelos meus lábios sem vacilar. Eu não conseguia olhar Peter, então meus olhos varriam o chão e pouco se mantinham presos nos olhos dele, enquanto novas lágrimas geladas e pesadas desciam por meu rosto.

- Precisamos conversar, Kate. – Ele disse de forma pesarosa, dando um passo em minha direção e eu dei um para atrás, balançando a cabeça negativamente.

- O que? Não há nada para conversar agora, Peter. Eu não quero falar sobre isso. Eu acho que ouvi o bastante, não preciso de suas explicações nesse instante. Por favor, me deixa sair. – Voltei a murmurar ainda me sentindo acuada na situação que me encontrava.

- Não. Temos muito que conversar, não posso deixar você ir embora depois disso tudo.– Peter se aproximou de mim, mas não deu tempo de me afastar o bastante, ele me segurou com suas mãos, me trazendo para perto de si.- Não dê ouvidos a nada que ela disse, são palavras tolas e vazias, Kate. Ela não te conhece, não tem ideia do que está dizendo e não significaram absolutamente nada para mim.

- Mas significaram para mim. – Me afastei de Peter com força, ele cambaleou um passo para atrás e me olhou em choque não esperando a minha reação. Cruzei meus braços na altura da minha barriga, com um olhar firme em sua direção sentindo as palavras saírem de meus lábios de forma rude e dolorosas. – Quem é você? Fala!

Peter me observou de uma maneira pesarosa, suas sobrancelhas estavam caídas e seu olhar triste como se tivesse acabado de ter seu coração partido.
- Não posso. – Peter disse por fim.

- Como não pode? – Passei uma das mãos em meus cabelos, enrugando o meu cenho, o observando de uma forma seria, talvez a mais seria até então que o olhei. Ele continuou a me observar então ergui uma sobrancelha sentindo uma frieza me tomar.
- Diga ou abra a porta e me deixe ir. – Falei de maneira firme, acreditando fielmente em minhas palavras.

- Não posso. – Ele voltou a repetir, tomando uma expressão seria e balançando singelamente em negação a cabeça. – Kate, por favor, me escute ...
- Me deixa em paz. – Falei, sentindo meus olhos se encherem de novas lágrimas.
-Kate ... – Ele murmurou com um olhar caído, completamente chateado.
- Me deixa em paz. – Gritei, levando minhas mãos para os meus cabelos, nervosa com aquilo tudo.
- Tudo bem. – Ele concordou tomando uma expressão seria. – Se é isso que você quer.

Ele me olhou com atenção enquanto eu o observava com a mesma intensidade que ele transmitia no olhar. Podia jurar que um clima caíra entre nós, fiquei propensa a beijar seus lábios que estavam tão convidativos aos meus, como sempre estava desde o primeiro dia que nos vimos, ele me olhava com a mesma intenção, mas antes que algo pudesse ocorrer, virei meu rosto quebrando todo o momento, sentindo meu coração apertado em meu peito. Vi de relance que ele abriu a porta de forma que a deixou bem aberta para que eu notasse e me retirasse como desejava.
De forma vacilante comecei a me encaminhar para sair, tomando passos mais rápidos, faltando um passo para estar fora do quarto, Peter segurou meu braço e me puxou para perto de si e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa deu um beijo apaixonado em meus lábios, retribui o mesmo sentindo meus lábios quererem mais dos seus, não querendo deixálo nunca mais, aquele encaixe e paixão única, apenas nosso. Minhas mãos foram em direção a sua nuca enquanto as suas se agarraram em minha cintura, nos atraindo mais para perto do outro.
Assim que nos afastamos ele encostou a sua testa na minha, buscando por ar como

eu.

- Vai, você quer ir então ... Eu só não podia deixar você sair daqui sem fazer isso e mais uma coisa. Independente do que ela disse, eu gosto de você, Katerina. De uma forma que nunca gostei e nunca gostarei de outra pessoa em minha existência. Eu sei que é exagerado, clichê, mas é a verdade. – Ele se silênciou me observando com atenção, seus olhos firmes e ardentes nos meus expressando a sinceridade mais pura até então vista vinda de si. - Não sei se isso basta para você, mas basta para mim: Eu não *posso* te perder e não irei.

- Eu só preciso de um tempo para encontrar as minhas próprias respostas. – Murmurei, ainda sentindo falta de ar, observando seus olhos com intensidade; ele compreendera o que disse e sua expressão pareceu se suavizar, como se uma esperança tivesse brotado em seu ser.

- E eu vou estar te esperando. – Peter disse em um sussurro.

Me afastei de seus braços, o olhando com carinho, ouvir de seus lábios que ele gostava de mim era tudo que eu precisava ouvir, mas ouvir que ele não queria me perder foram as palavras mais profundas que já ouvirá alguém dizer a mim, meu coração não só acelerou como senti meus olhos ganharem novas lagrimas com tal revelação; *ele realmente gosta de mim,* pensei, *Eu vou lutar por ele*, pensei com firmeza sentindo um conforto tomar conta do meu ser, sabendo que isso era o certo. Essas palavras me deram forças para buscar todas as respostas para minhas perguntas sobre quem ele é e sua família, assim lhe poupando problemas em seu futuro; essa era a minha atual missão, então sem nada mais a dizer, apenas o olhando por uma última vez, desejando que nos reencontrássemos logo com as respostas respondidas e apenas o presente para ser vivido juntos, comecei a andar pelo corredor, me afastando de seu quarto, limpando as lágrimas que desciam por meu rosto e confortando meu coração, dizendo-lhe: *Ele é seu, Katerina, não duvide disso*. Ouvi a porta sendo fechada exatamente quando alcancei metade do corredor, foi quando as minhas lágrimas recomeçaram a cair por meu rosto, sem ao menos eu conseguir controlar, abaixei minha cabeça, não querendo que um trio que estava a andar pelo local vindo em minha direção vissem meu estado; eu não gostava que

ninguém me visse chorando, ninguém tinha a ver com a minha dor, mas sem querer acabei por esbarrar em uma pessoa, confesso que a visão embaçada era a grande culpada.

- O que é isso? Por Deus! Ninguém educou a você que olhar para o alto é o correto, jovem? Perdedores olham para o chão, mas olhando bem para você, vejo que a segunda opção lhe caia como uma luva. – Aquela voz murmurou, principalmente com certo deboche em tom cômico ao final. Reconheci aquela voz de imediato, meus pés pararam de se mover sozinhos e as minhas lágrimas também cessaram de cair de imediato.

Ergui a minha cabeça lentamente e olhei para atrás, os três já se encontravam a certa distancia, seguindo o corredor, em uma ponta havia uma mulher de cabelos loiros acinzentados vestindo um terno preto feminino falando em um celular de forma energética; na outra ponta, há alguns passos atrás estava um homem alto e forte, vestido com um terno e atitude similar a de um segurança, mas meus olhos não se prenderam neles, se fixaram por longos segundos nela, que estava no meio, reconheceria aqueles cabelos brancos acinzentados vivos em qualquer lugar ou momento, era algo inesquecível; ela estava vestida com um terno de cor branca feminino, meus olhos foram em direção de seus pés apenas para confirmar minha teoria e voltei a reconhecer aqueles famosos sapatos Chanel, os mesmo da tia de Peter.
Minha cabeça funcionava em câmera lenta os observando se afastar junto com todo o acontecimento de minutos atrás: suas palavras frias sobre mim e seu comportamento ríspido com Peter, ergui lentamente a minha cabeça junto a uma sobrancelha e sem ao menos pensar meus lábios se moveram.
- Hey! – Falei em um tom alto, o segurança se virou, mas não era quem eu queria. – Miranda!

Foi nesse instante que ela, o segurança e a mulher loira pararam bruscamente; os dois últimos me olharam com expressões espantadas, analisando com atenção quem eu era, provavelmente temendo que eu fosse alguma louca prestes a atacar a tal distinta dama, enquanto Miranda se virou em minha direção com desdém tirando os óculos escuros que usava e murmurou de forma rude:

- Quem ousa me chamar com tanta má educação? – Ao me observar de cima abaixo vi um sorriso falso crispar em seus lábios e com um sussurro cômico murmurou. – Ah, é a perdedora!

- É, é a perdedora, mais saiba que é só um dos meus defeitos, eu também posso ser aproveitadora como a senhora mesma disse agora pouco ao seu sobrinho, Peter. Se lembra?
– Murmurei a olhando de forma desafiadora, a expressão da mesma não se alterou, mas pude ver seus olhos faiscarem em minha direção, como se tivesse feito uma grande descoberta.

- Katerina. – Ela murmurou como se falasse com uma grande inimiga.

- Se quiser saber mais qualidades e defeitos meus, questione ao seu sobrinho, porque de fato, ele me conhece muito bem, mesmo que a senhora duvide. – Me virei para seguir em frente, mas antes que o fizesse me virei a olhando com atenção. – Além do mais, que fique bem claro que não importa o que a senhora pretenda fazer eu não vou sair da vida do Peter, só se ele desejar e pelo que eu saiba, esse não é o seu desejo. Não tente controlar mais a vida dele e por favor, não fale de mim sem saber com quem está lidando. Tenha um bom dia, Duquesa Miranda.

Me virei seguindo em frente, sem ao menos dar atenção ao fato que o segurança questionava se deveria me deter e a mulher loira, que deveria ser sua assistente pessoal perguntava se deveria chamar os outros seguranças do local para me advertirem, mas Miranda apenas disse a sua assistente de maneira fria e firme:

- Clarissa, descubra tudo sobre essa jovem, quero informações concretas até o fim desta noite; vamos descobrir com quem estamos lidando. – Ela murmurou com certo deboche e podia jurar que estava a sorrir, mas não quis dar a ela o prazer de pensar que eu a havia escutado; se ela pensava que isso havia me assustado, pode ter certeza que sim, mas ela que tentasse achar algo podre em minha vida, ela não encontraria nem se procurasse com muito afinco, eu espero.

Parei em frente do elevador e apertei o botão do mesmo.
Olhei de relance na direção do corredor e notei que Miranda ainda me observava,

logo em seguida ela colocou os seus óculos escuros e voltou a seguir em frente, falando algo com a jovem loira com extrema atenção enquanto a mesma anotava tudo em seu Ipad. Me voltei em direção do elevador que se abriu fazendo um apito, adentrei no mesmo e apertei o botão para ir em direção ao saguão.
Antes que as portas se fechassem, como um flash temporal, recordei ter chamado-a de Duquesa Miranda, sairá tão natural de meus lábios que eu não havia notado porque havia dito isso e como se tivesse levado um choque, levei uma das mãos aos lábios com espanto, prestando bem atenção ao rosto de Miranda em minha mente e me recordando claramente dela não era apenas a sua voz que era familiar, como em um flash agora me lembrava de onde a conhecia, de um momento exato para ser mais especifica: ela havia sido apresentada na primeira festa do navio como Lady Miranda Evans de Brighton. Miranda, a tia de Peter, era Lady de Brighton.
Antes que as portas do elevador se fechassem, desvendei inesperadamente o primeiro enigma da esfinge que estava a me assombrar.

Capítulo 17 Decifrar

Tenho um segredo
Você pode guardá-lo?
Jura que esse você vai guardar
É melhor trancá-lo em seu bolso
E levá-lo para a sepultura.
Se eu te contar
Eu saberei que você não vai contar o que eu disse.
Porque duas pessoas podem guardar um segredo se uma delas estiver morta.

Secret – The Pierces

Eu corria por todos os corredores pelos quais entrava sem parar nem para buscar ar sabia que se fizesse isso minhas pernas cederiam e eu não podia ter o luxo de descansar agora, apenas tomava cuidado para não esbarrar em ninguém e nem em nada sólido, o que é algo muito difícil para uma pessoa do meu tamanho e estabanada como eu.

Assim que adentrei, acabei por fechar a porta com violência, o que não foi intencional, me encostei na mesma, tentando descansar meu corpo, buscando ar, minhas pernas tremiam e podia sentir meus músculos tencionarem, começando a

sentir as dores do meu esforço exagerado.
Ouvi o barulho de uma porta sendo aberta e observei Rachel adentrar a sala com um grande sorriso em seus lábios e uma expressão animada, mas aos poucos seu sorriso se desfez e sua expressão se transformou em algo semelhante a preocupação misturada com choque; eu ainda respirava com dificuldade, uma mão em meu coração e a outra em minhas pernas averiguando se elas ainda estavam ali, mas tinha certeza que não era a minha postura que havia surpreendido Rachel e sim, minha expressão.

- O que aconteceu? Você está *horrível*! – Ela murmurou preocupada se aproximando de mim, forcei meus pés a se mexerem e me direcionei até a mesma, lhe dando um apertado abraço, do jeito que só Rachel sabia, ela retribuiu o gesto com carinho, ao nos afastarmos ela segurou meu rosto, nervosa. – Kate, me responde: o que houve?

- M-muita coisa. - Respondi, olhei na direção do quarto de Joana, a porta continuava fechada do mesmo modo que estava da última vez.

- Estamos completamente sozinhas. – Rachel disse como se estivesse lendo a minha mente, segurou a minha mão com delicadeza e disse suavemente, mas sem esconder o nervosismo e preocupação.- Vem para o meu quarto, exijo que você me conte tudo com rigor de detalhes.

Segui seus passos adentrando a sua cabine, senti apenas um olho piscar repetidamente ao observar o que Rachel chamava de "cabine", era incrível que até viajando ela conseguia trazer o seu pior a tona, juro que quase tive um mau súbito ao observar aquele ambiente de ponta a ponta, diferente do meu quarto que até quando estava bagunçado estava arrumado, Rachel conseguia transformar qualquer ambiente em um poço de bagunça e desorganização: Roupas de todos os tipos jogadas por todos os lados: reviradas, esticadas, uma em particular rasgada, deletei essa imagem de minha mente, haviam sapatos pelo chão virados de ponta cabeça e longe de seus outros pares, revistas, cadernos, papeis amassados, livros, até mesmo cd's espalhados por todo o chão, era difícil andar por ali sem pisar em alguma coisa e sem temer que um gato surgisse do meio daquela bagunça toda com as garras de fora pronto para atacar o que estivesse a sua frente pude ver de relance que a sua

penteadeira estava lotada de maquiagem, novas e velhas, uma quantidade absurda que invejaria um maquiador profissional, principalmente pela preferência de Rachel em usar apenas marcas famosas, como *Chanel*. Minhas mãos coçavam para eu arrumar toda aquela bagunça, pelo menos de um modo que um ser humano normal conseguisse sobreviver podia sentir meu cérebro começar a fritar em minha mente com tanta desorganização, entretanto não consegui me concentrar em mais nada assim que senti meus quadris se afundando na cama macia de Rachel, meus joelhos chegaram a tremer e meus músculos gritaram "Viva" de tanta alegria, enquanto ela começou a tirar mais revistas, seu laptop roxo, seu celular também roxo e caderno de capa destruída e cheia de recortes de atores/atrizes famosas aos quais ela ama dali de cima, empurrando para um canto afastado da cama, para dar espaço para nós duas podermos nos sentar de forma mais confortável. Abaixei minha cabeça a colocando por entre as pernas, tentando respirar como uma pessoal normal, mas ainda sentia meu coração bater de forma acelerada, provavelmente é assim que um maratonista se sente depois de uma competição.

Rachel se propôs a pegar um copo de água bem gelado com açúcar para mim, por mais que quisesse falar que não precisava colocar açúcar não consegui juntar palavras em nenhuma sentença que fizesse sentido, apenas acenei positivamente de forma atrapalhada. Não demorou nem um minuto e ela retornou, me entregando um copo geladinho de água gasificada,dizendo que não achou açúcar naquele frigobar bagunçado, ergui uma sobrancelha observando seu quarto e a mesma não se alterou, ainda me observando preocupada, relevei o momento já que ela havia escolhido a minha água favorita e eu não estava com saúde para começar uma discussão.

Assim que terminei de tomar o melhor copo de água de minha vida, Rachel pediu com um tom de voz calmo, que relaxasse e respirasse bem fundo, foi o que fiz, mas levei um grande susto quando em seguida ela surtou exigindo que eu contasse tudo a ela imediatamente porque a preocupação que ela estava a sentir estava a deixando cheia de ideias apavorantes e sentimentos piores ainda.
Obriguei meu corpo a se mover, assim me acomodando no meio da cama, Rachel se sentou ao meu lado me olhando ainda preocupada, mas agora podia ver uma faísca de curiosidade em seus olhos e sua atenção completamente voltada para mim.
Contei todos os eventos do dia anterior até o atual momento, obviamente que não

contei certos detalhes como os intensos amassos com Peter durante a madrugada e principalmente do nosso momento no banheiro, que era um momento que ainda me causava certo nervosismo em todo o meu ser.
Assim que comecei a falar sobre Miranda e Serena a expressão de Rachel mudou de forma violenta, era uma mistura de indignação, angústia e raiva incontrolável, a almofada que estava em suas mãos era tão amassada e contorcida que preocupada daquilo estourar em um milhão de penas a tirei de suas mãos, mantendo segura nas minhas, antes que eu concluísse todo o assunto com a menção honrosa da discussão que tive com Peter, Rachel não conseguiu controlar o desejo de expressar a única coisa que a estava sufocando:

- Quem essas desclassificadas pensam que são para tratar você dessa forma? Rainhas da Inglaterra? – *Quase*, pensei. Rachel se aproximou um pouco mais de mim, sua expressão de indignação clara em seu rosto. – Eu juro, juro por todo o meu ser, que quando encontrar o Peter vou arrancar mecha por mecha daqueles cabelos sedosos dele buscando uma satisfação pela sua atitude, só não faço pior porque ele te defendeu com a tal tia jararaca, mas essa situação com a Serena foi a gota d'água ... ela foi uma safada, hipócrita mesquinha ... – Rachel continuou com os xingamentos, de baixo calão que resolvi não gravar em minha mente para a posterioridade.- Enganou ele direitinho e ainda fez você sair como a interesseira da situação. Ah que ódio! Se eu encontro com essazinha! Não sobra nem um fio de cabelo para fazer DNA. – Ela disse por fim passando ambas as mãos no rosto, tentando se acalmar, mas suas palavras saiam raivosas.

- Rachel, piora! – falei com desânimo com uma das mãos apoiando minha cabeça. Acredite em mim, se você acha que está ruim, presta atenção no resto.

Assim que conclui toda a história, contando a ela sobre as minhas desconfianças em relação a um dos segredos de Peter, graças a minha descoberta do status de realeza de Miranda comecei a montar em minha mente a resposta desse enigma; Se Miranda é a Duquesa de Brighton isso me leva a crer que a família Hartley pertence a realeza, o que faz com que Peter seja um lorde. O que faria muito sentido já que ele não pode contar sobre tal segredo porque envolve toda sua família, como também ele disse que temia minha reação, talvez ele estivesse com medo que ao descobrir sua posição

social eu não quisesse estar mais com ele por causa da falta de privacidade que teríamos ou até mesmo mostrar um *interesse* maior em si, por causa da fama e dinheiro, o que nunca aconteceria, eu não sou uma interesseira como Serena tentou dar a entender, além do mais, uma hora ou outra eu acabaria por descobrir, ele havia me dado pistas em relação a sua falta de privacidade por exemplo, entre outros; ele realmente queria que eu descobrisse sozinha, para assim mostrar não só a ele mais também a sua família que estava com ele porque gosto dele, só podia ser isso. Foi aí, que tudo desgringolou de vez, que mesmo sem fatos, eu percebi que ele era um lorde, extremamente rico e conhecido por sua nação; e eu era apenas uma garota sem status, sem dinheiro e com um futuro incerto a frente.
É, nem estou me sinto pressionada.

Com tantos pensamentos em minha cabeça deixei o nó que havia se formado em minha garganta se dissolvesse em lágrimas que começaram a rolar por minha face de forma pesada, Rachel me tomou em seus braços com carinho, me abraçando e consolando, enquanto eu me sentia protegida nos braços de minha amiga, que dizia que resolveríamos essa situação com os pés na cabeça e deixou bem claro que não havia razão nenhuma para eu estar chorando, que ela garantia que tudo ficaria bem, me acalmei, secando minhas lágrimas e voltando ao meu estado pensativo:
- Você não tem ideia de como foi humilhante a situação na qual Serena me colocou, mas por incrível que pareça, eu já superei esse momento, mas nada se compara ao que passei com Miranda, tanto no quarto quanto no corredor, não consigo medir qual foi o pior momento, só sei que em ambos foi doloroso demais estar em minha pele; a forma ríspida e manipuladora que ela falou com o sobrinho, como se ele fosse um robozinho que iria obedecê-la de imediato e a maneira fria e hipócrita que ela falou de mim, como se eu fosse uma *qualquer*. Me questiono como pode existir *alguém* assim? – Enruguei meu cenho, a observando com atenção. – Eu sei que fui impulsiva e infantil em falar com ela no corredor daquele modo, eu sei que fui má educada e estúpida, – *o que pode até me causar problemas no futuro*, pensei ao me lembrar do que Miranda dissera a Clarissa. - contudo fico feliz de tê-lo feito ... Eu não teria me lembrado que ela é a Duquesa de Brighton sem tal momento.

- Você a respondeu muito bem, na realidade, você mostrou a ela que você não é *qualquer* uma, que você é Katerina Farrell, jovem de personalidade e atitude,

entretanto ...- Rachel disse entortando os lábios. - no seu lugar não sei se conseguiria responder uma Duquesa daquela forma, mesmo que ela merecesse cada palavra dita, eu não conseguiria .... – Rachel murmurou com certo receio. – Eu acho que me encolheria em minha insignificância.

- Eu não sabia que ela era a tal Duquesa, as palavras sairam inconscientemente dos meus lábios no momento da raiva, foi como uma epifania involuntária; pode ter certeza, se eu soubesse de tal coisa, jamais teria a confrontado daquela maneira. Perdão, é uma mentira; eu teria confrontado sim, mas teria sido menos hóstil, talvez. – Respirei fundo, notando algo curioso. – Porque você não conseguiria responder ela da forma que eu? – Rachel pensando dessa forma? De modo cuidadoso e temeroso? A garota que não teme nada nem ninguém? O que foi que eu perdi?

- Ela é, no mínimo, milionária, Kate. Se ela quiser, ela pode acabar com a minha vida e de formas criativas ainda. – De repente Rachel arregalou os olhos notando o que havia dito enquanto eu a observava em extremo choque. Meu Deus, era isso que ela planejava fazer então? Ela não iria apenas procurar algum *podre* em minha vida, mas sim um modo de me destruir, tirando qualquer possibilidade de me manter na vida de Peter. Senti um nó se formar em meu estômago do mesmo modo que minha garganta ficou seca – Não que ela vá fazer isso com você, é claro; além do mais, você tem Peter; ele gosta e confia em você, garanto que ela jamais faria nada que pudesse magoá-lo. Bom, é o que eu acho, ela é tia dele, mesmo sendo ríspida e manipuladora, ela deve amá-lo, né?

- Peter ... – Meus lábios disseram de forma involuntária, senti meus olhos serem tomados por lágrimas que começaram a descer de forma pesada em meu rosto, abaixei meu rosto sentindo um peso tomar conta de meu coração, uma dor excruciante só de pensar que todo esse romance delicioso e único para mim, que estamos vivendo, pudesse vir a terminar de formas inaturais, por pura intriga criada por Miranda - que não parecia ser do tipo, *tia amorosa* - ou por outra pessoa, depois de conhecer Serena e Miranda, temo descobrir que a família de Peter é um ninho de cobras, no qual apenas Amelia parece ter um bom coração. Meus pensamentos voltam em Peter, suas palavras ressoam em meus ouvidos, tão sinceras e profundas, como se fossemos um casal há anos: *eu não posso perder você*. – Eu

estou completamente apaixonada por ele e eu não sei como isso aconteceu, eu não sei como deixei isso acontecer desse modo, tão avassalador, profundo e único, Rachel.

- Amor é assim, nós não sabemos como, onde, porque ... Só sabemos que ele acontece de uma forma misteriosa, profunda e pura e principalmente, quando nós menos esperamos. E meu bem, assim que acontece, não tem volta; é arrebatador. – Ela murmurou, me observando com atenção. – Confesso que para mim era óbvio que você estava apaixonada por ele; o seu comportamento dizia isso: seu modo de sorrir, de falar, de olhar, de se vestir, tudo em você ganhou um toque novo, mais feliz e encantador, eu nunca a vi assim antes, nem quando você estava com William... – Ela pausou me observando com atenção, como se estivesse esperando por uma reação minha, mas nada fiz então ela continuou com um sorriso leve nos lábios, mas seu olhar estava sério. - Eu só não disse nada sobre isso porque sei como você fica toda na defensiva quando é questionada sobre estar gostando de alguém, no entanto, essa afirmação declarada por ti agora não é novidade para mim, então me conte algo novo! – Ela concluiu, dando um sorriso simples de forma debochada.

Demorei a reagir, sempre ficava sem palavras quando Rachel dizia coisas profundas e filosóficas, não era do seu caráter ser assim, era do meu estilo; ela era a garota da diversão, que dizia para se jogar na vida e curtir o dia como se fosse o último e eu era o *minuto de sabedoria* em pessoa, ri de forma abafada, percebendo como amava minha melhor amiga, enquanto pensava de modo cômico, talvez pela qüinquagésima vez nessa existência, quem diria que um dia eu ouviria Rachel falar sobre amor de forma tão verdadeira e principalmente, sem fazer cara de nojo ao termíno da sentença. É, Rachel estava amadurecendo, ela só não queria deixar isso bem claro para o mundo e para si mesma.

- Eu juro que não queria me sentir assim. – Murmurei, passando uma das minhas mãos de forma aleatória em meu nariz.

- Está mentindo. – Rachel disse de imediato, a olhei surpresa e a mesma apontou para o próprio nariz com um olhar animado. – Você passou a mão no nariz na hora que falou isso, uns dos sinais comprovados cientificamente que acusam uma

mentira. Rá. Você sempre quis se apaixonar pelo Peter.

- Mas ... como ? – Olhei Rachel em choque e a mesma começou a rir de forma satisfeita, e eu me encontrava em estado de choque. – Quem é você e o que fez com a minha amiga? Por favor, preciso dela de volta agora, estou vivendo uma crise, seu alienígena asqueroso! – Rachel continuava a rir, ainda mais com o meu ataque, confesso que estava controlando ao máximo a minha vontade de rir. – Por favor, veja a minha situação senhor alienígena: primeiro ela fala de amor sem vomitar e agora sabe sobre um fato cientifico; é óbvio que tem algo de estranho aqui. O que acontecerá em seguida: você revelará uma paixão por um filme antigo, sublinhando aqui que você detesta filme/série que passe dos anos 2000, já que qualquer coisa antes desse época você já considera velho e ultrapassado.

- Saiba, Kate, que eu amo todos os filmes da Audrey Hepburn, só não saio declarando isso por ai porque o mundo não está preparado para isso. – Repousei minhas mãos nos meus lábios em choque, Rachel ergueu levemente a cabeça, ainda sorrindo. – Além do mais, sobre o fato científico, eu li em uma dessas revistas de moda que comprei antes de virmos para o cruzeiro, era uma matéria sobre como descobrir que "ele" mente, então não fique toda preocupadinha, você continua sendo a rainha *Nerd*. – Acabamos por cair em uma gargalhada, assim que cessamos, ela concluiu. – Mas tudo que falei sobre o amor é o que sinto, então ...

- Significa que eu estou ferrada, não é? – Questionei, já temendo a resposta com uma careta nos lábios, Rachel nada disse. - De forma inconsciente, eu queria me apaixonar pelo Peter e agora que sinto que essa é uma realidade deliciosa e única, acredito que é também a minha tormenta ... e a dele também. – Olhei para Rachel sentindo um leve biquinho em meus lábios, ao lembrar das palavras frias de Miranda sobre mim, sentindo um pouco de verdade nelas. – Eu sinto que estou atrapalhando a vida dele. Ele é um lorde, Rachel e eu sou ... uma garota de Durham que teve sorte de estar nesse cruzeiro, sorte de conhecê-lo e provavelmente terá sorte se conseguir sair desse navio sem o coração partido. Eu não sei o que fazer, essa é a verdade. Por um lado, quero descobrir uma vez por todas a verdade por trás desse segredo, ir atrás de Peter e acabar com essa excruciante distancia, por fim para ficarmos juntos, por outro lado, as palavras de Miranda me atormentam ... ela não estava brincando

quando disse que era para ele se livrar de mim ou ela faria isso. – Por alguma razão, eu não conseguia contar a ela sobre o pedido de Miranda a Clarissa para fuxicar minha vida e eu não iria obrigar minha boca a falar palavras que não queriam ser ditas não queria deixar Rachel mais preocupada.

- Não fale assim, sua boba. – Rachel me observou atentamente com o cenho levemente enrugado, aquele sorriso no canto dos seus lábios se abrindo ao falar. – Se você estivesse atrapalhando a vida dele, o mesmo teria concordado com tudo que a tia mandou como um robozinho e teria imediatamente acabado com você; do mesmo modo que se ele soubesse que a tia dele seria capaz de se *livrar* de você, ele teria dito algo bem típico de moçinho de comédia romântica: *se você tocar em um fio de cabelo de Katerina, farei que você se arrependa do dia que nasceu.* – Rachel concluiu a última sentença com um sotaque britânico falso e um sorriso satisfeito nos lábios, enquanto a olhava descrente.

- Isso pareceu mais uma frase de filme de terror *trash* do que de uma comédia romântica.
- O que importa é que você entendeu meu ponto de vista. – Ela murmurou com satisfação, ainda mantendo um pouco do sotaque britânico.

- Para ser honesta, não entendi não. – Repousei uma mão em minha testa, fazendo círculos com as pontas de meus dedos, tentando relaxar aquela região que parecia tão tensionada, buscando uma nova possibilidade para aquela situação, algo que eu não tenha visto. - E se ele ... e se ele ficou sem graça de terminar comigo? Além do mais, eu ia sair do quarto dele de um modo bem dramático, se eu fosse terminar com alguém que estivesse saindo do ambiente daquele modo eu pensaria duas vezes, vai que o doido decide se jogar do convés ...

- Garota! – Rachel murmurou de forma rude, o que me fez olhar para ela. – Você bateu a cabeça ou algo assim?

- Na realidade, bati. – Disse timidamente, abaixando a minha cabeça.
- Katerina Farrell, ele te beijou. Na boca. Friso novamente, *na boca* e pelo que você me contou não foi um selinho de despedida entre dois virgenzinhos de 10 anos, foi

um beijão que faria qualquer um ficar envergonhado só de olhar. – Suas palavras me fizeram recordar daquele momento. - Agora você vem com esse papo de garota deprimida e sem personalidade para cima de mim? Não, não aceito isso. – Rachel pausou respirando profundamente, em seguida me observou com uma expressão mais serena, como se tivesse decidido que não iria mais me enforcar.- Tentei entender minhas doces palavras, porque irei dizê-las apenas mais um vez: O que estou tentando lhe dizer é que se ele fosse obedecer a tia jararaca, ele já o teria feito. Por quê? Você se questiona, eu te digo o porquê *"senhorita eu penso demais por isso tenho ataques de insegurança"*: conhecemos Peter há pouco tempo, mas já dá para perceber que ele não é do tipo de garoto que enrola as pessoas e/ou é indeciso, se ele quer algo, ele corre atrás até todas as suas possibilidades se esgotarem, se ele não quer, ele deixa isso claro. Ponto final. Muito parecido com uma pessoa que eu conheço. – Ela conclui, apontando um dedo para mim. - Kate, ele te quer. Simples e prático. Duas pessoas que se conheceram em um cruzeiro e se apaixonam a primeira vista; não é impossível, nem irreal. Agora aceite isso.Você está apaixonada por ele e pelos fatos descritos, ele está apaixonado por você com a mesma ou talvez mais intensidade que você. Então, porque obséquio você está procurando uma razão para destruir a perfeição dessa equação, criatura?

- Eu não sei. – Respondi de imediato em choque com sua sinceridade, passei as mãos em meus cabelos, irritada comigo mesma. – Talvez seja por que ...porque isso tudo foi demais para mim. – Suspirei, enrugando meu cenho. - É, é isso, tudo foi demais para mim. Primeiro, o triangulo amoroso Joana – Steve – Rachel, no qual fui enfiada, ao ser descoberto, perdi uma das minhas melhores amigas de anos. Quando penso que poderei seguir com minha vida pacata, Britanny tenta te chantagear sobre o tal temível segredo de Peter que iria partir meu coração, do nada descubro que de um segredo, ele se multiplica feito *Gremlim* e se transforma em 02 segredos, que de acordo com Peter, o primeiro posso descobrir sozinha porque esse é seu desejo, já que ele não pode me contar já que seria uma traição a sua família, agora o segundo segredo ele não pode me contar de jeito nenhum, porque ele não consegue pensar sobre isso – Murmurei, vendo como a minha vida havia virado de ponta cabeça em tão pouco tempo. – Para piorar ele não é um garoto qualquer, nãoooo, Peter é o garoto que eu sempre desejei encontrar em toda a minha existência, somos perfeitos

um para o outro; ai conheço Serena e sua confiança inabalável e por fim, mas não menos importante, a Duquesa de Brighton Miranda Hartley, com sua pompa, manipulação e determinação em me tirar da vida de Peter, sem nem ao menos me conhecer. Querendo deixar bem claro que isso tudo aconteceu em três dias; 72 horas. Ninguém em estado emocional normal pode sobreviver a tudo isso sem problemas mentais e futuras terapias, e só para piorar tudo isso, eu não sei o que é pior. Só sei de uma coisa: estou apaixonada por Peter, incondicionalmente e não irei desistir dele. É, isso.

Joguei meu corpo em direção a cama, me deitando, soltando uma lufada de ar irritada de meus lábios; Rachel imita o meu gesto se deitando ao meu lado, segurando firmemente a minha mão.
Estávamos presas em nossos pensamentos.
Obviamente que não sabia o que ela estava a pensar, seus olhos castanhos claros profundos estavam perdidos na direção do teto, podia estar pensando nos meus problemas como poderia estar pensando em seus próprios, não conseguia decifrar sua mente. Enquanto eu, estava sendo tomada por uma onda de sentimentos conflitantes, mas no topo estava a paixão e o temor pela primeira vez em muito tempo não queria sentir nada.

Eu não sabia qual deveria ser o meu próximo passo, mas sabia que deveria ser meu;
O que fazer?
Como agir?
Eram perguntas que atormentavam a minha mente.
Me questionava o porquê de tudo ser tão difícil comigo ou será que eu exagerava como Rachel achava? Será eu questionava demais e acabava por criar situações complicadas em coisas simples? Fazia sentido; eu costumava me sabotar.
Era a minha impulsividade que falava por mim na maior parte do tempo, mas sabia que tinha razão nesse momento de acreditar que a realidade estava pesando sobre mim, de um modo que só pesou uma vez em minha vida antes.
Minha mente ainda era atormentada pelas palavras de Serena e Miranda, havia algo que pesava muito mais em tudo que elas disseram, o modo que elas me trataram, eu nunca me incomodei com a opinião dos outros, mas aquelas palavras e comportamento delas perante a mim foi algo novo em minha vida, algo que não

queria viver novamente, mas sentia que se o meu futuro continuasse entrelaçado com o de Peter, eu iria viver isso e muito mais. Foi nesse momento que percebi que existia algo que ia além de todas as palavras e humilhações ditas:
O sentimento que eu tinha por Peter.
Eu gostava de Peter como há muito tempo não gostava de alguém; isso importava muito. Já havia lutado por sentimentos menores e por pessoas que de fato não mereciam a minha batalha, mas Peter merecia. Podia estar me precipitando, como sempre, mas havia algo em meu peito, uma segurança indomável em relação a isso que dizia que valia muito a pena lutar por ele, independente da batalha ou da guerra.

Meu Deus, como sou idiota!
Eu precisa apenas pensar um pouco, encaixar as peças desse quebra cabeça com cuidado enquanto minha mente pensa em toda essa situação em blocos e de modo completo; eu só precisava disso, de coerência e de um momento apenas meu.

Rachel tinha razão, se Peter fosse seguir as ordens de sua tia, ele teria me dispensando de imediato, mas não, ao invés disso ele lutou para falar comigo e me explicar tudo, com carinho, respeito e preocupação, enquanto eu o afastei com medo de ter meu coração ferido mais uma vez.
Essa era a verdade; eu não queria ouvi-lo com medo de ver seus lábios me rejeitarem, de ver que no fundo ele não era quem eu pensava, como eu já estava a ver depois de sua defesa injusta a favor de Serena.
Por isso queria tanto ir embora daquele lugar; eu não queria perdê-lo daquela forma do mesmo modo que ele não queria me perder.
Repousei a minha mão em meus lábios, podia ainda sentir o toque dos seus lábios nos meus, seu hálito quente, seu toque suave me causando arrepios e breves lembranças da noite que antecedeu; Eu o queria tanto comigo naquele momento.
Poderia ter ficado imersa por mais tempo em meus pensamentos, mas Rachel se movimentou bruscamente do meu lado o que me fez despertar, olhei em sua direção e vi a mesma sentada a alguns centímetros de mim de modo confortável, a sua frente já estava aberto o seu laptop roxo, no qual ela já digitava algumas coisas de modo ágil.

- Ei, levanta dessa depressão! Está na hora de você agir. – Rachel murmurou,

digitando rapidamente. – Temos um trabalho.
- É, eu sei. – Respondi de forma fraca. – Mas agir como? Eu me sinto tão ... *vazia*. De tudo.

- Que tal você começar pelo que está em suas mãos?!- Rachel disse, olhando na direção do laptop e virando o mesmo para mim, assim pude ver a página do *google* aberta. – Ele mesmo disse que você deve procurar sobre o tal segredo. Recapitulando as palavras dele: Ele quer que você descubra sozinha porque vai ser melhor para ele, que vai se sentir aliviado por não ter revelado o segredo da família sem a permissão dos mesmos e para você que vai solucionar tudo isso de um modo saudável; Além do mais, você já tem um suposição, certo? Você já está com o segredo todo solucionado em sua mente praticamente, apenas vamos confirmar a teoria. – Me sentei do seu lado, coçando minha cabeça, balançando a mesma em afirmação – Então, vamos ver se é isso mesmo, se não for ... Pelo menos você vai saber de uma vez por toda a verdade de um dos segredos, já que o abençoado não consegue falar sobre o outro. – Ela suspira e continua a falar de modo temeroso. - Espero que não seja nada do tipo: "Eu tenho um filho" ou "sou gay" ou "sou gay e tenho um filho".

- Rachel! – Falei chamando a sua atenção de modo nervoso e a mesma fez um gesto indicando que iria calar a boca. Peguei o laptop roxo de suas mãos o apoiando em minhas pernas com um suspiro pesado saindo de meus lábios.

Observei aquelas teclas atentamente digitando cada uma delas até formarem o nome completo dele, de imediato apareceu uma barra abaixo designando para diversas outras procuras relacionadas com aquele nome; um gelado tomou conta de todo o meu corpo enquanto lia cada uma daquelas frases com uma mistura de temor e curiosidade:

Peter Hartley e sua família Peter Hartley fotos
Peter Hartley 2011
Peter Hartley tem namorada

Cliquei com o mouse para o lado de fora da barra fazendo a janela sumir.
Fechei meus olhos controlando o meu nervosismo,voltando a passar os meus dedos

em minha têmpora, podia sentir as minhas mãos suando frio e eu não podia ficar assim, isso era um fator decisivo para meu futuro, eu tinha que ser corajosa; *era só uma simples procura na internet, Katerina, só isso*, repeti para mim mesma, olhei para Rachel e sua expressão de curiosidade deixava bem claro que não era só uma procura na internet.
Me senti novamente abrindo a caixa de pandora; o desconhecido era um dos maiores temores do ser humano, eu estava incluída nisso à risca, ao clicar em "procurar" tudo iria mudar ou pelo menos parte desse tudo, já que a minha teoria do segredo era muito perto da realidade, só precisava da confirmação.

- Clica logo! – Rachel gritou em meu ouvido nervosa e sem que eu pudesse controlar meus dedos acabei em clicar em "procurar". Fechei meus olhos de imediato, temendo que visse algo que não fosse gostar, tipo uma foto gigante da menina possuída do filme "*O Exorcista*", senti o laptop sendo tomado de minhas mãos e isso não me tranqüilizou piorou mais ainda o meu nervosismo quando ouvi Rachel dizer em choque. – OMO! – "*Oh Meu Deus*", em coreano.

Abri um dos meus olhos, vendo Rachel lendo com atenção um site que havia aberto, me aproximei dela constatando que era um fã site para Peter Hartley, como aqueles que vemos de atores/atrizes e cantores/bandas famosos para ser sincera, era um site bem completo com diversas de barras de informações e postagens, logo no inicio havia um banner com várias fotos dele, que mexiam a cada novo segundo, revelando uma novo foto, elas pareciam ter sido tiradas em seu dia-a-dia, talvez por paparazzi. Rachel rolou a página e vimos que haviam várias postagens recentes sobre a sua ida para os Estados Unidos, como também a sua presença na minha cidade Durham, na Carolina do Norte e havia algumas fotos mostrando ele andando por lá, em lugares que reconheci, acompanhado de Amelia e o resto da página seguia o mesmo caminho com notícias do seu cotidiano e fotos de cada movimento seu por todos os lugares aos quais ia em seu dia-a-dia, a maioria das postagens mostravam seu cotidiano em Londres, o último a qual olhamos era uma foto do inicio desse ano. Rachel subiu a página clicando em uma aba escrita "Peter Hartley", assim que a mesma se abriu vimos uma extensa biografia sobre a sua vida, de imediato nos aproximamos da tela do laptop com expressões de extrema curiosidade, ela logo começou a ler em voz alta seu conteúdo:

Nome: Peter John Hartley Jones
Data de nascimento: 07/09/1988
Local de nascimento: Greenwich, Londres – UK
Pais: Sua Graça George Alexander Jones II e Sua Graça Isobel Charlotte Hartley Jones.
Irmãos: Lady Amelia Jane Hartley Jones e Lady Anna Mary Hartley Jones
Signo zodíaco: Virgem
Altura: 1,78
Olhos: Azuis
Ocupação: Estudante de direito na faculdade de Cambridge. Em seu tempo livre joga *rugby* e faz trabalhos sociais.

Lorde Peter Hartley, como é socialmente conhecido, é britânico nascido em Greenwich no dia 07/09/1988. Sua criação foi cheia de cuidados especiais, já que sua família que tinha grande conhecimento público, tentou ao máximo o manter longe dos tablóides e sociedade até que alcançasse a juventude, assim ele optaria como seria seu futuro daquele momento em diante, em frente das câmeras ou fora delas, o que indicaria sua renuncia como lorde. Pouco se sabe sobre sua infância, contudo há conhecimento de que estudou até seus 10 anos em um internato em Cambridge, no qual praticava constantemente aulas de equitação, futebol, *rugby* e natação.
A partir dos seus 15 anos, Peter ficou mais conhecido na sociedade participando de eventos sociais e festas, não apenas de seu nível social como de nível artístico. Estudou em uma famoso colégio em Londres, próximo a sua residência onde morou com sua família até seus 18 anos. Seu cotidiano até tal idade era repleto de festas, eventos, jogos de *rugby* e muitos momentos familiares.
Com a chegada dos seus 18 anos foi anunciado que seu legado é de valor estimado em 500 milhões de libras, ainda tendo posse de diversas propriedades por todo mundo.
Em pouco meses, Peter se transformou em uma celebridade na Inglaterra, ganhando um público jovem que se encantou por sua bondade e educação; é

considerado um dos 50 solteiros mais cobiçados do pais. Por mais que se tente pouquíssimo se sabe sobre sua vida pessoal, contudo já foi notíciado o seu envolvimento com uma antiga colega de colégio, contudo sem provas ou confirmação do mesmo.
Ele tirou notas altas em todas provas para conseguir entrar em Cambridge, tendo conseguido excelências, seguindo a carreira de Direito como seu pai, famoso juiz da corte Londrina.
Atualmente, Peter tem uma residência em Cambridge e freqüenta a faculdade de Direito, lá ele é um dos jogadores principais do time de *rugby*.

Repousei ambas as minhas mãos em meu rosto, pensativa.
Então, era o que eu tinha suposto; Sherlock Holmes teria orgulho de mim. Peter era um Lorde.
Milionário, de conhecimento público e muito querido por sua nação, famoso, um bom garoto que se preocupa com centros de caridades e eventos sociais e é um Lorde. Eu deveria surtar por causa disso?
Quer dizer, não é nada demais perto do que pensei;
Eu tinha pensado em *serial killer*, ator famoso e metido, ator decaído, ator pornô, mercenário, domador de leões de um circo irlandês, ... eram possibilidades, que resultariam em um segredo que poderia trazer dor em meu coração, como a Britanny havia dito, mas ser um Lorde não era um grande motivo para eu ficar em total desespero ou animação; quer dizer, não direi que isso é algo normal, não é todos os

dias que se pode conhecer um Lorde, muito menos ficar com um, mas era apenas um fato de sua vida, um status social a qual ele tinha que responder; um fato.
Bom, mas para Rachel *sim, era algo muito importante:*.

- Meu Deus! Ele é um Lorde. Eu pouco entendo dessas posições sociais de rei, príncipe, duque, mas que isso é importante, é. Imagina Kate, em quantos eventos você vai com ele em Londres? Centenas de milhares em apenas um ano. – *Eu acho que isso é impossível*, pensei. - Sem dizer que você sempre vai ganhar presentes caríssimos, comer em lugares magníficos, conhecer pessoas famosas e lugares incriveis, ser capa de revistas e provavelmente andar em carros luxuosos do ano o tempo inteiro. Uma vida de princesa ... com um Lorde. Meu Deus! O seu namorado é um Lorde, Kate.

- Ele *não* é meu namorado. – Disse fazendo um bico com um tom de voz seco.

- Mais isso é só questão de tempo, bobinha. – Ela respondeu balançando levemente sua mão no ar. – Esse é o acontecimento mais incrível que aconteceu nessa viagem desde daquele tapa que a Joana deu no seu rosto. – A olhei com uma expressão em choque, erguendo uma sobrancelha de imediato, ela repousou ambas as mãos na boca com uma expressão de choque. - Desculpa amiga, mas até agora ninguém se esqueceu daquele momento, ninguém consegue acreditar que Joana, a doce esbofeteou a melhor amiga daquela forma para ser sincera até eu também não acredito...

- Ex melhor amiga. – Respondi entre os dentes com uma expressão insatisfeita. – Valeu por me lembrar desse acontecimento, Rachel. Já havia me esquecido que não é só a minha vida amorosa que está um caos como a minha vida cotidiana está em um pesadelo. Ah! Se os enxeridos e duvidosos quiserem provas do tapa de Joana em meu rosto é só pedirem um raio x do lado direito da minha face porque tenho certeza que Joana deixou alguma seqüela em minha mandíbula direita.

- Desculpa, desculpa. Você sabe que quando fico ansiosa e animada com algo eu falo descontroladamente e acabo falando besteira. – Balancei minha cabeça negativamente me desconcentrando daquela situação, notei que Rachel clicou com o mouse, voltando para o google me mostrando diversos outros sites. – Tem pelo menos mais

cinco *fansites* oficiais sobre o Peter e mais um monte de sites de notícias gerais até de porte internacional sobre ele, pelo visto o britânico é amado pelo mundo todo. Podemos checar todos eles, menos o da Amelia, não quero ver fotos dela com aquela perfeição chamada Dorian, é pecado demais saber que ele é noivo e dela que nem ao menos podemos odiá-la, já que é um amor de pessoa. Então, vamos ver os sites do Peter? Só aconselharia que pedíssemos algo para comer por que sinto que perderemos a manhã inteira com isso. Eu não me importaria de comer uma salada de frutas com iogurte agora, o que você acha?

- Não. – Respondi, balançando a cabeça negativamente, entortei meus lábios em desagrado, sabia que assim que a deixasse sozinha ela fuxicaria cada um dos sites mesmo, só não estava afim de participar de tal coisa. – Não quero ver mais nada sobre isso, se você quiser ver, se sinta a vontade, mas não dá ... Eu preciso falar com ele primeiro.

- Se é o que você quer, respeito sua decisão. – Ela disse, fechando o laptop e o repousando em uma parte da cama. Rachel se levantou, indo em direção de seu armário, ela começou a procurar algo dentro do mesmo e por pouco pensei que ela havia sumido ali dentro parando em Nárnia, talvez, mas logo retornou mostrando portar em mãos um pacote gigante de *Doritos* com um sorriso nos lábios ela voltou para a cama, se sentando na minha frente, abrindo o pacote de uma vez só e sem cerimônias já pegando uma mão cheia e falando enquanto comia. - *Doritos* alerta para caso extremo de emergência. Sempre compro e escondo um desses onde quer que eu esteja; é fundamental, item de sobrevivência, você sabe. – Ela disse enquanto eu comia alguns com um sorriso leve nos lábios. – Então, como você está se sentindo com a revelação?

- Sei lá, normal eu acho. Não me afeta em nada ele ser Lorde, quer dizer, de algum modo isso deve me afetar, talvez na minha privacidade pelo que já percebi, ele é bem perseguido pelos paparazzi onde quer que ele vá, tem pelo menos uma foto, mas o mais importante é que esse status não muda a pessoa que ele é aos meus olhos, nem muito menos os sentimentos que nutro por ele, pelo contrário, sinto que gosto mais dele agora sabendo de seus trabalhos de caridade, dedicação a eventos sociais e como ele tenta trabalhar com seus status de "celebridade" de um modo positivo para quem

realmente precisa e não para sua imagem. Só acho estranho uma coisa, sabe o quê? – Rachel balançou a cabeça negativamente enquanto eu abafei uma risada sem humor. – Nós somos garotas tão plugadas sobre tudo do mundo das celebridades, principalmente sobre a Inglaterra e não sabíamos quem são os principais duques e lordes do pais. Me sinto tão tola!

- Isso é um alerta divino para passarmos mais tempo enfurnada na internet; Deus está mostrando que não estamos adquirindo todas as informações necessárias para os nossos conhecimentos mundiais. – Rachel respondeu comendo mais uma mão cheia de *Doritos*, enquanto ria do seu comentário.

Queria continuar a falar sobre o assunto.
Tantas perguntas me atormentavam naquele momento.
O que implica a Peter em ser um Lorde?
O que isso vai implicar a mim nessa situação, além da perda de privacidade? Senti um arrepio com esse pensamento, o interpretei como algo ruim.
Queria afastar tais pensamentos de minha mente, mas agora era impossível contê-los, as palavras de Miranda ressoavam em minha mente, ela disse claramente que eu posso muito bem ser uma aproveitadora, isso porque ela não me conhece então posso supor que não vai ser difícil, para talvez sei lá, os pais dele acreditar nisso também, já que em minha atual condição humana sou uma bolsista da Universidade de Columbia, sem emprego algum nem fixo ou temporário -, e provavelmente nenhum lugar para cair morta, já que hoje em dia pedaço de terra para indigente é algo raro.
Se tenho sorte de estar fazendo a viagem dos meus sonhos era porque minha família estava abrindo mão de muitas coisas, principalmente do dinheiro reserva que mamãe tinha para emergências. É, ela não sabia que eu tinha essa noção, mas eu não sou tão ingênua como ela pensa.
Às vezes queria ser, assim não me sentiria egoísta toda vez que penso o tão feliz por estar aqui, dentro de um navio tendo todas as mordomias e diversões que qualquer um iria desejar, enquanto minha mãe está em Durham possivelmente fazendo cálculos de quanto teria que pedir emprestado ao banco para poder pagar o resto das contas do ano. Seria muito conveniente conhecer um milionário nesse ponto de minha vida, certo? Seria isso que eles pensariam, como Miranda havia dito, mas o

que Peter pensaria de fato era o que me importava e boa parte de mim, uma parte confiante, acreditava que nada disso passaria na mente dele, já que o mesmo me *conhecia*.

- Fala com ele. – Ouvi Rachel falar em um tom de voz firme, a olhei me desconectando de meus pensamentos.
- Oi? – Perguntei em dúvida de suas palavras.

- Fale com Peter. Ligue para ele, mande uma mensagem, use a sua telepatia, mas faça alguma coisa, garota. – Rachel afastou o pacote de *Doritos* largando o na cama, em seguida com um olhar perdido ficou a observar suas mãos, em um pulo saiu da cama indo até o banheiro para lavar as mesmas. – Diga que precisa conversar com ele, garanto que o mesmo vai compreender que você descobriu tudo sobre ele ser Lorde e vai prontamente querer conversar com você em qualquer lugar que queira, ou talvez, ele pense que você quer falar sobre os ocorridos dessa manhã. Enfim, tanto faz, o que importa é que vocês conversem, em um lugar tranqüilo e a sós.

Rachel voltou ao quarto, concentrando sua atenção em seu armário, não sabia se ela estava o arrumando ou o bagunçando mais ainda, só sabia que ela tirava, jogava as roupas na cama e na cadeira da escrivaninha ou simplesmente as devolvia ao armário com aquela expressão de dúvida.
Ela tinha razão, eu deveria falar com Peter o mais rápido possível, mas depois dos últimos acontecimentos dessa manhã seria mais plausível lhe dar alguma privacidade, pelo menos algum tempo para pensar, se eu havia precisado disso, ele então ...
Querendo afastar meus pensamentos de meus próprios problemas decidi me concentrar em Rachel; eu que estava tão preocupada com os meus problemas não notei como Rachel estava bem humorada com um sorriso caindo a todo tempo em seus lábios e aquela carinha de quem estava aprontando e não queria ser descoberta.

- Rachel, da onde vem esse seu bom humor todo? – Questionei pegando o pacote de *Doritos* da cama e comendo o que havia restado. Rachel me olhou com um sorriso malicioso através do reflexo do espelho de seu armário, enquanto se observava com um vestido roxo tomara que caia a frente de seu corpo.

- Sexo. – Rachel se virou com um grande sorriso em seus lábios. – Simples e prático, o bom e velho sexo.

Olhei na direção da cama com uma expressão ligeiramente enjoada, me retirei da mesma com calafrios tendo a minha mente tomada por pensamentos completamente desnecessários dela com algum estranho fazendo ... *coisas* naquela cama, na qual estava deitada há alguns minutos atrás, parei em centímetros bem afastados do móvel. Rachel começou a rir daquela forma pomposa e eu a olhei, sem compreender.

- Tolinha! Eu passei a noite no quarto do Tom, então se sinta a vontade de ficar na minha cama, ela continua virgem, mas garanto que isso não vai durar muito tempo.

- Tom! – Falei em um tom alto de voz, gesticulando de forma espantada completamente sem palavras. Não era Steve com quem ela estava passando a manhã e havia passado a noite passada? O que eu perdi nessas últimas horas, eu não posso nunca deixá-la sozinha, Senhor! Que ela vai e apronta! Porque?

- Brincadeira! – Ela disse de forma palhaça, levando dois certeiros tapas leves meus em seus braços, enquanto ela continuava a rir. – Você precisava ver a sua cara agora. Impagável! – Ela disse me observando ainda com aquele sorriso. – Fique tranqüila, Kate. Nada aconteceu entre mim e Tom, mas sim, entre mim e Steve.

- Então, vou precisar torturar você para saber mais detalhes?! Me conte tudo, Rachel. – Murmurei, entortando os lábios, a olhei sorrindo lateralmente.

- Bom, logo depois da aula de teatro eu tive uma breve reunião com Melissa, então fiquei em torno de 15 minutos lá, quando sai Steve estava lá fora, sozinho me esperando. Eu juro que ia ignorá-lo Kate, mas não consegui, aquele sorriso e o seu jeito de me olhar foi fatal, senti minhas pernas tremendo, aquele frio na barriga que não me pertence, eu não conseguia me mexer, eu não tinha ideia que Steve me afetava tanto. – Rachel se sentou na beira da cama e eu imitei seu gesto, dobrando as minhas pernas, enquanto a mesma me olhava sonhadora. – Ele me convidou para jantar e disse que queria muito conversar comigo a sós. Eu nunca iria conseguir dizer não para ele, como você pode imaginar. Me arrumei da forma mais divina que consegui e fui me encontrar com ele.

“ O encontro foi no restaurante francês *L’amour*, ficamos em uma mesa muito bem colocada e pude notar que o ambiente era muito requintado e chique, ele estava empenhado em me agradar. Steve parecia nervoso, mas eu não estava fazendo a mínima questão de deixá-lo a vontade, ele havia me convidado para sair, então o mesmo tinha que se mostrar disposto a fazer o que quer que fosse para me agradar e me conquistar novamente. Não demorou muito para ele puxar assunto comigo, ficamos por um bom tempo conversando e tomando alguns drinks e logo, ele foi direto ao assunto: Ele propôs que ficássemos juntos*, construíssemos um relacionamento*, foi como ele disse. Óbvio que perguntei sobre Joana e ele foi bem claro, não a ama da forma que deveria há muito tempo e que no coração dele só havia eu agora. É, eu sei. Super piega, mas me conquistou. Sabe Kate, desde que toda essa situação começou eu sempre o senti tenso e temeroso, mas ontem foi a primeira vez que o vi tão delicado, relaxado e romântico. Ele realmente quer estar comigo. Por mais controverso que seja para mim confessar isso, eu estou apaixonada por ele, isso está escrito em minha testa desde sempre. Decidimos ir com calma, mas não deu muito certo como já disse ... Foi inevitável. Um quarto só para nós dois e o estado que nossos hormônios se encontravam era impossível de se controlar. Quando percebemos estávamos tirando as roupas um do outro, entre beijos e caricias ... Pausas para você ter seus pensamentos impróprios da situação. Hoje tomamos café da manha juntos, passeamos um pouco pelo convés, apenas namorando e conversando.”

- Eu não quero ser uma estraga prazeres, mas depois de tudo que aconteceu, vocês vão ignorar tudo e seguir em frente, fingindo que Joana não está com o coração despedaçado e mais de um terço da turma está nos odiando nesse momento? Sim, eu me incluo nisso, porque eu fui fuzilada e estraçalhada mentalmente ontem por diversos colegas nossos. – Murmurei com uma mão repousada em meu rosto, com uma expressão pensativa. – E devo lembrar-lhe que Joana me odeia?

- E você acha que não falamos sobre isso? Claro que falamos. Sou apaixonada, mas não iludida, Kate. – Rachel murmurou passando uma das mãos em seus cabelos curtos. - Já passei dessa idade e você sabe disso. Quando ele começou com esse papo de criarmos um relacionamento, sem ficarmos nos escondendo de tudo e de todos, eu logo questionei sobre Joana e ele me contou que conversou com ela.

- O que? – Questionei surpresa. – Eles ... conversaram? Mas ...?

- Escuta, morena! É verdade. A Britanny me fofocou a mesma coisa que horas mais tarde Steve me confirmou. Eu não sei quando, mas não deve ter passado de ontem, mas Steve e Joana conversaram seriamente, sobre o relacionamento deles e de toda essa situação. Steve disse exatamente como se sentia em relação a mim e a tudo isso e Joana também não mediu palavras de acordo com o que fiquei sabendo, mas que aceitou a decisão de Steve em seguir em frente. – Pensativa, Rachel me observou e continuou por fim. – Steve não me contou sobre isso, mas Britanny me confidenciou que Joana deixou bem claro que se um dia ele a quiser de volta que ele não perca o tempo dele a procurando porque ela não estará mais lá por ele. – Rachel enrugou levemente o cenho, suspirando de forma lenta. – É, eu acho que realmente terminou.

- Como será que ela está? – Questionei, abraçando as minhas pernas em um ato involuntário enquanto minha mente pensava em Joana, em como ela deveria estar e se na mente dela, ela já pensava em mim com menos dureza que havia pensado nos últimos dias. Dúvidava disso.

- Bom, não garanto a você que isso seja a verdade, já que estamos falando de uma informação dada por Britanny Smith, contudo você sabe que tenho um talento para arrancar confissões das pessoas e não foi diferente com a monstra. Ela me disse sem ao menos notar, que Joana não quer saber do Steve, que ela está decepcionada e de coração partido, mas que já está saindo daquele estado de negação que ocorre em lutos, sabe? Britanny também disse que Joana está dizendo para quem quiser ouvir que ele é igual a todos os outros caras e que ela apenas se enganou ao pensar que ele era diferente e o único amor da vida dela, isso era só efeito do fato de amá-lo e acreditar que seria para sempre.

- Ela disse alguma coisa sobre nós? – Questionei, enrugando levemente o cenho, dúvidando se eu realmente gostaria de saber a resposta.

- Claro. Britanny falou que disseram a ela que Joana não quer falar sobre nós, que ela chegou a deixar o ambiente que estava quando fomos mencionadas. Mesmo não crendo na monstra, eu acho bem provável Joana agir dessa forma depois de toda essa

situação.

- É, eu sei.

- Lucas passa a maior parte do tempo escoltando Joana. Britanny disse que ele está sendo tipo o protetor da princesa rejeitada e abandonada. Qualquer coisa que pode ofender ou magoá-la de imediato, ele a protege, não desgruda dela por nada, Britanny diz que acha que ele está fazendo isso para impedir que Steve ou uma de nós duas se aproxime dela, e piore a situação emocional dela, mas sabemos a verdade, né Kate? Ele é doido por ela desde sempre. Só está fazendo seu papel de apaixonado, tentando proteger e fazê-la se sentir bem e feliz depois dessa situação toda. – Rachel deixou uma risada abafada sair de seus lábios. – Eu me questiono quanto tempo que Joana vai demorar para notar que Lucas é perdidamente apaixonado por ela. 01 mês? 02? Deviamos fazer um bolão, o que você acha? – A olhei seriamente e a mesma ergueu ambas as sobrancelhas. – Ok, entendi. Estava brincando. Por Deus, você está completamente sem humor hoje!

- Como você me quer bem humorada depois de tudo que me aconteceu nas últimas 24? – Questionei de forma fria.

- É incrível, você não faz uma tempestade num copo d'água, você faz uma tempestade numa tampinha de xarope! – Ela esbravejou de forma debochada. – Meu Deus do céu, Kate! Isso não é nada. Já é uma situação praticamente superada, apenas fale com Peter e pronto, vocês serão felizes para sempre como no conto de fadas dos seus sonhos.

- Eu não quero ser feliz para sempre. – Bufei repousando meu queixo em minha mão que estava apoiado a minha perna. – Eu só quero ser *feliz*. Sem tempo cogitado, apenas ser feliz, aqui e agora.

- Eu pensava que toda princesa de conto de fadas queria viver apenas feliz para sempre. – Rachel fez uma expressão pensativa bem debochada e eu a olhei seriamente sabendo o que viria depois disso. – Ou eu devo dizer Lady? Talvez seja essa a diferença, lordes e ladys querem apenas serem felizes no momento, nada de planos apaixonados para eternidade. Gostei, sem pieguices. – Joguei uma almofada

na direção de Rachel que pegou a mesma rindo enquanto eu balançava a cabeça negativamente.

- Eu não sou uma lady. – Falei em um muxoxo. – Eu só quero ser uma garota normal que acorda com os cabelos despenteados, pintas as unhas de preto, faz mechas roxas nos cabelos, usa *all star*, tem problemas de todo e qualquer jovem típico e que só quer que o dia termine bem. – Olho para Rachel, pensativa. - Será que isso tudo está acontecendo mesmo? Será que não é um sonho estranhamente real?

- Já tentou se beliscar? – Ela questionou fazendo uma careta. A olhei enrugando o cenho tentando entender o seu propósito, ela se aproximou de mim, beliscando meu braço, dei um grito abafado, me afastando ligeiramente de Rachel. – Doeu? – Ela questionou de forma cínica

- Não, imagina. Foi apenas uma adorável cosquinha. Loucaaa!

-Se doeu, é óbvio que você não está sonhando, Bela Adormecida. Para de se afundar em questionamentos tolos e vá viver sua vida, Kate. Se tudo está dessa forma é porque tem que ser assim, ponto final. Faça a sua parte para ser feliz, já que é isso que você quer. – Ela se aproximou de mim com aquele olhar faiscante em minha direção, segurou as minhas mãos e sorriu. – Lute por Peter, passe por cima de quem você tiver que passar, principalmente dessa Serena nojenta e de quem mais se colocar no caminho de vocês dois, mostre a eles os seus verdadeiros sentimentos por Peter, não quero que o seu primeiro arrependimento seja em relação a um grande amor perdido, enquanto sobre a Joana, espere. Quando ela se sentir pronta, vamos saber. Enquanto isso, continue vivendo. – Rachel me observou pensativa – Você acha que eu não ligo de ter perdido a amizade dela? É claro que ligo, mas eu preciso seguir em frente e basta para mim saber que tenho você porque sei que a nossa amizade é indestrutível, é o único equilíbrio que tenho em minha vida. Enquanto tiver você, tudo vai ser o suficiente. Por isso, faça que nem eu, siga em frente e lute pelo que você quer. Viva, Kate.

Balancei a minha cabeça positivamente e sem mais nada a dizer dei um apertado abraço em Rachel, a mesma retribuiu o gesto depositando um beijo em minha cabeça,

assim que nos afastamos ela anunciou que iria tomar banho e pediu que eu escolhesse uma roupa confortável, mas que tivesse um ar social para ela usar durante todo o dia. Ela adentrou no banheiro enquanto eu pensava com um sorriso nos lábios, Rachel era a garota com a minha idade que melhor entendia de moda que eu conhecia, ela sabia muito bem que o meu senso de estilo não chegava nem perto do dela, mas ela sempre pedia para auxilia-lá nas escolhas de suas roupas, e sempre fazia isso quando eu precisava urgentemente manter minha mente ocupada, e também creio que era sua maneira de saber se havia me ensinado direitinho a trabalhar com todos os tipos de roupas em todos os tipos de ocasiões.
Não me demorei na decisão, escolhi uma blusa regata branca, uma calça skinny preta de cintura alta, um blazer de tom vermelho, os sapatos seriam um preto de salto alto com tirinhas múltiplas, me arrisquei até a escolher as bijuterias que ela usaria, alguns cordões longos dourados e um par de argolas de mesmo material. Deixando tudo por sobre a cama, arrumado como se estivesse vestindo uma manequim, me retirei do quarto de Rachel entrando na penumbra do meu.

Tateei pelo interruptor, assim que a claridade tomou conta de todo o ambiente notei que não havia nada de diferente ali. Fiquei por breves segundos encostada na porta do quarto, desligada de tudo e de todos. Despertei desse momento singular colocando meu celular para carregar que ligou alguns segundos depois fazendo um bipe. Queria distância dele por tempo indeterminado, mas a minha curiosidade de saber se alguém ligou para mim - Peter iria me consumir e quebrar esse prazo.
Me direcionei para o banheiro, onde me tranquei e talvez tomei o banho mais demorado da minha vida até então ao sair do banho, coloquei a minha mala por sobre a cama, diferente de Rachel, eu nem ao menos me dei ao luxo de utilizar o armário, achava uma perda de tempo tirar todas as minhas roupas para ter que rearrumá-las na mala novamente em menos de 07 dias. Sim, eu sou preguiçosa e ainda correria o risco de esquecer alguma coisa, Rachel pode se dar ao luxo de perder algo, ela é rica; eu não.
Tateei por um vestido, rodado, de material fino e tom branco tendo uma faixa bem abaixo da altura do busto fazendo um pequeno laço discreto, peguei uma meia calça preta, assim vestindo as peças, nos pés como de costume, meu coturno preto.
Passei minhas mãos em minha franja, as mantendo retas, vendo se já precisava

apará-las, mas não, ainda dava para enxergar sem dificuldade, mantive os meus cabelos negros soltos. Me maquiei de forma básica, apenas para não ficar tão pálida como de costume. Tendo terminado de me arrumar, decidi reler as cenas do roteiro para a peça. Procurei por todo o quarto pelo bendito, mas só depois de revirar o mesmo e quase tirar o colchão da cama e os tacos do chão, me lembrei que o havia deixado no quarto de Peter. Junto com os meus dvd's.
Chocolate, chicletes e mashmallows.
Com Peter.
Peter.

Afastei Peter de meus pensamentos, fiquei a rodear o quarto repetindo as minhas falas em um ensaio improvisado, sabia que estava alterando algumas palavras, já que não estava 100% segura do que havia decorado, mas isso no momento teria que dar para o gasto. Tive a ideia de pegar o roteiro de Rachel, mas desisti.
Não queria mais ensaiar, estava cansada de ficar falando sozinha.
Na realidade estava cansada de muita coisa.
Olhei na direção do celular amadurecendo a ideia de mandar uma mensagem a Peter, balancei negativamente a minha cabeça e me voltei em direção do meu netbook, liguei o mesmo logo constatando que precisava carregá-lo, mas não o faria agora, teria minutos o suficiente para conferir alguns sites e meu e-mail, era só isso que eu queria agora. Entrei em alguns sites de notícias sobre o mundo enquanto já navegava no mar de e-mails que havia recebido, alguns eram de Chuck, nenhum feito pelo mesmo, eram apenas correntes ou assuntos aleatórios sobre a política das cidades dos Estados Unidos ou alguns Power point engraçados. Não me concentrei em nenhum, queria mesmo era saber notícias dele, então enviei um e-mail para o mesmo exigindo as, provavelmente ele me responderia com uma ligação, meu irmão era assim, prático.
Fucei alguns links sobre notícias relacionada ao país e sem querer acabei parando no site do google, o desespero era tanto que gritei um "não" diversas vezes como se tivesse acabado de instalar um vírus em meu drive, mas não, havia apenas entrado no google. Bufei, fazer o que né ...Não vendo mal nenhum naquilo digitei "Peter Hartley"na barra de procura e cliquei esperando os links surgirem em minha tela. Olhei ao arredor, como se estivesse fazendo alguma coisa proibida e me voltei para a

tela quando vi que estava em segurança. Eram milhões de páginas com seu nome envolvido, mas me concentrei nas 10 primeiras, a curiosidade antes era tanta que só agora havia descoberto que ele tinha um blog oficial, mas não tive coragem de clicar no mesmo. Observando aquele site me dei conta como tudo aquilo era idiota, eu não tinha necessidade de ficar fuxicando sites de fofocas, nos quais metade daqueles assuntos podiam ser mentira, apenas para ganhar dinheiro em cima de Peter; ele me contaria tudo que tivesse que contar. Pelo menos, era o que eu esperava.
Eu só precisava controlar minha curiosidade, podia fazer isso, não é?
Fechei o google, me concentrando apenas em mais e-mails de assuntos aleatórios, haviam alguns de tio Roux que ele constantemente mandava, eram resenhas de livros que ele fazia e postava no blog de sua livraria, 01 e-mail, contudo se destacou dos outros: Pertencia a minha mãe e havia sido enviado na madrugada de hoje.
Senti um frio tomar conta de meu estômago e abri o mesmo, lendo a seguinte mensagem em voz alta diria até com um certo tom de voz cantante como se parte de mim já esperasse por esse tipo de mensagem de minha doce e querida mamãe:

Quero saber notícias suas.
Fiquei preocupada ao ligar para você e o seu celular informar que estava DESLIGADO. Pensei que tivéssemos combinado que ele ficaria LIGADO 26 horas por dia. Eu entendo que aparelhos telefônicos descarregam, mas estou preocupada com a sua falta de notícias.
Então liguei para Rachel, querendo saber onde você estava e se tudo se encontra bem e ela me disse que você está com PETER, SOZINHOS, NO QUARTO DELE. Tudo bem, não há problema algum nisso.
Juro, estou super tranqüila, AQUI, em Durham, praticamente há 10.000 KM de distância da onde você se encontra no momento.
Super tranqüila.

Se você não me mandar notícias até o fim do dia de hoje ligarei para o controle do navio. Só por prevenção é claro, porque estou super tranqüila com isso tudo.
Com amor, Mamãe.

Ela não está tranqüila.
Ponto.

Desliguei o netbook, abri a minha mochila a procura dos meus cigarros, mas pelo visto era mais fácil encontrar o Wally perdido dentro da minha bolsa talvez Aslam, mas nada dos meus malditos cigarros.
- Gloss, carteira, bolsa de moedas, caderno, estojo de canetas, nécessaire, MP4, casaco, boné, óculos, um livro destruído, livro ... mais um livro destruído, uma revista destruída, elástico de cabelo, sachê de sal, mais dois livros, óculos escuros, óculos de grau, um gato ...
– Murmurei ao tirar o chaveiro de gato preto que eu havia levado, ali não só portava as chaves de casa, mas a de minha lambreta que se encontrava no container do navio.
- ... de pelúcia, uma lanterna, bala, sachê de ketchup; Cigarros, cadê os meus cigarros?

Achei!
Gritei mentalmente segurando eles em minha mão como se acabasse de achar o tesouro perdido do Egito ou fosse a grande campeã de uma importante competição mundial. Me joguei na cama acendendo um cigarro e o tragando lentamente, sentindo aquela fumaça entrando em meus pulmões e os danificando cruelmente.

Dane-se , pensei, dei mais algumas tragadas jogando todas as cinzas num cinzeiro que havia encontrado dentro de uma das mesinhas de cabeceira, o sabor de menta agora refrescava não apenas minha garganta, mas meus lábios também. Fumei mais 03 dessa mesma forma, observando atentamente o teto, não deixando minha mente funcionar, eu queria apenas relaxar. Acho que depois de tudo que passei nas últimas horas, eu merecia alguns minutos só para mim mesma.

Achei idiota continuar evitando contatos diretos com o celular e sem hesitar peguei o mesmo notando que havia perdido 22 ligações: 18 eram de minha mãe, 02 de Joseph, 01 de Charlie e 01 de Rachel. Averigüei novamente vendo que minha visão não me enganara, nada de Peter.
Também haviam mensagens, 08, todas de minha mãe mandando ligar para ela. Tive a ligeira sensação que nesse momento ela deveria estar comprando uma bolha de plástico, provavelmente essa seria a minha moradia pelo resto da minha vida. Digitei rapidamente o número do telefone de casa, quem me atendera fora Joseph , com seu tom de voz firme e desconcerto constante, disse que minha mãe não estava nada

tranqüila, já havia tomado mais de 03 litros de café e não havia pregado os olhos a noite inteira, assim ele também não dormira, nem Chuck, nem os vizinhos já que Bruce, o nosso labrador preto, ficou latindo a noite inteira por culpa da movimentação repentina noturna dos donos. Pedi perdão e contei a verdade, que meu celular havia descarregado e eu não havia notado, ele não pareceu ligar muito; uma das coisas que mais gostava em Joseph, ele era muito tranqüilo, quem não o conhece pensa que ele é dopado, perto da minha mãe então que é mais agitada que um esquilo depois de tomar pó de guaraná não há discussões sobre, o casal perfeito, de forma firme disse para eu nunca mais esquecer de carregar o celular e levar esse conselho a sério pelo resto de minha viagem e desanimado disse que ia passar para minha mãe que mostrou o oposto do estado de espírito do marido.
Ela estava agitada e nervosa, falava mais de 7.895 palavras em menos de um minuto e eu não conseguia nem compreender e nem interrompê-la.
Não tendo escolha desliguei a ligação, talvez assim ela notaria que eu fazia parte da conversa também; o contrário ocorreu, em vez dela notar que liguei para conversar, e não só ouvir, ela começou a brigar comigo.

- Ô garota, você perdeu o pouco de juízo que tem? Você acabou de desligar a ligação na minha cara, foi isso mesmo? – E ela ficou falando sobre esse assunto por pelo menos 05 minutos, assim que ela voltou a falar mais de 10.854 palavras em menos de 01 minuto larguei o telefone na escrivaninha o deixando no viva voz enquanto arrumava as roupas que deveriam ser lavadas para mostrar que ainda estava na linha eu dizia alguns *hum-hum* ou *ah tá*. Assim que ela terminou de concluir o discurso que a nomeava como a mãe mais neurótica, maluca e sem escrúpulos do ano, ela que não saiba que pensei nisso, comecei a falar com ela sobre tudo que aconteceu.

E quando eu digo tudo, eu realmente quero dizer no significado total da palavra. Declarei a ela a paixão e carinho que estava nutrindo por Peter, os segredos que ele guardava e o fato de eu ter descoberto um deles, complementei com os meus temores em relação a quem ele realmente era para sua família e povo, e da atitude de sua tia e prima perante a mim.
Minha mãe parecia mais chocada com tudo isso do que eu, me questionei mentalmente se deveria estar apática como ela, mas logo afastei tal pensamento quando após alguns segundos ela começou a falar de forma calma.

- Siga o seu coração, Katerina. Se você gosta desse garoto, da forma que você diz, não há nada nem ninguém que pode impedir esse sentimento, além de vocês dois. Não é porque ele é um Lorde que as coisas irão mudar entre vocês, por causa da situação social dele ou da família dele, pelo contrário, isso mostra muito do caráter dele, ainda mais porque ele quis que você descobrisse esse segredo por conta própria. Sobre a tia e a prima dele, se mantenha o mais distante possível delas, ainda mais depois do que você disse para a tia dele, se eu fosse você pediria perdão pelo ocorrido ...

- Mas mãe ...

- Kate! – Ela disse daquele modo sério que me fazia enrijecer por inteiro porque eu sabia bem no fundo que ela tinha razão no que ia falar. – Você foi errada. Ela pode sim ter dito coisas inapropriadas sobre você, mas você entrou na onda dela e a ofendeu na primeira oportunidade que teve. Para que? Mostrar que sabia sobre o assunto e que nada que ela fizesse irá afastar você e Peter? Isso não a torna melhor que ela minha filha, a torna pior.

- É, você tem razão.
- É, eu sei. – Ela disse de forma pomposa, mas não mostrei muita animação. - Ouso dizer que ele gosta de você tanto quanto você.
- Porque você acha isso mãe? – Questionei pensativa. – Você nem o conhece.

- Mas você o está conhecendo. Eu sei a boa menina que você é, não iria gostar de um garoto que fosse lhe fazer mal e o pouco que você me contou dele dá para ver que é um garoto de personalidade forte, inteligente e de caráter marcante. Eu já me enganei uma vez com o amor, mas tenho quase certeza que estou certíssima nesse momento.

Mudamos de assunto, falávamos agora sobre a viagem e o que eu estava fazendo em meu tempo livre no navio, contei a ela sobre as aulas de teatro e do motivo delas, acabando por adentrar no assunto Joana, Rachel e Steve. Não me demorei nele, mesmo com Rachel e Steve seguindo em frente, como se esse assunto não tivesse existido, eu ainda me sentia mal com toda aquela situação e provavelmente só me sentiria bem depois de me resolver com Joana, a quem devia e muitas desculpas.

Mamãe me contou algumas novidades, como havia plantado uma roseira em seu jardim e que 10 minutos mais tarde Bruce a destruiu com seus dentes caninos, ela estava pensando em fazer um curso de crochê e participar do clube do livro do bairro, mas ainda estava em dúvida por causa da preguiça hereditária que ela tinha, sendo que em relação a ler livros. Chuck havia herdado isso dela, graças a Deus, eu não.
Assim que encerramos o assunto com a minha mãe que me mandou manter o telefone ligado, tipo, eternamente, consegui falar um pouco com Chuck, contei a ele um pouco de minhas notícias, não querendo me centralizar no drama, já que mamãe contaria de qualquer forma, já Chuck me contou as novidades dele, estava ansioso para a colônia de férias, havia comprado 03 games de tiro novos, mas sentia falta da irmã mais velha para jogá-los, me senti muito amada nesse momento, e por fim, ele disse que estava jogando muito futebol na quadra do rio com seus amigos.

Assim que terminei de conversar com eles decidi que era hora de dar sinal de vida a Peter, precisávamos conversar e não seria um assunto rápido de ser resolvido, eu sabia que o material grosso já havia sido descoberto, ele era um Lorde, ótimo e isso implica em que na vida dele? Como é que é? O que ele achava disso? Era tanto a perguntar e tanto a saber, só desejava que suas respostas fossem recíprocas ao meu desejo. Essa conversa tinha que ocorrer logo, minha curiosidade não iria me manter em sanidade total por muito tempo e eu ainda tinha um almoço com Steve e um teste para uma peça musical, além do mais, Peter estava se recuperando de uma gripe e agora era mais que óbvio que ele não era apenas um jovem normal em uma viagem com sua família para se divertir, ele tinha compromissos políticos, provavelmente hoje ele estava em um deles.
Seria uma boa pergunta essa, que tipos de compromissos ele tinha que participar?

Com a página de contato aberta encostei meu dedo no botão de ligar pronta para fazer tal ato, contudo mordi meus lábios voltando atrás na decisão. Abri a página de mensagens achando mais apropriado para a ocasião:

Você pode se encontrar comigo às 14 horas no Teatro B? Eu preciso muito falar com você.
- Kate

Joguei o celular dentro da minha mochila, junto com tudo que havia retirado da mesma a alguns minutos atrás, a coloquei em meu ombro pensando seriamente em dar um passeio a beira da piscina, talvez comprar algum livro ou revista na livraria ou quem sabe um suco, melhor ainda, o livro do *O Fantasma da Ópera* cairia muito bem agora. Fato, eu precisava comprar alguma coisa.
Era um tipo de terapia feminina mundial, se algo a incomoda, compre qualquer coisa que veja na frente, por que isso vai fazê-la se sentir melhor, brevemente, porque quando você vê o saldo da sua conta, tudo volta a ficar ruim, dependendo da situação financeira fica pior ainda.
Assim que joguei as roupas sujas na cesta da lavanderia e em seguida coloquei embaixo da porta do quarto de Rachel um bilhete avisando a ela que iria caminhar um pouco e que qualquer coisa ligasse para o meu celular, que provavelmente iria descarregar novamente em algumas poucas horas, mas não me prendi nisso, foi no momento que achei o cartão chave, depois de revirar todo o quarto a procura do mesmo, o encontrei no bolso do short que vestia, foi quando ouvi o meu celular começar a tocar o tema da série "Pretty Little Liars". Entortei meus lábios prestando atenção na letra da música tendo uma sensação de que aquela música combinava demais com a minha atual situação.
Ao achar o celular, - hoje estava com uma dificuldade de encontrar coisas, começando pelo meu juízo - temendo que a pessoa que estivesse ligando desligasse, quase deixei o aparelho escorregar de meus dedos ao chão. Era Peter que estava me telefonando, sem delongas atendi o telefonema sentindo aquele conhecido nervosismo tomar meu estômago.

- Peter!

- Oi, Kate. – Ele disse do outro lado da linha de forma serena, mas senti uma pontada de preocupação em sua voz e também notei um som familiar de movimentação ao fundo, ele deveria estar fora do quarto, sem delongas sai do quarto desejando que Peter estivesse naquele corredor, mas não.

Ele não estava ali para me surpreender com um buque de rosas como ele provavelmente faria se não estivéssemos em crise.

- Tudo bem com você? – Notei assim que conclui a questão que essa era a pergunta mais idiota que eu poderia ter feito. Ele estava bem, se não estivesse não teria me ligado. – Quer dizer, é claro que você está bem. – Complementei enquanto descia as escadas indo em direção ao saguão principal.

- Na realidade, não estou muito bem. Não gostei de como as coisas ficaram depois que você foi embora.

- É, eu também não gostei. – Me calei, logo sentindo aquele silêncio tomar conta do assunto, parei próxima a borda do navio cercada por diversas pessoas que estavam a passear pelo local: adultos, idosos, jovens e crianças indo para suas atividades do dia. O sol não estava fazendo questão de ficar no céu e notei algumas nuvens carregadas ao norte, passei uma das mãos em meu rosto sentindo que tinha que quebrar aquele incomodo momento. – A gente precisa conversar.

- Eu sei, eu li a sua mensagem.
Que bom! Ele sabe ler.
O meu lado sarcástico se apoderou de minha mente enquanto bufei externamente.

- Tem como ser às duas horas? – Resolvi continuar o assunto, não queria ser sarcástica no momento errado. Como ele não respondeu continuei. – Ou você tem algum compromisso marcado?

- Eu ia convidar você para almoçar, mas me lembrei que você marcou de comer com um amigo e ... Eu também marquei de almoçar com a minha família, só tinha me esquecido. – Com a última frase ergui uma sobrancelha tendo uma imagem de Serena e Miranda em minha mente. É, por sorte ele tinha Amelia e Dorian como família também, depois dessa manhã havia ficado com uma péssima impressão de ambas, temendo que o resto de sua família fosse uma cópia de sua tia e prima, e tinha certeza que isso não mudaria por um bom tempo. – Então, podemos nos ver sem falta no teatro B como você propôs.

- Ótimo então, a gente se vê daqui a pouco.

Sem mais nada a dizer ele concordou, tive a impressão que ele ia dizer algo mais,

contudo desliguei a ligação antes que o mesmo dissesse.
Me debrucei na borda do navio observando o oceano.
Estava em uma tonalidade azul marinho impenetrável.
Profundo e cheios de segredos como os olhos de Peter.

Capítulo 18

Eu quero que você saiba

Perdido e inseguro
Você me achou, você me achou Deitado no chão
Cercado, cercado
Por que você teve que esperar? Onde você estava? Onde você estava? Só umpouco tarde
Você me achou, você me achou

Por que você teve que esperar Para me achar? Para me achar?

You Found Me – The Fray

Depois de caminhar por mais ou menos meia hora, me sentei em uma das cadeiras acolchoadas na área da piscina principal, que não estava tão cheia como costumava já que o sol não era presente naquele dia e pesadas nuvens tomavam conta do céu em seu lugar, contudo haviam alguns passageiros desfrutando do local com seus amigos e familiares que aproveitavam a água morna da piscina e a privacidade, esse era o meu caso. Eu lia provavelmente pela milésima vez um trecho qualquer de *Orgulho & Preconceito* de Jane Austen, o livro que estava tão destruído, marcado com caneta marca texto amarela, cheio de papel marcando páginas e com dobraduras de todos os tipos que chegava a dar pena do mesmo, mas eu o adorava, foi o meu primeiro livro de Austen, era como uma relíquia para mim.
Eu não sabia por quanto tempo havia ficado ali, relaxando e concentrada na leitura enquanto ouvia música através do meu MP4, no momento tocava uma banda de rock não tão famosa como merecia ser, de repente senti meu celular vibrar em meu bolso, ao pega-lo vi que era Steve que estava a me ligar, ao atender ele questionou se o almoço estava de pé, afirmei a questão e ele me deu a localização do restaurante que ele estava interessado em comer e disse que já estava indo para lá, sem reclamar apenas concordei e segui o caminho indicado.

Devo ter demorado uns 05 minutos para chegar no tal lugar e quase dei meia volta tendo o desagrado de descobrir que era um restaurante de frutos do mar; nada contra frutos do mar, mas sendo alérgica a praticamente todos eles, menos carne de caranguejo e peixes diversos, se torna inútil ir num restaurante que se baseia só nesse tipo de culinária e confesso que o cheiro de ambientes assim não costumam ser um dos melhores.
Enquanto ligava para ele, caminhava lentamente observando através do vidro do ambiente se conseguia encontrar Steve lá dentro, antes que ele atendesse, mas não foi

dessa vez, assim que ele me atendeu, perguntei aonde o mesmo se encontrava e ele disse que havia conseguido um lugar na varanda, rapidamente me dirigi até tal lugar, driblando alguns espontâneos e animados garçons e logo me encontrei com Steve; ele estava com um grande sorriso em seus lábios e sua expressão estava muito mais serena e tranqüila do que da última vez que eu o havia visto. Ele me abraçou de forma apertada, daquela forma gostosa que só Steve sabia fazer, seus abraços eram uns dos seus melhores atributos e eu adorava, me fazia sentir tão bem.
Nos sentamos um de frente para o outro, infelizmente o clima não estava tão agradável para ficar sentados na varanda, uma brisa fria e incomoda batia no ambiente e percebi que deveria ter pego um casaco antes de sair do quarto. Ficamos a conversar, logo adentrando no assunto da peça de teatro que ele estava totalmente desconfortável em participar, declarando que não é bom em nada que um ator necessita, contudo ressaltei que ele era bonito e isso já era desculpa o suficiente para enfiarem ele no palco por apenas alguns minutos, quem sabe até mandarem ele tirar a blusa caso descobrissem que ele tem um *six pack*.
Por mais que a conversa estivesse leve e agradável, no fundo queria questionar sobre a briga dele com Lucas, mas preferi não entrar no assunto logo de cara, esperaria outra oportunidade; eu conhecia Steve muito bem para saber que seu pavio era curtíssimo, confesso que supera o meu.

Era divertido conversar com Steve de forma normal, sem pressão, éramos apenas dois amigos rindo e brincando sobre algo do nosso atual cotidiano, como nos velhos tempos. Sentia falta disso, de ficar com Steve em um momento apenas nosso, de sentir que ele era, além de tudo, o mesmo cara de sempre, aquele cara do ensino médio que sempre me defendia quando algum idiota dava em cima de mim na rua ou que me fazia rir quando no fundo queria chorar por 03 dias e 03 noites, me dava sustos esporadicos e fazia brincadeiras desprentensiosas só para me ver feliz. Era tranqüilizador saber que nada havia mudado entre nós desde a descoberta de toda a verdade do triângulo amoroso; ele ainda era o meu amigo Steve.
Demorou um pouco para um garçom vir até a nossa mesa nos atender e deixar os cardápios, mas nem nos importamos com tal demora a conversa entre nós estava muito boa. Steve estava em dúvida entre uma calderada de frutos do mar ou uma boa porção de salmão, por outro lado, eu estava em dúvida entre salada de verduras,

batata fria e filé de bife ou frango. Acabei escolhendo a primeira opção, junto com uma *coca cola* que foi a mesma opção de Steve.
Assim que o garçom se retirou com nossos pedidos voltamos à conversa que estávamos, mas não demorou muito a Steve entrar no assunto que ele, de fato, queria falar comigo:

- Eu já sei que Rachel te contou sobre nós, eu queria tivessemos lhe contado juntos, mas você conhece a Rachel, eu sabia que ela não iria se controlar por muito tempo, ela não consegue guardar nenhum segredo de você; é assustador. – Steve sorriu como se tivesse pensado em algo em particular, logo voltou seu olhar em minha direção. - Fico contente em saber que você reagiu de forma positiva a nossa união, diferente de muitos que querem nos condenar por nossa decisão para nós basta saber que você nos apóia.

- Fique tranqüilo e seja bem vindo ao clube dos renegados. Eu sei muito bem como é ter uma multidão querendo açoitar você. – Murmurei de forma sarcástica, enquanto um garçom colocava um copo com limão e gelo as nossas frentes para nos servir o refrigerante, parei de falar esperando ele terminar de nos servir e assim que ele se afastou continuei. – Além do mais, porque não agiria de forma positiva? As únicas pessoas que podem ter algo contra essa situação foram comunicadas e não houve nenhum problema em relação a decisão. O que importa mesmo é que vocês dois estão felizes com essa decisão e Joana já sabe sobre o assunto, a partir de você que é o importante e não de alguma fofoqueira chamada Britanny Smith; o resto, que se dane.

- Eu imaginava que você ia dizer algo assim. – Ele disse, bebericando o refrigerante e fazendo uma careta. – Ah, como eu queria uma cerveja!
- Lembre-se, você tem um teste teatral para fazer em algumas horas, ir alcoolizado não irá agradar os professores, mas pode ser divertido para seus colegas de turma.

- É por isso mesmo que eu deveria ficar bêbado, assim não ganharia nem o papel de figurante número 03. – Abafamos uma risada, logo resolvi beber um pouco do refrigerante para refrescar minha garganta. – Contudo, é melhor para a minha imagem desgastada evitar aparecer em público bêbado; o pessoal está muito irritado comigo

sóbrio quem dirá bêbado, principalmente depois da minha briga com Lucas, eu deixei de ser o garoto mais amado da turma e me transformei no garoto mais malvado, quase como um *bad boy*, sendo que ninguém quer estar perto de mim.

- Já que você comentou sobre isso, porque vocês brigaram? – Questionei.

- Todo mundo sabe sobre o assunto, incluindo pessoas que nem fazem parte de nossa turma, mas você como sempre, não tem ideia do que aconteceu. – Ele murmurou de forma cômica e não julgadora.

- O que posso fazer se tenho repulsa a fofocas e passo a maior parte do meu tempo ocupada em atividades que exigem muito do meu tempo e cérebro. – Murmurei sorrindo de lado, tomando mais um gole da bebida.

- Então o garoto britânico se transformou em uma *atividade*? – Steve questionou de forma maliciosa e quase me engasguei com o gole que estava a tomar. – Ei, calma! Estou brincando. Rachel me contou que vocês passaram a noite juntos, por isso resolvi brincar. Pelo visto as coisas estão ficando sérias entre vocês...

- Nós estávamos falando sobre a sua briga com Lucas, não mude de assunto. – Murmurei, tentando mudar o foco da conversa com uma expressão seria.

- Nem você tente fugir do assunto. – Steve disse, mas logo enrugou o cenho escondendo um sorriso nos lábios – Tudo bem, eu não resisto a essa sua carinha de mandona, eu conto sobre a minha briga e você me conta sobre você e Peter logo em seguida, feito?

- Feito, mas não sabia que agora barganhávamos em nossa amizade. Quem diria, huh? Há que nível deplorável chegamos! – Murmurei de uma forma fingida de decepção, enquanto Steve ainda mantinha aquele sorriso leve escondido em seus lábios.

- Como sempre, Kate, é você quem faz o jogo, eu apenas tento seguir as regras. – Steve sorriu e em seguida com um olhar charmoso murmurou. – Imagine eu e você como um casal, huh? Seriamos perfeitos um para o outro. Lindos, inteligentes,

charmosos e populares. Eu seria o cara que todas as garotas iriam desejar, obedecendo e fazendo tudo que a minha namoradinha mandona e espertinha quisesse. Se você for pensar bem, eu sempre fiz isso desde que nos conhecemos ... Será que somos um casal e nem sabíamos? – Steve questionou com uma expressão cômica enquanto abafei uma risada e ele fez o mesmo.

- Não! Eu e você como casal jamais daria certo, Steve. Sei coisas da sua vida privada que eu sinceramente não gostaria de saber se fosse sua namorada, além do mais nunca poderíamos ser um casal feliz, seriamos perfeitos demais, ia acabar se tornando algo entediante. Eu gosto de imperfeição, você sabe disso. – Murmurei, bebericando novamente o meu refrigerante. – Mas não se intimide com as minhas afirmações, conte me logo sobre a tal briga.

- Começou como qualquer outra briga. Trocas de farpas, xingamentos, uma garota chorando, outra tentando impedir o inicio da briga, alguém gritando "briga briga briga" de uma forma enrolada e bêbada, até agora acho que era um colombiano, enfim quando vi já estava distribuindo socos e pontapés em Lucas. – Ele disse a sentença completamente sem ânimo, sua expressão caira como se tivesse levado um banho de tristeza em sua vida. – Eu me arrependo muito por tudo isso. Eu havia bebido, não estava tendo o meu melhor dia, então tudo foi se acumulando ... A única coisa que eu queria era explicar tudo a Joana, resolver essa situação toda de uma forma plausível, mas Lucas se meteu na situação na hora errada. Eu estava com raiva de mim mesmo e mais ainda dele que estava ali por ela, a abraçando e sendo o cara que eu não fui. Foi inevitável! O ciúme bateu mais alto, quando vi já era tarde demais ...

- E como isso tudo terminou?

- Uma confusão se formou. Um monte de gente se intrometeu querendo ver o que estava acontecendo. Alex e Chris tentavam nos separar, Joana estava chorando desesperada querendo ajuda, enquanto Rachel observava tudo de longe, não demorou muito para dois seguranças aparecerem e nos levarem para a sala de administração. Um carinha bem irritante, um tal de Arthur acho, começou a nos dar uma bronca, nos ameaçar, dizendo que iria nos processar por perturbação no navio e bla bla bla ... Mas um dos seguranças foi chamar o Martin e a Sharon e assim que eles chegaram

toda a situação foi resolvida. Bom, o resto você sabe ... Em vez de uma multa teremos que participar desse evento beneficente tudo ideia do Arthur para que soframos muito nos nossos últimos dias nesse fantástico navio dos infernos.

- E o Lucas? - Questionei. Não sabia como o mesmo estava já que não nos falávamos a um bom tempo, mas precisamente desde o dia que ele emprestou roupas a Peter. – Você sabe como ele está?

- Ele é o Lucas, Kate. Ele está bem, nada o afeta por muito tempo, além do mais, isso nem deveria o afetar já que a culpa foi minha; eu tenho essa noção. O pior de tudo era vê-lo tentando se defender de mim sem nem ao menos me confrontar... sabe porque? – Ele pausou girando o seu copo em sua mão em um circulo ilusório, observando o limão dentro do mesmo de forma pensativa. – Porque ele se lembrou de algo que eu esqueci no momento da raiva e do ciúme, que somos melhores amigos; éramos.

- Vocês já conversaram sobre isso?

- Joana está hospedada no quarto de Lucas e o mesmo está grudado nela feito irmão siamês, foi inevitável não encontrar com ele no dia seguinte, então conversamos sobre o que havia acontecido, ele aceitou o meu pedido de desculpas, mas o achei um pouco distante, não é por menos, eu deixei uma marca roxa bem feia na cara dele, ele tem todo o direito de ser frívolo comigo daquele instante em diante. – Steve parou de falar enquanto colocava mais refrigerante em seu copo, um sorriso leve caiu em seus lábios e ele olhou em minha direção. – Agora me conte sobre você e Peter.

Um sorriso escorregou em meus lábios ao ouvir o nome de Peter ser mencionado, mas minha mente foi tomada por uma questão: Contar ou não contar tudo a Steve? Por mais que fossemos amigos há anos e que tivéssemos passado por bons e maus momentos juntos por diversas vezes, eu não me sentia segura e confiante em conversar sobre o segredo de Peter com ele. Não era uma questão de ‘‘não confiar” em Steve, mas sim, uma questão de estar revelando algo sobre alguém sem que essa pessoa ao menos tivesse permitido tal coisa, no caso de Peter, acreditava que ele nem desconfiasse da minha descoberta não podia ficar falando sobre isso com

qualquer pessoa.
Parecia hipocrisia de minha parte querer omitir isso de Steve, já que havia contado a Rachel absolutamente tudo que rondava em minha mente e juntas descobrimos o tal segredo, mas com Rachel era diferente.
Infelizmente, essa era a verdade.
Rachel fazia parte de mim de uma forma incontestável. Não contar algo para ela seria como mentir para mim mesma não contar algo para Steve era como apenas omitir temporariamente aquilo que não podia ser revelado agora.
Já tinha a minha resposta então, mantendo o sorriso em meus lábios respondi de forma sincera a sua pergunta. Contei a ele sobre o que havíamos feito na noite passada - filmes, janta e dormir, apenas isso - omitindo todo o resto - amasso na madrugada, amasso na varanda, amasso no banheiro, Serena, Miranda e seu legado como Lorde. Steve parecia muito satisfeito com esse meu pseudo-relacionamento, eu não tinha certeza, mas acreditava que ele não conhecia Peter, diferente de Rachel que já havia trocado algumas palavras com ele, mas mesmo assim ele demonstrava interessado no assunto, mas sempre mantendo aquela visão masculina sobre relacionamentos, mas podia ver em sua postura que o habitual ciúme de irmão mais velho, que ele tinha comigo, já estava brotando em si; é o Peter era o cara.

O garçom voltou à mesa com os nossos pedidos, pedindo perdão pela demora, já que o estabelecimento estava mais lotado do que o esperado e alguns funcionários entraram de folga no dia errado, rimos de forma educada com a afobação e nervosismo do jovem, mas não deixei de notar pela sua postura e tom de voz que ele era homossexual e tive a certeza quando o vi observar de forma maliciosa Steve que agradeceu com gentileza a preocupação do jovem; ele nem ao menos notará a intenção do jovem garçom e tive que conter a risada quanto a isso.
Steve e eu ficamos a conversar sobre outros assuntos, fora de nossos assuntos pessoais, falamos sobre nossas famílias, as saudades que tínhamos deles, o que estávamos fazendo em nosso tempo livre e o que queríamos fazer antes de sair daquele navio, tantas atividades, tantas vontades, tão pouco tempo.
A comida estava deliciosa e o papo também, como de costume, assim que terminamos Steve decidiu se aventurar com uma taça de sorvete de chocolate com morango, que parecia estar geladíssimo, enquanto eu escolhi um pedaço de torta de

limão que estava tão crocante que senti minha boca salivar.
Enquanto comiamos entramos no assunto que de fato ele queria tanto desabafar.

- Foi melhor assim, sabe? Eu contei toda a verdade a ela. Como começou esse sentimento pela Rachel, como toda essa situação se desenvolveu até o exato momento. Jo foi muito compreensiva, bem mais do que eu podia esperar; eu senti certa rudez no tom de sua voz e frieza em sua atitude, mas ela me ouviu e foi coerente com tudo que disse não fez nenhum drama, aceitou tudo de forma sensata e foi sincera. – Steve pausou, observando por breves segundos o oceano em seguida voltando a me olhar. – Eu sempre vou amá-la e deixei isso bem claro, mas sei que o nosso amor já não é o mesmo há muito tempo, eu não foi por falta de esforço de nossas partes para fazê-lo reacender. Ele estagnou de forma cruel e isso não tem volta. Eu quero o melhor para ela e eu tenho noção que eu não *sou* esse melhor. – Ele sorriu levemente, me observando. - Eu tenho a completa certeza que estou apaixonado pela Rachel e eu quero viver esse amor como se não houvesse amanhã.

- Sabe o que eu acho? – Falei enquanto o observava, o mesmo balançou a cabeça mostrando não ter ideia. – Que você está se precipitando em uma decisão que o seu coração não tem certeza. – Steve abriu a boca para me responder, mas eu continuei. – Antes que você se defenda quero que você se coloque em minha posição, sou a melhor amiga de Rachel e Joana, o que importa agora é que vamos fingir hipoteticamente que você não seja meu amigo, nem colega ou conhecido e que fizesse isso tudo que você fez de fato, traiu Joana para ficar com Rachel; eu, como amiga delas, não confiaria em você. Saberia que Rachel correria grande risco de ter um coração partido do mesmo modo que ocorreu com Joana.

- Você está dizendo então que não confia em mim? – Steve questionou em dúvida, largando a taça de sorvete na mesa.

- Não, eu estou dizendo que *não* confio em seu atual julgamento. Eu não disse isso a Rachel, mas eu acho precipitada essa decisão de vocês de começarem um relacionamento; eu apoio, mas acho precipitado. – Me aproximei um pouco de Steve falando em tom de voz baixo, tentando passar confiança. – Pode me chamar de recatada, mas me entenda, vocês mal esperaram o defunto descansar e já saíram por

ai feito um casal, de mãos dadas e trocando caricias e beijinhos para qualquer um ver e eu sei que não tem nada a ver comigo, mas vocês passaram uma noite juntos, e não foi uma noite como a minha e de Peter, porque tudo bem vocês quererem ficar juntos, na mesma cama, um ao lado do outro, mas não acha que é um pouco apressado ... levar essa relação a esse *nível*?

- Recatada! – Steve disse pausadamente com uma expressão maliciosa. – Desculpa Kate, mas você precisa entender que não é todo mundo que tem essa sua visão romântica da vida. Eu não sou o Peter, não vou fazer um jantar romântico para uma desconhecida e ficar vendo filminhos com ela fingindo que não estou nem um pouco interessado em entrar nas calças dela. – Fiz uma careta ao ouvir a metáfora dita por Steve, revirei meus olhos tentando ignorar o julgamento habitual que Steve tinha em relação a todos os homens: que todos eles só pensam em sexo. Concordava com isso, mas havia seus pontos a discordar. Eu e Rachel combinamos nesse quesito, não acreditamos nessas babaquices emocionais de romance, de esperar o momento certo para seguirmos para o próximo passo do relacionamento. De esperarmos Joana se sentir bem para podermos sair juntos e mostrar ao mundo que somos um casal. Entenda isso: ela não vai ficar bem hoje, nem amanhã e nem depois e eu vou seguir a minha vida. Nós sentimos vontade e transamos, acabou. Sem culpa e arrependimento, além do mais, teríamos ficado arrependidos se não tivesse acontecido por que era o que queríamos naquele momento.

- E ai que você se engana, Steve. Isso só mostra como você não está pronto para dar esse próximo passo nesse relacionamento com Rachel. Por mais que ela tente não transparecer, ela é romântica sim e quer romance da mesma forma que quer sexo sem compromisso. Sabe por quê? Porque ela é uma garota, todas nós queremos isso mesmo não confessando. Eu, por exemplo, detesto romance, principalmente daqueles melosos no melhor estilo *Romeu & Julieta*, mas eu amo tudo que o Peter faz de romântico para mim; eu me sinto a garota mais sortuda do mundo. – Pausei, tentando soar seria e mostrar a ele o meu verdadeiro pronto de vista. - Steve, a Rachel nunca gostou de alguém como ela gosta de você, pronto falei. Então não pense que para ela esse relacionamento vai ser liberal e casual como os momentos que vocês tiveram enquanto você namorava a Joana. Eu sei que parece que estou sendo chata e implicante, mas eu só estou temendo pelo bem estar da minha melhor

amiga, eu não quero que ela termine como a Joana com um coração partido e desvalorizada.

- Eu acho melhor a gente encerrar esse assunto agora. – Steve disse sério, com uma pequena ruga de expressão surgindo em seu cenho. Ele fez um sinal chamando o garçom que nos atendeu, pedindo a conta. – Não se preocupe, eu vou pagar.

- Não. Tanto para o assunto ser encerrado quanto para você pagar a conta.– Passei uma das minhas mãos em meus cabelos o observando incrédula. - Porque você quer parar de falar sobre?

- Porque eu não quero discutir com você sobre isso. Eu e Rachel decidimos que queremos ficar juntos da *nossa* forma e ninguém vai mudar isso ou nossa maneira de ser um casal ... muito menos você, Kate. – Ele murmurou com certo pesar, mas o seu tom de voz era firme e decidido. - Foi como você disse, as únicas pessoas que tinham que discordar sobre isso aceitaram muito bem a situação escolhida. Eu não quero entrar em uma discussão com você sobre algo que eu tenho certeza e que você não tem que opinar. Eu conheço a Rachel o bastante para saber o que ela quer e o que ela não quer. – Ele balançou a cabeça negativamente – Eu sabia que você deveria ter ficado fora disso.

- Você tem razão, eu não tenho nada a ver com isso e sim, deveria ter ficado fora dessa situação desde o inicio, mas não foi isso que aconteceu, porque vocês me tragaram para dentro disso, então agora agüente com o arrependimento que fique bem claro que a partir do momento que Rachel está envolvida em o que quer que seja eu tenho muito a ver com o assunto e eu vou fazer o possível para protegê-la de se machucar. Eu sei que é tolice impedir que ela sofra, mas fazer o que? Eu gosto de causas impossíveis. – Steve me olhou de forma descrente, balancei a cabeça negativamente incrédula para como a situação havia se transformado em um momento tão desagradável. – Você já notou que desde que esse triângulo foi exposto as nossas vidas *nós* nunca mais fomos os mesmos? Sempre terminamos os nossos encontros assim, discutindo e magoados um com outro. Eu cansei disso tudo sabia, Steve? Joana não quer saber de mim, Lucas está afastado de mim porque ele optou a que lado ele ia apoiar, não o culpo pela sua escolha, queria ter tido a mesma coragem

que ele, mas não tive ... Alex e Chris já deixaram bem claro que não me querem por perto e me consideram uma hipócrita e isso tudo é culpa dessa traição sua com a Joana ... E principalmente culpa minha por não ter sido sincera com ela quando tive oportunidade, então para mim já chega, não quero mais saber de mais nada disso, esse assunto está terminantemente proibido de ser falado entre nós dois, estamos entendidos? Antes que acabemos perdendo um ao outro e não sei se tenho condições emocionais de perder você.

- Não acha que isso é um pouco exagerado? Nós só estamos tendo opiniões diferentes em um assunto que é polêmico para ambos. – Steve murmurou com a testa franzida, parecendo surpreso com meu desabafo.

- Não, não acho. Porque toda vez que falo desse assunto polêmico com Rachel não acontece discussões incomodas e sem propósito, o que é o oposto que acontece entre nós. – Balancei a minha cabeça negativamente, não gostava realmente do caminho que aquele almoço havia seguido, peguei a minha bolsa, me preparando para sair daquele ambiente enquanto Steve me observava incrédulo – É melhor eu ir embora e não se preocupe, eu pago pelo meu almoço. Foi bom passar esse tempo com você, ver que mesmo durante a tormenta ainda somos Kate e Steve, pelo menos é o que acho.

- Kate, não faz isso. – Steve murmurou, transparecendo arrependimento. – Não vai embora assim. Vou me sentir mal se você for embora dessa forma.

- Não, não se mártire dessa maneira. Eu já iria embora de qualquer forma, isso não tem nada a ver com você e com nossa pequena discussão, eu tenho um compromisso depois daqui e é melhor eu já ir indo porque não quero chegar atrasada. A gente se vê no teatro, certo? – O observei e o mesmo balançou a cabeça de forma positiva e eu sorri levemente, mas aos poucos desfiz o sorriso ficando com uma expressão seria. – Cuide bem dela, ok? Só isso que tenho a dizer, por fim.

Me levantei do local e sem nada mais a dizer me direcionei até o caixa principal, onde falei com uma moça de aparência simplória, pedi a ela a minha conta informando qual mesa eu fui servida e o que havia comido, assim ela acharia mais

rápido a minha nota, mas a mesma teve que chamar o garçom ao qual me atendeu, assim que ele se juntou a nós ele separou os pedidos de Steve dos meus e fiquei surpresa de o valor não ter sido tão alto como temia. Por fim, fui embora do restaurante, me dirigindo para o Teatro B, só constatando na metade do caminho que faltavam 03 minutos para as duas horas, não corri como qualquer pessoa normal faria, eu simplesmente continuei a andar calmamente sentindo meu estômago se revirar em um nó nervoso e eu sabia que não tinha nada haver com a comida maravilhosa que eu tinha comida.
Isso era outra coisa, melhor, pessoa. Peter.
Eu ia ver o Peter.

Ao chegar no corredor do teatro B constatei que o mesmo estava cheio de alunos da turma do dia anterior, que estavam espalhados por todo o ambiente: alguns parados próximos a borda do navio, outros sentados em cantos estratégicos ficando recostados nas paredes de modo confortável, alguns simplesmente se colocaram no meio do caminho para atrapalhar a passagem de qualquer ser humano, mas uma coisa todos ali tinham em comum, suas expressões nervosas e roteiros em mãos.
Olhei ao arredor a procura de Peter, mas nenhum sinal de um jovem loiro,de olhos azuis marcantes e existência que fizesse cada fibra do meu corpo gelar e arrepiar de paixão.

Cruzei o caminho indo em direção a entrada do teatro, notei que no palco tinha um colega do *Durham Cathedral*, um garoto com quem conversei muito pouco, sempre implicante e infantil, ele tinha essa habilidade de afastar pessoas com o pequeno cérebro que tinha. Bem atrás dele haviam algumas pessoas que estavam trabalhando com os cenários, uns pintavam alguns pedaços de madeira de uma grande placa que retratava o fundo da primeira cena de Christine Daae como protagonista, se não me engano, outros construíram algo desconhecido, jurava que havia visto Amelia e Dorian trabalhando em um painel ali próximo, mas talvez fossem meus olhos me enganando.
Logo notei que Sharon, Martin, Melissa e Raj estavam sentados um ao lado do outro, no centro da platéia, enquanto observavam atentamente o teste do jovem, outra coisa que meus olhos não conseguiram ignorar era uma câmera que estava bem no meio do corredor e tinha uma luz verde acesa que piscava a cada novo segundo,

era óbvio que os testes estão sendo gravados, assim eles poderiam assistir com mais atenção e fazer uma escolha mais sensata de quais atores fariam que personagens.
Ótimo, assim eles podem colocar a minha vergonha nacional no youtube.
Próximo a entrada estavam três colegas de curso, me aproximei deles e pedi licença, perguntando como estava sendo desenvolvido os testes, a jovem oriental que hoje tinha mechas roxas em seus cabelos respondeu que os professores estavam escolhendo quem fosse entrar aleatoriamente, mas que eu não precisava ficar preocupada com a demora já que estava sendo bem rápido, em menos de 10 minutos 05 alunos já tinham feito o teste. Agradeci pela informação e decidi dar privacidade a ela e seus amigos.
Notei que no ambiente haviam acabado de chegar Joana, Lucas, Alex e Chris, pareciam estar entretidos em uma conversa animada e a meu ver, Joana parecia muito mais alegre, cruzei o caminho passando bem em frente a eles, olhei discretamente notando que Joana me observou atentamente, parei bruscamente acreditando que poderíamos talvez trocar algumas palavras, mas logo ela afastou seu olhar, me ignorando, sorri de forma leve quase que cômica, eu era muito idiota de acreditar que ela voltaria a falar comigo de um dia para o outro e continuei meu caminho. Decidi parar num local bem afastado de todo aquele falatório, além do mais, ali teria um pouco de privacidade com Peter, assim que ele chegasse.
Se é que ele fosse chegar.
Peguei meu celular constatando 0 mensagens e ligações.
Isso era um bom sinal, significava que ele não tinha cancelado o compromisso.
Ainda.
Argh!
Odiava ficar esperando.
Sabia que não estava ali a menos de 10 minutos, mas o meu nervosismo sempre foi mais forte que o meu lado racional, se Rachel estivesse ali ao menos estaríamos conversando e talvez minhas mãos não estivessem suando tanto e meu estômago não teria trocado de lugar com meu pulmão direito de tanto nervosismo.
Mais minutos se passaram, 05 colegas do *Durham Cathedral,* cada um em seu momento, foram chamados por Raj para fazer o teste enquanto eu pedia mentalmente a Deus para que Raj se esquecesse de chamar meu nome naquela lista que ele carregava em mãos que ele sentisse uma vibração horrível ao ler meu nome e

decidisse me deixar para o final ou que pelo menos me chamasse depois que Peter chegasse.
Eu estava nervosa e insegura com o teste que iria fazer, havia treinado pouquíssimo e eu odiava a sensação que não havia dado o meu máximo e nervosa por Peter não estar ali; mais um defeito para sua listinha de imperfeições: ele sofre da doença *atrasadis agudis*.

Continuei parada no mesmo lugar, repassando mentalmente a cena que iria fazer. Cansada de atuar comigo mesma fechei meus olhos afundando minhas mãos em meu rosto, escorreguei elas pelos meus cabelos e senti meu coração vacilar, pensei em Peter de imediato e olhei para o lado, me deparando com Peter que vinha em minha direção, ele trazia algo em mãos e estava há alguns metros de distancia, mas só o fato de vê-lo senti meu coração desacelerar e acelerar rapidamente o que temi ser um breve enfarto. Ele parecia melhor, muito melhor se podia ser mais clara.
Como ele conseguia ser tão bonito assim, pelo menos para mim?
Os olhos, pele, cabelos, boca, seu sorriso perfeito que apenas se iluminava daquele modo especial a me ver, mesmo que ele não sorrisse agora... Peter, *meu* Peter.
Olhei na direção de meus coturnos tentando não encarar Peter por muito tempo, por mais que fosse uma visão dos Deuses, eu temia que meu coração não ia suportar a tanto tempo essa quantidade abusiva de emoções, tentando afastar o nervosismo pela trigésima vez nessa viagem, ele parou na minha frente, no exato momento, que ergui meu rosto na direção do seu.
Os nossos olhos se encontraram e ficamos a nos olhar de modo intenso, sem a pretensão de parar; ele estava sério de uma forma que eu nunca virá antes, mas os seus olhos tinham algo de diferente, parecia pesar, temor, aquela preocupação de mais cedo e um resquício de esperanças.
Peter abriu os lábios para dizer algo, mas logo os fechou, enrugando levemente o cenho, em dúvida, mordi meus lábios me sentindo desconfortável com essa situação.

- Eu pensei que você não fosse vir mais. – Falei em um tom suave de voz, abafando uma risada.

- Eu disse que ia vir, não sou de quebrar uma promessa. – Peter me observou com atenção, ainda com o cenho enrugado, isso lhe dava uma aparência de mais velho e

ele parecia tão tenso quando fazia isso.

- Você parece melhor da gripe. – Questionei em um tom suave de voz. - Como se sente?
- Estou, de fato, melhor. Obrigada pela preocupação. – Ele continuou a me observar seriamente e falou, observando discretamente o nosso arredor. – Olha, eu sei por que você quer conversar comigo.

- Sabe? – Questionei surpresa, erguendo ambas as sobrancelhas.

- Eu não quero que as coisas terminem assim, Kate. Eu sei que a minha tia foi rude e grosseira com aquelas palavras nojentas sobre você e ordens maldosas que disse a mim esperando que eu obedecesse prontamente e tenho noção que minha prima também não foi um *doce* de pessoa, mas não acho coerente terminarmos só por causa disso; e-eu não vou permitir isso.

- Um minutinho! Para tudo e rebobina. – Falei com um tom de voz nervosa, o olhando com atenção. – Terminar? Quem disse em terminar?

- Vo-você, oras. Você me ligou querendo conversar. – Peter me olhou incrédulo em seguida vi sua expressão ficar envergonhada pela primeira vez e eu não contive uma gargalhada leve, o mesmo me olhou ficando mais tímido, suas bochechas corando com o ocorrido. – Porque você está rindo?

- De você, bobo. Eu não liguei para terminar, seja lá o que tem para terminar, eu quero conversar com você sobre outra coisa. – Meu tom de voz mudou rapidamente, da mesma forma que o olhar de Peter, antes ele me olhava timidamente, agora me olhava surpreso com ambas as sobrancelhas erguidas e seus olhos parecendo duas pedras de gelo cintilante.
– Eu sei o seu *segredo*, Peter. – Peter enrugou o cenho, mostrando não estar esperando aquilo.

- Eu acho que aqui não é lugar para falarmos sobre isso.

De maneira fraca balancei a cabeça positivamente, ele parecia distante em seus

pensamentos agora olhando ao arredor, ainda parecendo surpreso com minha revelação, voltei meu corpo em direção da borda observando o oceano que não parecia tão convidativo naquela tarde, o céu escuro dava um ar ao oceano de escuridão mais profunda do que o normal e isso me causou mais arrepios, tive uma sensação sinistra daquela paisagem. Eu sentia que Peter me observava, mas mesmo assim não ousei olhar em sua direção, mas ele quebrou o silêncio se aproximando de mim, ele se encostou na borda de costas, seu braço roçou de modo contido no meu o que causou arrepios de imediato e sem grandes atos, apenas disse me entregando o meu roteiro:

- Toma. Você deveria ensaiar e se concentrar no teste um pouco e não ficar se remoendo com os meus segredos ou o que quer que esteja na sua cabeça nesse momento.

- Eu sinceramente quero mais que esse teste se dane. – Friso que esse "se dane" deveria ser um palavrão, mas minha garganta enrolou e não permitiu que ele fosse dito. – Eu só consigo pensar em você nesse momento e em tudo o que cerca sua vida e você quer que eu me concentre em uma peça teatral que nem ao menos quero participar? Se estou aqui foi porque você me convenceu disso.
- Ótimo, isso mostra que o que eu digo vale de alguma coisa para você. – ele murmurou com certo charme, sua mão escorregou leve em meu rosto, no instante que o abaixei, sentindo o seu toque deixar um rastro de ardência em minha pele, eu estava corando, algo incomum que se transformava em algo normal quando estava com ele, como gostava dessa sensação quente de suas mãos passando para minha face. – Eu também estou pensando apenas em você nesse momento, em como a minha vida vai afetar a sua, em como isso tudo vai afetar ... você, mas não quero que isso nos domine. Quero que você viva e se divirta um pouco. E é por isso que quero que participe dessa peça teatral. Então, que tal se desligar desses impedimentos em nossas vidas e se concentrar apenas na peça, huh? – Peter concluiu com um tom de voz sussurrante, ele falava como se estivesse tentando convencer uma criança de 08 anos que não quer tomar uma vacina a tomar, com suas sobrancelhas arqueadas de forma serena ele sorriu daquele modo simples dele, era como se ele quisesse dizer "tudo vai ficar bem, ok?", retribui o gesto com um sorriso "Espero que sim ou senão estaremos fritos."

Abri o roteiro olhando de rabo de olho Peter que sorriu satisfeito, fui direto na cena que havia decidido fazer, li e reli umas 03 vezes, Raj apareceu na porta chamando pela sua listinha macabra mais um novo aluno para o teste, não era eu, então relaxei, me voltando ao texto.
Fechei o mesmo, repetindo em um tom baixo de voz tudo que havia lido enquanto ao meu lado Peter fumava um cigarro de forma pensativa, mas notava que estava prestando atenção em mim, enquanto eu treinava as falas decidi me concentrar na música da cena V, temia que desafinasse alguma parte, não queria ser perfeita, mas também não queria errar por bobagem, então li cada letra e melodia da canção, tentando alcançar as notas certas, mas havia uma determinada parte que eu sempre errava o tom e isso estava me frustrando. Peter, notando minha irritabilidade, tentou me acalmar me ajudando a tentar alcançar a nota certa com indicações de quando deveria aumentar ou diminuir meu tom de agudo, ele cantava suavemente as partes que pertenciam ao Fantasma da Ópera e me direcionava nas partes da Christine Daae. Mesmo com a sua direção, eu ainda falhava no mesmo erro, Peter se aproximou de mim, o que não ajudou muito em meu nervosismo que só aumentou, ele repousou sua mão em meu rosto me obrigando a olhar para seus olhos, como se fosse algo impossível de fazer, já que meus olhos iam diretos aos seus como um imã, ele sorriu levemente e indicou para eu começar a cantar.
Enquanto cantava ele deslizou lentamente suas mãos em meu rosto, indo em direção aos meus ombros, ele cantava as suas partes com um tom de voz suave, ele desafinava e muito, mas tinha uma voz bonita com um pouco de treino poderia tentar uma carreira de cantor talvez, seu olhar e toque tranqüilo estava me acalmando, não sentia mais aquele nervosismo intenso em meu estômago, me sentia mais segura no que fazia, mais capacitada e determinada.
Não errei.
Parei de supetão na parte que costumava errar notando que havia acertado, Peter sorriu e animada pedi para cantarmos a música novamente, ele concordou pedindo que dessa vez fossemos até o final, o fizemos e não errei nenhuma melodia. Essa sensação de missão cumprida é muito boa. Estava feliz com o meu feito, perguntei se ele não se incomodaria de fazer a cena inteira comigo, apenas para eu ver se estava totalmente segura em minha atuação, ele concordou satisfeito e logo me entreguei a personagem.

Não sabia descrever como fazia, mas eu tentava pegar todas as características principais de Christine e interpretá-la de uma forma justa; eu gostava de praticar atuação, eu era uma pessoa expressiva e amava ler textos de peças antigas e atuais, atuar para mim era uma libertação deliciosa, não diria o mesmo de cantar, não achava que tinha uma bela voz, alcançava alguns agudos, mas nada muito anormal, minha voz era normal e comum para um musical por exemplo, eu era ótima para cantar no fundo de algum coral, bem no fundo.

Eu poderia jurar que a cena havia ficado perfeita.
Eu havia decorado todos os diálogos e a letra da música, incluindo os agudos que havia tido dificuldade e podia jurar que havia dado vida a uma justa Christine Daae, doce e inocente e Peter havia pego a essência do Fantasma da Ópera, a maneira sedutora que ele me olhava, o seu toque leve em meus braços e sua voz, que mesmo não sendo musicalmente perfeita, era exatamente o tipo de voz boa para o personagem, rouca, firme e misteriosa.
Havia sido perfeito.
Eu sentia isso olhando atentamente para Peter.
Ele parecia sentir o mesmo porque assim que concluímos e ficamos um olhando para o outro, completamente sem palavras, de repente uma salva de palmas começou a ocorrer no ambiente, ele deu uma breve olhada ao arredor, sorrindo daquele modo natural dele, indicando de forma discreta atrás de mim, como se eu devesse ver algo, enquanto eu girei meus calcanhares me deparando com os alunos que estavam ali fora nos aplaudindo com expressões surpresas e de encanto.
Notei que Joana e seu grupo estavam incluídos no grupo que estavam a aplaudir, todos pareciam tão satisfeitos com o que viram quanto os outros, menos Alex que parecia bater palmas apenas porque o namorado também estava a bater, meus olhos foram direto até Joana e podia jurar que ela havia sorrido para mim, de um modo milimetricamente contido, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa à voz de Raj chamou por mim daquele modo animado só dele e eu não demonstrei a mesma animação ao ouvir meu nome:

- Katerina Farrell? Certo? – Ele questionou de forma duvidosa, mas ainda sorrindo parado em frente à entrada do teatro. Balancei a cabeça positivamente e ele me chamou com uma das mãos, olhei um pouco descrente para ele, Peter sussurrou em

meu ouvido para ir e me empurrou singelamente, comecei a caminhar na direção do Teatro B, enquanto os alunos voltavam a se concentrar em seus textos, alguns até me cumprimentavam pelo bom ensaio que acabara de fazer, antes mesmo que chegasse a entrada, Raj apontou para atrás, murmurando. – Você também, venha!

Olhei para atrás seguindo a direção que ele havia indicado, era para Peter que olhou na direção de Raj surpreso, eu sorri para ele o chamando, o mesmo se aproximou rapidamente de mim, ele segurou a minha mão e sorrindo como eu me guiou até adentrarmos no teatro. Raj estava parado na fileira na qual se encontravam os outros professores, ao notar nossas presenças, ele indicou em nossas direções sorrindo com animação e paramos alguns passos distante deles. Melissa nos observou com atenção, meio duvidosa do que Raj havia lhe dito, notei contudo que seus olhos observavam Peter com mais atenção, como se ela o conhecesse de algum lugar, era a primeira vez que notava isso, contudo Martin logo disse alguma coisa em um sussurro de forma animada, Melissa e Sharon nos olharam e a primeira parecia ter ficado mais maleável balançando positivamente a cabeça para Raj que se aproximou de nós.

- Então, eu vi o ensaio de vocês lá fora e eu estou impressionado com o talento de vocês dois, uma química e entrosação única; eu tenho uma proposta a vocês, já falei com os outros professores sobre e eles concordaram, e é o seguinte: Vocês fariam o teste por último já que gostei muito da performance de vocês e juntos, se quiserem podem até ficar aqui, sem fazer barulho é claro, para ver os seus colegas nos testes. Por favor?

- Porque você, quer dizer, o senhor quer que façamos o teste por último? – Questionei, sem compreender o que estava a acontecer ali.

- Porque vocês foram perfeitos. – Ele falou como se fosse óbvio. – Não vou desmerecer esses meninos, mas vocês tiveram um tipo de ligação rara de se ver, em apenas uma cena demonstraram uma química impenetrável, está tudo em vocês. Eu só preciso que os outros vejam o que vi ... – Ele murmurou indicando os professores. – Por isso quero que vocês sejam os últimos, para que eles assistam os outros sem pensar no teste ótimo de vocês, talvez alguns competidores a altura

surjam, de qualquer modo, vocês serão os últimos, dando assim a oportunidade de todos se apresentarem de maneira justa e o resultado sendo o esperado, garanto que os papeis principais serão seus.

- O-o que? Não, não, não. – Peter disse balançando a cabeça negativamente. – Eu não faço parte do grupo de teatro e além do mais sou péssimo com essas coisas de atuação. Sou tímido. – Ele mentiu e muito mal.

- Não foi o que vi lá fora. – Raj respondeu, cruzando os braços observando Peter com atenção. – Eu vi um casal de química excelente e eu vou me aproveitar disso e sobre você não ser parte do grupo, isso não é um problema ... – Ele pegou a prancheta e uma caneta com uma expressão seria. – Qual é o seu nome?

Peter se manteve calado, eu maliciosamente fiz questão de responder.
- Peter Hartley com y no final. – Murmurei, olhei de rabo de olho vendo Peter me fuzilar com seus olhos azuis, enquanto Raj anotava o nome dele na prancheta.
- Pronto. Agora você faz parte da turma. – Em seguida ele sorriu satisfeito - Então, vocês vão esperar para fazer o teste?
- Pelo visto, agora não tenho muita opção, não é, Katerina? – Peter disse de maneira firme, mostrando certa irritabilidade.
- Sim, Peter. A gente pode ficar aqui então, não é?
- Sim, sim. Agora se vocês me dão licença.

Raj se afastou de nós, indo em direção ao lado de fora do teatro, provavelmente para trazer alguém para o teste. Olhei ao arredor, notando que eram Amelia e Dorian, que continuavam no palco, agora arrumando outro cenário, eles não olhavam em nossa direção e estavam a conversar entre si, podia jurar que nem haviam notado a nossa presença ali. Peter estava com o cenho enrugado parecendo irritado com alguma coisa, o olhei em dúvida e o mesmo me observou, parecendo uma criança irritada.

- Ah, qual é! Vai ficar emburradinho porque eu disse o seu nome?
- Eu não sou bom nessas coisas. – Peter disse de forma nervosa, mas mantendo um tom de voz baixo.

- Você disse que isso seria bom para mim, acredite em mim, vai ser melhor ainda se

eu tiver a sua presença. – Murmurei de forma delicada me aproximando dele e dando um beijo em seus lábios, ao me afastar notei que o mesmo havia ficado surpreso com meu gesto e eu notei que estávamos de mãos dadas, até agora. De imediato senti meu rosto queimar, mas não afastei nossas mãos. Porque faria isso? Ele, por sua vez, de forma inesperada se aproximou de mim, repousando sua mão em meu rosto e voltando a me beijar, assim que nos afastamos notei Raj adentrar o ambiente com um garoto, colega de Steve, se não me enganava jogava futebol com ele; os dois nos observaram com expressões maliciosas, culpa de nosso beijo. Meus olhos se voltaram para Peter e eu sorri timidamente, o mesmo que se mantinha próximo de mim sussurrou com a sua voz rouca:

- Eu temia que nunca mais fossemos nos beijar. Não depois daquela discussão.

- Você não vai me perder tão fácil assim. – Respondi no mesmo tom de voz, olhei na direção da última fileira, mordendo meus lábios com uma ideia que tive. – O que você acha de conversarmos ali? Teremos privacidade.

- É uma boa ideia. – Olhando rapidamente pro lugar e sorrindo em seguida para mim. Ele me guiou na direção da última fileira, segurando a minha mão com firmeza.

Nós sentamos praticamente na ponta, ficando afastados tanto da entrada quanto do foco central. No palco o garoto já estava a fazer seu teste, de forma desajeitada e sem vontade, mostrando falta de talento e de vontade de estar ali.
Peter olhava o mesmo que eu com a mesma falta de interesse.
Não sabia como começar aquela conversa, não deveria ser tão difícil assim, na realidade, era para ser muito simples. Não era como se seu segredo fosse algo terminal, era algo simples: ele era um Lorde, tinha um título importante no pais ao qual pertencia. Simples e prático.
Meus olhos pararam na direção de Dorian e Amelia, que continuavam a arrumar uma placa junto a mais duas pessoas, eles estavam conversando e pareciam se divertir com o que estavam fazendo.

- Eles sabem o que aconteceu hoje de manhã? – Questionei em um tom baixo de voz, me sentando de forma confortável na poltrona, mas não esquecendo que estava de

vestido e deveria me portar feito uma lad... dama. – Entre sua tia, você e eu?

- Não. Não tivemos tempo para conversar sobre isso. Almoçamos juntos com a minha tia e Serena, queria muito falar sobre o assunto com Amelia, mas não queria fazer tal coisa na presença de minha tia, além do mais, queria contar tudo a eles, o que havia de fato acontecido e como não tive oportunidade, achei melhor deixar para outro momento.

- Sua tia ... – Achava mais apropriado falar "sua tia" do que falar "Miranda" ou "Duquesa Miranda", no fundo, não sabia como devia chamá-la. *Aquela mulherzinha má* soava bem, mas seria rude, não é? – Eu e sua tia nos encontramos no corredor e ...

- Já sei sobre isso. – Ele disse de uma maneira seca, não parecia satisfeito com a situação, mas não parecia irritado também. – Não entra na dela, ok? Eu amo a minha tia, mas conheço o melhor e o pior dela, infelizmente você está conhecendo o último primeiro; espero que seja a única vez.

- Me perdoe por ter dito aquelas coisas a ela. – Murmurei, me lembrando do conselho que minha mãe havia dado. Odiava quando ela tinha razão, me sentia melhor pedindo desculpas.

- Mesmo ela não tendo dito, tenho certeza que ela fez por merecer para ouvir aquelas palavras. – Peter disse por fim, me olhando com atenção. – Mas acredito que não é sobre isso que você quer conversar comigo.

O observei sem palavras.
Buscava em minha mente um meio de falar sobre aquilo de forma direta e sincera.
Respirei fundo, olhando em seus olhos intensamente.

- Não, não é. Eu descobri através de uma pesquisa muito bem feita, no *google*, que você é um Lorde. – Falei por fim sentindo aquelas palavras saindo de forma desajeitada de meus lábios, enruguei meu cenho o olhando em seguida, o mesmo me observava com atenção, seus olhos presos aos meus como se existisse uma força magnética entre eles, chegava a ser desconcertante não conseguir deixar de olhar para

ele. Peter nada disse, era como se ele estivesse pensando o que deveria dizer primeiro, parecia tão temeroso quanto eu. – Peter, não fica nesse suspense que isso não faz nada bem para mim.

- O que você acha disso? – Ele questionou com ambas as sobrancelhas erguidas, em seguida, de forma mais serena ele voltou a questionar de uma forma mais coerente. – O que você pensa sobre eu ser um Lorde?

Não era o tipo de pergunta que eu estava esperando.
Sem me mover olhei para os dois lados, como se estivesse mentalmente procurando por uma resposta que eu não tinha pensando ainda.

- Kate, não fica nesse suspense que isso não faz nada bem para mim. – Peter murmurou, me olhando com um ar sarcástico, me virei totalmente em sua direção cruzando as minhas pernas e sentindo que estava com uma expressão de incredulidade em meu rosto.

- Desculpa, mas eu não sei o que responder.

- Como você não sabe o que responder? Você sempre tem resposta para tudo, Kate.
- Eu acho que existe primeira vez para tudo. – O olhei com ambas as sobrancelhas, incrédula por não ter resposta e surpresa por não saber de fato o que sentia em relação a ele ser um Lorde. Deveria me sentir normal com isso? Deveria surtar por que estou apaixonada por alguém da realeza? Deveria ignorar completamente a situação e dizer que estou nem ai para isso? Seria uma total mentira nos 03 casos.

- Não para isso, eu preciso de uma resposta e que ela seja extremamente sincera. – Ele respondeu com seu tom de voz sussurrante, se virando um pouco mais em minha direção.

- Eu sinto que não é nada demais, mas ao mesmo tempo sinto que deveria sentir alguma coisa em relação a isso. Quero dizer que não é algo normal, então eu não deveria aceitar assim com tanta naturalidade como se tivesse descoberto que você é fã de Star Trek e gosta de comer churrasco aos domingos, eu deveria ter *preocupações*, certo? – Peter se manteve calado, apenas me observando com extrema

atenção, eu não sabia por que, mas isso me deixou nervosa de imediato, era como se ele estivesse me colocando em prova. – Tudo bem, eu acho que me expressei errado, o que eu realmente sinto, aqui dentro ... – Falei repousando levemente a minha mão no meu coração e o olhando seriamente - E que isso não muda em nada a pessoa que você é para mim. Você pode ser um Lorde, mas para mim você é Peter. – *Meu* Peter, pensei - Eu acho que é só isso que importa.

- Tem certeza? – Ele questionou semicerrando levemente seus olhos, como se quisesse descobrir algo entranhado em meu olhar ou em minha expressão talvez alguma falha em tanta certeza vinda de mim.

- Sim, absoluta. – Disse com um tom firme de voz.

- Você tem ideia do futuro que lhe aguarda? – Peter murmurou enrugando o cenho de forma seria, se aproximando mais um pouco de mim e logo, diminuindo o tom de sua voz. – Ou você acha que se envolver com um Lorde é algo não vai afetar a sua vida?

- Eu não pensei sobre *mim* nesse assunto.
- É, eu notei isso. – Peter disse com certa rispidez.

- Peter, eu não estou te entendendo. Aonde, de fato, você quer chegar? – Ele suspirou logo depois de minha pergunta, em seguida passou uma mão em seu rosto, seus olhos voltando a me observar com uma tensão especifica.

- Se a minha vida sendo Lorde é complicada quem dirá como a sua vai ser? Olha, minhas ex's namoradas já passaram por isso antes ... – *Ex's*. – É muito complicado ter que conviver com a mídia diariamente no seu pé, paparazzi tirando fotos de cada movimento seu em qualquer lugar, fofocas em revistas sensacionalistas, por mais que eu tente manter a minha vida privada no anonimato sempre de alguma forma descobriam com quem eu estava, quem ela era, o que ela fazia, tornando não só a minha vida e relacionamento um inferno, como a vida dela também. – Eu juro que estava prestando atenção no que ele dizia, mas ... *Ex's*. A palavra repetia involuntariamente em minha cabeça como se fosse um tipo de aviso de perigo ou de área proibida. – É uma vida difícil, Kate. Falando assim parece simples e fácil, mas não é. Quando você ver as suas fotos e seu nome em notícias mentirosas, você vai

ver seu mundo desabando e o da sua família também. Então, o que eu realmente quero questionar, mas estou enrolando porque estou temendo sua resposta, é ... Se você está pronta para essa vida, porque se você não estiver, eu vou compreender e não a envolverei em nada disso, seguiremos o que estamos vivendo aqui, mas quando essa viagem acabar, *nós* vamos também; pelo seu bem.

- E se eu estiver pronta? – Questionei sentindo o meu estômago afundar com violência, a dificuldade de respirar era enorme que mantinha meus lábios entreabertos.
- Bom ... – Ele disse, entrelaçando nossos dedos de uma vez só, enquanto ele tentava controlar um sorriso em seus lábios. – Você está?
- Você consegue sobreviver a isso todos os dias? – Peter balançou a cabeça positivamente continuei. – Então, porque eu não estaria pronta para viver o mesmo que você? Juntos?
- Kate, você precisa entender que não é fácil quanto parece ...

- Já compreendi isso, Peter, agora quero que você compreenda uma coisa: Juntos podemos qualquer coisa contra qualquer um. Eu não me importo que tirem fotos minhas, que inventem mentiras absurdas sobre o que faço ou quem sou desde que você e minha família saibam a verdade. – O observei com um sorriso leve nos lábios. – Então, que tal você me contar um pouquinho sobre essa sua vida? É claro, se você se sentir a vontade para falar sobre isso.

- Como eu não me sentiria a vontade conversando com você? – Ele murmurou ficando com uma expressão serena sorri ao sentir sua mão acariciar a minha gentilmente, um carinho tão gostoso. – Eu tive uma infância muito boa, preciso confessar isso, dinheiro facilita muito à vida de uma pessoa. Estudei nos melhores colégios, pratiquei diversos esportes, fiz vários cursos, tinha muitos amigos, vivi uma infância saudável e boa, meus pais tentaram manter a mim e minhas irmãs o mais longe possível dos holofotes, mas assim que chega a adolescência as apresentações a sociedade ocorrem, então acabamos por nos tornar focos não apenas na elite, mas pro país, logo pro mundo. Eu tive um inicio de adolescência bem normal também; amigos, treinos de *rugby*, nada de diferente e anormal, mas assim que entrei no ensino médio, eu me transformei em um tipo de celebridade da noite

para o dia. Eu não sei como ou porque, mas depois que tiraram uma foto minha com Amelia andando em um centro comercial a minha vida nunca mais foi à mesma. Foi como se eles tivessem descoberto que eu não era mais uma criança. De repente, me vi na mesma posição que outros jovens da realeza já se viram. Não importasse para onde fosse sempre tinha algum paparazzi para tirar alguma foto minha com os meus amigos, namoradas ou só. Na realidade, qualquer coisa que eu fizesse se tornou foco. Os meus namoros foram perseguidos e expostos, logo tendo um fim envolvendo ciúme, mentiras e falsidades. A minha vida se tornou um inferno da noite para o dia e até hoje é assim; cheio de mentiras em revistas e verdades em meu ser.

"Provavelmente você deve ter visto os diversos sites que existem a meu respeito, eu ganhei fãs pelo mundo inteiro por apenas ser eu mesmo. Eu não sou cantor, nem ator e mesmo assim quando me dei conta estava sendo cercado na entrada do meu colégio por uma dúzia de garotas querendo fotos e autógrafos, e paparazzi. Não vou negar que gostava da atenção, mas depois de um tempo se tornou algo tão fútil, não merecia aquilo, muito menos o que as pessoas fazem por mim, montam sites e blogs para debaterem sobre minha vida e minhas atitudes. Eu gosto de ser um exemplo bom para esses jovens, eu aconselho, apoio campanhas, faço parte de grupos de caridade, tento mostrar o caminho certo, mas as influências ruins da mídia sempre tentam destruir isso, então teve um momento que eu não agüentei mais, as mentiras e fofocas que estavam surgindo com meu nome prejudicando não só a minha imagem, mas as das pessoas no meu cotidiano, então decidi criar um site oficial, eu tenho um empresário desde os meus 16 anos e ele me auxiliou muito nisso, nesse blog eu conto as verdades que devem ser ditas e as mentiras que devem ser desfeitas e é por lá que me comunico com os meus "fãs" através de textos onde conto o que faço no meu dia a dia e tento manter a minha imagem, a dos meus amigos e família limpa e protegida. Tirando a mídia, eu tenho deveres como Lorde, eu não tenho nenhum tipo de trabalho no estado, como meu pai por exemplo, mas mesmo assim eu acompanho ele em diversos dos seus compromissos porque pretendo seguir seus passos um dia, de fato eu sou obrigado a participar de eventos sociais, bailes, almoços com pessoas importantes, principalmente se meu pai estiver envolvido e também existem os meus próprios compromissos, eu jogo pelo time de *rugby* da Universidade de Cambridge, participo de três ONG'S de caridades e só. Minha vida

se resume a isso. Falta de privacidade, já que não é só a minha família que sabe tudo que faço, como meu empresário e os meus seguranças que me seguem 24 horas por dia.“

- Você tem seguranças? – Questionei pela primeira vez, surpresa.

- Sim, requisitos de minha querida mãe. Ela acha que é mais seguro que eu tenha 03 brutamontes me seguindo de uma lado a outro, obviamente que minha mãe não sabe, mas eles não me seguem como cães de raça, apenas um deles que é meu motorista que também costuma passar mais tempo comigo, mas os outros logo mando afazeres para eles, como por exemplo, ficarem bem longe de mim, nada como alguns euros e eles me obedecem prontamente. – Ele abafou uma risada e eu sorri levemente, o observando. - Dois deles estão aqui no navio, mas é claro que mandei eles se divertirem ao invés de ficarem me seguindo.

- Alguém te reconheceu aqui dentro, porque juro, eu sou super informada, mas nunca ouvi falar sobre você e sua família.

- Na realidade, muitas garotas me reconheceram, pediram até autógrafos e fotos. Agora sobre você não ter me reconhecido, bom, talvez você não tenha prestado atenção nas minhas fofocas, não te culpo, não me acho uma grande estrela. – Ele disse com um certo ar brincalhão, escondendo um sorriso no canto dos lábios.

- Deve ser difícil, ter a vida seguida a cada momento, exposta de uma forma imprópria e não poder fazer nada contra. – Falei, acariciando a sua mão gentilmente.

- Poder, podemos. Meu empresário tenta reprimir a maioria das fofocas mentirosas, mas é impossível conter as fotos dos paparazzi, ainda mais depois que eles as vendem para alguma grande revista. Uma coisa você precisa entender: Parece que é fácil, mas não é. Eu já li coisas absurdas sobre a minha família, hoje em dia eu aprendi a ignorar, do mesmo modo que você vai aprender. – Ele concluiu sorrindo e batendo levemente seu dedo indicador em meu nariz num gesto carinhoso. – É, é claro que você terá que aprender a controlar seu temperamento, se não você vai começar a xingar e chutar a todos os fotógrafos por qualquer coisa que seja dita ou questionada, sem nem ao menos esperar uma explicação e isso vai dar matérias para

todas as revistas por semanas e programas vespertinos de fofocas.

- Meu temperamento não é tão difícil como você pensa. – Falei com um tom de voz ofendido.
- Não, só é quase impossível de coexistir dentro de uma garota romântica e doce como você. – Ele sussurrou depositando um beijo em meus lábios.
- Ei, eu também não sou romântica. – Falei abrindo levemente os meus lábios em choque.

- Isso é o que você quer acreditar. – Ele disse, roubando mais um beijo dos meus lábios. – Voltando ao assunto, *garota nada romântica e de temperamento maleável,* assim que chegarmos em Londres marcarei uma reunião com o meu empresário, Gregory, ele vai te auxiliar em tudo que for necessário para conseguir administrar bem a sua vida e a vida que você terá quando a mídia te *descobrir*. – Em seguida, com uma expressão pensativa, ele continuou - Outra coisa ...

- Sim.
- Aulas de etiqueta.
- O que? – É um tipo de aula que você aprende a fazer etiquetas?, fiquei tentada a questionar, mas só entortei os lábios.

- Aulas de etiqueta. É mais comum do que você pode imaginar, principalmente nas classes altas da sociedade; as famílias contratam uma pessoa para ensinar aos filhos como se portar em festas, jantares, como dançar, falar com determinadas pessoas, se vestir e pentear, como lidar com a vida pública ...

- O que você está tentando dizer, Peter? – Questionei, sentindo aonde essa conversa iria chegar.

- Que talvez seria uma boa ideia você ter algumas aulas de etiqueta. Acho que o professor que auxiliou a Anna seria ideal para você, ele é de um humor peculiar, garanto que você iria gostar dele.

- Eu ainda estou meio perdida no assunto ... – Murmurei mexendo as minhas mãos no ar como se estivesse mostrando minha confusão. – Mas porque eu preciso de

aulas de etiqueta mesmo?
- Porque ... – Peter abriu um sorriso irresistível e em seguida me olhou com uma expressão marota. – Eu acho que fui um pouquinho longe demais, não é?

- Não, quer dizer, só não entendo porque precisaria de algo assim ... Eu estou com você, mas não quer dizer que me torno uma *Lady* de imediato, como magia. Puf. – Murmurei, com estranheza.

- Porque, como minha namorada, você terá que ir em importantes eventos comigo e terá que se portar como uma *Lady*, não é que eu acredite que você não seja uma dama, mas há pessoas que são muito críticas em relação a isso; todo preparo é necessário e eu farei de tudo para que você fique preparada para a minha vida. – Peter disse com uma seriedade que me impressionou, mas não conseguia pensar em nada mais apenas na palavra: *Namorada* que estava sendo repetida em minha mente em eco.

- Vou, é?
-Claro que sim. – Ele disse confiante.
- Hmm.

- Hmmm. – Ele repetiu, olhando em direção do palco, uma garota estava a fazer o teste, mas nem me concentrei nela, voltando meu olhar a Peter, seu braço estava em volta do meu ombro e sua mão acariciava levemente meu pescoço, eu nem havia notado que ele havia o depositado ali, mas agora cada fibra de meu corpo se arrepiava. O olhava atentamente de esguelha, esperando que ele dissesse alguma coisa sobre o *namorada*, mas nada ele falou, então tive que agir.

- Você tem noção que não me pediu em namoro, certo? – Questionei lentamente.
- Hum-hum. – Ele respondeu sem grande afetação, prestando atenção no teste da jovem que cantava a música da cena dois de forma suave e agradável.
- E você não vai ... me pedir?

- Oh, agora não. Não acho o momento adequado, mas isso não quer dizer que não posso considerá-la como minha namorada, certo? Além do mais, tenho a leve sensação que você está tão afim de mim quanto eu de você.

- Pobre Peter! Acredite em seus sonhos, quem sou eu para desiludi-lo assim.

Continuamos a conversar, não só sobre o assunto realeza como falamos de minha família, estudo, amigos, era tão fácil falar com ele que eu nem ao menos notava os assuntos, eles fluíam com muita facilidade, tendo 02 anos de diferença você espera que exista algum tipo de barreira, mas entre nós isso não existia. Não precisava pensar muito no que ia falar, eu simplesmente abria os lábios e desandava a dar minha opinião e ouvir a dele, era muito natural como respirar, nossa animação era tanta que houve pelo menos 02 vezes que Melissa e Raj, respectivamente fizeram sinais para rimos mais baixo.
Isso estava acontecendo porque tudo estava bem entre nós.
A atitude de sua prima e tia não havia tornado a nossa relação estranha e desconfiada, havíamos dado a nossa opinião sobre o assunto e seguido em frente, a única desconfiança que ainda existia entre nós envolvia o tal segredo que ele não conseguia falar sobre, enfim ...
Não havia razões para desconfianças e medos, as cartas haviam sido colocadas sobre a mesa e estávamos em perfeita sintonia no momento; eu confiava em Peter e esse sentimento era reciproco.

Em uma terceira vez fomos interrompidos por Melissa, que diferente das outras vezes não nos olhou com fúrias nos olhos e sim com apenas uma singela curiosidade, Raj com sua animação habitual avisou que era a hora de fazermos o nosso teste, todos os alunos haviam se apresentados e eu me senti um pouco mal por não ter prestado atenção em nenhum deles. Depois de me espreguiçar e sentir alguns ossos estalarem em lugares que desconhecia, segui o trajeto em direção ao palco o mesmo que foi feito por Peter que voltara a ficar com uma expressão emburrada.
Enquanto Raj ajeitava a câmera e Martin conversava com Melissa e Sharon, aproveitei para falar com Peter que estava parado ao meu lado com o cenho levemente enrugado e sua postura contida, me aproximei sutilmente com uma expressão sincera.

- Você não precisa fazer isso, sabe disso, não é?
- Sei. – Ele respondeu em um sussurro rouco.

- Então, porque está fazendo se é óbvio que você não está nem um pouco a vontade? – Sussurrei agora o olhando com extrema atenção. – E não me diga que está fazendo isso por causa de mim que te chuto daqui para fora em dois tempos.

- Não há nada a ser dito ou feito, então... – Ele disse sem nem ao menos mover seu rosto em minha direção, mas pude ver um sorriso sapeca surgir em seus lábios. – Ah! Apenas ser chutado por você para fora daqui, prometo que não impedirei tal gesto.

- Pode ser divertido.
- É, pode ser. – De repente seu tom de voz mudou, se tornando sarcástico - Em outra dimensão.
Olh

ei seriamente para ele, mas não tive tempo de responder suas palavras, Raj logo chamou nossa atenção dizendo que a câmera estava ligada e complementando que quando estivéssemos prontos podíamos começar.
Os 04 professores nos olhavam com atenção, os únicos de expressões maleáveis eram Martin e Raj que pareciam ansiosos, enquanto Sharon estava distraída com algo em seu celular e Melissa tinha sua caneta prata presa em seus dedos, a postos para escrever algo em sua prancheta, críticas provavelmente, já que parecia que ela gostava nada de mim. Olhei ao arredor e notei que tínhamos uma pequena platéia nas últimas fileiras fundo do teatro, me questionei como não havia notado a presença deles, culpei de imediato Peter que me fazia desligar do mundo ao meu arredor em questão de segundos. Identifiquei os rostos conhecidos: Rachel estava sentada entre 02 garotas que não conhecia, suspeitava que seriam suas assistentes nas criações das roupas; Britanny se encontrava encostada na parede próxima a saída do ambiente, para mim, parecia que ela não queria ser vista, mas foi apenas um pensamento; haviam outros alunos de rostos desconhecidos, provavelmente só estavam curiosos em assistir a gente, já que Raj havia feito tanto alarde para nós.
Engoli em seco, sentindo meu estômago se revirar em segundos.
E se eu errasse tudo? Não, não. Agora não era momento para isso e ponto. Fizemos a cena exatamente da forma que havíamos ensaiado.
Assim que concluímos ouvimos alguém, sozinho, bater palmas de forma frenética e

gritar de forma animada para nós, era Rachel é claro, estava aplaudindo com um grande sorriso nos lábios enquanto os professores a olharam, Melissa com um olhar de repreensão, Martin e Raj eram os únicos que olhavam de forma maleável. Olhei para Peter e notei que ele sorria de forma tímida, ele se mantinha a dois passos afastados de mim e parecia ignorar com vigor Amelia e Dorian que estavam em uma das entradas para coxias aplaudindo silênciosamente e tentando chamar nossas atenções com pulinhos e caretas, principalmente a dele.
Meus olhos se voltaram para Peter e indiquei para que descêssemos do palco estava começando a me sentir estranha parada ali no meio, sendo foco de tudo e de todos sem estar fazendo nada. Ele concordou com o meu pedido e se dirigiu até a pequena escada, enquanto eu apenas pulei o pequeno espaço entre o palco e o chão, ficando encostada no mesmo, enquanto Peter se aproximava de mim com uma expressão descrente. No mínimo estava se questionando se ele estava atraído por uma garota ou por um moleque disfarçado de garota. Os professores estava debatendo entre si, provavelmente sobre a nossa apresentação, Peter questionou em um sussurro se deveríamos ir embora, mas antes que eu respondesse, Raj com seus superouvidos disse que estava deliberando a decisão final dos personagens principais e que iriam decidir isso imediatamente para sermos comunicados. Reagi de forma nenhuma quanto a isso, já Peter entortou os lábios impaciente, ele realmente não estava à vontade, mas mesmo assim estava ali, fazendo algo a qual ele não queria. Apenas por *mim*.
Abaixei levemente a minha cabeça reprimindo um sorriso que não demorou a escorregar em meus lábios.
Meu olhar se voltou a platéia e notei que as poucas pessoas que ali estavam conversavam de forma baixa, Rachel era uma delas que falava de forma animada sobre alguma coisa, esse tipo de animação dela era muito peculiar e era referida a um gênero só: homens. Mas algo chamou mais a minha atenção que de certa forma não me agradou em nada. Britanny.
Na realidade, senti um arrepio horrível em minha espinha, exatamente daquele tipo que você sente quando algo ruim vai acontecer.
Mesmo estando em uma considerável distância, eu podia notar bem o seu olhar, aquele brilho malicioso e sorriso malévolo era muito conhecido por mim e qualquer outra pessoa que convive e/ou conviveu com aquela criatura. De todas as pessoas

que ela havia aprontado eu era a única que ela nunca havia conseguido os seus propósitos, de algum modo, eu era vacinada contra o tipo de pessoa que ela era. Logo meu temor não era relacionado a mim, e sim, para quem seu olhar era direcionado, a Peter.
Peter nem notava o que estava acontecendo por que Amelia havia se sentado no palco e estava a conversar com ele em um tom de voz baixo o suficiente para que ninguém por perto pudesse ouvir, voltei a olhar na direção de Britanny e seus olhos haviam se dirigido para um aparelho telefônico em suas mãos, ela atendeu uma ligação com um sorriso bem falso e olhou em minha direção com um sorriso malicioso surgindo em seus lábios e por fim se retirando do local.
Enruguei levemente o cenho não gostando nada disso, por sorte, Rachel havia notado o foco de minha atenção e apenas através de um olhar e um gesto leve com a cabeça ela compreendeu que eu queria saber o que Britanny estava aprontando, sem nem ao menos dizer algo a alguém Rachel se colocou de pé e se retirou do ambiente em passos rápidos. Ela descobriria alguma coisa ou pelo menos parte do que fosse que Britanny estivesse aprontando, eu conhecia esse tipo de gente e ela era uma que eu conhecia apenas com um olhar e sabia que ela estava com algo em mente e se fosse contra o Peter ... Ah! Ela iria conhecer a fúria de Katerina Farrell, ainda mais porque, ela sabia do segredo dele, que ele era um Lorde, o que fosse que ela tivesse em mente precisava ser impedido a tempo, a reputação de Peter poderia estar em jogo e eu não permitiria que nada de ruim acontecesse com ele.

Minha atenção foi puxada na direção dos professores, especialmente em Raj que se aproximou de nós com um sorriso gentil em seus lábios, eles nos comunicou que haviam chegado em um consenso e que nós dois éramos perfeitos para os papeis a quais havíamos feito testes. Melissa, que agora parecia ter derrubado a muralha de arrogância que havia em volta de si pediu que decorássemos os nossos diálogos e músicas para o dia seguinte e ainda pediu que chegássemos mais cedo para termos as nossas medidas tiradas pela equipe de figurino da peça, logo encerramos a conversa, mesmo mostrando descontentamento Peter foi extremamente educado com os professores, como sempre, eu mais timida agradeci a oportunidade de interpretar o papel e logo comecei a me retirar do ambiente sentindo Peter em meus encalços, as poucas pessoas que se encontravam na platéia agora nos cumprimentaram pela cena,

agradecemos quase que juntos e assim que coloquei meus pés para fora do teatro tentei encontrar algum sinal de Rachel e Britanny nas proximidades, mas nada de nenhuma delas. Levei a minha mão até meu celular notando que o mesmo havia descarregado ... novamente.
Xinguei de forma áspera voltando a guardar o aparelho.
Se Rachel descobrisse algo não conseguiria me contar por culpa daquela porcaria de bateria.
Argh!

- Alguma coisa aconteceu? – Peter questionou parado ao meu lado, seu cenho estava levemente enrugado mostrando preocupação mesclado com curiosidade. Será que ele sabia o tão bonito ele ficava ao meu olhar assim ... preocupado?

- A tecnologia aconteceu, foi isso. – Respondi, tentando me focar na atual situação e não em meus devaneios sobre a minha atração com Peter. – Meu celular descarregou novamente e temo que Rachel venha a me ligar ... – Mordi meus lábios retendo o resto das informações.
- É alguma emergência? Se você quiser pode usar o meu celular. – Ele disse com um tom sereno, enquanto caminhávamos pelo corredor do convés, sem a mínima pressa.

- Não precisa. – Respondi, repousando uma das minhas mãos em sua cintura, enquanto andávamos pelo convés em direção a lugar algum. – Quando eu chegar no meu quarto coloco-o para carregar, se ela tiver me ligado ficarei sabendo, se não ... Enfim, não é nada muito sério, só foi uma sensação que tive, coisa de melhores amigas. Mudando completamente de assunto ... – Senti minhas bochechas corarem e sorri levemente, observando – o discretamente. - Obrigada por ter aceitado fazer o teste comigo e de fazer a peça, você não tinha obrigação nenhuma em relação a isso.

- Eu quis fazer parte disso, Kate. Não só por você, mas eu concordo com a sua visão que pode ser divertido, mesmo que eu não esteja 100% animado com isso, não me julgue simplesmente por parecer tão contra isso, eu só não me sinto parte desse mundo artístico, eu gosto mais de ler um livro, desenhar algo em um canto reservado, tocar alguma música em particular no violão, mas me apresentar na frente de vários de estranhos é algo que nunca fiz ... Então porque não participar? – Ele murmurou

pensativo, acarinhando a minha cintura de uma forma que um simples toque seu me fazia arrepiar por completo, até quando ele me afetaria assim? – Fazer algo diferente de vez em quando faz a diferença na vida, certo? – Fiz um bico com os lábios concordando com sua afirmação.

Um breve silêncio caiu.
Nos olhávamos de forma discreta cada um em seu tempo.
Podia ver aquele sorriso discreto cair em seus lábios e isso me fazia sorri da mesma maneira que me fazia corar.
Havíamos andando um bom trecho do convés quando Peter, de uma forma inesperada parou de andar se posicionando a minha frente com uma expressão pensativa, algumas pessoas cruzavam o ambiente de forma despretensiosa por sorte paramos em um local reservado e cômodo, próximo a borda, o que estava virando um costume.
Meus olhos observavam como imãs os de Peter que estavam brilhando de uma forma diferente.
Aquele oceano de profundidades inomináveis estavam a observar meu rosto com atenção, como imãs, meus olhos se prenderam aos seus notando aquele brilho diferente brotar ali. Algo se passava naquela cabeça e pelo seu olhar, parecia ser algo proibido, mas muito bom.

- Você gostaria de ir no jantar oficial do comandante comigo essa noite? – Peter questionou com um tom aveludado de voz sem mudar sua voz sussurrante.

- Q-que? – Questionei, surpresa com o seu convite. Me lembrei de Miranda dizendo a ele antes de sair do quarto que ele deveria ir com Serena a ideia de fazer algo que Miranda não espera não me agradou em nada. – Você não deveria ir com a Serena e suas pernas longas?
– Ergui uma sobrancelha apenas cruzando os meus braços, era óbvio que a ideia de imaginá-lo com ela me mortificava, mas não podia ignorar o fato que é isso o esperado pela tia dele.

- Quebrar regras é uma das minhas qualidades. – Peter respondeu com aquele suave sorriso brotando em seus lábios. – Então, você aceita?

- Claro, vou adorar ver a expressão de ódio mesclado com um olhar assassino que sua adorável tia vai fazer ao me ver entrando no local ao invés de ver a filha em seus braços. – Balancei a cabeça positivamente mantendo meu tom sarcástico. – Vai ser divertido!

- Eu sabia que você ia adorar ... – Ele respondeu mantendo o sorriso e eu mantendo a expressão debochada que surgirá em minha face. - Mas tenho a leve sensação que isso não foi um "sim".

- Claro que não foi um "sim", Peter! Sua Tia me odeia ...
- E daí? – Ele questionou sem a menor preocupação, erguendo os ombros ao ar.

- E daí, você diz. – Murmurei, passando nervosamente minhas mãos nos cabelos. – Ela foi até o seu quarto, sem nem ao menos me conhecer e falou coisas horríveis sobre mim e ainda exigiu que você terminasse o que tínhamos. Um tempo depois eu disse coisas que não deveria a ela ... Como você quer que eu vá a esse jantar depois disso tudo? Ela vai me trucidar!

- Como vamos ser um casal se você teme apenas um jantar com a minha tia? – Peter questionou tomando uma expressão seria ao cruzar seus braços deixando a mostra seus braços devidamente definidos. Afastei meu olhar de seus braços, tentando evitar os pensamentos pecaminosos, aqueles braços em volta de meu corpo, me aquecendo e trazendo conforto. Aí!

Meus olhos se perdendo no verdadeiro oceano de águas intensas e profundas aos quais eu era dominada de um modo indescritível; me encostei na borda afundando uma mão em meu rosto, fazendo um trajeto dele até os meus cabelos.
Ele tinha razão.
Como poderíamos pensar em um futuro se eu temia um simples encontro com a sua tia? Eu sabia que ela tinha um pré julgamento sobre a minha pessoa, do mesmo modo que Serena também tinha, mas como eu poderia pensar em ficar com Peter se eu temia estar com duas de suas familiares, que de fato, eram importante para eles? Além do mais, ele me queria lá - só isso importava, não é? -, isso ficou bem claro pela forma que ele me observava, ansioso pela minha resposta, mas invés de

responder o que ele esperava questionei outra coisa, algo que me chamou muito mais a minha atenção.

- *Ser um casal*? – Questionei o olhando com atenção, cada expressão seria de extrema importância nesse momento. Ele me olhou atento, um sorriso leve caiu em seus lábios e ele se aproximou de mim dois passos, parando de frente para mim tendo nem um palmo de distância um do outro. – Tenho a leve impressão que essa é mais uma regra que você estará quebrando, não estou certa?

- Você não tem nada a ver com as regras em que vivo, Katerina. Eu posso não ter sido completamente claro com as minhas intenções, mas dá para se ter uma ideia do que eu quero com você. – Peter sussurrou acarinhando de forma inesperada meu rosto o que de imediato me fez corar violentamente. – Eu quero ser seu namorado e ter o prazer de apresentá-la como minha namorada. De fazermos coisas que todos os casais fazem, como ficar horas no telefone falando inutilidades apenas para ouvir a voz do outro, de inventar apelidos um para outro que todos terão vergonha de ouvir, menos nós ou simplesmente de fazer nada demais, mas que fazendo com essa pessoa se torna especial, como segurar a sua mão ... – Ele segurou a minha mão como se estivesse segurando uma jóia rara. – ... E me sentir o cara mais sortudo do mundo. Afastar uma mecha do seu rosto ... – E ele fez isso criando mais um novo um rastro de queimação em meu rosto. - E ver o tom avelã que seus olhos ganham quando a luz do sol bate diretamente neles. – Um sorriso indescritível surgiu em seus lábios e era impossível não retribuir a tal gesto. – Na realidade, eu posso dizer tudo isso, menos que você é minha namorada; eu quero ser *seu* e eu quero que você seja *minha*; apenas minha.

- Como é possível gostar tanto de alguém assim? – Questionei não esperando uma resposta dele, era uma questão mais pessoal porque tudo que ele havia dito era o que eu também desejava. Eu queria segurar a mão dele, me perder em seus olhos, em seus lábios, em sua pele, queria me perder no tempo ao seu lado e tudo valeria a pena ... Mas como ele mesmo havia dito só faltava ter o total direito de chamá-lo de *meu* e era isso que eu queria, pode dizer que ele era *apenas meu*. - Nos conhecemos há tão pouco tempo e a sensação que eu tenho é que te conheço a muito mais ...

- E desde quando *tempo* impediu alguém a sentir algo por outra pessoa? Um dia, uma semana, um mês, às vezes as pessoas demoram anos para descobrir que se amam, eu tenho um bom exemplo: Dorian e Amelia só ficaram juntos depois de anos de amizades. – Peter deixou suas mãos escorregarem em meus braços o fixando ali em um mar de quentura, meus lábios ainda sorriam para ele e seu olhar os observavam com atenção, mas transitavam até meus olhos com paixão. - Amor é assim, quando menos esperamos ele nos domina, cabe a nós decidirmos se estamos prontos para sermos dominados. Então, lhe pergunto, está pronta para ser dominada, Katerina? – Ele questionou se silenciando, o sorriso que antes existia em seus lábios se desfez, voltando a sua habitual expressão seria, seus olhos tão fixos nos meus como nunca esteve.

- Eu acho que a pergunta certa seria: o tão dominada você já se encontra, Katerina. – Murmurei com um certo tom brincalhão, Peter sorriu com o meu comentário então continuei. – Respondendo a essa pergunta, eu diria que o suficiente para entregar o meu coração a um completo estranho que o tomou sem total piedade. - Minhas palavras saiam com muita facilidade enquanto minhas mãos se aprofundavam em seus cabelos loiros com carinho. – Peter, o tão dominado você já se encontra?

- O suficiente para ter apenas você em minha mente. Que tipo de feitiço é esse?

- Paixão. Sedução. Desejo – Murmurei de forma sedutora enquanto me aproximava um pouco mais de si, pronta a beijá-lo, mas no fundo estava apenas a seduzi-lo tanto que mordi levemente seus lábios vendo o mesmo me olhar inebriado de desejo. – Amor. O mesmo feitiço que você se utiliza para me conquistar e o faz muito bem.

Antes mesmo que eu pudesse dizer mais alguma coisa Peter tomou os meus lábios em um beijo dominante e apaixonado, suas mãos afundaram em minha cintura, me empurrando de costas na direção da borda, ficando assim presa em seus braços, enquanto mantinha minhas mãos distraídas em sua nuca e cabelos, nossos lábios tão unidos como se fossem duas peças de um quebra cabeça, recém achadas e sem intenção de se separarem.
Quando nossos lábios se afastaram, o ar ainda era uma necessidade de nossa existência, nossos corpos se mantiveram como estavam, nossos rostos a menos de

cinco centímetros de distância, podia sentir seu hálito quente bater em meus lábios, um suave gosto de menta que agora dominava minha boca.

- Você quer ser minha namorada, Katerina Farrell?
- Sim. – Disse , sem ao menos pestanejar.

E antes que pudesse fazer qualquer coisa Peter voltou a me beijar daquela forma que fazia meus joelhos tremerem, meu coração acelerar de paixão e meu estômago afundar em profundo nervosismo. Só ele sabia me beijar das maneiras que eu nunca havia antes experimentados, me questionava se seria sempre assim e desejava profundamente que sim; eu não era só sortuda, mas abençoada.
Ficamos a namorar por algum tempo, apenas trocando beijos e caricias, voltamos a conversar entre os seus habituais sussurros e minha timidez que agora estava claramente declarada.
Peter voltou ao assunto do jantar com o comandante e sua família, perguntei se ele tinha total certeza que eu deveria ir, eu expliquei que sabia que o clima iria ficar pesado, mas Peter pediu para confiar nele que nada daria errado, além do mais, ele estaria comigo para me defender. Mesmo ficando em dúvida em relação a isso logo me esqueci sendo tomada por seus beijos e caricias novamente.
Como manter o cérebro funcionando desse modo? Impossível!

- Você, por acaso, teria um vestido apropriado para a ocasião? – Peter questionou, agora encostado na borda seus braços servindo de apoio e as mangas de sua blusa social dobradas de forma despojada, sem perder estilo .

- Defina *apropriado*.
- Longo e cafona ou médio e cafona, desde que ele seja alguma marca famosa para a Serena te paparicar e/ou invejar e minha tia elogiar pelo seu bom gosto.

- Humm ... – Passei mentalmente todos os vestidos que havia trazido e nenhum era bom o bastante para a ocasião. Nem o meu vestido de formatura, que havia ficado em casa, seria adequado ao evento. – Não, nada que siga esses pré-requisitos.

- Então teremos que providenciar um. – Peter se afastou calmamente da borda, me olhando com um sorriso leve nos lábios. – Venha, vamos achar um vestido para

você, não se preocupe com o valor, eu pagarei, é claro. Eu até chamaria Amelia para nos ajudar, ela é ótima com essas coisas, mas ...

- Não, não. Você pirou? - Interrompi ele sem a menor o olhando em choque. – Eu não posso deixá-lo fazer isso.

- Porque não? Eu a convidei para o jantar, você aceitou, mas não tem uma roupa apropriada, então é obrigação da minha parte comprar uma roupa adequada para você. – Peter disse com aquele tom de voz tranqüilo, como se ele tivesse dizendo algo óbvio que para mim soava como insanidade.

- Eu não quero ser um estorvo, muito menos uma despesa para você não quero parecer inconveniente. – Disse, fazendo um bico. – Interesseira! – disse mais para mim do que para ele ouvir.

- Está sendo inconveniente agora. – Peter disse tomando uma expressão seria, cruzando seus braços. – Apenas aceite o meu presente. Pense pelo lado positivo: você terá o direito de escolher, se você continuar com esse papo de ser um estorvo, eu te deixo no seu quarto e compro sozinho o vestido e garanto a você, sou péssimo com cores e tamanhos de roupas, então será uma escolha desagradável.

- Não é justo a posição em que você está me colocando. – Falei me sentindo extremamente injustiçada.

- Injusto é você fazer uma desfeita dessas para mim. – Peter se aproximou de mim, repousando sua mão em meu rosto em um toque singelo dando um suave beijo em meus lábios, ao se afastar era óbvio notar meu desnorteamento. – Então ... vamos ou não comprar esse vestido?

- Sabe o que é injusto? É você me deixar desse modo com um simples beijo. – Murmurei fazendo um bico nervosa, ele sorriu logo entendendo o motivo de meu nervosismo, mesmo assim ele não se afastou de mim escorregando suas mãos em minha cintura. Tomei um tom mandão em minha voz, mesmo sabendo que não conseguiria desempenhar bem o papel. – Que fique bem claro que vou escolher o valor do vestido, se for muito caro nem pensar, tem que ser algo em um valor que eu

poderia pagar pelo menos... Já está avisado.

- Certo. – Ele disse se colocando ao meu lado no exato momento que comecei a andar, mas podia jurar que um sorriso satisfeito brotou em seus lábios.

Em menos de meia hora entramos em mais ou menos 10 lojas de marcas conhecidas mundialmente diferentes, mas nem Peter ou eu ficamos dominados a comprar algo em particular. Não que não achássemos peças bonitas, tudo que uma das atendentes indicava a eu e Peter achávamos que era belíssimo, pelo menos boa parte dos vestidos, e quando eu experimentava ficava um luxo ao ver em meu corpo, mas era só eu ver o preço que eu arrancava Peter a força das lojas, óbvio que ele não gostava nada disso e ficava a resmungar coisas do tipo que ele podia pagar, não havia necessidade disso, que tal vestido ficou perfeito em mim e que eu era um teimosa patológica.
Não discordei dele no último caso.
Passamos em frente de uma loja de aluguel de roupas de galãs e fantasias, parei em frente à vitrine admirando um belo vestido longo branco com detalhes em prata, mas Peter me tirou de lá quase que a força, só não me pegou no colo porque seria nada cavalheiresco.
- Ei, eu gostei daquele vestido. – Disse, emburrada.

- Isso é ótimo para o seu *bom* gosto, mas não quer dizer que vou permitir que minha namorada use uma roupa alugada quando eu posso comprar algo descente para ela.
- Está dizendo que roupas alugadas não são descentes? – Ergui uma sobrancelha realmente incrédula com seu julgamento.

- Estou dizendo que se eu tenho condições financeiras de comprar um vestido a você porque justamente iremos alugar um? – Ele murmurou segurando a minha mão com a mesma gentileza de sempre. – Além do mais, namorada minha não usará roupas alugadas se posso comprá-las para ela. Acho uma desfeita enorme e ficarei muito ofendido.

- Tadinho do Peterzinho! Ofendido por que a namorada preferiu um vestido alugado ao invés daquele preto da Prada! – Murmurei com certo deboche, escondendo um

sorriso nos lábios o desfiz ao ver Peter sério, ele era ótimo em fazer essa cara. – Por favor, Peter entenda o meu lado, eu não vivo de luxo, para mim gastar 20 mil num vestido é um absurdo porque poderia usar esse dinheiro salvando um condado na África ou talvez salvando a vida financeira da minha família. Por isso eu não quero nada caro, eu não necessito de valor para sentir que estou usando algo maravilhoso, para mim vai importar muito mais saber que você gostou do vestido por achá-lo atraente em mim e não porque você o comprou e porque ele é de marca.

- Tudo bem. Você me convenceu principalmente depois da parte de usar um vestido atraente. – Peter ergueu levemente seu rosto com a mesma expressão seria, mas podia ver um sorriso malicioso cair em seus lábios. – Mas entenda, por mim você poderia ir vestida apenas com uma lingerie da cor que você preferir que para mim estaria bom, não que eu esteja lhe induzido a algo, é claro, mas é um evento importante. Eu quero que você esteja digna da ...

- Nobreza? – Questionei erguendo ambas as sobrancelhas ao completar sua frase. – Tudo bem Peter, você venceu, mas só dessa vez, estamos entendidos? Essa vai ser a primeira e última vez que você vai comprar algo para mim que passe dos três zeros, ok? Nós próximos eventos eu terei que me virar do meu jeito classe média pobre.

- Tudo bem. – Ele voltou a sorrir daquela forma leve me puxando com sua mão para continuarmos o caminho.

Entramos em mais 03 lojas, nos mantendo na última, da Chanel, a favorita de Rachel que tinha tantas roupas de lá que suspeitava que já faziam por sob medida para a mesma, o que não dúvidaria muito.
Uma simpática atendente, Claire, nos direcionou para sentarmos em um grupo de *puf's* vermelhos, ela questionou o que procurávamos, Peter foi mais rápido pedindo os melhores vestidos que ela teria a disposição e que fossem proprios para um jantar de gala, enquanto ela trazia alguns vestidos da forma que havíamos descrito notei que reconhecia diversas roupas expostas ali, todas estavam no último catalogo da loja, que Rachel recebia todo mês, é claro.

Experimentei em torno de 05 vestidos longos e 03 que iam até a altura dos meus

joelhos: rosa, roxo, azul, preto, branco, entre outros tons desconhecidos. Nenhum agradará nem a mim ou a Peter.
Era o último vestido da última fileira que Claire havia me entregando, era longo de tom turquesa com uma linha prateada desenhada por todo o tecido. Não gostava de vestidos longos, mesmo com saltos altos ficava a me sentir uma girafa desengonçada, mas não tinha escolha: ou era esse vestido ou um dos outros. Sai do provador, voltando à parte central onde Peter se encontrava ou não.
A loja tinha apenas 03 atendentes, Peter e eu éramos os únicos clientes, olhava ao arredor a sua procura, mas nem sinal dele ou Claire, a jovem que estava no caixa indicou para o fundo da loja, assenti e segui o caminho indicado. Não os havia visto por culpa de uma grande pilastra cheia de roupas. Eles se encontravam quase que ao fundo da loja, Peter observava com atenção um vestido em um manequim, apenas quando cheguei perto o bastante, andando feito uma pata e tentando erguer o vestido o bastante para não tropeçar no mesmo, pude notar que se tratava de um vestido médio de material simples, sem desenhos, apenas tecido, rodado e de tom vermelho. Claire se retirou e Peter se virou me olhando com atenção, em seguida indicou o vestido atrás de si.

- O que você acha?
- Perfeito! – Disse sorrindo, completamente sem palavras. – Vermelho é a minha cor favorita, será que ele vai ficar bonito em mim porque olhando daqui ele parece divino.
- Bom, para mim qualquer coisa ficará boa em você. – Peter murmurou se aproximando de mim de uma forma sedutora.
- Então é por isso que já experimentei mais de 30 vestidos em menos de meia hora?! – Questionei com sarcasmo, Claire abafou uma risada, enquanto eu o observava incrédula.

- O que podemos fazer se esses vestidos não valorizam sua beleza como devem? – Ele murmurou roubando um beijo breve dos meus lábios. – Agora vai lá experimentar, tenho certeza que é esse.

- É, eu também acho. – Respondi mordendo meus lábios, roubei um beijo de seus lábios e girei meus calcanhares pronta para voltar para o provador andando feito

uma pata graças ao vestido, me recordando dele voltei a me virar pegando Peter de surpresa, já que o mesmo me observava. – Ah! O que você achou desse vestido?

- Horroroso. – Ele respondeu fazendo uma careta com um tom sarcástico. – Está cobrindo coisas demais.
- Humm, sei. – Murmurei, balançando a minha cabeça com um sorriso leve em meus lábios.

Voltei ao provador, já encontrando Claire no ambiente com o vestido vermelho em mãos. Depois que consegui me livrar daquele tubinho sufocador, fiquei a me observar com o belo vestido vermelho, ele havia ficado perfeito em meu corpo. Como se tivesse sido feito perfeitamente para as minhas curvas e tamanho. Fiquei maravilhada, mesmo tentada a olhar o valor, me contive.
Ao sair do provador encontrei Peter de pé próximo aos *pufs*, estava concentrado em seu celular, o que o despertou fora Claire que pela milésima vez elogiou a minha beleza e como o vestido havia ficado perfeito em mim. Dessa vez acreditei.
Peter se virou de imediato e vi sua expressão ficar extremamente encantada como se tivesse visto algo indescritível, ele sorriu me observando de cima abaixo e sem tirar os olhos de mim, meio abobado questionou o que havia achado, disse que havia amado sorrindo toda boba, dando um leve giro como se fosse uma princesa de conto de fadas da Disney e sem mais, ele disse que o levaria sorrindo admirado para mim.

Assim que me troquei, Claire levou o vestido para ser ensacado e embrulhado de forma adequada, achei mau educado ficar próxima a Peter, enquanto ele pagava pelo vestido, então fiquei a me distrair pela loja. Assim que ele terminou o mesmo me entregou a famosa sacola da Chanel, meu primeiro vestido da Chanel -não que eu não tivesse nenhum Chanel, Prada, etc. Rachel mal repetia as roupas que tinha e quando o fazia era porque o havia customizado ao seu estilo, então quando ela se cansava de alguma peça, logo dava elas para mim, ela mesmo ajustava para o tamanho do meu corpo e às vezes até customizava para ficar a minha cara - andava pelo convés toda boba. Não apenas pelo vestido que de fato era lindo, mas por estar de mãos dadas com o meu namorado. Senti meu rosto corar enquanto conversávamos, não fora nada que ele me dizia, mas sua mão segurando na minha, sua aproximação e toque me deixava completamente sem fôlego e meu coração estava tão feliz como já não ficava

a muito tempo.
Eu o estava namorando.
Ele era *meu* e eu era *sua*.
Podia ser mais mágico?
Eu estava vivendo um conto quase de fadas.

Ele me deixou na porta de meu quarto, mesmo com toda a seriedade que Peter tinha quando ele sorria era quando mais bonito ele ficava, esse era um desses momentos. Eu parei próxima a porta, quase que encostada na mesma, sua mão subiu lentamente pelo meu braço, acabando por repousar em meu rosto, ele sussurrou que me buscaria às nove horas e que estava ansioso por essa noite.
Trocamos um beijo apaixonado e tive a sensação que explodiria de tanta paixão.

Assim que adentrei ao quarto, depois de muito lutar para se despedirmos dei de cara com Rachel sentada num dos sofás com as pernas para o alto ouvindo seu Ipod, fazendo uma coreografia estranha com os ombros e a cabeça, deveria estar ouvindo suas bandas de KPop, enquanto lia uma de suas bíblias da moda, demorou para ela me ver tive que arrancar os fones de seus ouvidos para notar minha presença, ela teria me matado se tivesse feito isso sem um propósito maior, a fera só se acalmou ao ver a sacola da Chanel.

- OH MEU DEUS! – Ela gritou se ajoelhando e tomando a sacola em seus braços e tirando o vestido devidamente embrulhando como se tivesse segurando um fígado que salvaria sua vida.
- Rachel Ray estamos uma situação de extrema urgência. Eu preciso ficar divina até as oito e cinqüenta e nove dessa noite e *só* você pode fazer isso. Preciso de ajuda em cabelo, maquiagem e de bons modos, então não temos tempo a perder, para de namorar esse vestido e mãos a obra.

- Espera um minutinho. – Ela pausou, ficando com uma expressão seríssima a me observarVocê vai ser apresentada a sociedade ou coisa do tipo, Mia Thermopolis? – Ela questionou me olhando de cima abaixo com o tom debochado usando do nome de Mia Thermopolis, só uma de minhas mentoras em existência. – Porque, como sua melhor amiga, preciso ser honesta: Vou precisar de muito mais horas para deixar

você divina, começando pelos seus cabelos que precisam de um tratamento agressivo imediatamente, muita maquiagem para deixar você com um ar de humana e não de vampira e nossa, um bom banho de bucha, seus cotovelos estão desesperadamente podres de tão negros e descascados.

- Não, mas é quase isso. – Disse desanimada, após tal descrição. - Vou a um jantar de gala com Peter. Miranda, a monstro e Serena, a coisa mais *feia* do planeta vão estar lá. – Respondi, extremamente em dúvida sobre a veracidade de sua descrição, a olhando com estranheza.

- Oh, por isso você quer ficar divina! – Ela voltou a me analisar como se estivesse olhando uma pintura renascentista à procura de algo que fosse imperfeito sendo que no meu caso ela com certeza achou muita coisa.

- Não, eu quero ficar divina porque sou narcisista! Gosto de ficar bonita pro nada. – Falei irritada. – É claro que é por isso, Rachel!

- Olha, se continuar a falar comigo nesse tom de voz eu te largo no estado que você se encontra nesse momento com esse cabelo de palha, esse buço mal feito e essas pernas cabeludas, está me entendendo, ó coisa nervosa?

Passei de imediato as mãos nos meus cabelos seguindo para o meu buço não sentindo nada de anormal como ela havia descrito, fiquei um pouco mais tranqüila, tentei respirar, mas desconfiava que havia desaprendido de vez.

- Faça o que tiver que fazer, mas preciso ficar pronta as nove em ponto. – Disse por fim, vencida.

- Vamos começar pela depilação das pernas, axilas e virilhas. – Rachel murmurou me olhando de cima para baixo com aquela expressão de desdém que só ela sabia fazer, se colocando de pé como uma modelo digna, ainda mais segurando a sacola da Chanel no braço. – Suponho que você tenha muito a me contar por isso pegarei os *Doritos*, enquanto isso, por favor pegue as cervejas que estão na geladeira.

Rachel adentrou seu quarto mantendo a porta aberta, notei ela repousar a sacola com

meu vestido em sua cama, enquanto ela ia em direção do banheiro.
Eu tinha 02 opções naquele momento:
Fugir daquele quarto e ir para o baile de gala da maneira horrenda que Rachel havia me descrito ou agüentar todas as dores que iria ser obrigada e submetida a passar graças à minha melhor amiga ligada em moda e beleza, tudo para ficar divina para o Peter e calar a boca de Miranda e Serena, que provavelmente pensam que sou uma pobre coitada, sem capacidade de pertencer ao status sociais delas, e podem não estar muito enganadas em relação a ser pobre, mas mudaria a visão delas sobre eu ser *coitadinha* e *incapacitada de estar em seu mundo*.

Pensando bem, me lembrando da depilação e de outras práticas de tortura para emebelezamento ...
Eu juro, estou muito propensa a ficar com a primeira opção.

Capítulo 19 Mar Silêncioso

Só porque estou perdendo
Não significa que eu esteja perdido Não significa que irei parar
Não significa que deva me render.

Só porque estou sofrendo
Não significa que estou ferido
Não significa que eu não tenho o que eu mereço. Nem o melhor e nem o pior.

Eu apenas me perdi
Todo rio que tentei atravessar
Toda porta que testei estava trancada
Ohhh estou... apenas esperando o brilho se apagar.

Lost! - Coldplay

Eu amava Rachel, mas naquele momento eu nunca havia tido tanta raiva de uma pessoa como estava a ter dela, também descobri que havia fugido do meu conhecimento que era possível carregar aqueles instrumentos para embelezamento, cera e todo tipo de parafernália que dizem que era para beleza dentro de um navio em cruzeiro, aquelas coisas podiam ser usadas como armas por um serial killer, era só questão de um pouco de inteligência da parte do assassino, é claro.
Como eu havia pedido ajuda a rainha do embelezamento da Carolina do Norte, deveria aceitar a minha sentença.

Rachel decidiu que o melhor era começar uma hidratação em meus cabelos, depois de enfiar 05 tipos de cremes de tamanhos, cheiros e cores diferentes em meu cabelo, por fim meteu uma touca prata em minha cabeça, se tivesse sorte meus cabelos não iriam cair com aquela mistura absurda de tantos produtos de uma vez só e confesso que desconfiei que se colocassem uma antena no topo de minha cabeça poderia conseguir assistir a Fox, se tivesse sorte conseguiria ver um episódio novo de House, oba!
Enquanto aqueles cremes agiam, de forma misteriosa em meus cabelos, Rachel passou um creme em meu rosto, de acordo com ela, ele fecharia meus poros e deixaria minha pele brilhosa e macia, de acordo com a minha pele aquele produto era um ácido corrosivo e iria derreter minha pele em segundos.
Quando eu achava que não tinha como piorar, ela veio com as ceras e tiras de diversas cores e tamanhos; abafei um grito já pensando em meu futuro.
Eu respirei profundamente, observando ela abrir as vasilhas de cera, enquanto

conversávamos sobre os últimos eventos e eu tentava não me desesperar com a temida depilação.
Cada um servia e era feito de uma coisa diferente, e parecia uma competição de fedor, quem fedia mais seria o vencedor: um era para a perna e era de mel; outro para virilha e era transparente; o outro para o buço era branco e fedia horrores e por fim o das axilas que tinha um tom de sabão em pedra e ele não só fedia, como também era pastoso de um modo nojento.
Ela decidiu começar pelo local menos doloroso nas pernas.
Enquanto ela colava as tiras com cera em minhas pernas, eu passava um pouco daquele creme fedido em meu buço tomando cuidado para não cobrir a minha pinta, vai que dar uma reação alérgica exatamente em meu charme único e invejável. Deus me livre! Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa ela arrancou uma das tiras e eu senti como se tivesse levado um soco, antes que conseguisse pedir para ela ir com calma e gentileza, ela arrancou mais duas tiras e tive a sensação que havia perdido a mobilidade das pernas; a mesma ação ocorreu com a outra perna, só me senti tranqüila quando consegui caminhar vendo que a mobilidade ainda existia, era só uma dor temporária.
Por alguns momentos havia esquecido das axilas e virilhas e entrei em desespero ao tirar o creme depilatório do buço e ver que o mesmo havia ficado avermelhado e dolorido, sem contar com aquele fedor.
Em vez de ficar bonita estava começando a parecer um tribufu com doenças venéreas. Eu temia demais a depilação nas virilhas, não que eu jamais tivesse feito, além do mais eu conheço o poder de um aparelho de barbear, mas pelo visto Rachel preferia aquelas tiras diabólicas com ceras feitas pelo Hades em pessoa. Quase que em lágrimas, ainda sentindo minhas pernas arderem, Rachel disse, ou melhor exigiu em tom rude de voz, que eu deveria ser macha e agüentar uma simples dor que era temporária; tudo pelo amor e valorização da beleza externa.
Se ela agüentava, eu também agüentaria, ela disse.
Sim, já estava me arrependo seriamente de ter pedido ajuda a ela, sempre que preciso de sua ajuda nesse setor me esqueço de como Rachel tem a capacidade de ser paranóica, mandona e psicótica quando a questão é beleza e isso sempre me apavora. Acreditando em suas palavras voltei a me deitar na cama, enquanto ela reclamava do mal de um aparelho de barbear em uma virilha; ela via problemas ali, eu

não via nada, mas deveria ser a dor.
Questionei em uma última vez, ainda com esperanças de convencê-la, se tinha certeza que era necessário aquilo e ela disse em choque que sim.

- Vai que alguma coisa acontece ai embaixo. – Ela concluiu com essa máxima maliciosa.

Emudeci e esperei quase que em pânico pela dor e não senti nada, eu juro, porque no momento que ela tirou a tira eu vi tudo ficar branco.
Questionei quase sufocada por que ela estava arrancando minha vagina fora, o que *ela* havia feito com Rachel para ter tanto ódio assim e antes que conseguisse lamentar mais senti o outro lado sendo puxado e vi tudo ficar vermelho.
Ninguém sabe o que é sentir dor até depilar a virilha, NINGUÉM!
Decidi que ficar deitada em silêncio era uma boa opção. Mandei que ela colocasse logo aquela cera do diabo em minha axila para eu aproveitar a dor que sentia nas virilhas e anular a mesma assim que sentisse a das axilas e não é que deu certo.

Mentira! Senti meus olhos se inundarem de lágrimas doloridas sentindo a dor triplicar. Eu não estava me embelezando para ficar bonita, eu estava passando por uma tortura masoquista, só podia ser; eu fui enganada, é isso.
Quando isso tudo acabar, pensei as partes torturadas de meu corpo latejarem de dor, *eu tinha que ficar mais que divina, eu tinha que ficar uma deusa, menos que isso e eu colocaria essa cera nos cabelos de Rachel e arrancaria mecha por mecha só para ela sentir meu ódio*.

- A-Acabou? – Com o desespero tomando conta de minha voz.

- Não. – Rachel respondeu quase que em um tom malévolo. Abri os olhos para ter certeza que era Rachel que ainda existia naquele corpo e não um ser do mal que havia a possuído com o intuito de acabar com a minha vida.

Com muita delicadeza e arrastando os pés em um estilo oriental - se eu pudesse levitar, levitaria - me sentei no banquinho acolchoado - aí, eu amo o inventor do acolchoado, espero que ele saiba disso aonde quer que esteja - em frente da penteadeira e se eu achava que a tortura havia terminado ... Nãoooo!

Ela passou mais cremes, procurou por cravos, tirou pelos que haviam sobrado do buço, até no meu nariz ela queria mexer, tudo com uma pinça feita pelo Hades também; ele deveria ter uma loja de parafernálias desse tipo, uma forma de torturar as pessoas de modo mais rápido e doloroso; ela fez uma arte em minhas sobrancelhas, que já são desenhadas por serem negras e grossas, mas Rachel disse que havia pelos em excesso ali e que tinha que fazer eu parecer uma princesa e não Frida Kahlo. Depois dessa inspeção facial Rachel mandou que eu tomasse um banho, enquanto ela iria procurar a lingerie que eu iria usar, temi por isso, sabia muito bem os tipos de lingerie que Rachel usava e tinha certeza que ela não pegaria nenhuma das minhas; eu ia vestida de Angel da Victoria Secret's, é oficial!

Assim que terminei de tomar banho, sentindo um cheiro maravilhoso em meus cabelos vendo que isso havia valido a pena, me enrolei na toalha ainda me sentindo um pouco dolorida e me deparei com algo que me fez corar até sentir minhas bochechas queimarem. Exposto na cama de Rachel haviam 03 conjuntos de lingerie extremamente sensuais e de tons preto, branco e vermelho, respectivamente, eram as peças que ela havia escolhido para a ocasião. Como havia pensado, todas da Victoria Secrets, é claro. Ela deixou bem claro que eram todas novas e que eu deveria experimentar as 03 para escolhermos a que melhor ficaria em meu corpo. Rachel e eu não tínhamos exatamente as mesmas medidas, ela tinha mais busto e menos bumbum do que eu, então era óbvio que a parte do sutiã ficou extremamente larga, enquanto a calcinha ficou bem apertada, diríamos que no fundo sentia que ela estava arrancando lascas de meu bumbum avantajado.
Ela não se importou com esse último detalhe e como sempre ela tinha solução para tudo, ela colocou alguns algodões nos espaços vazios de meu sutiã, o que foi uma boa ideia. O vermelho foi o escolhido, a parte do sutiã mais parecia um espartilho, mesmo ainda precisando de algodões eu sentia que ele iria me causar futuro problemas respiratórios. Óbvio que eu devia fazer tudo pela beleza, esse era o lema de Rachel, deixando bem claro que nunca será meu lema.
Vesti um roupão, ela queria evitar qualquer tipo de danificação no vestido ou na lingerie, ela estava convicta de que algo poderia acontecer em minha vida sexual naquela noite, então todo cuidado era necessário já eu estava convicta que uma briga entre mim e Miranda era mais propensa do que sexo com Peter.

Rachel começou pelos meus cabelos, conversava comigo sobre penteados que podia fazer, os secou com delicadeza e os separou em mechas. Decidiu fazer e pintar as minhas unhas das mãos e dos pés, escolheu um vermelho-fatal, depois da sessão tortura estrelando a depilação mortal, agora estava feliz e grata por Rachel gastando seu tempo em me produzir; ela realmente estava empenhada em me deixar divina.

Voltou a se concentrar em meus cabelos, dizendo que cabelos soltos não era fino para um evento como esse, então fez um coque desfiado deixando uma delicada franja lateral caindo em minha face, mas eu logo tratei de colocar a franja reta e acima de meus olhos o que causou algumas rugas no cenho de Rachel, e um sorriso em meus lábios, ela que prendia varias presilhinhas brancas em todo meu cabelo, como se tivessem caído magicamente ali e por fim passou fixador de penteado no coque, concluindo o penteado, colocou uma presilha delicada em formato de rosa branca de um modo delicado e seguro, impedindo assim que o coque se desmanchasse; ficou magnífico.

Por fim, se concentrou na maquiagem fazendo o seguinte uso em ordem cronológica: *base, iluminador, delineador, rimel, curvex, rimel, curvex, escovinha da sobrancelha - arrumou as pequenas falhas que cometeu ali -, um pouco de blush e um batom vermelho clarinho.* Dando ordens de passar o batom a cada meia hora e o colocando dentro de uma bolsinha preta, que eu não sabia da onde havia surgido, com as siglas da Chanel, da mesma forma que um cordão de perolas da mesma marca foi colocado em meu pescoço, objetos que Rachel possuía e estava a me emprestar. Vesti o vestido com ajuda de Rachel, evitando danos e amarrotamentos, mas antes coloquei uma meia calça de tom da pele e por fim, calcei uma sandália preta de salto alto que havia comprado em uma liquidação. Me equilibrei nos saltos finos e dei uma breve desfilada tentando não escorregar nem tombar, vendo se seria capaz de andar naqueles sapatos.

Consegui! Não foi tão difícil assim.
Me olhei no espelho do armário de Rachel notando como o vestido era belíssimo e caia muito bem em meu corpo, era tomara que caia de tecido simples e fino, num tom vermelho sangue lindo, com um tipo de látex que prendia na cintura a marcando, dando um formato rodado ao vestido, observava minhas pernas notando que aquele

vestido as valorizava e como elas ficavam belas com meia calça e salto alto; deveria usar mais salto alto.

Estava fascinada em como Rachel havia conseguido me deixar magnífica em tão pouco tempo. Ela espirrou algumas gotas de Chanel Nº 5 em meu pescoço, laterais do rosto e pulsos e brinquei dizendo que me sentia uma modelo de propaganda da marca já que estava usando tantos produtos da mesma. Agradeci, do fundo do meu coração a sua ajuda, jamais conseguiria ficar tão bonita como me encontrava naquele momento. Sem modéstia alguma, ela concordou com minha afirmação e exigiu tirar algumas fotos minhas para colocar em seu blog de moda que já existia a uns dois anos chamado "M.O.D.E" nele ela postava notícias sobre o mundo da moda, tutoriais de beleza do tipo como fazer tal maquiagem, penteado ou estilizar determinada peça de roupa feitos por ela mesma 1 vez por semana e gravados em vídeo, fazia promoções de peças de roupas, de desconto em lojas famosas e até mesmo de filmes que tem como assunto moda; a minha foto iria para uma seção chamada "Modelo da semana", muito popular entre os jovens, no qual havia várias outras fotos de pessoas comuns e famosas que se vestiam de modo estiloso na concepção de Rachel; era um blog muito conhecido, ele era o *top top* entre os blogs mais visitados do país, ficando só um pouco atrás do Perez Hilton, é.
Ela nasceu para a moda da mesma forma que eu nasci para escrever, simples.

Corri para o meu quarto para pegar o meu celular que havia conseguido finalmente carregar por completo, o coloquei dentro da pequena bolsa que Rachel havia escolhido para mim e agora precisava apenas esperar por Peter.
Me desesperei ao sentir uma fulminante fome e me surpreendi ao notar que faltavam 10 minutos para as nove. Havia perdido quase toda a minha tarde sendo arrumada por Rachel e nem ao menos me lembrei de comermos alguma coisa, não que ela sentisse falta de comida, mas eu sim, eu precisava de carboidratos e agora era tarde demais, eu não podia me entupir de comida ou acabaria chegando sem apetite ao jantar, mas também tinha que lembrar meu estômago de não me entupir no jantar, como Mammy diz em *E o Vento Levou...* pode-se saber muito sobre uma dama pelo modo que ela come na presença de homens, Scarlett disse *Bobagem* em seguida, eu também diria, mas não é que Mammy pode ter razão, não vamos desrespeitar a senhora sábia, além do mais, seria um mico chegar nesse jantar sem fome ou com

fome demais e isso estava fora de questão nessa noite;

Por que nesta noite:
Fato *#1* nada de errado aconteceria;
Fato *#2* eu seria Katerina Farrell, uma jovem fina, requintada e namorada de Peter Hartley que deixaria os convidados encantados e agraciados com minha beleza, educação e inteligência;
Fato *#3* ainda não criei um fato de número 3, mas isso é temporário, garanto.

Esperávamos agora por Peter enquanto Rachel dava os últimos retoques em minha maquiagem, me explicando algumas dicas de bons modos:
- Não fale. – Rachel murmurou séria.
- Que? – Falei em um tom alto de voz, em total choque.

- Está ai a primeira razão para você não falar. O tom da sua voz. Você precisa falar num tom mais baixo, tipo o de Peter, falei poucas vezes com ele, mas em todas, ele fala com extrema educação e suavemente, sem pressa e com um tom baixo. Principalmente, espere o seu momento de falar. Nada de atropelar a fala do outro, espere a pessoa concluir o que fala para dizer o que deseja. – Olhei para ela com uma sobrancelha levemente erguida. – Não me olha assim, Katerina Farrell. Estou fazendo um resumo de tudo que pesquisei rapidamente na internet e das matérias que li em algumas revistas e estou tentando ressaltar o que é mais importante; apenas escute e obedeça.

- Ok, ressalte que tentarei decorar e utilizar tudo de forma correta. – Murmurei, me sentando na beirada da cama.
- Na internet descobri que duques e duquesas devem ser chamados de "Sua Graça", é mal educado e rude chamar de duquesa, fique alerta a isso.

- Eu vou rir quando chamá-la de "Sua Graça", a última coisa que ela é, *é uma graça.* – Murmurei com certo deboche e Rachel me olhou séria.

- Talheres. Em restaurantes como esses, eles costumam seguir as regras de etiqueta fielmente, então provavelmente a mesa estará arrumada com diversos talheres, pratos e copos, mas preste atenção, principalmente aos talheres, cada um serve para

um tipo de comida/carne diferente. Eu não sei como diferenciá-los, mas aconselho que tente prestar atenção aos convidados, o que eles usarem, use também.

- Eu já pretendia fazer isso.

- Guardanapos sempre abertos e no colo, os use a cada 05 minutos, limpando apenas o canto dos lábios; nada de braços ou cotovelos por sobre a mesa; não fale com a boca cheia, mastigue com calma e paciência, sem pressa alguma, a comida não vai fugir do prato, eu garanto; se você não gosta de uma determinada comida ou tem alergia a ela, apenas agradeça, sem dar detalhes íntimos, isso é chato e pode causar embaraços a quem optou o prato como principal da mesa. Ah! Bebidas. É costume ter duas opções de bebidas a mesa: água e uma segunda bebida, que provavelmente, é uma escolha da pessoa que organizou o jantar, no caso Miranda. Não peça nada, só se você não gostar da bebida escolhida, caso contrário aceite a bebida; elogie a safra se for vinho, por exemplo, mas não entre em detalhes, seja modesta com seu conhecimento e não beba demais, se sentir uma sede enorme, beba a água; os lugares, provavelmente serão especificados, já que a pessoa que organizou deve ter pensado nisso, então quando chegar espere que lhe indiquem onde sentar; contenha-se com os *carinhos*...

- O que você quer dizer com conter os *carinhos*? – Questionei em dúvida.

- Não abrace as pessoas, só as abrace se elas indicarem tal ato. Se você se sentar perto de Peter não fique beijando-o toda hora ou falando com ele de forma maliciosa, sabe? Não faça coisas que vocês fariam em um jantar à sós. Nada que possa deixar os outros desconfortáveis. Eu sei que não é do seu caráter, mas sempre é bom avisar. – Ela parou de falar, pensativa. – Acho que é só isso.

Só isso?
- Tem certeza?

- Sim. Ah! Mais uma coisa. Eu sei o tão orgulhosa você é, mas ... dê uma chance a Miranda e a Serena. – Olhei para ela surpresa, conhecia Rachel o bastante para saber que ela me mandaria fazer totalmente o oposto, mas havia algo diferente no modo que ela falava, ela estava sendo madura, odiava quando ela agia assim, já que sabia

que ela tinha razão – Peter a pediu em namoro, ele a quer na vida dele, mesmo ele sabendo que você tem algumas semanas em Londres e depois voltará para a Carolina do Norte e em seguida para Nova York; ele está disposto a ter um relacionamento com você, a distância, você tem noção de como isso é difícil? Ele é maduro, responsável e apaixonado por você e eu sei que você é tudo isso também, então faça um esforço para que Miranda e Serena vejam a garota fantástica que você é, mostrando não só a elas quem você é, como que para ele que você quer fazer parte da vida ao qual ele pertence, se esforçar ao seu máximo e acompanhar todos os acontecimentos ao seu lado como uma fiel namorada apaixonada.

Assenti aceitando as suas dicas, o problema era saber se me lembraria tudo. Respirei profundamente sentindo meu coração acalmar em meu peito, mas logo ele voltou a acelerar assim que três batidas firmes foram emitidas na porta.

- É ele! É ele! É ele! – Murmurei de forma agitada ficando de pé, Rachel olhou para mim incrédula.

- Respira, Kate. Calma! É o Peter, não o Johnny Depp. – Ela murmurou abanando sua mão em frente do meu rosto na intenção de me acalmar. - Eu vou abrir a porta, tenho medo que você acabe quebrando o cartão chave com toda essa empolgação e nos prenda aqui por tempo indeterminado.

Rachel se retirou do ambiente, mantendo a porta da minha cabine entreaberta, segui seus passos me mantendo escondida por de trás da porta, ouvi o clique da porta principal ser emitido e não demorou muito para ouvir a voz de Peter irromper no ambiente.

- Boa noite. A Kate se encontra? – Ele questionou e Rachel respondeu *hum-hum*. – Ela está pronta? – Ele voltou a questionar com um tom de dúvida em sua voz.

- *Hum hum*. – Ela engoliu o bicho do *hum hum*? Por Deus! - Essa rosa é para mim ? – Rachel questionou com um tom de voz sério, como se estivesse o analisando por suas ações.

- Não. – Ele respondeu, abafando uma charmosa risada, será que ele já percebera que

estava sendo analisado? – Essa rosa é para a Kate, mas prometo que lhe trarei algo na minha próxima vinda aqui.

- Ah, por favor! – Rachel disse com um tom charmoso. - Não precisa me bajular. – Ela pausou e eu encostei mais meu ouvido na porta tentando ouvir qualquer coisa vinda deles. Apenas faça Kate feliz e estaremos quites e que fique avisado que se você magoá-la uma vez sequer, saiba que terá que lidar comigo. – Rachel murmurou por fim com certa firmeza, o que fez um leve sorriso crescer em meus lábios; Rachel era uma em um milhão, sempre me defendendo e protegendo como uma leoa protegendo seus filhotes. – Eu vou chamá-la.

Ouvi passos leves vindo em direção a minha cabine e me afastei da porta dando espaço para ela adentrar no ambiente, Rachel me olhou e ficou com uma expressão embaraçada mesclada com certa superioridade ao perceber que a observava de modo encantado.

- O que?
- "*Apenas faça Kate feliz e estaremos quites*"?! – Murmurei com um tom angelical em minha voz, Rachel revirou os olhos bufando, ela odiava quando era pega em seus momentos sentimentais. – "*E que fique avisado que se você magoá-la uma vez sequer, saiba que terá que lidar comigo*"? Boa Rachel, tenho certeza que de agora em diante ele vai agir de forma *muito natural* quando estiver perto de você ... se em alguma ocasião, ele te ver com uma faca, acho que desmaia. – Murmurei com sarcasmo.

- Cala a boca! – Ela disse seriamente com uma sobrancelha erguida e os braços cruzados. – Ou eu retiro tudo que disse e conto a ele seus piores segredos.

- *Hum hum*, acredito que você é bem capaz de fazer isso, mas sei que não o fará, sabe por quê? – Rachel manteve sua pose agora com ambas as sobrancelhas erguidas. – Porque você me ama e quer a minha felicidade, não o oposto, por isso você fez aquele discurso ali fora, você está protegendo a sua melhor amiga e isso é muito honroso, Rach.

- Tá, tá, tá. – Ela disse balançando levemente uma das mãos como se estivesse

fazendo pouco caso de minhas palavras. – Vai logo que seu *Lorde* a espera, não perca mais seu tempo com a plebe. – Ela se aproximou de mim, arrumando o meu vestido nas laterais, como se estivesse tirando os poucos amassos do tecido criados depois que me sentei - Não se esqueça de minhas dicas. Sorria e não se esqueça do mais importante ...

- Respirar? – Questionei entortando os lábios.
- Seja natural. – Ela completou abrindo um sorriso leve, me aproximei dela a abraçando com um carinho terno.

- Você é a melhor fada madrinha que qualquer garota iria desejar. – Murmurei próximo a seu ouvido, dando um beijo estalado em seu rosto. – Me deseja sorte e boa noite com o Steve.

- Boa sorte e boa noite para vocês também.

Sai do quarto ainda sorrindo, sentindo um arrepio tomar todo meu corpo parei de supetão ao me deparar com Peter parado próximo a entrada do ambiente, vestia um belo smoking preto, estava sem gravata mantendo os primeiros botões de sua blusa branca entreabertas de modo despojado, seus cabelos estavam desalinhados como de costume, havia feito a barba voltando a ter a sua adorável pele lisinha; ele estava deslumbrante, tão lindo aos meus olhos, com sua maturidade e encanto, sua beleza jovem que para uns podia ser comum, mas para mim era única não se faziam garotos assim em Durham, então sorte minha ter encontrado o *meu* Peter.
Peter me olhava com uma expressão incrédula como se nunca tivesse me visto antes e estivesse extremamente curioso com minha presença, esse seu olhar me deixou um pouco desnorteada, temendo que ele não tivesse gostado do que via, foi quando ele finalmente falou ...

- Você está ... – Ele pausou, como se estivesse sem palavras, suas mãos repousadas em suas costas lhe dava uma postura e pose secular o que lhe deixava com um ar de cavalheiro do século passado que lhe caia muito bem. – Linda é pouco para a imagem que estou tendo agora de você; maravilhosa, fantástica, deslumbrante, talvez uma mistura dessas palavras façam jus ao que vejo agora.

- Ah, por favor! – Murmurei me sentindo aliviada por ele ter gostado do meu visual, sorrindo timidamente. - Não exagere. Eu só es ...

- Exagere sim! – Ouvi a voz irritada de Rachel vindo de meu quarto. – Eu demorei muito, mais muito tempo, para deixá-la nessa obra prima que se encontra. Eu deveria ganhar um premio por tanta perfeição.

- Rachel! – Murmurei em um tom de aviso, podia sentir o meu rosto corar violentamente enquanto imaginava como a castigaria por ter atrapalhado o momento, definitivamente iria dar um peteleco em sua orelha na primeira oportunidade que tivesse.

- Rachel está certa, Kate. Nem que eu ficasse a noite inteira lhe elogiando, seria o bastante.
– Peter respondeu sorrindo. – Você está divina.

- Não foi o que eu esperava, mas está bom, por enquanto. – Rachel disse em um tom satisfeito de voz. - Me surpreenda da próxima vez com adjetivos novos e que façam jus a trabalho tão bem feito. – Por fim resmungou. - Falo mesmo ...

- Ok. Tudo bem. Eu já entendi. Eu estou muito diferente do meu estilo normal " *sou largada sim e daí*?" e Rachel deveria ser endeusada por ter feito tal obra prima de me transformar de uma plebéia a uma princesa em poucas horas, felizes pelo meu reconhecimento, que bom. – Murmurei, revirando os olhos.- Nós podemos ir antes que a Rachel resolva dizer mais alguma coisa que vá me deixar seriamente mais envergonhada de que já estou e eu me arrependa seriamente de não ter arrancado a língua dela com o *curvex*?
– Murmurei sentindo certo nervosismo em minha voz, mas logo tomei uma atitude hóstil que sabia que havia divertido Rachel.

- *Curvex*? – Ele questionou enrugando o cenho. Ele não sabia o que era um simples *curvex*. Que menino abençoado, Senhor!

- É um aparelho criado pelo capeta que você prende os cílios e aperta com um mecanismo genial do satã para tentar deixar seus cílios virados para o alto de forma

glamurosa, se você tiver sorte, você não arrancará seus olhos, enquanto faz tal ato, é claro que antes você deve passar rímel para o efeito durar por longas horas. Ah! E a pessoa precisa ter uma mão bem firme ou pode acabar arrancando a pálpebra com um simples movimento errado. – Falei rapidamente sentindo o nervosismo me tomar novamente.

- Parece ser uma engenhoca fascinante. – Ele disse completamente sem ânimo e tinha certeza que ele não havia entendido nada. – Podemos ir? – Ele murmurou por fim, abrindo um sorriso e estendendo em minha direção uma rosa vermelha.- Eu pensei em colocá-la em seu cabelo, mas estou com medo de ... sei lá, destruir o que quer que a Rachel tenha feito e que ela acabe me assassinado por isso.
- Arh ... dá licença! – Rachel saiu de meu quarto feito um tufão, tinha em mãos uma tesoura, um fixador de penteados e uma pequena presilha prateada. – Dá um espaçinho, ó Romeu! Vou providenciar o que deseja em alguns segundos e ficará muito satisfeito. – Ela disse com certa admiração, voltei a revirar meus olhos abafando uma risada. - Observe uma artista trabalhar em sua maior obra.

Rapidamente Rachel pegou a rosa das mãos de Peter sem a menor simplória, o que o deixou com uma expressão surpresa, ela cortou boa parte do galho, passou o fixador em toda a flor como um método para deixá-la intacta para a mesma não se desfazer, enquanto me movimento, em seguida tirou a presilha em forma de rosa de meus cabelos e logo colocou a rosa em direção ao meu cabelo, a prendendo com a pequena presilha prateada na lateral direita próxima ao topo de minha orelha, num estilo espanhol, creio. Ela se afastou um pouco observando o feito e sorriu no mesmo instante que Peter, sorri vendo que eles haviam gostado do visual, crente que havia acabado e antes que pudesse fazer qualquer coisa, Rachel atirou um jato do fixador na direção de todo o meu cabelo, como se estivesse matando uma barata com um inseticida de baixa qualidade, causando em mim uma sessão de espirros e tosses incessantes, intoxicada por aquele cheiro. Com medo de Rachel e sua expressão ameaçadora de DaVinci da beleza me atacar novamente com o fixador, me despedi dela carregando Peter comigo, que desejou uma boa noite a ela enquanto tentava controlar o riso.
Assim que caminhávamos pelo corredor, ele dizia que não sabia o que era mais engraçado: a minha cara de susto levando o banho de laquê ou a cara de determinada

de Rachel em me deixar mais perfeita que estava. Não consegui respondê-lo graças aos espirros, mas senti minhas bochechas corarem em mais uma sessão de timidez.

Andávamos calmamente pelo convés, Peter me guiava pelo caminho segurando a minha mão, que estava suando de forma ininterrupta, começava a me irritar com esse nervosismo todo que tomava conta de mim, mas não era um nervosismo habitual, de estar com Peter, e sim era algo mais, algo que não queria sentir.
Por mais que estivesse feliz por estar com Peter, o acompanhando nesse jantar que ele tanto queria que eu fosse, eu sentia uma sensação muito ruim, meu coração estava apertado e eu não conseguia me concentrar em nada mais, apenas nesse aperto sufocante em meu peito; era como se eu soubesse que alguma coisa ruim fosse acontecer a qualquer momento e esse sentimento estava me apavorando, não conseguia focar no que Peter dizia, com tanta gentileza e doçura, queria prestar atenção em si, mas não conseguia estava agoniada com aquela sensação estranha e desconfortável.
O pior de tudo era saber que minha intuição não costumava falhar.
Alguma coisa ia acontecer.
Não sabia se fazia muito tempo que isso havia acontecido, mas Peter parou de falar e eu nem ao menos sabia sobre o que ele estava a falar, olhei em sua direção percebendo que o mesmo estava taciturno, sua mão segurava a minha com firmeza, enruguei meu cenho me sentindo mal por estar sendo tão monossilábica e distante com ele, o mesmo não merecia esse meu tipo de comportamento, não hoje depois de tudo que passamos.

- Eu estou nervosa. – Falei mordendo meus lábios com um olhar nervoso na sua direção, sentindo um frio correr meu estômago, enquanto meu coração continuava a bater de modo apertado e dolorido.
- Eu notei. – Ele disse tranquilamente.

- Como?

- Você está muda. – Ele me olhou com um sorriso leve nos lábios, como se acabasse de revelar a descoberta de um segredo ao qual eu estivesse a esconder. – No seu normal, você fala sobre tudo e todos, sem o menor pudor e na maioria das vezes até

se esquecendo de respirar, mas agora está diferente, está temerosa e distante em seus pensamentos, tenho a sensação que está preocupada com algo e está escondendo de mim por isso está tão quietinha porque por dentro está se remoendo em seus pensamentos. Estou errado?

- Não. – Respondi, enrugando o cenho um pouco surpresa com a descrição exata de como me sentia. – Não se preocupe com isso. Eu só estou um pouco ... *tonta* com tudo que ocorreu hoje. Preciso confessar que o meu dia a dia não costuma ser assim tão agitado, então ainda estou tentando me situar com tudo isso. – Peter me observou com atenção como se quisesse saber ao certo o que estava a me sufocar, tentei falar de uma forma natural para não assustá-lo tudo que estava passando em minha mente. – A hóstilidade de sua tia e prima, você ser um lorde, a peça de teatro, ter almoçado com um dos meus melhores amigos e chegar à conclusão que nossa relação está ruindo e descobrir que temo que ele traia Rachel do mesmo modo que traiu Joana e que ela acabe sofrendo de um modo irreparável e agora estou indo para esse jantar de aparente importância com o meu *namorado*, no qual sua tia que não gosta de mim e sua prima que também não morre de amores por mim, estão lá ... e ainda tem o fato que estou usando um Chanel, isso é ... – Que deve valer mais de dez mil de dólares, de acordo com a bolsa de valores em vestimentas, Rachel Ray. – Não me entenda mal, eu estou muito feliz por ter você aqui ao meu lado, por estar indo nesse jantar com você, mas eu ainda não tive tempo de pensar sobre tudo isso que me cerca e está acontecendo só são situações demais para uma pessoa que costuma ter uma vida pacata quase que tediosa que acaba que em um dia apenas vive isso tudo e não sabe o que pensar, como agir, o que sentir ... Acho que estou hiperventilando! Não, é oficial ... Estou hiperventilando!

Peter parou de andar ficando de frente para mim, a sua mão livre repousou em minha cintura me puxando um pouco para perto de si, enquanto a sua outra mão segurou meu rosto, me obrigando olhar seus magníficos olhos azuis.

- Respire! – Ele sussurrou naquele tom de voz inebriante. – Apenas respire!
- Fica um pouco difícil com você tão perto de mim. – Murmurei sentindo a minha voz falhar um pouco, ele me olhou de modo incisivo e respirei profundamente.
- Você é humana, Kate. – Ele sussurrou enquanto me olhava intensamente.

- Que bom que você me disse isso, já estava começando a me sentir uma Klingon. – Murmurei com certo sarcasmo, mas ele não riu, continuando a me observar com aquela seriedade única que me fazia calar cada palavra boba que podia sair de meus lábios e cada movimento precipitado que meu corpo podia vir a fazer.
- Você ama seus amigos, se preocupa e teme pelo futuro de cada um deles, tenho quase certeza que você se preocupa mais com eles do que com si mesma e com sua felicidade, contudo você se ama, tem orgulho, temores, pensamentos conflitantes, sentimentos mais intensos e confusos ainda e um enorme coração que a torna extremamente humana, não é a toa que está hiperventilando, qualquer pessoa em seu lugar já teria surtado jogado tudo para o alto e entregado nas mãos de Deus, mas você não; Você é forte e está tentando lidar com tudo isso de sua forma, cuidadosamente, um problema de cada vez, você só não sabe qual deles é o mais importante para lidar primeiro, por isso você sente que está em conflito, pensando em tudo de uma vez só... Por isso está assim, temerosa e preocupada, porque você é humana, você só está agindo como qualquer pessoa com uma humanidade como a sua, tão poderosa e bondosa, estaria a agir.

Estava sem palavras para o que ele dissera, de algum modo eu sentia que ele tinha razão, eu normalmente me preocupava mais com os problemas de meus amigos e familiares do que com os meus, eles sempre vinham em primeiro lugar em minha vida, não era a toa que estava agora assim, atormentada com tantos pensamentos sem saber como lidar com cada um deles com os problemas deles e com os meus, queria apenas saber como separá-los em minha mente em blocos de um modo saudável para mim e meu coração assim podendo pensar e resolver cada um deles de modo tranqüilo, sem surtos e temores decidi não pensar sobre nada disso em nenhum momento que estivesse com Peter ou com um dos meus amigos, iria reservar meus momentos de solidão para pensar sobre os meus problemas e de meus amigos, era o certo a fazer, por mim e por eles, só precisava convencer minha mente teimosa disso, respirei profundamente, notando que Peter estava a me observar com um olhar diferente, era uma mistura de encanto com admiração, sorri envergonhada com seu olhar.

– Porque você está me olhando assim?

- Porque eu gosto de você. – Ele disse sem o mínimo esforço, seu hálito quente indo de encontra com os meus lábios, enquanto seus dedos traçavam um caminho quente e arrepiante em minha pele. – Acabei de descobrir mais uma qualidade que *amo* em você, essa sua humanidade descontrolada; é algo *tão* Katerina.

- Ah, tá. – Falei sem palavras, descrente de sua sinceridade tão natural.

- É tão difícil para você acreditar que eu estou apaixonado por cada detalhe de seu ser, Katerina? – Peter questionou com um olhar descrente, balancei minha cabeça em uma rápida negação e o mesmo me olhou com surpresa, relutou, mas questionou. – Então porque você sempre parece tão ... duvidosa diante dos meus sentimentos?

- Não é dúvida, só é difícil acreditar que encontrei você, num lugar, momento e *vidas* improváveis de se colidirem; dois mundos opostos que se encontram quando menos esperamos, de um modo único e arrebatador; eu, agora, acho que é verdade o que falam sobre o amor, que ele acontece quando menos esperamos e de um modo único que jamais irá acontecer novamente. Eu sinto isso em relação a você. - Voltei a respirar lentamente, meus olhos voltando a se prender nos seus daquele modo magnético, resolvi mudar de assunto, pelo bem de meu coração. – Não é melhor irmos, se não chegaremos atrasados?

- Você quer ir? – Ele questionou firme enquanto me observava.
- Sim. – disse, desconcertada.
- Você realmente quer ir ou está apenas fazendo isso porque acha que eu vou *ficar* feliz com sua presença? Eu não quero te forçar a nada, Kate.

- Ah ... – Fiquei muda, de certa forma, a segunda opção era a correta e se eu dissesse isso ele não gostaria, podia ver em seu rosto isso, mas também não podia mentir para ele que havia outros motivos.

- Olha, você não precisa fazer isso por mim. Além do mais, se você quiser, podemos fazer outra coisa, não sou obrigado a ir a esse jantar de qualquer forma. Podemos ir em algum outro lugar ... Só eu e você. O que você acha? – Ele murmurou distribuindo alguns beijos em meu rosto, deixando que alguns descessem até o meu pescoço, tudo de modo delicado e discreto. – Eu confesso que a proposta é bem tentadora ...

- Se você está tentando me subornar com os seus beijos saiba que ... está conseguindo. – Murmurei entre um suspiro e outro, me afastei um pouco de si assim o fazendo parar de me beijar e afastando aquela sensação de entorpecimento que sentia quando ele ficava tão perto assim. – Peter, eu quero ir, não só por você, mas por mim também. Sou sua namorada, então tenho que estar lá com você, além do mais, é o jantar da sua tia e ela é sua família, seria feio você não ir, ainda mais depois dos acontecimentos de hoje. – Falei enquanto arrumava a gola de sua blusa, por fim prendendo meus olhos aos seus. - Agora se é você que não quer ir já é outra coisa ...

- Não, não. Eu quero ir, só temia que você estivesse fazendo isso mais por mim do que por você mesma. Não quero vê-la entediada, irritada ou pior chateada por estar em um lugar que não queira, mas pelo visto você parece decidida em seu desejo, então, vamos?

Concordei com um sorriso de uma forma suave beijei seus lábios, já estava me acostumando em ter a liberdade de beijá-lo, mas ainda sentia meu estômago se encher de um frio incomum como se fosse a primeira vez que fosse fazer tal ato e eu adorava essas sensações que se repetiam, faziam que cada momento cotidiano se tornasse novo e único. Havia algo na maneira de Peter me tratar que também me fazia sentir meu coração palpitar de uma forma descompensada, ele era extremamente carinhoso, não era bruto e másculo do tipo que eu estava habituada, pelo contrário, suas mãos sempre percorriam meu corpo com gentileza e seus lábios, por mais que fossem apaixonados, sempre buscavam os meus com cuidado e domínio, sem pressa em seus atos e movimentos, ele sabia como tornar cada momento mais especial que o outro.

Assim que adentramos o restaurante compreendi a necessidade de uma roupa tão chique para a ocasião, talvez aquele fosse o restaurante mais chique de todo o navio e o mais magnífico que eu já entrara.
Apenas na entrada já me surpreendi com o atendimento, era reservado e diferenciado, haviam 02 seguranças altos e parrudos protegendo a entrada do local, assim que paramos a frente da porta de mogno branca, os dois as abriram com expressões corteses, Peter me guiou para dentro do ambiente, logo demos de cara com uma sala de espera disposta de vários sofás de tom dourado com várias pessoas

que estavam a aguardar, todos com roupas de porte fino e elegantíssimas num canto mais afastado, parecendo um segundo ambiente, havia um bar a disposição onde mais algumas pessoas tão bem vestidas quanto nós se encontravam. Paramos em frente de um balcão no qual uma simpática moça de longos cabelos amarelos vivos nos atendeu questionando em que nome a nossa reserva estava feita, pelo que entendi o restaurante só trabalhava com reservas e aquelas pessoas ali esperando estavam a aguardar suas mesas, as quais pertenciam, vagar. Peter disse o nome de Miranda, engoli em seco apenas com a menção e senti novamente meu coração apertar, a atendente mudou sua postura, como se aquele nome a apavorasse tanto quanto a mim, ficando mais seria e solene, era óbvio que ela sabia quem Miranda era e logo também sabia quem Peter era, só deveria estar se perguntando quem diabos era aquela morena de vermelho ao seu lado e se deveria tirar uma foto e enviar ao Perez Hilton.
A atendente chamou através de um Bluetooth por um tal de François dizendo logo que os últimos convidados da "Sua Graça Miranda Hartley" haviam chegado. Tive que abafar um riso com o "Sua graça", Peter não entendera obviamente o motivo de eu ter achado *graça* e resolvi não dizer, não queria magoá-lo, além do mais, eu ia me esforçar para tratar bem Miranda e Serena por ele, começando agora, é.
Um homem de cabelos negros espessos e sobrancelhas quase tão grandes quantas as de Garibaldo da *Vila Sésamo* chegou ao ambiente apressadamente, de uma maneira educada, deu boa noite em francês a nós e com um sorriso grande e espesso nos guiou pelo salão principal do restaurante, enquanto todos na sala de espera nos olhavam com curiosidade.

Observava o ambiente com encanto, dezenas de mesas redondas e enormes, todas cobertas com uma toalha de tecido branco muito familiar a seda, o móvel foi feito para suportar em torno de 08 clientes em cada cadeira de mogno escuro acolchoada com uma almofada branca, as paredes eram revestidas de uma madeira secular escura com quadros renascentistas penduradas em ângulos e lugares diferentes, tudo milimetricamente pensando num sentido de dar àquele ambiente um ar requintado, no teto pude observar 05 candelabros dispostos cada um em um ponto do grande ambiente formando um círculo em torno de um que era o maior de todos, com suas pedras reluzentes que me deram a impressão de serem feitas de cristais verdadeiros;

a música dominava o ambiente, era clássica, melodramática e profunda, estava sendo tocada ao vivo por uma orquestra completa que se encontrava em um palco de tamanho médio e aparência rústica disposto no canto esquerdo do ambiente, o que me fez recordar as construções clássicas dos restaurantes nos anos 20, reparei como esse restaurante tinha todo um ar dessa época, nesse momento a orquestra tocava uma bela canção de notas suaves e violino marcante, poderia dançar ao som dessa bela música.
Aquele lugar era um poço de riqueza e luxo.
Notava as pessoas que ali estavam, todas comiam e bebiam com graciosidade, conversavam em tons de vozes baixos e riam de forma contida, o que parecia desesperadora, pude logo fazer uma comparação com os lugares aos quais ia e com as pessoas com que lidava em meu cotidiano, nada daquilo chegava nem perto da forma espalhafatosa e barulhenta que eu podia notar em qualquer outro restaurante e/ou lanchonete, o que me deixou um pouco claustrofóbica, parecia que tudo e todos eram perfeitamente ensaiados para serem perfeitos, nada era imprevisível e todos pareciam bem com isso, menos eu.
Suas roupas e as suas belezas, pelo menos da maioria, mostravam que era pessoas bem cuidadas, de nível social alto e de porte financeiro alto, os observando me senti desconfortável de imediato; eu não pertencia àquele mundo.
Não demorou para eu perceber que boa parte dos clientes começaram a nos observar com curiosidade, além do mais, estávamos acompanhados do chefe do restaurante, assim que passávamos próximos as suas mesas sendo guiados por François aqueles olhinhos curiosos nos observavam, boa parte desses olhares pertenciam ao público feminino que observava Peter, principalmente as garotas mais jovens, que o olhavam com desejo, já Peter mostrava total desinteresse, sua atenção era unicamente para mim e em um momento em particular ele até deu um beijo em minha mão, e pude reparar duas garotas de narizes empinados e sardentas trocarem comentários falsos em sussurros e olhares descrentes em nossas direções, muitas das pessoas nos observavam e faziam comentários discretos, alguns me olhavam com atenção talvez tentando descobrir se eu era alguém conhecida ao nível social de Peter, contudo as poucas pessoas que se dirigiam a Peter faziam gestos cordiais com a cabeça, no caso dos homens ou sorrisos discretos educados, no caso das mulheres e jovens, Peter retribuía os gestos com cavalheirismo e logo, de uma forma discreta que eu teria que

desenvolver com o tempo, ele me contava quem eram aquelas pessoas que ele havia cumprimentado, na sociedade. Eu não esperava esse tipo de momento e pude perceber que sua posição como Lorde chamava muita atenção a quem pertencia a sociedade e o conhecia como um membro da nobreza, infelizmente, o que ele havia dito fazia sentindo, sua vida era vigiada e privacidade era algo raro em seu cotidiano, se apenas nesse restaurante pude notar isso, com os olhares e cochichos sobre nossa presença, quem dirá em Londres ...

O mais curioso disso tudo foi notar isso pela primeira vez, esse conhecimento do público sobre quem ele é e o seu comportamento diante disso, controlado e desinteressado, mas sem deixar a sua educação exemplar de lado; *eu tinha que me igualar a ele, não podia envergonhá-lo jamais*, pensei decidida.

De repente, François parou de andar, parei há dois passos de distância de si, Peter me segurando com sua mão, me trazendo para perto de si, em um ato protetor, talvez temendo que eu batesse de encontrão com o homem, mas na realidade notei que era outra coisa, assim que François saiu de nossa frente de uma forma cortez, vi uma mesa contendo um grupo que nos observava com expressões diversas em suas faces, demorei poucos segundos para reconhecê-los, mas levei um baque com o olhar frio de Miranda, já que foi o primeiro a me perfurar, não ficando muito atrás do olhar de sua filha Serena que me olhou de cima a baixo com certa desdém disfarçada diria, Peter me olhou sorrindo e não pude controlar os meus lábios em um tímido sorriso. François anunciou que iria providenciar o jantar imediatamente já que todos os convidados haviam chegado, logo um garçom se pôs em seu lugar assim que o mesmo pediu licença se dirigindo para um ponto oposto do ambiente, suspeitei ser o caminho da cozinha, voltei meu olhar a mesa;
Um homem de cabelos negros e olhos azuis escuros se pôs de pé, logo o reconheci, era o comandante Leonard Brown, vestia um belo terno de tom branco alinhado me reportando logo a seu trabalho, não demorou para Dorian se colocar de pé também, com seu smoking de tom negro e gravata borboleta de mesmo tom, ele ajudou Amelia a se por de pé, que estava com um belíssimo vestido tubinho azul claro que entrava em contraste com seus olhos de mesmo tom, a mesma sorriu para mim e Peter de modo simpático e encorajador. Por fim, Serena, com um belo vestido branco com detalhes pratas se pôs de pé e sua mãe portando um vestido negro com detalhes

dourados nos observou com atenção, sem se mover.

- Eu já estava esperando uma desistência sua, Peter. Está 10 minutos atrasado e você sabe como odeio atrasos, sem e principalmente, *com* motivos. – *Eu era o motivo do atraso, é,* pensei logo após ela murmurar enquanto Peter me guiava, literalmente porque eu não queria ir na direção daquela víbora, assim que paramos a sua frente notei que a mesma nem ao menos me olhou, como se eu fosse uma espécie de fantasma que apenas os outros viam.
– Mas agora que chegou, fico feliz que tenha vindo ao meu pequeno jantar. Como estava dizendo ao Senhor Brown, em Greenwich os meus jantares são famosos por serem não apenas luxuosos, mas imensamente fartos; espero que esse seja a altura dos que costumo dar em minha querida cidade, além do mais, é para um importante e adorável convidado de honra, se não for bom o bastante ficarei devastada.

- Tenho certeza que algum dia o Senhor Brown irá visitá-la em sua mansão em Greenwich e poderá desfrutar de um desses jantares magníficos que a senhora costuma dar, tia. – Peter murmurou olhando cordialmente Leonard que tossiu de forma discreta, podia jurar que ele estava abafando um riso, mas porque não sabia. Peter olhou para mim e sabia que o momento havia chegado. – Tia, acho que a senhora não conheceu Katerina de forma apropriada. – Peter me olhou de forma serena, enquanto Miranda o olhava parecendo confusa. – Essa é Katerina Farrell, minha namorada. Katerina, essa é minha tia, Sua graça Miranda Hartley, duquesa de Brighton.

Miranda me olhou pela segunda vez naquela noite, seus olhos se prenderam por poucos segundos em meu rosto e logo ela se voltou para seus convidados com uma expressão que eu diria ser de superioridade, ela estendeu uma mão em minha direção e eu me afastei poucos centímetros, mais confusa do que assustada com seu gesto. Não querendo chamar atenção para minha surpresa, olhei para a pessoa mais próxima de meu campo de visão e era Amelia que discretamente ergueu uma das mãos ao ar e simulou com os lábios um beijo naquela região rapidamente.
Era para eu beijar a mão da Miranda?, a olhei e não pude conter uma expressão semi enojada.
Eca!

Eu iria precisar de álcool depois dessa.
Me curvei de forma leve, tomando cuidado com meu vestido, segurei sua mão e depositei ali um suave beijo, a olhando com frieza, eu tinha certeza que isso não era necessário, mas algo me dizia que ela queria me ver aos seus pés.
Ao voltar a posição ereta disse de forma séria:

- Muito prazer, *Sua Graça* Miranda. – Tentei controlar a grande vontade de gargalhar ou de soar sarcástica ao dizer isso, mordi minhas bochechas e mantive uma expressão séria.

- Gostaria de poder dizer o mesmo, Katerina, mas não consigo me esquecer daquela nossa conversa no corredor, ainda me sinto ofendida por tais palavras ditas pela senhorita. – O modo que ela disse Katerina fez a minha pele arrepiar por inteira, se eu fosse uma gata provavelmente estaria a arranhado-a nesse momento, tentei não olhá-la com fúria, mas era muito difícil, envergonhada olhei pelo canto dos olhos para Peter e ele estava sisudo, seu corpo se enrijecerá ao meu lado em segundos, como eu, ele não ficou feliz com tal comentário.

- Não seja dramática, titia! – Amelia murmurou com a sua voz suave enquanto Dorian revirou os olhos e não era a primeira vez que ele fazia isso naquela mesa, ou estava com fome ou não gostava nada de Miranda, vou ficar com a última opção por puro prazer.

- Mamãe tem todo o direito de se sentir ofendida, ela foi praticamente *molestada* verbalmente por essa ... *jovem*. – Serena murmurou voltando a me olhar de cima a baixo com desdém. *Molestada*?, pensei abafando uma risada, eu precisaria de um vocabulário novo de palavrões para *molestar* aquela mulher verbalmente. Por Deus!
– Peter, eu acho que deveria solicitar, pelo menos, que ela peça perdão pelo seu ato, apenas para podermos colocar no passado esse assunto. – Serena disse com um sorriso contido falso.

- Peter não precisa me pedir nada, eu tenho personalidade própria; eu sei que minha atitude foi indecorosa e inapropriada, mas também não acredito que tenha *molestado-a* verbalmente, além do mais, tudo que disse não foi gratuito, já que fui

tão ofendida quanto a senhora, ao meu ver é claro, e foi de modo gratuito, já que nunca havia a visto antes ou a conhecido. – Senti a mão de Peter apertar mais a minha, era um sinal para parar, só podia. Mas não nos estenderemos com esse assunto, nós duas erramos com nossas palavras e atitudes, eu faço a minha parte e peço perdão pelo meu comportamento.

Miranda nada disse apenas afastou seus olhos dos meus, se fixando no copo de vinho que bebia, Serena se sentou e não estava sorrindo, diferente da mãe ela continuou a me observar com uma expressão um tanto quanto irritada, já Peter me direcionou delicadamente a frente do comandante Leonard Brown:

- Bom, esse o comandante Leonard Brown, Katerina. Não é a primeira vez que viajamos com ele, na realidade, já perdi as contas de quantos cruzeiros já fizemos com o senhor no comando. – Peter disse com uma simpatia contida, ainda podia senti-lo irritado, esperava que esse sentimento não perdurasse. - Garanto que meu pai deve estar muito chateado por não estar aqui conosco, eu lembro o quanto ele gosta de jogar pôquer com o senhor e de passar o tempo na cabine principal fingindo que é um grande comandante pilotando um cruzeiro. – Todos riram contidos, eu apenas sorri com seu comentário, pelo visto seu pai, senhor George era um homem bem espirituoso.

- Oh, o seu pai sempre foi um bom jogador, também estou sentindo falta de ter a companhia de um homem tão hábil com cartas, ele sempre ganhava e me fazia perder muitos dólares em apenas uma noite, mas apenas sua companhia bastava. – Leonard voltou seus olhos em minha direção, um sorriso lindo cresceu em seus lábios, sua mão segurou gentilmente a minha e um delicado beijo foi depositado ali. É, ele era um comandante galanteador. – É um prazer conhecê-la, senhorita Farrell. Ouvi pouco sobre a senhorita, mas sei que deve ser uma incrível pessoa, já que Peter, dono de um caráter único e é dono de um dos corações mais puros que já conheci, ele não estaria com uma pessoa de caráter oposto.

- Obrigada, Senhor Brown. É um prazer conhecê-lo também. – Respondi estranhando ter dito de forma tão natural o “senhor”, senti minhas bochechas corarem com tais elogios.

Peter voltou a me guiar, me levando agora na direção de Amelia e Dorian, enquanto Leonard voltava a se sentar. Amelia me deu dois beijos em cada bochecha e um gentil abraço, diferente de Dorian que não apenas beijou minha bochecha como me abraçou de maneira apertada e animada com um de seus grandes sorrisos em seus lábios, rapidamente ele aproximou os mesmos em meu ouvido e em um sussurro apenas dividido por nós disse:

- Socorro! Me tira daqui antes que eu enfie a azeitona em minha garganta e me mate por culpa de tanto tédio e falsidade.

Assim que nos afastamos tratamos de abafar uma gargalhada, tive que morder minhas bochechas com mais forças, meus olhos acabaram por cair na direção de Serena que voltara a ficar de pé, ela era realmente mais alta do que eu e estava um pouco mais graças aos saltos que deveria estar usando, seus cabelos longos loiros caiam volumosamente em seus ombros, ela sorriu de forma maliciosa em minha direção fingindo uma expressão simpática:

- Me desculpa pelo meu comportamento mais cedo, eu não sabia que as *coisas* entre você e Peter estavam tão serias assim a ponto de estarem ... namorando. – Ela disse com certa dificuldade a última palavra como se fosse sangrar ou tivesse sido atingida por uma adaga no pulmão ou algo assim. Seus olhos agora se transferiram para atrás de mim, senti duas mãos circularem minha cintura e sabia que era Peter e ela olhou nas direções daquelas mãos engolindo em seco, voltando seu olhar em minha direção. – Espero que possamos colocar no passado os ocorridos de hoje.

- É, eu também espero. – Sorri levemente respondendo-a.

- Preciso dizer que você está belíssima. Adorei o seu vestido. É Chanel? – Serena questionou voltando a me observar de cima a baixo agora transparecendo menos hóstilidade.

- Sim, eu ganhei de presente de alguém muito especial, para a ocasião, é claro. – Sorri levemente acariciando de forma delicada as mãos de Peter que me seguravam com carinho.

- Ah sim.Você tem um bom gosto, Kate. Posso te chamar assim, não é? – Serena murmurou, seus olhos correndo de mim a Peter, que eu não podia saber como estava a reagir com aquele momento, mas podia ouvir que na mesa ninguém estava a se focar em nossa conversa, já que conversavam sobre algum conhecido em comum.

- Sim, sem problemas.

- Na realidade, ela não gosta de ser chamada de Katerina, quer dizer, só por mim, não é amor? – Peter questionou, depositando um beijo em minha bochecha, senti minhas bochechas corarem violentamente. *Amor*? Era a primeira vez que ele me chamava assim e eu não senti náuseas. Oh-oh. Eu estou ficando romântica.

Não consegui dizer nada, apenas concordei com um sorriso bobo em meus lábios.
- Que tal vocês se sentarem? Assim podemos todos conversar. – Serena disse com uma animação tão falsa que chegava a doer, logo a se sentar, notei que haviam dois lugares vagos, um era ao lado de Serena e Dorian e outro ao lado de Amelia e o comandante. Ergui de súbito uma sobrancelha, sabia exatamente aonde isso ia chegar.

- Ah, estava bom demais para ser verdade! – Deixei meus lábios sussurrarem sem querer.
- O que? – Peter questionou se colocando ao meu lado.
- Nada, a-amor. – O olhei sentindo certa estranheza em meu modo de falar. Era melhor não chamá-lo de "amor" não estava pronta para isso, era romântico demais para mim.

- Peter, sente-se ao lado de Serena, garanto que Katerina ficará muito cômoda ao lado de sua irmã e do Senhor Brown. – Miranda disse com um tom de voz baixo quase que sibilante, ela nos olhou por alguns segundos e sua voz tomou um tom tristonho artístico. – Se você tivesse me dito que a convidaria mais cedo, eu teria conseguido dispor melhor dos lugares na mesa, mas como foi em cima da hora que você dispensou minha querida filha, sem dar explicações, isso foi o máximo que consegui.

- Não há problema. Garanto que Dorian não vai se incomodar de se sentar ao lado de Serena, assim abrindo uma cadeira ao lado da que a senhora indicou a Kate. – Peter disse tranquilamente, podia jurar que até com certa ingenuidade, eu por outro lado,

sabia que tudo fora milimetricamente pensado.

- Na realidade, vou me incomodar sim, mas o que não faço por um amigo. – Dorian murmurou desanimado olhando com certa desdém de cima a baixo Serena que o olhou com quase a mesma frieza que a mãe.

- Não! – Miranda disse num tom autoritário de voz. – Eu havia dispostos os lugares dessa forma, não faremos mudanças apenas porque *você* quer ficar ao lado de sua namorada, além do mais, casais que não tem um compromisso fixo como no caso de Amelia e Dorian não devem se sentar um ao lado do outro. É desrespeitoso para a *honra* da jovem e você sabe muito bem disso Peter, é questão de boas maneiras. – Miranda murmurou com uma seriedade que cheguei a acreditar naquilo, bem brevemente, mesmo que meus lábios estivessem em uma breve careta, eu estava em choque com tanta hipocrisia, fato.

- Isso é tão século ...

- Dezoito! – Completei o que Peter estava a dizer, o olhei sorrindo levemente. – Vamos nos sentar antes que sua tia pegue um quadro branco e comece a ditar sobre a política da nobreza de dois séculos atrás. Você vai sobreviver sem mim por algumas horas. – Sussurrei em um tom que apenas ele poderia ouvir enquanto ajeitava a gola de sua camisa, sorrindo.

- Você é boa demais, sabia? – Ele deu um suave beijo em meus lábios e sussurrou próximo a eles. – Em todos os sentidos, incluindo no físico.
- O elogio deixa de ser excitante a partir do momento que você diz ”físico”. – Murmurei entortando os lábios.

Peter sorriso e se afastou de mim, se sentando ao lado de Serena, pude logo notar ela abrir um sorriso, quase tão malicioso como toda sua expressão, me direcionei até o meu lugar, me sentando de forma delicada, quase como uma *lady*. Amelia sorriu para mim, parecendo extremamente entediada, enquanto Dorian bebericava seu segundo copo de vinho, só naquele meio tempo que cheguei. Olhei ao arredor da mesa e notei que estava bem de frente para Miranda e os primos, Peter e Serena, se tivesse sorte não teria uma indigestão nesse jantar, notei que Serena conversava de forma animada

com Peter que parecia concentrado em seu celular, a ouvindo com atenção, mas não dando tanta importância. Miranda conversava sobre um cruzeiro que fizera para a Arábia Saudita há 03 anos atrás enquanto o comandante ouvia a tudo de forma educada e fazendo breves comentários. Amelia e Dorian se mantinham como há segundos atrás, silênciosos e entediados. Senti uma vibração vinda da minha bolsa que agora se encontrava em meu colo, discretamente peguei o celular notando que havia recebido uma mensagem, abri a mesma me deparando com as seguintes palavras:

Peter
Você é gostosa demais, o bastante, para eu estar pensando em diversas formas de tirar você daqui e levá-la para um lugar reservado, onde possamos ficar a vontade e você sem esse vestido, excitante o suficiente para você?

Abafei uma risada olhando disfarçadamente na direção daqueles rostos que nem haviam notado meu ato, olhei na direção de Peter que parecia frustrado ouvindo uma tagarela Serena. Os olhos dele atingiram os meus e sorri levemente, erguendo as sobrancelhas com uma expressão que dizia: “Certo, não era o que esperava, mas por ora é o bastante”, ele sorriu daquele modo sapeca que eu amava.

Um garçom, que surgirá do tártaro, pegou uma garrafa de vinho tinto de um balde repleto de gelo que estava em um carrinho de metal e serviu na taça que estava a minha frente, o agradeci e logo experimentei da bebida que desceu seco e cortante por minha garganta, tentei me acostumar com aquele gosto em minha boca e notei o olhar de Miranda em minha direção, ela continuava a tagarelar com o comandante e com Dorian que agora participava do assunto, que não me detive a me concentrar já que Amelia chamou a minha atenção com sua voz suave.

- Não entre na dela.
- O que? – A olhei, surpresa.

- Minha tia. – Ela se virou em minha direção com uma expressão pensativa. – Peter me contou sobre tudo que aconteceu hoje de manhã, ele ficou muito surpreso enquanto eu nem ao menos me surpreendi. Eu conheço ela o suficiente para saber do

que é capaz, Peter tem o mesmo conhecimento que o meu, contudo ... ele é *bom*. Não que eu seja ruim, mas ... – Ela abafou uma risada suave que era sincera em seus lábios. – Peter é firme e orgulhoso em suas decisões, tem um coração muito bondoso, sendo ingênuo e dando chances demais a pessoas que não merecem, comigo isso não ocorre. Erre comigo uma vez e eu nunca mais irei confiar na pessoa.

- Suponho que Miranda errou com você ... – Olhei discreta na direção de Miranda, que estava entretida em Dorian e Leonard, sem querer meus olhos caíram em Peter e Serena que conversavam com intimidade, uma parte de mim queria saber o que conversavam, mas voltei a minha concentração em Amelia que estava seria, então continuei. - O que ela fez?

- Ela tentou me separar do Dorian. – O tom de sua voz caiu, mas seu olhar nunca esteve tão furioso como naquele momento. – É uma longa história!

- Você tem sorte, estou completamente a sua disposição. – Murmurei com um leve sorriso nos lábios. – Me conte tudo, Amelia. – Ela parecia um pouco receosa, mas ela não se deteve por muito tempo.

- Minha tia e prima são pessoas boas, mas são egoístas e manipuladoras, se elas querem algo fazem de tudo para conseguir, mesmo que isso queira significar destruir a vida de outras pessoas. Desde que o conheço, Dorian nunca foi um príncipe encantado. Sempre direto e com seu jeito espontâneo, me encantou desde o primeiro "oi" e eu deveria ter uns 05, 06 anos nessa época. – Ela sorriu levemente, mas seu tom baixo de voz me fez aproximar um pouco mais de si, interessada na história. - Crescemos juntos, éramos crianças e nos tornamos adolescentes. Foi quando os meus sentimentos se tornaram mais intensos e óbvios. Eu era completamente apaixonada por ele, mas era uma romântica incurável. Sabia que ele não me via da forma que eu o via, vivia um amor platônico e passei por um bom tempo nesse estado, vendo-o com diferentes garotas a cada nova semana, contudo eu não era a única que via isso. Ele é o melhor amigo de Peter, logo passava a maior parte do tempo com ele, minha família sabia de tudo e mais um pouco que Dorian aprontava, principalmente minha tia. Ela é o grande pivô de tudo em minha história, Serena é apenas uns dos peões, como sempre.

“Quando Dorian e eu começamos a namorar, ela foi a primeira a se impor a tal relacionamento, dizendo que era inapropriado eu estar com um garoto do porte e caráter como o dele. Ela é irmã de minha mãe, a mesma é doida por ela, tudo que ela diz é quase que regra, então já se pode imaginar, minha mãe concordou com ela em sua opinião, contudo meu pai quis dar uma chance a Dorian. O grande interesse de minha tia era que eu ficasse com um garoto de Brighton, Armand, o vi diversas vezes em festas e eventos, era obrigada a sair com ele por intermédio de minha tia e mãe, a primeira sempre incentivando mais do que a segunda o que era muito estranho, mas eu não o queria de forma alguma, só tinha olhos para Dorian. Foram 02 anos de inferno, Kate. Você não tem ideia das armações pelas quais passamos. De inicio, achávamos estranho tudo acontecer de forma tão perfeita e interligada, mas não demorou muito para Dorian começar a desconfiar que havia o dedo de minha tia no meio de cada coisa ruim que estava a acontecer com a gente e logo descobrimos que era de fato.”

- O que ela armava contra vocês?
- Todo tipo de absurdo, desde fotos comprometedoras até garotas que clamavam que estavam grávidas de Dorian ou que eram amantes dele. Eu sabia que era tudo mentira, mas meus pais não. Um dia a pegamos no flagra, armando mais uma contra nós, abrimos o jogo com ela, revelamos que sabíamos tudo que ela estava a fazer e dissemos que íamos contar tudo aos nossos pais, ela praticamente riu das nossas caras. Mesmo assim contamos tudo aos nossos pais, o meu pai acreditou fielmente em mim, mas minha mãe já tinha sido manipulada por el ...

- Que assunto interessante as senhoritas estão tão entretidas? – A voz de Miranda tomou conta do ambiente, de imediato notei Amelia se encolher, olhei na direção da duquesa e ergui levemente a minha cabeça abrindo um sorriso notando que todos na mesa nos observavam curiosos. – Estou interessada em participar.

- Oh, senhora! Não estamos falando nada demais, apenas sobre as maravilhas que Londres tem a me proporcionar nessa minha visita. – Amelia concordou de imediato com um aceno leve e um sorriso doce. – Amelia está me indicando lugares interessantes para visitações.

- Essa é a sua primeira visita a Inglaterra, senhorita Farrell? – Leonard questionou logo depois de bebericar um pouco de seu vinho.
- Sim. Sempre foi um grande sonho conhecer Londres e finalmente o estou realizando.

- Katerina não tem uma vida de *oportunidades* como as nossas, Senhor Brown, tenho certeza que para ela essa viagem é mais do que apenas um *sonho*, é quase uma nova vida, eu diria. – Miranda se calou, bebendo um gole de seu vinho me olhando de forma penetrante, seus olhos faiscando em minha direção, logo afastou sua atenção de volta ao comandante. – Mas como o senhor dizia ...

Afastei meus olhos de ambos, observando o prato de porcelana branco vazio a minha frente.
Ela realmente me odiava.
Nunca havia ouvido tantas palavras estúpidas de alguém que nem ao menos me conhecia ou tinha o interesse de tentar me conhecer; como eu ia sobreviver a isso?
Eu precisava.
Mesmo com ela me atacando gratuitamente.
Podia jurar que ela havia insinuado que eu era algum tipo de interesseira como a filha já dissera e eu não havia sido a única a entender isso.
Meus olhos voltaram a cair na direção de Serena e Peter, a mesma mexia em seus cabelos de forma sedutora, enquanto Peter ria de alguma coisa, semicerrei meus olhos como se assim pudesse ver melhor o que estava acontecendo, mas minha atenção foi cortada novamente por Amelia que voltou a falar:

- Só para concluir o que estava a falar, com o passar do tempo, ela parou de nos atormentar com suas armações semanais. – Amelia voltou a murmurar com um olhar nervoso indo em minha direção e na de Miranda.- Ela parou por completo depois que Dorian assumiu com responsabilidade sua posição como Lorde ...- Quase me engasguei com o gole de vinho que estava tomando naquele momento.

- Ele também é lorde? – Questionei como se fosse algo surpreendente.

- Sim. – Ela disse piscando os cílios um pouco estupefata, como se não esperasse

tanta surpresa da minha parte. – Bom, ele não é tão famoso como o Peter, devo ser culpada por isso ... – Ela abafou uma suave risada, quase tímida. – Antes de noivarmos, ele era o foco dos paparazzi, todas as garotas queriam conhecê-lo, ele era a *celebridade* do momento, mas depois que se tornou oficial nosso noivado, um mar de desinteresse pousou em nós, o que dou graças a Deus, *quase* podemos viver uma vida normal sem aqueles paparazzi diariamente atrás de nós, chego a sonhar que poderemos dar a nossos filhos uma vida normal.

Concordei como se entendesse muito bem do assunto, mas não tinha ideia de como deveria ser ter alguém com uma câmera atrás de mim, me perseguindo o dia inteiro, tentando tirar fotos minhas em momentos pessoais e até mesmo embaraçosos.

Tentei me concentrar na conversa atual, era sobre viagens, todos a mesa estavam a participar do assunto, menos eu e Amelia, era aceitável de sua parte ficar muda, ela exalava timidez, contudo eu estava calada pelo simples fato de estar deslocada do assunto. Serena contava de forma animada da sua última viagem a Bahamas com suas amigas e com detalhes descrevia as praias e pessoas do país com admiração, Senhor Brown contava que já havia feito 02 cruzeiros para o local e achava um ambiente admirável, Peter dizia ter curiosidade de conhecer o lugar enquanto eu nem ao menos sabia a localização exata de tal país.
Eu pensava que não tinha como piorar, mas sempre tem, é claro.

A cada novo assunto, mais deslocada e silênciosa eu ficava. Nada do que eles falavam fazia parte do meu cotidiano e conhecimento: eventos luxuosos e festas, que havia tomado conhecimento em notas de jornais estavam sendo comentadas ali naquela mesa com detalhes de convidados de tais eventos. Peter, Amelia e Dorian notavam isso e tentavam me explicar certos detalhes do evento e termos da sociedade que usavam, mas logo Miranda e Serena davam um jeito de me excluir novamente do assunto.
Eu não queria confessar isso, mas estava chateada; os temores de Peter ganharam vida, eu estava entediadíssima.
Estava longe da única pessoa que tinha intimidade, já que ele estava sentado ao lado daquela Chewbacca de pernas gigantes e olhar sedutor; ela o queria devastadoramente, era óbvio e isso me dava náuseas.

Amelia e Dorian estavam na maior parte do tempo entretidos em conversas íntimas, enquanto eu era a única sem um par com quem conversar, não conseguindo fazer parte das conversas principais por falta de conhecimento, só tinha uma opção, sorri e concordar, já que se discordasse com algo teria que explicar e não tinha naquele momento aptidão para tal coisa.
Sentada ali me sentia como uma estranha.
Se eu saísse daquela mesa ninguém sentiria minha falta por no mínimo 10 minutos, nem Amelia que agora estava entretida em uma conversa com Serena sobre as férias do verão do ano retrasado que elas passaram juntas, pela primeira vez vi uma demonstração de carinho entre ambas, parecia verdadeiro e recíproco.
Minha atenção se afastou do assunto central, estava cansada de sorrir de forma singela e ficar pensando em algo para dizer e nada vir em minha mente.
Descobri que não era tão boa em me comunicar com pessoas desconhecidas como pensava que era.

Meus olhos pararam no que estava bem a minha frente.
Serena e Peter.
Trinquei meus dentes de imediato, ela não tinha o mínimo pudor de ao menos disfarçar o seu interesse pelo primo, o que ainda me causava enjôo e mais ainda ao ter o conhecimento que ela sabe que ele não quer nada com ela. Ela mexia em seus cabelos de forma sedutora, sorria de modo sexy e tocava o ombro de Peter daquele modo que nós garotas fazemos quando queremos chamar atenção do sexo oposto. Ela estava o seduzindo descaradamente, sem um pingo de vergonha na cara. Peter, por sua vez, não reagia a seus encantos, era como se houvesse uma película protetora em volta de si que repelia toda e qualquer aproximação de Serena, ela sorria e ele apenas retribuía o gesto de forma educada, ela tocava em seu ombro e ele logo se mantinha fixo em seu lugar sem a menor intenção de se mover em sua direção; ele não tinha o menor interesse por ela, pelo menos, era isso que estava na cara.
Queria não me centrar nisso, mas era difícil quando ao lado do seu namorado uma musa de dois metros de altura, beleza perfeita e cabelos loiros magníficos jogava charme para ele sem hesitar.
Nenhum homem é de ferro – apenas Tony Stark - e tinha certeza que Peter não era

uma exceção nesse caso.

Um cheiro delicioso de comida atingiu o meu nariz, logo minha atenção foi afastada com a chegada de 03 garçons trazendo o nosso jantar. Agradeci mentalmente por isso, pelo menos teria uma distração e Serena também, assim parando de bulinar o meu namorado, ela estaria fazendo um favor para si mesma, já que eu estava a ponto de tacar uma daquelas facas na direção de seu pescoço, no melhor estilo *Kill Bill*.
Nossa! Quantos talheres!
Os observei um pouco incrédula, nunca havia visto tantos em uma mesa só para apenas uma pessoa usar. Deveria ter mais de dez para cada um de nós, todos dispostos ao lado da pilha de 03 pratos e do guardanapo de pano branco dobrado em triângulo no topo do prato. Era óbvio que eu era a única a observar os talheres com fascínio, tendo apenas notado a presença deles agora, então logo tratei de fingir que nada havia acontecido e soltei um muxoxo ao ver os 03 garçons abrirem as vasilhas de metal mostrando o conteúdo alimentar de cada um.
Frutos do mar.
Nada contra peixe, mas todo o resto era proibido em minha alimentação, já que sou extremamente alérgica. Fiquei a pensar em como iria dispensar aquela comida de uma forma discreta, sem chamar atenção de Miranda e dos outros, enquanto um dos garçons colocava um tipo de ensopado de legumes em meu prato observava o outro garçom colocando os frutos do mar no prato de Miranda que estava a reclamar de algo com o rapaz, ela o recriminava da forma que ele estava a servir, não via nada de errado em seus modos, mas se ela via quem era eu para discordar.
Pensei em aceitar o prato de frutos do mar, comeria apenas o peixe e deixaria disfarçado o que não comeria no canto, mas quando vi um pedaço de polvo sendo colocado no prato de Amelia tive que segurar algo que ia sair pela minha boca e não iam ser palavras. O garçom estendeu a concha em minha direção e fiz um leve gesto, negando tal coisa.

- Por favor, não. Obrigada. – Murmurei com um sorriso leve em meus lábios, ele não se deteve ali e logo foi servir o senhor Brown.
- Algum problema, Katerina? – A voz de Miranda silênciou todas as outras vozes na mesa. Olhei na sua direção com uma sobrancelha erguida, mas tentei não parecer tão hóstil.

- Não, senhora. Eu não posso comer frutos do mar, apenas peixe para ser mais exata.

- Oh, que pena! – Miranda disse sem ao menos parecer sincera, ela era tão séria que me deixava desconcertada, tinha a sensação em alguns momentos que ela era uma daquelas estátuas de cera, sendo que vivas como naquele filme de terror *A Casa de Cera*; ela é aterrorizante!

- Amor, se sinta livre para pedir qualquer outra coisa. – Peter murmurou com o cenho levemente enrugado, me chamando de *amor* novamente o que fez minhas bochechas corarem. – O senhor poderia trazer um cardápio para a senhorita? Obrigado. – Peter falou com o garçom que se encontrava próximo a ele e logo voltou seu olhar em minha direção e no de Amelia. – Millie, ajude Kate, você conhece bem esse restaurante, garanto que ela terá ótimas opções para você, Kate.

- Tudo bem, não precisa se preocupar. – Observei o garçom que Peter havia requisitado o cardápio ainda estar servindo uma mal humorada Serena que observava a comida fazendo uma careta discreta. – O senhor não precisa trazer cardápio nenhum, eu aceito o prato principal da noite, que seria ...?

- O prato principal da noite senhorita é *Bouillabaisse* que é feito de ...

- Peixe. – Complementei antes que ele concluísse o deixando um pouco surpreso. – Tudo bem se eu pedir esse prato? – Questionei timidamente olhando na direção de Miranda e Peter.

Ela nada disse, mas Peter concordou de imediato pedindo que ele trouxesse o melhor prato de *Bouillabaisse* para mim, sorri levemente grata ao garçom que logo se retirou. Mas o momento durou pouco, de forma fria, Miranda mandou que esperassem a minha comida ser traga para todos comermos - pude ver Serena parecer aliviada, já Dorian ficou bem emburrado -, era óbvio que ela não gostara da ideia de ter que me esperar, mas ela tentou ao máximo não demonstrar tal sentimento voltando a conversar com o Senhor Brown que estava mais interessado em sua taça de vinho do que no assunto mencionado. A minha comida não demorou tanto como eu temia, o garçom colocou um prato de porção humilde de *Bouillabaisse* quentinho e com um cheiro formidável, minha taça de vinho foi preenchida e com um tom

suave Miranda começou a falar se direcionando a todos nós:
- Bom, gostaria de agradecer a presença de todos vocês, principalmente a sua Senhor Brown. Eu sei que é apenas um simples jantar, mas é muito importante para mim poder ter todos vocês ao meu lado nesse momento. – Seus olhos caíram em minha direção e voltei a ver aquele olhar faiscante me mirar; ela estava a tramar algo. - Um brinde a união e a família. – Ela ergueu sua taça de vinho no ar e todos nós fizemos o mesmo gesto, fazendo um simples brinde ao ar, enquanto Miranda sorria daquela forma artificial que estava começando a me dar náuseas.

O jantar se deu inicio e eu observava, novamente tensa, os talheres.
Eu deveria ter procurado mais sobre isso na internet, parecia que cada um daqueles talheres servia para uma coisa em particular. Uns maiores e mais grossos, outros mais finos, mas com pontas que parecem extremamente afiadas. Bem que Miranda podia ter optado por um restaurante japonês seria mais fácil saber o que usar.
Olhei ao arredor da mesa, de forma disfarçada, notando que todos estavam a comer o ensopado de legumes com o molho, com o garfo normal conhecido por todos os reles mortais, mas e o peixe? Qual garfo e faca devo usar?
Meus olhos pousaram no prato de Serena, ela repousou o garfo comum e direcionou sua mão até um outro garfo, longo de pontas largas e o levou em direção de um pedaço de peixe, comendo-o com uma expressão satisfeita, ela olhou em minha direção e sorriu, tentei disfarçar sorrindo também, meus dedos foram em direção do garfo, mas parei de supetão ao sentir o pé de Amelia pisar no meu um pouco pesado demais ao meu ver, tive que abafar um grito, mas ao olhá-la entendi seu gesto, era Dorian que queria me dizer algo, ou melhor, mostrar.
Ele ergueu ambas as sobrancelhas com um sorriso simpático de costume, pegou um pequeno garfo de pontas pequenas e o levou na direção dos frutos de mar, balançando a cabeça positivamente sorrindo daquele modo Dorian de ser, olhei para Amelia e notei que ela imitou o gesto do namorado como se estivesse dizendo "*você foi enganada, esse é o verdadeiro garfo de frutos do mar*!". De imediato olhei na direção de Serena que parecia um pouco desconcertada com a cena que acabara de assistir, meus olhos se estreitaram mortalmente em sua direção, peguei o garfo próprio de peixe e em seguida uma boa garfada do meu jantar, sorrindo agradecida para Dorian.

O jantar foi tranqüilo, por um lado foi bom porque não me sentia mais tão deslocada, por outro lado, sentia Miranda me observar a todo tempo, ela me analisava com total descrição e pelo seu olhar era óbvio sua inimizade, me questionava se Clarissa já havia encontrado alguma informação sobre a minha vida e entregue a duquesa.
Outra coisa que notei enquanto jantávamos era que para mim aquela disposição de lugares ficou muito clara: Ela queria ficar de frente para mim, para analisar cada ato feito por mim e ao mesmo tempo usou do artifício de colocar Peter e Serena juntos, talvez para me mostrar algo, que eles eram perfeitos juntos, em questão de beleza é claro, porque nunca vi Peter tão sério, desconfortável e impaciente até tal momento, ele sempre transparecia leveza e tranqüilidade ao meu lado, mas parecia morto ao lado de Serena. O silêncio que caia entre nós era torturante, era parte do lado dos bons modos o silêncio durante a refeição apenas podia fazer comentários sobre a bebida e a comida, mesmo não tendo falado muito a noite toda o silêncio me deixava frustrada, em qualquer ocasião, ainda mais quando me sentia observada.
A sobremesa foi escolhida por cada um de nós, me detive na escolha, não queria comer mais nada, temia mais náuseas causadas por meu nervosismo e uma doença nova que estava acometida chamada *Mirandius Virouses*, fui a única exceção nesse quesito, já que todos escolheram alguma sobremesa e eu fiquei apenas no cafezinho, enquanto eles esperavam seus doces deliciosos e caprichados.

- Então, senhorita Farrell, está viajando com a sua família? Confesso que seu nome não me soa familiar. – Senhor Brown murmurou com certo lisonjeiro, Miranda abriu a boca para dizer algo, mas consegui ser mais rápida do que o vírus.

- Oh, não! Estou aqui com o meu grupo de amigos do meu antigo ensino médio, o grupo de excursão do Durham Cathedral High School. Nos formamos nesse ano e decidimos viajar como uma forma de fazermos uma memória de algo incrível juntos, além de estudar e surtar com os exames para universidades. – Ri de forma discreta e pude ouvir Amelia acompanhar na risada. - Sendo que ao chegarmos em Southampton, eu e minha melhor amiga, Rachel Ray, vamos ficar por 02 semanas em Londres, enquanto nossos colegas vão ficar apenas por 01 semana como no pacote do cruzeiro indica. E meu nome não soa familiar porque eu não faço parte da nobreza, sou uma reles mortal, Senhor Brown. – Falei de forma humilde.

- Ah! A excursão do Durham Cathedral, Arthur, um dos meus funcionários, estava surtando por causa desse grupo, disse que estava tendo alguns problemas comportamentais, mas pedi que ele esquecesse, há muitos alunos que são filhos de pessoas influentes e importantes, não quero processos em minha carreira só por causa de algumas briguinhas de adolescentes,
- Não gostei de seu comentário. Dava uma imagem errada dos meus amigos, nem todos eram filhos de alguém importante, soava tão fútil que me incomodou. - Mas porque a senhorita e sua amiga não irão seguir no cruzeiro? Alguma coisa as ofendeu ou as desagradou? E por favor não me leve a mal com meu comentário, mas estou tão acostumado com tantos sobrenomes conhecidos em meus cruzeiros que me surpreendi por desconhecer o seu.

- Bom, da minha parte é falta de dinheiro ... – Respondi de forma sincera, dando de ombros.
– Rachel apenas fechou o mesmo pacote que eu porque somos praticamente siamesas, ela não conseguiria continuar nesse cruzeiro sem mim e preciso confessar que ficar em Londres sem ela não teria o mesmo significado para mim.

- Ray, você disse. Essa sua amiga tem alguma relação com Eleonor Ray? – Serena questionou parecendo ansiosa com a minha resposta e uma expressão de pura curiosidade em sua face. – A decoradora americana que já montou diversas casas de famosos pelo mundo todo, incluindo do Johnny Depp?

- Ah, sim. – Respondi, pensativa. – Rachel é filha de Eleonor e John Ray, ela é decoradora e ele é um reconhecido empresário de cantores e bandas internacionais.

- E os seus pais? – Miranda questionou com um certo brilho estranho em seus olhos. – O que eles fazem? Quem eles são?
- Minha mãe trabalha com contabilidade para uma empresa no centro de Durham, às vezes faz alguns trabalhos contábeis por fora, meu padrasto trabalha em uma empresa de arquitetura desenhando prédios, casas ... – Conclui sentindo minhas bochechas corarem levemente.

- Padrasto? – Miranda questionou, notei que Peter olhou para ela com certa

preocupação o que não me tranqüilizou. – Eu perguntei sobre o seu pai, não de um substituto.

- Joseph não é um substituto, na realidade, ele não é um pai para mim, ele é apenas alguém há quem posso me apoiar e espelhar, uma imagem de pai não é um, de fato e o meu ... O meu pai morreu quando eu tinha 14 anos.

- Eu sinto muito. – Senhor Brown murmurou em uníssono junto com uma chocada Amelia.
- Tudo bem, não tinha como saber.

- Deve ser difícil ... – Miranda disse com um olhar pensativo em minha direção, seu tom de voz se tornou firme e senti um ponto de malícia em sua voz rouca e frívola. – Passar a adolescência inteira praticamente sem uma imagem de um pai, no mundo de hoje em dia, deve ter sido devastador para você.

- É, fisicamente ele não estava comigo, mas em meu coração sim. – Respondi friamente a observando com a mesma expressão.

- Agora me recordei, o seu grupo de excursão foi designado a participar do grupo de teatro para o evento de caridade que a administração do navio está organizando. – Senhor Brown murmurou com a nítida impressão de cortar a tensão entre mim e Miranda. - A senhorita está participando ou está tão incomodada como a maioria dos seus colegas, recebi varias reclamações deles até ameaças de processos, por algo tão bom para sociedade e esses jovens reclamando...

- Não, pelo contrário, eu gosto de teatro.
- Eu supôs isso. – Miranda murmurou com um ar de deboche me olhando atentamente.

- Os testes foram feitos hoje, Senhor Brown. Peter e Kate ganharam os papeis principais na peça que será *O Fantasma da Ópera*. – Amelia disse com certa animação. – Eu e Dorian assistimos ao teste e foi impressionante. Estamos muito ansiosos quando a peça estiver concluída!

- Estamos fazendo a nossa parte também, ajudando com os cenários, montagem e pintura, e com os amplificadores e aparelhos musicais estranhos. – Dorian murmurou complementando o que a noiva provavelmente iria dizer. Miranda fez uma expressão estranha para ele, provavelmente pela forma despreocupada que ele falou, o mesmo tomou um porte formal e sua voz ficou séria, era puro deboche e tive que controlar uma risada. – Achamos que é uma ótima oportunidade para ajudar os necessitados.
- Espere um momento, eu acho que meus ouvidos estão sangrando, mas o Peter vai participar desse evento, é isso mesmo? – Miranda disse daquele modo pausado e lento, eu queria saber quem foi que disse a ela que falar assim era bonito, porque essa pessoa a enganou de forma cruel e debochada e ela merece um premio.

- Sim, eu ganhei o papel do Fantasma. Acho que vai ser não só uma oportunidade para ajudar os necessitados ... – Ele disse abafando um leve riso em seus lábios, provavelmente tentando não se prender a imagem de Dorian a segundos atrás. – Mas para participar de novas coisas e oportunidades em minha curta vida.

- Você tem ideia de como isso pode ser inconveniente, Peter? – Miranda murmurou o olhando de forma severa. – Para sua imagem.
- Tia, não comece! – Ele respondeu se afundando na cadeira, como se já estivesse habituado a ouvir essa frase.

- Começo sim. Seus pais foram bem claros comigo quando eu disse que seria responsável por seus atos, já estou a ter problemas por um lado ... – Descaradamente ela me olhou, senti meus lábios se abrirem em choque. Qual era do negócio? *Problema*. Eu era um *problema* e ela era o que, uma infecção generalizada?! – Agora isso. E se a impressa ficar sabendo que você irá participar de uma peça teatral de um cruzeiro, como irei explicar isso a eles e a seus pais? Já se deu conta que isso pode ser um fiasco e que pode arruinar sua imagem até então perfeita? Isso é inaceitável!

- Miranda, não exagere! Por favor, tenha limites. Primeiro chama Kate de *problema* e agora quer desmerecer algo que seu sobrinho quer fazer por diversão e o prazer de ajudar pessoas carentes?! É apenas uma peça de teatro despretensiosa com fundos

diretos para a caridade, como isso pode ser um inconveniente para o Peter? Vai ser algo ótimo para a imagem dele, verão que o mesmo não vive em um regimento militar imposto pela família e que de vez em quando ele faz algo que gosta e quer. – Dorian disse sem o menor medo a olhando de forma séria, olhei para ele surpresa com sua defesa e me senti extremamente grata por tanto carinho. Me conhecia há tão pouco tempo, mas já demonstrava um afeto e confiança imensa por mim, me senti honrada com tal gesto.

- E essas são as palavras de um garoto que vivia em *Strip Club's* com apenas 12 anos de idade ... – Ela pausou dramaticamente com um olhar malicioso na direção de Dorian e Amelia. - ... E gostava.

Amelia corou violentamente levando uma das mãos aos lábios envergonhada, já Dorian jogou seu guardanapo em cima da mesa, empurrou sua cadeira para atrás com violência e por alguns segundos pensei que fosse pular em cima de Miranda feito um leão, mas ele era cavalheiro demais para tal coisa.

- Já chega! – Peter disse em um tom de voz mais alto, segurando o braço de Dorian que parecia prestes a se retirar do ambiente. – Não é hora e nem lugar para se debater sobre a minha imagem e suas responsabilidades perante a mim no momento. Eu tenho 20 anos e já posso tomar as minhas próprias decisões perante a lei e eu quero e vou participar da peça sendo ela grande ou pequena, ótima ou uma grande merda e ninguém vai mudar a minha opinião sobre isso. É a minha vontade. Estamos entendidos? – Miranda o olhou com a cabeça erguida de modo superior, seus olhos se estreitaram em poucos centímetros em direção a Peter, ela deixou um sorriso contido cair em seus lábios. – E por favor, pare de ofender Kate metaforicamente, já está ficando nojenta essa sua atitude.

Peter se calou observando a com uma expressão furiosa, eu não havia notado mais ele estava levemente vermelho e seus olhos estavam semicerrados e agressivos em direção a Miranda, ele se afundou na cadeira e olhou em minha direção quase que involuntariamente, sorri levemente agradecida por sua defesa e vi seu rosto se suavizar aos poucos, seus olhos confusos voltaram-se para a sobremesa que estava a comer, mas não demonstrava a menor vontade de tal coisa.

- A senhorita mencionou sobre exames para universidade, minha filha está esperando as cartas de admissões e eu nunca a vi tão nervosa com algo antes que não fosse aquela banda britânica McFly. Até o momento ela recebeu 03 aceitações de 10 admissões enviadas, e a senhorita? – Senhor Brown questionou, mudando completamente de assunto como se ele tivesse notado a tensão que se criara e provavelmente se manteria até alguém dizer que era o fim daquele jantar. Notei que Miranda voltou a atormentar um garçom, querendo mais vinho e que sua sobremesa fosse servida logo enquanto continuou a resmungar com Serena a falta de profissionalismo daqueles empregados, trinquei os dentes querendo colocá-la em seu lugar. Se ela ao menos tivesse razão em sua opinião, mas não tinha. Quem ela pensava que era para ofender as pessoas assim como se ela fosse dona do estabelecimento? *Uma duquesa*, a voz de Rachel ressoou em minha cabeça e mandei que ela ficasse calada. – Já recebeu alguma aceitação?

- Duas. Para Columbia e Duke. – Olhei em sua direção tentando demonstrar leveza, mas me sentia pesada, cansada e muito irritada.

- Kate sempre quis estudar em Columbia, sempre foi o sonho dela. – Peter murmurou com um sorriso leve em seus lábios, mas seu tom de voz se mantinha firme e seus olhos presos em minha direção como imãs.

- Cheia de sonhos a senhorita. – Miranda murmurou, bebericando um pouco de seu vinho, nem me surpreendi que ela estava a prestar atenção no assunto.

- Um humano sem sonhos não passa de um pedaço de carne ambulante sem sentimentos e razão para viver, é o que eu acho, mas quem sou eu, não é? – Murmurei de forma sarcástica arrancando algumas risadas de Amelia, Leonard e Dorian, Peter sorriu de lado enquanto Miranda e Serena se mantiveram sérias.

- Alguma admissão na Inglaterra? – Amelia questionou com uma expressão curiosa.
- Eu me inscrevi em Cambridge ...

- A mesma universidade que Peter, que curioso! – Miranda murmurou com a mesma falsa animação habitual. – Deixa eu adivinhar: Direito?
- Não, Jornalismo. – Voltei a observar Amelia sorrindo levemente, ignorando

totalmente às insinuações de Miranda, gostei muito disso, me deu certo poder e o olhar faiscante de Miranda se tornou mais ameaçador. – Minha mãe disse que recebi uma carta bem "gordinha" de Cambridge há 02 dias atrás, mas ela não a abriu a enviando para a casa do meu Tio Roux em Notting Hill, acho que só daqui a 03 dias ou mais saberei se passei ou não.

- Por experiência própria, acredito que essa sua carta seja uma confirmação de sua vaga, pelo menos a minha veio bem "gordinha", como sua mãe disse – Peter disse com um leve sorriso em seus lábios. – Já desejo meus parabéns.

- Nossa, ia ser tão legal ter você estudando na Inglaterra. – Amelia murmurou com animação.

- Pois é, mas o sonho dela é Columbia, querida sobrinha. Mudando de foco por completo, Senhor Brown qual foi à habilitação de carreira que sua filha escolheu? – Miranda se virou totalmente na direção de Senhor Brown me excluindo do assunto.

Um sorriso debochado caiu nos meus lábios.
Já não era a primeira vez que ela me cortava em um assunto e provavelmente não seria a última.
Coitada se ela achava que essa exclusão me incomodava.
Sem me prender a tal pensamento pedi licença anunciando que iria ao banheiro, logo dando por mim que não sabia onde o mesmo ficava, indo à sua procura.

Questionei rapidamente a uma garçonete em qual direção ficava o local e ela me indicou o caminho a seguir, um pequeno corredor no mesmo lado que ficava a cozinha. Ao adentrar no ambiente notei que era do tamanho da minha pré suíte com a sala e meu quarto juntos. Um espelho enorme com bordas em dourado estava acima de 02 pias de mármore escuro, as torneiras eram da mesma cor que as bordas do espelho. Em cima de um tipo de banco de pano haviam diversas toalhas de mão dobradas e de aparência limpinhas, ao lado havia um cesto com diversas delas já usadas, esse era o comum papel toalha usado nos shoppings de todo o mundo, sendo que evoluido, para pessoas ricas.
Usei o banheiro e pude ouvir a porta do local sendo aberta, assim que sai da cabine

que estava me deparei com Serena parada em frente ao espelho, mexendo em seus volumosos cabelos, parei de supetão analisando a imagem a minha frente, me questionando o que ela estava fazendo ali e se deveria trancar a porta do ambiente para dar um corretivo na mesma por estar dando em cima do meu namorado há horas, mas não fiz nada disso. Fiz melhor, ignorei totalmente sua presença.
Me aproximei da pia lavando as minhas mãos com um tipo de sabonete liquido rosa com um cheiro delicioso que parecia ser de rosas.
Serena nada disse, apenas continuou a se arrumar como se fosse entrar em um desfile ou algo parecido.
Sequei minhas mãos com uma das toalhas felpudas, me voltei ao espelho analisando o meu visual, tudo estava ok como esperava, peguei o batom em minha bolsa e o passei lentamente em meus lábios, notei que Serena abafou uma risada, a olhei com estranheza, a voz de minha mãe ressoou em minha mente: *Ignore e continua a passar seu batom, bebê*, mas a de Rachel berrou nos meus ouvidos: *Mata a Safada! Mata! Mata!* e me virei na direção de Serena, em posição de ataque:

- O que foi? – Questionei seriamente. Não confiava nela nem se minha vida dependesse disso. – O que é *tão* engraçado?
- Você. – Ela disse friamente, me observando com um sorriso cínico nos lábios, seus olhos me analisando com desdém. – E o seu esforço para tentar se encaixar no meu mundo.

Revirei meus olhos e voltei a me observar no espelho, ignorando totalmente a presença de Serena, mas diferente do que ocorrera com sua mãe, eu não me sentia com poder, pelo contrário, me sentia ameaçada, como se ela fosse me atacar a qualquer momento. Ela tinha razão no que dizia sobre eu me esforçar para me encaixar no mundo dela; era um simples jantar e eu havia me produzido de uma forma que nunca antes havia feito, nem para o meu baile de formatura eu havia passado tantas horas querendo ficar perfeita desse modo, estava perdida nos assuntos e nos termos usado pela nobreza e me esforçava ao máximo para acompanhá-los, até mesmo nas drogas de talheres eu me esforcei para usálos corretos.
Meu esforço, naquela noite no olhar de alguém que vivia naquele mundo há anos poderia ser descrito como pequeno mais corajoso, mas eu sentia que estava fazendo

algo gigante e pesado demais para mim, era quase como se estivesse sendo alguém que não sou. Olhei para Serena, podia ver em seus olhos verdes brilhantes as intenções que ali flutuavam, todas em direção de Peter, seu desejo e paixão por ele; ela era uma ameaça, para mim, pelo menos e ela sabia que eu era uma ameaça para ela, por isso ela estava a tentar me derrubar e destruir, ela quer vencer a todo custo e para isso precisa me derrotar. Serena não podia ganhar e eu não era o tipo de garota de desistir, de perder, e muito menos de me afogar em temores e arrependimentos, eu era forte e capaz de passar por tudo de forma elegante e poderosa, por mais que ela fosse uma ameaça, ela seria derrubada, era só questão de tempo, seria por mim ou por outra pessoa, isso eu garantiria.

Serena continuou a me olhar desdenhosa e eu continuei a ignorá-la.
Cogitei a ideia de afogá-la na privada ou prender os seus cabelos na máquina de secar as mãos, mas me lembrei que havia muitas digitais minhas naquele ambiente, não valeria a pena ser presa por tão pouco.

- Querida, não é porque você colocou um Chanel e fez uma boa maquiagem que significa que você pode conseguir se adaptar, porque você não vai. Não consegue manter uma conversa, nem identificar o talher correto para comer peixe e a sua maneira de se portar é um absurdo ou você acha que não notei seus olhares de raiva na direção de minha mãe e na minha? – Ela deu uma leve risada com um olhar cínico em minha direção. – Tolinha! Você deve estar se corroendo por que eu estou ao lado do Peter a noite inteira, podendo conversar com ele, tocá-lo, sentir seu perfume delicioso, ter seus lábios próximo aos meus ... – Serena murmurou com aquele sorriso afetado em seus lábios enquanto eu a ignorava, alisando o meu vestido, mas não deixando de ser surda, infelizmente. Ela continuou a arrumar sua maquiagem, mas não calou a boca. – Podemos fazer até mais coisas, a noite é uma criança, entretanto só depende dele.

Não reagia a nada do que ela dizia, mesmo que mentalmente já houvesse pensando em um milhão de lugares fatais para enfiar aquele delineador nela, sabia que se demonstrasse qualquer expressão diferente da indiferença exposta em meu rosto, ela iria se sentir satisfeita, pelo menos via isso por um lado positivo, eu realmente não podia confiar nela, era a confirmação que eu precisava para o meu futuro. Me virei

para sair do ambiente, mas Serena, com seu retoque de maquiagem concluído, foi mais rápida se virando e parando na minha frente com uma das mãos repousadas em sua cintura, agora ela estava em pose de ataque:

- Pobre Kate! Tão sonhadora, vai ter a vida despedaçada em questão de dias. É tudo em vão, tolinha! Quando esse cruzeiro acabar para você e para Peter, esse seu *Teenage Dream* irá acabar em definitivo e não haverá uma boa memória para lembrar. Peter vai seguir a vida dele, comigo e você, bom ... não me importo nem um pouco com o seu futuro. Com toda certeza você continuará sendo a João ninguém que é. Você está sonhando alto demais e a queda vai ser dolorosa, Katerina. – Eu me lembrava de respirar de forma normal, mas sentia que meu coração acelerava com a raiva que crescia em mim, meus dentes trincandos e um nó surgindo em minha garganta, eu queria gritar com ela e questioná-la para entender o que havia feito contra ela, mas estava óbvio qual fora meu crime: me apaixonar por Peter. Serena estalou os dedos na frente do meu rosto com aquele sorriso falso nos lábios. – Acorde Cinderela, você vai perder o seu sapatinho, mas o príncipe não vai atrás de você, acredite em mim.

Nada disse, apenas a olhei seriamente observando seus olhos verdes brilharem com uma frieza única, naquele olhar constatei que ela me temia, ela não me encurralaria no banheiro se eu não fosse uma ameaça para si, me afastei passos suficientes para não esbarrar em seu corpo e sai do banheiro, me sentindo mal com o ocorrido.
Parei alguns passos longe da entrada do local, me apoiando na parede, respirei profundamente sentindo uma leve tonteira me tomar, culpa daqueles saltos altos idiotas, havia andado rápido demais em cima daquela tortura, precisava me equilibrar externo e emocionalmente.
Ergui minha cabeça e voltei a caminhar de forma tranqüila, não demonstrando a menor afetação. Apenas fui ao banheiro, fiz o que queria e agora estava a retornar.
Nada aconteceu.

Voltei ao meu lugar.
Tudo continuava do mesmo modo.
Miranda contando uma de suas histórias de forma animada, Senhor Brown ouvindo e comentando de forma educada, Dorian e Amelia morrendo de tédio e Peter com

uma expressão extremamente tensa, ao me ver ele pareceu relaxar. Será que talvez ele não confiasse tanto assim na prima? Ou talvez não confiasse em mim sozinha com sua prima em um banheiro. Eu não confiaria também.
Assim que me sentei nada mudou, com o retorno de Serena também não, óbvio que sua atuação como prima boazinha era ótima e o meu nojo por ela agora só aumentava, até puxar assunto comigo a cínica teve coragem, diferente de sua mãe que estava a me ignorar. Respondi secamente extremamente cansada daquela noite.
Queria um drink, uma cerveja, absinto, qualquer coisa com álcool.
Mas pelo visto a noite não iria acabar tão cedo, nem a sobremesa do Senhor Brown ou de Miranda haviam sido servidos. Como eu queria que o navio batesse em um iceberg agora e que Miranda não soubesse nadar.
Deus, estou ficando rabugenta!
Precisava me desligar disso tudo ou causaria problemas.
Tarde demais!

Aquilo já era demais para mim.
Não era nem a primeira, segunda vez, era a milésima que ela tratava mal um funcionário daquele ambiente e sem ter motivo ou razão em seu argumento. Foi o fim da picada para mim e para aquela noite, o meu nível de irritação estava tão alto que nem senti o copo de água escorregar de meus dedos em direção a mesa em um som estridente de encontro com o prato de sobremesa, todos da mesa olharam em minha direção e com um olhar feroz na fria Miranda, meus lábios esbravejaram em um tom baixo de voz:

- Peça desculpas.
- Como é que é? – Ela questionou incrédula, me olhando melhor como se não acreditasse no que visse, pela primeira vez, falando em choque comigo.
- Você pode ser mal educada, mas não é surda, senhora Hartley, mas repetirei para desencargo de consciência: Peça desculpas a garçonete ou eu farei que a senhora peça.
- Realmente não é necessário t-tal coisa, Sua Graça. – A garçonete de porte delicado murmurou de forma nervosa, olhando submissa para Miranda.

- É claro que não é necessário. – Ela disse firmemente sem mexer um músculo de seu

rosto.
– Não há mínima necessidade de eu pedir desculpas a uma criada. Ela errou com o meu pedido e deve sim receber uma punição verbal.

- Ela não tem culpa que a senhora é uma fresca neurótica e além do mais, não é ela quem cozinha, ela apenas traz o pedido, se ele está errado, brigue com o chefe da noite que a senhora estará correta, mas não com a garçonete. Tenha escrúpulos, senhora. – Murmurei sentindo meu rosto tomar uma coloração avermelhada ao sentir que não só nossa mesa estava a me observar como algumas mesas vizinhas, pois é, eu deveria estar falando alto.

- Meu doce sobrinho, poderia pedir a selvagem da sua namorada ... Que vergonha ter que chamá-la assim, mas é a realidade que você criou, enfim ... peça por gentileza a selvagem da sua namorada se silenciar porque os outros clientes já estão notando e nos observando. – Ela disse com um sorriso falso nos lábios, tentando demonstrar calma ou vitimes. – Que vergonha!

- Eu não calo a minha boca, se bobear, farei um escândalo maior se a senhora não pedir perdão e a senhora sabe muito bem que sou capaz de tal coisa.

Miranda se empertigou olhando para mim com a cabeça levemente erguida, ela não parecia surpresa com a minha atitude, pelo contrário, era como se ela já esperasse ou quisesse isso. Em seus olhos um brilho faiscou e não gostei nada dele, já o havia visto naquela noite, pude ouvir Dorian fazer um comentário a Peter de forma nada discreta:

- Esse é provavelmente o melhor jantar que estamos tendo com a *megera domada*, eu sabia que Kate era o tipo errado de garota que Miranda iria amar. Formidável! – Dorian disse com uma animação nada falsa, ouvi um tapa leve ocorrer e logo um ”ai” ser emitido pelo mesmo, jurava que Amelia havia o castigado por tal comentário, mas não pude averiguar já que olhava Miranda sem a intenção de afastar meus olhos dos seus, sentindo uma raiva tomar conta de mim de modo incontrolável.

- Mamãe ... – Serena disse em um sussurro baixo e temeroso, mas Miranda ergueu uma mão em sua direção e com um sorriso falso e tom de voz artístico se virou na

direção da garçonete.

- Me perdoe jovem, eu realmente me excedi com você, não era minha intenção.

- Não há o que perdoar, Sua graça. Eu vou imediatamente pedir que o prato seja refeito. – A jovem murmurou de forma submissa ainda, era ridículo como as pessoas ficavam perto de Miranda, isso me enojava.

- Ah! Aproveite e recolhe essa bagunça que se encontra no chão. – Ela murmurou com uma falsa preocupação.

- Q-que bagunça? – A garota perguntou, olhando discretamente ao arredor e nem teve tempo de se preparar para a emboscada que a cobra aprontara de forma discreta, ela levantou a taça de bebida bem na direção da bandeja que a garçonete segurava, o impacto não só fez a bandeja cair estrondosamente como sujou a garçonete e todo o chão com a sobremesa que ali se encontrava.

- Essa. – Serena disse de forma debochada gargalhando sozinha observando a bagunça que Miranda causara enquanto várias pessoas olhavam incrédula para cena.

- Sua ...! – Murmurei, ficando de pé em extrema raiva, me direcionei de imediato até a garçonete que tremia de vergonha, mas tentava recolher os cacos de vidros da tigela colocando na bandeja de metal. – Deixe que eu te ajudo. – Me agachei ao seu lado recolhendo o que conseguia enquanto a garçonete tentava me impedir.

- Senhorita, não há necessidade disso. – Ela murmurou chorosa. – Não se prejudique.

- Não se incomode comigo. – Eu disse gentilmente, segurando alguns cacos em minha mão, fiquei de pé com um olhar frio na direção de Miranda que não parecia se importar com nada, apenas bebia seu vinho, enquanto Serena me olhava com prazer, já Peter se encontrava com uma expressão sem palavras, Dorian sorria animado com a situação e Amelia estava muito, muito envergonhada, o comandante estava fora do alcance dos meus olhos. – Porque se eu sou uma selvagem pelo menos tenho educação e respeito, diferente de Sua Graça Miranda que pode ter esse título, mas lhe falta muita nobreza como pessoa.

- Como você se atreve? – Ela questionou enfurecida, me olhando com olhos enxameados de raiva. – Se coloque no seu lugar, fedelha, você é apenas uma diversão para o meu sobrinho e já está se achando gente para dirigir tais palavras para mim.

- Já chega, tia! A senhora foi longe demais! – Peter disse com fúria, se colocando de pé, Dorian fez o mesmo que ele, mas apenas para acalmar o amigo.

- Peter tem razão, Miranda. A senhora está completamente sem razão aqui. – Amelia disse friamente enfatizando o Miranda em vez do tia dito por Peter. – Na realidade, está sem razão há muito tempo.

- Isso é um absurdo! A minha própria família está contra mim. – Ela disse se vitimizando novamente. – Senhor comandante eu lhe peço desculpas por isso, mas depois que essa jovem entrou na vida de meu sobrinho, essa família perdeu completamente os prumos do que é certo.

- Nossa! Eu sou a grande causadora da sua falta de respeito pelas pessoas? Me perdoe então se a minha existência te incomoda a ponto de você mudar a pessoa que é apenas para se rebelar contra a escolha que seu sobrinho fez. A senhora acha que as pessoas são cegas, é? A noite inteira está maltratando a todos como fossem seus criados ...

- E são meus criados. – Ela respondeu com firmeza.

- Mas isso não quer dizer que a senhora pode os tratar dessa forma e não são criados coisa nenhuma, são empregados do restaurante, que são pagos por seu trabalho pelo dono do estabelecimento e pelo que saiba ele nem é seu e nem que fosse. – A olhei com frieza e extremo desprezo. – A senhora pode ser muito respeitada por ser uma duquesa, mas ainda falta muito respeito da sua parte para lhe tornar humana. Com licença.

A garçonete tentava se erguer, mas não conseguia, suas mãos tremiam demais quando ela segurava a bandeja, coloquei os pedaços de cacos que segurava ali e a ergui, logo a jovem imitou meus gestos, de forma nervosa pediu que ela carregasse, que era seu trabalho e pedi que ela se acalmasse que não me importava em ajudá-la.

Era óbvio que o restaurante inteiro estava prestando atenção no ocorrido e eu não me importava. Entreguei a bandeja a um garçom e pedi que ele desse um copo de água para a jovem, para ela se acalmar, perguntei se já haviam chamado alguém para limpar a comida do chão e ele disse que sim, observei à jovem adentrar a cozinha e timidamente ela voltou, me agradecendo com um olhar tímido a minha ajuda, agradeci seu gesto e me retirei daquele ambiente indo para o banheiro. Lavei as minhas mãos averiguando que havia feito pequenos cortes graças ao vidro dos pratos, ardiam levemente com o encontro da água, mas logo esqueci ao sentir um nó pesar em minha garganta.
Controlei a lagrima, observei minha imagem com atenção e passei um pouco do batom em meus lábios e ao sair do banheiro dei de cara com o comandante que sorriu de forma simpática.

- Um dos funcionários disseram que a senhorita havia vindo nessa direção.
- Sim ... Me perdoe pelo ocorrido, a senhora Miranda e eu temos alguns problemas uma com a outra. – Murmurei de forma tímida não sabendo ao certo porque ele estava ali.

- Deu para notar. Meu desejo de falar com a senhorita é simples: quero lhe parabenizar pela sua atitude.
- Como é que é? – Murmurei, surpresa.

- Não é a primeira vez que tenho o desprazer de passar a noite com Miranda Hartley e garanto a senhorita que sempre tive a vontade de dizer umas boas verdades a ela, mas não posso porque sua posição na sociedade me impede de tal coisa, mas a senhorita foi indescritível, me senti honrado de passar a noite com companhia tão refinada, destemida e digna.

- Ah ... ér. – Foi o que saiu dos meus lábios.

- E tenho certeza que terás uma carreira divina como jornalista. Já pregas a verdade apenas com suas palavras e presença. Foi um prazer conhecê-la e se desejar visitar a cabine de comando com seus amigos, será muito bem vinda.

Ele disse por fim, estendendo a sua mão e eu apertei a mesma sem jeito, ainda

completamente sem palavras. O observei se afastar do ambiente e tinha a leve sensação que apenas um olho meu piscava.
Estava em choque.
Mas não podia ficar ali, estática e sem reação, voltei a me dirigir até a mesa onde estava há alguns minutos atrás, alguns clientes me observavam com atenção e cochichavam a meu respeito enquanto eu cruzava o ambiente, não me detive a isso, ao chegar na mesa eu vi que o clima estava pior que antes. Peter estava muito vermelho, seus olhos observavam furiosos Miranda, Dorian segurava o braço do amigo como se estivesse controlando-o de fazer alguma coisa, Amelia por sua vez estava com os olhos cheios de lágrimas, que ela fez questão de enxugá-las assim que me viu se aproximar do ambiente, Serena era a única que continuava a comer sua sobremesa, como se nada tivesse ocorrido. Alguma coisa muito seria aconteceu e tive essa certeza quando Peter olhou em minha direção sua feição serenizou um pouco, mas a fúria continuava ali.

- Vamos embora! – Peter se pôs de pé imediatamente, olhando para Miranda que mantinha a mesma expressão fria e desdenhosa de antes, Serena expressou certa insatisfação com suas palavras, mas imitou a pose de sua mãe. – E que fique bem claro, que se isso se repetir mais uma vez a senhora vai se arrepender cruelmente porque eu vou acabar com a sua vida.

- Peter! Chega, vamos embora! – Amelia disse, se aproximando do irmão e repousando sua mão em sua cintura, como se quisesse impedi-lo de fazer alguma coisa. – Não vale e nem nunca valeu à pena perder seu tempo com ela. Entenda isso.Vamos!

- Não vale a pena perder seu tempo com *ela*. – Serena murmurou para Peter, me olhando com frieza.
- Ó garota, não vem jogar seu veneno para o meu lado não porque para mim as suas palavras são apenas inveja porque você queria estar no meu lugar. – Não é que acertei. Serena se encolheu de imediato com uma expressão surpresa, sua mãe se empertigou. Balancei minha cabeça em negação, sentindo uma sinceridade tomar conta de mim. – Eu vim aqui por Peter, já que sabia o quanto era importante para ele a minha presença aqui, minha intenção era de me corrigir pela minha atitude

indecorosa hoje mais cedo, com ambas, esperando que vocês fossem ter a decência de notarem seus erros e tentarem os corrigir e quem sabe, me dar uma chance de mostrar a pessoa que sou e porque Peter gosta de mim e me quer em sua vida, mas ... É patético! Nem ao menos tentaram se corrigir ou me dar uma pequena chance de mostrar quem sou, apenas me trataram como se eu fosse um tipo de praga. Como se eu fosse um projeto de ser humano, que não fosse bastante para vocês. – Falei com frieza sentindo meus olhos voltarem a se encher de lágrimas, senti o olhar pesaroso de Amelia em minha direção, enquanto apenas observava Miranda sentindo toda a verdade ser dita, havia posto meu orgulho de lado, apenas para dar uma chance a elas de saberem quem sou e que elas ainda tinham uma chance de se concertarem. – Por quê? O que *eu* fiz para vocês?

- Nasceu. – Miranda disse com a sua habitual frieza me observando com uma expressão satisfeita, ela sabia que havia me afetado. Peter a olhou com extrema frieza, ele ia respondê-la, mas Amelia o impediu com suas palavras doces, o segurando.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa Dorian segurou a minha cintura me entregando a minha bolsa e me direcionou para fora daquele ambiente, não disse absolutamente nada, apenas me tomou como um anjo negro e me guiou com proteção, agora as lágrimas voltando a tomar meu rosto.
Dorian acarinhou o topo da minha cabeça, enquanto andávamos para o mais longe possível do restaurante, tinha a leve sensação que Peter e Amelia não vinham atrás de nós, em determinado ponto Dorian parou de andar e me abraçou com carinho dizendo com palavras doces para não era dar atenção para aquela situação, que Miranda era uma víbora e eu não era nem metade do que ela pensava que eu fosse e que ela veria isso com o tempo. Tentei explicar que não chorava pelas suas palavras e atitudes contra mim, e sim por ela não ter um mínimo amor por seu sobrinho, em ver que ele está feliz comigo, mas só consegui explicar em meias palavras porque meu choro se tornou triste e amargo.

Eu chorava porque sabia que Peter estava sofrendo com aquilo, mesmo Miranda e Serena sendo obviamente cruéis, elas eram família dele e ele as amava, isso era óbvio, mas ele também se importava comigo a ponto de brigar com a tia, era óbvio que

alguma coisa havia acontecido na pequena ausência que fiquei da mesa, agora o que causou toda aquela tensão, não sei e sinceramente, não queria saber.
Outra coisa que ficou óbvio é que ele havia feito uma escolha.
Entre elas e eu, ele optou por mim.
Estava feliz por isso, mas não conseguia diminuir a dor de saber que ele havia dado as costas a sua tia e prima, aquelas que pertenciam a sua linhagem e as quais amava. Podia ser exagero de minha parte, mas me sentia uma intrusa e isso me fazia mal, muito mal. Ficamos a esperar por alguns minutos Peter e Amelia, assim que eles vieram ao nosso encontro notei que Amelia estava com o nariz levemente vermelho, ela havia chorado um pouco mais, Peter vinha a alguns passos atrás dela, sua expressão tão sisuda que senti um arrepio de medo, nunca pensei vê-lo dessa forma antes e não queria retornar a ver tal expressão em sua face. Amelia não se deteve em me dar um forte abraço com uma expressão triste em seu rosto e suas palavras um pouco falhas.

- Aquilo tudo foi horrível, Kate. Me perdoe pela atitude de Miranda e Serena. Eu queria poder dizer a você que isso não vai voltar a acontecer, mas ... sabemos que não é verdade. – Ela concluiu dando de ombros, limpando suas orbitas azuis de modo delicado retirando suas tristes lágrimas dali, mas podia ver que a sua tristeza ainda se mantinha. – Sinto muito mesmo, eu deveria ter alertado a antes do jantar de alguma forma, impedido Peter de ter levado você, preparar o terreno antes, mas eu não imaginei que tudo isso fosse acontecer, eu ...

- Tudo bem, Amelia. – Foi o máximo que consegui dizer fungando involuntariamente o meu nariz, não querendo mais pensar em Miranda ou Serena.

- É melhor mudarmos de assunto. – Dorian murmurou de maneira firme, se aproximando de Amelia, seu olhar indo em direção a ela e Peter, que estava encostado na borda do navio com seu rosto escondido na penumbra da noite, observando o horizonte determinado. – Que tal fazermos alguma coisa? Não é que o jantar foi uma droga que significa que a noite toda deva ser.

Amelia deu de ombros mostrando que para ela tanto faz, Dorian sorriu, mas podia ver que ele estava se esforçando para nos animar, ele queria acalmar os ânimos de

todos e mostrar que não devíamos nos afundar na raiva, tristeza e injustiça, mas pelo visto não funcionaria, nenhum de nós estávamos afim. Sua mão repousou na cintura de Amelia e com um olhar significativo ele deu a entender que eu deveria falar com Peter, logo guiando Amelia para longe do local.

Meus olhos se demoraram na direção que Amelia e Dorian seguiram, eu ainda temia a reação de Peter. Nunca o vira com tanta raiva e com aquela expressão sisudo, podia sentir sua energia tensa e negativa, isso estava me fazendo mal, eu só queria ... queria que ele voltasse a ser meu Peter. Não sabia como agir com ele, o que dizer, um sentimento de culpa me tomou, se eu tivesse ficado de boca calada e ignorado tudo, talvez nada disso tivesse acontecido, eu só tinha que ter feito tudo que Rachel, me esforçado por Peter, já que esse meu primeiro contato com sua tia e prima era importante, mas eu estraguei tudo. Mesmo com meus temores, tomei uma decisão, não podia ficar apenas remoendo em magoas e culpa, como em toda nova situação que tenho que encarar, vou enfrentar de frente o que quer o futuro me reserva, eu só queria estar com Peter em seus bons e maus momentos e agora era um péssimo; segui na sua direção, sem vacilar, parei ao seu lado repousando minhas mãos tremulas na borda do navio, o olhei com intensidade, ele nem ao menos se virou para me olhar, se manteve da forma que estava: sisudo, imóvel e impenetrável.
- M-me perdoe. – Murmurei, enrugando o meu cenho.

Ele me olhou de forma vacilante com uma expressão de incompreensão, seus lábios se entreabriram, mas eu fui mais rápida, continuando a falar.

- Eu não deveria ter falado daquele modo com Miranda, eu e minha impulsividade sempre estragamos tudo, não importando a ocasião. Sou muito estúpida! Ela tem toda a razão de me chamar de selvagem, de fato, eu agi feito uma. É imperdoável a vergonha que fiz você, Amelia e Dorian passarem, mas por favor, me perdoe. Eu não vou conseguir viver comigo mesma sabendo que você ... me *odeia*. Eu juro que nunca, nunca mais vou fazer nada disso ... – Parei de falar porque a expressão sisuda de Peter se transformou em algo surpreso e ao mesmo tempo devastador, como a expressão de uma criança que se decepciona ao descobrir algo.

- Mas ... Eu quero que você volte a fazer. – Ele murmurou, em seguida passou uma

das mãos em seus cabelos os mesmos voltaram a cair da forma desalinhada de antes como se nada tivesse ocorrido. – Eu não quero que você mude a pessoa que é, só por causa da concepção primitiva de minha tia, eu te garanto meus país não são como ela, antiquados, grosseiros e fechados as oportunidades que a vida proporciona. – Ele pausou, me observando com intensidade. - Se eu gosto de você tem muito a ver com a pessoa que você é, não quero que mude sua essência por *ninguém*, você me entendeu? Nunca mude.

- Mas ... mas foi errado! – Murmurei cruzando os braços, me sentindo levemente confusa. – Você sabe que foi errado. Eu ...

- Sim, foi, mas não é apenas sua a culpa. Minha tia foi uma estúpida, grosseira e extremamente indecorosa com você desde o principio, não se sentindo satisfeita ela não só foi rude com você mais com todos nós e até mesmo com os empregados do estabelecimento que não tinham nada a ver com o ódio dela. – Ele pausou, pensativo - Eu não vou dizer a você que ela é um *amor de pessoa* quando sei que estaria mentindo para você, entretanto eu nunca a vi tão ... *cruel* como hoje. As indiretas que ela disse a você, a maneira que te tratou, é imperdoável para mim. Ela conseguiu me tirar do sério, você não tem ideia de como é difícil alguém conseguir isso. Eu te garanto, ela nunca mais vai te tratar dessa forma, nunca!

- Comigo é o oposto. – Ri de forma nervosa, me voltando em sua direção observando sua expressão sisuda voltar em seu rosto, queria muito tirar essa sua expressão de qualquer modo. – Eu sou tão pavio curto que chego a botar em risco o significado dessa metáfora.

- Eu não te condeno. Preciso confessar, você foi muito educada ao meu ver, eu acho que se estivesse em sua posição teria quebrado alguns pratos e dito alguns palavrões de baixo calão para ela e faria questão de ter certeza que tudo seria gravado em vídeo para depois ser postado no Youtube, só para destruir a imagem dela – Ele disse em um tom frio e sarcástico de voz. Não conhecia esse Peter e não gostava dele, queria o meu Peter de volta, mas sabia que tínhamos que falar sobre isso, era a única forma de solucionar a situação e de aliviar a raiva. – Minha tia, minha prima ... Sempre elas tentando de alguma sabotar a minha felicidade. A custo de que? De conseguirem o

que querem? Estou farto disso! Não sou um fantoche.

- Serena n-não fez nada. – Murmurei sem saber ao certo por que. Pensei que talvez omitindo o que ela havia feito no banheiro acalmaria a situação, além do mais, Serena não me humilhou publicamente, preferiu me encurralar no banheiro, o que mostra que ela tem coragem de me encarar sozinha e sabe o que quer, tinha que aplaudir por isso.

- Fez sim. – Ele disse com um tom de voz firme. - Eu sei o que a Serena fez com você no banheiro. Te encurralou e disse coisas que ... Coisas que se eu repetir juro que não vou conseguir responder por mim. – Com uma expressão de dúvida, ele me observou com aquele cenho enrugado e expressão irritada. Ele estava cada minuto mais energeticamente pesado, podia sentir isso e ele não tinha noção de como isso estava me fazendo mal. – Amelia ouviu tudo. Ela me contou que assim que Serena pediu licença, dizendo que não se deve deixar uma amiga ir sozinha ao local, ela desconfiou que nossa prima estava tramando algo, então ela logo a seguiu e ouviu toda a conversa por detrás da porta. Ficou horrorizada em como Serena pode ser tão *baixa*.

- Bom, ela é corajosa. Para uma selvagem, eu poderia ter arrancado os cabelos dela e deixado algumas marcas definitivas em seu corpo, mas mesmo assim ela me encurralou. – Murmurei, mostrando total indiferença com o assunto. – Ela tem um forte propósito em mente. – Me calei, não queria falar sobre isso; não sabia se o mesmo sabia dos interesses da prima ou se nem ao menos desconfiava.

- Kate, isso não te incomoda nem um pouco? – Peter questionou incrédulo.

- Sim, muito, mas não vou me afundar na raiva que estou sentindo delas, por 03 boas razões. Quer ouvi-las?- Ele nada disse, seus olhos voltaram-se na direção do negro oceano e eu me aproximei levemente dele, podendo sentir o seu perfume forte e delicioso logo a me inebriar, olhei para seus olhos com doçura. – A primeira razão é que elas são a sua família, por mais que elas não gostem de mim, eu não posso fazer nada para mudar o julgamento delas, devo respeitá-las incluindo a presença delas, porque de alguma maneira ... – *Muito estranha*, pensei. – Elas estão a tentar me

afastar por amar você e por temer que você se magoe ou pelo menos é isso que quero me obrigar a acreditar já que quero pensar o melhor delas. Segunda razão, eu não sou o tipo de pessoa que me prendo a rancor. Não vou me definhar e torturar com o que houve, vou seguir em frente e o que sempre faço; sim, me sinto culpada, mas fiz o que meu coração queria. E a terceira e última razão, é você. – Peter parou de observar o oceano e de imediato me olhou, com um olhar mais leve surgindo em seus olhos intensamente azuis banhados naquele momento pela luz da lua. – Você me tranqüiliza, ao mesmo tempo em que viro uma leoa para te defender, eu finco meus pés ao chão para me trazer de volta a minha realidade, que é com você. Não vou negar que nunca vou me esquecer dessa noite, mas ... Não importa. Para mim só basta saber que você gosta de mim da mesma forma que algumas horas atrás e que quer ser o meu namorado no atual presente e no nosso próximo futuro e que vai estar ao meu lado nos ótimos momentos e nos ruins, como esse.

Peter continuou a me observar, aquela expressão sisuda se dissolvendo aos poucos, logo se tornando em uma expressão amorosa e serena, ele se aproximou de mim, me tomando pelos seus braços, suas mãos afundaram em minhas costas e seus lábios buscaram os meus com pressa e paixão e correspondi a eles com a mesma intenção. Assim que nos afastamos distribui vários beijos em seu rosto, o fazendo sorri de forma boba, como se ninguém nunca tivesse feito isso nele antes.
Me aninhei em seus braços e ele logo os repousou em minha cintura, encostando sua cabeça no topo da minha que estava em seu peito, ouvindo as batidas de seu coração acelerado.

- O que você vê quando olha para esse oceano? – Peter questionou em seu sussurro habitual. – O que passa em sua mente?
- Depende. – Respondi, me aconchegando mais em seus braços.
- Do que?
- Do que estiver em minha mente. – Murmurei, pensativa. – Porque a pergunta?

- Eu lembro de você observando esse oceano com uma expressão fascinada, nunca vi alguém olhar tão fixamente para o mar como você estava a observar naquela vez, como se nunca tivesse visto nada igual antes, por isso estou questionando. Provavelmente foi a terceira vez que havia te visto e foi olhando pro oceano que

naquele dia estava assim, tão negro e profundo como naquele dia, eu lembro que disse para mim mesmo: *Eu tenho que conhecer aquela garota, só uma pessoa incrível olha para o oceano desse modo tão fascinante; eu preciso saber cada detalhe que passa em sua mente.* Eu precisava te conhecer, era uma necessidade.

- Só porque eu estava olhando para o oceano? – Questionei soando um pouco boba.

- Não, você não estava o olhando, havia algo de mais profundo no seu olhar do que um simples observar. – Peter se afastou um pouco de mim, assim podia me olhar atentamente, meus olhos encontraram o seu e a intensidade que eles emanavam me fizeram corar. – A maneira que você olhava aquele oceano é a mesma maneira que você sempre me olha, por isso que gostaria de saber o que se passa em sua mente quando você o olha ... *Me olha.*

- Nunca vai saber. – Respondi, com um sorriso sapeca crescendo em meus lábios, ele entrou na onda de minha atitude e voltou a me puxar para seus braços, me enchendo de beijos e caricias. A resposta de sua pergunta era muito simples, era *ele* que se passava em minha mente quando olhava para o oceano.

Aquele oceano silêncioso me seduzia de forma inexplicável.
Todo aquele mistério e profundidade que o oceano sempre me inebriou era puramente encarnado em Peter, às vezes ele nem sabia disso, mas era a verdade. O oceano me seduzia desde seu cheiro até a sua beleza inigualável, Peter não era muito diferente. Seu perfume era um dos mais deliciosos que havia já me inebriado, seu toque era sempre gentil, suave e único, ele era tão belo, aos meus olhos, não era o garoto mais lindo do mundo, mas para mim era muito atraente de um modo único, seus cabelos loiros, pele branca, sua altura, corpo esguio com músculos em lugares certos e olhos unicamente azuis, Peter havia sido desenhado para mim e eu agradecia a Deus por ele ter entrado em minha vida.

Depois daquele tempo que tiramos para nós, fomos atrapalhar Dorian e Amelia que também estavam aproveitando o momento que ganharam, Dorian esbanjava seu charme e sorriso brilhante em seus lábios, Amelia também parecia mais leve do que a minutos atrás, mas podia ver em seus olhos uma certa tristeza ao me observar.

Dorian, com sua animação espontânea, sugeriu que aproveitássemos a noite, mesmo não estando uma das mais bonitas e memoráveis deveríamos curtir a oportunidade de estarmos juntos e nos divertir porque a noite era uma criança, Peter parecia com um pé atrás, me questionou se queria tal coisa e concordei animada, era o melhor a se fazer, nos divertir e esquecer totalmente desse jantar e criar novas memórias.

Andamos pelo convés a procura de algum lugar que não fosse barulhento demais, como as boates a quais passamos e nem silênciosas demais, como alguns bares com ar adulto e sério, acabamos por ficar em um *Pub* de estilo irlandês, de acordo com Dorian era um dos melhores *pub's* britânicos que ele já havia visitado em terra firme, Peter concordou com a afirmação. O local estava lotado, estava passando um jogo importante do campeonato inglês, o sexo masculino era o maior número naquele ambiente, todos com roupas normais e cervejas em mãos e nós quatro ali, com roupas sociais de porte fino, logo viramos foco da maioria que nos observava com ares brincalhões e debochados, como se fosse algo difícil não nos ver, estávamos tão discretinhos.
Dorian logo nos direcionou a uma mesa no meio do salão, Amelia se sentou se servindo de uma mão cheia de amendoim com uma expressão de extrema curiosidade, como se nunca tivesse estado em um pub antes, mais tarde descobri que isso era um fato. Dorian e Peter começaram a se *dês-pinguar* bem na frente de nossos olhos tirando seus paletós e no caso de Dorian, tirando a gravata borboleta, ficando assim com um ar mais despojado. Ficamos a conversar de forma animada por um bom tempo enquanto nos quatro tomávamos de uma torre de *chopp* que foi pedida pelos garotos, enquanto Amelia e eu devorávamos ovos de codorna, Dorian era extremamente divertido, ele contava histórias engraçadas e divertidas de fatos que havia vivido com seus amigos, enquanto contava esboçava expressões naturais em seu rosto que se mesclavam com seu sorriso que o deixavam extremamente adorável e apaixonante, era impossível não querer tê-lo a seu lado, ele tinha essa energia boa de sentir. O mais legal de observar era a diferença que aquele trio de amigos tinham, Amelia era quieta e tímida, corava só em receber qualquer carinho e/ou elogio de um de nós, mas era tão animada quanto eles, ria e participava das histórias com graça e doçura, ela me lembrava muito Joana, mas não me prendi muito a esse pensamento, sentia saudades dela; Peter era completamente diferente do seu melhor amigo,

enquanto ele era extremamente expressivo, Peter não se expressava muito, apenas poucos sorrisos e olhares intensos, já Dorian gargalhava e era extremamente contagiante, Peter era contido, na realidade, o tempo todo, ele era extremamente focado, sério e seguro em suas atitudes, tinha vinte anos, mas aparentava vinte e cinco, eu gostava disso nele, dessa sua postura, seriedade que o deixava mais maduro, mas sentia falta de um pouco de leveza de sua parte, era como se ele temesse ser imprevisível, um pouco de extroversão faria bem a ele, mas quem sabe com o tempo ele notaria isso, talvez minha presença o mostrasse isso, além do mais, é óbvio que ele passa por muita pressão não é a toa que ele tem essa postura e seriedade, agora eu sabia disso.

Eu gostava de estar com eles, ouvir suas histórias e descobrir as pessoas que eles eram, ainda mais nesse momento que eu me sentia muito mal por estar afastada dos meus amigos ou quem eu pensava serem meus amigos. Depois de 02 copos de tequila mais tarde, comecei a filosofar mentalmente que talvez eles tivessem razão em não estar falando comigo já que haviam escolhido um lado a apoiar, Joana, mas mesmo assim me soava muito hipócrita, seria muita falta de personalidade de cada um deles não me permitir contar a minha versão da história, tomei mais três copos de tequila e decidi ficar só nos ovinhos de codorna, eu prestava atenção no assunto a mesa, mas não sabia se era a hora, já que passava das duas da manhã ou se era a tequila batendo, mas estava começando a ficar sonolenta e nostálgica. Pensar em Joana me deixava assim e naqueles que eu pensava serem meus amigos, no lugar deles eu daria uma chance a quem tivesse traído a confiança de Joana, talvez essa pessoa tivesse sido mal entendida da mesma forma que eu fui, podia jurar que eles tinha a certeza que eu havia escolhido o lado de Rachel, mas não era a verdade, eu escolhi o meu lado...

A verdade era que passar a noite com aqueles três me fez notar como se conheciam e a amizade deles era forte. Nada podia quebrar aquela amizade, acredito que nem uma traição de Dorian faria o laço de amizade dele com Peter se romper, temporariamente sim, mas não para sempre, então porque comigo parecia que estava sendo um corte eterno? Será que era uma forma de aprendizado, era assim que estava descobrindo quem era os meus verdadeiros amigos, talvez fosse, só sabia que estava sentindo falta de cada um deles. Da risada contagiante e alta de Chris, dos comentários perspicaz de Alex, da amizade doce e adorável de Lucas e principalmente do jeito

meigo e atitude inocente que apenas Joana tinha. Após aquela noite - e 05 tequilas mais tarde - eu havia tido certeza de várias coisas.

Conviver com Miranda e Serena não seria fácil, mesmo sendo preciso, era uma delas e aqueles que acreditei serem meus amigos no fundo não eram, pelo menos não agora e eu tinha novos focos em minha vida: meu namoro com Peter e a minha visitação a Londres que duraria por 02 longas semanas, havia muito a me preparar para tal evento e queria por pelo menos uma vez em minha vida concentrar em mim mesma, viver cada dia de uma vez só intensamente, apenas em busca de liberdade e romance, penso que em Londres criarei uma versão melhorada de Katerina Farrell no melhor estilo Audrey Hepburn, é. Encerramos a noite com um último *chopp* e então, para a felicidade do barman que ganhou uma boa gorjeta de Dorian, fomos embora. Nos despedimos na metade do caminho para a entrada principal das pré suítes, desejei uma ótima noite para Amelia e Dorian, a primeira que me abraçou desajeitada e com extremo carinho, tinha certeza que se ela não tivesse bebido não teria me abraçado com tanta espontaneidade, já Dorian me abraçou e mandou Peter cuidar bem de mim e logo saiu segurando a cintura da noiva, ambos de forma romântica se distanciando de nós.
Peter afundou sua mão em minha cintura e me direcionou para seguirmos o nosso caminho, mas logo depois que tropecei nos meus próprios pés umas 05 vezes ele me pegou em seus braços e decidiu me carregar no colo até minha cabine, não reclamei, nem estava em posição para isso, mal conseguia pensar quem diria andar!
Entre tropeços de vogais e consoantes fiquei a dialogar com Peter sobre a noite, o jantar e o tão desagradável havia sido e sobre mais cois...
Do que eu estava falando mesmo?

- Em segurança. – Peter murmurou me observando com certa preocupação. – Você acha que pode ... – Ele pausou me observando encostar a cabeça na porta da cabine, fechei meus olhos notando a voz de Peter ficar longe e de repente, perto novamente. – É melhor eu entrar com você, não acho que esteja em estado de ficar sozinha. Na realidade, tenho certeza.

- Eu só estou cansada. – Murmurei, falando certo o que me impressionou então abri meus olhos, voltando a ficar ereta. – E sendo dominada pela tequila. Você sabia que

ela é o meu ponto fraco? Apenas um copinho e plim, já perco o chão ... – Peter sorriu levemente e eu correspondi, sendo que de forma maliciosa. – Hummm, eu conheço esse sorriso.

- Conhece é?

- Sim, é o sorriso do "eu te quero". – Falei de forma monótona sentindo meus lábios se moverem sem dominar o que ao certo dizia. – Uma pena que não é um sorriso de "eu te quero agora" porque definitivamente essa nossa conversa terminaria lá dentro.

- Certo, definitivamente está na hora de você ir dormir, mas antes um banho para tirar esse efeito alcoólico de você seria bom. – Peter murmurou me olhando com atenção, não era difícil não se prender àqueles olhos e segurar aqueles braços tão firmes e imaginar como ele deve ficar sem aquela blusa com seu corpo por sobre ...

- É, está na hora mesmo. – Murmurei, abrindo meus olhos como se tivesse descoberto algo escondido na escuridão. Definitivamente, tequila não caia bem em mim. – Amanhã a gente se fala, mas p-por favor, não me ligue antes das sete, pretendo dormir até ... para sempre.

- Bom, não será possível isso bela adormecida, em primeiro lugar porque você tem um príncipe para te despertar. – Ele se aproximou de mim depositando um beijo suave em meus lábios e voltar a pensar nele, sem roupa por sobre mim não foi difícil. - E segundo, temos ensaio de manhã, provavelmente vai ser cedo o que impede você de dormir para sempre.

- Argh! Odeio compromissos cedo. – Murmurei rabugenta.
- Eu jurava que você era uma pessoa matutina. – Peter murmurou com um curioso.
- Pois é, eu também. – Murmurei com um tom sarcástico, em seguida sorri de uma maneira não tarada, eu esperava. – Obrigada por hoje.

- Não há o que agradecer, além do mais, boa parte da noite foi um inferno. – Ele murmurou em seguida enrugou o cenho com uma expressão pensativa. – Mas eu juro que isso não vai ficar assim, vou falar com minha mãe sobre o que elas fizeram com você, tenho certeza que ela vai ficar do nosso lado nessa situação.

- Espere ai, eu ouvi bem ou a tequila está afetando minha audição? Você vai falar com a sua ... mãe sobre mim? – Questionei sentindo minha bochecha corar violentamente.

- Kate, você está ... corada? – Peter questionou com um sorriso crescendo em seus lábios.
- É que ... Pare de me olhar assim! – Murmurei, repousando minhas mãos em meu rosto tentando esconder o vermelho. – É o sol que peguei mais cedo. – Ele ergueu uma sobrancelha e me lembrei que não havia surgido nem um raio de sol naquele dia, xinguei baixo, mas mantive a pose. – É o blush que a Rachel passou ... Está fazendo efeito... agora!

- Eu nunca havia te visto corada dessa forma antes. É tão ... fofa!

- Pelo amor de Deus, eu posso estar meio ... – *Meio* minha mente repetiu de forma debochada e concluiu gargalhando *Totalmente, sua lunática!* – ... bêbada, mas não permito que você me chame de *fofa*. É um absurdo! Eu sou tudo, menos fofa. Eca, eca, eca! Você caiu em meu conceito, Hartley.

- Para mim você é tudo, incluindo fofa. – Seus braços rodearam minha cintura e mesmo com a minha expressão feia ele se atreveu a me beijar de forma apaixonada. – Você é fofa, linda, adorável, irritadiça, teimosa, orgulhosa, inteligente, forte, sexy e muito mais coisas que poderia passar a noite dizendo, mas você precisa dormir e eu também.

- E você precisa parar de ser careta, pai! – Falei com deboche o olhando seriamente. – Eu decido se devo ou não dormir agora.

- Eu sei que você vai dormir, antes deve tomar um banho como sugeri, mas não vai se demorar a dormir, você está completamente zumbi de tanto sono. – Ele disse com um tom de voz leve. – Descanse, amanhã será um longo dia e se você se comportar eu te conto sobre a conversa com a minha mãe.

- Você vai falar de mim ... para ela? – Voltei a questionar, sentindo minhas bochechas arderem.

- É claro, ela já sabe de você desde o dia que nos conhecemos na festa e ela está louca para te conhecer. – Ele voltou a beijar os meus lábios, sorrindo.

- O que você acha de usarmos o meu netbook, mais precisamente minha webcam, para você conhecer a minha mãe? – Falei antes de pensar, mas achei uma ideia bacana. – Quer dizer, não seria um conhecer, mas apenas para ela ver que você é real e não imaginação minha. Não que eu tenha ilusões ou coisas parecidas, não sou psicótica. – Repousei uma mão em meu rosto, pensativa. – Acho melhor dormir.

- Gostei da ideia.
- Qual delas?

- De conhecer sua mãe via webcam, podíamos fazer o mesmo com a minha, ela não sabe mexer em computador, mas meu pai sabe, garanto que ele também está muito curioso em saber quem é garota que roubou o coração de seu único filho. – Peter ficou pensativo. – Acho que amanhã não poderemos fazer isso, mas vou avisar meus pais, assim eles já ficam em alerta. – Ele sorriu acariciando levemente o meu rosto. – Vou adorar conhecer sua mãe.
- E ela vai adorar te conhecer e eu vou amar conhecer seus pais. – Murmurei, com aquele sorriso em meus lábios. – Eu vou entrar ... Você tem razão! Eu estou feito um zumbi, é melhor eu me trancar antes que saia por ai me arrastando e em vez de querer cérebro implorar café de forma monótona e assustadora. – Abri minha bolsa pegando o cartão chave, tentei duas vezes abri, mas só na terceira acertei, já que Peter segurou minha mão a guiando na direção do local certo para passar o cartão.

- Você está proibida de tomar tequila. – Ele disse rindo de uma forma leve.

- Manda quem pode, obedece quem tem juízo. – Respondi com um ditado popular,mordendo meus lábios, roubei um beijo um pouco mais longo de seus lábios. – Sonha comigo.

- Sempre. Dorme com os anjos.
-Infelizmente, não dormirei com você, mas ... – Ele sorriu balançando a cabeça de forma intimidada. – Boa noite, Peter.
- Boa noite, amor.

Voltei a sentir minhas bochechas corarem apenas com a palavra *amor* e todo seu significado, ele se afastou andando decidido, assim que chegou em frente da escada olhou para atrás se surpreendeu ao me ver ainda parada ali, ele sorriu e seguiu o seu caminho. Eu entrei no quarto, tendo dificuldade para fechar a porta, parecia que estava extremamente pesada para mim. A primeira coisa que fiz, assim que fechei-a foi arrancar aqueles sapatos macabros de meus pés, sem nem pensar abri meu vestido o largando no chão do meu quarto, se Rachel o visse ali teria uma ADP - um "ataque de pelanca" cortesia do filme "As Branquelas" -, mas não me importei, apenas me arrastei até o banheiro pegando no caminho uma calcinha e um sutiã, minha carteira de cigarros e minha toalha. Consegui desfazer o penteado que Rachel havia feito enquanto a banheira se enchia de água quente com um tipo de sabão relaxante de erva doce que Rachel havia me dado a uns quatro verões atrás ali dentro, assim que ficou pronta e lotada de espuma, adentrei na mesma, sem me demorar afundei meu corpo inteiramente naquela água sentindo a espuma me cobrir e o cheiro delicioso adentrar minhas narinas.
Que delícia! Era disso que eu precisava.
E de 01 cigarro, 02 talvez ...
Fumei 03 e pensei seriamente em jogá-los fora, aquilo não me relaxava só deixava minha mão fedendo, minha garganta ardendo, meus pulmões mortos e minha mente dolorida.

Sentindo cada gotícula daquela água maravilhosa entrar em minha pele e relaxar o meu corpo, eu apenas sentia minha mente se esvaziar de todos os acontecimentos, mas antes disso, tudo se passava em minha cabeça, como um *flashback* muito acelerado, minha mente começou a ficar muito apertada para tanta informação.

Segredos, prima gostosa, tia diabólica, lorde lorde lorde, jantar importante, *amor*, Miranda e Serena a dupla do mal, meus amigos que no fundo não são tão meus *amigos* assim, tequilas e mais tequilas. Argh!

Fechei meus olhos e afundei todo meu tronco na água, cabeça imersa, mente aprofundada. Dobrei meus joelhos, era grande demais para ficar deitada naquela banheira, mas não pretendia subir tão cedo. Isso era um suicídio mental, queria matar cada um daqueles pensamentos sufocantes e dolorosos e transformá-los em forças

para o meu futuro. Morram! Morram! Morram!
Poucas bolhas saiam de meu nariz enquanto eu sentia até meu coração bater devagar.
Eu sabia que não tinha nada a ver com o sabão de erva doce de Rachel, era a água fazendo sua magia em mim.
A água tinha esse efeito sobre mim e sempre teria.
Era calmante e abria meus olhos para tudo.
Meus erros, na maior parte do tempo, e acertos, e o que devia fazer com o que se aproximava.
Naquele momento eu sabia o que tinha que fazer.
Apenas me entregar àquela água, como se fosse o meu mar silêncioso e particular e assim ficar emergida entre o silêncio e a profundidade do meu ser até sentir que era hora de renascer, do medo e do sufoco, e voltar mais forte do que nunca.

Capítulo 20
À Beira da Gloria

Através de toda a ciência e história Bem, nada nunca esteve preso comigo Mas agora estou aprisionado em você E eu estou me segurando na
Única coisa que eu sei
E agora eu nunca vou deixar partir

Hoje a noite
Eu tenho você onde eu te quero
Mais perto eu posso te falar qualquer coisa Você é a música que eu canto

Hoje a noite
Deixe a música nos conduzir
Nós cairemos para sempre, tudo esta certo Porque eu tenho você onde eu te quero

Tonight – Alex Band

Abri meus olhos e logo os fechei, me virando de bruços e escondendo meu rosto na almofada.
De imediato, minha cabeça começou a latejar violentamente da mesma forma que havia ocorrido nas últimas quatro vezes que havia despertado naquela madrugada. Só podia ser sacanagem.
Eu só queria dormir e a última coisa que eu havia conseguido era isso.
Acho que nem se fosse dopada com remédios para sono eu conseguiria dormir o satisfatório para aquela noite. Depois que tomei banho, me joguei na cama vestindo apenas a minha lingerie, estava tão cansada que não conseguia nem ao menos pensar em procurar por um pijama, o edredom teria que ser o bastante para me aquecer, mas mesmo assim a minha mente não se desligou dos acontecimentos da noite passada, tive 04 pesadelos, 02 envolvendo Miranda, um que ela fazia todo mundo ficar contra mim e o outro ela me cercava com ninjas assassinos que tentaram me eliminar, mas não conseguiram porque eu era filha da Beatrix Kiddo; 01 com Serena seduzindo Peter com vigor e o último com minha mãe me almadiçoando a ser atormentada por um espírito de uma garotinha japonesa morta só porque não havia falado para ela sobre o ocorrido no jantar, ou seja, aterrorizante ao extremo e toda as vezes que despertava por culpa desses pesadelos sentia minha cabeça latejar e doer como se tivesse sido rachada ao meio com uma picareta ou algo tão afiado como.

Não suportei mais a ideia de ter outro pesadelo, me levantei indo direto ao banheiro, ao me olhar no espelho percebi que o sutiã que vestia era vermelho e a calcinha verde o que de fato não era o conjunto certo dessa lingerie, eu dormi feito uma palhaça,

procurei em minha nécessaire meu analgésico favorito, ou como Rachel dizia a cura para todos os meus males e tomei um com um copo de água bem gelado. Iria demorar alguns minutos para a enxaqueca passar, mas só de saber que passaria em breve já era um alivio. Voltei para o quarto, indo em busca do meu celular, o encontrei dentro da bolsa, que usei na noite passada que estava caída atrás da escrivaninha, não quero nem saber como é que ela parou ali, só peguei o aparelho e o coloquei para carregar, notando um post-it amarelo preso em cima do meu netbook rosa, a caligrafia grande e espaçosa era de Rachel, fui na direção da penteadeira pegando meus óculos de grau, num modelo vintage de rayban preto bem nerd, só com eles conseguiria ler nesse momento:

Bonjour, Katerina!
Pelo visto sua noite não terminou como eu esperava, mas mesmo assim tenho certeza que você tem muito a me contar, além do mais, não é todo dia que encontro uma banheira lotada de espumas e cotocos de cigarro jogados pelo local. Sim, eu esvaziei a banheira e não, não peguei nenhum dos seus cigarros.

Banheira?
Me recordei em um *flash* do banho de banheira que havia tomado há algumas horas atrás, esqueci completamente de esvaziar a mesma o que era uma irresponsabilidade da minha parte, estava em um estado zumbi tão elevado que nem ao menos me lembrei de tirar o ralo, um simples gesto. Muito burra!
Virei o post it, vendo que havia mais 03 folhinhas daquelas, era quase que uma carta em post-it e para Rachel ter escrito aquilo com a letra dela e não digitado, era porque estava de muito, muito bom humor.
Isso significava 02 coisas:
Ou ela havia tido uma noite colossal de sexo com Steve;
Ou seu cartão de credito havia aumentado de limite.
Não preciso nem dizer qual das duas opções deve ser de fato a verídica.

Deixo esse post it porque Melissa pediu para avisar a você que chegue às dez horas em ponto para começarmos os preparativos da peça, se puder avise ao Peter também, sei que não será um sacrifício (;
Dorian e Amelia se quiserem podem chegar nesse horário também para concluírem

seus afazeres.

Terceira página e senti meu cérebro latejar.
Estava pensando e isso doía agora.
Me lembrei da peça de teatro que teria que ensaiar e apresentar no dia seguinte, será que sou tão lenta ao ponto de não ter notado que eu era a protagonista, logo, a peça caia em meus ombros por completo?
Será que dá tempo de ter uma overdose temporária de tylenol?

Então tome um bom café, mande os problemas embora porque hoje é seu dia de estrela, baby. xx
- R

PS: Nunca mais deixe um CHANEL no chão novamente ou você sentirá o que é dor eterna, louca. PS²: Eu não o roubei, o levei para a lavanderia, apenas isso, eu juro.

Tive que ler o post-it novamente para fixar as informações em minha mente. Respirei profundamente olhando ao arredor notando que o vestido Chanel não se encontrava ali, eu bem que queria ter visto a cara de Rachel ao ver o Chanel ao chão, ela deve ter ficado para me matar enquanto dormia o que não é um pensamento muito reconfortante.Vi as horas em meu celular e não passava das oito e pouquinha o que fez a minha mente se afundar em uma depressão momentânea:

- Eu podia estar dormindo! – Disse para mim mesma em um muxoxo.

Me arrastei para o banheiro notando que o mesmo se encontrava seco, sem sinais de espuma ou cigarros, Rachel havia feito um bom trabalho, tinha que confessar. Soltei meus cabelos do coque que havia feito com a própria ponta notando como ele se encontrava emaranhado e sem delongas entrei em um breve banho para despertar meus músculos, mente e deixar os meus cabelos molhados o suficiente para usar o creme de pentear porque eu não podia sair pelo navio com aquela juba. Era um crime de natureza inexplicável. Com banho tomado vesti um biquíni verde por cima uma bata branca longa o bastante para cobrir o meu short de jeans claro, na cabeça um chapéu de palha charmoso e nos pés uma sandália havaiana, tirei de dentro da minha mochila tudo que era de desnecessário, sendo quase tudo, joguei dentro da mesma

apenas o essencial. Não tinha ideia de como o tempo estava, mas eu precisava tomar um bom banho de piscina e se tivesse sorte, alguns raios de sol cairiam muito bem em minha pele, não apenas na cor, mas a sua energia ia me fazer sentir mais viva. Com esses pensamentos ouvi a porta principal sendo fechada e em seguida Rachel podia ser escutada claramente, enquanto cantarolava uma canção, sai do meu quarto com a bolsa em meu ombro, me deparando com Rachel vestida com as suas roupas de ginástica, aquela imagem me fez lembrar de Serena de imediato, sua ignorância e pose, balancei minha cabeça afastando tal pensamento, no exato momento que Rachel tirou os fones do ouvido, me olhando com um enorme sorriso em seus lábios.

- Se eu fosse você não contaria com uma boa manhã na piscina, o dia está horroroso e parece que vai chover a qualquer momento. – Ela murmurou enquanto enrolava o fio do fone no Ipod.

- Estava torcendo que pelo menos alguns raios de sol tivessem invadido o céu, mas tudo bem, eu vou mesmo assim, preciso nadar um pouco. Pensando pelo lado positivo: é mais piscina para mim. Está afim? – Questionei dando de ombros.

- Mesmo estando um friozinho lá fora, não seria uma má ideia, acabei de fazer uma hora de aeróbica cair em uma piscina seria uma dádiva divina. Deixa só eu me trocar. – Ela começou a se encaminhar até o quarto, me deixando empoleirada no sofá da sala. – Já tomou café da manha?

- Nop! – Respondi, pegando o meu celular da mochila no intuito de ligar para Peter.
- Interessada em tomar um com a sua melhor amiga? – Ela questionou com aquela sua animação natural que era contagiante, mas não em dia de ressaca, como hoje.

- Claro que sim. – Respondi sorrindo levemente. – Café e donuts, só consigo pensar nisso.

- Num enfarto e em gordura saturada? Que triste! Minha única melhor amiga irá morrer em 20 anos se continuar nesse ritmo. – Ela disse em um tom de brincadeira, rindo levemente, fiz uma careta na direção do seu quarto como se ela pudesse me ver através da porta do armário. – Eu vi isso! – E ela vê. Esqueci que estava lidando com Rachel que me conhece ao extremo e não com uma estranha.

- Pergunta: Por acaso você viu Peter ou Dorian na academia? Estou querendo ligar para ele, mas estou com medo de acordá-lo.
Rachel se afastou do armário, analisando 02 biquínis, que segurava pelos cabides, ela me mostrou eles como se quisesse que eu escolhesse: entre um branco e outro preto.
- Misture-os, vai ficar mais interessante.
- Ou vou ficar parecendo um dálmata. – Rachel disse observando os biquínis com atenção.

- Ou uma zebra, de qualquer forma é um animal de classe. – Respondi com um sorriso sarcástico em meus lábios. Ela aceitou meu conselho fazendo uma careta, pegando o sutiã branco e calcinha preta dos biquínis e indo em direção ao banheiro. – Ei, responda a minha pergunta!

- Ah! – Ela se virou, como se tivesse se esquecido. – Você sabe que não consigo me focar em 02 coisas ao mesmo tempo, então ... Não vi Dorian, aquele dali nem precisa de muito para chamar atenção, mas teria o visto sem grandes esforços e Peter também não, esse diferente de Dorian, eu iria ter que querer ver para encontrá-lo, ele não me atrai em absolutamente em nada.

- Que bom! – Murmurei debochada, deixando um sorriso cair em meus lábios. – Menos concorrência!
- Debochada! – Rachel disse, dando língua para mim.

- Não me xinga que eu adoro. Assim gamo mais rápido, gata! – Murmurei em tom de brincadeira enquanto ria, vi Rachel adentrar deixando a porta entreaberta, voltei-me para o celular, ligando para Peter.

Se ele estivesse dormindo, perceberia pela demora que ele levaria a atender, então não tentaria novamente, já que ele veria meu número no visor e ligaria depois, caso contrário ...

- Bom dia. – Ele disse ao atender de forma extremamente animada no segundo toque. – Pensei que estaria dormindo a essa hora.
- É, eu também, mas é como Steve Tyler diz *Você não pode ter tudo o que se quer*.Cantarolei com um sorriso leve nos lábios. – Dormiu bem?

- Bem o suficiente para quem bebeu 05 cervejas, 01 uísque e 02 tequilas. E você, amor?
- Bem. – Menti, complementando mentalmente *mal*. – Só com uma leve ressaca, mas nada que alguns *tylenols* não possam resolver. Duas cervejas não fazem mal, mas 05 tequilas ...

- Senti sua falta essa noite. Foi estranho dormir nessa cama sem você e depois que eu fui embora daí ontem fiquei com uma sensação que eu deveria ter ficado com você. No fundo, senti que não deveria ter te deixado sozinha.

- Não sei se vai te tranqüilizar, mas saiba que nada aconteceu em sua ausência. Tomei banho e dormir, nada mais. – Murmurei com um tom tranqüilo de voz omitindo os cigarros e os pesadelos. – Olha, eu estou te ligando a essa hora por que a Melissa quer que chegamos no Teatro B, sem atrasos, as 10 horas, se você conseguir avise a Dorian e Amelia que eles podem chegar por esse horário também para terminar os afazeres deles.

- Tudo bem, tenho só uma coisa para fazer antes de ir para lá, mas acho que consigo chegar na hora. Você quer que eu te espere?
- Não, é melhor não. Eu vou nadar um pouco e ainda tomar café da manhã com a Rachel, não quero te atrasar.
- É, acho que não daria tempo. – Ele disse com certo desapontamento.- Não quero ser um estraga prazeres, mas o tempo está terrível para qualquer atividade que envolva água e sol.
- É, Rachel me disse, mas eu preciso nadar ... – Falei em um tom de necessidade, como se estivesse falando que necessitava de sentir a água em meu corpo.
- Certo então, não vou mais tomar seu tempo, tenham um bom divertimento. Nos vemos daqui a pouco então.

- Ansiosa para ver você. – Murmurei com um sorriso leve nos lábios, me sentindo uma boba apaixonada, havia acabado de vê-lo no dia anterior como podia sentir tantas saudades assim? Mas era tão gostoso me sentir assim.

- Eu também. – Ele respondeu de forma suave e logo sua voz sumiu sendo tomada

por um som típico de ligação desligada.

- *Ansiosa para ver você.* – Ouvi a voz de Rachel repetir o que disse imitando a minha voz, olhei para ela notando que a mesma estava pronta, usando roupas similares a minha, sendo que seus cabelos estavam soltos de forma volumosa e bonita enquanto os meus estavam presos em um coque alto, era o meu modo de controlar a revolta dos meus fios e só para completar coloquei o chapéu por sobre o coque. – Ansiosa para o que, Pequena Kate? Para ver o seu lorde?
- Ah, cala boca! – Fiquei de pé em um pulo só.

Como Rachel havia dito, o tempo estava medonho, nuvens negras tomavam conta de todo o céu e era nítido pequenas ondas no oceano o que mostrava uma eminente mudança de tempo, ao longe entre 02 grandes montanhas podia jurar ter visto um conjunto de raios brilhar ali, esperei ansiosa pelo som de um trovão, o aviso claro para não entrar na piscina, mas nada aconteceu, então havia nenhum impedimento.

A água estava mais quente do que o normal, deveria ter sido aumentada mesmo pelo frio do dia, antes de mergulhar senti um arrepio terrível em todo o meu corpo o que quase fez eu desistir de nadar, mas não me arrependi depois da terceira volta de *crawl* que dei. Eu nunca participei de nenhum time de natação em meu colégio, mas na turma de educação física esse era um dos poucos esportes que eu gostava de participar. Sempre fui uma boa nadadora, gostava do contato com a água e o ato de nadar me trazia uma paz e um controle mental incrível.
Me equilibrava.
Novamente era a água me manipulando, bem a sua cara.
Quando parei de nadar, o que foi algo que demorou tanto que senti minhas pernas vacilarem de câimbra, Rachel brincou dizendo que eu realmente queria nadar. Ela não tinha ideia de como.
Ela nem ao menos entrou na piscina, ficou vestida do modo que veio lendo uma revista de moda, o local estava tão deserto que me senti com a total liberdade de fazer algumas acrobacias, como andar de bananeira e fazer mortais para frente, como se aquela piscina fosse minha casa.
Quando senti os dedos dos meus pés enrugarem decidi que era hora de sair, me sequei rapidamente sentindo meus dentes baterem de forma involuntária, eu não

queria nadar?! Agora deveria aturar o frio.
Assim que me vesti partimos para tomar o nosso café da manha.

Depois de rodarmos 03 convés em busca de um lugar descente, vegetariano e calmo para tomar café, quase com Rachel me convencendo a tomarmos café no quarto achamos um pequeno local, escondido entre dois grandes e famosos restaurantes, era o ambiente mais vazio naquele momento de todos que havíamos visto.
Pedimos os nossos cafés, o meu bem forte e o de Rachel com creme, ambos com adoçante, ela não comia nada com açúcar e eu simplesmente não gostava de açúcar granulado e sim, eu sei que é uma mania estranha para comer pedi uma caixa com 06 donuts sortidos enquanto, de forma muito pesarosa, Rachel comeu um *croassaint* de requeijão *light*.

Essa mania obsessiva de manter o peso que Rachel tinha sempre me deixava em estado de preocupação, principalmente quando que íamos comer alguma coisa, mas era só mencionar no assunto que Rachel sempre mudava a direção do mesmo; ela evitava ao máximo falar sobre seu peso e sua mania. Por mais que ela não goste de falar sobre e muitas pessoas não saberem, ela já havia tido distúrbio alimentares seríssimos, era difícil para ela falar sobre o assunto e eu compreendo, ela teve que fazer exames horríveis, ficou durante 01 mês em um centro de reabilitação exclusivo para esse tipo de problema, onde ela aprendeu a lidar com sua doença e como se alimentar, teve que tomar remédios e participar de terapias para Rachel era uma humilhação ser vista como uma jovem com bulimia, para amigos e famílias era uma forma dela se aceitar e lutar para se ver da forma que verdadeiramente é, graças a Deus hoje em dia estava em total controle, mas mesmo assim, ela ainda relutava em aceitar a sua doença, porque não, não é porque ela se tratou que deixou de ser bulímica, ela ainda é, e nunca falava sobre o assunto, nem comigo e daí surgia a minha preocupação, quando ela não me contava o que se passava em sua mente e coração era quando as crises começavam e eu tinha que me manter alerta para qualquer sinal.
Rachel não gostava de se lembrar da época que tinha vergonha de sair de casa por achar que a roupa que vestia mostrava toda sua obesidade, que não existia, que ao se olhar no espelho via uma garota gorda e disforme, bem diferente de suas musas de inspiração de se lembrar dos almoços e jantares que deixava pela metade por causa

de uma visita desesperada ao banheiro ...
Estresse, nervosismo, insegurança, temores, isso tudo sempre a afetou de uma forma elevada.
Nada nunca esteve bom na vida de Rachel - seus país ausentes, suas notas baixas, seu desinteresse em manter um relacionamento amoroso e só alguns dos itens - demorou muito para ela perceber que não era só a vida dela que vivia na instabilidade, mas ao notar isso, foi dado o primeiro passo para o inicio do tratamento.
A preocupação sempre era eminente para mim, quando ela troca o refrigerante por mate ou prefere comer uma fruta em vez de um pedaço de torta, acho normal, porque é do temperamento dela querer cuidar da saúde, mas quando eu a vejo comendo coisas que não é do seu estilo alimentar e de forma exagerada, simplesmente não consigo dormir a noite temendo que todo aquele pesadelo de anos atrás acabe voltando a acontecer. Rachel sempre teve um corpo perfeito, mas ela não vê isso e se eu não consigo convencê-la do mesmo, duvido que exista alguém que consiga; ela tem uma doença e talvez apenas ela note o tão perfeita que é ao aceitar seu problema.

Não me fixei nesse assunto, sabia como Rachel ficava na defensiva e agressiva quando algo sobre isso era comentado, então me emudeci por total esvaziando meus pensamentos, assim que os cafés foram servidos ela questionou sobre a minha noite, demorei para responder, buscando por uma resposta, mas nada vinha em minha mente.
Apenas drama, drama, drama.
Sorri de uma forma singela como se quisesse designar que tudo havia sido perfeito, Rachel me olhou com estranheza não confiando muito em minha expressão então a fortifiquei dizendo que havia sido normal, nada demais havia acontecido, quando ela mencionou Miranda e Serena, menti descaradamente dizendo que ambas foram educadas. Omitir a situação foi um ato natural para mim, não queria falar sobre e muito menos deixar Rachel nervosa, irritada e curiosa com tal coisa, então omiti, não queria que ela sofresse com os meus problemas, além do mais, não queria pensar sobre isso só por hoje, talvez amanhã também, seria pedir demais?
Sorri tentando passar confiança, ela retribuiu o gesto, mas lentamente desfez o gesto

ficando com uma expressão séria.

- Quando você estiver pronta para falar sobre me avise, mas não minta para mim, ok?– Ela disse e tomou um longo gole de café ficando com um olhar triste.- Não para mim.
- Eu não quero falar sobre isso agora, tudo bem? – Falei com cuidado a olhando de forma triste.
- Foi tão ruim assim? – Rachel questionou e eu balancei a cabeça em afirmação.

Eu sabia que Rachel não me daria paz se não contasse a ela sobre, eu as vezes de modo acidental esqueço o tão bem que ela me conhece, se eu não falar nada era bem capaz dela ir atrás de informações com Peter e Dorian temendo ter ocorrido uma catástrofe no jantar, não seria difícil ela conseguir tais informações já que agora tínhamos uma peça para fazer todos juntos. Voltei atrás em minha decisão e comecei a contar a ela o básico que havia ocorrido, devia isso a ela. Me senti envergonhada ao relatar ter sido encurralada por Serena e por não ter sido mais feroz em minha resposta, me sentia humilhada não apenas pelos insultos de Miranda e Serena, mas pelo fato de ter sido ingênua em pensar que elas poderiam estar sendo hostis comigo por temerem que eu magoasse o parente delas, mas não, era algo além disso e agora estava no meio de toda essa situação. Não delonguei ao assunto, logo resumi falando que fomos em um pub e assim a noite se encerrou. Rachel não disse nada.

- Eu não sei o que dizer. – Ela disse alguns segundos depois, dei de ombros, eu mesma não sabia o que dizer sobre e continuava não querendo pensar sobre.
Bebi um gole de café sentindo aquela quentura descer por toda a minha garganta e mordi um dos *donuts* fazendo uma pequena lambança em meus dedos.
- Então, me conte sobre a sua noite. Estou curiosa para saber o que você e Steve aprontaram.

- Kate, não desconverse! Desabafa comigo. – Rachel disse com o seu tom raro de carinho, ela sabia que eu não gostava de gestos carinhosos e tons doces de voz, eu não era frágil como a maioria pensava, mas já estava vacinada ao jeito carinhoso forte de Rachel.

- Já desabafei, só não quero estender nesse assunto. Eu só não quero pensar sobre isso *agora*. Não quero me prender a eventos passados da minha vida e sim da sua, quero saber da sua noite, me conte.

E assim, de forma muito emburrada, Rachel começou a relatar a noite que havia tido com Steve, aos poucos ela desfez sua expressão emburrada e ficou com um olhar apaixonado e começou a tagarelar sem fim de como a noite dela havia sido perfeita, que Steve era incrível, romântico e sexy ao mesmo tempo e que eles curtiram uma noite com os amigos deles, antes de sairmos do local comprei um café para viagem, cafeína seria necessária para o resto do dia.
Rodamos um pouco pela área de lojas de roupas, Rachel fez alguns comentários sobre moda que eu nunca entendia, mas sempre concordava, ela fez questão de comprar uma saia e uma blusa que viu em uma determinada loja, ela simplesmente não resistiu, da mesma forma que não resisto ao ver um livro interessante.

Voltamos aos nossos quartos, Rachel disse que queria se arrumar e mandar alguns e-mails e talvez fazer 03 posts no blog dela e eu necessitava urgentemente de um banho, precisava tirar aquele cheiro de cloro dos meus cabelos.
Feito isso me vesti com roupas confortáveis: short jeans, uma blusa de manga curta, um casaco de moletom azul escuro e meus *all star* vermelhos. Como sabia que iria me encontrar com Peter fiz o favor de me arrumar de forma adequada: arrumei meus cabelos, mesmo molhados tinham que ficar bonitos para quando secassem não surgisse uma juba de leão, me maquiei de forma básica como de normal, um pouquinho de perfume e estava pronta. Na mochila só o básico. Como de habitual, sai da minha cabine encontrando a sala vazia, havia uma pequena parte de mim que esperava que Rachel já estivesse pronta, mas esqueci que estava lidando com Rachel, a garota que demora cinco horas para escolher uma saia quem dirá vestir a mesma e ficar pronta a tempo. Ao adentrar em sua cabine me deparei com a mesma se maquiando de forma despreocupada enquanto intercalava em digitar um post em seu blog de moda, eu ainda tinha uma hora de intervalo, mas ela não. De forma rápida ela guardou o laptop na bolsa Chanel roxa, gigante, que usava e começou a falar rapidamente que estava 15 minutos atrasada e que precisava mostrar alguns desenhos a Melissa, ideias que ela teve de noite e que achava que iriam ser ideias usáveis para o figurino da peça. Para quem estava atrasada, Rachel andava com

tranqüilidade em direção ao Teatro B, como eu não queria chegar uma hora adiantada a deixei na metade do caminho e decidi explorar o navio sozinha. No fundo da minha mochila estava o mapa do local e o walkie talkie do colégio, em uma emergência eu já sabia ao que recorrer, mas eu não me perderia, só queria achar um lugar calmo e tranqüilo para poder falar com a minha mãe, naquela agitação matinal encontrada nos convés principais eu jamais conseguiria manter um dialogo sensato e coerente com ela, além do mais, havia assuntos pessoais demais aos quais queria falar.

A procura deve ter demorado em torno de 10 minutos, assim que encontrei um convés extremamente vazio e tranqüilo, logo me empoleirei em um banco de madeira virado na direção da borda, assim podendo ter uma visão do oceano, constatei que o ambiente tinha a presença constante de alguns empregados do navio saindo de uma sala, alguns com toalhas em carrinhos, outros com carrinhos lotados de roupas ensacadas e alguns entrando no ambiente com seus carrinhos abarrotados de roupas para a lavanderia, ali não havia loja nenhuma, apenas uma porta que levava a área dos empregados da empresa e nada mais. Por isso era tão tranqüilo e era ali que eu queria estar.

Observei a paisagem sombria a minha frente, o seu negro encoberto por pesadas nuvens, o som pesado das ondas do mar entrando em contato com o casco do navio quase que em revolta, podia fazer um paralelo claro do tempo relacionado a minha vida. Quando chegamos naquele navio, o sol dominou nossas manhãs e a minha vida estava tranqüila e radiante e agora ela estava tão misteriosa e emaranhada de temores e problemas como aquelas nuvens negras estavam, ao longe vi um grande raio desenhar o céu e me encolhi, pegando em um movimento só o meu celular.
Apenas apertei o botão para as últimas chamadas e lá estava o número de casa, liguei para o mesmo e fiquei esperando que fosse atendido, sentindo o meu coração acelerar a cada minuto mais.
Ao ouvir a doce voz de minha mãe senti meus olhos se encherem de lágrimas da mesma forma que minha garganta se fechou em um nó.
Não consegui dizer “alô” ou “como vai, mamãe?” apenas sussurrei.

- Mãe, preciso tanto de você! – E do outro lado da linha sua voz começou a me acalentar querendo antes de tudo saber o que estava acontecendo em minha vida,

daquela forma amiga/mãe que só ela conseguia ser, sem nenhum pudor de minhas palavras comecei a contar tudo a ela desde o evento que havia cessado em nossa última conversa, ela já sabia que eu havia descoberto que ele era um lorde, mas não tinha ideia do que tinha ocorrido após isso. Contei a ela desde minha conversa com Peter sobre seu legado até a nossa despedida na madrugada anterior, após o jantar. Minha mãe ouvia a tudo sem dizer uma palavra, da mesma forma que Rachel agira, isso me irritava um pouco porque parecia que estava falando sozinha e se eu quisesse isso não gastava pulsos em meu celular, mas havia um outro lado desse silêncio que me incomodava, como Rachel, ela deveria estar surpresa com toda aquela situação e temia pelo que ela fosse falar.

Assim que conclui de contar tudo olhei no visor constatando que a ligação continuava a prosseguir, chamei por ela querendo saber o que ela tinha a dizer, a mesma disse que estava pensando sobre o assunto, mas no fundo eu pude ouvir o som do teclado do seu computador. Ela estava no *google*?

- Mãe, você está *googlando* a Miranda?! – Questionei em choque não sabendo se questionava se ela havia encontrado algum crime que a mesma havia cometido ou se mandava ela fechar a página de forma incisiva, vai que os arquivos dessa mulher estavam todos infectados com vírus? Não dúvidava nada, já que a mesma era toda podre!

- Na realidade, estou *googlando* você e Peter, mas de acordo com minha averiguação não há nem a hipótese da sua existência na vida dele. Agora vou procurar sobre a megera Miranda. Deveríamos chamá-la de *M&M*?- Ela questionou com um tom de devaneio. – Assim ninguém saberia de quem estamos falando e seria tão divertido. Me sentiria como uma espiã em uma missão secreta!

- Ai! Mãe, você bateu a cabeça quando acordou ou algo nesse estilo? – Murmurei, repousando uma das mãos na minha testa, não tendo resposta alguma dela. – Mãe, acho melhor você se lembrar do seu papel na minha vida nesse momento. De conselheira e não de fofoqueira de plantão. Pelo amor de Deus, largue esse mouse! – Murmurei, voltando a cruzar as minhas pernas em estilo do Buda. – Que tal você se concentrar em mim só um pouquinho depois você pode continuar com as suas

pesquisas no *google*, ok? – Eu não acreditava que estava incentivando que ela continuasse a fuxicar a vida de Peter na internet se nem eu havia feito isso. – Se gostar da ideia pode até montar um blog em ódio a Miranda, não me importo, só fale comigo.

- Tudo bem, Kate. Vamos conversar. – Ela disse um pouco entristecida, um peso caiu em meu coração. Será que ela estava tentando adiar a conversa? - Eu sei que você gosta desse garoto, por mais que eu ache cedo demais para tal coisa, já que vocês mal se conhecem, eu sei como é ser jovem, pode crer já fui uma um dia e sei como o amor nos pega de repente e não tem como escapar, mas você precisa confessar que o relacionamento que vocês estão construindo está fadado a ser *instável* e não será por culpa de vocês dois e sim do próprio destino.

- O que você quer dizer?

- Kate, você vai ficar em Londres por 02 semanas, o que vocês farão depois disso, huh? Namorar a distância? Por mais que eu sei o quanto é madura e que pode levar na boa essa condição, conheço seu gênio e sei que não gosta nadinha desse tipo de relacionamento pelos motivos óbvios. Quer outros motivos? Lá vai, ele é famoso, Kate, tem uma vida movimentada e cheia de regras por pertencer a um legado e tem também o fator óbvio do momento que tanto essa Miranda e Serena não querem vê-la com ele de jeito nenhum, não duvido nada que elas continuarão a agir dessa forma com você. – Ela pausou e por fim continuou. - Você está entrando em um caminho que é muito provável que seja sem volta.

- Mãe, eu ... – Fiquei completamente sem palavras, não havia pensado no fato de que ficaria apenas 02 semanas em Londres até agora, o que Peter e eu faríamos depois disso? Nada disso havia vindo à tona antes, mas agora que era sua namorada esse comentário de minha mãe ganhou significado para mim, junto dele veio diversos pensamentos clichês sobre a situação.

- Toma cuidado, Kate. – Ela disse, seria.
- Eu estou tomando. – Respondi, um pouco temerosa.

- Você não entendeu, Katerina. Eu estou falando sério, não é apenas um conselho de

mãe neurótica que teme pela segurança da filha o tempo todo ... – Uma descrição perfeita dela feita pela própria. - ... É uma sensação que tenho de que algo ruim vai acontecer... e eu temo por você. – Senti um arrepio tomar o meu corpo aquele mesmo arrepio que havia sentido ontem, antes de chegar ao jantar, me encolhi não gostando nada da sensação.

- Mãe, fica tranqüila. Nada vai acontecer. Todos os meus amigos sabem que estou saindo com alguém, os mais próximos sabem que é Peter, se bobear até o professor Martin já deve saber, no jeito que as fofocas correm nessa turma ... Se alguma coisa acontecer e não vai, eles vão saber a quem recorrer de imediato.

- Eu não quero que você se machuque, bebê.
- Ai, mãe! Bebê não! – Falei em um resmungo, entortando meus lábios.

- Bebê sim, e você sempre vai ser o meu bebê até quando for uma velhinha desdentada e que peida o dia inteiro em seu fraldão. – Ela se silênciou e eu sorri, sabendo que ela tinha total razão em tudo que havia dito, menos na parte do bebê, é claro. – Eu te amo, bebê. Só quero que você seja feliz.

- É, eu também.

Continuamos a conversar, mesmo que o foco temporariamente ainda era Peter, falamos sobre o nosso namoro e comentei também que queria que ela o conhecesse, através da webcam, ela adorou a ideia, mas não tinha ideia de como usaria o aparelho, mas prometeu pedir ajuda a Chuck, mais que era só eu avisar que ela estaria pronta para conhecer Peter, em pessoa diríamos, já que ela confessou já ter visto um milhão de fotos e vídeos do mesmo pela internet e ela não conseguia parar de declarar que o mesmo era um gato. Minha mãe, falando que um garoto era um gato, ela era *legal* demais!
Falamos sobre Chuck e Joseph, ambos sem notícias a acrescentar e ela me contou que apenas Chuck sabia sobre Peter ser um lorde, ela não sabia se Joseph reagiria bem a notícia, então está evitando o assunto. Fiquei momentaneamente a pensar em como uma pessoa poderia reagir mal a tal notícia, mas nada me veio em mente.
Apenas conclui a conversa após receber uma segunda chamada, de Rachel, querendo

saber onde eu estava já que se encontrava 20 minutos atrasada e todos estavam a me esperar, menti que estava perto e já chegando e logo me despedi de minha mãe colocando a mochila em minhas costas e correndo pelo convés vazio na direção da escada mais próxima.

Era muito ruim correr por um convés movimentado de grupos empoleirados e casais apaixonados que detestavam a ideia de separar as mãos por cinco segundos, apenas para ajudar uma pessoa apressada a passar, pois é, tive que passar por isso e mais um pouco. Alguns tropeços e escorregões mais tarde cheguei ao Teatro B, tudo estava tranqüilo naquela parte do convés, vazio e silêncioso, mas com a minha aproximação pude ouvir o som de movimentação dentro do local.
Parei a alguns passos da porta e peguei meu espelhinho da mochila, tentando arrumar um pouco a bagunça dos meus cabelos, jogando os para o lado, sorri e apertei levemente minhas bochechas dando um ar de corada saudável e não de maratonista, respirei profundamente para não parecer que havia corrido e adentrei no local.

O teatro estava muito movimentado.
Havia grupos espalhados por todos os lados, notei que próximo a entrada tinha um grupo de garotas costurando alguns vestidos, logo a frente um trio estava costurando o que parecia ser uma blusa que ainda estava em seus moldes iniciais. Minha atenção se dirigiu a um grupo de garotos que pintava um grande cenário em um canto que estava sendo bem iluminado próprio para a situação, alguns deles me cumprimentaram, eram colegas de Durham. Haviam vários grupos espalhados pelos assentos de forma desigual, concentrados em seus roteiros e em ensaios improvisados, da mesma forma que uma pequena orquestra estava ensaiando a música tema da peça sob o comando de Raj que acenou para mim assim que notou minha presença. Notando tudo, cruzava o ambiente em direção ao palco, vários colegas me cumprimentaram, logo a frente estava Joana e seus amigos, que não era mais os meus pelo visto, nenhum deles nem sequer me olharam, percebi que Lucas não estava ali e isso chamou a minha atenção. Voltei a olhar ao arredor procurando as presenças de Rachel ou Peter, mas nada.
Uma garota trinta centímetros menor do que eu, de pele extremamente branca e cabelos quase tão escuros como os meus me chamou timidamente em cima do palco,

ao observá-la melhor, notei como ela parecia uma boneca de porcelana oriental, ao notar sua simpatia sorri para a mesma, ela disse ser assistente de Rachel e que a mesma me esperava na coxia e logo começou a me direcionar ao local.
Keiko, esse era o nome da assistente de Rachel, me dizia enquanto cruzávamos o corredor na direção da coxia que Rachel estava ansiosa para tirar minhas medidas e que havia tido várias ideias de roupas para minha personagem e que nesse momento ela media Peter. Sorri com a ideia de que veria Peter em questão de segundos, entramos em um local que ficava logo atrás da parede de fundo do palco, ali seria preso alguns dos cenários e assim seria rodados para mudar o fundo do ambiente a cada nova cena, notei algumas pessoas trabalhando ali, entre elas Amelia e Dorian, que estavam com as roupas mais simples que já os virá até o momento e mesmo assim pareciam deslumbrantes, ambos sujos de tinta, ao me verem logo se entreolharam, Dorian sorriu, mas Amelia parecia tensa. Abracei ambos, cada um em seu tempo e notei realmente que alguma coisa estava acontecendo, já que seus tons de vozes baixos e contidos pareciam muito cautelosos, com a desculpa de que Keiko estava com pressa e ela não estava já que a mesma estava paquerando um garoto da minha turma de geografia, enquanto ele se amostrava para ela pegando 02 latas grandes de tinta, fui logo em direção ao caminho que antes seguia, assim que chegasse na coxia Peter me explicaria o que estava a acontecer, ouvi a risada alta de Rachel e uma um pouco mais contida, aquele som era muito familiar, mas não quis acreditar nisso, com Keiko em meus encalços quase derrubei a pobrezinha ao parar de supetão com a imagem que tinha a minha frente.

Peter, sério como de costume e arrumando a blusa branca em estilo espanhol, estava sendo medido por Rachel que fazia anotações e estava concentrada em seu trabalho, mas tinha aquele sorriso em seus lábios de quem estava se divertindo com algo, notei que no local tinha mais 03 pessoas, uma dessas pessoas era Lucas que sorriu contido para mim e eu não retribui, porque meus olhos estavam em faíscas na direção de uma única pessoa; 03 jovens diferentes estavam a trabalhar juntos com Rachel, já Melissa estava a observar tudo de forma crítica e atenta a todo trabalho feito pela equipe de figurino, mas mesmo assim nada disso me interessava, enquanto me questionava o que aquele filhote de capeta estava fazendo ali vestindo jeans escuros, uma blusa rosa bebê e sapatos da Chanel – acho -, de salto finos, seus longos cabelos loiros

caindo graciosamente em suas costas, enquanto ela fazia poses dramáticas, fazendo uma interpretação chula de Christine Daae.

- O que *ela* está fazendo aqui? – Questionei de forma rude o que pode ter sido exagerado, descendo os degraus de forma pesada e parando quase que de forma modelistica na frente de Serena que me olhou com uma expressão de culpa e contida. Senti todos os olhares em minha direção, incluindo o de Peter e Rachel, notando minha presença pela primeira vez.

- Oh, Kate! Você não sabe como estava ansiosa com sua chegada. Quero tanto me concertar com você. – Serena disse com um tom suave de voz e eu já o ouvi antes. Olhei ao arredor de forma contida, notando mais olhares curiosos em nossa atenção. Não queria que aquilo virasse um show, então sorri de uma forma teatral com os meus cabelos se balançando de forma graciosa ao cair em meus ombros e me aproximei dela com um olhar frio e um tom de voz que apenas ela poderia ouvir.

- Querida, eu por acaso pareço uma fábrica de concerto? – Sorri de forma cínica, mas ela não reagiu, vi seus olhos transitarem pelo ambiente, provavelmente procurando por público.
– Pouco me importa o que quer que você queira comigo, eu sei exatamente o tipo de garota que você é e se você não quer um escândalo, eu iria embora de forma pacifica.

Me virei notando que a mesma nada iria dizer, me direcionei até onde Peter estava, ele ainda se mantinha sério, enquanto Rachel ergueu ambas as sobrancelhas, tensa, silênciosamente ela disse "perdão", talvez por não ter avisado que Serena estava ali, mas como ela saberia quem ela era a tempo?
Serena se sentou num sofá mofado com as pernas delicadamente cruzadas, seus olhos em minha direção brilhavam intensamente naquele tom verde, ainda com aquele ar de boa moça para mim.
- Eu sei que você está surpresa com a minha presença, mas pedi para Peter permitir a minha vinda aqui, além do mais, começamos com o pé errado e eu quero me redimir com você. – Não a observava, o silêncio que tomava conta da coxia era óbvio, todos queriam saber o que estava a acontecer entre a loira britânica e a morena americana. Eu não dava a mínima importância, enquanto lia as anotações que Rachel havia feito

sobre as roupas que Peter iria usar. - Você é a namorada dele agora, então devemos ser amigas, o que você acha? Eu tenho uma chance? – Mesmo fingindo ser *a boa samaritana* ao falar "namorada" pude notar os lábios de Serena crispar e um olhar vazio ir em direção a Peter, ela nunca iria aceitar o nosso relacionamento.

- Se você me der arsênico eu juro que faço a morte dela parecer acidental. – Falei em um sussurro quase inaudível apenas escutado por Rachel, que parou próxima a mim fazendo novas anotações no caderno, ela abafou uma risada e olhou na direção de Peter e pelo espelho, para Serena e eu a ignorando, gloriosamente. – O que *ela* está fazendo aqui?

- Olhe esse desenho Kate, você não acha que essa roupa vai ficar divina em Peter? – Rachel disse em um tom falso de voz, obviamente tentando disfarçar o que verdadeiramente iria dizer, constatamos que Serena perdeu o interesse em puxar meu saco, se voltando para uma revista, logo Peter se aproximou de nós, olhando com estranheza para o decote que estava belíssimo em seu peito. – Tudo que ela disse é verdade. Peter confirmou, disse que ela foi até ele nessa manhã e pediu perdão sobre ontem a noite, dizendo que queria se concertar principalmente com você e queria saber se haveria algum problema de vir até aqui hoje ...

- ... Óbvio que fiquei com um pé atrás, não sabia se você iria se sentir a vontade com a situação. – De imediato ergui meus olhos do desenho, que realmente era bonito, observei seriamente Peter que trocou um olhar cúmplice com Rachel. – Mas ela me pressionou, então permiti que ela viesse, desde que a mesma apenas falasse com você com a sua permissão. Pelo visto, você não quer conversar com ela, então ...

- Não, não quero. – Sorri de forma falsa. – Eu a quero fora daqui. – Falei entre os dentes. – Inventem alguma coisa. Estranhos não podem ver o ensaio, ela atrapalha o ensaio porque os cabelos dela são loiros demais e é como ter um sol ambulante ou simplesmente digam que a presença dela me incomoda, mas tire a daqui. Eu não quero ter que lidar com ela agora – Olhei para Peter notando em seu olhar certa tristeza, notei o tão insensível havia sido. Ela era amiga dele, mesmo com tudo que ela havia feito, eles tinham um passado, não podia esquecer disso. – Me desculpe Peter, mas ela me magoou e muito ... Não quero ser amiga dela. Não dá. Não *agora*.

- Não faria nem um esforçozinho por mim? – Peter murmurou com um olhar sincero quase que angelical, afastei meus olhos dos seus, fechando o livro de desenhos de Rachel que revirou os olhos, incomodada talvez pelo meu momento com Peter ou por ter fechado o livro de desenhos com tanta força.

- Não. Não hoje. – Respondi, enrugando o meu cenho. – Eu não quero passar por aquela situação de ontem, denovo.

- Eu entendo. – Ele disse, agora enrugando o cenho, pensativo.
- Só tem um problema. – Rachel disse, mexendo em seus cabelos ruivos que caiam reto em seus ombros, seu tom de voz firme mostrou que a notícia não era boa. – A monstra da Britanny pulou fora da peça, a fofoca que está correndo é que parece que o papaizinho dela pagou uma graninha para o tal administrador para que ela não fosse obrigada a participar assim podendo cair fora, então a personagem que ela ia fazer, Prima Donna Carlota ficou vaga e a Serena ...

- Ah, não! 02 dias inteiros tendo que olhar e dialogar com a mesma, enquanto só penso em maneiras de fazê-la sofrer? – Olhei para Peter que novamente me olhou entristecido. – Me desculpa!

- Me perdoe, mas nem eu ou Dorian conseguimos mudar a decisão de Raj. Ele se encantou com a postura e atitude de Serena, a chamou de sublime atriz e que há muito tempo não via alguém com tanto talento. – Ela murmurou sorrindo para uma dupla de garotos que passou no ambiente e a cumprimentou, ela voltou seu olhar para mim seria. – Já até tirei as medidas dela, as meninas já estão fazendo a roupa dela.

- A faculdade da Serena é artes cênicas, por isso ele ficou tão impressionado. Não se preocupe com ela, Kate, não vamos deixá-la se aproximar de você, se esse for o seu desejo. Você não está pronta então vamos respeitar isso, certo, Rachel?

- Certo, Peter. – Rachel murmurou com um tom mal humorado e estranhando talvez a sua formalidade. – Diferente do lordezinho aqui, Dorian sabe o tipo de víbora que Serena é, ele me alertou que ela deve está jogando para conseguir alguma coisa, já que a sua amizade não é o que ela quer. – Rachel murmurou olhando de Peter, que estava

incomodado e para mim que analisava suas palavras. – Por isso estou me fingindo de boa amiga para ver se consigo descobrir algo com suas intenções.

- Isso não é necessário, eu já disse. Dorian exagera. – Peter disse entre os dentes, olhando para Rachel com certa raiva. – Serena não é essa víbora, ela é apenas uma garota confusa.

- Quietinho, filhote de Leonardo diCaprio. Eu conheço uma vadia quando vejo uma e aquela garota finge tão bem ser *boazinha* que consegue enganar até o papa se quiser. Para de ser ingênuo, Peter! Eu já disse muito bem o que ela quer.

- E o que ela quer? – Questionei, voltando a abrir o livro de desenhos de Rachel ao notar os olhos de Serena em nossa direção.

- Rachel! – Peter disse em alerta. – Não há necessidade de falar sobre isso, é uma tolice tremenda. Por favor! – Ele pediu de uma forma gentil que eu não conseguiria negar, mas Rachel ...

- Ela quer o Peter. – Ela disse com um grande sorriso nos lábios. – Simples e prático.
- Ah, eu já desconfiava disso. – Murmurei, pensativa, dando de ombros.
- Jura? – Ambos falaram em uníssono.

- Sim, desde nosso primeiro encontro isso já ficou óbvio para mim, ninguém fala que é noiva de alguém daquele modo sério apenas para descobrir a intenção da outra pessoa, ganhei as provas que precisava ontem, pela forma que ela o olhou durante toda a noite, o jeito que ela o tratava, o tocava e falava com ele, foi bem claro para mim e entre outras coisas que ela me disse, me levou a crer que ela está seriamente apaixonada por você.

- Eu pensava que você fosse uma pessoa sensata, Kate, estou mudando de ideia nesse momento. – Ele disse com os seus olhos presos em minha expressão de forma descrente.

- O que? Só porque acho que a Serena é apaixonada por você? Por favor! Até um cego veria isso, ela passou a noite inteira se jogando em você ... – Murmurei com um

tom de voz quase que ciumento. – Nojento!

- Ela é minha prima, Kate!

- Você não vê maldade nenhuma com ela, mas não quer dizer que a mesma siga o seu pensamento. Além do mais, só porque vocês são primos isso não impede em nada em um relacionamento, muitos se casam e até constituem famílias. - Rachel disse com total normalidade, Peter por sua vez fez uma expressão que eu decifraria como enjôo. Rachel enrugou o cenho, pensativa. – Vou voltar ao trabalho, não saia daqui Peter Hartley, ainda tenho que terminar as suas medidas dos braços e Keiko ... – A jovem surgiu do meio de um varal de metal de roupas e me assustou seriamente, tapei meus lábios abafando um grito, sua expressão assustada e o meu trauma com filmes de terror orientais fez meu coração acelerar em desespero, Peter abafou uma risada com minha reação. – Entregue essas calças ao grupo 01 e peçam para arrumar nessas medidas e traga o vestido da cena número 03 que quero experimentá-lo em Kate. – Keiko ficou parada anotando tudo em um bloco de tom rosa com as calças no ombro e um olhar ansiosa em sua face ao olhar para uma séria Rachel que com um simples gesto das mãos disse. – Vai. Vai. Vai.

Keiko se afastou apressadamente para se retirar da coxia, notei que Serena não estava mais no ambiente, provavelmente foi infernizar a vida de Dorian e Amelia ou vai saber o que. Rachel voltou a repetir de forma autoritária para Peter não sair dali e mandou que eu fizesse o mesmo que ela já voltaria para concluir a obra de arte dela. Meu olhar voltou na direção de Peter, que estava a me observar atentamente, minhas bochechas coraram violentamente ao notar que seus lábios se abriram em um sorriso encantador, ele deu a volta na mesa que nos separava em passos lentos, pude notar que ele usava calças jeans que deveriam pertencer a ele, mas aquela blusa em estilo espanhol era próprio do Fantasma da Ópera em sua cena como Don Juan e ela caia muito bem em Peter, ainda mais porque hoje ele estava com seus cabelos desalinhados e com um pouquinho de barba para fazer, dando um ar sedutor nele. Sua mão alcançou a minha e a segurou de forma terna me puxando para perto de si, logo seus lábios se encontraram com os meus em um beijo caloroso e urgente.

- Você demorou. – Ele sussurrou com seus lábios ainda próximos aos meus.

- Estava falando com a minha mãe no telefone, temos esse terrível costume de falar e não consegui parar mais, quando notei Rachel estava a me ligar avisando do meu atraso. Vê se pode! Eu mesma não notei o meu atraso ... – Peter murmurou um *hum hum* de seus lábios e voltou a me beijar, repousando suas mãos em minha cintura agora. – Eu acho que alguém aqui está um pouco assanhadinho hoje.

- Só hoje? – Ele sussurrou distribuindo alguns beijos em meu rosto.
- É, você tem razão. Desde o primeiro dia que lhe conheci você é um completo assanhado, quase um pervertido.

- Menos, Kate. Quase nada. – Ele disse com certo sarcasmo, roubando mais alguns beijos de meus lábios o último que foi devidamente mordiscado pelos meus. – Depois me chamam de assanhado, não sou eu que estou mordendo as pessoas.

- Mordo mesmo. Adoro morder. – Murmurei com um sorriso sapeca deixando as minhas mãos escorregarem pelos cabelos lisos e grossos de Peter, mas logo meu sorriso se desfez ao notar que Serena havia retornado ao ambiente, tomando um suco de tom avermelhado e estava a conversar de forma animada com um tímido Lucas e uma das assistentes de Rachel. Peter notou minha mudança de atitude e se afastou um pouco de mim, constatando para onde eu estava a olhar, sua expressão também logo mudou, me virei de costas para a imagem e me sentei por sobre a mesa ficando exatamente na altura de Peter que voltou a se aproximar de mim, suas mãos repousaram em minha cintura assim voltando a ficar próximo a mim.

- Me desculpa por estar sendo tão teimosa sobre isso, mas ela ...

- ... Passou dos limites com você, eu sei. – Peter sussurrou aproximando seu rosto do meu cortando a pouca distância que existia entre nós. – Como eu disse, antes de ser primo de Serena, somos amigos, nos conhecemos desde os nossos 03, 04 anos de idade. Conheço os melhores e piores lados dela, então te entendo.

- Deixa eu adivinhar: esse é um dos piores? – Questionei com extremo sarcasmo.

- Não é um dos melhores, mas também não vejo como um dos piores. – Peter me olhou enquanto eu o observava um pouco incrédula. – Olha, eu compreendo o ponto

de vista da Rachel e o seu, no lugar de vocês também acharia isso, mas eu conheço muito bem a Serena, eu não faço o tipo dela e eu sei que ela está apenas sendo protetora, de uma forma obsessiva e estranha, mas ...

- E como você explica o comportamento da sua tia?

- Agora você me pegou. Aquela dali nem um terapeuta conseguiria explicar os simples atos cometidos com normalidade, quem dirá as atitudes de ontem, que não foram muito anormais, contudo foram inescrupulosos. – Peter sorriu levemente, repousando suas mãos até meu rosto me segurando como se eu fosse uma boneca de porcelana. – Eu só queria que uma vez na minha vida tudo pudesse ser normal, sabe, apresentar a garota que gosto aos meus familiares e eles não tentarem afastar ela de mim, ficarem felizes por me verem finalmente feliz com alguém que me merece.

- Isso é bem comum no seu cotidiano, não é?

- Um pouco. Eu entendo a preocupação vinda delas e de minha mãe, mas ... isso me incomoda. Eu quero ser feliz do meu modo, mas elas não deixam, querem que tudo seja da forma que elas querem e em nenhum momento elas pensam no que ...

- ... Você quer.
- Exato.

- Todos ... todos seus namoros acabaram por interferência delas? – Questionei um pouco temerosa de como isso iria soar em seus ouvidos e ainda mais por que o *todos* saiu de forma falhada de meus lábios.

- Não, terminaram porque era para ser assim, mas confesso que elas tentaram ter crédito na situação.

- E você ainda diz que isso é uma forma de "proteção"? É só eu que vejo que sua tia e sua prima ... – Pausei, balançando negativamente a minha cabeça, não queria entrar nesse assunto, mas Peter queria, ele ergueu meu rosto com a sua mão e com um olhar fixo nos meus sussurrou.

- Conclua.

- É só eu que vejo que sua tia e sua prima querem controlar você? Querem que você seja o que elas querem e que estejam com *quem* elas desejam? – No caso, Serena. Meu olhar se entristeceu, senti um nó se forma em minha garganta e num tom de voz quase que familiar a um miado de gato, conclui. – Sendo que eu não sou nem metade do que elas almejam para você e tenho certeza que elas não serão as únicas a pensar assim.

- Mas não são elas que escolhem quem quero e sim, meu coração. – Ele sussurrou, acariciando meu rosto o que me fez sorri. – Você e eu somos reais, não importa o que elas façam ou digam, eu quero você e tenho uma nítida noção que não é algo temporário; o futuro nos aguarda ansioso, Katerina.

Peter era exatamente o tipo de garoto que qualquer garota deseja conquista, ainda mais no mundo atual com tantos garotos que se acham o último homem da terra com suas atitudes grosseiras e machistas, Peter não, ele é certinho, romântico, sincero, apaixonante, charmoso e misterioso; qualquer garota, menos eu.
Todas querem um cara assim para a vida inteira, mas eu temia esse tipo de desejo. Eu jamais iria querer um cara assim em meus braços, já que uma grande parte de mim saberia o grande risco de se apaixonar de modo arrebatador por ele que eu correria, agora eu entendia o porque de temer tanto, eu já tinha grandes sintomas de paixão por Peter e temia perdê-lo, de um modo sufocado em meu peito, ou seja, estava completamente perdida.

Apenas separei meus braços de seu corpo e meus lábios dos seus quando Rachel mandou que fossemos para algum quarto bem longe dali, pela expressão assustada de Keiko, que segurava três vestidos nos braços e três calças nos ombros, Rachel estava estressada e pirando a e logo enlouqueceria a mim e Peter, eu tinha essa noção porque já havia visto Rachel sob estresse e não era nada bonito.

Ela mandou que eu ficasse em frente de um espelho de pé entre Peter e Lucas, notei pela primeira vez que as roupas que Lucas estava experimentando lembravam muito o estilo de se vestir de Raoul, o outro par romântico de Christine Daae. Desejei

profundamente que esse pensamento fosse realidade, seria ótimo dividir o palco com Peter e Lucas e a ideia de beijar um estranho não era bem vista pelos meus olhos e lábios, beijar Peter seria uma experiência deliciosa e Lucas, bom, beijar ele seria como beijar um melhor amigo. Sendo que agora eu não sabia o que ele era meu. Melhor amigo ou Ex- Melhor amigo? Hum. Essa situação de Joana e seu grupo de amigos era ainda tão confuso e no fundo eu só queria resolver isso, mas não sabia como e também não queria dar mais passos que as minhas pernas podiam, mas ficar estagnada não era do meu estilo. Meus olhos encontraram os de Lucas e pela segunda vez naquele dia ele sorriu tímido para mim retribui o gesto com um largo sorriso, ele manteve a postura contida enquanto Keiko espetava alfinetes nas mangas da blusa que estava vestido. Meus olhos se voltaram para o espelho e notei Peter observar Lucas com certo ar enciumado, seus olhos notaram os meus e ele tentou disfarçar, sorri um pouco vitoriosa. Eu odiava sentir ciúmes, mas adorava notar quando os outros sentiam de mim, me fazia sentir amada. Segurei a mão de Peter acarinhando gentilmente, o mesmo me olhou com o cenho levemente enrugado, depositei um beijo surpresa em seus lábios e o mesmo sorriu surpreso, enquanto Rachel começou a reclamar, dizendo que tinha hora e lugar para fazermos isso e não era agora.

- Não é por nada não, mas ela é nervosinha assim mesmo ou fez um curso preparatório? – Peter questionou em um tom suficientemente alto para ela ouvir. Rachel entortou os lábios e de propósito espetou um alfinete no braço de Peter que xingou a olhando furioso.

- Ah, ops! – Ela disse de modo robótico, em seguida continuou com um sorriso malicioso. – Eu devo ter esquecido que você é humano, Maucalain Calkin!
- Nada a ver, ele não se parece nada com o Maucalain ... Calkin. – O observei atenta, virando levemente a minha cabeça para o lado. – Quer dizer talvez os cabelos ...

- Ei, nada disso. Eu não me pareço com aquele garoto, na realidade, não me pareço com ninguém além de mim mesmo. – Ele murmurou passando a mão no local onde Rachel o espetou ainda com uma expressão feia.

- Falou, filósofo. Agora fica quietinho que tenho um trabalho para fazer. Kate, por

favor, experimenta primeiro o vestido de corpete vermelho que a Keiko trouxe, preciso tirar as medidas dele logo porque ele será o seu figurino da cena final e ele é o vestido mais pesado de todos, acho que vou tirar alguns tecidos para deixá-lo mais leve e até mesmo um pouco mais moderno, mas preciso que você o experimente para eu saber o que posso fazer.
-Concordava com tudo que ela dizia, enquanto a mesma continuava a alfinetar a roupa que Peter usava e Keiko me entregava o vestido com extremo cuidado e educação. Rachel me olhou com uma expressão seria. – Preciso te dar as coordenadas? Banheiro, a esquerda. Tranque a porta, porque temos alguns tarados aqui.

O tom autoritário de Rachel me fazia rir e eu era a única que estava com esse humor naquele lugar, já que todos estavam correndo e obedecendo Rachel de imediato como se temessem que ela arrancasse a cabeça deles ou algo nesse estilo, não tirava essa possibilidade.
Ela me obrigou a vestir 03 vestidos: um extremamente apertado com um espartilho que deixavam os meus seios em evidência e era de todo, muito pesado; o segundo era mais delicado, branco e de tecidos leves, adorei ele, e o último era como o primeiro, sendo que com um espartilho menos apertado.
Rachel se concentrou apenas em mim, alfinetando o tecido, e minha pele eventualmente, pela primeira vez naquele dia notei em seu olhar certo nervosismo e ele não tinha nada a ver com o evento, pelas minhas desconfianças o nome Steve tinha muito a ver com todo aquele nervosismo e mãos tremulas de Rachel, tive a certeza quando a vi trocar um olhar cuidadoso com Lucas. Olhei para Peter, mas ele estava distraído com o roteiro, queria questioná-lo se o mesmo havia notado alguma coisa de estranho entre Rachel e um garoto moreno, mas não ia ter como fazer isso ali sem a atenta Rachel notar. Aproveitei um momento breve de distração, entre um copo de suco e uma anotação em seu caderno, e avisei a Keiko que iria mostrar o vestido a Melissa e questionar a ela se poderia diminuir o espartilho, que realmente estava me sufocando, com olhar assustado Keiko balançou a cabeça em um fraco "sim" e voltou a alfinetar a bainha da calça de Lucas, que eu podia jurar, me olhava com curiosidade.

Cruzei todo o caminho que havia feito na primeira vez, chegando nas entradas para o

palco, a minha intenção não era falar com Melissa, e sim, constatar algo que era o que eu esperava. Sentado na segunda fileira, no banco atrás de Joana, estava Steve que estava a bajulá-la, enquanto a mesma mantinha uma conversa animada com Alex e um perdido Chris que assistia a um ensaio que ocorria agora, a música era alta e todos os atores usavam microfones, era impossível ouvir qualquer coisa além da música, principalmente uma pessoa se aproximar de mim, como o que acabou por ocorrer, quando me virei dei de cara com Serena, vestida de Prima Donna, mas parecendo muito mais com Maria Antonieta, entortei os meus lábios pensando em vários palavrões, enquanto ela disse:

- Estou tão animada! Sempre quis fazer essa peça, é claro que sempre pensei grande, o papel de Daae sempre foi o que desejei, mas fazer a Prima Donna já é uma grande realização. – Ela berrou, para ser ouvida mesmo com aquela música alta, com aquele sorriso pronto e uma voz de estrela de Hollywood. Apenas dei o meu melhor sorriso falso e ergui o meu vestido, me afastando logo dali, mas Serena era insistente - e como. Continuou a tagarelar no meu ouvido sobre a experiência de atuar, me contou que atuava desde criança e que era a única coisa que fazia bem, sua simpatia com todos que cruzavam com nós era semelhante à simpatia de um político corrupto, o que me dava sempre ânsia. A forma que ela mudou comigo de um dia para o outro só tinha uma resposta: Bipolaridade. Ou talvez ela simplesmente tenha batido a cabeça na parede e acabou ficando assim ... *boa*. O pior de tudo era que ela queria tanto me bajular que nem ao menos tinha um pouco de orgulho em notar que eu a estava ignorando, então para caso ela fosse lenta, deixei logo claro:

- Eu sinceramente não estou afim de conversar ...
- Ah, entendo! – Ela disse antes que eu concluísse com um tom de voz muxoxo e subitamente ficando com um olhar surpreso.

- ... Com você. Eu não quero conversar com você. – Serena ergueu ambas as sobrancelhas com um olhar tristonho e seus lábios se crispando, como se ela fosse começar a chorar. Enruguei meu cenho, estranhando tal atitude, mas não dei atenção a isso, simplesmente girei meus calcanhares e voltei ao meu posto de manequim entre Peter e Lucas, o último agora sendo analisado por uma Rachel que devorava uma maça. Meus olhos foram na direção do espelho e ainda pude ver Serena me

observar com aquela mesma expressão e como uma criança contrariada ela se virou sumindo do meu campo de visão. Eu havia sido má, algo normal em minhas atitudes impulsivas, mas pela primeira vez não gostei disso, tive a sensação que sofreria conseqüências nada boas ou talvez, eu só estivesse paranóica.

Por durante meia hora fiquei sendo medida, alfinetada, beliscada por Rachel e suas assistentes viciadas em chá verde, Peter e Lucas foram liberados uns 05 minutos depois que elas começaram a magia da moda em mim. Era entediante ficar parada em frente do espelho, virando de um lado para o outro, esticando braços e pernas para Rachel ou uma das garotas medirem ou alfinetarem o tecido da roupa ou ocasionalmente, minha pele. Agora entendi porque Peter parecia tão infeliz quando cheguei.
Isso era um saco!
Assim que finalmente acabou as medições, Rachel disse para descansar por 10 minutos, beber e comer alguma coisa seria o ideal, Keiko indicou timidamente o fundo do local onde havia uma grande mesa com várias garrafas de água, sucos e pratos contendo lanches e frutas, avisando que o ensaio iria começar pontualmente onze horas e que ela desconfiava que Melissa e Raj eram do tipo carrascos e que só iriam parar o ensaio para o almoço, quando sentissem, que havíamos ensaiado tudo que desejassem ou que alguém iria desmaiar.

Me empoleirei no sofá do ambiente com um sanduiche de queijo, tomate, alface e mais complementos e uma caixinha de suco de morango em mãos, ao meu lado estava Lucas que lia com atenção o roteiro, ele me olhou discretamente, enquanto eu cruzava as pernas no jeito do Buda, agora vestida com as minhas roupas, contudo descalça. Peter não se encontrava no ambiente, havia sido convocado por Melissa para uma aula inicial com ela e Raj, um tipo de iniciação para aqueles que nunca fizeram teatro, ele já havia feito, mas como o mesmo estava desconfortável preferiu arriscar se preparar com mais afinco: exercícios de relaxamento, expressão corporal, projeção de voz no ambiente, coisas assim, tudo esquematizado para lhe deixar mais confortável e confiante. Por um lado o invejei, adorava esses exercícios, por outro adorei o intervalo breve que ganhei, estava com uma misteriosa fome que saciava e por outro lado, estava sozinha com Lucas, as poucas pessoas que estavam no ambiente se distraiam com seus afazeres e nenhum deles eram nossos conhecidos:

- Então ... – Perguntei com a boca meio cheia de um pedaço de sanduiche. – É impressão minha ou você é o Raoul da minha Christine Daae?
- É, pelo visto o tiro saiu pela culatra, eu queria ser apenas um figurante e agora sou um dos caras mais importantes da peça.

- Como toda a turma? – Questionei com certo sarcasmo e demos uma boa gargalhada como se estivéssemos em um dos nossos habituais intervalos do colégio, ele pegou um pedaço do sanduiche de minhas mãos como a nossa habitual intimidade ditava e mordeu o mesmo sorrindo. – Bom, não posso negar em dizer que adorei saber que você será o Raoul, vou adorar passar esse tempo com você.

- É, eu também. – Ele disse, após engolir o pedaço do sanduiche quase que em uma dentada só. Pausou por alguns segundos, preso em seus pensamentos e em seguida me olhou com aquela familiar curiosidade. – Então, como está tudo?

- Bem, minha vida está normal ... – *Normal?*, me questionei mentalmente, normalidade era a última coisa a qual estava vivendo no momento. – Nada demais me aconteceu. – Menti. Ah, além do fato que estou oficialmente namorando o Peter. – Uma verdade, *Yes!*

- Olha só, que bacana! – Ele disse com uma sincera animação. - Fico feliz por vocês. Mesmo não conhecendo o cara direito, eu vejo pela maneira que ele te olha e te trata o quanto gosta e a respeita, não é a toa que você gosta dele.

Sorri sentindo minhas bochechas corarem, enquanto me distrai bebendo o suco, Lucas voltou a me observar com aquele olhar curioso de mais cedo ainda em seus olhos.

- Você não vai me questionar como tudo está?! – Ele questionou, me olhando com certa surpresa. – Não está nem um pouquinho curiosa com a minha vida *tão* movimentada? – Ele disse com ênfase falsa esse *tão* o que me fez rir; Lucas e eu sempre tivemos uma coisa em comum: nossas vidas extremamente pacatas e tediosas.

- Ah, me perdoe por minha falta de tato ... Como vai tudo em sua vida, Lucas?

- Ótimo, como sempre desejei. – Ele respondeu com um grande sorriso brincalhão nos lábios e eu o acompanhei em tal ato, mas de repente e lentamente o mesmo desfez o sorriso, seus olhos ficando um pouco opacos com uma súbita tristeza. – Na realidade, não estou *nada* bem. – Abafando uma risada sem humor.

- O que aconteceu? – Questionei preocupada de imediato. – Posso fazer algo por você?

- Não. Quer dizer, não há nada que possamos fazer em relação às coisas que me incomodam, apenas uma. – E com um olhar penetrante e sincero Lucas murmurou tristonho. – Eu sinto sua falta.

- Eu também sinto a sua. – Respondi com um aperto em meu coração. – Mas me conte o que está lhe incomodando, quero te ajudar.
- Você não pode me ajudar, nem eu posso *me* ajudar. – Lucas olhou para atrás como se estivesse procurando por alguns curiosos, mas o ambiente estava completamente vazio, então ele continuou a falar. – O drama Joana, Steve e Rachel acabou com o pouco que eu tinha de paciência. Eu cansei. Hoje não falei com nenhum deles, Joana, Chris, etc. porque preciso de um tempo para mim, sabe? Eles pensam que só Joana tem o direito de sofrer e de decidir quem deve ser punido e quem deve ser perdoado, mas eles estão errados. Você está sofrendo, eu estou sofrendo ... Não falo mais com o meu melhor amigo, Rachel e eu nunca fomos muito "chegados", mas o pouco que conversamos me mostra que ela não é uma garota de índole ruim, que poderiamos ser amigos, como eu e você, além do mais, ela é sua melhor amiga, isso influência muito para saber quem ela é, mas Joana... de todos, ela foi a que mais me decepcionou.

- O que ela fez? – Enruguei meu cenho estranhando tal coisa.

- Ela mudou, Kate. Está cínica, debochada, fria, fofocando pelos cantos como uma cobra e o pior de tudo, ela gosta disso. Eu não sei se você sabe, mas ontem Rachel e Steve brigaram, ela o flagrou conversando com Joana de uma forma bem íntima, você conhece Rachel, sabe como ela é *esquentadinha*, logo ela não gostou; Joana foi embora como se nada tivesse acontecido, mas ficou ouvindo toda a conversa e depois me contou tudo, se vangloriando de ter conseguido desestabilizar os dois, de

um modo que parecia que ela tinha feito aquilo tudo de propósito. Eu não me controlei, estou ouvindo muito nesses últimos dias, então acabamos discutindo ... E agora estou aqui. Sozinho e me remoendo em arrependimentos e angústias.

- Você não está sozinho, eu estou aqui. – Pobre Lucas! Preso por um amor platônico e por uma traição de amigos, ter que assistir todos os dias a pessoa que ama se definhando e se transformando em alguém que não é, e eu achando que eu era a maior vitima da situação, mas uma sensação estranha tomou conta de mim, Rachel havia mentido para mim quando disse que tudo estava bem e que havia tido uma noite maravilhosa com Steve, não revelei isso a Lucas, era um problema meu com ela, mas que estava sentida, estava, talvez como eu, ela não quis me encher com seus problemas. – Isso não pode ficar assim, ela precisa acordar para realidade, perceber o que está fazendo e perdendo enquanto age desse modo; eu vou falar com ela. – Disse de imediato me pondo sobre meus pés, mas Lucas foi mais rápido se colocando na minha frente.

- Não, não faça isso. Não vale a pena.
- Não vale à pena ficar aqui enquanto ela está lá sendo alguém que não é.

- Essa é a maneira que ela encontrou para se curar, Kate. É um modo ruim de seguir em frente, mas pelo menos ela o está fazendo. – Ele disse com um olhar um tanto que aflito, talvez temesse que eu me prejudicasse mais com Jo ou simplesmente temia que seus sentimentos por ela fossem colocados a prova.

- Essa é a visão bondosa que você quer ter dessa situação. Agora tome nota da visão maldosa de tudo isso: Joana está se vingando, Lucas. É óbvio que ela não está sendo quem é, já que é uma forma de se curar, mas ao mesmo tempo, está sendo prazeroso viver assim, porque ela está se sentindo vingada. Toda vez que ela fala mal de mim, de Rachel, é um gostinho de vitória para ela. – Lucas me olhou descrente. – Eu sei que é isso, porque eu senti a mesma coisa quando eu tentava me mostrar superior ao William e a Amber. Eu demorei para superar aquela traição e eu fui muito cruel em meus comentários e ações durante essa *cura*. Joana está fazendo a mesma coisa, sendo que de um modo mais cruel e nada saudável.

- O que eu devo fazer? – Lucas me questionou com uma expressão nervosa. – Eu me sinto encurralado. Eu quero estar com ela, porque a amo, mas essa Joana, não é a *minha* Joana, entende? Ficar perto daquela garota com aqueles comentários e maneira de agir, me dá nojo, eu só quero que ela volte a ser a *minha* garota, mas como?

- Você não pode deixá-la agora. Por mais que pese minha consciência, você é a única pessoa em quem confio plenamente para direcionar a nossa Joana ao caminho certo. Alex adora fofocas ou seja vai incentivá-la a continuar cada vez mais vingativa, garanto, da mesma forma que seu irmão, além do mais, não duvido nada se ele já não aproveitou a oportunidade para dar em cima dela, é apenas a garota anunciar a solteirice que ele ataca, sempre foi assim. – Lucas me olhou com uma expressão um tanto que desapontada, murchei um pouco. – Desculpa, mas é o Tom, ele só vai mudar quando se apaixonar de verdade por uma garota; Bom, enquanto o Chris, ele é ótimo, mas muito influenciado pela namorada, logo restando você; você é o único que pode tirar a Joana dessa fase negra e levá-la para a luz.

- Eu não sei se consigo, aquela garota não quer seguir em frente, ela que remoer a situação, viver disso, dessa dor e magoa ... – Lucas murmurou com decepção e tristeza em sua voz.
– Eu sinto que perdi algo que nunca tive.

- Você não a perdeu. Eu sei que não. Você só precisa ter um pouco mais de fé em você mesmo. Acredite em você, eu sei que você pode ajudá-la, você só precisa acreditar. – Murmurei, repousando uma mão em seu rosto de forma carinhosa, logo o abracei de forma apertada, depositando um beijo em seu rosto. – Não desista, Luke.

- Você desistiu. – Ele disse com um tom mais tristonho.

- Não, eu perdi a batalha, mas não a guerra. Estou apenas reforçando as minhas tropas, eu diria. – Falei com certo ânimo, abrindo um sorriso largo. – Você vai ver, eu e Joana vamos ser amigas novamente e esse dia não está distante; eu sei que não vai ser como antigamente, mas garanto que vai ser melhor.

Sugeri que fossemos para as coxias, assim assistir o final da aula de iniciação de Melissa e Raj.
Realmente pegamos o último exercício, os alunos tinham que montar "esculturas vivas", já que as mesmas mudavam de acordo com as indicações dos professores. Eu ria junto a Lucas vendo como a maioria era desengonçados e acanhados, principalmente Peter que sempre olhava ao arredor vendo o que o coleguinha do lado estava fazendo, assim para fazer uma pose não tão semelhante, mas baseada no que viu.
Meus olhos correram na direção da platéia e notei que Alex e Chris não estavam mais juntos de Joana e Steve, ambos estavam sentados lado a lado, conversando de forma íntima, notei pela primeira vez que Joana realmente não parecia aquela jovem ingênua e doce de sempre, sua expressão estava sisuda e superior, ela parecia estar atuando até, enquanto Steve a olhava de uma forma doce e gentil, olhei para Lucas e ele nem ao menos observava eles, estava rindo das esculturas vivas. Eu só queria isso, que ele continuasse a rir e se sentisse plenamente feliz, chega de tristeza para nós.
Meus olhos caíram na direção de Serena que estava sentada não muito longe da fileira de Joana e Steve, ela olhava Peter de uma forma maliciosa, seus olhos verdes admirando cada movimento feito pelo primo, demonstrando não ter a mínima intenção de afastar seus olhos de seu corpo.

- Vocês duas não se gostam, não é? – Lucas questionou em um sussurro próximo ao meu ouvido, só assim notei que ele observava Serena como eu.
- Vamos dizer que temos nossas *diferenças*.
- Quem é ela?
- Prima de Peter e Amelia. – E filha da irmã do capeta, Miranda. Ai, perdão Deus!

- Nossa! Antes de você chegar, parecia que ela era outra coisa, menos prima. Só foi você chegar que ela mudou de atitude rapidinho, como um vampiro fugindo da cruz. – Lucas sussurrou, pensativo; por fim disse com desdém. – Não confio nada nela. Ela fede a falsidade. – *e a Chanel nº 5*, pensei. – Não dê atenção em suas conversas, evite a o máximo que você poder e principalmente, não confie nela sozinha com Peter, dá para ver que ela parece um anjo, mas tem intenções demoníacas.

- Pode deixar comigo, eu não deixo essas cobras se criarem em cima de mim.
- Essa é a minha garota. – Lucas murmurou em um tom orgulhoso e o mesmo me abraçou pela cintura, sorrindo.

Assim que os exercícios terminaram, Melissa deu 05 minutos de descanso a todos e mandou que nos preparássemos para a cena de número um da peça. Todos começaram a ficar ansiosos e agitados com o inicio do ensaio geral e eu não podia negar que de súbito comecei a sentir um frio na barriga; eu era a protagonista, logo todos estariam esperando muito de mim. Algumas garotas faziam exercícios vocais próprios para quem vai cantar, enquanto Raj dava as primeiras marcações para alguns dos alunos ansiosos, eu me mantinha sentada na beirada do palco, lendo e relendo as primeiras cinco cenas mesmo sabendo que a minha concentração não estava por toda focada. Peter se sentou do meu lado com uma expressão tranqüila, sem nem nada dizer, me aninhei em seus braços e continuei a ler o texto, meus olhos se distraíram em Rachel que passou por nós e fez um comentário sobre uma roupa de Peter e uma piadinha comigo, não a respondi, apenas a olhei e sorri de uma maneira falsa, se eu dissesse o que estava em minha mente agora, não iria dar certo. Rachel notou minha frieza e seguiu seu caminho.
Quando você pensa que sua vida não pode piorar ...
Sua amiga te faz se sentir culpada por estar mentindo sobre detalhes de sua noite e acaba por fazer o mesmo, mas não se sente nada culpada por isso. Eu sei que ela devia ter seus motivos, mas ...
Argh!

Ensaiamos as 10 primeiras cenas, todas do ato I, de forma incessante e sem nenhuma pausa, era como se estivéssemos realmente apresentando a peça, com a diferença que em alguns momentos Melissa e Raj nos interrompia para fazer alguns comentários sobre certos gestos que podíamos fazer, tom de voz que deveríamos usar ou simplesmente não fugirmos de nossas marcações. Confesso que era muito mais fácil participar de uma peça de teatro no qual todos tinham certo conhecimento de atuação, mas precisava concordar com um comentário maldoso que ouvi Serena fazer nos bastidores: a peça estava fadada a ser um desastre. O nervosismo imperava e a cada momento que passava eu sentia que esse era o sentimento que estava tomando conta de mim e de todos. Antes era apenas um frio na barriga, mas agora

eram as mãos que soavam e um tremor em minhas pernas que não queria passar nem quando eu segurava em algo firme.
A ansiedade estava me atacando e em um péssimo momento.
Estava longe dos meus remédios e a tendência era disso piorar.
Pensei em pedir para alguém ir até meu quarto, buscar a minha *nécessaire* com o remédio, já que pela primeira vez havia a deixado no quarto e não em minha mochila, mas vi que não seria possível, todos eram requisitados naquele momento, principalmente os 03 principais protagonistas.

Melissa queria que continuássemos a ensaiar direto, agora o segundo ato e final, mas Raj achou mais prudente que fossemos liberados para almoçar, ele que foi apoiado por Martin e Sharon, Melissa não pareceu muito satisfeita, mas teve que concordar, ainda mais ao ver que todos nós queríamos essa pausa, queríamos não, implorávamos por ela. Meia hora de almoço e sem atrasos, ela gritou com uma expressão emburrada.
Eu, mais do que ninguém, queria sair daquele lugar. Amelia me chamou para almoçar com ela e Dorian, concordei sem pensar 02 vezes e disse que chamaria por Peter que havia ido para os bastidores, quando cheguei lá o encontro com Serena, ambos rindo sobre alguma coisa que estavam a falar entre si, assim que a minha presença foi notada, graças a um dos meus pés que bateu com extrema força no degrau de madeira do ambiente, eles me olharam com surpresa.

- Desculpa interromper, mas a Amelia e o Dorian nos chamou para almoçar ... – Falei olhando diretamente para Peter como se não houvesse aquela loira de 02 metros ao seu lado. – Vamos te esperar lá fora, ok?

- Não precisa, eu já peguei o meu celular, podemos ir. – Peter respondeu se afastando de Serena, sorri levemente e a mesma balançou a cabeça fazendo os seus cabelos loiros caírem em cascatas em seus ombros.

- Será que teria algum problema se eu almoçar com vocês? – Ela questionou soando como se fosse a vitima da situação, seus olhos correram de mim a Peter, eles se esbugalharam com as sobrancelhas levemente erguidas quase como se fosse uma criança indefesa. – Minha mãe tem um compromisso hoje e você sabe Peter, eu

odeio almoçar sozinha.
- Ehr ... – Peter me olhou completamente sem ação. – Eu acho melhor que n ...

- Sabe de uma coisa, Serena? – Murmurei, mexendo em meus cabelos com uma mão só tentando esconder o leve tremor que elas tinham. Ansiedade ou raiva? Bom, era uma mistura de ambos. – Eu não vou poder ir, acabei de me lembrar que tenho que resolver um problema com o meu irmão através do computador, então não poderei estar em 02 lugares ao mesmo tempo. – Tentei parecer convincente em minha mentira, ela pareceu acreditar, mas o olhar sério de Peter me mostrou que ele não acreditou e não gostou nada da mentira, tive a certeza de tal pensamento quando ele me seguiu pelo corredor da coxia e segurou o meu braço com certa força me puxando para perto de si, era a única forma de poder ouvir um ao outro, já que a orquestra continuava a ensaiar.

- Porque você está fazendo isso? – Peter questionou soando de modo irritado, seu hálito veio de encontro aos meus lábios o que me fez perceber o tão próximo estávamos, não podia ver seu rosto por culpa da escuridão da coxia, mas tinha certeza que era uma mistura de raiva e preocupação. – Você não pode evitar os lugares só por que ela vai estar lá, principalmente lugares nos quais pessoas que você gosta vão estar ... Amelia, Dorian, eu!

- Isso não tem nada a ver com a Serena. O mundo não gira em torno dela, Peter. – Respondi entre os dentes temendo que ele não me ouvisse.
- Então, porque você mentiu?

- Eu não estou me sentindo bem, só isso. – Falei a verdade.- Não queria preocupar ninguém, por isso aceitei o convite de Amelia, mas não estou com a mínima fome, só quero ir para a minha cabine e descansar um pouco, então é melhor eu não ir, não quero estragar o almoço de vocês.

- O que você está sentindo? – Senti sua mão tatear o meu rosto com delicadeza. – Eu te levo até lá, é claro, se você quiser.

- Não precisa, só estou um pouco ansiosa com a peça e os últimos eventos não tem ajudado em meu nervosismo. Só preciso tomar o meu remédio e tudo vai ficar bem.

Prometo. – Respondi, segurando a sua mão em meu rosto. – Não precisa se preocupar, ok?

- Tem certeza? Se você quiser eu compro alguma coisa para você comer em seu quarto ou aqui, você não pode ficar sem comer ...

- Tenho total certeza, não se preocupe com isso, vou ver algo para comer no caminho. – Respondi e me aproximei de seu rosto dando um beijo suave no mesmo, seus lábios escorregaram até os meus e o beijaram de forma apaixonada. – Eu já volto, prometo.

Me afastei do mesmo, cruzando o palco e descendo por uma pequena escada, as portas de saída laterais estavam trancadas, então teria que sair pela porta central, cruzando o caminho do meio e passando pelas últimas fileiras nas quais Rachel e suas assistentes se encontravam trabalhando sem o mínimo interesse de pararem. Como desconfiei, Rachel se pôs em meu caminho cruzando seus braços em seu peito, ela pensou que eu fosse parar, mas não o fiz, então ela seguiu em meus encalços:

- Porque está me ignorando? – Ela questionou com uma voz fina e um olhar preocupado em minha direção.

- Você não me perguntou isso! – Exclamei com um tom de voz frio olhando a chateada, Rachel realmente não parecia saber do que eu estava falando então resolvi clarear sua mente. – Ok, vou lhe dizer por que estou te ignorando, deve ter haver com o motivo que você me omitiu a sua briga com o Steve por que ele estava conversando com a Joana e você não gostou do que viu. Pelo visto a noite não foi tão maravilhosa assim como você havia me dito!

Com um simples olhar notei que tudo era verdade, ela havia me omitido a briga com Steve, ela fechou os olhos e passou uma mão no rosto, revirei os meus olhos e fugindo dos olhares curiosos de todos me retirei do ambiente, mas não ouvi a porta se fechando atrás de mim o que me fez esperar pelo que ocorreu de fato:

- O único motivo pelo qual omiti sobre a minha briga com Steve ... – Rachel

começou antes de parar em minha frente, de imediato cruzei meus braços em forma de defesa, eu sabia que estava lidando com Rachel, mas estava chateada com sua atitude. - ... Foi pela noite horrível que você teve. Eu juro que era a primeira coisa que eu queria te contar, mas se tornou a última quando eu vi o estado que você se encontrava depois de ontem. Como eu iria descarregar os meus problemas em você se mal estava agüentando com os seus próprios?

Fechei meus olhos fazendo um bico com os lábios.
Ela havia omitido para me proteger, bem típico de Rachel, ser protetora até mesmo quando ela está sofrendo, a abracei sem nem ao menos dizer nada, próximo ao seu ouvido sussurrei.

- Me desculpa. Eu nem ao menos pensei direito ...
- Isso é bem do seu costume. – Rachel respondeu com um sorriso no canto dos lábios.

- Está tudo tão bagunçado em minha cabeça, que saber que você me omitiu algo me fez sentir excluída de sua vida e até mesmo um pouco traída. Ah, eu odeio mentiras, Rachel e você sabe muito bem disso. – Murmurei batendo um pé no chão como se fosse uma criança birrenta. – Você tem que parar com isso.

- Parar com o que? – Ela me questionou em dúvida.

- Parar de omitir as coisas para me proteger.Você faz isso desde sempre, eu não sou mais uma garotinha, Rachel. Eu posso enfrentar as barras da vida sem precisar me esconder atrás da sombra de alguém mais forte do que eu.

- E é por isso que você está tremendo e está com esse olhar aflito de hamster faminto? – Rachel questionou, agora cruzando os braços por sobre seu peito e erguendo uma sobrancelha. Ouch! Ela me pegou. – Já tomou o remédio?
- Vou fazer isso agora e antes que você pergunte, vou comprar algo para comer também, mãe! – Murmurei dando ênfase irônica a última palavra. Rachel sendo materna? Primeiro sinal do apocalipse.

- Não se preocupe com a comida, pedirei a uma das minhas assistentes para comprar

uma saladinha e um suco de laranja para você. Nem me olhe assim Kate, você precisa comer algo leve e saudável.

- De que olhar você está falando? Aceito totalmente essa salada, na realidade, foi uma ótima ideia. – Falei com uma expressão suave, mas logo fiz uma que dizia tudo: desespero.
– Pelo menos peça para ela trazer um molho roseé e um mouse de chocolate, por favor?

- Vou pensar no seu caso.

Rachel se afastou do ambiente com um sorriso perverso nos lábios e eu pensei seriamente, mesmo não sentindo fome, em comer um sanduiche no caminho para o quarto, assim teria certeza que não sentiria fome graças aos métodos saudáveis de Rachel.
E foi o que fiz.
Não tinha culpa que no caminho do meu quarto tinha um *fast food*. Comprar um cheeseburguer com batatas fritas quentinhas e um copão de refrigerante foi coisa do destino.
Uma fome desconhecida tomou conta de mim e fui devorando as batatas pelo meio do caminho, quando cheguei no quarto já havia terminado-as e agora me dedicava ao sanduiche e ao refrigerante, apenas o larguei na escrivaninha quando descobri que não estava encontrando a minha *nécessaire* que eu tinha certeza que estava em minha mala, mas como havia tido uma ressaca, nada era certo. Procurei por todo o meu quarto e fui encontrar a mesma no banheiro, dentro do armário com espelho, mas mesmo assim meu mundo veio abaixo quando abri a caixa de comprimidos e não encontrei nenhuma cartela:

- Merda! – Falei incrédula! – Puta merda!

Joguei todo o conteúdo da *nécessaire* na cama, vasculhando em cada caixinha a procura de uma cartela branca completa de pílulas pequenas e rosas. Me sentei vencida na cama, eu não havia trago os meus remédios e eu tinha certeza que não conseguiria comprá-los no navio, eram feitos através de encomenda, só em farmácias

especializadas. Esse pensamento fez minha barriga congelar.
Eu ia surtar.
Não, não ia.
Ia sim.
Não, não ia.
Ia sim.
Meu Deus, já estou surtando!
Respirei fundo, erguendo e abaixando minhas mãos no ar como se isso trouxesse alguma calma em meu interior, guardei os objetos jogados a cama em minha nécessaire jogando a mesma em minha mala, me aninhei no sofá da sala para concluir o meu sanduiche e refrigerante, depois de escovar os dentes para tirar aquele gosto de carne e molho da minha boca, parti de volta ao Teatro B, pronta para comer a salada saudável e leve de Rachel, e para mais um longo ensaio, agora do segundo ato da peça.

Como previsto, me empoleirei numa das poltronas da platéia comendo a salada de tomate, muita alface, pepino e muita cebola - Rachel odeia cebola então ela catou cada uma que havia em sua salada e colocou na minha, já que eu amo. Ela não é um amor? - que uma das assistentes de Rachel comprara para mim, enquanto isso observava-a desenvolver seu trabalho como estilista e costureira. Rachel realmente tinha paixão no que fazia, mesmo que ela não tivesse tido muitas chances de expor seu trabalho - apenas nas peças semestrais do colégio, em seu blog e em alguns eventos da nossa cidade - ela tinha gosto e prazer no que fazia. Diferente de algumas horas atrás ela se encontrava mais tranqüila, além do mais, estava bebendo um suco como se estivesse em uma praia caribenha, um largo sorriso na face e seus olhos brilhavam como se tivessem descoberto ouro. Era o prazer de fazer algo que gostava ou ... Alguma coisa aconteceu enquanto estive fora, mas ela não me contara nada sobre, então tratei de acreditar que era o que suponha em primeiro.

Aos poucos os alunos voltavam ao ambiente, o clima só ficou estranho quando Joana entrou no recinto acompanhada de um sorridente Steve, ele me cumprimentou e eu apenas ergui minhas sobrancelha, enquanto Alex e Chris vinham atrás dos dois. Olhei para Rachel com apenas uma sobrancelha erguida, olhando de Joana e Steve a ela, a mesma notou a minha expressão de surpresa e disse com uma tranqüilidade

falsa:

- Eu deixei. Como você sabe brigamos ontem, o motivo de tal situação foi porque ele quer ser amigo *dela*. Você sabe que eu detesto a ideia de um relacionamento escravo. Eu não sou do tipo que fico na cola vigiando e querendo que ele faça tudo que eu quero conforme quero, pelo contrário, desejo que ele tenha liberdade, mas que seja sincero... Por isso discutimos, ele não tinha me dito nada sobre querer ser amigo *dela*. – Ela falou em um tom que apenas eu podia ouvir, mesmo que Keiko estivesse se esticando ao máximo para tentar ouvir o que sua mestra estava a falar. Rachel costurava a manga de uma blusa branca masculina rapidamente, mas parecia mesmo que ela estava espetando um boneco de vodu.
– Eu estou super bem com isso.

- É, estou vendo. – Respondi com certo sarcasmo, mas recebi um olhar tão fulminante de Rachel que enfiei várias folhas de alface e pepino em minha boca para evitar que eu falasse qualquer coisa e acabasse sendo espetada.

Faltando 10 minutos para o fim do intervalo de almoço Amelia, Dorian e Peter retornaram, conversavam e riam de uma maneira a vontade, os observei por um momento como se estivesse em câmera lenta, me lembrei da primeira vez que havia os vistos, quem poderia imaginar que eles hoje estariam em minha vida como pessoas que eu queria e muito que se mantivessem por longos e longos anos como bons amigos, no caso de Peter, um fiel e apaixonado namorado.
Dorian cumprimentou Rachel e logo Amelia me viu quieta e escondida entre pilhas de roupas, revistas e tecidos, ela entrou na fileira a frente se sentando no banco em minha fronte, sorridente e dizendo que havia sentido minha falta no almoço querendo saber se estava me sentindo melhor, Peter não se demorou a se sentar ao meu lado, tirando o encosto de braço do nosso caminho e aninhando seu braço em minha cintura, me puxando para perto de si enquanto Dorian se manteve com Rachel conversando com ela sobre algo relacionado a moda.
Ficamos a conversar, logo descobri pela boca de Amelia que Serena não foi ao almoço, de repente se sentiu indisposta, ela disse com certa preocupação se talvez tivesse relação com alguma coisa que comemos no teatro, já que nós duas ficamos indisposta ao mesmo tempo, mas logo disse que no meu caso era uma doença

crônica, eu tinha ansiedade extrema. Peter aproveitou para questionar se eu havia tomado o remédio e falei à verdade que não havia trago o mesmo, um desleixo meu e que só poderia tomá-lo em Londres, quando encontrasse uma farmácia de manipulação, mas até lá não seria necessário, já que eu me sentia bem mais disposta e tranqüila, e praticando a minha respiração de relaxamento, por ora bastava. Não era verdade e ele não acreditou em mim, já estava ficando bom em descobrir as minhas pequenas mentiras.

O ensaio recomeçou, agora todos pareciam mais confiantes e animados do que antes, Melissa e Raj notaram isso e aproveitaram bem a energia de todos, principalmente a minha e a de Lucas, Raj queria que a nossa química fosse tão intensa quanto a que eu tinha com Peter, não foi difícil conseguir o que ele queria, mas foi curioso, nunca imaginei que Lucas tivesse certa pegada e olhar tão envolvente, ele conseguiu me fazer corar por pelo menos 03 vezes, está bem que eu sou uma bobona, mas eu tinha certeza de uma coisa: Joana era uma boba em não agarrar esse loirinho antes que outra garota o fizesse. Se eu soubesse que Lucas e eu tínhamos essa química, eu teria investido nele, além do mais, somos tão parecidos, teríamos sido um belo casal, mas porque pensar no passado se o meu futuro com Peter era bem mais gostoso e prazeroso.

Agora que estávamos na reta final do ensaio do ato II a correria era maior, eram novas marcações e dicas que os professores davam, eu passei muito pouco tempo nos bastidores, era requisitada no palco quase que durante todo o ensaio, estava chegando em um nível de cansaço grande, precisava sentar, já que minhas pernas já estavam formigando de tanto ficar parada no mesmo lugar por mais de 05 minutos. Ensaiar estava sendo trabalhoso e cansativo, precisava confessar que amava essa agitação, mas odiava o nervosismo e ansiedade, mas eu adorava o clima teatral que imperava no grupo. Riamos, ficávamos sérios, tirávamos dúvidas com os professores sobre expressões ou maneiras de falar tal dialógo ou simplesmente como se posicionar em cena, pedindo dicas e auxílios.

Assim que concluímos o ato II, o que finaliza a peça, todos aplaudiram e comemoram o bom trabalho feito, Melissa não parecia 100% satisfeita, mas Raj sorria de uma forma que mostrava o oposto dela; essa era a minha sensação favorita

de fazer uma peça teatral, o de dever cumprido.
Ele liberou a turma para que lanchássemos e pediu que voltássemos em meia hora para termos um ensaio musical. Quando estava saindo com Peter, Amelia e Dorian vi um grupo de pessoas, jovens e adultos, adentrarem o local, eles seguiam um casal de senhores baixinhos que se apresentaram a Melissa como donos do coral *Supreme* que iriam participar da peça junto a orquestra; Rachel com Keiko se juntaram a nós, a última fofocou que o coral serão a voz de fundo em todas as canções e que haveria esse ensaio musical, com os professores do coral, para que as vozes dos atores ficassem em um nível afinado do coral, mas nada é oficial, ela disse de forma tímida ao notar que todos nós a olhava. Dorian questionou quando a peça havia se transformado na série *Glee* e porque ele não havia sido avisado de tal derrota, rimos com seu comentário. Fomos lanchar em um *fast food*, seria o meu segundo hambúrguer do dia e não tive nenhum problema com isso, pelo contrário, dessa vez escolhi um tipo diferente, feito de frango empanado com molho de cheddar. Rachel quase teve um colapso ao ver o tamanho do hambúrguer triplo de queijo e carne de Dorian e a forma animalesca que ele mordeu o sanduiche, como se fosse o último alimento da face da terra.
É oficial, ela perdeu todo o tesão por ele depois daquela mordida.
Ela e Amelia se entregaram a um prato de salada, sendo que a última não resistiu às batatas fritas que o irmão comia junto a um *cheeseburguer* simples e um copo de refrigerante. Ele comia com uma expressão contida, o que chamou a minha atenção, eu conhecia bem aquela maneira de olhar, uma mistura de enjôo com nojo; Rachel costumava fazer essa expressão quando almoçávamos no colégio e ela vivia o momento mais sério de sua bulimia, óbvio que notaram meu olhar atento em Peter que tentava disfarçar ainda comendo o alimento, Dorian fez um comentário só para mim, mas que notei ter sido ouvido por Peter, sobre a dieta que o mesmo seguia por causa do time de *rugby*, para ele comer um *cheeseburguer* era o mesmo que fazer 300 flexões e correr 05 voltas pelo estádio no qual treinava. Pelo olhar dele a Dorian, não era isso mesmo. Além do mais, ele podia ter escolhido uma salada, ninguém obrigou ele em sua escolha. Estranho, muito estranho. Não demorou muito para Amelia cochichar algo com o irmão e o mesmo questionou se queríamos algo mais porque ele iria comprar outro refrigerante a irmã, nada foi dito e ele seguiu até a fila.
Notei que Peter estava muito inquieto com uma aparência frágil, pálido, ele

realmente parecia ... *doente*. Era como se o sanduiche tivesse caído mal. A hipótese dele ser bulímico passou em minha mente, mas ele não tinha nenhum desses sinais, apenas a falta de apetite; não passava longos minutos no banheiro após comer algo, por exemplo, que é o sinal principal. Talvez ele não estivesse se sentindo bem ou o que Dorian disse fosse a verdade de fato e eu estou imaginando coisas como sempre. Ao voltar com o refrigerante, Peter não encostou em seu lanche e parecia bem mais relaxado depois de tal atitude.

Enquanto escolhíamos um sorvete para tomarmos eu o vi distante, fumando um cigarro, assim que nossos olhos se encontraram ele não o manteve preso aos meus, de forma entristecida ele olhou para baixo e voltou-se para o horizonte, preso em sua mente. Alguma coisa o atormentava, eu queria saber o que era e isso me causou um súbito arrepio em meu corpo, o que quer que seja, alguma coisa estava o deixando melancólico e ele não queria dividir isso comigo, pude ver isso claramente em seu olhar e em sua distância. O que estava a acontecer com Peter e como não percebi isso antes?
A ideia de que Dorian havia mentido sobre a tal dieta voltou em minha mente. Peter não ficaria dessa forma por causa de uma simples dieta, por mais que ele se cobrasse por causa disso, eu tinha uma sensação que ele não temeria em me revelar o seu tormento, além do mais, acredito que eu havia deixado bem claro que eu era uma pessoa bem aberta, aceitava muito a opinião e sentimentos das outras pessoas.
Essa distância tinha outro nome e motivo ... E ele não queria que eu soubesse, isso era óbvio, o que me fez lembrar de seu segundo segredo, aquele que ele não pode me falar por não estar preparado.
Estava num caminho sem volta, não tinha opção a não ser obedecer esse seu desejo de manter distância, por ora.
Por mais que quisesse fingir que isso não me incomodava e rir com as piadas que Dorian nos contava, meu olhar ainda estava preso na direção de Peter e isso fazia um nó em minha garganta, estava me incomodando essa sua atitude, já havia pensado em tantas coisas que sentia que meu cérebro iria sobrecarregar em questão de minutos e se alto desligar, Rachel notou o meu foco e logo Amelia sussurrou em meu ouvido:

- Ele só está pensando. Peter é assim, quando ele quer pensar em seus problemas, se afasta de tudo e de todos. Falar de *rugby* com ele o faz lembrar de suas

responsabilidades na faculdade, como lorde, perante a nossa família, como também o faz lembrar de suas futuras dificul ... – Ela pausou quando meus olhos se voltaram em sua direção. *Futuras dificuldades?* – Saiba que são coisas que o atormentam e se ele quer se manter distante e porque ele não quer vê-la triste com seus tormentos, por isso, fique tranqüila e de esse tempo a ele.

Eu não podia negar que tinha aquela sensação clichê que o conhecia há muito tempo, como se nossas almas tivessem se unido em outras vidas, reencarnação talvez, por que não? Do mesmo modo que tínhamos muitos ideais iguais, tínhamos diferente, era apenas uma sensação que se cumpria a cada novo dia com Peter, éramos opostos que se atraiam de um modo magnético e irreversível, mas naquele momento senti pela primeira vez que não o conhecia; eu sabia disso, mas meu coração teve essa certeza, e doeu não ter esse conhecimento.

Ele era apenas um estranho e eu queria conhecê-lo, por completo e levá-lo para meu futuro, mas no momento, só o conhecia em fragmentos.
E fragmentos não me bastavam.

Voltamos para o ensaio, Peter ainda envolto em sua áurea de melancólica, e eu na minha. Disposição zero para os ataques de diretora irritada e nervosa que Melissa estava tendo, enquanto o pobre do Raj tentava controlar a fera, pelo visto, ele estava muito acostumado a fazer tal coisa.
Todos pareciam ter voltado com energias renovadas para o ensaio musical, animados e falantes, enquanto eu me sentia tão desmotivada, sonolenta e deslocada.
Os professores do coral começaram com uma bateria de exercícios com todos os atores misturados em um grande círculo, naquele momento o seu personagem não era importante. Não negarei que os exercícios e brincadeiras propostas eram divertidos, mas estava cansada, emocionalmente instável e só conseguia pensar em tirar um pequeno cochilo de 02, 03 horas, talvez. A vontade era tanta que eu descansava minha cabeça a maior parte do tempo no ombro de Peter, que estava mais receptivo a minha presença, entretanto nada dizia.
Estava tão sonolenta que a última coisa que queria agora era ser questionadora, só pensava em deitar em um dos sofás do bastidor, no qual Rachel se encontrava com suas assistentes, que terminavam de ajustar as roupas, enquanto no palco os

professores decidiram treinar o tom de voz de cada um de nós, com o auxilio dos professores do coral *Supreme*, essa ideia fez um grande resmungo surgir nas profundezas de minha garganta; *esse exercício seria algo bem trabalhoso e demorado*, pensei. Eles escolhiam a música mais importante do personagem de tal ator e ele a cantaria, os professores do coral indicariam seus erros e acertos mandando a cantar novamente com essas dicas até que o tom estivesse da forma que eles achassem mediana para ser utilizada na apresentação.
Os professores queriam nos ensinar a não desafinarmos, enquanto Melissa desejava que todos nós fossemos Adele's e Adam Lambert's da vida e Raj apenas queria que todos se divertissem, como de costume.
Era muito querer para pouco poder.

Achei um exercício justo e seria o último daquela aula especial, então era ainda mais justo. Desafinei varias notas de "*Think of Me*", a música escolhida e tentei corrigir os meus erros quando foram apontadas, mas o meu desânimo era óbvio, tanto que a professora me encorajou há descansar um pouco e talvez comer alguma coisa. Comida sempre anima a vida de alguém, huh? Ainda mais se for feito de chocolate, infelizmente não me deliciei com um chocolate, e sim, com um sanduiche de vegetais, tomate e frango que havia acabado de ser servido na mesa de guloseimas do bastidor, peguei um daqueles sucos de caixa, o de morango e logo me empoleirei no sofá, observando Rachel e suas assistentes atentas e concentradas em seus trabalhos. Nem notar minha presença notaram o que me deixou impressionada com o vigor de suas atenções.

Assim que o ensaio foi concluído, pude ouvir os aplausos e agradecimentos aos professores pela aula que foi dada, não me contive e aplaudi de forma contida com uma expressão cômica, mesmo sabendo que ninguém estava a me ver, as garotas podiam estar ali, mas mal me notavam, podia dançar a salsa como Antonio Banderas e elas nem ao menos piscariam em minha direção. Aos poucos os meus colegas começaram a adentrar o ambiente, indo em busca de combustível alimentar, Melissa, Raj e os professores do coral também vieram conversando animadamente sobre a peça com ninguém mais, ninguém menos que Serena e Peter, me afundei mais no sofá dando uma mordida maior no sanduiche, assim manteria minha boca bem ocupada para não soltar um grito ou falar um palavrão bem feio, ou quem sabe fazer ambos.

Lucas se sentou ao meu lado, me comunicou que só teríamos 05 minutos de intervalo e que ensaiaríamos a peça toda novamente, sendo que com o vestuário, assim sendo um ensaio geral. Gemi descontente.
Como se fosse um ser sobrenatural, Rachel se pôs a minha frente dizendo de uma forma rápida e humanamente impossível que eu precisava experimentar o vestido do ato I e que ela precisava me acompanhar para ter certeza que o mesmo estaria da forma que imaginara, mandando que Keiko cuidasse das vestimentas de Peter e Lucas, enquanto me guiava até o camarim desocupado, mandando que eu tirasse minha roupa e vestisse a que ela segurava. Pensei em algo debochado para dizer, mas achei muito depravado, então apenas vesti a roupa, descontente.
Achei que a mesma estava ótima, antes era um vestido poído e mal cheiroso, agora se encontrava limpo, de material simples renovado, tom branco e de um modelo similar as roupas de bailarinas, sem perder tempo, Rachel encaixou a peça final do vestido: um grande saiote em minha cintura, o que dava a impressão que o vestido pertencia a uma realeza. Fiquei completamente sem ar, o observando:

- Está deslumbrante. – Murmurei, o observando.
- É, eu sei. – Rachel disse com um sorriso de satisfação, mas o seu cenho estava levemente enrugado. – Mas acho que poderia diminuir mais essa bainha, quando você trocar essa roupa, o que deve ser na cena 10, 11, concerto isso ... – Ela murmurou, tirando um bloco de papel de tom roxo que estava preso em sua cintura, fazendo uma rápida anotação. - ... tanto faz, eu dou um jeitinho nisso de olhos vendados. Por enquanto tente andar sem pisar nessa delicadeza em forma de roupa, tudo bem?

- Pode deixar. – Respondi, levantando de forma delicada a ponta da saia, voltei a me olhar para o espelho. – Eu ainda devo ter alguns minutos, será que você me arrumaria um estojo de maquiagem e talvez um *babyliss*? O vestido está lindo, mas quem o veste está parecendo a Fiona do *Shrek* durante a maldição, você não acha?

- É, concordo sobre isso. – Ela disse entortando os lábios em uma careta, a olhei sério, graças a sua sinceridade. – Melissa disse que a maquiagem e cabelo deve ser uma preocupação de amanhã, além do mais, ela montou uma equipe apenas para essa área ... Mas vou dar meu jeito, você sabe: tudo é possível para Rachel Ray. –

Ela disse dando uma piscadinha charmosa. - Espere aqui.

Rachel saiu e fechou a porta logo atrás de mim, pelo pouco que vi o bastidor se encontrava em uma intensa bagunça e tumulto. Em menos de 05 minutos ela retornou, com uma dezena de roupas nos ombros, mas com um estojo de maquiagem e babyliss em mãos. Pediu perdão por não poder me ajudar e saiu em disparada assim que eu disse que podia me virar. Comecei pelos cabelos, já que era a parte mais demorada. Fiz leves cachinhos apenas para me sentir mais como Christine e menos como eu, seguindo o modelo utilizado na atriz do filme, como esperado a maquiagem foi a parte mais fácil. Ouvi uma batida afoita na porta, era Raj querendo saber se estava pronta por que o ensaio geral começaria em exatos 02 minutos, gritei em afirmação e sai do camarim, me deparando com um caos no bastidor, diversos colegas se encontravam aflitos e nervosos; uns trocando as roupas ali mesmo, outros se maquiando e arrumando os cabelos, e reparei em um trio que ensaiava o roteiro em um canto isolada. No meio daquela confusão notei que Serena era uma dessas pessoas no ápice de seus nervos, ela tentava colocar uma peruca extensa em sua cabeça sozinha, mas parecia que a mesma não queria ficar equilibrada e isso a estava deixando bem irritada. Parece que Deus é justo, a fez linda da raiz dos cabelos aos pés, contudo a cabeça dela é um pouco desproporcional, só se nota quando ela usa uma peruca.
Pois é, peruca não é para todos.
Levantei a saia do meu vestido seguindo o caminho que Raj me indicava, tomando o maior cuidado que conseguia para eu não danificá-lo - e nem ninguém mais -, já que todos estavam tão apressados e presos em suas próprias tarefas, que nem notavam quem estava ao seu lado, era bem provável levar uma trombada de alguém e nunca mais se encontrada naquela confusão toda.

Ao chegar na coxia me encontrei com Lucas e Peter, vestidos com seus respectivos figurinos; Lucas parecia tranqüilo, despreocupado até, já Peter estava com uma expressão de estranheza, claramente nervoso; Raj estava relembrando o que deveria ser feito nas 03 cenas iniciais para um pequeno grupo que se encontrava ali, enquanto o grupo musical iniciava os acordes da primeira cena e o coral estava preparado para iniciar o seu primeiro e último - ensaio geral, como todos nós. Confesso, esse segundo ensaio foi muito melhor do que eu poderia imaginar. Todos

pareciam tão entrosados pela causa que tive a leve sensação que fazíamos parte daquele universo que estávamos a contar, como se eu fosse Christine, Peter o Fantasma e Lucas, Raoul, e assim por diante, para ter uma ideia do nível de seriedade que todos estavam a ter. Não era mais uma peça robótica, e sim, quase uma peça profissional, feita com emoção e pelo coração. Pela expressão de Melissa parecia, pela primeira vez, que estava satisfeita com o que via e Raj, ele sorria daquela forma animada e natural dele. Até Martin e Sharon se encontravam nessa onda de estarem mais entusiasmados com a peça, pelo visto, estávamos prontos; éramos um grupo de teatro.

Quando o ato I chegou ao fim, Raj anunciou que tínhamos meia hora para jantarmos e que devíamos voltar imediatamente para o teatro, assim para concluir o ato II e encerrarmos a noite.
Foi nessa hora que percebi que já passava das 10 da noite e eu me questionei quando e como o tempo passou tão rápido assim. Rachel me abraçou de lado, choramingando que a festa a fantasia já havia começado e estávamos presos ali, ela principalmente, que ainda precisava costurar vários figurinos, logo o jantar ficou em segundo plano, ela disse que comeria alguma coisa assim que terminasse seus afazeres o que deveria acontecer em meia a duas horas, sabia que era mentira, ela provavelmente levaria a noite inteira, conhecia o perfeccionismo de Rachel.

Fui até Peter, Amelia e Dorian querendo saber o que eles pretendiam fazer, me deparei com Lucas ao lado de Peter, parecia que os dois estavam a se entender o que eu achei legal, Lucas estava precisando de novas boas amizades.
Logo me enturmei querendo saber quais eram os planos, a ideia era a mesma que eu havia tido, Dorian iria comprar o jantar de todos, que seria em um *fast food* pelo que vi na lista que ele estava a anotar em um bloquinho de forma desleixada.
Ele anotava o pedido de Lucas agora, então supôs que o que estava no bloquinho eram os lanches de Peter e Amelia, comidas com sustância e muitos níveis calóricos.
Dorian perguntou o que eu iria querer e fiz o meu pedido, aproveitei e pedi uma salada completa com suco, que seria para Rachel, lhe dei uma quantia de dinheiro que eu achava que bastaria e logo me sentei ao lado de Peter.

Quando Dorian retornou com os nossos jantares, ele fez o favor de trazer Serena

junto que com um sorriso animado e espontâneo se sentou na poltrona a minha frente, puxando uma animada conversa com Amelia; Dorian, por sua vez, ergueu ambas as sobrancelhas quando meu olhar foi dele até Serena, como se ele estivesse dizendo: *Desculpa, não pude controlar a fera*.
Por Peter tentei ser simpática com Serena, mesmo que fosse algo muito complicado, já que a mesma é fútil, superficial e irritante, mas o meu esforço valeu a pena, ele pareceu ficar satisfeito em me ver tentando interagir com sua prima que tanto gosta e me senti bem pelo meu ato. Assim que terminei o meu jantar fui para o bastidor, entreguei a Rachel o jantar que havia comprado a ela e a mesma ficou toda boba por eu ter feito tal coisa, mas logo voltou a sua postura autoritária e começou a me empurrar para o camarim no qual encontrei todas as minhas roupas divididas cena por cena em um grande varal de metal. Vesti a roupa da próxima cena e Rachel veio conferir a vestimenta, procurando por qualquer defeito para consertá-lo a tempo, voltando a reclamar por não poder estar na festa à fantasia que ela tanto queria ir. Falei que ela poderia ir assim que o ensaio terminasse, podendo passar um tempo com Steve, mas a ideia não soou muito bem aos seus ouvidos, já que logo disse que festa à fantasia é um evento para ir desacompanhada, se é que eu entendia, ela completou, sempre com aquele tom malicioso só dela.

Em poucos minutos retornamos ao ensaio final, aquele ânimo do ato I havia se dissipado rapidamente, com toda certeza era culpa dos eventos noturnos que todos estavam a perder, enquanto ensaiavam.

Assim que o ensaio concluiu todos comemoramos o grande dia de ensaio que tivemos com aplausos e até alguns “vivas” foram gritados, recebemos diversos conselhos vindos de Raj e Melissa, um deles para descansarmos o máximo possível para estarmos bem relaxados para a grande apresentação, que seria no dia seguinte, e que chegássemos duas horas adiantados. Eu temia olhar que horas eram, sabia que ao fazer esse gesto um sinistro sono tomaria conta de mim e tomou, apenas com o pensamento. Dei um grande bocejo coçando os meus olhos como uma criança. Notei que não era a única sonolenta, a maioria dos nossos colegas iam embora, enquanto outros se empoleiravam nas poltronas esperando algum colega ou simplesmente descansavam. Bom, eu ainda estava ali, já que esperava Peter e os outros, queriamos combinar o que iriamos fazer depois dali.

Sim, eu estava morta de sono, mas não significava que ia dormir, estava num cruzeiro - na viagem dos meus sonhos -, eu tinha que aproveitar ao máximo, além do mais, amanhã seria a minha última noite nesse cruzeiro, com todos os meus colegas e Peter, eu tinha que fazer cada segundo ali dentro valer uma memória eterna, e eu precisava começar a me preparar emocionalmente para minha vida após amanhã, tudo que fosse acontecer fora daquele navio entraria para a minha história de uma forma imutável.

A decisão foi tomada em grupo.
Votamos o que queríamos fazer: dormir, ir para um lugar tranqüilo para conversar e relaxar ou ir para a festa à fantasia. Acabou que os 02 últimos empataram, então decidimos ficar um pouco na festa, depois ir para um lugar tranqüilo, e por fim cada um iria para seu quarto dormir.

- Gente ... eu não queria ser a estraga prazeres, mas é uma festa à fantasia e nós não temos uma, e eu acredito que nenhuma loja de roupas apropriadas para tal evento esteja aberta agora. – Serena disse com um tom falso de tristeza, era óbvio que ela estava adorando a ideia de eu e Peter passarmos menos tempo juntos. Ou eu estava imaginando coisas? Era o sono, vou acreditar nisso.

- Para que se preocupar com fantasias se nós temos um bastidor cheio de figurinos de época e de personagens diversos? – Amelia disse com um grande sorriso nos lábios. – Tenho certeza que não vai ter problema nenhum se eu, Dorian e Rachel pegarmos algumas peças emprestadas e vocês ... – Ela apontou para mim, Peter, Lucas e Serena. – Podem ir com as roupas que estão em seus corpos, estão perfeitos caracterizados como personagens de *O Fantasma da Ópera*.

- Gostei da ideia. – Lucas murmurou mexendo no longo casaco de veludo azul que utilizava, fazendo um ar misterioso.

- E eu odiei.Vocês estão loucos,é? – Rachel disse nervosa, cruzando os braços. – Estou me acabando o dia inteiro nessas roupas e vocês simplesmente vão perambular em uma festa e sabe-se mais onde com essas vestimentas delicadas e únicas? E se vocês sujarem? Rasgarem? Destruírem todo esse trabalho? O que eu

faço? O que minha equipe fará? Melissa nos matará um por um e eu serei presa por homicidio, porque ajudarei na matança.

- A resposta é simples: Você. Concerta. – Serena disse entre os dentes, como se fosse algo realmente simples. Rachel ergueu o rosto lentamente e tive a sensação que quem iria precisar concertar alguma coisa seria Serena e suspeitava que seriam seus dentes.

- Não, ela tem razão. Rachel e suas assistentes estão se matando o dia inteiro com esses figurinos. Não podemos simplesmente sair com eles por ai como se fossem feitos apenas para uma festa ... – Murmurei, olhando para todos na semi roda que havíamos criado. – Precisamos de outra solução.

- Então, o que vamos fazer? – Dorian questionou com uma expressão pensativa.
- Não podemos ir a festa sem fantasia, isso é óbvio. – Peter disse erguendo ambas as sobrancelhas.

- E se prometermos cuidar deles com todo o amor e carinho possível? – Amelia questionou com um olhar inocente na direção de uma furiosa Rachel. – Diz que sim, por favor. Nós prometemos cuidar deles, principalmente eu e Dorian que não vamos usá-los na peça. Por favor, só vai ser por algumas horas e se alguma coisa acontecer com qualquer peça se quer, todos nós a ajudaremos a consertar, nem que fiquemos a noite inteira ajudando, damos nossas palavras.

- Não! – Serena disse sobressaltada, todos a olharam com expressões fechadas, ela deu de ombros, emburrada.
- Muitas coisas podem acontecer em algumas horas, Amelia. – Rachel disse cruzando os braços e com os olhos semicerrados.
- Verdade. – Serena disse com certa malícia.

- Rachel, você sabe que o que você decidir eu vou aceitar sem reclamar, mas se você liberar, eu prometo que todos as roupas irão voltar da mesma forma que você está vendo aqui, em perfeito estado. – Disse com toda sinceridade. – Eu apoio o que Amelia propôs, se algo ocorrer, nós passamos a noite toda lhe ajudando.

- Não! – Rachel disse com seriedade, nos observando, o grupo bufou chateado com a negação dela. – A ideia de Amelia é boa, mas é a minha cabeça e profissão em jogo, essa produção vai para o meu currículo, se vocês não sabem, entretanto a única forma de garantir que nada aconteça com essas vestimentas é tendo uma atitude severa. Se essas roupas não voltarem do jeito que estão eu juro que não farei nada para consertar o defeito e ainda irei contar a Raj e Melissa que foi um furto, e que eu nem nenhuma de minhas assistentes liberaram tal uso da roupa fora desse teatro. – Ela disse com um tom de voz mandão. – Estamos entendidos.

- Então, isso é um *sim*? – Dorian questionou abrindo um grande sorriso.
- É, é um sim. – Rachel concluiu, revirando os olhos.

- Que massa! – Amelia pulou em cima dela em um inesperado abraço, Rachel se assustou com tal ato e ficou olhando para nós sem ação, enquanto Amelia continuava a abraçá-la de forma apertada e alegre.

- A-melia, preciso r-respirar. – Rachel disse com um tom de voz sufocado.
- Ah, desculpa. – Amelia disse timidamente, se afastando da mesma e dando pulinhos mostrando sua animação. – Obrigada, obrigada.
- Venha logo, Millie. Antes que ela mude de ideia e creio que isso seja uma possibilidade. – Dorian disse puxando a namorada por uma das mãos. – Uma grande possibilidade.

- Bem grande. – Rachel disse com um tom de voz irritado. – É melhor eu ir ver o que eles vão escolher, só para eu ter como enrolar as minhas assistentes quando amanhã elas notarem os sumiços.

- Você vai vir conosco? – Peter questionou repousando sua mão em minha cintura.

- Agora não.Tenho que terminar de arrumar os suportes de madeiras dos vestidos, faltam uns 10 ainda, mas acabo rápido. Keiko ainda está aqui. Em algum lugar nesse teatro pavoroso, mas está. – Rachel disse com um sorriso leve nos lábios. – Quando eu for me encontrar com vocês, eu ligo, ok?

Peter balançou a cabeça em uma afirmação, Rachel adentrou pela coxia e podia jurar

que ela tinha um sorriso nos lábios. Lucas se despediu dizendo que iria para a festa e que nos esbarrávamos por lá, o abracei de uma forma que já não fazia a um bom tempo e foi tão bom, realmente sentia falta de Lucas; a despedida com Peter foi rápida, apenas um aperto de mãos e um sorriso simpático. Achei legal eles terem conversado, isso mostrava que Peter queria conhecer as pessoas que estavam a minha volta e não era uma via de uma mão só, não era apenas eu que tinha que tentar ser amiga de Serena, aos poucos ele tentava se enturmar com os meus amigos, mesmo que no momento fossem bem poucos, devidas as circunstancias e por sorte, ele mostrava uma boa interação, simpatia a todos, de sua maneira contida e tranqüila, é claro.
Peter depositou um beijo apertado em minha bochecha e ri surpresa com seu ato, pulando em seus braços em um gostoso abraço, foi nesse momento que vi Serena olhar com fúria para nós, ao notar meu olhar, ela sorriu de modo malicioso e adentrou por um dos caminhos da coxia. Não gostei nada daquele olhar, mas nada diria a Peter. Ele queria que eu fosse amiga de sua prima e eu me esforçaria para ser pelo menos uma colega, a frente de seus olhos de preferência, na distância deles eu me manteria afastada o máximo possível de Serena, levando as palavras de Lucas a pé da letra, já que ela podia ser um anjo perto de quem ela quer, mas era um diabo exatamente para quem ela queria. No caso, para mim.

Assim que Dorian e Amelia vieram ao nosso encontro, ele vestido com um longo sobretudo negro, uma roupa social impecável por baixo e um chapéu longo de época, enquanto Amelia parecia uma princesa com um vestido longo rodado branco, fomos em direção ao saguão principal para a festa à fantasia, considerada uma das melhores dadas pelo cruzeiro.

Ao chegarmos ao local notamos o tão abarrotado que estava, era difícil andar e falar ao mesmo tempo, agarrei a mão de Peter temendo acabar me perdendo no ambiente. O ambiente estava com decorações simples, às mesinhas estavam todas forradas com um pano de tom branco, nada tão arrumado como no inicio da festa, creio, mas o local ainda tinha aquele ar social.
As pessoas tinham sido bem criativas em suas fantasias, mesmo tendo muitos vampiros, princesas, príncipes, diabinhos e anjinhos, mas era a grande sacada de festas desse jeito: ser aquilo que você idolatra ou desejaria ser. Como um misterioso

vampiro, um famoso ator, algo engraçado como um Elvis Presley gordo, Marilyn Monroe e a sua famosa pinta, John Lennon e seus óculos arredondados,...
Eu e Peter éramos a imagem dos protagonistas de *O Fantasma da Opera*. Nós estávamos com as roupas da última cena do espetáculo que é inspirada na peça *Don Juan,* Peter vestido com uma blusa branca, que se encontrava aberta estrategicamente em seu peito, seus cabelos desgrenhados, como de costume, e na metade de seu rosto uma máscara preta, já eu estava vestida com um longo vestido de tecido branco e um espartilho vermelho que acentuavam bem minha cintura e seios, meus cabelos enrolados caiam por sobre meus ombros com uma rosa vermelha presa acima de minha orelha, como a personagem pedia.

Não procuramos nenhum lugar para se sentar, fomos logo para a pista de dança aproveitar a musica animada que estava tocando, nos metemos no meio de todo aquele pessoal e não nos afastamos por nenhum momento, enquanto dançamos para mais de 05 músicas seguidas. Quando o DJ começou a tocar uma seleção de músicas mais lentas, Peter não perdeu tempo e me puxou para perto de si, me envolvendo em seus braços de uma forma familiar e confortável com aquele olhar que me arrepiava por inteiro e aquele sorriso adorável em seus lábios. Como eu gostava dessa sensação. De me sentir desejada por alguém que sentia o mesmo que eu, essa paixão e carinho, me sentir apaixonada era tão bom. Como eu gostava de *gostar* de Peter.

Ficamos por um bom tempo na festa, dançando e curtindo o momento, nos separamos de Amelia e Dorian dando um pouco de privacidade a eles por que nos queríamos o mesmo. Fomos para um canto remoto do salão e decidimos aproveitar esse momento raro de do dia para trocar algumas carícias e beijos, sentamos em um conjunto de sofás, me aninhei em seu colo e trocamos longos e apaixonados beijos, enquanto conversávamos em sussurros e entre sorrisos. Será que ele tinha ideia do quanto eu gostava dele?
Acho que nem se passa pela mente dele. A proporção desse sentimento cresce a cada palavra, toque, sorriso, olhar vindo dele, momento juntos, ... era um sentimento incontrolável.
Nossos lábios apenas se separaram quando recebi uma mensagem de Rachel dizendo que não poderia se encontrar conosco por que o trabalho dela havia se acumulado,

constatei que era madrugada, então achamos melhor nos encontrar com Dorian e Amelia, foi quando Peter descobriu ter recebido uma mensagem da irmã que dizia que eles haviam ido embora da festa, desejavam uma boa noite para nós e que nos veríamos de manhã. Assim a noite se encerrara.

Achamos que era melhor irmos para as nossas cabines dormir, o dia seguinte iria ser longo em vários sentidos, mas quem disse que obedecíamos à razão?!
Há todo momento nos beijávamos e brincávamos um com o outro como um casal apaixonado costuma fazer, sem controle e apenas seguindo as emoções. Havia me esquecido de como era legal esses momentos a dois, principalmente com Peter. Meu coração batia de uma forma misteriosa e desconhecida por mim quando estava com ele e a cada nova batida, as temia, mas gostava intensamente delas e desejava as mais. Peter era tão divertido quando ficava apenas comigo, quando estava com os outros era sempre contido, tranqüilo e sério, mas comigo era como se despisse tudo isso e pudesse finalmente ser apenas *ele*.
Leve, engraçado, sensível, romântico, altruísta, amoroso e carinhoso.
Eu gostava de saber que eu causava essa mudança em seu ser, era algo bonito de se ver essa transformação para o seu bem.

Ao chegarmos em meu quarto e após uma longa despedida de beijos e carícias, incluindo pedidos para ficarmos um pouco mais juntos, notei que não queria que Peter fosse embora, queria que ele dormisse ali comigo naquela noite e em todas as próximas, me sentindo confortável, amada, desejada e protegida por ele sem prazo de validade.
Acariciei seu rosto, tomei coragem e pedi que ele ficasse aquela noite comigo, e sem hesitar, ele respondeu a minha pergunta com um sorriso apaixonado em seus lábios.

Capítulo 21 Nua

Não há nenhuma montanha alta o suficiente, Não há vale suficientemente baixo,
Não há nenhumrio largo o suficiente Para manter-me longe de você.
Não há nenhuma montanha alta o suficiente, Nada pode manter-me,
Afastado de você!

Ain't No Mountain High Enough – Diana Ross.

Acordar com o seu namorado na cama é uma das 10 melhores sensações do universo. Observá-lo dormir em silêncio é uma tarefa obrigatória, ainda mais quando ele tem aquela expressão sonhadora e encantadora que conseguiria deixar até os mais duros corações molengas de encanto. Dar um suave beijo em seus lábios assim que ele abre os olhos e notar sua presença com encanto e admiração são atos espontâneos.
Bom, não posso esquecer do amasso matinal, porque né ... é delicioso.
Enroscar minhas pernas em sua cintura, sentir suas mãos tocarem em minhas costas com desejo, como seus lábios que trilham o meu pescoço, sussurrar em seu ouvido palavras afetuosas, como observar aquelas orbitas azuis profundas que me observam com tanto carinho e amor, e o mais importante de tudo, fazer isso tudo sem cair da cama acordando de um sonho maravilhoso por que isso tudo é real!
Ele é real e é *meu* namorado.
Meu Peter.
Parecia tão inacreditável, mas em apenas 07 dias tantas coisas haviam acontecido em minha vida até então monótona e simples, que eu não poderia estar mais radiante e grata por ter tanta sorte. Peter era o único culpado por me fazer tão feliz.
Como era bom tê-lo em meu mundo.

Nos demoramos na cama, além do mais, acordamos muito cedo, os primeiros raios de sol estavam ainda raiando quando adentramos a sala, que estava uma bagunça que suspeito ter sido feita por Rachel, já que tinha panos, revistas, papeis, comida e bebidas por todos os lados, nem me lembrava de ter visto aquilo na noite anterior, mas não podia pedir muito de minha memória quando estou com Peter, meio que o mundo perde o foco para mim e eu só consigo vê-lo, como se ele fosse o meu sol e eu a sua terra, rodando de modo lento e coreografado em volta de mim, determinado apenas em me aquecer, confortar e amar.

Eu estava vestindo uma blusa de moletom azul com um short de pano que achei na minha mala, pelas costas abracei Peter que falava pelo telefone do quarto, pedindo ao serviço de quarto o melhor café da manhã e assim que concluiu a ligação me tacou na direção do sofá em cima de todas aquelas tralhas, ficou por sobre o meu corpo apenas preocupado em beijar meus lábios, rosto, pescoço, ombros, fazer cócegas em minha barriga dizendo o quanto gosta de minha gargalhada, tão natural e viva ...
Quem derá poder viver nesse ócio com ele para sempre, mas precisava voltar para

vida, por mais que o dia mal tivesse começado eu ainda tinha muitas coisas para fazer e não podia ficar apenas beijando Peter. Fiz uma lista mental do que precisava fazer antes de partir para o Teatro B para a grande apresentação:

- Pegar tudo que for meu que estiver espalhado na suíte e colocar em minha cabine -incluindo o que está no meu banheiro e no de Rachel;
- Pegar as minhas últimas roupas lavadas, que serão entregues pela lavanderia nessa manhã, e também levar para o meu quarto;
- Tirar os lençóis, fronhas e toalhas de banho para entregar a lavanderia;
- Arrumar todas as minhas malas com organização;
- Mandar um e-mail para minha mãe e Chuck contando as ultimas novidades - algo breve só para falar que estou viva, falarei melhor com eles quando estiver na casa de Tio Roux;
- Tomar um bom banho;
- Vestir roupas confortáveis e utilizar do resto do dia para ensaiar para a peça;
- Separar um vestido para a festa de encerramento.

Tentando escapar dos braços e lábios de Peter - Ó tentação! - comecei a minha primeira tarefa da lista, enquanto Peter fechou os olhos decidido a tirar um cochilo, mas podia notar seus olhos em minha direção em vários momentos, assim que adentrei em meu quarto pronta para fazer a tarefa 03 da minha lista, ele logo veio atrás de mim, prestativo como sempre. O incumbi de tirar as roupas de cama e de banho para colocar na cesta da lavanderia, enquanto eu juntava todas as minhas coisas na mesa da penteadeira, o único espaço grande o bastante para tal arrumação. Logo me concentrei em arrumar as minhas malas, as coloquei em cima da cama, começando a arrumar o que estava limpo e ainda estava nessa tarefa quando Peter decidiu arrumar a mala de livros, cd's e dvd's comentando sobre cada um deles e suas preferências. Apenas paramos na arrumação quando ouvimos uma batida na porta, era o serviço de quarto trazendo o café da manhã, com a minha ajuda e a de Peter em questão de segundos a mesa do centro da sala estava toda arrumada com as guloseimas ali pedidas e sem as tralhas de Rachel, agora espalhadas no chão. Não demorou muito para Rachel sair de seu quarto, ainda vestindo as mesmas roupas de ontem, prendendo os cabelos em um alto rabo de cavalo e com uma expressão de muito sono, sentou-se ao chão como a gente com um sorriso leve nos lábios nos

desejou um bom dia questionando se tinha algum problema atrapalhar nosso café da manhã romântico:

- Já atrapalhou mesmo, agora pode continuar o serviço. – Peter resmungou com um sorriso sapeca ao morder um pedaço de pão.

Tomamos um tranqüilo café da manhã, conversamos pouco, já que o cansaço era muito, mas dava para se notar que Rachel e Peter se entendiam, da maneira deles, entre farpas e conversas, e eu não poderia ficar mais feliz em ter a sensação que minha amiga gostava de Peter como pessoa e não apenas porque ele me fazia feliz, podendo até pensar em confiar nele como um amigo intimo.
Assim que acabamos de tomar o café, Peter achou melhor ir para sua cabine, queria trocar de roupa, já que estava a um bom tempo com o figurino - eu não tinha roupas para emprestar a ele, só se o mesmo se sentisse a vontade em dormir com uma camisola ou completamente nu. Não me importaria com essa ultima opção. - o que não agradou os olhos de Rachel. Ele perguntou sobre os meus planos para essa manhã até o horário da peça, que seria às quatro da tarde, contei a ele o que pretendia fazer e logo ele revelou que assim que terminasse seus afazeres iria se encontrar comigo em meu quarto. Se despediu de mim com um beijo e foi embora. Rachel, obviamente, não conseguiu controlar seus lábios e começou a implicar comigo, mas logo a fiz parar a lembrando do grande dia que era hoje e ela logo voltou a ficar nervosa e autoritária, ainda mais ao me contar que um reconhecido estilista de Londres havia sido convidado para o evento, já que o mesmo adora eventos beneficentes e ela estava nervosa para ter seu trabalho visto por uma pessoa tão importante e que obviamente ela tentaria falar com ele ao final da peça para se apresentar e fazer uma social básica, desejei sorte a ela, mas a mesma logo mudou de assunto, adentrando meu quarto e pegando o figurino intacto de minha personagem e com uma delicadeza só dela o levou para seu quarto, como se lá ele estivesse mais protegido do que no meu. Coisas de Rachel Ray, que voltou a surtar ao se lembrar que precisava arrumar as 203 malas que tinha e que provavelmente teria que comprar mais 03 depois de tantas roupas que comprou ali no cruzeiro, num espaço de 07 dias. Eu apenas ria enquanto observava ela surtar em seu quarto, olhei para o meu lado em busca do que Joana diria sobre isso e foi quando notei que ela não estava ali ... De todos os dias que estávamos afastada foi a primeira vez que senti

meus olhos se encherem de lagrimas de saudades dela. Entramos juntas nesse cruzeiro, era para nos divertir, curtir e termos lembranças dessa incrível viagem juntas, mas só tínhamos a lembrança de nosso afastamento. Fui em seu quarto na suíte e observei o mesmo que estava intacto há dias, as luzes apagadas davam um ar de solidão no ambiente, armários e gavetas vazias, o edredom esticado e a falta da existência de Joana ali. Um silêncio excruciante tomava todo o ambiente, sequei minhas lágrimas não me entregando a esse sentimento, eu sentia muita falta de Joana, mas isso não quer dizer que eu iria me entregar a esse sentimento. Seriamos amigas novamente, algum dia. Gostava de acreditar nisso.

Voltei aos meus afazeres.
Liguei para o serviço de quarto para que alguém viesse recolher o café da manhã que eu já havia retirado da mesa de centro e colocado no carrinho de metal. Arrumei a sala separando as bagunças feitas por Rachel. Tecidos em um sofá, revistas em uma ponta, sacolas de compras no outro sofá, camisinha lacrada cuidadosamente incinerado na lixeira. Okay, usei a minha imaginação para isso, eu apenas a deixei estrategicamente jogada dentro de uma sacola da Chanel. Rachel surtaria com isso ou pensaria que foi um brinde da loja. Assim que o serviço de quarto respondeu ao meu chamado, fui tomar meu banho demorado e desejado. Lavei meus cabelos e deixei que a água tomasse conta de cada pedacinho de minha pele. Me arrumei com a minha rapidez habitual, vestindo uma camisa branca de renda soltinha e um short de jeans claro junto com meu par de *all star* vermelho. Assim que ia começar a escrever um e-mail a minha mãe e irmão ouvi Rachel me chamar na sala, o pessoal da lavanderia havia entregue nossas roupas, peguei as que pertenciam a mim e as coloquei por sobre a cama, me voltando para meu netbook, já conectado a internet. Escrevi um rápido e simpático e-mail idêntico que enviei aos dois. Sabia que Chuck deveria estar em contagem regressiva para a colônia de férias que iria, com toda certeza ele leria aquele e-mail com uma agilidade e desinteresse incrível, já minha mãe tentaria desvendar cada palavra minha, como se eu tivesse enviado um texto criptografado. E-mail enviado, me lembrei que estava prometendo mandar uma cópia do meu livro a Amelia desde que nos conhecemos, e como opinião é algo importante para mim, enviei uma cópia a mesma, pedindo que ela enviasse uma cópia a Peter também, já que ele queria ler e eu não tinha seu e-mail ainda.

Agora a hora do trabalho mais árduo e chato.
Arrumar as malas.
Argh!
Era mais divertido fazer isso acompanhada, sozinha era um saco.
Ficar dobrando roupas presas em meus eternos pensamentos torturantes.
Comecei pela mala incompleta que Peter estava a arrumar, a conclui em poucos minutos a lacrando com um adesivo e escrevendo meu nome, endereço e telefone em Notting Hill com uma caneta preta, terminado isso a repousei num canto estrategico e me concentrei na mala maior, as das roupas.
Antes de arrumar deixei do lado de fora o pijama que havia usado essa noite e uma blusa vermelha longa que eu adorava, junto a minha jaqueta preta e bota de camurça, seria a roupa que eu usaria ao desembarcar no dia seguinte.
Agora mãos a obra, hora de arrumar a mala de roupas, apenas tirei um vestido branco de lantejoulas brilhantes com uma sandália de salto baixo para a festa de encerramento, após longos minutos, a mala de roupas se encontrava pronta, agora era só fechar ... Não é exagero dizer que sentei em cima da mala, a pressionei com um, dois pés, cai ao chão por causa disso, gritei ajuda a Rachel que teve a brilhante ideia de sentar em cima da mala junto a mim e só assim conseguimos fechá-la. A lacrei da mesma forma que a anterior e com muita dificuldade a coloquei no canto junto com a outra, me afastei assustada ao ouvir um som estranho vindo dela, temi que ela explodisse, mas foi um falso alarme. As roupas que usaria nas próximas horas - e a bolsa de maquiagem - teriam que ser guardadas em uma outra sacola, fui na sala resolver esse problema e peguei a maior que achei, uma da Versace, gentilmente, sem saber, emprestada por Rachel, a escondi embaixo da cama e arrumaria de manhã. Arrumei a minha bolsa bege de muamba colocando todas as minhas tralhas como o netbook, mp4, os carregadores respectivos, e meus itens básicos, que só de pensar me questiono se a minha bolsa é uma passagem para Nárnia por que realmente não parece que eu carrego aquilo tudo. A coloquei junto com as malas, dei 03 conferidas em todo o quarto e nada. Não tinha mais nada a fazer. Tudo havia sido arrumado e feito de acordo com a minha lista mental, quer dizer, faltava ensaiar para a peça. Peguei a apostila que estava sobre a penteadeira junto ao meu celular, que coloquei no bolso com alguns dólares e fui para sala, me aproximei do quarto de Rachel para saber se ela queria minha ajuda, mas pelo visto

ela estava sendo ajudada por Peter que tentava trancar a mala dela, ambos sentados por sobre a mesma:

- Que tal você deitar por sobre nós, Kate? Acho que assim ela fecha. – Rachel disse em um muxoxo. – Maldita mala!
- Eu acho que nem assim ela fecha. – Peter disse irritado. – Já pensou em fita adesiva?
- Você já pensou em choques elétricos ligados em seus mamilos, louco? Essa mala é de couro italiano!

- Já, mas não gosto da ideia. É muito sado para o meu gosto. – Peter disse com total seriedade, Rachel revirou os olhos e pulou da mala cruzando os braços com uma expressão emburrada, Peter quase tombou para atrás por causa disso e bufou.
- Eu o odeio.

- Mentira, você odeia sua mala. Se é que pode chamar isso de mala, parece uma casa isso aqui. Não dúvidaria se um gato saltasse daqui de dentro pronto para aniquilar todos nós. – Ele murmurou se levantando da mala e a mesma abrindo como se fosse um tipo de dispositivo nuclear, algumas roupas, bolsas e – pasmem - sapatos voaram o que fizeram a gente se afastar até emiti um gritinho assustado, um Prada preto de salto finíssimo veio bem em minha direção. – Isso é uma arma nuclear.

- Não me diga! Eu sempre achei a Rachel com um pé no terrorismo. A moda sempre foi uma desculpa, certo ? Você esconde os explosivos nas fibras das roupas? Pode me contar, eu agüento tal revelação. – Murmurei com uma expressão falsa de preocupação.

- Vocês vão me zoar ou me ajudar? – Ela questionou erguendo uma sobrancelha e ficando com uma expressão hóstil.
Peter e eu nos entreolhamos e ao mesmo tempo respondemos com sorrisos sapecas nos lábios:
- Zoar.

O dia estava muito mais bonito que o anterior.
Os raios de sol não eram tão intensos como já fora anteriormente mesmo estando em

seu pico no momento, mas era o suficiente para sentir minha pele se aquecer e uma sensação confortável brotar em meu ser.
Peter e eu dividíamos um banco de madeira, sentados um de frente para o outro, em um convés vazio e remoto do navio, ficava em uma área de departamento de roupas, então apenas pessoas interessadas nisso cruzavam aquele ambiente ou pessoas que como a gente também buscavam por privacidade.
Ele estava entretido em seu bloco de desenhos, tentei por 03 vezes descobrir o que ele estava a desenhar, mas o mesmo não deixou voltando toda sua atenção apenas a sua lapiseira e a seu bloco. Enquanto eu lia e relia todos os meus diálogos e deixas, me preparando mentalmente para o eminente nervosismo que iria me tomar em algumas horas. Largado no banco estava o celular de Peter que estava tocando uma música em um tom baixo, era o nosso som ambiente, se eu não me enganava era *God Put A Smile Upon Your Face* do Coldplay que tocava agora.

- Gosto dessa música. – Murmurei sem tirar os meus olhos do texto sentindo meu pé batendo no ritmo da música em cima do banco.
- Hum? - Ele questionou segundos depois, distraído.

- Eu disse que gosto dessa música. – Voltei a repetir o olhando com um sorriso leve nos lábios. – Esqueci que você está concentrado na sua obra de arte que eu não posso ver ... né?
– Questionei na esperança que ele deixasse que eu visse dessa vez.

- Quando terminar, deixo você ver. – Ele disse o mesmo que das ultimas vezes e sempre com aquele sorriso enigmático nos lábios segurando firme o bloco de desenho abarrotado e de aparência antiga.

- Vai demorar? – Questionei com uma sobrancelha erguida.
- Por quê? Pretende ficar do meu lado durante toda a produção? – Seus olhos fixos no desenho que produzia, mas seu sorriso era direto para mim.
- Não seria uma ideia ruim. – Disse fazendo uma careta e com um tom brincalhão. – Eu meio que gosto de ficar com você, é claro, quando não tenho nada melhor a fazer.
- Só pela resposta, vou demorar mais do que o normal.
- Maldade. – Murmurei o observando com um sorriso sapeca nos lábios. – Me dá

uma ideia desse tempo ... 10, 15 minutos?
- O que você acha de 05, 10 ...? – Ele questionou me olhando, abri um sorriso satisfeita, então ele completou. – Anos?
- Muito tempo, mas eu acho que agüento. Minha curiosidade não permitiria que eu esquecesse de tal desenho.
- Qual é a primeira coisa que passa em sua cabeça ao ouvir a palavra "anos"? – Peter questionou pensativo, fazendo alguns traços no bloco com sua atenção dividida.

- Tempo. – Respondi o olhando com dúvida e em seguida ri de modo contido. – Isso me lembrou uma brincadeira que minha turma de amigos fazíamos em tempos livres de aula. Falávamos uma palavra e a pessoa tinha que dizer a primeira coisa que vinha em mente; eu adorava brincar disso, era uma forma de conhecer as pessoas com poucas palavras.

- Amelia também. Tanto que desde criança ela brinca disso, ela diz que é uma forma de conhecer o caráter de uma pessoa em poucos segundos podendo saber se esse individuo será seu grande amigo ou inimigo.

- Trágica ela, huh?
- Fazer o que? Ela sempre curtiu Homero e William Shakespeare.
- Ei, eu também gosto deles. Amo *Ilíada*, acho que todo amante de literatura deve ler pelo menos uma vez na vida essa tragédia para saber o que é uma bom épico.
- Sim, para notar que nunca mais vai querer ler mais nada na vida. Qual é, Kate? É muito chato. Eu prefiro muito mais *Eneida*.

- Isso é um absurdo! – Repousei a apostila da peça no banco o olhando espantada. – *Eneida* é uma cópia barata criada por Virgilio que foi obrigado pelo imperador romano da época a fazer uma obra no nível da perfeição de *Ilíada*, para enaltecer seu povo. Gostar de *Eneida* é como preferir uma torta de morango em vez de uma de chocolate.

- Kate, essa foi à pior comparação que já ouvi em relação a um livro. – Ele disse, fechando o bloco de desenhos enquanto gargalhava.
- Não pior do que a sua afirmação de que *Eneida* é melhor do que *Ilíada*.

- O que posso fazer? Gosto é gosto. O que seria do azul se todo mundo gostasse do vermelho? – Peter murmurou com um sorriso de lado que caia bem em seus lábios.

- Você tem razão. Mas ainda é incompreensível para mim. – Murmurei emburrada, Peter se aproximou de mim roubando um suave beijo de meus lábios. – Não adianta me amansar com beijinhos ... Ainda em choque. – Apontei para a minha expressão de choque.

- Relaxa. Garanto que piora com o tempo. – Ele se sentou de forma confortável sorrindo de forma animada.
- Me sinto muito reconfortada agora. – Disse sem animação.
- Vamos brincar um pouco. – Ele disse, em seguida enrugou levemente o cenho com um sorriso leve, voltando a se concentrar em seu desenho.- Tempo?
- Indefinido. – Murmurei, o olhei com atenção pensando em uma palavra que o definisse. – Presente?
- Agora. Medo?

- De morrer sem ter feito tudo que eu desejei. – Demorei a responder, mas disse de uma vez só. Peter pausou o que fazia e me olhou por breves segundos, em seguida voltou a desenhar agora com o cenho enrugado, enquanto eu peguei seu telefone, fuxicando sua *playlist*. – Música?

- Johnny Cash.
- Johnny Cash é definição de música para você? – Questionei, admirada.
- Sim. Quem define música para você?
- Lady Gaga. – Peter me olhou com uma expressão tensa e eu comecei a rir. – Estou brincando, para mim música é definida por Elvis Presley.
- Boa escolha. – Com uma expressão pensativa, questionou. - Filme?
- Antigo, de preferência, um romance no estilo *Bonequinha de Luxo* ou um drama psicológico como *A Malvada*. – Peter fez uma careta. – O que foi?
- Você é mentalmente velha.
- O-obrigada?
- Não foi um elogio. – Ele disse com um tom sério de voz.
- Obrigada mesmo assim. Aceito críticas de modo positivo sempre, mas me diga por

que sou mentalmente velha?

- Você gosta de cantores antigos, filmes antigos, suspeito que tenha uma paixão por Marlon Brando e James Dean. Você é presa a um passado e não vive o seu presente, é como se os modelos antigos fossem melhores do que os atuais.

- E não são? – Questionei em dúvida. – Quer dizer, é claro que amo tudo isso que você disse, mas não quer dizer que eu não ame alguns atores, cantores atuais, só tenho preferências.

- Cite três de cada sexo, por ordem de preferência.
- Joseph Gordon-Levitt, Robert Downey Jr e Clint Eastwood. Sandra Bullock, Meryl Streep e Anne Hathaway. – Disse com convicção.
- Dois desses atores já trabalham a mais de 3 décadas.
- Eu não tenho culpa que eles têm certa idade, são ótimos atores e ainda trabalham na minha geração.
- Você tem resposta para tudo.
- E você é muito contestador. – Murmurei com uma expressão de choque. – Por Deus! Depois eu sou a velha.

- Eu não disse que você *é* velha, disse que é *mentalmente* velha. Há uma grande diferença ai. – Ele explicou com uma expressão seria, olhando atentamente meus olhos por detrás de seus óculos para enxergar de perto, com um ar charmoso.

- Está vendo? Contestador.
- Vamos voltar ao joguinho? – Ele relaxou desconversando, voltando seus olhos para o desenho. – É a vez de quem?
- Minha. Humm ... – Disse pensativa, olhando ao arredor, meus olhos se fixaram no céu azul e achei uma boa ideia perguntar. – Cor?
- Cor? Sério? – Ele questionou com uma expressão descrente, sorri de forma confiante. – Bom, azul , eu acho ... Gosto de branco também, mas não me fixo muito nisso. E você?

- Vermelho. Branco. Preto. Lilás ...
- O arco Iris inteiro? – Ele questionou com certo sarcasmo e eu dei um tapa em seu

braço o fazendo rir. – Desculpa, parei. Próxima palavra.

- Serena? – Questionei logo após um suspiro. Ele me olhou com o cenho levemente enrugado. – Qual é a primeira palavra que lhe vem a mente quando menciono: "Serena"?
- Problema. – Ele disse em um suspiro.
Concordo, pensei.
- Lucas?
- Que? – Questionei, acordando de meus pensamentos.
- Eu disse: "Lucas?" O que vem na sua mente quando menciono "Lucas?"
- Irmão.
- Okay. – Ele disse com um tom de descrença.
- Okay, digo eu. É impressão minha ou você não acreditou no que disse?
- Não é não acreditar em você ...
- Então, é o que?
- Nada. – Ele disse, emburrando a face.
- *Nada* que é *tudo*, é isso? – Questionei, me aproximando um pouquinho de si.
- É que a forma que ele falou de você para mim, parecia que ... parecia que ele nutria por você sentimentos bem além de uma simples amizade.

- Ah, qual é? Peter, ele é como um irmão gay para mim. – Peter me olhou sério e eu o olhei debochada. – É sério. Não há a mínima possibilidade de Lucas ter algum tipo de sentimento por mim apenas amizade, além do mais, ele é totalmente apaixonado pela Joana.

- Isso é o que ele te fala.
- Isso é o que eu sei. – Disse com firmeza. – E mesmo se ele gostasse de mim, não mudaria nada na forma que o vejo. Continuaria sendo um irmão gay para mim.
- Porque "irmão gay"? – Ele questionou com uma expressão de dúvida.

- Bom, porque a gente conversa como duas velhas sobre tudo, e ele sempre teve um *jeitinho* duvidoso, até brincamos sobre isso só para você ter uma ideia da nossa intimidade, temos até um pacto que se chegarmos aos 40 anos solteiros vamos comprar um casarão no meio de uma floresta densa, pegar um monte de gatos e

passar o resto da vida assim, como dois velhos reclamões, que vivem para cuidar de nossos gatos como filhos e para ler livros ... – Peter continuava com uma expressão emburrada, abri um sorrisinho sapeca me aproximando mais dele até que meu corpo ficou por sobre o dele e ele me olhou com aquela expressão fechada enquanto eu sorria. – Você gosta de mim.

- Só percebeu agora? – Ele questionou erguendo uma sobrancelha.
- Tinha desconfianças, mas agora tenho certeza. Você sentiu ciúmes de mim. Isso não é uma graça?
- Eu não senti ciúmes de você. – Ele disse com firmeza voltando os olhos para o bloco de desenhos.

- Ah não, só sentiu ciúmes do jeito que o meu irmão gay falou de mim. Eu conheço o cheiro de ciúme quando o sinto. – Por fim, cantarolei ainda sorrindo. - Você sentiu ciúmes de mim. Está verde de tantos ciúmes.

- Katerina? – Ele murmurou, com uma expressão que eu diria ser uma mescla de nervosismo, irritabilidade e frustração.
- Siiiim ...
- Você vai me deixar desenhar ou não?
- Não. Só quando você confessar que sentiu ciúmes de mim.
- Grrr ... – Saiu esse resmungo de sua garganta. Repousou uma mão no rosto e em seguida me olhou. – Vai te fazer feliz tal confissão? – Balancei a cabeça de forma positiva.
- Para o meu ego, sim.
- Então ... – Ele disse em um suspiro. – Não senti ciúme nenhum da ideia de você com ele. Satisfeita?
- Poxa, você é cruel. – Me afastei de si, ficando emburrada.
- Eu nunca disse que era bom. – Ele murmurou com aquela habitual tranqüilidade, voltando a desenhar.
- Tanto faz, eu tenho a minha certeza, não preciso de suas palavras.
- Próxima palavra do nosso jogo? – Ele desconversou, novamente.
- Ciúme?
- Você gosta de atiçar.

- Você não viu nada ainda.
- Ciúme é algo idiota, besta e descontrolado e é a última coisa que sou. – Ele apontou sua lapiseira em minha direção, pensativo. - Agora o que você fala sobre teimosia?
- Uma qualidade perseverante e determinada, eu a aprovo. Amor?
- Utópico?
- Está me perguntando ou respondendo?
- Ambos? – Ele murmurou e acabamos por rir. – Sexo?
- Por cima. – Peter me olhou com o cenho enrugado e com aquele sorriso malicioso nos lábios. – O que? Eu gosto.

- Bom saber. – Ele disse com charme e continuou a desenhar enquanto o joguinho das palavras questionadoras seguiu com um rumo irregular e muito divertido. Ele não queria me agradar em nenhum momento, pelo contrário, discutíamos calorosamente sobre temas controversos para nós, mas em nenhum momento era uma discussão negativa, era uma forma de conhecermos a visão uma do outro, as nossas opiniões opostas, da mesma forma que estávamos conhecendo o que tínhamos em comum, o que não era muito e eu estava adorando isso. Qual é a graça de estar com uma pessoa que é totalmente igual a você, se o diferente que é legal, misterioso e desafiador? Ter algumas coisas em comum é fundamental, para um bom convívio até, mas o oposto sempre é mais delicioso. Como se fosse o intocável que o conquistador tenta de todas as formas conquistar e quando consegue tal êxito se sente um em um milhão.

Peter era o meu intocável e eu era a sua, já que ele parecia estar gostando tanto quanto eu dessas nossas oposições mescladas com nossas opiniões igualitárias.

Certo tempo passou e agora o sol iluminava a lateral onde encontrávamos com uma quentura adorável, enquanto uma leve brisa nos refrescava. Já estávamos em silêncio por longos minutos, Peter estava concentrado em seu desenho, seus olhos atentos a cada traço que sua lapiseira fazia, apenas parava para admirar a paisagem ou para me observar. De tanto que ele me observava tinha quase certeza que era eu que ele estava desenhando, mas não queria ter muitas esperanças.
Eu me detia a leitura do roteiro da peça, minhas pernas encostadas na lateral do corpo dele, em alguns momentos o mesmo acarinhava a minha coxa, sem malícia nenhuma, era apenas um gesto de carinho, meus olhos corriam por cada linha do

texto, mas também se fixavam na face de Peter, tão rígida e concentrada no que fazia, seus olhos azuis petróleo brilhando atrás das lentes de seus óculos, o que será que passa em sua mente?
Sem notar comecei a cantar junto com a música que estava a tocar no celular de Peter, *Ain't No Moutain High,* imitando a voz feminina que estava a cantar fazendo uma dançinha contida com a cabeça e meu tronco, Peter começou a rir e percebi que o mesmo estava a me observar, então eu comecei a dançar mais, me ajoelhando no banco e pegando o celular como se fosse um microfone, não demorou para Peter começar a cantar a música com a mesma animação que eu.
Parecíamos 02 crianças, dançando e cantando aquela canção no convés só nosso. De todos os momentos que havíamos tido até agora, esse havia se tornado de longe o meu favorito, havia sido tão natural a forma que essa brincadeira começou e agora estávamos um de frente para o outro, ofegantes e risonhos, segurando as mãos um do outro e dividindo beijos apaixonados. Eu nunca havia vivido nada igual ao que estava vivendo com Peter; e é essa a grande sacada de se apaixonar por alguém, nunca vai ser igual à outra paixão. Ninguém nunca vai ser igual a Peter.

Mas com Peter, ah ... Eu sei. Sou boba, imatura e ingênua só por pensar dessa forma, mas tudo com ele é tão intenso, diferente ... ele é tão meu. Peter tornava o difícil, fácil. Me sinto boba por me *sentir* assim, mas não posso me enganar mais, eu estou completamente apaixonada por Peter.
Pelo seu olhar enigmático em minha direção, seu sorriso leve e tímido que cai em seus lábios e logo seus olhos erguem-se em minha direção, seus lábios quentes tocando os meus com desejo e paixão, sua mão segurando a minha mesmo estando gelada e suada de nervosismo, o modo que ele semicerra os olhos observando o desenho que faz com a atenção, a maneira que mexe em seus cabelos de modo desleixado deixando aqueles fios lisos e pesados caírem de um modo despojado, a sua voz baixa, firme e rouca deliciosa de ser ouvida a qualquer momento, adoro a sua risada sincera e contida, o seu perfume amadeirado doce, a sua barba não feita após acordar. Ah, como não falar da sua inteligência, esperteza, altruísmo, afeto, carinho e humor tão marcado com sua personalidade forte; eu agora via que não tinha sorte de ter o encontrado, ele realmente foi feito para mim. Peter fazia meu coração acelerar e meus lábios se abrirem em um sorriso enorme em questão de segundos, com apenas

a sua chegada, ninguém nunca havia me feito sentir assim tão ... *única*.

O sol não nos aquecia como antes, apenas tomei conhecimento de uma nova mensagem quando fui em busca do celular para ver as horas, ao abrir a nova mensagem me deparei com as seguintes palavras enviadas em massa por Britanny Smith:

Que flagra! Joana e Steve transando no banheiro! É, parece que nossa Joana não é tão santa assim e esta devolvendo a Rachel com a mesma moeda.

Primeiro eu reli a mensagem umas duas vezes, pensando bem naquelas palavras e tentando decifrá-las. Podia ser mais uma das mentiras de Britanny, mas havia algo de diferente dessa vez: fatos. Joana e Steve estavam se reaproximando. Um amor como o deles não acaba de um dia para o outro, mesmo com sobre as conseqüências vividas, vamos dizer que eles acabaram por ficar sozinhos, conversando e quando notaram havia um clima entre eles e não conseguiram controlar a tensão sexual? Acho bem possível, porque não? Como será que Rachel está reagindo a tudo isso? Essa pergunta me atormentou por breves segundos enquanto eu digitava uma mensagem a mesma, questionando se isso era verdade e como ela estava se sentindo em relação, se queria falar comigo. Ela não demorou a responder:

Rachel
É tudo verdade. Eu o confrontei e o mesmo não negou, e ainda confessou que ainda gosta de Joana. Então, estamos dando um "tempo", pelo menos é isso que ele acredita. Não quero falar sobre, tenho muitas coisas para fazer para a peça, nos falamos na festa de encerramento.

Com essa resposta tive todas as minhas questões respondidas. Ela estava mal, conhecia Rachel e sabia que quando ela queria se isolar fingia que tudo estava bem e que ela estava ainda no topo por mais ferrada que a vida dela estivesse, mas eu podia ver claramente por trás desse muro de fingimento: ela estava bem abaixo do topo, num lugar escuro e triste. Sofrendo. Sozinha. Por amor pela primeira vez, tinha certeza disso.
Em seguida me afundei em um mar de sentimentos: raiva, preocupação, mais raiva e

uma vontade de dar um fim a isso. Essa ultima parte era o meu lado justo me controlando. O lado justo e coerente; o meu lado justiceiro.
Olhei para Peter pelo menos umas cinco vezes, pensativa e questionadora, o mesmo largou a lapiseira no meio do caderno ao notar a minha atitude.

- O que foi? – Com um tom de voz firme, parecendo incomodado com os meus olhares e expressão.
- Nada. – Menti, dando de ombros.

- Não é o que parece. – Ele olhou de mim para o celular. – Você vai acabar quebrando o celular se continuar segurando-o dessa forma. – Olhei para minha mão vendo que estava segurando o celular com uma força desnecessária, larguei o mesmo no meu colo e coloquei ambas as mãos em meus cabelos, os jogando para atrás enquanto meu rosto se afundou em meus joelhos. – Kate, o que aconteceu?

- Merda. – Xinguei baixinho e voltei a olhar para Peter que me observava preocupado. – Foi o que aconteceu. Mais merda em minha vida, ou melhor, na vida dos meus amigos. – Enruguei meu cenho, amadurecendo uma ideia inconveniente que surgiu em minha mente. Talvez não fosse tão incoerente, além do mais, não era uma ideia ruim. Estava na hora de alguém parar a Britanny e esse alguém sempre fui eu. - É complicado, não quero te envolver nisso, mas preciso fazer uma coisa. – Fiquei de pé em um pulo, mas Peter logo seguiu meu movimento, segurando a minha cintura com uma mão e pegando o meu celular com a outra. – Ei!

- Mas o que é isso? – Ele questionou lendo a mensagem com uma expressão de choque. – São as mensagens que aquela garota que não me lembro o nome agora, mas que se acha a *Gossip Girl* ... costuma mandar?

- Não sei o que é estranho: você lembrar de Britanny ou de ter o conhecimento da série *Gossip Girl*. – Murmurei com sarcasmo o observando.

- Amélia assisti toda a semana: chora, xinga a tal da Serena, grita com um tal de Nate e por incrível que pareça, até ri; ela tem todos os livros, temporadas e cd oficial, preciso dizer que ela é viciada em *Gossip Girl* ou você já pegou a ideia? – Ergui ambas as sobrancelhas com sua resposta sem humor. – Então, é a tal garota?

- Ela mesma ... – Murmurei, me recordando de ter mencionado sobre ela em certa ocasião.
– Eu preciso acabar com isso. – Conclui de forma incisiva.

- Como? – Peter questionou, me seguindo lado a lado com uma expressão cômica. – Vai esquartejá-la e esconder os restos mortais no assoalho do navio?

- Não, Dexter ... Ew! – Olhei para ele com uma expressão de nojo, mas meu tom de voz foi bem hóstil. – Isso é doentio, mas não seria uma má ideia alguns puxões de cabelo e talvez tapas, quem sabe assim ela pare com essa palhaçada de mensagens contado sobre a vida de todo mundo e arruinando mais elas.

- Violência não leva a lugar nenhum.
- Desculpa, anjinho, mas no momento preciso do diabinho.

- Eu posso ser ele também, contudo ... – Peter parou na minha frente no exato momento que entramos no corredor do saguão principal, essa ação que fez meus olhos reviram em descontentamento. – Preciso ser a sua voz da razão no momento. O que você pretende fazer, Kate?

- Não sei ... Alguma coisa.

- Ela não estuda com vocês desde o primeiro ano? – Afirmei tal questão. – E até hoje ela continua mandando tais mensagens mesmo com a demonstração evidente da turma de descontentamento? – Concordei novamente com a pergunta, ele cruzou os braços parecendo surpreso com algo. – E porque diabos você quer impedi-la de continuar fazendo isso, se ela não falou sobre você e ressalto que ninguém, nem os mencionados na mensagem, parecem tão determinados a pará-la?

Fiquei em silêncio procurando uma forma sucinta de explicar a Peter o por quê de eu querer pará-la, algo que o fizesse apoiar minha causa, mas sabia que ele não gostaria nada da minha resposta.

- Porque sim.
- “Porque sim“ não é resposta.

- Para mim é.
- Kate, você é muito teimosa. – Peter disse com o tom de voz alterado.
- E você é um intrometido. – Disse trincando meus dentes.

- Se estou me intrometendo é porque me preocupo com você. Estou tentando abrir seus olhos para os fatos. Essa garota inferniza a vida de vocês há 03 anos e ninguém, repito, ninguém tentou impedi-la, nem com palavras, porrada ou processos, não estou certo?
- A ideia sempre existiu, só faltou coragem. Pronto, falei. – Murmurei, enrugando o cenho.
– A família dela é muito influente, não só na Carolina do Norte como em outros grandes estados, o pai dela conhece todos os principais diretores das faculdades mais importantes dos Estados Unidos e a mãe dela é uma socialite que sempre está saindo em revistas de fofocas e conhece muitas pessoas importantes. Por isso ninguém nunca fez nada contra Britanny. Ninguém quer se meter com eles. Todo mundo tem medo de se prejudicar se fizer algo contra ela, mas eu não ... não mais. – Dei alguns passos, mas Peter segurou meu braço, me puxando para perto de si o que fez eu revirar os olhos novamente. – Isso está ficando chato!

- O que? Eu tentar te proteger de si mesma. Pense, Kate, antes de fazer, pense. Você é extremamente impulsiva, precisa pensar mais, antes de fazer.
- Sim, e velha também. Não se esqueça. – Murmurei com um tom debochado.

- É sério, Kate. Se você tem certeza do que quer fazer, ótimo. Te apoio completamente, mas saiba que isso terá conseqüências. Essa garota não tem escrúpulos e se todo mundo tem medo de tentar impedi-la você também deveria ter. Vamos dizer que ela não goste da sua atitude e peça para o papai que converse com o diretor de Columbia para cancelar a sua vaga? – Ergui ambas as sobrancelhas, surpresa com tal ideia. – Não tinha pensado nisso, não é? Eu só quero que você pense, antes de cometer uma besteira; essa garota não tem escrúpulos e eu não quero que você se prejudique querendo defender quem nem está afim de ser defendido.

- Não é uma besteira, eu tenho que fazer isso, Peter. Pelos meus amigos.
- Eles não fizeram o mesmo por ti quando ela ti difamou. Fizeram ou ... ela nunca

falou de você?

- Ela já falou, e muito, Rachel queria matá-la até ... Mas eu não deixei, é claro. – Pausei, o observando sem saber ao certo como convencê-lo. - Peter, eu cansei. Não vou conseguir viver dentro de mim depois dessa mensagem. Eu tenho que falar com ela. Antes era diferente. Britanny nos difamava, contudo éramos unidos. Nada nos derrubava porque éramos amigos, tínhamos um ao outro em todos os piores momentos, mas agora é cada um por si ... E qualquer mensagem assim só piora a situação e eu quero que isso acabe. Eu quero que sejamos amigos novamente, sei que não vai ser o mesmo, mas vale à pena tentar e para isso preciso cortar o mal pela raiz que é Britanny. – Ergui ambas as sobrancelhas falando de forma firme - E sabe do que mais? Dane-se as regras de boa convivência, ela envergonhou a Rachel publicamente, eu tenho esse direito, eu tenho que fazer isso, principalmente por ela.

Peter me olhou com uma expressão terna, era uma mistura de preocupação e admiração o observei com estranheza e o mesmo beijou os meus lábios com carinho, ao se afastar sorri, notando que ele havia compreendido o que eu queria dizer e fazer. Não era apenas impulsividade, eu só sabia que tinha que fazer isso pelas pessoas que amo, era uma questão de amor:
- Me deixa pelo menos ir com você?

- Estamos num oceano livre, meu caro. – Murmurei com um tom de voz sensual, sem deixar a pose cair. - Você pode ir onde quiser.
- Rá rá. Sempre engraçadinha.

Com Peter em meus encalços descemos até o segundo andar, onde Britanny havia se hospedado em uma suíte, supôs que ela estivesse por lá já que rodamos todos os lugares principais do navio e nenhum sinal da mesma, mandei uma mensagem de alerta a todos da turma - menos ela e Joana, é claro - querendo saber se alguém havia a visto, mas nenhum de meus colegas de turma que responderam a viram. Eu podia ligar para a mesma, mas queria pegá-la de surpresa, totalmente despreparada para o meu confronto. Eu estava em dúvida em qual quarto ela estava, mas resolvi jogar com a sorte. O corredor estava em total silêncio como as cabines, então liguei para ela, não muito longe de onde estávamos, ouvi uma música sendo tocada, ao desligar a

ligação o som parou, logo encontrando a cabine de Britanny. Bati na porta e não demorou para ela nos atender, assim que abriu a porta vi sua expressão de surpresa mudar para curiosidade questionei se podia entrar e ela disse que sim, questionou a Peter se ele queria dar essa honra a ela, mas sem dizer nada a mesma, ele me olhou e disse que me esperaria do lado de fora.
A cabine de Britanny tinha a mesma arrumação que a de Peter, com a diferença que o lugar estava completamente bagunçado com malas, sacolas e roupas por todas as partes, ouvi a porta sendo fechada atrás de mim e me virei, observando Britanny se aproximar, parando a minha frente e me olhando de cima abaixo com uma expressão de curiosidade.

- Ora, ora, ora. O que temos aqui? Katerina Farrell, a pobre garota do condado de Durham.
– Com um tom falso de voz ela continuou, agora me olhando com malícia. - Deixa eu adivinhar: você leu a mensagem sobre seus amiguinhos e não gostou nadinha sobre e veio defender a honra deles?

- Você deveria ter essa percepção para o seu semancol, porque está na hora de você usar ele.
- Querida, semancol é para os fracos. – Britanny se afastou se sentando de forma pomposa em uma poltrona próxima. – Pessoas como eu e você não utilizamos desse tipo de artifício.
- Eu não tenho nada de parecido com você, Britanny.

- Na realidade, você tem tudo. Luta por tudo que quer, é sincera ao extremo, não se preocupa nem um pouco se tem que passar por cima de alguém ou não, desde que realize o seu desejo ... Pelo que vejo, somos mais parecidas do que você imagina e deseja, Kate.

- Eu não sou assim. – Murmurei, rindo de forma debochada. – Eu não sou baixa. Eu não vivo de difamação e mentiras só para sentir que a minha vida não é tão miserável e podre como você faz.

- Eu não menti sobre Joana. Na realidade, a maioria das minhas mensagens são

verdades, algumas eu tenho que apenas ... diríamos, distorcer certos fatos para se tornar mais atraente ao meu fiel público, mas acaba que o destino as transforma em verdade de algum modo, isso já aconteceu uma ou duas vezes.

- Seus colegas de classe. – Murmurei com um tom de voz sentido. - Pessoas com quem você convive há 03 anos, que conhece, sabe de suas vitorias e sofrimentos e mesmo assim você tem o prazer de fazer a vida de cada um deles um inferno. Você não vê o quanto isso magoa e afeta cada um de nós?

- Eu vejo e adoro. É fascinante notar como os seres humanos se afetam com tão pouco como uma mensagem de texto com algumas palavras que podem ser verdade ou mentira. Namoros acabam, amizades acabam, pessoas mudam ... É mágico, incrível.

- Você é doente.
- Essa é a sua visão sobre a minha pessoa. Não quer dizer que eu seja assim.

- Não, você é pior. – Britanny sorriu, como se eu tivesse acabado de dizer que ela era uma pessoa incrível, meus olhos observavam aquela jovem, tão bela e inteligente, mas ao mesmo tempo, tão podre e defeituosa por dentro. – Não é porque você tem uma vida miserável que todos ao seu arredor devem ter. Se você é sozinha, a culpa é unicamente sua. Você se colocou nessa posição com as suas maldades e hipocrisias, foi você que escreveu seu destino.

- Lição de vida agora, Katerina? Já passei dessa idade. – Ela disse com deboche com uma expressão de desinteresse. – Se você veio aqui para isso, a porta é serventia ...

- Eu vim aqui pedir para você parar com essas mensagens. – Britanny me olhou com uma expressão cômica, como se eu tivesse lhe pedido algo muito imbecil e engraçado. – Já passamos dessa época, Britanny. O colégio acabou, não há mais intrigas, mentiras e confusões para se armar, antes não se ganhava nada com isso, agora então ... Porque continuar prejudicando todo mundo?

- Porque eu posso. – Ela ficou de pé, bem em minha direção me observando de forma intimidadora.

- Cresça, Britanny. As pessoas seguem em frente ... Você já arruinou e continua a arruinar a vida de várias pessoas, mas elas vão seguir em frente, da mesma forma que você também vai, seja lá para onde for e sabe o que vai acontecer? Todos vão superar o que você causou de ruim e irão amadurecer, mas você vai continuar errando até o último suspiro. Então porque continuar com isso só pelo simples fato de poder, se você pode ser melhor do que isso? O que a Joana, Steve e Rachel fizeram para você para odiá-los tanto?

- Todos vocês me menosprezaram. – Britanny disse de forma marcada, como se estivesse sublinhando cada palavra dita.

- Nós nunca fizemos isso. Pelo contrário, no primeiro ano tentamos ser seus amigos principalmente depois do acidente com seu irmão... – Britanny abaixou as sobrancelhas, ficando com um olhar caído. A lembrança do acidente de carro que ela causará há 03 anos atrás, o que ocasionou a morte de seu irmão mais novo tomou sua mente. Era um assunto que ninguém falava com a mesma já que depois desse evento, Britanny mudou completamente seu comportamento, acredito que foi ai que as mensagens começaram.Você se afastou da gente, como se tivéssemos feito alguma coisa contra você ... Mas fizemos nada. Você é quem afasta as pessoas da sua vida ... Eu não sei por que, se foi a morte do seu irmão ...

- Não fala dele. – Ela disse de uma maneira rude, me olhando friamente. – Você não tem esse direito.

- E você não tem o direito de falar da vida de ninguém, mas mesmo assim fala. Me diga, você gostaria se eu enviasse para todo uma mensagem contando sobre os tratamentos psiquiátricos que você fez depois da morte do seu irmão? Dos remédios que teve que tomar? Ou quem sabe do fato que sua mãe lhe culpou por mais de 06 meses pela morte do seu irmão isso se ela até hoje não te culpa por aquele dia? Até te mandar para casa da sua tia ela mandou, só para não ter que lidar com você, só mudou de decisão graças a uma conversa com Eleonor Ray.

- E-eu diria que é-é tud-do mentira. – Ela disse com a voz tremula, mas seus olhos não estavam preenchidos de lagrimas, ela era incapaz de tal coisa.

- Ninguém acreditaria. Sabe por quê? Porque você não tem amigos. Ninguém gosta de uma pessoa falsa, hipócrita e mentirosa. Qualquer coisa negativa sobre essa pessoa é fato verídico de imediato. Você iria gostar que alguém contasse esses assuntos pessoais a toda sua turma? Ter sua vida, sentimentos e temores mais profundos expostos? Eu acho que não.

- O que você pretende com isso, Kate? Você acha que palavras me assustam?
- Não, mas atos sim. – Falei com certeza.

- O que você vai fazer? – Britanny riu de forma debochada. – Ah, meu Deus! Vai mandar coisas sobre mim para todo mundo ler? Tentar me fazer provar do meu remédio? Querida, esse trabalhinho sujo só é bem feito por mim.

- Não, isso eu deixo para você. É mais do seu tipinho de pessoa. Se estou aqui, é só pra lhe dar um aviso, Britanny. Continua com essas suas atitudes e você vai experimentar o que é ser prejudicada, e garanto que não será pelas minhas mãos, será por forças maiores, diria.

- É só isso? – Britanny disse, despreocupada.

- Eu sei por onde sair ... – Sorri de forma maliciosa e me virei, desfazendo o sorriso, ao sair do quarto dei de cara com Peter que estava encostado na parede da frente. A porta bateu atrás de mim graças a minha raiva que escorria pelas minhas mãos.

Peter me olhou com uma expressão preocupada e eu balancei a cabeça negativamente, sorri para ele em um pedido silêncioso de desculpas por ter feito presenciar tal momento, estiquei minha mão na sua direção e sem hesitar ele a segurou e seguimos pelo corredor, indo embora do ambiente.

Peter sugeriu que fossemos para sua cabine, onde teríamos privacidade para conversar e ele pediria ao serviço de quarto o nosso almoço. Ainda no corredor senti em meu bolso o celular vibrar, de imediato não gostei da sensação ruim que tive, talvez estava se tornando um costume graças às mensagens de Britanny, queria estar errada uma vez, mas tinha razão em minha sensação. No visor, deparei me com uma nova mensagem, ao abrir a mesma descobri que ela havia sido enviada em massa e

continha o seguinte:

Britanny
Kate ataca de heroína. Colocou finalmente as garras para fora defendendo a honra de Rachel e Joana, logo ela que é igualmente suja. Boa tentativa para quem tem um suicídio no currículo e um lorde na cama.

Da minha mão o celular escorregou caindo em um baque no chão.
De súbito senti uma profunda dor no meu estômago como se dezenas agulhas tivessem penetrados minha pele de uma vez só e continuavam nessa seqüência sem parar, minhas mãos seguraram meu estômago e eu me encolhi, mas não entendia se era pela dor no estômago ou pela súbita sucessão de memórias que tomaram conta de minha mente. Eu ouvi a voz de Peter longe chamando pelo nome, havia me desligado completamente do presente e estava me entregando ao passado, não me concentrei nele, as memórias eram vivas demais.

Estava sozinha em casa.
Minha mãe havia acabado de sair para trabalhar.
Joseph não morava conosco ainda, logo Chuck também não, mas meus avos sim, sendo que eles haviam ido a feira fazer compras para a semana. Bruce, meu cachorro estava no quintal se distraindo com algumas borboletas que voavam no ambiente.
Era o momento ideal para acabar com toda aquela dor.
Ninguem e nem nada me impediria.
Eu não suportava mais estar viva, enquanto ele não.
A morte sempre foi uma incógnita para mim - e sempre seria - e ao perder meu pai questionamentos surgiram em massa em minha mente e pude compreender o que a morte era. Era o fim de tudo, numa visão pura niilista..
Ver o sofrimento através dos olhos de minha mãe e avó quando elas me observavam era tortuoso, elas sabiam que me doía de uma forma que ninguém entendia. Era o meu pai que havia falecido, uma parte de mim havia morrido junto com ele e ninguém compreendia isso, ninguém. Essa dor que eu sentia não iria se curar de um dia para o outro, nem em semanas ou meses, ela seria eterna e elas sabiam disso.
Sabiam que eu não era a mesma pessoa e nunca voltaria a ser.
Não comia, falava, ria, mal dormia por culpa dos incessantes pesadelos, não saia

com os meus poucos amigos, principalmente com Rachel a quem ignorava completamente, só ficava sentada na cadeira de balanço, às vezes lendo um livro, outros momentos escrevendo em meu diário, mas na maioria das vezes olhando para o nada, presa em minha mente, remoendo as poucas lembranças que ainda tinha dele, me questionando: Por quê? Porque ele? Porque tira-lo de mim desse modo?
Era injusto.
Ele era um homem bom, porque deixar ele morrer? Por que Deus fez isso? Eu não entendia por que ...
Eu ia na igreja, o padre falava sobre a vida e a morte com eloqüência, fé e esperança, e eu continuava a não entender suas palavras, elas não tinham significado para mim.
Ia em busca de meus livros espíritas e o mesmo acontecia.
Budismo, Cabala, Hinduísmo, Islamismo, Judaísmo, Filosofia;
Continuava sem respostas.
Minha mãe conversava comigo, minha avó, até mesmo Joseph que tinha suas dúvidas sobre a existência de Deus, mas nada ...
Eu agia de forma irredutível.
Eu dizia que queria compreender, mas no fundo não queria, sabia qual era a resposta há muito tempo e não a aceitava, por isso preferia ignorar minha mente e coração.
Com o passar das semanas, eu só piorava.
A minha dor estava me transformando em uma pessoa ruim.
Eu temia acabar meus dias sozinhas e que acabasse por perder todos os meus entes queridos, um por um, como perdi o meu pai, de forma inesperada e dolorosa. Eu tinha que acabar com a minha dor, que não era só minha, já que estava a causar a dor de todos também.
Estava com aquela decisão em minha mente.
Era a única saída.
Sabia que era algo idiota, que não era do meu feitio, mas já estava decidido. Doía e muito apenas a ideia, eu era mais forte do que pensava, podia encarar o futuro, mas uma parte de mim, a mais enfraquecida, dizia em sussurros que eu não agüentaria e acabaria matando minha mãe e minha avó de tristeza e a todos que me amam, essa ideia me doía muito mais, saber que a dor delas era por minha causa era muito pior do que qualquer coisa. Elas não tinham que sofrer por causa de minha dor, elas não mereciam isso. Elas superariam um dia, parecia egoísta pensar dessa forma, além do

mais, eu amo minha família e muito, mas estava fazendo isso principalmente por elas, eu sabia que elas entendiam melhor a morte de meu pai, logo, compreenderiam o porquê de eu estar fazendo isso, seria pelo bem de todos, principalmente o meu.
Deixei uma carta de 02 páginas em cima da escrivaninha, assim seria vista por qualquer um que adentrasse no quarto e me encontrasse na cama.
Fui até o banheiro e enchi um copo de água, abri o frasco laranja observando o vidro quase que completo por capsulas brancas de pílulas para dormir. Tomei metade do vidro com um gole do copo, sabia que isso seria o suficiente, mas não quis arriscar e tomei o resto da água com o que sobrou dos comprimidos.
Me observei no espelho, aquela imagem ali refletida não era eu.
Uma jovem pálida com fundas olheiras, olhar vazio, os cabelos desgrenhados por falta de cuidado e os lábios rachados ... Não lembrava em nada aquela jovem sorridente, expressiva e viva, era como se eu já estivesse morta.
Só faltava apenas que o coração parasse para tal coisa se completar e era isso que os comprimidos fariam.
Caminhei na direção da cama, mas minha visão se escureceu, uma forte tonteira me dominou, cai no chão sem nem ao menos conseguir me segurar, minha cabeça se encontrou com o chão com força o que causou uma zonzeira maior em minha visão e audição. Ao longe ouvi uma voz me chamar, não reconhecia quem era, mas de imediato me arrependi do que havia feito.
Não queria que me encontrasse no chão, como se tivesse sofrido uma grande dor, e sim, na cama, com uma expressão de paz e alivio.
Foi quando reconheci a voz de minha mãe gritar pelo meu nome, mas não conseguia vê-la, apenas ouvi-la, e esse arrependimento apenas aumentou. Eu queria pedi perdão, mas não conseguia, minha língua estava enrolada em minha boca, meus lábios adormecidos, dá mesma forma que sentia meu coração enfraquecido e estava sendo difícil respirar, eu queria abrir meus olhos e me sentar, mostrar a ela que ficaria bem, que ainda havia tempo de reverter essa burrada, mas a dor forte em meu estômago impedia qualquer tipo de movimento, eram como agulhas me perfurando incessantemente ...

A mesma dor que eu sentia agora.
Britanny havia aberto aquela cicatriz que estava fechada em minha vida.

Me lembrava de tudo claramente, como se tivesse ocorrido há algumas horas atrás. Da sensação das pílulas descendo em minha garganta, a tonteira que me atacou de súbito, a voz de desespero de minha mãe, sua mão batendo em meu peito tentando me trazer de volta a vida e depois ... Depois acordava no hospital com vários tubos ligados em meus braços e uma dor horrível em minha garganta.
O olhar de dor e sofrimento vindo de minha mãe me matou pela segunda vez, tive desprezo pela pessoa que estava me tornando, mas foi nesse momento que decidi que faria de tudo para voltar a ser quem eu sempre fui: Katerina, a jovem forte, engraçada, feliz e única que sempre fui, iria demorar, mas iria voltar a ser aquela garota, melhorada e mais evoluída, e tudo isso pela minha mãe e pelas pessoas que amava.
A dor nunca passou, mas eu a superei. Sentia falta de meu pai de um modo excruciante, mas nunca mais me entreguei a essa falta, a essa dor, porque havia muito para se viver nessa vida e ele queria isso.
Eu tinha minha família, meus amigos, meu futuro grandioso ... Tanto a se fazer, tanto a se viver. A religião também me ajudou muito, a visão espírita sobre a morte e a vida me fez compreender melhor tudo o que eu sentia. Então, evolui e amadureci muito depois desse evento, guardei tudo isso em uma parte remota de meu coração com uma cicatriz bem suturada e agora ela estava aberta, sangrando litros bem diante de Peter, no meio daquele corredor.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto minhas mãos agarravam meu estômago com força. Eu queria que aquela dor passasse, que aquelas lembranças voltassem a serem apenas uma cicatriz já fechada e curada, que apenas deixou uma marca bem feia em minha vida.
Peter estava parado a minha frente com a sua mão em meus ombros me olhando com os olhos cheios de lagrimas, sua mão desceu até a minha a segurando, enquanto pedia que eu olhasse para ele, quando eu fiz isso seus olhos se iluminaram em surpresa e alivio, ele acariciou meu rosto e eu voltei a chorar com pesar, sem hesitar ele me pegou em seus braços, sem grandes esforços e me levou para seu quarto, não vi como entramos por ter afundado meu rosto em seu peito, mas ouvi a voz de Phill surpreso em me ver no colo de Peter, naquele estado, querendo saber o que havia acontecido, mas Peter não sabia explicar, eu sim.

Senti que Peter me deitou em sua cama e pediu a Phill que trouxesse um copo com água e açúcar para me acalmar e voltou a se aproximar de mim, no exato momento que me sentei na cama, tentando me acalmar com o choro. Minhas mãos estavam tremendo e eu não sabia como explicar isso a Peter.
Olhei para ele notando sua expressão de preocupação, isso fez com que eu me encolhesse, eu teria que contar tudo a ele. Não tinha escolha.
Toda essa parte da minha vida, que eu não gostava de lembrar, teria que dividir com ele. Um dia eu teria que contar, mas não hoje.
Não é algo tão simples de se dizer: *Ei, eu já tomei um vidro de pílulas para dormir, porque queria dormir para sempre, se é que você me entende.*
Eu podia mentir. Sim, podia dizer a ele que tive um ataque de nervosismo, culpa da peça de teatro que teríamos que apresentar em algumas horas, mas ao olhar em seus olhos, não tinha como ... Não conseguiria mentir para ele sobre isso.
A sua preocupação era evidente, ele realmente se importava comigo.
Como conseguiria mentir para ele?
Não tinha como ignorar o que havia acabado de acontecer.
Phill voltou ao quarto, pediu perdão por ter demorado, mas explicou que não tinha encontrado o açúcar, questionou se podia fazer algo mais, mas Peter disse que não, logo nos deixando a sós. Peter se sentou ao meu lado e entregou o copo em minha direção, peguei o mesmo como se estivesse com uma sede devastadora o tomei em dois goles únicos. Ele me observava com atenção e quando devolvi o copo a ele o repousando na mesa de cabeceira, Peter entregou o meu celular, observei o mesmo notando que a mensagem ainda estava aberta, fechei meus olhos e passei uma das mãos em meus cabelos tendo a certeza que a verdade teria que ser dita.

- Você leu? – Questionei em um tom rouco. Ele balançou a cabeça positivamente.
- Se você quiser falar sobre, estou aqui. – e disse por fim.

Respirei profundamente, pensando em como falar sobre esse assunto com Peter. Me lembrei das palavras que Britanny usou naquela pequena mensagem: “ ... tem um suicídio no currículo e um lorde na cama .” Voltei a me encolher, me sentindo suja com tais palavras. Meu passado realmente não era um dos mais bonitos e perfeitos, mas o que posso fazer? Sou humana. Estou nessa condição para errar, aprender com os meus erros para acertar ou quem sabe continuar errando, mas uma coisa tenho

certeza: não nasci para ser perfeita, mas mesmo assim, tendo isso em mente, ao ler esse tipo de coisa sobre mim, me dá calafrios, por saber que isso tudo é verdade, eu fiz isso, não é uma mentira de Britanny. Me sinto pior ainda com a ideia de que tenho "um lorde na cama". É como se eu estivesse com Peter só por isso: sexo e nobreza. Imagine se Miranda lê isso? Ela teria todos os motivos do mundo para me banir de sua família e da vida de Peter pelas próximas oito gerações.
Tantas coisas que gostaria de dividir com ele, menos isso. Eu não gostava de ter essas lembranças novamente vivas em minha memória, me doía ter sido tão fraca ao ponto de ter tentado suicídio, me doía à dor que causei em minha família, se eu fosse metade da pessoa que era hoje isso nunca teria acontecido, mas garanto que muita coisa seria diferente agora. Não tinha coragem de encarar Peter, sabia que ele me veria com outros olhos agora não sabia se isso seria positivo ou negativo, mas sabia que seria uma boa forma de ele me conhecer por completo.
Os lados bons e ruins de Katerina.
Sem hesitar mais nenhum segundo contei tudo a Peter, desde o motivo para o suicídio, até como planejei, o que tomei, as duas semanas que fiquei internada no hospital, o sofrimento que causei em minha família e amigos e a terapia que fui obrigada a fazer por um ano inteiro, sendo diagnosticada com ansiedade e nervosismo.
Eu não chorava mais, a dor havia cessado, mas meus olhos estavam presos em Peter, esperando toda e qualquer reação sua após ter concluído tudo que havia a dizer.

O mesmo estava pensativo, seus olhos me observavam de uma forma que nunca haviam antes, seus lábios se abriram e se fecharam por pelo menos duas vezes, ele não sabia o que dizer ao certo e eu não o culpava.
Voltei a me encolher, me sentindo tão nua e exposta a Peter, ele tinha basicamente toda a minha vida em suas mãos. Meus erros, sentimentos, dores, magoas, tudo estava em sua mente e coração.
Nossos olhos se encontraram pela primeira vez depois de tudo que lhe dissera e foi quando seus lábios tocaram os meus de uma forma carinhosa e apaixonada, suas mãos afundaram em minha cintura me puxando para cima de seu colo, onde continuamos a nos beijar, apenas estraguei o momento querendo entender porque diabos estávamos nos beijando depois de tudo que eu havia dito:

- Não tem nada a perguntar? A dizer? - Questionei, o observando.

- Não. – Ele disse, acarinhando meu rosto com aquele sorriso que fazia meu estomago gelar. – Só o fato de você ter contado tudo isso para mim já me mostra que não há nada a perguntar ou dizer. Você confiou algo assim para mim só mostra o quanto você se importa e me respeita. Eu não tenho ideia de como seja difícil passar por isso, mas ... Eu só consigo pensar em beijá-la e cuidar de você, mais e mais, depois de saber disso eu tenho a única certeza que sou o cara mais sortudo do mundo de ter te encontrado. Por todos esses caminhos difíceis, momentos tortuosos, mas mesmo assim, nossas vidas se cruzaram. Sou muito sortudo de ter você aqui e agora. Desse jeito como essa garota, por mais que esse evento tenha sido horrível na sua vida, você nunca seria a garota que é, a minha Kate, sem isso ter acontecido.

- Eu sei, me arrependo do sofrimento que causei a quem amo, mas não me arrependo do que fiz. Se sou essa Kate é graças aquela Kate do passado ... É engraçado como você me entende sem grandes esforços.

- Você me entende também. – Peter sorriu voltando a acarinhar meu rosto. – Eu gosto de pensar que somos almas gêmeas.
- Isso não existe, Peter. – respondi, sorrindo de lado descrente a sua afirmação.

- Isso é o que você quer acreditar, mas vou te provar o contrário. – Peter aproximou seu rosto do meu distribuindo leves beijos em meu rosto. – Você dúvida que eu mude o seu pensamento? – Era exatamente o que eu queria que ele perguntasse. Um desafio sempre é bom para alma.

- Duvido. – Respondi o desafiando com um grande sorriso em meus lábios, sem hesitar Peter segurando minha cintura me empurrou na direção da cama, ficando por sobre o meu corpo.

Seus beijos iam de meus lábios até o meu pescoço, se aventurando em beijar meu ombro e voltar a meu rosto, lábios, pescoço ... Eu também me divertia entre mordidas em seus lábios e pescoço, nos descobríamos de uma forma ingênua e calma, sentíamos o que um e o outro gostava e nos deliciávamos nutrindo o desejo

que tínhamos. Se eu contasse isso a Rachel, ela bocejaria de tédio, ela gosta de *ação* e eu de sentimento. Eu estava nas nuvens com o romantismo e paixão de Peter da mesma forma que eu sabia que ele estava adorando cada toque e beijo dado por mim. Por mais que eu desejasse continuar nesse clima, Peter achou melhor pedir o almoço, precisávamos estar bem alimentados para a apresentação que seria em algumas horas, mas depois dos últimos eventos eu estava completamente sem fome. Peter havia conseguido fazer eu me esquecer momentaneamente do que Britanny havia feito, mas agora tudo estava voltando. Foi muito difícil contar tudo a Peter, mas teve seu lado positivo, ele agora conhecia muito da minha alma, para ser sincera, conhecia o meu segredo mais negro. Ele e agora vários colegas de turma que nem na época sonhavam em me conhecer, nesse momento sabiam desse meu segredo. Melhor parar de chamar de segredo algo que não é mais e encará-lo como de fato o que ele é. Um momento de minha vida que tentei suicídio. Ponto.

Pensei que dizer a Peter que estava sem fome o comoveria a deixar que eu não comesse, mas aconteceu exatamente o oposto. Ele insistiu tanto que comesse pelo menos os legumes com o frango que acabei comendo com uma salada de verduras, mais sobremesa, porque ele de propósito pediu mouse de chocolate. Ele estava indo para o segundo prato de arroz com frango e molho quando meu celular tocou, era o toque especifico da Rachel, corri para o quarto de Peter me jogando na cama e pegando o celular, que estava escondido embaixo do travesseiro:

- Fala, Rach. – Murmurei com certa animação.
- Me encontre na piscina principal. Temos uma vadia para exterminar. – A voz de Rachel murmurou de forma seria do outro lado da linha.
- Okay, devo levar minha bazuca ou minha espada? – Questionei com uma expressão de dúvida, Peter me observava com atenção querendo saber o que estava a acontecer.

- Leve o que você quiser, isso pouco me importa. Só se encontre comigo em 10 minutos na piscina central e por favor, não leve o lordezinho com você. O que vamos fazer deve ficar apenas entre nós. – Rachel disse de forma firme, pude ouvir que ao fundo havia várias vozes, ela provavelmente estava em algum lugar movimentado.

- Você não tinha um monte de coisa para fazer antes da estréia da peça?
- Tenho, mas isso pode esperar por alguns minutos. Temos que resolver essa situação sobre a monstra. Ela foi *longe* demais.

- Só agora você notou isso? – Questionei com uma sobrancelha erguida, observando a coleção de cd's de Peter. – Ela sempre foi longe demais.
- Você me entendeu.
- Na realidade, não Rach, não compreendi.
- Ela falou sobre o *aquilo-que-não-falamos*. – Ela disse em um sussurro.
- Sobre o meu suicídio? Ah sim ... Estou tentando ignorar a ocorrência disso.
- Ela nunca vai parar, Kate. Temos que fazê-la parar agora.

- Ela vai parar um dia. Todos vão seguir com suas vidas, cada um vai seguir seus sonhos em estados diferentes, países diferentes, vão constituir famílias e ter carreiras ... Ela vai ter que parar, querendo ou não. Temos que apenas ignorá-la pelo resto da viagem, acho que podemos fazer isso sem danos.

- Eu acho que não, docinho. Pense comigo: ela vai parar de nos infernizar, mas ela vai infernizar outras pessoas na Universidade que ela for estudar. Querendo ou não, é um ciclo vicioso, ela sempre terá uma nova vitima, não importando quem seja. Por isso precisamos pará-la, não por nós, mas pelas pessoas que estão no futuro dela e não tem culpa nenhuma que ela enlouqueceu depois que matou o irmão.

- Não seja má, Rachel. Não foi assim que as coisas aconteceram. – Sim, ela estava bêbada pelo que os policiais disseram, mas ela realmente sofreu com a morte do irmão, ainda foi acusada diariamente pela mãe como culpada pela morte do irmão e se ela sabe da minha tentativa de suicídio foi porque a minha mãe indicou para o pai dela o terapeuta que eu freqüentava. Pode ter certeza, a mente dela é tão perturbada da forma que é por forças maiores. – Você sabe o que aconteceu, ela não tem culpa pela morte do irmão, mas tem culpa do inferno que ela tem feito da vida de várias pessoas nos últimos anos por opção.

- Então, é por isso que temos que impedi-la. Sofremos demais com as mentiras e segredos nossos revelados. Eu não quero que ninguém mais passe pelo mesmo que

nós. E ela precisa entender isso, por bem ou por mal.

- Nossa, Rachel Ray, a jovem humanitária de coração bondosa? Segundo sinal do apocalipse. Sem querer te desanimar, como você leu na última mensagem, eu dei uma de heroína tentando fazê-la parar, mas pelo visto, não serviu de nada. É uma batalha perdida, nada segura essa garota.

- Tem algo que a segura sim, sendo que poucas pessoas sabem disso e por sorte, eu sou uma dessas pessoas. – Ela disse de forma vitoriosa.
- O que?

- Me encontra na piscina central e você saberá. Beijinhos. – Em seguida apenas ouvi o som da ligação desligada. A expressão de curiosidade virou frustração, olhei na direção de Peter pensando em como iria convencê-lo a não ir comigo, o que acreditei ser algo difícil já que depois dos últimos eventos ele estava preocupado. Também não poderia culpá-lo, até eu ficaria. Voltei à sala e Peter perguntou se tudo estava bem, falei de um modo suave e miado, minha mãe e Rachel notariam na hora que eu estava mentindo, mas por sorte elas não estavam aqui, disse que Rachel parecia muito nervosa e triste pela ligação e que queria muito falar comigo, óbvio que ele ofereceu para fazer companhia e talvez ajudá-la com alguma palavra amiga, mas logo disse que não era necessário, conseguindo ir ao encontro de Rachel sem intervenções.

Confesso que me senti mal por ter mentido a ele, mas não tinha outra escolha - Mentira! Podia ter dito a verdade - se eu dissesse que Rachel tinha algum tipo de plano maligno contra Britanny ele não me deixaria participar, não depois de tudo que ele viu e ficou sabendo do meu passado. O que mais Britanny poderia revelar sobre mim e meus amigos? Peter era muito correto, ele jamais permitiria que eu me sujasse dessa forma, mas por outro lado, não podia deixar Rachel sozinha nessa tramóia, na saúde e na doença, disse o padre. Bom, essa era a doença de Rachel, ela era uma *bitch* de bom coração, é claro.

Ao me encontrar com Rachel a mesma não perdeu tempo e logo contou qual era o seu plano: *Contar tudo a Martin sobre o que Britanny fez até hoje com todos nós*.

- Como é que é? – Questionei em choque, enquanto a mesma andava ao meu lado,

com uma pompa de quem está num dos seus melhores dias enquanto tomava um Milk shake com zero de gordura. – Mas essa ideia até o Pernalonga teve Rachel, ele só não pode executá-la porque não quer se difamado pelos pais dela para todo o país, se bobear o mundo.

- Não seja dramática. – Ela disse com um sorriso de orelha a orelha. – E você acabou de falar a cereja do topo do meu bolo neste plano. – A olhei em dúvida e a mesma me observou sorridente, parando em minha frente. – Os pais dela. Eu fui em um evento há alguns meses atrás onde a nossa querida Britanny estava acompanhada dos pais. De inicio achei super estranho, já que ela sempre diz que os pais não gostam de sair com ela, que a evitam, todo aquele blah blah blah de garota sofrida mexicana, mas é tudo mentira. Acabou que nossos pais são amigos e decidiram dividir a mesma mesa, óbvio que conversaram sobre varias coisas, incluindo sobre os filhos. E nessa conversa eles deixaram bem claro que Britanny é quem evita qualquer tipo de momento familiar, eles fazem de tudo para passarem um tempo com ela, mas a mesma sempre inventa uma situação para não ficar com eles, até disseram que acreditam que tem a ver com a morte do filho, mas eu acho que é pelo fato dela ser uma *psycho* mesmo.

- E você acha que isso vai nos ajudar por que ...

- Porque eu percebi que eles são pais preocupados. O que você acha que os nossos pais fariam no lugar deles?
- Bom, a sua mãe te mandaria para um internato na Suíça, a minha mãe provavelmente me transportaria para a outra vida a chutes e com muitos arremessos de objetos. – Respondi pensativa. – Mas mesmo assim não quer dizer que esse plano vai dar certo. Nós podemos estar aqui como alunas, mas não somos mais "alunas", podemos contar tudo a Martin, mas talvez ele não possa fazer muito pela gente agora, pode ser tarde demais..

- Dá para ser mais positiva, por favor? Eu acho que ele vai sim nos ajudar. Pensa comigo: Britanny tem nos humilhado desde ... sempre, se ninguém falou nada ou a processou foi por medo dela fazer algo contra nós, só precisamos contar a ele tudo, como começou e até a ultima mensagem enviada. Martin com certeza vai ficar do

nosso lado e vai falar com os pais dela, para dar um fim a tudo isso.

- E se ele falar com os pais dela, o que será que eles vão fazer? – Questionei, receosa.

- Bom, nossos pais reagiram do modo que você disse com toda certeza, agora os pais dela ... Eu não tenho ideia, só sei de uma coisa: Não podemos deixar essa mensagem passar impune, ela precisa pagar por tudo que ela disse sobre cada um de nós, principalmente ... – Rachel olhou para o lado como se não quisesse dizer aquilo, revirou os olhos e continuou. – Principalmente depois dessa ultima mensagem.

- Rachel, nós não devemos fazer isso por causa dessa mensagem ...

- Estamos fazendo isso por todos, não se sinta a coisinha mais importante do planeta. – Ela mexeu nos cabelos com graciosidade e sorriu de leve. – Então, vamos ou você ainda tem alguma dúvida?

Dúvida era o que não me faltava, mas me vi em um beco sem saída.
Não podia largar Rachel nessa ainda mais depois que ficou tão evidente que ela estava fazendo isso mais por mim do que pelos outros. Eu realmente tinha a melhor amiga que qualquer garota iria querer ter.
Durante o caminho até o Teatro B, já que Rachel usou o walkie talkie e descobriu onde o professor estava, conversamos sobre o que diríamos a ele e como seria dito. Tínhamos várias mensagens para mostrar e serviriam de evidencia para a situação, só precisávamos conversar com Martin a sós para podermos contar tudo sem interrupções ou surpresas. Assim que chegamos no Teatro B vimos que ele se encontrava com Sharon, ambos estavam ajudando nos preparativos do evento que começaria em algumas horas, já que não éramos o único grupo a se apresentar.
Rachel pediu, com um tom de voz suave que não pertencia a ela, se podia falar com Martin a sós, Sharon nos observou um pouco intrigada, mas não contestou, nos deixando a sós. O levamos para o segundo andar da platéia, onde não havia ninguém e poderíamos conversar com ele sossegadas e ainda ter uma visão de quem entra e sai do teatro só por precaução. Dominante como sempre, Rachel começou a contar o nosso propósito de conversar com ele em tão grande sigilo, explicou a ele que era sobre Britanny e que o assunto era muito complicado de se falar já que envolvia

muitas coisas. Martin, como sempre, nos ouvia com extrema preocupação, logo ela permitiu que eu começasse contando tudo desde o principio. Britanny sempre fora uma jovem deslocada de todos, ela conversava com a turma, mas tinha dificuldade de se enturmar com um grupo só, alguns a consideravam metida, implicante e até mesmo estranha, mas eu sempre a vi como incompreendida.
Mesmo não sendo amiga de um grupo especifico, ela passava muito tempo com o meu grupo, então havia certos traços que podia notar no comportamento de Britanny. Ela era solitária, fingia não se importar com isso, mas se importava, contudo, era feliz. Ela sorria de uma forma que você podia sentir que a vida dela podia não ser como ela sonhava, mas que valia a pena viver, mas depois da morte de seu irmão em um acidente na estrada e ela estava dirigindo, pelo que ela é culpada até hoje por familiares, Britanny mudou completamente. Não sorria, apenas quando estava prestes a fazer alguma maldade, começou a andar sorrateira pelo colégio aparentando ser um fantasma, de repente, as mensagens começaram a surgir, primeiro era em anônimo, a turma achava graça: “Somos populares, temos a nossa própria *Gossip Girl.* Pois é, mas ela não tem a voz da Kristin Bell e nem é uma personagem ficcional, infelizmente. Um belo dia, ela simplesmente decidiu começar a assinar as mensagens e quando notei lá estava Britanny, mais sozinha do que já fora, nem sentar perto dela ninguém sentava, temiam que ela contasse alguma coisa pelas suas mensagens. A turma se reunia pelas suas costas, vários queriam contratar advogados e processá-la por difamação - principalmente aqueles que ainda não tinha saído do armário ou garotas gravidas -, mas sempre havia alguém para lembrá-los que Britanny era uma Smith e não se deve brincar com essa família.
Martin me ouvia com extrema atenção, tentava mostrar a ele toda a situação, não entendia porque Britanny fazia isso, mas não significava que eu chegaria tacando sete pedras em seu nome só para termos nosso plano concluído. Eu não tinha nenhuma mensagem dos últimos dois anos, mas me lembrava de alguns, os descrevia para Martin e Rachel aproveitava para mostrar os que ela tinha em seu celular. Era evidente na expressão dele o desapontamento e preocupação que sentia em relação a tudo isso. Sugerimos que ele falasse com os pais dela, mesmo com todos os temores que eles pudessem destruir a vida de muitos, sabíamos que seria a única forma dela parar com essas mensagens de uma vez por todas.

- Vocês sabem que eu não posso falar com eles e manter vocês anônimas, certo? Rachel e eu nos entreolhamos, ela deu de ombros e eu sorri de lado:

- Quando decidimos falar com o senhor, tínhamos isso em mente. Não estamos falando em nome da turma e sim, como Rachel e Kate, foi uma decisão e desejo nosso contar isso e pedir auxilio, se de fato eles forem fazer algo que seja contra nós. – Disse Rachel de forma direta.

- Eu ouvi muitas coisas sobre os Smith's, na realidade, coisas horríveis. – Ele disse erguendo as sobrancelhas sugestivamente, se ele queria nos tranqüilizar, não conseguiu. – Mas, eu sei que honestidade é algo muito valorizado por eles, não se preocupem, vou levar esse assunto a Sharon e o quanto antes vamos conversar com os pais de Britanny. Não se preocupem, esse assunto não será esquecido. Vocês só deveriam ter falado antes sobre ... Esperar chegar a esse ponto foi irresponsável da parte de vocês, coisas piores podiam ter acontecido durante esses anos.

- Nós queríamos falar Martin, mas os boatos pareciam serem verdadeiros. Muitos queriam falar sobre, denunciá-la até mesmo processá-la, mas o medo falou mais alto. Se estamos aqui hoje é porque ela passou dos limites com essa ultima mensagem e não podemos permitir que isso continue. – Rachel falou com atitude olhando com atenção para Martin, ele sorriu levemente nos observando com atenção.

- O que importa é que vocês falaram. – Martin continuou a nos observar enrugou o cenho com um sorriso doce caindo em seus lábios. – Vocês me orgulham muito, meninas, saibam disso.

- Porque você tá falando isso? – Questionei, afundando minhas mãos nos bolsos do meu jeans.

- Porque não sei se terei a chance de falar com vocês depois de hoje, com o inicio do tour em Londres tenho certeza que vocês ficarão tão presas com as visitas e compras que nem vamos conseguir nos falar mais, além do mais, vocês ficarão mais tempo por lá também. Só queria que vocês soubessem ... Vocês são a imagem do que uma verdadeira amizade deve ser, por isso tenho orgulho das jovens que são e estão se transformando, juntas.

- Obrigada, Martin. É bom ouvir isso do senhor. – Respondi com um leve sorriso.
- Sempre que precisarem de alguém, um conselho ou como hoje, um auxilio, eu vou estar aqui, não é que o ensino médio acabou que significa que as amizades também acabaram.
É, isso é a pura verdade.

Com Rachel, continuei no Teatro B que estava lotado de desconhecidos, todos que estavam ali se preparavam para o evento que começaria as duas horas e ponto, pude até ouvir um homem falar com um jovem que todos os ingressos haviam sido vendidos, confesso que essas palavras me deram um frio no estomago. Rachel tinha várias coisas para arrumar para a nossa peça, colocar as roupas do espetáculo em um lugar seguro, ver se tudo estava separado de forma correta por personagem, verificar se as medidas e costuras foram feitas certas, se os materiais de emergência seriam o suficiente, coisas assim. Nenhuma de suas assistentes a estava perseguindo já que ela havia liberado as mesmas para aproveitarem o ultimo dia no navio, ela disse para eu fazer o mesmo, mas neguei, que graça teria de passar o dia inteiro sozinha? nenhuma, então como eu não tinha o que fazer decidi ajudá-la com o possível, evitando não atrapalhar e nem destruir nada, apenas mandei uma mensagem para Peter avisando onde estava e disse que se ele quisesse seria muito bem vindo a se unir conosco, não demorou a responder, dizendo que estava com Dorian na piscina central, que assim que estivessem indo para o teatro me ligaria, logo coloquei meu celular no silêncioso para não incomodar ninguém caso o aparelho tocasse.

Quando demos conta a primeira apresentação iria começar, uma peça infantil, era uma mistura de contos de fadas, sendo que toda a história acontece nos tempos modernos com uma bela lição de amor e amizade no final. Observando pela coxia notei que a platéia tinha desde crianças com seus pais até jovens adolescentes que pareciam prontas para assistir a peça de seu ídolo favorito pelas expressões ansiosas, pude ver várias pessoas de porte elegante como também outros mais simples, uma coisa era certa, todos estavam ansiosos pelo evento. Achei um folheto do evento perdido no sofá e descobri que a minha peça seria realmente a ultima a se apresentar, nem me senti pressionada. A primeira apresentação iria durar apenas meia hora e em seguida teria um grupo de dança que iria apresentar diversas coreografias a partir da evolução da musica pelas décadas, também duraria mais meia

hora, eles já se encontravam no camarim arrumando suas roupas e maquiagem. Assim que a peça acabou o apresentador ficou a conversar com o público, fez algumas brincadeiras com as crianças, tudo para dar tempo para a próxima apresentação, assim tendo um intervalo de alguns minutos, nesse meio tempo Peter se encontrou conosco no bastidor, animada, Rachel questionou se Dorian iria se juntar a nós, mas ele disse que não, já que eles estavam na platéia assistindo as apresentações com Miranda e Serena, ele se sentou ao meu lado em cima de um baú e não conseguiu ver Rachel fazer o sinal da cruz com uma expressão espantada. Ela deve ter pensado o mesmo que eu: *Miranda na platéia? Chamem os padres, esse é mais um sinal do apocalipse*. Por sorte, Rachel teve alguns minutos de descanso podendo se sentar conosco para conversar e comer alguma coisa, saudável como sempre.

A apresentação musical estava animando muito a platéia, pensamos em assistir na coxia, contudo o bastidor começou a lotar para a próxima apresentação, um grupo circense. Circense? Olhei ao arredor parecendo uma daquelas personagens de filme de terror pronta para confrontar um dos seus maiores medos e ali estava ele, um palhaço. Dois, três ... Todos ali com as suas expressões assustadores e sorrisos largo, me encolhi no ombro de Peter evitando ao máximo olhar ao arredor, mas graça a sutileza de Rachel logo ambos estavam tirando sarro do meu medo de infância, enquanto por dentro eu rezava para que eles fossem logo se apresentar, por sorte a apresentação do grupo iria durar uma hora, podendo ter o bastidor só para o nosso grupo de teatro.
Não demorou muito para o nosso grupo de teatro começar a chegar, sem invadir a área ainda utilizada pelo grupo circense, Melissa e Raj indicaram que era melhor começarmos a nos arrumar, os poucos escolhidos para serem os maquiadores e cabeleireiros não haviam chegado ainda, então quem já estava começando a se arrumar, como eu e Peter, tínhamos que nos virar do nosso jeito, Rachel apenas me ajudou a fazer os cachinhos em meus cabelos, ela sabia fazer isso tão bem que faria até de olhos fechados.
Assim que conclui de me transformar em Christine Daae fui ajudar quem parecia mais enrolado e atrapalhado com suas roupas, cabelos e maquiagem era tanta gente querendo ajuda que quando dei por mim, depois de auxiliar umas cinco pessoas,

notei que estava parada ao lado de Joana que precisava de ajuda para amarrar seu espartilho, um momento de tensão aconteceu, ela me olhou surpresa, enquanto eu procurava ao arredor alguém para me substituir, mas o inesperado ocorreu quando ela se virou de costas e pediu gentilmente que eu amarrasse as cordinhas da roupa, o fiz e assim que me afastei.

- Obrigada. – Ela disse em um tom baixo de voz.
- De nada. – respondi ainda surpresa com a situação, ia me afastar do ambiente, mas a mesma me impediu.
- Então ... – ela tossiu como se quisesse manter a voz firme. – Nervosa com a apresentação?
- Já me senti mais tensa com outras situações. – *Como agora,* pensei.

- Entendo. Minha barriga está parecendo um campo de borboletas. – Ela disse com um riso nervoso nos lábios, em seguida levantou seus olhos de cílios longos e loiros. – Se eu errar ou me esquecer de alguma fala durante as nossas cenas, me ajuda, por favor. – Joana disse em um sussurro nervoso.Tínhamos algumas cenas juntas, já que ela era Meg Giry. – Você sabe como sou péssima decorando falas, imagine canções!

- Pode deixar, vou ficar atenta. É melhor eu ir, tenho que aquecer a voz ...

- Kate! – Ela me chamou antes que eu saísse de seu alcance, pude notar que sua expressão passou de surpresa a timidez. – Eu fiquei sabendo das mensagens da Britanny e eu sinto muito pelas coisas que ela disse.

- Tudo bem, você sabe como sou ... O que os olhos não vem, o coração não sente. Por isso já deletei as mensagens. – Dei uma leve risada junto à mesma que me observava com as sobrancelhas daquela forma preocupada que ela fazia. – É sério, está tudo bem.

- Qualquer coisa você sabe que eu estou aqui, não é? – Joana disse em um tom suave, me observando com carinho.
- Sei, digo o mesmo para você.

Ela balançou a cabeça em afirmação e eu sorri de forma simples me afastando de vez

do lugar, Rachel estava observando a cena de certa distancia, mas não pude deixar de perceber o sorriso em seus lábios. É, as coisas estavam começando a mudar ... para melhor.

Eram os minutos finais antes do inicio da peça, passamos pelos rituais costumeiros de toda peça de teatro, algumas palavras de ânimo ditas pelos diretores da peça e um alto e sonoro ”Merda para todos” e pronto, meu estômago afundou. Será que eu me lembraria de todas as músicas? De todas as falas? Marcações? Eu não posso dizer que tivemos um ensaio, porque não tivemos! Foi tudo muito rápido, fomos totalmente jogados nisso. Uma vozinha em minha mente me lembrou que a peça era apenas para nos divertimos, mas mesmo assim eu gostava muito de dar cem porcento de mim e sentia que daria apenas setenta, talvez oitenta se estivesse com sorte.
Troquei um olhar nervoso com Rachel que se aproximou imediatamente de mim, me abraçando com força e depositando um beijo em minha testa, me desejando uma ótima merda de espetáculo, ri e ela me lembrou de respirar fundo, já que o teatro estava lotado. Dei uma espiada por detrás da cortina e senti todo o meu corpo gelar. Todos os lugares estavam ocupados, câmeras fotográficas por todos os lados, filmadoras e tinha até um monte de gente em pé.

- Merda. – Xinguei alto, chamando atenção dos meus colegas de turma que me olharam surpresos. – Desculpa! – Disse encolhendo meus ombros e xingando mentalmente.

Voltei a ficar próxima de Peter que me abraçou, afagando o topo da minha cabeça e dando um beijo em minha bochecha, sussurrando que eu iria arrasar. Entortei os lábios, tendo certeza que se continuasse nervosa iria arrasar de forma negativa.
Mas não foi o que aconteceu.
Respirei fundo e me entreguei ao momento.
E o primeiro ato foi fantástico, pelo menos para mim e boa parte do grupo. Ninguem errou nenhuma música, o que foi ótimo já que a peça é toda cantada, então se um erro ocorresse poderia prejudicar as outras apresentações. Óbvio que alguns elementos erraram ou trocaram palavras do dialogo ou esqueceram suas marcações, de rabo de olho podia ver que Melissa estava morrendo com cada erro, mas Raj não

parecia nem se importar. O que achei curioso foi que assim que Peter entrou no palco ouvi vários gritos e assovios femininos, ele ficou vermelho de imediato e trocou um discreto olhar comigo, pelo visto o meu lorde tem fãs bem assanhadas e por toda parte até mesmo dentro de um cruzeiro. Peter como o fantasma da ópera era uma mistura de Antonio Banderas em presença e olhar e Gerard Butler com sua voz rouca própria para um rock antigo enquanto eu tentava ser doce, apaixonada e leve, como uma bailarina.
Eu havia me esquecido como era divertido apresentar uma peça, a ansiedade e nervosismo mesclado com a atuação de um personagem que você tem que fazer o público acreditar que você é ele. Era delicioso fazer parte disso.
Junto com toda a confusão do intervalo do ato I, o elenco inteiro voltou ao ato II mais confiante e animado, como nos poucos ensaios que fizemos. Ainda teve alguns erros de alguns colegas que não conseguiram decorar o texto e que tiveram que improvisar, mas tirando esses pequenos detalhes a apresentação foi um sucesso.
Assim que as últimas notas foram tocadas e as cortinas foram fechadas e um silêncio caiu, nos entreolhamos na quase plena escuridão do palco e da coxia e de repente em som uníssono de aplausos tomaram conta de todo o ambiente, incluindo assovios e pessoas gritando o nome de vários membros do grupo, reconheci a voz de Rachel gritando por mim e aplaudindo com uma de suas assistentes ao lado dela, também ouvi a voz fina de Amelia gritando por Peter e por mim, Dorian ao seu lado assoviando, enquanto Miranda se mantinha sentada e tinha certeza que tinha uma das mãos nas orelhas, incomodada com o som, coitada.
Segui o olhar de Amelia ao chamar Peter e o encontrei do outro lado do palco, todos agora se cumprimentavam e comemoravam o sucedido evento, Peter me olhou sorridente e eu me aproximei do mesmo, pulando em seus braços e depositando um apaixonado beijos em seus lábios.

- Conseguimos! – Disse animada ao afastar meus lábios dos seus. – Foi perfeito, pena que essa foi a primeira e ultima apresentação, mas foi incrível. Você foi incrível!

- Pena para alguns, felicidades para outros. Eu nunca mais vou cantar em minha vida. – Ele sussurrou próximo aos meus lábios com um sorriso nos lábios. – Mas confesso que realmente foi uma grande experiência.

- Nem para mim você ca nta? – Questionei manhosa.

- Bom, posso pensar no seu caso, a resposta pode ser um "sim" com toda certeza se você usar mais vezes esse espartilho, você tem ideia de como fica sexy com ele?! – Ele sussurrou em meu ouvido o que me fez rir, voltou a beijar meus lábios de forma apaixonada me erguendo em seus braços e dando um giro comigo o que arrancou mais nossas risadas. Se eu pudesse viver dias como esses sempre, ao lado de meus amigos, família e Peter; eu seria plenamente feliz.

Só conseguia pensar em tirar toda aquela roupa, tomar um bom banho, comer algo bem gorduroso e partir para a festa de encerramento, mas Raj e Melissa decidiram apresentar Peter, Lucas e eu para todas as pessoas que eles queriam, importantes atores de teatro, diretores, e depois de certo tempo já não consegui decorar seus cargos e nomes, mas fiquei satisfeita em ver que tanto Melissa quanto Raj estavam felizes com a apresentação, incluindo as diversas pessoas que nos parabenizavam, corri meus olhos pelos rostos familiares procurando por Rachel, a vi do outro lado do ambiente conversando de forma séria com dois homens de porte sério e muito bem vestidos, decidi não atrapalhá-los. Quando Amelia e Dorian vieram nos cumprimentar, Miranda e Serena , já sem seus trajes de Prima Donna, acompanharam, eles disseram que amaram cada minuto da peça e que gravaram para a posterioridade, o que deixou Peter bem insatisfeito, Miranda por sua vez ignorou a minha existência e apenas parabenizou o sobrinho e logo se retirou, dizendo que precisava se vestir para a festa de encerramento já que ela era a convidada de honra, mas antes de partir me olhou de forma fria por breves segundos e foi embora, pena que só eu notei esse olhar, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Serena me parabenizou pela minha excelente interpretação como Daae - ah tá, pensei, vendo como ela se esforçava para parecer boa e amigável. Que bom que eu estava vacinada contra cobras. - e logo partiu atrás de sua mãe, Amelia e Dorian disseram que esperariam por nós, mas dissemos que ainda iríamos demorar, graças as pessoas que queriam falar conosco e a pilha de roupas que tínhamos que tirar. Voltamos para perto de Raj e Melissa e após falar com várias pessoas e eles agradecerem o nosso trabalho e elogiarem a nossa performance fomos ao bastidor trocar de roupas. Peter ficou a me esperar conversando com alguns colegas de minha turma, me sentei ao seu lado no sofá aproveitando para descansar as pernas e relaxar um pouco entrando na

conversa, que não demorou muito já que todo mundo queria ser preparar para festa, antes de irmos embora, Peter me deu um buque de rosas vermelhas e um macaquinho de pelúcia marrom escuro lindo, eu simplesmente não esperava tal gesto que fiquei com uma expressão boba por longos minutos, ele, por sua vez, ficou satisfeito dizendo que tinha mais um presente, mas que ele só daria quando fosse me buscar para a festa de encerramento, ele faz isso de propósito, só para atiçar minha curiosidade!

Então decidimos ir embora do teatro, aproveitando que estávamos a sós para namorar um pouquinho e curtir o por do sol de uma das bordas privilegiadas do navio, não éramos os únicos ali, mas eu sentia como se houvesse apenas nós dois ali. Entre beijos, carinhos, muita conversa e risadas, tiramos algumas fotos e curtimos cada momento, como se aquele fosse o único por do sol das nossas vidas, como se fosse, a última vez que estaríamos juntos.

Capítulo 22
O Ponto Sem Retorno

Eu tenho que me virar e seguir em frente, Eu não tenho nada pronto para dizer.
Mas eu ainda não disse
Que eu estou cansado de ser usado,
Que eu estou doente e cansado de ser acusado. Agora eu estou indo pra longe de você,

E eu não vou voltar.

The Last Goodbye – James Morrison

Minha última noite no navio.
Como o tempo havia passado tão rápido, nem ao menos havia notado, tantas coisas que poderia ter feito durante a viagem - cursos, visitações, conversar com estrangeiros, etc. - e que acabei não tendo o tempo e a força de vontade para fazer. Não era como se eu havia feito uma lista de coisas a fazer durante o cruzeiro, mas não posso negar minha tristeza com meu desleixo com isso. Era chato ter notado apenas agora, mas nada mais poderia fazer a não ser seguir em frente com a minha viagem e não ficar me consumindo com isso, além do mais, já estava dez minutos atrasada, Peter com certeza deve estar roendo as unhas do pé com minha demora, mas a culpa não é minha que o laquê endureceu meus cabelos e eu tive que lavar os mesmos, logo tendo que fazer uma escova/chapinha para deixá-los naturais, a maquiagem não queria deixar minha face nem com o poder do álcool e eu estava morta de cansada, minhas pernas, braços, coluna, barriga, cabeça doíam e latejavam, o mínimo esforço praticado me causava longos bocejos, o simples ato de me sentar na cama me deu uma tremenda vontade de enroscar-me no edredom e cochilar só um pouquinho, mas isso borraria minha recém feita maquiagem e amassaria meus cabelos e eu não queria isso, não queria mesmo.

No fundo, o que eu não queria, era ir a festa. O engraçado era que eu estava muito animada para a ultima festa do cruzeiro, pelo menos para mim, Rachel, Peter e companhia, mas depois que Peter me deixou na porta de minha suíte e deu um suave beijo em meus lábios, um certo desconforto estranho bateu em mim, não sabia porque ... mas eu não queria ir nessa festa mais, eu sentia que alguma coisa iria acontecer, mas não conseguia identificar esse temor, se era algo bom ou ruim; talvez fosse apenas nervosismo já que oficialmente estamos em águas britânicas e em algumas horas já poderemos avisar o porto de Southampton.

Decidida a ir ao encontro de Peter, sai do meu quarto, mas antes bebi metade de um energético que encontrei na mesa de centro, Rachel iria ficar uma fera ao encontrar metade do conteúdo tomado, mas fazer o que, estava necessitada de energia e não queria me sentir cansada na última festa do navio, queria mais é me divertir com Peter.
Pensava em fugir dali rapidinho, mas não me contive a ouvir a conversa que Rachel tinha com alguém, ela falava de forma animada e emocionada, adentrei sua cabine de forma discreta descobrindo que ela estava a falar no celular e a mesma gesticulou para que eu me aproximasse, não demorou a desligar a ligação se aproximando de mim com um grande sorriso nos lábios e algumas lagrimas escorrendo por suas bochechas coradas de blush e do pouco sol que pegou durante a viagem, já estava vestida para a festa de encerramento, um belo vestido longo de tom prata brilhoso com um decote profundo nas costas e um corte lateral nas pernas, assim permitindo que ela se movimentasse rapidamente e não feito uma gueixa.

- Me perdoa por não ter te contado primeiro, mas não consegui controlar o impulso de ligar para minha mãe e contar a ela tal notícia, eu sabia que ela ficaria radiante ao saber sobre , não pude me conter ...– Rachel disse nervosa e quando ela falava assim era porque alguma coisa grande havia acontecido. Tipo, uma grande promoção na Barney's ou uma nova coleção de roupas da Chanel, já que comprar era uma de suas atividades favoritas. – Você não tem ideia da sorte que eu tive, eu nunca imaginei conseguir algo assim e agora que consegui ... – Rachel deu um gritinho de animação acompanhado de alguns saltinhos, me fazendo acompanhá-la no gesto. – Eu sou a garota mais sortuda do mundo!

- Porque estamos pulando? – Questionei a olhando com um sorriso tenso, logo paramos de pular. - Certo, você está animada com algo incrível que ainda não sei o que é, então respira, isso ... Muito bem. Agora me conte o que aconteceu antes que eu surte de curiosidade.

- Eu consegui um estágio com Charles Porter. – Ela deu outro gritinho, sendo que mais alto e animado enquanto eu continuei a olhá-la sem compreender tal animação. – Por Deus, Katerina! Charles Porter é o estilista do nosso século, ele é comparado a Coco Chanel só para você ter uma ideia, as roupas dele são usadas pelos maiores

nomes do cinema e da música e eu consegui um estágio com ele, dá para acreditar?

- Rachel, isso é incrível! Meus parabéns. – Por mais que eu não entendesse de moda eu sabia quando algo incrível ocorria, a abracei com carinho enquanto a mesma elétrica se afastou do gesto voltando a tagarelar e correu para frente do espelho para arrumar o *look*. – Mas me conte como isso aconteceu.

- Bom, eu ainda não conheci o divo Charles Porter, apenas o vi durante a apresentação da peça, mas o seu assistente principal Kevin veio falar comigo assim que a peça terminou, Melissa disse que havia conversado com eles e mencionado que eu fiz as roupas da apresentação e o assistente disse que o próprio Porter ficou deslumbrando com o trabalho, disse que nunca viu algo tão bem feito por alguém tão jovem, em tão pouco tempo para uma apresentação, então ele exigiu que Kevin viesse até mim para oferecer um estágio, sem pestanejar aceitei.

"Kevin me disse que o estágio é meu, mas que vou precisar passar por um breve processo de seleção que será daqui a 03 dias, ele não quer que me preocupe com isso, que Porter me quer muito no estágio, mas mesmo assim é ai que mora o perigo, preciso assinar alguns papeis de cadastro e levar um portfólio com vinte desenhos feitos e criados por mim; todos os meus portfólios estão em casa e não tem como eles chegarem na casa de Roux em 03 dias ... Só por magia! Então já comecei a fazer um, eu sei que vai ser trabalhoso e não vai ser perfeito como os outros que tenho, vou ficar incomunicável pelos próximos 02 dias para conseguir fazer um bom trabalho, mas estou torcendo que consiga terminar a tempo. É um mês inteiro de estágio, com um salário delicioso e poderei trabalhar com um dos meus estilistas favoritos. Terei que ficar duas semanas a mais em Londres, já que o escritório dele, que é no prédio da Vogue, fica no centro da cidade, mas minha mãe já disse que não haverá problema algum, como se fosse ter, ela passa mais tempo fora de casa mesmo, meu pai que vai odiar, ele preferia mil vezes que eu fosse uma dançarina de pole dance do que uma estilista. Okay, alerta de drama ... Mas deixa isso para lá, não quero entrar no assunto "Papai ausente". Pense comigo Kate, Porter tem a própria linha de roupas, a "Porter&Porter" que é fabulosa, trabalha na linha editorial da Vogue britânica e mês que vem vai ter sua primeira linha editorial na Vogue Italiana, isso é mais que um sonho, é ... Eu não tenho palavras. Me sinto *Alice no Pais das*

Maravilhas."

- O seu maior sonho está se tornando realidade, é normal ficar sem palavras. Aproveite muito essa sensação, ela é uma das melhores que você vai sentir na sua vida, eu posso garantir. – Rachel fez uma expressão maliciosa e eu sabia que ela ia dizer algo inapropriado então continuei. - Ai, Rach ... Não seja pervertida a essa hora da noite, é perigoso para os seus hormônios safados. – Rimos e ainda com um sorriso leve nos lábios, conclui. - Estou tão feliz por você, parabéns amiga, eu sempre soube que você ia mudar o mundo de algum modo único e no estilo Rachel de ser e tenho certeza que esse é apenas o inicio de um grande futuro. – Voltei a abraçá-la bem apertado com um sorriso largo nos lábios, ela merecia isso e muito mais. – Qualquer coisa que você precisar, por favor, me peça que te ajudarei, eu quero fazer parte disso de algum modo.

- Sim e você vai me ajudar. Assim que sair desse navio vou comprar uma pasta para os meus desenhos e preciso que você me ajude a escolher uma que tenha o ar de uma jovem madura com talento único e o único requisito a essa pasta é que ela deve ser roxa.- Ela voltou para frente do espelho, arrumando os cabelos que estavam mais lisos do que nunca. Ah! E você vai me ajudar a escolher os melhores desenhos que eu fizer, como dispô-los na pasta ,dos mais belos aos menos interessantes, seria bacana eu criar a imagem de uma linha de roupas,até mesmo um nome para essa linha, mostraria criatividade, vou tentar fazer modelos de roupas mais rentáveis as passarelas, é bem o estilo do Porter ...– Ela continuou a tagarelar de forma rápida e animada, sempre com aquele grande sorriso.

Era tão difícil ver Rachel assim, tão espontânea e sem inseguranças.
Por mais que ela tentasse transparecer ser uma garota segura e forte, ela tinha muitas inseguranças - vide seu problema com a bulimia e 02 anos de terapia intensiva - e deixava isso à mostra, pelo menos para quem a conhece de modo verdadeiro,como eu e sua mãe. Mas foi a menção de seu pai que me surpreendeu, falar dele era algo difícil para a mesma, ela o evitava e principalmente, não gostava nem de mencioná-lo, dizia que apenas a sua menção arrancava suas energias, no melhor estilo de um Dementador.
Confesso que não gosto dessa atitude dela em relação ao seu pai, mas é uma questão

pessoal, por ter perdido o meu tão cedo e não ter tido a oportunidade de lhe dizer tantas coisas, sinto que todo mundo deveria fazer o que pode para concertar os erros que eu não pude; eu compreendo Rachel, mas nunca aprovei sua atitude.

Sr.Ray, que nunca gostou de mim por achar que sou uma péssima influência a sua filha mesmo sabendo que sou quase uma irmã para ela e uma filha para sua esposa, nunca foi um pai exemplar, sempre preocupado com seu trabalho vive apenas para isso, nunca gostou de ser uma *celebridade*, mas aceita sua posição com orgulho e dedicação, contudo sempre manteve sua filha afastada desse mundo, na realidade, ele sempre tentou controlar ao máximo cada passo dela, idealizava que ela fosse se tornar médica e que fosse estudar na mesma faculdade que a dele, Harvard, mas não foi por esse caminho que Rachel quis seguir. Ele sempre cobrou muito dela, nos estudos e amizades principalmente, a mimou de todas as formas possíveis,mas ela dizia que ele fazia isso para não ter que lidar com ela e por mais que doesse, era a verdade, tudo que ela pedia ao mesmo ele dava, menos o que ela queria: carinho. Sua mãe, que sempre foi uma mulher afetuosa e carinhosa, tentava suprir a falta que ele fazia em sua vida, mas não adiantou muito.
Rachel tem repulsa ao pai, isso é um fato, o evita ao máximo que podia e quando estão juntos, é briga na certa, na maioria das vezes é por culpa da arrogância do Sr. Ray, mas Rachel e seu orgulho não ajuda, mas ela evita falar sobre ele o máximo que pode, até mesmo comigo, além do mais, ela é a forte e inatingível, ela é Rachel Ray.
Estava tão orgulhosa de minha amiga, ela merecia realizar seus sonhos sozinha, sem a ajuda de sua mãe e seus contatos ou dos desejos de seu pai.
Sabia exatamente como ela estava a se sentir, essa sensação de liberdade era incrível. Única e imutável, ninguém podia interferi - lá ou contê-la, ela podia mover montanhas e corações e dar uma força indestrutível a quem o possuísse, podendo fazer o que quisesse apenas tendo essa liberdade em seu peito.

Me lembro de quando terminei o meu livro e essa sensação tomou conta de mim. Sentia que podia ir onde quisesse, fazer o que me desse vontade e principalmente, quando eu desejasse. Essa liberdade é formidável.
Me recordo da animação de minha mãe, mesmo ela tentando me manter com os pés no chão me lembrando o quanto é difícil entrar no mundo literário, ser uma autora publicada, mas ela não deixou de mostrar o orgulho de ter visto o meu livro pronto e

isso me deu uma sensação mais gostosa ainda, o de trabalho feito.
Rachel ficou super animada, fez cópias do material com capa dura e folhas recicladas sem nem ao menos me contar, queria que fosse surpresa e foi mesmo, me ajudou a enviar o mesmo a diversas editoras, até algumas na Inglaterra,
Tentar não mata e eu tenho certeza que você vai ser soterrada por cartas e e-mails dessas editoras querendo os direitos do seu livro, ela dizia, pois é ...
Realmente não matava, mas não fui soterrada com cartas e e-mails dessas editoras, não gosto de pensar nisso ...
Não fico triste em saber que nenhuma dessas editoras até hoje não me respondeu, além do mais, escrevo porque é algo que faz parte de mim, sinto que se não fizer não tenho mais motivo para estar aqui. Eu sei que é um pensamento mórbido, mas escrever sempre foi a única coisa que fiz muito bem na vida, logo depois vem a minha habilidade com bolos e tortas, mas ... o que quero dizer que se eu perdesse a dádiva de escrever, seria como ter um membro do meu corpo amputado, como se o ar fosse tirado de meus pulmões sem retorno agendado, seria o meu fim. A única certeza que tenho em existência, essa. Ninguém entende isso, apenas quem escreve com tanto amor e dedicação como eu, mas mesmo assim, fico triste ao perceber que ninguém até hoje valorizou o talento que tenho apenas minha mãe, melhor amiga e eu.
Me sinto idiota agora, como disse, não gosto de pensar nisso.
Falar das minhas histórias e de minha carreira de escritora, inexistente, é o meu calcanhar de Aquiles.
Só para piorar o meu bloqueio não me deixa, queria apenas ter um dos meus cliques e começar a criar um novo mundo de personagens e histórias fantásticas, mas nada de cliques ... Apenas um infindo bloqueio.
Não quero escrever um outro romance policial, nem quero falar sobre criaturas sobrenaturais, quero fazer algo diferente e que vai precisar de muita dedicação e pesquisa, mas nada surge em minha mente, nem uma palavra, nem uma ideia ...
Argh! Pensando em começar a fazer exercícios para bloqueios de ideia e para eu chegar a essa conclusão é porque estou realmente desesperada.
Se ao menos eu soubesse desenhar, como Rachel e Peter, podia extravasar meus sentimentos em um papel, mas não, só sei escrever e o meu bloqueio está tão sério que nem no meu diário consigo escrever ...

Argh Argh Argh!
Porque estamos falando sobre escrever mesmo?
Ah, sim, só para eu ficar deprimida e sentir inveja da sorte de Rachel.

É, e isso mesmo. Estou orgulhosa dela, mas sinto uma pequena inveja branca, pronto falei. Ela quer trabalhar com moda desde que leu a biografia da Coco Chanel com quinze anos, desde então usa Chanel nº5 , cria seus próprios modelitos, costura e cria roupas própria e desenha divinamente modelos incríveis. Fez alguns cursos de desenho e moda, mas nunca conseguiu algo grandioso como agora . Ela conseguiu um estágio bacana com um estilista que ama, apenas fazendo algumas roupas para uma pequena peça que vai ser esquecida em questão de horas por todos aqueles que a fez e a assistiu, enquanto eu que escrevo a minha vida inteira, nunca fiz curso nenhum, mas escrevo desde contos a histórias que faria Saramago chorar, ganhei diversos prêmios tanto no colégio como em promoções de revistas e jornais, decidi finalmente escrever um livro e me dediquei um ano no desenvolvimento de um romance dramático/policial, estou sofrendo a dois meses de um bloqueio mental ingrato e horroroso e não recebi uma misera cartinha ou e-mail. Nem dizendo que o livro é ruim ou surpreendentemente péssimo. Porque? Existe justiça nesse mundo por acaso? Pronto ai está, o meu calcanhar de Aquiles exposto e completamente ensangüentado com as flechas de inveja e injustiças que preguei.
Rachel continuava a tagarelar animada sobre tudo que ela tinha que fazer antes do estágio começar e eu comecei a me sentir mais deprimida, agora não era só sobre o meu livro, mas era sobre a viagem dos meus sonhos, com o estágio Rachel, nós não teríamos tanto tempo livre para visitarmos os trocentos lugares que eu havia listado como lugares que tínhamos que ir de qualquer jeito juntas.
Ou seja, 02 semanas em Londres, na cidade dos meus sonhos, tendo toda a liberdade que qualquer garota iria sonhar, mas sem a melhor amiga do lado porque ela estaria no estágio dos seus sonhos e teria que viver a maior parte desse acontecimento sozinha. Não era essa a ideia de nossa estadia em Londres, mas ...

Porque eu ainda estava sorrindo? Claro, porque Rachel estava feliz, então eu também estava feliz mesmo que isso significasse em duas semanas visitando museus sozinha ... ou não. Quer dizer, eu podia convidar Peter e Amelia, mas ... talvez eles já tenham seus próprios compromissos , além do mais, eles não estão de férias,

estão de volta a casa deles. Talvez ...
Talvez toda essa situação da Rachel com seu estágio dos sonhos seja um *Wake Up Cal* para mim. E. Eu estou a 02 meses tendo bloqueio de ideias porque quero, fiquei tão concentradas em minhas notas finais que achei melhor deixar minhas histórias de lado, eu deveria aproveitar que estarei duas semanas em Londres na companhia de um dos maiores leitores de livros do mundo, tio Roux, e pedir alguns conselhos a ele, aproveitar o fuso horário, que vai me afetar e muito, e utilizar isso de forma positiva, tentando escrever qualquer coisa que me venha cabeça; ótima ideia, não é que essa inveja branca se tornou em algo produtivo?!
Vou visitar todos os lugares que quero, com ou sem Rachel, talvez eu até vá em uma das visitações com o grupo do colégio, além do mais, Joana não parece com ódio mortal de mim, apenas raivosa controlada, eu diria, ou seja, não vai ser tão desconfortável como eu achava que poderia ser.
Quanto a Peter, bom ... Ele mora em Londres, os nossos encontros estão nas mãos dele, apenas teria que deixar a disposição dele toda a minha programação diária até o meu ultimo dia em Londres e quando ele tivesse tempo livre, é só me ligar para sairmos. É, isso pode funcionar.
Pode não, vai funcionar.
É, vai.
Eu acho que esse energético não caiu bem em mim ... de fato, você ganha asas.

Tomei quase 02 litros de água e chupei 02 balas de menta cedidas por Rachel, tentando ao máximo tirar o gosto do energético de minha boca e tirar o mesmo do meu corpo, me despedi dela no exato momento que senti o meu celular tocar, tinha certeza que era Peter, não era uma sensação era o toque musical que escolhi a dedo para representá-lo quando ligasse, uma música do The Fray. Disse que estava a caminho e perguntei onde ele estava para poder me encontrar com o mesmo, ele disse que não estava muito longe e questionou onde eu estava, para não levar uma bronca por estar atrasada disse que havia me perdido e estava na metade do caminho para o salão principal, ao abrir a porta dei de cara com Peter, que estava vestido com um belo smoking preto, ele desligou a ligação e ergueu ambas as sobrancelhas com um sorriso convencido nos lábios.

- Como você sabia que eu estava aqui ainda? – Questionei com um tom de surpresa.

- Eu supôs já que o dia foi bem longo que você ficaria um pouco preguiçosa, então iria acabar se atrasando, então na sorte tentei arriscar vindo aqui e não é que deu certo? – Peter murmurou com satisfação, depositou um beijo em meus lábios e ainda próximo ao meu rosto sorriu me observando e disse. – Oi.

- Olá. – disse em resposta, sorrindo. – Então, vamos?

Peter estendeu seu braço em resposta e o segurei com conforto, ao virar para atrás para fechar a porta vi Rachel nos observando discretamente com um suave sorriso nos lábios, ao notar que percebi sua presença ela acenou discretamente e eu sorri, me sentindo plenamente feliz e por fim fechei a porta.

Eu insistia a Peter que estávamos indo pelo caminho errado para o salão principal, mas ele dizia que eu estava enganada que esse era o caminho certo que ele e eu sempre fizemos, que eu apenas havia esquecido dos detalhes do caminho para tal lugar por estar muito cansada. Desconfiada resolvi me calar e prestar atenção maior aos detalhes que encontrava pelo caminho enquanto ele me guiava com um sorriso satisfeito nos lábios; eu conhecia a direção que ele estava a me levar, haviam muitas pessoas pelo convés com roupas sociais, tinha certeza que estavam indo para o salão principal, ou talvez para outros eventos sociais, mas nenhum deles seguiam o nosso caminho, entortei meus lábios para Peter tendo certeza que ele estava escondendo algo de mim e passou apenas alguns segundos para eu perceber para onde estávamos indo, passamos por uma grande estátua de um marinheiro e me lembrei do nosso primeiro dia no cruzeiro, Joana, Rachel e eu tirando fotos, e aquele marinheiro despertou uma memória em particular, de Rachel e Joana tirando uma foto e depois íamos para a piscina principal ... Onde vi Peter pela primeira vez.
Eu sabia que ele estava aprontando algo!

Ao chegarmos lá olhei para ele com um sorriso bobo em meus lábios, convencida por ter adivinhado a sua surpresa e por ele ter planejado tal coisa, ele parou exatamente no lugar onde estava na primeira vez que o vi, olhei na direção onde eu estava naquele dia e não tinha ninguém ali, mas fiquei a imaginar como ele deveria ter me visto, que pose, sorriso, olhar, como parecia naquele momento, notei que nós não estávamos sozinhos, em um ponto mais afastado havia um casal desconhecido

vestidos com roupas sociais, conversando sentados na borda da piscina e eles nem ao menos notaram nossa presença. Olhei na direção do céu, e estava negro e impenetrável, sem nenhuma estrela presente, e a lua imensamente branca no nos iluminava, por fim olhei para Peter que já estava a me observar com um sorriso contido nos lábios.

- Você se lembra da primeira vez que me viu? – Peter questionou sem tirar seus olhos de mim.

- Claro que lembro. Você estava exatamente aqui com Amelia e Dorian que conversavam entre si; você estava com uma expressão taciturna, preso em seus pensamentos e com um olhar distante de tudo que acontecia no ambiente, eu não sabia por que, mas não conseguia tirar meus olhos de você. – Respondi acariciando seu rosto morno observando seus olhos gentis.

- Eu também me lembro da primeira vez que a vi, na agência de turismo, toda encharcada por causa da chuva que estava caindo naquele dia ... – Começamos a rir como se lembrássemos juntos daquele momento. – Mesmo toda ensopada, com os cabelos jogados na cara e mais pálida que um vampiro, havia algo de especial em você, alguma coisa que me fez parar e olhar para si com mais atenção e não foi o fato que você caiu perfeitamente em meus braços, e sim, porque havia algo mágico em seu olhar, algo que não conseguia descrever, que me deixou completamente sem reação, era co ... como se eles quisessem contar algo apenas para mim. Quando vi você indo embora eu ... eu queria ir atrás de você, mas não podia. Aquele Peter não ... aquele Peter não acreditava em amor à primeira vista, na realidade, ele não acreditava em *nada*. – Ele continuou a falar, enquanto eu o observava sem palavras.

“ Foi quando eu encontrei você, denovo. Parada bem ali do outro lado ao qual me encontrava. Eu nunca lhe contei isso, já que faz parte do meu passado e não quero relembrar daqueles dias, mas um dia antes de entrar naquela agência de turismo e esbarrar em você, eu recebi uma notícia que mudou toda a minha vida. Eu não a recebi bem o que me fez agir com uma pessoa irracional, inescrupulosa e sem um pingo de esperança. Depois que recebi a tal notícia a minha primeira ação ia ser pegar o primeiro vôo para Londres e voltar para os meus pais, mas Miranda não

deixou, ela queria muito que passássemos um momento juntos, coisa que não fazíamos a tempo e aproveitar que Dorian e Amelia estavam conosco, então por que não passarmos 07 dias nesse cruzeiro, no qual o comandante é um amigo de família, mas no fundo eu sabia que sua verdadeira intenção era que eu *passasse* um tempo com Serena, mas não foi bem o que aconteceu, não depois que te vi. Eu não acreditei, não depois de tudo que eu havia descoberto, você não podia estar aqui, no mesmo lugar que eu, e além do mais, olhando para mim com esse seu olhar de filhotinho pidão e eles ainda me observavam como se quisessem me conta algo. De inicio, pensei que você me olhava por que havia me reconhecido daquele dia na agência, mas não ... aquele seu olhar dizia muito mais e perdido em minhas trevas encontrei a luz, que era o seu olhar. Eu me permitir pela primeira vez a lutar por algo desconhecido, sem pensar no futuro e nas conseqüências, apenas determinado em trazer você para minha vida. Eu sei o tão piega isso vai soar, mas ... você era a luz nas minhas trevas. Ainda *é*. E a razão para eu estar lhe contando tudo isso agora é porque eu sei que em poucos dias passamos por muitas coisas que muitos casais não passam nem em um ano, além do mais, amanhã é um novo dia em sua vida, chegando no país onde possui a cidade dos seus sonhos, tantos lugares e pessoas para conhecer, memórias para fazer e guardar em sua mente e coração para sempre e eu quero que você saiba que vou quero estar com você a cada momento, curtindo cada dia como se fosse o último e quando essas duas semanas passarem, não pensaremos em como vai ser difícil viver um relacionamento a distancia, eu em Londres e você em Nova York, mas sim, vamos pensar como vai ser maravilhoso os nossos reencontros e cada novo momento juntos e pensando nesse momento, eu comprei isso para nós dois ...”

Ele tirou de seu paletó uma caixinha de veludo azul e a estendeu em minha direção, indicando que eu abrisse a mesma, ao fazer tal gesto me deparei com dois longos cordões de prata, ambos com um pingente idêntico, em forma de coração, pequeno, um pintado em vermelho em sua frente e o outro não, olhei para Peter com uma expressão surpresa e encantada com a jóia delicada, ele pediu licença afastando a caixa de minhas mãos, tirou um dos cordões, observando o pingente com atenção, guardou a caixinha em seu bolso e se aproximou de mim, pedindo permissão para colocar o cordão, com o mesmo em meu pescoço o observei com atenção notando que ele batia na altura de meu coração e senti com o contato de meus dedos, que

atrás dele havia algo gravado, ao vira o pingente notei sua superfície prata com um P gravado ali, olhei para Peter boquiaberta.

- Peter, isso é lindo!

- Eu sei que isso é romântico demais e você não gosta nada desses tipos de demonstrações, mas eu não resisti quando os vi expostos em uma loja, de imediato pensei em você. – Peter disse enquanto tirava o cordão restante e o colocava, ao me aproximar de si vi que em seu pingente tinha gravado um K e um sorriso caiu em meus lábios, olhando em seus olhos de imediato. – Enquanto esses corações estiverem em nossos peitos, o nosso amor para sempre ira perdurar. A minha intenção ao comprá–los foi com o pensamento de todas vezes que estivermos longe um do outro ... não importando se é perto ou longe, quando bater aquela saudade de querer estar comigo é só olhar para esse cordão e você saberá que eu sinto o mesmo que você aonde quer que eu esteja, e é uma forma de te lembrar que você está carregando o meu coração consigo.

- E você o meu. – disse enquanto ele guardava seu cordão dentro de sua blusa, percebendo agora o porque deles estarem marcados com nossas iniciais; ele havia pensado em tudo, levei uma mão em meus lábios, ainda surpresa com o presente, sorri e sem hesitar beijei seus lábios, o mesmo me tomou em seus braços e com paixão retribuiu meu beijo, ao nos afastarmos o observei sorrindo. – Não adianta você tentar me convencer do contrário, você *não* existe. – Ele riu parecendo muito contente com o momento, repousei minhas mãos em sua cintura e falei com seriedade. - Eu sou louca por você. Completamente, insanamente, unicamente louca por você.

- E eu te amo. – Ele disse ainda rindo, mas logo ficou sério ao notar o que disse enquanto minha face foi tomada por uma expressão de choque e meu coração simplesmente ... parou.
– Ehr ... eu acho melhor ...

- Peter ... – falei, ainda o observando sem palavras. – Eu ... – *Fala alguma coisa, Katerina. Que a recíproca é a mesma, que você também o amar, mas diga alguma*

coisa ou ele vai simplesmente morrer de vergonha, bem na sua frente, uma voz muito familiar a minha gritou dentro de minha cabeça e eu disse. – Eu ...

- É melhor irmos para a festa. – Ele disse me interrompendo, tão confuso com suas palavras anteriores que parecia não saber ao certo o que fazer, ele sorriu intimidado e indicou com uma das mãos para frente, como se quisesse dizer para eu começar a andar, o olhei com estranheza e achei melhor me silenciar; se eu não fosse falar nada que presta, era melhor ficar calada, mas não sei se essa foi a melhor opção. Íamos na direção do salão principal, um ao lado do outro, sua mão, que estava a soar frio e escorregadia, segurava a minha e não falamos absolutamente nada durante toda a travessia, enquanto eu ia segurando o pingente com a minha outra mão livre.

Ele *me* amava.
Como ele pode dizer isso ... Quer dizer, nos conhecemos há alguns dias e ele tem o conhecimento que me ama? Talvez ele tenha uma concepção de amor diferente da minha, as vezes amor para ele é como gostar, é simples de dizer, não é uma palavra pesada, profunda e que traz consigo diversos significados como para mim ou talvez ... ele tenha dito isso com segurança.
Ai!
Mas talvez, ele tenha dito sem querer, tenha pensado involuntariamente na palavra e dito e quando viu, já havia dito e não tinha como ele voltar atrás sem me magoar por isso ele ficou tão envergonhado e na defensiva, já que queria tirar atenção do ocorrido. É, esse pensamento faz sentido, mas mesmo assim, quando olho para sua expressão sério e pensativo, não consigo parar de achar que ele disse aquele *eu te amo* com plena consciência, eu só queria poder dizer o mesmo a ele.
Antes de entrar no salão principal, guardo o cordão dentro da gola de meu vestido, protegendo o *seu* coração perto do meu.
Ao adentrarmos no salão principal fiquei surpreendida ao perceber que o local nunca estivera tão lotado quanto hoje, nem mesmo na festa de abertura. Como nas últimas noites a disposição do salão continuava a mesma contudo sua decoração era completamente diferente e ouso dizer que a dessa noite fora a mais simples de todas. A orquestra estava a tocar uma música lenta e triste, podia notar diversos casais dançando na pista, sua maioria adultos e idosos, enquanto Peter me guiava notava com atenção na decoração de minha última festa no navio: o ambiente estava todo

decorado com tons pratas, brancos e dourados. As cortinas do pequeno palco onde a orquestra se encontrava era de um tom branco aveludado, como todas as outras cortinas expostas nas portas da entrada para a varanda, as toalhas que cobrem as mesas são de um tecido fino mesclado em dourado e prata e o arranjo centrado em todas as mesas são feitos de lírios belíssimos; todos os garçons que se encontram ali estão vestidos com smokings brancos e como de habitual, estão servindo todos os convidados com bebidas e petiscos.

O silêncio ainda caia entre mim e Peter, por mais que isso me preocupasse, não queria invadir a privacidade de seus pensamentos, sua mão ainda segurava a minha, agora com mais segurança. Olhei ao arredor a procura de algum rosto familiar, mas a quantidade de pessoas eram muito maior do que o suportado para o meu cérebro conseguir identificar alguém familiar, de repente senti meu corpo ser seguro pela cintura e percebi que havia parado de andar, olhei na direção de Peter que olhava para um determinado ponto com uma expressão seria, mas tranqüila, segui seu olhar e me deparei com uma mesa onde estavam sentados Dorian, Amelia, Serena e Miranda, eles bebiam, cada um, um *drink* diferente, ao lado da última duas cadeiras vagas. Dorian sorriu junto a sua noiva que acenou para nós como se fossem tirar uma foto juntos, Serena me olhou de cima abaixo, enquanto Miranda apenas ergueu uma sobrancelha sem expressão.

- Boa noite. – Peter disse, com um sorriso contido nos lábios, todos responderam e eu apenas sorri, mostrando que era o meu mesmo desejo.
– Desculpem o atraso. – Ele se aproximou da cadeira próxima a Miranda e se sentou ali, me guiando para se sentar ao seu lado. – Perdemos alguma coisa de interessante?

- Apenas o breve discurso do comandante se despedindo dos passageiros que irão ficar definitivamente em Londres a partir de amanhã e desejando um bom *tour* na cidade a todos e que espera ansioso o retorno dos passageiros que continuarão no cruzeiro e dos que vão ficar em Londres, para outros cruzeiros no futuro, ele também agradeceu a presença ilustre de minha mãe nessa viagem e só. – Serena murmurou, erguendo ambas as sobrancelhas, entediada. - Nada mais interessante aconteceu.

É, realmente perdemos nada, pensei.
- Vocês querem beber alguma coisa? – Dorian questionou com um ar gentil. – Eu acabei de voltar do bar, mas não me incomodo de ir lá buscar algo para vocês.
- Eu não quero ... Estou sem sede. – Murmurei, olhando de Dorian a Peter.
- Bom, eu acho que um uísque cairia bem, apenas para começar a noite. – Peter murmurou e me olhou. – Tem certeza que não quer nada, Kate?

- Sim. – Respondi quase que em um miado, Peter se levantou e me deixou ali. Sozinha em termos, entre Dorian e Amelia e na outra ponta Serena e Miranda, as duas últimas conversavam entre si, assunto ao qual não conseguia ouvir, já Amelia e Dorian conversavam animados sobre o retorno a Londres, logo Amelia me levou para dentro da conversa, me contando que em 04 dias iriam começar os preparativos de seu casamento, que seria daqui a 01 ano quase exatos, questionava a ela por onde que ela iria começar primeiro e ela começou a dizer detalhadamente quais eram seus planos, Dorian participava do assunto com seus comentários cômicos e simpáticos e de repente Serena adentrou na conversa também fazendo comentários sobre os detalhes destacados por Amelia, notei de rabo de olho que Miranda prestava atenção em nossa conversa, mas ocasionalmente sua atenção era chamada por alguma pessoa que vinham cumprimentá-la, algum conhecido ou simples admirador, percebi o quanto ela era simpática com essas pessoas, o que me entristeceu tendo a total certeza que ela tinha um problema especial comigo. Peter demorou a voltar, mas assim que retornou colocou na minha frente uma latinha de refrigerante e bebericou seu uísque, mesmo eu tendo dito que não queria nada, ele trouxe, talvez tivesse percebido que eu havia ficado sem graça. Peter agora participava do assunto, acabando por revelar algo ao mostrar animação por ser padrinho de seu melhor amigo. Mesmo com a presença pesada de Miranda no ambiente, a conversa fluía bem até mesmo com a participação de Serena, que continuava naquela tentativa estranha de tentar me convencer que queria se redimir, eu apenas a tratava bem por carinho a Amelia e Peter, já que minha verdadeira vontade é ignorá-la, do mesmo modo que estou a fazer com Miranda.

Ainda sentia Peter um pouco distante de mim, seus olhos não se encontravam com os meus e quando ele me olhava, era com um cuidado especial, essa atitude apenas mudou depois de longos minutos, quando a orquestra começou a tocar uma música

um pouco mais animada, num ritmo romântico e contagiante, sem hesitar Peter me convidou para dançar e eu aceitei sem pestanejar, o gesto dele foi imitado por Dorian então nos quatro partimos na direção da pista de dança, mas antes Peter pedira licença a tia, de um modo seco pelo que percebi e a mesma respondeu de uma maneira surpreendentemente simpática.

- Vão! Vocês são jovens, pertencem a pista de dança. – Ela murmurou com um sorriso muito bonito, mas senti certa falsidade nele, mesmo querendo pensar nele de maneira positivam; o trio sorriu com o comentário, menos eu e pude sentir os olhos de Miranda faiscarem em minha direção, seu sorriso simpático se transformando em malicioso e em seguida ela ergueu seu drink no ar, em cumprimento e eu apenas segui os meus amigos, sendo guiada por Peter.

Peter me rodopiou com facilidade e me puxou para próximo de seu corpo, com uma de suas mãos presa na minha e a outra em minha cintura, eu o observa com extrema atenção, era a primeira vez que ficávamos sozinhos desde que chegamos e temia muito por esse momento, ele parecia tão desconfortável perto de mim, tudo bem podia ser apenas uma sensação minha, mas podia ver em seus inquietos olhos, suas mãos suadas e expressão pensativa que algo estava a atormentá-lo e eram aquelas palavras que ele havia dito. Mesmo a música tendo um ritmo um pouco mais animado que as últimas que haviam tocado, nós dançávamos em nosso próprio ritmo, calmo e lento e eu sabia muito bem o porquê de estarmos assim.

- Kate.– Peter começou a falar, mas o interrompi antes que ele pudesse dizer qualquer coisa que o fizesse se arrepender mais tarde. - Sobre o que eu disse na piscina ...
- Peter ...
- Eu quis dizer cada palavra.
Me silenciei.
Novamente voltando ao meu estado de choque, o observando sem palavras.

- E não queria te assustar com aquelas palavras ou pior, forçá-la a dizer o mesmo, quando percebi eu já havia dito e não arrependo de tê-las dito, sei o tão surpresa que você deve estar com tal atitude minha, mas ... eu não podia mentir para você o que

sinto. – Ele me olhou de lado com um sorriso leve. – Você tem todo o tempo do mundo para sentir o mesmo que eu.

- Eu amei ouvir tais palavras de seus lábios, mas ... – Peter sorriu, mas não foi um sorriso feliz, foi um sorriso de aceitação. – Me desculpa.

- Foi como eu disse, são meus sentimentos que precisava dizer a você. já que não conseguiria omiti-los, não quero te forçar em nada, Katerina; nem hoje nem nunca. – Peter sorriu e acariciou meu rosto, sorri levemente com o cenho enrugado . – Não fique com essa carinha tristonha para mim; eu estou bem com a sua reação, eu juro, já a esperava para ser sincero, não quero que você fique se atormentando com isso ...

- Eu só não estou pronta para lhe dizer *isso*. – disse em um suspiro, sentindo sua mão acarinhar meu rosto.

- Eu sei. – Peter sorriu e ergueu meu rosto para poder olhar seus olhos. – Eu vou esperar ouvir tais palavras de seus lábios, pode demorar um dia, uma semana, um mês, um ano ... Eu não tenho pressa, apenas quando o disser, tenha a certeza do que sente, eu só quero isso, que você faça o que realmente quer e sinta.

- Obrigada. – O olhei com atenção, percebendo que esse garoto não pode ...

- Você vai falar que eu não existo, não é? – Ele murmurou, abafando uma risada e entortei os lábios, irritada por ele ter adivinhado meus pensamentos e dei de ombros fingindo de maneira falsa que não era isso. Ele deu uma gargalhada e sem hesitar me fez rodopiar o que fez eu dar um gritinho de surpresa, agora riamos juntos e quando voltei para próximo de seus braços, nos beijamos de um modo afetuoso e gentil.

Peter *me* amava. Eu acho que é cedo demais para pensar em amor, em me questionar se amo Peter, na realidade, eu tinha essa resposta e era um não. Eu gostava dele, muito muito, de um modo único e arrebatador, mas eu sabia que podia viver sem ele, então não era amor ... ainda.
Um dia ele teria a minha confissão de amor, mas não *agora*.

Depois de dançarmos mais algumas músicas, eu precisava descansar e beber algo,

Peter concordou com a ideia , então voltamos à mesa onde Amelia, que estava um pouco corada e Dorian se encontravam acompanhados de uma Serena sorridente e falante, mas assim que percebeu a minha presença e de Peter a mesma não nos recebeu com a mesma simpatia de antes, parecia que uma nuvem tomou conta de sua expressão e agora ela me observava com certo ciúme, mas continuou a conversar com Amelia e Dorian, já Peter foi buscar bebidas no bar para todos nós, percebi que Miranda não estava ali, então provavelmente ela deveria estar em algum lugar daquele salão sendo a Lady de Brighton; me mantive sentada, descansando minhas pernas que latejavam, não demorei a me enturmar na conversa deles, assim que Peter voltou com as bebidas, me entupi com o refrigerante que ele trouxe, como se estivesse com a sede de vinte homens. Agora a festa havia ganhado um ar mais jovem, a orquestra tocou a sua última vez, se despediu da grande platéia e foi agraciado com uma salva de palmas e seu lugar foi tomado por um DJ que começou a tocar um set de diversas músicas pop's atuais e foi inevitável, quando notei haviam diversos jovens misturados aos adultos e idosos na pista de dança. A conversa estava animada e divertida, entravamos de um assunto a outro, mas num desses intervalos ...

- Meu Deus! Eu simplesmente amo essa música! – Serena disse com entusiasmo, seus olhos caíram em Peter que ergueu ambas as sobrancelhas .- Peter, vamos dançar, por favor! – Serena murmurou, com um olhar sexy na direção de Peter e um sorriso envolvente. – Eu amo essa música e tenho certeza que você vai amar dançá-la comigo.

- Que bom que você gosta da música, porque se depender de mim você só vai ouvi-la. – Peter murmurou com sarcasmo e tive que conter uma risada. – Eu sou apenas de Kate nessa noite, então você terá que arrumar outro cara para dançar com você. Desculpa! – Ele murmurou fazendo uma careta com os lábios, eu acho que seu terceiro copo de uísque já estava fazendo efeitos.

- Eu tenho certeza que a Kate não vai se incomodar que eu te roube por alguns minutos, não é? – Ela questionou com um sorriso hóstil, mas com um tom falso de simpatia.

- Na realidade, vou sim. Peter sabe o quanto sou ciumenta, não gosto nem um pouco da ideia dele dançando com outra garota que não seja eu ou Amelia ... Então, nem pensar! – Murmurei com um artístico, acompanhando a mentira de Peter.

- E olha que até com a Amelia ela sente um ciúme incontrolável, mas aceita. – Peter murmurou, balançando a cabeça em afirmação.
- Tanto faz ... – Serena disse, repousando o rosto em sua mão revirando os olhos, então ela observou Dorian e abriu um sorriso. – Do ...

- Nem pense nisso Serena Evans. Com um monte de homens solteiros, charmosos e encantadores nesse navio e você quer dançar exatamente com meu noivo? Por favor! – Amelia disse com uma expressão seria.
- É, tenho que concordar com a patroa. – Dorian disse ao notar que Serena esperava sua resposta, ao dizer, bebericou sua cerveja com uma expressão de satisfação.

- Não preciso de vocês, posso muito bem arrumar qualquer cara apenas com um olhar, vocês são os que perdem. – Ela disse se colocando de pé e passando uma das mãos em seus cabelos de um modo charmoso enquanto nos olha séria.

- Então, o que está esperando? – Murmurei cínica, erguendo ambas as sobrancelhas. – Vai lá! Os homens te esperam.

- É, vai lá Serena; Só cuidado para não acabar dando em cima de algum ministro muito bem casado, já percebemos que você tem uma preferência por homens comprometidos e sua mãe não vai gostar nadinha de ver você na capa de algum site de fofoca relacionada a uma escandalosa separação. - Amelia disse com um sorriso falso nos lábios e um olhar de anjo, Serena observou a prima com frieza e transferiu seu olhar em minha direção, sua frieza se transformando em um olhar vingativo, ergui ambas as sobrancelhas a encarando e a mesma foi embora do ambiente.

- Arhhh ... – Dorian grunhiu fazendo com uma mão um gesto na direção de Serena que entendia-se como: Suma daqui, Chewbacca.

Abafamos uma risada, pelo visto Serena não era muito querida por Dorian também, acabei por trocar um breve olhar com Amelia que sorriu vitoriosa para mim dando

uma piscadinha em agradecimento, tinha certeza que cada vez que ela conseguia mostrar a Serena que sabe muito bem o tipo de pessoa que ela é, se sente um pouco vingada depois de tudo que Miranda fez ela e Dorian passarem para não ficarem juntos. Se dependesse de mim, ela teria uma justiceira competente para ajudá-la a se defender e colocar as Evans em seus devidos lugares e hoje só foi uma mostra de o que o futuro reservava.
Continuamos a conversar, notando ao nosso arredor que a festa estava mais animada, mas algo em particular chamou minha atenção na direção da varanda, me debrucei um pouco na mesa para ter certeza do que vi e fiquei surpresa ao me deparar com Rachel acompanhada de Joana, ambas próximas a borda do navio, conversavam com expressões sérias. De imediato fiquei preocupada, entre a dúvida de ir até lá com a intenção de impedir um confronto ou apenas não me intrometer e ficar onde estava. Peter me puxou de volta a cadeira com certa força, o que me surpreendeu.

- Ei! – Murmurei, emburrada, percebendo que Peter estava a menos de cinco centímetro de mim.

- Você está querendo se quebrar? Tenha um pouco de cuidado com si, não posso te proteger o tempo todo. – Por fim, ele apontou um dedo na direção da varanda e me olhou de modo firme. – Não.pense.nisso. Você vai ficar quietinha aqui, sem se intrometer ou fuxicar.

Emburrei minha expressão olhando da varanda para Peter.

- E não faça cara feia. – Ele disse por fim, apontando um dedo para mim. Revirei meus olhos e afundei meu rosto em minha mão, olhando ao arredor, mas discretamente dando uma conferida em Joana e Rachel. Continuávamos a conversar animados, agora Amelia falava de umas amigas dela, de sua universidade, óbvio que eu não tinha muito o que falar já que não as conhecia, entretanto participava do assunto, mas com os meus olhos atentos na varanda. Pelo que parecia, Joana estava chorando e mesmo que não quisesse transparecer, Rachel também estava, foi inevitável, senti meus olhos se encherem de lágrimas, apenas com essa cena, então abaixei meu rosto, limpando as lágrimas de modo disfarçado, voltando a fazer parte

do assunto atual, que era os cabelos longos de Dorian que Amelia queria que ele cortasse, mas o mesmo parecia completamente contra essa opinião.
Involuntariamente voltei a olhar para a varanda e vi algo que fez não apenas meu coração se iluminar de alegria como um grande sorriso cai em meus lábios: Rachel e Joana estavam abraçadas, de um modo afetuoso e não num golpe característico do Judô, sem tirar meus olhos de tal cena, cutuquei Peter e quando notei que ele me olhou surpreso, logo Dorian e Amelia acabaram por seguir seu olhar, apontei na direção da varanda e os três observaram o mesmo que eu. Amelia repousou a mão em seu coração com um sorriso gentil nos lábios, Dorian olhou para cada um de nós sem entender o porque de tanta comoção enquanto Peter se aproximou de mim, apertando gentilmente meu nariz com um sorriso nos lábios.

- Eu não disse que tudo ficaria bem? – Ele sussurrou, depositando um beijo em meus lábios.
- É, realmente está começando a ficar tudo bem.
- Pelo que parece, o mais difícil ela já fez, que foi perdoar, se não me engano o nome, Rachel da traição ...- Amelia disse, me observando com aquele sorriso gentil nos lábios.

- Mas isso não quer dizer que ela irá perdoar Kate. – Dorian murmurou, dando de ombros, Amelia com uma expressão emburrada deu um beliscão no noivo que imitiu um grunhido irritado. – Meu Deus, você acha que sou feito de aço? Isso dói! Eu só disse o que acho, pelo amor da Rainha!

- Então não diga o que pensa, melhor: beba e fique bem caladinho ou você receberá mais beliscões. – retrucou incisiva Amelia, ainda com aquela expressão emburrada.
- Tudo bem. Dorian tem razão ... – Respondi, convencida de tal pensamento.

- Tem mesmo. – Peter concordou o que fez Amelia o olhar de modo incrédula. – Isso realmente não quer dizer que Joana vai te perdoar Kate, isso quer dizer que ela já perdôo. Se ela teve a capacidade de perdoar a traição da Rachel, garanto que o que você que a magôo tanto já não doa em nada seu coração.

- Eu queria tanto que o ser humano fosse tão simples como você prega, Peter, mas

depois de tudo que já passei em meu pouco tempo de vida, garanto que uma das coisas que o ser humano abomina é a simplicidade.

- Ainda mais que não teria a menor graça viver em um mundo onde tudo é simples, prático e perfeito; um pouco de dificuldade é a cereja no topo do bolo de cada um de nós. – Dorian filosofou dando uma piscadela para mim, em seguida estendeu a mão para Amelia com um sorriso conquistador. – Gata, vamos dançar até que nossos corpos digam chega!
- O meu não diz isso, ele já grita essas palavras. – Amelia disse em um muxoxo o olhando com uma expressão cansada.

- Não, eu, Dorian Alexander Jones Wright, não aceito que fiquemos sentados enquanto está tocando *Stayin' Alive* e estão todos, repito, todos extravasando os seus lados anos 60'. Vem Amelia, solte o seu lado Bee Gees que há em você. – de modo feroz ele olhou para mim e Peter e murmurou firme. – Vocês também não vão escapar.

Olhei para Peter e o mesmo ergueu ambas as sobrancelhas com um sorriso malicioso se formando em seus lábios, sem titubear me coloquei de pé puxando Peter para a pista de dança, com uma Amelia contrariada, Dorian ao meu lado já fazia uma coreografia similar a produzida pelo trio da música, enquanto eu e ele íamos cantarolando:

- *Ah, ah, ah, ah, stayin' alive, stayin' alive* – Várias pessoas nos observavam, algumas rindo, outras irritadas, provavelmente pensando como éramos mal educados, eu apenas continuava a me divertir, o que podia fazer se eu era feliz e gostava de mostrar ao mundo isso?

Dançávamos em grupo, rindo e se divertindo com as nossas coreografias hilárias que criávamos na hora, Dorian era o mais palhaço de todos nós, imitando passos idênticos aos de John Travolta no filme *Saturday Night Fever*.

- Acho que temos um grande fã de musicais no navio. – Impliquei com Dorian.
- Você não viu nada ainda! - E o mesmo me puxou para seus braços em um passo desengonçado que quase me fez cair, enquanto Amelia e Peter riam de chorar.

Dorian voltou para os braços de Amelia, que agora se mostrava mais animada e até cantava a música com nós, de um modo desafinado e engraçado, já eu tentava fazer Peter dançar, mas o mesmo era duro e contido, como se não conseguisse se soltar em um algo leve e divertido por não se sentir a vontade ali, tendo a sensação que todo mundo o veria dançar, então para conseguir fazê-lo deixar a música lhe guiar comecei a dançar para ele de um modo bobo e engraçado, fazendo coreografias bobas com as mãos, passando os dedos entreabertos perto dos olhos e fazendo um olhar sexy, o que fez ele começar a gargalhar me imitando e aos poucos, quando me dei conta, ele estava mais leve e jeitoso com a ocasião, tendo até um momento que Amelia me olhou surpresa por ver o irmão tão animado, até diria que sua expressão dizia que ela nunca havia o visto assim tão feliz e sendo ele mesmo. Eu gostava do Peter que é sério, maduro e contido, mas me apreciava muito ver o Peter sendo ele mesmo, um jovem livre, audacioso e venturoso.

Diversas músicas mais tarde, deixamos Amelia e Dorian se divertindo na pista de dança e fomos para a varanda, onde como de costume vários jovens se encontravam com suas bebidas e amigos em altas conversas e muita animação; Peter e eu fomos para uma parte do ambiente um pouco mais reservada e ficamos a curtir um momento a sós. Em determinado momento vi Peter olhando para um determinado ponto com extrema atenção, segui seu olhar e vi um grupo de senhores conversando em uma mesa, próxima ao bar, com seus drinks em mãos e pareciam estar entretidos em um assunto sério, Peter contou que foi com aqueles senhores com quem ele jogara pôquer no outro dia, alguns deles fazem negócios com seu pai e acabou coincidentemente de estarem nesse cruzeiro, ele disse questionou se eu ficaria bem se ficasse sozinha por alguns minutos, já que ele gostaria de conversar com os tais senhores e desejar uma boa estadia em Londres, disse que não me moveria do lugar que ele podia ir sem pressa e temores, ele sorriu daquele modo tentador, mas seus olhos estavam pensativos, como se ele não soubesse se devia me deixar ou não, o encorajei com um sorriso e o mesmo se aproximou de mim, tomando meus lábios com paixão e desejo, me entreguei ao beijo afundando minhas mãos em sua nuca e cabelos, ao se afastar ele parou alguns passos na frente e sorriu, dando uma piscadela, sorri completamente encantada com seu gesto. O observei se juntar ao grupo e por fim, me voltei na direção do oceano, observando aquela bruma que

tomava todo o oceano, a grande lua sendo escondida lentamente por grandes nuvens negras que estavam a tomar cada centímetro daquele negro céu. Senti um arrepio forte tomar conta de cada centímetro de meu corpo junto com aquela sensação estranha que já me assolava a algumas horas, tentei afastar tal sensação pensando em Peter e nossos últimos momentos que foram mágicos e deleitosos.

- Katerina.

Me virei com um sorriso em meus lábios, tomadas por tais memórias felizes crente que quem havia chamado meu nome havia sido ele, mas não; era *ela*.
Miranda estava parada na minha frente, com um belo vestido vermelho longo de tecido leve, seus cabelos brancos soltos e lisos que mesmo tendo uma cor tão diferente do habitual, lhe dava um ar ímpar e não tira a sua juventude.

- Ah ... Miranda. – com um tom óbvio de decepção a observei, sentindo o sorriso se desmanchar de meus lábios, tendo a única certeza do porque dela estar ali na minha frente, falei sem pestanejar. – Peter está ali com aqueles senhores.

Já prestes a me voltar na direção do oceano, com os braços cruzados em volta de meu corpo em forma de proteção, senti um frio tomar minha espinha quando Miranda disse com seu tom de voz rouco e cortante.

- Não, eu não quero falar com Peter; eu quero conversar com você. – Deixando um sorriso suave cair em seus lábios.
- Sobre? – Perguntei a olhando com o cenho levemente franzido.
- Você. – Respondeu ela ainda com aquele sorriso em seus lábios – e Peter.

A olhei, desconfiada em suas palavras, passei uma das mãos em meus cabelos olhando disfarçadamente para onde Peter se encontrava, mas ele estava de costas para a minha direção, entortei os lábios para isso, já Miranda se moveu sorrateiramente parando ao meu lado com uma postura ereta e suas mãos entrelaçadas enquanto me observava com atenção.

- Pelo seu silêncio, você parece surpresa com a minha aproximação.
- Não, não é isso. – disse com uma falsa comoção com sua afirmação e menti. – Eu

sou quieta mesmo que não pareça.

- Bom, para mim soou mais como submissão e não quietude. – Retrucou Miranda com uma expressão pensativa.

- Cada um vê aquilo da maneira que deseja. – Contra rebati sentindo meus olhos faiscarem de raiva com sua afirmação, erguendo ambas as sobrancelhas com um falso interesse. – Então, sobre o que exatamente você quer falar sobre mim e Peter?

- Sobre como vocês estão conectados, nem parecem que se conhecem há tão pouco tempo, seis dias, não estou certa? – Afirmei com apenas um balançar de cabeça. – Parecem que se conhecem a muito, muito mais tempo. – Não consegui abafar uma risada e comecei a rir de um modo debochado enquanto Miranda me olhava com aquele sorriso contido em seus lábios. – Não compreendo, qual é a graça?

- Você, tentando me enrolar. – Respondi com firmeza. – Eu tenho certeza que esse *papinho* de que quer falar comigo sobre Peter e eu é apenas uma enrolação para o que de fato você quer falar comigo, além do mais, você não perderia seu tempo falando com uma *selvagem*, apenas para conversar. – O sorriso se desfez dos lábios de Miranda e seu olhar ficou mais feroz enquanto o meu faiscou de confiança. – Que tal você falar o que realmente quer ou eu vou fazer algo mais interessante, ficar enrolando não faz o meu estilo.

- Você se acha muito esperta, não é Katerina? – questionou Miranda com tenência.

- Eu não acho, eu sou. Você deve achar que eu sou frágil, delicada, sonhadora, apaixonada e uma simples garota que apenas quer que o dia termine bem, bom, eu não sou assim. Eu não nasci para esperar e sim para fazer acontecer. Eu não nasci em berço de ouro, Miranda, mas mesmo assim tive uma criação muito melhor do que de muitos milionários por ai e se tem uma coisa que minha mãe sempre disse sobre pessoas com esse seu tipo de comportamento é que quem tenta bajular no fundo esconde algo.

- É, eu sei a criação que você teve. Deve ter sido muito difícil ter sido criada por uma mãe solteira, vivendo com seus avós com os atributos de classe média pobre

enquanto tinha que estudar em colégio exclusivo para alunos da elite dos Estados Unidos; ter que conviver com toda aquela riqueza, famílias ricas, a competição acirrada para ser o melhor da turma, pelo que fiquei sabendo você sempre era uma das melhores alunas, mas nunca a melhor. – Miranda murmurou em um sussurro com aquele olhar faiscante firmes em meus olhos enquanto minha expressão mesclou de surpresa a choque.

- C-como ...?

- Eu tenho os meus métodos. – Ela murmurou com um sorriso leve nos lábios. Me recordei do que ela havia dito a sua assistente, Clarissa, ao pedir que ela procurasse tudo que pudesse sobre a minha vida. – Você realmente achou que namorar um lorde não teria suas conseqüências?
- Ele não é *apenas* um lorde; em primeiro lugar ele *é* Peter, ser lorde é apenas uma condição. – Respondi entre dentes.

- Não é assim que as coisas funcionam em nossa família, Katerina. – Miranda murmurou com segurança os seus lábios com aquele sorriso contido, balancei minha cabeça com nojo da forma que ela dissera. – Eu confesso que fiquei muito, *muito* decepcionada com o seu histórico escolar, nenhuma imperfeição, Katerina. – Ela murmurou com uma falsa tristeza.
– Nem uma briguinha, cola, nota baixa, nada. Uma ficha completamente limpa.

- Como você conseguiu meu histórico? – Questionei ainda tentando manter minha expressão de confiança. – O sistema apaga todas as nossas informações vinte e quatro horas depois de nossas formaturas.

- Ah,isso é um detalhe. De acordo com o meu informante, os alunos não podem mais acessar suas informações, mas o colégio sim, tudo é salvo em um tipo de sistema, bem escondidinho no site, eu só precisei de um bom hacker. Bom, continuando ... Entretanto mesmo com todo aquele histórico bonito e invejável por qualquer aluno que deseja ir para uma boa universidade, achei um fator determinante para quem você é e seu futuro. Não está interessada em saber? – Miranda questionou com um olhar falso de afeição, enquanto a observava enojada, olhei discretamente para onde

Peter estava, mas não encontrei mais lá nem os senhores e senti meu estômago se afundar. – Bom, acho que isso é um não, mas estou gostando de nossa conversa então, vou falar mesmo assim. Sua tentativa de suicídio, Katerina. – a olhei com uma expressão sobressaltada. – Estava lá, em seus arquivos psicológicos, um ano de terapia, alguns remédios e um medicamento diário para ansiedade e nervosismo.

- Você é repugnante. – Murmurei a observando com frieza, sentindo meus olhos se marejarem de lágrimas, me sentindo exposta por aquela mulher.

- Não se apavore ainda, Katerina. – Ela disse com certa ardor. – Isso não é o bastante para eu consegui o que quero. Na realidade, em qualquer outra família da nobreza isso seria o bastante para até uma possível amizade entre você e Peter não existir, mas não com os Hartley, eles tem o coração mole; iriam se comover com a sua situação e unir-se mais a você. Não é *isso* que quero ...

- Você quer que eu saia da vida do Peter, assim você acha que ele vai ficar com a Serena. – Murmurei, erguendo uma sobrancelha. – Isso nunca vai acontecer.

- Nunca diga *nunca*. – Miranda disse, apontando um dedo em minha direção com um sorriso falso em seguida enrugou o cenho, pensativa. – E você não sabe como é má educação interromper as pessoas ou sua *mãe* não lhe ensinou isso?

- Não fala da minha mãe, sua ... – Senti meus dentes trincarem, mas controlei meus impulsos, lembrando que xingá-la não iria melhorar a situação, só piorar.

- Oh! Pelo visto não foi só isso que sua mãe deixou de lhe ensinar, que coisa feia Katerina!
- O que *você* quer de mim, Miranda? Apenas diga e acabe com isso de uma vez por todas. – Murmurei entre dentes, fechando meus pulsos.

- Tudo bem, você quer que eu vá direto ao assunto, então eu irei ... – Ela deu um passo a frente, me observando com frieza e disse em um sussurro cortante. – Você está certa, eu quero você fora da vida de Peter para sempre. Seu histórico psicológico e escolar não me ajudaram muito, mas meu informante se lembrou de algo importante: jovens tem redes sociais e de forma imbecil escrevem tudo que

fazem, vivem e amam naquelas páginas para todos seus amigos e parentes lerem e você não é uma exceção; ele só teve que hackear sua conta e voilá, descobri tudo que precisava. O nome da minha descoberta é Rachel Ray, nascida em Paris, filha de Eleonor Ray e John Ray, é uma jovem muito popular, animada, pelo que entendi, é sua amiga desde quando nasceu ... Tadinha! Mal sabe que essa amizade pode lhe causar diversos problemas irreparáveis ... *Do que ela está falando?* Você deve estar se questionando, bom como você, ela tem um grande sonho: ser estilista. – Por alguma razão senti meu coração martelar com força e olhei para Miranda sentindo minha garganta secar. – Coincidentemente Serena acabou por me contar que Rachel havia feito várias roupas para a tal peça de teatro a qual vocês apresentaram hoje e pelo visto, um dos diretores iriam apresentá-la a um famoso estilista, que, pelo que descobri em minhas pesquisas é um dos favoritos estilistas de sua melhor amiga e um dos meus melhores amigos no mundo da moda.

“ Então decidi ir assistir a peça de teatro, além do mais, aproveito a oportunidade para dizer que você deve ser boa em qualquer coisa, menos atuar ... ou talvez nem qualquer coisa, mas enfim ... Fiz questão de sentar próxima a Charles Porter, ele ficou deslumbrado com a obra de sua amiga, ela sim tem um grande talento na industria; eu garanto que não tenho nada a ver com o convite do estágio feito a ela, mas garanto que foi uma das melhores coisas que poderiam acontecer. Eu quero deixar bem claro que você não está lidando com uma adolescente, Katerina, eu não estou *brincando* com você, estou falando muito sério. Charles Porter só conseguiu a posição que tem atualmente graças a mim, somos amigos de longa data e se não tivesse dado a ideia de minha filha ir a uma grande evento com um dos seus fabulosos vestidos, que na época eram apenas bons, ele nunca estaria onde se encontra. Vamos dizer que eu ligue para ele e diga *algumas* coisas sobre Rachel, fofocas de elenco que Serena ouviu ... Ela perderia o estágio rapidinho e tenho certeza que o status dela no twitter iria mudar de “muito feliz por ter ganhado um estágio com Charles Porter” para “Vou seguir os mesmos passos de minha ex melhor amiga e tentar tirar minha vida com alguns comprimidos”. Outra dica: na próxima vez que você tentar tirar a propria vida, faça direito. Corte pulsos, se enforca ...”

Sem nem ao menos pensar acertei um tapa na cara de Miranda, que reagiu segurando a minha mão com força e me encaminhando para atrás, assim ficando num canto

mais vazio e escuro do ambiente, notei que ninguém havia percebido o ocorrido e não havia nenhuma pessoa conhecida no ambiente, o que me deu um ódio mortal, já que quando queremos privacidade todo mundo surge, mas quando precisamos de ajuda, nem uma alma penada. A música tocava alto, ainda nos ritmos pop's atuais enquanto a maioria dos jovens e adultos estavam na pista de dança, da onde estava podia ver, como também podia vislumbrar o negro céu todo tomado por nuvens negras, um sombrio raio tomou conta do céu seguido de um trovão, grunhi de dor, sentindo as unhas de Miranda tomarem meus braços.

- Me solta! – Falei ríspida. – Ou vou gritar!

- Grite! Grite mesmo! E direi que você não está medicada com suas doses cavalares para controlar seu nervosismo e relato como você tentou me atacar nessa varanda, com inverdades sobre o meu comportamento que nunca foi nada mais, nada menos do que exemplar. – Ela murmurou entre dentes, mostrando um pouco da perda de sua postura, ainda segurando meu braço de modo discreto enquanto nos encarávamos. – Você acha que os seguranças vão acreditar em quem depois de ver seu histórico medico? Além do mais, eu sou Lady de Brighton, se algum dúvida surgir, algumas notas de cem pode mudar isso ...

- Peter e Amelia sabem a verdade, conhecem a tia que tem ... Para mim basta que apenas eles saibam a verdade. – Ela apertou mais o meu pulso e senti lágrimas tomarem meus olhos.

- O que aconteceria se eu acidentalmente quebrasse seu pulso, Katerina? O que você sentiria além da dor? – Questionou de modo sombrio. - Como seria para você perder o seu único sonho de ser alguém por conta própria? – Miranda murmurou, podia sentir seu hálito quente em meu rosto, enquanto senti uma lagrima involuntária descer por meu rosto. – Você sabe qual é o sentimento e é isso que você está fazendo com a minha filha, tirando o sonho dela ser feliz com Peter ... Dos dois dividiram o amor único e exímio que eles possuem.

-Ele *não* a ama. – murmurei, sentindo as palavras falarem de meus lábios, percebendo que se ela continuasse a me segurar assim era bem possível que

fissurasse meu pulso e estávamos em um lugar tão recluso que ninguém nunca imaginaria o que está a acontecer.

- O que você disse? Desculpa, apenas os ratos podem te ouvir, acho que você compreende o que quero dizer, já que pertence a essa espécie.

- Ele *não* a ama. – Ergui minha cabeça dizendo cada palavra com uma força e firmeza inimaginável, segurei a mão dela com força, a soltando de meu pulso e a empurrando para longe me lembrando das palavras mais belas que já havia ouvido dos lábios de um rapaz. – Ele *me* ama. – Miranda gargalhou, com uma expressão incrédula pela minha atitude e pelo que disse. – Ele me disse há algumas horas atrás, não é invenção minha, vá atrás dele e tenha sua afirmação. Não importa o que você faça; *Nosso* amor é real, nem você e nem ninguém pode destruir isso, apenas *nós*.

- A ideia é essa. – Miranda urrou com um olhar de vitoria em minha direção, a observei descrente de suas palavras, notando aonde finalmente ela queria chegar. – Você vai fazer exatamente o que eu mandar, para a *felicidade* de Rachel. Você vai terminar com Peter de uma forma que fique bem clara que você nunca mais quer vê-lo, mas como você é tinhosa é bem capaz de não querer então, diga não a minha proposta, e eu farei com que sua amiga perca o estágio com Charles e ainda mandarei um aviso a todos os meus conhecidos no mundo da moda, e são muitos nomes importantes, nunca aceitarem trabalhar com Rachel Ray.

- Você está blefando. – Ri de maneira debochada, não dúvidando de suas palavras, mas querendo ter a certeza delas, enquanto deslizava minha mão boa na que agora latejava de dor.

- Se é nisso que você quer acreditar a decisão é sua, mas volto a repetir: eu não estou brincando, Katerina, você está lidando com alguém que não apenas joga, mas ganha. – A observei com atenção vendo sua expressão seria se firmar com um olhar cortante em minha face, ergui uma sobrancelha, ainda descrente com sua atitude. – Está bem, você quer uma prova da minha seriedade, então aqui está ela ... – Miranda levou as mãos até a bolsa branca que estava em seu ombro, de dentro dele ela tirou um celular, o observando com atenção e em seguida ela o mostrou para mim, mostrando

que estava em modo de gravação. – Eu tenho tudo gravado, não é a toa que eu quis conversar com você aqui, o lugar mais calmo do salão; Se você optar por Peter, vamos dizer que acidentalmente essa gravação caia nas mãos de Rachel ... Você até pode conseguir ficar com Peter, por algum tempo, mas nunca mais terá sua melhor amiga de volta.

Nada disse, observando aquele celular com atenção e voltando a olhar nos olhos frívolos de Miranda. Era um celular atual, logo a gravação ali feita teria uma potencia muito boa, mesmo com os ruídos do ambiente; Miranda não parecia blefar, ela realmente estava jogando para ganhar. Pensei seriamente nas opções que tinha ali, podia tacar aquele celular no mar e correr atrás de Peter e contar o que acabara de acontecer, era o sábio a fazer, mas não o certo, eu não usaria a violência do mesmo modo que ela usará, pensei no que minha mãe havia dito, sobre eu ter agido pior que Miranda, quando a enfrentei no corredor, ela tinha razão nisso. Eu não era como Miranda, eu era melhor e não cairia em sua armação.

- Katerina, eu não tenho tempo para você ficar ...
- Não. – Falei de forma firme, erguendo minha cabeça.
- Não o que? – Miranda questionou dando uma piscadela com os seus olhos de um modo desdenhoso.

- Eu não vou terminar com Peter e você não vai acabar com a vida da Rachel. Não importa o que você diga que irá fazer, palavras não me amedrontam. Foi uma boa tentativa para tentar me *tirar* da vida de seu sobrinho, mas ... não vai dar certo. – Balancei negativamente a cabeça com um sorriso contido e de uma maneira rude murmurei. – Lide com isso.

Sem hesitar me afastei dela e sai do ambiente, em passos contidos, ainda mantendo o sorriso em meus lábios, desconfiando que Serena podia estar ali perto nos vigiando, mesmo não querendo ser desconfiada, acreditava que a mãe havia deixado a filha a par da situação. Quando me afastei o suficiente do ambiente, me escondi atrás de uma pilastra, vendo Miranda se retirar da varanda e ir em direção do *lounge*, sozinha. Sem perder tempo peguei meu celular, ligando para Peter, mas o celular do mesmo deu como desligado ou fora da área de cobertura, tente mais tarde, talvez não

aja mais tarde, retruquei mentalmente. Com apenas um toque voltei a lista de contatos e achei o número de Amelia e liguei para a mesma ...
Um toque ...
Dois toques ...
Três toques ...
Atenda essa porcaria! Seis toques ...

- Alô!
- Amelia, graças a Deus, você sabe onde o Peter está? – Questionei, tapando um dos meus ouvidos, olhando ao arredor, talvez ela estivesse em meu campo de visão.
- O que ... comer pizza? Quem está falando? – Amelia questionou dando a entender que não ouviu nada.
- Não. Peter. Peter. – Falei em um tom mais alto de voz, passando nervosamente uma das mãos em meus cabelos. - Você sabe onde está o seu irmão?
- Ah, não ... já não o vejo desde que fui para a pista de dança, porque? Algum

a coisa aconteceu? – Mesmo com o som abafado da música que tocava no ambiente ressoando meu ouvido, pude ouvir o som de sua voz preocupada. – Oh! Espere, Serena está aqui vou perguntar se ela ...

- Não ... Não questione nada a ela! – Desesperada gritei.
- O que? Porque? - Amelia retrucou, agora soando chocada. – O que está acontecendo, Kate?

Merda!
Desliguei a ligação sem dizer mais nada, não podia levantar suspeitas para a situação, ainda mais com Serena agora a par de que estou procurando Peter; eu tinha que falar com ele primeiro, podia ter revelado tudo a Amelia, mas não adiantaria, é com Peter que tenho que falar, ele tem que ser o primeiro a saber de tudo que acabara de acontecer. Nem ao menos conseguia pensar na crueldade de Miranda, apenas pensando em o que fazer agora, qual seria a atitude mais sabia a prosseguir, sentindo agora o tempo correr mais rápido do que o normal, cada milésimo era definitivo em minha vida com Peter e com Rachel.
Decidi ligar para Rachel, talvez ela o tivesse visto, caso contrário iria falar com ela

sobre o ocorrido, tanto quanto Peter, ela merecia saber do ocorrido imediatamente. Ao atender a ligação, de modo animado - o que tranqüilizou meu coração -, questionei se ela havia visto Peter, ela disse que não, questionei onde estava e ela respondeu que estava no bar, se refrescando com um bom *drink*, mandei que ela não saísse de lá, que me esperasse e de modo algum falasse com ninguém, estranhando minha atitude, ela questionou se tudo estava bem e eu apenas mandei que ela me obedecesse.
Sai em disparada na direção do bar, sentindo um frio na espinha ao me lembrar que Miranda havia ido em direção do *lounge* com um pouco de sorte acredito que ela não tenha reconhecido Rachel, ou alguma coisa já teria acontecido, mas como ela é ardiloso, não duvido nada que ela esteja armando alguma coisa.
Chegando praticamente sem ar no bar, não demorei nem um minuto para encontrar Rachel e sua cabeleira ruiva irradiando o ambiente graças a luz de neon que estava bem acima de sua cabeça. Parei ao seu lado e com um grande sorriso nos lábios ela me cumprimentou, estranhando meu comportamento, ela ofereceu um drink, mas neguei olhando ao arredor a procura de qualquer sinal suspeito das Evans ou de Peter.

- Rachel, nós precisamos conversar. – Disse em uma lufada de ar só, sentindo minha garganta arranhar.

- Claro, o que houve? – Questionou com uma expressão de dúvida, de repente seu celular começou a tocar e a mesma enrugou o cenho pegando o mesmo e observando o visor. – Eu tenho que atender essa ligação ... é rapidinho. Alô. – Fiquei a observá-la passando uma de minhas mãos em meus cabelos querendo só arrancar aquele celular de sua mão e contar tudo de uma vez só, mas foi quando percebi que era tarde demais. A expressão de Rachel começou a mudar, daquele sorriso empolgado, se tornou em um olhar triste e devastado, sem dar tempo de fazer absolutamente nada para ajudá-la a mesma largou o celular que caiu no balcão, bruscamente ela se levantou e com o braço carregou o copo de drink que quase se quebrou em cima de mim, rapidamente peguei seu celular e bolsa, quando me virei ainda conseguia vê-la na multidão se afastando com pressa, indo na direção da pista de dança.

Passava no oceano de pessoas em meu caminho , dando cotoveladas e empurrões,

fazia de tudo para não perder Rachel de minha vista, mesmo passando no meio da pista de dança, onde fiquei tonta e confusa com tantas pessoas rodopiando e pulando na minha frente, consegui ver a silhueta de Rachel indo na direção do banheiro.

Ao chegar no corredor do mesmo, abri a porta e encontrei o banheiro completamente vazio, sem hesitar tranquei a porta do ambiente, e foi nesse momento que ouvi aquele som que me devastou.
Rachel estava vomitando.
Deixei tudo que estava em minhas mãos caíssem no chão e fui em direção da única porta que se encontrava trancada, comecei a bater na mesma desesperada, enquanto podia ouvir Rachel não cessar o que estava a fazer.

- Rachel, por favor, pare o que você está fazendo! – supliquei, sentindo as lágrimas tomarem meu rosto de modo involuntário. – Não f-faça isso com você ... N-não se mate desse modo, por favor! – Sentia minha voz sair pesada de minha garganta enquanto sem força batia minhas mãos na porta, sentindo a mão que Miranda havia quase quebrado, latejar de dor, no momento que ouvi a descarga sendo acionada senti meus joelhos falharem e cai ao chão, sentada de frente para a porta, sem conseguir me controlar mais, coloquei ambas as mãos em meu rosto, caindo em doloroso e tortuoso choro.

Isso era tudo a minha culpa!
Miranda fez o que prometera e agora eu estava pagando pela escolha que havia feito; eu fraquejei em minha decisão do mesmo modo que havia feito com Joana, eu não a escolhi, como também não optara por Rachel e acabei perdendo sua amizade de qualquer modo e agora, tendo optado em tentar revelar a chantagem de Miranda, acabei por fazer Rachel perder o estágio e retroceder com seus próprios problemas. Ela estava tão bem, tão firme e com a auto estima equilibrada e por culpa minha, ela se desequilibrou e voltou ao nível que sempre estivera, insegura e temerosa e usando a sua bulimia como refugio para sua dor.
Dei um grito de raiva, socando o chão, senti minha pele se abrir e a dor tomar conta de meus dedos, mas não me importava com isso ...
Isso não era nada comparada a dor de Rachel.

Senti dois braços me aninharem, me puxando para um confortável abraço, enquanto continuava a chorar pesarosamente, joguei meus braços em volta do seu corpo, sentindo sua silhueta fina encaixar em meus braços; Rachel estava a me confortar de minha dor, mal sabia ela que eu era a causadora dela.

- M-me d-desculpa ... E-eu não tive a intenção ... E-eu tentei concertar tudo, mas a-acabei piorando ... E-eu ... – Tentei falar, sentindo um pesado nó tomar minha garganta, olhando para o rosto inchado de Rachel, ela estava a chorar também, e por mais que sua tristeza fosse evidente, podia ver em seu olhar sua preocupação comigo. – M-me desculpa.

- Ei! Você não tem culpa disso. Eu ... eu sou f-fraca e sempre vou ser, ainda mais quando o assunto for minha auto estima e segurança pessoal. – Rachel disse, fungando o nariz, sua voz não estava tão tremula quanto a minha, mas havia resquícios de seu desalento.

- V-você não entende ... Eu podia ter impedido isso. – Falei com firmeza e um olhar desesperado em direção de Rachel querendo que ela compreendesse tudo apenas com aquele olhar, se ao menos ela lê-se minha mente, entenderia.

- Como? – Rachel questionou com uma risada abafada. – Você, por acaso, conhece e é amiga de Charles Porter a ponto de convencê-lo que mereço a vaga como estagiaria? – de modo debochado Rachel questionou, erguendo uma sobrancelha, ela passou uma das mãos no rosto, sentada no chão a minha frente. – Kevin me ligou dizendo que foi notificado que o Senhor Porter não precisa de mais nenhum estagiário em sua equipe e que por mais que eu fosse boa, não era o suficiente para que eles tirassem alguém e me colocassem no lugar dessa pessoa ... Eu não tenho o porte necessário para a empresa ... foi o que Charles mandou ele dizer. Você entende o que ele quis dizer com *porte*, não é? - Balancei minha cabeça em afirmação e Rachel continuou, fungando discretamente o nariz e passando um papelzinho nele. – Não demorou muito para o meu cérebro anotar essa informação e me dizer o que eu tinha que fazer ... Por isso eu fiz isso. Porque eu nunca vou ser perfeita o suficiente ... – Rachel disse, voltando a ficar com os olhos cheios de lágrimas e caindo em um tortuoso choro. – Nunca vou ser perfeita para uma empresa como a de Porter, nunca

serei perfeita como mulher, nem como namorada e muito menos, serei a filha que meu pai quer ... Nunca! Não é a toa que a maioria das pessoas apenas me atura, já que sou sua amiga e de Joana, porque se não fosse isso, eu seria tão solitária quanto Britanny.

- Não, não, eu não admito que você fale assim. – sussurrei, segurando seu rosto em minhas mãos a fazendo me olhar enquanto ainda chorava, a abracei, acarinhando o topo de sua cabeça. – Ninguém te atura Rachel, as pessoas amam você do jeito que você é: rabugenta, mandona, engraçada, sarcástica, direta, extremamente gentil, afetuosa e dona de um enorme coração, mesmo que não queira aceitar isso. – falei, sentindo meu coração pesado bater em meu peito, enquanto tentava animá-la. – Você é *perfeita* no seu modo de ser, eles é que são uns idiotas por não verem isso ...Você não é fraca, apenas é controlada por uma doença que te faz crer que você não é bonita, mas você é. – me afastei de si, observando seu rosto, tomado por lágrimas, mas com um sorriso contido em seus lábios. – Você podia pesar 500 kg, mas continuaria sendo a garota mais bonita que já vi, Rach. Ninguém tem os seus cabelos, o seu sorriso, o seu olhar ... Você é única, peso não te faz a pessoa que é, mas sua personalidade sim.

- Eu sei que você tem razão, mas eu não consigo ver isso. – Rachel sussurrou com lástima, deixando mais dolorosas lágrimas cair em seu belo rosto. De repente ouvimos algumas batidas na porta, de modo desesperado, uma vozinha do lado de fora gritou pedindo para entrar.

- O banheiro está fechado para limpeza. – Fiz uma voz falsa, tentando soar velha e irritada e Rachel tentou abafar uma risada, as batidas cessaram e voltei meus olhos para Rachel que sorriu contida. Era o momento, eu podia revelar tudo a ela, mas uma vozinha em minha mente me lembrou do que Miranda disse, que Rachel saberia que eu era a culpada por ter perdido o estágio e que isso seria a nossa ruína, depois da recaída que ela havia tido eu não podia contar a ela isso, não podia decepcioná-la mais ainda, eu era a única pessoa que ela tinha no momento e sem perceber a minha decisão estava tomada. Senti meu coração se afundar em meu peito com novas lágrimas surgindo em meus olhos, eu tinha que se forte, repeti mentalmente, eu tinha que fazer isso por Rachel. – O que você acha de sairmos daqui, huh? Tomarmos

alguns drinks, xingarmos muito Porter e dançarmos até sentirmos nossos pés sangrar?

- Gostei das 02 primeiras opções, mas a última não me soou muito legal ... – Ela disse em um muxoxo, em seguida sorri de lado a ajudando se colocar de pé, antes que pudesse fazer qualquer coisa, ela me abraçou com carinho, depositando um beijo em minha bochecha. – Obrigada por estar comigo nesse momento difícil.

- Eu sempre vou estar com você, Rach. Nos melhores e piores momentos, é a nossa sentença, lembra?

Rachel balançou a cabeça em afirmação e lentamente se afastou de mim, indo até as coisas que havia deixado cair no chão, ela me deu minha bolsa e foi direto na direção da bancada, repousando sua bolsa; ela lavou bem o rosto, enxaguou a boca, pegou uma bala e começou a chupar a mesma, para afastar o mau hálito, arrumou sua maquiagem com glamour, enquanto tive que gritar novamente com minha voz fingida que o banheiro estava sendo limpo, já com a minha maquiagem arrumada e Rachel completamente pronta para encarar o mundo lá fora, mas antes de sairmos, Rachel se virou para mim com uma expressão de dúvida e questionou:

- Antes disso tudo acontecer, você parecia muito nervosa, alguma coisa aconteceu?
- Ah ... – Foi o som que saiu de meus lábios e tendo a certeza que estava fazendo a coisa certa, disse. – Nada, só ia lhe dizer que vai chover, o que é triste, já que significa que não poderemos começar nossas visitações amanhã.

Rachel entortou os lábios com o mesmo olhar tristonho tomando sua expressão e decidida abriu a porta do banheiro, logo atrás de si a segui, decidida com o que tinha que fazer.

Íamos decidida em direção em direção do bar, enquanto eu olhava ao arredor a procura de qualquer rosto familiar, mas nada. Acabamos por parar na mesa de nossos colegas, se estivesse em minha condição normal ficaria surpresa por Alex ter nos chamado para ficar com eles, Rachel fingia muito bem conforto enquanto eu olhava ao arredor a procura de Peter e Miranda, olhei na direção da mesa notando Lucas, Tom com uma jovem mulata muito bonita sentada ao seu lado, Alex e Chris

dividindo um apaixonado beijo, Rachel e Joana sentados, era como se fosse a nossa primeira noite, onde tudo estava normal, todos felizes e animados com o futuro de liberdade e amadurecimento que nos esperava parecia até que eu havia voltado ao tempo, mas não esse momento era real; eu estava no presente. De repente vi onde Peter estava, na varanda, olhando para o horizonte, seu corpo tenso e uma expressão nervosa, peguei o meu celular por impulso e vi que tinha diversas chamadas no mesmo, todas de Peter, sem hesitar desliguei o aparelho, decidida em minha atitude final, a certa para Rachel, Peter e eu, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa uma voz delicada e doce chamou meu nome e me virei de supetão, dando de cara com Joana parada a minha frente, seus cabelos presos em uma longa trança com uma margarida linda e amarela presa em sua orelha, vestia um vestido curto rosa claro, como de habitual, parecia uma boneca.

- Kate, será que você teria um tempinho para podermos conversar? É um assunto de suma importância. – A olhei sentindo meu coração bater acelerado em meu peito, a única coisa que eu queria dizer era que ela estava linda e que deveria aproveitar a noite ao lado de seus amigos e de Lucas, o garoto que a merecia no momento, que eu aceitava qualquer decisão vinda dela, desde que podessemos começar do zero, mas nada disso foi dito, apenas suspirei e decidida disse:

- Agora não posso, preciso ... – meus olhos caíram na direção de Rachel que conversava com um sorriso triste em seus lábios com um Lucas alegre e animado. - ... preciso resolver um problema, mas já volto ... tudo bem?

Ela balançou a cabeça em afirmação, mas seus olhos pareciam intrigados com minha atitude então abri um sorriso falso e apontei para a flor em sua orelha. – Adorei o adereço, ficou muito bem em você!

- Ah! – Ela disse, tímida, levando a mão até a flor, mas não segurando. – Foi o Lucas que me deu.
- Eu acho que ele lhe deu muito mais do que apenas uma flor. – Sussurrei com um sorriso verdadeiro em meus lábios agora.
- O que você quer dizer com isso? - Joana questionou se aproximando um passo de mim com as bochechas já coradas e seus olhos abelhudos arregalados.

- Bom, eu não sei se você sabe, mas o significado da margarida é uma declaração de amor, a pessoa que lhe dá quer dizer que não existe outra mulher para ele, que a dona daquela flor é a única em sua vida. – Concluir, vendo Joana ficar mais corada e surpresa, mas havia um certo sorriso no canto dos meus lábios que me fez crer que Lucas tinha uma chance naquele coração.

- Até parece que Lucas saberia de algo assim ... não é? – Ela questionou, descrente e esperançosa.
- Foi ele que me revelou tal coisa, então acho que ele tem um bom conhecimento desse significado. – Dei uma piscadela com um dos olhos e sorri. – Pense nisso.

Sem hesitar me afastei do lugar, mas sem antes notar que Joana estava com uma expressão de encanto e deslumbre como se ela tivesse descoberto algo raro que nenhuma outra pessoa imaginasse que existisse; espero que ela tenha descoberto o Lucas.

Voltei a olhar na direção da varanda e Peter continuava lá, não podia ver seu rosto, mas o mesmo parecia pensativo e preocupado, senti meu coração bater de modo apertado e firme, chegando a dor a cada batida, parecia que cada batida gritava para mim não faça isso; você ainda pode contar a ele, talvez ele possa ajudar Rachel a conseguir sua vaga de volta, mas um frio desceu pela minha espinha e ele me fez crer na possibilidade verídica: nada iria mudar e eu o perderia de qualquer modo.
Não adiantava eu lutar contra a realidade.
Posso não perdê-lo hoje a noite, mas amanhã ou depois pode ser o dia ...
Miranda não iria parar até destruir toda minha vida e as pessoas que amo; tudo para conseguir tirar Peter de mim e uma hora ela conseguiria.
Há tantas possibilidades contra mim, ela é tia dele, por mais que ele saiba o tão cruel ela seja, há uma grande possibilidade de Peter acreditar nela, além do mais, eu não tenho provas a meu favor, mas ela tem, se ao menos eu tivesse pego aquele celular, mas com minha sorte acabaria sendo presa e perderia a gravação de algum modo;
Parei de supetão, olhando na direção de Peter, ele de costas para minha direção nem suspeitando que eu o olhava, eu podia contar tudo a ele, revelar as intrigas de sua tia e ele poderia acreditar em mim, ir até Miranda e desmascará-la, talvez conseguir o estágio de Rachel, mas isso não quer dizer que teríamos um relacionamento saudável,

além do mais, Miranda é sua tia, ela não vai sair da sua vida, vai permanecer e continuar com seus planos até conseguir o que quer; Sentindo um peso colossal tomar conta de meu coração, sem pensar duas vezes tive certeza de minha decisão, eu não podia destruir a vida de duas pessoas que amava em uma mesma noite, eu tinha que acertar em alguma coisa, então devo lutar pela única ideia correta, que é salvar o futuro de minha melhor amiga aquela que estará comigo até meu último suspiro.
Por mais que Peter fosse a minha paixão, jamais conseguiria colocá-lo na frente de Rachel; amigas acima de garotos sempre, mesmo que esse garoto seja sua alma gêmea. É, como queria dizer a ele que graças a sua existência acreditava nisso agora.

Com passos firmes segui em direção a *lounge*, desejando que se tivesse um pouco de sorte, ela ainda estaria ali e pelo visto alguém estava a olhar por mim, porque ela estava. Miranda se encontrava conversando com quatro adultos, todos de portes e atitudes finas, sem pensar duas vezes, me aproximei dela em passos firmes, a mesma que se encontrava de costas não notou a minha presença e se surpreendeu ao me ouvir dizer de maneira cortante:

- Desfaça!
- Desculpem senhores, o que a senhorita disse? – Miranda questionou de maneira falsa, como se tivesse decência o suficiente para me tratar com respeito.

- Você sabe muito bem do que estou falando e se você não quiser que eu faça um escândalo aqui e mostre as marcas de suas unhas e os roxos que você deixou em meus braços, é melhor você dispensar os seus amiguinhos e vir falar comigo. – disse em um sussurro, com firmeza e violência a olhando de uma maneira feroz, sentindo meus dentes trincados de tanta raiva.

- Você precisa de provas para comprovar que eu causei dano em seu braç ...

- Eu faço DNA, garanto que há resquícios de minhas peles em suas unhas que nem a melhor escovinha de pêlo do mundo conseguiria tirar. – Ela ergueu ambas as sobrancelhas, surpresa com o meu conhecimento forense, sem hesitar se virou com um sorriso falso nos lábios e murmurou doce. – Desculpem senhores, mas preciso

conversar com a senhorita, com licença.

Ela repousou sua mão em meu ombro e senti um tremor em meu corpo, um arrepio funesto, assim que paramos em uma área mais isolada e silênciosa ela voltou seu olhar faiscante de ódio em minha direção.

- Quem você pensa que é para falar comigo desse modo, sua malandra? – Miranda murmurou repousando o seu drink com violência em uma mesa próxima.

- Desfaça! – Voltei a repetir, dizendo cada silaba de modo sonoro, deixando bem claro a minha intenção, eu queria acabar isso o mais rápido possível, antes que eu fraquejasse e voltasse atrás em minha decisão.

- Agora é tarde demais, Katerina. – Miranda disse com satisfação. – Você não acreditou em minhas palavras agora agüente as conseqüências. Só te alerto de um detalhe: Isso que fiz hoje, posso fazer muito pior e farei, então se prepare porque você e Peter já é passado antes de ser um futuro. – Ela me olhou de cima abaixo com desdém e se virou, decidida a ir embora, então disse aquelas palavras que nunca imaginei que iria dizer em minha vida.

- Eu vou terminar com ele. – em um suspiro apenas falei, ela parou de andar e me olhou lentamente, sem expressão alguma. – Eu vou terminar com Peter agora, acabando com isso de uma vez por todas.

- E você acha o que? Que posso simplesmente ligar para o assistente idiota do Charles e mandar desfazer o cancelamento do estágio de Rachel? – Miranda me olhou friamente e concluiu com uma sobrancelha erguida. – As coisas não funcionam assim.

- Eu tenho certeza que o dinheiro que você pagou a ele pode fazê-lo dizer isso e muito mais, incluindo que você o chantageou para cancelar o estágio de Rachel. Eu posso não ter amigos importantes, mas tenho persuasão, com poucas palavras posso conseguir o que quero ou até mesmo com um interrogatório da policia, não se esquecendo de meu DNA em suas unhas ...

- Garota, você não tem condições de arcar com tal situação.

- Não me subestime do modo que subestimei você. – Confessei de modo frio, mas meu olhar quente como o inferno. – Desfaça e apague a gravação, e eu termino com Peter e nunca mais vou interferir em suas vidas.

- Você me garante isso? – Ela questionou com um temor oceânico em seu olhar.

- Não. – Respondi em sussurro de desalento e Miranda me olhou com uma sobrancelha erguida. - Já que a vida é inesperada, não posso garantir que nunca mais irei ver Peter do mesmo modo que nunca imaginei encontrar alguém como ele, eu não sei o que o futuro nos reserva, mas dou a minha palavra que eu não vou atrás dele, vou deixá-lo em paz para sempre.

- Você não o merece e nem nunca irá merecê-lo. Essa sua atitude só mostra o quanto você não gosta dele por que se você gostasse, lutaria pelo mesmo e não estaria aqui, se humilhando, pedindo para mim reverter a situação a qual você criou. – Com júbilo ela sorriu, me observando. – Fico feliz de poder tirar meu sobrinho de suas garras e existência imunda.

- Você vai desfazer ou não? – Questionei com raiva, sentindo um nó crescer em minha garganta e os meus olhos se tomarem de lágrimas.

- Claro que sim. – Ela disse em um suspiro. – Para mostrar a você como sou uma mulher de honra, irei ligar agora mesmo para o assistente de Charles mandando ele dar uma desculpa qualquer e desfazer o que mandei. – Com um sorriso falso, ela pegou o celular em poucos segundos ela já estava fazendo a ligação, ela falou de modo breve com o assistente de Porter e mandou que ele desse o estágio a Rachel, já que o que ela queria aconteceu. Ao desligar a ligação seu sorriso satisfeito denotou tudo. – Feito. Agora falta a sua parte.

- E a gravação? – Questionei firme.
- Apagaremos juntas, depois que você terminar com ele e eu irei assistir de *perto* tal acontecimento. Ligue para ele, e peça para vocês se encontrarem em algum lugar privado.

- Não precisa, eu sei onde ele está. – Murmurei fria, dei as costas para a mesma e segui em frente, indo decidida na direção da varanda.

Discretamente olhei na direção da mesa de meus amigos e pude ver Rachel falando no celular com um grande sorriso nos lábios, enquanto ela relatava algo aos nosso amigos que pareciam vibrar com sua notícia. É, Miranda cumpriu com o prometido.

Ela parou alguns metros de distancia da varanda, tendo uma visão privilegiada do local onde Peter estava, parei de supetão na entrada do ambiente, sentindo meu coração vacilar com a nossa proximidade. Minhas mãos começaram a tremer, tentei controlá-las, eu tinha que interpretar muito bem o papel da garota desinteressada que não o quer de modo algum em sua vida, eu tinha que fazer Peter me odiar de um modo que ele nunca mais vá querer me ver, nem em foto nem ao menos ter um pensamento se quer comigo. Eu precisava dizer exatamente tudo aquilo que eu jamais o diria e tenho a certeza que isso não vai só destruílo, mas ele seguiria em frente, eu sei disso, agora eu já não posso dizer o mesmo, já que sei que essa minha atitude vai arruinar a mim por tempo indeterminado; eu nunca me esqueceria dessa minha decisão e o guardaria em segredo em meu peito.

Ao adentrar na varanda, Peter se virou com um olhar preocupado se suavizando quando seus olhos incrivelmente azuis encontraram os meus, respirei fundo e enrijecer minha expressão; eu não podia expressar absolutamente nada.

- Kate! – Suspirou em um alivio se aproximando de mim em passos decididos, parando a minha frente. – Eu pensei que você tinha ido embora, irritada pela minha demora por isso nem atendeu minhas ligações ...

- Eu sai para pensar um pouco. – Falei firme, com um olhar decidido, buscando em minha mente uma forma de convencê-lo de que eu não o queria e que minha decisão era a mais coerente para nós. – A gente precisa conversar.

- Sobre? – Ele questionou com um sorriso no canto dos lábios. – Eu, na realidade, queria fazer outra coisa e não tem nada a ver com conversar ... – Peter se aproximou de mim, senti seu hálito tocar meus lábios, suas mãos afundadas em minha cintura e podia sentir todo meu corpo gritando por isso, por esse momento, mas não permiti

e deixei que um grito abafado saísse do meus lábios.

- Não! – Me afastei dele, correndo em direção a borda e prendendo meus braços ali; notei que a varanda estava com poucas pessoas, nenhuma delas pareciam se importar com as presenças dos outros, tive uma leve sensação que já era madrugada e uma singela gota de chuva caiu em meu rosto e em seguida senti um carinho quente tocar minha bochecha, de um modo que me arrepiava e eu gostava muito.

- Kate, o que aconteceu? – Sua voz soou muito mais preocupado do que magoado, eu tinha que feri-lo, tinha que magoá-lo de um modo irreversível, eu podia fazer isso, eu só precisava respirar, fechar meu coração e dizer tudo que minha mente mandar.

- E-eu não posso fazer isso. – Disse de forma áspera.
- Isso o que? – Questionou com dúvida.

- Nós dois. – Me virei, seria mais convincente se mostrasse a ele minha incredulidade e frieza, passei uma das mãos em meus cabelos sabendo que lhe passaria a ideia de nervosismo. – Isso é errado e não pode continuar.

- Isso é alguma brincadeira? – Peter questionou descrente. – Você e Dorian estão pregando uma peça em mim, é isso? – Ele riu abafado, mas me mantive seria. – Você não pode estar falando sério.

- Peter, foi bom enquanto durou, sendo o que é, um amor de verão, divertido, sexy e apaixonante em um cruzeiro mágico, mas só vai ser isso. Não tem como ter um futuro saindo daqui, nossas vidas estão completamente afastadas uma da outra em diversos níveis e formas ... Eu não vou ficar presa a alguém sabendo que não teremos um futuro. Ainda mais porque eu estou indo para a cidade dos meus sonhos, eu tenho que fazer o que a maioria das garotas de minha idade fariam: curtir o momento e eu não vou poder fazer isso com você sendo meu namorado. – Falei de uma vez só, vendo a sua expressão variar entre a incredulidade e a mortificação.

- Você não está falando sério, Kate você não é assim. – Peter disse se aproximando de mim em um passo e eu não me movi, enquanto meu coração gritava para eu parar de fazer isso, mas eu apenas fazia, agora dizendo o que sabia o que iria magoá-lo

muito mais.

- Você não me conhece. Você conhece a Kate que eu quis que você conhecesse ou você realmente acha que eu lhe contaria sobre o meu suicídio se não fosse por aquela mensagem? Por favor, Peter. – Desdenhei dele, o observando incrédulo. – Além do mais, eu não o conheço também ... Se eu descobri um dos seus segredos é porque era algo óbvio demais e acabaria por descobrir em Londres, então para evitar uma briga entre nós quando eu descobrisse, você disse que eu podia tentar desvendá-lo sozinha, mas e o seu outro? Aquele que você tem medo de dizer em voz alta? Estranho né, se você estivesse tão entregue a esse relacionamento como você prega, você me contaria. – Peter me observava com assombro, parecia não crer no que ocorria e aquilo me devastava. - Eu não te conheço do mesmo modo que você não me conhece e você quer a verdade? – Dei de ombros. – Eu não quero te conhecer, nem nunca quis. Apenas fiquei com você porque era cômodo, você fazia coisas legais para mim, confesso que beija bem, era melhor estar com você do que sozinha, mas é só isso. Não há sentimentos além de uma pura busca por prazer. Então porque vou continuar fingindo que gosto de você? Só para continuar tendo essas regalias? Não, eu não quero sair na capa da O.K sendo chamada de interesseira, quando no fundo nem interessada em você ou no seu dinheiro estou. Desculpa se a verdade dói, mas eu prefiro termina agora do que daqui a duas semanas, dando esperanças de que possamos viver algo mais. – disse de um modo frio o observando seriamente. Ele continuava a me observar assombrado, não sabia interpretar o que se passava em sua mente, achava que ele queria dizer algo, mas no fundo não tinha forças para dizer e isso partiu meu coração em mais pedaços. – Na realidade, depois daquela sua declaração ... eu não posso continuar com isso sabendo que você me ama e eu nem gostar de você gosto.

- Kate, se você está fazendo isso por causa de Miranda e Serena, eu prometo que elas não vão interferir em nosso relacionamento. Nunca mais. Você será bem vinda em nossa família como se fosse uma Hartley. – Balancei a cabeça negativamente, sendo sincera pela primeira vez em minhas palavras.
- Entenda uma coisa Peter: sendo eu ou não, Miranda nunca vai permitir que você seja feliz com alguém de modo verdadeiro, se não for com Serena. Você só é ingênuo demais para perceber isso, mas esse é o único desejo dela e pelo jeito, ela vai

conseguir que isso se realize de tanto que ela inferniza sua vida e das pessoas ao seu arredor, vai acabar conseguindo deixá-lo sozinho, tendo apenas a companhia de Serena ...

- Para! – ele gritou, me fazendo sobressaltar, o olhei surpresa, mas mudei minha expressão voltando a minha frieza. – Não fale da minha família como se você pudesse compreendêlos ...Eu me enganei com você, na realidade, você me enganou.

- Como eu disse, eu só queria me *divertir*.
- Você é um monstro. – Peter disse com vontade, essas palavras que fizeram meu corpo estremecer.

- É, eu devo ser, mas pelo menos sou um monstro sincero. – Peter continuou a me olhar, descrente de tudo aquilo, ainda sentia a sua necessidade de falar, mas resolvi encerrar aquilo, eu não agüentava mais ser tão cruel com ele, meu coração não tinha mais forças e eu iria chorar a qualquer momento. – Acabou, Peter. Eu espero que você tenha uma ótima vida.

- Eu não posso dizer o mesmo para você.

Balancei minha cabeça em afirmação, ainda com aquele sorriso contido falso em meus lábios, decidida em sair dali, parei de supetão quando senti a mão de Peter agarrar meu pulso, uma corrente de eletricidade tomou conta de cada pedacinho de minha pele e eu queria o puxá-lo para mais um beijo, o nosso último, o olhei sentindo fraquejar com esse contato, minhas pernas queriam desabar, minha garganta queria se desmanchar em um tortuoso choro e eu nunca mais queria deixar Peter e simplesmente contar a verdade, mas não adiantaria, já estava feito. Seus olhos azuis profundos me olharam por uma última vez, mesclados de incredulidade, tristeza, raiva, mas ainda havia ali um pequeno mas volumoso amor ainda por mim, ele se aproximou um pouco de mim, prestes a tomar meus lábios, mas antes que o fizesse disse:

- Tenha um pouco de orgulho, Peter. – de modo cortante soei e ele me olhou. – Eu *não* te quero. – Minha voz falhou, como eu desejava que ele notasse que havia algo errado, mesmo não querendo isso sabendo que tudo seria perdido no momento que

ele percebesse a existência de uma chantagem, seus olhos azuis, tão meus tão seus, me observaram sem vida alguma, mas intrigados, fechei minha expressão tentando controlar as lágrimas, tirei sua mão de meu pulso e sai decidida do ambiente, em busca de Miranda, ainda controlando ao máximo minhas emoções.

Nada dela em meu campo de visão e já estava tudo começando a ficar embaçado, quando de repente senti um braço me puxar para atrás de uma grande pilastra, onde fiquei escondida, olhei para o lado e vi Miranda me segurando e olhando para um ponto fixo, como suspeitava Serena sabia de tudo mesmo, já que ela estava interceptando Peter, que havia seguido meus passos e agora ela o guiava para o outro lado, provavelmente dizendo que me viu indo por ali.

- Muito bem, Katerina. Até que você é uma boa atriz, deveria tentar dramas em vez de musicais. – Miranda disse com aquela satisfação transbordando, olhei para mesma, respirando de forma pesada, não conseguindo caber dentro de mim mesma de tanta raiva dela e de mim que eu sentia. – Aqui está. – Ela ligou a gravação mostrando que era a nossa e em seguida deletou a mesma, mostrando a lista de gravações vazias. A olhei de modo frívolo e me distanciei da mesma, mas antes ela segurou meu braço e disse. – Acredite em mim, mesmo que não pareça, eu estou fazendo isso para o seu bem, essa sua decisão foi sabia; você não está pronta para a realidade que lhe guardava com Peter, eu amo meu sobrinho e estou protegendo o de um sofrimento que ele teria com você, você não estava pronta para esse futuro; eu não disse que você não o merece porque talvez Serena o mereça mais, mesmo que eu creia nisso, mas sim, porque você pode ser feliz com outra pessoa. – Essa última frase soando tão falsa em seus lábios que tive que fechar meus punhos para não acerta-lhe um tapa e agora eu não podia fazer isso, já que estávamos em público.

- Se existe justiça divina, eu espero que você queime no inferno por milênios. – Disse de modo carregado e furioso, sentindo um gosto de sangue em minha garganta.

- É nesses momentos que agradeço por ser ateia. – Ela disse com deboche, mas tive a certeza que era verdade, uma pessoa não podia conhecer o poder de Deus. Ah, mas um dia iria conhecer!

- O que dizer a uma mulher que diz amar incondicionalmente seu sobrinho e nega a felicidade do mesmo por prazeres egoístas? Não há nada a dizer para uma pessoa assim, não vale a pena perder meu tempo e minhas palavras com alguém tão deplorável ... – Pausei a olhando com desdém e continuando minhas palavras com a mesma fúria de antes.
- Eu te desejo, Miranda, toda felicidade do mundo e espero perversamente que Peter e sua família inteira, e se eu tiver sorte, a nação, descubram a naja que você é e cortem o mal pela raiz. Porque quem tá no topo, sempre cai um dia e a sua hora vai chegar e você vai perder cada uma das pessoas que você diz tanto amar, do mesmo modo que você me fez perder o Peter.

Miranda apenas sorriu com o que disse e sem mais nada a dizer aquela mulher, girei meus calcanhares e comecei a me afastar daquele ambiente, em passos firmes e decididos para ir embora de vez daquele ambiente, tendo visto de relance alguém muito similar a Dorian, mas como não conseguia mais controlar minhas lágrimas, não olhei para atrás, foi quando ouvi a voz de Peter me chamar de forma firme e furiosa, não olhei para atrás, apenas acelerei meus passos e comecei a tomar caminhos mais tumultuados, me apressando o máximo possível, quando dei por mim, estava fora do salão principal.
O céu estava a desabar, o convés completamente vazio, as poucas pessoas que se encontravam ali esperavam a torrencial chuva passar ou caminhavam com seus guarda chuvas, mas eu não tinha esse luxo, então arranquei meus sapatos dos pés e comecei a correr, sem olhar para atrás, apenas seguindo o caminho que me levaria até minha cabine, ficando encharcada em questão de segundos, virei corredores, continuei a ser molhada pela chuva, em determinado momento, prestes a chegar no saguão principal da pré suíte, notei ao longe terra, uma grande iluminação que me fez crer ser o porto de Southampton, em questão de horas chegaríamos lá, na realidade, já estava em águas britânicas. *Bem vinda a Inglaterra, Katerina*, disse a mim mesma, observando aquela iluminação distante ficar próxima cada vez mais, sem delongas, voltei a seguir meu caminho.

Ao adentrar em minha suíte fechei a porta com violência, largando o sapato pelo caminho junto com a minha bolsa e meu cartão que caíram no sofá, entrei em meu quarto e tranquei a porta atrás de mim, com chave em tudo, sentindo as lágrimas já

caírem de meus olhos; na cama todo arreganhado estava o macaquinho de pelúcia que Peter havia me dado a horas atrás, quando ele ainda era meu namorado e eu a *sua* Kate, agora o que eu deveria ser? A sua pior experiência amorosa talvez, podia sentir em meu coração o ódio que ele sentia de mim e isso acabava comigo, mesmo sabendo que havia feito pelo bem maior de Rachel, mas nunca, nunca me perdoaria pela dor que fiz Peter passar, uma dor mentirosa já que cada palavra que eu disse na realidade queria dizê-las ao contrário, o quanto gostava, me importava com ele, o queria comigo ...

Sem agüentar mais um segundo, deitei na cama, me agarrando ao macaquinho que curiosamente tinha o cheiro delicioso de Peter, amadeirado e suave, me encolhi na cama e comecei a chorar de um modo doloroso e tortuoso.
Sabendo que eu nunca mais seria a mesma depois de ter tido Peter, *meu* Peter e tendo a certeza que esse meu ato de hoje me assombraria pelo resto de minha vida, como um segredo que nunca mais me deixaria, nem depois de minha morte.
Eu havia perdido Peter e uma parte de mim, que não voltaria mais, ficou com ele.
Para sempre.

Parte III

Vou te pedir que fique. Mesmo que o futuro seja de incertezas, mesmo que não haja nada duradouro prescrito pra gente. Esse é um pedido egoísta, porque na verdade eu sei que se nada der realmente certo, vou ficar sem chão. Mas por outro lado, posso te fazer feliz também. É um risco. Eu pulo, se você me der a mão.

Caio Fernando Abreu.
Capítulo 23
O Show Deve Continuar

Eu tenho uma história para contar.
Às vezes fica tão difícil
escondê-la direito.
Eu não estava preparada para a queda
Cega demais para conseguir enxergar o que estava escrito no muro.

Um homem pode contar mil mentiras
Eu aprendi bem minha lição.
Espero viver para contar o segredo que guardo Até então ele estará queimando dentro de mim.

Live To Tell - Madonna

- Peter! – Bradei, ouvindo a minha voz ecoar em um enorme corredor que não parecia ter fim, suas cores opacas eram tomadas de uma escuridão que me faziam crer que já era noite, haviam várias janelas espalhadas por todo o ambiente com cortinas brancas enfeitando suas laterais, agora elas voavam como fantasmas solitários graças a brisa gelada e pesada que tomava conta do clima naquele momento. – Peter! – Gritei novamente, tendo uma visão minha: estava vestida com um longo vestido branco, apenas feito de tecido, sem desenhos e apetrechos, meus cabelos negros caiam pesados em meus ombros e eu parecia aflita como se temesse que algo fosse acontecer, mas não sabia dizer se iria acontecer comigo ou com Peter. Dava passos cuidadosos por aquele corredor, a cada novo som eu me virava em busca de seu dono, mas não via nada além de minha sombra, cruzei meus braços, me sentindo sozinha e temerosa, foi quando escutei um som assustador atrás de mim, era como um sibilar alto e tenebroso, me virei lentamente com terror, ao ver o que sibilava uma expressão de pavor me dominou, comecei a correr de costas, quase

tropeçando no longo tapete que dominava o corredor, foi nesse momento que pude ver melhor o que me espantava: várias sombras apavorantes, todas elas querendo me tomar para uma eterna solidão, gritei apavorada e consegui me erguer, sai correndo, tentando me afastar o mais rápido que conseguia delas, mas parecia que eu corria de maneira lenta, o que contradizia ao esforço que estava fazendo, a uma certa distância vi um homem, era Peter, vestido com o mesmo smoking preto da última vez que o vira, ele se virou lentamente em minha direção com um olhar de ódio. – Por favor, Peter, não me deixe ... Me escute ... Por favor!

Ele sorriu de modo malicioso e esse sorriso não combinava com seu rosto tão delicado e gentil, ele abriu duas grandes portas, que levavam para um cômodo iluminado e com um ar de esperança e ventura, gritei pedindo que ele me esperasse, que não me deixasse ali, mas ele mantinha aquele diabólico sorriso que me fez arrepiar de medo, faltavam cinco passos para chegar no cômodo e com um movimento só, Peter fechou as portas fazendo um estrondoso som que ecoou por todo o ambiente.

– Peter, não! – Quase dei de encontrão com a porta, comecei a bater na mesma, com tanta força que sentia pequenas feridas se abrirem em minhas mãos. – Não me deixe ... s-sozinha. Peter!

Gritei por uma última vez, foi quando notei que o sibilar havia sumido, com medo, mas mesmo assim com uma coragem crescente, me virei, vislumbrando que aquelas temíveis sombras desapareceram do corredor, que se mantinha o mesmo: nebuloso e gélido. De repente, senti o sibilar voltar novamente, mas dessa vez não pude fazer absolutamente nada, em questão de segundos vi as sombras todas amontoadas no teto, se movimentando com seus longos tentáculos, de um modo a espera da melhor maneira de me atacar. Me encolhi, sentindo cada fragmento de meu corpo congelar de pavor e gritei com toda as minhas energias e a última coisa que vi foram as sombras tomando meu corpo e me levando para a sua solidão.

Me sentei na cama em um salto, gritando em desespero. Levei minhas mãos aos lábios, tentando abafar o som que acabara de emitir, ainda um pouco tonta depois de tal pesadelo, tentei compreender o que havia acontecido, foi quando me lembrei de

tudo que havia decorrido, tanto no sonho, quanto em minha vida real, em apenas um grande e tortuoso *flash*. Arfei, repousando a mão em meu peito sentindo meu coração bater descompensado sentindo meus olhos sendo tomados por pesadas lágrimas, me joguei na cama com os braços abertos, olhando o teto sem intenção de afastar meu olhar. Meu rosto estava inundado de velhas e novas lágrimas, meu corpo tinha um cheiro rançoso de coisa velha e mal lavada, era a minha roupa molhada, graças a chuva que peguei, e minha cabeça doía de tantos pensamentos que me atormentavam agora.

Lentamente comecei a assimilar o que havia acontecido na noite passada, pensava sobre com compreensão e amargura, uma dor pesada tomava conta de cada fibra de meu coração, tinha ódio de Miranda, pena de Rachel e Peter e muita raiva da injustiça a qual fui submetida e por mais que eu sentisse que aqueles sentimentos não me deixariam tão cedo, não podia me afundar em mágoa e angústia; o que foi feito, estava feito, não tinha como mudar minhas ações da noite passada, entretanto não era por causa disso que Peter sairia de meu coração com um simples estalar de meus dedos; eu não queria ter que esquecê-lo, não era para terminar assim, mas precisava confessar a mim mesma que desde o inicio eu temia esse fadado fim, de um jeito ou de outro, esse amor não sobreviveria ao fim desse cruzeiro, eu apenas me iludi com a esperança que *isso* que havia vivido era diferente e único, não deixava de ser, entretanto teve um fim igual a todos os outros, não queria ter que aceitá-lo, mas nesse caso, não tinha escolhas.

Eu tinha que continuar com a minha vida, querendo ou não, a vida segue em frente e agora eu tinha que aceitar as minhas ações, que foram para o bem de alguém e para o meu mal. Por mais que parecesse impossível *agora*, eu tinha que seguir em frente, *sem* Peter, por mais que não quisesse, eu posso fazer isso, mesmo não querendo, mas tendo que fazer e *faria*, e eu sei que ele fará o mesmo depois de tudo que eu disse, talvez demore a aceitar as minhas palavras, mas quando a fizer espero que encontre uma garota que o faça feliz e que diferente do que aconteceu comigo, se ela tiver que escolher entre ele e outro alguém, que ela escolha *ele* e que assim possam ser felizes para sempre como em todo bom conto de fadas, independente de tudo pelo que passamos e por todo o sentimento que sinto, ele merece ser feliz mesmo que não seja comigo.

Eu sou alguém *sem* Peter, sempre fui Katerina Isabella Farrell Braga, metade americana, metade brasileira e ainda tendo resquícios irlandeses, graças ao Farrell de meu pai, e continuaria sendo aquela jovem de antes de conhecer Peter: alegre, única, de personalidade forte, de humor inconstante, bonita, misteriosa, inteligente, cheia de amigos, com uma família maravilhosa, com um futuro brilhante e sendo diferente de tudo que é considerado *normal* e eu gosto de ser assim e continuaria a ser, mesmo sem Peter. Como ele, um dia encontrarei alguém, ele será o cara para o meu momento e pessoa certa, não seremos almas gêmeas, para ser sincera, no inicio vamos até nos odiar no melhor estilo clichê de Hollywood, entretanto ele irá curar o meu coração e me fará sentir amada, feliz e desejada novamente, de uma forma única e intensa, contudo jamais vai tirar o lugar de Peter e vai respeitar isso; um dia isso irá acontecer, mas não agora.

Respirei profundamente vendo que tinha duas opções ali: podia me trancar nesse quarto e me afundar nessa fossa com muita vodka russa ao som de músicas deprimentes até que desmaiaria e se tivesse sorte bateria minha cabeça na quina de madeira da cama tendo uma amnésia sobre tudo dos últimos dias ou podia superar tudo isso como uma jovem adulta madura e responsável que sou, tendo como primeira meta me levantar dessa cama e tomar um bom banho, me vestir e ficar linda para o dia que me aguarda, além do mais, em algumas horas estaria em Londres, começando a realização de um dos meus maiores sonhos, eu não podia estar triste num evento em minha vida como esse, mesmo com os fatos dizendo o contrário, entretanto tinha razão em querer seguir em frente e de repente, essa se tornou a meta principal: eu não esqueceria o ocorrido na noite passada, muito menos conseguiria esquecer Peter, mas sei que se ele e Rachel soubessem da verdade iriam querer que eu, com esse segredo guardado em meu coração, superasse e seguisse com a minha vida, ansiosa para as emoções que ela estava a reservar, venturosa e cheia de expectativas. Sem sombra de dúvidas essa última opção era a escolha certa,.

Olhei a hora no relógio acima da mesa de cabeceira e percebi que passava das sete, eu deveria me sentir sonolenta, mas não, apenas sentia um grande cansaço físico e emocional, precisava de um bom copo de café quentinho e amargo, mas uma coisa por vez. De um pulo me levantei da cama, decidida a tomar um bom banho, para tirar aquela murrinha de meu corpo e de algum modo relaxar toda a tensão e angústia

que tomava conta de mim, por mais que eu fosse determinada em minha questão, eu sabia que não esqueceria o evento de ontem com rapidez e muito menos iria me curar da tristeza que causara a Peter, nem o esqueceria, na realidade, essa era a única certeza que tinha, eu não o esqueceria jamais, era bem provável que eu me recordasse desse momento especifico pelo resto de minha vida, o dia que parti o coração do jovem mais doce, apaixonante e amável que já conheci; um dia eu pagaria por isso, se já não estivesse pagando.

Tomar um banho foi uma das melhores ideias que eu poderia ter tido, deixava a água descer pelo meu corpo sentindo toda aquela negatividade esvaindo de mim, minha mente continuava a trabalhar, meu coração a dor, mas podia sentir minha alma se tranqüilizar e uma vozinha irreconhecível em minha mente dizia com carinho que tudo ficaria bem, e me lembrou que Deus escreve certo em linhas tortas e eu acabei por sorri, um ato que fez os meus músculos faciais doerem, mas que me trouxe uma energia positiva deliciosa; minha mão acabou por segurar um pingente pequeno em forma de coração e olhei o mesmo com estranheza, não me recordando do mesmo e nem de como havia adquirido, mas foi apenas eu dar uma boa olhada na jóia que me recordei daquele momento na piscina, cada frase dita e gesto feito por Peter prestes a me dar esse presente tão gracioso e cheio de significado, o seu *eu te amo* ainda ressoava em meu ouvido, tão sincero e puro e eu ...
Eu destruí tudo aquilo ... por uma causa maior.
Amigas acima de garotos, era o nosso lema, pensei, ainda com o pingente em mãos, deixando que minha mente se preenchesse de lembranças envolvendo Peter, aqueles momentos únicos que nunca mais se repetiriam em minha vida, nós seguiríamos em frente, cada um em sua vida e guardaríamos para sempre em nossos corações esse amor de verão que teve um final infortúnio. Assim que sai do banho, já vestida com minha lingerie me fitei no grande espelho do meu armário, observando o colar que caia em meu tórax com simplicidade e um encaixe perfeito, se escondendo na aba do sutiã como se um magnetismo quisesse que ele ficasse colado ao meu peito, próximo ao meu coração; eu deveria tirar o mesmo, guardá-lo em uma caixinha e lacrá-lo com um pedaço enorme de fita isolante prata, assim ninguém pensaria em tentar abrir para descobrir que conteúdo estava escondido em tal objeto, eu sabia que era uma decisão sensata, o quanto antes o esquecesse melhor para o meu coração e não podia

ter aquela jóia em meu pescoço me lembrando dele constantemente, mas mesmo assim, não conseguia fazer tal simples ato; eu só tinha que tirar o cordão de meu pescoço e guardá-lo em um lugar que ninguém perspicaz como Rachel acharia, mas não dava, havia algo que me impedia ...
Suas palavras, o significado daquele cordão, as vezes era cedo demais para fazer isso, eu só tinha a certeza que não conseguiria tirá-lo de mim, não agora, então o mantive onde estava carregaria o seu coração comigo até o dia que ... bom, até o dia que sentisse que ele já não era o dono supremo do mesmo.
.
Vesti a roupa que havia separado na noite passada, a blusa de manga comprida vermelha com meus shorts de jeans por cima minha jaqueta de couro preta que me deu conforto e me fez sentir segura, como se estivesse envolta nos braços de minha mãe e por fim, minha bota de camurça, peguei a sacola enorme da *Versace* que havia pego emprestado de Rachel e dentro dela empacotei em sacolas de plástico separadas as minhas roupas sujas do dia anterior, depois de me maquiar, joguei a *nécessaire* ali dentro, junto com o resto dos objetos que havia deixado para arrumar no dia do desembarque, por fim, encarando o macaquinho de pelúcia que Peter havia me dado, em dúvida de onde colocá-lo, conhecendo bem Rachel, ao saber que terminei com Peter, ela mandaria que eu desse fim em tudo que ele já me dera e o macaquinho seria o primeiro, e eu não faria isso, então protegendo o meu *little monkey* o escondi dentro de minha mochila, entretanto as últimas rosas que Peter havia me dado deixe as no quarto, apenas levando a primeira que ele me dará – sim, eu sabia qual era – eu a guardaria comigo.
Todas as minhas malas e sacolas extras estavam arrumadas, decidi as levar para a sala, assim que chegasse a hora de partir elas já se encontrariam em mãos.

Olhei na direção do relógio constatando que já passavam das oito, olhei na direção da cabine de Rachel e o mesmo se encontrava trancando ou ela já havia acordado e ido para a sua aula de aeróbica matinal ou estava dormindo ainda, o que era mais provável, para mim significava apenas uma coisa: tomar.café.sozinha.
Podia ir num pé e voltar com outro, aproveitaria e compraria alguns *donut's* e café extra para Rachel, não sabia ao certo que horas os passageiros estavam liberados a desembarcar, então não podia ficar perambulando por ai como se tivesse o tempo a

meu favor. Pronta para sair, mas algo que vi de relance me fez parar de supetão, olhei na direção da cabine que pertenceu a Joana e vi que o mesmo estava entreaberto e eu tinha certeza que ele estava fechado na noite passada e ninguém entraria ali, nem Rachel ou alguma camareira já que se escuto muito bem não ouvi a porta da entrada sendo aberta. Abelhuda como sempre, fui em direção da mesma, abrindo lentamente a porta e eu não esperava nem um pouco quem se encontrava ali dentro, parei de supetão na porta, observando incrédula Joana que se encontrava sentada no meio de sua cama, lendo um de nossos habituais romances em pocket com seus óculos para enxergar de perto na pontinha de seu nariz arrebitado, logo ela ergueu seus olhos, tomando conhecimento de minha presença, um sorriso gracioso caiu em seus lábios e seus olhos brilharam com felicidade ao me ver, ela dobrou a página que lia e largou o livro na cama, agora pude sentir certa tensão no ar, era como se não soubéssemos ao certo o que fazer, eu parada na entrada do quarto com um nó acido e dolorido em minha garganta já Joana me observando receptiva e cheia de esperanças, exatamente daquela forma que ela sempre fora: cheia de fé, doçura e amabilidade.
Notando que provavelmente eu me manteria ali, sem mover um músculo ou dizer sequer uma palavra graças ao meu choque, Joana pegou um suporte com dois cafés que estavam apoiados na mesa de cabeceira e sorriu com aquele olhar inocente que lhe caia tão bem:

- Eu estava esperando você acordar, já que quero muito conversar com você... – Ela murmurou me olhando atenta, em seguida continuou com uma expressão tímida estendendo um dos copos para mim. – Ehr ... É o seu favorito: café bem amargo com três gotas de adoçante apenas, infelizmente está um pouco frio, mas isso é culpa minha por ter comprado o café antes de vir aqui para saber se você estava acordada.

- Jo ... Você ... – Antes que eu conseguisse completar a frase não consegui controlar aquele nó em minha garganta e comecei a chorar de maneira pesarosa, olhando Joana de modo descrente, o modo gentil e carinhoso que estava a me tratar só mostrava uma coisa para mim: ela me perdoara.

-Ei! Não, não, não chore! – Joana murmurou, não sabendo ao certo se colocava os cafés na mesa de cabeceira ou se aproximava de mim para me consolar, acabou por

largar a bebida de qualquer forma na mesa e se aproximou de mim em dois passos, me dando um apertado e afetuoso abraço que me fez chorar mais ainda, aninhada em seus braços percebi como sentia falta dos abraços de Joana e de fato, dela, de seu modo carinho, inocente e encantador de tratar as pessoas as quais amava, depois de tudo que havia passado na última noite, encontrá-la pronta para restabelecemos nossa amizade só me mostrava que o futuro estava preparando algo grandioso para mim, como sempre desconfiei.

Seu olhar de preocupação mostrava que ela percebia que havia algo, além da emoção de têla ali, acontecendo comigo, entretanto ela, nem ninguém saberia o que estava a flagelar meu coração, pelo próprio bem de todos.

- Eu estou bem ... São lágrimas de felicidade. – Minha voz saiu em um fio o que fez Joana desacreditar em mim enquanto sentávamos na cama, uma de frente a outra. – É só que ... Eu tenho passado por muitas coisas desde que ... bom, você sabe. – Joana ergueu suas sobrancelhas loiras em uma expressão de dúvida então continuei, limpando minhas lágrimas. - Depois que você parou de falar comigo muita coisa aconteceu e mesmo acreditando que voltaríamos a ser amigas, uma parte de mim temia que esse dia nunca chegasse, mas chegou e em um ótimo momento ... Jo, eu preciso muito de você agora, como nunca precisei!

- Eu estou aqui agora, conte me tudo e não me esconda absolutamente nada; você sabe que eu sinto quando estão me escondendo alguma coisa. – A olhei com o cenho franzido, me recordando de quando ela me revelou que desconfiava da traição de Steve há alguns dias atrás. – Kate ...

- Não, o que aconteceu já é passado, isso pode esperar, mas você quer conversar comigo sobre o presente e é nisso que temos que nos focar. – Respondi com firmeza a observando com atenção. – Você tem a minha total atenção.

- Eu não sei por onde começar ... – Joana abafa uma risada, passando uma das mãos nos cabelos. – Quer dizer, eu já tinha ensaiado essa nossa conversa com o Lucas, pelo menos, um milhão de vezes e agora me faltam palavras.

- Que tal você começar do inicio? – Fiz uma careta, dando de ombros, Joana me

olhou séria e eu revirei os olhos. – Eu não estou sendo sarcástica, já me falaram que quando as palavras faltam é eficaz falar sobre o assunto desde o inicio de tudo, assim é mais fácil para chegar ao ponto desejado.

- Do inicio? Então, tá. – Ela deu de ombros, imitando meu gesto com uma expressão tranqüila. – A primeira lembrança do *inicio* disso tudo que tenho em minha mente é como eu fiquei tentada a arrancar os seus cabelos fio por fio com uma pinça, quando naquela fática festa latina eu descobri toda a verdade sobre a traição de Steve com Rachel ... e a sua *traição*. – Ela murmurou essa última sentença de um modo frívolo, mas não demorou a voltar a falar de sua maneira doce. – Eu demorei para perceber que a traição de Steve e Rachel não me doeu tanto quanto a sua, fiquei por pelo menos 02 dias pensando em maneiras de fazer você pagar na mesma moeda, fazer você sentir o gosto de ser traída por uma amiga, mas precisou muitas situações acontecerem para que eu percebesse que estava odiando a pessoa errada; é claro que eu tive ajuda para chegar nessa e em muitas outras conclusões, Lucas passou a maior parte do seu tempo, depois do ocorrido ao meu lado me confortando e cuidando de mim como se eu fosse uma espécie de garotinha indefesa, não que ele estivesse errado, mas isso só me fazia sentir pior, contudo até chegar ao atual momento, muita coisa aconteceu comigo.

“ Mesmo estando com Rachel, depois de toda a revelação, Steve continuou a me procurar, preocupado com o meu estado emocional, querendo conversar comigo, me explicar o que estava acontecendo entre ele e Rachel, como se eu não pudesse notar o óbvio na minha cara, eles se gostam sim, mas é só isso, eu não consigo ver nada além de um interesse físico entre eles e é isso que me doía mais, pensar e pensar que ele trocou um relacionamento estável, cheio de amor e segurança por uma aventura típica de um garoto bobo, indisciplinado e irresponsável com a melhor amiga de sua namorada, quer dizer, ex. No inicio, eu não sabia como agir com Steve, então pedi que Lucas me aconselhasse e o mesmo disse para seguir meu coração e ele só queria uma coisa, Kate: Vingança. Eu entendia exatamente pelo tormento ao qual você passou durante todo o desenvolver desse triângulo, ninguém precisou me mostrar o seu sofrimento, eu podia vê-lo em seu olhar, mas não conseguia compreender Steve e Rachel por mais que eu tentasse, eu sempre acabava presa no labirinto da vingança e amargura. Então, decidi me vingar; Steve continuava a me procurar, cada vez mais

determinado a ficar próximo a mim, ser meu *amigo* depois de toda essa decepção, mas eu podia ver em sua atitude que era mais que isso, a curiosidade transbordando quando eu o ignorava dizendo que tinha coisas mais importantes a fazer do que conversar com um menino tolo feito ele, aquele ciúme típico do Steve, ... Eu sabia que isso o enlouquecia, ser ignorado por uma garota, ainda mais quando ela é sua ex que você está se empenhando para conseguir o perdão; comecei a usá-lo para meu benefício até fiz ele e Rachel brigarem depois de uma boa sessão de ciúme que a última teve ao vê-lo conversando comigo, eu estava adorando aquilo, tê-lo em minha mão e mostrando a Rachel o gostinho de uma traição, fazendo a sentir a mesma dor da injustiça e da traição que eu sentira. Foi quando aconteceu. Eu não queria aquilo, mesmo que parecesse o contrário, mas foi impossível resistir ao momento estávamos sozinhos, entrosados em uma das nossas conversas bobas e despretensiosas, a mão dele parou no meu rosto, a minha em sua nuca e quando percebi já estava deixando o banheiro, arrumando as minhas roupas e me sentindo a pior pessoa do mundo. – Joana pausou, olhando ao arredor com os olhos cheios de lágrimas, mas não demorou e continuou, relatando os momentos mais importantes de seus últimos dias afastada de mim. - Eu sabia que Rachel e ele não tinham ... ido tão *longe* se é que você me entende, mas quando eu e ele fizemos aquilo daquela forma tão nojenta, algo que sempre fizemos com tanto amor tendo que ser guardado como um segredo como se fosse errado, sujo, ... eu percebi como havia chegado ao fundo do poço, aquela garota não era *eu; ela* tinha agido pior do que a Rachel, ela não sabia as consequências de toda essa traição, mesmo sabendo que isso me decepcionaria, ela não pretendia me magoar, apenas desejava ser feliz, mas aquela garota no banheiro tinha a intenção de fazê-la sofrer muito mais, como eu sofri; foi nesse momento que percebi que havia mudado, eu não era a mesma Joana, aquela jovem doce, gentil e inocente como você mesma me descreve, e sim, havia me transformado numa especie de vadia, pior que Britanny; eu precisava acabar com isso, eu tinha que fazer o certo e novamente Lucas estava lá por mim, ele me ajudou a ver a verdade ainda embaçada pelos olhos dessa Joana má, finalmente pude ver que Rachel apenas estava seguindo o seu coração, querendo ser feliz com o cara pelo qual se apaixonará; Steve estava tão confuso quanto ela, dividido entre dois amores; enquanto você ...

- Enquanto eu? – Questionei intrigada ao notar que a mesma se silenciara presa em seus pensamentos.
- Você escolheu um lado.

- Eu …eu escolhi o meu lado, isso não é errado. - Murmurei confusa, vendo pelo olhar de Joana que não era essa a resposta. - Eu não escolhi um lado, Joana. - Sussurrei de uma maneira firme.

- Meu Deus, você realmente não percebeu, não foi? Toda essa situação caiu em seus ombros e você nem ao menos notou o caminho ao qual escolheu, apenas o seguiu sentindo que era o certo para você. Eu não te culpo, não mais … Eu compreendo pelo que você passou. - Com doçura Joana sussurrou, segurando minhas mãos com carinho, não se afetando nem um pouco com o meu tom de voz e expressão seria. - Kate, você escolheu *ela;* a verdade é que você sempre escolhe *ela*.- Essa última frase saindo de seus lábios de um modo verdadeiro e triste.

- Eu …- Balancei a cabeça negativamente, passando minhas mãos em meus cabelos um ato que já fazia sem pensar, enquanto analisava as suas palavras, de inicio elas não fizeram o menor sentido, mas com um pouco de análise de minha parte pode perceber toda a verdade que eu havia escondido de mim mesma para o bem de minha consciência, mas ficaram mais claras principalmente depois dos eventos da noite passada; eu sempre escolhia Rachel acima de qualquer um e até mesmo de mim mesma. - Eu nem ao menos percebi que havia feito tal escolha, eu temia tanto optar por um de vocês que nem ao menos notei que havia optado um lado.

- Confesso que foi por essa razão que eu fiquei com tanta raiva de você, remoía em minha mente se todas aquelas vezes que desabafava com você sobre minhas desconfianças você se sentia culpada por saber da verdade que eu desconhecia, se em algum momento você pelo menos pensara em vir me contar tudo … - Sua voz soava pesarosa, mas sua expressão mostrava toda sua seriedade com a questão. - Abrir os meus olhos para a verdade e acabar com meu eminente sofrimento.

- Eu pensava sobre isso o tempo todo; o que realmente pesou em minha decisão final foi que Rachel pediu sigilo sobre o assunto já Steve disse para eu seguir meu

coração que pedia para lhe contar a verdade, porém o pedido de Rachel me consumiu de uma maneira fulminante; eu pensava em diversas formas de lhe dizer a verdade sem traí-la, mas não tinha como e parte de mim também não queria interferir no que o futuro guardava para vocês, eu achava isso errado; por mais que estivesse envolvida nesse assunto, não cabia a mim lhe contar toda verdade e sim, a Steve.

- E ele não teve coragem … Aquele covarde safado! - Joana disse com um tom de voz raivoso. - Minha mãe disse que vai fazê-lo se arrepender por ter me traído, mesmo que eu tenha dito para ela não sujar suas mãos com tão pouco, mas você conhece a dona Christie o bastante para saber que alguma coisa ela irá aprontar, quando voltei a ser a Joana boa eu o alertei sobre isso só por precaução. - Com um sorriso sapeca nos lábios ela disse, me observando com uma expressão mais suavizada.

- Pelo visto, Steve não mora mais em seu coração. - Sussurrei erguendo ambas as sobrancelhas em surpresa.

- E espero que deixe a minha mente o mais breve possível. - Joana disse com certa esperança, em seguida repousou a mão no coração com um olhar pensativo. - Acabou Kate, depois disso tudo eu pude perceber muitas coisas e uma delas é que aquele nosso lema: amigas acima dos garotos é fundamental em qualquer momento de nossas vidas e que eu nunca mais irei esquecê-lo, é uma promessa que fiz a mim mesma. Eu amo Steve e sempre irei amar aquele jovem apaixonado, encantador e amável, mas não quero nenhuma recordação desse Steve dos últimos meses, esse garoto sem coração e sentimentos que trocou nosso relacionamento de um modo tão descartável quanto ele faria com um pacote vazio de *Rufles*, que mostrou ter os sentimentos igualados a de uma colher de chá e o pior de tudo, aquele jovem cheio de personalidade se tornou uma cara sem um pingo de caráter.
- Ela suspirou pensativa. - Eu sei o tão estranho que isso vai soar, mas quero te agradecer por não ter me revelado nada sobre esse triangulo amoroso.

- É, isso é bem estranho! - Exclamei com um sorriso contido no canto dos lábios.

- Entenda meu ponto de vista: Se você tivesse me contado a verdade, eu não teria

tido essa vivência, eu não ia ser a Joana de agora … - Ela sorriu e me observou com certo encantamento. - Eu me sinto mais forte, capaz e determinada a enfrentar qualquer situação de uma forma que nunca antes senti; a palavra certa seria inabalável, me sinto assim. Eu tive muita raiva sua por ter me escondido tal segredo, mas percebo que descobrir isso tudo através de Lucas foi algo bom para mim e talvez para cada um de nós, para mim foi bom no sentido que fui capaz de descobrir até que ponto vou por algo que acredito, com meus pensamentos, angústias, desapontamentos, o que sou e não capaz de fazer ... Eu não consigo me imaginar seguindo por esse mesmo caminho de auto conhecimento se você tivesse me revelado isso, ás vezes creio que não teria acreditado em você e depois me arrependeria de tal descrença sofreria de uma terrível depressão e baixa auto estima, contudo depois de minhas últimas ações, não tenho certeza de mais nada em relação as minhas atitudes; só sei que Lucas foi uma dessas dádivas que tive o prazer de receber junto com esse auto conhecimento, ele é um amigo em um milhão… - Joana pausou com um sorriso timido nos lábios, o modo que ela disse Lucas soou tão musical que jurava que ela fosse começar a cantar uma canção com o nome do rapaz naquele momento, mas em vez disso, ela me olhou com satisfação brilhando em seu olhar chocolate. - Outra gratidão que recebi foi em ter presenciado a lealdade a qual você tem por Rachel e torço para que um dia eu mereça essa mesma honra vinda de você; Depois de toda essas emoções, descobertas e evolução como pessoa, eu estou muito ansiosa para o que futuro me reserva ao lado de meus verdadeiros amigos.

Interpretava as suas sinceras palavras de fé, transformação e esperança notando que ela tinha razão em sua interpretação a qual não havia cruzado antes em minha mente, talvez ela tivesse razão quando dizia que ter descoberto tudo através de Lucas a tivesse lhe ajudado a se transformar em uma jovem mais determinada e preparada para o futuro, se eu tivesse lhe contado tal verdade talvez ela nem ao menos tivesse sofrido tais mudanças, apenas lidaria isso com tristeza e mágoa para nossa amizade isso teria sido melhor, mas … bom, sempre irá existir o talvez e confesso que essa Joana destemida, esperta e esperançosa era admirável; era bom ter Joana de volta.

- Posso me incluir nesse círculo de verdadeiros amigos? - perguntei timida.
- Você é uma das primeiras dessa lista. - Joana com doçura respondeu. - Juntinho de Lucas e Rachel, pessoas essenciais em minha vida.

- Então, meus olhos não me enganaram ontem a noite, você e Rachel estão bem?

- Em termos. Conversamos sobre tudo que aconteceu, sendo que diferente de nós duas, a nossa conversa foi feroz e com mais lágrimas, durante ela, vimos como Steve havia nos manipulado em sua teia de charme e sedução, nós sabíamos muito bem o que estávamos sentindo, mas até o atual momento ele é o único que continua em dúvida em relação aos seus verdadeiros sentimentos, então durante a nossa conversa percebemos que para nossa amizade seguir em frente, Steve teria que sair de nossas vidas; então decidimos que para seguirmos em frente deveríamos esquecer Steve, só assim ele entenderia seus erros conosco e poderiamos ser livres desse falso amor ao qual estávamos entrelaçados; quem sabe um dia voltemos a ser amigos, mas não agora, como eu disse, amigas acima dos garotos sempre. Logo após essa nossa conversa regada de emoções, fomos conversar com Steve sobre tudo, principalmente sobre o que sentimos em relação a ele e àquela situação, demos a oportunidade dele falar, o mesmo pediu uma chance para pensar e decidir por fim por quem está apaixonado, mas Rachel disse algo que o mostrou a realidade da situação, ela disse que amor não é algo que se deve pensar, e sim sentir, o coração diz quem amamos sem nem ao menos precisar pensar e se ele precisava disso, era porque no fundo, não amava nenhuma de nós, deixamos bem claro que era o melhor cada um seguir o seu caminho, um dia voltemos a ser amigos, mas agora devíamos seguir em frente cada um com suas vidas. Joana pausou, me observando pensativa para dizer as suas próximas palavras. - Nós sabemos que nossa amizade não será mais a mesma depois desses últimos eventos, mas vejo isso como o começo do fim, nada está terminado, e sim, apenas no inicio.

- Começo do fim? - Questionei com dúvida.

- Sim, acreditava que nunca mais conseguiria encarar Rachel da mesma forma, a amiga que sempre estava comigo nos piores e melhores momentos, cheia de conselhos sobre amor, futuro e mesmo não tendo nada a ver com o assunto na maioria das vezes, moda … - Rimos de modo leve então ela continuou. - Eu acreditava que sempre a veria como uma traidora, que usou da minha confiança e falsamente me enganou para beneficio próprio, também confesso que a desconfiança sempre vai existir, mas com o tempo isso tudo será apenas um momento que

passou, deixou marcas, algumas lembranças ruins e outras boas. Foi ai que descobri que não precisávamos de um novo inicio e sim de um recomeço, não é como se estivéssemos sendo amigas pela primeira vez ignorando tudo que já vivemos juntas, mas de um modo que do momento que nos separamos, retornemos daquele ponto, utilizando aquela experiencia como uma aprendizado para engradecer nossa amizade e quem somos; é por isso que eu queria conversar com você e lhe contar tudo que tem acontecido comigo, eu quero que façamos o mesmo, recomecemos; eu sei que muita coisa aconteceu para sua resposta ser negativa, mas ... Eu não quero perder a sua amizade e espero muito que esse sentimento seja reciproco.

- E você não vai perder, eu estou aqui e sempre estarei com você, aonde quer que estejamos. - Sorri sentindo um conforto tomar meu coração com tais palavras.

Percebo que toda essa situação apenas acontecera em poucos dias, separações, inícios e términos de relacionamentos, intrigas e vinganças, tornando tudo tão intenso e ligeiro aos nossos olhos, entretanto de tantas emoções podemos levar diversas lições para nossas vidas, pelo menos eu sabia que eu levaria algumas e podia perceber que Joana também. Segredos podem causar problemas, então a partir de agora quando alguém for confidenciar algo para mim terei a certeza que não envolve amigos e familiares próximos, apenas para evitar esse repeteco, eu, que sempre tento proteger quem amo de tudo e de todos, até mesmo de mim, aprendi com esse último evento que não intrometer se em algo pode render em algo bom, mesmo que de inicio não possamos ver isso. Por mais traumatizante que tenha sido essa experiência fora boa para Joana, podia ver o tão amadurecida estava apenas com essa nossa conversa, sentia que ela continuava a mesma romântica de alguns dias atrás, contudo sabendo que o *felizes para sempre* não acontece na vida real, existem outras pessoas por todo o mundo, além do Steve, ele pode até ser a sua alma gêmea, mas não agora ou nessa vida. Acredito também que se Joana teve algum aprendizado, Rachel também tivera, e no topo da lista deve estar em caixa alta escrito em letras garrafais e com um marca texto neon em cima: NUNCA DESEJAR UM CARA QUE JÁ TENHA NAMORADA E PRINCIPALMENTE IGNORAR SUA EXISTÊNCIA SE ELE FOR NAMORADO DE UMA AMIGA SUA, mas de todas as lições que levo, a mais importante fora a que Joana ressaltara e que me mostrara uma determinação minha que eu nunca percebera antes: a minha capacidade

de proteger Rachel, mesmo que isso signifique ter que optá-la/defendê-la entre outras pessoas que amo e até mesmo em relação a mim. Eu havia escolhido ela, não foi um ato consciente como havia sido com a minha decisão em relação a Peter, eu a escolhi já que sabia que perder aquele estágio e saber que teria sido por culpa minha iria magoá-la e até mesmo poderia levá-la de volta a sua bulimia, entretanto no caso da traição, eu havia optado por Rachel entre Joana e Steve sem notar tal decisão e tinha a certeza que se passasse por toda essa situação novamente e diferente da realidade, fosse obrigada a escolher um lado nessa dimensão paralela, eu teria escolhido Rachel sem pestanejar novamente.

Após alguns segundos de silêncio absorvendo os meus pensamentos e revelações de Joana, voltamos a conversar, agora sobre as coisas que havíamos feitos nesses últimos dias, tirando a peça teatral, era uma conversa calma, sem antecipações diria até que tímida de ambas as partes, em determinado momento Joana revelou que decidira esquecer Steve para o bem de seu coração, ela percebera que ele não a merecia e que o amor deles já não era o mesmo e não mudaria disso já que haviam estagnado, curiosamente, ela revelou o seu desejo de permanecer solteira por um tempo já que namorou por tantos anos, mas que não ficaria triste em conhecer e se apaixonar por um cara sensível, amigo, gentil, tímido e encantador de modo inesperado, não disse nada sobre isso, mas não consegui esconder o sorriso ao notar que ela havia acabado de fazer uma descrição fiel de Lucas, talvez ela perceba que ele pode ser esse garoto, espero que até antes do fim desse cruzeiro receba uma notícia sobre a união dos dois.
Quando menos esperei levei uma facada bem ao centro do coração, sentindo uma mar de tensão e amargura me tomar de modo inesperado, Joana inocentemente perguntara sobre Peter, deixando claro que ficou sabendo que eu e ele começamos a namorar e revelou que estava se corroendo de curiosidade desde que nos afastamos para saber tudo sobre ele e eu, principalmente sobre essa história dele ser um lorde, que ela descobrira através da mensagem de Britanny. Pela minha expressão ela notara que alguma coisa estava errada, esperando com toda certeza por uma grande história regada de romance e paixão, é eu tinha muita coisa desse tipo para contar a ela, mas não diria uma palavra se quer.

- Não tenho nada de especial a contar. - Menti, tentando incorporar uma Kate fria e

desinteressada, Joana me olhou com estranheza não sei se suspeitava de minha mentira ou de algo mais, talvez ela tivesse ouvido o contrário do que dissera, então antes de aumentar mais desconfianças falei a verdade. - Nós não estamos mais juntos; eu terminei com ele. - O que não deixa de ser verdade, apenas faltam alguns detalhes.

- O que? Mas … porque? Vocês pareciam tão felizes e apaixonados … Isso não faz sentido! Vocês brigaram, tiveram algum desentendimento? - Ela desandou a falar descrente de tais palavras minhas, se ela estava agindo assim sem ter passado por todo esse romance junto a mim como Rachel, quem dirá como a mesma irá reagir. Rapidamente comecei a pensar em uma resposta coerente que não levantariam questões futuras, me vigilei para não tornar a minha resposta muito imaginaria, além do mais, teria que repeti- las a todos que fossem questionar e os mesmos teriam que acreditar fielmente em minhas palavras.

- Não foi nada disso, apenas tinha que ser assim. Curtimos o momento, uma paixão de verão, onde parece que o mundo gira em torno daquele momento, acreditamos que somos almas gêmeas, que o futuro será nosso, juntos não importando o que o destino nos reserva, mas é só isso … Um deslumbre do momento. Nada mais. Por isso achei coerente terminar com ele, já que nossas emoções não estão tão intensas, o termino pode até nos magoar, contudo superaremos e quando menos esperar … esqueceremos um do outro como se nunca tivéssemos existido. - Meu olhar observava atenta Joana, tinha que passar confiança e firmeza com minhas palavras mesmo sentindo que cada uma delas era uma mentira. Pela expressão de Joana, ela não acreditava naquelas palavras, não que ela achasse que eu estivesse mentindo, mas ela era uma romântica inveterável não seria tão fácil para ela acreditar em tanta frieza. Apenas para colocar a cereja no topo do bolo de mentiras, concluir. - Essa não é uma história de amor.

- Poxa, é uma pena! - Em sussurrou angelical sua voz saiu com aqueles olhos grandes e brilhantes a me observar. - Vocês eram perfeitos juntos.

Fechei meus olhos, sabendo que suas palavras eram verdadeiras; eu e Peter éramos perfeitos juntos, eu sentia isso a cada momento que estivera com ele, entretanto

nunca mais teria essa sensação deliciosa com nenhuma outra pessoa e infelizmente, nem com Peter. Voltei a afastar Peter de meus pensamentos, havia decidido me vigiar em relação a isso, apenas pensaria nele quando estivesse sozinha, não era nem uma ideia em relação a acabar por chorar já que não faria isso, mesmo sabendo que não existia uma magia para controlar as minhas lágrimas, contudo eu faria de tudo para impedir tal coisa, além do mais, essas lágrimas eram inúteis se não tinha a quem me confortar nem a mim mesma, eu havia aceitado a minha condição e como Joana havia decidido para si, eu havia me resignado a seguir em frente, sem Peter.

Joana se surpreendeu ao notar que a hora havia voado dizendo que tinha combinado de tomar café da manhã com Lucas que já deveria estar angustiado por esperar a mesma que estava meia hora atrasada; ela se antecipou em me desejar uma boa visitação em Londres já que provavelmente nos veríamos pouco; a nossa turma seria acompanhada por um guia turístico designado pelo cruzeiro, a partir da dez horas - menos hoje que será especialmente meio dia - os passageiros da embarcação precisam se encontrar dentro do ônibus designado a seu grupo, de Southampton até Londres é uma viagem de 03 horas e meia, ao chegarem lá o guia os levará para as atrações escolhidas a dedo - enquanto eu serei guiada pelos meus mapas, conhecimento da cidade e Rachel, esse último recurso não era uma boa ideia -, as cinco da tarde ele libera o seu grupo para passearem por conta própria, contudo todos eles devem voltar ao ônibus até as oito da noite, senão ficarão na cidade por uma noite inteira e por conta própria, diferente de mim e de Rachel, os passageiros do cruzeiro terão apenas uma semana de visitação e com o fim desse tempo, o cruzeiro volta ao mar em direção a França, tendo isso em mente combinamos de no dia seguinte nos encontrarmos em algum lugar no centro de Londres, em torno das cinco horas já que seria o seu horário livre do guia, acreditava pelo meus planos que no meu caso com Rachel provavelmente não estaríamos em nenhuma atração podendo se encontrar com ela sem problemas, nos despedimos e a mesma partiu em direção aos seus compromissos, já eu tentei controlar o nervosismo que começou a tomar conta de meu estômago, em algumas horas estaria em Londres, tinha como isso ser mais fantástico? Bom, ter tinha … mas não ia pensar sobre isso, não agora.

Joguei os cafés frios no lixo, choramingando sentindo aquele cheiro delicioso descendo pelo ralo da pia do banheiro, isso era um pecado!

Voltei a sala, notando que a porta de Rachel estava entreaberta, bati na porta esperando sua resposta e a mesma abriu a porta com uma das mãos, ela estava deitada no chão com um grande bloco a sua frente com um estojo de lápis de cor e seu laptop ao seu lado, ela me olhou com uma expressão sonolenta balançando um lápis de ponta negra entre os dedos, adentrei no ambiente, chutando sem querer uma, duas bolinhas de papel, vendo que havia mais uma dezena delas espalhadas por todo o ambiente com uma lixeira entupida da mesma, me sentei ao seu lado, notando que todas as suas malas - algumas novas, outras eram as sacolas de produtos que ela havia adquirido - estavam arrumadas estrategicamente no canto do ambiente, pelo que constatei em seu bloco de desenho ela havia passado a noite em claro desenhando uma nova coleção de roupas deveria estar morta de cansada, isso era notado pelo seu olhar cansado e suas olheiras devidamente cobertas com um corretivo, Rachel como eu, já havia tomado banho e se encontrava vestida para o desembarque, esperando apenas que tripulação avisasse pelo alto falante que o desembarque dos passageiros era liberado.

- E ai? - Perguntei, querendo olhar cada desenho que ela já havia feito, pelo que contei, eram sete desenhos novos e pelo empenho de minha amiga, deveriam estar fantásticos. Você está com uma cara pessima!

- Eu tenho um espelho, Kate, não preciso da miss sinceridade para me dizer o já observado.
- Ela respondeu de forma agressiva, erguendo ambas as sobrancelhas.

- É, pelo seu mau humor, já está sem dormir por pelo menos … 38 horas. - Continuei a falar fazendo uma careta vendo a expressão de irritabilidade de Rachel se intensificar. - Se eu não estivesse com tanta preguiça compraria uma café para a gente. - Rachel se manteve em silêncio passando o lápis em um traço da lateral do desenho do vestido, pensativa. - Posso fazer alguma coisa por você?

- Comprar café. - Disse com um sorriso nos lábios, ela ergueu seus olhos percebendo minha expressão de má vontade. - Tudo bem, só estou querendo implicar com você. Não tem nada que você possa fazer por mim, a não ser que você conheça um tipo de feitiço que desbloqueie a mente de uma artista … Eu preciso disso.

- É, eu também preciso. Quem sabe em Londres encontremos algum feiticeiro, huh?

- Você sabe que Harry Potter é ficção, não é? Ou você ainda tem aquela esperança infantil de que sua carta para Hogwarts foi extraviada e que o Hagrid vai te buscar do mundo dos trouxas e te levar para ao universo dos bruxos? - Rachel perguntou de uma maneira sarcástica e repousando ambas as mãos embaixo do queixo.

- Sonhar até ontem ainda era de graça, okay? - Respondi com os olhos semicerrados em sua direção.

- Tudo bem, não vou mexer mais com o seu bruxinho … - Com um tom malicioso, ela continuou. - Falando em seu, já falou com o *seu* lorde hoje? - Pronto, chegou o momento. A observei com atenção sentindo o ar me faltar, era a primeira vez que a vejo desde ontem e ela não tem a menor ideia do que me aconteceu e nem terá, odiava mentir para Rachel, mas era necessário. Tentando disfarçar o meu momentâneo devaneio disse a ela exatamente tudo que falei a Joana, sem tirar o por, diferente de Joana, Rachel me olhou de uma forma indescritivel, ela se sentou com aquele olhar duvidoso em minha direção e de um modo cuidadoso questionou:

- O que você está escondendo de mim?

- Nada. - Disse com firmeza, tentando soar o mais convincente possível. - Rachel, eu gosto dele, mas eu não estou interessada em nutrir um relacionamento sério que não tem futuro; ele é lorde que vive em Greenwich e estuda em Cambridge e eu viverei em Nova York, a milhares de distância dele, esse tipo de relacionamento nunca daria certo, ainda mais na questão dele ser uma celebridade e tendo como parente Serena e Miranda. - A imagem da última tomou conta de minha mente, a sua forma rude de falar comigo, sua chantagem e a forma violenta que segurou meu braço, toquei o mesmo sentindo um latejar familiar com o de um roxo e fechei meus olhos. E se eu simplesmente contasse tudo a Rachel? Para que?, pensei, já havia perdido Peter não iria correr o risco de perder Rachel também, eu sabia que ela não apoiaria minha decisão e se de algum modo ela tentasse me ajudar em relação a Peter e Miranda acabasse por descobrir, ela não só perderia o estágio como poderia voltar a desencadear sua bulimia, eu não queria ser causadora de tal coisa; eu teria que lidar

com esse segredo sozinha.

- Você … você não pode estar falando sério! Eu nunca te vi tão feliz com um garoto antes como você estava com Peter … Essa história de amor à primeira vista começou a fazer sentido para mim depois de ver vocês unidos, tão apaixonados e conectados. Kate, por favor … não minta para mim!

- Pelo amor de Deus, você acha que é a única que tem o direito de ser liberal em relação a relacionamentos amorosos? Não negarei que tenhamos tido uma química, mas não há necessidade de mentira, eu só não quero ver o meu coração magoado e eu sei que isso iria acontecer cedo ou mais tarde, então só estou me precavendo. Para o meu bem. Se é estranho eu pensar em mim uma vez na vida, tudo bem, o que posso fazer, mas não estou escondendo nada … - incisiva falei, com uma expressão ofendida falsa.

- Jure. - Com firmeza Rachel disse, piscando seus olhos apenas uma vez antes de me observar com seriedade. - Jure que nada aconteceu e que você realmente terminou com ele por vontade própria.
- Eu juro. - Respondi sem pestanejar, sentindo nó em minha garganta arder, engoli em seco e tentando soar despojada, mudei de assunto. - Que tal mudarmos de assunto? Sim, eu tive um ótimo momento ao lado de Peter, mas foi apenas isso, um delicioso momento, mas com certeza terei vários *outros momentos* em Londres, se é que você me entende. - Falei de modo malicioso dando uma risadinha falsa quase idêntica a Serena que enganou Rachel direitinho - Então, me diga, está tão ansiosa quanto eu para chegarmos na cidade dos meus sonhos?

- Me sinto normal, já estive em Londres umas 3, 4 vezes … Para mim é tudo sempre igual, sendo que os gatinhos e as boutiques são sempre sensacionais e deslumbrantes, mas nem vou me focar nisso, ainda tenho que terminar essa coleção e farei o meu possível para não te deixar na mão durante toda a visitação, mas você sabe o quanto esse estágio é importante para mim, não é?

- Sei. - Respondi em um suspiro.
- Eu fiquei sabendo por fontes confiáveis que apenas três dos vinte estagiários irão

ganhar um emprego garantido e se eu consegui …

- Você vai morar em Londres. - A interrompi, a olhando em choque sentindo meu coração batendo de uma maneira descompensada, infelizmente sentindo minha voz se tornar esganiçada de preocupação. - Você vai morar em Londres … Rachel!

- Eu sei. Eu sei, mas calma … Não é nada garantindo, ainda tenho que estagiar por um mês com vários estilistas estagiarios, que provavelmente são muito melhores do que eu ou não … - Ela murmurou com um sorriso no canto dos lábios.

- Nós vamos ficar tão distantes uma da outra, eu não vou conseguir sobreviver a isso … Falei em um sussurro, mas para mim do que para ela.

- Claro que vai, você é uma sobrevivente por natureza, suporta a tudo sempre com a cabeça erguida, capaz de encarar tudo com determinação e coragem. Se estivessemos no século XVIII tudo bem, mas estamos no século XVI morena, temos computadores, webcams, mensagens instantâneas e eu sou bilionária, isso não te diz nada? Minha pensão é enorme o suficiente para tudo que eu desejar, então se eu quiser te visitar todos os fins de semana em Nova York, eu irei, mas como eu disse … Nada é garantido, vamos viver um dia de cada vez, nada de sofrer antes do tempo, ainda mais quando não há motivo para tal coisa. Estamos entendidas? - Rachel concluiu com um sorriso doce me observando de modo amável. - Nós não vamos ficar separadas, Kate. Nunca!

- É um fato que não conseguirei tirar isso de minha mente, entretanto você tem razão, as vezes esqueço que você é bilionária e quem diz que dinheiro não facilita a vida, não sabe o que é ser uma Ray, certo?

- É um dos lemas da minha família. - Respondeu com um tom de orgulho e uma sobrancelha erguida.
Nos silenciamos, ainda estava me acostumando mentalmente com a ideia de ter Rachel morando por tempo indefinido em Londres enquanto eu estaria em Nova York estudando e trabalhando, sem a capacidade de poder visitar a minha melhor amiga já que todo dinheiro que eu provavelmente irei receber será para gastos estudantis e de moradia e minha mãe não poderá me sustentar com viagens mensais

para a terra da rainha para a regalia de visitar minha amiga, acho que essa era uma das vantagens de ser rica, com certa idade você começa a receber uma pensão, que é como uma mesada, que dependendo do valor e de sua condição financeira, a pessoa pode comprar uma mansão por mês, não duvido nada que as visitas de Rachel serão bem mais constantes que as minhas a minha família, além do mais, para ela uma passagem de avião para Nova York de Londres deveria ser como uma passagem de metrô para mim, sendo que para ela é uma pechincha, para mim é caríssimo!

- Joana estava aqui até alguns minutos atrás; ela queria conversar comigo sobre tudo. - Falei em um suspiro, Rachel me olhou sem grandes emoções, eu sabia que ela tinha as emoções mais controladas que uma assassina de aluguel, mas as vezes ficava surpresa como certas coisas para ela era tão insignificantes e para mim acabavam por ser coisas formidáveis. - Eu acho que voltamos a nos falar, mesmo ainda achando estranha toda a nossa conversa, mas eu acredito que isso era o esperando, não é? Você sentiu o mesmo que eu ou é uma sensação só minha?

- É só sua. - Com um tom de voz frio e inexpressiva, ela deu de ombros me observando. Eu sei o tão feliz que você deve estar com toda essa situação e tenho certeza que não é diferente do sentimento de Joana, mas eu … eu sei que nada será como antes, pelo menos para mim, eu quero muito reconstruir a nossa amizade, mas sinto que algo sempre vai faltar entre nós … Confiança. - Com um sorriso triste no canto dos lábios ela concluiu. - Não tem como se ter uma amizade verdadeira, sem isso, né?

A olhei sem dizer nada, ela já tinha sua resposta e a mesma sabia disso, ela passou as mãos em seus cabelos e balançou a cabela negativamente, mostrando o primeiro sinal de tristeza.

- Eu fico feliz que isso tudo tenha terminado, para o bem ou para o mal, mas mesmo assim tem umas coisas que não conseguirei esquecer tão facilmente como desejava … Uma delas é a minha decepção diante da covardia de Steve. - Rachel me olhou com um olhar triste, mas faiscante de amargura. - Eu sei que fui ingenua em acreditar que ele iria dizer que me amava, mas … Depois de tudo que passamos, eu só achei que … o que *eu* sentia, ele sentisse também. - Não, essa faísca é outra coisa, são

lágrimas. Rachel está chorando. - Eu fui enganada pelos meus próprios sentimentos e intuição, me sinto idiota e usada e nem ao menos consigo culpá-lo por tal coisa, além do mais, eu era livre e podia ter optado por não ficar com ele naquela condição de amante, mas se vivi daquele modo foi por achar que ele me … me amasse. Porra! Eu sou uma idiota irremediavel! - Ela chutou a lata de lixo com um dos pés e se encolheu, afundando a cabeça entre os joelhos com os dedos dentro presos em suas mechas de cabelo, ela olhou de repente para mim com o rosto inundado de lágrimas. - Eu *nunca* mais vou me apaixonar.

- Rachel, por favor … - Me aproximei dela, a aninhando para próximo de mim em um abraço, mas a mesma se afastou decidida.
- É sério. Eu decidi e nada vai mudar a minha escolha. - Com um tom firme de voz ela continuou. - Eu *nunca* mais vou me apaixonar. Nunca.

- Cuidado com o que você deseja. - Falei de modo sombrio, a observando sem palavras.

- De agora em diante os garotos serão usáveis para mim do mesmo modo que serei para eles. Dane-se orgulho próprio e valor, eu nunca mais terei meu coração partido; 01, 02, talvez 03 dias de relacionamento e depois desaparecerei como uma brisa de verão que durou o bastante para refrescar a alma de alguém em chamas. Poucas lembranças que irão se esvaziar com o passar das semanas e quando perceberem, nem ao menos se lembrarão de mim da mesma forma acontecerá comigo. - Ela concluiu de um modo que me fez crer que ela já planejava isso a um tempo.

- Rachel, você, um dia, vai se apaixonar novamente … Não adiante o quanto você tente ou impeça, essa é a única coisa, além da morte, que não conseguimos controlar, nos apaixonar.

- Talvez você e alguns milhões de pessoas iludidas com a existência de um grande amor, mas eu não Katerina … Você conseguiu remendar seu coração depois de tê-lo visto se partir em milhares de pedaço e garanto que você pode passar por isso repetidas vezes já que é uma garota tão forte como eu nunca vira outra, mas eu não … Eu não suportarei uma segunda vez.

- Nós não nascemos com força, ela vem com sabedoria e determinação de nossa parte Rachel ...A sua força está isolada dentro de você, em seu coração e mente, você só precisa de uma boa razão para remendar seu coração partido e seguir em frente … Usar os garotos e permitir que eles façam o mesmo com você não irá curar seu coração, irá apenas destruílo mais rápido.

- Eu não vou me apaixonar mais e ponto final. - Ela disse por fim, após analisar minhas palavras com um sorriso debochado nos lábios, como se estivesse dizendo *eu sabia que você iria dizer isso, mas não darei o braço a torcer e falar que você tem razão e me entregar a lágrimas*. É, ela amou Steve e agora estava buscando um modo de matá-lo dentro de seu coração, mas pelo visto, ela vai acabar se matando sem nem ao menos perceber.

Voltamos a falar sobre Joana, a avisei que havia marcado de nos encontrarmos no dia seguinte com ela em algum lugar em Londres, Rachel não se mostrou contra, pelo contrário parecia feliz com a ideia, dizendo que seria uma forma de nos reaproximarmos de um modo sadio e calmo, continuamos a conversar, agora falando sobre a sua nova coleção de roupas, o tema era variável e ela confessou estar se baseando muito na moda que tem observado nas atuais revistas de modas e principalmente, no que ela tem observado no cotidiano dentro do cruzeiro. Levei um susto quando uma voz ressoou no ambiente, era uma voz masculina que demorei a reconhecer e quando percebi que era do administrador, Arthur me questionei o que diabos ele estava fazendo em nosso quarto.

- São os alto falantes, Kate. - Rachel disse com humor, percebendo minha expressão de susto. - Tem um em cada corredor do navio para a tripulação mandar avisos aos passageiros, principalmente em uma emergência, por exemplo um iceberg no nosso caminho …

- Nem brinque com isso! - Disse com firmeza, saindo do quarto para mais claramente ouvir Arthur, ela veio em meus encalços com uma expressão tediosa.

- *... repito mais uma vez, todos os passageiros que irão ficar por definitivo na Inglaterra, não participando da visitação excursada pelo cruzeiro, o horário de sua*

partida começa as nove até as onze da manhã. Perguntas e dúvidas, por favor, compareçam a administração.

- São quinze para as nove, será que seu tio já está nos esperando?

- Duvido muito. - Disse desanimada, sabendo do histórico de atrasos de Roux, um exemplo inesquecivel foi no dia de seu casamento no qual Morgana se atrasou 15 minutos e ele duas horas e meia. - Vou ligar para ele.

- Vou arrumar a bagunça de meu quarto e tentar concluir aquele desenho antes de partimos, qualquer coisa é só chutar a porta … - Ela concluiu adentrando o seu quarto arrastando os pés de um modo obviamente sonolento.

Abri minha mochila pegando o meu celular, ao observar a tela me lembrei o porque de ter mantido aquele aparelho afastado de mim nas últimas horas, por breves segundos me esqueci o por que de ter pego aquele aparelho, vendo agora aquelas chamadas perdidas de Amelia e Peter, junto a dezenas de mensagens dos mesmos, respirei fundo sentindo aquela decisão pesar em mim e deletei tudo aquilo. Tirei o aparelho do silêncioso e o coloquei no vibratório, me lembrei o porque de estar com aquele aparelho em mãos, digitei o número de telefone de Roux e esperei por três longos sinais de chamada quando de repente ...

- Jaspion falando!

- Desculpa Jaspion, liguei para o número errado, mas não se perturbe com isso, pode voltar a matar um dos seus monstros de 5 metros de altura completamente irreais em alguma pequena cidade no Japão que eu não irei pertubá-lo novamente …

- Ei! Os monstros de Jaspion nunca foram irreais. - Disse meu tio Roux com sua voz rouca e firme do outro lado do telefone, tinha pessoas que pensavam que ele fumava cinco maços de cigarros por dia para ter uma voz assim, mas ele nunca encostou em um filtro se quer e jamais faria isso na altura do campeonato, já que Morgana era alérgica a nicotina. - Não seja ingenua, Kate, os Estados Unidos estão fazendo lavagem cerebral em seus cidadãos para acreditarem que Godzillas e seus derivados não existem, mas eles existem sim … só estão escondidos. - Ele disse de modo

sombrio, de repente ouvi uma buzina estrondosa ressoar na ligação e em seguida uma mais baixa. - Ahhh … Levarei sua mãe junto, ela vai amar! Bastardo!

- Uau, percebo que está na estrada …Você acha que vai demorar muito para chegar em Southampton?
- Outro bastardo sangrento … Bastardo, bastardo, bastardoooo … - Ele disse cantarolando e tinha certeza que a buzinada esganiçada fora do tal bastardo.

- Tio … Kate te chamando para terra, por favor responda! - Falei com certo desespero como se estivesse em uma nave interplanetária sendo atacadas por … Klingons, talvez.

- Eu estou ouvindo querida, e concordo plenamente com sua decisão de pintar os cabelos de rosa. Acho que ficará estonteante, sua mãe não vai gostar nada, mas tenho certeza que isso deixará o visual mais belo.

- Ok, eu não disse absolutamente nada disso, mas vamos seguir … O cruzeiro tem um toque de recolher para os passageiros que irão ficar definitivamente na Inglaterra …- Acho que isso é para não criar uma confusão com os passageiros que irão fazer a excursão por Londres, assim não se misturando àqueles que não irão retornar ao cruzeiro, mas não disse isso, Roux tem atenção seletiva. - Você acha que deve demorar quanto tempo até chegar aqui?

- Uma hora e meia, duas horas se mais algum BASTARDO me atrapalhar … - Ele voltou a gritar recebendo um xingamento em resposta; o pouco que me lembro de Roux dirigindo me fazia crer que ele tinha um estilo próprio de dirigir: o veloz e perigosamente furioso.

- Então estaremos saindo daqui as onze horas em ponto, assim você terá tempo o bastante para chegar e nós não ficaremos sozinhas no porto por muito tempo … espero! - Roux voltou a cantarolar *bastardo sangrento* em um tom de ópera e achei melhor me despedir do mesmo antes que um acidente acabasse por acontecer e isso seria mais culpa minha do que dele.

Avisei a Rachel o horário combinado e a mesma mostrou ter me ouvido com um

movimento leve da cabeça, mas sua atenção era toda de seu atual desenho, um longo vestido de desenhos distintos, contudo de aparência simples e leve, muito bonito, contudo faltava algo nele, cor, indiquei que um tom branco com os detalhes em dourado deixariam o vestido ideal, Rachel me observou com atenção, talvez pesando se deveria seguir meu conselho, antes que ela dissesse qualquer coisa a deixei sozinha com seu trabalho. Me distrai na leitura de um dos livros que havia levado para a viagem, Cidade de Vidro de Cassandra Clare, uma das poucas sagas atuais que me prendera com afinco e grande interesse.

Como de costume, me desliguei totalmente do mundo ao meu arredor, apenas despertei quando Rachel sacudiu meus ombros, me tirando de meu transe literário, avisando que já eram dez e quarenta e que era melhor começarmos a nos encaminhar a saida, tínhamos muitas malas e sacolas para carregar e isso nos faria ficar lentas e ela ainda me lembrou que eu tinha que buscar minha lambreta, o que poderia levar tempo, sem pensar duas vezes, segui seus conselhos, guardei o livro dentro de minha mochila a colocando no ombro, meu celular seguro em meu bolso para qualquer emergência, as sacolas da Versace e da Chanel em mãos junto com a minha bolsa e a mala jumbo vermelha, pronta para ir, olhei para Rachel e notei que a mesma estava a se questionar por onde começar, tive que largar tudo no chão para ajudá-la a se encaixar com todas aquelas malas e encaminhá-la a saída do quarto já que a mesma mal conseguia se equilibrar, andar era um desafio, assim que deixamos nosso quarto, entregamos os cartões chaves da pré suite, onde assinamos a nossa saida em uma grande lista com todos os passageiros daquela região, agradecemos pela hospedagem e desejamos um bom resto de viagem, o mesmo foi dito a nós, que murchamos de tristeza, decepção e frio ao constatarmos que estava chovendo, torrencialmente, por sorte alguns marinheiros estavam guiando os passageiros para caminhos estratégicos para a saída do navio, alguns até levavam os em seus grandes guarda chuvas. Rachel não se demorou, largou as malas de modo estrondoso, fazendo um *Ops* sexy ao ver três dos quatro marinheiros olharem para nós com espanto, logos dois deles se aproximaram designando seus braços musculosos para nos ajudar a sairmos em segurança e secas, agradeci ao rapaz que timidamente corou enquanto segurava minhas malas de modo desengonçado e ele ainda queria carregar o guarda chuva, achando injusto disse que era o minimo que podia fazer por nós e enquanto ele me

guiava, carregava o guarda chuva por sobre nossas cabeças enquanto pesadas gostas de chuvas caiam e respigavam em nós, meus pés surfando em todas aquelas poças de água enquanto sentia minhas pernas se banharem daquela água gelada e salgada, lágrimas do céu, murmurei, o rapaz me olhou pensando que estava a falar com ele, mas apenas fingi que nada foi dito, e vislumbrei Rachel jogar charme ao marinheiro que a ajudava, diferente do meu, ele era extrovertido e sorridente, e estava caindo na teia de charme de Rachel.

Ao chegarmos na saída principal diversas pessoas se encontravam ali com guarda chuvas ou longas capas plásticas, se despedindo dos passageiros que estavam a deixar o navio, no momento um casal com três crianças estavam a descer a longa rampa de metal, mas em solo firme haviam dezenas de pessoas, com seus grupos ou até mesmo sozinhos como pude notar, o marinheiro parou em determinado ponto e disse que só podia ir até ali, deixando minhas malas embaixo de uma marquise, entreguei o seu guarda chuva e agradeci, tímido ele sorriu e se distanciou logo sendo acompanhado que deixou Rachel com um grande sorriso, de repente Chris abraçou Rachel, surgindo de um grande mar de pessoas espremidas ali em cima, ele sorria e desejava uma boa viagem a ela, vislumbrei Alex acompanhada de Tom, Joana e Lucas surgirem da mesma direção, todos com sorrisos e expressões animadas, o primeiro a falar comigo fora Tom que me abraçara e desejara também boa viagem, depois Chris com sua animação espontânea, Alex um pouco contida e diria envergonhada, Joana e seus olhinhos brilhantes, mostrando tristeza por estarmos deixando o cruzeiro e por fim Lucas que me derá um gostoso e apertado abraço, nada disse, seu olhar dizia absolutamente tudo: Viva.
O abracei novamente e sussurrei em seu ouvido que sentiria muito a sua falta, ele sorriu dizendo que sentia o mesmo, percebendo apenas agora como sentiria falta do meu adorável Lucas, como eu queria tanto ter sido sua amiga antes, exigi que ele me ligasse enquanto sentia minhas lágrimas se misturarem a algumas gotas de chuvas que caíram em meu rosto, observei para cada um deles percebendo a saudade que sentia de cada um e desejando que todos eles tivessem uma viagem incrível e que não perdêssemos o contato, por mais doce e comovente que nossa despedida tinha sido, fora rápido, mesmo com a chuva torrencial e sem possibilidades de pegar um guarda chuva, Rachel e eu deixamos o navio, levando um banho gelado de pesada e cortante

gotas da chuva, por sorte, o cruzeiro fizera três tendas de plástico para abrigar os passageiros que estavam a esperar suas locomotivas, tinha certeza que mais cedo elas se encontravam lotadas, mas agora apenas uma se encontravam com alguns passageiros, tão encharcados e ansiosos para irem embora quanto nós, deixei Rachel ali com minhas malas e cruzando um grande patio vazio de pessoas e de veiculos, no momento já que ao longe vi um carro preto se aproximar, provavelmente a carona de alguém, fui em direção do bagageiro, onde se encontravam os veículos e objetos de grande portes, falei com um marinheiro que estava sentado de modo preguiçoso em um banco e entreguei um comprovante que comprovava que a lambreta que eu buscava era minha, ele adentrou no ambiente e alguns minutos mais tarde ele voltara com minha lambreta e capacete agrupado, tive que assinar alguns papeis e pronto, minha bebê estava livre em meus braços para cruzar todas as ruas britânicas comigo a tira colo, voltei a cruzar o pátio com a lambreta ao meu lado, se encharcando com a sua chuva, mas no seu caso fora uma boa ideia já que ela estava cheia de uma fina poeira e agora tinha uma cara de limpa; a parei em frente do exato ponto onde Rachel se encontrava, se sentada em cima de uma de suas malas jumbo,me empoleirei na lambreta agora apenas a espera de Roux.

A chuva parecia ficar pesada a cada novo minuto e tinha a sensação que seria incessante, as pessoas que estavam ali conosco aos poucos se dispersavam com suas caronas e quando notei, Rachel e eu estávamos sozinhas naquele porto chuvoso, olhei na direção do céu e o mesmo estava completamente tomado por nuvens negras e pesadas; é, era verdade, Inglaterra é a terra da chuva. Meus olhos acabaram por cair no enorme cruzeiro e percebi que agora o convés estava completamente vazio, a sensação de solidão me tomou mais ainda, cruzei meus braços sentindo um frio me dominar, Rachel, por sua vez, estava fascinada por suas unhas pintadas de verde escuro com as bordas brancas.

Poucos minutos se passaram e nada mudou, foi quando uma intensa luz amarelada produzida por faróis de um veiculo começaram a se aproximar, observava a mesma sem esperanças já Rachel mostrou uma grande ansiedade, mas vi sua expressão murchar ao observar o veiculo, um Fiat Classic 500 azul claro, tão antigo, tão frágil … Ao parar o cano de escapamento fez um esganiçado alto que fez Rachel saltar, derrubando todas as malas ao seu arredor feito um domino perfeito. Olhei na direção

do banco do motorista, mas a escuridão do fia nublado e até mesma a pouca neblina no ambiente atrapalhava minha visão, mas ao sair do veiculo ficou claro para mim ver quem era com um chapéu de coco de tom marrom, seus óculos quadrados de aros grossos remendados com grossos esparadrapos, os cabelos negros desgrenhados e molhados por culpa da chuva, sua marca registrada seu cavanhaque estava bem ali, sua altura e porte físico continuam as mesmas desde a última vez que o vi e seu senso de moda também, sua blusa vinho de xadrez com uma blusa cinza embaixo e uma calça de jeans com devidos coturno, Roux era uma homem muito bonito, charmoso e de personalidade marcante, já se podia dizer mais ou menos o tipo de pessoa que ele é só com uma boa olhada em seu estilo de se vestir, ele é *diferente*.

- Meu Deus! Os Oompa Lompas tem direito a carteira de motorista nesse país e eu não sabia! E até um modelo próprio de carro para eles … Isso é apavorante! - Sim, Rachel tem pavor de Oompa Lompas, trauma de infância, não entremos em detalhes.

- Tio! - Mesmo com meia hora de atraso, a animação me tomou ao ver aquele sorriso, corri em sua direção me sentindo aquela menina de 8 anos novamente, pulei nos braços de Roux o abraçando com carinho enquanto o mesmo me sacudiu com um grande sorriso ao me ver.
- Que saudades de você!
- Katerina Katerina Katerina … - Ele disse com admiração, observando meu rosto com atenção, em seguida ele roubou meu nariz com os seus dedos e ri ao lembrar que ele sempre fazia isso comigo quando eu era criança e caia sempre. - Você está lindíssima! As fotos não fazem jus a sua beleza. Eu sei que é momento nostalgia, mas … Você está a cara de Michael, o mesmo olhar e sorriso … Incrível! - Só a menção de meu pai faz com que um novo sorriso crescesse em meus lábios; eles eram grandes amigos e sempre Roux tinha uma nova história de meu pai para me contar, o que para mim era uma nova lembrança para substituir alguma que eu já esquecera graças a idade. - Meu Deus, quem és tu, ó visão de Maria Antonieta? - Roux questionou teatralmente olhando Rachel que confesso que não o observava com o mesmo encanto, garanto que ela analisava seu estilo de se vestir anotando cada erro fatal para a modo.

- Rachel Ray, senhor Braga. - Ela respondeu com um sorriso contido, Roux bufou o

que assustou Rachel, em seguida ele revirou os olhos.
- Senhor … Kate, pareço idoso a ponto de ser chamado de *senhor*? - Ele me questionou com certo nojo.
- Alguns pés de galinhas e rugas de expressões, mas nada que o dê uma aparência de idoso.
- Entendi, entendi … Nada de chamá-lo de senhor. - Rachel disse com uma expressão de vencida. - Roux está ótimo para mim.
- Então, prontas para ir para casa? - Com animação ele perguntou nos olhando.

- Sim. Sim. Sim. Vamos logo que a minha bebezinha está doidinha para desfilar pelas ruas britânicas. - Murmurei tão animada quanto ele soara, acariciando a lateral de minha lambreta.

- Você tem certeza que é seguro pilotar com esse tempo em uma lambreta tão …? - Roux questionou olhando a lambreta e para mim, buscando o adjetivo que não me magoaria e daria a ideia verdadeira da situação.

- Antes de você dizer qualquer coisa de uma boa olhada para seu fiat. Olhe! - Disse incisiva, Roux olhou com uma expressão normal e voltou a me olhar sem entender o que eu queria dizer com aquilo. - Entendeu meu ponto de vista?

- Não. Meu fiat é lindo.

- É. - Rachel disse e olhei seria para ela e Roux sorriu satisfeito. - Para um *hotwheels* é lindo, para um carro … - Roux desfez seu sorriso ficando com uma expressão entristecida arrumando seu chapéu, em seguida me olhou emburrado.

- Entendi de onde você aprendera tal sarcasmo tão refinado. - Ele semicerrou os olhos para Rachel que retribuiu o gesto em seguida ele voltou a sorrir. - Então, prontas? Concordarmos com tal questão. - Vamos colocar as malas primeiro, depois vemos um jeito de você entrar … - Ele concluiu, olhando das malas, ao carro e por fim Rachel.

- Se as malas entrarem, já é um milagre … - Rachel cochichou para mim pegando uma de minhas malas para ajudar Roux. Dei um tapa em seu braço, lhe ajudando com

as outras malas enquanto Roux abria as portas do carro e empurrando os bancos para frente, assim dando espaço para colocar tudo que ficou bem apertado no pequeno banco de trás do minusculo veiculo, Rachel se sentou no banco do carona com a sua bolsa da Dior, minha mochila e umas quatro sacolas de roupas que havia comprado durante a viagem por entre as pernas e seu colo, liguei a minha lambreta constatando que o tanque estava lotado que era uma das sensações que mais gosto de ter ao me sentar em minha lambreta. Roux ligou o seu fiat classic o cano de escapamento fez um ruidoso som e pareceu explodir uma fumaça negra intoxicante, segundos depois Roux direcionou o carro pelo caminho que havia vindo e eu o segui em minha lambreta.

A sensação de liberdade era única.
Confesso que estava um pouco receosa em trafegar naquela estrada desconhecida com um tempo tão feio e nebuloso, mas seguia com atenção o caminho que Roux percorria em uma velocidade media, em alguns momentos que percebia que a estrada estava vazia aproveitava para observar a paisagem, as vezes cheias de florestas e bosques, outros momentos eram pontes acima de pequenos rios e na maioria das vezes eram grandes estradas com apenas alguns postos e centros comerciais separados em grandes distâncias. Se minha memória fotografia não falhara, no google maps dizia que uma viagem de carro de Southampton a Londres dura em media duas horas, pelo que previa essa viagem só havia começado.

A chuva ia e vinha, o suficiente para me deixar cada vez mais encharcada, se minha mãe soubesse que estou viajando com esse tempo e meu visor aberto para não embaçar por causa da chuva ela teria uma sincope e por isso, ela jamais saberia disso.
Entre alguns trovões e a força torrencial da chuva ouvia Roux berrar com alguns motoristas que o ultrapassavam ou começavam a buzinar por ele ir lento demais, garanto que não é que ele queira isso, apenas o carro não suporta passar dos sessenta quilômetros. Me entregue aos meus pensamentos, cantarolando algumas canções esperando finalmente chegar em Notting Hill, quando tive minha atenção tomada por uma alta buzina tocada milhares de vezes em sinal de alegria, havia finalmente parado de chover e o chão naquela região estava tão seco que nem parecia que algum dia chovera ali, de repente Rachel colocou a cabeça para o lado da fora da

janela e junto a voz de meu tio pude ouvi-los gritar:

- Estamos em Londres! - Eles gritavam mais de animação, como se o time deles tivesse sido campeões do que diziam algo de útil, começo a rir com a cena vendo alguns carros buzinarem, mas não de pressa, mas com a mesma animação como se entendessem nossa alegria. - *Aha Uhul Kate chegou em Londres ... Aha Uhul a sua vida agora será em Londres …* - Roux começou a cantarolar enquanto Rachel batia palmas de modo descompassado.

- Bem vinda a Londres. - Sussurrei para mim mesma no momento que passamos pela grande placa que dizia em diversas línguas aquilo que eu acabara de dizer a mim mesma, com emoção e uma tremenda felicidade. Londres era real e eu estava ali, agora, em carne e osso, não era um sonho.

Queria gritar de felicidade, e gritei, estava entre lágrimas de emoção e sorrisos de felicidade, então tentava controlar esse mar de bipolaridade primeiro, prestando total atenção na rua já que o ritmo dos veículos mudaram completamente e o fiat de meu tio estava a três, quatro carros a frente do meu, assim que os alcancei voltei meu olhar ao arredor. Não estávamos no centro de Londres, onde a maioria dos turistas se encontram nessa época do ano, o que torna a cidade triplicada em sua população, mas eu com todo meu conhecimento sobre a cidade já podia ver aquele clima lido em livros transbordar na vida real.

O grande céu azul com poucas nuvens tomava conta de cada centímetro de nossa visão junto com pequenas casas que serviam como residencia ou para o comércio, como edifícios de tamanhos médios e tudo parecia ter aquela construção rústica britânica, gotica romântica e de um modo estranho, moderno que serviam como cartão postal dessa cidade, Kensington; tive a confirmação quando passamos pelo famoso palácio de Kensington, um dos meus pontos de visitações em alguns dias, onde fora residencia real até 1760 e até hoje continua sendo o lar de outros reis e dependentes que eles chamam de *graça e favor*, a coroa lhe garante hospedagem grátis, pelo que pareceu com nossa breve travessia no local, ele estava aberto a visitação, tão tumultuado quanto eu podia imaginar, seguimos em frente por uma rua um pouco menos movimentada enquanto eu analisava as novas imagens que recebi;

as construções seguiam o mesmo estilo, podia ver os costumes britânicos tomarem conta de todo aquele ambiente em suas lojas chiques ou simples de chá ou de sanduíche, pubs e pequenos mercados por toda a parte, as pessoas que transitavam os ambientes, alguns centrados em seus compromisso, alguns conversam no celular ou com seus amigos que os acompanham, idosos passeiam no ambiente com suas sacolas de mercado e jovens passeiam com seus grupos de amigos rindo e se divertindo com suas vidas. Era um novo mundo, mas com situações e cotidianos iguais as de minha cidade ou de qualquer outra pessoa, mas não deixava de ter uma mágica a mais para mim. Alguns momentos o asfalto era tomado por paralelepípedo, algo que não estava acostumada, e confesso que atrapalhava um pouco a minha travessia já que uma lambreta não é o veiculo mais seguro e equilibrado do mundo, momentos como esses eu ia quicando na lambreta até voltarmos para o asfalto liso e seguro.

Cruzamos o *broad walk* conhecido como levar direto a *Queensway*, essa era uma travessia tomada por um bosque belíssimo, repleto de vegetação verde intensa e longas árvores que faziam sombra por nosso caminho impedindo que o pouco sol que tomava conta da cidade me secasse, mas isso não me incomodava o cheiro de mato molhado, de natureza e ter toda aquela esplendorosa visão a minha frente era uma experiencia única, não me arrependia de forma alguma de estar tendo esse primeiro contato com Londres trafegando em minha lambreta, essa sensação de liberdade e independência era deliciosa de sentir. Atravessamos a rodovia *Queensway* e adentramos a *Bishop's Bridge Rod;* seguia a *fiat classic* azul mais de perto agora, temendo perdê-la de vista, mesmo que o som do cano de escapamento não me faria perdê-la de alcance tão fácil, nem demoramos tanto na ponte como eu esperava e quando dei por mim, chegamos em *Notting Hill*.

Não há uma forma justa de descrever Notting Hill, é uma cidade contemporânea influente, tem uma associação com artistas e culturas alternativas desde do século XVIII se não me engano, é famosa pelo seu carnaval de rua e pelo *Portobello Market*, lugar que terei que ir de qualquer forma, fica em um beco sem saída e vai até a estação de metro da cidade, é um enorme mercado de lojas e de rua - que só funciona aos sábados -, onde é vendido tudo que você pode imaginar, sendo um imã de colecionadores e para minha pessoa, é claro; Tirando essas informações que decorei de um pequeno manual de bolso, o resto que eu sabia sobre essa cidade era

que Julia Roberts havia gravado um filme aqui onde ela era par romântico de Hugh Grant, e sim, eu gosto do filme, e também sei que era a cidade central de um livro muito bom da autora Rachel Johnson que devorei em 03 dias.

Enquanto cruzávamos todo o ambiente, notava suas similaridades com Kensington e suas grandes diferentes; Notting Hill era uma cidade colorida, poderia até mesmo dizer que era um organismo vivo, não havia uma só área sem que alguma coisa não estivesse a acontecer, a enorme quantidade restaurante diversos era assustador e tentador, a gorda dentro de mim ficou curiosa com a comida marroquina, indiana, tailandesa, coreana e turcos que eram praticamente vizinhos de loja, mais mercados, pubs, lojas de chá, de roupas, livrarias, pequenos mercados.
As casas comerciais são com letreiros antigos, tudo muito despretensioso, os pubs estão cheios, sem restrição de lugar, com pessoas segurando as suas cervejas no meio da rua, e as ruas tomadas de residencias, dos dois lados, com o meio fio servindo de garagem, algumas delas seguiam o mesmo padrão de construção, altos, de mesma cor clara e morta e grandes o suficiente para se ter a certeza que é uma moradia de dois andares com sotão, contudo entramos em pelo menos duas ruas onde todas as residencias eram iguais as anteriores, contudo de ambos os lados, eram coloridas de modo intercalado, quase que como o arco iris, a marca registrada do bairro, e quando dei por mim, Roux estava estacionando seu carro em um espaço estratégico em frente de uma belíssima casa de tom azul vivo, as cercas de tamanho médio em volta da moradia e de seus longos arbustos verdes escuros internos era branca e a porta principal vermelha, parecia um homenagem ao patriotismo britânico, bem a cara de Roux e Morgana, para que uma bandeira se nossa casa pode ser o simbolo britânico, ela deve ter pensado ao pintarem, como sabia disso? De todas as casas essa era a única que tinha uma aparência de nova e Morgana era artista, uma pintora nos tempos vagos. Estacionei a lambreta na calçada de um modo torto colocando o capacete no guidon, Roux e Rachel já sairam do carro, o primeiro de sua forma agitada empurra o banco no qual estava sentado para frente, assim podendo adentrar no banco de trás para pegar as nossas malas.

- Teve uma viagem legal? - Questionei a Rachel que arrumava os cabelos, ela me olhou com um sorriso gentil.

- Sim, foi ótimo, seu tio é hilário … Não tem um estilo respeitavel perante a moda, um gosto musical muito estranho e às vezes, só as vezes ele parece muito paranoico com a ideia de que ET'S existam, mas tirando isso … Eu queria ter um tio assim. - Ela disse em um suspiro que soou muito sincero. - Você tem muita sorte, ele falou sobre você e seus momentos juntos na maior parte do tempo, Roux te vê como uma irmãzinha mais nova. Sorri de lado, sentindo felicidade por ver que Rachel se entendera com ele e orgulho por Roux ser meu tio.

- Ei! Vocês duas vão me ajudar ou o que? Eu sei que parece, mas não sou forte como o Superman, não! - Roux questionou nos olhando de um modo questionador enquanto arrumava seus óculos tortos no nariz.

- É verdade, você hoje é o Jaspion … Realmente não tem nem metade da força do homem de aço. - Murmurei, entortando meus lábios e pegando a minha bolsa de suas mãos.
- Jaspion? - Rachel questionou em dúvida, ela sabia quem ele era, mas não o que Roux tinha a ver com o mesmo.

- Todo dia Roux é um super-herói diferente, salvando o mundo, seu país e as pessoas que ele ama … - Respondi de uma maneira séria e ela nos olhou descentes. - Ele tem uma coleção de pijamas de cada super herói que ele gosta, no caso hoje, ele dormirá com um conjunto que provavelmente terá uma foto do Jaspion bem no meio do camisão. - Falei de modo espalhafatoso abrindo os braços de um modo que dá para imaginar uma camisa com uma foto no meio.

- Nah! A gráfica não tinha fotos do Jaspion, então o pijama acabou ficando apenas com o logo dele, pois é …- Ele disse entristecido como se tivesse descoberto que seu canário havia falecido enquanto repousava uma das malas de Rachel na calçada. Ela me olhou rindo e eu ergui as sobrancelhas. Esse é o Roux, um homem cheio de ideias e com uma imaginação sem limite.

Roux sugeriu que eu colocasse a lambreta em um determinado espaço depois do cercado, só por questão de segurança, ele carregou as malas que eu levaria junto a Rachel, enquanto eu empurrava a lambreta até um pequeno espaço ideal para ela,

não ficando no caminho de ninguém; fechei a portinhola da cerca atrás de mim e enquanto Roux buscava a chave da porta principal em um chaveiro com mais de 267 chaves, vislumbrei o pequeno jardim que havia nos dois lados do ambiente, diversos tipos de plantas tomavam conta do humilde jardim e reparei no canto esquerdo do ambiente uma portinhola que provavelmente levaria para o quintal da casa, ergui meus olhos no exato momento que Roux abriu a porta repousando as malas na entrada sendo seguido por Rachel, subi os três degraus da entra principal e adentrei o corredor principal, mas antes que pudesse me concentrar em qualquer coisa minhas pernas foram tomadas por algo pesado, que apertava a minha perna e parecia molhado, olhei para baixo e dei de cara com o bulldog mais feio que já vira, era Jack, cachorro da família que estava fazendo algo inapropriado com minha perna, fiz uma expressão de nojo enquanto Rachel abafou uma risada, Roux arrancou o cachorro de minha perna que chegou a deixar um pequeno arranhado bem ali a vontade era tanta dele de continuar o seu … bom, serviço.

- Eu acho que o nosso garotão gostou de você, não é, bom garoto? Meninão esperto! - Roux murmurou com um tom de voz infantil, como se estivesse falando com uma criança, já o bulldog apenas manteve a língua de fora o olhando sem compreender, ao ficar de pé o cachorro olhou para Rachel que ainda ria, mas ficou séria ao notar as segundas intenções de Jack, vendo que não conseguiria nada o cachorro apenas se sentou, nos observando. Querida, chegamos! - Roux gritou no momento que fechou a porta e um estrondoso barulho ocorreu no corredor ao ele fazer isso, um catalogo gigante, velho e empoeirado cairá no chão, se o cachorro estivesse três centímetros para esquerda teria virado omelete canina ...
- Mais que merd … - Eu e Rachel dissemos ao mesmo tempo ela continuou a frase e eu tapei os lábios em choque, pelo visto era a primeira vez que ela vislumbrava a casa como eu, Roux já não estava ao nosso lado, provavelmente fora em busca de minha tia, que deveria estar perdida no meio daquela bagunça toda, se é que essa palavra descreve o que estamos vendo.

Dei alguns passos cuidadosos para a frente olhando com atenção o arredor do térreo, todas as paredes eram de um tom pastel que mal era visto já que cada centímetro era coberto de gravuras e pinturas feitas por Morgana, constatado através da assinatura em um dos quadros, espalhados de modo nada organizado observei diversas

esculturas de cerâmica, confesso que todas não fizeram o menor sentido para mim e a maioria era horripilante, outra coisa que existe em grande quantidade eram vasos de todas formas, tamanhos e com gravuras diversificadas, algumas no chão, outras em cima do móvel de mogno escuro recostado na parede do corredor - não vamos falar da bagunça dele, okay? - e vi até mesmo uns dois na subida da escada, mas nada supera os gigantes blocos de livros espalhados por todo o corredor, eram pilhas gigantes com antigos e novos exemplares, provavelmente são os livros que ele tem ganho durante toda a sua vida como cortesia de editoras, por ter comprado e até mesmo ganho de presente ou simples ele gostava de guardá-los assim, dei uma rápida vislumbrada na sala e a mesma estava tomada de diversos blocos de livros como aqueles, ainda tendo duas grandes estantes de mogno com dezenas de livros, um ao lado do outro, outros trepados em cima de forma bagunçada como enfeie alguns objetos de cerâmica, nas paredes mais quadros de Morgana, tendo três enormes sofás e uma mesa de centro com alguns livros e revistas de aparência atual, há uma lareira no ambiente, grande e de aspecto antigo, mas sem lenha, além do mais estamos no verão. Algo em particular me chamou atenção: nenhuma televisão ou aparelho de som. Oh – Oh!

- Excêntrico perdeu completamente o sentido para mim depois de ver essa casa. - Disse Rachel ao meu olhado, observando o mesmo que eu.

- Vai por mim, você não viu nada ainda. - Falei com humor, dando um tapinha em seu ombro, Rachel me olhou em pânico, metódica e infelizmente, fútil do jeito que ela é deveria estar pensando em como aquela casa foge completamente dos padrões do *Feing Shui* e que os Bragas precisavam de uma empregada e organizadora de vida agora!

De repente me sobressaltei ao ouvir um som alto de escapamento, muito familiar ao som de um extintor sendo acionado, entreolhamos espantadas e seguimos o som, mas logo essa ação foi substituída por nosso olfato que seguia um intenso cheiro de queimado, se pensávamos que o térreo era uma utopia além do significado de bagunça, foi porque não vimos a cozinha.

- Por Zeus, Morgana! Você está querendo botar fogo em nosso lar, em nossa

vizinhança e em nós mesmos? - Roux disse de modo catastrófico com o extintor em mãos e uma grande massa branca por todo o fogão, ele seguiu a falar com um tom de voz típico de pai irritado com o filho mais novo que acabou de fazer besteira. - Quantas vezes terei que repetir a você que a cozinha e território proibido a você, apenas liberado para você se alimentar e nada mais
- Eu queria fazer um almoço caseiro para as meninas. - Minha tia respondeu com seu sotaque escocês forte com a cabeça um pouco abaixada e os lábios juntos em um biquinho, notei que suas mãos estavam sujas de farinha como seu rosto também. - Não pensei que acabaria em tal tragédia …

- Sua intenção fora ótima meu amor, mas morrer queimada dentro de *casa* não é o desejo delas. - Roux disse suavizando seu tom de voz. - Nem o meu ou o seu, garanto. - De modo tímido Morgana olhou na direção da entrada da cozinha sem esperar nos encontrar ali, arregalando seus grandes olhos castanhos escuros aos nos ver com surpresa.

- Pelas barbas brancas de Merlin! Não pode ser Kate … - Ela olhou de mim a Roux que apenas sorriu indicando para que ela fosse até mim, ela veio em minha direção me dando um abraço apertado, quase que sufocante, ao nos afastarmos ela segurou meu rosto o observando com atenção. - Kate você desenvolvera um maxilar incrível … Já pensou em ser modelo para pinturas por um dia? - Não era isso que eu esperava que ela falasse.

A olhei com desespero para dizer não, de jeito nenhum, nunquinha, mas antes que pudesse abrir meus lábios Rachel respondeu com um sorriso nos lábios:

- Ela vai amar, é só marcar o dia e a hora, aconselho nos primeiros raios do sol, Kate é uma pessoa muito matutina e os raios do sol costumam favorecer sua pele branca feito a neve! Rachel disse com sarcasmo e humor maléfico, tive vontade de tacar Jack, que cheirava as minhas botas teimosamente, em seu rosto, mas controlei tal atitude hóstil.

- Oh! Você deve ser Rachel … Lembro de você em nosso casamento, você foi a daminha de honra mais linda, determinada e mandona que já vi em toda minha vida. -

Morgana a olhou seriamente até diria temerosa, eu lembrava de Rachel naquela ocasiao e vamos dizer que malvada e louca estava nessa lista de adjetivos. - É tão bom tê-la em nosso humilde lar.
- Morgana se aproximou de Rachel sem pudor a abraçando com grande carinho, enquanto ela a olhava com estranheza, talvez pelo abraço ou pela tinta de diversas cores em seus cabelos emaranhados e presos em um coque com um longo pincel já usado.

Corri meus olhos pelo ambiente, a cozinha, um dia, já teve uma aparência familiar, mas agora se encontra em uma incessante bagunça, é tanta informação que não sei para o que olhar primeiro; Na pia os pratos se acumulam em montanhas e suspeito que a lava louça está tão lotada quanto a pia já que a mesma não está totalmente fechada. A uma grande bancada na qual o preparo dos alimentos deve ser feito, contudo ele está tomado de recipientes de comidas de restaurantes entregue a domicilio, identifiquei pizza, comida chinesa, japonesa, árabe, e a mesa onde as refeições eram feitas as refeições estava tão tomada de tais coisas como também de pacotes de biscoitos, jornais, revistas e outros objetos não identificados, por incrível que pareça até ali haviam pilhas e mais pilhas de livros e não eram de culinária, o mais impressionante é visto a bagunça qualquer um espera insetos, tipo barata e moscas e ratos, mas garanto que não havia nada nesse estilo, pelo contrário o ambiente tinha uma aparência de limpa e cheirosa, mesmo com toda aquela bagunça infernal.

- Bom, como minha doce esposa incapacitou o uso da cozinha, tenho certeza que não poderei fazer nada de especial para nós almoçarmos como planejava, então teremos que pedir comida. - Roux disse erguendo suas pesadas sobrancelha.

- Em vez de comermos em casa, porque não exploramos Notting Hill?- Rachel sugeriu com um sorriso leve, observando o casal perfeitamente opostos e de uma maneira sinistra perfeitos um para o outro a nos olhar. - Eu conheço pouco dessa cidade, tenho certeza que Kate vai adorar conhecer um pouco da redondeza e podemos comer fora, de preferencia, em algum *pub* local, assim dando um tipico almoço britânico a nossa Kate. - Rachel concluiu parecendo orgulhosa de sua ideia.

- O que você acha da ideia, Katie? - Roux questionou com o cenho enrugado dúvidando que eu fosse gostar da sugestão já que sabe como sou caseira, contudo estava em Londres, ficar fora de casa o máximo de tempo possível era a minha missão.

- Eu adorei! - Respondi com animação, mas logo me contive. - Se vocês estiverem de acordo, é claro.

- Tudo que minha linda sobrinha desejar. - Morgan disse com satisfação dando um beijo em minha testa com um grande sorriso nos lábios. - Vou pegar minha bolsa, porque vocês já não se dirigem ao carro, em segundos estarei lá, queridos. - Ela concluiu o que falava, já no corredor da casa.

- Ótima ideia amor, brilhante ideia! - Roux disse sorridente e voltou a nos olhar. - Vamos indo então… - Disse por fim cantarolando.

- Tio, posso ligar para minha mãe? Meu celular não tem cobertura aqui, terei que comprar um chip da região, mas como estamos falando de Violeta, acho que toda precaução é pouca. Tenho certeza que ela deve estar roendo as unhas dos pés para ter informações sobre a minha chegada segura em sua casa.

- Claro que você pode ligar, além do mais, não quero receber a visita do FBI enviado por ela, vamos dizer que eu tenho uma certa plantação suspeita em meu quintal. - Ele disse com um tom de voz misterioso e olhar pensativo, sumindo pelo corredor em fim.

- Maconha? - Rachel sussurrou com animação, dei de ombros, mas não dúvidava nada vindo de meu tio. - Eu amo o seu tio!

- Ah! - Nos viramos assustadas na direção da porta da cozinha vendo que Roux voltou. Assim que você terminar de falar com Vi, Rachel se sinta livre para ligar para os seus pais, okay? Assim que estivermos no centro de Notting Hill passamos logo em uma loja de celulares para comprar chips para vocês, que mantenham seus números, é claro.

- Não se preocupe comigo, meus pais nesse momento nem devem se lembrar que tem uma filha de 18 anos, quando for do meu interesse ou do deles entramos em contato, simples e prático. - Rachel disse sem humor, apenas erguendo as sobrancelhas, fingindo confortabilidade com isso.
- Tudo bem então. - Roux disse me olhando antes, vendo se era necessário dizer algo mais, contudo eu ergui uma sobrancelha e ele entendera que era melhor ficar fora da crise e ele entendia muito bem de problemas com o pais vivia em pé de guerra com os dele até hoje. Por fim. - Ele disse pensativo, em seguida assoviou. - Jack! Vem cá, rapaz, vamos passear!

Jack veio correndo desesperadamente, como se Roux tivesse soltado um pedaço de filé cru para ele, ele pegou uma coleira e eu pensava que Jack fosse parar bruscamente em cima de seu dono, mas não, ele tropeçara nas próprias patas, derrapara e caira de barriga para cima, virando a cabeça de lado com a língua de fora.

- Mais esse não é o cachorro mais charmoso do mundo? - Roux questionou com aquele tom de voz que não combinava com um adulto, enquanto colocava a coleira no Jack. Olhei para Rachel e ela balançou a cabeça negativamente apenas uma vez e eu abafei uma risada, fui em direção ao corredor, sabia que havia visto um telefone ali, sem questionamentos já disquei para minha casa em Durham, apenas aguardando que alguém atendesse, contudo a mensagem foi direta para a secretária eletronica.

- Se você quer falar com Violeta ...- Minha mãe disse naquela voz alterada robótica.
- Joseph ...- Disse sua voz animada.
- Chuck … - Com uma voz mais jovial do que a atual.
- E eu. – Minha voz surgiu completamente sem animação, me lembrando que naquele momento eles me olharam irritados pela minha falta de animação.

-Deixe seu recado após o sinal. - Dissemos juntos e por fim eu complementei. - Seja breve, por favor, eu tenho muito o que fazer para ficar ouvindo recadinhos bobos, sim estou falando diretamente com você Rachel ….- BIIIIP.

- Mãe, você deve estar ocupada com alguma coisa sórdida que jamais irei querer saber, entretanto acho importante você saber que estou na casa do Tio Roux, vamos

sair para almoçar agora e no caminho comprarei um chip com código britânico, então se você me ligar nos próximos minutos eu posso não vir atendê-la por isso não convoque o FBI, entendeu? Espero que sim. Um beijão a você e a ti também Joseph e … - Pausei, vendo que Roux, Jack e Rachel, já não se encontravam no corredor. - Obrigada por essa viagem, mesmo, tenho certeza que jamais esquecerei desses momentos que viverei. Obrigada do fundo do meu coração. - Biiiip! *Mensagem gravada*, disse a voz robotizada, coloquei o telefone no gancho e fui em direção a saída da casa, extremamente curiosa com em conhecer Notting Hill que me aguardava.

É, eu acho que Roux e Morgan se acostumaram em serem sempre só eles dois, melhor três contando com o Jack; esse Fiat Classic 500 é realmente do tamanho de um Hotwheels, estou espremida entre a porta e Jack, que tem uma de suas patas agarradas em minha coxa e a sua outra na de Rachel, mas mesmo assim estou radiante tendo a visão apaixonante de Notting Hill, conhecendo novos detalhes daquela desconhecida cidade, era boemia, idilico e amável com uma personalidade própria.
Após Roux estacionar em uma boa vaga em frente de um restaurante de comida indiana (se o fiat não fosse tão pequeno e azul bebê eu talvez me esqueceria de onde o estacionamos pela quantidade absurda de restaurantes indianos apenas naquela rua), passeamos um pouco pelas ruas, Roux e Morgan procuravam o melhor pub para almoçarmos, mas todos aos quais chegávamos até na entrada encontrávamos lotados e logo seguíamos em frente ao próximo, acabamos por entrar em uma loja de aparelhos telefônicos, onde Rachel e eu compramos chips com os códigos britânicos, por sorte conseguimos manter os nossos números americanos, apenas pagando uma taxa a mais, agora podíamos ligar para qualquer pessoa na Inglaterra e por todo mundo.
Voltamos a caminhar perseguindo por um pub que estivesse vazio, mas após alguns minutos de longa procura Morgan achou melhor que desistíssemos, além do mais, a tendencia era ficar mais lotado já que estava quase no horário do almoço, por fim, acabamos por almoçar num restaurante tipico britânico chamado Costas Fish restaurant Menos Jack que ficou do lado de fora bulinando qualquer mulher que passasse por ele -, onde tive o prazer de ter a minha primeira e oficial refeição em

Londres, comendo um prato tipicamente britânico, peixe com fritas e confesso que me arrependo muito de nunca ter comido isso antes, o peixe bem empanado de um modo suculento e crocante e as batatas fritas regadas com vinagre, sendo que eu coloquei o dobro do que já veio e o mais delicioso eram as batatas serem mais largas que as americanas, ou seja, muito mais batatinhas para mim, Rachel ficou surpresa de eu repetir o prato três vezes, incluindo o arroz, eu estava comendo com a fome de trezentos bárbaros, mas não podia fazer nada contra isso, era delicioso demais.

Durante toda essa minha comilança conversamos muito, era claro o quanto Roux e Morgan sentiam saudades minhas, mas eles não se ocupavam apenas em saber as novidades de minha vida, mais como conversavam com Rachel também, a conhecendo melhor. Assim que concluimos o almoço decidimos passear pelas redondezas de Notting Hill, sendo apresentadas a todo aquele mundo novo para nós, acabamos por voltar para casa algumas horas mais tarde e eu alguns dolares mais pobres, já começando as minhas compras de turista obcecada por lembranças , tendo como aquisição uma camisa com uma estampa em vermelho escrito "*I Was In Notting Hill*", um cordão de uma loja boemia com uma bela pedra vermelha e por fim uma bandeira media da inglaterra de tecido, diferente de Rachel que já comprou três blusas, duas saias e três metros de um tecido pardo que ela disse que irá fazer uma bela blusa boho, seja lá o que isso signifique, desejei boa sorte.

Assim que retornamos para casa de Roux e Morgan, os mesmo ficaram animados em fazerem um tour em seu lar, detalhe por detalhe, começando pela sala,e seguindo a cozinha, a localização de cada banheiro, o estudio de Morgan, o quintal lotado de diversos tipos de plantas, desde flores até a pequenas plantações alimentícias, em um canto havia uma casinha para Jack, acreditei, mas desejei que não fosse, já que a mesma era torta, no canto oposto havia uma caixa de uma pequena piscina de plastico junto a algumas cadeiras de praia e uma churrasqueira, é, já consigo me ver montando essa piscina nesse quintal selvagem e pouco habitado, falta saber se Roux e Morgan deixarão; voltamos para dentro de casa, agora indo para o segundo andar, mais e mais estátuas, pilhas gigantes de livros e quadros,pelas minhas contas o local tem três quartos e um banheiro.
O quarto do casal tem banheiro próprio, ao qual não ousei olhar, e o ambiente era tão bagunçado como todo o resto da casa, mais estátuas, roupas jogadas pelo chão,

mais livros, uma cama no meio disso e nada de televisão ou um radio ...
Há um quarto de hospede que é o único lugar arrumado de todos - sim, estou preocupada com isso -, não nos mantivemos muito ali já que os mesmos pareciam distante s ao observar o ambiente, como se não fosse apenas um quarto, seguimos na direção do último quarto, o escritório que pertence a Roux, com mais livros espalhados por todo o ambiente, uma grande escrivaninha com um lap top do trabalho entre aberto com diversos blocos de folhas lhe cercando, analisei com mais atenção as duas grandes estantes do ambiente com diversos livros que eu desconhecia totalmente, Roux disse para mim sentir livre para pegar qualquer um deles e utilizar seu escritório como uma pequena biblioteca particular, olhei para os dois sofás do local, eu podia ficar confortavelmente ali, em algum momento de folga de meus passeios, curtindo um bom livro e descanso.

Por fim o meu quarto, ou como Roux chama, Torre de Katerina, ele puxou uma cordinha descendo automaticamente uma escada de madeira reforçada, ele subiu na frente logo em seguida Morgan puxando a saia de seu longo vestido de retalhos para o alto, seguindo Rachel, adentrei no que um dia fora um sotão e agora era o quarto que qualquer garota iria desejar, quer dizer, eu desejaria.

- Isso é … - As palavras me faltavam observando tal ambiente, olhei para Rachel que estava tão maravilhada como jamais a vira, mas … mas como eles poderiam ter feito isso tudo se nenhum deles sabiam sobre tal desejo meu, nem minha mãe poderia ter falado algo sobre isso, ela não sabia, só se ...- Meu pai contou a você, não foi? - Questionei, olhando na direção de Roux que sorria satisfeito, ele balançou a cabeça positivamente. Ele e meu pai tinham sido grandes amigos, agora fazia sentido dele saber tal sonho meu, meu pai havia lhe contado há cinco anos atrás.

- Cada detalhe. Esse ia ser o grande projeto dele por pelo menos 2 anos de sua vida, bom, nosso projeto. Ele ia fazer isso tudo no sotão de sua casa, mas por causa do acidente … Roux pausou me observando com atenção seus grandes olhos castanhos se sobressaltaram e em seguida relaxaram com um sorriso contido nos lábios. - Ele queria a minha ajuda, disse que você ficaria radiante em saber que seu pai e tio construíram um dos seus maiores sonhos, um quarto no sotão com todos os detalhes requisitados por você; um quarto de uma verdadeira princesa. Tinhamos o projeto

produzido no papel e quanto seria o total do orçamento,só iriamos precisar de alguns meses para arrecadar tal quantia, mas depois de seu falecimento acabei por esquecer totalmente de tal ideia apenas me concentrando em você e Violet, até que em um dia Morgan encontrou todos as papeladas do projeto em meu escritório e decidi juntar o dinheiro necessário e construir esse lugar, nem que você o usasse apenas uma vez, o meu desejo era realizar tal sonho seu e de seu pai e eu acho que consegui. - Roux disse por fim, sorrindo arrumando cuidadosamente uma miniatura do ônibus vermelho de dois andares de Londres entre vários outros objetos, no meio de uma fileira de livros em uma pequena estante.

- Eu nunca vou poder pagar vocês por isso tudo, é inacreditável! É exatamente do jeito que eu sempre sonhara e desejará. - Os observei ainda não acreditando no que via, mas me sentindo a garota mais sortuda do mundo por ter tios tão maravilhosos. - Muito obrigada. Eu nunca imaginei que poderia receber tal presente depois de tantos anos. Meu pai deve estar muito feliz agora com esse feito, onde quer que ele esteja agora. - Disse por fim, dando um abraço apertado nos dois, o mesmo sendo retribuído com o mesmo carinho. Assim que me afastei Rachel acariciou minhas costas em conforto sorrindo. Voltei a olhar o quarto, querendo gravar cada detalhe, pude ouvir Roux pedir ajuda a Morgan para trazer nossas malas para o local.

De todos os ambientes que estivemos, esse é o lugar mais arrumado, organizado e bonito de toda a casa, não que o resto seja feio, só é bonito da forma dele, mas esse quarto é bonito e de uma maneira indescritível, impossível entrar nele é dúvidar de sua beleza. Há duas cama de solteiro, uma de metal, armada e outra de madeira, ao lado dela há uma mesa de cabeceira com abajur e um telefone de aparência vintage e de cor vermelha, Roux sabe muito bem que a sobrinha odeia relógios barulhentos, na ponta da cama há um baú antigo de família, um armário grande de madeira antiga fica na parede em frente da cama, meus olhos se desviaram e prestei atenção nos detalhes de uma bela escrivaninha próxima a janela do local, pequena, mas que garante uma visão boa do ambiente lá fora, ali há um acolchoado, assim podendo sentar ali e observar o lado de fora através do ambiente. Na parede tem um quadro de cortiça gigante com poucas fotos da minha família já colocados, eu daria um jeito de lotar aquilo em questão de dias, garanto, logo abaixo dele há um pequeno quadro negro, para recados e mensagens, pensei, ali estava escrito em letras garrafais: Torre de

Katerina.
O quarto tem uma luz central, contudo há um segundo ambiente que fica do lado esquerdo do local logo após a subida da escada, era o meu *lounge*, onde há uma poltrona presa ao teto, quase como uma rede, confortável e de pano vermelho como a cor de todas as paredes do quarto. No teto, apenas naquele ambiente, há luzes no estilo pisca- pisca, presas ali iluminando com um tom claro o ambiente contornando cada trechinho, naquela parede há apenas uma pintura feita por Morgana, uma visão de Londres um pouco expressionista, mas que mostra o Big Ben e alguns fogos de artifício ao fundo como se fosse noite de réveillon. Um grande tapete felpudo de tom azul com diversas almofadas em cima, para quem quiser deitar ali de forma confortável e despretensiosa, presa na parede está uma televisão - Ah Meu Deus! Obrigada - com um dvd, logo abaixo há uma cômoda onde tem um pequeno radio portátil e ao lado dessa cômoda, uma estante com alguns livros já enfileirados ali. Havia no chão, espalhados de modo nada organizados diversos ursinhos de pelúcia, todos provavelmente presentes antigos e até mesmo novos que Morgan e Roux compraram para mim.

Consegui fotografar cada detalhe daquele quarto incrível e assim que desse, enviaria a minha mãe e Chuck, tenho certeza que eles vão ficar enlouquecidos com o deslumbre desse ambiente feito para mim, se Rachel estava boquiaberta tenho certeza que minha mãe iria desejar que essas fotos fossem em 3D e Chuck imediatamente ia pedir uma poltrona rede de natal. Eu ainda estava tirando fotos quando Morgan e Roux deixaram nossas malas no quarto em um baque, o que me despertou de meu devaneio:

- Por saber que vocês duas são amigas a anos, praticamente siamesas de acordo com minha irmã, nós não pensamos 2 vezes na decisão de mantê-las no mesmo quarto. – Morgan disse, se sentando preguiçosamente no baú, balançando seus pés cobertos por uma meia roxa que Rachel olhava com pavor, mas mantendo a compostura, já que estava sentada ao seu lado. – Mas caso queira, Rachel se sinta a vontade para dormir no quarto de hóspedes ...
- Ah! Eu quero. – Rachel disse com uma emoção falsa. – Eu adoro a Kate, mas ela ronca muito, vocês não sabem como isso atrapalha meu sono de beleza.

- Ei, eu não ronco. – Falei indignada.
- Ronca sim, igualzinho a sua avó. – Rachel disse com convicção.
- Materna ou Paterna? – Roux questionou cruzando os braços com uma expressão pensativa.
- Materna. – Rachel disse balançando a cabeça em afirmação. *Hmmm* foi o que Roux disse.
- Eu não ronco como a vovó! – Disse em choque e olhei para Morgan. – Não dê atenção a ela, tia. Rachel acordou avariada hoje.

- Não, não, ela tem razão no que diz. Mamãe ronca muito, não duvido nada que tenha passado isso para você geneticamente, é melhor ficarmos de olho nisso, tinha dias que tínhamos que sufocá-la com um travesseiro para ela desmaiar por breves segundos, assim parando de roncar e a família toda podendo voltar a dormir. – Roux falou com uma expressão que deixava claro que aquilo havia acontecido.

- Eu estava brincando ... É o meu modo de implicar com a Kate, faço isso diariamente. – Rachel murmurou, olhando Roux com estranheza.

- Ah ... – Roux riu sem humor. – Eu também. A família Braga é muito engraçada, só não tentamos o humorismo como carreira porque não pagam bem o bastante para o nosso nível ... é. – Um silêncio caiu entre nós enquanto nos entreolhávamos. – Eu vou fazer o jantar.

- Ótimo, querido. Doçuras, vocês comem yakisoba? – Concordamos com sua pergunta e ela continuou a tagarelar, ficando de pé assim que o topo de cabeça de meu tio sumiu pela escada. - Roux está enlouquecido para testar sua aptidão com a culinária japonesa e ele quer que sejamos as cobaias deles.

- Oh Deus! – Murmurei com um olhar de pânico, em um sussurro questionei. – Só me diga que ele parou de usar *curry* em tudo e eu ficarei mais tranqüila para o tal yakisoba. Por favor? – Olhei suplicante para Morgan que mostrou com seu olhar que a resposta era negativa.

- Ele parou de *usar curry*. – Ela respondeu de um modo doloroso, como se mentir fosse uma colher cheia de óleo de rícino.

- Você está mentindo, tia. – Disse sem humor.
- Como... como você descobriu? – Ela questionou em choque.
- Pela expressão de dor ... – Respondi.
- O olhar perdido e vazio ... – Rachel murmurou com um olhar atento em Morgan.

- Mas o que te entregou foi a ênfase na palavra usar, deixando bem claro que no fundo você gostaria de dizer ela de modo afirmativo e não negativo. – Rachel e minha tia me olharam com estranheza. – Sim, sou estranha. Eu vejo muitos documentários. Lidem com isso.

- Eu vou ver se Roux precisa de minha ajuda em algo na cozinha ... – Ergui um dedo em sua direção, pronta para mandá-la ficar longe do fogão, fogo, isqueiro, faca ... mas ela já preparada disse. – Ficarei no corredor, fiquem tranqüilas. AH! Se quiserem fechar a escada é só puxar pelo a corda, que ela sobe e se tranca e para abrir é só dar uma batidinha, sem medo já que ninguém vai estar embaixo da escada, não há nada ali para se ver ou pegar. Há não ser que a pessoa queira levar uma pancada na cabeça então ela ficara embaixo da escada... – Quando percebemos sua voz ficara afastada o suficiente de nossos ouvidos, não podendo mais ouvi-la tagarelar sobre a precisão de uma batida de uma madeira na cabeça de um humano e as causas, como amnésia e até mudança de personalidade, olhávamos pela abertura na escada ouvindo apenas o barulho dos chinelos de Morgan pelo corredor e as patas de Jack atrás de si, e por fim, nem isso ouvimos mais.

- É melhor mantermos essa escada aberta. – Rachel disse determinada.
- Sim.
- No normal eles são assim, excêntricos e anormais, imagina com uma pancada na cabeça?
– Rachel murmurou em choque, ficando ereta e olhando para mim.
- Rachel, não fale assim! Eles são meus tios e eu os amo assim, com o jeitinho incomum e excêntrico deles. – Falei com um biquinho nos lábios.

- Eu também os amei, por isso quero evitar um acidente, imagina se a escada bate na cabeça deles e eles acabem ficando *normais*, chatos e humanos? – Ela fez uma expressão de pavor e começou a gritar baixinho como em um filme de terror, abafei

uma risada e ela concluiu.
– Seria pavoroso e uma grande perda para a existência humana, duas criaturas tão únicas e peculiares.

Nos próximos minutos Rachel se dedicou em desfazer suas malas, como eu não pretendia fazer tal coisa, mandei que ela colocasse seus pertences em meu armário de mogno, grande e espaçoso, caberia todas as roupas de Rachel e provavelmente, ainda sobraria espaço, a ajudava com tal tarefa enquanto conversávamos sobre o nosso delicioso passeio em Notting Hill, assim que ela concluiu tentou me convencer a sairmos para curtimos nossa primeira noitada em Londres, por mais tentador que fosse, não estava afim de tal coisa, não hoje, não depois de *ontem*, ainda doía pensar no que tive que fazer por Rachel, por mais que sentisse que havia feito o certo, sentia uma dor excruciante ao lembrar das palavras que disse a Peter ...
Peter.
Não, não agora. Esse não é o momento para pensar em tais lembranças;por mais que eu disfarçasse, ele estava em minha mente o tempo inteiro, a cada nova rua, loja, rostos desconhecido, comentários, sempre de algum modo Peter me vinha em mente, em pensamentos ou momentos que tivemos no navio, principalmente aqueles em que ele me revelava onde me levaria assim que chegássemos em Londres e porque, como também, era impossível não lembrar de um detalhe crucial: Notting Hill era um de seus bairros favoritos em Londres, era como se o cosmo quisesse que eu lembrasse de Peter, fazendo que fosse difícil me curar de tudo que fiz e senti por ele.

Só pior do que isso foi ter que explicar a minha mãe o porquê de termos terminado, assim que Rachel foi tomar seu banho, aproveitei a privacidade para ligar para ela queria lhe contar sobre o que havíamos feito naquele dia e de uma forma sutil lhe informar que eu e Peter não somos mais um casal, acabou que o foco da conversa foi esse o que me deixou muito desconfortável e ela me conhecendo bem podia notar isso.

- Mas ... Kate, você estava tão feliz! – Minha mãe argumentou pela quarta vez.

- Não é de felicidade que um relacionamento é feito. – Respondi firme, sabendo que não acreditava naquilo, mas eu apenas tinha que parecer crer em tal ideia. – Além do

mais, não nego que tivemos um ótimo momento juntos, mas fora apenas isso ... um momento. – Ouvi um resmungo vindo dela, tinha certeza que ela iria contra argumentar mais uma vez, então resolvi dá um fim àquilo. - Acabou, mãe. Eu não quero mais falar sobre isso.

- Tudo bem, mas não consigo acreditar nisso que você está dizendo ...– Sua voz saiu em um tom baixo, parecendo
realmente descrente com minhas palavras.
- É a verdade, mãe. – Suspirei, cansada de ter que mentir.

- Não acabou, Kate. – Ela falou de uma maneira firme que me fez sobressaltar. – Por alguma razão eu sinto que há mais nessa história e você não quer me contar ou ... *não* pode. Se for isso, Kate ...

- Olha, eu acho que você e Rachel estão vendo programas de investigações demais. – Tentei falar com humor a cortando, mesmo sentindo que o nó que se formara em minha garganta não iria ficar seguro por muito tempo. – Vocês acreditam que estou escondendo algo, mas estou falando a verdade. Eu sei que é inacreditável que eu, Katerina Farrell vivi um romance de verão, mas sim, eu vivi , sempre há a primeira vez para tudo, certo?

- Tudo bem, Kate, mas posso concluir o que ia dizer? – Minha mãe respondeu com aquele tom de voz firme que me fazia sentir uma criança indisplicente que iria levar uma bronca moral em segundos.

- Se for isso, se você não pode me contar o que realmente aconteceu, saiba que eu vou entender, Rachel também irá, tenho certeza, agora não minta assim, não aja como se tudo estivesse bem quando não está, dá para sentir no seu tom de voz que há algo de errado com você e que isso que você está falando que é a verdade, no fundo, soa simplesmente falso dos seus lábios. – Ela pausou, tinha certeza que ela estava a pensar com cuidado em suas palavras enquanto eu tentava controlar as lágrimas que agora já desciam pelo meu rosto. – Eu não sei o que aconteceu, mas não importa o que seja, saiba que eu estou aqui ... Você não pode me falar sobre agora? Ótimo, eu tenho todo tempo do mundo, então quando você estiver pronta, me conte

que lhe ajudarei no que for preciso, entendeu?

- Sim, mãe. – Disse em um sobro de ar, tentando manter minha voz firme. – Obrigada.

Pelo visto minha atuação estava indo por ralo abaixo, tanto Rachel quanto minha mãe desconfiavam que havia algo de podre em minha declaração sobre o fim do meu romance e como as conhecia bem tinha certeza que elas ficariam encucadas com isso até que conseguissem me pegar de algum modo em minha mentirinha, por isso, precisava manter a pose, manter a mentira e total desinteresse no assunto, só assim em algum momento elas esqueceriam sobre isso tudo, menos eu.

Assim que Rachel voltou de seu banho era a minha vez, levei comigo minha nécessaire e pijama, aproveitando aquele momento privado para deixar que aquelas incontroláveis lágrimas rolassem por minha face, ainda sentia que era não merecedora delas, mas pelo que parecia elas não se importavam com o que eu pensava, apenas queriam deixar meus olhos e inundar meu rosto com sua tristeza deixando bem claro os sentimentos que estavam a transbordar de meu coração até meu exterior.
Voltei ao meu quarto, secando meus cabelos e sentindo um friozinho gostoso, encontro Rachel sentada no meio das almofadas de modo confortável, sua expressão concentrada, o óculos na ponta de seu nariz e seu olhar pensativo na direção da tela enquanto digitava ferozmente em seu laptop, nem ao menos notara meu retorno, deveria estar postando algo em seu blog. Me jogo cansada em minha cama, dobrando minhas pernas enquanto penteio os meus longos cabelos, apenas despertei de meus pensamentos com o chamado de Rachel dizendo que viu meu celular acender sua luz algumas vezes e que talvez eu deve ter recebido alguma mensagem, agradeci por ter me avisado e me debrucei na cama, pegando o aparelho na mesinha de cabeceira, havia perdido cinco chamadas e recebido duas mensagens, todas de Amelia Hartley. Bufei, já não era hora dela superar o fato que terminei cruelmente com seu irmão e simplesmente deletar meu número fingindo que eu não existo? Foi ai que me toquei, ela provavelmente estava a me ligar para tirar satisfações do ocorrido, como qualquer irmã amorosa faria pelo seu irmão em tal momento, mordi meus lábios ao deletar as mensagens, curiosa com seus conteúdos, mas determinada em seguir em frente.
Larguei o aparelho na mesa de cabeceira, dessa vez com o visor para baixo, voltei

meu olhar para Rachel e ela continuava focada em seu trabalho, nada afim de conversar com sua melhor amiga desocupada; ah, como eu queria ter um projeto para me focar seria formidável.

Querendo ser útil fui na direção da cozinha sabendo que encontraria Roux preparando nosso jantar, ele estava sozinho cortando de modo preciso em cubos um pedaço médio de um filé de frango cantando junto ao rádio - que estava em uma estante escondido atrás de algumas latas de condimentos - uma música italiana, ao notar minha presença ele me puxou para uma animada e desengonçada dança ao arredor da cozinha ao som da canção, rimos com aquele momento e me ofereci para ajudar com o jantar, ele me entregou os legumes e vegetais mandando cortá-los e colocar na grande panela já no fogão, um ao lado do outro ficamos entretidos em nossas tarefas, conversávamos mesmo que minha mente - na maior parte - estivesse em outro lugar, eu me forçava a me manter no presente, por mais difícil que fosse.

- Já que terminamos tudo, vou arrumar a mesa, onde vocês guardam a toalha? Pratos? Copos? Talheres? Guardanapos? – Roux olhou me com o cenho enrugado como se eu tivesse falado húngaro, enquanto continuava a mexer a panela com o nosso yakisoba cheiroso e de aparência suculenta.

- A mesa já está com uma toalha, essas outras coisas estão no armário ... Mas Kate não se preocupe com isso, Morgan gosta de arrumar a mesa, ela pode ficar chateada por você estar me ajudando, você é visita deveria ficar ... parada, sem fazer absolutamente nada.

- Não dá. – Disse em um fio de voz passando as mãos em meus cabelos. – Se eu ficar sem fazer nada vou pensar nele.
- Pensar em quem? – Ele questionou agora com o cenho mais enrugado.
- O que? – Retruquei, em choque por ter dito aquilo em voz alta.
- Você disse ... – Ele então imitou a minha voz. - *Se eu ficar sem fazer nada vou pensar nele.*

- Em quem? – Tentei enrolar meu tio, enquanto pensava em uma resposta plausível, tirando da mesa todas aquelas embalagens de comida entregue em casa, comida

congelada, embalagens vazias de biscoitos e até latinhas de cerveja jogando tudo no lixo montinho por montinho.

- É isso que lhe perguntei. – Ele disse apontando a colher de pau em minha direção.

- Eu acho que você entendeu errado, eu disse que se eu ficar sem fazer nada vou pensar no amanhã. Sabe como é o meu nervosismo? Primeiro dia de visitação, vou ficar uma pilha de nervos. – Um clique surgiu em minha mente sacudindo a toalha de mesa que era muito bonita, num tom creme com desenhos bordados, mas estava manchado de tinta na parte que se encontrava então tive que virar ao contrário. – Falando em nervos, preciso comprar meus comprimidos para a minha ansiedade, amanhã você me leva em uma farmácia manipulada? Preciso disso para ontem.

- Pode deixar. – Ele disse, ainda me olhando desconfiado.
- Mas não conte nada a minha mãe, ela pensa que eu trouxe os comprimidos, mas esqueci em algum lugar no meu quarto ...
- Não sabia que você era tão esquecida assim. – Ele pausou com um tom de voz pensativo.
– Deve ter herdado isso de sua mãe.

- Quem derá! – Falei para mim mesma com um sorriso contido nos lábios. Num primeiro momento Morgan pareceu chateada por eu ter ajudado Roux com o jantar, mas depois que viu a obra prima que eu deixei sua mesa de jantar e a delícia que estava o yakisoba que fizemos ela se esquecerá completamente, Rachel também estava adorando a refeição, entupindo seu macarrão de shoyu a cada nova garfada. Conversávamos sobre diversos assuntos, sobre o trabalho de Roux, o estágio de Rachel, o quadro que Morgan estava a terminar para uma exposição que iria acontecer no fim desse mês e sobre mim ...

- Eu estou com bloqueio. – Dei de ombros como se não fosse grandes coisas, sabendo que era mentira e que isso era uma das coisas que estava a me consumir nessas ultimas semanas. – Desde que terminei o meu primeiro romance, o que já faz alguns meses.

- Isso é horrível. Eu sei exatamente qual é a sensação ... É algo sufocante, como se

dissesse que não temos mais a capacidade de continuar aquilo que gostamos, pior, já senti que havia perdido meu talento. – Morgan disse com firmeza comendo uma garfada do Yakisoba enquanto Rachel a olhou seriamente e em seguida para uma das esculturas feitas por Morgan, parecia uma pessoa, mas ainda achava que era um pássaro, bem estranho.

- É exatamente o último que sinto, mas já desisti de me esforçar a pensar em alguma história e começar a escrever, vou deixar acontecer, no momento certo vou abrir meus olhos e ali estará a ideia que preciso.

- Tenho certeza que será assim. – Roux respondeu sorridente.

Ele era uma das pessoas que mais incentivavam a escrever e lançar todos os meus trabalhos, até se oferecia para me apresentar a grandes editoras onde tinha contato, assim para eu poder apresentar meu trabalho, mas eu queria fazer isso tudo por conta própria, já tinha idade e capacidade suficiente para tal coisa, queria que essa conquista fosse minha e não através de uma outra pessoa.

- Meninas, precisamos conversar com vocês sobre ... – Morgan começou a falar trocando um olhar sério com Roux, assim que as sobremesas foram servidas, Swiss Roll feita de chocolate com cobertura de frutas vermelhas e chantilly que foi comprado em uma padaria chique a duas ruas daqui.

- As regras de boa convivência de Roux e Morgana Braga. – Ele disse por fim tirando um papel amarelo que estava preso na porta da geladeira - no meio de um milhão de outras coisas - por um grande imã de um pingüim.

- Oi? – Rachel questionou com uma expressão surpresa e um pedaço do rocambole na boca.

- Eu já esperava por isso ... Nem pense em reclamar Rachel, isso é coisa da minha mãe. – Murmurei distraída com a minha sobremesa. – Ir contra ela é o mesmo que desafiar uma legião, vai ser mortal e sangrento, então apenas escute a sentença e a aceite.

- Eu não sou filha *dela*. – Rachel disse com um sorriso satisfeito, como se tivesse descoberto algo fantástico. - Logo essas regrinhas só valém para a Kate, certo pessoal?
- Na realidade, Vi deixou bem claro que Eleonor desejava tais regras, então acredito ue essas regras valham tanto para Kate quanto para você. – Roux disse com uma expressão seria.

- Odeio regras. – Rachel murmurou emburrada, ergui ambas as sobrancelhas observando meus tios que não sabiam o que fazer, lidar com uma adolescente temperamental não é algo cotidiano em suas vidas.

- Não se preocupem, a fera apenas brandi, mas não morde, podem falar as tais regras, garanto que iremos seguir cada uma delas.
- Diga isso por você mesma. – Rachel disse com um olhar semicerrado.
- E digo por Rachel também, já que sua mãe mandou eu cuidar dela durante toda essa viagem, então ... Ela vai seguir tudo que vocês ordenarem.

Rachel disse algo inaudível e cruzou os braços, Morgan a observava com curiosidade, só faltava uma lupa e um bloquinho em mãos, como se Rachel fosse uma espécie rara de adolescente revoltada.

- Então comecemos com a apresentação das regras, quero deixar bem claro que todas elas podem ser discutidas e retiradas em ocasiões especiais, obviamente que teremos que ser avisados antes, caso contrário, a punição ocorrerá de qualquer modo.

- Punição? Roux, nós temos 18 anos, já não acham que passamos da idade de ficarmos de castigo? – Rachel questionou em um muxoxo.
- De acordo com as mães de vocês, não. – Roux disse entortando os lábios.

- E tenho que concordar com a decisão delas, a época que mais fiz besteira em minha vida foi quando eu tinha 18 anos, nunca fui tão rebelde como naquela época, meus pais não se importavam comigo, então eu me sentia livre para fazer qualquer coisa. – Ela disse com firmeza e em seguida com um olhar gentil, concluiu. – Eu invejo vocês. Queria que minha mãe tivesse metade da responsabilidade e amor que a de vocês tem, por mim.

Um silêncio caiu entre nós, eu não conhecia Morgan tão bem como Roux, mas sabia que o relacionamento dela com seus pais não era um dos melhores e pelo momento embaraçoso ao qual nos encontramos, a solução ainda não chegara para resolver tal situação em sua vida. Roux empurrou a folha amarela em nossa direção e em uma caligrafia bagunçada, escrita com uma caneta preta de tinta vimos listado catorze regras, li uma a uma enquanto Rachel abria a boca em choque lendo-as por cima de meu ombro.

REGRAS DE BOA CONVIVENCIA DE ROUX E MORGANA 1. É proibido voltar após as 23:00, caso aconteça um improviso sempre avisar; 2. SEMPRE avisar onde vão, deixar as suas trajetórias e de preferência com quem vão estar. Os celulares devem estar sempre ligados e ser atendidos ao primeiro toque; 3. Nada de bebidas alcoólicas **escondidas**, na rua ou em festas, podem beber dentro de casa com MODERAÇÃO e Violet não pode saber, é claro.
4. Tem tinta de diversas cores no deposito do quintal, pode ser usado em qualquer parte da casa, já que se expressar é essencial.
5. É obrigatório que todos acordem depois das 10, antes disso a criatura receberá uma violenta onda de cosquinhas por longas meia hora por cada membro da casa. 6. Nada de cigarros ou charutos, Morgana é alérgica.
7. 03 vezes por dia é obrigatório fazer carinho na barriga de Jack; se ele grunhir, você está fazendo errado, logo deve correr.
8. Ninguém arruma nada na casa, PORQUE ELA JÁ ESTÁ ARRUMADA. Ponto.
9. Garotos apenas na sala, cozinha, varanda e RUA. Mas sem uma de vocês, óbvio; Ao sair com algum garoto, ele deve ser apresentado a toda família e deixar seu número de telefone, endereço, Identidade e foto do mesmo, para casos de desaparecimentos.

10. Plantar uma planta em todo primeiro sábado de um novo mês, tendo que cuidar dela e conversar com a mesma por pelo menos 10 minutos de seu dia e ela será como um filho para você.
11. É terminantemente proibido falar do cavanhaque de Roux, dos óculos quebrados dele e de seu belo cabelo bagunçado.
12. É proibido entrar no porão de Roux, A QUALQUER MOMENTO, até se a casa estiver pegando fogo, um tsunami a caminho, se o porão for o único lugar

seguro para todos, etc. 13. Nada de jornais e novelas na televisão do quarto de Kate, apenas desenhos, filmes e séries.
14. Música é liberada pela casa, desde que seja do gosto aceitável de Roux, logo não podendo ouvir POP e Beyoncé. Ele ainda está traumatizado depois que a mesma terminou com ele há 10 anos atrás.

- Desrespeitar qualquer uma dessas regras ocasionará uma punição a ser analisada por Morgan, Roux e Jack.
- O Jack vai analisar a nossa punição? – Questionei, erguendo minha sobrancelha.
- Sim, é claro; ele faz parte da família. – Morgan disse em choque.

- Bruce também faz parte da minha, mas tenho certeza que ele não está interessado em analisar um castigo para algum erro cometido por Chuck, ele sempre parece ser tão metódico concentrado em seu osso de borracha e altas conversas com o Dálmata da vizinha.

- É só isso? – Rachel questionou com um sorriso no canto dos lábios. – Faço isso tudo com os pés por sobre a cabeça comendo um burrito e preparando um nacho para toda a família.
- Você não sabe fazer nacho. – Disse em um muxoxo entregando as regras a Roux. – Na realidade, você não sabe cozinhar.
- Nunca é tarde para aprender, você mesma diz isso. – Ela respondeu com um sorriso vitorioso.

- Ótima resposta, Rachel. Eu sempre digo isso a Roux. – Ela piscou com um sorriso satisfeito colocando seu prato e copo na pia. – Qualquer coisa estarei no estúdio terminando minha obra de arte. Roux, depois coloque uns biscoitinhos na vasilha de Jack, ele comeu tudo que você colocou hoje de manhã.

- Pode deixar. – Ele respondeu prendendo as regras na geladeira. – Então, o que acharam das regras?

- Boas até demais, você poderia ter sido mais ruim conosco ... – Murmurei, levando o que usei e o que Rachel usou já que a mesma estava sentada de modo preguiçoso já que comeu muito. – Minha mãe teria sido uma vilã mexicana com cada uma de nós.

- Não de ideia Katerina Isabela! – Rachel disse, ficando de pé. – Graças a Deus, Roux é uma pessoa amável, racional e adorável e não nos dará regras controladoras e manipuladores que sua mãe, que foi adotada por Steve Seagal daria. Agora se vocês não se incomodam, irei dormir. Me sinto uma velha, cansada e sonolenta, mas fazer o que?

- Durma mesmo, amanhã teremos um longo dia. – Disse de maneira firme, já começando a lavar algumas louças.
- Tá, tá, tá. – Rachel disse, balançando sua mão no ar. – Boa noite para vocês. Para você também, Jack.

Rachel saiu da cozinha e Jack entrou, correndo de maneira apressada até as minhas pernas, em seguida foi em direção de Roux, rodando, rodando e acabando por escorregar e caindo sentado no chão, Roux brincou um pouco com ele, mas ao notar que eu estava lavando a louça ele me expulsou da cozinha, mandando que eu também fosse descansar, que o dia seria igualmente longo para mim; não discuti contra isso.

Ao entrar em meu quarto encontrei o mesmo em total penumbra, apenas sendo iluminado por uma lua nova encoberta por diversas pequenas nuvens negras que estavam a se dissipar do céu lentamente. Rachel já estava encolhida em sua cama, apenas se movimentou quando a escada fez um clique ao ser fechado, lentamente fui em direção da minha cama, bati meu dedo mindinho no baú o que fez eu abafar um grito e um palavrão em minha garganta, sentei na ponta da minha cama, acariciando meu pé, meus olhos acabaram por cair na direção de minha mochila, olhei na direção de Rachel vendo a virada para o lado oposto ao meu, me ergui e fechei a cortina de renda branca, abri minha mochila em um movimento só e tirei de dentro dele o macaquinho de pelúcia que Peter me derá e agarrada a ele, me deitei na cama, me entregando a um profundo sono que tomou conta de cada pedacinho de meu ser, por ora.

Capítulo 24
Você Quer a Verdade ou Algo Belo?

Não se preocupe, eu vou encontrar alguém como você Não desejo nada além do melhor para você, também Não me esqueça, eu imploro, eu lembro do que você disse: Às vezes, o amor dura

Mas, às vezes ele fere.

Someone Like You - Adele

- Não, por favor, apenas me escute. – Implorei, meus olhos cheios de lágrimas, minha garganta tomada por um nó acido e doloroso, Peter estava a minha frente com o smoking preto daquela fática noite e eu com meu belo vestido estávamos no meio do convés, enquanto uma pesada chuva caia sobre nós nos encharcando e a todo o ambiente, algumas pessoas passavam por entre nós nos observando em choque, já que estávamos no meio daquela tormenta. Agarrada nos braços de Peter eu implorava para que ele me ouvisse, mas suas feições estavam enegrecidas aquele olhar azul negro não era o seu olhar gentil e amoroso que sempre me observava. – Por favor, é a única coisa que lhe peço.

- Entenda isso, eu não quero saber de você, Katerina. Eu nunca mais quero te ver, fui bem claro? – Ele bradou tentando me soltar de seus braços, mas eu forçava minhas mãos em si, mas foi em vão, ele conseguiu me empurrar e eu escorreguei, caindo ao chão em um estrondo.

- Eu fui chantageada. – Gritei em desespero vendo Peter indo embora, ele parou e se virou, me olhando em dúvida. – É, foi isso que aconteceu. Eu fui chantageada e me arrependo amargamente de ter me deixado manipular, mas por favor, me escute ... Deixe eu me explicar. – Disse por fim, ganhando finalmente sua atenção enquanto ficava de pé, ele me olhou em dúvida analisando se devia me dar ouvidos e com um gesto simples de sua cabeça ele demonstrou interesse em minhas palavras.

- Foi a M... – Minha voz não saiu. Algo estava errado comigo. Eu tentava movimentar meus lábios, mas eles não me respondiam, apenas um grunhido saia de minha garganta, mas o som não se produzia, Peter me observava assustado, como se estivesse observando uma assombração, meus olhos se arregalaram ao verem Miranda surgir atrás de Peter com suas mãos ao arredor de seu ombro, tão pálida e com um olhar vivo em puro fogo, mas ele ... ele estava apavorado, tentando se afastar de Miranda e se aproximar de mim, levei minhas mãos aos lábios e por alguma razão entrei em pânico, corri em direção a um tipo de parede espelhada e vi a minha imagem horrenda: meus lábios estavam costurados com uma linha grossa e negra e deles saiam um sangue vermelho escuro, que escorria por todo meu queixo, tentei gritar, mas som nenhum saiu dos meus lábios, foi quando abri meus olhos.

Eu nunca tive tantos pesadelos em apenas uma noite e em uma quantidade absurda em toda minha vida, ao abri meus olhos tudo parecia fora de foco, minha mente estava lotada de pensamentos, o medo sufocando meu ser, minha garganta fechada, minha boca amarga e meu corpo tão dolorido como se eu tivesse dormido por apenas uma hora ... ah, mais eu dormi apenas por 1 hora ou até menos. Despertei a noite inteira, sempre após um terrível pesadelo, perturbador e inexplicável, entre gritos e espantos, depois de ter tido um realmente assustador levantei de minha cama, ouvindo a chuva cair pesadamente em Notting Hill, sem dizer nada me deitei ao lado de Rachel enrolada em meu edredom e agarrada em meu macaquinho de pelúcia, ela resmungou por estar incomodando seu sono de beleza, mas ao ver minha expressão de pânico me abraçou carinhosamente questionando protetora o que havia acontecido, apenas disse em um sussurro:

- Eu simplesmente estou morta! Eu respiro, mas me sinto morta ...

Ela me olhou preocupada e eu apenas fechei meus olhos, desejando que conseguisse dormir pela primeira vez naquela noite, o que não aconteceu.
Olhei para meu lado e Rachel não se encontrava ali, me sentei preguiçosamente na cama coçando minha cabeça, olhei na direção da janela e ela se encontrava embaçada indicando que ainda chovia, ouvi um som familiar vinha da televisão, meus olhos a observaram e vi que era um desenho animado antigo, foi nesse momento que vi Rachel sentada no meio das almofadas rindo baixinho com o programa, ainda tinha cara de sono e vestia seus pijamas, como uma criança faria.
Me levantei com muita má vontade constatando que ainda era nove da manhã, era por isso que ela estava ali, seguindo as regras de boa convivência de Roux pelo visto, mas eu não podia segui-las agora sentia uma vontade enlouquecedora de fazer xixi e esse tipo de coisa não se poder segurar, é contra sua natureza.
Quando voltei já estava passando outro desenho animado, dei bom dia a Rachel que me respondeu, me observando com atenção, na dúvida de perguntar ou não sobre a noite passada ela ficou com a segunda opção, me empoleirei na poltrona que balançou um pouco com o meu peso, assim que me aninhei comecei a ler um dos livros que estavam em minha estante, O Grande Gatsby de F. Scott Fitzgerald, já o havia lido uma vez e feito um trabalho sobre a construção da história para uma aula de Literatura, fiquei tão traumatizada pelo C que ganhei que nunca mais encostei na minha cópia, mas agora entendia a complexidade do livro lendo apenas o primeiro capítulo, eu me achava tão capaz naquela época de fazer um trabalho A+ sobre um livro que ainda confunde a mente dos mais brilhantes leitores e escritores, e agora notava como era ingênua, na realidade sou ingênua em muitas coisas, é não estou falando mais sobre literatura.

Minha atenção estava subdividida e o livro era o que menos me interessava, meus pensamentos, sentimentos e conflitos internos, agora tinha que lidar com uma novidade: uma enorme vontade de ligar para Peter e lhe contar toda a verdade se intensificava em meu peito depois do último pesadelo, mas muitas possibilidades surgiam em minha mente e todas elas eram ruins, como fazer Rachel me odiar de qualquer forma, de contar tudo a ele não fizer diferença alguma e ele não acreditar em mim; eu só estava sendo covarde e tinha que afastar essas ideias e sentimentos de mim com prudência e me manter firme em minha decisão, era o certo, manter esse

segredo queimando dentro de mim, a verdade sempre vem a tona dizem algumas pessoas, mas esse não seria o caso desse segredo; não importa quantos pesadelos minha consciência me obrigue a ter, eu não voltaria atrás em minha decisão e teria que aprender a viver com ela e com tudo que veria em decorrência a mesma, como por exemplo, ter perdido Peter para sempre.
Fechei meus olhos, vendo seu rosto sorridente, seu olhar inebriante e toque suave tomar conta de meu ser, como se ele estivesse ali comigo, cada detalhe de si vivo em minha mente, mas de repente, minha mente foi tomada pela última lembrança que tinha dele: furioso, injustiçado e decepcionado, meu coração se apertou e abri meus olhos sentindo eles se encherem de lágrimas, de modo embargado larguei o livro na poltrona e disse para Rachel que iria tomar banho na sua frente e sai correndo na direção do banheiro com algumas peças de roupas em mão e me tranquei naquele ambiente, escorregando na direção do chão e começando a chorar como uma criança. Eu não era merecedora daquelas lágrimas, mas continuava a derramar rios de lágrimas, sentada, deitada ao chão, embaixo do chuveiro, as lágrimas simplesmente tomavam conta de meu ser, mas cessaram no momento que me olhei no espelho: Eu sempre vi a luz no fundo dos seus olhos e ela dizia que nós éramos fadados ao fim. Ia ser difícil, disse para mim, eu me apaixonei por Peter e o que vivemos não acontece todos os dias, mas a vida segue e eu iria superá-lo, do mesmo modo que ele me superaria então chega de choro, abra um belo sorriso e aproveite o que o futuro tem a sua frente, porque você está vivendo o momento da sua vida. Abri um sorriso, ainda falso e fraco, mas era bom o bastante, me observei no espelho vendo que minha blusa de manga comprida e calça jeans não iriam ser o bastante para o frio londrino, minhas botas, boina e jaqueta de couro eram requisitadas para o *look* e um pouco de maquiagem, mais do que nunca eu precisava parecer saudável.

Assim que adentrei em meu quarto Rachel passou por mim com diversas roupas arrumados em seus cabides seguro em seus braços, não disse nada, mas compreendi que iria tomar banho, em sua cama havia um guarda chuva transparente e alguns pares de sapatos que ela provavelmente escolheria, já eu enfiei uma boina vermelha em meus cabelos, calcei minhas botas pretas e vesti minha jaqueta de couro torcendo que fosse o bastante pra me aquecer, coloquei o meu cordão dentro da blusa, me maquiei e por fim arrumei minha bolsa lateral, colocando apenas o necessário e o

principal ficando em mãos, mapas e meu guia turístico e no bolso de minha calça meu celular e a folha com as atrações que visitaríamos no dia 01, dividi todas as visitações por localidade, logo iremos em todas as atrações principais de um determinado bairro ou em locais próximos de um determinado ponto, nada de ficar cruzando a cidade enlouquecidas para ir em um lugar oposto ao outro, tínhamos que ser espertas por isso montei o melhor programa de viagem possível para mim, que nunca conheci Londres e para Rachel, que conhece muito bem, mas que se distrai facilmente com roupas e rapazes.

- Hoje teremos uma visitação histórica britânica iremos na Casa do Parlamento e Big Bem, em seguida partiremos para a Westminster Abbey e terminaremos o dia na Churchill Museum e Cabinet War Rooms, se não conseguimos ver algo eu anotarei e remarcarei um dia para irmos lá antes de partirmos; Roux, quanto tempo leva de Notting Hill até Westminster exatamente? – Questionei a meu tio que preparava o café da manhã ao som de Pavarotti; minha tia estava lendo o jornal local; Jack roia um osso de modo desesperado e faminto, já Rachel estava ao meu lado mandando algumas mensagens através de seu celular.

- De carro em torno de 15 minutos ... – Ele respondeu pensativo remexendo em uma frigideira e não eram ovos ali dentro. – De ônibus em torno de meia hora, mas como eu irei levá-las vocês não precisam se preocupar com isso.

- Não se esqueçam meninas: As filas estarão grandes, então não tenham pressas, esperem a vez de vocês e não furem fila, nós britânicos somos muitos pacientes, vocês americanos deveriam ser também. – Morgan disse por trás do jornal, em seguida ela nos olhou maternal e continuou a falar. – Não se separem, não falem com estranhos, se mudarem de trajetória, avise–nos e qualquer coisa liguem para um de nós que lhe daremos instruções para qualquer coisa, principalmente para caso vocês estejam perdidas.

- Alguns lugares em Londres eu não conheço por nome, mas já estive com toda certeza, já vim aqui para mais de 03 vezes e só fui em pouquíssimos lugares por falta de tempo ou interesse de meus queridos pais, como Notting Hill, mas podem ficar tranqüilos eu conheço Westminster como a palma de minha mão, sei usar o

metro, ônibus e principalmente, os amados taxis. Então, nada de preocupação, Kate está em boas mãos. – Rachel disse com um grande sorriso nos lábios, os observando com confiança e bebericando do café quentinho que Roux acabara de nos servir.

- Eu acredito que a primeira coisa que vocês devam fazer é irem na casa de cambio, tenho certeza que há uma em Westminster, só não me lembro o endereço agora ... Vou procurar no google agora. – Roux disse, decidido.

- Não precisa! Eu sei onde é, está anotado em meu bloquinho, na parte de lugares importantes. – Disse após ter bebido um gole do café de Roux extremamente amargo, estava bom, mas precisava de mais açúcar, três, quatro colheres ... Agora sim. – Eu lhe dou o endereço e passamos na casa de cambio primeiro, trocamos o dinheiro necessário e ai você nos deixa na casa do parlamento, está bom assim para você ou vai atrapalhar em seu trabalho?

- Eu sou o chefe, nada me atrapalha em meu trabalho, só os meus funcionários bagunceiros e indisciplinados e também a irresponsabilidade de diversas editoras que acabam deixando seus livros desviarem de rota, me dando mais trabalho ... – Roux disse com pompa, o que fez Morgan abafar uma risada observando o seu café da manhã que era colocado em seu prato e cheirava de modo delicioso. – Tirando isso, nada me atrapalha.

Roux colocou o meu café da manhã e sorriu para mim, agradeci e olhei na direção de meu prato, sentindo um embrulho em meu estomago: Os ovos foram feitos em forma de *smile* e as torradas têm carinhas feitas de ketchup e mostarda cercados de feijão e salsicha, entortei meus lábios, mexendo nos feijões e na salsinha ...

- Roux, seu esquecido! Eu disse para você fazer o bacon no lugar do feijão, americanos não estão acostumados com o *nosso* café da manhã ... – Morgan me olhou com um sorriso leve.
– Eu lembro até hoje como os costumes alimentares de vocês são diferentes dos nossos, mas não se preocupe farei agora mesmo o seu habitual bacon.

- Não! – Dissemos em uníssono, olhei para Roux que estendeu a mão em direção de Morgan em pânico e Rachel demonstrava o mesmo sentimento, depois de ontem ela

deve estar traumatizada, mas minha negação foi por outro motivo.
- Não há problema algum no café da manhã britânico, Tia. Sou eu, eu estou sem fome, mas vou me esforçar a comer um pouco. – Morgan me olhou com estranheza e em seguida para Roux como se estivesse dizendo: *vai fazer o bacon das meninas*. – Não precisa se preocupar, tia. Além do mais, Rachel não come Bacon, na realidade, ela não come nada que tenha vindo de um porco e eu estou satisfeita com meu café, veja ... – Dei uma boa garfada no feijão e mastiguei sentindo o quente em minha boca e descendo pela minha garganta fechada. – Está ótimo! – Disse, realmente com sinceridade, mas ainda sem fome.

Por mais que estivesse preparada para os costumes britânicos, confesso que o café da manhã com cara de almoço demorou para ser digerido por completo, não sabia se tudo isso era culpa da noite mal dormida que me deixara sem fome, mas me esforcei ao máximo para mudar essa situação e raspei o prato, e ainda tomei três canecas de café e provavelmente, iria precisar de muito mais para o resto do dia.

Depois de fazer diversos carinhos na pança de Jack e do mesmo demonstrar carinho por mim ensopando minha cara com diversas lambidas babadas em minhas bochechas que limpei com um lenço umedecido no banheiro e após passar muito sabão e perfume no rosto
- não quero ficar fedendo a baba de cachorro -, me despedi de Morgan com um apertado abraço e por fim me enfiei no carro de Roux, tendo o banco de trás inteiro para mim, que não era muita coisa, mas o bastante para eu esticar minhas pernas no espaço vazio enquanto Rachel iria no banco de carona.

Assim que chegamos em Westminster, nossa primeira parada foi na casa de cambio, ficamos em torno de quinze minutos na fila, contudo demoramos mais na troca do dinheiro, assim que concluímos voltamos ao carro de Roux seguindo em direção a casa do parlamento e Big Ben.
Eu confesso que o transito estava a nosso fazer, se não fosse a nossa demora na casa de cambio já estaríamos em nossa visitação de número um há muito tempo, o único problema foi Roux achar um lugar para estacionar, depois de muita procura ele encontrou um pequeno espaço entre dois carros gigantes e parou ali dando a Rachel o endereço de sua livraria, a Maverick, que fica no Soho, The West End, informando

que seu horário de almoço é as uma da tarde e exigindo que nos encontremos para almoçar com ele. Concordamos sem grandes questionamentos, além do mais, se existe um lugar que Rachel conhece muito bem é o Soho; nos despedimos de Roux que saiu em disparada pela avenida com o cano de escapamento fazendo mais barulho do que nunca, deixando uma fumaça negra para atrás, Rachel afastava o cheiro mexendo a mão em frente ao nariz enquanto eu olhava admirada a Casa do Parlamento ou simplesmente, o palácio de Westminster.

Por sorte, eu já havia reservado os nosso ingressos, diferente de Rachel, eu tinha o conhecimento que o palácio de Westminster só abria visitações de 75 minutos em agosto e setembro, antes disso apenas com reservas, principalmente para excursões, mas pela quantidade de pessoas em filas e pedindo informações a algum segurança do local mostrava que eu era uma das poucas que fiz a minha lição de casa.

- O Palácio de Westminster, também conhecido como Casas do Parlamento é o palácio londrino onde estão instaladas as duas Câmaras do Parlamento do Reino Unido,a Câmara dos Lordes e a Câmara dos Comuns ... – Disse o nosso guia, enquanto levava um pequeno grupo de estrangeiros por um dos ambientes do palácio já ansioso para nos levar ao próximo prédio.

- Hmmm, conveniente, Kate. Será que há uma pequena chance de encontrarmos algum Hartley por aqui hoje? – Espero que não, pensei com rigor, como nada disse Rachel continuou a observar o ambiente com uma expressão de falso interesse desfilando ao meu lado, enquanto eu admirava o ambiente e ocasionalmente tirava algumas fotos, prestando atenção no que o guia continuava a dizer.

- O palácio fica situado na margem norte do Rio Tamisa, no bairro de Westminster próximo de outros edifícios governamentais ao longo da Whitehall. Sendo um dos maiores palácios do parlamento do mundo,o que faz dele um dos mais célebres edifícios do planeta, já foi alvo de conspirações para atentados e quase foi incendiado por inteiro, hoje em dia, o Palácio de Westminster é patrimônio mundial da UNESCO e um símbolo da nossa força como britânicos. – Ele concluiu uma apresentação introdutória do lugar, indicando para que os surpresos turistas seguissem para o próximo cômodo. – Abrigam a torre do relógio onde fica o

mundialmente conhecido Big Ben, o maior sino em funcionamento que soa a cada nova hora de nossos dias há quase 150 anos ...

Nosso passeio continuou, interessante e fascinante para mim pelo menos, já Rachel parecia mais interessada em paquerar um jovem italiano que estava passeando com sua família, ele tinha um irmão muito gatinho ao meu ver, que estava tentando chamar a minha atenção a todo custo, mas eu estava mais interessada no Palácio de Westminster; eu tirava fotos, anotava fatos que desconhecia e observava aqueles admiráveis prédios vitoriano com um deslumbre único de uma turista cativada. Tivemos a oportunidade de assistir um dos debates que ocorriam naquele exato momento e fomos surpreendidos com o soar do Big Ben, era a primeira vez que eu o ouvia e preciso dizer fiquei extremamente empolgada, olhava na direção do teto imaginando aquele enorme sino de mais de 10 toneladas balançando de um lado a outro e emitindo esse som estrondoso para toda a cidade ouvir; era fascinante. Tivemos um momento livre no qual podíamos visitar alguns ambientes por conta própria, os jovens italianos queriam nos levar em uma bela sacada para conversamos com aquela deslumbrante vista, mas eu neguei tal convite, dizendo que tinha uma ligação importante a fazer, assim que eles sumiram de meu campo de visão, me entreguei àqueles corredores com os meus olhinhos curiosos e câmera nas mãos. Acabei indo ao jardim da torre vitória, o único aberto ao público tendo como margem o tamisa, de acordo com o meu mapa ficava ao sul do palácio, mandei uma mensagem a Rachel avisando onde estaria e indo para lá; queria muito ficar pertinho do tâmisa e iria realizar isso agora.

Mesmo com o dia feio o parque se encontrava bem movimentado, por sorte encontrei um banco de madeira vazio onde me sentei tendo uma visão privilegiada do rio tâmisa, infelizmente o seu cheiro só deixava bem claro o tão morto se encontrava, as garrafas e sacos plásticos boiando ali davam uma dor em meu peito, mostrando como os humanos destroem aquilo de mais belo que tem, contudo, tirando toda essa destruição, ainda era uma visão belíssima, tirei algumas fotos, mas me contentei em apenas observar; um barco de turismo - ou não - que ia na direção da torre de Londres, por exemplo estava bem a minha frente e haviam outros que seguiam diversas direções, uma delas indo bem além do que meus olhos poderiam enxergar, mas suponha que estaria a ir para Greenwich. Peter.

Um sorriso caiu em meus lábios ao me recordar de uma conversa que havia tido com Peter sobre os lugares que visitaríamos juntos e o tâmisa era um deles; ele me dissera que iríamos pegar um barco no píer de Westminster e iríamos até Greenwich cruzando o tâmisa e tendo uma das visões mais privilegiadas da cidade, depois do *London Eye*. Teria sido um passeio incrível, pensei sentindo uma tristeza tomar conta de meu coração; como eu podia sentir a falta de alguém tanto assim?

- É uma bela visão, huh? – Aquela voz masculina, fina e de uma elegância única soou em meus ouvidos, sobressaltada me virei lentamente não acreditando no que meus ouvidos ouviam.

Ele estava sentado do meu lado com as mãos dentro dos bolsos de seu longo sobretudo cinza com uma postura relaxada, observando o tâmisa com atenção, seus cabelos negros caiam pesados em seus ombros e balançavam com a brisa, ele olhou para mim com dúvida, seu cenho enrugado e seus olhos negros estavam opacos e transbordavam em ardor e por mais que eu não quisesse, eu compreendi aquele olhar e o porque dele estar ali.

- Sim, é lindo. – Respondi, cruzando os meus braços e afastando meus olhos dos seus.
- Você está esperando alguém? – Ele voltou a questionar agora me observando como eu havia feito com ele há segundos atrás.
- Ah, sim. – Respondi estranhando a sua questão, mas tentando transparecer serenidade.

- Um lugar como esse não deve ser vislumbrado sozinho; é bonito demais. – Apenas sorri de leve com seu comentário, então ele concluiu, me observando com aquele ardor de antes.
– Pelo menos é o que um grande amigo meu acha, mas isso você deve saber bem, não é? Suponho que não seja uma coincidência você estar aqui, já que vocês haviam combinado que iriam cruzar o rio juntos.

- Aonde você quer chegar com isso? – Questionei com seriedade o olhando com atenção, por sua vez, ele abriu um sorriso caloroso e não se intimidou.

- Você sabe muito bem do que estou falando, Katerina. – Esperei ansiosa para que ele se transformasse em Miranda ou Serena, talvez meus lábios voltassem a ficar costurados e sangrassem para que eu não contasse a verdade, como em um dos meus pesadelos, mas nada ocorreu, ele continuou na minha frente com aquele sorriso, mas seu olhar frio e sério a me observar intensamente agora, mas foi o seu tom rude de voz que fez meu corpo gelar. – Ou o meu melhor amigo realmente foi apenas uma diversão para você como você declarou a ele?

- Dorian ... Não fale daquilo que você desconhece. – Meus lábios murmuraram em a minha permissão, enquanto o observava com um olhar doloroso. O que fosse que ele estivesse planejando, uma coisa ele já havia conseguido: me pegar desprevenida. Sua presença ali me deixava tão desconfortável, surpresa e ao mesmo tempo feliz que eu não sabia ao certo como lidar com ele, quando grande parte de mim queria se envolver em seus braços e chorar em seu ombro contando toda a verdade; ele acreditaria em mim e daria um fim a tudo isso, mas ...

- Pelo visto meu nome você ainda se lembra, então acho difícil ter se esquecido de Peter, ele não é um garoto esquecível com apenas um piscar de olhos e ele some de sua mente; ele é alguém único que não se pode deixar ir de um dia para o outro, eu sei disso, já que sou seu melhor amigo desde ... sempre. – Dorian disse, me olhando, mas transferindo sua atenção para o tâmisa a nossa frente. – E se você é quem eu penso que é, você sabe muito bem disso.

- Eu sei. – Disse em um sussurro, olhando para ela sem acreditar.
- Se você sabe, então porque terminou com ele daquele modo? - A hostilidade tendo se transformado em curiosidade em sua pose e olhar. – O que aconteceu?

- Era preciso. – Respondi em um sussurro com os meus olhos fixos no horizonte, tentando controlar a intensa vontade de saber como Peter estava, mas pela forma que Dorian havia falado comigo me mostrava que a resposta não seria a que eu gostaria. – Como você me encontrou? – Questionei desconfiada, depois de Miranda ter feito uma busca em toda minha vida e de Rachel agora até de uma garotinha iria suspeitar. O dinheiro e a ganância enlouqueciam qualquer um, aprendi isso da pior maneira.

- Eu estava na mesma sessão de debates que você, meu pai está trabalhando hoje e eu quis passar o dia com ele, adoro esse lugar, mas por algum motivo eu sentia que precisava vir hoje aqui, quando eu te vi no salão de debates eu não acreditei no que meus olhos mostravam, achei que estava alucinando depois de tudo que Peter havia me contado sobre o que aconteceu e que apenas estava vendo aquilo que desejava. – Dorian murmurou com um tom de voz firme, seu olhar me analisando com atenção como se estivesse em busca de algo em particular, uma prova talvez. – Eu apenas a vi de relance, mas eu tive a certeza que era você; eu nunca mais vou esquecer o seu rosto, a garota que partiu o coração de meu melhor amigo e vê-la ali ... Eu não podia deixar você partir sem antes falar contigo, seria ir contra a oportunidade que me foi dada. – O que eu havia feito? Na realidade, o que estava fazendo, me mantendo sentada ali, relaxada e tranqüila como se estivesse tendo uma boa conversa com um velho amigo. Eu adorava Dorian, mas não podia continuar ali, fingindo que tudo estava normal, entrando em seu joguinho emocional para saber o que de fato passa em minha cabeça. Com um movimento só peguei a minha bolsa ficando de pé, não conseguiria agüentar ficar ali por mais tempo, ouvindo aquelas duras verdades, iria acabar sucumbindo a falar a verdade e não podia fazer isso, por mais que eu quisesse, eu precisava me lembrar que a minha felicidade não era a mais importante do mundo, eu tinha que fazer isso por Rachel.

- Me lembrei agora que estou no lugar errado, eu marquei com minha amiga no pátio principal, que cabeça a minha! – Dei um sorriso falso com uma expressão falsa de esquecimento, olhando meu relógio. Tentei dar firmeza em meu tom de voz, mas ele saiu mais falso do que antes. – E já estou atrasada, é melhor eu ir indo, me desculpa.- Comecei a me afastar do ambiente, mas gelei ao ouvir Dorian me seguir.

- Você acha que nós somos idiotas? Okay, eu posso ter esse jeito de ser extrovertido e brincalhão, mas isso não quer dizer que eu sou um imbecil completo. Tenho 24 anos, mas tenho a maturidade de alguém de 50 e ninguém me faz de trouxa. Toda essa sua atitude e olhar perdido estão deixando bem claro para mim que você está escondendo algo. Eu sei muito bem o que aconteceu para você terminar com o Peter e temos certeza, eu e Amelia, que Miranda tem algum envolvimento nisso. – Olhei para Dorian com uma sobrancelha erguida, toda aquela seriedade e certeza se esvaiu com meu olhar e ele encolheu os ombros, eu precisava fazê-lo acreditar que não

havia nada a esconder, que era coisa de sua cabeça. – Eu sei que algo aconteceu, mas não podemos provar nada a Peter e sem provas ele vai continuar acreditando nas suas terríveis palavras. Se você ao menos dissesse a verdade para mim, esse mal entendido acabaria e poderíamos resolver isso agora mesmo. – Como me senti tentada a essas palavras, mas não ... não podia. - Por favor, apenas me diga a verdade, não é possível que a Katerina que meu amigo e minha noiva conheceram e amaram, na verdade seja uma impostora, fria e cruel. Eu não posso acreditar nisso, pelo bem de Peter, não posso... Por favor!

- Mas vai ter que acreditar. – Murmurei em um tom frio, tão falso, mas que saiu tão firme de meus lábios que me fez arrepiar, sentindo um nó em minha garganta. – Eu sinto muito pelo sofrimento que causei a Peter. Não há nenhuma verdade a dizer, além da que já foi dita. – Dorian me olhou com surpresa como se esperasse uma virada naquela situação, continuei a observá-lo seria. - E peça para a Amelia não me ligar mais, eu não tenho mais nada a dizer a nenhum de vocês, é mais fácil que vocês finjam que eu nunca existi, assim ele irá seguir em frente, talvez com alguém que realmente o fará feliz. – Enruguei meu cenho, notando o tão inocente e frágil Dorian parecia agora, seu olhar esperançoso se transformou em um mar de tristeza e eu podia sentir que era assim que eu transparecia mesmo com toda a minha frieza. – Adeus, Dorian. – Comecei a andar em passos tranqüilos tentando mostrar que aquele momento não me afetará de modo algum, mesmo que fosse o contrário.

- Katerina! – Ele me chamou, não queria me virar, mas o fiz vendo que o mesmo se mantinha parado no mesmo lugar com as mãos enfiadas nos bolsos de seu sobretudo e um olhar decidido em minha direção. – Eu não acredito em você.

- Eu não estou pedindo que acredite.

- Por isso mesmo que não acredito. Uma pessoa quando diz a verdade se entrega totalmente ao que diz, como você está fazendo agora, sua expressão e fala demonstram desdém e desinteresse, transparecendo a verdade através dessa atitude, mas você ... Você fala e fala, diz que acabou e que foi uma diversão e que Peter não foi nada a você, mas eu só escuto blá-blá-blá ... O seu olhar *grita* por Peter, seus lábios se contorcem de dor, como também consigo ouvir o seu coração se acelerar

quando falo nele e tenho certeza que está controlando cada lágrima que quer descer dos seus olhos porque você é orgulhosa e está lutando não só contra essa mentira, mas contra você mesma. – O observei em choque, enruguei meu cenho me sentindo nua com suas palavras, Dorian apontou um dedo em minha direção com uma expressão decidida. - Eu vou descobrir toda a verdade cedo ou tarde, e você e Peter vão ficar juntos novamente, como deve ser, nem que eu tenha que colocar Londres abaixo, eu vou descobrir a verdade pela felicidade do meu melhor amigo e pela sua. – Dorian disse com um tom de voz e olhar firme tomando toda sua expressão, nada disse, escondi um sorriso no canto dos lábios, o observando em admiração, era isso que melhores amigos faziam, lutavam até o fim pelos seus irmãos de almas, como fiz por Rachel, observei Dorian se afastar do ambiente sem dizer mais nada, a brisa batendo em seus cabelos e o seu sobretudo parecendo uma longa capa como a de um super herói, aos poucos ele sumiu de minha visão, escondido entre longos arbustos e arvores, senti uma esperança crescer em meu coração partido, se ele descobrisse a verdade.

Oh, como seria perfeito !, mas na vida não acontece coisas perfeitas, se não teríamos razão para vivermos aqui nesse mundo e por fim, me afastei do ambiente, sentindo algumas lágrimas descerem pelo meu rosto de forma pesada, percebendo que na realidade estava me afastando da minha última chance de reverter o sofrimento de alguém que eu realmente gosto, de reverter a minha dor também e essa era uma caminhada sem retorno.

Ao reencontrar Rachel eu já estava recuperada de uma sessão de choro que tive escondida atrás de uma arvore, depois de arrumar minha maquiagem e treinar um grande sorriso falso seguimos o nosso passeio, para Rachel nada havia acontecido comigo, mas para mim ainda era difícil acreditar que havia acabado de conversar com Dorian que mal podia imaginar o tão certo em crer que havia uma verdade por trás dos últimos acontecimentos.

Para a minha infelicidade e a de Rachel, já que o jovem italiano iria seguir um rumo diferente do nosso, não consegui reservar ingressos para visitarmos a torre do Big Ben, e nem conseguiríamos comprá-los agora, todos os ingressos para o fim de julho e inicio de agosto para tal passeio já estavam esgotados com quatro meses de

antecedência, então tivemos que nos contentar em apenas tirar fotos do mesmo, do lado de fora do palácio o que era uma grande distância, não era o bastante para mim, mas estava satisfeita.

Havíamos perdido a completa noção do tempo passava da uma da tarde e já deveríamos estar em Soho para almoçar com Roux, liguei ao mesmo enquanto Rachel me guiava na direção de um ponto de ônibus

- Tio! Sou eu, Kate. Pelo amor de Deus, não surte, estamos bem. Apenas perdemos à hora durante o passeio por isso estamos atrasadas. – Murmurei, mordendo os lábios conhecendo bem a família Braga já tinha a certeza que pelo menos a policia federal já deveria estar a minha procura. – Mas já estamos indo para ai. Se você estiver com muita fome pode almoçar sem nós, entenderemos. – Rachel olhou para mim com os olhos semicerrados.

- Se for para ele comer sem a gente porque estamos indo para lá, Katerina? – Rachel questionou em um sussurro nada hóstil para não dizer o contrário. – Pense!
- Isso se chama educação, Rachel! – Respondi em um sussurro para que só ela escutasse. – Você deveria tentar.

- É um alivio saber que estão bem e um maior ainda, em saber que estão atrasadas. Estava temeroso que vocês chegassem e eu não pudesse dar atenção a vocês ... Estou atolado de afazeres nessa manhã e estou tentando terminar a parte burocrática mais difícil e demorada para poder almoçar com vocês ... – A voz dele soou do outro lado da linha.

- Então acho que esse atraso veio de uma maneira positiva. Em meia hora estaremos ai, acha que até lá estará livre para levar sua sobrinha favorita e a melhor amiga dela para um almoço britânico? – Falei com um sorriso leve nos lábios. – Peixe e fritas com muito vinagre?

- Por Deus! Acho que vou começar a nutrir um vicio nada saudável em sua vida, espero que Vi não surte ao ver seu nível de colesterol aumentar depois dessa viagem por culpa do excesso de peixe e fritas. – Ele disse em um tom brincalhão e eu ri como uma criança. Sim, sim ... Já consegui me livrar de boa parte desses afazeres,

agora só estou preso a dois, vou até desligar para agilizar o serviço. Até daqui a pouco, Kate.

- Até! – Respondi, desligando a ligação, seguindo Rachel que notei parecer um pouco irritada. – O que foi? Está com essa cara de maracujá porque ...?

- Eu ... eu só não gostei do modo que você falou comigo ... dizendo que eu deveria tentar ser mais educada. – Rachel disse em um muxoxo, afundando as mãos nos bolsos traseiros de sua calça skinny vermelha.

- Você entendeu o que eu quis dizer. – Rachel me olhou com ambas as sobrancelhas erguidas e enruguei o meu cenho. – Porque você não abre o jogo e diz logo o que está se passando nessa sua cabecinha cheia de questões e dúvidas.

- Não é nada, é só besteira minha. – Rachel deu de ombros, olhando ao arredor.

- As suas besteiras são minhas também. Fala. – Disse suplicante, empurrei seu ombro com o meu. – Eu vou começar a dançar no meio da rua se você não falar, e vou tirar minha roupa durante toda a ação, vai ser um mico enorme e vai parar no youtube e você vai ser reconhecida para sempre como a amiga da garota que faz a dança maluca no meio de Westminster.

- Você não teria coragem. – Rachel retrucou com um tom zombeteiro e eu parei de andar com os lábios em uma careta, enquanto olhava ao arredor.
- Eu acho que tenho sim.

- Eu já disse Kate, é besteira. – Rachel disse incisiva, parando de andar e me olhando séria, eu retribui o olhar e a mesma revirou seus olhos castanhos escuros. – Eu estou com inveja, pronto falei. Viu, é besteira?

- De que? De quem? – Questionei, em choque, voltando a andar ao seu lado.
- De você. – Ela disse em um tom estridente de voz, como se fosse algo óbvio.

- De mim? P-porque? – Questionei agora não compreendendo bulhufas.
- Ah, eu não sei te explicar, é só ... Essa sua confiança em relação a tudo; ela

transborda de uma maneira desejosa, me faz querer ser assim também. Você está tão bem depois de ter terminado com Peter e eu ainda estou me remoendo com os destroços que Steve deixou em meu coração, eu sei que o conheço a mais tempo que você e Peter, mas mesmo assim eu só queria ter um pouco dessa sua confiança e determinação para poder seguir em frente e me sentir *Rachel* denovo. Foi tão estranho flertar com aquele italiano, não parecia certo, eu sentia como se o Steve fosse aparecer a qualquer momento e você estava lá, sendo a Rachel que eu sempre fui, respondendo aquele garoto toda sexy e focada em seus próprios interesses, o deixando encantando. Você acredita que o meu flerte não me deu nem o número de celular dele, mas o seu deu para mim, pedindo para repassar para você, já que ele se sentiu intimidado pela sua misteriosidade? – Rachel disse com um tom de voz firme enquanto eu a olhava em choque.

- Eu acho que essa palavra não existe, mas tudo bem, continue...

- Mas de tudo isso, o que está mais pesando é o meu estágio, se tudo der certo e dará, passaremos tão pouco tempo juntas durante essa viagem, e não era para ser assim; é a viagem dos seus sonhos, estamos planejando ela desde nossos onze anos de idade, eu queria estar cada segundo ao seu lado, mas pelo visto, isso não será possível. Eu sei que estou sendo egoísta, mas você vai passar mais tempo com o Roux do que comigo e é tudo culpa minha, daqui há alguns anos você estará contando aos meus filhos e aos seus sobre essa viagem e eu só poderei dizer hum-hum concordando com tudo, mas sem incluir fatos interessantes e vergonhosos sobre o que você disser porque eu não terei vivido aqueles momentos com você. Eu disse que era besteira, mas é o que estou sentindo. – Rachel concluiu, me olhando com uma expressão constrangida; era mais difícil para ela falar sobre os seus sentimentos do que para mim entender a diferença entre um Dior e um Chanel.

- Rachel, você não precisa ter ciúmes da minha confiança, você é um poço de determinação e audácia, você só está ferida, precisando reencontrar o seu porto seguro e quando você achá-lo, o que não vai demorar, tenho certeza que serei eu a ter inveja. – A olhei pensativa, vendo pela sua expressão minhas palavras funcionarem, contudo seu olhar continuava partido e sem foco. – Dói, sabia? Ter terminado com Peter, dói e muito, eu só sou boa escondendo isso, mas foi o certo a fazer de uma

maneira errada, do mesmo modo que foi no seu caso. – Rachel me olhou com certa preocupação, buscando em meu olhar o que havia acabado de sentir, tentando encontrar a dor mencionada e a achando, bem mais pesada e dolorida do que eu havia descrito, sorri de leve a distraindo, jogando meu braço em sua cintura. - E não tenha ciúmes de Roux, eu entendo a sua situação e você não tem ideia de como estou feliz pelo seu estágio e o futuro maravilhoso que lhe espere, então eu quero que você curta esse momento, óbvio que desejo você ao meu lado durante essa viagem, mas daremos um jeito, certo?

- Sempre damos. – Rachel disse em um sussurro.

- Então, pronto.Você tinha razão, você realmente estava cheia de besteira na cabeça. – Ri e vi que ela imitou meu gesto. – Mas fico feliz que você a tenha dividido comigo.
- É, eu também. – Ela respondeu agora com um sorriso nos seus lábios, podia sentir ela me observar e foi quando ela sussurrou – Kate!

- O que? – Questionei, sorrindo a olhando com atenção.
- Eu sinto muito. – Ela disse com uma profunda magoa, o cenho enrugado e os lábios em uma forma de linha.
- Pelo que? Não me diga que você comeu o pacote de mashmallow que estava escondido em minha mala, Rach! – Disse em falso protesto.

- Não, eu sinto muito por você e o Peter. – Aquele sorriso em meus lábios se desfez lentamente, enquanto a observava olhar ao arredor pensativa, sentindo meu coração ficar tão pesado em minha caixa torácica que suspeitava que ele iria sair de meu peito. – Eu achava que vocês eram feitos um para o outro ... Até comecei a ter fé em amor verdadeiro depois de vê-los juntos. Por isso eu sinto muito por não ter dado certo.

- É, eu também sinto. – Respondi de uma forma vazia e inaudível. Rachel não tinha ideia do que se escondia em meu coração e isso era bem mais doloroso do que ter perdido Peter e eu perceberá isso agora.

De acordo com Rachel o nosso ônibus iria demorar dez minutos, perguntei qual era o

número do mesmo e seu itinerário, mesmo com essas informações, ela disse para sossegar que em Londres os transportes públicos são bem diferentes de minha vida em Durham, eles respeitam drasticamente um rigoroso horário; óbvio, que fiquei em dúvida, olhando com atenção a avenida na esperança do ônibus surgir e poder dizer com pompa a Rachel *Horário rigoroso? Sei*, contudo foi ela que me olhou convencida quando em dez minutos exatos o nosso ônibus apareceu.

Passamos pelo The Westminster Collection e cruzamos a rodovia principal Whitehall, foi uma pequena viagem de doze minutos, em Durham eu teria que em uma circunstancia dessa caminhado, mas em Londres as ruas pareciam longas avenidas com caminhos complicados e sinuosos, fazer esse trajeto a pé, não me parecia muito confortável e seguro, contudo nada era impossível, mas confesso que a comodidade do ônibus é ótima, pude tirar diversas fotos da paisagem enquanto ouvia Rachel resmungar em meu ouvido sobre a falta de criatividade que estava tendo para terminar o seu portfólio, o sono que sentia e que estava morrendo de calor com aquele casaco de jeans e botas de camurça, ela deveria estar apenas tendo um dia ruim ou entrando em sua TPM, tentava mostrar a ela as melhores soluções para seus problemas, como prestar atenção no mundo ao seu arredor e tirar a noite para terminar o portfólio, tinha certeza que isso ajudaria; mandei ela tomar um copo de café assim que chegássemos no Soho e que ela tirasse o casaco, mas que ficasse com as botas, ninguém era obrigado a sentir o chulé de seus pés; você pensa que ela aceitou meus conselhos? Não, ela reclamou mais ainda, quase me enforcou por eu ter chamado-a de chulézenta e criou novos problemas, agora tenho certeza absoluta que ela está na TPM, primeiro o ataque de ciúmes e agora isso, ela está no estado **T**ocou **P**erguntou **M**orreu, salve-se quem pude. Para a sua infelicidade tivemos que saltar e fazer o resto do trajeto a pé, o ônibus não seguia para Soho, ia para Hampstead, sendo assim passando apenas próximo.
Por incrível que pareça o humor de Rachel mudou drasticamente assim que adentramos no centro de Soho, tudo graças ao clima moderno e sofisticado que apresenta e principalmente por ser o bairro onde moda respira nos quatro pontos; lojas e mais lojas de grandes marcas e algumas em ascensão se encontravam em cada pedacinho daquelas longas calçadas de sua rua principal; era o bairro feito em moldes para Rachel e eu podia ver pelo seu olhar e sorriso contente que ela sentia isso. Ela

me dizia que as maiores lojas de jeans do mundo se encontravam naquele bairro, e continuava a falar, me contando mais fatos envolvendo Soho e moda, enquanto me carregava para ver a centésima segunda vitrine em menos de quinze segundos, já tomando nossos cafés quentinhos recém comprados na *Starbucks*, podia notar que já havia chovido naquela manhã, mas graças a Deus agora apenas havia uma brisa gélida no ar anunciando que mais chuva viria, mas não agora e isso ajudava muito no nosso dia. Além das lojas de roupas, podia notar uma grande variedade de restaurantes: italiano, marroquinos, chineses, brasileiros e uma enorme rede de fast-foods que parecia dominar cada esquina como também as populares bancas de frutas e comidas orgânicas que Rachel fez questão de parar e fazer suas comprinhas saudáveis juntando as suas novas aquisições com as sacolas de três lojas de roupas diferentes, enquanto isso aproveitava para paquerar, a sua mira agora estava em um grupo de garotos roqueiros que passavam por nós naquele instante, seus olhos fixaram em um ruivinho que ficou vermelho ao notar ser fonte de admiração de alguém; mesmo influenciada pela TPM uma coisa eu tinha certeza: Rachel estava retornando a ser aquela Rachel de sempre, aos poucos, mas estava.

Se tivéssemos mais algum tempinho iria carregá-la para a Chinatown Londrina que pelos meus cálculos não ficava muito longe da onde estávamos, eu ia amar poder comprar alguns cd's de bandas asiáticas que amo, alguns K-dramas e até mesmo bugigangas que nunca vi na vida, mas que saberia apenas com um olhar que precisaria daquilo para o resto da vida e eu sei que Rachel iria querer ir para lá pelos mesmos motivos e para paquerar os asiáticos bonitinhos, mas não tínhamos tempo para isso hoje, se não acabaríamos perdendo a hora novamente e acabaríamos perdendo a última visitação do dia na Westminster Abbey e não queríamos isso, pelo menos eu não.
Rachel se distraia em uma vitrine de jóias, em dúvida se deveria comprar um colar ou um par de brincos de diamantes lindos, meus olhos se perderam desinteressados daquela vitrine cara demais para minha carteira, mas acabei ficando surpresa com o que vi ao lado da tal loja: Maverick, a livraria de meu tio. Finalmente a encontramos.

- Rachel, é a loja do meu tio! – Disse maravilhada, observando cada pedacinho da mesma; era uma estrutura elizabetana com traços fortes da renascença, como colunas e frontões, que são adornos triangulares que ficam na parte superior de portas e

janelas, no caso da Maverick, na porta. Como a maioria das lojas a Maverick era do tamanho de uma casa normal, sendo que com uma aparência mais familiar do que qualquer um outro estabelecimento que eu já virá no bairro, toda feita de madeira, o letreiro, de mesmo material, apresentava cada letra em uma cor diferente e fixo na parede, lateralmente balançando com a brisa gentil do dia havia uma pequena placa com o nome do estabelecimento em madeira crua desenhado no formato de uma mão segurando um livro, na fachada haviam duas janelas revestidas com grandes pretas, em um dos vidros uma pequena placa escrita: *Precisa-se de Vendedor (a)* estava fixada, ambos os parapeitos com plantas e abaixo das janelas havia canteiros de grama com algumas flores delicadas de tom roxo nascendo.

- Desaprendeu a andar, congelou ou está com medo de levar um choque térmico ao entrar na loja? – Rachel questionou com sarcasmo, indicando com a cabeça para entrarmos no local, as mãos dentro dos bolsos do casaco e dando alguns pulinhos característicos de quem está a sentir frio. – Está congelando aqui fora, Kate. Vamos!

- Quando você estava admirando jóias e roupas não estava *tão* frio assim ... – Resmunguei cruzando os braços a olhando como uma criança mimada sendo censurada.

- É diferente. Meus hormônios estavam animados com a ideia de novas peças de roupas e acessórios deslumbrantes, mas a ideia de entrar em uma livraria é mais broxante do que um cara com um pen ....

- NÃO! – Gritei, tapando os meus ouvidos. – Eu não preciso ouvir isso! Vamos entrar. Entre! Entre! Entre! – Indiquei com as mãos apressadamente querendo apenas esquecer o que minha imaginação suponha que Rachel iria falar, com um sorriso vencedor, ela me obedeceu e eu revirei meus olhos.

Rachel adentrou no ambiente, um tilintar de um guizo anunciou a sua entrada, logo seguida pela minha, Rachel seguiu na direção da cafeteria, enquanto eu segurei a porta para uma senhora que estava a sair, a mesma agradeceu surpresa e gentilmente a observei descer com certa dificuldade os degraus, mas não parecendo ligar para sua debilidade já que comentava comigo sobre o tempo feio do dia de hoje, fechei a porta

fazendo os guizos tilintarem novamente assim que ela se fora.
A livraria, muito iluminada e organizada, estava bem mais quentinha do que eu poderia esperar, a minha esquerda notei o causador de tal deliciosa sensação, uma lareira que estava devidamente acesa, a sua frente diversos *puff's* e cadeiras espalhadas de modo estratégico, ao meu lado direito logo na entrada uma charmosa cafeteria, dando um ar cômodo ao ambiente, onde Rachel já estava a tomar um copo de café, o terceiro do dia; toda a livraria era bem a cara de Roux, comodidade e liberdade ao leitor para escolher o seu livro sem pressa e pressão. Havia diversas estantes espalhadas por todo o ambiente, do mesmo modo que haviam poltronas aos seus arredores, algumas até ocupadas, na realidade, a loja estava bem movimentada deveria ser o horário, um pouco mais afastado subindo exatos três degraus entravasse em um segundo ambiente apenas com estantes repletas de livros, um pouco mais ao fundo da loja um grande balcão onde era o caixa com dois atendentes, uma garota de cabelos loiros e de estilo gótico evidente que estava sentada preguiçosamente lendo um livro pocket sobrenatural e o outro um jovem de feições asiáticas sorridente que agradecia naquele momento gentilmente uma senhora com uma menininha assim que concluiu uma venda.
Olhava ao arredor, admirada com a beleza de todo o ambiente, mas estava focada em encontrar Roux, como não estava sucedendo em tal busca fui em direção ao jovem asiático atrás do balcão, agora concentrado no computador a sua frente, ele parecia ser o mais gentil de todos os outros atendentes, pelo que contei cinco ao todo, abri o meu sorriso mais simpático sentindo Rachel em meus encalços:

- Olá, boa tarde, Lee. – Murmurei lendo o seu nome em uma pequena plaquinha de metal presa em na blusa de sua camisa rosa clara social. - Poderia me dizer onde posso encontrar Roux? – O rapaz me olhou desconfiado, seu olhar se desviou na direção de Rachel e em segundos ele abriu um grande sorriso, voltando seus olhos em minha direção, mas não com o mesmo interesse.

– Você deve ser Katerina ... – Ele disse em um sotaque britânico forte me levando a crer que ele vive aqui há muito tempo, concordei com sua pergunta direta com um sorriso leve.
– Roux não para de falar sobre você e sua visitação a Londres, já estávamos achando que você era uma criação da imaginação fértil de nosso chefe... – Não dúvidava dos

motivos. Vou levá-las até ele. – Ele voltou seu olhar a Rachel e pensativo olhou para a colega de trabalho. - Sabrina, essa é Katerina, a sobrinha do Roux e você é ...? – Ele questionou franzindo o cenho na direção de Rachel que abriu um sorriso malicioso conseguindo exatamente o que queria, pude notar que a tal Sabrina nos olhava sem interesse algum, acredito que o livro era bem mais interessante ou éramos simplesmente sem graças em seu conceito.

- Quem você quiser que eu seja. – Engasguei com o próprio ar ao ouvir a resposta de Rachel, começando a tossir freneticamente vendo o jovem se afastar do ambiente em direção ao segundo ambiente da livraria com um sorriso sapeca nos lábios, Rachel deu dois tapinhas em minhas costas com um sorriso malicioso indo a minha frente com seu andar mais sensual, enquanto eu olhava para ela descrente. É, ela voltou, em menos de 3 horas. Segurem seus namorados/maridos/interesses amorosos mulheres, Rachel Ray está de volta para o bem ou o mal.

Lee nos guiou entre as estantes, já entrosado em uma conversa com Rachel, que dava risadinhas contidas, mas altas o bastante para mostrar interesse no que ele lhe dizia, podia ser sobre a mais nova comédiaa teatral no *Shakespeare's Globe Theatre* ou a guerra no Iraque, ela dava essa risadinha que 97% das mulheres davam quando querem a atenção masculina e mostrar que estão interessadas por aquele espécime; eu odeio esse tipo de risadinha.

Adentramos em um pequeno corredor com três portas e ao fundo uma escada circular, de modo simpático, Lee fez um breve tour do lugar as portas do lado esquerdo eram respectivamente a cozinha e banheiro, a escada levava diretamente ao estoque e a porta restante era o escritório de meu tio, Lee pediu licença e bateu na porta, entrando no recinto assim que ouviu o comando de Roux, rapidamente Rachel se aproximou de mim pedindo para encobertá-la com Roux, já que ela não iria almoçar conosco ...

- O que? – Questionei em choque, Rachel fez uma careta levando um dedo aos lábios para que eu falasse mais baixo. – Que?

- É o horário de almoço do Lee e ele me convidou para almoçar e é claro que eu

aceitei. – Rachel disse com um grande sorriso, olhando de mim para a porta do escritório. – Então ... você vai me acobertar ou terei que fingir uma dor súbita de estomago e apenas Lee pode curá-la com suas mãos mágicas e lábios carnudos?

- Rachel, menos informação! – Murmurei, fechando os olhos com alguns dedos na têmpora, pensando. – Rach, você tem certeza disso? Você acabou de conhecer ele e ... Bom, não tem nem 24 horas que você e Steve são passados, não acha que é um pouco ... precipitado?

- Não. – Rachel disse dando de ombros, o seu olhar ansioso na direção do escritório. – Olha, nós somos diferentes nesse departamento, Kitty, por isso você acha que é um pouco precipitado, já que você se sentiria desse modo se estivesse no meu lugar, mas pode ficar tranqüila, eu quero isso; me divertir e conhecer um rapaz bacana que me faça feliz por algumas horas ...– Olhei para ela com o cenho enrugado, ela segurou minhas mãos passando confiança em suas palavras. – Eu sou assim, Kate. Livre como o vento, não há nada nesse mundo que possa me prender há algo ou alguém, apenas eu mesma.

Não falamos mais nada nos minutos que se sucederam, Lee e Roux saíram juntos do escritório, o primeiro com alguns papeis em mãos, logo se aproximando de Rachel enquanto Roux trancava o escritório.

- Então, vamos? – Lee questionou tímido a Rachel que sorriu em resposta. – Só vamos deixar isso no balcão antes, okay?

Rachel concordou e se aproximou de mim dando um beijo em minha bochecha, Lee assentiu a cabeça para mim em despedida e segurou a mão de Rach, indo embora com a mesma, assim que eles sumiram na direção de um corredor de estantes Roux veio até mim, arrumando seus óculos de fundo de garrafa olhou o corredor, sentindo falta de duas pessoas ...

- Cadê a raposa? – Roux questionou enquanto já caminhávamos.
- R-raposa? – Questionei em dúvida, rindo. – Da onde você tirou esse apelido para Rachel?

- Ruiva, livre e arisca quando provocada. – Roux disse erguendo ambas as sobrancelhas, abrindo a porta do estabelecimento e dando espaço para eu sair, ele acenou para a atendente da cafeteria que lhe desejou um bom almoço. – Para você também ... coisinha. – Ele disse esse último assim que saímos da loja, o olhei seria. – Eu sou péssimo com nomes, você sabe muito bem disso.

- É, eu sei. Por isso você dá apelidos para as pessoas, se torna algo pessoal e é mais prático para você decorar. – Murmurei, acompanhando seus passos na direção leste da livraria, por sua vez, ele arrumava seu chapéu, ele me olhou com o cenho enrugado, dei de ombros. – O que posso fazer se eu te conheço bem. Na minha humilde opinião, eu creio que você deveria aprender o nome das pessoas, é mais profissional.

- Sua mãe sempre diz isso. – Roux disse entortando os lábios e cumprimentando a dona de uma barraca de frutas. – Está cada dia mais parecida com ela, Sunny girl. – Sorri ao ouvir o apelido que ele me dera no primeiro momento que me pegará em seus braços, tinha minutos de vida, coloquei meu braço em volta de sua cintura em um abraço.

- Nah! – Retruquei com uma careta. – Eu estou cada dia mais parecida comigo mesma, isso sim. – Roux deu um empurrou com seu ombro no meu e riu.

- Me diga: é impressão minha ou Rachel tem a habilidade de ficar invisível e nos acompanha sorrateiramente ou ela não vai almoçar conosco? – Entortei os lábios e ele sorriu.

- Sim, ela é invisível, a anos guardo esse segredo e é tão bom poder dividi-los com alguém, a propósito, ela está bem atrás de você com uma tesoura de tamanho considerado na direção de seus cabelos e eu não queria lhe dizer isso, mas acho, apenas acho que ela pretende cortá-los. – Roux se virou em um giro rápido com uma das mãos na nuca como se fosse impedir a tal ação imaginaria, comecei a rir com o seu pavor enquanto algumas pessoas nos olhavam. – Você sabe que estou brincando, né?

- Claro. – Em seguida levou as mãos nos cabelos, só por garantia.

- Ela pediu para eu acobertá-la; ela saiu com o Lee. – Afundei minhas mãos em meus bolsos e olhei para Roux, pensativa. – Ele é um bom rapaz?
- Quem? – Roux questionou perdido.
- Lee. – Disse firme. – O Lee que saiu com Rachel, minha melhor amiga, aquela que você chama de raposa.

- Ah, o verdadeiro Jaspion. – Murmurou parecendo saber de quem eu estava a falar. – Lee Joon Kyung é um ótimo rapaz, educado, inteligente, veio de uma boa família, faz direito em Oxford e está criando a irmã mais nova; é um ótimo partido para a raposa.

- Pena que não vale o mesmo para ela. – Falei mais para mim, mas Roux ouviu e eu apenas balancei a cabeça em negação.
- Então, mudou de ideia sobre o nosso almoço ou aquela sua ideia de minutos atrás ainda está de pé?
- Sim, senhor. – Respondi com animação. – Nenhuma alteração.
- Peixe com fritas então será ...

Roux me levou em seu pub favorito, graças ao horário o local se encontrava abarrotado e ainda havia pessoas que tentavam encontrar um lugarzinho para poder almoçar ali, outras simplesmente pediam o almoço para viagem e se davam por vencidas em comerem em seus escritores/casa, o que foi bem diferente para mim e Roux, o dono do lugar, Benjamin é um dos seus primeiros amigos na Inglaterra, um senhor alto, parrudo, com o rosto coberto por sardas e os poucos cabelos que tem são ruivos cenoura, engraçado e de atitude amigável, ele me contava como os dois haviam se conhecido na faculdade, enquanto nos direcionava ao segundo andar do ambiente, onde também se encontrava lotado, contudo haviam mesas reservadas ali que como dito por Benjamim, era para as pessoas essências em sua vida. Roux pediu o prato do dia, rosbife e eu, óbvio, pedi peixe com fritas e muito vinagre, o dono prometeu caprichar o almoço de seus dois clientes favoritos.

- Mas não contem isso a ninguém, senão perco meus clientes e ficarei desempregado e terei que viver na casinha do Jack, o pulguento e tenho certeza que ele não vai gostar nada disso.- Benjamin disse em tom de brincadeira que nos fez rir e antes de

sair, falou para mim. – É bom tê-la em Londres, Katerina, era o maior desejo de seu tio tê-la aqui e é bom ver isso se realizar.

- Concordo em número, gênero e grau, Senhor Benjamin. – Respondi com um sorriso gentil nos lábios.

Aproveitamos o almoço para continuar a colocar o nosso papo em dia, conversamos sobre as novidades em nossas famílias, em seu trabalho e meu futuro como universitária, acabei por me lembrar da carta que eu havia recebido e minha mãe enviou para Roux, de Cambridge, mas ele disse que não havia recebido nenhuma correspondência diferente da habitual, entretanto minha mãe já o havia alertado sobre e ele estava de olho e confessou que acredita que eu tenha passado para tal universidade, mas não quis me manter presa nessa conversa, logo após sentir um frio curioso em meu estômago, pensei que era fome e comecei a me entupir de batata frita, já pensando em pedir mais.
Algumas batatas fritas mais tarde, senti meu celular vibrar e acabei por receber notícias de Rachel quando estava me delíciando do meu terceiro pedaço de peixe empanado:

Rachel
Sou uma ótima atriz, estou fingindo para Lee que NUNCA estive em Londres e ele está todo bobinho me mostrando as redondezas. Se ele perguntar, sustente minha atuação. Nos encontramos na Maverick.
xoxo

Não consegui conter a risada, imaginando Rachel fingindo ser uma turista perdida e curiosa com cada detalhe na cidade, mas ai me lembrei da descrição que Roux havia feito sobre Lee e me senti mal por ele, as vezes ele estava a procura de uma diversão como Rachel, mas se ele não estivesse teria em breve seu coração partido, infelizmente ... Papo vai, papo vem, Roux se assustou ao notar que já deveria ter voltado a livraria, ele estava esperando um representante de uma editora para uma reunião, assim que chegamos na Maverick, Roux diz que, já que iria esperar Rachel voltar, poderia aproveitar o tempo escolhendo qualquer livro da loja para mim que será um pequeno presente dele, apenas tendo que mostrar o mesmo a Sabrina para

ela anotar o valor para ele depois pagar, me ânimo com tal surpresa enquanto ele avisa Sabrina sobre.
Você percebe que é viciada em determinada coisa - cd, livro, roupa, chocolate, etc. quando está numa loja sobre tal produto e percebe que tudo que chama sua atenção você já tem ou já teve o prazer/desprazer de conhecer, percebi isso agora ao notar que todos os livros mais atuais - a antigos - de grande sucesso ou não, eu já tinha em mãos ou já havia lido emprestado e não tinha interesse de tê-lo, contudo havia um em particular que chamou a minha atenção por eu nunca ter tido o interesse de ler, mas que agora despertou tal interesse, Comer Rezar Amar de Elizabeth Gilbert.

- *"A busca de uma mulher por todas as coisas da vida na Itália, na Índia e na Indonésia*."

– Li o subtítulo, analisando o livro de bolso em minhas mãos, abri em uma página qualquer para ler um trecho, apenas para conhecer o método de escrita de Gilbert, por algum motivo esse livro me atraiu apenas agora e eu acreditava em coincidências, do mesmo modo que acreditava em momento e talvez, esse livro fosse me ajudar no momento que estava a viver.
– "*Leve o tempo que precisar para sarar, mas não esqueça de um dia compartilhar o seu coração com outra pessoa."* Oh Meu Deus, eu preciso desse livro! – Disse em um tom de voz alto, uma moça que estava na mesma estante que eu me olho com estranheza e eu sorri com confiança, seguindo em direção do caixa, como o esperado, Sabrina estava avisada sobre o meu presentinho gratuito e me deu uma sacolinha de material reciclável com o emblema colorido da loja para colocar o meu mais novo livro, minha mãe iria adorar saber que adquiri esse livro, ela sempre o indicou para mim, dizendo que Elizabeth tem um modo de escrever e agir muito semelhante ao meu e que eu deveria ler, mas apenas vi o filme, culpo a Julia Roberts por isso e o Javier Bardem, é.

Consegui ler a introdução e os 13 primeiros capítulos antes de Rachel e Lee voltarem, não nos demoramos, logo nos despedindo de todos e partimos para a nossa segunda visitação do dia, a Westminster Abbey.
Me senti idiota de termos saído de Westminster e ido para Soho, deveríamos ter almoçado em algum lugar próximo a Casa do Parlamento, já que Westminster Abbey

era tão próximo dali, mas confesso que foi ótimo ter tido a chance de almoçar com meu tio, eu sentia tanta falta dele e pelo que parece Rachel adorou ter saído com Lee e pelo que ela disse, ele não estava interessado em nada sério não, ele estava tão ligado em apenas se divertir quanto ela.

Por sorte conseguimos comprar os ingressos para a última visitação do dia na Westminster Abbey, por Rachel odiar tour's guiados, compramos os direitos para o tour sonoro que cobre as principais partes da Abadia, recebemos um aparelho que lembra muito um gravador e que tínhamos que devolvê-lo no fim do passeio, pegando a nossa identidade que ficava na recepção como garantia.

Começamos pela capela de St. George seguindo para o túmulo de um desconhecido guerreiro e um memorial a Churchill, visitamos em seqüência três capelas, sendo a de São João Batista a que achei mais linda, deixamos para o fim os túmulos, eram diversos e nem todos os tour sonoro cobria então teria que explicar alguns fatos históricos a Rachel, já que eu prestava atenção nas aulas de História e Rachel só escutava quando a professora falava sobre Cleopatra e Maria Antonieta, como quando visitamos o tumulo de Maria I e ela não tinha conhecimento sobre a mesma e tive que explicar que ela é lembrada pela sua tentativa de restabelecer o catolicismo como religião oficial, acabou por mandar executar mais de 300 alegados heréticos o que lhe valeu o cognome Bloody Mary - Maria, a sanguinária -, contudo muitas das suas ideias políticas foram abandonadas pela sua sucessora e irmã, Isabel I.

Terminada nossa segunda visitação, partimos para nossa terceira e última do dia, Churchill Museum e Cabinet War Rooms,considerados um dos melhores passeios em Londres, não podia deixar de conferir o bunker subterrâneo de 21 cômodos do Primeiro Ministro Winston Churchill e seu gabinete de guerra para as campanhas militares da segunda guerra mundial, novamente tivemos a sorte de conseguirmos os ingressos para a última visitação do dia, mas diferente do Westminster Abbey, de graça ganhamos o tour sonoro que foi de grande uso para mim, já que eu não conhecia tanto o lugar visitado.
Apenas quando saímos de lá vi em meu celular um mensagem de Joana dizendo em poucas palavras que não poderíamos nos encontrar hoje, já que ela e sua turma ficaram presos no Museu de Londres por mais de duas horas e só agora estavam se

dirigindo para a Torre de Londres, sem chances de paradas estratégicas para um encontro entre nós, respondi sua mensagem mostrando meu descontamento, mas marcando nossa saída para o dia seguinte.

Estava satisfeita com a minha programação, pelo visto, eu havia conseguido montar as visitações daquele dia de modo ideal, conseguimos visitar todas elas e ainda eram seis e meia da tarde, dependendo do que o futuro nos reservar dava tempo para até encaixar outras visitações, além do mais podíamos chegar em casa até as onze da noite, aproveitar parte da noite - em termos, já que nesse período o céu só escurece depois das dez da noite, como vou estranhar isso! -, mas não hoje, vamos mostrar um comportamento maduro e nada de se aproveitar da situação.
Estava conversando com Rachel quando passamos em frente de um restaurante japonês, o cheiro delicioso que saia de dentro do mesmo nos atraiu para dentro do estabelecimento de imediato. O lugar era de um ar familiar agradável, a iluminação era média em abajures circulares feitos de um tipo de papel que eu desconhecia, mas era próprio da cultura asiática, o ambiente tinha diversas mesinhas de madeira, de altura média e assentos acolchoados, espalhadas por todo o ambiente, haviam diversos clientes sendo atendidos por garçonetes de quimono, já que os cozinheiros eram todos homens que estavam atrás de um balcão negro.

- Ah, olha esse menu! – Rachel dizia, apontando no menu alguns pratos e suas representações em desenhos bem coloridos e apetitosos. Rolinhos primaveras, para de roncar estomago. – Quero comer cada um deles, se isso for possível! O que você acha? Topa jantar comigo, morena?

- Topo! Mas que tal jantarmos em casa? – Rachel me olhou pensativa, marcando uma página do menu com um dos dedos. – Ligamos para Roux e perguntamos se tem problema de levarmos a janta.

- Acho uma ideia conveniente, ainda mais depois de ontem, que mulher casada não sabe cozinhar um prato simples s
em colocar fogo na cozinha? – Rachel disse em choque, chamando uma garçonete, pronta para começar a fazer os pedidos, enquanto eu digitava o número de telefone de Roux.

- Olha só quem fala! Você não sabe nem fazer um macarrão instantâneo sem que ele vire papa ou grude na panela feito uma geleca carbonizada! – Ouvia toque de chamando do celular, esperando Roux me atender.

- Você só fala isso porque sabe cozinhar de tudo ... - Ela deu língua para mim, olhando ao arredor a procura da garçonete que havia chamado.

Rachel tinha sorte, nesse momento Roux atendeu e eu sugeri a ideia de levarmos a comida japonesa como jantar, ele adorou, dizendo que estava com desejo de comer um verdadeiro yakisoba japonês e não o genérico dele, a garçonete ainda não havia vindo até nossa mesa então roubei o menu das mãos de Rachel e comecei a dizer a Roux quais eram os pratos mais deliciosos, aos olhos pelo menos, para ele escolher um para Morgan. Perdemos alguns minutos, desde a escolha, o pedido ser feito e entregue em embalagens que lembravam as tradicionais casas japonesas com telhados desenhados e de paredes vermelhas vivas. Voltamos para casa de ônibus, o que seria uma trajetória considerada, mas isso não seria um problema, dividimos os fones de ouvindo escutando a Jessie J, 2NE1 e Lana Del Rey, cantarolando e fazendo pequenas coreografias, estávamos sentadas na última fileira podíamos pagar o mico que quiséssemos enquanto comiamos um saco cheio de rolinhos primavera.

Ao chegarmos em casa o cheiro de queimado e doce forte predominava o ambiente e eu torci para que fosse de um dos nossos vizinhos, mas não, era em nossa casa mesmo. Seguimos aquele aroma nada agradável adentrando na cozinha onde uma sorridente Morgan se encontrava varrendo o chão que estava cheio de farinha de trigo e outros ingredientes que não consegui encontrar, já Roux se encontrava com uma vassoura virada na direção do teto, tentando varrer o mesmo, foi quando notei que na realidade estava tentando tirar uma massa gosmenta bege que estava presa ali sem a menor pretensão de sair dali.

- O que aconteceu aqui? – Rachel questionou em choque, tirando o seu casaco.

- Um milagre! – Respondeu Morgan com animação parando de varrer o chão e se aproximando da mesa da cozinha onde se encontravam cinco ... bolos, pelo menos era o que eles tentavam parecer, em formatos tortos e cores estranhas os bolos

tentavam se manter equilibrados em seus pratos, mas no fundo pareciam prestes a desmanchar e despencar a qualquer momento, mesmo assim, pareciam deliciosos ou talvez estivesse apenas com muita fome. – Eu consegui fazer bolos. Eu disse a Roux que isso é um bom presságio, mas ele não acredita em mim.

- Um milagre? – Rachel questionou com deboche, abafando uma risada observando os bolos com atenção.
- Um milagre. – Dando um tom sombrio Roux murmurou lutando bravamente para tirar a massa de bolo do teto.

- Um bom presságio? – Questionei olhando para minha tia que varria o chão com tanta elegância que parecia uma daquelas princesas sofridas da Disney. – Como que uma massa estranhamente aderente a uma superfície pode ser um bom presságio?

- Eu consegui fazer bolos! – Morgan disse animada, olhei para Roux e ele largou a vassoura recostada a pia e ergueu ambos os braços vencidos, talvez pensando que a esposa enlouqueceu de vez e juro, até Jack, sentadinho ao lado do dono, olhava a dona com o mesmo olhar de cansaço.

- Ela é escocesa para ela qualquer coisa positiva e fora do comum é um sinal de bom presságio. – Morgan o olhou em choque e Roux ergueu ambas as sobrancelhas. – Não me olhe assim, sua família inteira age dessa forma ... Presos a rituais estranhos e superstições.

- Como se você não tivesse os seus! – Ela respondeu com as mãos repousadas na cintura.
- É, mas pelo menos eu não vejo nossa sobrinha como uma presságio de mudanças cósmicas. – Com um olhar semicerrado Roux respondeu, soando bem humorado.

- Olha só! Kate é salvadora da pátria. Me sinto em um episódio de Supernatural. Será que ela suspeita que você seja o receptáculo de Miguel ... Oh Meu Deus! – Rachel murmurou com animação atuada enquanto eles nos observavam pensativos. – Talvez de Lucifer!

- Totalmente de Lucifer. Kate tem o jeito do Sam; Cheia de questões, inteligente e

com um olhar de filhote abandonado irresistível. – Eu não sabia o que era mais estranho: Rachel achar que minha tia era um tipo de profeta típica da série Supernatural ou meu tio saber quem Sam Winchester é. Graças aos nossos olhares surpresos ele concluiu. – Eu assisto! Gosto do Bobby!

- É, eu também! – Rachel disse com um tom debochado. Ela gostava do Dean também, o que não é nenhuma surpresa.

- Eu não sei o que é isso, é um novo Best Seller, Roux? – Morgan questionou ingenuamente e eu me propus a explicar a ela que era uma série de televisão, com sete temporadas existentes, ela pareceu interessada com a história, mas não propensa a assisti-la e por fim disse. – Eu não tenho tempo para assistir televisão. Sempre há algo a se fazer como pintar um quadro, fazer uma escultura, limpar a casa ... – Rachel me olhou em choque, sussurrando: *Aonde que sua tia limpa a casa?,* revirei os olhos com seu comentário. Rachel era meio compulsiva obsessiva com limpeza, tudo bem que vivendo ali eu acabaria ficando como ela, mas se eles estavam felizes no meio daquela intensa zona, quem sou eu para dizer o contrário. - ... cozinhar para meu amado marido.

- Ah, que adorável! – Roux disse dando um selinho nos lábios da apaixonada esposa. – Mas eu já disse para você não cozinhar mais ...

- Mas eu gosto! Poxa, vocês me olham como se eu fosse um monstro culinário, mas vocês não sabem como fiquei feliz em ter conseguido fazer esses bolos. – Ela disse em um muxoxo e continuou ao notar nossos olhares pesarosos em sua direção. – Eu nunca consegui fazer um bolo, então quando consegui resolvi aproveitar a sorte e fazer um segundo, um terceiro, quarto, quinto, mas o sexto ... bem ... – Ela olhou para o teto como uma criança que acabara de fazer arte. – Você não vão querer saber como ela parou lá.

- Não! – Respondemos em uníssono.
- Au! – Retrucou Jack acompanhado nossa exclamação.
- Eu sei que sou uma péssima cozinheira, mas eu realmente gosto de cozinhar.

- Eu sei, amor, mas o *mundo* não gosta quando você faz isso! - Roux respondeu

girando o dedo em volta de todo o ambiente, ainda havia resquícios de ingredientes por todo o chão e tive a ligeira sensação que a massa no teto havia se movido nos últimos segundos, então falei a primeira coisa que me veio em mente.

- Vamos jantar no quintal? Lá em casa temos esse ritual de comer comida japonesa/chinesa no quintal já que tudo vem sempre embaladinho não precisando de apoio ou pratos, ai sentamos na escada ou no gramado mesmo, o que vocês acham?

Ninguém disse nada contra e partimos para o quintal.
A noite estava fria, mas não o bastante para prendermos dentro de casa e comermos na sala como uma família comum; a brisa gelada tocava minha pele e eu sentia um breve calafrio, logo me encolhendo mais em meu moletom azul marinho agarrada ao meu potinho de papelão com yakisoba não tão quentinho como gostaria, mas bom o bastante. Conversávamos aproveitando o momento como uma chance de ficarmos juntos; um dia em Londres e eu sentia que tantas coisas haviam mudado não só em mim, mas no mundo ao meu arredor, sempre valorizei as pequenas coisas, mas agora valorizava muito mais como esse simples momento no quintal com meus tios, de longe seria um dos meus momentos favoritos em toda minha vida.

Cada um seguiu para seus afazeres particulares assim que terminamos nosso jantar, Roux se trancou em seu escritório para solucionar alguns problemas de sua empresa, Morgan foi aproveitar a sua súbita inspiração e se fechou em seu estúdio, se concentrando em mais um novo quadro para sua exposição, já eu e Rachel fomos para cozinha, Roux liberou que descemos o fim que desejássemos aos bolos e mandou deixar a bagunça para ele limpar, óbvio que desrespeitei esse pedido; Rachel jogou fora quatro dos cinco bolos, deixando o de chocolate intacto em cima da mesa, comendo pequenos pedaços e dando alguns para mim e realmente não estava tão ruim como poderia parecer, como conversávamos o serviço fora fácil: limpamos todo o chão, Rachel lavou as louças, consegui arrancar a massa do teto com muito sacrifício e por incrível que pareça, em poucos minutos deixamos a cozinha com cara de uma, de fato, por fim, comemos um bom pedaço de bolo com refrigerante, deixando o mesmo no centro da mesa em uma vasilha própria.
Acabamos por cada uma partindo para nossas atividades particulares, Rachel disse que ia ligar para sua mãe e eu fui tomar banho, quando conclui foi a vez de Rachel

que não disse nada sobre sua conversa com sua mãe e eu não quis se intrometida.
Me afundei em minha cama olhando ao arredor, estava morta de cansada, mas inquieta; não queria dormir agora.
Me empoleirei em minha poltrona com meu netbook em mãos, passando toda as fotos de minha câmera para o computador, assim que o processo é concluído percebo que há diversas fotos de quando estava no cruzeiro, várias com Peter o que me fez me lembrar do meu inesperado encontro com Dorian e de nossa conversa, mas logo essa lembrança foi tomada por momentos com Peter que aquelas fotos despertaram em minha mente; eu sentia mais falta dele do que podia imaginar, segurei o pingente de coração como uma forma de controlar minhas emoções e aos poucos senti aquela tristeza se esvair de mim, apenas ficando um triste sorriso em meus lábios. Eu tinha que aprender a usar essas memórias como boas lembranças de um momento feliz em minha vida e não lembrá-lo sempre como algo triste e que nunca mais se repetirá, era isso que estava me destruindo e aprenderia a usar essa dor de modo positivo, já que por mais que ela doa, ela é nossa maior aliada para nos transformarmos em pessoas mais fortes e de terminadas.

Me foquei em mandar um e-mail detalhado sobre o meu primeiro dia em Londres para minha mãe e Chuck, colocando algumas fotos mostrando com mais detalhes os lugares aos quais fui, achei curioso eles não terem respondido o e-mail do dia anterior, mas o motivo deveria ser a colônia de férias de Chuck, minha mãe deve estar doidinha com as malas, regras e suas preocupações de mãe protetora, enquanto meu irmão deveria estar parecendo aquele esquilinho do filme *Os Sem – Floresta* de tão agitado, mas tinha certeza que no dia seguinte teria notícias de um deles; eles não consigam ficar sem falar comigo por tanto tempo.
Entrei em meu twitter para ver se descobria se minhas desconfianças eram verdadeiras, mas acabei por me lembrar de algo importante: Miranda havia conseguido hackear minha página e de Rachel. Eu não entendia nada sobre isso, mas uma coisa eu sabia: precisava mudar nossas senhas. As minhas foram fáceis, coloquei algo bem difícil que suspeitava que até eu mesma esqueceria em algum momento de minha vida, agora de Rachel fora difícil, eu precisava de uma desculpa para mudar todas as suas senhas de redes sociais e e-mails ela confiava em mim o suficiente para eu ter todas as suas senhas -, enquanto mudava a senha para o nome

de seu ator favorito, resolvi que a minha desculpa seria que eu enviei um vírus em massa para meus colegas então entrei em suas contas tentando salvar suas informações a tempo, ela acreditaria; Rachel não entendia nada de computador e internet, minha mentira estava salva.
Me desconectando do mundo virtual, me entreguei ao meu novinho diário de bordo começando a relatar o meu primeiro dia em Londres, tive a ideia de colar as melhores fotos dos lugares que fui, ia ficar bem bacana de relê-lo algum dia, com tantos detalhes e fotos, já tratei de colocar uma quantidade razoável de fotos em meu pen drive, no dia seguinte perguntaria a Roux se poderia usar sua impressora, se não teria que encontrar alguma loja em Londres para tal serviço.
Escrevi, escrevi, escrevi ... quando dei por mim havia me desconectado do mundo, Rachel já havia voltado do seu banho e estava sentada no assento acolchoado da janela com seu lap top no colo, lendo algo com atenção com seus cabelos presos em um rabo de cavalo e vestindo um pijama da Smurfette que eu sempre quis, mas quando fui comprar não tinha do seu tamanho.

- Rach, me lembrei agora ... Tive que mudar as senhas de seu e-mail e redes sociais, eu estava desatenta e acabei enviando em massa um vírus, preocupada que roubassem informações suas mudei todas as suas senhas, só por segurança. – Murmurei, a observando com atenção, a mesma tinha uma expressão cansada, mas não parecia duvidosa de minha mentirinha.

- Tudo bem, eu ainda nem abri meu *facebook*, por isso nem notei; qual é a nova senha? – Ela questionou pegando uma caneta e um post it roxo.

- Johnny Depp é meu marido em letras minúsculas e tudo junto. – Ela anotou tudo com um sorrisinho escondido nos lábios, colou o papel no cantinho da tela de seu laptop e voltou sua concentração para o que estivesse a fazer, o mesmo fiz.

Já passava da meia noite e eu continuava elétrica, muito sonolenta, mas sem a menor vontade de dormir. De maneira sorrateira fui até a cozinha com o meu diário de longas datas embaixo de meu braço, comendo um novo pedaço de bolo e um outro copo de refrigerante, decidi atualizar meu diário e notei que a última vez que escrevi nele eu havia acabado de conhecer Peter. Fiquei a encarar aquela página lendo e

relendo-a sem menção de parar, enquanto decidia o que iria fazer, não sei se era o cansaço mais estava mentalmente lenta, foi quando finalmente decidi o que faria: Escreveria daquele dia em diante todos os momentos que tive ao lado de Peter, seria trabalhoso, mas tinha aquelas lembranças encravadas em minha mente como uma pedra rara em um colar de ouro, seria mais fácil do que imaginava e teria para sempre aquelas memórias ali guardadas, para sempre rele-las quando as lembranças começassem a esvair de minha mente - e isso aconteceria um dia - e sentisse saudades dele, nossa história estaria para sempre naquelas páginas, seu inicio romântico e seu fim trágico. Quase como um romance épico, como *Romeu & Julieta*, sendo que nenhum de nós morremos no final, apenas, graças a forças maiores, seguimos caminhos opostos.
Apenas parei de escrever quando a última lembrança juntos foi escrita - a nossa separação -, já passavam das quatro da manhã e meu corpo e minha mente imploravam por descanso e não os proibi disso.
Se não fossem pelos pesadelos que começaram às cinco da manhã e não cessaram até que me dei por vencida, as sete da manhã, sabia que estava desrespeitando uma de nossas regras de convivência, mas precisava de café - muito café! - e essa era a minha missão na cozinha, enquanto esperava ele ficar pronto escrevia em meu diário sobre o dia anterior: os passeios, encontro com Dorian, almoço com meu tio, interesse romântico de Rachel: Lee e meus atuais sentimentos que nomeio de: Não tão importantes assim.
Coloquei comida e água nas vasilhas de Jack e o mesmo se encontrava dormindo em sua casinha, tão tranqüilo que o invejei, por duas noites não conseguia dormir e suspeitava que isso não iria mudar tão cedo.

Aproveitando o silêncio da casa me sentei em minha poltrona com as luzes do pisca - pisca me iluminando, peguei o meu mais recente livro *Comer Rezar Amar* e continuei a minha leitura do capítulo que havia parado. Mesmo com os poucos capítulos que havia lido estava a admirar a determinação de Elizabeth, largou marido, trabalho, amigos após descobrir que sempre teve problema em seus relacionamentos amorosos, e sai decidida a viver novas experiências em lugares diferente por um ano inteiro, o livro me permitia refletir sobre seus pensamentos e emoções e me sentia cada vez mais envolvida com a história, conseguia entender agora o porque de minha

mãe achar a escrita e comportamento similar com de Elizabeth, eu mesma estava sentindo isso, era como se eu tivesse escrito esse livro sendo que em outra vida, já que muitas das coisas que ela dizia me faziam sentir que eu já havia dito o mesmo em algum momento da minha vida.

"O amor é sempre complicado. Mas, mesmo assim, os seres humanos precisam se amar, querida. A gente precisa ter o coração partido algumas vezes. Isso é um bom sinal, ter o coração partido. Quer dizer que a gente tentou alguma coisa".

Passei o marca texto por sobre o trecho o entendendo, mais do que gostaria. Contudo precisava confessar que a cada novo capítulo eu começava a fortificar em minha mente o desejo de ser mais como Elizabeth Gilbert no livro, sendo que em vez de viajar para três países diferentes - o que não posso, já que não tenho condição financeira para isso
- eu poderia tentar viver ao máximo: comer mais do que é bom, é melhor, experimentar novos pratos de diversos países e isso era algo fácil em Londres; buscar minha espiritualidade, através de livros e da caridade e por fim, amar a tudo e a todos, não de um modo exagerado no melhor estilo hippie "paz e amor, bicho", não, de um modo real e verdadeiro e tudo isso junto me levaria na direção de minha liberdade, me tornando uma pessoa mais segura, forte e madura; se com Elizabeth estava sendo assim, comigo também seria, além do mais, são esses pequenos feitos que tornam nossos dias únicos e que fazem com queiramos viver um dia de cada vez e como se fosse o último. Eu sempre soube disso, mas nunca senti na necessidade de tentar seguir tais ideias, mas depois de começar a leitura desse livro, minha visão mudou sobre o assunto e me sinto preparada para me desafiar em tal caminho. Não era uma auto descoberta, eu sabia muito bem quem era; isso era mais que uma simples busca por quem sou, é um auto afirmação e crescimento como pessoa. Todo mundo deveria tentar isso um dia, ser mais do que é.

- Bom dia! – Rachel murmurou ao despertar, os braços erguidos no ar bocejando de modo preguiçoso, já passava das dez da manhã e faltava vinte pouquinhos capítulos para terminar o livro; estava obcecada por ele, a ideia de me separar do mesmo me causou um certo desespero, precisava saber o que aconteceria no final, mas o coloquei de lado e pulei na cama de Rachel, deitando ao seu lado. – Opa! Eu acordo

disposta e você ... quer dormir? Eu devo estar sonhando!

- Eu não consegui dormir! – Respondi com a cara enfiada no travesseiro.

- Denovo? – Ela questionou com um tom de preocupação. – Eu deveria estar tendo problemas com insônia, não você! Amanhã eu tenho uma importante entrevista para um grande estágio e estou tranqüila e relaxada e nem terminei o meu portfólio ainda. Eu deveria estar surtando, mas pelo visto passei essa energia para você.

- Não, não tem nada a ver com você. – Me virei, encarando o teto entre olhares na direção de Rachel. - Eu só estou ansiosa e nervosa por estar em Londres. Só isso.

- Só isso, diz ela. – Rachel murmurou com uma risada debochada. – Eu te conheço, Kate, sei que há alguma coisa acontecendo com você desde o dia que chegamos aqui, mas por alguma razão você não quer dividir comigo. – Com um suspiro ela murmurou. - Tem a ver com o Peter, não é? – A olhei surpresa por mencionar o nome dele, enruguei meu cenho não conseguindo esconder a verdade.

- Tem, mas não é nada demais. – Me sentei ao seu lado, mexendo em meus cabelos. – É apenas meu lado bom reagindo a minha atitude ruim.

- Kate, se algo está te incomodando, é algo *demais* sim. Você nem ao menos fala sobre ele para mim, isso me preocupa, sabia? Você não é do tipo que retém emoções; não assim. E você sempre me conta tudo, das coisas mais essências as mais idiotas e Peter não é o último caso. Por mais que eu o ache bocó, vocês se gostavam, eu via isso e você não falar sobre essa separação de maneira sincera, me incomoda e me faz crer que você está escondendo algo. – Sua sinceridade me feriu como adagas sendo enfiadas em minhas costas.
- Não é nada disso que você está deduzindo; eu só estou me lembrando dos nossos momentos no navio, foram bacanas e não é fácil de esquecer. É só isso, não há nada de podre na mente de Kate Farrell. – Mentira!

- Então porque você terminou com ele? – Rachel questionou, me observando atenta. – E não me venha com aquele papo de que você queria ficar *livre* em Londres. Você não é eu, Katerina.

- Porque sim, não há uma explicação filosófica para isso, Rach; Aceite. Eu estou falando a verdade. Simplesmente foi algo que tive que fazer pelo nosso bem. Eu me sinto mal por ter terminado com ele de maneira tão inesperada, talvez seja isso que esteja perturbando meu sono, mas eu sei que a ansiedade por estar em Londres é o maior causador. Podemos mudar de assunto? – Rachel passou uma das mãos no rosto, parecendo cansada, não sonolenta como eu me sentia, mas cansada do que eu dizia; ela sabia que eu a estava enrolando, mas ela estava deixando, talvez esperando que eu falasse a verdade. – O dia vai ser longo. Então vai tomar seu banho que eu arrumo as camas ...

Sem reclamar ou dizer algo mais ela se levantou, mexeu em meu armário pegando algumas peças de roupas e saiu do quarto de maneira lenta, muito similar a um zumbi. Arrumei todo o quarto, abri as cortinas sentindo um sol, escondido por densas nuvens, surpreenderem meus olhos, o dia seria morno então pedia roupas mais leves e frescas, separei minhas roupas e assim que Rachel retornou do banho entreguei a ela a lista de visitação do nosso terceiro dia em Londres.

- Mudança de Guarda no Palácio de Buckingham, visitar o palácio de Buckingham , National Portrait Gallery, obrigada pela consideração, sempre quis ir lá e por último, Londo Eye. Acredito que nosso dia será bem corrido, começando pela primeira visitação, temos que estar lá antes das onze, senão será inútil ir, já que não conseguiremos ver nem os chapéus a La Marge Simpson dos guardas. – Rachel disse, colocando o papel no bolso e se sentando na beirada da cama com sua *nécessaire* de maquiagem.

- Eu estava pensando ... Você disse que visitou o Palácio de Buckingham duas vezes, então você deve se lembrar um pouco das ruas de St, James. O que você acha de irmos para lá na minha lambreta? Eu levo um dos meus melhores mapas, para o caso de nos perdemos, mas duvido que isso aconteça, você têm uma ótima memória para avenidas e ruas; você pode ser nossa guia oficial me indicando os melhores caminhos.

- Olha, eu não confiaria tanto assim em minha memória, além do mais, faz dois anos que não venho a Londres, mas eu topo, quem sou eu para negar seu primeiro passeio

de lambreta em Londres?!

- Ótimo, então termine de se arrumar que irei tomar meu banho. O dia vai ser bem longo!

Tomei meu banho, me arrumei por completo e juntas descemos para a cozinha para tomar o café da manhã ou estar preparada para uma surpresa, tipo os bombeiros em nossa sala relatando um acidente, contudo não encontramos ele e sim uma sonolenta Morgan tomando uma xícara de café, lendo o jornal do dia, a mesa chamou minha atenção, estava com uma toalha rosa e arrumada, os pratos postos, xícara de café, geléia, açúcar e sal, já Roux se encontrava em frente do fogão fazendo o típico café americano que minha mãe faria: panquecas, ovos, bacon e salsicha.

- Bom dia, meninas. Como foi a noite de vocês? – Morgan questionou olhando para nós sorridente.
- Foi boa, para alguns ... – Rachel respondeu se sentando e transferindo um olhar significativo para mim.
- Está tendo problemas para dormir, Kate? – Morgan questionou preocupada.

- Um pouco de insônia, mas nada que vocês devam se preocupar, é normal quando fico ansiosa e nervosa com alguma coisa. – Enchi minha xícara com café e nem me preocupei em colocar açúcar já tomando alguns goles para dar fim ao assunto. Olhei seria para Rachel não gostando nada dela ter revelado isso a eles.

- Isso vai passar assim que você tomar seu remédio; você quer que eu busque na ida com vocês ou quando eu voltar para casa? – Roux questionou pensativo mexendo na frigideira de com ovos.

- Pode ser na volta? Eu estava pensando em ir para St. James com Rachel de lambreta. Não acho certo todos os dias ganhar carona sua para levar a gente para determinada parte da cidade que pode ser ou não distante do seu trabalho. E eu trouxe a lambreta para isso, para andar com ela por Londres, então tenho que usá-la.

- Mas não é um incomodo para mim. Panquecas? – Ele me questionou com três em uma espátula prontas para colocar em meu prato, concordei e ele colocou.

- Mas incomoda a mim, você sabe que odeio me sentir um estorvo, além do mais, eu quis trazer a lambreta para poder conhecer a cidade por conta própria, sentir a liberdade de ter Londres em minhas mãos. – Conclui colocando a geléia, que era de morango, em cima das panquecas.

- Rachel, panquecas ou bacon & ovos? – Roux questionou, Rachel aceitou o primeiro como de seu feitio. – Eu não sei Kate, acho bacana você querer passear por Londres com sua lambreta, mas não acho seguro. Eu sei o quanto você sabe sobre a cidade, a partir de suas pesquisas, mas são apenas isso, pesquisas, você não conhece Londres na praticas, as avenidas aqui são completamente opostas a de Durham; você pode se perder ou pior, sofrer um acidente ...

- Roux, você pensou que ela fosse trazer a lambreta dela para que? Decoração de nosso quintal? – Morgan questionou, após bebericar seu café, Rachel abafou uma risada. – Óbvio que a intenção dela é passear por Londres nela. Não vejo nada contra.

- Além do mais eu conheço a cidade ... – Rachel disse musicalmente passando manteiga em sua panqueca, evitando o excesso, observando ela derreter em cima do alimento. – Na última vez que vim dirigi meu carros nas principais avenidas e ainda me lembro das leis e macetes. Kate vai estar em boas mãos.

- Sua mãe achava que você havia trago sua lambreta para passear em Notting Hill, se ela descobrir que você foi para St. James com ela. Sabe que seremos humanos mortos em questão de segundos? – Roux passou a mão em seu cenho enrugado, mas parecendo mais propenso em aceitar.

- Nós sim, você não, Clark Kent. – Murmurei, indicando com um dedo na direção de seus óculos idênticos ao de Kent. – Só se minha mãe for revestida de criptonita e ninguém nunca me revelou isso ...

- Ah rá! Não é a minha fantasia que é ruim, você que é péssima em adivinhação, Morgana!
– Roux apontou um dedo na direção de Morgan que olhou de mim a ele surpresa. Já Rachel observava a roupa certinha de Roux, os óculos e cabelos recém escovados e

concordava comigo.

- Não me chame assim! – Respondeu Morgan em um muxoxo. - Você fica igual sua irmã falando meu nome assim; é assustador! – Morgan olhou para mim em dúvida. – Desculpa, mas você sabe que sua mãe nunca foi a minha *melhor* amiga. Hoje nos damos bem melhor, mas ainda me lembro de muitas coisas que ela me fez passar, incluindo terríveis coisas que me disse. – Morgan parecia sincera, mas ainda havia ressentimento no tom de sua voz. Não me surpreendi com o que ela disse, como Rachel, conhecia bem minha mãe e quando ela não gostava de alguém, ela se tornava sua pior inimiga em um estalar de dedos.

- Então, vamos poder ir a Londres de lambreta, sim ou não, Sr. Kent? – Rachel questionou com um sorriso nos lábios. – E não se esqueça que sabemos que quando necessário, você se transforma no super homem. Caso pense em dizer não você não iria querer isso nos jornais da cidade...

- Eu não sei do que você está falando; eu não sou o super homem. E sim, vocês podem ir, mas com uma condição ...
- E lá vamos nós ... – Sussurrei para mim, esperando alguma condição mirabolante no melhor estilo Braga.

Não era tão mirabolante assim, Roux apenas questionou se meu celular tinha sistema de GPS, já que o dele tem e alguém lhe disse que há como saber aonde uma pessoa está através dessa conexão, óbvio que ele não sabia mexer no programa e tive que me virar em minutos para aprender, assim que consegui, conectei o meu celular, o de Rachel e Morgan no aparelho de GPS dele, o ensinei o básico e o mesmo mostrou compreensão. Então sem mais delongas, partimos para St. James em minha lambreta.
Rachel havia me preparado que seria uma longa travessia, mas desacreditei nela, de Westminster a Notting Hill ela havia dito o mesmo e chegamos em menos de vinte minutos em casa, mas no caso atual, ela tinha razão. Tive que cruzar diversas ruas, passar por avenidas principais tumultuada de carros e motos, Rachel me dava dicas de vielas para seguir e acabar pegando um caminho mais rápido, mas sempre acabava parando no mesmo engarrafamento ou em um novo.

Roux tinha uma razão em uma coisa: Eu desconhecia o sistema de transito de Londres e estava ficando maluquinha, temendo uma batida ou pegar uma rua errada e parar em um lugar desconhecido para nós duas.
Minha sorte era que Rachel realmente conhecia aquelas avenidas e o sistema britânico de transito, se não eu estaria perdida e arrependida de ter tomado tal decisão.

Não chegamos no horário que previámos no palácio de Buckingham e como Rachel suspeitava e tagarelava resmungando em meu ouvido o lugar já se encontrava lotada, da sua maioria turistas que trouxeram toda sua família para assistir a troca da guarda. Eu dizia a ela que havia um outro lugar que a visão era tão boa quanto nos portões, mas Rachel continuou reclamando; ela odiava imprevistos.A carreguei até o Victoria Memorial, que fica em frente do palácio e lá não estava tão vazio quanto eu esperava, mas tinha espaços estratégicos, paramos em um e Rachel se contentou dizendo que quando ela assistiu sua visão foi privilegiada nos portões, bem no meio, mas que aonde estávamos não parecia tão ruim.

Ao longe se podia ouvir uma banda se aproximar do ambiente, as pessoas começaram a se agitar olhando na direção que o som vinha, em poucos segundos já podíamos identificar a nova guarda se aproximando pela Birdcage Walk em direção ao palácio. Precisamente as 11h30min a velha guarda adentrou em formação no átrio do ambiente antes de deixar o serviço e entregar tudo a nova guarda, que consiste de três oficiais e quarenta homens.

- A rainha não está presente. – Rachel disse em muxoxo, nutrindo em seu peito o sonho de conhecer a realeza.
- Como você sabe disso? – Questionei, esperando uma resposta sarcástica ou debochada.
- Meu pai disse que quando a rainha não está presente o número da guarda decai; Tem 30 guardas ao todo, de 40, logo quer dizer que ela não se encontra no palácio.
- Olha, Rachel Ray sabe algo sobre a cultura londrina que eu desconheço. Estou surpresa, preciso anotar isso para a posterioridade!
- Eu sou esperta quando quero. – Rachel murmurou dando uma piscadela com os olhos.

A cerimônia inteira levou em torno de quarenta minutos - e eu devo ter tirado para mais de duzentas fotos de toda a mudança -, era realmente um momento que nenhum turista ou amante de Londres deveria perder, mesmo que não pareça, era algo bonito de se ver, enquanto a mudança ocorria diversos turistas balançavam bandeirinhas da Inglaterra, admirados com tanta pompa e beleza, eu deveria estar parecida com eles, boba e encantada por ver uma das marcas de Londres acontecer bem a frente de meus olhos.

Partimos em direção de nossa segunda visitação do dia, o Palácio de Buckingham, que foi a ideia de 75% dos turistas que se encontravam na mudança da guarda, por sorte, eu já havia comprado os ingressos com antecedência, não tivemos que enfrentar a monstruosa fila que estava a se criar quando havíamos chegado. Entre o passeio guiado e andar pelas nossas próprias pernas, Rachel preferiu o primeiro, por um motivo em especial, esse era o monumental Palácio de Buckingham: toda a realeza, escândalo, poder, tragédia e tradições estavam escondidas por de trás daquelas fachadas em histórias que seriam bem melhor explicadas por um guia profissional, do que suposta por nós duas.
O guia encaminhava o nosso grupo em uma seqüência intensa de quartos, onde diversos monarcas haviam vivido por muito tempo ou pouco, isso tudo entrelaçado em histórias trágicas e chocantes, o salão de trono e de baile, que foi construído pela rainha Victoria) foi um dos lugares mais comentados pelo grupo e o último se tornou o favorito de Rachel, que me segurou na mão, me induzindo a dançar como os casais naquela época, não éramos as únicas já que vários outros pensaram no mesmo, visitamos mais uma porção de quartos ouvindo suas histórias, e o guia nos levou ao jardim principal, onde no verão anualmente aconteciam as famosas festas de jardim. Morgan iria adorar esse lugar em particular, fiz questão de tirar diversas fotos do ambiente para mostrar a ela depois.
Conseguimos visitar o Royal Mews, um dos mais bonitos estábulos que existem em todo mundo e tiramos algumas fotos - a distancia, infelizmente - da Carruagem do Estado Dourado, a última visitação foi na Queen's Gallery e por mais cansadas que estivéssemos e com fome -, ficou uma sensação que ainda faltava muitas coisas para ver no palácio, descansávamos antes de partimos para a National Portrait Gallery, Rachel mandava algumas mensagens e eu apenas aproveitei o momento para

telefonar para Roux relatando como tudo estava, questionou se já havíamos almoçado, neguei e ele disse para comermos no Portrait Restaurant & Bar, que não iríamos nos arrepender, já que ele levado Morgan para visitar o lugar uma vez e eles almoçaram por lá e adoraram a comida do restaurante.

Dei a ideia a Rachel e ela deu de ombros, para ela tanto fazia onde comeríamos, ela só sabia que tínhamos que comer em algum momento. Paguei o estacionamento e peguei minha lambreta, partindo para a nossa terceira visitação que não era tão longe do palácio de Buckingham, o que foi ótimo para minha gasolina.

Eu não conhecia o lugar tão bem como gostaria, então me informei com um segurança para saber onde se encontrava o restaurante, ele indicou que era no andar superior e após agradecer, partimos para lá. Meu tio tinha total razão, a comida do Portrait era ótima. Cara, mas tudo bem, o ingresso era gratuito, então gastar meu dinheiro em boa comida era uma esplendida pedida.
Agora foi a vez de Rachel surtar, ela sempre quis vir aqui, mas seus pais nunca tiveram o tempo ou disposição de ficar rodando nessa galeria, mesmo sabendo que isso iria deixar a filha radiante da maneira que ela se encontrava agora. Começamos dos últimos andar, Rachel disse que era mais divertido ver retrato por retrato em ordem cronológica; alguns rostos eram bem familiares para mim: Shakespeare, Rainha Elizabeth I, as irmãs Bronte, Winston Churchill, Oscar Wilde - o autor favorito de Rachel, mesmo que ela não confesse
-, entre outros; a cada novo cômodo que visitávamos Rachel parecia mais deslumbrada que uma criança com seu brinquedo novo, não era necessário passeio guiado, identificávamos bem os retratos expostos e os poucos que não conhecíamos sempre havia alguém para dizer quem ele havia sido para o mundo.
Confesso que a Tudor Gallery, onde os retratos mais recentes se encontravam, como da deusa Dama Helen Mirren, de longe - e meio óbvio - foi a minha área favorita.
Ainda estávamos curtindo a Tudor Gallery quando meu celular começou a vibrar, em um primeiro momento pensei em Peter, mas não iria ignorar a ligação apenas com essa sensação, além do mais, porque ele ligaria para mim? Por que você se encontrou com Dorian, disse uma voz esperta em minha mente, corri para atender a ligação antes que a pessoa desligasse e meu coração se aliviou de nervosismo ao ver na tela a foto de Joana, atendi sem hesitar:

- Loira! – Disse com animação, Rachel olhou para mim com um sorriso leve nos lábios, já sabendo quem estava a falar comigo.

- Morena! Como está tudo? – Sua vozinha doce e suave quase desaparecia na ligação que parecia tão distante e chiada, como se ela tivesse em um lugar movimentado, o que deveria ser fato.

- Tudo ótimo. Tem como amar Londres mais? – Questionei com um sorriso leve nos lábios.

- Eu creio que sim. Eu que sempre fui uma eterna amante de Paris, sinto que Londres está roubando esse lugar com facilidade. Mas não vou ficar te monopolizando, liguei para saber se você e Rachel podem se encontrar comigo em alguma lanchonete no Piccadily Circus, dentro de duas horas. – Questionei a Rachel que ficou pensativa.

- Diga a ela que podemos estar lá até antes, já que acabamos por aqui, em menos de 10 minutos chegamos no piccadily, sem engarrafamento, é claro. Vê se tem problema a gente se encontrar antes, se não ...

- Jo, nós estamos em St. James, chegamos ai em 10 minutos, sem engarrafamento. Teria algum problema se nos encontrássemos antes?

- Sim, já que não fomos liberados pelo guia turístico; estamos no London Eye aguardando nossa vez e como a fila está bem grandinha eu acredito que só em uma hora e meia devemos ficar livres, vocês não vão visitar mais nenhum lugar durante esse tempo? Queria muito encontrar com vocês!

- Bom, então vamos visitar o Piccadily Circus. Quando você sair do London Eye, me telefone que vamos ao seu encontro, pode ser?
- Claro! Ótimo! Não vejo a hora de ver vocês.
Nos despedimos e relatei tudo a Rachel que ficou radiante com a ideia de nos encontrarmos com Joana, mas havia algo mais em sua expressão, como uma ideia.

- Desembucha! Eu conheço essa sua cara, está com alguma ideia em mente. – Questionei, enquanto pagava o estacionamento, assim podendo pegar minha

lambreta e partimos para o Piccadily.

- Kate, nós vamos para o The West End, você sabe o que isso significa? – Ela questionou com uma sobrancelha erguida e um sorriso malicioso nos lábios, enquanto eu olhava ao arredor em busca de minha lambretinha linda.

- Que vamos tirar uma foto com a estátua de Eros, o nosso Deus grego favorito? – Questionei com um sorriso nos lábios.

- Não! Compras, compras! – Ela disse musicalmente dando um girinho no ar como uma bailarina. – Nós vamos fazer compras. Quer dizer, eu vou fazer mais compras e você vai começar, nunca é tarde.

- Nós não podemos fazer compras. – Disse em um tom descrente.
- Porque? – Questionou Rachel como se tivesse doze anos.

- Por um motivo óbvio. – Apontei para a lambreta, Rachel enrugou o cenho em dúvida e em revirei os olhos. – Não tem como você carregar trocentas sacolas equilibrada nisso, desculpa.

- Bom, se aprendi algo em física é que devemos fazer a gravidade estar em nosso favor sempre, além do mais, não serão só minhas sacolas, você também fará compras.

- Eu não tenho fundo de credito, Rachel, então quando você diz nós vamos fazer compras, você quer dizer "eu" vou fazer compras, enquanto eu vou visitar o Leicester Square, a Times Square Londrina e vou sim tirar uma foto com Eros, estou precisando de pontos positivos com ele. – Falei, colocando o capacete na cabeça de Rachel que fez um biquinho.

- Ah! Não! Eu exijo que você faça compras comigo, vamos estar em Soho por duas longas horas e você quer ficar batendo perna no parque? Isso é extremamente decepcionante! – Rachel prendeu o capacete, emburrada. – Eu pago, você sabe que posso ... Isso! Eu pago tudo que você quiser.

- Eu não quero nada. – Disse desanimada, me sentando na lambreta, Rachel se sentou atrás de mim, segurando a minha cintura e riu.

- Você vai mudar de ideia quando conhecer a verdadeira Soho! – Ela murmurou por fim e partimos em direção de Piccadily, eu seguindo as coordenadas de Rachel já me acostumando àquelas ruas.

Três blusas, dois shorts, uma calça, uma boina, um chapéu e uma saia e dois sapatos de um brechó mais tarde confesso que Rachel tinha razão; eu realmente mudei de ideia e quase estourei o meu limite, o que minha mãe não vai demorar a descobrir o que provavelmente irá me causar uma discussão de longos minutos com ela, mas não me arrependo, sei o tão bonita ficarei com a saia que comprei e aquele chapéu coco que sempre quis ... Me sinto meio Rachel agora, cheia de sacolas de lojas de roupas e nenhuma de uma livraria ou de uma loja de cd's, acho que encontrei uma válvula de escape de meus problemas fazendo essas compras, pena que me saiu tão caro.

Joana me ligou alguns minutos mais tarde do que o combinado, marcamos de nos encontrar em uma lanchonete próxima ao Piccadily Circus, um pouco afastado do local onde nos encontrávamos, mas não foi problema algum caminharmos até lá, assim que avistei aquelas gigantes placas brilhosas sabia que faltava pouco para encontrar com nossa amiga. Confesso que ao passar pela estátua de Eros choraminguei para tirarmos uma foto com ele, mas incisiva Rachel disse que como não a deixei entrar na GAP ela não deixaria eu tirar uma foto com Eros ... Nem aceitou pensar na ideia de ver uma peça ou um musical comigo, me senti injustiçada, mas eu podia fazer essas coisas sozinhas, algum dia ... Sem Roux e minha mãe saber.

- Rachel! Kate! – Ouvi a voz de Joana gritar de determinado ponto que não identifiquei, nem Rachel, olhávamos ao arredor, quando de repente os achei ... Espera aí, o que Lucas estava fazendo aqui? Será que ... mas Joana não comentou nada sobre eles ... Hummm ... Tem algo ai.

- Huuuummmm ... – Rachel murmurou com malícia olhando para eles, a fuzilei e em poucas palavras sussurrei. – Tem algo ai e eu gosto do que vejo.

- Nenhuma. Palavra. Sobre. Isso. – Rachel simulou trancar os lábios com uma chave

e jogar a mesma fora, segurei suas mãos e saímos correndo para atravessar a rua, aproveitando que o sinal estava fechado. – Vem!

Assim que pisamos na outra calçada Joana correu em nossa direção, nos abraçando ao mesmo tempo, como um flash pude ver essa cena se repetir diversas vezes em minha mente em nossa época de colégio: feriados, longos fins de semanas festivos ou doenças que acabavam por nos separar por longos dias e quando nos reencontrávamos no nosso ponto de encontro oficial, a esquina principal do nosso colégio, nos abraçávamos em trio, com carinho e saudades, entre risadas e lamentos de saudades ou animadas com alguma novidade em particular.
Rachel assim que nos afastamos mostrou a Joana uma blusa linda de renda que havia comprado, mas no fundo era uma surpresa, ela a havia comprado para Jo, ela só estava querendo surpreenda-la, observei Lucas que vinha calmo se aproximando de nós, com as mãos dentro dos bolsos, ao notar que o olhava ele abriu um grande sorriso e eu me joguei em seus braços, em um terno abraço.

- Ei! Que saudades toda são essas!? Só não nos vemos há algumas horas. – Ele disse com um sorriso nos lábios, me observando.
- Mas para mim pareceu uma eternidade. – Disse com sinceridade. – Eu não esperava encontrar com você ...
- Nunca mais?! – Lucas murmurou com uma careta nos lábios.
- Eu ia dizer "tão cedo", não posso me dar ao luxo de perder mais ninguém que amo. – Disse com um sorriso triste nos lábios.

- Está tudo bem com você? – Ele questionou, segurando minha mão com carinho.
- Sim, está tudo ótimo. Estou em Londres, Luke, é impossível não estar bem. – Disse com animação, vendo Joana e Rachel comentarem sobre a última coleção da GAP e que nos tínhamos que ir lá então.

- Não é isso que seus olhos mostram. – Lucas sussurrou mais perto de meu ouvido, não querendo chamar atenção das garotas. – É impressão minha ou alguma coisa aconteceu com você?

- Não é impressão, bem que eu queria, mas ... – Disse sem ao menos notar, parei de

falar ao vê-lo dar uma piscadela com um sorriso leve nos lábios.

- Vamos comer alguma coisa com as garotas, depois a levamos para a GAP e as distraímos podendo conversar a sós, pode ser? – Sorri em aceitação, ele apertou meu nariz e segurou minha cintura, me puxando para perto das garotas, Joana falava sobre as visitações que eles tiveram até então, com comentários hilários sobre coisas que haviam acontecido durante os passeios, íamos conversando na direção da lanchonete, que como imaginei estava lotado, conseguimos por sorte um lugar no segundo andar, no fundo da loja, se o clima tivesse ficado estranho entre nós e Joana seria muito estranho ter ficado aquelas meia hora esperando ser atendida sem assunto, mas o contrário aconteceu, não parávamos de falar, como se nada tivesse acontecido há alguns dias atrás quase que terminando com nossas amizades.

Lucas e Joana estavam controlando o horário como duas linces, eles tinham um toque de recolher rígido e não queriam pagar para ver o que aconteceria caso perdessem o transporte para o navio, assim que saímos da lanchonete, no finzinho da tarde, mas em Londres ainda parecia três da tarde, decidimos passear um pouco, aproveitando o clima fresco e o sol que decidirá sair para logo ir embora. Tive meu desejo realizado, eles toparam de tirarem fotos com Eros e acabamos fazendo um book com a adorável estátua do Deus Grego, aproveitei a onda de bondade e questionei se eles topavam ver alguma peça nessa semana, mas já negaram antes que eu pudesse argumentar o que me fez me sentir a Cult mais abandonada em toda Londres.
Continuamos a passear, acabando por parar na GAP, como era o desejo inicial de Jo e Rachel, e bom, se tornou o meu quando surgiu a oportunidade de conversar com Lucas a sós. Acabamos por nos separar, entre risadinhas as garotas foram para a seção principal com liquidações enquanto eu e Luke ficamos na sessão masculina, já que ela aparentava ser a mais deserta.

- Eu não sei porque, mas as roupas da GAP são a sua cara. – Disse observando um conjunto de blusas pólo de diversos tons neutros. – Parece que todas gritam: Luke! Luke!LUKE! – Murmurei musicalmente, imitando uma voz fininha típica de animais de desenhos animados. – Me compre! Fui criada para o Luke!

- GAP é roupa para rapazes certinhos, que são para casar e de um grande e bom coração; eu acho que faço parte desse grupo. – Lucas coçou a cabeça com as bochechas coradas. – Pelo menos é o que a Joana diz.

- Joana disse, é? – Lucas revirou os olhos com um sorriso escondido nos lábios com o meu tom malicioso. – Desculpa, é só que está tão óbvio que até eu percebi ...

- Você fala como se fosse uma tapada e você sabe muito bem que sempre é a primeira a desconfiar e descobrir as coisas. Lembra daquela vez que você disse que o Sr. Way estava olhando estranho para a esposa e parecia que eles não estavam mais tão conectados? Passou 02 dias e ...

- Descobrimos pelo filho deles que os pais haviam se divorciado ... Foi uma coincidência! – Respondi fazendo uma careta mexendo em uma boina vinho e colocando na cabeça de Luke que logo a tirou, arrumando os cabelos devidamente espetados.

- Coincidências não existem, apenas fatos. E o fato é que você é boa lendo as pessoas.

- Nem *tão* boa assim ... – Disse com a voz fraca, mexendo em uma blusa de tom rosa, imaginando como *ele* ficaria nela; tão fofo e bonito, o azul de seus olhos saltariam com esse tom.

- O que aconteceu, Kate? – Lucas se questionou, erguendo meu rosto na altura do seu.

- Faz um bom tempo que não me perguntam isso tantas vezes em tão poucas horas ... – Respondi sentindo um nós se apertando em minha garganta, senti meu cenho enrugar e meus olhos se encherem de lágrimas. – Eu acho que fiz a minha melhor e pior escolha em toda minha vida, mas ela está cada dia mais pesando mais para a última, e eu não sei por mais quanto tempo irei agüentar.

Me afundei nos braços de Lucas, chorando de maneira amarga enquanto ele acarinhava minhas costas, dizendo palavras carinhosas para que eu me acalmasse.

Por mais estranho que fosse, nos sentamos em um canto, encostados em uma mesa com diversas blusas expostas, ninguém nos via ali, só se esgueiram-se, sem temer guardar isso por mais tempo e temendo que eu perdesse a chance contei toda a verdade a Lucas, me traindo e contando o segredo a ele que ouviu a tudo atentamente, sua expressão mesclando entre o pesar e choque, enquanto eu relatava detalhe por detalhe, desde a chantagem até meu último encontro com Dorian.

- Você precisa contar isso a Rachel! – Com uma expressão pensativa ele disse, o olhei com pavor segurando seu braço com certa força, o que chamou a atenção de seus olhos em minha direção.

- Não! Se eu contar o que realmente aconteceu naquela noite Rachel nunca irá me perdoar pela minha decisão, nunca irá *se* perdoar e é muito provável que se entregue a bulimia ...

- Você não está dando o devido credito a Rach; ela também é forte, determinada e uma guerreira, Kate e acima disso tudo, ela te ama. Ela nunca irá odiá-la por essa decisão, como eu, ela vai se sentir triste pelo que você passou e vai querer reverter isso. Eu entendo pelo que você passou, os medos que você está sentindo, mas Kate ... não seja burra!

- Eu não estou sendo burra, estou sendo ...
- O que? Racional? Aceitadora? Submissa? Para mim, não importa o adjetivo que você use, eu vejo uma garota inteligente sendo burra. Por mais que Miranda possa cumprir ou não suas ameaças, Rachel terá um milhão de estágios diferentes, em poucos anos, por todo o mundo, com muito esforço ela pode conseguir um deles e se ela não conseguir a culpa não será sua, mas dela por não ter se esforçado o bastante. Não terá nada a ver com Miranda; ela pode ser ruim a ponto de ter feito essas pesquisas sobre sua vida, mas existem pessoas piores. Agora você está sendo burra porque deixou o cara que você gosta escapar de suas mãos por causa de um estágio que Rachel conseguindo, pode a vir não gostar e acabar abandonando.

- Ela jamais faria isso; ela é enlouquecida por esse estilista e ela me disse que trabalhar com ele vai abrir muitas portas para sua carreira, essa é uma chance em um

milhão e há o fator bulimia, eu não podia deixá-la crer que eles a estavam tirando da jogada por não ter o porte da editora. Você vê? Eu não tive escolha, Lucas. Até com a doença de Rachel, a Miranda brincou.

- Você teve escolha Kate; o problema é exatamente esse, dói tanto à escolha que você teve que você prefere se enganar dizendo que havia uma escolha apenas, mas não ... Haviam duas; Rachel ou Você. Conte a verdade a ela, Kate; Você mesma disse, ela está notando que há algo de estranho em sua atitude, que você está escondendo algo. Não a deixe descobrir isso através de outra pessoa.

- De outra pessoa? O que? Você vai contar a ela caso eu não o faça? – Questionei em choque, mas pela expressão que ele fez deixou bem claro que eu o havia entendido errado.

- Nunca! Kate, esse problema é seu. Você o criou e apenas você pode resolvê-lo, não serei eu que irei dar um de tia velha e contar tudo a Rachel, eu não sou a Britanny Smith. – Lucas me olhava e de repente deixou um sorriso cair no canto de seus lábios. – Sabe o que percebi agora?

- Que eu sou uma idiota e você só está pensando na maneira mais educada de dizer isso? Questionei com uma sobrancelha erguida.

- Que no momento eu sou você nessa história. – O olhei com estranheza e ele continuou. – Lembra de toda aquela situação envolvendo Steve, Rachel e Joana, e nós dois sabendo tudo, sendo que você ficou na berlinda por ser amiga de Rachel e Joana?

- Como eu poderia esquecer, foi tão divertido! – Disse com sarcasmo.

- Eu estou na mesma situação que você, na berlinda, sendo que envolvendo a mesma pessoa: você. Eu não quero me meter nessa história porque sei que você pode solucioná-la sozinha, mas ao mesmo tempo eu sinto que preciso ajudá-la.

- Você já está ajudando. Eu não contei nada disso a ninguém, Luke. Só ao meu diário, mas acho que ele não conta. – Lucas abafou uma risada e acarinhou minha cabeça,

dando um beijo em minha bochecha. – Eu precisava falar sobre isso com alguém que pudesse me entender.

- Eu te entendo, só acho que você cometeu provavelmente o pior erro da sua vida.
- É, você não está me ajudando. – Respondi emburrada.
- Tente imaginar Rachel no seu lugar, tendo que fazer o que você fez, tendo que escolher entre sua melhor amiga e seu namorado, qual o caminho você acha que ela seguiria?
- Sem sombra de dúvida, o mesmo que o meu. – Respondi, dando de ombros.

- Mas ela estaria tão arrependida como você? – O olhei com o cenho enrugado, entendendo aonde ele queria chegar. – Kate, você não se apaixona da mesma maneira que Rachel; Temos que ser honestos, ela se encanta por cada novo cara que aparece em sua vida, como se encanta por um vestido, um brinco, é tudo muito usável para ela, e quando ela perde o interesse, vai para a pilha de descarte, agora você ... você sabe o significado da palavra se apaixonar.

- Ela não sofreria já que não sentiria falta do cara em questão, mas sofreria pela ideia de me ver destruída por ter perdido algo que eu queria muito.

- E não é assim que você está agora? Destruída porque perdeu algo que queria muito? Peter. De qualquer modo, Kate, vocês três saíram perdendo: você, que perdeu o garoto pelo qual estava apaixonada de uma maneira injusta; Peter, que perdeu você e não sabe a cobra que a tia é; e Rachel que provavelmente nunca saberá a verdade e vai viver acreditando que estava doida quando pensou que você estava escondendo algo dela, mas no fundo ela tinha razão.

Um silêncio caiu entre nós, enquanto eu analisava suas palavras em minha mente, era um amontoado de certezas e dúvidas que se entrelaçavam como um longo fio de arame farpado, o braço de Lucas em volta de minha cintura me faziam sentir confortável e minha cabeça em seu ombro me fazia sentir mais perto dele, ouvindo as batidas calmas de seu coração ...

- No meu lugar, você contaria a verdade?

- No seu lugar? – Ele questionou com ambas as sobrancelhas erguidas. – Eu faria exatamente o que você está fazendo. – O olhei em dúvida e ele acariciou meu rosto com um sorriso errado. – Eu acho errado você esconder isso em seu coração da sua melhor amiga que é como uma irmã para você, mas no seu lugar, eu faria isso, já que acreditaria que era o certo a todos.

- Menos para mim. – Murmurei, sentindo lágrimas tomarem meus olhos.

- Kate ... eu sinto muito por tudo isso que você está passando, eu só queria que tivesse um modo de reverter isso tudo de uma maneira que você pudesse ser feliz novamente.
- Eu também.

Eu só queria voltar para casa, tomar um bom banho e me afundar em minha cama em longas horas de sono. Me sentia emocional e fisicamente cansada, mas tinha que transparecer que estava bem e feliz, mesmo querendo desabar em lágrimas após minha conversa com Lucas. Eu sei que ele tinha razão no que dizia, ele não estava errado em acreditar que eu deveria contar a verdade a Rachel, mas não era tão simples aceitar isso, não depois de saber que havia perdido Peter, então para que tornar tal história real a Rachel já que sabia que isso lhe causaria apenas mais dor ao saber que fiz tal ação por ela, que escondi tal segredo para o bem de todos e que não haveria retorno a Peter. A minha atual infelicidade a mataria lentamente e eu preferia que essa dor fosse apenas minha.

Logo após Lucas e Joana partirem para seu ônibus que os levariam ao navio, agitada Rachel me convidou para irmos ao London Eye, ela tagarelava que a visão noturna de Londres, a partir de lá, era belíssima e que eu não podia perder essa oportunidade de jeito nenhum, sorri e concordei, queria tanto agir de modo natural que até me esqueci do meu medo de altura, apenas estando lá dentro, agarrada a borda e com o corpo todo congelado de temor percebi que estava a encarar um dos meus maiores medos.
Estava morrendo de medo da altura, mas meus olhos admiravam aquela paisagem deslumbrante a frente de meus olhos. Diversas pessoas fotografavam aquela magnífica e única vista, todos pareciam tão animados e alegres com aquela visão, e eu

queria me sentir assim, mas não conseguia: estava vazia. Se me soltassem ao ar, tinha certeza que flutuaria como um balão que o ar está a escapar; eu e Rachel éramos quem destoavam naquele ambiente, uma ao lado da outra observamos Londres em total silêncio e para mim, eu não tinha ideia do que se passava em sua mente, mas sabia que nada passava na minha além de uma coisa e aquela meia hora durará uma eternidade para meu ser, enquanto eu estava a 135 metros acima do céu, me sentindo como um anjo caído, expulso do céu, e agora tendo que viver no mundo dos humanos, desejando apenas poder flutuar sob aquela altura e para sempre admirar a beleza daquele organismo vivo chamado Londres a minha frente.

Deixei que um suspiro longo saísse de meus lábios e senti meu corpo cair na cama, nem havia notado que já havia chegado em casa, fora tudo automático que nem ao menos havia sentido meu corpo se locomover, quiza se havia conversado com Rachel. E aquela mesma coisa se passava ainda em minha mente, algo que não havia sido importante nesses últimos dias, mas agora me feria como milhões de facas em brasas fixos em meu corpo.
Eu havia perdido Peter para sempre.

Capítulo 25 Despertar

Eu tinha uma visão para a vida que estava à minha frente Eu tinha uma razão, tinha o direito e tinha um destino Eu pensei que sabia onde eu estava indo Eu nunca iria olhar para trás

Eu tinha tudo e então eu fui e deixá-lo escapar
Eu estou trabalhando ao longo do tempo, eu vou fazer isso de qualquer maneira. Às vezes você ganha, às vezes você perde
Às vezes você não recuperá-la

Oh, você sabe, mas ...
Estou levantando-se lentamente, estamos recebendo maior Eu tenho vivido com um buraco no meu coração Pesando sobre mim, mas eu sou um lutador E eu sei que ainda tem um tiro no escuro Baby, ainda temos um tiro no escuro

Shot In The Dark - Augustana

Caio Fernando de Abreu, um falecido jornalista e escritor brasileiro citou uma vez em um de seus livros: *Você sempre viveu sem ele, e continuará vivendo*.
Eu sei disso, mas agora parece tão difícil de acreditar.
Era mais fácil quando todo aquele acontecimento estava apenas guardado em meu coração, como um pensamento terrível que eu tivesse tido sobre uma pessoa e não quisesse confessar a ninguém sobre, mas tudo parecia tão frágil depois de ter dito tudo a Lucas, eu sentia presa em uma casa de vidro, exposta e temerosa, e do lado de fora pedras eram arremessadas por sombras de pessoas desconhecidas na direção do ambiente a espera que a mesma se despedaçasse em cima de mim.
Eu precisava contar isso à alguém, mas não havia imaginado que tudo após tal desabafo seria tão doloroso, já que agora não conseguia parar de pensar sobre. Sobre àquela noite, sobre a opinião de Lucas, a minha, observava Rachel caída em um pesado sono na cama ao lado e imaginava o que ela diria/faria se descobrisse toda a verdade, analisava suas atitudes e comportamentos tentando ver se a minha hipótese ou a de Lucas era a mais possível e cheguei à conclusão que não tinha como adivinhar, sua reação era algo que não estava no controle de minha mente.
Dormir se tornou uma atividade perigosa após eu ter desabado da cama as duas e cinqüenta da manhã, o estrondo fora tão alto que Jack ficou latindo por longos minutos, mas deve ter parado por cansaço. Eu queria acreditar que havia caído por ser espaçosa, mas a culpa fora do pesadelo que havia tido, que dessa vez fora o mais real de todos já que havia sido um flashback perfeito da noite em que terminei com Peter.
Me tranquei no banheiro, observando aquela imagem fantasmagórica refletida no

espelho que sussurrava para mim:
Você está frustrada, irritada, a cada dia que passa se torna mais frágil e vulnerável a qualquer coisa e você não pode continuar assim, irá acabar ficando doente, louca e presa a um passado sem futuro.

De algum modo precisava acabar com isso ... Agora!
Não podia ser amanhã, daqui 01 semana, 1 mês ... Tem que ser algo imediato. Eu não posso parar a minha vida por causa disso.

- Ele se foi. – Eu disse para a minha imagem, vi meu cenho se enrugar e uma expressão triste me encarar e continuei a falar, firme. – Você sempre viveu sem ele, e continuará vivendo ... Você superou a morte do seu pai, como não superará o término de um namoro de alguns dias. Pare de ser uma adolescente idiota! Você pode fazer isso e fará. Eu acredito em mim. – Revirei os olhos, me sentando dentro da banheira. – Deus! Eu sou um caso perdido. Estou falando comigo mesma ... e ainda continuo ... Argh!

Talvez eu devesse falar com Roux para me levar em algum médico do sono, ficaria entre nós e provavelmente eu conseguiria um prognostico do motivo para estar tendo tantos pesadelos e essa maldita insônia. Parecia algo plausível, mas caro e que levantaria questões.

Eu precisava primeiro combater os pesadelos por conta própria, talvez interpretar os sonhos ou acender uma vela para o meu anjo sofrido da guarda, eu só sabia de uma coisa: Eu preciso dormir; um corpo que não descansa tem uma mente perturbada e descontrolada e eu precisava ficar saudável para superar tudo isso e seguir com a minha vida, como meu plano de inicio pregava.

Eu não vou mudar a minha rota de percurso com dúvidas e questionamentos, vou seguir em frente em minha decisão; esse é segredo é meu e de mais ninguém.
Lucas sabia, mas ele me prometeu silêncio e confio nele.
Não há mais nada a se fazer sobre ...
Sem questionamentos, sem torturas emocionais e principalmente, sem mudança de opinião, é isso e pronto, acabou. Finito!

Dorian foi o estopim para toda essa confusão emocional, se eu me encontrava desse modo era por culpa do nosso reencontro, o choque era muito similar a sonhar com Freddie Krueger acordar e ele está sentado na beira da sua cama tomando um chá com tranqüilidade.
Miranda conseguiu o que queria, eu fora da vida de seu sobrinho, ele nesse momento já deve ter me superado, enquanto eu estou me remoendo em dor e arrependimento, ele deve ter jogado fora cada lembrança mental e física minha, como esse cordãozinho onde no pingente dele havia a letra de meu nome ... Ele deve ter tacado em sua lareira particular ele deve ter uma - e eu devia fazer o mesmo.
Tentei arrancar o cordão com um movimento só, mas doeu. Fez um pequeno arranhão, que absurdo! Já não basta a dor em meu coração, agora quer marcar minha pele também, como uma escrava romana mostrando declaradamente a quem eu pertenço.
Corri o cordão em meu pescoço e puxei o gancho para abri-lo, mas os meus dedos soavam o que impediam tal ato; eu não ia conseguir tirá-lo de mim nunca!
Não podia pedir a meus tios ou Rachel, já que levantaria perguntas, então teria que me acalmar e sem perceber o que estivesse a fazer, tirar ele de meu pescoço; simples e prático, mas seria algo feito em outro momento, já que agora estava inflamada.

Sentada na banheira, sendo banhada pela tímida luz da lua fiquei a observar o cordão, tão delicado e bonito, foi feito com tanto amor e cuidado.
Queria simplesmente poder ficar com ele para sempre em meu pescoço, junto com as memórias de Peter; eu sabia que poderia tê-las, mas teria um preço: eu teria que primeiro aceitar o nosso fim, vai demorar como já sabia e para isso teria que ser forte e eu serei, forte como uma rocha, mas precisava dar um passo de cada vez, começando pela culpa.

Foi nesse momento que tive o meu despertar.
Eu havia voltado a estaca zero por descuido, eu não havia notado como tinha que lutar contra essa dor, eliminado um sentimento de cada vez e não tudo junto. A culpa era a minha maior inimiga e precisava começar com ela. Toda vez que ela me assombrar perante a qualquer situação preciso ser mais decidida e forte e batalhar contra a mesma, assim podendo ir para a fase dois, o esquecer; parecia um bom plano, se eu não soubesse que esquecer é a última coisa que eu quero.

Me lembrei agora de um texto de um autor brasileiro que minha mãe gosta muito, Antônio Prata, o fragmento está perdido dentro do meu diário e é mais ou menos assim: Dói, mas vai passar. A gente acredita que não vai agüentar, mas suporta. "*Sei que parece que vai explodir, mas não explode. Sei que dá vontade de abrir um zíper nas costas e sair do corpo porque dentro da gente, nesse momento, não é um bom lugar para se estar.* Fernando Pessoa escreveu, num momento parecido, "H*oje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.*" - *Dor é assim mesmo, arde, depois passa*."
E Prata conclui de uma maneira arrebatadora o texto dizendo exatamente aquilo em que preciso acreditar: "[...]*Você vai ser feliz. Tá vendo essa dor que agora samba no seu peito de salto de agulha? Você ainda vai olhá-la no fundo dos olhos e rir da cara dela. Juro que tô falando a verdade. Eu não minto. Vai passar.*"

Vai Passar.

A atividade de minha madrugada se tornara ler e escrever em meus diários, as vezes acabava por cochilar, mas logo acordava espantada sentindo como se estivesse caindo em um buraco sem fim, foi o que acontecera de manhã, quando notei que já passava das dez da manhã, a capa de Comer Rezar Amar estava grudado em meu rosto, dos meus fones saiam uma música de uma girl band coreana, mas o som alto me incomodou e desliguei o mesmo, me sentando de maneira ereta em minha poltrona, sentindo meu corpo estalar já que me encontrava em uma posição desconfortável, Rachel não se encontrava no quarto e pelo cheiro de café delicioso suspeitava que todos estavam na cozinha.
Ainda vestindo meus pijamas - e parecendo um zumbi - segui o aroma delicioso logo adentrando a cozinha, Roux logo me desejou bom dia, sendo acompanhado de Morgan e Rachel, mas apenas respondi com um grunhido me sentando na primeira cadeira vazia que encontrará no campo de minha visão, vi que Rachel estava vestida com um terninho social, suas perolas favoritas da Chanel como acessório e seus cabelos estavam enrolados nas pontas de um modo vintage, demorei longos segundos para entender porque ela estava vestida tão elegante para um dia de visitação, era porque ela não ia fazer isso, apenas notei isso ao ver seu portfólio nas mãos de Morgan que os analisava com atenção enquanto Rachel roia a unha do polegar, algo que fazia sempre que está nervosa.

- Me lembrei agora que hoje é o seu grande dia ... Conseguiu terminar o seu portfólio? – Questionei tirando a xícara de louça de minha frente e enchendo um copo de plástico com meio litro de café.
- Sim, de um modo milagroso e aceitável, bom ... é o que acho. Eu sei que tenho trabalhos melhores, mas sei que esse pode ser considerado *bom*. Caso eu realmente ganhe a vaga, peço a Bridgit – desde sempre governanta de sua família. – para enviar todos os meus portfólios, assim poderei montar um mais profissional para apresentar em uma nova oportunidade ...- Com um olhar tristonho Rachel fez um biquinho. – Desculpa não poder passar o dia com você, prometo que tentarei retribuí-la de algum modo ...

- Tudo bem, já aceitei tal condição; é por uma causa maior e tenho certeza que você vai se divertir muito mais lá do que na visitação do dia de hoje ... – Pensativa ditei cada um deles contando 10 gotas exatas de adoçantes. - Palácio de Kensington, Victoria e Albert Museum e Natural History Museum, é muita cultura e informação e pouca diversão para Rachel Ray.
– Com um sorriso contido concluiu, tomando um longo gole de café.

- Você vai fazer isso tudo ... sozinha? – Morgan com um olhar pesaroso me observava como se eu fosse uma espécie de um filhote ferido.

- Sim. Não vejo problema nisso tia; eu me dou bem comigo mesma, não se preocupe. – Respondi observando Roux colocar uma torrada, feijão, ervilhas e mini salsichas em meu prato. – Aleluia, café da manhã britânico, agora me sinto na terra da rainha!

- O que foi, amor? – Roux questionou, agora servindo o café da manhã de Rachel, mas meus olhos foram em direção a Morgan que ainda me olhava pesarosa.
- Eu só acho muito solitário ... – Ela deu de ombros voltando sua concentração a seu café. – Curtir Londres sozinha em um dia tão bonito.
- Como eu disse, eu não tenho problema com isso, contudo você quer vir comigo? – Questionei despreocupada, mas Morgan me olhou surpresa, quase que assustada.
- Q-que? – Ela me olhou surpresa com os lábios sujos de café.
- Eu sei que você tem seus afazeres em relação a sua futura exposição, mas seria legal ter você como companhia, tia.

- E assim Kate não ficaria tão solitária e vocês teriam um momento juntas. Eu acho que seria bacana, seria bom para você sair um pouco, ver o mundo ao seu arredor, curtir sua sobrinha ... – Roux murmurou, se servindo de café.

- Eu não sei ... – Ela disse, entortando os lábios.
- Qual é, tia? Vai ser divertido! Por favor, aceita! – Fiz um biquinho com a intenção de parecer uma criança pidona.

- É, aceita tia. Aceita. Aceita. Aceita. – Rachel começou a cantarolar batendo palminhas intercaladas, logo sendo acompanhada por Roux.
- Tudo bem. Tudo bem. Vocês venceram. Eu vou...

Mesmo estranhando a relutância de Morgan, achei bacana ela ter aceitado meu pedido, se havia algo que eu precisava melhorar era minha convivência com ela, minha mãe sempre teve *problemas* com minha tia, logo fui privada de sair com a mesma sem a companhia de Roux o que era muito chato, às vezes eu queria apenas ter um momento com minha tia, conhecê-la melhor e eu não conseguia, já que minha mãe ciumenta surgia. Mas hoje seria diferente ... Sem mãe controladora ciumenta, apenas eu e Morgan.

Tomei um rápido banho, não podia perder tempo e me vesti com roupas frescas, o dia estava lindo: ensolarado e com pouquíssimas nuvens no céu, se estivéssemos em Durham ficaríamos o dia inteiro na piscina da casa de Rachel.
Todos saimos juntos, sendo que em direção a carros opostos; Roux e Rachel foram na direção do Fiat classic 500, a última extremamente nervosa com palavras doces a acalmei e desejei boa sorte, Roux informou que iria buscar Rachel, assim que ela terminasse a entrevista, o que deveria demorar já que ela não era a única estagiaria do dia sendo entrevistada, e ela ficaria com ele na Maverick.

- Com Lee, você quis dizer. – Murmurei com malícia e Rachel me olhou em choque, não esperando tal atitude minha.

Morgan me arrastou na direção de seu Mustang 69 preto, ao qual admirei e timidamente ela informou que havia sido herança de seu pai, ele era aficionado pelo carro e não aceitava que ninguém mexesse/dirigisse o mesmo, ela ficou honrada ao

descobrir que ele deixará o veiculo como herança para si, ela sempre amou o carro, quase tanto como ele. Observamos o Fiat classic partir pela rua com o escapamento fazendo seu barulho habitual e deixando sua fumaça negra no ar e seguimos em direção de nossa visitação do dia em Kensington.

Meus óculos Ray Ban e minhas roupas básicas se contratavam com os óculos redondos e pequenos de minha tia que estava com os cabelos extensos e encaracolados enrolados em um pincel, diferente das roupas sujas de tinta que ela costuma ficar dentro de casa ou ir a padaria e mercadinho, hoje ela estava com roupas limpas, um macacão e uma blusa de manga comprida branca, mas seus sapatos, all star brancos eram todo riscado com diversas cores de tinta, vi isso como uma forma de manter seu jeito de ser em foco de um modo discreto.

Diferente de Roux que dirigi veloz e furioso, Morgan é paciente e tranqüila, sempre com as mãos no volante e olhar atento a sua frente, conversamos sobre inutilidades enquanto ouvíamos música dos anos 80 que tocava em uma rádio do estado.

A trajetória que fazíamos era familiar para mim, já que havia a cruzado em minha lambreta ll em nosso primeiro dia em Londres para ir a Notting Hill, sendo que dessa vez fazíamos o caminho inverso; nossa primeira parada fora o Palácio de Kensington.

Morgan confessou que nunca havia ido lá, a falta de tempo e outras prioridades sempre a impediram de fazer uma boa visitação de seu novo lar; ela era de Glasgow, Escócia e só estava a alguns anos em Londres. Diferente de Rachel que mostrava repulsa aos passeios guiados, os achando tediosos e chatos, Morgan estava fascinada com cada nova informação que o nosso guia dava e era extremamente participativa, fazendo perguntas a cada novo lugar visitado, observando a tudo admirada, havia momentos que eu achava que ela era a turista americana e não eu. O State Apartments foi o nosso favorito com diversas exibições interessantes envolvendo a história do palácio que já fora residência real até 1760, mas confesso que estou encantada pela mostra Diana: A Princess Remembered, como uma boa amante da Inglaterra, sou apaixonada pela Lady Di, paixão que Morgan não dividi comigo, seu argumento? Ela parecia estar sempre tão ... brilhante; Não parecia ser humana como eu e você.

Eu acho que, talvez, seja por isso que ela foi - e é - tão amada.

Duas horas - bem gastas - mais tarde partimos para o Victoria & Albert Museum, um renomado museu de arte internacional e design, são mais de 154 galerias cheias de artes finas, decorativas e com diversos modelos de aposentos de vários períodos decorados e com
- algo que Rachel amaria ver - uma coleção de moda abrangendo 400 anos de designs europeus.

Provavelmente foi a visitação mais longa que permaneci, ainda mais por ter tirado fotografia de praticamente todas as coleções envolvendo moda para mostrar a Rachel e observado para mais de 100 galerias tendo toda a espécie de arte de épocas e momentos diferentes da Inglaterra e do mundo, me questionei algumas vezes porque havia decidido a ir lá, eu nem ao menos gostava de decoração, então me lembrei da recomendação que recebera que esse era um dos melhores passeios em Londres, e era, sendo que tinha que ter tirado o dia só para ele e ter trago Rachel comigo, ela teria amado, ainda mais envolvendo as coleções de moda e galerias com decoração, ela conversaria com a mãe por horas sobre, mas fui lenta e não pensei nisso antes, agora ficaria para a próxima, ia martelando isso em minha cabeça enquanto íamos a pé na direção oeste, indo para o National History Museum em menos de 3 minutos já estávamos lá.
Comprávamos nossos ingressos quando Morgan disse que essa foi uma das únicas visitações que havia feito desde que viera morar em Londres e que ela conhecia aquele lugar como a palma de sua mão, então decidimos não fazer um passeio guiado. Ela me dizia quais eram as suas atrações favoritas como o Mineral Pavilion e o Meorite Pavilion, onde se pode ver pedaços de rochas que caíram na terra de lugares remotos do universo, mas de todos o Darwin Centre é o seu favorito, já que ela é apaixonada pelo pai da teoria evolutiva, contava a ela quais atrações queria ver primeiro enquanto almoçávamos no restaurante do museu.
Começamos pela exposição de Darwin, indo para a Dinosaurs, a qual estava mais ansiosa para ver, o museu tem catorze esqueletos completos e dois velociraptors de animatronic e um T.Rex robótico de tamanho real que segura uma presa fresquinha, culpo essa minha fascinação por eles vinda dos filmes do Steven Spielberg.
Vimos em seguida anfíbios, peixes, repteis, mamíferos, biologia humana, imagens da natureza, a baleia azul, que é belíssima e realmente enorme, imaginei uma cópia

idêntica dela derrubando o cruzeiro ao qual estava a dia atrás e não era uma imagem legal ... Arvores e macacos também era uma das exibições aos quais queriam ver, consegui o privilegio de alimentar um filhote primata e até foto - sem flash - tirei com ele e tentei convencer o guia da atração deixar que eu adotasse o macaquinho, mas Morgan não gostou da ideia dizendo que minha mãe não ia gostar de um macaco roubando seus biscoitos e morando em seu sótão.

- Eu acho que você assistiu *Planeta dos Macacos: A Origem* demais!
- Não me culpe! Culpe James Franco e sua perfeição, aquele homem é um pedaço de ... – Ela se calou, ficando vermelha como se tivesse notando revelar sua paixão jovial, comecei a rir. – Desculpa, eu devo estar soando uma idiota falando desse modo ...

- Não se preocupe, o Cesar é um pedaço de mal caminho para mim e pode ficar tranqüila que não direi nada ao Roux sobre você e o James e se você quiser vê-lo, escondido é claro, eu trouxe a minha cópia do filme para viagem.

- Uhh, pipoca e mashmallow e assistimos em seu quarto, Roux não gosta do Franco, nem um pouquinho, motivos evidentes. Então, combinado? – Ela murmurou animada com um sorriso de lado a lado, como uma adolescente que acabara de ser aceitar no grupo mais popular do colégio.

Por fim, fomos as exposições relacionadas a terra, envolvendo vulcões e montanhas e até mesmo uma exposição sobre o mundo hoje e amanhã muito interessante, nossa última visitação foi na área de Creepy Crawlies e digo uma coisa há uma razão sombria para eu não gostar de insetos e essa atração me disse qual: São apavorantes, nojentos e rastejantes, nada que seja desse medo pode ser bom para alguém e Morgan adora besouros, ela diz que eles são ótimos guardando segredos, eu não sei o que ela quer dizer com isso e nem quis pensar muito, já que a única coisa que passava na minha mente era Eww ... Ewww... Ewwww!

De todas as minhas visitações, essa foi a minha favorita, sai do museu tagarelando com Morgan cada atração e como havia gostando daquilo, e que tal animal era fascinante e como eu queria ter um velociraptor de estimação ... Nossa! Com certeza irei retornar a esse museu incrível algum dia, ele é fantástico e merece ser revestido

milhares de vezes. Voltamos para Notting Hill, mas em vez de irmos direto para casa, dei a ideia de passarmos no mercado estava a fim de fazer o jantar e sugeri dar umas dicas de culinária a ela, desde que ela não mexesse no fogão, a mesma ficou tão animada que quase bateu no Ford que estava a nossa frente, anotei mentalmente de nunca mais deixá-la agitada assim quando estiver dirigindo. Decidi que uma boa macarronada seria uma ótima pedida para o dia, comprei o material para fazer a massa e molho, aproveitamos e passamos em uma loja de jardinagem na qual Morgan comprou algumas sementes e mandou que eu escolhesse uma para eu plantar, podia ser de uma flor ou de legume, o que eu desejasse, comprei para mim sementes de Begônia e para Rachel comprei de cravo, sua flor favorita.

Foi a primeira vez que cheguei em casa e o céu ainda se encontrava claro, depois de colocar as compras do mercado na cozinha, Morgan disse que iria se dedicar a uma inspiração que surgira em sua mente agora, qualquer coisa ela estaria em seu estúdio. Me sentei no corredor do segundo andar, fazendo carinho na barriga de Jack que ficou a brincar comigo, acabei por levá-lo a meu quarto onde ele ficou quietinho, sentado no acolchoado da janela enquanto eu me joguei em minhas almofadas, ligando para minha mãe, mas ela não me atendeu em minhas quatro tentativas, então deixei uma mensagem na secretaria eletrônica ...

- Oi, aqui é a sua filha, aquela a qual você não responde os e-mails e não atende quando ligo, mãe! Bom, espero que esteja tudo bem com todos, por aqui está tudo ótimo; hoje foi o dia da grande entrevista de Rachel para o tal estágio e estou morrendo de curiosidade, passei o dia com tia Morgan e foi ótimo, cheguei em casa cedo e vou preparar o jantar, será uma surpresa para Roux e Rachel e aproveitarei para dar umas dicas a Morgan. Bom, é só isso. Estamos todos bem e eu ... eu sinto saudades de vocês.

Tomar banho, lavar minhas roupas usadas - e as que encontrei de todo mundo dentro da cesta e era muita coisa - na lavandeira, pendurar tudo no varal, colocar mais comida e água para o Jack e dá uma checada nos meus e-mails, falei que minha mãe não responde meus emails, sem conferir tal afirmação, mas estava certa, apenas encontrando Spams. Morgan continuava trancada dentro de seu estúdio, ouvia a Freddie Mercury em um volume baixo e eu não achei certo atrapalhá-la, então me

enfiei dentro da cozinha pronta para iniciar o melhor jantar italiano que já fizera. Comecei pela massa que era a parte mais demorada, assim que ela já estava pronta e fervendo dentro de uma grande panela, me dediquei ao molho, cortando os tomates, cortando alguns temperos em folha e tendo uma batalha para encontrar o orégano que não estava em sua prateleira, tendo que fazer exatamente o que não queria ...

- Tia, desculpa ... – Falei assim que adentrei em seu estúdio após duas batidas, o lugar tinha tanta informação que não sabia no que me focar: quadros prontos, pinturas inacabadas, telas em branco, um armário com centenas de cores diferentes, em uma parte menos iluminada haviam diversas esculturas de todas as espécies, alguns humanos outros identificáveis. – Eu estou procurando o orégano para colocar no molho, mas não o encontro, você sabe onde ... Meu Deus! Tia! – Disse com as mãos nos lábios, vendo a pintura a qual ela estava se dedicando. Uma jovem de longos cabelos negros, vestindo uma blusa rosa e colete de jeans, short de jeans, sua pele branca era quase idêntica a da tela, contudo ao seu arredor havia uma paisagem um tipo de berçário, de tons claros, nos braços dela um pequeno macaquinho que mama de uma mamadeira lotada de leite com olhos brilhantes.

- Ahhhh! – Só então percebi que ela estava de pé, me olhando surpresa e estava a cantarolar como um passarinho. – Você ... ahhhh! – Ela voltou a cantarolar, batendo levemente o pincel entre os dedos. – Você não deveria ter visto.

- Porque? Isso faria com que você virasse um passarinho? – Sendo sarcástica respondi, ela me olhou ainda com certa preocupação. – Tudo bem, vamos fingir que eu não vi nada, okay? – Dei um fim ao assunto, não querendo deixá-la mais sem graça, era evidente que eu estava sendo inconveniente. – Só me diz onde acho o orégano, é para o molho ...

- Mas ... eu pensei que fossemos cozinhar juntas. – Seus ombros caíram, como seu olhar e senti meu coração apertar, como se tivesse feito algo de muito errado e mentido sobre há alguém que amo.

- Eu não queria te atrapalhar, por isso preferi começar o jantar sozinha, teremos chance de cozinharmos juntas outro momento, como amanhã, por exemplo.

Desculpa por ter entrado aqui, eu não queria ser inconveniente. É melhor eu sair.

- Não. Desculpa ... É só que, eu não gosto que vejam o meu trabalho antes que ele fique pronto; dá mau agouro.
- Ah, eu meio que entendo isso, eu também não gostava que lessem minha história sem eu ter dado aprovação; me sentia invadida.

- É, é assim que me sinto. – Ela sorriu de leve e voltou a se sentar em seu banquinho encarando a pintura que ainda precisava de muita tinta para estar pronto, mas em parte já estava quase completo. – Sinto que o que fiz não está bom o bastante e isso levanta questionamentos negativos sobre mim. Só quero que as pessoas me vejam pelo que sou e não por uma imagem fraca, entende?

- Sim, mais do que você pode imaginar. – Puxei um banquinho e sentei do seu lado, observando-a atenta a sua pintura. – Mas saiba que a sua pintura esta belíssima, os traços, as misturas de cores, eu não entendo muito bem desse tipo de arte, mas sei admitir quando vejo algo bonito. – Morgan sorriu e abafou uma risadinha tímida e começou a misturar algumas cores, pensativa. – O que foi? Não crê no que eu disse?

- Não ... Quer dizer, sim eu creio, mas ... – Ela parou o que fazia e me olhou com atenção um sorriso doce, materno surgiu em seus lábios. – Estou tão feliz por você estar aqui, você não sabe como isso deixou o coração de Roux feliz, depois de tantas coisas ruins que tivemos passado. – Ela pausou com seu olhar se escurecendo, segurei sua mão, mesmo não sabendo a razão do pesar. – Sua mãe sempre deixou bem claro que não gosta de mim, que não me queria com seu tio e muito menos perto de você, simplesmente pela pessoa que sou. Seu tio e eu achávamos que era ciúme, mas depois que você nasceu, eu percebi que era mais que isso. Ela nunca gostou da pessoa que eu sou e você não sabe como fiquei feliz em passar esse tempo com você hoje, vendo que os preconceitos que sua mãe tem em relação ao meu trabalho e estilo de ser não passaram geneticamente a você.

- De modo algum, eu amo você do jeitinho que é. Com roupas folgadas, cabelos desgrenhados, tinta nas bochechas e cabelos ... – Comecei a rir apontando para um risco vermelho em sua bochecha e ela levou a mão até o lugar rindo ao sentir o traço.

– E pode parecer que minha mãe tem certos preconceitos, mas creio que seja ciúme o maior fator para tanta distância e desgosto ...Ela nunca foi hóstil, fria ao falar de você, pelo contrário, sempre soou amorosa, sendo que contida.Ela só precisa se acostumar ...

- Acho que 21 anos de casamento é tempo o suficiente para ela ter se acostumado. – Ela respondeu em muxoxo.

- Ela não só perdeu o irmão mais velho para a mulher da vida dele, como perdeu o melhor amigo. Eles se viam todos os dias, ele sempre estava lá quando ela precisava e vice-versa, ela era à base dele e ai você tomou esse lugar e isso deve doer, sabe? Minha mãe sempre foi muito orgulhosa e cabeça dura, para ela entender que vocês dois foram feitos um para o outro e que ele sempre será o melhor amigo dela independente de estar perto ou longe vai demorar a entrar na cabeça dela, mesmo que isso esteja bem óbvio na cara dela ...

- É definitivamente você é filha de seu pai ... – Morgan disse rindo, eu sorri a ideia de ser parecida com meu pai me alegrava por inteiro. Uma sensação confortável de paz. – Michael sempre via o lado bom das pessoas, independentes de quem ela fosse na vida dele, ele sempre a via com os bons olhos, destacando aquilo de ruim com um olhar ingênuo e gentil. Ele gostava de mim ... dizia que eu era a parte de Roux que andava incompleta pelo mundo como ele, mas que quando nos conhecêssemos, tudo se completou, incluindo nós. – Senti meu coração se apertar, podendo ver claramente meu pai dizer aquilo com um grande sorriso e olhar carinhoso, como se pudesse sentir o tão emocionada havia ficado, Morgan segurou minha mão e seu toque me surpreendeu. – Ele a amava muito, Kate.

- Eu sei, só queria ... só queria que ele tivesse vivido o bastante para saber que eu sentia o mesmo. – Abaixei minha cabeça, enrugando o cenho, voltei meu olhar ao quadro e em seguida a Morgan. – Me fala mais sobre ele ... Minha mãe não gosta de falar sobre e eu ... sinto falta dele, estou o esquecendo aos poucos e não quero que isso aconteça ...

- Bom, você conhece a história da vez que ele nos levou para um passeio em

Durham, íamos em jantar fora e ver um filme, e acabamos presos do outro lado da cidade por causa da aproximação de um furacão e sua mãe descobriu que estava grávida de você. Foi apavorante, hilário e incrível.

- Nossa, eu ... Eu não tinha ideia de que isso havia acontecido. Me conte tudo, por favor.

Morgan sorriu gentil e voltou a se concentrar em sua pintura contando com detalhes aquele dia em especial que eu não sabia de sua existência. Nunca fiquei tão feliz em me sentir tão oposta há alguém e ao mesmo tempo tão igual como me sentia em relação a minha tia, no último caso, confesso que o macarrão queimado na cozinha mostrava bem que era sua sobrinha, acabei por me distrai fascinada pelas histórias que minha tia contava com medo que quando Roux visse aquilo eu nunca mais fosse permitida a entrar na cozinha, Morgan falou que levaria a culpa e que eu deveria pedir comida, assim eles ainda se surpreenderiam, sendo que positivamente.
Tailandesa foi a pedida, Morgan voltou ao seu trabalho e eu tentei limpar o queimado da panela o mais rápido possível para que ela não levasse a culpa e consegui tal feito, até acendi um incenso que encontrei em uma gaveta da sala, o cheiro pesado de queimado sendo substituído por um agradável aroma de alfazema.
Quando Roux e Rachel chegaram a mesa de jantar se encontrava arrumada por Morgan que havia se trocado voltando a usar suas roupas normais, já eu colocava a comida em travessas, por incrível Roux ainda sentiu o cheiro de queimado, o que fez Morgan ter que relatar sua pequena mentirinha, antes que acabassem surgindo outros afazeres fiz com que todo mundo lavasse as mãos para jantarmos. Pela expressão cansada de Rachel o dia havia sido longe e comer era a última coisa que ela desejava, contudo ela sabia a minha opinião sobre não comer, então se esforçou a participar do jantar, que foi regado de conversas sobre meu dia com Morgan, o dia de trabalho de Roux e da entrevista de Rachel, que demorou quase quatro horas para acontecer e que ela acredita ter sido um sucesso.
Essa noite Rachel se propôs a lavar as louças com Morgan, eu pretendia tomar um bom banho e arriscar dormir, mas tive que colocar tal ideia a espera, já que ouvi na metade do caminho Roux me chamar de dentro de seu escritório, ele apontou para que sentasse na poltrona a frente de sua mesa de mogno antiga e obedeci, me afundando na macia poltrona com seus óculos na ponta de seu nariz ele me observou

entregando uma dezena de folhas, todas com fotos impressas, sorri observando as paisagens as quais havia fotografado ali impressas.

- Obrigada, tio. Ficaram perfeitas. – Respondi deslumbradas, observando uma a uma.

- E o que você achou dessa em particular? – Ele disse em um tom misterioso, me mostrando uma foto a qual havia segurado, o sorriso em meu rosto desmanchou lentamente, ele notou e ergueu uma sobrancelha. Era Peter na foto, abraçado a mim, tiramos na borda do navio com o por do sol como cenário.

- Ficou bonita também, mas não era para ter a imprimido, devo ter selecionado ela por engano. – Peguei a foto de suas mãos, observando-a com atenção, os sorrisos em nossos lábios descreviam a felicidade que sentíamos por estar um ao lado do outro, duas almas tão opostas, mas tão completas e perfeitas quando unidas.

- Quem é ele? – Ouvi distante a voz de meu tio.
- Um amigo. – Respondi em um suspiro.
- Não é o que parece ... – Ele murmurou de uma forma que dava a entender seus pensamentos naquele momento.

- Tem razão. – Guardei a foto no meio das outras. – Nem amigo ele é, apenas um conhecido. Como eu disse, a foto foi selecionada por engano, mas obrigada mesmo assim, todas vão ficar lindíssimas em meu diário de bordo. – Roux não pareceu confiar muito em minhas palavras sobre Peter, mas como de habitual não queria falar sobre isso, antes de sair do escritório uma questão surgiu em minha mente, algo que havia surgido em minha mente quando conversava com Morgan, mas não tive oportunidade de questionar sobre. – Tio, posso te fazer uma pergunta bem pessoal?

- Sou um livro aberto. – Ele sorriu de lado e eu me aproximei alguns passos o olhando com atenção.

- Eu e Morgan conversamos muito hoje e ela falou algo que despertou a minha curiosidade: ela disse que o senhor ficou muito feliz com a minha presença, ainda mais depois de acontecimentos ruins na vida de vocês. Minha mãe não me contou

nada sobre e ... bom, eu quero saber o que está acontecendo e se posso fazer algo para ajudar.

- Não, não pode. – Como se uma nuvem negra tivesse tomado seu rosto, Roux ficou sério com um olhar vazio tornando sua expressão sombria. – Nós estamos tentando engravidar a mais ou menos 6 anos, tendo um resultado positivo há 2 anos atrás, mas Morgan teve um aborto espontâneo, eu pedi a sua mãe para não lhe contar, não queria lhe causar tristeza. Morgan sempre teve muito problemas de cólicas muito dolorosas nos períodos das coisas femininas. Bom, há alguns meses atrás reparei que ela estava sofrendo o dobro do normal, pensei que podia ter haver com o aborto e achei melhor levá-la ao médico então descobrimos que ela tem endometriose profunda e que ela faz parte dos 60% de mulheres que tem dor e infertilidade. De inicio foi muito difícil, tanto para ela quanto para mim, ela se sentia muito culpada, mas confesso que ela superou tal dor bem melhor do que eu, se entregou ao trabalho, está recebendo muito carinho dos amigos que tem, mas eu ... Ainda estou aceitando o fato que não poderei ter um filho, sei que vou superar, mas não agora.

- Não é assim também. Eu não tenho ideia da dor que vocês sentem, mas ... Vocês podem não ter um filho com seu sangue, mas podem adotar um, que perdeu os pais ou pior, que foi desvalorizado por eles, que precisa de pais como vocês: carinhosos, amorosos e cheios de amor, conselhos e uma vida repleta de realizações para dar. Já pensou nisso em adotarem uma criança?

- Estamos tentando adotar uma criança desde que descobrimos da condição de Morgan, mas adotar é algo muito complicado, requer meses, às vezes anos para ter uma aprovação. Nossos documentos estão sendo analisados há mais ou menos 2 meses e nosso advogado não entrou em contato conosco até o momento então, nenhuma resposta foi dada, nem positiva ou negativa. – Ele suspirou e me olhou com aquele olhar tristonho cheio de significados. - Agora só nos resta esperar e ter esperança. Pretendo começar a montar o quarto para ele ou ela daqui a alguns meses, só estou aguardando os últimos arranjos financeiros.

- Ele pode ficar com meu quarto, você sabe disso, né? – Murmurei com um sorriso no canto dos lábios. – Provavelmente só irei voltar em Londres daqui a 10 anos,

quem sabe mais ... E eu ficaria muito feliz se meu quarto fosse do filho de vocês, ia significar muito para mim.

- Não, aquele quarto é seu. Você vai usá-lo mais do que pensa e eu quero fazer um quarto para meu filho. Algo que vai ser só dele. – Ele sorriu, sem a emoção necessária, mas soando sincero ao falar. - É um inicio, não é? Pensar em um futuro com essa criança que no momento está em algum lugar da Inglaterra, querendo um casal para amá-lo, se sentindo sozinho e abandonado nesse mundo e triste por não ter nada nem ninguém.

- Bom, sozinho você não está; Você tem a Morgan que é condicionalmente devota a você e te ama, se ela está forte e superou isso, é porque ela sabe que há algo maior guardado a você. Tem uma frase de um autor brasileiro, Caio Fernando Abreu, não sei se você já ouviu, mas ele disse o seguinte: [...] *Deus não demora, Deus capricha*. Eu creio que é isso que ele está fazendo com vocês, caprichando no futuro que lhe é guardado. – Roux me olhou com o cenho enrugado, tentando conter sua emoção, dei um beijo em sua testa e sorri. - Posso não ser vidente, mas tenho certeza que vocês ainda serão ótimos pais.

E dizendo isso resolvi deixar Roux a sós com seus pensamentos, sabia que de algum modo isso iria afetá-lo positivamente, ele só precisava de fé, acho que no fundo, todos nós precisamos dela. Manter a cabeça erguida, enfrentar todas as batalhas, perder algumas, não importando o que nos aguarda do outro lado, a fé é essencial e dei um pouco a Roux hoje que ele usaria para se fortificar.
Eles não tem um problema, apenas uma condição que um dia será solucionado, mas creio que esse momento tenha sido um *Wake Up* em minha vida, pude perceber que a minha condição não é nada perto da deles ou de outras milhares de pessoas que estão sofrendo com situações piores e mais pesarosas, mas é como dizem popularmente: o problema dos outros nunca são muita coisa perto dos nossos, por mais automática que nossas vidas sejam, essa frase nunca valeu para mim e mais do que nunca coloquei no topo de minha prioridade olhar para o próximo antes de achar que o cosmo estava sendo injusto comigo havia alguém que com certeza ao meu lado estava sofrendo calado e que um olhar atento meu poderia ser notado isso e mostrar que o mundo é muito maior do que eu imagino e que eu não sou o centro do

universo, por mais que essa seja a sensação em alguns momentos de sabotagem universal.

Consegui dormir por 2 horas e alguns minutos, mas querendo evitar a possibilidade de ter mais algum pesadelo apavorante com um membro da família Hartley ou a Samara Morgan, me empoleirei em minha poltrona presa ao teto que me dava a sensação de ser uma gaiola aberta acolchoada e feita de palha, feita especialmente para os humanos. Mais uma noite em que escrevo em meus diários e leio Comer Rezar Amar em vez de dormir.

Quinto dia em Londres, confesso que sinto como sempre tivesse vivido aqui, nesse quarto, casa, cidade ... Tudo parece se encaixar tão perfeitamente com meu cotidiano que não tem como eu me sentir deslocada, eu me sinto parte desse mundo como nunca me senti antes, nem mesmo em minha cidade natal.
O som dos passarinhos cantando na árvore vizinha, o cheirinho de café tomando conta de toda a casa, o som de Roux arrastando os pés no corredor, abrindo a porta principal para pegar as garrafas de leite fresquinhos deixada cedinho e junto o jornal do dia, Jack correndo de um lado ao outro no segundo andar me esperando para coçar sua barriga e eu, observando a tudo aquilo encantada.

Por ser sábado me dei no direito de não ter pressas com os meus compromissos do dia, além do mais só havia marcado uma visitação para nosso quinto dia na cidade, ao descer com Jack em meus encalços dei bom dia assim que entrei na cozinha, vendo que Roux estava ensinando Rachel a fazer panquecas enquanto Morgan estava trancada em seu estúdio ouvindo Bon Jovi, provavelmente criando uma nova obra, então eu decidi tentar falar com a minha mãe, se ela fizer o favor de me atender, já que responder meus e-mails parece ter se tornado algo impossível, me arrependi de tal pensamento egoísta, não sabia pelo que ela estava passando, como suspeitava meu irmão já havia ido para sua colônia de férias, há exatos 24 horas como minha mãe havia ressaltado; me deu uma dor no coração ouvir sua voz tristonha em tom desolado relatando a saudade que ela sente de mim e de Chuck, que é como um filho para ela, que o silêncio dentro de casa é mortal, que ela não tem nada para fazer, está contando os dias para sua sogra chegar e até Bruce, nosso cão, está sentindo a nossa falta e a tormenta que se aproxima com a chegada de minha avó, já que ele passa o

dia inteiro escondido embaixo da mesa de centro da sala. Me doía ouvi-la tão tristonha e solitária, perguntei por Joseph e ela contou que ele havia viajado com uns amigos:

- Pescar! Você acredita nisso? Para que pescar se temos o peixe congelado em qualquer freezer de qualquer mercado ... mas não. Pescar é bom amor, é relaxante, pacifico e tranqüilizador, você deveria tentar. Depois dessa o expulsei para tal viagem em pontas pés.
– Ela disse irritada, minha mãe sempre teve problema com as pescarias de Joseph e seus amigos, mas hoje ela parecia bem mais atentada com isso. Ela estava desocupada e carente sem os filhos, bem que Joseph podia ter ficado em casa, mas pedir sensibilidade um homem de quarenta anos é um pouco demais, creio.

Tentei animá-la com as minhas histórias de viagem e dei ideia do que ela poderia fazer, já que estava sozinha em casa por 02 dias, como dançar de calcinha e sutiã ao som de Queen, comer todo o chantilly pelo gargalo e fazer uma festa do pijama para si mesma com pizza, comida japonesa e muitos, muitos filmes, mas o caso era sério, tanto que ela disse:

- Isso tudo só seria divertido com vocês aqui.

Ele tem razão, eu não devo saber o que é divertido para se fazer sozinha, já que para mim qualquer coisa é animada por me conformar com satisfação com a minha solidão, diferente de pessoas vivas e espontâneas como a minha mãe, que não suportam essa condição momentânea. Ela disse que iria ler meus e-mails e tentar terminar de ler o último livro da Agatha Christie que ela havia adquirido para sua coleção comendo muita pipoca doce, tentando animá-la disse que antes que ela percebesse eu já estaria de volta em casa para infernizá-la, mas pela sua resposta ela não pareceu crer nisso ou simplesmente não foi o bastante para animá-la.

Depois de tomar um bom café no melhor estilo americano e lavar toda a louça fomos para o quintal onde iríamos cumprir uma de nossas regras de convivência: Plantar uma planta/flor a cada sábado. Bom, para Rachel foi uma batalha tentar plantar as suas sementes de cravo sem sujar suas preciosas mãos e roupas, por minha vez, não

me incomodei de enfiar as mãos na terra, pelo contrário, estava acostumada, já que plantava muitas mudinhas com minha avó materna, principalmente no verão. Morgan nos mostrou o seu jardim e por incrível que pareça ela sabia exatamente qual planta ela havia plantado e qual era de Roux, ele por sua vez, apenas molhava elas e conversava com algumas como velhas amigas enquanto Jack tentava ser molhado pela mangueira. Morgan nos lembrou que tínhamos que molhar nossas sementinhas todos os dias e conversar com elas, senão cresceriam e seriam felizes e vivas como as deles, pela expressão de Rachel ela achava isso tudo hilário, concordo, eles tem suas excentricidades, mas confesso que acho belo o modo que o casal ama a vida, de um modo inabalável e apaixonado, eu acredito que sou um pouco assim, amo a tudo e a todos sem restrições e preconceitos, acho que puxei isso dos genes de Roux.

Roux foi trabalhar e Morgan voltou a se trancafiar em seu estúdio, ambos já avisados de nossa atividade do dia: Pepsi Trocadero.

- Não nos espere acordados, chegaremos bem depois da meia noite. – Rachel disse assim que o assunto foi mencionado no quintal. – E não se preocupem, teremos a companhia de Lee, é dia de folga dele, então o chamei para sairmos conosco, ele irá nos buscar em ... meia hora e nos trazer de volta.

- Hummm, é impressão minha ou as coisas entre vocês estão sérias? – Morgan questionou com um sorriso.
- Nah, só estamos nos divertindo. – Rachel respondeu dando de ombros.

- Essa juventude de hoje em dia... - Roux disse com um tom de voz julgador. Como planejamos, passamos o dia inteiro no Pepsi Trocadero, que é um shopping de entretenimento com lojas de jogos e simuladores, vídeos, cinemas e fica ao lado do Planet Hollywood. Passamos a maior parte do tempo no Segaworld, onde é encontrado diversos passeios temáticos, um deles é o Max Drop, a primeira montanha russa indoor em queda livre do mundo, graças a ele ficamos por pelo menos uma hora sem comer absolutamente nada e só a ideia me causava um rebuliço no estômago e eu não era a única, já que via Lee ficar roxo toda vez que passávamos perto de algum restaurante. Ele que trouxe um amigo de sua universidade, um tal de Brian ou Ryan, enfim o que importa é que ele não sabe falar com uma mulher e

quando tentar dirigir algumas palavras tudo envolve cantadas e atitudes machistas.

Valeu Rachel pela tentativa de me unir com o mister músculos.
Lee é um cara adorável, mostra ter uma personalidade mais desenvolvida que de seu amigo e é extremamente carinhoso com Rachel e um pouco afetuoso demais comigo, pelo jeito, aquele papo de Rachel dele querer se divertir realmente é verdade, tive a certeza quando ele segurou a minha cintura em um dos brinquedos que fomos, como se quisesse me ensinar a me mover naquele jogo, mas não precisava disso e deixei bem claro quando pisei em seu pé e ameacei chutar o pouco que ele tinha no meio das pernas se ele desse em cima de mim denovo estando com minha amiga.
O clima ficou super chato depois disso, mesmo com Rachel percebendo que havia algo errado, disfarcei não querendo estragar seu dia, continuamos nosso passeio, ela conversando animada com Brian – Ryan - e Lee e eu me arrastando ao fundo tirando fotos e pouco me importando por estar de vela e esquecida pelo grupo, era melhor assim. Comemos em um restaurante temático americano chamado Ed's Easy Diner que estava lotado de adolescentes mimados e irritantes e crianças 03 vezes piores que eles, os poucos adultos que se encontravam ali pareciam tão propensos a saírem correndo como eu me sentia. Comer foi fácil, assistir foi difícil, o amigo de nome não identificado - e que pouco me interessa saber qual é o nome - comeu um hambúrguer gigante, com quatro pedaços de carne dentro, um prato cheia de batatas e anéis de cebola fritas , parecia um animal devorando aquilo tudo, Lee não parecia muito longe de tal comportamento e Rachel parecia estar perdendo o interesse por ele tão rápido quando havia perdido por Dorian quando o vira comer feito um bárbaro, eu que pensava que esse passeio iria fracassar acabei por mudar de ideia quando vi Rachel despachando Lee dizendo que recebera uma ligação de seu estágio e que tinha que ir embora, eles dividiram um selinho e observamos ele e seu amigo sumirem por um lado, enquanto fomos pelo outro enquanto Rachel dizia que não iria mais vê-lo por diversas razões, uma delas o fato dele comer feito um selvagem é claro, mas também a falta de personalidade evidente estando perto de seus amigos.
Por sorte estávamos no Pepsi Trocadero, que parece ter sido arquitetado de um modo que fica impossível de você passar pelo mesmo lugar 2 vezes - ou achar a saída - a chance de esbarramos neles seria a mesma de um raio cair sobre nós:

- Você está bem? – Questionei a Rachel observando ela ler uma página da sua mais

nova Vogue, enquanto eu me delíciava com um copo de Milk shake.
- Estou ótima, Dr. Phil. – Ela respondeu me olhando com estranheza. – Porque dá pergunta?
- É que você não parece bem depois de ter dispensado o Lee, está séria e calada, só queria saber se está tudo bem, se não podemos ir embora ...

- Eu estou ótima, eu só estou concentrada nessa matéria ... – Ergui ambas as sobrancelhas tomando a bebida pelo canudo e Rachel revirou os olhos, tomando a bebida de minhas mãos e tomando um grande gole. – Tudo bem, eu estou frustrada pelo que aconteceu hoje, não esperava que ele fosse se transformar de príncipe gostoso para selvagem gostoso, o comportamento dele me cansou a um nível que me fez desejar nunca mais vê-lo e depois que vi a maneira que ele olhava para você tratei de mandá-lo passear ...

- Q-que? – Questionei, me engasgando com a bebida.

- Pelo amor de Deus, não me diga que você não reparou? Lee, olhando para você cheio de segundas intenções o tempo inteiro? Até quando ele estava do meu lado, os olhos dele estavam em você. Ele queria nós duas e se tem algo que eu não aceito é que sejamos brinquedinhos de garotos ingênuos e sem educação, na realidade, de garoto nenhum. O contrário pode, já que não o faríamos sofrer, mas ele brincar conosco, *jamais*!

- Então, você não vai vê-lo mais? – Murmurei pensativa.
- Não, de jeito algum. Se ele me procurar darei uma despistada e você pode tratar de fazer o mesmo por mim, agora se você estiver interessada nele, eu poss ...
- Não! – Disse em sobressalto. – Só estou questionando para saber como proceder quando vê-lo na Maverick ou por ai ...
- Londres não é tão pequeno assim, Katerina. – Rachel disse com firmeza e eu suspirei, pensando com tristeza: *É menor do que você pensa, Rachel, eu que o diga.*

O passeio se tornara o que eu imaginara dele desde o inicio: Uma visitação agradável ao lado de minha melhor amiga, havíamos ido nos melhores brinquedos, ganhamos alguns prêmios em jogos e agora queríamos descansar de nossos almoços

gordurentos - pelo menos o meu -, então começamos a bater pernas pelas lojas, como eu, Rachel ama jogos, mas ela não tem um irmão que lhe torturaria se não voltasse para casa com os melhores lançamentos como presentes; comprei tantos jogos novos para Chuck que tinha a certeza que ele teria um enfarte ao ver cada um deles, uma pena que não teria a chance de jogar com ele todos, já que minhas aulas começariam em menos de 1 mês. Pensamos em assistir um filme, mas nada chamou atenção de Rachel que tinha um gosto especial por comédias românticas e não havia nenhum em cartaz, ainda era cedo, havia ainda algumas lojas e atrações que não havíamos ido no Pepsi Trocadero, mas já estávamos cansadas e pelo que notávamos o lugar estava ficando cada vez mais cheio, para fugir de uma eminente multidão decidimos ir embora, Rachel me convenceu a irmos para o Soho, ela queria comprar uns sapatos e um vestido que havia visto em umas lojas por lá na última vez que fomos lá, mas ela ficara em dúvida em adquiri-los, mais agora parecia decidida.

Fomos para lá e como conhecia bem Rachel decidi deixá-la sozinha com suas compras avisando-a onde estaria, na Maverick, onde Roux se encontrava.
Faltava poucas horas para a loja fechar e a mesma se encontrava um pouco cheia, mas nada que os empregados não pudessem lidar, Roux se surpreendeu com minha chegada cedo, achando que iríamos chegar só a noite, mas contei a ele o que havia acontecido entre Rachel e Lee e ele compreendera.
Fiquei a namorar os últimos lançamentos literários, pensando em comprar dois livros, mas em dúvida em relação a um terceiro, curiosamente comecei a conversar com uma moça que também estava em dúvida sobre um dos livros que eu queria, conversamos sobre o mesmo e questionei a ela os seus estilos literários favoritos, ela não levou o livro que pretendia, mas levou um que cairia perfeitamente em seu gosto, ela foi pagar o produto e eu segui para outra estante e uma senhora que me viu aconselhar a moça, questionou qual seria o melhor livro para o seu sobrinho de doze anos, um sobre mitologia grega abordado em tempos modernos ou um sobre fantasmas em um colégio, ajudei a na decisão e quando percebi havia umas três pessoas em minha volta pedindo opinião, com sorrisos simpáticos e olhares de dúvidas, preocupada em acabar levando uma bronca de Roux avisei que não trabalhava ali, mas eles não pareciam preocupados com isso, ajudei-os e uma senhora disse que queria a minha opinião já que eu parecia conhecer tão bem os

livros daquela sessão e já os outros empregados parecem mais empenhados em apenas empurrar o livro ao cliente em vez de indicá-los e contar suas histórias como eu fiz, agradeci o elogio, ainda mais porque ele levou meu ego aos céus, mas logo voltei a terra ao ver Sabrina não muito longe de onde estávamos com um olhar bem hóstil em nossa direção, se afastando assim que percebe meu olhar em sua direção.
Não aconselhei mais ninguém, fui para uma outra sessão fuxicar outros livros, quando me dei por satisfeita paguei os que havia escolhido e fui embora, ligando para Rachel para saber em qual loja ela se encontrava, de vestidos a sapatos, agora ela estava em uma loja de acessórios no final da rua, seguia meu caminho quando passava em frente de um jornaleiro e uma revista em particular chamou minha atenção: Peter.
Abaixo de uma foto dele, sozinho andando por um centro comercial desconhecido por mim estão em letras garrafais a chamada para a notícia: **A Pretty Broken Hearted Boy** (= um menino bonito com o coração partido) **Saiba tudo sobre a paixão não correspondida do Lorde mais querido do pa**ís.

Ótimo!
Ele é o lorde mais querido do pais e eu por alguma razão, estou nesse momento sendo odiada por milhões de garotas por todo o mundo por ser a tal da garota que partiu o seu coração.
Espere um momento.
Como eles sabem de mim?

- Oh Meu Deus! – Deixei escapar dos meus lábios pegando a revista de fofocas e procurando a materia principal, o jornaleiro estava atendendo um cliente, mas sentia seus olhos curiosos em minha direção enquanto meus olhos corriam rapidamente pela notícia. Pelo visto, Peter postou em seu blog sobre sua última viagem em um cruzeiro junto a sua família e ele dá a entender que se apaixonou por uma jovem a qual roubou seu coração e o partiu de um modo incompreensivel, a jornalista diz que pelas palavras de Peter, ele ainda guarda grande carinho pela jovem e levanta o questionamento: Quem é a jovem que roubou o coração de Peter? – Eu. Fui eu! – Disse para mim em um muxoxo.

- Disse alguma coisa? – O jornaleiro questionou me olhando por de trás de sua

bancada, curioso. – Posso lhe ajudar em algo?
- Não ... – Disse em um suspiro, mas de repente uma ideia surgira. – Sim! O senhor tem mais revistas sobre Peter Hartley?

- Deixa eu ver ... – Pensativo ele saiu de trás de sua bancada e foi na direção de algumas fileiras de revistas, tirando três revistas e as entregando para mim, as três eram dessa semana e com Peter na capa, uma delas tinha como chamada: **Who's That Girl?** (= Quem é essa garota?)

Engoli em seco e entreguei a ele as quatro revistas incluindo a que vira primeiro, paguei e as enfiei dentro da mochila para que Rachel não as visse - se ela visse teria um ataque -, assim que tivesse privacidade leria cada uma delas, querendo saber exatamente o que Peter está falando de mim e o que os jornalistas estão aumentando e distorcendo. Isso tudo me pegou de surpresa, ele está falando de mim, em seu blog. Porque? Porque tornar isso público? Para me fazer sofrer? Ele é tão auto destrutivo assim, de querer expressar isso em público, mostrar sua dor, a dor que eu causara ou é um simples Marketing, para ele sair para seu público como sofredor apaixonado e eu a megera? Ele não sabe que dependendo do que falar sobre mim posso processá-lo? Claro que sabe idiota, ele faz direito e pelo que a materia diz ele fala bem de mim, então essa hipotese não existe. Ele deve ser apenas uma vitima, quis desabafar seus sentimentos em seu blog e acabou criando uma fofoca interessante e deliciosa de ser lida pelo mundo. Peter não era o tipo de cara que gosta de estar nos holofotes, ele é totalmente o oposto.
Não consigo parar de pensar no fato de que ele falou de mim em seu blog. Quero saber cada palavra, mas não consigo acessar o site de meu celular, então tenho que me contentar com o pouco que li nas revistas: *Uma jovem incrível que roubou meu coração com apenas um olhar. Onde será que aquela garota está agora?*
Remoía esses pensamentos em minha mente, observando Rachel experimentar milhares chapéus e acabar por comprar uns 08 para mim, dizendo que ficaram ótimos em mim e eu nem ao menos me lembro de ter experimentados eles.

Ao chegarmos em casa o jantar estava sendo preparado por Roux que se dedicava em preparar uma torta maluca que continha frango e carne de uma vez só, ele negou nossas ajudas e não insisti, estava cansada demais até para isso. Tomei um bom

banho e vesti meus confortaveis pijamas, li e respondi meus e-mails, minha mãe havia respondido alguns e Chuck também, dizendo suas breves impressões sobre a colonia de férias e enviando algumas fotos do lugar e seus amigos, terminado minhas atividades, acessei o Google decidida a achar o blog de Peter e entrar no mesmo, mas Rachel adentrou no quarto secando os cabelos em uma toalha e se sentando ao meu lado, fechei o netbook como se tivesse levado um choque e ela continuou a falar sem desconfiar de nada.
Depois do jantar e lavar as louças com Morgan, fui interceptada por Roux como na noite anterior para pegar mais fotos que ele havia imprimido, sendo que dessa vez não tinha nenhuma de Peter.
Me sentei em minha poltrona, colocando minhas novas fotos em meu diario de bordo, olhando disfarçado para Rachel, que estava em sua cama falando com sua mãe pela webcam, aproveitei o momento de distração e tirei as revistas de minha mochila colocando elas no meio de uma revista de cinema que havia encontrado na sala, seria o disfarce perfeito.
A primeira revista, que havia visto na banca, tem uma materia mais detalhada, sem suposições e que segue completamente as palavras ditas por Peter em seu blog oficial e que questionam o que deve ter acontecido para que o casal em questão não tenham ficado juntos, eu sei muito bem o motivo, mas vou preservar o pouco que me restou de sanidade emocional. Fiquei impressionada com as asneiras que as outras três revistas criaram sobre o nosso romance, uma delas disse que eu era uma aproveitadora de lordes e que ele não era o primeiro em minha longa lista de homens da realeza, deixando bem claro que eu era uma prostituta da nobreza, e o nível das outras duas revistas só caiam cada vez mais e me mostrava como esses jornalistas tem imaginação, numa delas havia um grafico detalhado sobre o nosso relacionamento, coisas que fizemos e até mesmo dizemos um a outro de acordo com passageiros do cruzeiros, que devem ser imaginários, é claro, mas o melhor de tudo foi ler em um pequeno artigo de uma garota loira, do sul dos Estados Unidos, mas com cara de alémã, dizendo ser a amada de Peter e contando como os dois haviam se conhecido
- na capela do cruzeiro - e que ele confirmaria o relacionamento dos dois quando o mundo estivesse pronto. É, realmente, o mundo precisa estar pronto para você, falsa Kate! Em apenas quatro revistas vi o meu quase conto de fadas se tornar em um

pesadelo cheio de mentiras e loucuras, enfiei as revistas dentro de meu livro e as coloquei em um canto, meditando sobre aquilo. Agora entendia o abuso que os meus artistas favoritos sofriam com as histórias e suas fotos em revistas de fofocas, pensei engolindo um comprimido do meu remedio de ansiedade com um gole de água e respirando bem fundo, demorei a voltar ao quarto, fiquei sentada nos degraus do quintal, pensando nisso tudo, curiosa com o que ele escreveu em seu blog e ao mesmo tempo temerosa com tais informações que poderiam aquecer meu despedaçado coração, decidida a fazer nada - naquela noite - voltei ao quarto e encontrei Rachel com um saco de pipocas nas mãos - e eu nem ao menos ouvi-a entrar na cozinha ou as pipocas estourarem -, me afundei entre as almofadas agarrada a um ursinho marrom que encontrei ali e ficamos a assistir um dos seus filmes favoritos "Minha Bela Dama" e quando dei por mim a penumbra tomou conta de meus olhos e ao acordar com os primeiros raios da manhã adentrando meu quarto e atingindo em feixes meus olhos, me senti confusa, um cheiro intenso de morango tomava conta de minhas narinas, era o shampoo de Rachel, que estava dormindo tranquila ao meu lado, agarrada a uma das milhares de almofadas ao nosso arredor, a televisão estava em um volume baixo no canal de filmes antigos, foi então que percebi que havia dormido a noite inteira, sem um sonho sequer e que me sentia extremamente renovada, relaxada e descansada.
Podia ser efeito do remedio que tendia a me dopar, mas não, eu me sentia normal, bem comigo mesma e com o mundo ao meu arredor.
Era apenas o inicio de uma nova e melhorada Katerina, pensei.

Eu sabia que era cedo e terminantemente proibido transitar pela casa antes do horário estipulado, mas desci mesmo assim, como da última vez preparei o café do modo que gostava: bem forte, em mãos havia trago meus diários e com uma xicará quentinha com café me sentei na varanda com os diarios apoiados em minhas pernas e desatei a escrever sem pausar.
Depois de relatar tudo de importante e após um rápido banho troquei de roupas e desci, pronta para tomar mais café, foi quando vi Jack com uma carinha triste, passando a patinha na porta da frente como se quisesse algo ali fora, fiquei com dó dele percebendo que desde que chegamos não havia visto nem Roux ou Morgan passeando com ele na rua, talvez fosse a falta de tempo com os dias corridos, sorte a

dele que estou totalmente desocupada agora, coloquei sua coleira e o mesmo ficou a me observar com a lingua para fora, sai com ele e senti o sol tocar com intensidade a minha pele, fechei a portinhola e de repente ... tudo ganhou velocidade, era como se estivesse em uma esteira de ginástica a 300km/h, mas não, eu estava apenas na rua sendo carregada por um bulldog que não tem nem meio metro, mas que consegue correr mais rapido que o papa leguas. Passei por idosos, homens adultos em seus ternos, mulheres com seus filhos e até mesmo outras pessoas com seus cachorros e podia ver os seus olhares de choque ao me ver, sendo carregada por aquele maratonista de quatro pernas. Fui jogada contra postes, cabines telefonicas, arbustos e quase fui atropelada por um taxi, isso tudo em menos de quinze minutos. Agora entendia porque não vi nenhum dos meus tios passearem com Jack; ele era uma fera em miniatura.
Quando cheguei em casa, com roxos nas pernas, arranhões nos braços e pedaços dos arbustos em meus cabelos, minha tia foi a primeira que me viu, suas mãos foram para seus lábios me observando em choque, logo em seguida Roux e Rachel surgiram da cozinha e ambos tiveram a mesma reação: Desataram a ri, enquanto Jack se enroscava em minhas pernas como um gato. Ah que ótimo, ele é um gato também! Furiosa com Roux e Rachel fui guiada por Morgan até o banheiro, onde ela cuidou dos meus machucados superficiais.

- Jack é um cachorro muito temperamental. Tivemos aulas de adestramento de tão hiperativo que ele era ... Acredite, ele já foi bem pior, não é garotão? – Morgan disse, acariciando a cabeça de Jack. Sim, ele nos seguiu até o banheiro.

- Ele já foi bem pior? – Questionei com os dentes trincados. – Olha, eu não sei o que significa "pior" para vocês ingleses, mas garanto que num dicionário de inglês americano teriamos uma foto do Jack como significado. – Jack fez um muxoxo e se encolheu.

- Own! Ele ficou magoado com seu tom de voz ... – Morgan disse entristecida, voltando a acariciar a cabeça dele. - Ele gosta de você, Kate ...

- Eu gostava dele até o momento que ele tentou me matar em via pública. – Peguei um algodão embebido de methiolate e passei nos arranhões de meus braços. – Vocês

podiam colocar como regra de convivência: Nunca sair com Jack na rua, apenas anule essa regra caso você queira: uma aventura ou tentar suicidio, com carinho Jack, o cachorro.

- É uma boa regra, vou falar com Roux sobre para colocarmos em prática ... – Ela respondeu sem o menor pingo de ofensa com meu tom sarcastico, pelo contrário ela realmente parece ter gostado da ideia e saiu do banheiro sorrindo, deixando Jack em meus calcanhares que me observava tristonho, como se estivesse querendo dizer: *Desculpa por ter quase te matado.* Awww ...

- Não me olhe assim! - Ele intesificou o olhar e eu entortei os lábios. – Tudo bem, não foi tão ruim assim. Estou viva, não é? – Ele colocou a lingua para fora e como uma criança que venceu a batalha, deu as costas para mim, saindo do banheiro. – Deus! Ele é um cão, uma fera, um gato e um humano. Aonde eles adotaram esse cachorro? No instituto Xavier? – Pensei em voz alta e há alguns metros de distância ouvi Jack lati e aceitei isso como um *sim*.

Encontrei Roux e Rachel na cozinha se embebedando de meu café amargo com expressões sonolentas, ela enrolada em seu roupão azul claro de seda e ele em seu pijama do Batman, ambos com muita preguiça de prepararem um devido café da manhã, pensei em convidar Morgan para algumas aulas de culinárias, mas ela já estava em seu refugio da arte, presa em mais algum de seus trabalhos. Sem hesitar, peguei uma xicara de café, liguei o rádio em uma estação de música pop o que despertou a atenção de meus companheiros de cozinha e após uma boa procurar na geladeira encontrei os ingredientes necessários para um bom café britânico.

- Que cheiro formidável! – Exclamou Rachel ao meu lado, tentando roubar um pedacinho da mini salcicha que fritava na frigideira, mas bati em sua mão, Roux sorria lendo alguma notícia local no jornal, ele era como minha mãe, adorava ter a casa cheia de alegria e carinho.

- Garanto que o gosto é melhor ainda, agora vai chamar a Morgan, vai vai ...– Fiz um sinal com a mão para ela sair, mas antes ela roubou uma salcicha e saiu correndo.

O meu café da manhã britânico fora um sucesso, gostaram tanto que queriam até

mais porções, mas todas já haviam acabado. Já estava pronta para começar o nosso dia de visitação, mas Rachel não, que confessou estar muito cansada e perguntou tristonha se eu ficaria chateada se ela não fosse comigo, óbvio que ficaria, mas não disse nada, apenas incentivei seu descanso. Óbvio que meus tios não gostaram da ideia de eu ir para Bloomsbury sozinha, mas eu não ia cancelar meus planos por causa da decisão de Rachel nem iria carregar Morgan comigo e atrapalhar as suas atividades do dia, com a minha explicação, ela ficou satisfeita com minha decisão dizendo que Bloomsbury não era tão distante de nossa casa para ficarem tão preocupados assim e que eu já havia mostrado responsabilidade e conhecimento suficiente a ela para andar sozinha por Londres, por outro lado, Roux não pareceu tão confiante sobre isso, mas depois de insistir mais um pouco, ele se convenceu, ainda prometi que iria para Maverick assim que acabasse minhas visitações e ele sorriu de leve, como se estivesse planejando algo secretamente.

20 minutos mais tarde estava estacionando minha lambreta num pequeno estacionamento em Bloomsbury, pronta para minha primeira visitação do dia, The Charles Dickens Museum, uma recomendação de Roux que sabia da minha paixão pelo autor e sabia que eu iria enlouquecer com tal museu. Lar do autor e sua família desde 1837 a 1839 foi onde ele escreveu vários de seus mais famosos livros, incluindo o meu favorito Nicholas Nickleby. Uma biblioteca dedicada apenas ao autor, retratos, ilustrações e quartos mobiliados exatamente como na época de Dickens, aquele museu era um deslumbre para um fã afficionado do autor, como eu. Uma hora mais tarde parti para o British Museum e mais uma vez constatei que iria a um lugar onde Rachel iria odiar passar as próximas horas, muita cultura e pouca diversão para ela e eu não via a hora de botar os meus pés num dos mais incríveis museus do mundo e um dos mais visitados lugares em Londres. Era idiotice tirar minha lambreta do estacionamento para uma caminhada de 5 minutos, assim que cheguei no museu, vendo que deveria ter ido em algum dia de semana já que o lugar se encontrava lotado, achei melhor ir almoçar no restaurante anotando em um bloquinho quais seriam as atrações que visitaria, assim não ficaria perdida dentro daquela monstruosidade de museu. Comecei pelas mostras permanentes sobre a antiguididade, Egito e Grécia foram as minhas favoritas do mesmo modo que as coleções pre historicas medievais e orientais me facinaram. Seguindo detalhadamente

cada um das mostras anotadas e acabando por incluir algumas visitas essenciais, acabei por terminar a visitação em quase quatro horas e estava morrendo de fome, pensei em comer algo em Soho, mas andando na direção do estacionamento onde minha lambreta se encontrava avistei um restaurante de frutos de mar, com suas fotos depia e assentos de veludo vermelho, me senti numa especie de restaurante antigo e cult, a fome era tanta que pedi sardinhas grelhadas e como prato principal peixe frito com minhas batatas fritas favoritas, seria meu segundo almoço do dia, o que era estranho a qualquer pessoa, mas estava tão faminta que só um bom almoço iria me sustentar pelo resto do dia.

O caminho para a Maverick estava fixado em minha mente, em menos de 10 minutos estava estacionando minha lambreta em frente a livraria, ao adentrar o ambiente uma das atendentes, Clarissa me cumprimentou e aproveitei para questionar se Roux se encontrava, no lugar de sempre, ela disse e suspeitei que o escritorio era seu esconderijo. Fui para lá e acabei passando por Lee que abriu um sorriso para mim e piscou e eu apenas ergui ambas as sobrancelhas, em um cumprimento bem frio que Sabrina notou e abafou uma risada, sem mais interrupções cheguei ao escritorio de meu tio, bati na porta e ele mandou que entrasse, o lugar era pequeno e de porte simples, bem diferente de escritório em casa, uma estante, duas poltronas, uma mesa, uma comoda e algumas plantas e quadroas na parede, com desenhos similares a Morgan, ele sorriu ao me ver e mandou que me sentasse, sem dar voltar, ele me questionou de maneira pensativa:

- O que você acha de trabalhar na Maverick nos próximos dias?
- Q-que? – Questionei quase derrubando a caixa de canetas que estava a futucar. – O senhor enlouqueceu?

- Infelizmente, não. – Ele disse entristecido. – Olha, Sabrina me disse que ontem você vendeu em menos de 10 minutos mais de seis livros, ela me contou que as pessoas estavam interessadas em sua opinião e algumas até foram atrás de você, uma senhora até elogiou seu serviço a atendente do caixa.

- Se eu causei algum problema, desculpa. Não era a minha intenção.

- Problema? – Ele disse descrente e continuou. - Kate, você tem um dom. Não é todo mundo que consegue falar em público, atrair sua atenção e ainda ser agraciada por seu bom trabalho. Você é comunicativa, é boa com as pessoas e sabe muito sobre livros, eu acho que seria uma ótima oportunidade para você, além do mais, você não vai trabalhar de graça.

- Não? – Questionei e ele balançou a cabeça negativamente.

- Não poderei lhe dar um salário integral, mas a metade é possível, mais ticket de alimentação. O que você acha? Não seria bom ter um dinheirinho extra quando retornar para Durham?
- Seria ótimo! – Murmurei pensativa, analisando o que tinha planejado para os próximos dias. Seria idiotice não aceitar, eu tinha amado a ideia mesmo sendo temporário, Roux tinha razão, era uma ótima oportunidade. – Você tem certeza disso? Em menos de 10 dias estarei voltando para Durham e nesse meio tempo poderia aparecer alguém melhor do que eu. Você quer correr esse risco?

- Que apareça depois que você for embora! – Ele me olhou, pensativo. – Eu sei que parece muita responsabilidade, mas não é. Talento como o seu não pode ser desperdiçado por causa de tão pouco motivo. Você sempre trabalhou como babá, quando deveria estar dentro de uma livraria que é o seu lugar. Não me olhe pensativa assim, já até tirei a placa de procura de atendentes da entrada, Kate e só pretendo recolocá-lo daqui a uma semana. Apenas diga sim, vista o avental da loja e vá fazer alguns fregueses felizes. Eu sei que você está doidinha para fazer isso! – Ele estendeu o avental verde musgo na minha direção e eu sorri leve pegando–o. – Boa garota.

- Por onde devo começar? – Questionei, vestindo o avental.
- Bom, diga a Lee que você aceitou minha proposta e que o resto ele lhe dirá.
- O Lee? – Meus lábios se moveram de modo descontentes.
- Sim, o ex Lee da Rachel; ele é o gerente chefe e ficou bem animado de poder te ajudar. Algum problema? – Respondi um falso não e agradeci a oportunidade, indo atrás de Lee.

Imagino o quanto animado Lee ficou , pensei.
Qualquer coisa, caso eu precise me defender, uma cópia de A Divina Comédia de Dante Alighieri em seus pés de pato irão lhe causar dor o bastante para nunca mais mexer comigo. Por mais que seus olhares, cantadas fracas e piadinhas sem graças, Lee era um bom funcionário e ótimo professor, ele me ensinava sobre os meus horários, como se aproximar dos clientes, indicar livros a partir de seus perfis, coisas nesse estilo e que por enquanto eu não precisava me preocupar com o estoque, qualquer coisa era só pedir a ele ou um dos outros para buscar o livro pedido e que sobre a venda dos produtos que ficava por enquanto por conta de quem ficasse no atendimento, pedi que depois ele me ensinasse a a mexer no caixa e sobre o recolhimento do dinheiro no fim do dia, e ele disse que arrumaria um tempo para isso, mas por enquanto ele me centraria no que Roux mandou: o público. No fim do expediente depois das dicas de Lee, consegui fazer quatro vendas e duas promessas de retorno, Roux parecia satisfeito com o meu desempenho e dizia isso enquanto fechava a loja e todos os funcionários conversavam entre si, Lee havia me explicado que todos aguardavam nesse momento para terem certeza que o ambiente fora todo trancado, assim todos podiam ir embora tranquilos.
Depois de nos despedirmor, Roux me parabenizou pela minha decisão e ótimo primeiro dia de trabalho. Dizendo que precisavamos comemorar ele mandou que eu fosse para casa que ele iria comprar a melhor pizza da cidade e uma torta de chocolate para deleitarmos pelo ótimo dia, não via a hora de poder comer tal torta.
Assim que cheguei em casa podia ouvir música ecoar, no momento tocava Maná, quem me recepcionou foi Jack para quem contei sobre meu emprego coçando sua barriga, perguntei onde Rachel estava e ele saiu correndo escada acima, me esperando abaixo da escada de meu quarto. Ela se encontrava debruçada em sua cama, com diversos papeis espalhados por todo o colchão e desenhando com atenção em um bloco ouvindo música através de seu celular, me agachei a sua frente e a mesma arregalou os olhos surpresa, arrancou os fones e questionou sobre meu dia, e relatei, sem grandes detalhes sobre as visitações e meu novo emprego, ela pareceu sincera ao dizer que estava feliz, mas a mesma parecia tão cansada e tristonha e não sabia ao certo porque estava assim.
Seria Steve ou a falta de resposta em relação ao estágio? Lee não era, isso tinha certeza. Temia questionar sobre, tudo era muito frágil e delicado quando era

relacionado a Rachel.

Depois de um bom banho e vestir meus pijamas confortáveis do Snoppy pela primeira vez me senti sonolenta e cansada o bastante para dormir por mais de 10 horas, mas mesmo assim me esforcei a manter os olhos abertos, além do mais, Roux havia preparado uma pequena comemoração e eu não seria ingrata a ele só por estar com sono.
Refrigerantes, três tipos de pizza diferentes e uma torta de chocolate maravilhosa, que eu e Morgan estávamos disputando para descobrir quem babava mais por ela. Roux ainda alugou três filmes para assistirmos: Os Caça Fantasmas, Curtindo a vida adoidado e Quanto mais quente melhor, então depois de muita conversa e comida boa fizemos um grande balde de pipoca e fomos todos para o meu quarto, cada um se empoleirou em um canto entre as almofadas e eu bem confortável em minha poltrona, passamos a noite toda e inicio da madrugada entretidos com os filmes, as vezes me distraia escrevendo em meus diários, mas não perdi nenhum comentário de meus tios ou piada de Rachel, nem muito menos as minhas cenas favoritas no filme Curtindo a Vida Adoidado, me lembrando que em minha infância eu tinha uma quedinha pelo Matthew Broderick, que Rachel fez questão de lembrar.
É, meu gosto atual é bem mais requintado e apreciável, diríamos.
Fora uma ótima noite ao lado de minha família e melhor amiga e sabe o que foi a cereja no topo desse bolo de perfeição. Adivinhe?
Eu consegui dormir.

- Bom Dia. – Murmurei me espreguiçando com um sorriso enorme em meus lábios.

- Awwwrrr ... – Foi o que Rachel disse, virando o corpo de modo torto e tapando o rosto com as mãos, estiquei minhas pernas e senti algo quente e fofinho fazer cosquinhas em meu pé, era Jack, que não havia ido embora depois da noite de filmes, igual a Rachel ele rodopiou na cama, se aconchegando em meu colchão. Me levantei de um pulo e fui em direção a janela, abrindo a cortina com um movimento só e ouvindo Rachel gritar como uma vampira.

- Bom dia. – Voltei a repetir com um sorriso nos lábios.

- Não, não, não. Não existe bom dia depois de abrir as cortinas desse modo e matar sua melhor amiga vampira. Por favor, ainda há tempo, desfaça isso e me permita mais 5 minutos de sono. – Rachel se enroscou na cama, pegando sua mascara de dormir perdida pelas colchas. – Por Favor! – Ela disse incisiva antes de recolocar a mascara.

- Você tem 10 minutos para levantar, escolher um look, tomar banho, se arrumar e se encontrar comigo na cozinha para um silêncioso e agradável café da manhã. Hoje o dia será cheio e precisamos começá-lo o quanto antes.

- Eu não queria perguntar isso, mas que horas são?
- Seis e meia. – Disse averiguando o relógio de meu celular.
- Eu espero que quando o sol toque sua pele você se transforme em cinzas. – Disse ela raivosa.

- Nah! Eu não faço parte da sua espécie, eu sou filha da Lua. Rawr! – Disse por fim imitando um lobo bem mal, o que fez Rachel tacar uma almofada grunhindo em minha direção. – Calma, calma. Já estou indo.

E sai rumo ao banheiro em passos leve e contidos, não queria acordar ninguém, diferente de Jack que saiu em disparada pelo corredor e bateu o focinho com toda a força do mundo assim que fechei a porta do recinto. Ele estava bem, talvez tonto, mas bem. Após meu banho, fui direto a cozinha, começando a preparar o café da manhã, ia fazer uma boa refeição para todos e em grandes porções assim ninguém reclamaria se sentisse vontade de comer mais e já ter acabado, como era muito cedo eu e Rachel comemos sozinhas, ela parecendo um zumbi e eu uma fadinha animada e risonha, fizemos nossas atividades matinais como lavar louça, jogar o lixo fora, conversar com nossas plantas, dar comida a Jack e coçar sua barriga e por fim, como ninguém havia acordado nesse meio tempo, deixamos um bilhete a meus tios avisando para onde iríamos e qualquer coisa era só ligar para uma de nós.
Subimos em minha lambreta e partimos para Marylebone, onde se encontrava a nossa visitação do dia, o incrível - e assustador - museu de cera de Madame Tussaud's, não preciso explicar o incrível, agora o assustador é por causa do filme " A Casa de Cera" depois dele, nunca mais olhei para estátuas de cera e até mesmo

manequins do mesmo modo.

Fomos uma das primeiras visitantes do dia, achei divertido que caminhássemos sem pensar em nosso tempo, além do mais, Roux havia permitido que eu começasse a trabalhar a partir da uma da tarde, tendo que almoçar na Maverick e ficar até o fim do expediente. Óbvio que ficamos mais tempo na mostra Blush, onde há estátuas de diversos queridinhos de Hollywood, tiramos diversas fotos com caras e bocas, nos assustamos com a realidade de algumas estátuas e com as diferenças monstruosas de outras, mas confesso que gostei muito mais da sessão animatrônica chamada Spirit of London e o que falar das estátuas que dos membros da Corte Francesa que são perfeitas, mas logo tirei essa mostra de minhas favoritas ao ouvir do guia que Madame Tussaud's criou os moldes a partir - se prepare! das cabeças dos próprios, assim que foram guilhotinados. É, eu sei, é agora que começo a me sentir em uma cena de "A Casa de Cera" e perco logo a vontade de continuar aqui, mas Rachel parece tão animada e alegre que nem penso em dizer algo que possa mudar esse seu humor radiante para algo hóstil. Ainda estávamos na metade da mostra quando o celular de Rachel começou a tocar, despretensiosa ela o pegou e arregalou os olhos com uma expressão nervosa, o que chamou minha atenção, ela falava baixo no telefone, mas de repente ela gritou o que fez eu me sobressaltar e ficar atônita com tal informação:
- Eu consegui? Sério? Desculpa, eu sei que é super anti profissional, mas ... Eu não acredito! – Ela estava iluminada com um grande sorriso nos lábios. – Sim, sim. Eu estarei ai às duas em ponto, sem atrasos. Obrigada. – Assim que ela desligou me olhou com as mãos tremulas e um grande sorriso voltando em seus lábios e sem pestanejar deu um grito animado e pulinhos acompanhada de mim, mesmo com as pessoas nos olhando com estranheza não paramos até nos abraçarmos com carinho.
– Eu consegui, Kate; a vaga é minha.

- Ela sempre foi. – Sussurrei acariciando o topo da sua cabeça. – Tenho certeza que você sempre esteve entre as três mais.Você nasceu para isso. – Ela segurou minhas mãos com aquele sorriso único em seus lábios e o brilho raro em seus olhos.

- Eu não gosto de acreditar em destino, me sinto tola e fraca com tal ideia, mas concordo com essa sua visão em relação a eu ter nascido para ser uma grande

estilista. Eu sinto isso em meu coração a cada novo desenho, ideia, sonho se realizando, por mais simples que seja.

- Mas esse sonho não é simples; ele é grande, Rachel. É a sua vez de brilhar e conquistar tudo que sempre desejou. Quero que você aproveite cada minuto, anote tudo, aprenda muito e use essa experiência para o seu futuro que será grande.

- Ah, esse papo está ficando melancólico demais! – Rachel disse secando uma tímida lagrima em seus olhos. – Eu vou ter que te deixar na mão mais uma vez. Não posso ir para o meu primeiro dia de estágio vestindo jeans e sandálias, tenho que me arrumar de acordo com a ocasião e de maneira memorável. E preciso ligar para minha mãe também. – Rachel concluiu com um sorriso envergonhado.

- Ela vai ficar muito orgulhosa de você.
- Será?
- Bom, eu estou, então se ela não ficar ela vai ser uma idiota, com todo respeito, é a minha opinião. – Disse de modo despretensioso.
- Bom, você sabe que minha mãe é PHd em ser idiota.
- As pessoas mudam, Rachel.

- É, eu espero que sim. – Ela respondeu pensativa. – Eu só quero que ela me veja da forma que realmente sou e não apenas uma garota bonita, que se veste bem e tem bom gosto para tudo, incluindo homens. Eu quero que ela veja *eu*.

- E ela vai ver. Apenas respire, ligue e você verá aquela mãe cega, enxergando pela primeira vez.

Coloquei Rachel em um taxi lhe desejando um ótimo primeiro dia em seu estágio e ela desejou o mesmo para mim, me fazendo lembrar que agora sou uma funcionária do Maverick, nervosa procurei as horas e descobri que ainda tinha um bom tempo para almoçar e ir para meu expediente. Peguei minha lambreta seguindo em direção a Soho. Comprei o meu habitual peixe com fritas e batatas fritas no meu pub - já favorito -, mas dessa vez pedi a Bem que fosse para viagem, tive uma ideia agradável enquanto pilotava na direção do bairro. Com minha lambreta estacionada na Maverick segui direto na direção do parque principal, o dia estava delicioso com um

sol agradável iluminando e aquecendo nossas vidas com uma leve brisa para nos refrescar. Sentei em um trecho da grama com meu almoço já a me saciar, observava diversas pessoas tomando conta de diversos trechos do parque, alguns como eu almoçavam, outros conversavam com amigos ou através de seus celular e alguns, os mais solitários e pensativos apenas curtiam o maravilhoso sol que nos agraciava naquele dia.
Aproveitei o momento introspectivo para pensar na conquista de Rachel, estava tão feliz por ela ter conquistado um de seus sonhos que não conseguia parar de sorrir, como se essa conquista fosse minha. É, pela primeira vez sentia em meu coração que terminar com Peter havia sido algo bom para Rachel, porque para mim ainda doía, mas agora era bem menos, ainda mais sabendo que a felicidade de Rachel não estava mais em questão e sim garantia. E vê-la feliz me mantinha do mesmo modo.

Meu primeiro expediente na Maverick fora um sucesso, não conseguia crer que um serviço tão simples podia me fazer sentir tão plena. Conversei muito com Sabrina, a quem agradeci por ter me indicado, ela era uma pessoa seria, nunca havia a visto sorrir, mas adorava conversar com ela, tão profunda e esperta, era uma companhia muito melhor que Lee, o insistente tarado, além disso, conheci muitos clientes interessantes, inteligentes e bem humoradas, que prometeram retorno a loja em busca de mais dicas de livros feitos por mim, a loja ficara tão cheia que Lee achou melhor me ensinar como trabalhar no estoque, assim podendo ser mais rápida em meus atendimentos, tirando isso, ainda conheci vários livros que nunca havia visto antes e descobri que tenho 40% de desconto por ser funcionária; desculpe-me Roux, mas terei que usar tal dádiva antes do fim de meu contrato. Com o fim do expediente fomos todos embora, Roux questionou se eu já iria para casa, mas eu disse que não, queria aproveitar um pouco mais essa deliciosa liberdade a qual estava experimentando. Roux apenas pediu para não chegar depois das onze e prometi que chegaria antes e que ele não se preocupasse que eu não iria para longe, apenas passearia um pouco pela noite de Soho e voltaria para casa antes que ele notasse.

Demorou 3 horas para esse antes ocorrer, encontrei um cinema bem incomum, em vez de passar os atuais sucessos de bilheteria eles fazem sessões de diversos gêneros semanalmente, de acordo com o catalogo deles, na semana anterior houve uma sessão de filmes épicos antigos, Ben Hur foi a grande apresentação. Essa semana pertencia

a Pedro Almodovar e eu não pude resistir, precisava assistir a uma de suas grandes obras, e a próxima sessão seria do filme "Abraços Partidos". Assim que a sessão terminará meti o pé na estrada indo para a casa a toda velocidade, o que não é muito em uma lambreta, mas garanto que ela se esforço, tanto que cheguei em casa faltando 10 minutos para as onze. Morgan abriu a porta no momento que eu ia girar a maçaneta e me puxou para dentro como se uma horda de zumbis estivessem atrás de mim e começou a brigar comigo, sobre os perigos que corri, que deveria ter ligado avisando onde estava, que sua responsabilidade era grande e durante os gritos, choros, puxões de cabelos, ela assoviava como um passarinho para afastar o mau agouro enquanto Roux nos observava da cozinha lendo um livro de capa antiga enquanto Rachel bebericava uma cerveja, a mesa estava lotada de guloseimas, pelo visto, cheguei no fim da comemoração de seu grande dia.

- Desculpa Rachel, se Roux tivesse me dito que faria uma comemoração pelo seu dia. – Murmurei o fuzilando assim que Morgan me largou de seu longo abraço de 5 minutos. – Eu teria vindo para casa direto. Desculpa-me, por favor!

- Claro. – Ela disse tranquilamente. – Eu te deixei na mão tantas vezes nesses últimos dias que seria maldade te condenar por isso, tenho certeza que você aproveitou muito a sua noite, fez mais do que sua obrigação, além do mais, a verdadeira comemoração irá começar agora. – Ela concluiu com um sorriso malicioso olhando de Morgan a Roux.

- Okay, eu sei que as festas só começam depois que eu chego, mas essa troca de olhares está muito sinistra. Eu perdi alguma coisa, pessoal? – Jack veio correndo em meus encalços, pulando animado, meus olhos percorriam todo o ambiente em busca de alguma resposta, mas eles apenas sorriam. – Agora é oficial, eu estou com medo.

- Tome. – Roux disse, ficando a minha frente entregando uma grande carta de tom branco com duas etiquetas coladas, uma com meus dados e outras com os dados de ...
-Cambridge! – Sussurrei, segurando o envelope em mãos, vendo que minha mãe não exagero ao dizer que ele realmente era muito pesado para uma negação.

- Abra-o! – Rachel gritou ficando de pé, os braços cruzados e um olhar de aflição. – Pelo amor de Deus, estou há mais de cinco horas querendo rasgar cada pedacinho desse envelope mas Morgan não me permitiu. Por favor, só acabe com a nossa curiosidade!

Senti minhas mãos soarem, meu coração palpitava desesperadamente e meu estômago rodopiava imitando os mesmos gestos de quando recebi a minha carta de confirmação para Columbia.

Abri o envelope com cuidado temendo rasgar algum papel importante, talvez só fosse uma carta dizendo que não me aceitaram, mas que podia tentar ano que vem e me enviaram alguns kit's de preparo, ou posso ter ficado na lista de espera, isso explicaria o peso, mas ao tirar o meio quilo de papeis e manuais eu percebi que era algo muito maior do que pensará.

Meus olhos percorreram aquelas linhas e não consegui dizer absolutamente nada, apenas senti que a respiração me faltava, olhei ao arredor e vi 3 Roux's, 2 Rachel's e Morgan's e 5 Jack's, eu não sei se foi o pavor de ter 5 Jack's só sei que a última coisa que me recordo foi do ar me faltar por completo assim que meu corpo bateu com estrondo no chão e por fim a escuridão me tomar.

Capítulo 26
Pequenos Segredos Sujos

Você fez um acordo e agora parece que você tem algo a oferecer Mas isso será sempre o suficiente? (Levante, levante) Não é o suficiente (Levante, levante)

Aqui estou eu, uma garota com um coração de coelho Congelada
Parece que eu cometi o sacrifício final

[...]

Isso é um dom que vem com um preço Quem é o cordeiro e quem é a faca?
Midas é o rei e ele me segura bem forte E me transforma em ouro sob a luz do sol

Rabbit Heart (Raise It Up) – Florence + The Machine

- Eu consegui. – Sussurrei para mim mesma, encarando o teto de meu quarto já sabendo de cór cada traço, falha, tom e teias de aranhas com suas donas a dominar os cantos negros do local, enquanto meu cérebro trabalhava compulsivamente em sua própria teia de ideias com a nova situação que surgirá em minha vida, de que eu havia conseguido a vaga em Cambridge. Impossível! Eu sei o tão chato que é uma pessoa ficar repetindo toda hora que não acredita em tal coisa que aconteceu e ficar nesse loop de surpresa e descrença, mas não consigo me despertar disso, é ainda muito irreal para mim crer que Cambridge me vê como aluna em potencial para representar sua instituição. Cambridge. Nunca passou pela minha cabeça que eu poderia conquistar essa vaga, mas bem no fundo de meu coração eu desejava isso, eu via Cambridge como um sonho impossível e Columbia algo bem real e possível, mandei o formulário de inscrição já que não perderia nada com isso, apenas alguns centavos com a postagem, mas ter conquistado tal vaga me deixará em total choque; minha pressão caíra com tal surpresa ao ler aquela carta me fazendo desmaiar por alguns minutos, o que assustou meus tios e Rachel, mas agora estava bem, horas após o ocorrido só me encontrava surpresa com os fatos que rodopiavam em minha mente enquanto me questionava o porque de tanta comoção de minha parte, isso queria dizer algo e eu obrigava a minha mente me dar tal resposta, mas ela estava irredutível, ela desejava que eu descobrisse por conta própria. – Eu ...

- Se você repetir isso mais uma vez você vai conseguir uma morte bem lenta feita pelo meu travesseiro de pena de ganso em sua face, Katerina. – Rachel disse friamente com sua voz abafada pelo travesseiro cobrindo seu rosto.

- Desculpa, só que é ...

- Surreal? Inacreditável? Utópico? – Olhei para ela com o cenho enrugado. – É, você já disse isso tudo e esse comportamento de garota descrente não combina com você. Agora por favor, feche os olhos e se entregue ao cansaço e durma, pelo amor de Deus! – Ela murmurou choramingando. – Eu tenho que acordar cedo amanhã e estarei um caco, graças a você e seus "eu consegui" a cada 3 minutos ...

- Desculpa ... – Ela arrancou o travesseiro da cara e me olhou ameaçadora. – É sério! Vou parar de falar agora, prometo. Eu só preciso desabafar, extravasar essa emoção tão grande dentro de mim, só estou tentando lidar com isso.

- Eu não sei por que você está tão chocada com isso, para mim era óbvio que você iria conseguir, até sua mãe mostrou ter o mesmo pensamento que eu, não falei nada antes já que conheço esse seu nervosismo e acredito que sua mãe pensou o mesmo, contudo eu não quis lhe dar esperanças, mas acreditava em seu potencial desde o inicio, como você não? Kate, você foi uma das melhores alunas de nossa turma, tirou as melhores notas no S.A.T em todo o estado, como não conseguiria essa vaga? – Ela me observava com atenção, meio descrente, meio curiosa.

- Eu não sei ... Acho que nunca passou na minha mente que eu podia ter uma outra opção, sabe? Eu sempre sonhei em estudar na Columbia University, uma faculdade que sempre esteve dentro de minha situação financeira e de grande história em minha vida, então eu me dediquei, esforcei e lutei por essa vaga e quando a conquistei vi meu sonho se realizar, me inscrevi em poucas universidades apenas como plano B para caso não conseguisse Columbia, eu recebi outras aprovações, mas por alguma razão ser aceita em Cambridge parece ter aberto uma fenda em meu cérebro e lá dentro há um mundo de possibilidades sendo apresentados, coisas que não eram possíveis, são agora e eu estou tentando lidar com isso tudo.

- Espere um minuto, congela e rebobina. Deixa ver se eu entendi, você está pensando em aceitar a vaga em Cambridge? – Ela questionou com certa surpresa com seu olhar cheio de entendimento.

- Não, seria loucura ... não é? Minha vida toda está em Durham, minha família e amigos, eu não poderia ficar aqui em Londres sem eles, não tenho fundo de renda

para isso, nem um lugar para viver, seria loucura apenas pensar na possibilidade de ficar e estudar em Cambridge, quando tudo está pronto para eu ir para Columbia, como sempre planejei.

- Mas pode ter. Você tem um emprego agora garanto que ele é seu por definitivo se você desejar, sobre um lugar para viver, eu vou ficar aqui por um tempo, podemos dividir um apartamento juntas, quando estágio acabar posso procurar outro ou até mesmo um curso, caso não ganhe a vaga definitiva. Não seria algo tão ruim, sabe? – Ela disse, sonolenta, agora com seus olhos fechados enquanto os meus estavam vidrados em sua direção, mesmo que seu rosto não pudesse ser bem observado na penumbra.

- O que? – Questionei, perdida em meus pensamentos sobre Columbia, Cambridge, do que realmente quero.

- Ter você aqui. Ver você seguir um caminho completamente diferente daquele que você planejou há anos que talvez seja o caminho ao qual você pertence, agora você nunca saberá se nunca tentar. Você nasceu para se jogar na vida e não segui-la como um mapa. É só a minha opinião, mas acho que Cambridge pode ser mais que algo inesperado em sua vida, mas uma conquista que pode mudá-la para sempre. – Ela se virou para o canto e bocejou. – Mas como eu disse, é só o que eu acho.

- Vou pensar sobre isso.
- Pense. Agora me deixa dormir e juro que compro um pacote de *Doritos* para você amanhã.
- Chantageadora. – Disse a fuzilando no escuro e pude ver um sorriso se formar em seus lábios.
- Bobona. – Um silêncio caiu entre nós. – Boa noite, garota de Cambridge.
- Boa noite, garota da moda.

O silêncio tomou conta de todo o ambiente e a última coisa que me recordo foi de abraçar com força o macaquinho que Peter havia me dado embaixo do edredom e sentir a penumbra tomar minha mente.

Uma luz intensa atingiu meu rosto o que fez meus olhos se abrirem em espanto e me

encolhi, escondendo meu rosto embaixo do edredom.
Não era justo ser despertada desse modo.

- Bom dia. – Disse sinicamente Rachel próxima a minha cama em um tom de voz que deveria ser proibido de manhã.
- Porque a cortina está aberta? Você não era vampira? – Murmurei sentindo o mau humor me tomar enquanto a vontade de dormir se afastava cada vez mais rápido.
- Ainda sou, sendo que agora eu tenho a proteção de uma bruxa e posso andar na luz dia. – Ela respondeu com pompa.

- Você anda assistindo "The Vampire Diaries" demais, por favor, feche a cortina do meu lado e me dê só mais 10 minutos. Serei grata eternamente. – Virei para o outro canto, mantendo meus olhos fechados.

- Bom, infelizmente não posso te dar a opção de escolha, ainda mais porque eu acho que temos muito o que conversar. – Senti algo sendo jogado em cima de mim e descobri minha cabeça, apenas para olhar o que ela havia tacado em mim: as revistas sobre Peter. – Vamos, desembucha. Quero saber o porque de você ter essas revistas e o principal: Porque não me contou que você é a garota mais procurada do país? – Murmurou de maneira irritada com os braços cruzados e um olhar desafiador em minha direção.

- Não é para tanto, ninguém está interessado de verdade em saber quem ela é, além do mais, não tem como ninguém saber que eu sou a tal garota, só se Peter liberar uma foto minha. – Ou Miranda, mas não disse isso, já que seria bem improvável ela mostrar ao mundo a minha existência só se fosse para me ferrar. – Não é nada demais. Comprei as revistas, apenas por curiosidade, diferente de você, nunca namorei uma celebridade antes.

- Aquele ... atorzinho de merda não é uma celebridade, na época que namoramos ele até era alguém, agora é apenas um coadvantezinho de seriado teen, mas não vamos mudar de assunto, querida Kate. Mesmo não acreditando em sua explicaçãozinha, eu acho que você deveria ver isso ... – Sua expressão determinada se suavizou, uma certa preocupação faiscou em seu olhar e ela se direcionou até sua cama, onde seu

laptop entreaberto se encontrava.

- O blog dele, você leu? – Questionei sentindo minha boca seca e o frio matinal tomar conta de minha pele desnuda já me encontrando sentada na cama.

- Estou a quase uma hora lendo o blog, já li todos os posts, vi todas as fotos e agora estou em uma maratona de leitura de comentários e eu tenho que te dizer uma coisa tem muita gente interessada em saber quem você é e eu acho que as pessoas mais atentas e detalhistas podem acabar por descobrir em algum momento, já que Peter postou um desenho seu.

- QUEEEE? – Gritei e Jack - nem havia notado sua presença no quarto - rolou de minha cama e caiu no chão, olhando ao arredor sonolento e voltando a se enroscar no chão. Levantei de um pulo segundos depois e me empoleirei ao lado de Rachel, por sua vez, ela abriu uma página e mostrou uma foto, era definitivamente um desenho feito por Peter, aqueles traços firmes e melancólicos eram familiares para mim, a forma que ele me representava ainda me surpreendia, eu era muito bonita a partir de seus olhos, era uma imagem que prenderia a minha atenção por horas, mas era o talento do desenhista que conseguia passar emoção e história em apenas alguns traços. Eu estava de lado com o meu chapéu coco preto, os meus longos cabelos negros tomavam parte do desenho e meu rosto era pouco visto, apenas o meu olhar fixo em determinado ponto observando algo de modo questionador e uma de minhas mãos agarrando meu braço de modo protetor. Abaixo da foto haviam mais de mil comentários o que me sobressaltou.

- Você quer ler o que ele postou sobre você? – Ela questionou cuidadosa.

- Devo? – A olhei sentindo meus olhos analisando sua expressão, seus olhos fixos nos meus foram sinceros como seu movimento simples com a cabeça indicando que deveria ler e sem nada a dizer, ela clicou em uma aba e abriu uma nova página contendo um grande post.

De acordo com Rachel o blog é simples com fotos no canto da tela que ficam se movimentando, ela disse que havia visto algumas de Amelia lendo um livro, Dorian dirigindo um carro, um pássaro bonito e diferente em um galho de uma árvore, entre

outros; Seus textos antigos são focados em sua vida cotidiana, tendo um em particular que ele fala sobre a mídia de modo irritado.

- E o texto mais recente é esse, onde ele fala em detalhes sobre a próxima garota mais odiada em todo mundo. – A olhei sentindo meu olhar expressar preocupação. – Eu estou falando sério! Você precisa ler os comentários, mas primeiro leia o post. O nome do post é " A Primeira Vez que eu vi o seu rosto", título de uma canção de Johnny Cash se não me enganava, inicialmente Peter conta sobre a sua viagem de cruzeiro ao lado de sua família, descreve os lugares e festas favoritas até comentou sobre a peça de teatro que fizemos, mencionando-o de maneira carinhosa como "uma das melhores experiências em sua vida", então de repente ele inicia um parágrafo contando que estava se enganando e a todos - ao dizer que a viagem havia sido incrível por causa daqueles simples detalhes, mas não ...

"Foi incrível por causa dela. Eu não sei explicar o porque dela ter entrado em minha vida, só sei que nunca a esquecerei. Eu não acreditava em amor à primeira vista até ver seu olhar em minha direção, descobrir que toda aquela curiosidade não era apenas minha depois que conversamos pela primeira, segunda, milésima vez. Nosso romance surgiu como uma brisa de verão e cessou como a mesma, deixando uma memória de algo delicioso e que poderia ter durado mais.
Agora em minha mente recordo de nossos momentos, seu jeito de falar sobre tudo de um modo tão sério e ao mesmo tempo tão simples, seu jeito carinhoso, suas gentilezas comigo e perante a qualquer outro, sua personalidade deslumbrante, o modo que ela lutou bravamente para salvar uma amizade e mesmo sofrendo ela mantinha aquele sorriso grande e lindo em seus lábios, como uma verdadeira guerreira; um dia terei essa força e determinação que ela tem a baldes, chega ser injusto Deus ter criado criatura tão poderosa e única assim para viver em nosso mundo.
Ela riria ao ler isso, diria que sou romântico demais e logo depois me olharia daquele modo sereno e infantil e sussurraria que eu não existo com as bochechas coradas e um sorriso no canto dos lábios enquanto discordo de sua visão.
Como sinto falta de nossas conversas, de nossos silêncios, de dividir o lado da cama dela e acordar e ver um anjo dormir ao meu lado, de seus lábios nos meus e ... é, eu sinto falta dela toda por completo mesmo sabendo que não deveria, mesmo sabendo

que isso dói, mas tendo noção que um dia vai passar, precisa, não é?
A vida é assim, vitórias e perdas, algumas permanentes, outras nem tanto, mas nesse quesito é o primeiro caso.
Esses sentimentos são apenas meus e sempre serão.
Descobri da maneira mais dolorosa que eles não eram correspondidos da mesma forma, de inicio a odiei por ter me usado, brincado comigo da maneira mais dolorosa que alguém poderia ter feito, mas parte de mim, aquela parte esperançosa acredita que ela sente sim, exatamente tudo e mais um pouco que descrevi aqui em cima, mas ela não pode falar sobre, por algum motivo obscuro, eu sei que é idiota, mas não consigo parar de pensar nisso e no que Dorian disse, que há motivos em tudo na vida e que talvez ela tenha um bem grande e que ele não seja exatamente o que ela havia dito a mim, que seja algo pior, talvez ele tenha razão, talvez não, de qualquer modo é apenas uma possibilidade em minha mente e eu não quero viver delas.
Possibilidades não são fatos, e sim, incertezas.
Quero esquecê-la para o meu próprio bem e para poder seguir com minha vida, talvez esteja recente demais por isso ainda é tão difícil, por isso não consigo...
Penso nela dia e noite, sonho e tenho pesadelos com ela, até vi uma garota idêntica a ela no Soho há 02 dias atrás, mas não quis ter a certeza se era ou não ela...
Porque eu iria atrás dela e não sei se estou pronto para ter meu coração esmagado novamente, porque é isso que vai acontecer, não é?
Você vai esmagar ele denovo, como você o fez naquele dia.
Vivemos um romance de uma semana, escrevendo e falando isso parece tão idiota, ter se envolvido tão rápido com alguém assim e entregado meu coração de modo tão arrebatador, mas não me arrependo.
Nunca mais irei conhecer alguém como ela, para o bem ou mal.
Então, é melhor eu superar você, sozinho e aos poucos, mas quero que você saiba, meus sentimentos são os mesmos, mas se você não pode correspondê-los, eu respeito os seus. Mesmo ouvindo aquela vozinha dentro de mim dizendo para lutar mais um pouco, acho que ela só esteja me levando para um lugar que não vou querer estar, sombrio e vazio, em um mundo onde eu só lembro daquela garota que partiu meu coração e eu quero me lembrar daquela garota que me salvou da escuridão.
Então se um dia você ler isso, obrigada, você me salvou e vou lembrar de você até meu último suspiro e prometo, essa é a primeira e última vez que irei falar sobre

você aqui e em qualquer outro lugar. Sempre irei lembrar de você, pequena mulher."

- Então ... ? – Rachel questionou quando me afastei do lap top me encolhendo na cama, limpando uma solitária lagrima que desceu em minha bochecha, ela a notará e se aproximou de mim, segurando a base de minhas costas. – Ei, eu estou aqui. Pode chorar a vontade, coloca para fora essa tristeza que você está guardando em seu peito e se recusa a me dizer o porque de tanta repreensão e medo.

- Você está imaginando coisas. Eu estou bem, só que ... ele é um ótimo escritor conseguiu me emocionar com suas palavras sinceras. – Murmurei, segurando as lágrimas enquanto Rachel me olhava tristes, seus olhos tomados de lágrimas e suas mãos agora segurar na minha.

- V-você realmente está muito encrencada, não é? - Ela gaguejou a frase, deixando a emoção dominar sua fala e a olhei sem entender o motivo de sua reação; ela não era de agir desse modo.

Você não tem ideia, pensei deixando uma nova lágrima escorrer pelo meu rosto.
- Não. – Menti.

- Vou te perguntar mais uma vez: você acha que sou idiota? Talvez surda? Kate, teve noites que tive que te acordar no tapa porque você não parava de gritar pedindo ajuda por diversos motivos e a maioria dos pedidos envolviam você falar algo que Miranda te obrigou a fazer ... – A olhei com estranheza pensando se havia a possibilidade de Lucas ter lhe contado sobre o que lhe dissera, mas ela revirou os olhos com a minha expressão questionadora. – Você precisa parar de falar enquanto dorme.

- Eu não fal ... – Me lembrei de minha mãe comentando há uns dois anos atrás que na noite anterior aquele dia que eu havia batido um longo papo comigo mesma sobre meu dia enquanto dormia, então resolvi não discutir sobre. – Porque toda vez que falamos sobre Peter acabamos discutindo? Já estou ficando cansada disso, sabia?!
- Porque eu sei que você está escondendo algo de mim. E eu exijo saber o que é que está te atormentando desse modo. – Rachel me observou em desespero e voltei a controlar minhas emoções, sua tristeza era evidente e precisava ser firme em minha

decisão. – Se coloque em meu lugar Kate, se você sentisse em todo seu ser que estou escondendo algo sério de você o que você faria?

- Deixaria você em paz, porque se você não me contou é porque é algo extremamente sério e você não me quer envolvida por algum motivo, talvez seja até para me proteger e se e me metesse isso poderia ir abaixo, certo? – Ela me olhou pensativa e em seguida mordi meus lábios.

- É isso que está acontecendo? – Voltei a me aproximar do laptop mexendo em meus cabelos e Rachel segurou meu rosto. – Me responda, Kate!
É, pensei.

- Não, como eu disse, você está imaginando coisas. Agora me mostre os comentários, quero saber o que o mundo está falando de mim. – Ela ficou a me encarar por breves segundos e sem questionar mais nada, mas demonstrando frieza abriu a parte de comentários, ao seu lado fiquei a observar as milhares de mensagens enquanto ela lia as que ela achava mais interessantes.

- Pelo que li a opinião pública está bem dividida, muitas garotas estão curiosas para saber quem é você e acreditam que existe uma boa razão para tudo que aconteceu e que ele não deve desistir de um sentimento tão puro, a Grazi do Brasil disse isso, contudo há muitas garotas que imaginam formas de linchar você caso a encontre, uma delas disse:*Que tipo de garota termina com você e lhe deixa desse modo, destruído sem dar uma boa explicação? E você ainda consegue gostar dela e escrever um post tão lindo como esse? Não seja idiota e a esqueça, ela não mereça!,* essa foi a Kim da França e há muitos outros comentários como esses.

- *Eu espero que se essa garota ler esse post, leia meu comentário: Eu vou encontrar você e acabar com a sua vida como acabou com a de Peter.* Oi? – Murmurei lendo aquilo com espanto. – Ela me ameaçou de morte? Ela me ameaçou de morte?

- Essa daqui também. E essa ... essa também. – Rachel disse tranquilamente.

- Já entendi. Eu devo contratar um segurança, montar um quarto do pânico e andar 25 horas por dia armada com uma escopeta. Meu Deus, porque ele postou isso?

Porque? – Murmurei passando minhas mãos em meus rosto e deitando na cama, sentindo que estava em alguma espécie de sonho, mas era tudo muito real.

- Ele sente sua falta. – Me sentei e olhei para Rachel. – Kate, se alguém escrevesse para mim metade do que ele escreveu para você, eu reveria as minhas atitudes.

- Eu não posso rever nada. – Murmurei com os dentes trincados, voltando a ler alguns comentários. – Olha! *Eu e minhas amigas do "Academy St. Mary Perry" estamos sempre em Soho e ficaremos de olho a procura de uma garota que seja parecida com o desenho; ela irá se arrepender do que fez com você, todas nós assistimos "Spartacus", somos PHd em combate e tortura.* Oh Meu Deus!

- É melhor você contratar dois seguranças. – Disse ela com deboche.

- Ah, escuta esse, é o mais fofo e sincero que li até agora: *Eu entendi o que você está sentindo, mas não tenho ideia do que ela está a sentir, contudo continuo a torcer por vocês, acredito que esse tipo de sentimento mútuo não se acaba de um dia para o outro, essa sua intuição de que algo aconteceu pode ser verdadeiro e eu em seu lugar o seguiria. Torço por vocês. Lembranças, Rachel Ray, de Durham.* – Ao concluir de ler percebi o que havia acabado de dizer, olhei para Rachel sem palavras enquanto ela arrancava o laptop de minhas mãos com uma expressão sem graça. – Rachel ...

- Já chega de comentários por hoje, acho que você já leu ódio demais por um dia. – Ela murmurou com sarcasmo colocando o aparelho para longe de mim, seus olhos encontraram os meus e sorri de leve, jogando meus braços em volta de si. – Ei, o que ... o que é isso?

- Obrigada! Obrigada por acreditar em nosso romance até quando eu ... eu mesma já não acredito mais. – Aquelas palavras soaram tão falsas em meus lábios quanto qualquer outra mentira que eu já havia dito, eu ainda acreditava em meu romance com Peter e muito, mas não quis me afogar nesse amargo sentimento, dei um beijo na testa de Rachel, catei algumas roupas e fui tomar um banho, mas na realidade cai em um amargo choro de longos minutos, já não chorava assim há muito tempo por isso doía tanto, era tudo tão novo e recente, não era apenas meu coração que estava

partida, mas eu me sentia dividida, destruída. Depois de ler aquele post tudo se tornou real de uma maneira catastrófica, percebi pela primeira vez, que nada seria como antes para o bem ou mal.

Durante o café da manhã o silêncio entre mim e Rachel era óbvio e notado pelo sonolento Roux que teve que despertar cedo para uma reunião em sua livraria, ele percebera que o clima estava estranho entre nós, mas não comentou absolutamente nada, como eu que fingi que tudo estava bem, mesmo vendo pelo olhar de Rachel que as mentiras que eu estava contando agora haviam quebrado de certo modo nossa confiança, ela não acreditava em nada que eu dizia e eu continuava irredutível em minha decisão de não contar a verdade. Rachel foi para o seu primeiro dia oficial em seu estágio e eu fui para o London Zoo para mais uma de minhas visitações, pela primeira vez em Londres me senti feliz por estar sozinha, não tendo que fingir que tudo estava bem e animado em minha vida, tantas coisas estavam acontecendo ao mesmo tempo, me atormentando e virando minha vida de cabeça para baixo. Cambridge, os sentimentos de Peter, a atitude de Rachel ...
Eu não fiz as coisas ficarem assim, eu fui parte das conseqüências disso tudo, sou apenas uma vitima, então porque me sinto tão culpada?
Deus, porque é tudo tão confuso?, pensei perdida em meus pensamentos, olhando o Reino dos Gorilas comendo um pacotinho de pipoca sendo cercada por casais e seus filhos, turistas e seus guias e eu ali no meio, sozinha, como disse a melhor companhia que podia ter no momento, a minha.
Eu queria que os meus problemas pudessem ser solucionados como um quarto bagunçado, no meio da bagunça poder encontrar objetos que me acalentam e me trazem uma sensação de segurança ou que funcionasse como um quebra cabeça designando respostas para minhas dúvidas. Revirar roupas, cd's, revistas, livros, ver o que me serve e o que pode fazer uma outra pessoa feliz, que pode solucionar seus problemas.
Passei o resto do dia com um sorriso falso nos lábios, quando Roux passava por mim atarefado com seus serviços sorria, fingindo que minha mente não estava afundada em dúvidas e questões, enquanto atendia cada um de nossos clientes na Maverick sorria afetada passando tranqüilidade e firmeza em meus comentários, adorava o meu serviço, mas estava tão presa em minha mente que todos e tudo ao

meu arredor parecia um grande obstáculo em meu caminho, os únicos momentos que podia voltar a minha carranca pensativa era quando ia ao banheiro, parava para lanchar (o que aconteceu duas vezes) e ia para o estoque, onde passei o fim do meu expediente catalogando os mais novos livros. Pensando, pensando, pensando ...
E arrumando cada um dos livros, sentindo aquele cheiro particular de novo delicioso, cada capa se sobressaia mais do que a anterior, analisando as sinopses e anotando mentalmente os próximos livros que iria adquirir, mas sempre voltava a pensar e não era só em Peter e Rachel, mais sobre tudo, desde o primeiro momento que entrei naquele cruzeiro até o atual instante, me questionando e remoendo sobre cada evento e me cansei. Cansei de pensar. Não valia a pena destrinchar o que já aconteceu e sim, devia pensar sobre o que estar por vir: meu futuro em Columbia ou Cambridge.
É, eu penso em Cambridge em meu futuro desde o momento que abri aquela carta de aceitação e vi que estava integrada ao corpo de alunos da turma de Jornalismo da Universidade do sonho de qualquer estudante com mais de 85 de QI.
Penso em como seria minha vida em Londres, onde poderia morar (dividir um apartamento com Rachel como ela sugerira ou viver em um dormitório, talvez em uma republica), emprego já possuía e tinha certeza que Roux ia adorar saber de minha ideia, mas mesmo assim existia algo de incomodo em mudar toda a minha vida por uma simples sensação, mas não podia calá-la, era boa demais: eu sentia que era o certo, estar em Londres me mantinha feliz e completa mesmo quando tudo estava errado, andar naquelas desconhecidas ruas cheias de histórias e não me sentir perdida, mas curiosa, comprar verduras em uma barraquinha na beirada de uma calçada em Soho e conversar por longos minutos com a desconhecida dona que é tão animada e cheia de assuntos quanto qualquer pessoa de minha idade, observar o céu deitada no parque principal do bairro e imaginar se havia algo de mais delicioso de se fazer em uma manhã de sol como aquela, entre diversas outras sensações que eu tinha aqui que em Durham e em Nova York eu não havia sentido, uma delas por exemplo, a de liberdade, de poder ir e vir sem ter que dizer a ninguém os motivos, de poder trabalhar em uma livraria pelo prazer de ajudar alguém na busca de cultura e sem interesse no salário e seus benefícios e o mais importante, pela primeira vez, eu sentia que tinha as rédeas de minha vida que tudo que eu fizesse teria conseqüência então tinha que ter 100% de certeza no que estivesse a fazer porque isso decidiria o meu futuro e agora, era nisso a que me encontrava presa, naquilo que mais odiava

pensar, em meu futuro. Columbia ou Cambridge.
A Universidade a qual sempre desejei estudar ou um novo caminho cheio de desafios e incertezas que me faria viver de forma arrebatadora e sem controle, como a vida deveria ser.
A resposta era obvia, mas não estava pronta para confirmá-la em alto e bom som, nem para mim e muito menos para minha mãe que havia investido tanto em meu sonho. Como ela reagiria? Com raiva, desapontamento ou talvez, não aceitaria? Não seria de seu feitio negar uma decisão minha, mas estávamos falando dos próximos cinco anos de minha vida e ela tinha esse direito.
Mesmo não querendo, precisava pensar mais sobre, analisar os prós e contras de cada situação e em vez de simplesmente seguir um sentimento, eu precisava uni-lo ao meu lado racional e chegar em um resultado, mas não agora, ainda tinha o amanhã para pensar sobre ... Ainda tinha muito tempo para ser sincera.

Depois de uma ótima noite de sono despertei animada para mais um dia de visitação e uma tarde deliciosa e agradável na Maverick, depois de um forte café da manhã tomada com Rachel me despedi da mesma que ainda me dava o tratamento da frieza, nem ao menos falar sobre seu dia no estágio ou dizer que meu all star não combinava com a saia de tule preta que usava ela dissera, apenas acenou com a cabeça e voltou a se concentrar em seu pãozinho com manteiga e eu não sabia como reverter esse comportamento dela. Passei minha manhã no museu do Sherlock Holmes, um dos meus vícios literários, aproveitei o belo dia de sol e encerrei meu dia de visitação dando uma volta no Regent's Park.
Como estava se tornando habito, almocei no Pub de Ben acompanhada de meu tio, diferente de ontem, hoje estava conseguindo conversar com as pessoas sem pensar em meus problemas e voltar em seguida a minha inexpressão, sendo apenas eu.

Decidi me dedicar hoje a catalogar os livros nas prateleiras da loja, de vez em quando atendia algum cliente com dúvidas, contudo estava surpresa com a escassez de clientes, talvez estava mal acostumada já que nos últimos dias eu mal conseguia ficar parada com tantas pessoas pedindo informação e querendo tirar dúvidas, mas hoje podia ate ver alguns dos atendentes conversando entre si com animação e sem a preocupação de deixar algum cliente a espera.
Eu estava no fundo da loja sozinha, concentrada nos livros didáticos de medicina os

organizando em ordem alfabética, mas só o fato de conseguir segurar um deles sem se desequilibrar e cair já era um grande feito. Havia acabado de subir três degraus da escada com dois livros de mais de 1000 páginas quando ouvi o sino estridente da porta tocar, pelo som emitido alguém acabara de entrar na loja, mas não me distrai com isso, concentrada em cantarolar a canção de Tyler Hilton que tocava pela rádio da loja, enquanto arrumava aqueles livros. Será que todos os médicos liam aqueles monstros com folhas e informação por completo? Mesmo com toda minha pratica de leitura e prazer pela mesma, não sei se conseg ...

- Boa tarde! – Uma voz rouca e musical soou atrás de mim, minha pele se arrepiou e meu coração latejou, mas não prestei atenção a essa reação, me virei para atender o cliente, mas nada saiu dos meus lábios quando meu olhar bateu em sua direção, o sorriso em meus lábios desmanchou e entendi o por que daquelas reações, elas era naturais com sua presença, de repente o livro de mais de 1000 páginas foi em direção ao chão, quase batendo nos pés dele, fazendo um estrondoso som ao encontrar o chão, mas ninguém veio ver se eu estava bem, apenas ele que sem expressar ou falar algo, se agachou e pegou o livro entregando para mim. – Que livro pesado! Ele podia ter arrancando o meu pé! Será que todos os médicos lêem eles por completo? - Ele questionou por fim, me despertando de meu devaneio quando meus dedos tocaram a capa do livro e eu o tirei de suas mãos.

- Eu estava me questionando sobre a mesma coisa. – Disse em um suspiro, repousando o livro na estante em seu lugar devido. – Desculpe. Foi sem querer, essas coisas são muito pesadas. – Enruguei meu cenho descendo a escada e vendo que não fora uma boa ideia, estávamos a centímetros de distância, na escada pelo menos me sentia em vantagem, abri o meu sorriso de atendente e me mantive cinco passos de distância, tentando parecer calma e tranqüila, mas podia jurar que ele podia ouvir as batidas de meu coração. - Posso lhe ajudar em alguma coisa?

- Talvez ... – Ele deu um passo e eu dei um para atrás. – Será que poderíamos tomar um café?
- Tem uma cafeteria bem ali com diversos tipos que tenho certeza que irão lhe agradar. – Apontei para a cafeteria da loja e reparei que Sheila, a atendente, não se encontrava ali.

- Não, não aqui. Um onde possamos ter privacidade, talvez no Coffe Shop da esquina. – Ele deu mais um passo e eu voltei a dança, dando um passo para atrás e fingindo passar um espanador na poeira inexistente da prateleira a minha frente.

- Ah, não posso fazer isso. Eu parei de tomar café. Ele faz coisas horrorosas com o nosso corpo, sabia? – Murmurei, temendo que meu bafo do copo de café que havia acabado de ingerir fosse evidente.

- É bom saber que você continua a péssima mentirosa que é.
- Eu não estou mentindo. – Murmurei com firmeza.

- Então, tome chá. – Ele ergueu ambas as sobrancelhas, dando mais um passo, quando fiz o mesmo acabei por esbarrar na estante ficando encurralada e tendo que fingir que essa era minha intenção, ele estava a um passo de distância de mim com aquele seu sorriso largo e olhar intenso em direção aos meus. – Tome água, refrigerante, tome nada, apenas me acompanhe, o que quero é a sua atenção, nada mais.

Abri os lábios buscando uma resposta, podia simplesmente dizer que não, tinha trabalho a fazer, não queria conversar com ele, ou que meu chefe não me deixaria sair, mas Peter parecia tão determinado em seu propósito que acho que ele me esperaria até no último milésimo de meu expediente. Suspirei e pedi que ele esperasse do lado de fora que eu já o acompanharia.

- Tio ... – Murmurei, ao encontrar uma oportunidade de ter sua atenção, o mesmo se encontrava encostado no caixa conversando com Lee e Sabrina, os dois continuaram focados na conversa, então tive a atenção de Roux só para mim. – Será que posso tirar 10 minutos de intervalo? Um amigo veio até aqui me convidar para tomar um café e conversar e eu acho que é algo sério. Será que teria algum problema?

- Não, pode ir. Tire 20 minutos. Hoje a loja está tranqüila. – Roux murmurou com um sorriso leve nos lábios e tirei meu avental colocando no canto da mesa de Sabrina.

- Meu Deus! – A voz estridente de Sheila soou atrás de mim o que me fez

sobressaltar. – Aquele ali na porta é o Peter Hartley? – Arregalei meus olhos vendo Sabrina, Lee e Roux olhar na direção de Peter que estava do lado de fora com as mãos dentro dos bolsos olhando ao arredor despreocupado. – É ele sim!

- É, definitivamente. Agora a pergunta que não quer calar: O que será que ele está fazendo por aqui?
- Esperando alguém? – Lee disse, mostrando desinteresse no assunto, mas não querendo ficar de fora.

- Meu Deus! Será que ele vai se encontrar com a tal garota que despedaçou o coração dele? Eu li em uma revista que ele postou em seu blog que havia visto a em Soho, só pode ser isso. Agora não tiro meus pés daqui até ver quem é a ordinária. – Ela se encostou no caixa com um olhar semicerrado na direção de Peter, olhei em desespero para Roux buscando ajuda, mas ele não me olhava, eu precisava tirar a atenção de todos em Peter para podermos sair, mas sem ajuda não conseguiria.

- Sheila, me lembrei agora: Você precisa arrumar o estoque de produtos novos da cafeteria que acabara de chegar. – Lee murmurou olhando para ela com atenção.
- Posso fazer isso daqui a pouquinho ...
- Eu não sabia que havia chegado as encomendas. Você assinou os papeis direitinho, Lee? – Roux questionou coçando a cabeça com uma expressão de dúvida.

- Estão todas as cópias em sua mesa para averiguação e Sheila, vá agora ou não poderá sair cedo como deseja. Eu tiro uma foto da ordinária, caso ela apareça nesse meio tempo. – Sheila entortou os lábios, mas saiu sem protestar e Roux foi logo atrás, dizendo que iria conferir os papeis. Olhei para Lee e o mesmo fez um sinal para que eu não falasse nada e pegou um copo cheio de água, deu alguns passos, fingiu tropeçar em cima de Sabrina que deu um grito e saiu xingando Lee se encaminhando na direção do banheiro. – Vai. – Ele disse olhando para mim.

- Mas como ...?

- Quando ele entrou perguntou por você para mim, eu disse onde você estava e pela expressão que ele fez ficou bem claro quem você era para mim, então só somei 1+1. Agora vá, antes que Roux ou Sheila retornem percebendo que não há encomenda

nova nenhuma.

- Obrigada. Te devo uma. – Murmurei, mandando um beijo com a mão para ele e o mesmo apenas sorriu, dando uma piscadela em minha direção.

Fora uma longa caminhada graças ao incomodo silêncio que caia entre nós, não nos olhávamos e muito menos parecíamos interessados ao mundo ao nosso arredor, caminhávamos lado a lado em direção aquela cafeteria, mas parecia mais que íamos para a nossa sentença final.
Diferente de seu comportamento, Peter não perguntou onde gostaria de sentar, ele simplesmente seguiu pela loja indo para o final da mesma, se sentando em uma mesa escondida das janelas e da atenção da maioria dos clientes, se eu fosse naquele estabelecimento nem notaria aquele lugar. Me sentei na poltrona vermelha no melhor design dos anos 70 e Peter se sentou a nossa frente, não demorou para uma garçonete se aproximar e anotar nossos pedidos, ele um café, eu um copo de água com gás bem gelada. Olhei para o lado, para o outro e ele fazia o mesmo, sendo que seus olhos sempre voltavam em minha direção, eu que estava incomodada com todo aquele silêncio e profundamente curiosa com o que ele queria comigo, me lembrei de seu post dizendo seus sentimentos e sua vontade de tomar uma atitude, será que era isso que ele estava a fazer? Lutando por uma última vez por mim? Seria tão lindo, se não fosse trágico.

- Como tem sido sua viagem? – Ele questionou em um tom baixo de voz, notei que ele me observava com a expressão relaxada, mas ele parecia tão tenso quanto eu.

- Ótima, tudo tem saído como eu planejei. – Até o atual momento ... – E como tem sido ... sua vida? – Questionei, estranhando as palavras que saíram tão vazias de significado de meus lábios.

- Normal; compromissos, eventos, negócios a resolver com minha família, entre outras coisas desinteressantes. – Ele disse de forma sucinta, sua mão por sobre a mesa tamborilando-a sem ritmo, a garçonete voltou com nossos pedidos e se retirou em segundos. – Então ...

- Então... – Disse em um suspiro tentando não me prender em seus olhos azuis que

me olhavam com intensidade, cheios de questões. – O que você quer conversar comigo?

O silêncio voltou a tomar conta de nós, ele me observou com um olhar descrente e eu continuei com a minha expressão contida, ele deixou um sorriso escorregar no canto dos lábios, mas ele não mostrava felicidade.

- Sobre o óbvio. – Ele disse soando ríspido, ele balançou a cabeça largando a xícara em seu pratinho e se aproximando de mim alguns centímetros, não me afastei, me encontrava tão tensa que nem sabia se conseguiria me mover em algum momento. - O que diabos aconteceu naquele dia, Katerina? Não adianta você me dar voltas, dizer aquelas mesmas mentiras, não vou crer em nada daquilo; eu sei a verdade, eu pude vê-la através de suas atitudes e não posso aceitar aquilo, nem hoje, nem nunca, mas eu não posso seguir com a minha vida acreditando em uma hipótese. Então por favor, eu mereço a verdade, me dê ela.

- Você quer a verdade? – Balancei a cabeça positivamente, sentindo ela querer sair de mim de uma vez por todas, dane-se as conseqüências, ele estava ali, lutando por mim, eu devia fazer algo para merecer aquilo, ainda existia uma chance de sermos felizes, bem pequena, mas existia, mas controlei cada emoção que queria transparecer naquele momento. – Mas eu não posso dá-la a você, há muito a se perder se ela for revelada, Peter.
- A verdade pode doer, mas a mentira destrói. – Não conseguia dizer uma palavra se quer, meus lábios se abriam e fechavam e eu ficava a olhá-lo abobalhada, suas palavras me acertaram como flechas em chamas, sentia o rubor tomar conta de minhas bochechas sentindo seus olhos me observarem acusadores. – Se eu quisesse falar com uma escultura eu ia em um museu, Kate. – O olhei sem compreender seu sarcasmo e ele fechou os olhos irritado. – Fale alguma coisa!

- Eu não tenho o que falar.

- Engraçado, no período que estávamos juntos você não conseguia calar a boca e agora, magicamente, você não pode falar. – Ele respondeu cheio de sarcasmo e rispidez, o olhei me sentindo magoada com suas palavras bruscas.

- Se o que eu falava te oportunava deveria ter mandando me silenciar, assim pouparia seus ouvidos de minhas tolices e minha garganta com palavras ignoradas. – Respondi no mesmo tom de grosseria, mas senti minha garganta se fechar, a magoa estava corroendo-a.

- Não foi isso que eu quis dizer ... – Ele disse soando arrependido.
- Bom, nem sempre dizemos aquilo que queremos.

- Como também a verdade acaba por se manifestar em palavras singelas como as que você acabara de dizer. – Peter voltou a me olhar cheio de questões, aquele famoso brilho de curiosidade a me devorar. – Kate, por favor ... – Olhei para ele inquieta, girando o canudo dentro do copo d'água olhando ao arredor temendo que alguma coisa fosse acontecer, como em um dos meus sonhos Victoria surgiria e faria com que algo bisonho acontecesse comigo para que eu não falasse, mas até o momento nada aconteceu. – Alguma coisa aconteceu naquele dia para você terminar comigo, não é? – O olhei aflita, balancei a cabeça positivamente e vi a sensação de alivio passar por sua face, me arrependi de ter acalentado seu coração duvidoso, empolgado se aproximou um pouco mais de mim, me olhando com atenção. – Isso que aconteceu ...

- Peter ... – Disse sentindo minhas mãos vacilarem do copo quase que o derrubando, repousei uma na mesa e a outra levei a meu pescoço, tentando aliviar a tensão. – Eu não posso!

- O que você *pode*? – Questionou com os dentes trincados, quando me afastei assustada com sua agressividade ele agarrou meus braços, me mantendo próxima. - Remoer em sua mente cada lembrança nossa? Fingir que um dia você vai me superar e lembrar de mim como um amor que nunca daria certo, mas que foi bonito enquanto durou? Eu sei o que você está fazendo, ignorando que o que vivemos, por mais que você esteja tentando crer, tudo aquilo, os nossos passeios, conversas, palavras sinceras trocadas, toques, abraços e cada beijo só provou para mim que foi mais do que uma paixão de verão, foi um sentimento verdadeiro e real que iria acontecer, não importasse onde nos encontrássemos, num navio, num parque, avião, h-hospital, já estava escrito. Eu sei que você não acredita em destino, mas é isso que nos influencia

e guia, e você está indo contra ele e não sabe o que essa sua ação está desencadeando com o meu mundo. Você está me destruindo, Katerina.

- E você acha que está tudo *ótimo* comigo? – Perguntei sentindo minha garganta seca arder com as palavras ditas, a expressão séria de Peter se manteve, mas seus olhos me observaram com aquele olhar gentil e preocupado como se pela primeira vez ele tivesse notado que estava comigo, a Kate dela e não uma estranha que havia partido seu coração e agora era odiada mundialmente. – Pode ter certeza, não parece, mas eu estou tão destruída quanto você, simplesmente estou tentando sobreviver com os pedaços de cacos que restaram de minha vida, tentando aceitar a vida com ou sem você, mas no momento só consigo sentir que agora só conheço um jeito de me sentir viva que é estando com você ou sentindo sua falta. Então não fale comigo nesse tom de voz como se você fosse a única vitima nessa situação, acredite em mim, eu te venço disparada nessa categoria.

- Kate ... – Ele sussurrou e em seguida, ele segurou a minha mão, aquela familiar corrente de eletricidade atravessou minha mão surtindo efeito por todo meu corpo, meu estomago gelou e meu coração acelerou. Estava acontecendo novamente. Eu estava sentindo novamente. - O que você teme tanto?

- Isso. – Afastei nossas mãos de maneira bruta. – Eu temo isso, Peter.Você tem razão; eu estava bem, sentia que podia seguir em frente e um dia, se tivesse sorte, iria lembrar de você como uma paixão que terminou em infortúnio, mas isso aqui ... – Apontei para nós dois, sentindo meu coração acelerar cada vez mais e o ar estava se tornando um dos últimos elementos em meu corpo. – Não deveria estar acontecendo. Agora estou sentindo tudo denovo, a tristeza, a magoa, o arrependimento, a frustração e principalmente, a dor de ter dito aquelas palavras para você, de ter destruído o seu coração, mas não se sinta injustiçado, no momento que fiz aquilo, eu destruí o meu também, em pedaços irremendáveis.

- Você ... – Sua expressão era um misto de felicidade, dúvida e curiosidade, sua mão acariciando a minha com aquela delicadeza e carinho já conhecido e tão amado por mim. E eu pensando que já o havia esquecido e superado-o ... não, essa era a resposta óbvia. – Então, você não brincou com os meus sentimentos como me fez

crer, existe algo mais por traz de tudo o que aconteceu como Dorian me fez crer.

- Claro que não! Que tipo de pessoa horrível eu seria se tivesse feito algo assim? – Sussurrei o olhando com tristeza. – Além do mais, você não é burro ao ponto de não notar a índole boa ou ruim de uma pessoa, talvez tenha o coração puro demais, mas burro não é. Eu jamais faria algo daquele tipo, quer dizer, eu fiz, mas não era o que eu queria e sim o desejo de uma outra pessoa ... – disse demais, mas ele não se prendeu a isso.

- Eu estou disposto a esquecer tudo isso, a dor, a mágoa e a solidão que senti após aquela sua atitude, se você ... se você simplesmente me contar exatamente o que aconteceu naquele dia, eu te peço. Eu preciso saber a verdade. – O olhei, pensativa, mordi meus lábios olhando ao arredor, notando que ninguém prestava atenção em nós, voltei meus olhos em Peter e ele sorriu levemente e voltou a segurar a minha mão com delicadeza, olhei para elas unidas e senti meus olhos se tomarem de lágrimas. – Por nós. Se toda a verdade for resolvida, podemos ficar juntos como deve ser. Só me diga o que eu preciso ouvir.
- Os meus sentimentos são os mesmos. – A expressão de Peter se desmanchou lentamente ao ouvir minhas palavras pesarosas, seus lábios se desfizeram daquele sorriso sonhador, seus olhos se escureceram e sua expressão se tornou algo entre a humilhação e a descrença. Eu sabia que não podia contar a verdade, mas também não poderia deixá-lo daquele modo, destruído por culpa minha e principalmente de Miranda, não podia contar a verdade, mas poderia acalentar seu coração, ele estava ali, lutando por mim, eu em seu lugar faria o mesmo. – Não os sentimentos daquela noite, mas da tarde, da manhã e dos dias anteriores àquele; eu continuo tão apaixonada por você como estivera da primeira vez que declarei, mas não posso voltar ao tempo e mudar o que fiz; eu tomei um caminho sem volta e se eu reverter a direção, agora no meio da estrada, irei destruir vidas, me perderei e eu não posso carregar isso na minha consciência. Perder você já foi doloroso demais, eu não p-posso ... – Senti várias lágrimas descerem por meu rosto, Peter me olhava em completo choque sem saber ao certo o que fazer, me odiar ou me consolar, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa soltei nossas mãos com apenas um movimento e sai do ambiente em passos rápidos, quase derrubando um trio de amigos que entrava no ambiente, não sabia ao certo que caminho estava a seguir, só sei que meus pés me

guiaram por uma rua enquanto meu coração se despedaçava mais uma vez e meu rosto estava inundando de lágrimas.

Me encostei na parede, respirando profundamente tentando me acalmar, limpando aquelas lágrimas de meus olhos e olhando ao arredor, tentando descobrir onde me encontrava. Com o celular descarregado e com vários afazeres na Maverick não vi outra alternativa, eu não podia guardar isso para mim pelo resto do dia, não conseguiria agüentar minha mente com tantos pensamentos a me assombrar, telefonar para Rachel era a única solução, mesmo sabendo que ela estava a me ignorar, ela me ouviria quando falasse o que Peter fizera e provavelmente iria enfartar por detalhes, avistei uma das famosas cabines Londrinas que existem em cada esquina no fim da rua, olhei por cima de meu ombro não vendo nenhum sinal de Peter ou de qualquer outra pessoa já que ali era uma rua mais residencial do que comercial, acelerei meu passo na direção da cabine telefônica vazia há alguns metros de distancia de mim, assim que entrei na mesma procurei por uma moeda nos bolsos de meu casaco, assim que encontrei a coloquei no telefone e digitei rapidamente o número do celular de Rachel. Mesmo ela achando que eu havia terminado com Peter por um simples desejo e vontade minha, me sentia na obrigação de contar a ela os últimos minutos angustiantes e intensos que passei naquele pequeno café sentada de frente para ele, mas como de costume, Rachel não atendia a chamada o que só me deixava mais nervosa, foi quando ouvi uma batida no vidro da cabine o que me sobressaltou, me virei vendo que conhecia a pessoa do outro lado da porta, era Peter, com um olhar intenso e penetrante na direção de meus olhos o que me deixou sem ar de imediato, sem dizer nada, ele abriu a porta da cabine e adentrou o local, a fechando atrás de si.
Ele se aproximou de mim e eu de imediato abaixei meu rosto, tentando controlar minhas emoções e ele segurou meu queixo, erguendo-o na direção do seu, segurei a sua blusa com uma das mãos, não conseguindo afastá-lo ali como havia conseguido no Coffe Shop, estávamos a questão de centímetros de distancia, o ar me faltava, minhas pernas tremiam levemente e ele se aproximou mais de mim, nossos lábios entreabertos e quando eu menos esperava, mais contava com o que aconteceu, eles se tocaram e um beijo apaixonado ocorreu, minhas mãos afundaram em seus cabelos enquanto as suas desceram até a minha cintura me puxando para mais perto de si,

mas não era apenas um beijo apaixonado, era urgente e transbordava de desejo, a falta que sentíamos um do outro era sentida naquele momento pelo toque de nossas mãos em nossas peles, os beijos que distribuíamos eram profundos e cheios de mordidas e paixão, a cabine já era pequena demais para nós dois e quando percebi, ele havia me tirado dali e eu me encontrava encostada em um carro, sentindo seus beijos em meu pescoço, descerem para meu ombro já desnudo e nem ao menos havia notado isso, em questão de segundos, ele abriu a porta do carro e eu adentrei no mesmo, logo em seguida, Peter fez o mesmo e eu percebi que seu motorista, de nome desconhecido, nos observava com uma expressão incrédula, mas fingia que não havia visto nada.

- Dê uma volta pela cidade, Michael e por favor, feche a divisória, quero ter privacidade com a senhorita Farrell. – Peter murmurou, arfando um pouco, mas mantendo sua postura superior, enquanto eu mesma buscava ar, largada no canto do assento, estava tentando lidar com aquela situação, mas só conseguia pensar em Peter e em como eu o queria naquele momento, nada mais importava, nem Miranda e seu acordo, nem o meu orgulho e infelizmente, nem o estágio de Rachel.

Eu o queria demais e por mais que eu estivesse a dias dizendo que não sentia a sua falta, eu sentia, e muita, e queria matar cada centímetro dessa saudade naquele momento. O motorista apenas assentiu ao pedido de seu chefe e o carro começou a se movimentar e a divisória a se fechar lentamente como se fosse um tipo de passagem secreta daqueles filmes de aventura, parecia se fechar em milésimos de segundo, eu e Peter não nos olhávamos ou muito menos nos falávamos, assim que a divisória se fechou meu coração bateu forte, e bateu mais forte ainda quando Peter se movimentou para próximo de mim, mas na realidade foi até um móvel onde se encontrava um radio, ele apertou um simples botão e começamos a ouvir um canal de músicas do anos 80’ e estava a tocar uma música da cantora Blondie, ao retornar ao assento Peter estava mais próximo, nossos olhos se encontraram e tudo que aconteceu em seguida foi mais rápido que qualquer um de nós podia pensar, suas mãos foram diretas em minha cintura me puxando para seu colo, onde minhas pernas se encaixaram, seus beijos marcaram rastros em meus lábios, desceram pelo meu pescoço e morderam meus ombros arrancando meu casaco vermelho de meu corpo e o jogando ao assoalho, enquanto eu tentava abrir os botões de sua blusa de xadrez,

Peter tirou a boina de minha cabeça e puxou a minha cabeça para atrás o que me fez gemer e seus lábios deram chupões em meu pescoço que fizeram arrepios crescer em todo o meu corpo, nossos lábios voltaram a se encontrar no exato momento que consegui abrir a sua blusa por completo, ele passava suas mãos em minhas costas e com um movimento só tirou as minhas duas blusas, suas mãos acariciaram meu rosto e voltaram a beijar meus lábios enquanto as minhas abriam seu cinto, foi quando o carro fez uma curva e escorreguei de seu colo, caindo sentada no assoalho, comecei a rir e o mesmo ele fez, mas sem perder tempo ele se aproximou de mim, me ajoelhei de forma desengonçada sem tirar seus olhos dos seus e abri seu cinto, logo em seguida sua calça a abaixando e o deixando apenas de cueca e precisava confessar o que eu vi ali me deixou muito, muito excitada, escorreguei um dedo para minha boca com um sorriso sapeca e rapidamente ele me tomou em seus braços e me deitou no assento, ficando sobre mim e entre minhas pernas, lentamente ele tirou a minha calcinha, deu um sorrisinho sapeca e se debruçou por sobre meu corpo e eu sabia que o teria da forma que queria naquele momento.
A nossa primeira vez só podia ter acontecido daquela forma.
Apaixonada, desengonçada e barulhenta.
A quantidade de vezes que caímos no assoalho por culpa das curvas que o carro dava foram inúmeras, tinha certeza que iria ficar cheia de roxos, mas isso não atrapalhava a nossa criatividade ... Na minha contagem foram mais de oito vezes que chegamos ao paraiso como diria Joana ou oito vezes de momentos orgásticos como diria Rachel, fico com a ultima, além do mais, tem como ser mais orgástico de transar em uma limusine enquanto a mesma está por cruzar Londres, não, não tem, ainda mais quando o ato é consumido com o cara que você gosta e ele é muito bom no que faz.
Pode ser no assoalho, deitada de mal jeito no assento, sentada em seu colo ou simplesmente utilizando de nossas mãos e boca para os nossos prazeres mais íntimos, até no sexo, eu e Peter tínhamos uma sincronia e encaixe perfeito, não era bobagem termos chegado no ápice juntos em pelo menos 03 vezes.

Por mais que tudo estivesse perfeito, eu tinha que voltar a realidade, viver no mundo de Alice era bom, mas a viagem sempre acabava uma hora e a minha acabou quando notei que estava uma hora atrasada para voltar ao trabalho.

A hora da despedida foi muito difícil, enquanto eu recolhia as minhas roupas e acessórios , os vestindo rapidamente, eu podia notar que Peter fazia o mesmo, mas o seu olhar de prazer e felicidade, havia se transformado em pesar e temor, era como se ele soubesse que quando eu saísse dali tudo voltaria a como estava antes, e ele tinha razão de pensar assim.

- Então, eu posso ... – Ele começou a dizer quando estava sentado ao seu lado esperando que o motorista encontrasse um local onde pudesse parar para eu saltar, mas fiz questão que ele parece antes que suas palavras quebrassem os nossos corações.

- É melhor que essa seja a nossa primeira e única vez Peter. Foi maravilhoso, mas isso não pode mudar o passado. – Disse, enrugando o cenho e olhando firmemente em seus olhos, era assim que uma mentira virava verdade.

- Poderia, se você quisesse.
Eu quero, pensei, *mas não posso.*

- Adeus, Peter. – Murmurei sentindo meus olhos se encherem de lagrimas, por sorte o motorista parou o carro, o que era a minha deixa, mas antes que eu saísse, Peter me puxou para seus braços me dando um beijo apaixonado, uma solitária lagrima desceu em meu rosto no exato momento que notei que esse seria o nosso ultimo beijo, ao nos afastar ele a notou e a secou em seus dedos.

- Se você quer tanto que a gente não exista, não entendo porque então chora. Não é o que você quer?
- Adeus, Peter. – Foi o máximo que consegui dizer, me afastei de seus braços e sai rapidamente do carro, fechando a porta atrás de si.

Comecei a caminhar olhando ao arredor e identificando aonde estava, era questão de andar três quarteirões e logo estaria na livraria e teria que dar uma ótima explicação a meu tio sobre o meu desaparecimento, foi quando senti um vento em particular embaixo de minhas pernas, um tipo de vento que costumo não sentir, foi nesse momento que percebi que havia esquecido a minha calcinha dentro do carro, com Peter.

Ótimo, agora não estava só atrasada como eu era uma vadia sem coração e sem atenção com coisas importantes como a minha calcinha.
Então, tive que andar três quarteirões ouvindo cantada de homens que podiam ser meus avôs e pais me questionando quantos filmes pornôs eles viram na vida para terem um olhar tão certeiros em saber que eu me encontrava sem calcinha o pior de tudo, era a ventania que acontecia de repente, minha saia se erguia de um modo Marilyn Monroe e desesperada eu gritava e tentava abaixar a mesma, sem o menor charme que a diva tinha.
Não tinha como piorar, não tinha.

Sabendo que me encontrava atrasada me apressei em encontrar uma loja de lingerie e comprei uma calcinha - a mais cara de toda minha vida -, a expressão de choque da atendente quando eu disse que iria vestindo-a foi impagável e imaginei como Rachel reagiria quando eu contaria a ela o que havia acontecido naquela tarde, de duas ou uma: ou ela me mataria por não ter contado antes ou continuaria a me dar o tratamento do gelo.

Chegando na Maverick, Lee me informou que Roux queria falar comigo assim que chegasse e é claro que eu levei uma bronca enorme, parte do meu tio e outra parte do meu chefe, o primeiro preocupado, já que me celular dava como desligado e o segundo dizia que havia agido de modo irresponsável e que ele teria que descontar de meu salário por tal atitude, os seus empregados eram ótimos e o obedeciam sem pestanejar, eu fazendo isso posso acabar mostrando uma espécie de favoritismo que ele não quer que aconteça e ele tinha razão, me senti muito mal por toda a situação que eu havia criado e até pedi perdão aos meus colegas, contudo Sabrina disse que tudo estava tranqüilo como já se encontrava mais cedo, me senti mais tranqüila, mas mesmo assim a culpa ainda tomava conta de mim, e se fosse um dia que a loja estivesse lotada? Eu teria prejudicado muito o funcionamento de nosso trabalho, voltei a me dedicar na catalogação, mesmo me sentindo cansada e dolorida, a felicidade misturada com o temor eram os sentimentos principais em meu ser e eu queria aproveitar essa sensação.

- Você transou com alguém! – Falou Rachel aninhada no acolchoado da janela com seu lap top no colo, me olhando de cima a baixo com os óculos na ponta do nariz e

aquele sorriso malicioso em seus lábios, a olhei imóvel, uma mão arrancando o all star do meu pé a olhando em choque pensando em abrir uma barraca de vidência para essa jovem, ficaríamos ricas.

- Porque diz isso? – A olhei com surpresa, deixando bem claro que suas palavras eram verdade.

- Você está sorrindo! – Ela respondeu com um sorriso sapeca e as sobrancelhas subindo e descendo, taquei uma almofada em sua cabeça, mas ela a pegou a tempo e ficou de pé se jogando na cama na hora que eu ia fazer isso, não desistindo, larguei minha bolsa e me joguei na cama ao seu lado. – Me conte tudo! Anda, sem me enrolar. Quem foi, onde foi, como foi ...

- Não.
- Não me negue isso, Katerina. Não me revele algo para me negar o conteúdo depois. – Disse ela com raiva contida em suas palavras.

- Falamos amanhã, me deixe apenas descansar, estou muito ...
- Meu deus! Sexo selvagem, foi isso mesmo produção?
- Você não vai me deixar em paz, não é?
- Não. – Disse ela firme com aquele sorriso em seus lábios.
- Eu transei com Peter. – Murmurei, me sentando na cama e passando as mãos em meus cabelos.

- Oh! – Sua expressão se desfez e ficou um misto de curiosidade e temor, ela se sentou na minha frente com suas mãos seguras nas minhas. – Eu entendo se você não quiser falar sobre.

- Obrigada. – Disse, me movimentando para deitar novamente, mas ela me impediu.
- Ei! Eu só estava tentando soar educada, não era para você acreditar. Agora mais do que nunca preciso saber de tudo.

Óbvio que contei tudo a Rachel, tentei reservar os detalhes mais sórdidos para mim, mas ela sempre conseguia arrancar uma nova informação de meus lábios sorridentes, que logo se desmancharam quando ela questionou:

- Então, vocês vão se ver denovo?
- Não, essa foi a primeira e última vez.
- Bom, você não tem o controle de dominar os pensamentos e decisões de Peter, se ele quiser te ver, ele irá atrás de você querendo ou não. – Ela respondeu pensativa.

- É, mas eu tenho domínio sobre minhas decisões, se ele aparecer, eu não vou sair nem ao menos falar com ele, precisamos seguir em frente e desse modo não é saudável para nenhum de nós.

Rachel abafou uma risada debochada e a olhei sem compreender, ela que não é de se conter, se ergueu de minha cama, mostrando que o nosso assunto havia cessado.
- Agora fale o que você achou *tão* engraçado. – Questionei trincando os dentes, tentando não transparecer a irritabilidade.

- *Você* tentando fingir que não sente nada por Peter quando é óbvio que continua tão apaixonada por ele quanto antes. – Ela respondeu em um tom debochado, me observando com atenção. – Eu estou com tanta raiva de você que não cabe dentro de mim, eu apenas falei com você agora porque vi a sua felicidade e acreditei que talvez você fosse parar de ser uma idiota e resolver tal problema que separou você de Peter, mas pelo visto você continua teimosa e nem vê que isso está arruinando a sua felicidade.

- Você não sabe do que está falando.

- Eu sei, Kate. Alguma coisa aconteceu para você ter que terminar com Peter e você está fingindo que foi a sua decisão, mas é óbvio para mim que não é isso. Eu te conheço muito bem, Kate sei quando está mentindo com os meus olhos fechados e se for para conversarmos e você ficar fingindo um sorriso e escondendo uma verdade, eu prefiro não falar com você. – Ela disse com desgosto e a raiva clara em seus lábios.

- Não fale, você só estará cometendo um erro.
- Como você está cometendo repetidamente. - Ela me olhou debochada. – Deve ser contagioso.

E Rachel me trouxe de volta a realidade, me mostrando que eu continuava presa nas mesmas mentiras e agora claramente sem a companhia de minha melhor amiga.
Sempre tem como piorar.
Me joguei na cama, sentindo meus ossos estalarem e algumas partes de meu corpo latejaram, gemi sentindo o cansaço me tomar e a fome me dominar, fechei meus olhos para descansar por alguns minutos antes de levantar e tomar meu banho e me entregar a meus trabalhos domésticos, mas quando notei cochilei por mais de meia hora, se não fosse pelo meu celular vibrando dentro do bolso de meu casaco eu nem teria despertado, era uma mensagem, grogue e faminta apenas cliquei para abrir a mensagem e meu coração acelerou de modo incerto:

Peter
Eu sei que você está me escondendo algo e eu vou descobrir o que é.
Não pense que vou desistir de você tão fácil assim, ainda mais depois de hoje, indo além de suas palavras, foi mais que maravilhoso, foi perfeito.

PS: Você esqueceu sua calcinha, devo entregar pessoalmente ou você vem buscar?

Chega, já entendi universo, pode e você sempre dará um jeitinho para piorar e tornar tudo bem difícil.
Depois de um bom banho, descobrir que tenho três roxos espalhados em meu corpo e de aparência duvidosas, repetido a janta 03 vezes - incluindo o frango frito -, me entreguei a cama pedindo a Deus que me permitisse uma ótima noite de sono porque meu corpo e mente precisava disso. E ele me permitiu tal coisa, o que foi um grande alivio, mas ao despertar, desejei ter o dia de folga para ficar de cama, meu corpo implorava por mais descanso, não sabia se a culpa era de ter transado em um carro, que estava em movimento, ou se simplesmente esse fator, mais outros determinantes como a falta de descanso e as diversas visitações haviam detonado toda minha imunidade já que me sentia um caco, com o nariz escorrendo, a garganta doendo e meu corpo gritando por massagem, já que estava tpdp dolorido, me esforcei a levantar, precisava sacudir a poeira, afastar essa ziquezeira e seguir a vida.
Depois que minha tia, que estava auxiliando Roux cuidadosamente na preparação do café da manhã, me viu ela ficou preocupada, me achou muito pálida e cansada, para minha sorte Rachel já havia saído para seu estágio me poupando de ter que ouvir

algum deboche àquela hora da manhã naquele estado físico em que me encontrava, eu provavelmente me arrependeria, mas mandaria ela a merda. Morgan me achou febril, mas ao tirar minha temperatura vimos que estava normal, mas continuou preocupada, achando que eu deveria descansar, mas insisti em continuar minha programação, mas Roux não pareceu feliz também, então tive a ideia de trabalhar o dia inteiro na Maverick, assim eu recuperaria à uma hora de atraso do dia anterior e Roux ficaria de olho em mim, qualquer coisa de anormal ele me levaria à emergência. Duvidosos, prometi que estava bem, fiz até alguns movimentos de dança e rodopios - que me enjoaram - para comprovar tal fato e eles acabaram por desentortarem os lábios e concordarem com minha ideia.

Lee e Sabrina acharam besteira da minha parte passar o dia inteiro enfurnada na livraria, enquanto poderia estar fazendo uma de minhas visitações, além do mais, meus dias em Londres estavam chegando ao fim precisava aproveitar ao máximo, mas não me sentindo incapacitada de fazer grandes movimentos e pré-doente, ficar trabalhando na livraria foi a opção mais sensata que tive. Uma escolha cansativa, mas que me distraiu a ponto de me fazer esquecer dos problemas que me consumiam durante o dia inteiro, tantas tarefas a fazer, informações a serem dadas aos clientes e funcionários e a supervisão de Lee tomaram todo o meu tempo, apenas quando entrei no carro de Roux percebi o tão cansada mental e fisicamente me encontrava.

Ao chegar em casa era oficial que uma gripe havia me pego de jeito, entre espirros, fungadas de nariz e tosses Roux mandou que eu tomasse um banho bem quente, me agasalhasse e que me deitasse, precisava de descanso e da famosa sopa cura-qualquerdoença-desde gripe-até-caxumba-menos-câncer da família Braga, disse ele daquela forma polida própria.
Segui seu conselho e fiquei enfiada em minha cama coberta até o pescoço, como de esperado, o tempo havia mudado surpreendendo a todos com suas nuvens negras, vento frio e provável chuva noturna, não era a toa que estava gripada, quem estava odiando isso mais do que eu era Rachel que resmungava que não podia ficar gripada e que se tal coisa acontecesse seria minha culpa e que eu teria que me responsabilizar por sua perda de vaga no estágio, mal ela sabia que sem mim ela nem teria conquistado tal coisa ... Depois de tomar a sopa e ainda ouvir algumas reclamações de Rachel e recomendações de Morgan, me virei para o canto, enrolada feito uma

múmia e sendo tomada pela escuridão no exato momento que fechei meus olhos.

Acordei diversas vezes durante a noite, alguns momentos por falta de ar, outros por causa do som intenso do vento batendo nas janelas o que me assustava, mas a chuva forte repleta de trovões e relâmpagos foi um dos grandes fatores, cansada de acordar e dormir o que era exaustivo e mais doloroso para meu corpo, me levantei e fui para sala, onde fiquei terminando de ler Comer Rezar Amar com Jack em meu colo, tremendo e gemendo de medo; ele tem pavor de trovoadas. Quando dei por mim já era manhã e eu havia dormido, não sei por quantas horas, mas foram milagrosas, ainda me sentia entupida e cansada, mas bem melhor que no dia anterior. Disposta a seguir os planos de visitação e de trabalho, me levantei e segui para um banho quentinho e demorado, quando entrei em meu quarto embrulhada em meu roupão descobri que Rachel já havia saído, mas o silêncio que dominava a casa deixava bem claro para mim que não passava das dez da manhã, logos meus tios deveriam estar dormindo.
Senti uma súbita solidão me tomar, queria tanto conversar com Rachel sobre os últimos acontecimentos, mas tudo estava tão delicado entre nós que qualquer assunto comentado se transformava em uma discussão e eu não sabia aonde pararíamos se continuássemos assim.

Já arrumada e com a programação do dia decidida, me dediquei a preparar o café da manhã da família, conhecendo bem minha mãe e seus hábitos matinais tinha certeza que ela já deveria estar acordada concentrada em suas tarefas domesticas, foi uma ligação breve, mas o suficiente para matarmos as saudades e ficarmos a par de nosso cotidiano maluco, óbvio que não contei a ela sobre meu encontro com Peter, isso a deixaria cheia de expectativas e questionadora e a última coisa que eu queria era ficar falando e pensando em Peter, nosso reencontro já causou dor e drama desnecessário demais.
Eu estava ótima na maneira em que me encontrava agora: gripada, silênciosa e entorpecida. Okay, ficaria bem melhor se não estivesse gripada, mas não vou desdenhar do que tenho agora.
Algo que aprendi nos últimos dias foi que focar minha mente em algo que não tenha nada a ver com aquilo que me consome mentalmente é eficaz, por mais que seja difícil manter minha mente focada em apenas uma coisa eu tentava e às vezes

conseguia e aproveitava muito esses momentos. Não era ruim pensar em Peter, pelo contrário, reviver aqueles momentos ao seu lado eram maravilhosos, mas pesarosos e isso me causava dor, agora era mais fácil suprimir tais pensamentos, do que pensar e repensar neles. Não sou masoquista a esse ponto, pelo menos eu acho.

Passei minha manhã no Museu de Londres conhecendo e desfrutando a história daquela cidade que me fascinava há tantos anos, confesso que pela primeira vez durante toda a viagem me senti extremamente sozinha, sabe eu gosto de ficar sozinha, é bom ter um momento só para mim, mas sentia falta da companhia de Rachel, de suas brincadeiras, comentários, risadas, reclamações relacionadas aos tédios dos museus e olhares expressivos que diziam tudo quando um gatinho passava, era estranho estar sem ela e mais ainda ao recordar que nossa relação estava por um fio.
O resto do dia passei na Maverick dedicada em meu trabalho, como no dia anterior, focada no estoque e principalmente nos clientes, apenas sai da loja para almoçar no Pub do Ben com Lee e Sabrina e assim que voltei me enfiei no estoque catalogando os livros que haviam sido entregues hoje, Sabrina odiava esse tipo de serviço, ela achava muito chato e complicado e eu não entendia essa sua visão, era tão confortante poder curtir o silêncio daquele ambiente, ver novos lançamentos da literatura em primeira mão, anotar cada um deles e analisá-los a partir de uma visão critica de qual será o próximo Best seller, com certeza trabalhar na Maverick foi uma das melhores coisas que aconteceram em minha vida nessas últimas semanas e eu era muito grata a Roux por isso.
Notando que estou um pouco relapsa com meus tios nos últimos dias decidi surpreendê-los com um jantar caprichado comprado no nosso restaurante japonês favorito, sabia que minha mãe me deserdaria por isso, mas aproveitei e comprei uma garrafa de saquê, pensando em Rachel, mas todos nos beberíamos, é claro, por aquele preço todo tinha que ser algo dividido com os milímetros exatos para cada um.

- Família, cheguei! – Gritei assim que adentrei em casa atolada de sacolas e sentindo a ponta do meu nariz gelado, pelo visto a noite seria mais fria que a anterior, por sorte passei o dia bem agasalhada então a gripe já deveria estar me deixando em poucos dias. Sem ter respostas voltei a falar enquanto colocava meu casaco e

cachecol no armário do corredor, foi quando notei alguns casacos desconhecidos, um casaco preto e um sobretudo cinza; tínhamos companhia. Olhei na direção da cozinha e senti um cheiro de massa sendo cozida, cheguei tarde demais. Jack saiu da sala e veio correndo em minha direção cheirando meus pés e sacolas, começou a morder a bainha da minha calça me puxando, cansado de tal tentativa, ele voltou a correr na direção da sala, ele parecia muito nervoso com minha chegada, resolvi segui-lo. – Tio, Rachel chegou? Tenho uma surpresinha beeem gostosa para cada um de vocês ...

Parei na entrada do ambiente não acreditando no que meus olhos me mostravam, Jack parou nos pés de Roux que me olhou pesaroso, Morgan que estava ao seu lado segurando sua mão parecia ter chorado, Rachel no outro sofá me olhou feroz, parecia a ponto de saltar do sofá feito uma lince para me atacar, mas foram os outros dois desconhecidos que me fizeram perder o equilíbrio e derrubar todas as sacolas que estava a segurar, um ao lado do outro estava Dorian e Peter, que me observaram com serenidade.

- Boa noite, Kate. – Dorian disse com espontaneidade, mas escondendo seu grande sorriso. Nada disse, meus olhos se transferiram na direção de Peter que apenas cumprimentou com a cabeça, seus olhos perfurando os meus com aquela famosa intensidade e uma frieza indescritível.

- O-o que está acontecendo aqui? – Perguntei atordoada.

- Nós temos uma surpresinha para você também, Katerina. – Rachel disse friamente, sentada ao lado de Dorian, seu olhar intenso e frívolo deixou bem claro que ela sabia de tudo, não sabia como sentia isso, mas só tinha essa certeza. Girei meus calcanhares, pronta para sumir daquele ambiente. Meu quarto, talvez o quintal, eu precisava de ar ... – Não ouse fugir.

Parei de andar, ouvindo os saltos de Rachel tilintar ao tocar o chão, ela se levantará e vinha em minha direção, não podia fugir da verdade, esse momento que sempre desejei e temi agora chegará e eu precisava encará-lo, me virei com uma sobrancelha erguida e observei a feição dura e animal de Rachel, antes que pudesse dizer qualquer

coisa ela acertou um tapa em meu rosto o que me fez cambalear.

- Rachel! Não! – Morgan gritou ficando de pé ao mesmo tempo que Peter e Roux.

- Essa garota ... Ela ... Porque você fez isso, sua idiota? – Ela falou por fim distribuindo novos tapas, agora em meus braços com a mesma força de antes. – Você não tem amor próprio? Respeito por si mesma? Sempre pensando nos outros e se esquecendo de si para que? Viver feito uma zumbi cheia de arrependimentos, mas acreditando que fez o certo?! Você é uma idiota, Katerina Farrell. – Roux afastou Rachel de mim, segurando apenas seu braço, Morgan veio em minha direção me abraçando de forma materna, mas eu não retribui, eu merecia aquilo e muito mais vindo de Rachel.

- Sou idiota por saber que se minha melhor amiga não for feliz eu não poderei ser também?
- Rachel ficou estarrecida com minha questão enquanto podia sentir todos os outros olhares me perfurarem, duvidosos e questionadores. – Que seja então, sou a garota mais idiota do mundo por trocar minha felicidade pela de minha irmã.

Um silêncio caiu entre nós, me afastei de Morgan apenas para cruzar meus braços me sentindo frágil e vulnerável com todos aqueles olhares em minha direção.

- Por que? – Rachel questionou sem alterar sua expressão, mas a sua voz se encontrava terna e controlada. – Onde estava a sua coerência quando você aceitou tal chantagem absurda?!

- Eu já disse o porquê ... – O nó em minha garganta era pesado e corrosivo, mas o segurei onde se encontrava, não queria chorar na frente deles, revi mentalmente tudo que havia acontecido naquela noite, desde a proposta de Miranda até o meu último momento com Peter, tentando encontrar as melhores palavras que pudessem descrever aquele sentimento.
- Eu não poderia viver sabendo que eu me encontrava feliz e que sua infelicidade era minha culpa.

- Seja mais clara. – A voz musical e baixa de Peter tomou conta do ambiente, o olhei

vendo seu olhar frio e impenetrável me observar, ele ergueu uma sobrancelha e eu senti um frio atravessar a minha espinha.

- Para que? – Dei de ombros, o olhando com uma sobrancelha erguida. – Vocês já sabem de toda a verdade, não estou afim de soar como um disco arranhado, falar sobre aquela noite entrou no meu top 10 que coisas que mais detesto, então ...

- O que Peter quis dizer, é que queremos ouvir toda a verdade de você. – Dorian disse trocando um breve olhar com Peter, por fim ele me olhou de uma forma encorajadora. Apenas diga a verdade, Kate. – ele disse de modo carinhoso, me observando com pesar agora se pondo ao meu lado, respirei fundo passando as mãos em meus cabelos tentando organizar minha mente para aquele momento.

- Que tal nos sentarmos? Acalmarmos um pouco os sentimentos intensos do momento, huh? – Morgan questionou soando mais como uma ordem do que um pedido, ela acarinho minhas costas e Dorian me guiou na direção da poltrona. – Vou preparar um chá para nós, já retorno. – Após trocar um olhar com Roux que dizia *toma conta da situação e não deixe que ninguém se mate*, Morgan saiu da sala e nem um som foi emitido durante todo o tempo que ela esteve fora. Eu não me atrevia a olhar nem para Rachel muito menos para Peter, na única vez que tive a audácia de olhar vi Roux me observando com puro desapontamento e eu me encolhi em tristeza. Assim que minha tia retornou e serviu o chá a todos, senti que voltará a ser o centro da atenção já que entre goles e tilintar de xícaras no pires podia sentir todos aqueles olhares aflitos e curiosos em minha direção.

- Então ... – Rachel murmurou com uma expressão debochada. – Você está esperando que fiquemos entorpecidos de tanto chá de camomila e esquecemos o nosso propósito aqui ou o que?

- Rachel! – Roux murmurou com firmeza, seu olhar dizia: menos e Rachel o compreendeu retirando a sua postura animalesca e voltando a parecer mais serena. – Dê um tempo a ela!

- É difícil para mim falar sobre *isso*. Guardei por tantos dias esse segredo que agora não sei por onde começar. Talvez essa tenha sido uma das decisões mais difíceis que

tive que tomar; Vocês não têm ideia pelo que passei nesses últimos dias. – Respirei fundo largando minha xícara de chá em cima de uma enciclopédia de animais me lembrando dos pesadelos, da dor, das saudades e ideia do sofrimento que havia causado nele; não podia me focar nisso e por não saber por onde começar, resolvi relatar detalhadamente tudo que acontecerá naquela noite deixando bem claro que meu plano desde o inicio era de contar o que havia acontecido entre Miranda e eu na primeira oportunidade que tivesse, mas assim que vi Rachel chorando e vomitando logo após ter sido demitida, ato cometido por Miranda, não consegui seguir com o plano e suportar aqueles torturantes segundos de culpa, não sobreviveria sabendo que havia optado por Peter e permitido que minha amiga retornasse a sua doença, arrasada e derrotada e por culpa minha. – Eu não tive escolha, ou era a felicidade e saúde de Rachel ou a minha felicidade. Eu tinha opções, mas não podia utilizála; Miranda foi esperta, ela sabia tudo sobre a minha vida e de quem estava cercado a mim, qualquer ato meu poderia arruinar qualquer pessoa que eu amo, eu achei correto dar um fim aquilo, antes que mais alguém saísse ferido. – Olhei na direção de Peter e pela primeira vez naquela noite ele expressou algo além de indiferença: raiva, o suficiente para me fazer tremer. – Eu sinto muito, Peter, não foi por falta de amor a você, mas eu tive que optar, tenho certeza que em meu lugar você teria escolhido Dorian sem pestanejar e teria sofrido com a mesma dor que eu nos dias seguintes.

“Aceitei os termos de Miranda para o bem de Rachel, sem nem ao menos pensar em como isso afetaria o meu futuro e o de Peter, a única coisa que eu queria era que ele me odiasse o suficiente para que me esquecesse e seguisse em frente, assim podendo ser feliz com outra pessoa, foi imprudente e errado, e eu mereço a raiva de todos vocês, mas se coloquem em meu lugar; eu não tive escolhas. Era eu e Peter ou Rachel; Eu sabia que ele podia viver sem mim, mas eu tinha certeza que não podia viver sem Rachel.”

Ao concluir tudo que se passava em minha mente meus olhos se encontraram com os de Peter, um mar de dúvida morava ali, o que me deixou preocupada; o que estava passando em sua mente?

- Você só não contava com testemunhas ... – Dorian disse com um sorriso contido nos lábios, o olhei sem compreende-lo, agora era eu que estava por fora da história. –

Eu vi você saindo da varanda, chorando e estranhei, mas como me encontrava em um lugar afastado não podia ter certeza do que via, foi então que Miranda entrou em cena e notei pelo comportamento dela que alguma coisa séria estava acontecendo entre vocês, ao ver Peter saindo tão fora de si da varanda eu tive a certeza que ela mandara você fazer alguma coisa envolvendo ele. – Dorian olhou para Peter, como se estivesse a esperar alguma reação do amigo, mas o mesmo se manteve imóvel e calado, ele ergueu ambas as sobrancelhas e continuou. – Só fiquei sabendo no dia seguinte sobre o término do relacionamento de vocês e eu não fiquei surpreso. Teimoso como só Peter consegue ser, ele não quis ouvir minha teoria, então junto a Amelia corri atrás de provas para comprovar que Miranda havia chantageado você para que terminasse com o sobrinho. Naquele dia em que nos encontramos no Parlamento foi uma total coincidência que me veio a calhar, sua reação só me deu mais forças para tentar desvendar tal mistério. Demorou um pouco, mas assim que descobrimos o necessário contei tudo a Peter, que decidiu me dar ouvido ao invés de se fechar em seu orgulho idiota. O resto vocês já sabem.

"Achamos melhor vir até aqui para revelar a nossa descoberta, assim podendo libertar você desse segredo e ... dar uma real chance para um futuro melhor entre vocês dois, juntos ou não."

Olhei para Peter, imaginando tudo que ele passou nos últimos dias; as dúvidas e sofrimento aos quais eu o coloquei eram imperdoáveis e nunca me senti tão arrependida de algo em toda minha vida como me sentia agora ao perceber isso.
Juntos ou não.
A voz de Dorian ecoou em minha mente e senti um frio tomar minha barriga com a possibilidade de poder ter um futuro com Peter, seguindo em frente fortes, determinados e apaixonados, como deveria ter sido desde o principio.

- Eu acho melhor eu conversar com Katerina ... – Peter murmurou em um sobressaltou, que fez todos o olharem surpresos. – A sós, por favor.

- Que tal irmos para o quintal? Acho que é mais confortável para todos e privativo para nós.
– Ninguém disse nada então aceitei isso como um "sim" e parti na direção do

quintal, querendo logo ter um momento com Peter; eu podia sentir minha pele se arrepiar de nervosismo, o que ele irá falar? Será que em nosso último encontro ele já sabia de toda a verdade? Não parecia saber ... Seus olhar não era distante e frio e sim, apaixonados e com saudades. Pude ver pelo reflexo da porta seus olhos a me observar intensamente, suas mãos afundadas dentro dos bolsos da calça de um modo relaxado, nossos olhos se encontraram e cortei a tensão abrindo a porta com um movimento só e sai, sendo seguida não só por Peter mas por Jack, assim que Peter adentrou o quintal, empurrei Jack para dentro de casa e o mesmo se manteve próximo da porta, fazendo guarda com seus olhos esbugalhados. Assim que me virei meus olhos encontraram os de Peter que se mantinha parado, me observando com aquela frieza de antes, havia algo diferente em seu aspecto, talvez fosse por causa do frio, mas ele parecia extremamente pálido, olheiras fundas e magro, bem mais magro, eu não havia notado isso em nosso último encontro e me senti mal por ser tão relapsa; seu corpo rígido e seus braços agora cruzados, não queria ser tão boa com linguagem corporal, mas entendia que ele não me queria perto e estava descontente, balancei a minha cabeça negativamente sentindo um sorriso debochado em meus lábios, era mais forte do que eu.

- Para de me olhar assim. – Sentei me em cima de minhas pernas, sentindo meu cenho enrugar carregar minha face, estava irritada com a atitude dele, há algumas horas atrás ele estava super carinhoso e charmoso e agora parecia cheio de dúvida, raiva de mim. Emburrada, murmurei tentando quebrar o gelo, já que ele se manteve no mesmo lugar. – Vai ficar parado ai feito uma estátua de bronze ou vai se sentar também? Se optar pela primeira opção podia ao menos fazer uma pose no melhor estilo Eros, talvez ...

- Para! – Disse ele saindo de sua pose e se sentando do meu lado de maneira brusca, a uma boa distancia de mim, sua expressão sisuda e seus olhos azuis me observaram intensamente o que causou um novo conjunto de nervosismo em mim, aquela dúvida ainda imperava em seus olhos. – Só para de falar.

- Não vejo como teremos uma conversa eu estando muda. – Ergui uma sobrancelha e entendi o que ele quis dizer com “eu conversar”. – É claro, você não quer conversar e sim fazer um monológo, tudo bem. Eu estou preparada para o que você quiser dizer;

eu prefiro ouvir a sua voz dizendo coisas horríveis para mim do que ficar imaginando o que se passa na sua cabeça enquanto você me olha desse jeito.

- Kate, eu juro que não sei o que dizer sobre isso tudo que aconteceu e muito menos para a sua atitude. – Ele pareceu menos raivoso, sua voz soou tão sincera que senti a confusão que estava presa em sua mente e isso doeu em mim. – Eu preciso de um tempo para pensar, por isso eu necessito que você se silencie e controle a sua tensão e curiosidade.

- Tudo bem. – Repousei meu rosto na palma de minha mão, tentando controlar a minha impulsividade e curiosidade; o que podia fazer? Pressioná-lo?! Não tinha esse direito agora.

O som de grilos era alto e dava a sensação que estavam do nosso lado, podia ouvir também o muxoxo de Jack que deveria estar irritado por estar preso dentro de casa, nunca vi um cachorro gostar tanto de mim assim. Meus dedos batucavam o braço de madeira do sofá, era irritante, mas era a única coisa que eu podia fazer já que por longos minutos Peter estava mudo como um monge ao meu lado e quando resolveu falar, me assustou.

- Como você está? – Sua voz soou estranhamente abafada, quase que choramingona.
- Agora?! – Questionei em um sobressalto. – Péssima, né?

- Eu quero saber como vai sua vida, antes disso tudo aconteceu. – Sua pergunta era estranha para o momento, com tanto para falar e ele quer saber como me sinto. Precisei de segundos para organizar minha mente para tal questão.

- Bem, mesmo presa a essa situação horrível, eu estou tendo um dos melhores momentos de minha vida; estou trabalhando em um lugar que gosto, passando um tempo com os meus tios, conhecendo a cidade dos meus sonhos e pensando em meu futuro, considerando a possibilidade de estudar Jornalismo em Cambridge não sai da minha cabeça, mesmo sabendo que é loucura.

- Porque seria?

- Porque eu tenho uma vida em Durham, todos esperam que eu vá para Nova York, montar minha vida em Columbia, arrumar um estágio e seguir o planejado por mim há anos atrás, mas ...todo aquele sonho antigo se perdeu com o desenvolvimento desse sonho novo. Por alguma razão acho que seria muito mais feliz aqui do que lá, o inesperado vive aqui e eu gosto de ser surpreendida. Mas como destruir as expectativas de todos com a minha impulsividade? Não seria justo.

- Também não seria justo você estudar em um lugar que não deseja mais. Sabe o que eu acho que você devia fazer? – Balancei minha cabeça em negação. – Se entregue a essa liberdade, ela faz bem a você. Eu não conheço a Kate de Durham, mas deu para sentir que ela era muito responsável, controlada e metódica, diferente da Kate que conheço, que é livre, espontânea e única, seria legal que você conseguisse ser ambas e de preferência, fazendo algo que você gosta e não porque você planejou achando que seria o seu futuro ideal, não existe tal coisa.

- Futuro ideal?

- Futuro. – Peter disse com um sopro de amargura, seus olhos encontraram com os meus e senti um pesado rancor transbordar neles que não me agradou. – Você tem razão em não gostar de pensar no futuro? Para que? O amanhã não importa, só existe o agora. Se todos pensassem assim, viveríamos em um mundo mais pleno de oportunidades e conquistas, você não acha?

- Talvez ...
Não conseguíamos manter uma conversa sem que um silêncio constrangedor tomasse conta de nós. Era horrível e eu queria reverter isso de algum modo.
- Como você está? – Questionei, retribuindo o gesto, mas sua expressão debochada me fez compreender que não havia sido uma boa pergunta.
- Como você acha?
- Se eu achasse alguma coisa, eu não teria questionado. – Respondi irritada, vendo que aquela conversa não nos levaria a lugar algum se continuássemos na defesa o tempo todo.

E o silêncio nos dominou novamente.

Estava irritada com seu comportamento, mas o compreendia.
Creio que em seu lugar nem estaria aqui ao seu lado nesse momento, ele deveria realmente me amar a ponto de querer resolver tal situação tão complicada.
Mesmo com o clima difícil, ataques raivosos e olhares intrigantes, eu ainda sentia um fio de esperança que podíamos ser aquele casal apaixonado que existiu no cruzeiro e que sonhava com um futuro unido, mas não conseguia ignorar a pontada que sentia em meu coração; algo estava errado.
Meus olhos percorreram seu corpo, sua magreza evidente em seus braços, músculos e peles unidos como um e algo chamou minha atenção, uma marca de roxo de tamanho médio bem escondido na lateral de seu antebraço, antes mesmo que pudesse me policiar, agarrei seu braço olhando melhor o roxo, ele o afastou como uma criança birrenta, seus olhos arregalados e lábios crispados.

- Não me toque!
- Peter, deixa eu ver isso ... C-como você fez esse roxo?

- Não é da sua conta, lembra: você terminou comigo, independente dos motivos, você me tirou da sua vida, acredito que tenho o mesmo direito. – Ele respondeu rancoroso, mantendo seu braço afastado do meu, protegendo o roxo como se nele houvesse uma pista para um tesouro perdido.

- Não preciso desse tipo de tratamento; você não tem a necessidade de me tratar como lixo, eu já me sinto como um. Eu só quero que essa situação a qual fui submetida tenha um fim, seja ele bom ou ruim.

Peter nada disse e eu já estava saturada com seu silêncio, me aproximei um pouco mais dele, tentando cortar aquela distância entre nós.
- Eu sinto muito. – Murmurei em um suspiro.
- Eu sei que sente; eu também sinto. Sinto muito por ter feito você passar por isso, eu sei que a culpa é toda minha...

- Ah, por favor! Não me venha com esse papo de cavalheiro, Peter Hartley. – Ele me olhou com ambas as sobrancelhas erguidas e deixou um sorriso cair no canto dos lábios, o que aliviou um pouco meu sentimento de culpa e por um momento

acreditei que o clima fosse suavizar entre nós, mas ... - A culpa é de Miranda e toda a fixação que ela nutre com você e Serena como um casal. Ela é doentia. – Deixei escapar e pude sentir ele se enrijecer do meu lado, seus olhos fixo ao horizonte. Eu daria qualquer coisa para poder ler sua mente agora ... – Desculpa, eu ás vezes me esqueço que ela é sua tia.

- Não. Você tem razão. Não preciso de inimigos, já tenho minha tia; ela vai além de doentia, acredite em mim. Até quando adentrei o escritório após ouvir a chantagem baixa que ela confessou a Dorian ter feito você aceitar, ela ainda tentou reverter à situação a seu favor, mentindo e tentando me manipular. Eu fui um ingênuo em acreditar que minha irmã estava imaginando coisas, que meu amigo estava procurando uma desculpa para explicar o motivo do nosso termino e acreditando fielmente que minha tia e prima eram mau compreendidas; eu mereci passar por isso, você não.

- Nenhum de nós mereceu isso, Peter.

- Não, eu mereci. Eu era um cego em relação a Serena e Miranda, não via as *cobras* que elas realmente são, acreditando que o termo "família" significava alguma coisa para elas, mas pelo visto só significa para mim. De uma maneira trágica isso foi bom, eu pude finalmente descobrir quem elas realmente são, para o meu bem e das pessoas que me cercam, por outro lado, houve perdas ...
- Como seus pais reagiram ao saber o que ela fez? – Questionei.

- Minha mãe não acreditou em uma palavra que dissemos, acha que só encontramos uma desculpa para o termino de nosso namoro de um modo que eu não saia com o orgulho ferido; é, minha mãe acha que sou baixo a esse ponto, já meu pai é o único que crê em nossas palavras, além do mais, ele nunca gostou de Miranda, para ele é só mais uma prova do porque de tal inimizade e ainda nos alertou, já que ele acredita que ela pode vir a aprontar mais.

Nada podia ser ouvido, nem mesmo dentro de minha mente algum som era emitido, contudo um som fraco começou a se sobressair, era o som de meu coração batendo com força contra meu peito, minhas mãos inquietas em meu colo não sabendo ao

certo o que fazer, eu sei o tão confuso isso vai soar, mas havia tanto a ser falado, mas tão pouco a ser dito; eu só queria segurar sua mão e sentir aquela eletricidade cruzar em minha pele, fazendo meu estomago afundar de nervosismo e meu coração acelerar de excitação, queria tocar seus lábios com um beijo e sentir aquela conexão, sentir que éramos os únicos no mundo, sentir que ele era meu, mas havia uma barreira entre nós, era como ferro e impenetrável, eu olhava para Peter e não o via, e não era culpa da escuridão noturna, era como se ele não quisesse que eu o visse por quem ele é, contido, rígido e frio, era assim que ele parecia, não era o meu Peter, sentia que ele não era o mesmo pelo qual me apaixonei há dias atrás; era outro e não gostava dele.

- Esse silêncio está me matando ... – Murmurei, quebrando o silêncio com um tom nervoso de voz, Peter nada disse e isso me levou ao ponto da loucura, a impulsividade tomou conta de mim e quando percebi, já estava a falar. – Eu não posso agüentar mais isso, vou tentar ser o mais direta com o que estou sentindo agora, então por favor, olha para mim ... – Peter me olhou de uma forma distante, era como se eu estivesse a 10 mil quilômetros de distância e não há dez centímetros, mas mesmo assim isso não me impediu de dizer o que sentia. – Eu te amo. Meu sentimento não mudou nem um pouquinho depois que tudo isso aconteceu, pelo contrário, ele só aumentou com a sua ausência; e como senti sua falta! Foi excruciante ter que viver com esse segredo guardado em meu ser, não podendo dividi-lo com ninguém, temendo que qualquer palavra minha pudesse destruir a vida de Rachel e no meio disso tudo tinha os meus sentimentos em relação a você, eu tentando esquecê-lo para o meu próprio bem, desejando que você também fizesse tal coisa, mas não conseguia e não entendia o porque, mas depois que li aquele seu *post* no blog e você foi até mim na *Maverick* ... – Peter esboçou sua primeira reação erguendo as sobrancelhas e em seus olhos um brilho surgiu, era como se ele pudesse se lembrar daquela tarde tão bem quanto eu, mordi meus lábios mandando minha mente reprimir tais pensamentos.

“Antes daquele dia, eu podia seguir em frente, sofrendo e inconsolável, mas seguiria em direção ao meu futuro sabendo que você seria um dia feliz com outro alguém, como eu, mas depois que nos reencontramos, o que você disse para mim, o que *fizemos*, me fez perceber que você se sentia do mesmo modo que eu; Você desejava

me esquecer, mas algo nos unia, algo mais forte e intenso do que podemos imaginar. Eu quero que voltemos de onde paramos, sermos o casal que deveríamos ter continuado a ser, Peter e para isso eu acho que só dependemos de uma coisa: do seu perdão. Você pode me perdoar?" Peter me olhou de modo indescritível, sorri de lado fazendo aquilo que desejava profundamente: segurar a sua mão com carinho, sentindo seus dedos entrelaçarem nos meus e aquela corrente elétrica atravessar das pontas dos meus dedos e acelerar meu coração, podendo me levar de volta a um de nossos momentos juntos no cruzeiro, onde tudo estava bem entre nós e ele segurava a minha mão para me dar forças e mostrar que estava ali por mim, mas de repente parou, no exato momento que ele afastou de maneira brusca nossas mãos, cortando aquela desejada sensação, eu tive a certeza que nada mais seria como antes.

- Não. – Ele sussurrou, me olhando de um modo duro e frio.

- ...? – Meus lábios se movimentaram, mas não compreendi o que eles pronunciaram foi um "que", "como" ou talvez um "merda", só sei que um frio tomou conta de mim e só conseguia o olhar, agora com clareza, o modo que ele me olhava e falava havia mudado drasticamente e só agora isso ficou óbvio para mim, após ouvir a sua verdade; tudo havia mudado e era isso que ele iria declarar sem pesar algum desde o inicio.

- Não posso te perdoar. – Ele voltou a repetir com uma tranqüilidade absurda.
- Peter, eu sinto muito por não ser perfeita, mas eu ...

- Não importa o que você diga, Kate; eu já tomei a minha decisão. Eu não posso te perdoar, eu imagino o tão difícil deve ter sido para você ter que passar por tudo isso sozinha e não desmereço sua dor, mas você tinha meios de reverter isso, você podia ter me contado, podia ter falado com Rachel, podia ter criado um post na internet e enviado para o meu e-mail, porra Kate, você podia ter feito tanta coisa em vez de ficar sentada e sofrendo que tenho pena de tão idiota e patética que você agiu nessa situação. Eu entendo a sua posição, mas eu jamais tomaria essa decisão, eu não conseguiria viver sabendo que terminei com você por causa de uma chantagem hipócrita, que disse mentiras propositais para fazer você me odiar e me esquecer com rancor e facilidade ... Eu não posso te perdoar porque sei que por menos

intencional que você tenha agido, você pensou no sofrimento da Rachel o tempo inteiro e em nenhum segundo pensou no meu ou no seu. Como vou te perdoar e seguir em frente ao seu lado e fingir que nada aconteceu, se eu sei o tão real que aquela dor que eu senti foi?

- Então, é isso? Você não pode me perdoar e nem ... – Peter não mudou sua expressão fria e firme, ergui uma sobrancelha, segurando um nó que se formara em minha garganta. – Você não pode nem se quer pensar em me perdoar e a partir disso construirmos um futuro? – Peter nada disse, continuou a me olhar agora com o cenho enrugado. - Você não me ama o suficiente?

- Não como antes. – Peter respondeu segundos depois de maneira pesarosa, mas com aquele tom que deixava bem claro que era o que seu coração queria dizer.

- Vai embora. – Peter olhou ao arredor um pouco desconcertado e voltou a me olhar. – Você é surdo, além de insensível? Vai embora! – Gritei, ficando de pé quase que de um modo animalesco. – Pela mesma porta que você entrou, saia e faça questão de nunca mais voltar, nem sequer pense em mim, esqueça me por completo, não quero ser um tormento em sua mente, do mesmo modo que você não será no meu. – Continuei a gritar agora empurrando ele na direção da porta do quintal, Peter não me impedia, pelo contrário, ele permitia meus tapas e empurrões, abri a porta com um gesto só e o empurrei, Jack veio em minha direção latindo para Peter de maneira feroz. – Você é igual a todos os outros. – Peter se virou, me olhando com o cenho enrugado, pude notar a presença dos outros no corredor, talvez tenham se assustado com os meus gritos e vieram ver o que estava acontecendo, minha voz saia pesada e chorosa, mas eu tentava soar forte e determinada, não iria fraquejar agora, ser pisada por Peter e implorar pelo seu amor; eu o amo, mas não mendigo por amor, não preciso de migalhas e sim de partes completas. – Você nunca me mereceu, Peter. Some da minha frente, da minha vida, do meu coração! Vai!

Seus olhos azuis me fitaram e pela primeira vez senti um certo vacilo da sua parte, como se ele fosse tirar aquela carranca de sua face e reagir do modo que eu esperava, me tomar em seus braços e simplesmente me beijar como se o tempo fosse nosso aliado, mas não foi o que ele fez; ele apenas me olhou, daquele modo e de repente a

frieza o tomou novamente, seus lábios se crisparam e pude ouvir Dorian chamar por ele, dizendo que era melhor irem embora, sem dizer nada mais, Peter me olhou por uma última vez e saiu do ambiente, sem despedidas e cavalheirismo, abriu a porta e sumiu pela penumbra, pude ouvir Dorian se despedindo e pedindo perdão pelo acontecido, seus olhos negros tomaram meu rosto com tristeza e entendi tudo que ele queria dizer, mas não podia; o último som no ambiente foi o da porta se fechando em um baque.
Jack, que havia seguido Peter pela rua, voltara correndo pela varanda e agora roçava minha perna como um gato, todos olhavam para mim de modo preocupado e triste, menos Rachel que estava com os braços cruzados e furiosa; as lágrimas já haviam tomado meu rosto há muito tempo e era óbvio que meu estado emocional estava destruído, sem dizer nada sai em passos firmes, não queria ser observada muito menos questionada, subi a escada com a pretensão de ir para meu quarto e ficar lá para sempre.

- Kate! – Roux murmurou pesaroso. – Volte aqui, minha filha!

- Me deixa! – Parei de supetão na escada e me virei ao gritar, vi Roux fazer um olhar assustado e dar um passo para atrás, talvez com medo ou surpreso, me assustei com meu comportamento e levei minhas mãos à boca e continuei meu caminho, ainda segurando aquele choro pesado, ao adentrar meu quarto fechei a escada, ficando bem claro que queria ficar só, me joguei em minha cama e junto o lamentoso choro tomou conta de mim e um turbilhão de sentimentos me dominou e a ultima coisa que me lembrei, antes de ser tomada pela escuridão, foi de Peter me dizendo que não me amava mais.

Os raios tomavam conta do céu, o som da chuva era pesado e violento, abri meus olhos e me senti tomada pela escuridão; era madrugada, me mexi na cama, incomodada com o meu próprio corpo, meu ser não cabia em minha pele; me sentia dolorida e emocionalmente cansada, queria apenas dormir e fingi que as últimas horas foram um terrível pesadelo, mas não dá para fugir da realidade e não seria diferente agora.
Meus olhos acabaram por se fechar ... Senti uma cosquinha na ponta do meu nariz, abri os olhos de supetão conhecendo tal sensação, era Rachel, ela costuma fazer isso

quando quer conversar comigo, principalmente em noite de festas que ela sai e eu fico em casa dormindo, ela sobe a escada de madeira que fica no quintal, entra pela janela do meu quarto, se empoleira em minha cama e faz essa cosquinha em meu nariz e na maioria das vezes seus olhos estão tomados por lágrimas, enlouquecida para desabafar; hoje não foi diferente.

- Eu sinto m-muito por tudo isso. – Rachel se encolheu me abraçando enquanto seu rosto era tomado por lágrimas e não demorou muito para o mesmo acontecer comigo. Conversamos sobre o que aconteceu, eu não queria falar até pensar doía, mas era tão libertador, mais do que no dia que contara a Lucas; era tão bom poder falar sobre, tirar aquele peso e tristeza de meu coração por breves segundos, contar cada detalhe esquecido e importante para ela ter conhecimento de meus sentimentos e dos meus motivos, a melhor parte - e pior - foi poder revelar a ela a conversa que tive com Peter, a maneira que ele se portou comigo, as coisas que ele disse, contava tudo a ela esperando sua opinião, mesmo já imaginando o que ela iria dizer; eu não conseguia aceitar esse fim, não era assim que meu conto de fadas iria terminar.

- Eu só esperava que quando tudo isso terminasse, eu e ele fossemos terminar juntos. – Murmurei entre alguns soluços e lágrimas que escorriam por meu rosto, agora sentadas uma de frente a outra devorávamos a comida japonesa que eu havia comprado, enquanto Jack estava enroscado nos meus pés, os olhinhos fechados, mas podia jurar que atento a conversa, o quarto estava sendo iluminado apenas pelos raios que caiam incessantemente no céu. – Mas eu esqueci que estamos vivendo no mundo real e não no mundo da imaginação de Katerina Farrell.

- Eu sabia que estava acontecendo alguma coisa com você, mas toda vez que eu perguntava você desconversava e dava uma resposta deixando bem claro que não estava a fim de falar sobre. Eu não sabia o que fazer, só queria poder te ajudar, não importando o que fosse, mas como fazer tal coisa se você não desejava meu apoio? – Rachel questionou, dando de ombros comendo uma mão cheia de *Doritos*. – Eu sinto tanto pela minha reação, mas me senti tão traída ao ouvir tudo que aconteceu através de Dorian e não de você, que a única que eu pensava era de bater em você e arrancar o motivo de você ter me escondido tal segredo ... Estou tão arrependida!

- Rachel, você tinha direito àquela reação e você sabe que eu teria feito pior com você, então ... – Larguei os hashis dentro da caixinha cheia de sushi sentindo meu estomago reclamar, eu não queria comer. Muxoxa falei o que estava em minha mente
- Peter tem razão, eu fui uma idiota. Eu podia ter feito tanta coisa, mas preferi me afundar na tristeza, me culpando e tentando me convencer que a vida seria mais fácil se tal segredo fosse apenas meu, assim você não sofreria nem ele, apenas eu; assim todos poderiam viver suas vidas felizes.

- Menos você. Eu ainda não acredito que Peter disse que não te amava na maior frieza, como se tudo que vocês tivessem vivido não significou nada. Eu não quero lhe dar esperanças, mas eu sinto que tem mais por trás dessa história. – Rachel me olhou com mistério em seus olhos, comendo um sashimi e por alguma razão de repente, ela fez uma expressão culpada. – Desculpa, eu não estou ajudando ...
- Tudo bem, eu quero que você fale, preciso saber a sua opinião e você tem razão, tem algo de podre nessa história toda. Você notou como ele está magro, pálido e com uma aparência de cansado? Ou só eu que achei ele assim?

- Não, eu e Morgan reparamos isso, tanto que ela comentou isso no jantar querendo saber se eu tinha ideia se ele estava doente ou só exausto, além do mais, ele é um lorde, tem muitos afazeres, ele não deve ter muito tempo para descansar. O Roux ficou preocupado com você, mesmo não confessando podia ver os olhos dele olhando direto para o segundo andar, tenta amanhã conversar com ele, acho que ele ficaria mais tranqüilo.

- Pode deixar. – Respondi em um suspiro.
- Você não vai conseguir tirar o dia de ontem da cabeça tão cedo, não é?
- E tem como? São tantas perguntas remoendo a minha mente e nenhuma terá resposta; isso não é justo.

- Agora que você falou isso, é verdade, até eu tenho algumas perguntas, tipo, porque ele viria de Greenwich com Dorian, que foi extremamente simpático e deixou bem claro a alegria de estar aqui para resolver essa situação, apenas para tratar você mal e deixar bem claro que não quer mais saber de você?

- Eu entendo isso, Peter é um cavalheiro; ele não iria conseguir viver com si mesmo sem saber de toda a verdade dita por meus lábios e sem poder ter a chance de dar a sua opinião sobre a situação, agora o que eu não entendo é o seu comportamento. Se ele não sente mais nada por mim, só as minhas palavras naquele momento seriam o bastante, ele iria agradecer a minha sinceridade e iria embora com Wright, sem precisar de palavras duras para dizer o óbvio, mas porque ele quis conversar a sós comigo, para agir daquele modo? Peter não tem estilo vingativo; eu não quero acreditar nisso, mas tenho quase certeza que ele tinha a intenção de conversar comigo de um modo completamente diferente, mas ali, ele mudou de ideia por algum motivo.

- Talvez estejamos apenas enganadas, procurando um motivo para cada ação do rapaz, mas que realmente parece suspeito, parece.
- Ou talvez eu tenha conseguido o que tanto desejei, que Peter me superasse e seguisse em frente, sem mim.

Capítulo 27

Despertar Ao Novo Amanhecer

Calma, calma, baby
Isso é apenas coisa de livros Isso está no abc do crescimento Agora, agora, querido
Oh, não se mate
Porque nenhum de nós foi anjo E você sabe que eu amo você.

Speeding Cars – Imogen Heap

O café descia quentinho pela minha garganta, aquecendo meu corpo que se arrepiava a cada cinco minutos graças ao frio que estava a fazer hoje. Se minha vida dependesse de minhas adivinhações, eu estaria morta, digo isso porque acreditava que hoje faria sol, podendo assim fazer um passeio turístico no Hyde Park, contudo está chovendo torrencialmente e o frio é a sensação ambiente de Londres, pareço múmia de tanta roupa que estou vestindo e mesmo assim o frio me toma.
Me mantinha empoleirada na poltrona de couro do escritório de Roux enquanto o mesmo estava preso em uma ligação internacional com um importante editor alemão, seguindo o conselho de Rachel, decidi tirar a manhã para passar um tempo com meu tio, conversar com ele sobre o ocorrido ontem e tranqüilizá-lo, já que o mesmo realmente estava preocupado comigo, infelizmente, por estar trabalhando nossa

conversa era interrompida a cada dez, quinze minutos, então enquanto ele estava em ligações ou redigindo algum e-mail importante, eu colocava a minha leitura em dia, peguei emprestado do estoque "Um Amor para Recordar" de Nicholas Sparks, já que Joana insistiu tanto que ele é um ótimo escritor, decidi comprovar tal fato.

- Então ... – Meu tio murmurou ao desligar pela terceira vez o telefone naquele dia fazendo frenéticas anotações em um caderno, fechei o livro marcando a página com o dedo e o encarei me recordando do que estávamos conversando: Peter, é claro. – Você tem certeza disso tudo, Kate? Não acha que está procurando motivos para explicar as ações dele de um modo que você não saia machucada? - O que Roux disse me fez lembrar o que fora dito pela mãe de Peter, era curioso como alguns adultos conseguiam soar tão parecidos, mesmo não se conhecendo.

- Tio, eu não sou esse tipo de garota e você sabe disso. Eu não *acho* algo sem ter algum motivo concreto.

- Mas você conhece ele a que ...? 05, 06 dias? Tem pessoas que estão a anos com seus conjugues e de repente descobrem que não os conhece como imaginava. – Roux ficou de pé, se sentando no sofá próximo onde eu estava, mexendo em seus cabelos como se eles estivessem a incomodar caindo em sua face. – Não acha que é precipitado demais você ter tanta certeza de algo o conhecendo apenas por alguns dias?!

- Com Peter é diferente, Roux; era, pelo menos. – Murmurei, olhando ao arredor e largando o livro do meu lado. – Eu não sei explicar, isso nunca aconteceu antes, eu me sentia como se eu o conhecesse há anos, mas só agora é que fomos apresentados apropriadamente. Eu sei que parece clichê, e como eu, você não acredita em almas gêmeas, amor a primeira vista e essas babaquices emocionais, mas preciso confessar que depois que Peter entrou na minha vida, eu comecei a crer nisso. Crer que existe dois caminhos a seguir na vida e que em um deles, a sua alma gêmea, que esteve com você em todas as outras vida ou não, te espera.

Roux me encarou, pensei que ele fosse começar a gargalhar de minha afirmação, mas não, havia um brilho diferente em seu olhar, era como se ele compreendesse o que eu

dizia.

- Quando conheci Morgana, eu me sentia exatamente como você descreveu; era um sentimento indescritível, meu sabe, era apenas meu. – Murmurou com seu habitual tom de voz agitado. – Eu sempre tive certeza do meu futuro, o que eu queria fazer e como, nunca pensei muito no amor, até que conheci Morgan, e ai eu tive certeza que havia escolhido o caminho certo.

- Infelizmente com Peter, eu tive um desvio de rota. – Respondi magoada.

- Olha, se tem uma coisa que eu tenho certeza é que não é todos os dias que encontramos pessoas como Morgan e Peter e principalmente, é dificílimo elas entrarem em nossas vidas desse modo e deixarem uma marca tão única, garanto elas não entram em nossas vidas a toa; na realidade, ninguém entra. – O olhei com o cenho enrugado e ele sorriu de lado, de um modo que lembrava muito minha mãe.- Eu não quero aumentar suas esperanças, mas eu acredito que esse não é o fim. Creio em suas palavras que talvez exista algo mais por trás das palavras de Peter, do mesmo modo que existiram por trás das suas, certo?

E antes que pudesse dizer qualquer coisa, o telefone de sua mesa começou a tocar e rapidamente ele voltou ao seu trabalho, me deixando em silêncio e com aqueles novos pensamentos consumindo minha mente. Me sinto muito boba por acreditar em tal ideia, mas não havia pensado nisso, será que Peter está omitindo algo para mim do mesmo modo que eu fiz, assim tentando me proteger de algo maior? Não! Peter não faria algo assim, ainda mais depois da descoberta de meu segredo. Ele não cometeria o mesmo erro que eu, já sabendo as suas fatais consequências.
Me entreguei ao livro, acabando por me desligar do mundo ao meu arredor, logo a voz de meu tio sumiu de minha mente e agora só as palavras de Nicholas Sparks tomavam conta de meus pensamentos.

Peguei meu copo de café e me deparei com o mesmo vazio, o que tirou totalmente a minha atenção do livro, meu tio se encontrava concentrado em seu laptop, a veia em sua testa parecia prestes a estourar então resolvi impedir que ele acabasse por ter um derrame. Roux estava tendo problema com um programa de contabilidade, que

realmente era complexo, mas com um pouquinho de jeito consegui entender como o mesmo funcionava e o ensinei a partir do que entendi, aquela veia desapareceu e antes que eu pensasse que ele fosse cair duro a qualquer segundo, ele começou a rir.
- Tenho que lhe dizer uma coisa Kate: a minha geração não foi feita para a tecnologia e termos que nos modelar a isso é um castigo muito doloroso, na realidade, é quase uma tortura. E só de pensar que crianças de oito anos mexeriam nisso de olhos fechados me fazem sentir muito, muito burro. - Ele sorriu fazendo um cafune em mim. - Obrigada, minha nerd ambulante. Agora fico pensando, o que irei fazer sem você por aqui? O estoque voltará a ser uma bagunça, não terei aulas gratuitas de computador e a pior parte: não teremos saque em um dia comum da semana. A vida é muito injusta.- Disse ele com um suspiro triste, mas aquele ar brincalhão enquanto ele bebericava um pouco de seu café.

- Ou não. - Murmurei, erguendo as sobrancelhas, ele me olhou ainda bem humorado e de repente cuspi a vontade que se encontrava engasgada em minha garganta. - E se eu ficar em Londres?

Não foi uma boa ideia.
Roux cuspiu uma boa quantidade do café na tela de seu laptop e alguns resquícios pararam na mesa, livros e documentos, o olhei sem nenhuma reação aparente, mas como conheço a família Braga com sua menor reação eu sairia correndo, o sangue quente Brasileiro de meu tio só estava amansado por muito tempo, mas tinha certeza que meu comentário havia o reacendido.

- Eu acredito que meus ouvidos estão danificados. - Ele murmurou de um modo pausado que não combinava com ele, seus olhos piscando de uma maneira fora do comum, só por precaução dei um passo para atrás. - O que foi que você disse?

- Seus ouvidos estão ótimos, tio. - Disse em um sussurro, o olhando com seriedade e total certeza do que acabará de dizer iria afetar não só o futuro que tinha em mente, como também iria adiantar o dia de minha morte, já que quando minha mãe soubesse disso ela iria me caçar como se eu fosse uma especie de maldição para o mundo. E teria ajuda.

- Você está falando sério? - Roux questionou de um modo descrente, balancei a cabeça em afirmação e agora foi ele que se afastou, se encostando nas costas da cadeira. - Você tem ideia do que está falando, não é?

- Claro que sim.

- Ótimo, e de tão idiota que essa sua ideia é, certo? - Não respondi e Roux afundou as mãos no rosto, como se estivesse muito cansado ou desapontado, talvez os dois, ele não parecia nos seus melhores dias. - Violeta vai me matar! - Ele disse em um sussurro em português.

- Se serve de consolo, ela vai me matar também. - Respondi na mesma língua, me sentando na poltrona de frente a mesa, ele me olhou de uma forma feroz e voltou a se aproximar, me olhando fixamente.- Tio, eu quero isso, não é só um desejo ou uma simples vontade, é algo maior.

- Não me venha com esse papo de algo maior, não irei cair nisso. Não em relação há algo tão grande e importante, Katerina.
- Eu pensei que você fosse me entender, além do mais, eu estou sofrendo do mesmo mal que você sofreu quando eu tinha a minha idade: indecisão, medo de seguir um caminho errado, futuro. Tudo que você temeu e lutou contra, em vez de seguir um caminho já premeditado, você foi por outro e ele era o certo.

- Isso não quer dizer que isso acontecerá com você também. - Ele disse muito sério.

- E se todos os caminhos forem certos? - Questionei dando de ombros, ele me olhou pensativo, esse era o momento de revelar o que sentia, de convencê-lo em meu propósito. Eu não vou ser feliz em Columbia, do mesmo modo que serei aqui em Londres, com vocês, Rachel, um emprego incrível e estudando em uma das melhores universidades do mundo na cidade que mais amo.

- E Peter? - Ele questionou mantendo aquela expressão dura, seu olhar era rigido, de um modo que um pai faria em um momento de decisão como esse.
- O que tem ele? - A menção do nome dele agora me causava uma série de sentimentos e em sua maioria eram ruins.

- Você me diz que quer ficar em Londres, logo após me revelar suas desconfianças em relação a veracidade do que foi dito pelo seu ex namorado. O que você acha que está se passando em minha mente?

- Que eu quero ficar aqui por causa dele.
- Exatamente. - Ele se encostou na cadeira e cruzou os braços. - Então …?

- Talvez antes do que aconteceu ontem uma parte dessa minha vontade de ficar aqui tivesse a ver com Peter, em reencontrá-lo, de contar a verdade e ter uma segunda chance,mas não agora. Eu sei que não existe mais essa possibilidade, ele foi bem claro, mesmo eu acreditando que ele não foi sincero comigo, eu não posso viver crendo em algo ilusório. Eu quero ficar em Londres por mim e não por ele.

- Vai ser difícil acreditar nisso.
- Quando foi que eu me tornei mente fraca? - Questionei me sentindo injustiçada.

- Nunca, mas confesso que será difícil você conseguir a aprovação de sua mãe depois de tudo isso que você passou, eu conheço muito bem minha irmã e tenho certeza que ela irá acreditar que Peter está influenciando em sua decisão …

- Eu sei, por isso eu preciso que você me apoie em minha decisão e me ajude com mamãe. Eu realmente quero isso, do mesmo modo que você sentiu que aquele futuro que você premeditou não era o que você desejava, eu sinto isso agora e tenho certeza que ficar aqui é o que quero.

Roux me observava, não sabia se ele acreditava em minhas palavras ou se ainda estava preso a ideia que eu estava a fazer isso pensando em Peter, mas eu não estava e não sabia como convencê-lo, se ao menos ele pudesse ler mentes, ele poderia ver que Peter nem passava em minha mente, ele apenas entrou no assunto por causa de Roux e provavelmente seria mencionado novamente quando minha mãe ficasse sabendo de minha decisão.

- Eu preciso pensar sobre, certo? Nessas últimas horas muitas coisas aconteceram e eu não posso te apoiar nessa decisão sem ter total certeza de que será o melhor para você.

- Então, você nunca terá essa resposta já que nem eu sei se essa é a melhor decisão, eu só sinto que é o certo para a Kate que eu sou hoje e eu achava que de todas as pessoas você fosse a primeira a me compreender e apoiar, mas tudo bem, respeito sua decisão. Murmurei entristecida, me levantando da poltrona. - Vou começar a trabalhar um pouco mais cedo, okay? Qualquer coisa estou no estoque.

É, o estoque se tornou fácil um dos meus lugares favoritos na Maverick, logo depois vem a cafeteria da Sheila com seu latte cremoso.
Não queria ter que lidar com os clientes e meus colegas de trabalho, não hoje, eu queria ter um momento só meu para pensar não só sobre Cambridge, mas em Peter e eu não podia reclamar da minha sorte já que tinha o estoque como refugio, poucas vezes tinha a companhia de um dos meus colegas, que puxavam assuntos quando me encontravam no meio de pilhas de livros, mas logo voltavam a seus afazeres; meu celular vibrava a cada cinco minutos, eram mensagens de Rachel falando sobre seu cotidiano no estágio, brincadeiras bobas e até mesmo pedindo minha opinião sobre coisas relacionadas com moda que eu não entendia e depois de meio dia comecei a receber mensagens de Joana também, suspeitando que Rachel já falou com ela sobre o que aconteceu ontem, temendo que eu me esconda em um casulo de tristeza e fique na fossa por tempo indeterminado, logo requisitando uma armada das melhores amigas para me manter firme e forte, como deve ser, não duvido nada que ela já esteja arquitetando uma noitada das garotas para hoje ou amanhã tendo a ajuda de nossos amigos.

Confesso que por incrível que pareça eu estou bem, acho que passei os últimos dias sofrendo tanto, triste e infeliz com a ideia de que já havia perdido Peter, que agora depois de toda aquela situação dramática e certeza que ele nunca mais irá me dar uma chance, já estou tão esgotada de emoções que estou apenas em estado de aceitação, eu não tenho escolha a não ser seguir em frente, sem ele, como planejado anteriormente. Estou triste? Muito, mas não estou devastada e destruída como antes, a ideia de não tê-lo em minha vida me incomoda - e muito -, mas sei que é apenas uma fase - tem que ser - eu sei que posso ser feliz novamente, com ou sem ele e depois daquele seu comportamento frio e duro ontem estou começando a crer que sem ele estarei bem melhor e o argumento do meu tio faz sentido agora, o conheço há muito pouco tempo para considerar que suas palavras não são

verdadeiras, então porque irei ficar me consumindo com a ideia de que ele mentiu para mim se no fundo ele não tem motivo para isso? Ele não me quer mais em sua vida e ele tem todo o direito disso depois do ocorrido; para ele eu não tenho o direito a uma segunda chance e aceito sua decisão, o que irei fazer? Invadir o seu lar real e gritar para todos que quiserem ouvir que eu não aceito sua decisão e que vou lutar uma batalha onde o premio é o desprezo eterno dele? Não, eu prefiro aceitar, superar, seguir para meu futuro e acreditar que um dia Peter será apenas um momento em minha vida, não existe essa coisa de alma gêmea, isso é bobagem de românticos solitários que estão a esperar alguém notar suas existencias, quando eu tiver a certeza disso, perceberei o tão infantil fui e poderei ter um relacionamento maduro com alguém que esteja no mesmo patamar que eu. É …
Agora me questiono, porque meu coração não concorda com minha mente? Porque meu coração fica repetindo, repetindo que devo pensar melhor antes de desistir dessa batalhada? Peter merece um esforço maior de minha parte e eu não entendo esse argumento dessa massa muscular que bate aceleradamente apenas com a menção mental do nome … Peter.
Peter. Peter. Peter.
Coloco as mãos em meus ouvidos, mas parece que o nome ecoa cada vez mais em minha mente.
Música … é, música irá abafar todos esses pensamentos.

Trabalho o resto do dia com os fones de ouvido engatados em meus ouvidos e como vim para o trabalho com Roux tive que esperá-lo até o fim do expediente para ir embora, dentro do carro Roux questiona o que podemos levar para jantar, proponho pizza e ele concorda sorridente, ele me conhece bem e posso notar seus olhos a me observar pelo retrovisor preocupado, contudo ele disfarçava com um sorriso e eu volto a me encolher no banco de passageiro e com Audioslave como trilha de fundo em minha mente.

Tentei ser o máximo comunicativa durante o jantar, tentando mostrar a meus tios, Rachel e Jack, - sim, até ele mostrou preocupação perante a meu estado emocional - participei das conversas, comemos a pizza na sala com a fogueira acesa para nos aquecer naquela noite fria e em breve chuvosa e até lavei as louças com Rachel e Morgan, a primeira que propôs, como eu suspeitava, que saíssemos no dia seguinte

para badalar, tendo Joana, Lucas, Thomas, Alex e Chris como companhia, concordei não vendo mal nenhum em sair com meus amigos, mesmo sabendo que a intenção deles era de me tirar da fossa. Ainda antes de dormi fiquei a conversar com Rachel sobre o nosso dia, muito tentada a falar sobre meus planos em relação a Cambridge, mas estava cansada demais para falar com ela sobre algo tão extenso e no meio de um assunto qualquer sobre o estágio de Rachel
- a capacidade de seu chefe ser perfeito na profissão e um grosseiro como pessoa -, acabei por dormir.

Sonhos … tive muitos e todos foram com Peter e um mais lindo, reconfortante e profundo de um modo que aqueceu meu coração em esperança e paixão, mas ao acordar a realidade me tomou como uma amiga me trazendo de volta a meu estado de aceitação e superação, mesmo com meu coração gritando desesperadamente por uma atitude de minha parte que me levasse de volta aos confortáveis braços de Peter e onde seus lábios seriam minha morada.

Tomei um café da manhã reforçado já que planejava uma manhã agitada, falei para meus tios e uma Rachel atrasada para seu estágio que iria fazer um passeio no Hyde Park, mas na realidade iria para a biblioteca principal da cidade onde iria me dedicar a uma pesquisa profunda sobre Cambridge e a Universidade de Columbia, montando assim uma lista de pros e contras, logo tendo argumentos coesos para dizer a minha mãe quando conversássemos sobre minha permanência em Londres.
Não aconteceu nada de especial durante meu expediente na Maverick, para minha decepção já havia terminado de arrumar todo o estoque, agora só chegariam novos livros daqui a 03 dias, logo tive que trabalhar na entrada, atendi alguns clientes, e quando menos esperava Roux já estava a anunciar que faltavam apenas quinze minutos para o fim do expediente, podia ver a alegria de todos e entrei na animação, além do mais em algumas horas estaria acompanhada de meus melhores amigos caindo na noitada britânica.

Certo, essa noitada britanica acabou por se tornar apenas um encontro rápido entre sete amigos que tomaram algumas cervejas, tequilas e vinho em um pub bem movimentado no Soho, eu que fui vestida no meu tubinho preto de paites preparada para dançar muito e beber muita tequila, acabei por ter que me contentar em ouvir

uma música pop atual distante entre os gritos masculinos de clientes que assistiam a um jogo ao vivo de rugby; eu havia me esquecido que meus amigos tinham uma hora de recolher para retornarem ao navio, logo quando deu sete horas e alguns minutos - e três cervejas mais tarde - eles foram embora deixando a mim e Rachel sozinhas para a nossa noitada entre melhores amigas; ela que se encontrava bebada graças a uma taça de vinho, logo eu tive que maneirar na bebida já sabendo que teria que dirigir para voltarmos para casa, não posso negar que fiquei muito satisfeita com a ideia de dirigir um porche vermelho que Rachel comprou para usar em Londres, o que era mais um sinal que ela planejava se estabelecer em Londres por tempo indeterminado.

- Eu vou ficar em Londres. - Murmurei pensativa, passando sal em volta do meu terceiro copinho de tequila.
- O que? - Ela questionou com o copinho de tequila a centímetros de seus lábios. - É piada?
- Não. - Respondi sem humor, dando de ombros.

- Ah, entendi. Você. Está. bêbada. - Rachel disse dando risadinhas intercaladas ao que disse, mas vendo minha seriedade ela notou que eu estava falando sério. - Meu Deus! Você ensandeceu?! Sua mãe vai te matar, garota!

- Eu não estou louca; estou certissima sobre a minha decisão e nem adiante tentar me convencer, eu não irei mudar de ideia. Eu vou cursar jornalismo em Cambridge e ponto final.

- Ah, é? E o que a sua mãe disse sobre isso? - Ela cruzou os braços me olhando de modo desafiador, como se soubesse a minha resposta.

- Ainda não falei com ela. - Respondi entre os dentes. - Conversei com Roux primeiro, ele não gostou da ideia inicialmente, ele acredita que quero ficar em Londres por causa de Peter, mas isso não tem nada a ver com ele e sim comigo. Eu terei um futuro muito mais grandioso aqui do que qualquer outro lugar, eu posso sentir isso.

- Agora você é sensitiva? - Ela questionou em um tom de deboche que me irritava

muito, principalmente quando estava bebada.
- Eu estou falando sério.

- Eu também, Katerina. Você tem um futuro perfeito arquitetado e pretende jogar tudo para o alto só por causa de uma sensação? - Ela questionou incredula. - Você já foi mais esperta!

É, Peter acha o mesmo, pensei.
- Porque você pode fazer isso e eu não? - Questionei frustrada.

- "Faça o que digo e não o que eu faço." Se esqueceu? Eu posso fazer o que me der na telha, agora você, não. - Balancei a cabeça negativamente virando a tequila em um gole, Rachel sorriu de lado e continuou. - É muito provável que seja a milesima vez que repito isso, mas você tem uma futuro brilhante pela frente, Kate. Por isso você não pode jogar tudo para o alto por um feeling; eu posso, eu não tenho futuro algum planejado, não desfruto de vários talentos como você, apenas tenho desejos e sonhos, mas nenhum deles eu sou uma estudante de uma faculdade renomada, porque eu sei que o meu futuro é aqui fora vivendo tudo que anseio e não dentro de uma sala de aula, lendo textos, fazendo artigos e estudando. - Ela fez uma cara de nojo e em seguida sorriu. - Por isso me preocupo com o seu futuro até mesmo mais que com o meu. Você pode alcançar altissimos paltamares, Kate, com o futuro que planejou agora não posso dizer isso sobre Cambridge.

- Mas é por isso que eu quero ir para Cambridge, se em Columbia eu posso alcançar paltameres altissimos, em Cambridge eu posso ir além disso por que eu ia entregar meu futuro nas mãos do acaso e aceitaria as melhores oportunidades, sem nada planejado, vivendo a minha vida do modo que deve ser: sem controle, vivendo um dia de cada vez e como se fosse o último.

- Columbia sempre foi seu sonho. - Ela questionou logo após pedir a um garçom mais uma rodada de tequilas.- Porque isso agora?

- Você também pensa como Roux, acha que isso tem a ver com Peter.- Rachel deu de ombros deixando bem claro que essa ideia estava em sua mente. - Acabou, Rachel, entenda isso. Eu e Peter não existimos mais como casal, somos passado e não um

futuro. Eu estou fazendo isso por mim e não por ele.

- E se ele aparecer na porta de sua casa, lhe pedindo uma chance, lhe dizendo que cometeu o maior erro de sua vida ao terminar com você daquele modo e que não pode viver sem você, o que você vai fazer? - Rachel questionou sem malícia.

- Se ele não tiver um bom motivo para ter terminado, eu nem ao menos irei escutá-lo. Disse sentindo meu coração palpitar de modo descompensado. - Ele não merece a menor compaixão da minha parte, do mesmo modo que eu não mereci a dele.

- Mesmo tendo certeza que você não faria nada disso, eu acredito em você e apoio 100% sua decisão de permanecer em Londres e estudar em Cambridge, se quiser até ajudo a convencer sua mãe, você sabe o tão persuasiva consigo ser. - Ela pausou sorrindo de lado, seus olhos transbordavam uma semi bebedeiras, mas pareciam extremamente preocupados ao me olharem. - Eu só quero ter certeza que é isso que seu coração realmente quer, e não apenas um desejo momentâneo, não quero que você se arrependa de tal decisão daqui a 02, 3 meses.

- Isso não vai acontecer; Eu realmente quero isso, Rachel. Eu sinto que é o meu *destino*.
- Você não acredita nessa baboseira. - Ela murmurou após tomar de uma vez só seu copinho com tequila com um sorriso debochado em seus lábios.
- Eu acredito fielmente nisso agora.

Acordei assustada, respirei tentando me lembrar dos últimos momentos em sonho e não me recordei de nenhum pesadelo ou algo parecido, pelo contrário havia desmaiado assim que chegara em casa na noite passada, na realidade, nem me lembrava como havia regressado … Taxi? Ônibus? Ou eu vim dirigindo o novo porche de Rachel? Que perigo! Quantos acidentes poderia ter causado ou será que causei algum? Meu Deus! Como bebi! Passei do meu limite na noite passada, se é que eu tinha um,percebia isso ao notar o mundo girando e eu me encontrava deitada, imagina se estivesse sentada? 07, 08 tequilas? Provavelmente, só sei que tomarei uma caixa de analgésico ou não conseguirei por os pés no chão hoje. Hoje?
Meus olhos correram pelo quarto e o mesmo se encontrava escuro, mas não era

graças as cortinas e sim porque o dia havia amanhecido em total penumbra, o frio era cortante mesmo estando dentro de casa, me mexi embaixo do edredom lutando contra a ressaca e preguiça e me sentei, percebi que estava vestida com as roupas de ontem … é, eu realmente cheguei mal. Meus olhos foram em direção a mesinha de cabeceira e percebi que passava do meio dia e isso fez meu coração acelerar e um belo palavrão sair de meus lábios, passei minhas mãos em meus cabelos e notei que precisava lavá-los, fediam a cigarro, nacho e cerveja. Levantei aos tropeços indo em busca de minha necessaire, assim que a encontrei tomei um analgesico com uma boa quantidade de água, já que me encontrava atrasada não iria me apressar ainda mais estando naquele estado, iria tomar um bom café da manhã e logo um delicioso banho, só depois desse ritual iria para a Maverick, e preferencia dopada com mais analgésico.

Sai de meu quarto em passos lentos e tive um grande impacto sonoro ao chegar no segundo andar ouvindo uma alta, barulhenta e confusa conversa vindo do escritório de Roux, as vozes dele, Morgan e Rachel eram reconhecíveis no meio de gritos e argumentos e se misturavam de uma maneira irritante, mas uma em particular me sobressaltou, robótica e aguda, no seu melhor estilo quando se encontra nervosa, como um tônico me senti disposta a enfrentar um touro e em passos largos me dirigi ao escritório, abrindo a porta com um movimento só.

- Mamãe!? - Questionei com uma voz sonolenta.

- Katerina Isabela Braga Farrell, coloque sua fuça na frente desse computador agora, garota! - Sua voz soou ferina e bruta, olhei para a imagem na minha frente e não consegui esconder uma expressão debochada vendo Roux, Morgan e Rachel me olharem em sobressalto e observarem minha mãe através do laptop de meu tio; é, sempre tem um jeito de sua vida piorar e acredite, descobri nesses últimos dias que o fundo do poço tem porão. Me arrastando me aproximei da mesa, me sentando na poltrona onde antes se encontrava Roux, repousei minhas mãos abaixo do meu queixo e sorri de forma afetada.

- Bom dia, mamãezinha querida!

- Você ensandeceu, criatura?! - O laptop de Roux era de uma ótima qualidade, logo seu programa de web cam era límpido e de visualização perfeita. Podia as ver as ruguinhas de expressões que minha mãe tinha, mas se comentasse isso poderia piorar minha situação com ela, então preferi guardar a piada.

- Bom, eu estou crendo que sim, já que a maioria está me dizendo isso ultimamente. A que devemos sua magnifica presença?

- Roux, eu quero dá uma tapa nessa garota, por gentileza faça isso por mim? - Ela disse com um sorriso tão debochado quanto o meu. Olhei para Roux e ele parecia em dúvida entre obedecer a irmã ou me defender, semicerrei meus olhos e ele ficou atordoado sendo salvo por Morgan.

- Eu acho melhor deixarmos elas sozinhas.
- Finalmente, alguém disse algo inteligente. - Minha mãe respondeu soando sarcástica.
- Ah não! - Rachel reclamou cruzando os braços. - Eu quero ficar com a Kate.

- Kate precisa conversar com Violet sozinha, Rach. É melhor assim, elas precisam desse momento. - Morgan sussurrou repousando as mãos nas costas dela. - Não vamos atrapalhálas mais.

Morgan conduziu Rachel que me olhou triste, eu conhecia a bem para saber que ela queria ficar segurando minha mão para me dar força e determinação, mas concordava com Morgan, precisava falar com minha mãe sozinha, só assim ela poderia entender que estava fazendo isso por mim e não por uma simples vontade momentânea ou por alguém. Como ela, Roux me olhou questionador, mas segura assenti de modo discreto com a cabeça e ele foi o último a deixar a sala, trancando a porta do escritório.
Tomada pelo silêncio fiquei a observar minha mãe que não havia mudado em nenhum detalhe nesses últimos dias, continua tão viva, bonita e jovial como antes.

- Como está Joseph? - Questionei em um suspiro.
- Bem; ele foi trabalhar e mandou lembranças para você, quando ele saiu eu já estava falando com seu tio. - Ela respondeu soando irritada e nada propensa a mudar de

humor.

- Alguma notícia do Chuck? Recebi algumas mensagens e e-mails …
- Ele não tem tido muito tempo, são muitas atividades, visitas a cidade local, passeios com os amigos, … - Ela suspirou olhando de forma pensativa e muito debochada. - Essa foi uma boa pergunta sabia, vou até entrar em contato com ele antes que ele decida trocar a vida urbana pela do campo porque ele se apaixonou pela vida fazendeiro e antes que eu pisque ele decida virar um pastor de ovelhas ...

- Mãe … - Disse em um suspiro. - Eu estou com saudades.
- Não é o que parece. - Disse ela amargurada.
- Você quer ouvir o que tenho para falar ou você já tomou a sua decisão ?
- Você sabe muito bem que eu não sou esse tipo de mãe, é claro que eu quero te ouvir, se não quisesse não estaríamos nem conversando agora, certo?

Assenti com a sua resposta e sem perder mais tempo comecei a relatar tudo que ocorrerá desde o dia que recebi a carta de Cambridge até o exato momento, passando pelos meus sentimentos em relação a universidade e meu futuro, Rachel e suas decisões atuais e principalmente, Peter, já que sabia que ele seria argumento principal para ela ser contra a minha permanência em Londres. Minha mãe ouviu a tudo sem abrir a boca, ela provavelmente já havia ouvido aquilo - e muito mais -, contudo ela se focava em mim com total atenção e educação, analisando minhas palavras e comportamento, estava a prestar total atenção em tudo assim podendo criar a sua opinião e tomar a fádica decisão sobre o meu futuro, já escolhido por mim, mas que dependia dela para uma decisão final. O silêncio perdurou entre nós por um bom tempo, tanto que Roux estranhando adentrou o ambiente e resolveu ficar sentado ao meu lado, talvez preocupado que começássemos a discutir ou simplesmente por querer me apoiar.

- Não.
Ergui meus olhos e senti que foi o mesmo feito por Roux, minha mãe me olhava séria, os lábios em uma linha e o seu cenho enrugado mostrando toda a sua tensão com tal questão.
- O que? – Questionei, entendendo o que ela queria dizer, mas mesmo assim, não

crendo.

- Não. Você não vai estudar em Cambridge, você vai voltar depois de amanhã para Durham e irá seguir com o que fora planejado. – Olhei para Roux e ele não demonstrou uma expressão, eu ergui ambas as sobrancelhas, indignada, olhei para minha mãe e como se ela já esperasse, concluiu. – Assunto encerrado, Katerina.

- Então, é assim? Eu não tenho direito a desejar outro futuro para mim? Sou obrigada a seguir um projeto de vida que agora não me parece mais tão interessante? Não, que não parece ser moldado para a pessoa que eu sou hoje? – Olhei seriamente para minha mãe, balancei minha cabeça sentindo um nó se formando em minha garganta. - Isso não importa? O que eu sinto e quero para o meu futuro?

- Claro que sim, mas você *sempre* quis Columbia, passou a sua adolescência inteira sonhando, planejando e tagarelando do quanto o seu futuro seria incrível sendo estudante de lá, o que você faria, onde moraria, quais seriam os seus possíveis estágios,... Quando você recebeu a carta de aprovação, a qual eu já esperava, eu a vislumbrei de uma maneira tão feliz que eu nunca a havia visto antes. Não posso aceitar tal mudança repentina com tranqüilidade e um grande sorriso nos meus lábios quando sei que você pode vir a estar cometendo o maior erro da sua vida seguindo apenas um ...

- Um o que, mãe? – Questionei, a olhando com raiva. – Garoto? Melhor amiga?

- Um sentimento. – Ela ergueu singelamente uma sobrancelha. – Eu sei que você jamais mudaria toda a sua vida por causa de um garoto, não importando quem ele seja e eu sei que por mais que você seja ligada a Rachel, você não faria isso por ela e a mesma nem permitiria tal atitude sua.

Balancei a minha cabeça aceitando a derrota, senti os meus olhos se encherem de lágrimas, mas as limpei, não queria que minha mãe pensasse que estava agindo como uma garota birrenta que não conseguiu o que queria, decidida a aceitar o meu destino e seguir com minha vida, me levantei da poltrona, pronta para me enfiar em meu quarto, mas antes que pudesse sequer mexer meu pé senti a mão de Roux segurar meu pulso.

- Eu acho que você devia rever tal pensamento, Vi. – Ele murmurou com um tom de voz sério que eu raramente ouvia, senti uma lágrima escorrer por minha bochecha e um sorriso esperançoso brotar em meus lábios, apesar de tudo, meu tio acreditava e apoiava minha decisão.

- Roux, eu não vou mudar a minha decisão; Esse não é o tipo de conversa que deveríamos estar tendo faltando horas para o seu retorno para a America, Katerina; é irresponsável e lunático da parte de Kate querer algo assim, ela sabe de nossa condição financeira e você também, meu irmão, ou você deseja que eu repita todo o meu drama monetário? Vamos só analisar: Kate ganhou bolsa completa nas duas universidades, contudo existem gastos que as instituições não cobram, logo ela será sustentada por mim por pelo menos um ano vivendo em Columbia ou ai, os gastos ai serão o triplo que os que já calculamos, é impensável para mim aceitar tal ideia sabendo que ficaremos em uma situação complicada financeiramente ... E a ideia de Kate morar em um país desconhecido, sozinha, me assusta muito. Contudo confesso que Cambridge é uma grande oportunidade para ela, mas essas dificuldades que teremos durante todo esse caminho são irremediáveis e podem trazer conseqüência gravíssimas para o futuro de Kate e eu não quero que ela sofra nem metade do que eu e você sofremos, Roux.

- Bom, e se eu disser que se você permitir a permanência de Kate ela terá não só um ótimo emprego como moradia garantida? – Roux questionou, suas sobrancelhas unidas daquela forma que indicava que ele estava a pensar sobre algo com seriedade.

- O que você tem em mente Roux? – Ela questionou e parecia bem propensa a ouvi-lo com carinho.

- Então, eu não iria revelar isso agora, era para ser uma surpresa para o dia de sua partida, mas como a ocasião pede medidas extremas ... – Ele disse trocando um olhar comigo e voltando o na direção da tela. – O grupo editorial Butler é uma grande empresa com publicações em áreas de revistas e livros, uma das maiores editoras britânicas e de grande reconhecimento no mundo, a Vintage, é desse grupo e eu sou um grande amigo do dono e herdeiro absoluto da empresa, Anthony Butler, fizemos pós graduação juntos, enfim ... Sempre mencionei a ele o talento de minha sobrinha,

não apenas com a escrita, mas com o conhecimento sobre os livros e ele se convenceu de tal coisa após fazer uma visita na Maverick e ser atendido por Kate. - Abri meus lábios em questionamento pensando quando que isso aconteceu, mas Roux continuou. - Ele ficou tão impressionado com o dom dela sobre os livros que ofereceu a ela por meu intermédio um estágio na editora Vintage para esse semestre, só para você ter uma ideia, esse é um dos melhores estágios que qualquer estudante de jornalismo interessado na área editorial como Kate iria desejar e sofrer muito para conseguir, são apenas vinte vagas, contudo apenas três são liberadas para estudantes das grandes universidades. É uma grande oportunidade para Kate que ela poderá usufruir tanto na sede de Nova York, como aqui, contudo aqui em Londres ela terá muito mais chances ainda mais que Anthony deixou bem claro que quer trabalhar diretamente com ela.

- Eu? E-eu consegui um estágio na Vintage? – Questionei vacilante. – Cala a boca! – Murmurei em um tom estridente e Roux me olhou sobressaltado.

- Gírias, Roux, gírias. – Minha mãe disse tranqüilizando–o com a mão sacudindo no ar. Preciso confessar que é uma ótima oportunidade para Kate. – Ela disse mais relaxada e sua expressão estava agora tomada por seriedade.

- Sim, é ... – Ele respondeu se recuperando ainda do meu ataque adolescente histérico. – Então, a minha brilhante ideia seria a seguinte: Kate se inscreve em Cambridge, aceita o estágio no Grupo Editorial Butler, tendo um emprego muito bom com um salário que preciso confessar que é bem alto para um estagiário e mora conosco oficialmente. Antes que você pense que ela nos dará algum tipo de trabalho como jovem ou financeiramente, quero já deixar claro que Kate conhece essa casa e Londres melhor do que eu e Morgan juntos, ela é uma ótima garota e não nos dará problema algum, mas para sua tranqüilidade as regras podem ser reavaliadas se tornando mais rígidas e, se concordarmos, ela pode nos ajudar financeiramente com contas e compras do mês. Ah, e sim claro, ela pode pagar a ração do Jack, já que ele a ama mais do que a gente. – Ele observa minha mãe com atenção passando não apenas confiança mais certeza, como se já estivesse pensando sobre isso há muito tempo. – O que você acha?

Ela suspira e fica em silêncio, olhando para o teclado de seu laptop, troco um breve olhar com Roux que não move um músculo se quer, mas de repente pisca um olho, dando esperanças para mim de que agora tudo poderia ser diferente, além do mais, suas palavras tão sinceras deixaram bem claro para mim que não era apenas meu o desejo de ficar, mas ele também queria a mesma coisa.

- Eu vou para Londres. – Ela disse de supetão.

- O que? – Dissemos juntos, eu agarrada nos braços da poltrona e Roux voltando a se sobressaltar.
- Vocês estão surdos? – Ela questionou irritada.- Eu. Vou. Para. Londres. Isso não é um tipo de conversa que deve ser decidida através de um computador e sim cara a cara.

- Você tem certeza disso? - Questiono duvidosa, lembrando dos problemas financeiros que minha família vivia e que eu tinha a tendência de sempre piorar.

- Claro que sim, além do mais, você ficando ai ou aqui, terá de qualquer modo um estágio garantido logo podendo me ressarcir algum dia, então ... Prepare seu quarto de hóspede Roux, em 3, 4 dias estarei chegando, obviamente que entro em contato antes para avisar direitinho o dia e horário de minha chegada e Kate, já que você não irá retornar amanhã, troque a sua passagem por milhas, assim você poderá usar em outro momento. – Ela cuspiu todas as informações da maneira que tem costume de fazer quando está nervosa e pensando tudo de uma vez só. – Acho que é só isso.

- Só isso? – Roux questionou com as sobrancelhas erguidas, ela o olhou ameaçadora e ele soltou um pigarro nervoso, se colocando de pé. – Vou deixar vocês a sós e aguardo a sua ligação, maninha.

- Então é isso? – Questionei dando de ombros, logo após Roux sair do recinto. – Você vai gastar um dinheiro que não tem para vir aqui e conversar cara a cara comigo sobre algo que podemos resolver agora?! Não acha que é um pouco exagerado demais?

- Eu acho que é o melhor. Eu preciso de um tempo para pensar sobre tudo o que

você e Roux me disseram e como eu disse, não é uma decisão para ser tomada desse modo, além do mais, temos todo o tempo do mundo, Kate. Podemos respirar, pensar e resolver com coerência, sem pressa e nervosismo, entende miss impulsividade? – Dei de ombros e minha mãe me observou com um sorriso de lado. – Vai te tranqüilizar se eu lhe disser que no inicio de nossa conversa a minha resposta era um "não" e agora pode vir a ser um "talvez"?

- Não, porque você está me dando esperança e você sabe como eu odeio isso, sentir que vou conseguir conquistar aquilo desejado e de repente vê-lo escapar por entre meus dedos.
- Eu prometo que isso não irá acontecer.
É, eu não vou contar muito com isso.

Tirando essa conversa memorável com minha mãe e as revelações de Roux, nada de diferente aconteceu em meu dia, além do fato que ele foi longo e arrastado, tendo muito trabalho para fazer na Maverick.
O pouco tempo livre que tive conversei com Roux e Rachel sobre a conversa com minha mãe, eles queriam saber todos os detalhes para se prepararem sobre a futura visita de minha mãe; Roux parecia ansioso para rever a irmã e estava agitado com planos de jantares e passeios com Violet, mal ele sabia que ela deveria estar planejando uma viagem de 02 dias, já Rachel estava preocupada, como eu, ela sabia que minha mãe não era do tipo volúvel, se ela disse que *não* dificilmente ela mudaria de ideia, sua vinda para cá é apenas para desencargo de consciência, foi o que ela disse e preciso concordar, por mais que quisesse desabafar não conseguia falar sobre os meus sentimentos, o dia havia sido tão cansativo que o mínimo de esforço que eu podia fazer era bem vindo e quando meu corpo encontrou a cama um aliviou tomou conta de todo meu ser, meus olhos se fecharam e ... meu celular começou a apitar; era meia noite e com esse som infernal me lembrei do despertador que havia ativado para me lembrar de quando o fatídico dia de minha partida chegasse, ao desligá-lo dei por mim que ainda tinha alguns dias em Londres e que deveria aproveitá-los ao máximo, já que eles poderiam ser meus últimos nessa grandiosa cidade por tempo indeterminado.

Como o esperado tive uma noite inquietante; a chuva, o vento, o frio e meus

pensamentos sobre meu futuro, a vinda da minha mãe e por mais que me surpreenda, Peter, atrapalharam muito que minha mente pudesse descansar em paz e quando finalmente consegui isso tive sonhos sem pé nem cabeça envolvendo Peter, minha mãe e as decisões feitas por mim nos últimos dias. Confesso que ficar acordada era mais prazeroso ...

- Kate! – Ouvi uma voz masculina me chamar, seria Hades? Talvez Aslam? Quem sabe Anakin...? Finalmente consegui dormi sem ser controlada pelas minhas emoções e agora algo quer me atrapalhar? Não sabia se era sonho ou realidade, senti meu corpo se encolher com o frio e um pouco da claridade do dia invadiu meu campo de visão, fechando bem meus olhos já que sabia que não era hora de despertar. – Kate! – A voz continuou distante e insistente, mas agora notei um certo tom nervoso ao me chamar, parecia em pleno pânico para ser sincero e muito real ... – Kate, pelo amor de Deus acorda; é importante! – Ouvi a voz esganiçada de Rachel e decidi entrar no jogo do meu sonho.

- O que pode ser importante a essa hora da manhã? – Murmurei preguiçosamente. - Um raio caiu na terra e o Thor veio dentro do mesmo em busca da minha pessoa para salvar o mundo?

- Peter. – Aquela voz masculina se pronunciou novamente e a reconheci como se tivesse levado um soco no meio da cara; era Dorian. – Ele precisa de você.

Tudo perdeu o sentido e em um impulso automático me sentei na cama esquecendo o frio, cansaço e tudo mais que me prendia naquela cama.
Peter. Ele precisa de mim.
Minha visão estava turvada graças a pouca luminosidade do dia, mas consegui identificar os rostos de Rachel, enrolada em seu robe de seda roxo, olheiras de cansaço e uma expressão aflita e Dorian ao seu lado, envolto em seu sobretudo negro, seus cabelos amarrados em um rabo de cavalo e seu rosto tão vivo, estava morto; pálido com olheiras profundas e lábios seco, alguma coisa havia acontecido.

- Peter. – Murmurei, olhando para eles enquanto tentava me situar naquela realidade inacreditável, olhando confusa ao arredor a procura de olhos familiares ou de algum

indicio que isso tudo era real. – O que aconteceu com ele? Onde ele está? O que p-posso fazer? – Meus dentes bateram por culpa do frio enquanto tentava me colocar de pé em tropeços.

- Calma, Kate. – Ele repousou suas mãos em meus ombros com uma expressão séria demais para si, não gostava nada daquilo, de sua visita nesse horário, de sua aparência, de seu tom de voz calmo e controlado que me lembrava muito daqueles médicos prestes a dizer que seu parente está morto; é eu já passei por isso antes sei muito bem como é. Primeiro eu preciso que você se acalme, o que eu tenho para falar para você é muito difícil e eu preciso que você seja extremamente forte, não apenas por você, mas por Peter, como eu disse, ele precisa de você. – Respirei fundo olhando com atenção seus olhos negros. – Se desesperar não irá ajudar em nada.

- O que aconteceu com Peter? – Questionei sem absorver nada do que foi dito por ele. Ele me observou e trocou um breve olhar com Rachel que balançou singelamente a cabeça, encorajando-o; ela sabia o que estava acontecendo e meu coração afundou me dando a certeza que o acontecera alcançou um novo patamar de ruim. – Me falem logo! – Brandei por fim.

- Peter tem leucemia. – Dorian disse de uma vez só.

Minha respiração parou por longos segundos.
Eu ouvi direito? Foi o único pensamento coerente que tive já que só ouvia o ressoar das palavras ditas por Dorian.
Leucemia.
Eu não queria acreditar em tais palavras, isso tudo ser um sonho era muito mais prazeroso, mas aquelas palavras eram reais demais, fazendo tanto sentido que eu não podia me cegar diante dos fatos.
Como em um flashback vi em detalhes as provas da existência de tal doença desde o nosso primeiro encontro: As gripes repentinas, a sua palidez, a falta de apetite, o hematoma em seu braço, provavelmente deveriam ter outros espalhados pelo seu corpo e com certeza muitos outros sintomas que não consegui notar ou pior, que desconheço totalmente; a sua tristeza e me recordei de seu modo mórbido ao tratar do futuro ou até mesmo seu modo de falar da vida, como se ele não acreditasse em

sobreviver antes de mim ... Senti meu corpo despencar, mas as mãos de Dorian me seguraram a tempo me sentando na cama, Rachel levou uma mão aos lábios chorando silênciosamente, já Dorian se sentou ao meu lado me dando apoio; Suspirei e olhei para eles novamente, sentindo o oxigênio adentrar meus pulmões lentamente, as lágrimas desciam pelo meu rosto e as minhas mãos tremiam, frio ou nervosismo, não sei, só sei que eu não sabia o que falar, o que pensar, como agir; essa falta de reação me deixava perturbada e essa era uma característica própria de Peter, me desconectar do meu jeito de ser habitual.
Eu precisava vê-lo.

- Aonde ele está? – Questionei lentamente sentindo minha garganta arranhar tais palavras.

- No hospital. – Meus olhos se arregalaram e me levantei de um pulo, mas Dorian me puxou de volta a cama. – Eu disse para você se acalmar; me obedeça, garota. – Ele soou mais leve, mas continuei naquele estado aflito entre a dúvida, o temor e a impulsividade. Peter está no hospital porque passou mal na madrugada de hoje, ele desmaiou e seus país acharam melhor o internarem para iniciar o tratamento, mas Peter se nega a tal coisa e de acordo com a política médica, ele como maior de idade, tem o direito de decidir o futuro de sua saúde, não seus país. Então se ele não deseja o tratamento ... – Ninguém pode obrigá-lo. Dorian pausou e seus olhos caíram em direção as minhas mãos, receoso ele as segurou delicadamente sobressaltei com seu toque gelado e seus olhos perfuraram meu rosto de um modo desesperado. – E é por isso que estou aqui, só você pode trazer consciência para a mente dele.

Eu precisava ver Peter, mas não quer dizer que eu falaria com ele, além do mais, ele não queria mais saber de mim, mas mesmo meu coração implorava para ver seu rosto, sentir o toque de suas mãos e até mesmo ouvir a sua voz pelo menos por uma última vez antes de ser expulsa de seu quarto.
Dorian deveria estar muito desesperado, já que tal loucura dita por seus lábios só podia ser a ilusão de uma pessoa que não tem mais escolhas para salvar a vida de seu melhor amigo.

- Dorian ... – Tentei soar o mais doce possível, mas a minha aflição era evidente em

cada palavra pronunciada. - Eu não posso fazer nada ou você se esqueceu que ele terminou comigo? Peter não tem o menor resquício de sentimento por mim, ele não quer saber de mim, logo não importa o que eu diga; porque você acha que ele me ouviria depois de tudo que eu fiz? – Questionei tentando soar o menos desesperada possível, mesmo sentindo cada fibra do meu corpo dizer o contrário.

- Porque ele mentiu. Ele é e sempre foi apaixonado por você, mas terminou tudo naquele dia por saber o futuro que o relacionamento de vocês teria por culpa da doença dele, entre uma quimioterapia e outra, exames, resultados e envolto em incertezas de uma cura. Ele me confidenciou que não queria que você sofresse por nenhum segundo, muito menos por causa dele, por isso ele achou melhor tirar você da vida dele, assim você poderia seguir com sua vida achando que ele é um canalha idiota e poderia ser feliz verdadeiramente com outra pessoa.

- Ele fez o mesmo que você.- Rachel sussurrou com seus braços cruzados. – Ele tentou te proteger da verdade para que você pudesse ter uma vida melhor.

- Depois do incidente de madrugada e ele revelar a decisão de não passar pelo tratamento, toda a sua família entrou em desespero, Amelia não para de chorar e rezar, Anna está em estado de choque enquanto a mãe dele e Miranda tentam inutilmente convencê-lo do contrário, mas Peter nem ao menos presta atenção no que é dito. Ele deveria lhe contar isso, mas você precisa entender que antes de te conhecer ele estava decidido em não passar por nenhum tratamento por não querer sofrer, a intenção de nossa viagem era tentar mudar essa visão dele, mostrando o mundo maravilhoso que ele perderia por desistir e não precisamos fazer nada porque no momento que ele colocou os olhos em você, eu vi a esperança voltar a irradiá-lo, mas isso se perdeu depois da separação de vocês ... Ele disse que sem essa separação ele teria cometido o maior erro em sua vida ao destruir a sua com a condição dele. – Dorian pausou no momento que me coloquei de pé indo em direção da janela em soluços, tentando controlar as lágrimas que agora inundavam meu rosto. Isso era apenas parte do que Peter passou sem mim e eu precisava de forças para agüentar todo o resto. - Eu disse a ele que viria até você, entre palavrões e gritos ele me proibiu de tal coisa, mas eu o desobedeci e de acordo com meus cálculos hoje seria seu último dia em Londres então vim o mais rápido possível porque eu sei que

só você pode mudar a visão dele e devolver-lhe a esperança. – Me virei e me deparei com Dorian e Rachel próximos de onde estava, ambos nervosos, mas pela primeira vez eu me encontrava segura de minhas decisões e só havia uma coisa que eu desejava fazer por mim e por *ele*.

- Me leve até ele. – Murmurei incisiva catando o meu coturno embaixo de minha cama, os calçando com um rápido gesto e já olhando ao arredor em busca de meu casaco e bolsa, Dorian e Rachel se mantiveram estáticos e tentei mostrar a minha urgência. – Agora.

- Você tem certeza disso? – Dorian se pôs ao meu lado, me observando com atenção.
- Sim, do mesmo modo que sei que sem Peter, minha vida não terá o mesmo sentido prazeroso que tinha; ele precisa de mim, mas eu também preciso dele e muito.
- Você o ama? – Dorian questionou com um olhar sério.
- Sim. – Disse sem pestanejar.

- O suficiente para estar ao lado dele durante todo o processo da doença, com ou sem tratamento? – Abri meus lábios pronta para responder, mas ele interrompeu ...- E você estará lá nas noites em que ele irá passar mal, que irá vomitar ou desmaiar e terá que ser levado para o hospital? Nos momentos que ele não terá disposição para sair com você e fazer tudo aquilo que um namorado sádio faria, você aceitará isso ou o largará? E ele estando careca, com a pele descamando e magro, sem saúde? Você precisa dele, mas ele vai precisar muito mais de você. Você o ama, mas precisa estar do lado dele de modo incondicional e não apenas por ser importar com ele e ter pena. Ele não merece ter o coração partido, enquanto essa doença funesta suga sua vida, ele precisa daquela Kate, que se mostrou ser a única para si e se ela não pode estar com ele passando por tudo isso e muito mais, então é melhor você pegar o seu vôo para Durham e fingir que nada disso aconteceu.

- Acabou o discurso? – Questionei erguendo uma sobrancelha, ele respirou fundo e balançou a cabeça em afirmação. – Dorian, eu entendo o seu lado, posso não ter estado na posição em que você se encontra, mas estive em um lugar semelhante. – Troquei um olhar com Rachel e ela acenou com a cabeça. – Você tem medo de perdê-lo, de que qualquer coisa possa prejudicar a vida e saúde dele, tudo é muito delicado

agora e admiro o que você está fazendo vindo até aqui, quebrando a confiança do seu melhor amigo tentando salvá-lo com uma jogada perigosa e instável e é por isso eu te prometo que eu quero, preciso e vou estar ao lado dele a cada minuto de seu tratamento e não é por pena ou preocupação e sim por amor; Não importa que ele tenha leucemia ou que ele não seja um namorado sadio, eu só consigo pensar que é o Peter e tudo vale a pena por ele. *Tudo*. Eu o amo incondicionalmente e vou lutar por ele e com ele sabendo muito bem quem é o nosso inimigo. Agora chega de perder tempo e vamos, Dorian. – Murmurei incisiva, sentindo minhas bochechas corarem com toda a minha declaração, mas meu coração acelerou em esperança de tê-lo em minha vida mais uma vez, vesti meu casaco de couro por cima do meu pijama e sacudi meus cabelos. – Vamos, me leve até ele ou eu vou a pé em todos os hospitais de Londres gritando por ele feito uma louca psicótica.

- É por isso que eu gosto de você, Kate. Você é uma guerreira. – Dorian disse abrindo pela primeira vez um largo sorriso, em seguida ele me olhou de cima abaixo e balançou a cabeça negativamente. – Ajude-a a se vestir de maneira decente Rach, por favor. Peter irá me matar por levá-la até lá, pelo menos a deixe bem arrumada ou ele terá um enfarto ao imaginá-la de pijamas pelas ruas de Londres.

- Não temos tempo a perder. – Disse em um átimo.

- Kate, ele esta no soro em um quarto particular, sendo bem cuidado e alimentado; ele tem um câncer maligno, mas não está num nível onde pode morrer a qualquer momento. Por isso, se arrume, passe um pouco daquele treco rosado em sua bochecha para parecer viva ao encontrá-lo porque agora você está mais perto da *Noiva Cadáver* do que de uma humana. Ele precisa te ver bem e sadia, se ele te ver nesse estado, ele não aceitará uma palavra dita por você e diga tudo isso que você me falou e tenho certeza que teremos metade do caminho conquistado na cabeça daquele teimoso. – Ele piscou e começou a sair do ambiente bocejando. – Te espero lá embaixo.

- Vem, deixa eu te ajudar. – Rachel disse carinhosamente segurando a base de minhas costas.

Funcionava no automático seguindo as ordens de Rachel que mandou que eu vestisse uma calça jeans com uma blusa de manga comprida vermelha, por cima joguei minha jaqueta de couro e nos pés mantive meus coturnos; ela queria me maquiar, mas só deixei que passasse uma base, Dorian tinha razão no que falará, eu precisava parecer bem, ou a família de Peter e o próprio teriam uma ideia errada de mim; eu precisava parecer - e ser - forte e não aparentar palidez, um nariz vermelho e olhos inchados, eu sei que tudo isso se desmoronaria no momento que o visse, mas eu precisava lutar contra esses sentimentos angustiantes.
Eu sou forte.
Rachel prometeu explicar tudo com detalhes para meus tios, já que ainda era muito cedo e eles se assustariam ao acordarem e perceberem que eu não me encontrava em casa , Dorian me esperava do lado de fora da casa encostado em seu carro vermelho, Rachel parou do meu lado e suspirou, trocamos um breve olhar e meus olhos se encheram de lágrimas e os seus também e de imediato ela me abraçou carinhosamente:

- Seja forte, você pode encarar isso *com ele*. Seja aquela guerreira que está escondida dentro de si, pronta para qualquer emboscada do destino e tenho certeza que todo esse medo e angustia irá desaparecer em um piscar dos olhos. – Ela sorriu e deu um beijo em minha bochecha e segurou as minhas mãos. – Eu sou prova viva do que passamos por anos e olhe onde nos encontramos?! Bem, vivas e inteiras e eu sei que com Peter acontecerá o mesmo, além do mais, vocês pertencem um ao outro e garanto que no momento que ele te ver irá mudar de ideia e vestirá a armadura para essa guerra. Me use como exemplo, conte minha história e garanto que ele verá a guerreira que existe dentro de você e que está lá não só por amor, mas porque você pode mudar a vida dele e está pronta para guerrilhar nessa guerra ao lado dele. Não o perca denovo, Kate.

- Não o perderei. – Respondi em um sussurro, beijei seu rosto e dei o primeiro passo em disparada do *nosso* destino.
Abri a porta dupla adentrando em uma pequena recepção que levava a diversos quartos, de enfermaria e particulares, antes tendo passado por uma entrada tumultuada de pacientes na emergências, familiares perdidos em busca de informações, residentes atribulados de trabalho e novos pacientes que estavam a

chegar a todo minuto em ambulâncias com graves problemas, ver aquilo tudo despedaçou todo meu coração e um branco tomou minha mente. Os diálogos que imaginei durante todo o caminho silêncioso tendo Dorian como motorista se esvaíram, como também toda aquela minha segurança e coragem já que meus olhos se tomaram de lágrimas. Passamos pela recepção como dois raios, Dorian falava, mas eu não o compreendia, apenas seguia os seus passos e olhava aflita para todos os lados, em busca de um rosto familiar ou uma sensação que gritasse em meu ser: *É aqui, Peter está aqui!* Levei minha mão em meus cabelos e a senti tremer como a mão de um viciado em reabilitação, respirei fundo, lembrando as palavras de Rachel:

"Seja forte, você pode encarar isso *com ele."*
Eu podia e iria fazer isso, sem medos e temores, eu não estava ali por meus sentimentos apenas, havia uma razão maior, algo que me controlava de um modo asfixiante que me fazia esquecer de respirar, Peter. Ele precisava de mim e nada mais importava, nem o aquecimento global, as guerras no oriente, a minha falta de coordenação motora, de status, dinheiro, meu futuro em Cambridge ou Columbia e até mesmo os meus sentimentos não importavam, só ele e sua existência.
Dorian virou um corredor e segui em seus encalços, mas parei de supetão com a imagem que tive a minha frente, Miranda a poucos passos de distancia de mim, ao seu lado se encontrava Serena e uma mulher de cabelos loiros de feições gentis e pouco envelhecida para a idade que aparentava, a minha presença foi notada de súbito, dei apenas três passos e parei de supetão ao notar o olhar de surpresa e fúria que Miranda fez ao me notar, Serena abriu levemente os lábios e olhou para mãe, como uma criança perturbada sem saber ao certo o que fazer, já a mulher reagiu de modo indiferente por não me conhecer, não demorou muito para Amelia surgir em meu campo de visão, estava sentada em um sofá abraçada a um homem de barba espessa, olhos azuis profundos e como a mulher de feições gentis, mas sua aparência lhe dava um ar cavalheiro e sério, aninhada em seu corpo estava uma jovem que reconheci como Anna que estava a me olhar com uma surpresa similar a da irmã.

- O que significa isso, Dorian? – Miranda questionou, voltando a sua postura de dama, mas seu olhar faiscava em minha direção. – O que essa *jovem* está fazendo aqui?
- O óbvio, ela veio ver o namorado dela. – Dorian respondeu, esboçando um grande

sorriso falso.
- Ex namorado. – Serena disse me olhando de cima a baixo com um sorriso no canto dos lábios.
- Por pouco tempo, então se vocês podem nos dar licença ... – Dorian começou a abrir caminho, mas Miranda se pôs nele.

- Isobel, não permita tal atrocidade desse jovem irresponsável. Essa jovem, a qual ele nomeia namorada de seu filho, é a grande causadora do principal motivo pelo qual Peter está se negando a fazer o tratamento. – Ela sussurrou próxima a Isobel como uma serpente peçonhenta.

- Você tem muita cara de pau de estar aqui, Katerina. – Serena murmurou com os dentes trincados. – Depois de tudo que você fez contra o meu primo. Você é um monstro.

- Eu posso até ser um monstro, mas você é a filha do líder de tal clã, Serena, o que a torna bem pior do que eu. – Murmurei, por fim olhei na direção de Miranda. – Eu posso ser a causadora da atitude de Peter, mas todos sabem que foi você a culpada por tudo isso que está acontecendo, você quem me chantageou para terminar com ele, assim o afastando de mim e tentar seguir com o seu sonho frustrado de ver Serena casada com ele, então não me venha querendo sair como a boa titia samaritana, você vale menos que uma nota de 3 libras, Miranda.

- Mais que audácia! – Miranda murmurou em sobressalto com sua mão artisticamente em seu peito, se aproximando mais de Isobel que me observava com uma peculiar superioridade. – Não preciso dizer mais nada, minhas palavras se tornaram atitudes dessa jovem, eu vou chamar os segur ...

- Já basta, Miranda. Eu posso decidir sozinha quem pode ou não ver meu filho. – Isobel disse com um tom de voz que demonstrou estar farta de tal momento, ela voltou seu olhar em minha direção e foi nesse momento que mãos tomaram meu corpo em um apertado abraço, era Amelia.

- Que bom que você está aqui, Kate. – Amelia se afastou, seus olhos tomadas por singelas lágrimas, como o noivo, suas olheiras eram pesadas e lhe davam uma

aparência de cansada e mais velha. – Nesse momento ele precisa muito de você.

- Deixa a entrar, mãe. – Foi o que disse uma voz angelical, meus olhos foram na direção de Anna que estava agarrada na cintura da mãe, diferente de Amelia, Anna tinha uma aparência mais de acordo com sua idade e não demonstrava resquícios de cansaço ou choro.
– Se Dorian foi até ela é por acreditar que sua presença é fundamental na recuperação de Peter e quem sabe ela não venha a mudar a decisão dele, mesmo que minha tia diga o contrário, eu não posso crer que meu irmão se apaixonaria por uma pessoa tão horrível como ela prega.

- Era só o que me faltava agora. – Serena murmurou para si, os dentes trincados e a impaciência em sua face, enquanto Miranda ao seu lado manteve aquele sorriso fino em seus lábios, sem esboçar nenhuma emoção.

- Dorian, podemos conversar um minuto a sós, por favor? – Disse o homem com um tom de voz firme, ele que agora de pé pude notar ser corpulento e alto, o oposto de Isobel que era baixa de traços finos e magra. Ele concordou deixando o meu lado e acompanhando o homem que chamou Isobel para ir junto, eles pararam a certa distancia e falavam entre si em um som que nem formigas conseguiriam ouvir.

Antes que Miranda pudesse dizer qualquer coisa, de modo protetor, Amelia me puxou para longe delas e fomos seguidas por Anna, que tinha um olhar sério em seu semblante, semelhante ao de seu irmão. Elas conversavam entre si sobre o abuso da tia e prima de me tratarem daquela forma na situação em que nos encontrávamos, meus ouvidos se mantiveram na conversa por educação, minha atenção era completamente focada em outro ponto, meus olhos voltaram-se na direção de Isobel, o homem que suspeitava ser George, pai de Peter e Dorian curiosa com o que eles estivessem a falar, mas meus olhos se perderam na metade do caminho quando por através de uma pequena janelinha de uma porta próxima eu pude ver deitado em uma cama, rodeado de aparelhos e preso em um sono pesado se encontrava Peter. Inconscientemente dei um passo em falso na direção do quarto, mas travei ao me lembrar que não tinha permissão de entrar, respirei de modo pesado, sentindo uma solitária lágrima descer pelo meu rosto; ele parecia tão frágil, fraco, indefeso, como

um recém nascido que precisa da proteção de sua mãe, seu semblante estava pesado, mas tranqüilo, apenas imerso por drogas e calmantes.
Eu poderia imaginar Peter em diversas situações: em casa em um domingo entediado lendo um bom livro ou assistindo a um importante jogo de um campeonato de rugby com seu pai e Dorian; jogando futebol com seus amigos na faculdade; correndo atrás de um taxi atrasado para um compromisso; na praia surfando, de cama por causa de uma medonha gripe e até mesmo passeando com Anna por uma parque de diversões, mas a ideia de vê-lo preso a uma cama de hospital, frágil e sensível, com aparelhos conectados a seu corpo garantido que sua vida continue a existir é uma imagem que jamais existiria no meu consciente, além do mais, Peter sempre demonstrou ser uma pessoa viva e ativa, mas vendo o assim minha mente mostra as verdades que meu coração não quis ver, desde o primeiro instante a vida lhe faltava.

Eu fui o sopro de vida que ele precisava para lutar por sua sobrevivência e por mais que eu sinta que eu necessite dele em minha vida ter a sensação que ele precisa de mim muito mais do que eu dele me dá uma sensação esquisita em meu peito, algo desconhecido.

Olhei para o chão apavorada com tal sensação, temerosa com os meus sentimentos conflitantes, uma solitária lágrima desceu por meu rosto e tratei de escondê-la, olhando ao meu arredor com medo que alguém tivesse visto meu momento de fraqueza e virá. Isobel, que me olhava de uma maneira que me fez gelar, era como se ela estivesse emocionada com a visão que tinha, sem dizer nada ao marido e a Dorian, ela veio em minha direção e de um modo carinhoso e materno ela me abraçou e sem conseguir controlar a minha emoção fiz exatamente tudo que não devia e desatei a chorar amargamente. Ela acarinhou a minha cabeça e quando me afastei ela colocou um copo d'água em minhas mãos que suspeitava ter sido entregue por Dorian que não estava distante de mim, bebi toda a água e meus olhos me traiam olhando por aquele pequeno vidro e vendo Peter continuar imóvel.

- Se sente melhor? - Isobel questionou com uma voz doce.
- Não. - Disse em um sopro.
- Você precisava desse momento de desabafo. - Dorian murmurou sendo abraçado por Amelia que apoiou sua cabeça em seu ombro. - Agora vai lá …

- Lá onde? - Questionei sem compreender olhando deles a Isobel qu e sorriu de leve.
- Posso ver em seu olhar que o que você sente pelo meu filho não é apenas algo passageiro, futil ou mentiroso como haviam me dito. - Ela balançou a cabeça negativamente e me olhou com carinho.- A sua dor é a mesma que a nossa. Você o ama e merece como qualquer um de nós estar com ele. - Ela disse de um modo suave.
- Se sinta a vontade para ficar com ele o tempo que desejar.

- Obrigada. - Disse com um sorriso saindo em meus lábios, voltei a abraçá-la e me senti muito sem graça por ter feito tal ato sem nem ao menos ter intimidade com ela, mas ao nos afastar ela apenas sorriu de um modo sincero e muito similar ao sorriso de seu filho.

- Não, eu que agradeço. - Ela disse por fim e antes que qualquer um pudesse dizer algo, ela se afastou de nós, indo em direção de seu marido e Anna que estavam sentados no sofá, ela o abraçou e depositou um beijo no rosto da filha que se aninhou em seus braços, Amelia junto a Dorian seguiram para o mesmo lugar com singelos sorrisos para mim. Miranda e Serena não se encontravam mais no ambiente o que foi um alivio para mim, Peter e nem nenhum daquelas pessoas mereciam ter duas najas como elas ali cercando, espreitando a procura de qualquer brecha para infernizar com a vida deles.

Dei apenas quatro passos e parei em frente da porta do quarto, respirei fundo fechando meus olhos controlando as lágrimas que queriam retornar, todo aquele sentimento de não estar crendo que aquilo estava a acontecer voltou a me tomar, mas me lembrei que precisava ser forte, por nós dois, pensei enquanto olhava através da pequena janela em sua direção, acumulei toda a minha força e coragem, abrindo a porta com ambas as mãos, antes que o trinco da maçaneta fosse soado Peter abriu seus olhos me olhando com um misto de surpresa e choque e preciso confessar que essa sensação era mutua já que não esperava encontrá-lo acordado.

- Eu vou matar o Dorian. - Ele sussurrou de modo irritado, mas seus olhos me diziam outra coisa, saudades, remorso, tristeza. Amor.
- Curioso, já que no momento eu também desejo matar alguém; você. - Respondi com sarcasmo encostada na parede olhando-o com uma sobrancelha erguida.

- Talvez se tiver sorte o câncer faça isso por você antes. - Ele respondeu de um modo cruel o que fez o meu coração acelerar e não era de emoção e sim de raiva.

- Seu insensível! - Brandei, levei minha mão ao rosto me lembrando que a família de Peter estava a poucos metros do quarto e estava em um hospital, contive minhas emoções, mas com os dentes trincados exasperando ainda a raiva continuei. - Como você tem a audácia de falar assim dessa situação?

- Eu falo da maneira que eu desejar sobre isso, já que eu sou o doente. A minha dor é apenas minha e ninguém tem o direito de interferi-la ou querer dominar o que devo sentir, dizer, decidir sobre isso. - Ele disse de modo feroz, ressaltando a última palavra com um brilho no olhar, ele já tinha uma opinião sobre a minha presença ali e tinha certeza que era errônea.
- Vejo que continua o mesmo cabeça dura, prepotente e teimoso que conheci há algumas semanas atrás.

- Eu estou com leucemia, Kate, não com Azheimer. - Ele voltou a me responder de modo defensivo, o que estava começando a me irritar e frustrar, parei em frente de sua cama e ele continuou a me olhar não do modo de antes, apaixonado e sim desgostoso. Ele não me queria ali.

- Você quer que eu vá embora? - Questionei de uma vez por todas tomando agora a posição de defesa.
- Sim. - Ele disse sem pestanejar e sua resposta afundou meu coração, mas o ignorei, me recuperei do soco sentimental e com um sorriso sínico respondi.
- Bom, infelizmente eu não vou a lugar nenhum. Você vai ter que me tirar daqui com suas próprias mãos, meu querido.
- Para caso você não tenha notado, eu não posso sair dessa cama, depois eu que sou o insensível …

- Você mentiu para mim. - Disse de uma vez só com a voz embargada, aquele olhar surpreso me fitou novamente, mas foi tomado por um de indiferença em seguida. - Como você pôde fazer isso comigo?

- Me diga você, além do mais, quem começou o ciclo das mentiras foi você ou você

está começando a desenvolver sintomas de Azheimer, se eu fosse você aproveitava que está no hospital e já providenciava uma consulta para ver isso. - Sua resposta foi debochada como o seu sorriso, mas a minha expressão se manteve séria, meus olhos se encheram de lágrimas de súbito e mesmo que eu quisesse muito controlar não iria conseguir, ele estava de parabéns, conseguiu o que desejava, me magoar.

- Não tente jogar a culpa em mim, você agiu de modo tão cruel quanto eu. Você mentiu para mim sabendo o que estava a fazer, tendo noção que eu iria seguir a minha vida e odiálo pelas coisas que você me disse até o momento em que você evanesceria de minha mente e quem sabe um dia eu leria uma notícia anunciando a sua morte porque de forma estupida você decidiu se entregar a doença ao em vez de lutar contra ela e eu passaria o resto da minha vida me culpando por não ter batalhado por você quando deveria. Diferente de você eu fui uma vitima, fui manipulada a fazer aquilo, eu tive que optar entre você e Rachel, mas eu não desejei passar por aquilo.

- E você acha que eu desejei ter mentido para você? Eu te garanto que foi uma das piores decisões que tive que tomar em minha vida e não me arrependo. - Ele me olhou de um modo sério e pesaroso e murmurou firme. - Eu não te quero aqui.

- Mas essa decisão não cabe a você, eu quero estar aqui e sim, eu me arrependo por ter mentido. Nunca me arrependi de nada em minha vida, mas me arrependo de ter abaixado a cabeça e aceitado ser chantageada pela Miranda. Eu deveria ter lutado para revelar a verdade a você e a Rachel, mas não, eu fui fraca e temerosa e acabou que nossos caminhos foram separados e agora nos encontramos nesse presente … Nessa merda de presente! E a culpa não é minha ou sua, é de nós dois. - Ele enrugou o cenho, olhando para a própria mão. - E você sabe disso, mas está tentando me afastar, como fez da última vez, não é? Perguntei cuidadosa, temendo a sua resposta, mas permanecendo decidida em quebrar aquela sua atitude, me aproximando mais um pouco de sua cama.

- Não, eu estou sendo sincero com os meus sentimentos. - Ele respondeu com seus olhos fixos nos meus, sendo que ele coçou seu nariz de modo indeciso.
- E demonstrando ser um péssimo mentiroso. - Respondi convencida.

- Nem todo mundo frequentou a mesma escola que você, Kate.

- Já chega! Eu entendi, você quer me afastar, quer que eu te odeie, mas não adianta o que você diga, eu não vou sair daqui, entendeu? Então você pode continuar me xingando, maltratando e se mantendo na defensiva, isso vai me magoar profundamente, mas não vai me fazer desistir de meu propósito.

- E que propósito seria esse? - Questionou com uma sobrancelha erguida.
- Você.

- Kate … - Peter fechou seus olhos com a cabeça abaixada, quando voltou a me olhar ele estava com as defesas abaixadas, ele era o meu Peter novamente. - Eu não te quero aqui, não quero que você assista a isso.

- Por favor, Peter não faça isso. Não finja que você está me protegendo ao me afastar desse jeito, porque quando você terminou comigo eu senti que havia perdido o grande amor da minha vida e que a culpa era unicamente minha. Eu segui com a minha vida, sofrendo, me remoendo e tentando compreender tudo. Ao descobri que você fez o mesmo que eu, mas em uma situação completamente pior só me deixa enojada, perturbada e temerosa, porque se você é capaz de me afastar desse modo de sua vida, me escondendo algo tão sério, o que mais você é capaz de fazer para me proteger? - Funguei meu nariz, percebendo que havia recomeçado a chorar e andei pelo quarto, agoniada com o turbilhão de emoções que me atravessava como uma corrente elétrica.

- Eu não quero que você assista eu morrer.

- Nada é pior do que não estar aqui com você, seja com você morrendo ou lutando contra essa doença. - Respirei fundo, notando que estava na lateral da cama dele, se esticasse minha mão poderia tocar seu rosto, mas fiz tal gesto para mexer meus cabelos. - Droga! Como você pode ser tão egoísta em me privar de estar aqui com você? De me afastar de sua vida e me proibir de lutar essa batalha ao seu lado …

- Eu não quero lutar …
- Mas você precisa. Peter, você tem uma vida inteira pela frente …

- É por isso que você está aqui? Você é a carta na manga do Dorian? Ele acha que, talvez, as suas palavras possam mudar o meu pensar? Eu não preciso da sua pena Kate, eu tomei a minha decisão.

- Olha, eu posso dizer vários defeitos seus sem nem pestanejar, mas covarde jamais seria um deles.
- Eu não sou covarde.

- Então lute. Por mim, pela sua família e principalmente por você. Podemos vencer essa batalha Peter, não seja idiota de desistir sem tentar antes. - Ele disse nada. Enruguei meu cenho e abracei meu corpo me sentindo frágil. - Fala a verdade Peter, me explica porque você não quer lutar contra a leucemia. - Ele se manteve silenciado, olhando na direção da janela que estava com as persianas brancas arriadas, ele voltou seus olhos em minha direção e vi aquele muro de gelo e orgulho despedaçar.

- Eu não quero causar sofrimento a ninguém. - Eu me sentia frágil, mas pude notar em seu tom de voz o tão exposto ele estava a se sentir naquele momento e isso me despedaçou; eu estava adentrando em uma parte sensível de seu interior, onde ali morava pensamentos e sentimentos totalmente desconhecidos por mim ou qualquer outra pessoa. - Eu sei o que essa doença irá causar em mim, Kate. Tive tempo o suficiente para ler, pesquisar, conversar com pessoas que passaram ou estão a passar por isso, eu não acordei de um sonho ruim e decidi permitir a doença a dar um fim na minha vida, foram vários fatores que me fizeram chegar a essa conclusão. Eu não quero causar sofrimento a mim mesmo e nem a ninguém que amo. Eu sei que de todos você é a única que pode me compreender. - Enruguei meu cenho em incompreensão, mas de repente um clique surgiu em minha mente e compreendi aonde ele queria chegar. - Você perdeu seu pai de um modo horrível, ficou a beira do abismo por causa disso e passou por maus bocados após seu falecimento, você sabe o que é estar por um fio e eu me sinto assim.

- Mas eu não desisti da vida, e estar por um fio, é bom, significa que você é forte e determinado, porque se não fosse, o fio arrebentaria e eu teria desistido.
- Mas quase o fez, você apenas teve sorte. - Ele disse dando de ombros.

- Ou não era para ser.- Respondi sentindo um incomodo invadir meu peito, eu nunca conseguiria falar sobre a minha tentativa de suicídio, nem mesmo com Peter. - E independente disso, são casos diferentes. Eu estava perdida, exposta e ferida, havia acabado de perder meu pai, queria apenas acabar com a minha dor e a de todos, fui estúpida e fraca, agi por impulso como sempre, agora o que você está fazendo é apenas medo misturado com covardia e pânico e se você se permitir, o final pode ser bem diferente do que você está querendo viver.

- Kate, você não sabe o que eu passei.
- Nem você sabe o que eu passei para chegar a conclusão de que suicídio era a minha resposta, diferente de você, eu não tinha ninguém. Ninguém conversava comigo sobre, só sabiam dizer que sentiam muito e que havia sido o melhor para ele, mas ninguém queria saber o que eu achava ou se a morte dele havia sido o melhor para mim. Eu fui covarde ao tentar suicídio, mas eu queria apenas matar a dor que estava a me consumir, agora você, o que você quer matar?

- O meu futuro.
- E com isso, você aniquila o futuro de todos ao seu arredor.

Peter se silenciou, seus olhos se tornaram um vazio e começaram a perambular um caminho em suas palmas das mãos, por algum motivo acreditei que ele estava a pensar sobre o que falei, talvez levando consideração ao que passei e tentando ter um argumento a seu favor, mas ao erguer os seus olhos olhando para a janela, eles estavam marejados de pesadas lágrimas, de imediato me sentei ao seu lado e com receio segurei sua mão, tão gelada. Ele nada fez, apenas retribuiu o gesto entrelaçando nossos dedos e por fim, me olhou.

- Deve ter mais ou menos 03 meses desde que o diagnóstico sobre a minha leucemia fora revelado e toda a minha vida mudou com um piscar de olhos. Eu estava me sentindo muito exausto nas semanas antes de tal consultar, achava que era culpa do tempo frio e dos treinos puxados de rugby, mas comecei a me sentir muito cansado, sonolento, tendo tonturas e diversos hematomas, como esses em meus braços começaram a surgir em meu corpo. Eu sempre fui ativo e ao ver que estava ficando debilitado sem motivo aparente fui direto ao medico com meus pais, e ao receber a

notícia, eu não acreditei; eu senti que a minha vida havia deixado de existir e um novo futuro, cheios de incertezas e uma realidade dura começou a se formar.

“Eu estava sem reação, então meus pais começaram a tomar as rédeas de minha vida. Me levaram em diversos especialistas na doença por todo o mundo, Alémanha, Suiça, França, Dinamarca, … em busca de resultados fidedignos, a minha última consulta foi em Durham com um reconhecido médico e amigo de adolescência de meu pai. Como todos os outros, ele confirmou minha doença e disse que eu havia perdido preciosos meses em consultas, quando eu já poderia estar curado, mas tal atitude desconfiada e descrente de meus pais, apenas agravaram minha situação. Eu tenho Leucemia Promielocitica Aguda, de acordo com o que os nove médicos aos quais tive consulta disseram é que esse caso é quando as células malignas se encontram em uma fase muito imatura e acabam se multiplicando rapidamente, o que causa a enfermidade de modo agressivo, no meu caso, as celulas linfoides são as mais afetadas. O meu tipo de leucemia é um dos mais difíceis de ter cura e quando se tem, é bem possível que seja apenas uma cura temporária já que em semanas, meses tudo pode voltar novamente e outro tipo de tratamento tem que ser feito para tentar eliminar a doença, como em um ciclo vicioso. Eu não quero ter que passar por isso, Kate. Não quero ter que ficar semanas preso em quimioterapias, radioterapias, passar por remissão, testes em tratamentos novos na esperança que eu, o paciente zero, receba a cura, passar mal a qualquer momento, não poder fazer o que gosto, minhas atividades físicas, acabar perdendo meus cabelos, minha juventude. - Seus olhos se perderam nos meus e uma solitária lagrima desceu por seu rosto sentindo sua mão tremer na minha e percebendo que por mais que achasse que compreendia seus sentimentos, no fundo, eu não tinha a menor ideia de seus pensamentos e dor. - Nossa juventude. Eu não posso permitir que você me assista definhar cada dia mais, que perca sua vida por causa da minha existência. Não poderei ser o tipo de namorado que você merece, que te acompanha lado a lado e sim, que está sempre a um passo atrás, te atrasando e sendo um estorvo. Do mesmo modo que não quero fazer minha família passar por isso, é uma dor que não posso suportar, quase tão intensa como a dor que você sentiu em relação ao seu pai.”

- Sempre há esperança.

- Não seja estúpida, Kate. - Ele cuspiu as palavras em minha e soltou minha mão com violência. - Eu sou uma bomba relógio, só esperando o momento certo para explodir e evanescer desse mundo.

- Eu não sou estúpida por acreditar em possibilidades. Existem casos e casos, não é porque não deu certo com um que significa que você sofrerá o mesmo caminho.
- Já me falaram isso pelo menos 3 vezes e continuo não tendo sido convencido.
- Você nem ao menos quer dar uma chance ao futuro, apenas está se entregando a possibilidade do presente, com medo de sofrer e de causar sofrimento e isso é …
- É o que, Kate? - Ele me olhou com uma expressão seria, seus lábios formando um risco rigido.

- Tolo. Somos condicionados a sofrer em nossas vidas, com ou sem uma doença terminal em nossas costas e se toda vez que um obstaculo, por mais difícil que seja surgisse em nossas vidas e nós, tolos amedrontados com o futuro, acabássemos por desistir o que seria do mundo de amanhã com famílias destruidas, sem fé e esperança? Não podemos existir sem a possibilidade de algo maior do que apenas ciencia e possibilidades, precisamos crer que uma força invisivel segura nosso futuro em uma balança e que o quanto lutamos é o quanto iremos provar a Ele que merecemos uma segunda chance.

- Força invisível? - Ele questionou com deboche.
- Deus.
- Eu não sei se você já percebeu, mas Ele não está do meu lado.
- Você está em total negação.

- O que você quer de mim, Kate? Que eu viva no mundo da imaginação da família Hartley? Que eu acredite que irei me curar em dois, 03 anos e poderei ter uma vida normal novamente? Que sairei na capa de uma importante revista dizendo o quanto lutei por minha vida, ganhando comoção nacional e um posto mais alto na realeza, porque eu garanto, meus pais pensam muito mais nisso do que no meu bem estar. - Ele me olha de forma descrente, não há mais lagrimas em sua face, apenas um olhar perturbado e frieza cruel em seu ser. Eu sempre sonhei com uma família, mas constituir uma como qualquer outro homem, por exemplo? Não poderei, eu não sei

se você sabe, mas a quimioterapia não me debilita apenas fisicamente, mas internamente, por exemplo eu me torno estéril em questão de meses. Não poderei ter a minha vida de volta, serei um sobrevivente sem essência. Eu perco muito junto com vários e ganho muito pouco de volta.

Meus olhos o observavam com atenção enquanto minha mente trabalhava com as palavras que foram ditas por ti, ele estava irredutível em sua decisão e eu sentia que sua vida se distanciava da minha cada vez mais, eu entendia agora as suas emoções em relação a tudo isso, mesmo sabendo que havia muito mais escondido em seu coração, mas eu sabia que havia algo mais que ele temia além do sofrimento, era a morte e só havia um modo de equilibrar o que eu queria e o que ele queria e eu teria que ir contra toda as minhas crenças, caráter e sentimentos, eu iria até o inferno por ele e agora estava na entrada de tal lugar.

- Como vai ser se você morrer? Fisicamente falando.
A pergunta lhe pegou de surpresa, ele me olhou aturdido com a questão.

- Doloroso, em alguns casos. Depende muito da causa. Se for hemorragia, eu vou desmaiar e perder meu sangue rapidamente, agora se for uma infecção terei dificuldade respiratórias, logo sendo internado, induzido em um coma e ligado em máquinas, também há uma grande possibilidade de falências de órgãos e outros casos bem piores.

- Eu tenho uma proposta para fazer a você.
- Sou todo ouvidos. - Ele respondeu de modo duvidoso, mas após o meu questionamento acredito que ele ficou curioso com o que eu teria a propor.

- Você luta contra essa doença até o ponto em que você aguentar, permita que as pessoas que te ama, inclusive eu, permaneça em sua vida, siga com ela, tendo seu cotidiano normal, já que isso é possível, obviamente com restrições, mas sua vida pode ser a mesma, contudo se chegarmos ao ponto em que você teme, no qual o sofrimento e a dor serão eminente em sua vida e duradouras, eu prometo que dou um fim nela.

- O-o que? - Ele questionou segundos após, completamente sem palavras.

- Tem meios disso ser feito juridicamente, você desenvolve um documento com seu advogado no qual se você estiver em uma situação de quase-morte, eu posso decidir se você poderá ser ressuscitado ou aparelhado. É como se eu fosse sua responsável, mas apenas tenho a sua vida em minhas mãos.

-Você enlouqueceu! - Ele exclamou, me olhando em choque.

- Talvez. - Respondi com a voz seca e dei de ombros. - Eu estou apenas lutando pela vida do homem que amo e sei que em meu lugar você faria o mesmo, até o meu último suspiro, então agora eu preciso que você me compreenda e tente entender o meu lado e o de sua família. - Me silenciei e afastei meus olhos dos seus, observando minhas próprias mãos, tendo dificuldade para respirar e até mesmo pensar já que não conseguia crer no que acabara de fazer; Havia barganhado pela vida de Peter. - Eu estou lutando por você.

Senti uma movimentação ao meu lado e me surpreendi ao ver Peter se desencostar das almofadas onde estava confortavelmente recostado, ele se sentou na cama e fechou os olhos com uma expressão de enjoo, ao abri-los aquele oceano intenso me observou daquele modo carinhoso e apaixonado que só ele sabia me olhar, suas mãos seguraram meu rosto e eu o olhei esperançosa e em desespero, temia que essa fosse a última vez que fosse sentir seu toque, seu halito quente próximo aos meus lábios, seu olhar enigmático que gritava apaixonadamente ao me olhar.

- Você seria capaz disso?
- Sim. Eu faria tudo para salvar a sua vida e ter uma segunda chance de ser a única garota em seu coração, mesmo que eu tenha que ser a única pessoa que poderá tirar a sua vida.

- Kate … - Peter observou meu rosto com atenção, mas foram em meus olhos que se fixaram. - Essa é uma promessa inquebrável, se eu aceitar … - Ele pausou e fechou os olhos, ao reabri-los me olhou de um modo pesaroso. - Se eu aceitar a sua proposta, passar pelos tratamentos necessários para a cura, batalhar contra essa doença ao seu lado e de minha família, me permitir a ter esperança e vamos dizer que talvez, eu acabe por chegar ao abismo, você terá que ser forte e aceitar a minha

decisão de partir. Eu não quero ficar entravado em uma cama, com aparelhos em mim ou sendo submetidos a tratamentos para prolongar minha vida, se eu me debilitar de um modo irreparável e dizer que não quero continuar mais nesse mundo, você terá que aceitar. Você entende?

- Sim, eu vou ter que aceitar e matá-lo. - Disse de uma maneira fraca olhando seus olhos, repousei minhas mãos em sua cintura e senti uma lágrima descer por meu rosto. - Se é isso que você quer, é o que eu quero também.

Peter se calou e me observou daquele modo admirado, com os lábios entreabertos em total surpresa, o ar me faltava naquele momento e meu coração parecia estático, mas me agarrei há única coisa que me mantinha inteira naquele momento, ele.

- Assim que sair do hospital, irei providenciar os papeis.
- Então, isso é um *sim*? - Sussurrei, repousando minha mão em meus lábios, sem palavras para descrever a emoção que me tomava.
- Sim, Katerina. - De algum modo, agora eu o mantinha inteiro também. - Nós temos um acordo.

Desde minha chegada a Londres minha vida mudou completamente.
Tomei novos caminhos, novas decisões, conheci lados meus que antes estavam tomados pela penumbra do meu ser e hoje reconheço que me tornei uma nova pessoa, melhorada e mais forte, pronta para viver tudo que estava a me aguardar em meu futuro. O temível futuro que não gostava de pensar e sentir.
A única coisa que temia além da morte.
Da minha e agora da *sua* morte.
Por mais que pareça essa não é uma história de amor.
Você vai amá-lo como eu amei.
Vai detestá-lo como eu detestei.
Vai brigar, gritar, chorar, xingar, lamentar como eu fiz porque essa história é real, humana e verdadeira, alguém em alguma parte desse mundo pode estar vivendo o mesmo que eu, sendo que obviamente em outra narrativa.
Você não vai terminar de ler essa história e sorrir de satisfação, porque por mais que queiramos, a vida não é como um conto de fadas, não termina com o *felizes para*

sempre. Você vai chorar, lamentar e até mesmo odiar toda a minha história, mas garanto que um dia, você irá perceber que essa história de alguma forma mudou e afetou a sua vida e eu torço que ela a mude para a melhor da mesma forma que eu sei que Peter mudou a minha vida para muito melhor.
Apenas aconselho que não cometa os meus erros, porque eles são meus, contudo ... Seja impulsiva.
Porque se eu não tivesse sido, talvez eu nunca poderia estar aqui contando a minha história que não é sobre um amor, é sim, sobre viver.
Esse é o inicio de nossas vidas; apenas respire, Kate, ele disse.
Apenas Respire.

Sumário

Copyright 2
Agradecimentos 2
Índice 2
Prólogo 2
Parte I 2
- Capítulo 01 Estes São Os Dias de Nossas Vidas 2
- Capítulo 02 Destinados a Viver 2
- Capítulo 03 A Vida (Depois) Da Festa 2
- Capítulo 04 Eu Escrevo Pecados, Não Tragédias 2
- Capítulo 05 Antes do Pior 2
- Capítulo 06 Laços Rompidos 2
- Capítulo 07 Masquerade 2
- Capítulo 08 Primeiro Amor 2
- Capítulo 09 A Grande Fingidora 2
- Capítulo 10 Cartas na Mesa 2
- Capítulo 11 Lindo Desastre 2

Parte II 2
- Capítulo 12 Buracos Negros e Revelações 2
- Capitulo 13 Aprendendo a Respirar 2
- Capítulo 14 Judas 2
- Capítulo 15 Segredos 2
- Capítulo 16 Uma Daquelas Garotas 2
- Capítulo 17 Decifrar 2
- Capítulo 18 Eu quero que você saiba 2

Capítulo 19 Mar Silêncioso 2
Capítulo 20 À Beira da Gloria 2
Capítulo 21 Nua 2
Capítulo 22 O Ponto Sem Retorno 2
Parte III 2
Capítulo 23 O Show Deve Continuar 2
Capítulo 24 Você Quer a Verdade ou Algo Belo? 2
Capítulo 25 Despertar 2
Capítulo 26 Pequenos Segredos Sujos 2
Capítulo 27 Despertar Ao Novo Amanhecer 2